O PANORAMA

SEMANARIO

LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME IX

PRIMEIRO DA TERCEIRA SERIE.

(PUBLICADO DE 5 DE SETEMBRO DE 1846 A 25 DE DEZEMBRO DE 1852.)

LISBOA

Typographia de A. J. F. Lopes. — Rua Aurea N.° 67.

1852.

INDICE ALPHABETICO

DOS

ARTIGOS CONTIDOS

NO

VOLUME NONO — PRIMEIRO DA TERCEIRA SERIE.

(Os asteriscos denotam as gravuras.)

AP875122
.5
F36
1.9

Abelhas (as) e as colmeias . . 399
Acto de lealdade portugueza. 252
Aduares dos Mouros 216
Agiotagem de Law. 190
Agua doce no fundo do mar. 232
— para dar nas obras folheadas, antes de as passar a pedra pomes. 8
Album Italo-Portuguez. . . . 405
Alguns alienados 296
Algumas providencias repressivas nos Estados-Unidos. . 240
Anão (o) e o Bobo *. 181
Annuncios dos partos em Haarlem. 208
Antigos officiaes militares . . 46
Antiguidades egypcias * . . . 341
Aperfeiçoamento nos materiaes que se empregam para conservar os navios . . . 368
Apontamentos de viagem — uma historia no Bussaco. . 365
Architecto da Batalha * . . . 189
Armadura no XIV seculo *. 268
Arte antiga. 81, 90
Assassinio d'Henrique III de França pelo frade Jacques Clemente *. 204
Augmento gradual de calor nas entranhas da terra. . . 103
Avarento (o) * 416
Avinhão *. 193
Barcas japonezas * 65
Barcelona (theatro do Lyceu em) * 353
Barcos de salvação * 369
Benevenuto Cellini *. 132
Benzeduras na Prussia 103
Bernadotte, rei de Suecia 199, 211
Bey (o) e o louco. 376
Bibliographia — sobre algumas obras do padre Francisco José Freire. 384
— sobre a publicação de classicos portuguezes 415
— Traducção de Lucrecio pelo Dr. Lima Leitão 360
Bilbau (hospital civil) * . . . 377
Biographia do bispo resignatario de Cabo Verde (Apontamentos para a). 373
Bocage (M. M. Barbosa du) * 100
Bom (o) amigo é preferivel ás riquezas * 385
Bosphoro (o) * 121
Bosque petrificado de Portland. 215
Buchas de espingardas ininflammaveis 48
Cacilhas, vista do Tejo *. . . 137
Campina (a) de Roma. . 62, 68
Cão (o) do norte da Siberia. 111
Cardeal de Richelieu (o) 122, *129
Caricatura hollandeza * . . . 277
Carlos VI e os seus cortezãos. 115
Cartas ineditas de Alexandre de Gusmão 271, 278
— Ineditas de D. João de Castro. 71, 77
Carregação singular * 236
Casa nobre de Gand em 1500 * 81
Castello de Heidelberg *. . . 124
Castello de Santa Olaia, lenda do Seculo XII (fragmento) 3, 10, 18
Castello (o) de Bouchout 217, 227
Cavallos (os) de Veneza . . . 208
Ceremonias da côrte byzantina 191
Chailes (os) de Cachemira 214, 226
Chalons sobre o Saône * . . . 249
Cholera (a) grupo em marmore por Mr. Etex *. 321
Colochos (os). 286, 293
Colomba. 138, 150, 163, 186, 194, 203, 219, 226.
Commoda (uma) do seculo XVI *. 281
Combustão espontanea do carvão de pedra — meio de a atalhar 80
Companhia do commercio das pelles 15
Congelações nas grutas. . . . 216
Cooper (Fenninore) *. 307
Conservação do leite 136
Consolação para quem morre de morte violenta 297
Convento de Nossa Senhora de Jesus *. 17
Convite de Richelieu (um). . 183
Corridas sobre o gelo. 176
Costumes da Lusacia *. . . . 221
Critica (a). 256
Cultura e sementeira das batatas. 253
Curso da lingua italiana, pelo cavalheiro A. Galleano Ravara 116
Cypreste gigante (o) 160
Daniel O' Rourke ou o sonho de um beberrão. 60
David vencedor *. 209
Demonio (o) do Jogo *. . . . 297
Derkeauis, seita argelina. . . 82
Descida ao volcão de Kirauea. 237
Descoberta. 256
Descobrimento (o) da America * 257
Diana caçadora *. 164
Dobrar (o) dos sinos 283
Duas palavras sobre Hospitaes. 310 315, 323, 335. 340.
Duello — Vid. (Proscripção do).
Eleições em Inglaterra (as). . 301
Elephante (o) de Sião * 149
Emigrado (o) rico e o emigrado pobre. 255
Episodio da vida de Alexixo Orlof. 53
Ercilla e Camões, julgados por A. de Humboldt como pintores da natureza. 269
Eremiterio do Vesuvio (o) *. 155
Eschola de gravura para meninas em Londres 192
Essencia de rosas 288
Escolha das encadernações. — conservação dos livros . . . 304
Estatua de Mithra * 68
— de Mozart * 241
Expedições de tres potencias ao polo austral 158. 165
Extractos d'auctores portuguezes:
P. Antonio Vieira. . . 40, 200, 208, 328. 336. 344, 352, 360.
Bocage 40. 280
Euzebio de Mattos. 232
A. Herculano. 320. 336
Fabrico de espelhos 56
Fausto da mesa dos romanos. 263
Feitor (o) de Cantão, novella 75, 86, 91, 98, 106, 119, 125, 131.
Festa (a) de Peterhoff 112
— do Corpo de Deus em Valencia *. 53
Genio (o) do bem * 253
— dos finlandezes 115
Gessler morto por Tell *. . . 185
Gomes Freire d'Andrade *. . 6 13, 21, 30.

Gratificação (a) 288
Grude de arroz, ou cimento do Japão 360
Guadalajara *. 337
Guarda Escocez dos reis de França * 76
Guernica *. 348
Habitantes das landes de Bordeus 22, 32, 36
Hadjeb (o) de Kordova . 26, 35, 42, 51, 66.
Havana — passeio publico . . 393
Historia dos Telegraphos *. . 61 74, 83.
Honras (as) devem ser conferidas a quem as merecer. . 408
Hospitaes — Vid. Duas palavras sobre —
Igreja da Bôa Nova — Vid. Villa de Terena.
Ilha Celebes — Macassar. 84, 96 101.
Indios (os) de Surinam. ** 85, 93
Inflammação da polvora pelo choque. 128
Influencia nociva da nogueira. 80
Instituição da Ordem da Rosa ** 36
Instrucção primaria em Inglaterra. 383, 394
— popular 407
— publica. — Illustração do exercito. 262, 386
Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo nuncio em Portugal no tempo de D. João III. . 306, 314, 322, 334, 342, 350, 354.
Instrumentos de musica — Trombetas *. . . 317 **** 397
Introducção 1
Inundação na Italia * 305
Isabel II *. 113
Jantar (o) d'ossos. 120
Jogos e festas antigas (fragmento de uma historia verdadeira). 37
Jornada nas provincias da Suecia. 45
Juizo (o) final. 232
Jussieu (Bernardo) * 233
Justiça (a). 211
Leitura (a). 319
Lendas historicas — O Demonio do Lago. 319, 327, 351, 375
Longevidade dos sabios. . . . 224
Machina infernal dirigida contra Saint-Maló 247
Maelstrom (o). 206, 210
Mahomet ou Mafoma. . 147, 154, 166.
Maneira de tirar ás vasilhas o cheiro do bolor 368
Maria de Médicis e seus validos. 289
Masaniello. — Vid Thomaz Anniello.
Medicos (os) Kalmukos. . . . 303
Meio de afugentar as formigas. 64
— de remediar as colicas de chumbo dos tecelões em teares á Jacquard. 64
Meios que os homens têem julgado proprios para se livrarem dos raios 195, 205
Melhor (a) trapaça 208
Mercês deshonrosas 208
Methodo para dissolver a gomma-laca; sua applicação aos tecidos impermeaveis. . . . 248
Miguel Contreiras (Fr.) * 357, 379
— Paleologo. 294
Ministerio de instrucção publica no Cairo * 289
Modo de desenferrujar e conservar as ferramentas dos marceneiros etc. 240
— de destruir as traças. . . . 192
Monaco * 260
Monumento na Sé de Lisboa (um) *. 29
Morlacos (um anno entre os). 189 197.
Muitos soes e muitas luas. . . 160
Naiades (as). 280
Napoles e o Vezuvio *. 158, 174, 181.
Nobreza de Portugal em 1736. 406
Odio velho não cança. . 234, 242, 249, 258, 266, 274, 284, 291, 298, 389, 399, 403, 411.
Paço imperial de Pekin . . . 176
— de Villa Viçosa *. 57
Paizagem da Nova Caledonia *. 105
Pandanus (o) na Ilha do Principe * 409
Panorama (o) 311
Partida do infante D. Manoel 370
Passeios de Lisboa e seu termo em 1608 142
Pastor peruviano * 365
Pelourinho de Aljubarrota *. 169
Pelotiqueiro (o) incombustivel 103
Penas dos empregados venaes em Portugal e na China. . 104
Perú. — Praça maior de Lima * 361
Pharol (o) de Bréhat *. . . . 273
Pia do Baptismo de S. Luiz * 213
Picada da Vespa (da). 40
Pimpinella como pasto (da). 263
Pio IX (o Pontifice) *. . 49, 58
Poetas da Arcadia — Pedro Antonio Corrêa Garção . . 330 338, 347, 355.
Ponta (a) do Cajú * 89
Ponte de Ceret *. 225
Porcelana de Sèvres *. 380
Porto (a cidade do) *. 345
Praia do Bota-Fogo *. 9
Precauções para méchar os Toneis 88
Presbyterio de Bolleville *. . 292
Presença de espirito de um arabe 312
Preservativos contra os ladrões. 88
Processo facilimo para gravar em aço com uma penna. . 352
Proscripção do duello 413
Prova do bordão em Manduvre. 108
Provas judiciarias na Georgia. 112
Provincias (as) vascongadas ** 324 333, 343.
Pyroxylina, polvora azotica, ou algodão-polvora. . 179, 272, 280.
Quadro (um) das miserias da vida humana 110
Quem compra carece de cem olhos e quem vende bastalhe um 128
Raça (uma) de homens *. . . 44
Rainha (a) Nomahanna . . . 16
Reis de Inglaterra que foram auctores 190
Relogio astronomico de Strasburgo 70
Remedio para o morrão das searas 328
— para destruir a traça. . . . 400
Residencia imperial em S. Christovão * 33
Roberto Southey *. 12
Rocha (a) do Dragão — lenda rhenana 281
Romances.
Vid. Apontamentos de Viagem.
Castello de S. Olaia (fragmento).
Colomba.
Feitor de Cantão.
Hadjeb de Kordova.
Lendas historicas.
Maelstrom.
Odio velho não cança.
Rocha do Dragão.
Roussillon *. 145
Sacavem *. 329
Salva-vidas ****. 373
Santa Isabel — rainha de Portugal *. 404, 410
Santo Estylíta (o) e o medico Sanctorio * 196
— Ignacio de Loyola *. . . . 389
S. Boaventura — quadro de Murillo * 73
— Vicente de Fóra *. 2
— » de Paulo *. 141, 145
Seitas religiosas nos Estados-Unidos 239
Sequeira (Domingos Ant.º) * 153
Sementeiras (das) ralas ou bastas. 295
Silencio (poesia). 319
Sobre o trabalho 246
Soldado de cavallo prussiano * 301
Sorte dos meninos nas minas de Inglaterra. 39, 48
Superstições dos Arabes antes de Mafoma. 78, 94
Taití em 1842 277
Templarios (os) *. 109, 117, 127, 134, 141, 151, 159.
Theodoro d'Almeida (Padre)* 28
Thermopylas (as) em 1841. . 120
Thesouros dos antigos reis de Portugal. 136
Thomaz Aniello (Masaniello) 359 367, 381, 395.

Tomada de Alcacer. . . 170, 178
Trabalhos geologicos (dos) . . 294
Tres enterros (os) de um conquistador 261
Tribu (a) dos Guarayos na America meridional . . 54, 63
Trovão (o) — poesia. 381
Tumulo de Bartholomeu Johannes * 41
— de Richelieu *. 23
Turkestan (o) china * 248
Tymbaleiro (o) *. 284
Usos mexicanos *. 97
Vae muito do vivo ao pintado. 271
Vasco (D.) da Gama *. . . . 201
Velocidade da luz. 200
— (da) do som * 228
Vendedor de melancias (o) * 21
Viagem á lua 56
— ás minas do Perú. . 184. 187
— á Palestina por Mr. Saulcy 318, 327
Viagens — Passeio á Norwega 391, 397
Vida (a) humana por Eichthal *. 313
Vingança (a) do homem branco 223, 229
Visita (a) de mau agouro. . . 264
Vista de Capri, do lado de Napoles *. 265
— interior da prisão de Toledo *. 401
Villa de Terena — Igreja da Boa Nova *. 177
Viuvo (o) e o Medico 24

FIM.

O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCÇÃO.

INTRODUCÇÃO.

Quando o Panorama, no fim de sete annos, interrompeu a sua publicação, a falta da unica folha verdadeiramente popular, que possuiamos, foi lastimada pelos amigos das letras, e sentida por todos os seus numerosos leitores. O officio, que acceitára, e continuou com trabalho e constancia, tinha realisado o objecto principal, que se propuzera. Na hora mesmo, em que se retirava da imprensa, o gosto da leitura estava creado, e a saudade, com que geralmente o viram desapparecer, era a prova mais lisonjeira d'isso.

O resultado obtido em sete annos de duração corton-lhe verde a palma, que pedíra ao começar a obra. Em quanto a admiração repetia os nomes mais famosos da epocha, sepultados na obscuridade de aridas e assiduas fadigas, mineiros da civilisação nacional, os escriptores votados a este lavor humilde, nas entranhas da terra, que revolviam, encontraram de certo o ouro, e os diamantes, de que enfeita o seu diadema a moderna poesia das nações; mas tiveram o valor de resistir á tentação, e virando-lhe o rosto passaram adiante. A sua empreza não era pôr a cupola, mas crescer com o alicerce do edificio. Ao tocar o ultimo instante da sua carreira, estavam cimentadas todas as pedras da construcção. A outros mais felizes o cinzel que tira do marmore as graças da arte grega, ou levanta a estatua de Moysés no templo da inspiração christã!

O jornal popular, creado pelo modelo dos mais acreditados nos reinos aonde florece a cultura intellectual, foi de certo o Panorama. Se o não dourou a gloria das folhas scientificas, que estendem o sceptro sobre a litteratura activa; se não caminhou, como ellas, na vanguarda da civilisação militante, é porque em Portugal, aonde tudo principiava, o ruido das grandes luctas, e o estrondo das armas, apenas se ouviam como echo de batalha longinqua em casal pequeno e solitario. Era preciso ensina-lo primeiro a andar por aquelle terreno, para depois o introduzir, sem sobresalto, no ajuntamento dos povos europeus confundidos na hora da fadiga. O erro dos que precederam o Panorama consistiu em julgar, que a medicina das nações fortes não repugnava á debil compleição de uma terra, que mal se podia dizer entrada na virilidade.

A imprensa instructiva, e accessivel a todas as fortunas e a todos os entendimentos, é um instrumento proprio para estimular os progressos em um paiz. O Panorama, distinguindo a differença que ha entre as publicações puramente litterarias, e o jornal d'esta especie, consagrou-se ao trabalho, não esteril, de escrever para o grande numero. Não foi o seu fim então, nem é hoje ainda, fazer a historia do estudo; cumpre-lhe só apresentar o seu resultado, resumido em breve quadro e popularmente. As altas questões sociaes, as polemicas de qualquer natureza, e o exame scientifico das materias d'interesse politico ou material, que occupam as columnas das grandes Revistas, ou dos periodicos scientificos, não entram na sua esphera. O logar mais humilde, e a tarefa menos elevada, que acceitou, reduzem-no unicamente a preparar a estrada a estudos mais profundos.

Sete annos foi este o pensamento do Panorama. Fez intimo e familiar o tracto da sciencia, facilitando a todos o prazer mais barato e innocente de quantos ha. O agricultor, o homem publico, o artista e o commerciante, nas curtas horas de repouso de uma vida laboriosa, sempre o receberam como bemvindo. No continente e nas provincias do Archipelago da Madeira e dos Açores a acceitação, que o acolheu provou-lhe, que tinha seguido, sem se affastar, a vereda, que marcára.

A Inglaterra, a França, a Allemanha, e a Hespanha tão nossa visinha, e desgraçadamente tão pouco conhecida aqui, exercem com proveito o sacerdocio de instruir com leituras aprazíveis e variadas milhões d'homens, que furtam aos breves momentos de descanço o tempo necessario para refrigerar o espirito. N'aquelles paizes já se queixam de que as folhas e impressos, crescendo como as aguas d'uma alluvião, ameaçam invadir até os dominios da rigorosa sciencia. Entre nós, por infelicidade, a escacez sécca muita força latente, que se perde á falta de cultura. O maior serviço que se póde prestar ao paiz é alimentar o fogo sagrado da instrucção; educar um povo dos mais aptos para aprender; fallar-lhe á alma e ao coração, leval-o pelos instinctos nobres, que adormecem, mas não morrem, despertal-o da somnolencia pela memoria das tradições passadas, e pela promessa do melhoramento, que o porvir promette á constancia e ao trabalho. Quem tomar sobre si esta obra acceitou uma grande missão, e póde contar que se não ha de vêr só no meio da estrada.

O Panorama, quando se apresentou na imprensa, não teve outro fim, e agora irá prender de novo aonde quebrou o laço que o unia a esta modesta mas fecunda tarefa. Accommodado ao gosto de todos, o successo, que o multiplicou por um numero d'exemplares, de que não ha noticia em Portugal, abona a sua imparcialidade. A religião e a philosophia, os sabios e os indoutos viram n'elle o amigo da civilisação, e saudaram-no como auxiliar do progresso intellectual. Os espiritos serios e profundos, debaixo da ligeira fórma que vestia, apreciaram a intenção moral; os preguiçosos e leves, a principio, receberam-no como recreio, depois acceitaram-no como lição amena.

Jornal de todas as classes e de todos os partidos nenhuma porta se lhe fechou. Hoje a sua divisa é a mesma. O que nos reinos estrangeiros se alcança pelo amor da associação já educada, pelo progresso nascido e creado em muitas gerações, pelo impulso da auctoridade, e por habitos ha tempo arraigados, creou-se aqui espontaneo, quasi pela diligencia individual, caminhou muito em poucos annos, affagado pelo generoso instincto do povo, e pelo sincero louvor dos doutos. Deveu tudo ao povo e a si.

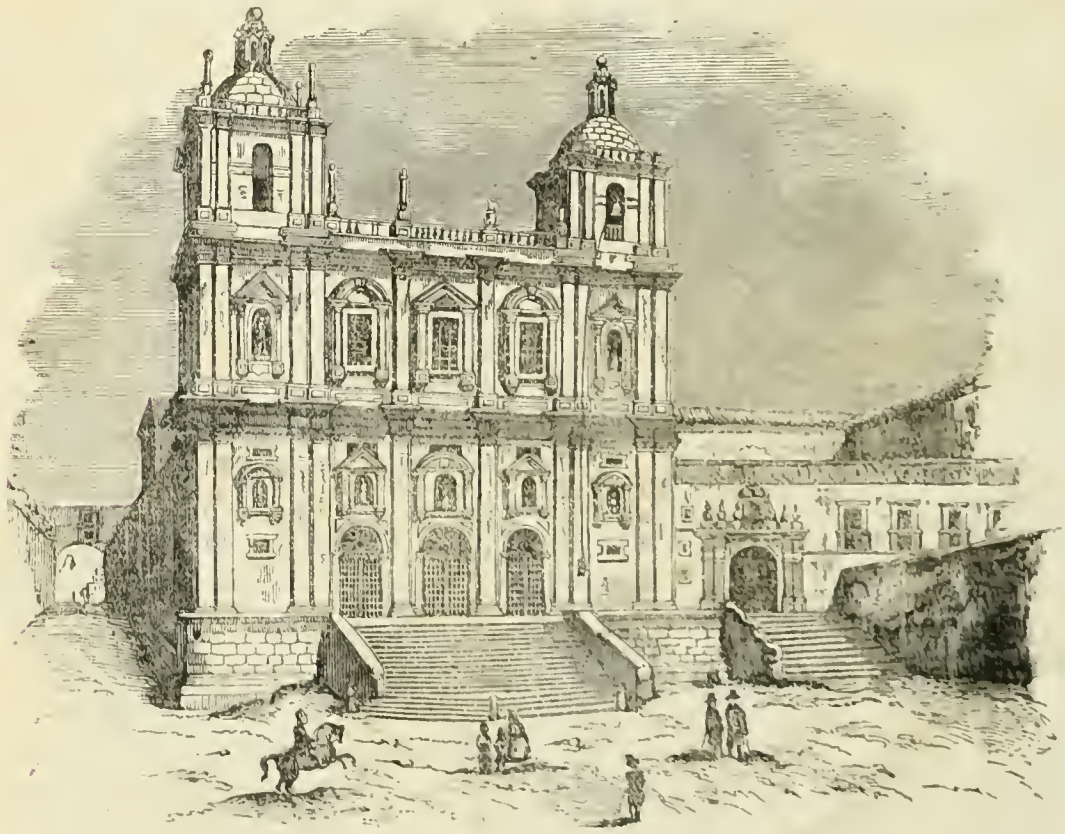
O Panorama espera ser amado de todas as cathegorias de que se compõe a sociedade, porque, como disse em um dos annos na abertura, a cada uma ha de ir buscar o que tiver de bom, honesto e proveitoso.

Ao Brazil deveu sempre amizade e estima. A desunião politica não diminuiu o interesse, que a lingua e as crenças estreitaram entre o vasto imperio além do Atlantico e o velho Portugal. Irmãos pela intelligencia, amigos por antigas ligações, e alliados pelo commum desejo de plantar a civilisação, o reciproco interesse, que os enlaça, revela-se na sollicitude com que se amam, e se comprehendem para auxiliar a renovação social. Como sempre costumou, o Panorama olhará para tudo o que pode ser agradavel ou conveniente ao Brasil, como para cousa sua, dividindo entre os dous irmãos com imparcialidade o que a cada um d'elles cabe no glorioso testamento da monarchia que formaram.

Este jornal compor-se-ha, como d'antes, de tudo o que se julgar de prestimo em descubrimentos scientificos, em aperfeiçoamentos de industria, e nos inventos em artes, apar das novidades notaveis. Sem ser rigorosamente noticiador acompanhará o andamento do seculo em todos os seus aspectos. — A gravura em madeira, introduzida por elle, e tão adiantada hoje, continuará a adquirir maior perfeição ainda em mãos portuguezas. Na linguagem ha de observar-se desvelo constante para que saia limpa de locuções estrangeiras, repugnantes á sua indole vernacula, e igualmente purificada dos requebros antiquadas de palavras e phrases exoticas, e de periodos alatinados, que a desfeiam, soando mal na dicção corrente e clara, que taes obras requerem. Não esquecerão por ultimo as noções de sciencias naturaes, e as das sciencias moraes, opportunamente disseminadas aqui e além, afim d'o vulgo dos leitores poder tomar d'ellas a necessaria tintura.

Seguindo este systema é que o Panorama arraigou a sua reputação, e promettendo persistir n'elle nada mais faz do que continuar na profissão litteraria em que sempre viveu. Para penetrar nas cidades e villas, alegrar a solidão dos campos, e chegar até os remotos cazaes das provincias, recreando as longas horas do invernoso serão, não aprendeu nunca outro segredo. Para se tornar o hospede certo das diversas classes limitou-se a contar-lhes o que tinham sido seus paes; a mostrar-lhes, além do estreito recanto em que existem, o vasto espectaculo do mundo, as gentes e os costumes differentes, os povos longinquos, e os usos estranhos; e a representar-lhes os seculos distantes e tão contrarios no caracter, ora fugindo na figura collossal de um homem notavel, ora revendo as feições n'um grande acontecimento, ou no drama de um facto interessante. O romance, a lenda, e a chronica retratarão com as côres da poesia nacional as maiores façanhas dos avós, de que descendemos.

A isto se reduzem as promessas, e para tão honrosa tarefa convergirão os esforços do Panorama. O benevolo acolhimento, que o distinguiu sempre, e espera merecer novamente, só lhe impõe de mais que na primeira vez a responsabilidade de não desdizer do passado, nem enganar o presente. Em breve o juizo publico dirá se o nome do jornal popular foi invocado em vão, ou se satisfez aos votos, que, tão lisonjeiramente para elle, o chamaram ao seu antigo posto na imprensa.



S. VICENTE DE FÓRA.

A Religião de nossos avós foi sincera como o seu robusto coração nos tempos da lucta, em que o sangue do rei se misturava com o do ultimo cavalleiro, tingindo cada palmo de terra arrancado ao dominio arabe. — Vencidos, uniam ao peito a cruz da espada, para morrer no leito d'espinhos do martyrio; vencedores, os canticos, trasbordando pelas abobadas dos templos, iam exaltar o Senhor dos exercitos. — A cathedral e o mosteiro, levantados no logar aonde a victoria pousára sobre as armas christãs, ou no sitio aonde os fortes dormiam o somno derradeiro, traduziam para o monumento a historia das monarchias, que se erguiam do sepulchro, e guiadas pelo enthusiasmo começavam a caminhar para a nova epocha social.

O dedo do conquistador que a construia, gravava na fronte da cathedral, d'esse livro de pedra, a breve inscripção de uma batalha, e de novo partia a embriagar-se no revolver das pelejas. A igreja, esposa afflicta, arrastára no desterro os pulsos ròxos dos grilhões, até, como a chrisalyda, romper o carcere, e abraçar entre as rosas da esperança a primeira liberdade. O templo n'estes dias de combate era o hymno do christianismo triumphante. O sacerdote, depondo a cervilheira e a lança, muitas vezes architecto, vestia de marmore as aspirações que a alma elevava ao throno do Eterno. N'este periodo a arte da meia idade, fiel á inspiração, sentia profundamente, antes de lavrar a cinzel na pedra, o sacrario do seu culto. Aspera e incorrecta nos primeiros passos, respira, comtudo, o mais puro sentimento religioso. Obra de monges-militares, e de soldados-monges não trahiu nunca a sua origem. Em toda ella vive o espirito dos seculos guerreiros.

S. Vicente de Lisboa, de que hoje damos a estampa, nasceu d'esta intima alliança da idéa religiosa com o ardor militar, caracter distincto da arte christã em tres seculos da nossa historia.

Debruçado nas ameias de Santarem, rendida por surpreza, Affonso Henriques alargou os olhos para o horisonte, córado do sol nascente. Além estava Lisboa, sonho de sete annos, ardente voto de toda a sua vida de soldado. Tomada Santarem, tinha á cinta as chaves, que podiam abrir as portas á conquista; porém a sultana dos califas, reclinada á sombra dos frescos laranjaes, com o porto aberto ás armadas de Ceuta e a testa coroada de torres, não é captiva que ceda no conflicto de uma só noite. Desde essa madrugada o tempo que decorreu não fez senão amadurecer o plano. Deus marcou a ultima hora da filha do arabe, escrevendo no peito de D. Affonso a immutavel resolução de a engastar, como a mais rica joia, no diadema da nascente monarchia.

Ninguem ignora de que modo estreitada pelos homens do norte, e pelos antigos lidadores de Portugal, Lisboa, estorcendo-se nas ancias da fome, succombiu mais a ellas do que á lança dos seus inimigos. Dois monumentos perpetuaram o terror da queda em todo o Islam; — a igreja dos Martyres e a de S. Vicente de fóra; a primeira, mais visinha da cidade, no cemiterio dos inglezes e francos; a segunda, alem dos muros, no cemiterio dos teutonicos, futura urna cineraria de reis e principes. Foi o respeito christão pelos que tinham caído antes do dia da victoria quem collocou, nos dois recostos á direita e esquerda da bellicosa Lisboa, essas povoações de mortos, em testemunho de fé n'aquelle que na sua justiça mede a grandeza e a decadencia dos maiores imperios.

A primitiva construcção foi naturalmente tão simples como as mãos que a levantaram. Ermida estreita, em fórma rotunda, fechando o telhado em cupola; paredes de barro vermelho sobre escuro; cella de penitencia, aonde o cilicio, pungindo a carne, recordava ao monge a brevidade da vida, apontando-lhe para além do tumulo, — tal devia ser o monumento de Affonso Henriques. Um antiquissimo quadro da Senhora dos Martyres, edificada no mesmo tempo, abona a conjectura. É que Lisboa ainda não era a orgulhosa cidade que, rompendo duas vezes o cincto de muralhas, cresceu pelo arrabalde, obrigando o Tejo a recuar diante de palacios de marmore. Ainda não descêra, como a Roma imperial, do cume dos montes a assentar-se em alcatifas de uma quasi eterna primavera no regaço do patrio rio.

Correram os annos, e os seculos com elles. A corôa de Affonso Henriques da cabeça de D. Fernando assentou no elmo de D. João I, e retemperada no sangue mais nobre, no duelo entre o filho de Affonso V e a fidalguia portugueza, ornou-se com as espheras de D. Manuel, e fundiu-se na dissolução dos ultimos tempos de D. João III. Lisboa, que no principio se aninhava aos pés do seu alcacer, alargou-se para todos os lados, tornando-se a Cleopatra do occidente; prostituiu-se nos braços do deleite, desfazendo na taça dos banquetes as perolas de Ceilão, e cozendo em ouro a sua boa espada, sceptro da antiga monarchia. Lisboa, a namorada da briza que lhe ondêa o véu d'escuma e flores, Lisboa, que o velho oceano adormece embalando-a com o bramido das suas vagas, abriu as portas ao estrangeiro, e viu as suas bandeiras sujeitas aos leões de Castella, que a final ousaram cravar as garras nas quinas de D. Affonso.

Foi então que a sombria piedade de Filippe II se lembrou de erguer das ruinas a igreja de S. Vicente. Em logar da estreita casa aonde primeiro se murmurou a oração dos mortos pela patria livre, levantou-se o pomposo edificio, construido no estylo romano, que tinha substituido já o gosto imaginoso dos architectos da Batalha, e a arte da renascença manuelina, não menos rica e phantastica. Os conegos regrantes de S. Agostinho, que desde a fundação da monarchia alli tinham visto florecer em sanctidade muitos varões insignes, nos espaçosos claustros da nova fabrica continuaram a cultivar as lettras e as virtudes, unico allivio dos tempos revoltos. A construcção moderna levou uns poucos de reinados para se concluir, e os copiosos documentos do archivo dos Vicentes abrigaram-se alli das repetidas convulsões por que atravesson o reino. Ultimamente passaram para a Torre do Tombo, aonde o investigador os poderá examinar, e restituir aqui e além algum dos factos da nossa historia, para a qual oxalá que se voltasse tanto talento consumido em menos uteis esforços.

O Castello de Santa Olaia.

Lenda do seculo XI.

(Fragmento.)

Quando na lucta com os arabes, alta noite, se rasgava o véu das trevas, e faiscando pelo negrume do céu, resplandecia no cimo das serras o fogo das almenaras (1); quando na torre d'atalaia, ao serpear do sulco luminoso, a sineta do vigia acordava os echos, quantas vezes, despertado pelo embate das armas, não sahiste do repouso, antigo castello de Santa Olaia, com o alfange do infiel quasi sobre o peito!

Então a trompa christã retumbava mais alto que os anafis mouriscos, coroando se repentinamente o adarve (2) de cervilheiras (3) brunidas, de malhas lu-

(1) Almenaras eram signaes que se faziam com fogueiras nos logares altos, dando rebate de inimigos.

(2) Corredor largo, que circulava por detraz das ameias.

(3) Armadura defensiva da cabeça e lados do rosto, que descia como toalha a afivelar-se no hombro.

zentes. — Com o arco retezado, como os frecheiros espreitam immoveis ás seteiras a hoste dos filhos do propheta, que desenrolada encosta abaixo se curva e se corta para trepar a ladeira aprumada!

Quantas vezes não deixaste crescer em meia lua o exercito musulmano, e avisinhar-se, lento, silencioso, pela calada da noite até em nó robusto te enlaçar as torres, cuidando estoural-as no possante apertar dos collos? Era assim que folgavas com os dias perigosos. O raio dos engenhos partia, a lança dos fortes erguia-se, e, como a cholera de Deus, fulminavam o orgulho do agareno, desfeita a esperança de ver tremular nas ameias o estandarte de Cordova.

E hoje nem uma pedra para lembrar que exististe!

Largo tempo a hera e os abrolhos se enrolaram pelos fustes partidos das columnas, e do seio roto das abobadas penderam em festões as plantas musgosas. As quadrellas gigantes rangeram ao golpe embaçado do alvião, e as pedras aqui e além tombadas na encosta, ou espalhadas no valle, alvejaram de longe, semelhantes ás ossadas dos Titães vencidos.

Os seculos carcumiram o cimento dos muros, em pé desde que a aguia de Cesar, voando do Tibre, pousou ás frescas margens do Mondego. Os homens, olhando com desprezo para o alcacer desmoronado, apressaram mais os estragos dos annos; até na tradição popular, por costume tão fiel á gloria, se lhe perdeu a lembrança. Nem então nem depois o alaude mouro ou a harpa christã recordaram ao viajante os cercos e batalhas que o combateram, os festejos que o alegraram, os amores e pezares que alli choraram.

Antes das scenas, que n'elle se vão passar, o castello de Santa Olaia, levantado do chão pelo primeiro rei portuguez, cresceu novas torres e ameias em alicerce robusto, e no alto da penha escalvada campeou ainda bastantes annos o pendão real, terror e castigo do arabe.

A historia da repentina destruição, recordada ao cisterciense por D. Martim, já n'aquella epocha era a lenda maravilhosa da credulidade popular. O temor, que inventia a narração d'este successo tragico, apertava o coração dos fracos e até o dos animosos. Qual dos cavalleiros de Affonso Henriques, sem a pallidez do susto, atravessaria, depois do pôr do sol, as ruinas do velho alcacer? Assim mesmo bem poucos, a horas criticas, iriam arrostar as almas penadas, as visões diabolicas, que o vexavam.

Apenas se acabou de reedificar, os espectros — tão cortezes foram! — cederam aos vivos o passo novo, tomando só posse do que se ficou chamando a «torre maldicta.» Da primitiva construcção era a unica ainda inteira e conservada. As abobadas subiam em tres espaçosos andares, rasgados de esguias frestas. Os lanços de ameias rodeavam-nos até fecharem nos eirados aonde morriam as escadas espiraes, que se torciam pelo interior. De nada se tinham esquecido os fundadores para tornar inaccessivel aos homens e ao tempo o seu ninho d'aguias, sobranceiro na corôa do monte aos cabeços pittorescos dos horisontes que o emolduravam.

Que singulares historias não contava o povo sobre aquella torre maldicta! Fóra de horas, dizia-se, na ermida levantam-se as campas, os ossos desfeitos em pó vestem passadas fórmas, e todos os annos, vespera de S. João á meia noite, na sala velha, espuma o vinho nas taças, tangem-se harpas, e, ao clarão de muitas luzes, convivas, mortos depois d'um seculo, vem assentar-se á mesa do banquete infernal

Entretanto, no anno de 1211, e na tarde em que estamos a «torre maldicta» perdeu os privilegios Os espiritos satanicos foram perturbados pela repentina entrada de hospedes mortaes no seu asylo. Nos eirados, no mais alto, appareceram dois cavalleiro e um monge de Cister, fallaram momentos apontando para o lado de Coimbra, e desceram logo á sala d'armas, aonde aqui e acolá se viam dependuradas grevas, cervilheiras, e arnezes de malha já sem brilho.

A conversação que iam continuando animou-se entre elles mal chegaram lá. Os homens d'armas, que passeavam perto, com as ascumas ao hombro, ouviram distinctamente palavras inteiras, que vibradas no calor d'altercação retiniam longe.

— «Não o digo por mim, reverendo nono; escreveram-no nossos avós no Foro Velho de Castella — no livro da nobreza goda. Este, ao menos, é tão nosso como é de seu filho, e está na cabeça de seu neto a corôa d'Affonso Henriques... E mais compramos-lh'a nós; aqoi, ás lançadas com os mouros; além, na fronteira, a golpes d'acha com o rei de Leão — pagou-a o corpo de meu pai, e o de todos os cavalleiros, que lh'a cingimos. Custou cara esta corôa de Portugal; e Deus sabe o que ainda custará! Mas á ponta das lanças tambem firmámos nos pannos dos muros os privilegios de ricos-homens. Não lhe toquem se não querem partir o braço ao rei! Não se façam esquecidos com elles, olhem que os lembram demais!»

— «A ermida está armada?» perguntava no profundo vão de uma fresta o outro cavalleiro a um homem d'armas, cuberto da loriga de couro crú.

— «Como vós dissestes.»

— «A tumba?»

— «Aonde mandastes — no meio.»

— «E na casa por cima?»

— «Tudo prompto. Só falta...»

— «Não falta, ha de vir. Tres repiques na sineta; ao terceiro» — fallou-lhe ao ouvido — «ao terceiro, entendeste!»

— «Ficai descançado» — replicou o outro com ar feroz.

— «Bem; volta agora. Espera!... mas não, não; eu pouco tardarei.»

— «A justiça quem a nega? — dizia entretanto o monge depois de algum silencio ao primeiro cavalleiro — nem elrei nem a sua curia sabem ainda...

— «Não querem, que é o peior de tudo.» — Atalhou o cavalleiro que tinha fallado com o homem d'armas. — «Contem isso a outros, não a Martim Paes! Ah, elles não sabem! A cabeça dos traidores os avisará do alto das nossas torres. Não veem? Que lhes abra os olhos o fogo dos castellos. Não ouvem? Tambem não importa! Accorda-los-ha o cutello, cahindo no cepo cuberto de lucto... Os ricos-homens de Portugal não são manadas de villões que se levem as varas...»

— «Bem se vê que morreu Sancho I!» replicou o frade amargamente. — «O leão velho está na cova, por isso todos fallam. As garras do moço ainda não mettem medo; tempo virá!...»

— «Que venha. Amole as unhas o leão novo na armadura dos cavalleiros da sua casa...»

— «Cuidado! primeiro não as experimente elle na orgulhosa serpe de Lanhoso!...»

— «A orgolhosa serpe de Lanhoso, padre, está muito alta para lhe chegar assim. Meu pai deixou no armazem setas e azevans para os solarengos, uma lança e uma espada na sala d'armas. Não se entra lá senão quando o senhor quer, e porque elle quer... Aquillo não são as cubas que Sancho I arrebentou ao sancto homem de Lourenço Fernandes.»

— «D. Martim, não vos fieis na soberba! Vendo adormecer os reis de Israel debaixo da purpura quem havia de dizer que o sol seguinte alluminaria o seu caminho para o captiveiro!»

— « Uma cova, sete palmos de terra benta, e quebrou-se o captiveiro mais rigoroso . . . »

— « E o inferno? »

— « Não ha peior inferno, padre, que a infamia! todas as aguas do mar não a lavam; a morte, nem essa a desvanece. O corpo come-o a terra, os ossos fazem-se em pó, e a infamia dura eterna sobre a sepultura! . . . a quem a soffrer callado, com a espada quieta, ainda em cima açoutam-lhe a cara com a bainha, e hão de rir-se d'elle como d'um pobre de Christo . . . por Deus! Não se hão de rir de mim. Aqui ficou um punhal, que é bastante para Martim Paes não servir d'escarneo ao vulgo . . . »

— « Escuta. Já te não lembram o cuidado com que te criei, o amor com que te estremeci desde pequeno? Amou-te ninguem, ia a dizer — mais! . . . tanto como eu? »

— E quando me esqueci? »

— Bem sei; vê lá: — não me doerá como minha propria a tua affronta? »

— « E fallais de perdão, reverendo nono! . . . »

— « E fallo, e peço-t'o em nome de Deus, pela alma dos parentes a que mais quizeste, por tua irmã, o doce prazer do teu coração! . . . Filho, acima da affronta ha outra cousa maior — a honra, a fé de cavalleiro. Se fosse vivo teu pai, fallava te pela minha bocca; dizia-te: Martim Paes, é uma acção vil; é o despique traiçoeiro da mulher fraca . . . depois de feita, o nome de « Ribeira » fica um nome deshonrado, e teus avós deixaram-to limpo e puro! Como elles corariam na sepultura, se podessem vêr, se podessem ouvir o mundo, apontar-te ao dedo, e dizer: « Olha Martim Paes, quem o diria, o filho d'aquelle pai! Como se não achou com valor de morrer com uma lançada: de cavalleiro fez-se carrasco! » Vês que vergonha, que desprezo, D. Martim! »

— « Frade, não tentes a paciencia do homem » — exclamou o mancebo, que de um lado para outro corria a sala, accessas no rosto as rôxas côres da raiva.

— « Não me peças impossiveis. »

— « E quem t'os pede? Não te estou dizendo que depois te ha de amargar? Eu mesmo, juro-te pelo cordeiro divino, que desce immaculado a estas mãos indignas, o mais pequeno dos villões que fosse, por todos os thesouros do mundo não quereria viver n'esta terra, e Deus sabe se a amo! com a affronta do nome de Martim Paes. »

— « Frade, pede que te não ouça isto duas vezes. »

— « Podes tambem matar-me a mim, filho de Paio Moniz de Berredo; não te prendas. — Um anno mais cedo? A viagem sempre se ha de fazer por fim! Mas olha que te hão de chamar na cara villão e covarde, e tu ouvil-os callado! Que remedio! Não foi para isto que eu criei de menino o filho d'aquelle pai!

— « Frade, deixa-te de vaidades mundanas. Que fallas ahi de brios de cavalleiro, tu, que não levantavas uma haste d'estas, por ahi encostadas aos lanceiros? »

Nos olhos do monge um instante accendeu o orgulho o fogo de uma indignação severa.

— « Mancebo, é cuspir nas faces do homem morto. Que vilania, dizer a quem fallecen e se amortalhou: Ergue-te. És um covarde! Tempo houve em que só dois pulsos feriam mais rijo; o d'aquelle rei que Deus levou, e o de Lourenço Viegas, o espadeiro. — Coração nenhum tinha que invejar ao outro. Era isto ha muitos annos, é verdade — loucuras de velhos! O que somos nós ao pé d'estes cavalleiros moços, que ajoelham diante dos inimigos, e os matam pelas costas? »

E pegando na mais grossa lança o monge menoou-a ligeira como um vime. Depois, retrahindo o corpo, sacudiu-a de arremesso contra um escudo d'aço, aonde, gemendo som cavo, vibrou cravado o ferro mais de duas pollegadas.

— « Este braço, se quizesse, D. Martim, ainda podia jogar duas lançadas . . . aos mouros: accrescentou serenamente.

— « Por minha alma! . . . valente golpe; » acudiu o cavalleiro idoso.

— « Não é nada já; lembranças de velho que ainda se quer fazer rapaz? » retrucou sorrindo com ironia.

A côr do pejo subiu ás faces de D. Martim. A lição involuntariamente o obrigou a pôr os olhos no chão. Seguiu-se longa pausa. Os labios, brancos de raiva, do mancebo, repuxados n'um rir convulso, tremiam como as urzes no monte bravo diante das rajadas do norte. E que lá dentro ia uma tempestade, que reluzia na vista, e no fogo das faces.

O frade, pousando-lhe a mão no hombro, cortou-lhe as reflexões em que estava abysmado, fallando em tom insinuante:

— « Ora vamos, Martim Paes — é ser homem! . . . Ouve o meu conselho, deixa-te d'essa má tenção. Vai deitar-te aos pés d'elrei, pedir-lhe justiça — ha-de fazer-t'a; diz-me o coração que t'a fará como ainda se não viu em Portugal. »

— « Justiça d'elrei! » — acudiu o mancebo com ira, e cerrando o punho; — « esperem por ella, que morrem de velhos! É cega e côxa. A nossa anda melhor: — Sangue por vilta! Pode-nos depois quebrar a espada pela empunhadura, ou queimar-nos, como feras, nos castellos — ficamos pagos! Não é assim D. Nuno! »

— « É o que sempre disse. Alli, a duas passadas, temos Castella. Quem não couber aqui . . . ainda um cavallo me póde levar lá. Estou velho; será a minha ultima corrida. »

D. Martim apertou-lhe a mão, exclamando:

— « Até que em fim encontrei um homem, D. Nuno! »

— « Um louco » murmurou o monge.

O mancebo, olhando depois para as paredes nuas da sala, meditou tristemente alguns momentos. Ia-se-lhe carregando o semblante. — « Como estes muros estão negros, e ainda tintos do sangue da orgulhosa familia do Douro. Alegra-te, D. Inigo. Antes de romper o sol dormirá o mais novo da sua raça ao lado dos que além descançam! — e apontando para a porta da ermida: — « Quando entrares por alli, Gomes Lourenço, não te dirá o coração que esta noite será a ultima? »

— « Não blasphemes » — atalhou o frade com imperio. — « Não acurdes á vingança os mortos que repousam. »

— « Vingança de que, e por quem? »

— « Chamaste por Inigo Lopes, e não sabes que nas veias de Gomes Lourenço corre o sangue d'elle? N'estas pedras ha o sello de Caim. Cavalleiro de Lanhoso, estas ruinas contam uma historia, capaz de fazer tremer o proprio inferno. »

— « Sabeis então? . . . »

— « As desgraças que vieram d'uma só vingança? Sei de mais. O castello em que estamos era de parentes vossos. O ultimo senhor foi o conde Ordonho, descendente d'elrei Ramiro. Esse D. Inigo que acabas de convidar, era tio do moço Ansur, viuvo aos dezoito annos; do unico filho d'esse vem a raça de Gomes Lourenço . . . Desafiaste o inferno: guarde-te Deus que elle te levante a luva. »

— « Vivo ou morto póde vir quando quizer. Um anno e um dia com braçaes e cotta, a pé ou a cavallo, juro defender o que hoje faço. »

— « Jesus! » exclamou o frade, mais branco que o pilar de pedra a que se encostava.

Ou fosse acaso ou mysterio, o guante ferrado d'uma armadura negra desprendeu-se e bateu nas lageas aos pés de D. Martim. O cavalleiro enfiou; mas encubrindo ergueu do chão a manopla. No canhão em lettras douradas lia-se o terrivel nome de Inigo Lopes!

Um instante ficou contrafeito e pallido; depois com apparencia tranquilla, virando-se para o frade, disse-lhe:

— « Em quanto esperamos, por que nos não contaes a historia d'este castello? »

— « Oxalá que aproveite! »

— « Como este odio nasceu velho! » murmurava comsigo D. Martim.

O monge assentou-se então; D. Nuno á sua esquerda, e D. Martim á direita ouviam em silencio. Posta na linguagem de hoje a historia dizia assim —

(Continúa.)

Uma das mais interessantes biographias, até agora por escrever, é a de Gomes Freire de Andrade, soldado e escriptor distincto, tão celebre pelos seus feitos gloriosos, quão digno de lastima pelo seu fim desastroso. Ha quasi trinta annos que o vento lhe dispersou as cinzas: hoje que o odio dos partidos d'então deve de estar adormecido, é um acto de justiça perpetuar a memoria do guerreiro a quem até foi negada humilde sepultura na terra de seus avós. Este esbogo biographico não tem por fim decifrar as causas mysteriosas da catastrophe, mas a imparcial exposição de factos. Póde-se honrar o morto sem offensa dos vivos.

Nasceu Gomes Freire de Andrade em 27 de janeiro de 1759, côrte de Vienna d'Austria, onde seu pai Ambrosio Freire de Andrade e Castro era embaixador de Portugal. Descendia d'uma familia entroncada na antiquissima casa dos condes da Trava, e na dos Pereiras, Forjazes, e Bobadellas, e contava entre os seus antepassados muito varões illustres, dos quaes bastará citar, pelo que toca aos mais modernos, Jacintho Freire de Andrade, panegyrista de D. João de Castro, e Gomes Freire de Andrade, que nas guerras da restauração, depois de sacudido o jugo hespanhol, obrou prodigios de valor, e pacificou os tumultos do Maranhão com prudencia rara e admiravel politica, temperada pelos dictames da humanidade.

Tres carreiras havia em Portugal para nobres: a das armas, a da magistratura, e a ecclesiastica. Gomes Freire elegeu a das armas, sentou praça no regimento d'infanteria de Peniche, e em 1782 foi promovido a alferes. O mancebo brioso e valente, excitado pela memoria de seus maiores, almejava a occasião de provar o para que era. Em breve se lhe proporcionou. Carlos III, rei d'Hespanha, querendo tirar vingança da insolencia dos argelinos, resolveu o bombardeamento do refugio d'estes piratas infestos á christandade, a quem potencias poderosas não se pejavam de pagar infame tributo pela alta mercê de lhes não

captivaram os seus subditos o tempo que fosse do agrado dos deys d'Argel. Sob o mando supremo do tenente general da armada hespanhola, D. Antonio Barceló, já experimentado em taes emprezas, se junctou no porto de Carthagena uma armada composta de vasos hespanhoes, napolitanos e maltezas, fazendo ao todo cento e vinte e tres embarcações, em que entravam sete náus de linha e nove fragatas, afóra as náus Sancto Antonio e Bom Successo, e as fragatas Golfinho e Tritão, com que Portugal contribuiu. A nossa frota, em que Gomes Freire foi servindo como official de marinha, commandada pelo coronel do mar Bernardo Ramires Esquivel, largou do Tejo aos 19 de junho de 1784, e na tarde de 22 ancorou na bahia de Cadiz. Na manhã seguinte, tendo mettido practico a bordo, tornou a fazer-se á vela. Na noite de 23 embocou o Estreito, passou por Gibraltar ás doze horas, e seguiu o rumo de Carthagena. A calmaria que lhe sobreveio, e a inconstancia e variedade do vento lhe atrazaram a viagem até o principio de julho, de modo que, tendo já sahido a armada combinada para Argel, a nossa dirigiu a derrota para este porto, onde chegou no dia 12 pelas seis horas da tarde. N'este dia dera D. Antonio Barceló o primeiro ataque, o qual durou desde as oito até ás dez horas e vinte minutos da manhã, ateando em parte da cidade um incendio que não puderam apagar até as quatro horas da tarde, e fazendo voar quatro lanchas inimigas. O vento, empolando os mares, suspendeu as hostilidades até o dia 15, e n'este meio tempo repararam os argelinos as ruinas do forte de Babasan, resultantes do ataque do dia 12. No segundo ataque romperam elles, ás seis horas e sete minutos, o fogo de sessenta e nove lanchas, que, affastadas meio tiro de canhão das suas fortificações, occuparam o espaço entre o forte de Babasan e o de Betel. As lanchas artilhadas da armada sahiram-lhe ao encontro e sustentaram o fogo sem interrupção, até que, consumidas as munições, se retiraram apoiadas pelo dos navios. O vento do levante, dissipando o fumo, deixou vêr demolidos os merlões da bateria do Escolho. As embarcações portuguezas, favorecidas da aragem, com presteza se metteram em linha a leste da esquadra, para rechaçarem as lanchas argelinas, toda a vez que chegassem ao alcance da sua artilheria, acossando as nossas na retirada. Oito vezes se repetiram os ataques, em que Gomes Freire deu decisivas provas de valor expondo-se a peito descoberto a chuva de ballas disparadas pelas fortalezas, e embarcações miudas de Argel. No quarto accommettimento haviam sido mettidas a pique as faluas dos dois generaes inimigos; tão renhido foi elle.

Estavam já destruidas a maior parte das lanchas argelinas, havia ardido a bateria do Escolho, e o fogo reduzira a cinzas muitas casas da cidade; e por isso D. Antonio Barceló convocou os generaes e commandantes dos navios a conselho no dia 21 de julho de 1784 para deliberar se era conveniente continuar as hostilidades, apesar do risco imminente de saltar um vento contrario, que poria a esquadra em grande aperto. Decidiram unanimes que a empreza se devia dar por concluida, e a esquadra partiu da bahia de Argel no dia 23, e no dia 27 entrou em Carthagena, depois de ter dado uma boa lição aos argelinos, contra os quaes gastou sete mil e tantas bombas e granadas, e mais de doze mil ballas, além da metralha.

A nossa esquadra saiu de Carthagena a 9 d'agosto, andou a corso por alguns dias sobre as costas d'Africa para leste de Argel, repassou o Estreito na noite de 26, aportou em Cadiz no dia seguinte, e recolheu-se a Lisboa aos 19 de setembro. Gomes Freire, que em 8 de março de 1787 passára a tenente do mar da armada raal, ou porque a vida maritima lhe desagradasse, quando desacompanhada dos perigos da guerra, ou porque servindo no exercito de terra se lhe antolhasse augmento mais rapido, voltou para o regimento de Peniche, em 30 d'abril de 1788, com o posto de sargento-mór.

Catharina II, imperatriz da Russia, havia tentado sublevar varias provincias do imperio ottomano, e com especialidade a Grecia, em nome da independencia e da liberdade, a que se mostrava affeiçoada nas cartas a Voltaire, mas que proscrevia nos seus estados. A' guerra que por este motivo accendêra puzera termo, em 1774, o tractado assignado em Kustchouc-Kainardgy, depois de larga contenda terminada com immensa vantagem dos russos, que haviam queimado a esquadra turca no porto de Thechesme: e por meio de novas acquisições de portos de mar e da independencia dos khans da Criméa, reconhecida no mesmo tractado com o fim occulto de os sujeitar á vontade do gabinete de S. Petersburgo, ficavam abertas as portas a futuras invasões no territorio turco. A czarina, com os olhos sempre fitos em Constantinopola, pretendia encetar a conquista de todo o imperio ottomano, apoderando-se da Criméa. N'uma conferencia que teve em 1780 com José II, imperador d'Allemanha, ajustaram que elle o ajudaria a assenhorear-se da Baviera, sob a condição de ser auxiliada pelo imperador na guerra contra os turcos, ficando ella com o melhor quinhão dos seus despojos, e de restituirem ambos de commum accordo a independencia ás republicas gregas. Reduzida esta convenção a tractado no anno seguinte, tractou Catharina de consummar a usurpação da Criméa. Dewlet Gherai, khan dos tartaros, era muito affecto á Porta: a ambiciosa e astuta Catharina, recorrendo a peitas, enredos, e violencia, obrigou-o a fugir, e, invocada a independencia dos tartaros, fez que elegessem para seu khan a Sahim Gherai, cuja servil obediencia ao governo russo excitou contra elle o desprezo e até a raiva dos seus subditos, os quaes, morta a guarda russiana, que o escoltava, elegeram Selim Gherai. Catharina approveitou logo o pretexto, invadiu a Criméa, venceu os tartaros, restabeleceu Sahim, e extorquiu á Porta um tractado addiccional ao de Kainardgy com o reconhecimento formal do khan seu patrocinado. Sahim, despresivel aos olhos do seu povo pelas distincções e honras que a Russia lhe concedêra, tornou-se-lhe cada vez mais insupportavel. Acabavam os russos de o ajudar a comprimir a revolta de Batti-Gherai, um dos seus irmãos: suggeriam-lhe que exigisse da Porta a cessão de Ozakof, importantissima praça de guerra situada na Bessarabia, onde confluem os rios Bog e Dnieper, antes de desaguarem no Mar Negro, e por isso disputada, com grande mortandade, pelos russos e turcos, desde que os tartaros a perderam. O incauto Sahim-Gherai obedeceu, e para desaggravar-se d'um acto de crueldade commettido contra um dos seus emissarios pelo pachá da ilha de Taman, abriu passagem pelos seus estados aos protectores russos, que, depois de o violentarem a jurar fidelidade á czarina, e a ceder-lhe a soberania em troca d'uma pensão de oitocentos mil rublos, que lhe não pagaram, o mandaram desterrado para Kaluga, e por fim entregaram-no aos turcos, pelos quaes foi decapitado em Rhodes, sem lhe valerem os esforços do consul de França para o salvar. Trinta mil tartaros, suspeitos de conspirarem para dar a liberdade á sua patria, receberam a morte por ordem de Paulo Potemkin, sem commiseração para com o sexo ou idade. As tropas de Catharina devastaram a Tartaria, e como é natural herdaram os verdugos os despojos dos supplicados. A czarina, proclamando que

estes povos, não menos ingratos que os potacos, haviam trabalhado por aluir o edificio erecto pelos seus beneficos cuidados para felicita-los, declarou que, em virtude do ultimo tractado, reunia á Russia a peninsula da Criméa, com a ilha de Taman, e todo o Kuban, afim de pôr termo a tantos desastres, e como justa indemnisação de perdas e despezas.

A Porta abaixou-se a sanccionar tambem estas usurpações; porém Catharina aspirava a nada menos que a erguer um throno sobre as ruinas do imperio turco. Na famosa jornada que fizera á Tauride em 1787, a instancias de Potemkin, teve outro encontro, em Kerson, com o imperador José II, e, rasgando a mascara, fez com que por entre as nuvens de incenso que a lisonja lhe queimava, se lesse esta inscripção, escripta em caracteres gregos sobre a porta oriental: POR AQUI SE HA DE PASSAR PARA IR TER A BYZANCIO. Então o grão senhor, cançado de tragar o fel da affronta, declarou guerra á Russia; e a Bulgakow, seu enviado, encerrou-o nas Sete-Torres, onde jazeu mui largo tempo.

Catharina esperava impaciente este rompimento. A um seu aceno partiu uma frota numerosa para o Mar Negro, duas esquadras respeitaveis occuparam Cronstadt, e os exercitos de terra sob o commando supremo de Potemkin recomecaram uma guerra mais feroz que nunca, auxiliados por oitenta mil austriacos. A Porta, desamparada dos seus alliados, menos da Suecia, a mais fraca e a mais exposta de todas as potencias, nem por isso desesperou do triumpho.

Promettia esta formidavel lucta basta messe de louros. Gomes Freire, desdenhando o ocio, obteve licença em 17 de Maio de 1788 para ir militar nos exercitos da Russia, sem perder o direito aos seus soldos durante a guerra contra os turcos, e em quanto alli se demorasse. A gloria convidava-o a illustrar-se diante dos muros de Oczakof: obedeceu ao chamamento.

Continuava esta praça a zombar d'um assedio pertinaz, posto a cercasse por terra o exercito de Potemkin, e por mar uma esquadra as ordens do contra almirante Paulo Jonnes, um dos mais audazes maritimos, tão bem descripto n'um romance d'Alexandre Dumas, o qual corre trasladado em vulgar com o titulo de *Capitão Paulo*. O capitão baxa que havia tentado fazer uma diversão, atacando no seu ancoradouro a esquadra russa á frente de outra de oitenta e seis vellas, fôra desbaratado por Paulo Jonnes, que lhe tomou duas naus de linha, queimou-lhe seis, incluindo a capitania e a vice-capitania e aprisionou-lhe quatro mil homens. O almirante turco tinha saido determinado a vencer ou a morrer, e por isso se despedira da esposa como se nunca mais houvesse de a tornar a vêr, e dera a liberdade a todos os seus escravos; mas algumas das embarcações da sua esquadra começaram a fugir vilmente, depois de quatro horas de combate, apesar de sobre ellas fazer fogo o baxa, que se viu constrangido a refugiar-se com o resto debaixo das baterias de Oczakof.

Estes e outros revezes não queimaram o animo de Hadgi-Ismael, governador da praça, o qual, a despeito do mau resultado das sortidas, e dos incendios repetidos que as bombas e ballas ardentes causavam nas casas, não cessou de fulminar os sitiantes por tresentas e dez baccas de fogo, até que, chegado o dia 13 d'outubro, em razão da perda das obras exteriores, e do fogo mortifero das mais proximas baterias, só pôde troar a artilheria dos baluartes interiores.

Os frios incomportaveis do mez de dezembro iam calando a desesperação nos corações dos oppugnadores. Não podendo antever quando terian fim estes duros trabalhos d'uma guerra sem fructo, começaram a murmurar contra a inacção que os condemnava a morrer gelados nas barracas, quando podiam na conquista d'aquella fortaleza achar ampla retribuição da aturada fadiga, por haver alli grandes riquezas de alfaias, armas, prata, ouro, perolas e dinheiro. O general em chefe approveitou a favoravel disposição das tropas; fez reduplicar o fogo da artilheria na noite de 16 para 17, e tendo conseguido desmontar a que os cercados tinham nos redentes da trincheira, no bastião da fortaleza, e na cortina do flanco do lado esquerdo, e visto voar, com medonho estampido, o armazem da polvora do inimigo, que uma bomba incendiara, ordenou o assalto geral no dia 17. Ás sete horas da manhã, sob uma abobada de fogo e por cima d'um pavimento de gelo resvaladiço, quatorze mil homens, repartidos em seis columnas, investem a praça por todos os lados; rompem os machados as portas do forte de Hassan Baxa; correm rios de sangue; e Gomes Freire, a frente do seu batalhão, atira-se a brecha, e é dos primeiros que entram na praça, onde, abatido o estandarte do crescente, faz tremular as aguias moscovitas soltas ao vento da victoria.

Oczakof, a tão cubiçada praça de Criméa, Oczakof, no pé de cujos soberbos muros tinham vindo cair vinte mil russos, é tomada a ponta da bayoneta em menos de duas horas, sem lhe valer a resistencia desesperada de doze mil mosulmanos, a maior parte dos quaes acabaram com as armas na mão ou foram barbaramente mortos a sangue frio nas casas e nas choças; e, se não ha exageração n'um dos mais modernos e mais minuciosos historiadores da Russia, a mortandade dos soldados, homens do povo, mulheres e crianças subiu a vinte e cinco mil pessoas.

(Continúa.)

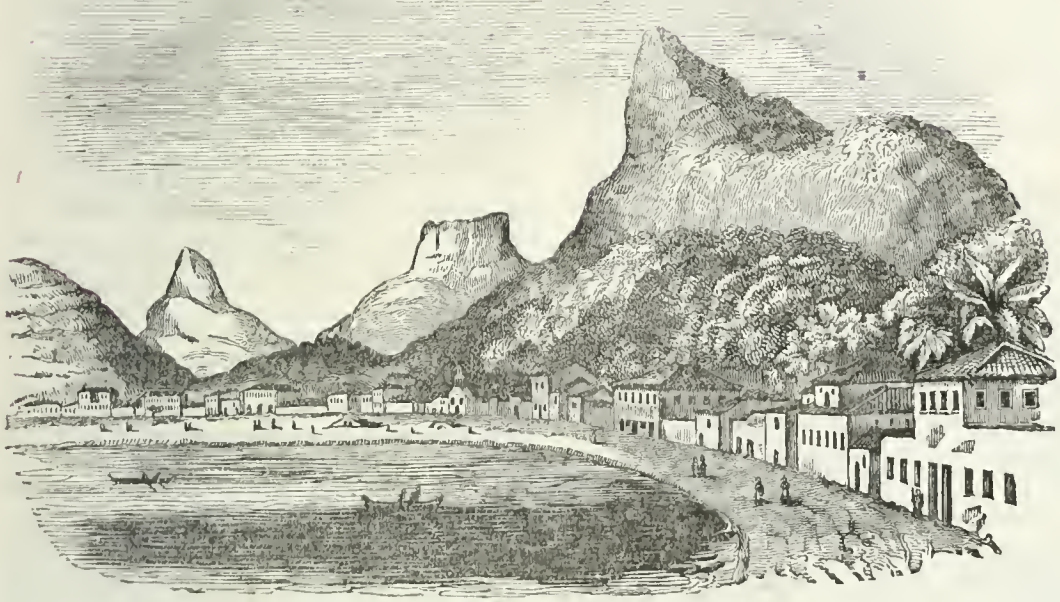
AGUA PARA DAR NAS OBRAS FOLHEADAS, ANTES DE AS PASSAR A PEDRA-POMES.

Todos os marceneiros e amadores d'este genero de trabalho sabem que o oleo, dado nas obras folheadas, escurece as vezes muito a madeira: o que se evita usando-se da agua seguinte. — Tome-se: Gomma arabica em pó duas e meia onças, Cremor tartaro uma onça, Sal commum uma onça. — Desfaça-se tudo em meia canada d'agua. — Dá-se uma demão d'esta agua com um trapo por cima do folheado, deixa-se seccar, e depois passa-se a obra com esta agua a pedra-pomes, ou usa-se do oleo, sem o perigo d'elle entrar muito pela madeira.

Subscreve-se para este Jornal na Typographia onde é impresso; na loja da Viuva Henriques, Rua Augusta n.° 1; e na de Zeferino, Rua dos Capellistas n.° 32 B. — A mesma Typographia se poderão dirigir, porte franco, os senhores que residirem nas Provincias, remettendo em cautela do seguro a importancia de suas assignaturas, em quanto se não annunciam os nomes e moradas dos Correspondentes nas terras principaes. Da mesma maneira se recebe a correspondencia puramente litteraria, que será restituida quando não seja adaptada a indole do Jornal.

Preço da assignatura annual ou 52 N.os	1$200
Dito por semestre ou 26 N.os	$040
N.° avulso	$030

No fim do anno se publicará um indice alphabetico, com o rosto para o volume.



PRAIA DE BOTA-FOGO.

A BAHIA do Rio de Janeiro é um dos mais formosos portos que se conhecem, devendo á natureza todas as suas vantagens e principaes attractivos; a entrada, barra mui estreita, da-lhe o caracter de uma amplissima bacia, capaz de receber com perfeita segurança infinito numero de navios: no seu maior comprimento terá seis leguas, quasi na direcção norte-sul; a maior largura computa-se em quatro leguas. As margens recortadas em reconcavos e pontaes, a multidão de ilhas, povoadas algumas, desertas outras, mas todas aprazíveis á vista, variam o quadro d'este vastissimo recinto, realçado pelo aspecto da populosa capital brasiliense que se estende do lado do occidente, ficando lhe fronteira a nova cidade de Nitheroy, que avulta entre os amenos sitios que a circumdam. A entrada manifesta-se aos navegantes como um córte feito em costa alcantilada, mas sobretudo serve de marca o cerro de granito denominado Pão de Assucar, em rasão da sua fórma bem distincta. A barra divide-se em duas, de 90 braças de largo cada uma; entre ellas acha-se o forte da Lage, sito no ilheu do mesmo nome; ambas são desembaraçadas de cachopos e recifes. A' direita a fortaleza de Santa Cruz corôa um promontorio que acaba de circumscrever a bahia, bem defendida além d'isso por outros pontos fortificados, como Villagalhão, ilha das Cobras e outros muitos. Na retaguarda das baterias de S. José e S. Theodosio está a enseada a que chamam bahia e praia de Bota-fogo, linda perspectiva, paizagem das mais agradaveis que aformoseam as visinhanças da capital. Para se fazer alguma ideia d'esta bella posição veja se a precedente gravura.

A regularidade dos ventos facilita o o ingresso e a saída dos navios; á noite e pela manhã o terral traz para o mar os balsamicos perfumes da costa, e pelas onze horas, quando o calor se torna intenso, a brisa do mar, chamada viração, vem refrescar suavemente a temperatura. Os navios que chegam approveitam esta occasião mais favoravel para a entrada.

O panorama de Constantinopola ou de Napoles não se avantaja ao do Rio de Janeiro; o viajante vê com admiração desenvolverem-se successivamente os variados e encantadores contornos d'esta immensa bahia: e n'este ponto o Novo-Mundo disputa á Europa a primazia dos quadros naturaes. A terra permanentemente se engrinalda com a esplendida vegetação dos tropicos; dilata se a cidade ao longo da praia, cérca a base de quatro ou cinco eminencias, e altea-se pelas encostas, em cima das quaes tem assento edificios religiosos e a cidadella, produzindo mui pictoresco effeito; um aqueducto de duas ordens de arcadas liga duas d'aquellas collinas, e conduz a agua potavel aos chafarizes principaes, servindo ao mesmo tempo de ornamento accessorio da paizagem; esta construcção data do meado do seculo passado. O horisonte é limitado por altas montanhas, coroadas de alcantis e agulhas de tão singular fórma, que fizeram dar a esta cordilheira o nome de *serra dos orgãos*, por semelharem, na sua remota distancia, os tubos d'estes instrumentos.

Parece que a circumstanciada noticia, dada por um antigo collaborador nosso, tão habil como bem informado, em tres artigos impressos no volume de 1840 do Panorama, nos dispensava da rapida descripção, que inserimos agora; sendo porém esta escripta posteriormente pelo auctor de um livro sobre as relações commerciaes entre a França e o Brazil, Mr. Horacio Say, quizemos confirmar com voto estranho as não encarecidas expressões da admiração que excita a vista geral da bahia e porto, onde nossos antepassados lançaram com feliz escolha os fundamentos de uma grande metropole.

Do orçamento da receita para o anno de 1834 a 1835 extrahiu-se a seguinte tabella, que mostra em numeros redondos a distribuição da população livre nas dezoito provincias do Brazil e as quotas com que cada uma d'ellas contribuia para a renda nacional.

Provincias.	População livre: Habitantes.	Quotas. Réis.	Total. Réis.
Norte.			
Pernambuco. .	400:000	1.490:000$	
Paraíba	100:000	137:000$	
Rio Grande do Norte	30:000	29:000$	
Ceará.	150:000	122:000$	
Maranhão . . .	120:000	585:000$	
Pará	110:000	262:000$	2.625:000$
Centro.			
Goyazes	50:000	29:000$	
Matto-Grosso .	30:000	27:000$	
Bahia.	400:000	2.396:000$	
Sergipe.	50:000	196:000$	
Alagôas	100:000	139:000$	
Piauhi	70:000	100:000$	2.887:000$
Sul.			
Rio de Janeiro	320:000	5.435:000$	
Espirito Santo	40:000	79:000$	
S. Paulo. . . .	270:000	261:000$	
S. Catharina .	40:000	57:000$	
Rio Grande do Sul	160:000	600:000$	
Minas Geraes.	600:000	746:000$	7.178:000$
	3.040:000		12.690:000$

O Castello de Sancta Olaia.

Lenda do seculo XI.

Fragmento.

(Continuado de pag. 3.)

O Castello queimado.

I

Como de um bom irmão se faz um máu christão.

Houve, ha muito tempo, grandes guerras entre duas poderosas familias das terras do Mondego, e aconteceu matarem um fidalgo moço, de sangue godo. Mataram-o á falsa fé, uma vespera de S. João, não o deixando, sequer, despedir do unico filho que tinha, ainda pequeno. Por ser valido do rei, e muito querido das damas, o enganaram com traição. Foi um grande dezar para os cavalleiros. As duas familias nunca mais se puderam vêr, e entre ellas taes motins se alevantaram que chegou elrei a ter cuidado.

Assim entraram, sahiram annos; as rixas não acabaram. O que vencia n'uma era na outra vencido; os moços faziam-se homens, iam para velhos os homens, e os odios sempre constantes!

Succedeu que o filho do cavalleiro morto viesse a namorar-se da neta do seu inimigo. Como foi nunca se soube: só contam que nenhuma historia falla de amores tão vivos, nem de promessas tão bem guardadas. No fim de muitos mezes deram o sim os parentes d'ella; como logo o acceitou D. Moço Ansures!

Ajustou-se o noivado para outra vespera de S. João. N'essa noite fazia quatorze annos que se enterrára o bom cavalleiro. Que alegrias por Coimbra! Unindo o amor o sangue inimigo, das raizes do odio floria a doce paz.

O homem põe e Deus dispõe! O cavalleiro morto tinha um irmão da mesma idade. Amigos como foram aquelles dois não torna nunca a haver. Inigo Lopes queria tanto a seu irmão, que não estimava mais a luz dos olhos. Nasceram gemeos dia de S. Pedro, por isso nos dous peitos escusado era procurar mais que uma só alma.

Quando se espalhou a noticia do desastre do S. João quem não havia de chorar? — D. Inigo, o irmão orphão. — Sete dias com sete noites levou-as de bruços na sepultura. Rompia a manhã do oitavo quando se levantou. Cinto e espada deixou-os; ia a rezar, suspendeu-se. Ao entrar ainda fez o signal da cruz; mas ao sahir... Jesus! por que voltaria as costas ao altar? Os anjos o defendam!

O que faria sete dias com sete noites D. Inigo, na capella, só? Não o disse a nenhum vivente; se o sabe alguem é a cova fria. Fallava-se que um monge víra tombar-se a pedra, crescer da sepultura um corpo, e na mão do vivo tocar a mão do morto. Visões do medo! Corpo que vai á terra não torna.

Sómente com a aurora do oitavo dia uma roseira a abrir de dentro da cova mesmo. Que frescas rosas, que ricos botões nos ramos! Mysterio! Se lhe punham dedo, murchavam logo; uma flôr cortada, e o sangue em fio a correr do pé. Sete rosas eram brancas e sete vermelhas, todas abertas áquella hora. Ha já tambem sete noites que debaixo da terra, com outras tantas feridas, não descança, bradando vingança, o corpo do leal cavalleiro.

Não se fallou mais em D. Inigo. Um anno, depois outro, e sete com mais cinco correu peregrino os desertos que Deus pisára, comendo das ervas do monte, bebendo da agua dos rios, e dormindo as inclemencias do céu.

«Vida penitente a d'aquelle sancto!» palavras do mundo. Deus, que lê no fundo dos corações, affastava os olhos d'elle. Cedo a velhice do espirito, não a do corpo, lhe cavou de rugas a testa. Por cedo que viesse, primeiro lavrou ainda a semente do peccado. Com ser christão nascido, nunca mais se encommendou á Virgem, nem ajoelhou a Cruz.

Uma vez, no fim do longo desterro, anoiteceu-lhe no deserto da *Tentação*. Subitamente brilharam as areias como christal; nas pontas das rochas dançaram milhares de luzeiros phantasticos. Falla-lhe uma voz, elle responde, e por sangue vendeu a salvação. Acabava o pacto de se assignar, quando o chão, como espelho, lhe representou a fealdade do crime, pintada no rosto. Tirou os olhos com horror de si; mas a imagem perseguia-o por toda a parte, como a sombra atraz do corpo.

Na solidão dobravam sinos invisiveis; tres veres o

cantar do gallo acordou os echos; e d'alli muito longe risadas soltas nas profundezas do Mar Morto chegavam aos ouvidos do renegado. As cidades maldictas saeudiam alegremente a mortalha d'agua, festejando o rei das trevas.

O chão furtava-se debaixo dos passos. O temporal rebentava com as ondas na costa, com o raio no céo, com os furacões na terra. Cedros antigos, como o Libano, estalavam que nem vimes; as feras, tímidas como crianças, acoutavam-se aos povoados. Quando tudo supplicava, por que estaria surdo o coração do reprobo?

Não passou um dia d'ahi em diante em que não corresse atraz da perdição. Raiava a manhã; o maldicto curvado na margem enchia um cantaro na ribeira do Jordão. Ramos enfezados torciam-se em raro toldo sobre as ervas que a frescura mal amparava do sol abrazador. A duas passadas desfallecia um velho prostrado da sede e de cançaço Uma gota, uma só, d'aquella agua era bastante para o salvar.

D. Inigo negou-lha. Com o cantaro entornado diante dos olhos, que tragam sofregos até a ultima lagrima d'agua escarnece da ancia do afflicto, dizendo: «Vai pedir ao teu Deus outra nascente no deserto.» — Mas o Senhor não acudiu com prodigios ao seu servo, para que elle abraçado com a resignação expirasse vencendo o inferno.

Desde essa hora nunca mais Inigo estancou a sede que lhe ardia nos labios e no coração. Rios e fontes ou se furtavam para lhe enganar os beiços, ou mudavam em lume a fresquidão mal os tocava. A gota d'agua negada no deserto, na balança do Senhor, pezou um seculo de peccados.

Cumpridos quatorze annos voltou, nunca se soube como, á terra do nascimento. Contavam que um cavallo côr da noite, olhos todos chammas, não correndo mas voando, o trouxera da Judéa a Portugal. A cauda varria o pó, era fogo o respirar, as crinas fugiam soltas. Diante os montes sumiam-se; os abysmos tapavam-se; e ao passar do galope infernal os carvalhos tremendo varriam o pó; arvores de seculos gemiam como juncos, curvado o tronco. Correram, voaram! Debaixo da ferradura magica os mares coalhados eram diamantes. As faiscas, lambendo a lava, saltavam da bocca dos volcões a coroar o rei do fogo. Ao luzir d'alva o corsel levantou as mãos, refugiu, e parou. A luz apontava no topo da cruz d'uma ermida. A' medida que aclarava o dia adelgaçou o cavallo, ao primeiro raio de sol desfez-se em fumo.

D. Inigo ouviu tanger ao pé um sino; e conheceu o sitio; — a mesma igreja aonde seu irmão jazia sepultado; o demonio não lhe mentiu. Ao primeiro passo abriu-se o portal de si mesmo; deu segundo, e a capella illuminou-se; deu terceiro, e seccaram as rosas vermelhas, florindo as brancas De dentro, em cantico suave, entoavam o «*Ave maris stella*.» Estava emfim applacada a vingança do morto.

A fé a chamar D. Inigo, e elle sem a ouvir. A voz do céu a offerecer-lhe o perdão, e elle surdo á misericórdia!

N'aquelle instante, muito longe d'alli, orava a Deus um sancto pelo maior peccador da terra. Arrebatado em visão descubriu um homem cuspindo, por escarneo, na cruz de Christo, á porta da capella. O anjo da guarda, ajoelhado no cruzeiro, banhava de lagrimas as vestes luminosas. Mas o desacato gelou-lhe o pranto, e cubrindo de repente o rosto subiu na aragem, até se perder nos raios do sol nascente.

— «A tua clemencia é insondavel, Senhor! exclamou o justo. — «Haverá tambem perdão e esperança para o que te renega?»

A visão passou; as portas da ermida fecharam-se com grande estrondo — e uma voz, semelhante á do temporal rugindo nas selvas, bradou ao longe: — «*Memento, homo, quia pulvis es!* . .»

II

Não ha gosto sem pezar.

N'aquelle tempo, em terras do Mondego, que ricohomem havia mais nobre e mais poderoso que D. Ordonho conde? Do alto do seu castello, até onde estendia a vista, valles e campos eram todos seus. Um aceno de lança, e trinta cavalleiros partiam a bom galopar. Uma setta do arco, e centos d'homens d'armas em volta do seu pendão.

Aquella raça vinha dos primeiros lidadores das Asturias; e foi sempre raça de ferro para os combates, insaciavel na vingança. Mouro ou christão, cavalleiro ou monge, se lhe desse uma vez o nome d'inimigo, podia desde logo abrir a cova.

A idade tudo gasta. Açor velho não vôa ás aguias. Quando debaixo da touca bordada, no correr do murzello, o vento lhe açoutava as madeixas brancas, D. Ordonho bem sentia que se o espirito não envelhecêra, o corpo já não tinha nem a metade d'antiga força. Os annos quebraram o conde, que andava sempre triste. Só a neta, Auzenda linda, sabia o segredo de o espairecer. Aquella, mais que filha, encerrava o seu unico amor, duas vezes o sangue da sua alma.

Na torre de menagem vigiavam os atalaias. Cruzando de um para outro lado, não faziam senão espreitar se rompia de longe a lustrosa cavalgada que se esperava em Santa Olaia. Escondeu-se o sol detraz do ultimo outeiro, o clarão da tarde desmaiou no topo da cruz, appareceu em fim a lua, sem nas campinas ao redor se avistar um só vivente.

Era no castello vespera de noivado; Auzenda, a bella Auzenda, casava com D. Moço Ansures. Estava por horas o S. João, e cumpriam-se justamente quatorze annos que os monges negros rezaram em volta da tumba d'um cavalleiro assassinado.

Pensativa ao seu balcão, por que estará Auzenda mirando a corôa do fronteiro monte? Córdova e Granada, entre mil, não contam uma perola d'igual valia. A flor do Mondego não tem par. Sorri-lhe o céu nos labios; cabellos louros são laços d'oiro que o vento ondêa; olhos azues, onde o amor suspira languido, oh! quem pudera vence-los como d'elles foi vencido!

O delgado cinto aperta no talhe esbelto roupas ligeiras, alvas de neve; no rosto rosas que desmaiam em lyrios, no bocca um riso suave, furtivo. O veu de tisso bordado, ora solto folga á briza, ora em pregas desce ao seio, palpitando. Eil-a sae com o luzir d'alva, ferindo os pés de fraga em fraga pela ingreme aspereza da serra. Boninas e cecens tecem-lhe a corôa sylvestre, pelos hombros em anneis fogem livres as madeixas. Ajoelhou-se á cruz solitaria, mãos erguidas, olhos meigos. É a oração matutina, que na fragrancia d'aurora sobe, como perfume, ao throno do Senhor. O vestido branco, desenhando as fórmas graciosas, visto de longe fluctua na vaporosa madrugada como visão, que voou do céu nos raios da primeira luz.

Ella a chegar, um cavalleiro que sae do lado opposto. Trazia brancas armas; no capello o açor do Douro, e na cotta a cruz azul e branca. É D. Moço Ansures. Aos pés da cruz oraram juntos — offerecendo a Deus aquelle amor. Elle deu-lhe um annel de prata singella, ella um laço cortado das tranças d'ouro.

— «Voltas?»

— «Dia de S. João.»

— «Tão tarde!»

— «Queres mais cedo? na vespera á meia noite.»

— « Oh! Juras? »

— « Se jurarei! — á meia noute, ou morto ou vivo. »

Separaram se. Despediu o cavallo pelas gargantas do monte até se perder detraz do ultimo outeiro. Ella ficou-o olhando ate lhe fugir da vista na distancia. Por que choram os lindos olhos se elle ha de volta? Quem sabe! Deu-lhe o coração uma pancada.

No balcão o que scismara sósinha Auzenda? Serão receios de noiva, ou saudades de namorada?

Ao cair da noute retinio a sineta n'atalaia. Donas, cavalleiros e pagens approximavam-se do castello; é a suspirada comitiva. As armas reluzentes, as plumas que o vento debruça para o rosto, os ricos tafardos de matiz scintillam ao fulgor dos fachos. O som das tropas, o latir d'atrelladas matilhas, o relinchar dos cavallos fogosos, e o vozear de cavalleiros e peões animavam o quadro mais bello.

Pela estatura de gigante o conde Ordonho sobresáe. É o carvalho velho que abriga os arbustos á sombra. O seu brado vence o ruido da confusão geral:

— « Pagens, escudeiros, fazei honra! »

A's festas só um homem falta — com elle tudo falta. As frescas horas de junho deviam traze-lo aos pés d'Auzenda — a escuridão cerrada, e elle não apparece! Do lado de Coimbra não ha rebate de mouros, as almenatas visinhas dormem em silencio; qual será o motivo da tardança de moço Ansures?

Antes d'unir á sua a mão de Auzenda o mancebo quiz justificar o seu perdão aos olhos da Hespanha christã. — A alliança unia o sangue dos duas casas inimigas; mas alli perto (podia-o elle esquecer?) não jaziam os ossos de seu pai inquietos por vingança! Não ha nome mais feio que o nome de covarde, e talvez dissessem: « Moço Ansures, o fraco! vendeu por uns olhos azues o sangue de seu pai. » Foi por isso que não quiz deixar envergonhada a boa espada. Saíu occultamente quinze dias antes do S. João. Galgou os montes, transpoz os rios, e nas ricas terras d'Andaluzia, na lide dos pelejadores de Leão tres vezes plantou a cruz de Christo nas ameias mouras. Assim é que D. Moço respondeu aos que fingiam chorar pela lança de seu tio. Mandou logo adiante o fiel escudeiro ao conde Ordonho, e o seu pagem repetiu a Auzenda o juramento feito na cruz do monte.

— « A' meia noite, vespera de S. João, eu morto ou vivo! »

Na sala de Santa Olaia resoam mil gritos d'alegria. Que luz que faiscam as malhas polidas, que reflexo que céga nos dourados capellos! Cavalleiros moços fallam d'amores, ajoelhados as donzellas que os escutam no estrado. Violas e dogainas acompanham as endeixas novas do ultimo trovador. Mais longe, no turbilhão de cem côres, no laço de mil fórmas gentis, volteam as danças, e o furtivo olhar de galantes pares promette dias parecidos com este a mais de um solar deserto.

Na vasta quadra do festim, em quanto não chegam os convivas, geme o vento nos frizos e laçarias dos columnelos delgados. A lua, alta no céu, deita pelos vidros corados uma golphada de luz mortal, que treme na ponta dos ferros encostados á sala. — De repente as trompas quebram o silencio. O clarão dos fachos reflecte, avisinha-se, e alarga o circulo orlado de sombras, que se estira no pavimento. Escanções enchem taças, circulando-as em redor. Saudes, dictos, risadas trocam se, baralham se, e confundidas vão de um ao outro extremo da mesa.

Entre os da sua raça D. Ordonho é o mais contente. A' esquerda tem Auzenda; a direita um escanho vago espera Moço Ansures. Defronte, n'outro tambem vasio, estaria o pai do noivo, se podesse deixar a sepultura. Cobre-o um grande veu de lucto.

Volteavam as danças, corriam as taças, e pelas portas patentes do alcacer, uns e depois outros, entravam monges, donas, e cavalleiros. D. Ordonho pozse de pé: — « A' paz das Hespanhas! » gritou com a taça erguida. A longa acclamação dos convivas acolheu a saude do guerreiro velho.

— « Possam como esta findar as rixas entre irmãos! »

Ainda não punha o vaso na mesa quando um grito lhe escapou. Todos olharam attonitos, e todos ficaram com as taças suspensas, immoveis como estatuas.

No logar vasio do pai de Moço Ansures de repente apparecia um homem sentado. Vestia armas pretas, antigas; viseira callada: por cima cotta negra, e n'ella bordado o açor do Douro.

Descalçou o guante direito, e tomando a primeira taça levantou a lentamente:

— « D. Ordonho, conde Ordonho, disseste bem; á paz do S. João!

Não bebeu. Derramando todo o vinho nas toalhas escorria sangue vivo. Aonde pousou o prato da taça ficou o signal de ferro em braza. Alçou então a viseira. Olhos, feições e modos todos eram do cavalleiro morto fazia quatorze annos aquella noite. As faces, as barbas brancas como o sudario em que o enterraram, lembravam que por cima lhe tinha passado o frio da sepultura.

Todos quizeram fugir, e ninguem se poude mover. O cavalleiro era Inigo Lopes, o irmão gemeo de D. Ansur. (*Continúa.*)

ROBERTO SOUTHEY.

A Inglaterra, entre outras virtudes proprias das grandes nações, apresenta a de um orgulho legitimo pelo engenho dos poetas, ou inventores, que a illustram. Roberto Southey mereceu aos seus conterraneos a honra de um monumento, cuja estampa hoje damos no Panorama, ninguem ignora que aprego acolheu a carreira de Walter Scott, e com que veneração ainda hoje se pronuncia o nome talvez mais celebre entre os insignes escriptores modernos — o nome de lord Byron, ao mesmo tempo famoso pelos infortunios e pela gloria. Em uma terra que as sabe agasalhar, as

lettras cultivam-se, vivem, e ennobrecem a reputação dos povos. Athenas e Roma, as duas maiores glorias da antiguidade, reinaram nos seculos pela civilisação intellectual, ainda mais do que pelas luctas quasi civis da primeira, ou pela ambição conquistadora da segunda.

Roberto Southey escreveu diversos poemas, no que á força querem ainda hoje chamar «o gosto romantico.» *Joanna d'Arc* foi o primeiro, e *Thaluba* o segundo poema da sua penna. A' critica dos estrangeiros não cabe apreciar as qualidades da sua metrificação, nem os dotes do seu estylo. Esses pontos são do dominio exclusivo dos censores nacionaes, familiarisados com os segredos e as bellezas da lingua natal. Mas póde se assegurar que a satyra de lord Byron, tão celebre ainda, aos bardos da Escocia, a respeito d'elle de certo foi mais que satyra, e está muito longe de satisfazer as condições da imparcialidade litteraria. O nobre poeta corrigiu depois o acerbo das primeiras iras, e mais de uma vez se arrependeu do impeto de cholera que o arrastou a esfolhar os louros de homens, que o tracto litterario fez depois seus intimos amigos.

Mas é doloroso que, em quanto a Inglaterra inscreve em jaspe, como paginas do brazão hereditario, a gloria dos mais illustres dos seus filhos, nós os portuguezes ainda não achassemos nas ricas pedreiras d'este solo um só marmore para lavrar o nome dos engenhos escolhidos, a quem devemos tanto. Negámos até agora a Camões uma pedra, uma data, e uma saudade. Esse está vingado; o mundo é o seu monumento; — em toda a parte, aonde se entenderem os magoados cantos da sua lyra, tem um padrão. Gastámos sem dôr em assarapintar de ocre e vermelhão a architectura dos templos gothicos, como vulgarmente se diz, e cisámos com avaroza algumas moedas, que tirariam de cima d'este reino a reprehensão de ingrato que o envergonha desde seculos!

Ha dias que se apagou o maior sabio dos nossos dias, o Sr. Silvestre Pinheiro; cançado de uma longa existencia de estudo e meditação desceu ao tumulo, e n'elle esfriou em fim o pensamento que tanto amou o berço natal, e que nem uma hora sequer deixou de lhe consagrar as suas vigilias. Diante da costumada indifferença, a amisade dos seus discipulos póde ser que não consiga erguer o modesto monumento, que lembre o pensador — o publicista, diante do qual a Europa se inclinou com respeito, e cujas lições (quem sabe!) o futuro nos lançará, talvez, em rosto não ter sabido approveitar. Que bello dia aquelle em que a protecção ao estudo, a veneração ao genio, e o respeito á gloria finalmente se naturalisarem em Portugal. N'esse dia esta nação tornou na realidade a ser o reino de D. Manuel e de Camões

Possam estas palavras ingenuas ser ouvidas — possam estas breves linhas acordar no coração dos que as lerem o affecto pelas nossas cousas e o amor pela civilisação, que ha instantes de desespero moral, em que parece que estão mortos e sepultados para sempre. Desgraçado do povo que passa frio e irreverente pelas memorias da sua antiga gloria — é um cadaver de que fugiu a nobre alma que o animava — a nacionalidade. Não esperem d'elle nada — era pedir a Roma imperial a espada de Roma consular, a Tiberio as virtudes austeras do primeiro censor.

Gomes Freire de Andrade.

(Continuando de pag. 6.)

A imperatriz premiou com mercês honorificas e pecuniarias os generaes e officiaes que mais se distinguiram na tomada de Oczakof. Potemkin, afóra um presente de cem mil rublos (85:300$000 réis), alcançou a grão-cruz da ordem de S. Jorge, para obter a qual, segundo se disse, havia aconselhado esta guerra cruenta, obra da emulação de potencias europeas, que levou immensidade de victimas ao matadouro. Durou a campanha cinco annos, e n'este periodo morreram o sultão Abdul-Hamet e o imperador José II; aquelle, se a fama não mente, de morte violenta, porque se inclinava á paz. Selim III, exacerbado por uma serie de revezes, e pela perda da praça de Ismail, cuja numerosa guarnição foi passada á espada, empenhou na desforra todas as forças do imperio turco, sem o demoverem de seu proposito a fome e a peste que assolavam Constantinopola, o temor de cair traspassado pelo punhal dos ulemas, que, por vezes, viu bem perto do peito, e o geste ameaçador com que um povo, pallido como um cadaver, faminto qual fera no deserto, exigia, ao clarão lugubre do incendio, que a paz viesse acabar-lhe os tormentos da fome. Exhaustos os thesouros, decretou que todos os seus subditos levassem a cunhar os moveis de ouro e prata para serem pagos os exercitos, e, como para se desaffrontar das derrotas, mandou cortar as cabeças d'um grão-visir e de outros grandes personagens, ou pela culpa de covardia e deslealdade, ou pela de temerarios. O visir Gazi-Hassan-Baxá, um dos mais fieis e destimidos servidores da Porta, que exercêra os principaes cargos sob o mando de tres sultões, poz termo á vida envenenando-se a si ou envenenado por outrem, logo depois de contrahida entre a Prussia e a Turquia uma alliança, a que este velho venerando sempre se oppuzera, bem como se havia opposto debalde á continuação da guerra, que de dia para dia causava novos estragos. Comtudo, restabelecida a paz entre a Russia e a Suecia aos 3 de agosto de 1790, e entre a Austria e a Turquia em 4 de agosto do anno seguinte, os gabinetes de Londres e de Berlin trabalharam efficazmente para congraçar a Turquia com a Russia, e vencidas algumas difficuldades quanto a ficar a ultima com a praça e districto de Oczakof, renasceram as esperanças d'uma proxima pacificação. Apressaram-na porém a declaração formal que fez a Polonia de que nunca entraria em liga offensiva com a Porta, a continuação dos incendios que em quatro mezes tinham devorado trinta e duas mil casas, e uma nova conspiração contra Selim, cercado pelos descontentes dentro da mesquita de Achmet, d'onde escapou a custo. Tudo isto obrigou o governo turco a annunciar a paz, que se concluiu com effeito em Jassy aos 29 de dezembro de 1791.

Gomes Freire, que, estando ainda na Russia, fôra promovido a tenente coronel da 1.ª Plana da côrte em 8 de outubro de 1790, e a coronel do regimento do marquez das Minas em 18 de janeiro do anno immediato, voltou a Portugal em setembro de 1793, condecorado com o habito da ordem de S. Jorge, com que a imperatriz Catharina o recompensára pela acção de Oczakof, além de lhe dar uma espada de honra e o posto de coronel dos exercitos moscovitas.

A Convenção Nacional, em sessão de 7 de março de 1793, declarou guerra á Hespanha em nome da republica franceza, e votou que o exercito dos Pyrinéus se compozesse de cem mil homens. Carlos IV, n'um manifesto de 23 do mesmo mez, recapitulando os esforços que fizera para salvar Luiz XVI, e as queixas que tinha da republica, levantou a luva; e Portugal acudiu á sua visinha e alliada com o contingente de seis regimentos de infanteria e um de artilheria, que, com o titulo de exercito auxiliar de Hespanha sob o commando do tenente general João Forbes de Skel-

later, saiu do porto de Lisboa na tarde de 20 de setembro, em quatorze navios de transporte, comboiados pelas náus Meduza, Bom Successo e S. Sebastião, e pela fragata Venus. « N'este exercito, dizia a Gazeta de Lisboa n.º 40, do 1.º de outubro, « vão como voluntarios o marquez de Niza, João Gomes da Silva Telles, o duque de Northumberland, e o principe de Montmorency; o conde de Chalons se offereceu igualmente, mas ficou detido por molestia, e intenta ir por terra: o mesmo se propõe fazer Gomes Freire de Andrade, o qual *depois de se ter distinguido gloriosamente no serviço da Russia e Prussia*, voltou aqui nas vesperas da partida do sobredito exercito, a que deve unir-se para pôr-se á testa do regimento de que é coronel. »

Esta pequena porção de tropa sustentou em toda a campanha do Rossilhon a honra do nome portuguez, e fez-se credora das distincções com que a soberana a galardoou. A granada ou a peça d'artilheria bordada no braço direito do veterano (1) deviam enchel-o de ufania, recordando que fôra elle um dos que primeiro se oppuzeram á furia dos francezes.

A primeira acção para cujo feliz resultado os nossos muito concorreram foi a de Ceret, dada aos 26 de novembro de 1796. Ricardos, general em chefe do exercito hespanhol, já não tinha communicações com a Hespanha senão pela villa de Ceret, e para o privar d'esta, Turreau, general em chefe do exercito francez, apresenta-se de subito diante da villa, e investe-a com impeto. O 2.º regimento do Porto, 1.º de Olivença, e os Freire de Andrade e de Cascaes, mal acabavam de alli chegar: cançados d'uma penosa marcha, e repassados da chuva, tomam parte no conflicto. O incessante fogo da artilheria republicana lança o terror entre os defensores da villa e ponto de Ceret; mas o conde da União faz retrocedor os fugitivos, voa em soccorro da praça, desaloja o inimigo d'um reducto que tomára, persegue-o até os seus entrincheiramentos, á frente dos hespanhoes e dos portuguezes, toma-lhe tres baterias á bayoneta calada, e recupera as antigas communicações. Gomes Freire estava servindo de brigadeiro de dia, e o seu distincto valor foi elogiado nos officios e participações do general Forbes.

Consecutivamente ganhou o exercito combinado as acções de Villalonga, e apoderou-se das praças de S. Telmo, Port-Vendre e Collioure. As portas da primeira abriu-as a traição do seu governador, depois de derrotadas as tropas de Doppet, successor de Turreau, e de terem desamparado os entrincheiramentos de Banyols-les-Aspres; Port-Vendre defendeu-se, mas a sua guarnição, privada do soccorro do exercito, queimou as munições, encravou a artilheria, e retirou-se para Collioure. O general Cuesta, para a tomar, procurou incutir o maior terror. Fez avançar de noite a artilheria contra esta praça, lançou-lhe algumas bombas e granadas, e intimou a guarnição para depor as armas, a querer salvar as vidas. O espectaculo pavoroso de tres batalhões descendo do forte de S. Telmo com archotes accesos para queimarem a cidade acabou de resolver a guarnição a render-se. No dia 23 de dezembro de 1793, depois de dezenove horas de combate, ficaram os alliados senhores de Collioure e dos seus fortes com 88 peças d'artilheria, d'um arsenal bem provido, e do melhor porto da costa. E tão deploravel foi o desbarato dos francezes, que Fabre, commissario da Convenção, não podendo reconduzir os fugitivos á refrega, diligenciou e conseguiu morrer no campo da honra. Com esta acção geral terminou a campanha de 1793.

A Doppet succedêra Dagobert, e por morte d'este tomára o commando em chefe o general Dugommier, famoso pelas suas victorias nos Alpes, e por haver arrancado Toulon das garras dos inglezes. O conde da União, general em chefe, digno de competir com elle, tinha reunido o grosso do exercito no campo de Bouló, dentro de linhas fortificadas e guarnecidas de artilheria, as quaes os francezes forçaram todavia apesar d'uma desesperada resistencia; e como todas as estradas estivessem cortadas, foram muitos os mortos, e passaram de dois mil os prisioneiros. A retirada fez-se com incrivel celeridade, por espaço de dez leguas, atravessando montanhas, pela beira de precipicios, e debaixo do fogo dos republicanos.

Ao primeiro tiro de canhão, precursor do combate, pula o coração do homem mais intrepido: desperta-se então com toda a força o instincto da vida, e o valor verdadeiro consiste em saber domal-o, conhecer o perigo, e ir-lhe ao encontro: mas passado este breve instante da lucta entre o dever da honra e a natureza que repugna á propria destruição, o que póde na peleja trocar tiro por tiro, cruzar ferro com ferro, logo perdeu, com raras excepções, o apego á vida. N'este estado de exaltação todos são destemidos. Não assim o que, medindo os perigos, está condemnado a pensar na conservação commum: n'esse requer-se uma abnegação quasi incompativel com as forças humanas. Gomes Freire tinha esta qualidade. Quando nas balas inimigas ou nas lascas despegadas das penedias voavam mortes, quando os soldados caíam de cançados ou rolavam nos abysmos, era espectaculo magestoso vêl-o, impassivel, cobrindo a retaguarda e velando na salvação de todos; nem causava menos maravilha, quando os mais dos soldados tinham largado as proprias bagagens, ver um punhado de artilheiros portuguezes levando em braços as peças pelos alcantis dos Pyrinéus.

Depois da retirada do 1.º de maio de 1794 recuperaram os francezes S. Telmo, Port-Vendre e Collioure, e a praça de Bellegarde, e em 20 de novembro deu-se a terrivel batalha da Montanha Negra, disputada dois dias, com outro de intervallo, e em que morreram dois generaes em chefe: Dugommier no dia 18 de uma granada que lhe rebentou na cabeça, estando, entre os seus dois filhos e outros officiaes, a dirigir, do cume de Montanha Negra, os movimentos do exercito; e o conde da União no dia 20, no momento de montar a cavallo na bateria de Roure para dar no inimigo á frente dos seus. Pelejou-se todo o dia 18 até anoitecer, e grande parte do dia 20: ficaram mortos perto de dez mil homens, e prisioneiros oito mil, contando-se n'este numero o 1.º regimento do Porto, que, sendo atacado por tres fortes columnas, não poude de modo algum resistir-lhes. D'aqui em diante continuou a guerra com incerta fortuna, porque se o exercito alliado obtinha de quando em quando alguma vantagem, os hespanhoes foram perdendo as suas melhores praças. A de Figueiras rendeu-se covardemente em 27 de novembro, e a de Rosas foi desamparada pela sua briosa guarnição na noite de 2 para 3 de janeiro de 1795, depois de setenta dias de cerco apertadissimo e mortifero, que immortalisou a pericia do general Perignon e a constancia sublime do governador D. Domingos Izquierdo. Entretanto D. José de Urrutia, successor do conde da União, bateu os francezes em Bascara e em Calabuix, manteve a reputação das armas hespanholas no ataque do Fluvia e outros recontros, e por ultimo na tomada do posto de Puig-Cerda e

(1) Por decreto de 17 de dezembro de 1795 se lhes concedeu este distinctivo, sendo de ouro a dos generaes, de prata a dos officiaes, e de lã branca a dos officiaes inferiores e soldados.

sitio de Belver, em que muito se distinguiram os portuguezes.

Em virtude do tractado de paz entre a Hespanha e a França, assignado aos 22 de julho de 1795, se embarcaram as nossas tropas, cobertas dos elogios dos alliados, e tendo arribado a Malaga, só puderam entrar no Tejo nos dias 10 e 11 de setembro. O Principe Regente foi vêl-as a bordo, e fez muitas mercês a militares tão benemeritos.

Gomes Freire, por decreto de 17 de dezembro, subiu a marechal de campo graduado, e por outro de 20 do novembro de 1796 passou a effectivo. Dois annos depois deu-se-lhe a commenda de Sancta Maria de Midões, tendo já desde 1781 a das Herdades de Mendo Marques, despojo ensanguentado do duque de Aveiro.

Em 1801 foi nomeado quartel mestre general do exercito d'entre Douro e Minho, e em 1806 publicou o seu *Ensaio sobre o methodo de organisar em Portugal o exercito*, com o fim d'applicar o systema da organisação militar da Suissa, combinando os cargos dos differentes ramos de administração publica, por tal modo que a defeza do estado fosse incumbida a todos aquelles cidadãos proprios pela idade e pela constituição physica para o serviço de milicia n'um determinado periodo, findo o qual, voltariam, como licenciados, a occupar-se em seus antigos misteres, renovando-se assim o exercito com pouca despeza, e habilitando-se todos os mancebos para pegarem em armas sempre que a patria reclamasse os seus braços.

Os crentes em agouros não terão deixado de notar que a epigraphe d'este livro é o seguinte verso de Horacio:

Dulce et decorum est pro patria mori.

Seria vaticinio?

(*Continúa.*)

A Companhia do Commercio das Pelles. (1).

A Companhia ingleza da bahia de Hudson alarga a sua dominação não sómente por todas as possessões britannicas n'aquella bahia; mas tambem pelo tão contestado territorio do Oregon, e até n'uma parte da California: em relação á America está quasi no mesmo caso da Companhia da India a respeito da Asia; para a aristocracia financeira e mercantil da Grã-Bretanha é um meio de estender o monopolio, e para o governo o instrumento de adquirir territorio.

A companhia da bahia d'Hudson dispõe d'um capital mui consideravel, dividido em acções; e a maior parte dos accionistas é residente na America, e vigiam pessoalmente os negocios da companhia. Os cabos ou feitores tem o titulo de socios, dirigem as feitorias, e tem direito a um vencimento equivalente a um oitavo de acção, isto é, 25:000 fr. (4.000$000 réis); aos agentes subalternos só pode competir a metade d'esta quantia, o decimo sexto de uma acção. Annualmente os principaes agentes reunem se em assembléa geral em York (alto Canadá), onde se examinam os relatorios dos agentes secundarios, se liquidam as contas da sua gerencia, se discutem e resolvem os projectos de operações para o seguinte anno, e as novas ordens que se hão de expedir aos encadores de contracto; em summa, é esta a direcção geral para tractar do augmento de fazendas para a companhia; vigiando comtudo, nos districtos que pertencem á mesma privativamente, a conservação dos castores. Todos estes relatorios são depois enviados á direcção de Londres para um exame individual.

Em virtude da sua organisação, ou faculdade constitutiva, a companhia exercita sobre todos os seus subordinados completo despotismo, direito absoluto de liberdade, vida e morte sobre todos os que andam ao serviço d'ella, quer sub-agentes e empregados, quer contractados e escravos, porque a escravidão que existe nas tribus indias é admittida igualmente em toda a circumscripção do dominio da Companhia de Noroeste.

Os cabos ou feitores tem direito de vida e morte sobre o individuo inferior que se não submetter aos regulamentos da Companhia. Estipulam, alteram, ou supprimem á sua inteira disposição os salarios dos agentes ou empregados; e fixam como querem o preço de todos os generos ou objectos de consumo, bem como das pelles de castor vendidas pelos indigenas. D'este modo realisam, tanto em compras como em vendas, lucros que não são inferiores a 300 por cento.

Os contractados, em geral natoraes da Escocia ou do Canadá, alistam-se ao serviço da companhia por cinco annos, pelo preço de 375 a 425 francos annuaes pouco mais ou menos (60$000 a 68$000 réis): mais recebem os caixeiros das postas. — Todo aquelle pessoal é armado e submettido á mais severa disciplina como tropa regular: qualquer acto de insubordinação é immediatamente punido de morte.

Cadaum caçador anda acompanhado de dois ou tres escravos. O preço de um escravo indio é de dez até vinte cobertores; é mais subido sendo escrava. Se algum morre dentro do semestre immediato á compra, o vendedor é obrigado a restituir metade do preço. O engodo da retribuição pela venda de um indigena teu tal força entre os indios que são frequentes os exemplos do pai vender os filhos.

A companhia cobriu o territorio do Oregon de feitorias e de postos militares, que servem de depositos e de pontos de reunião para os seus agentes e para os indios. Fundou a feitoria ou deposito central em *Vancouver*, na margem septentrional e quasi a 36 leguas da embocadura do Colombia, aonde chega a navegação á vela; e ao sul do mesmo rio o forte *Umoqua*, proximo á foz do que tem este nome; invadiu parte da California, e occupa uma importante posição na enseada de S. Francisco, que é das mais bellas de todo o littoral noroeste do Mar Pacifico, e onde podem entrar navios de todas as lotações. É senhora de mais de 500:000 milhas quadradas, e além d'isso de 2.500:000 milhas para leste das montanhas ditas Rocheuses. Finalmente, como se não bastára o territorio do Oregon á ambição da Inglaterra, que aspira ao senhorio absoluto no Pacifico, embora disputado; e para não ter que reccar a concurrencia da Russia nos mercados da China, a companhia da bahia de Hudson tomou de arrendamento em 1852, por dez annos, todos os estabelecimentos russianos na America do Norte, mediante o redito annual de 130 á 200 mil francos; comtudo esta convenção exclui o posto da ilha de Sitka, em a nova Arkangel, onde a Russia tem um estabelecimento mui vasto. — Como ultimo indicio demonstrador das intenções da Inglaterra quanto a esta parte da America, e de que os americanos da União se receiaram, appareceu o plano da occupação permanente do territorio do Oregon pela fundação de estabelecimentos agricolas e industriaes a par da creação de escholas practicas.

A companhia, para segurança do seu commercio, dispõe de uma pequena força naval, composta de quatro navios do alto mar, duas goletas destinadas a costear a California até os pontos russianos, e um barco de vapor, todos armados em guerra. Fundou mais nas

(1) Extracto de uma obra muito recente do major G. J. Poussin ácerca dos Estados-Unidos, e regiões adjacentes.

ilhas de Sandwich uma estação onde as suas embarcações vão tomar refresco e provimentos, e ao mesmo tempo fazer negocio. — N'estas mesmas ilhas os numerosos baleeiros americanos estabeleceram tambem, com o consentimento das auctoridades locaes, uma estação de arribada. E com effeito estas ilhas mui importantes da Oceania são as unicas que appresentam todas as vantagens de porto de abastecimento, favoravel aos interesses commerciaes que attrahem áquelles mares todas as nações maritimas.

As ilhas de Sandwich estão reservadas para um brilhante futuro de prosperidade commercial, pela sua particular situação geographica na Oceania, equidistantes da America e da China, e são a linha obrigada do trajecto dos navios europeus que vão ás Indias ou ás pescarias. Os habitantes indigenas comprehenderam as vantagens de tão excellente situação, e por isso tem procurado que a sua independencia e neutralidade sejam reconhecidas, e mandaram commissarios a Washington, a Londres e Paris, para tractarem de seus interesses, como nação livre.

A Rainha Nomahanna.

Extrahido das viagens do capitão russo Otto de Kotzbue — A new voyage round the world. —

O capitão Kotzbue (filho do celebre escriptor allemão, a quem o nosso (1) theatro deve algumas obras applaudidas, imitadas da lingua original pelos francezes, e da franceza pelos nossos arranjadores no principio d'este seculo e fins do passado), tendo apportado em Woaboa, a mais formosa das ilhas de Sandwich, depois de descrever o estado da ilha — que já então revelava (1823 a 26) um certo progresso de civilisação — e a falta do rei Tamahamaha, que morrêra deixando herdeiras do reino e do mando as suas duas viuvas — conta do seguinte modo a visita que fez á segunda d'ellas, rainha Nomahanna:

« A rainha Nomahanna, a outra viuva — diz elle — é de uma corpulencia enorme: parece ser o mais ardente apoio da propagação das sciencias na sua terra. A litteratura, isto é, o saber ler e escrever, declarou ella ser cousa indispensavel para alcançar seja que officio fôr na sua côrte, e envia os mais caducos a eschola. São tão moda as orações como a leitura, e a rainha vai duas vezes por dia á igreja n'uma especie de carreta de quatro rodas, onde não cabe exactamente senão a sua volumosa pessoa. »

« A residencia da rainha fica juncto ao forte, á beira do mar. É uma linda casa de madeira, de dois andares, edificada no estylo europeu, com janellas rasgadas, e uma sacada acciadamente pintada. Fomos recebidos na escada por Chinau, governador de Woaboa. Podia apenas andar, pelo aperto dos sapatos; e como a sua veste vermelha não tivesse sido feita para um busto tão colossal, não alcançava abotoa-la. Comprimentou-me repetindo a palavra = *archas* =, e conduziu-me ao segundo andar, onde tudo appresentava um agradavel aspecto. Desde a base das escadas até a porta dos quartos da rainha todos os degraus estavam cobertos de crianças, de adultos, e até de velhos de ambos os sexos, que, superintendidos por sua magestade, soletravam o abcedario ou escreviam em pranchas delgadas. O proprio governador trazia um livro n'uma das mãos e na outra um pequeno instrumento de osso, que lhe servia para indicar e seguir as lettras. D'estes numerosos adeptos os mais adiantados em idade estavam alli mais para dar exemplo do que para utilidade pessoal; porque, na maxima parte, estudavam, com grande affectação de applicação e diligencia, segurando o livro ás avessas. »

« A vista d'estes estudantes, dos seus estranhos trajos, insufficientes e espedaçados, tinha-me feito perder quasi toda a gravidade de que me havia provido para a minha apresentação, quando, abrindo-se as portas de par em par, fui introduzido como commandante da fragata russa. O quarto estava guarnecido ao uso da Europa com mesas, cadeiras e espelhos. Um dos lados era occupado por um leito desmesuradamente largo, ornado de cortinas de seda: no meio, sobre finas esteiras, estava estendida a rainha Nomahanna, deitada de bruços, com a cabeça voltada para a porta, e o cotovello encostado a uma almofada de seda. Duas raparigas, ligeiramente vestidas e encruzadas no chão, aos lados da rainha, lhe enxotavam as moscas e os insectos com uns ramos de pennas. Nomahanna, que parecia não ter mais de 40 annos, era uma mulher de seis pés e duas pollegadas de altura, e de pouco mais de sete pés e seis pollegadas de circumferencia; trajava um vestido de seda azul, á moda antiga; os cabellos, pretos de azeviche, tinha-os escrupulosamente penteados e puxados para o alto da cabeça, redonda como uma bolla: o nariz achatado, e os beiços grossos e salientes não a faziam seguramente uma formosura, mas no todo não tinha desagradavel apparencia. Ao ver-me pousou no chão o livro de psalmos que estava soletrando, e conseguiu assentar-se, auxiliada por todos os que a rodeavam; dando-me então a mão com um gesto infinitamente amigavel, e pronunciando muita vez a palavra = *archas* =, convidou-me a sentar-me n'uma cadeira ao pé de si. »

« Disse-me que era christã. A razão que tinha tido para adoptar esta crença era haver-lh'a dado pela melhor de todas o missionario Bengham, que lia e escrevia perfeitamente bem. Depois, não via ella que os americanos e europeus, *todos christãos*, levavam muito a palma aos seus compatriotas? Concluia d'isto por tanto que a sua religião devia ser mais razoavel. »

— « No fim de contas — accrescentava ella — se esta nova fé não convier ao nosso povo . . . está acabado . . . mudamo-la? »

Na segunda visita, Kotzbue foi dar com a rainha a jantar. Estava tambem de bruços sobre esteiras finas defronte d'um grande espelho; tinha diante de si um semicirculo de pratos de porcelana, que os circumstantes lhe iam successivamente appresentando, e cujo conteudo engolia vorazmente, em quanto uns rapazinhos lhe enxotavam os mosquitos com umas vassouras de pennas. É inaccreditavel o que ella comia: era bastante para fartar seis homens, seis russos, diz ingenuamente o capitão.

Quando acabou, aspirou duas ou tres vezes com evidente difficuldade, e exclamou:

— « Comi bem! »

Depois voltou-se de costas, ajudada pelos que eram presentes, e acenou a um latagão como um Hercules, que parecia estar alli para algum fim. O latagão deitou-se immediatamente a ella de pés e mãos, e poz-se a calca-la e recalca-la como se amassasse pão era para facilitar a digestão, diria aquella gente.

Tendo gemido o seu pedaço com esta rude operação, descançou alguns momentos. Mandou depois que a tornassem a voltar, e começou novamente a comer como d'antes.

---

(1) Kotzbue foi o primeiro que introduziu o que os francezes chamam *drame larmoyant*, peças familiares, que iam buscar todos os seus effeitos a uma sensibilidade muitas vezes exaggerada e affectada. Este genero de composições teve grande voga, e o poeta allemão tractou-as com uma superioridade incontestavel.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DE JESUS.

O convento de Nossa Senhora de Jesus é um edificio regularmente construido no estylo moderno; o architecto Joaquim de Oliveira foi quem deu o desenho da fachada, e do seu espaçoso adro. Como se póde vêr na estampa, que d'elle damos, é decorado de pilastras de ordem jonica sobre outras de ordem dorica; e a empena ou frontão aparta se da usual fórma triangular. Collocado em um logar eminente, com o largo diante descendo em rampa para o sul, offerece a apparencia de elegante magestade, por que entre muitos se realça.

A fundação d'esta casa religiosa é antiga. Em 1583 vieram de S. Simão d'Almada os padres que o povoaram; a obra principiou com licença do senado da camara, e por provisão do arcebispo D. Jorge de Almeida; por dezeseto annos se viu obrigada a luctar contra o odio dos frades menores, que se lhe oppuzeram, não poupando esforços nem enredos para a atalhar ou impedir. O edificio levantou-se em um sitio denominado o Valle da Esperança, aonde Luiz Rodrigues de Pedroza e sua mulher tinham uma ermida e um cardal, de que fizeram doação aos religiosos; e estes muito depois, para alargarem o edificio e a cerca, e para romperem a rua nova de Jesus, desde o largo da igreja até a calçada do Combro, compraram diversas propriedades e terras contiguas ao seu mosteiro, com auctorisação regia, concedida no alvará de 1623.

Com o terremoto de 1755 desabou a maior parte do edificio, e á pressa se armaram barracas na cerca para os padres se recolherem no meio das ruinas da passada habitação. Decorridos alguns annos, o provincial Fr. José de Sancta Rosa Teixeira applicou o maior zelo á reedificação; mandou cobrir a abobada do templo e adornar a igreja; preparou os dormitorios, e erigiu desde o alicerce todo o cunhal da frontaria, e a escada principal. Ao douto Fr. Manuel do Cenaculo, eleito em 1768, é devido o actual frontispicio; e no seu triennio se completaram muitas obras imperfeitas. A excellente casa da livraria, do que se attribuem as pinturas do tecto a Cyrillo Machado, foi empreza sua. O padre Sarmento, traductor da Bi-

blia, e o padre Mayne, confessor de D. Pedro 3.º, tambem accrescentaram varios melhoramentos, tanto ao corpo da igreja, como ás diversas officinas. É do padre Mayne a instituição do gabinete de historia natural, hoje reunido ao museu que veio da Ajuda; a dotação da cadeira de zoologia, ainda conservada pela Academia das Sciencias; o gabinete de medalhas; e a galeria de pintura.

N'este edificio existem algumas obras de innegavel merecimento, e á sombra das suas paredes floreceram os mais sabios e virtuosos varões, entre os quaes, pela charidade evangelica, sobresaíu o verdadeiro apostolo D. Fr Caetano Brandão. Depois da extincção das ordens religiosas estabeleceu-se no Convento de Jesus a Academia Real das Sciencias, e tomou posse das preciosas collecções de que os frades tiravam gloria, e ainda hoje, com motivo, as lembram como prova do seu amor ás lettras e ás artes.

O Castello de Sancta Olaia.

Lenda do seculo XI.

Fragmentos.

(Continuado de pag. 3.)

III

Como do noivado saíu o enterro.

Era meia noite em ponto. A sineta da ermida tocava tres dobres compassados.

Ao primeiro, suspenso na carreira estacou o turbilhão das danças. Homens e damas, immoveis, com os esbeltos grupos, ainda pareciam querer voar.

Ao segundo, o som calou-se nas violas e alaudes. A ultima nota tremeu solitaria nas profundas arcarias. Eram mudas as chordas, e surdo fugia o sopro nas trompas. A cantiga dos jograes, sem elles saberem, levantou de repente o tremendo *dies iræ*, retumbando em longo echo.

Erriçavam se os cabellos de terror.

Ao terceiro dobre gemeu o castello nos alicerces, como se abalasse com o furacão. Jogavam os eirados, as torres vacillavam; mas o encantamento desfez-se pelo condão de um sancto eremita. Tudo isto levou um abrir e fechar d'olhos.

E o cavalleiro negro? Ainda dobrava o sino quando desappareceu.

Que susto, que pavor não houve? Uns a correr, outros gritando, e todos que não se entendiam! Quizeram fugir, acolher-se ao terreiro; atraz d'elles fechavam as portas sem ninguem as mover; diante cerrou-se o portal sem ninguem lhe tocar, e a ranger nas correntes alavam as levadiças mãos invisiveis.

Ai, noite de S. João, noite azaga! Os lindos olhos, que por ti choraram, valiam reinos; a alcachofra, ardendo em esperança, não arrelentou flôr ao orvalho lento; e o teu palmito, negra sina! não desfolhou em vez de rosas mais que ramos de cypreste em leito de noivado.

Nos paços do conde quem atinava se o poder dos infernos estava sobre elles? O suor frio corria das faces aos cavalleiros; o tremor do corpo tinta a espada contra a espora. A pouco e pouco raiou uma pluma de fogo na escuridão; cresceu, alargou, e em nuvens de fumo sobem das torres cardumes de chammas. Jesus! acudi-lhe! Todo o castello está a arder.

E as portas cerradas, e os eirados altissimos, e o fosso tão fundo!

A lua tornou a romper, espelhando o clarão no rochedo talhado a pique um tiro de setta do alcacer. Rebentadas alli, a sombra do choupo antigo, ferviam as aguas nas fragas, despenhando em cachão na ribeira, que lá em baixo, a muitas braças funda e arremessada, bramia entre penedos broncos.

Aonde estará D. Ordonho, conde? — aonde estaria senão aos pés d'Auzenda. Com ella desmaiada nos braços, as chammas açoutando-lhe o rosto, voou, não correu, de andar em andar até o terreiro. Olhou, viu tudo cerrado, as lavaredas crescendo, e pedra por pedra o castello que ia desabar. Os cavalleiros sem falla escondiam as envergonhadas lagrimas que a dôr arranca ao coração.

— « Erusigis, escudeiro, a minha acha adamascada, elama o senhor de Sancta Olaia. Este pulso ainda pode com ella. Houve tempo que nem diamante o quebrantava. »

— « Aqui, tudo aqui »; gritou depois em grande brado.

Outra vez palpitou a esmorecida esperança.

Levantam as achas. Golpe de cem machados, vigor de tamanhos braços, ancia de desesperação mortal quebraram juntos na massiça porta. Gemeu o roble no monte, feriu lume o ferro, e os gonzos não cederam! No castanho chapeado nem signal dos finos gumes! Os machados, partindo em rachas, lascaram até o cabo.

Por cima do alarido ouviram-se estalar risadas roucas. Deitou D. Ordonho os olhos áquella parte, e viu surgir na corôa das rochas o cavalleiro negro. Espumava a cascata aos pes do cavallo. A direita brandia um facho, e na esquerda a redea mal continha o corsel, mãos no ar sobre o abysmo.

— « Conde Ordonho, a fogueira do S. João faltava á tua festa. Ahi a tens digna d'um rei. Pago assim as arrhas do noivado. »

— « Cão maldicto! »

— « Lembre-te Ansur, morto faz hoje quatorze annos e um dia. O sangue da tua raça nem chega para vingar o sangue d'elle. Cumpra-se o voto de Inigo Lopes.

E como se o inferno o assoprasse, atea-se o fogo aonde não ardia, e mais lavra ainda nas outras partes. D. Ordonho ajoelhou. No hombro reclina-se desfallecido o bello corpo d'Auzenda; as faces d'alvura do lirio encostadas á tez queimada do velho; as tranças folgando entre as madeixas brancas, e nos olhos languidos, meios fechados, quasi expirando a doce luz da vida.

— « Castigai-me, Senhor, dizia o conde; mas esta innocente que logre os verdes annos. Não fez crime para acabar tão cedo, e de tal morte. . . . ea a ra cabeça do peccador a espada da justiça — pouco tenho já a viver; e do mundo, ai! não levo mais que esta saudade! »

E apertando ao coração a neta, duas a duas lhe saltavam as lagrimas como punhos. O que não daria o senhor de tantos castellos e vassallos por alguns palmos de terra, por uma respiração a fresca brisa da noite, que refrigera o escravo nas pedras dos serres visinhos!

O conde ergueu se logo. Tinha tido um instante de fraqueza. Alma de soldado verga, mas não quebra.

A maior dôr calou-se diante da sua dôr; o pranto deixou de manar diante d'aquelles olhos enxutos: e o mais animoso estremeceu, vendo, muda e só, passar a vingança. Ei lo vai o velho fronteiro; tem capello nem arnez lhe cobre a fronte, ou veste o corpo. No rosto leva a morte escripta. A orbita ensanguentada reluz chamma terrivel — os labios brancos, convulsos, suffocam o extremo suspiro. Deixai-o ir, é o castigo de Deus; — inclinai-vos, e o sancto amor de pai!

A aguia real ferida não cedeu. Ainda sobe a ultima vez com a flecha varando o peito. Que fogo na vista immovel, que fria raiva no vôo lento! oh! guarde-se o falcão — primeiro morrerá que o rei dos ares!

Toldou-se o céu, a lua escondeu-se, e nas alturas o vento bramiu profundo. Até ao longe nos plainos e nos outeiros o clarão do incendio tingia campinas e casaes. No castello o fumo, ora fechando em cortina espessa, ora rasgado dos furacões, rompendo em rôlos, entre faiscas como espadas; as aguas espadanando nas fragas; o relampago lambendo a corôa dos montes; o trovão estourando em estampidos medonhos; que espectacolo de terror para todos, de admiração sublime para tão poucos!

A aza da tempestade varria a face da terra; quem é o vulto, encostado ao arco, no alto da torre albarran? Tremem-lhe aos pés as lageas abrazadas, e não as sente. Sobre a cabeça, cruzando os dardos, fogem; amiudam mil scentelhas, e não as vê. Ao lado o fragor dos madeiros estalando, o gemer das paredes que abatem, e não acorda. Passa, rugindo, o temporal pelos cedros e estronca-os; o raio fuzila, lascando a montanha; as torrentes são rios caudaes: — qual é o escudo do filho do homem que não vacilla?

A desesperação! Que lhe importam ao desgraçado as ameaças do céu ou as ruinas da terra? Nas mãos queima-lhe a taça do fel — no coração tem a peior morte — a morte d'alma. Chorem por elle os que podem chorar ainda — ha poucas dôres como foi aquella dôr.

D. Ordonho, o conde, o senhor de sete castellos, a lança de vinte cavalleiros, o pendão das terras de Coimbra morreu em vida. A torre de seus avós foi o jazigo aonde se enterrou com as suas armas o ultimo filho de uma grande raça.

Saín-lhe emfim do peito um rugido semelhante ao furacão, abysmando-se nas cavernas da terra. Pelas faces correu a livida côr da ira. Encorvou-se o arco, vibrou a corda, e a vista accesa mediu a distancia. Ai do que receber o tiro! A setta escrava espera um aceno para se despedir livre, sibilando ao alvo.

De repente tres vezes estoura o trovão, e tres vezes o fogo do céu illumina os valles e os campos. Sôa o galope d'um cavallo; e raspando as fragas do monte a ferradura d'aço retine ao longe. Armas brancas, capello sem viseira, no peito o açôr do Douro, na cotta a cruz azul? Será D. Moço Ansures? A' claridade do relampago, á luz do facho do cavalleiro negro viram o corsel ennovelar-se estacado na aresta do precipicio; os pés já descaem pelo declive aprumado. Cavallo e cavalleiro banhados em suor, suspensos por um fio, arquejam tremendo a sezão do perigo.

O que D. Inigo lhe diz, o que elle responde, ninguem o ouve — o vento bramia, e fallavam manso. Pouco depois, com o ginete empinado meio corpo na voragem, D. Moço exclama:

— «Foge, mais as tuas vinganças; maldicto o nome que te deram no baptismo. Renegado! trocas pelo inferno o paraizo! — Antes a morte que ter sangue do teu sangue!»

O renegado não replica. Atira o facho ás aguas. Já tinha a espada sobre D. Moço, já o golpe descia, fuzilando nas trevas, e... assoviou uma setta; expira a blasphemia na bocca do maldicto: e o mancebo mal percebe rolar o homem aos pés do ginete, torcer os dedos nos ramos do choupo, e resvalando o corpo, dobado nos ares, batendo nas rochas, enterrar-se nos cachões da cascata, d'onde espirra a grande altura escuma e sangue.

Na torre do alcacer resoam ao largo brados de triumpho. Por instantes, soltos ao temporal que os espalha, fluctuam os cabellos do conde Ordonho. A estatura gigante avulta, cosida nas chammas, immovel, magestosa. Depois, com grande fragor, abateu-se a torre, as quadrellas voaram soltas, as traves accesas girando remoinham sobre si, e d'entre os estroços, como em leito tranquillo, o velho guerreiro, sacudindo o pendão no braço, parecia desafiar ainda com os leões victoriosos. Honra ao que morre sem virar o rosto, amortalhado nas suas armas, envolto no seu pendão! Ao cabo d'oitenta annos de pelejas o fronteiro de Coimbra desceu armado a sepultar comsigo a raça orgulhosa de rio d'Ave. Do alcacer ficou só a torre que além vemos, e aquella ermida aonde jaz o pó dos ossos de D. Ansur.

— «E D. Moço?» perguntou Martim Paes. «E Auzenda?

D. Moço, continuou o monge, vespera de S. João, como promettêra, corria já de noite caminho de Sancta Olaia. Ainda longe do alcacer deu-lhe nos olhos o resplendor do incendio. Teve um presentimento. Crava esporas no cavallo, despede a carreira por torrentes, por cabeços, por fragas alcantiladas. A tempestade a rebentar, e o ginete sem se deter. Mais ao perto viu distinctamente o castello arder. Novo estimulo, e corrida mais veloz. Já, sem saber por onde, na escuridão sentiu o cavallo parar e tremer, o luzeiro d'um facho cegar-lhe a vista, e lá em baixo, muito fundo, quebrarem as aguas com grande motim.

O que então succedeu já eu contei.

Mal expirou D. Inigo desfez-se o encanto; e D. Moço procurou Auzenda. Quando chegava quiz beijar-lhe as mãos; a bocca recuou dos dedos frios de neve. O seio já não arfava, os olhos não viam. Levaram-na á ermida; puzeram-lhe a corôa de rosas virginaes, e a terra comeu de quinze annos aquella formosura, inveja das Hespanhas.

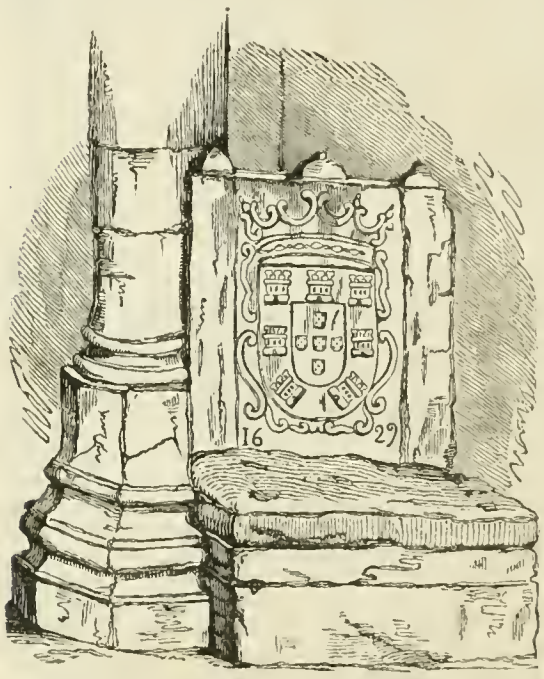
Uma hora só nunca mais deixou de travar a D. Moço a amargura da separação. A saudade matou-lhe os prazeres. Arrumada a lança, encostada a espada, nunca mais os seus joelhos apertaram o fiel cavallo das batalhas. O que iria fazer agora aos combates? Se a gloria não tinha já a quem a dar; se a patria... oh! talvez essa!... nem já por essa aquecia o gelo d'aquelle coração. Sombra do que fôra, o que fazia o desterrado n'este valle de lagrimas? Amor, ambição, esperança vira as morrer junctamente com a flôr dos seus annos na cruz em que penava.

Como o carvalho, que as aguas minaram, debruçava os ramos nús sobre o oceano da vida; e vendo fugir outras arvores com as ondas, e vendo as rosas palpitar arrebatadas na corrente — perguntava: Oh! quando será tambem para mim a hora desejada?

Na ancia das veladas noites, ao amortecer da lampada sentia a dôr mais viva recordar-lhe o que perdêra. Que espinho cruel é a memoria! Sobre a madrugada (seria mysterio?) o somno pousava-lhe de leve nas palpebras molhadas de lagrimas. Acordava sobresaltado, nem dormira instantes. O delirio dos sentidos mostrava-lhe então ao pé do leito a imagem que trazia no coração — era ella; via a como nos dias da sua belleza; a mesma grinalda de flôres do campo sustendo os cabellos louros; as mesmas roupas alvas desenhando fórmas divinas. Os olhos, brincando-lhe o raio do vivo amor; os labios a sorrir, abrindo como rosas, fallavam, mas não se ouviam. No dedo o annel dos esponsaes — aquelle que, havia um anno, ambos trocaram no cruzeiro da serra, a despedida. D. Moço, correndo, queria estreitar a visão ao peito, e no aperta-la apertava só o ar. N'estes tormentos enfezou, que não viveu, mezes sobre mezes, até que dous annos, contados da noite fatal, morreu no pobre mosteiro aonde se retirara.

Ao amortalha-lo, acharam-lhe os monges um laço

de cabello sobre o coração, seguro nos dedos hirtos. Por mais que fizessem não lh'o puderam tirar. Pelo quarto d'alva, os que velavam ao lado da tumba adormeceram, e um que jazia em oração contou depois que víra apparecer uma dama, formosa como os anjos, e ajoelhar-se chorando sobre a cova; de dentro saír um braço; e ella, com a mão apertada na do morto, cingir lhe na testa a sua corôa de cecens. Um guerreiro de armas negras, rodeando, sem o romper, o circulo luminoso que a cercava, tres vezes tentou quebra-lo, e outras tantas, retirando o pé, vergar sobre o joelho, arrastada a face no pó do templo. Era o noivado dos mortos entre Auzenda e D. Moço Ansures, — e a sombra de Inigo Lopes, que ainda perseguia implacavel o sangue do conde Ordonho.



UM MONUMENTO NA SE' DE LISBOA.

Padrão de diversas idades, a Sé de Lisboa, sem caracterisar absolutamente nenhuma, tem herdado de todas. Vê-se que a mão dos seculos lhe deixou gravado o sello particular de cada um; mas debalde se procurara encontrar no seu todo aquella perfeita revelação que denuncia para logo aos olhos do observador o genio de uma epocha.

Todavia no interior do templo da Sé parece revoar, na solemnidade dos seus magestosos destinos, o espirito da religião. N'aquellas feições heterogeneas ha o que quer que seja que infunde respeito — n'aquellas reliquias augustas, legadas pelas gerações ás gerações, como que se estampou o mysterio de uma crença divina.

Será porque n'essas paginas de marmore, apesar de desordenadas, vive, se não uma historia completa, ao menos a memoria de muito feito glorioso? — será porque a voz dos nossos maiores nos esteja alli fallando de cada pedra, posta pelo braço das eras successivas?

Não sabemos. Sabemos só que o templo é dos raros que ainda hoje fazem impressão no espirito dos que o visitam. Assombra ainda o seu aspecto grave e severo — reputamo-nos pequenos alli porque nos achamos, não entre homens, mas entre sanctos; não entre as turbas de hoje, mas entre as raças desapparecidas.

Pois as lendas e as tradições que lá vivem ainda!

A poesia solemne do passado escreveu tambem n'aquellas paredes os seus disticos mysteriosos, a par dos emblemas symbolicos da architectura.

E quantas testemunhas do que é ido avultam ainda alli, desprezadas e ignoradas, no sancto recinto! Não terão ellas uma significação, não representarão uma idéa, não se involverão n'um pensamento como n'um véu preservador?

Infinitos objectos d'esses podiamos appresentar: entre elles indicaremos agora um só — a cadeira de pedra, que se póde ver no claustro das capellas chamadas affonsinas, á direita do altar mór, e que hoje damos copiada na nossa estampa.

Tem a data de 1629. A sua historia está reduzida sómente a conjecturas. Corre que um rei D. Affonso alli vinha assentar-se para dar sua audiencia, e administrar justiça. Ha tambem quem pretenda que fôra mandada pôr n'aquelle sitio por elrei D. Affonso VI.

A data que se lhe lê oppõe-se evidentemente á segunda opinião. Em 1629 ainda D. Affonso VI não era nascido. O mais proximo rei d'este nome é por tanto D. Affonso V. — Affonso V porém viveu muito antes de 1629, e ainda n'este ponto a data vem inexoravelmente repellir a tradição: no seculo XV não era já uso administrar justiça senão nos paços e tribunaes.

Resta por tanto, na nossa humilde opinião, uma só probabilidade.

O costume de irem os reis, ou chefes do estado, ouvir os povos nas cathedraes, ou ás portas d'ellas, é anterior e, só por algum tempo, contemporaneo da monarchia. Quem nos affiança que este pequeno monumento não seja obra dos primeiros soberanos? A data que se intenta dar como prova da sua origem não póderá porventura ter sido alli posta como indicadora do seu reparo?

E este, cremo-lo, o unico modo de harmonisar as provas da historia com aquella demonstração; tanto mais quanto outras razões vem ainda reforçar esta opinião.

A capella mór da Sé, como todos sabem, era antigamente rota para todos os lados. Não se tinham construido os claustros actuaes, e o altar mór vinha por tanto a ficar erguido e solitario no meio d'uma ampla quadra. Combina por tanto esta circumstancia com a tradição; e é provavel que já n'essa epocha alli estivesse aquella cadeira. A sua posição á direita do altar, no centro d'um grande espaço, parece justificar o uso patriarchal que lhe é attribuido.

Memoria mysteriosa d'outro tempo, talvez reliquia veneranda da robusta adolescencia de um povo, nas suas practicas mais respeitaveis — o antigo monumentinho lá está ainda a segredar-nos ao ouvido o que quer que seja d'aquella grande vida dos antepassados, tão cheia, tão activa, vivida tanto as claras...

Tão diversa da nossa vida de hoje — recatada, disfarçada; gangrenada por dentro, polida por fóra; no intimo tempestuosa, uniforme no exterior!

Lá está: escapou a invasão do camartello devastador. Não se lembraram ainda d'aquella pedra para... para *apprecita-la* n'uma sacada de agua furtada, como aconteceu á lousa do conde Andeiro em S. Martinho; ou em supporte de caruiça, como succedeu ao templo de Diana em Evora, convertido em açougue, por graça de um muito proveitoso e approveitado barbarismo.

Lá está com effeito. Valeu-lhe talvez a sua peque-

nez para evitar a sanha dos nivelladores, e o destino de mais de um seu irmão e coevo no recinto do templo.

Pois que! haviam de consentir elles uma pedra escura e feia — quer dizer, augusta e veneranda — a macular aquelle regallado alvejar da cal e do gesso. Isso sim, isso é que é formosura: que lhes vão lá dar cousa mais para ver-se e admirar-se do que um muro bem branco' e bem liso! O amarellejar humido das arcadas, o aspecto melancholico e grave das frontarias, aquelle respeitavel e augusto testemunho dos seculos, que parecem assentar-se nas cornijas vestidas de heras, como no seu throno natural, e vão acordar no fundo d'alma tanta memoria, tanta impressão, tanta idéa — isso que importa? — Que o ardente respirar d'omas e outras e outras gerações, que vieram ajoelhar ante aquelles monumentos e passaram e caíram, tenha colorido pouco a pouco essas pedras — vale isso porventura alguma cousa? São antigualhas, são velhices, são ninharias. *De rebus minimis non curat Prætor.* O nosso seculo é essencialmente alindador e economico. Elegante e *confortavel*, com uma das mãos estende caminhos de ferro e lavra cadeiras á Voltaire, com a outra varre do solo os monumentos, que lá tinham deitado raizes, porque..... porque lhe impedia as vistas. Varre-os; e se os não varre, caia-os, que é talvez peior ainda.

Não ralhamos dos caminhos de ferro e cadeiras á Voltaire, Deus nos livre; mas não podemos deixar de bradar alto contra o vandalismo e a barbaridade.

Tornando ao nosso monumentinho, pela terceira vez repetimos com o alvoroço do deseostume:

Lá está.

Se figurasse em logar mais apparente ter-lhe-ia já acontecido provavelmente como ás columnas do templo, suas irmãs talvez, de marmore antigo e precioso, e hoje *elegante e confortavelmente* cobertas d'uma camada de estuque — ter-lhe-ia acontecido como aos antigos capiteis, que a esculptura morta havia recamado laboriosamente de finos lavores, e que a mão dos restauradores esclarecidos e intelligentes, com o fim seguramente de fazer começar uma nova era para as artes, escondeu, depois do terremoto, n'uma economica e agradavel capa... de gesso civilisador?

Muito e muito mais poderiamos aqui dizer. Paraemos por em quanto com uma só observação.

Por que será que o seculo actual, desenvolvendo espantosamente na sua rapida acção todas as cousas que dizem respeito ao materialismo da vida, tende constantemente a annullar a influencia de todos os objectos que podem favorecer as inspirações do espirito?

Resolva quem quizer o problema.

GOMES FREIRE DE ANDRADE.

(Continuando de pag. 13.)

CARLOS VI, ou o seu ministro e valido D. Manuel Godoi, duque de Alcudia, agradeceu o auxilio prestado, havia pouco, na campanha do Rossillion, fazendo-se instrumento da vingança de Buonaparte contra Portugal, a qual este guardára para occasião opportuna desde o momento em que, oppondo se aos seus intentos a esquadra do marquez de Niza, já em Malta, já diante de Alexandria, lhe arrancou o despeito estas palavras, consignadas n'uma ordem do dia ao exercito do oriente: «Virá tempo em que a nação portugueza pague com lagrimas de sangue a affronta feita á republica.» Vendo-se Buonaparte primeiro consul, começou a lançar os alicerces do systema continental, e pouco depois do tractado de Luneville fez um pacto secreto com a Hespanha, e instigou-a a metter em Portugal um exercito commandado pelo mesmo Godoi, mais conhecido pelo titulo de principe da Paz, que a vaidade induzia a querer passar por habil general. E de feito, n'esta campanha de 1801, que achou Portugal desprevenido e privado dos soccorros d'Inglaterra, custou a obstar aos progressos do inimigo com tres pequenos exercitos, e só o marechal Gomes Freire, commandante do de Traz-os-Montes, se havia animado a fazer guerra offensiva entreprendendo a praça de Monte-Rei; plano que falhou por estarem os hespanhoes avisados, sem que estes, todavia, nem mesmo depois da retirada que o marechal havia feito para não ficar cortado, se aventurassem a pôr o pé no territorio portuguez por aquella banda. A pouca probabilidade da defeza havia pois feito appellar para as negociações diplomaticas, em que se gastaram muitos milhões de cruzados até o anno de 1807. Em 1804, novas ameaças por parte da Hespanha exigiram novos sacrificios; e assim continuou Carlos IV, sempre em genuflexão diante do primeiro consul ou do imperador Napoleão, a inquietar o seu antigo alliado. Por ultimo houve-se com a maior deslealdade no tractado de Fontainebleau, pelo qual Napoleão repartiu, como cousa muito sua, o reino de Portugal e os seus dominios, á excepção das provincias da Beira, Traz-os-Montes, e Estremadura portugueza, que deviam ficar em sequestro até a paz geral, porque o imperador e o rei de Hespanha *as julgavam proprias para ser restituidas á Casa de Bragança*, em troca das colonias conquistadas pelos inglezes aos hespanhoes e seus alliados. Por este tractado davam-se a Godoi o Além-Tejo e o Algarve, com o titulo de principe dos Algarves; ao rei da Etruria a Estremadura, Minho, e a cidade do Porto, com o titulo de rei da Lusitania septentrional, obrigando-se a ceder a Napoleão o reino da Etruria; e ao rei d'Hespanha o titulo sonoro e ôco de imperador das duas Americas. Um exercito de vinte e oito mil francezes, reforçado por onze mil hespanhoes, havia de vir apoiar a espoliação occupando Lisboa, ao mesmo tempo que duas divisões hespanholas se apoderariam das provincias d'Entre-Douro-Minho, Além-Tejo, e Algarve. Por conseguinte, um exercito de trinta mil homens, capitaneado por Junot, entrou em Portugal, auxiliado pelas divisões dos generaes hespanhoes Taranco e Solano, e a marchas forçadas veio bater ás portas de Lisboa na manhã de 30 de novembro de 1807, um dia depois da saida da familia real para o Brasil. Estava por esse tempo Gomes Freire (tenente general desde 12 de setembro) commandando uma divisão ao sul do Tejo, e no meio do geral desalento ainda tentou ver se obstava á invasão, cujo primeiro resultado foi o dividir Junot o reino em tres grandes districtos militares, reservando para si o governo da Estremadura e Beira, e deixando a Solano o das provincias ao sul do Tejo, e a Taranco o do Porto, Minho, e Traz os-Montes. O marquez de Alorna, e Gomes Freire conservaram o commando das tropas portuguezas existentes nos districtos de Junot e de Solano, e foram encarregados de as reformar, e de reduzir a seis os vinte e quatro corpos de infanteria, e a tres os doze de cavallaria de que então se compunha o exercito portuguez. Feita a reducção, marchou a Legião Portugueza nos principios d'abril de 1808 em direcção a Salamanca, levando por commandante em chefe o marquez d'Alorna, e por seu immediato o tenente general Gomes Freire. Entre os officiaes foram fidalgos da primeira nobreza, e homens de alto merito, que chegaram a occupar os principaes cargos na patria; alguns, talvez, porque não puderam eximir-

se; outros, é licito crê-lo, deslumbrados pelo esplendor das victorias do conquistador da Italia.

A infidelidade de Carlos IV já então estava punida. Fernando VII, seu filho, usurpou-lhe a corôa em fevereiro d'esse mesmo anno; o rei deposto buscou o patrocinio de Napoleão, e Fernando, afim de tornar este propicio á sua causa, pediu-lhe para casar uma princeza do seu sangue; porém Napoleão, como fino politico, attrahiu pai e filho a terras de França, forçou-os a cederem-lhe todos os direitos ao reino, e mandou Carlos desterrado para Compiegne, e Fernando para Velençay; procedimento que irritou os patriotas hespanhoes, e lhes inspirou odio indomavel aos francezes, aos quaes principiaram logo a tractar como inimigos da sua liberdade e independencia. Por esta razão, Gomes Freire, que ficára alguns dias atrazado da Legião na marcha para Bayonna, tomou em Logrono, por ordem do marechal Bessieres, o commando de uma força portugueza, á qual se reuniram tropas francezas, que elle igualmente ficou commandando até o fim do primeiro cerco de Saragoça, levantado aos 15 d'agosto de 1808, porque os francezes, apesar de entrarem a cidade, acharam uma resistencia sem exemplo nos tempos antigos e modernos. Acabado o cerco, vieram as tropas n'elle empregadas para o Delphinado, e Gomes Freire foi por Bayonna a Paris, e d'ahi para Grenoble.

Nova guerra entre a Austria e a França proporcionou a parte das tropas da Legião o assignalarem-se muito, debaixo das ordens de Oudinot, na vespera da batalha de Wagram, sustentando a pé firme uma posição que os francezes, rarcados pela metralha de duas baterias austriacas, haviam desamparado em vergonhosa debandada, cobrindo-lhes a covardia o véu da noite, quasi a cerrar-se, engrossado pelos vapores do Danubio. Os dois batalhões que deram este irrefragavel documento do valor e disciplina combateram com muito brio no dia da batalha, e mereceram que o proprio Napoleão, juiz o mais competente, dissesse ao conde da Ega: «Senhor conde, estou muito satisfeito com os portuguezes: sempre pelejaram com muita galhardia n'esta guerra, e, de certo, não ha na Europa melhores soldados do que elles.»

Gomes Freire só em fevereiro de 1809 teve ordem de partir para a Allemanha, onde permaneceu até maio com as tropas pertencentes á Legião, as quaes, restabelecida a paz, acompanhou para os seus alojamentos na Baviera; e tendo Napoleão decretado a reunião do cantão de Valais, tambem foi tomar posse d'elle com tres batalhões portuguezes, mas esquivou-se de servir no exercito de Massena, empregado contra Portugal em 1810.

Alexandre, imperador da Russia, que, ainda em 1809, aceitára das mãos de Napoleão uma boa porção dos despojos da Austria, colligou-se contra elle em 1812, e o compelliu a emprehender, á frente de quinhentos mil homens, a fatal campanha da Russia, em que a Legião portugueza acrisolou o seu denodo, nomeadamente na tomada de Smolenko, e batalha de Moskowa ou Borodino, mas d'onde veio reduzida a setecentas e cincoenta praças, tendo levado de Portugal nove mil homens, com que se incorporaram quatorze mil recrutas tiradas dos depositos de prisioneiros hespanhoes!

O tenente general Gomes Freire havia ido para a Russia, com o estado maior de Napoleão, e ficou na Lithuania governando a provincia de Disna até o tempo da retirada, em que voltou para França. Caido em terra o colosso, ante o qual os reis da Europa queimaram incenso de joelhos, para que o imperador, homem do povo, ungido com o sangue da victoria, lhes não arrancasse as corôas da cabeça, tractou Gomes Freire de regressar a Portugal, e escreveu para este fim uma carta a seu primo Antonio de Sousa Falcão, a qual trasladamos por dar a conhecer o seu estylo, e revelar um presentimento da sorte cruel que o esperava:

Paris 2 de fevereiro de 1815

«O teu sermão, bem longe de me adormecer, despertou-me! o que a estas horas já terás visto pela minha carta de 20 de dezembro, n.º 8, em que te digo que estou resolvido a voltar quanto antes a Lisboa, no caso que os senhores governadores queiram ter a bondade de auctorisar algum negociante para acceitarme uma lettra de quatro mil crozados, segurando se-lhe que será paga logo que se me entregue o dinheiro, que se acha no erario, das rendas de minha casa; e por tanto se for deferida a minha supplica, lá me tens por todo o mez de abril.»

«Achei muita graça ao teu sonho, e fez-me tanta impressão que sonhei outro na mesma noite, que te vou contar, e em que acharás talvez alguma analogia com o que tiveste.»

«Sonhei que me achava na China, aonde uma grande provincia tinha sido invadida pelos inimigos; e achando-se esta desprovida de tropas, o imperador chamou em seu soccorro os tartaros, seus alliados: estes vieram promptamente, e deitaram fóra os taes inimigos dos chins; e como o imperador tinha tido pouco cuidado no seu exercito, deram lhe um cabo escolhido d'entre elles para lhe organisar e disciplinar as suas tropas: o imperador agradou-se tanto d'esse tartaro, que, além de muitas honras e poderes que lhe concedeu, fe-lo mandarim, e escreveu-lhe uma carta em que lhe disse *que illustrasse com os seus conselhos os outros mandarins e os animasse*; e por tanto po-lo acima d'elles, do que os mandarins chins não gostaram; e, para lhes fazer perraça, lembraram-se de mandar chamar á Persia um chim que alli militava, e que elles tinham em conta de tão grande militar como era o tal tartaro: porem este, que era muito vivo, fiado nos seus poderes, que eram os mesmos que algum dia se concediam aos dictadores romanos, armou trempe ao pobre chim, prendeu-o e po-lo em conselho de guerra; e vendo os mandarins que o tartaro puxava pela sua auctoridade, calaram-se todos muito bem calados, e o pobre chim foi fusilado sem que ninguem punisse por elle: e eu, acordado ao estrondo dos tiros, assentei de nunca me lembrar de jogar as cristas com generaes tartaros, mas sim de pendurar, logo que chegue a Lisboa, a minha espada na parede, para se deixar enferrujar bem á sua vontade!... Que me dizes ao sonho?»

«Venha dinheiro, e brevemente terei o gosto de segurar-te que sou — Teu verdadeiro amigo e primo fiel — Gomes.

Não em abril como promettia a carta, mas em 26 de maio de 1815 apresentou-se no quartel general da côrte e provincia da Estremadura, e por aviso de 8 de junho foi declarado innocente, não obstante ter marchado com as tropas portuguezas para França, e mandaram-se-lhe abonar os soldos a que tivesse direito.

(*Continúa*)

Habitantes das Landes de Bordeus (1).

Muitos dos estrangeiros, observadores superficiaes, que apenas passam entre nós algumas semanas, assen-

(1) *Landes* quer dizer «charnecas» ou tambem «mattagaes maninhos» «terras çafaras e bravias.» Conservamos porém o nome francez, porque o constiteramos aqui termo geographico, como por exemplo diremos «as Dunas» e outros semelhantes.

taram julgar mal de tudo o que se diz e o que se faz para cá dos Pyrinéus; esta maledicencia systematica e injusta produz uma alluvião de libellos infames contra nós e a nação visinha. Não precisamos porém de pagar embustes com outros embustes. Nos proprios escriptores nacionaes de França e de Inglaterra encontramos quadros, ora de miserias, ora de crimes e dissoluções, que não tem parceiros em a nossa terra. Não é, por certo, em Portugal que existe em longo tracto de territorio gente de tão mesquinha condição e minguados recursos, como a que passâmos a descrever, trasladando as proprias palavras de Mr. Victor Gaillard. —

Não procuremos dissimular que as Landes, esse extenso deserto que, começando ás portas de Bordéus, vai rematar na foz do Adour, nada tem de agradaveis, e mui pouco lisonjeiam o nosso amor proprio nacional. Esta comarca é sem comparação a parte mais desagradavel do bello reino de França, qualquer que seja o lado por onde a contemplem. Areas ardentes no verão, charcos e abysmos no inverno, clima doentio em todas as estações, temerosas solidões onde parece illimitado o horisonte; eis-aqui o aspecto das Landes, sobretudo do lado maritimo. Se uma tempestade, por exemplo, arroja alli um misero estrangeiro, poderá por ventura capacitar-se, depois de haver galgado trabalhosamente os medões movediços do littoral, que poz o pé em França, tão celebre por fertilidade do solo e pelos progressos da civilisação? A' vista de uma praia medonha em summo gráu, de planicies aridas, e de raros e agorentados habitantes, que vagueam n'aquelle terreno devastado, cuidará logo achar-se á mercê de uma tribu selvagem, a mais extravagante em trajos, maneiras e postura. Embora; n'este solo ingrato, onde só crescem em pontos dispersos os abrolhos e tojos e alguns pinhaes, mais vegetam do que vivem trinta voltos humanos por cada legua quadrada, *inteiramente francezes como vós e eu*, com os quaes todavia, de nenhum modo quero participação em habitos ou gostos. Longe de poderem articular, em sua barbara algaravia, pensamentos communs, muito é se acham palavras para exprimirem algumas necessidades physicas: acostumados a ver sempre os mesmos objectos, a não passar de sensações uniformes, copiam no seu caracter a monotonia selvagem do districto que habitam. Ignorancia profunda, mesquinha cubiça, apathia no maior auge, e um tal excesso de indifferença que até embota o sentimento da penuria, fazem esta gente incapaz de energia, e quasi que até de reflexão. Habituados desde o berço á mais absurda superstição acolhem avidamente os contos e tradições de feiticeiros e de almas em pena. Debalde recebem de seus curas as noções religiosas, porque, preoccupados de terrores puerís, as desfiguram, applicando-as a esconjuros e ridiculos exercicios de mal entendida devoção.

A raça *landeza*, propriamente dicta, vive no territorio mais visinho do oceano, desde a torre de Cordouan até la Teste, e d'ahi até Bayonna. Ahi se deve estudar esta variedade androide, que em cada uma das suas feições dá assumpto para observações etnographicas e a tristes meditações. — O habitante das Landes, baixo e magro, tem côr macilenta, cabellos pretos e corredios, olhos baços, e a physionomia tristonha; as suas feições impassiveis, que o riso anima poucas vezes, tem certa expressão meditativa, analoga á que se observa n'alguns maniacos. Porém, apesar da constituição fraca e consumida pelas febres na maior parte do anno, o habitante das Landes desempenha os mais pezados trabalhos, e arrosta todas as intemperies atmosphericas. Accresce a tudo isto que os seus grosseiros trajos condizem mal com a temperatura, porque o estafam no verão, sem o resguardar do frio no inverno; o mesmo se observará quanto á sua pousada miseravel e immunda, que o esquimáu e o hottentote despresariam, e na qual se amontoam ás vezes trinta a quarenta pessoas; a peça principal é uma grande cosinha, cuja lareira occupa todas as noites um caldeirão, onde a decana da familia mexe o *escoton*, em que se encerra todo o jubilo do landez: esta comida consiste n'umas papas de farinha de milho. Em quanto se prepara, as mulheres fiam, e os homens entretem-se invariavelmente ácerca do lobishomem que anda mais em voga, ou da resurreição do feiticeiro que ultimamente se enterrou. Da cosinha passa-se para alcovas escuras e sem ar, onde todos de mistura se encovam, uns deitados no chão sobre vellos de carneiro, outros em ruins enxergas, supportando um calor capaz de coser ovos.

De quantas povoam as Landes a classe dos pastores é a mais numerosa e tambem a mais miseravel. Quasi sempre affastado das habitações, cada pegureiro anda munido de uma saccola de farinha de milho, de toucinho excessivamente rançoso, e de uma panella para fazer as papas em agua de tão ruim qualidade que a corrigem com um pouco de vinagre e sal. Muitas vezes correm semanas inteiras sem ver creatura humana. Empoleirado nas compridas andas de pau, que o levantam á altura de seis pés, e com as quaes parece ter nascido, galga mattagaes, atravessa charcos, e luta em velocidade com os cavallos bravios da charneca, por onde discorre fiando a lã de seus carneiros. De longe a longe, o encontro de outro pastor interrompe as suas longas horas de solidão, e lhe causa uma distracção; mas quanto é curta! porque os rebanhos juntos em breve esgotariam o sustento sufficiente n'aquellas enfezadas pastagens. — Mais raras vezes ainda, um boieiro se aparta da estrada para levar o gado a pascer no meio dos tojaes, e então conta a nova apparição de uma alma do outro mundo que faz andar em bolandas a proxima aldêa; e conversam depois na boa criação dos seus gados. Bois e carneiros eis toda a paixão da gente das Landes, que n'elles deposita toda a affeição de que é susceptivel, olhando com indifferença para tudo o que lhes não diz respeito. Perguntai-lhe pela mulher ou filha doente, responderá com lamurias pelo mal que deu no vitello ou nos carneiros. Dizei-lhe: — « Já sei que vosso irmão tem um grande catharro; mas penso que vai melhor. » — Não vai, não, senhor (vos respondera) um dos bois trasfolhou e não póde comer; e meu irmão está por isso muito magoado. »

A rouparia do pastor no inverno consta de vellos com a lã para dentro; com elles cobre o corpo todo, a excepção dos pes sempre descalços, e da cabeça que abriga com um barrete pardo; veste por cima uma capa de burel branco com seu capuz agudo, guarnecido de bandas encarnadas e de climas soltas; chamam-lhe *capote de Carlos Magno*, e trocam-no de verão por outro mais leve de pelle de cordeiro, e por iguaes pelles largam os vellos que trouxeram no tempo frio; o resto do vestuario é roupa branca que, como é de suppor, nunca mais foi lavada.

A velhice do zagal das Landes é antecipada; de maravilha alcança os sessenta annos. Comtudo, na sua vida vegetativa lá encontra attractivos na verdade inexplicaveis. Se é constrangido a pagar o tributo de sangue á patria, desesperado sae de seu deserto: desde esse momento conta os mezes de serviço, e qualquer que seja a melhoria que experimente, responderá sempre: — « Eu era bem feliz quando me chamavam desgraçado. » — Nada o póde reter sob as bandeiras alem do praso da lei, e bem depressa toma o caminho das suas charnecas solitarias. Alli recobra a

liberdade e a melancholica ventura a seu modo, que prefere a quanto se chama civilisação. Ao cabo de seis mezes está como se nunca se ausentára; tudo lhe tem esquecido.

D'este modo a soberania dos pantanos e mattos das Landes pertence ao pastor; domina, do alto das suas andas de páu, sem rivaes nem ministros, e a sua autocracia não acha obstaculos nos vastos ermos de Born e Maremmes. Porém no cantão de Maransin, onde crescem e abundam os pinhaes, a importancia do pastor é secundaria, e cabe a supremacia ao ganha-pão que apanha a resina. E quem é este?... É um homem que se ergue ao raiar d'alva, arma-se de um machado afiado, carrega com uma longa vara talhada em degráus á feição de escada, e com um bornal que leva a comida, encaminha-se logo para as mattas de pinhal, onde consome a maxima parte da sua vida. Apruma a sua vara a par do tronco recto de um pinheiro, por ella sobe a muita altura, sem mais apoio do que o entalho em que estriba o pé esquerdo, e com a perna direita, abarcando a arvore, sugiga a vara e não a deixa vacillar. D'este modo suspenso, com mão certeira dá os golpes da machada e traça na superficie do tronco um rego estreito, tal que qualquer juraria que por alli passou a plaina. D'esta incisão vertical, que vem dar ao pé da arvore, manará a resina, que esse mesmo homem ha de apanhar e transportar mais tarde ás fabricas onde é distillada.

Habituado desde muito moço a tão penoso trabalho vive, como o pastor, apartado da sociedade; e todavia vive sem tedio, e não trocaria a sua condição por uma existencia mais commoda. Devorando á pressa uma sardinha com um pedaço de pão de centeio, mata a sede com a agua que se empoça na matta; e só volta á choça solitaria para tomar algumas horas de descanço. Assim continua por nove mezes do anno, desde o principio de março até o principio de dezembro; os tres restantes passa-os em casa da sua familia ou do proprietario da matta. Para dar treguas a esta vida desacompanhada, ao domingo larga do pinhal mui cedo e entra para a taberna; é onde se esquece de todas as fadigas; as ruidosas explosões da sua descommunal alegria cobrem apenas as vozes esganiçadas das mulheres e os berreiros dos rapazes, que se apinham ao redor de mesas onde o vinho corre em bica. As libações succedem-se sem descançar, e quando a noite chega é completa a embriaguez; então scenas inauditas se divisam ao clarão vermelho e afumado d'archotes enresinados: a desordem vai em augmento até que uns caem por baixo das mesas, outros forcejam por se retirarem ás choupanas perigosamente cambaleando. No dia immediato o apanhador de resina corre de tronco em tronco a recolher o producto de seu anterior trabalho, e tão lestes e diligente como se o houvera refrescado a orgia da vespera. O seu trajo é sempre o mesmo, até que encebado e podre cáia aos farrapos; consta de barrete ou chapéu de palha, véstia de pano grosso, calça de linho crú ou semelhante, e cinta encarnada: se chove, embuça-se n'um capote que tem só as cavas das mangas, e de um talhe particular, privativo do Maransin, e que ainda não tem desmentido desde a idade media.

Antes de sair dos pinhaes, presentemente objecto de avultada e florecente industria, o capitalista vai visitar um laboratorio de resina; porém o poeta e o pintor encaminham-se para o oceano. — Não é andar, é bordejar n'um chão que na mobilidade imita as ondulações do mar: agora se desce ao fundo de um barranco onde ha agua salobra e encharcada, logo monta-se a summidade de uma vaga de arêa saibrenta: acabam os pinhaes, e as dunas ou médões começam. Decorridos alguns minutos divisam-se muitas malhas escuras que se movem lentamente nos lados alvacentos d'aquelles cabeços collocados em amphitheatro; são os paisanos das dunas, puxando trabalhosamente, por tenue salario, as faxinas com que é necessario cobrir o pinisco, de que hão de sair os robustos pinheiros, que d'ahi a cincoenta annos defenderão o terreno cultivado da irrupção das arêas levantadas pelos ventos d'oeste. Outros, mais ao longe, occupam-se em fortalecer os tapumes de caniços, que em distancia se tomariam pelos traços divisorios de uma carta geographica. Chegai-vos de perto, e achar-vos-heis a entrada de um labyrintho, que em suas voltas encerra innumeraveis videiras com as varas verdejantes carregadas da bella uva de que se espreme o nomeado Bordéos. E elle o unico producto notavel de todas as Landes, e exige consideravel custeio de cultura: a boa qualidade do vinho compensa bem a falta na quantidade; e admira como póde adquirir tanta seve e vigor n'um terreno formado, como o de Cabo-Bretão, pelos areaes acarretados pelo mar.

(Continúa.)

O Viuvo e o Medico.

Um pobre operario de Plymouth, tendo a mulher muito doente, foi pedir a um medico de fama que a viesse tractar. O doutor, por ser o homem mal trajado, prometteu-lhe que iria, mas não foi. Peiorou a doente, e o marido voltou a casa do doutor a pedir-lhe com lagrimas a soccorresse. Ainda d'esta vez perdeu as passadas; tornou terceira e disse-lhe: «Doutor, minha mulher está ás portas da morte, e tem fé que só vós a podeis salvar. Eu, com ser um triste operario, tenho algum dinheiro de reserva, porque sou forrêta; prometto pagar-vos dez libras, quer a cureis, quer a mateis.» O doutor enterneceu-se, e medicou a doente, que d'ahi a poucos dias estava na eternidade. Passados os da cortezia, mandou o esculapio a conta ao viuvo, e como elle não quizesse pagar-lhe, citou-o para comparecer no jury. Concluida a allegação por parte do auctor, o presidente perguntou ao réu se tudo aquillo era verdade. E certo e mais que certo,» disse este; «porém, se me derdes licença, farei uma breve pergunta alli ao amigo doutor.» Foi-lhe concedida. — «Eu não vos prometti dez libras, quer curasseis quer matasseis minha mulher? — «Não ha duvida» respondeu o medico. — «Basta. Ora responda-me o senhor doutor: curou minha mulher?» — »Não, porque a molestia não tinha cura.» — «Então matou-a?» — «Deus me defenda! que testimunho!! Morreu porque tinha de morrer.» — «Logo, se confessais que não a curastes nem a matastes, caspite! temos as contas saldadas.» O jury, cingindo-se á lettra da promessa, absolveu o operario, e o esculapio ficou sem a paga e pagou as custas.

Subscreve-se para este jornal na Typographia onde é impresso, e nas lojas de livros de Laura Henriques, e Bordalo, rua Augusta — Zeferino, rua dos Capellistas — e Torquato, rua do Ouro.

Vende-se nos locaes aonde se subscreve, e nas lojas de livros de Lemos, rua Augusta n.º 127 — na rua direita da Esperança n.º 125 — e na loja de livros de V. F. da Silva, rua direita do Livramento n.º 27 A.

Assignatura por anno — 52 N.os	1$200
Dita por semestre — 26 N.os	$640
N.º avulso	$030

A correspondencia franca, deve ser dirigida á Redacção do Panorama, Largo do Contador-mór n.º 1 A.

TUMULO DE RICHELIEU.

O TUMULO do cardeal de Richelieu, que ainda hoje se conserva na Sorbonna, é reputado como o primor do cinzel do famoso mestre d'esculptura Francisco Girardon, natural de Troyes, e nascido querem uns que no anno de 1628, asseguram outros que no de 1630. Houve quem sustentasse que os ricos desenhos do bello mausoléu, que damos n'este n.º, eram todos do lapis de Lebrun; mas Girardon, com uma alma nobre como tinha, se estivesse em divida para com elle, não abriria no monumento « *Fr. G. inventou e fez* » — nem Lebrun era homem para se calar diante de semelhante impostura.

A eschola de Girardon não se pautava pelo molde da arte greco romana. O seculo e as propensões do artista affastavam-n'o da imitação rigorosa. Na sua epocha o fausto e o galanteio invadiam tudo, e passavam dos costumes perfumados da côrte para o marmore, o bronze, e o gesso. Para alegrar os jardins, aonde já espairecíam as poeticas visões de mademoiselle de La Valliére. Luiz XIV ordenava ao jaspe e á pedra que imitassem a ligeireza e o gracioso sorrir das bellezas mundanas. O grande rei não se arrebatava pela compostura da estatua grega, preferia-lhe o braço arredondado, o gesto meigo, aquella posição toda graças, que affaga o deleite, e arranca do fundo d'alma um suspiro languido.

Quando Corneille na tragedia fundia os seus personagens com a força viril e as paixões severas de Roma, Puget pela esculptura tirava da pedra os bustos de heroes a que a admiração se inclinava, mas que eram frios, grandiosos de mais para captivar a sympathia. Nenhum d'elles cabia nas proporções verdadeiras, e ambos as excediam para attingir um ideal maior que a realidade, e por isso mesmo mais gigante do que terno. Racine e Girardon pelo contrario deslumbravam pela singela belleza, que toca no coração; belleza humana, affectuosa pela divina harmonia, que a espiritualisa, menos elevada que a outra, porém muito mais natural e verdadeira. As duas escholas levantavam-se até a altura do genio creador por diverso caminho; a primeira nas azas do pensamento rigido e do classico austero; a segunda pelo fogo sagrado do amor. Corneille e Puget eram romanos em França; Racine e Girardon eram francezes em Roma; e d'esta divergencia essencial se resumiria a differença dos dois systemas. Os primeiros deslumbravam, obrigando a admira-los; os segundos, sabendo o segredo do peito humano, prendiam o espectador pelas commoções da alma. É por isso que Girardon nunca foi Prometheu, que infundisse nas suas obras o fogo do ceu, possuindo como ninguem o sublime instincto de indicar a sensibilidade das carnes. Quando os dedos apalpam os contornos tão brandos e suaves das suas estatuas, quasi que receiam vel-las estremecer de repente.

Duas palavras mais sobre o artista. — Girardon sentiu desde o principio aquella vaga tristeza, signal de uma vocação que hesita e procura o seu destino. Levava horas inteiras abysmado a contemplar a natureza, — depois accendia-se o ardor, a febre da inspiração, acalmando em esboços interrompidos, em desenhos truncados, a fronte curvada a revelação do

ideal, o peito comprimido pelo tumulto da duvida e da esperança em lucta lá dentro; e no meio d'esta agonia, a historia do inevitavel martyrio com que a cegueira das familias attribulou sempre, constrangendo-os, os primeiros ensaios do genio precoce. A isto se reduziu a mocidade do celebre esculptor.

A contar do dia em que livremente lhe foi permittido consagrar-se ao culto das artes, a sua carreira foi grande pela gloria, mas pacifica e igual. Nem revezes, nem rivalidades, nem perseguições. Entre o amor ao berço natal e a devoção da esculptura, atravessou por todas as tempestades do mundo até adormecer nos braços da morte sem dôr nem afflicção. Foi um lindo dia de inverno, que a noite apagou nas trevas; dia raro, e minguado sobre tudo porque sobresaíu na estação sombria, illuminado de um sol vivo e creador.

N'outro artigo esboçaremos o caracter do cardeal de Richelieu, a quem se levantou o soberbo mausoléu da Sorbonna. Era justo começar pelo artista — o homem d'Estado, posto que tão superior, póde muito bem admittir que elle o preceda: — felizes ainda aquelles quo não vivem só do marmore em que se mandaram retratar, ou do poema em que insinuaram allusões parciaes e lisonjeiras. Anda ainda na historia e no mundo muito Affonso d'Este sem cardeaes Hypolitos.

O Hadjeb de Kordova.

(972 a 992)

I

Os jardins d'Azahrat.

Morrera o famoso kalifa El-Hakem, levando ao apogéu da grandeza e prosperidade o imperio kordovez. As loctas immensas da raça arabe e da raça goda na Peninsula tinham adormecido, ou pareciam adormecer. Os filhos de Pelayo encostavam, momentaneamente ao menos, ao canto do lar a pesada lança, que tantos annos lhes havia levado a temperar nas aguas do Astura, a afiar nas rochas de Covadunga — e os herdeiros de Tarik deixavam descançar ao lado a rude cimitarra do Maghreb.

A El-Hakem succedêra, no nome, seu filho Hecham criança de dez annos, e, no mando, Mohammed-ben-Abdallah, nomeado hadjeb, e tutor do moço principe.

Mohammed dissipára o bando dos seus inimigos como o vento do céu varre as nuvens da tormenta. Guerreiro feliz, cortezão prudente, dominador sem rival, o hadjeb via elevar-se progressivamente o edificio das suas prosperidades sobre as ruinas dos seus adversarios.

Não tinha o titulo, mas tinha o poder de um soberano. Não se assentava no throno, mas fazia mais — dominava o monarcha. Cercava o por toda a parte a paz e a ventura. No meio porém d'esta atmosphera de felicidades ouvia-se o que quer que fosse, como um rumor de tormenta no horisonte...

O alcaçar de Azahrat, fundação do kalifa morto, ergoia-se no meio da sombra e do silencio como o vulto immenso de um gigante a descançar estendido. Nenhum rumor de dentro vinha quebrar a calada da noite; e a ruidosa habitação do soberano kordovez parecia ter adormecido com todos os seus moradores.

Não dormiam todos porém. Quem penetrasse nos jardins do alcaçar, e percorresse em toda a sua extensão aquelles vastos massiços e bosquedos, ouviria suspirar baixo ao pé d'uma fonte de marmore, onde se desprendia do alto uma veia d'agua cristalina.

Mas que suspirar aquelle! Quasi que se não podia bem distinguir se era a fonte que se lastimava, se era a voz humana que murmurava.

Só quem se approximasse veria uma alva figura de mulher, immovel, de pé, encostada ao alto parapeito da bacia de pedra, como a estatua pendida na urna d'um monumento.

Era esta poetica figura que soluçava — era ella que misturava os seus queixumes com o gemebundo sussurrar da agua.

Quem a levára alli áquella hora a prantear dôres ou a gemer saudades?

A noite corria escura e voluptuosa. As estrellas vertiam para a terra aquella tremula e indecisa claridade que augmenta os mysterios e faz abrir as flores do coração. O ar estava embalsamado de mil perfumes diversos. Os jasmins de Toledo, as rosas d'Africa, e os loureiros da Grecia entrançavam-se na terra, e misturavam no espaço as suas exhalações odoriferas: era uma hora de amor e mysteria solidão, como a deviam de invocar os guerreiros kordovezes nos seus dias de paz e descanço.

A pouca distancia da fonte ia uma rua tapada de murtas, que se ia embrenhar no interior dos jardins: um lanço de muro dos pateos interiores vinha quasi morrer-lhe ao pé.

Dois vultos de homem surgiram ao mesmo passo juncto da dolorida solitaria. Um, trajado do escuro, silencioso, sombrio, acautelado, saía d'entre as murtas espreitando attentamente as trevas, parando a cada passo, e como querendo adivinhar o que não podia sentir — o outro, adiantando-se confiadamente, coberto d'um amplo manto alvacento, e deixando ondear as pregas amplas em roda da nobre e magestosa figura. Tão altivo e ousado era o porte d'este, como suspeitosos e prudentes eram os meneios do outro.

Chegados a breve espaço da fonte, pararam ambos. O que se escondia, como era natural, presentiu primeiro o que se não occultava, e retrahindo-se diante d'elle com dobradas precauções, oppressa a respiração, accesos os olhos, immergiu-se de novo nas sombras do arvoredo.

O vulto do manto branco adiantava-se no entanto.

Ou fosse que, esperando ja alguem, a figura da fonte não estranhasse o rumor d'aquelles passos que se approximavam, ou fosse que, toda embebida na sua meditação, os não sentisse, é certo que não pareceu dar pela vinda d'elle senão quando este lhe era ja chegado ao pé.

Voltou-se então subitamente, como quem desperta d'um longo lethargo, e exclamou em ares de reprehensiva:

— « Vens tão... »

Evidentemente a pessoa que viu não era a que esperava, que as palavras sumiram-se-lhe nos labios, e, tremendo toda como um vime, pou de apenas balbuciar:

— « Vós! ... aqui? »

— « Aqui — tornou uma vez sonora e cheia — e só aqui. A formosa Gelohira bem sabe que n'outra parte... »

— « N'outra parte seria uma fraqueza dar ouvidos ao hadjeb de Kordova: aqui é um crime »

— « Porque? »

— « Porque em quanto o poderoso Mohammed desce escondido a perseguir nas trevas quem não póde ser sua, desespera-se talvez la em cima quem elle não deve esquecer. »

— « Lembras-m'o demais. »

— « Ella é uma princeza, senhor; eu sou uma escrava.

— «Dize uma palavra: será ella a escrava, tu a princeza.»

— «E o que vós lhe deveis?»

— «Não lhe devo nada.»

— «E o que ella póde?»

— «Não póde nada.»

— «Não é a mim que me pertence aconselhar-vos, senhor; mas se a voz de uma escrava póde alguma cousa no vosso coração, recordai-vos que Shobeia...»

— «Vacillava no seu throno: foi este braço que a segurou n'elle. Não era amor, era ambição o que a movia. Apertei a corôa na cabeça de seu filho, conservei-lhe os seus titulos, e sacrificando os meus dias e as minhas noites tomei n'estas mãos robustas as redeas do imperio, que estava em riscos de se despenhar. Não lhe devo nada. Que me importam as suas lagrimas? que me faz a sua cholera? Não a temo tampouco.»

— «Eu sei, senhor, eu sei que o vosso poder é immenso, sei que as vossas iras são terriveis. Mas de certo não haveis de emprega-las contra...»

— «Contra quem?» — interrompeu em tom rude e desabrido o hadjeb.

— «Contra uma pobre mulher» — clamou a donzella caindo a seus pés n'uma violenta explosão de lagrimas!

O guerreiro kordovez fitou os olhos ardentes n'aquella figura angelical, dobrada na terra, chorosa e prostrada ante elle, e por um momento as linhas d'aquelle rosto severo e tostado pareceram distender-se n'um impulso de compaixão.

E que realmente nada se podia ver mais doloroso e gentil do que o gesto e a attitude e o todo de Gelohira, desesperada e supplicante.

Gelohira reunia a graça á magestade; sorria-lhe no rosto a innocencia e a candura; resplandecia-lhe no aspecto a energia e a nobreza. Nascida nas montanhas, tinha no porte o que quer que fosse de força varonil, temperada pela graça e pelo melindre, que são o poder do seu sexo. Ora se erguia altiva como o roble das serras, ora se curvava timidamente como o lirio do valle: os olhos negros e rasgados, semi-velados por uma longa franja de sobrancelhas assetinadas e recurvas, eram demasiadamente brilhantes para encarar a terra, só se abriam em todo o seu regio esplendor para contemplar o céu!

Gelohira, filha do paiz de Amaya, fôra feita prisioneira n'uma correria, e conduzida a Kordova com outros seus companheiros do desterro. Em Kordova o extraordinario da sua formosura fe-la para logo acceita de Shobeia, mãi do moço principe Hecham, a quem fôra dada como escrava. Viu-a o impetuoso hadjeb, e o mesmo foi ve-la que ficar para logo a arder por ella na mais violenta chamma que nunca devorou um coração. Longo tempo suffocára Mohammed o incendio que lá dentro lhe lavrava: fôra o amor de Shobeia que o levára áquelle ponto de poder, receava offende-la, e attrahir a sua cholera. A final, porém, seguro do seu dominio, e não podendo já conter os impetos furiosos que o assaltavam, resolveu pôr termo áquella horrenda incerteza, e abrir-se com a linda christã.

Vigiando-a de noite e dia vira-a descer nos jardins, e segura-a contendo difficultosamente no peito aquella torrente de chammas que ameaçava de trasbordar.

Gelohira conhecia o hadjeb, e era por isso que se lhe lançára aos pés n'aquelle impulso estranho de terror e de pranto.

O movimento de piedade que parecêra apoderar-se do guerreiro foi como a onda que esconde por instantes o aspero cutrêço d'um rochedo, mas que se quebra sobre elle, e se retrahe sem o amollecer, deixando o como o achára.

— «Gelohira, sabes que te amo!» — prorompeu Mohammed com a voz alterada.

A virgem goda só respondeu com um grito de terror e angustia, que resoou no ambito immenso dos jardins como um brado de agonia. Uma especie de rugido abafado respondeu-lhe ao longe, podendo tomar-se por um echo.

Gelohira conhecia a implacavel resolução que significava aquella subita confissão do hadjeb.

Não supplicou mais. Sabia perfeitamente que seria tudo inutil.

— «Levanta-te, escrava» — continuou Mohammed, suffocado pela violencia do que lhe fervia lá dentro.

Gelohira poz-se em pé de repente como se algum occulto machinismo a tivesse feito mover. O rosto disputava pallidez com os marmores da fonte. Os olhos dilatados, quasi resplandeciam nas sombras, a curva magestosa da fronte parecia rodeada d'uma aureola deslumbrante. A altiveza do seu porte rivalisava com o do guerreiro.

Mohammed contemplou-a de novo como assombrado, e, sem poder já conter-se, exclamou imperioso com a voz estrangulada pela anciedade:

— «Segue-me.»

— «Morta sim; viva não.»

Bradou a virgem de Amaya, e o lampejar d'um ferro como que lhe allumiou as mãos de alabastro.

— «Tinha previsto já este momento» — accrescentou ella, e alçou o punhal sobre o peito.

O guerreiro porém foi mais prompto. Com um simples movimento d'aquelle braço robusto fez cair na terra o instrumento homicida, e travando irresistivelmente da mão á virgem, clamou em tom de pungente ironia:

— «O teu braço, Gelohira, não está affeito a estes brincos.»

— «Mas está o meu!»

Trovejou n'este momento ao ouvido do hadjeb uma voz medonha, e um como raio furioso desceu scintillando ao peito do guerreiro que vacillou.

— «Tambem eu estava prevenido — respondeu elle espumando — não se abre assim o arnez de Mohammed.»

E arremeçando-se como o tigre ao imprudente que o assaltava, começou entre ambos uma d'aquellas luctas silenciosas e desesperadas, que não acabam senão com a morte.

Os dois vultos, do hadjeb e do desconhecido, travados area por area, luctaram longo tempo, apertados os peitos, entrançados os braços como dois athletas no circo; depois vieram ambos a terra como dois carvalhos seculares, que desabassem abraçados, feridos ao mesmo tempo do machado do lenhador...

E continuaram a lucta como duas serpentes os que se haviam acommettido como dois leões.

No fim d'algum tempo um dos vultos ficou prostrado no chão, o outro ergueu-se dilacerado. Tinha uma tempestade no rosto: o manto branco pendia-lhe espedaçado. Maculavam-no todo largas nodoas vermelhas.

Era o hadjeb.

Estendeu os olhos em roda. A virgem goda jazia a poucos passos prostrada: succumbíra ao horror d'aquelle espectaculo

O guerreiro kordovez arrojou-se para ella rugindo de prazer, ergueu-a do chão manchando lhe as brancas vestes no sangue que o cobria, e, voando com ella, desappareceu nas profundas areadas do alcaçar.

(*Continúa*).

PADRE THEODORO D'ALMEIDA.

Difficilmente reunirá Portugal tão grande numero de homens distinctos por saber profundo e variado, fervorosos na constante applicação a trabalhos litterarios, como no memorando reinado d'elrei D. José: muitos d'elles doutrinaram e enobreceram a patria até o começo do presente seculo; do empenho e diligencias de quasi todos nasceu a restauração dos estudos, e com ella a reforma da Universidade: por seu exemplo e magisterio deixaram bons discipulos e imitadores. — É geralmente celebrada a memoria do bispo conde reformador, do mathematico Monteiro da Rocha, do eruditissimo prelado Fr. Manuel do Cenaculo, do sabio padre Pereira de Figueiredo, e de outros; porém ha muitos nomes ignorados ou esquecidos, que são dignos de menção por notaveis esforços, que tinham por movel o amor da sciencia escorado na vastidão de conhecimentos. As recordações de tão zelosos cultores da intelligencia ou ficaram quasi sotterradas nas ruinas dos claustros em que floreceram, ou jazem escondidas com o pó de livros que ninguem acode; e comtudo foi a esses homens devido o moderno adiantamento; lá saíu o progresso das aulas particulares que criaram ou regeram, quando no ensino publico campeava poderosa e fatua a philosophia alcunhada de aristotelica, a par da sua companheira, não menos arguciosa, a theologia scotista; então os estudos inferiores não eram por melhor methodo tractados. O indicado Cenaculo diz a este proposito (*Mem. Hist. dos progresso e restabelecimento das lettras*): «Quando os estudos geraes teem degeneração ou se reduzem á influencia do mero costume, fica reservada aos particulares a excepção que lhes faz gloria pelas suas tentativas e exemplos em adiantar o partido das sciencias.» Por isso bem merecem da posteridade os talentos sãos que animosos, a despeito de quaesquer considerações e influencias pessoaes ou da epocha, propagaram a verdadeira doutrina, desempeçando o caminho para os vindouros; mormente porque o intentaram n'um tempo em que (conforme escreveu o Sr. Trigoso) «não poucos preferiam á verdadeira honra, que dá a sabedoria, as honras e contemplações externas, dependentes do vicioso systema litterario que gosava exclusivamente do favor publico; a maior parte não estimava o que não sabia, e o que não queria aprender; e se algum tinha a constancia de affrontar descobertamente os antigos prejuizos, ficava exposto ao escarneo dos que presumiam de sabios, e era desamoravelmente atacado no seu saber, na sua moral, e até na sua crença.» Todos sabem quantas tempestades se excitaram entre nós por occasião do *Verdadeiro methodo de estudar* de Verney, e das primeiras obras que publicou o padre Antonio Pereira de Figueiredo. — Na conta d'esses varões desconhecidos deve entrar o padre João Baptista, da Congregação do Oratorio, de quem diz o abbade Barbosa: «alcançou a gloria singular de ser o primeiro que n'esta côrte dictasse a philosophia moderna, que totalmente se ignorava em Portugal»: deixou impresso um curso em latim em dois volumes de folio, valioso para o seu tempo; e entre os seus discipulos sobresaíram o bispo Cenaculo, e o padre Theodoro d'Almeida, o qual (na Cart. 39.ª das *Physico Mathem.*) o nomeia *varão d'eterna saudade, a quem devo esse pouco que sei do conhecimento da natureza.*

Com as lições de seu mestre approveitou tanto o padre Theodoro, que se habilitou para continua-las, aperfeiçoadas com as numerosas experiencias e descobrimentos que diariamente se faziam nos amplos dominios das sciencias physicas. E tal foi o enthusiasmo de que se possuiu por semelhante estudo, que toda a sua vida o professou, não só nas aulas, mas em lições particulares, dentro e fóra do reino, consagrando-lhe o tempo que lhe sobrava das occupações do seu estado, em que não foi menos assiduo, como o provam o continuado exercicio do ministerio evangelico, e muitas obras asceticas que deu á estampa. A philosophia experimental servia-lhe de recreio: folgava de trabalhar com as machinas na presença de alumnos curiosos, demonstrando practicamente as verdades então conhecidas nas sciencias naturaes; e tanto se deixou levar d'este louvavel impulso que, a beneficio dos que não possuiam principios elementares, compoz os seis primeiros tomos da *Recreação Philosophica*, em dialogo, nos quaes procurou ser claro, e adoptou um methodo facil para as intelligencias vulgares. D'aqui nasceu que esta obra, deficiente já no seu tempo, foi pouco estimada dos entendidos na materia, censurando-se-lhe algumas opiniões singulares, por exemplo, a substituição da theoria newtoniana da luz: taxaram-n'a tambem, quanto á fórma dialogistica, de pouco peso nas objecções do philosopho peripatetico, que facilmente o pedagogo destruia, incutindo a opinião propria. Comtudo é innegavel que este escripto, com todos os seus defeitos, concorreu muito para excitar a leitura de obras mais graves, e para diffundir notavelmente o gosto pelo estudo das sciencias naturaes, então concentradas nas academias e fóra do alcance dos curiosos. Foi um serviço do padre Almeida, que é hoje reconhecido; por esta razão o appresentâmos como facto principal da sua biographia litteraria. Dos quatro volumes que completam as *Recreações* nada diremos, senão que a apologia da Religião, assumpto dos dois ultimos, foi dictada por boas intenções. Seguiram-se-lhes, como supplemento, os tres volumes pseudonymos das *Cartas Physico-Mathematicas*, destinadas principalmente a tornar populares as noções de geometria e de mechanica.

Se considerarmos a vida do padre Theodoro, independente do caracter e funcções do sacerdocio, acharemos que em grande parte a consagrou á sua applicação predilecta, as sciencias naturaes. — Aos vinte e quatro de idade tinha sido nomeado substituto de

uma cadeira de philosophia na sua Congregação, e aos vinte e nove já era mestre; mais tarde o vemos ensinar com applausos fóra do reino a mesma disciplina.

Quando os padres nerys estiveram ameaçados de uma proscripção quasi igual á dos jesuitas, a ponto de serem obrigados a celebrar os officios divinos á porta fechada, parece que mais especialmente se declarára contra alguns a má vontade do poderoso ministro d'elrei D. José; e do numero d'esses foi sem duvida Theodoro d'Almeida, que se refugiou em França no mez de setembro de 1768. De passagem contaremos uma anecdota d'esse tempo. — Buscando o marquez de Pombal motivos para proceder contra a Congregação, mandou, entre outras averiguações domiciliarias nas casas d'ella, indagar o estado da prisão privada, suppondo que deveria have-la como em todas as ordens religiosas. O ministro visitador pediu as chaves do carcere ao prelado superior, mas este respondeu-lhe: — a porta do carcere é aquella — apontando para a da rua. Sabido é que os congregados penduravam a roupeta e largavam a clausura quando lhes aprazia, sem que o prelado ou qualquer lh'o impedisse.

O padre Theodoro deu lições publicas, durante o seu desterro, primeiro em Bayonna, começando-as pela geometria e algebra; e depois em Auch, onde fez um curso de geometria, geographia e physica; adquirindo tanta reputação que foi convidado para reger em Brest uma cadeira de physica, offerecimento que recusou, bem como rejeitára prebendas ecclesiasticas e a reitoria de um collegio de Bayonna, mantendo sempre esperanças de tornar á patria, que nem perseguido lhe esquecêra. Poude, com effeito, voltar a Lisboa em março de 1778: e tendo-se acabado a reedificação da Casa da invocação do Espirito Sancto ao Chiado, em outubro de 1792, para ahi se passou a tomar conta da cadeira de philosophia, que leccionou até o fim de sua vida, que teve o termo feliz do homem justo, sabio e laborioso, a 18 de abril de 1804, contando pouco mais de oitenta e dois annos, por haver nascido, n'esta capital, em 7 de janeiro de 1722.

Theodoro d'Almeida adquiriu os primeiros gráus da instrucção na casa, já mencionada, do Espirito Sancto, e distinguiu-se por boa educação, porte sisudo, e applicação escholastica, de maneira que muito novo mereceu ser admittido á corporação religiosa a que pertenciam seus mestres. Quer fosse por vocação propria, quer por alheio conselho, em todo o caso foi acerto que o futuro justificou. E porque aquella corporação ecclesiastica, comprehendida na geral extincção das ordens religiosas, póde tambem ser confundida com estas na imaginação da mocidade que se está criando, não obstante os assignalados serviços que prestou á educação litteraria da mocidade lisbonense, principalmente na Real Casa das Necessidades, trasladaremos a sua mais exacta definição nas seguintes poucas palavras do bispo de Vizeu, um dos classicos escriptores dos nossos dias. — «A Congregação do Oratorio de S. Filippe Nery não é d'estas corporações ou institutos, em que o encarecimento e estreiteza dos votos, o profundo da solidão, as austeridades da disciplina sirvam a mover o enthusiasmo ou attrahilo. É uma grave associação de ecclesiasticos, que tem por unico vinculo o desejo unanime de alcançar a perfeição do seu estado, que não evitam do mundo senão os embaraços á virtude e os riscos de a perder, que no modo regular de vida se limitam á simplicidade e frugalidade do christão, obrigado a ser em seus costumes doutrina e exemplo aos homens do seculo. Não é tolhido a cada um que aspire no seu particular á practica tão alta dos conselhos evangelicos, mas em commum restringem-se aos propositos e funcções do sacerdocio e ao serviço da Igreja, de que nunca se póde desunir o do Estado, pelos meios da religião e da litteratura.» (*D. Franc. Alex. Lobo — Elogio de D. José Maria de Mello.*)

A ideia fundamental do instituto, que abraçara, correspondeu a longa carreira de estudo constante e de acções religiosas do padre Theodoro, ainda que a maledicencia quizesse increpa-lo de ninhamente beato ou de fingido, reluzem os affectos de crença e piedade sinceras nos seus escriptos espirituaes, que são muitos, como as *Meditações sobre os attributos divinos*, as cartas, os opusculos; entre estes dois intitulados «*A vida, e a morte alegre do philosopho christão.*» D'isso mesmo dão testimunho contemporaneo os desinteressados e dignos de credito. O padre Theodoro foi assiduo no pulpito até muito além dos setenta de idade, e publicou uma collecção de sermões, e o *Pastor Evangelico*, deixando manuscriptos dois volumes de *Practicas*. Dos seus trabalhos scientificos são tambem documentos as *Instituições Physicas*, publicadas em latim em 1785, e o seu *Planetario* que, datando de 1796, é por auctoridade competente reputado superior ao do celebre Desaguliers.

Cuidadoso da educação que promovia por conselhos oraes e por obras dadas á estampa, como a *Geographia breve para uso das educandas do recolhimento da Visitação*, igualmente se desvelava pela cultura moral e religiosa do entendimento e do coração. Contribuiu efficazmente para a fundação do seminario dos orphãos, instituido pelo padre Antonio Luiz de Carvalho, e para a do convento da Visitação, para onde vieram de Anecy as cinco primeiras fundadoras, que foram recebidas com grande solemnidade a 26 de janeiro de 1784. D'esta casa foi elle o director ao mesmo tempo espiritual e litterario.

Este homem, dotado de relevante merecimento, dado toda a vida ás sciencias, tambem intentou colher flôres nos campos amenos da litteratura, abalançando-se a tentativas poeticas; e não se limitou a pequenas composições, commetteu a empreza de extensos poemas. Foi porém infeliz, porque se algum dote lhe faltava era por certo o dom da inspiração dos vates, e nem sequer possuia a arte da simples metrificação: não nos deixam mentirosos a *Lisboa destruida*, e os ensaios do *Feliz independente*, primeiro em rima, depois em verso solto. N'esta obra desamparou-o a final a mania poetica; chegou a conclui-la em prosa, e assim conseguiu que por alguem fosse lida: é comtudo uma ficção moral, onde no maravilhoso figuram as paixões personalisadas; é prolixa, fria e seccante, do que provcio chamarem-lhe os facetos — o feliz impertinente. — Apesar d'isso, a novella do padre Theodoro obteve oito edições na traducção hespanhola, o que póde servir de allegação aos que ainda tiverem a paciencia de a ler. — A concepção do auctor era nobre e digna dos seus virtuosos sentimentos, mas peccou nas fórmas e na geral contextura da obra, porque lhe faltava o gosto apurado, que deu a immortalidade ao auctor do Telemaco.

Porém, se os louros do Parnaso não vecejavam para corôa do nosso philosopho, merecido galardão lhe coube recebendo-o em seu grem o com distincção algumas celebres corporações scientificas, principalmente a Academia Real das Sciencias de Lisboa, e a Sociedade Real de Londres. Sabios estrangeiros o honraram com sua correspondencia e elogios: entre os patricios ainda hoje são populares seu nome e memoria.

O governo absoluto em Portugal, dizia certo nobre, sustenta-se em tres II: Ignorancia, Inconfidencia, e Inquisição.

Gomes Freire de Andrade.

(Continuado de pag. 21.)

Era geral o desconsolo dos portuguezes em 1817, por causa da transferencia da côrte para o Rio de Janeiro, d'onde não voltavam despachados os requerimentos sem grande accrescimo de despeza e irreparavel perda de tempo; além de que, o fausto da côrte, absorvendo a maior parte dos rendimentos de Portugal, muito diminuidos pelos estragos d'uma guerra diuturna, convertêra em outros tantos bandos de mendigos as classes, assás numerosas, dos que serviam o estado. A dos militares deplorava, afóra os males communs a todos, a falta dos accessos, a que lhe fechava a porta crescido numero de officiaes inglezes, conservados nas fileiras do exercito depois da campanha peninsular; finalmente o general Cabanas, vindo incognito a Lisboa com a mira em promover uma revolução de accordo com os liberaes de Hespanha, fizera lembrar a necessidade d'uma mudança politica, encaminhada a substituir a regencia do reino por um governo mais popular, e a privar o marechal general lord Beresford, marquez de Campo Maior, do mando absoluto que tinha nas tropas. Quizeram approveitar este ensejo alguns homens faltos de representação e dinheiro, e em nome d'um *Conselho Regenerador*, formado na sua imaginação, começaram a fazer proselytos militares com preferencia, e a espalhar pasquins e proclamações, impressas por alguns dos socios contra o rei, e recheiadas de pretextos frivolos, como eram o ter vendido Portugal ora á Inglaterra ora á Hespanha. Sobre tão fracos alicerces se propuzeram elles a erguer um propugnaculo d'onde guerreassem a realeza de D. João VI, ao qual accusavam de ingrato e queriam derribar do throno, exacerbados talvez pelo apoio que dava a lord Beresford, a quem votavam odio figadal. Para accreditar este conselho fabuloso, que expedia ordens *aos seus reinos e aos seus exercitos*, careciam de citar um nome respeitavel, capaz de vencer a repugnancia dos convocados mais prudentes ou mais timoratos, fazendo-lhes conceber a esperança do bom exito d'uma empreza tão perigosa. Este nome foi o de Gomes Freire, o qual vimos, pela carta inserta no artigo antecedente, resolvido a viver retirado dos negocios, e parece não se haver apartado d'esta salutar resolução, pois fugia até de frequentar os logares publicos.

O leitor imparcial que meditar um pouco sobre a doutrina e linguagem das proclamações, sobre a nenhuma influencia dos conspiradores, sobre as ceremonias pueris, interrogatorios e juramentos que precediam as admissões, ficará meio convencido de que Gomes Freire não podia implicar-se na conspiração, do modo que se figurou, sem ter perdido o juizo. Nada mais proprio para matar o enthusiasmo do adepto do que ver-se, ao tirarem-lhe a venda, n'um conventiculo de tres pessoas insignificantes, sentadas no canto d'uma casa ao pé d'uma mesa, sobre a qual ardia uma vella com a sua bandeirola de papel pardo para lhes assombrar as caras. Por fatalidade, a esta conjuração, que seria ephemera se logo se procurasse atalha-la, deu-se todas as largas para que tomasse corpo, despertasse horror, e arrastasse ao cadafalso muita victima, que ficára bem castigada com penas incomparavelmente mais leves. As mortes desnecessarias d'aquelles malaventurados confrangem os corações, mas a de Gomes Freire, não convencido do crime de lesa magestade, foi, em rigor, mais um assassinio politico.

Por indiscrição d'um dos principaes conjurados se descobriu a conspiração muito a tempo de a abafar. Antonio Cabral Calheiros, encontrando-se n'um botequim com um ajudante d'ordens do commandante da 5.ª brigada d'infanteria em Traz-os-Montes, entrou a ralhar do governo em voz alta, e convidou o ajudante, que o contradisse, a acompanha-lo a casa para lhe ler uma proclamação. No fim da leitura perguntou-lhe que tal lhe parecia. «É quanto basta, respondeu o ajudante, para o enforcarem e a todos nós.» O facto foi contado por este a outro ajudante do governador do Além-Tejo, e chegou aos ouvidos de Beresford, que estava álerta com a vinda de Cabanas, e deu ordem positiva por escripto, em nome do rei, a estes dois militares, e a um bacharel da mesma terra de Cabral, para lhe irem relatando o andamento da conspiração, em que fez entrar o bacharel e o official que primeiro a descobriu no botequim. Obedeceram ambos, e posto que depois de admittidos muitas vezes se lhes marcasse dia para serem appresentados a Gomes Freire, nunca o viram. Por isso o ajudante, envolvido por mandado do marechal general no rol dos conjurados, não hesitou em declarar, n'uma carta publicada em Londres com auctorisação sua, «que não tinha motivo algum para presumir que elle fosse um dos conspiradores, senão o que tinha ouvido dizer a Cabral.» Na verdade, as vãs promessas de que elle lhe appareceria, e o extravagante aviso que por ultimo lhe fizeram para ir ás pedreiras de Alcantara com phosphoro e duas vellas de cera, para n'uma caverna receber certos papeis da mão do tenente general, deviam te-lo capacitado de que ou abusavam da sua paciencia, ou não o julgavam fiel, ou era impossivel a apparição de Gomes Freire. Excluida a idéa da zombaria e da desconfiança, por isso que lhe haviam revelado o mais secreto dos seus planos, estava provada a impossibilidade.

Lord Beresford remetteu em 22 de maio de 1817 aos governadores do reino as provas do que se tramava, e instou pela prisão dos implicados para evitar que o negocio transpirasse.

Na tarde de 24 para 25 recebeu Gomes Freire cartas anonymas participando-lhe que á meia noite havia de ser preso, e pela bocca do padre Manuel de Mesquita, D. abbade do mosteiro de Belem, ouviu igual aviso, sem que procurasse evadir-se. Aos conselhos prudentes do amigo oppoz protestos de innocencia, e para melhor mostrar que de nada se receava, tendo passado parte da tarde em casa do conde de Rio Maior, onde disse o que estava para lhe acontecer, não obstante isso, recolheu-se essa noite muito mais cedo.

Alta noite cercam-lhe a casa de soldados da policia, arrombam-lhe a porta da rua, e successivamente todas as outras interiores até entrarem no gabinete onde estava, e o tenente coronel d'aquelle corpo, fazendo apontar as espingardas ao peito do tenente general, como se por ventura se tractasse da captura d'algum famigerado facinoroso, bradou-lhe por detraz dos soldados: «Vossa excellencia está preso!» Elle, sem dar signal de susto, e sem resistir, exprobou lhe a villania da acção, e estranhou ser preso por official de patente inferior, contra as usanças militares. Adiantou-se então o ajudante do intendente geral da policia, e appresentando-lhe a ordem o general se deu á prisão. Depois de lhe apprehenderem todos os papeis, metteram-n'o n'uma sege de aluguel com o ajudante do intendente, e, escoltado por uma força de cavallaria, conduziram-n'o para a torre de S. Julião onde chegou as seis horas da manhã.

Dourava o sol as grimpas da altiva Lisboa; o malfadado preso olhou saudoso para a cidade, onde lhe ficava quanto tinha de mais charo, correram-lhe ra-

pidos pela mente os dias da passada gloria; ao remanso da vida, ao suave tracto dos amigos disse-lhes o adeus derradeiro, e transpoz o limiar da fatal torre, que devia ser a sua ultima habitação n'este mundo.

Dos outros accusados de conspirarem mui poucos escaparam. Em quanto se prendiam, conservou-se a tropa em armas, com espingardas carregadas, morrões accesos, e todo o mais apparato bellico que é do estylo quando o inimigo está á vista. Beresford viera estabelecer o seu quartel general em Alcantara, no aquartelamento de cavallaria n.º 1, e d'alli destacára patrulhas pelas praias.

Apenas Gomes Freire entrou na torre foi lançado n'um calabouço. Aquelles commodos indispensaveis, que não se negam aos maiores criminosos, não os teve elle. Dormiu sobre as lageas humidas da masmorra...

Nomeou o governo sir Archibald Campbell para commandante da torre. Condoído do preso, a quem não davam de comer, sustentou-o á sua custa, até que, no fim de seis dias, a poder de sollicitações, chegou ordem para se dar ao tenente general Gomes Freire a mesquinha pensão alimentaria de doze vintens diarios, no caso d'elle não ter dinheiro ou outro modo de se sustentar. Gomes Freire preferiu escrever a alguem de sua familia, afim de obter dinheiro.

Uma cama que então lhe concederam de pouco allivio lhe servia, por estar sempre repassada de humidade.

O marechal Campbell não era um carcereiro deshumano, era um homem de charidade e militar honrado: o preso inspirou-lhe ao principio dó, depois interesse, e por ultimo amisade; deu-lhe pois todas as provas d'um coração bemfazejo, compativeis com o rigor das ordens superiores. Passadas algumas semanas cobriu-se a cara do preso de pustulas que lhe causavam dôres agudissimas e tresvarios. A este tempo faziam-se-lhe interrogatorios.

O commandante da torre requereu um medico; foi lá o physico mór do exercito e certificou não ser de perigo, se bem que muito dolorosa, esta doença, procedida de se não ter barbeado o preso havia muito tempo. Sir Archibald Campbell mandou comprar navalhas de segurança, e pediu licença á intendencia geral da policia para se fazer a barba ao desgraçado Gomes Freire, — foi-lhe negada; instou mandando apprescntar as navalhas, — nova repulsa; pediu ser rendido, não lh'o concederam. É quasi a historia da amputação da perna gangrenada de Maroncelli, demorada até vir ordem de Vienna.

Tinha Gomes Freire pedido licença para enviar a el-rei um requerimento pela mão de lord Beresford, o qual respondeu a Campbell, em data de 24 de junho, que o tenente general Gomes Freire podia communicar-lhe o que desejava, escrevendo na presença do commandante da torre, e sendo os escriptos levados pelo marechal general á presença dos governadores do reino. E accrescentava: «Eu não preciso dar-vos outras instrucções senão que vejaes e olheis bem que vos parece o estado da sua cabeça e do seu juizo, porque pela informação que me deu o tenente coronel Haddock, quasi parece que está algumas vezes fóra de si.»

Gomes Freire remetteu-lhe um protesto em cuja appresentação ao soberano punha a ultima esperança, e indagando o que era feito d'elle, declarou lord Beresford a Campbell, em carta de 7 de setembro, que transmittíra tudo ao presidente do governo, sem deixar copias do papel dirigido ao rei, nem tampouco do que era endereçado ao duque de Sussex. Remataya o marechal general a sua carta, dizendo: «Sou muito explicito n'este ponto, porque a pobre creatura (poor fellow) parece julgar que o conhecimento do destino que tiveram estes papeis lhe póde ser util para a sua defeza, para a qual nada que dependesse de mim haveria certamente de ser omittido ou recusado. O que os papeis diziam é, e será talvez para sempre, um mysterio; mas é notorio que Gomes Freire respondeu a Campbell quando soube o destino d'elles: «Sendo assim, vossa excellencia verá que eu serei enforcado como um cão n'esta fortaleza.»

O processo tenebroso da conspiração foi progredindo; nem faltou quem culpasse Gomes Freire para salvar-se á sombra do seu nome illustre (1); fecharam-se os olhos aos depoimentos que o favoreciam, esquadrinhou-se e deu-se vulto a quanto o carregava, trocaram-se datas, e concluso os autos, sem que Gomes Freire, o unico que permaneceu no segredo, fosse acariado com os accusadores, subiram da intendencia para o governo, que os remetteu ao tribunal do juizo da inconfidencia, onde com incrivel brevidade foi proferida a sentença de 15 de outubro de 1817, condemnando-o á morte com mais onze victimas, e a outras quatro em degredo. Dos depoimentos de Gomes Freire, em que a propria sentença nota muitas contradições, effeitos do tresvario e da difficuldade com que se explicava em portuguez, approveitaram-se os dictos tendentes a aggravar a culpa, para se lhe impor as penas de garrote na força, de lhe cortarem a cabeça, de ser queimada com o corpo, de lançarem as cinzas ao vento. A'cerca do protesto que o condemnado tanto desejava submetter ao rei, nenhuma reflexão se fez; ou se desencaminhára, ou não o quizeram ver: á coarctada de que elle pretendia, caso houvesse uma subita explosão, dirigi-la em ordem a conservar o reino ao soberano, evitar a anarchia, e salvar a patria, nenhuma refutação convincente quizeram traçar n'uma sentença que deu o epitheto de *sacrilegas* a certas expressões escriptas contra lord Beresford, e fez menção, como d'um crime, da analyse do regulamento do exercito

Dias antes de sentenceados os réus, tinha ido para a torre um desembargador a titulo de assistir ás perguntas, e regular as communicações. Morrer arcabuzado era o mais vehemente desejo de Gomes Freire: fez a barba, vestiu-se e calçou-se, esperançado em que, á semelhança de Ney, sem pestanejar, daria a voz de fogo, e cairia crivado de ballas. Quando porém soube que, sobre embargos, lhe fôra commutada a pena na de morrer enforcado; quando o despiram e lhe enfiaram a fatal alva, deu lhe um desmaio. Tornado em si, ouviu ler a sentença com animo tranquillo, quiz escrever aos seus parentes e amigos, e como lh'o não consentissem, recolheu-se ao silencio para morrer em paz com o mundo. Grato ás attenções de Campbell, mandou-lhe rogar pelo tenente coronel Haddock que viesse receber o adeus da despedida, e assim que Haddock voltou com as cortezes desculpas do commandante, sentou-se na cama em que estava deitado, estendeu lhe a mão, appertou lh'a, e escutou-as com mostras de satisfação.

A intimidade que parecia reinar entre os dois fez crer que elles se haviam feito signaes maçonicos. A's cinco horas da manhã de 18 de outubro já estava a tropa em armas, e tudo disposto para a execução, porém mal saiu o padecente da porta do calabouço, deitou a fugir o prestito dos ministros e officiaes de

(1) Foi sua mãi a condessa de Schalgoche, filho do conde de Wenceslau de Schalgoche, e da condessa do mesmo titulo, da casa dos condes de Althen; ambos das mais antigas e illustres familias da Bohemia. Nasceu no anno de 1757, e não em 1759. Depois de impresso o 1.º artigo alcançamos estes esclarecimentos por intervenção de Sr. D. L. V. de Lencastre, a quem muito os agradecemos.

justiça, pretextando perigarem as suas vidas em razão de estar Haddock de intelligencia com o réu, e haver manifestado altamente a sua indignação ao ver que o obrigavam a caminhar descalço para o patibulo; tormento que Gomes Freire reputou o mais cruel de quantos tinha soffrido.

A' vista d'este pavor, real ou fingido, disse Gomes Freire, sorrindo amargamente: «Pois tem medo de mim no estado em que me acho!»

Em baldadas diligencias para ser rendido Haddock do commando da guarda se consumiu mais de uma hora, prolongando-se o martyrio ao infeliz Gomes Freire. Desenganados, conduziram-no ao patibulo fóra da fortaleza de S. Julião, e requereram, sem fructo, ao coronel de infanteria 19 que mandasse fazer meia volta á direita, para que Gomes Freire não fizesse algum signal que revoltasse os soldados.

Dado o da execução, subiu Gomes Freire com desembaraço e serenidade os degráus do patibulo.... Dos olhos de Haddock rebentavam as lagrimas: o sacrificio estava consummado. A's nove horas da manhã tinha voado para Deus a alma de um dos maiores generaes portuguezes (1).

Réu ter-lhe-ia approveitado o perdão do soberano, innocente defende-lo hia a sua justiça, se tivessem querido consultar a vontade d'elrei D. João VI, sempre inclinado á clemencia.

No mesmo dia eram executadas no Campo de Sancta Anna mais onze victimas, e as fogueiras, muito tempo depois, ainda enchiam de terror os consternados habitantes de Lisboa. Passados quasi tres annos resoavam em todo o Portugal os vivas ao systema constitucional. Ignorando esta mudança voltava do Brasil o marquez de Campo Maior, revestido de poderes amplissimos; mas o governo constitucional não o deixou desembarcar, e o vento contrario deteve-o no Tejo até 18 de outubro de 1820! Um anno depois, no mesmo dia, á roda d'um cenotaphio levantado na igreja de S. Domingos, assistia quanto havia de bom em Lisboa ás exequias das victimas de 1817, cuja memoria veio a ser rehabilitada por sentença de 20 de maio de 1822.

Habitantes das Landes de Bordéus.

(Continuado de pag. 22.)

Os camponezes das dunas, por effeito de antigas preoccupações, ainda entre os estrangeiros tem fama de pedirem com votos cubiçosos o naufragio dos navios que passam á vista da costa das Landes, chamada com tanta razão *costa de ferro*. Comtudo ninguem hoje é mais humano e compassivo do que elles; e uma infinidade de acções generosas attestam a sua coragem e desinteresse. O naufragante é alli soccorrido na sua afflicção e tractado com mil cuidados; os cadaveres das victimas das tormentas, por desgraça sobejamente numerosos, recebem religiosamente sepultura; os salvados são respeitados.

Em quanto os homens guardam gado, ou colhem resina, ou fazem carros, as mulheres das Landes empregam-se no trabalho caseiro, no amanho das terras, e em preparar carvão. A' parte, verdadeiramente injusta e superior ás suas forças, do lavor que tem a seu cargo, accresce a creação dos sirgos ou bichos da seda, e das abelhas; tarefas em que estas tristes creaturas se occupam com tamanha actividade que antes de tempo se fazem velhas. Todas, salvo poucas excepções, nascem bonitas, e o são até os vinte annos; passado este termo realmente fatal, a olhos vistos se definham.

Não acontece outro tanto ás mulheres das povoações grandes; sobre tudo as da pequena cidade de Dax gozam da geral opinião de formosas e agradaveis na conversação e no modo.

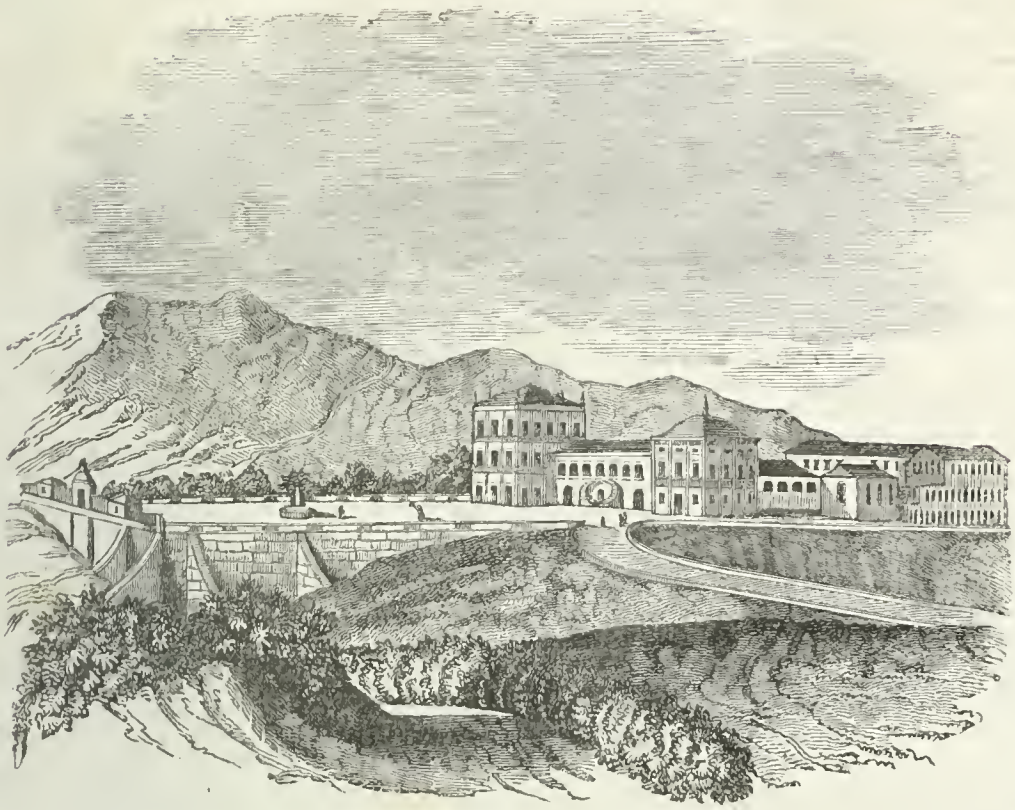
No districto de Born ha um costume tradicional, quanto a ajustes de casamentos, escrupulosamente observado, em virtude do qual ao amante rejeitado chamam *namorado das nozes*: referi-lo-hemos por singular. — Quando um paisano quer pedir uma rapariga, vai acompanhado de dois amigos á noite bater á porta da sua bella; prevenidos da visita, os donos da casa franqueam-lhe a entrada, e cada um toma logar a mesa em que está posta a cêa. Come-se bastante, bebe-se-lhe melhor, palra-se muito, mas nem palavra se diz sobre o objecto da visita. Assim corre a noite, e, ao alvorecer, a donzella levanta-se e vai buscar a sobremesa composta de differentes pratos; se n'um d'elles traz nozes, o pertendente deixa o logar, corteja a toda a pressa, e abala com os seus dois amigos, testimunhas d'esta despedida symbolica e formal. Poucas horas depois é publico o caso, que impõe a desastrada alcunha de *namorado das nozes* ao noivo repudiado, até que se lhe offereça outra sobremesa mais felizmente combinada.

Arranjam-se os casamentos mais á cavalheira, e quasi á moda primitiva, n'aquella parte das Landes que pertence ao *departamento* do Gironda. — Em dia festivo depois da missa, os parochianos apartam-se a um lado e as mulheres a outro, formando circulo defronte da igreja: no meio está um pastor trepado n'uma pedra *ad hoc*, atraz do qual fica, repartida em bandos, a mocidade de um e outro sexo. Ao cabo de dois ou tres minutos d'espera e recolhimento, o pastor levanta ambos os braços, e entoa em altos berros uma cantiga bem acceita, mas de tal incoherencia euphonica que é difficil imagina-la. O canto selvagem é signal de uma dança brutesca, pulando cada homem toscamente diante do seu par, muito attento em imitar-lhe os movimentos. Brevemente se declaram na gente moça velleidade, matrimoniaes: um agarra a mão da sua querida apertando-lh'a por algumas vezes; se a estas provocações pouco equivocas ella corresponde com um apertão de mão significativo, o noivo a empurra para fóra do circulo; e ambos que, até então, conservavam os olhos baixos, ja se contemplam, dizem mutuamente algumas palavras seguidas de quatro ou cinco cachações, e correm a procurar seus pais para lhes declarar que estão *ajustados*. Tracta-se dos arranjos sem demora, e é chamado o cura para marcar o dia dos desposorios a que hão de assistir os moradores da parochia. A noiva apparecera com vestido de serguilha talhado sem graça, e um toucado feito de muitos lenços, ou uma coifa de grandes franjas côr de papoula, trazendo por cima como bonito enfeite, um chapeirão guarnecido de fitas pretas com um ramo de gnaphalio ou alecrim das areas: em cada braço ha de trazer uma cestinha para recolher os presentes que, por uso imperioso, se devem offerecer ao novo par, para quem, no fim de contas, o facho do hymeneu lança uma claridade laça, porque a influencia que o amor tem no paisano das Landes é, quando muito, analoga á que sentem o castor e outros quadrupedes amphibios. (*Continua.*)

---

(1) Julgamo-lo auctor d'um folheto com o titulo de *Memoire raisonnée de la retraite de l'armée combinée espagnole et portuguise du Roussillon*. Par G... F... officier au service de Portugal.

Este mundo é comedia para quem vê, e tragedia para quem sente. Cesar Cantu.



RESIDENCIA IMPERIAL EM S. CHRISTOVAM.

O palacio de S. Christovam, habitual residencia de S. M. o imperador do Brasil, antes de ser occupado pelo Sr. D. João VI e real familia, era uma casa particular e fazenda de recreio, a menos de legua da capital, sobre uma eminencia, em situação de tal modo amena e pictoresca, que se chamava a quinta da Boa-Vista; nome sobejamente justificado pelo aspecto do bairro do Engenho-Velho e paiz adjacente, cuja descripção póde ler-se no volume em que ficou suspensa a publicação do Panorama, o de 1844, a pag. 296. Saíu então uma vista do edificio, mas tão acanhada, e por isso mesmo pouco favorecida da impressão, que obrigou o distincto collaborador, que escreveu a serie de artigos excellentes e noticiosos sobre o Rio de Janeiro, a dizer n'aquelle logar: — «Dando uma pequena estampa, sentimos que não seja ella (copia de outra do Sr. Sturz) em verdade a mais propria para dar uma idéa menos desfavoravel e exacta d'esta habitação real.» Agora que obtivemos transumpto muito mais desenvolvido e elegante, não hesitámos em o publicar, á imitação do que se practicára na collecção precedente, tambem a respeito da capital brasilica, repetindo vistas, comtudo assaz melhoradas. Deixando porém a parte descriptiva, já conhecida, passaremos a historiar um successo bellico menos sabido.

Adverso foi o fado ás armas francezas todas as vezes que intentaram conquistar e conservar o Rio de Janeiro. Em 1556, mandados pelos esforçado cavalleiro de Villegaignon, foram repellidos pela valentia e pericia do governador Mendo de Sá, com victorias continuas até o anno de 1557, não lhes valendo a alliança que travaram com os barbaros naturaes da terra. Canta estes triumphos o padre Durão, no canto 8.º (1) do seu Caramurú.

Correndo o anno de 1710 havia-se preparado em Brest com grande segredo uma esquadra de cinco navios de guerra e uma balandra, com 1500 homens de desembarque de tropas escolhidas, e numero de voluntarios, debaixo da segurança que dera Mr. du Clere, cabo da empreza, de que, com a partida da frota do Brasil, a gente do Rio de Janeiro ia para Minas, e seria facil ganhar a cidade, levando bombas e os mais instrumentos d'expugnação: lembrou-se do bom successo que tivera outro cabo francez em Carthagena das Indias. Chegou a esquadra ás costas do Rio de Janeiro a 6 d'agosto de 1710, e ainda navegava quatorze leguas ao norte já tinha aviso d'ella o governador Francisco de Moraes, que vigilante repartiu militarmente os postos e augmentou a guarnição das fortalezas. A' barra se avistaram os seis navios com bandeira ingleza: os tiros da fortaleza de Sancta Cruz os obrigaram a manter-se ao largo, e logo no dia 18 se fizeram de vela para o sul. O governador mandou guarnecer as praias que se denominavam da Pescaria e da Pedra, avisando a Santos e a Ilha Grande para que estivessem prevenidos: juncto a esta ultima ancoraram os contrarios a 27, e ahi permaneceram até 31 e saquearam algumas fazendas,

(1) Vide na edição elegante, dada pelo Sr. Varnhagen, dos dois poemas brasilicos reunidos, de pag. 303 em diante.

que mui poucos moradores defenderam em quanto tiveram munições, mortos assim mesmo seis francezes e feridos muitos. Mais algumas avarias fizeram pela costa, até que, a 10 de setembro, dois navios com uma sumaca da Bahia, que tinham apresado, havendo sondado as aguas da praia da Lagoa, intentaram o desembarque a duas leguas da cidade; havendo-se reunido, porém, a gente destinada á defensão, foram rechaçados só pelas ordenanças: dois destacamentos enviados a reforça-las acharam já os inimigos retirados em virtude da opposição dos defensores e da aspereza do sitio. No seguinte dia chegaram á barra de Guaratiba, que acharam desguarnecida, pela confiança que se punha na altura dos cerros e impetuosidade dos mares; com effeito n'esse districto levaram a cabo o desembarque. Precavido o governador, e sciente de que não passava de mil e duzentos homens a força que se dirigia á cidade, com o fito de a colher de improviso, conhecedor do intractavel dos caminhos contentou-se em mandar pequenas partidas, com practicos do terreno, a embaraçar-lhes o progresso, e a matar-lhes a gente que podessem nos passos estreitos; ordenando junctamente ao tenente general engenheiro, José Vieira, que com um corpo mais grosso de tropa, reunindo as guarnições que o inimigo deixava nas costas, lhe picasse a retaguarda, e lhe cortasse a retirada. Continuaram os francezes a marcha, vencendo as difficuldades do transito, até chegarem ao engenho dos padres da Companhia, uma legua da cidade. Com esta certeza o governador, deixando nos quarteis a gente absolutamente precisa, passou com o resto no dia 17 ao campo de Nossa Senhora do Rosario, onde formou em batalha, e defendendo a parte que os inimigos procuravam para accommetter a cidade, plantou artilheria nos locaes convenientes, entrincheirou os mais fracos, desfazendo tudo o que podia servir aos atacantes para cobrir-se. Em a noite de 18 acamparam os francezes na roça dos padres da Companhia; e antes que de bordo podessem receber reforço e as embarcações simultaneamente se atrevessem com as fortalezas, o governador assentou de tomar a offensiva investindo-os com um corpo de mil homens ás ordens de seu irmão, o coronel Gregorio de Castro de Moraes; porém Mr. du Clerc achou mais prudente retirar-se, procurando tentar a aggressão por outro lado, e fazendo uma diversão aos defensores. Presumido este designio no campo portuguez, um forte destacamento de 300 homens, do regimento do coronel Crispim da Cunha, passou a occupar o caminho do outeiro de Nossa Senhora do Destetro, para entrar na cidade pelo sitio de Nossa Senhora da Ajuda; e como os inimigos talvez ousassem atacar a fortaleza da Praia-Vermelha, marchou a disputar-lhe o passo a força do commando do coronel João de Paiva Souto-Maior. O primeiro encontro foi renhido de parte a parte, continuando por largo tempo o fogo, augmentado em nosso favor pelos tiros de artilheria miuda do forte de S. Sebastião, sobranceiro ao logar do combate, e do qual era governador José Correia de Castro, que o fôra da ilha de S. Thomé, e que n'esta occasião se houve com animo e capacidade.

Os invasores, observando quão defendidos estavam todos aquelles pontos, e experimentando já notavel estrago, conheceram o arrojo da sua empreza, e conceberam a estranha resolução de entrarem a cidade, no presupposto, ao que se julgou depois, de capitular dentro d'alguma igreja para salvarem as vidas. Conseguiram seu intento, apesar da resistencia que lhe oppoz o tenente general Vieira, que se achava com pouca gente do lado por onde elles romperam: formaram-se emfim juncto ao convento do Carmo, e não alcançando arrombar-lhe as portas, foram buscar a casa dos governadores, já com perda de muita gente pelas ruas e pela retaguarda. Defendeu-lhes a entrada, obstinadamente e com muitas mortes, uma companhia de estudantes que na cidade se organisara.

Assim que chegou á noticia do governador este acto desesperado, fez marchar o coronel Gregorio de Castro com o seu regimento, e por outro lado um troço ás ordens do sargento mór Martim Correia de Sá. Approximando se estes corpos da rua direita, onde ainda os estudantes detinham os inimigos, atacaram estes tão vigorosamente que os forçaram a retirar-se, desamparando o corpo da guarda, em direitura a praia, onde, apesar de porfiosa lucta, se apoderaram de um grande trapiche e de seis peças de artilheria que, para proteger a bahia, ahi estavam collocadas: n'esta refrega, pelejando valorosamente, morreu de duas ballas o coronel Gregorio de Castro de Moraes, e foi ferido gravemente seu filho mais velho Francisco Xavier.

Lembrou ao governador lançar fogo ao trapiche, mas susteve o a consideração de que poderia atear-se nas casas visinhas, e porque ahi se havia recolhido quantidade de creanças e mulheres; ordenou então que jogasse a artilheria da ilha das Cobras e de outras baterias, tendo já tomado com algumas peças as boccas das ruas. O commandante da companhia de cavallaria, Antonio Dutra da Silva, morreu lastimosamente, á frente de uma carga, n'este conflicto.

Mr. Du Clerc, achando-se instantemente apertado, quiz capitular: o governador concedeu só as vidas, se no mesmo momento se rendessem. Assim o fizeram; mas não tiveram igual fortuna os francezes do ultimo troço, que havia marchado por differentes ruas, porque quasi todos foram mortos: acharam-se os cadaveres de trezentos, e depois appareceram muitos pelos mattos e rios. Ficaram seiscentos prisioneiros, mais de metade feridos, entre elles officiaes de distincção e alguns titulares. Dos nossos morreram cincoenta, e houve feridos oitenta. Passando de mil os francezes que desembarcaram não escapou mais que um negro fugitivo que lhes havia servido de guia, o qual levou a nova de sua má fortuna aos navios que estavam na Ilha Grande.

A vinte e um de setembro chegaram á barra dois navios e a balandra, que tinham canhoneado a povoação da ilha com pouco effeito, recebendo só algum damno os conventos do Carmo e Sancto Antonio. Governava e defendia a villa o capitão de infanteria João Gonçalves Vieira; e apesar de ser aberta e não ter mais guarnição que as ordenanças, despresou sempre as propostas para render-se, rechaçando os inimigos quando intentaram saltar em terra. As embarcações que primeiro se approximaram da barra despediram inutilmente seis bombas, que bem se póde dizer serviram de festejar a nossa victoria. Mr. Du Clerc lhes fez saber, com permissão do governador, o estado em que se achava. Logo o participaram para os outros navios, que ainda de um ilheu visinho procuravam offender a villa da Ilha Grande com tiros e bombas. Reunida a esquadra lançou em terra o fato e trem dos prisioneiros, restituiu os vinte e oito portuguezes que havia tomado na sumaca da Bahia, e assaz escarmentada deu á vela para a Martinica, possessão franceza no archipelago das Antilhas.

Esta noticia trouxe-a a Lisboa um patacho de aviso. No dia 14 de fevereiro SS. Magestades e Alteras assistiram ao *Te Deum* na capella real; e foi com salvas e luminarias festejado este feliz successo.

O Hadjeb de Kordova.

(972 a 992)

(Continuado de pag. 26.)

II

O Mostarabe.

As victorias de Mohamed promettiam-lhe um longo descanço. Os successos dos jardins de Azharat eram desconhecidos de todos. Shobeia ostentava extremos como sempre, e o hadjeb mais ambição do que nunca. Visinho do throno, e subdito unicamente no nome, o seu poder não conhecia limites. Curvavam-se na sua presença as duas raças que disputavam o dominio das Hespanhas; tremiam d'elle vencedores e vencidos. — Quem ousaria pois erguer-se contra o irresistivel dominador de Kordova e do kalifado, senhor em Africa e na Peninsula — quem? . . .

Descia a tarde. As nuvens da tormenta accumulavam-se rapidas no horisonte afogueado e carregado de vapores. O sol tinha-se engolphado havia pouco n'uma lagoa sanguinea. Ao cair das primeiras sombras um vento impetuoso curvou até o chão os sovereiros e azinheiras: estremeceu attonita a selva inteira, e gemeram tristemente os seus echos mais profundos.

N'uma clareira do bosque sobresaía um grupo silencioso d'homens: inclinavam uns o rosto para a terra em attitude de commiseração; estendiam outros os olhos ao largo n'um gesto instinctivo de provocação e rancor. Cubria-os uma especie de albornoz escuro, ondeando amplamente ao som do vento, e abrigava-lhes a cabeça o longo capuz dos sarracenos. Ao primeiro aspecto seria difficultoso conhecer se pertenciam aos antigos senhores do Andaluz, se aos novos conquistadores — tão equivoco era o seu traje. Se bem se attentasse, porém, dir-se-hia logo que os vultos reunidos na clareira só podiam ser d'aquelles habitantes do paiz invadido, que, tendo guardado o culto da sua religião, se haviam comtudo sujeitado ao governo dos invasores.

Era uma raça mixta, digna de curiosidade e de interesse. Christãos e godos pela tradição, o contacto incessante com os musulmanos dera-lhes um pouco da physionomia particular dos ultimos. Tinham herdado dos avós as virtudes guerreiras, a tenacidade e a firmeza: tinham adquirido no tracto com os intrusos os seus impetuosos movimentos e os seus brios civilisados. Cultivavam no lar da familia o legado precioso dos antepassados: no commercio da civilisação apossavam-se d'elles insensivelmente as idéas d'uma nação esplendidamente cavalleira. Trabalhados simultaneamente por estas duas acções encontradas, a alma d'estes homens fôra ganhando pouco a pouco uma energia e uma tempera que os devia necessariamente tornar distinctos dos outros com quem viviam. A civilisação africana era para elles mais efficaz, porque era mais immediata: as memorias da patria deviam de ser tanto mais sagradas quanto se conservavam na familia com um deposito venerando. Os rebellados do Astura tinham começado uma era nova para si, surgindo armados do ferro e da prevenção contra o inimigo: estes não; conheciam do passado o necessario para guardarem intactas as tradições de seus pais. Tinham-se civilisado sem deixar de ser godos.

Tal era esta raça, conhecida nas Hespanhas pelo nome de Mostarabe. A sujeição havia-a polido sem a ter abastardado. As suas paixões eram pertinazes e profundas como as inspirações do sangue que haviam herdado, ardentes e devoradoras como os enlaces que haviam contrahido.

D'estes eram pois os homens reunidos na clareira da selva, abatidos uns, foriosos os outros.

Que motivo, porém, dobrava para o chão aquelles olhos e aquellas frontes? quem os reunira alli, a taes horas, em despeito das ameaças da natureza?

É o que nós saberemos se nos approximarmos do grupo, e o examinarmos cuidadosamente.

Os vultos que tentamos descrever formavam um circulo em roda de outro estendido no chão humido. Envolvia-o um manto igual ao dos circumstantes. O rosto, pallido e cavado, contrastava singularmente com o folgor temeroso dos olhos, que pareciam dardejar chammas. Barbas e cabellos negros, hirsutos e desalinhados, davam-lhe uma apparencia selvatica e tremenda. Por baixo do manto entre-aberto appareciam-lhe sobre o peito, nos vestidos, algumas largas nodoas de sangue fresco e vermelho.

— « As guardas do hadjeb perseguem-nos, irmãos, — dizia elle em voz sumida mas firme — deixai-me aqui morrer, e buscai salvar-vos. »

— « Morreremos todos! » — exclamaram os circumstantes brandindo as armas.

— « A vingança de Mohamed não descança — continuou o ferido, depois de breve pausa. — Não são porém estas perseguições que me aggravam o meu mal . . . são . . . »

Não poude continuar. Uma lembrança, terrivel sem duvida, veio suffocar-lhe as palavras nos labios. Apertou convulso a espada que lhe descançava ao lado, vibraram-lhe dois raios nos olhos inflammados, e, alçando meio corpo n'um esforço sobrenatural, como que pareceu procurar em torno de si algum objecto horroroso.

Assustava o seu aspecto.

N'isto um dos que o rodeavam, destacando-se do circulo, veio ajoelhar a seu lado. Saía-lhe de dentro do escuro capuz uma barba branca de neve: era a imagem dos antigos patriarchas.

— « Hermengardo, meu filho — prorompeu elle — anima-te, vive, descança: has de ser vingado. Dizem-t'o aqui teus irmãos: digo-t'o eu: has de ser vingado. »

Um fremito sonoro d'armas percorreu o circulo. Nenhuma resposta podia ser mais eloquentemente affirmativa.

O ferido era o vulto dos jardins de Azharat, que havia luctado e succumbido aos golpes do hadjeb. O ancião era seu pai; os circumstantes seus companheiros d'armas.

Hermengardo, mal ferido, tinha conseguido sair dos jardins n'aquella noite fatal. Luctára dois mezes entre a morte e a vida. A final triumphára a natureza e a idade. Convalescente ainda, saíra erguendo por toda a parte, entre seus irmãos, o grito de guerra contra o hadjeb. Gelohira era sua noiva; e o infeliz Hermengardo nunca mais podéra ter alcançado noticias da virgem de Amaya. Minava o surdamente um ciume implacavel, assaltavam-n'o a cada passo estranhos terrores, e a ancia horrenda de vingança, que parecia devora-lo, provinha toda de seus zelos furiosos. Vagava em torno do alcaçar do kalifa como um lobo em torno do redil; e dos que o viam espreitar assim, com tamanha tenacidade e tão pouco fructo, aquelles muros, diziam uns « ai d'elle! » diziam outros « ai dos seus inimigos! »

O hadjeb porém, posto julgar-se desembaraçado d'um rival, não descançava. Soubera que entre os mostarabes, alguns mancebos, commandados por um ancião venerando e por um cabo terrivel, tramavam contra o seu poder, e para logo projectára dispersa-los.

Era d'esta perseguição que fugia Hermengardo e

os conjurados. Tinham-se-lhe aberto as feridas recentes e profundas; era por isso que elles esperavam alli a cada passo a hora da salvação ou do combate no meio d'aquella selva.

Ao lembrar-se de que ia talvez acabar miseravelmente, na incerteza e sem vingança, o infeliz mancebo sentiu atravessar-lhe o coração uma dor aguda e penetrante.

— «Meu pai — exclamou elle voltando-se para o ancião, e tomando lhe custosamente a mão — se eu morrer aqui aos golpes dos nossos inimigos, jurai-me que buscareis salvar-vos...

— Eu, ficando tu!» — respondeu attonito o ancião.

— «Jurai-m'o» — accrescentou Hermengardo.

— «Para que?» — redarguiu seu pai.

— «Para... — acudiu o mancebo — para saberdes o que é feito de Gelohira... e para me vingardes segundo a minha offensa.»

— «A tua offensa, Hermengardo — exclamou uma voz, que parecia vir do mais tapado do arvoredo — só póde vingar-se d'um modo.»

O mostarabe tremeu todo da cabeça até os pés; voltou rapidamente o rosto e viu...

Viu surgir d'entre as arvores um vulto de mulher, trajando de branco. Espantava o seu olhar. As faces estavam pallidas como o vestido, os cabellos ondeavam-lhe soltos, os pés, chagados pelas urzes do caminho, escorriam sangue. Não andava, era uma sombra a voar por entre os mysterios da selva. Arfava-lhe o seio semi-mí em vagas tempestuosas: dos olhos corriam-lhe dois rios.

Atravessou, gemendo, o espaço da clareira, e tanto que chegou ao lado do mancebo, caíndo de joelhos defronte do ancião, alçou o punhal que trazia na mão, e, appresentando-o ao mancebo, exclamou:

— «Hermengardo, vinga a tua offensa!»

Era a virgem de Amaya!

(Continúa.)

Habitantes das Landes de Bordéus.

(Continuado de pag. 32.)

O habitante das Landes é bondoso e obsequiador, não obstante a insensibilidade que deve necessariamente resultar da sua idiosyncrasia; ao mesmo tempo é docil, e respeitador das auctoridades, pouco inclinado ao roubo e á fraude; é porém constante que instantaneamente se arrebata e commette assassinios em certos accesos de irritabilidade nervosa. Apezar d'isso, é religioso, e nada ha tão affectuoso como os lamentos e saudades que consagram á memoria dos mortos. — Se os filhos teem que deplorar a morte de sua mãi, durante todo o anno immediato ao fallecimento os utensilios de cosinha então tapados, e a louça na ordem inversa d'aquella em que a tinha a defuncta; e d'este modo a precisão da mais insignificante mobilia faz lembrar o respeito devido á fallecida, e o lucto se renova a cada momento no coração d'aquelles a quem amára. — Se morre qualquer habitante das Landes, toda a gente do logar assiste ao enterro, e algumas mulheres com trajo luctuoso vão recitar orações sóbre a sepultura. Frequentemente se encontram ranchos assim vestidos e de joelhos nas igrejas do Maransin; e o crepe funebre que occulta o semblante d'estas pessoas, as tochas accesas a par d'ellas, sobre tudo a attitude melancholica e o profundo recolhimento d'espirito, exaltam a imaginação, e prestam a essas reuniões certo caracter magestoso e solemne.

O povo miudo das Landes quasi que não conhece outro divertimento senão folgar na taberna; comtudo os que habitam as margens do Adour adoptam algumas vezes outro recreio, não obstante expressa prohibição. Fazem corridas de touros, principalmente no festejo dos oragos das freguezias. Mas estas chamadas corridas não teem semelhança com as tardes de touros na peninsula. É uma brincadeira ridicula, uma farça burlesca: porque a funcção faz-se na praça ou rocio da aldêa, onde nem sombra de touros apparece. A plebe espectadora accommoda-se pelas janellas e telhados, em cima de carros ou de quatro palanques mal armados; sáe a terreiro uma pobre vacca mansa, que apesar d'isso vem segura por uma corda lançada ao pescoço; capeam-na com lenços, e tanto atiçam o animal que a final arremette com alguns, e pára tudo em meia duzia de boléos não perigosos e n'algumas calças rasgadas, em meio dos apupos dos circumstantes; os rapazes fazem sortes a um novilho tonto; e assim termina a famosa *corrida de touros*.

Em todo este retrato do habitante das Landes, nada temos dicto dos que moram nas cidades; porque não teem vislumbre de analogia com o ente meio selvagem que descrevemos segundo as suas principaes variedades. O morador das cidades n'esta provincia lê jornaes, frequenta botequins e theatros, questiona em politica, tracta negocios, em summa é como qualquer outro dos oitenta e seis departamentos: entre seus antepassados contam-se generaes distinctos por valor e pericia, oradores d'imaginação viva e original, e alguns talentos consummados nas artes e nas sciencias; nomes que elle cita com justa vaidade, porém nomeando-os, nunca lhes esquecerá aconselhar ao viajante uma romaria á aldêa chamada Pouy, que fica a uma legua de Dax. Ahi ainda está de pé um carvalho mui velho, excavado pelo tempo e em partes quebrado, de colossaes dimensões, e cercado de uma estacada pintada de verde. Esta arvore veneranda é chamada n'aquelles sitios *a arvore que cura as molestias e dôres*; é um monumento consagrado á memoria de um humilde pastor de Pouy, que a vontade de Deus converteu em heroe de brandura e charidade, e que foi o homem mais reverenciado em França. O paisano do Maransin, quando passa por diante da *arvore que cura os dôres* ajoelha em silencio, e não ha um só curioso viajante que deixe de saudar com respeito o antigo carvalho de S. Vicente de Paulo.

Instituição da Ordem da Rosa.

Quantas riquezas proprias alardea o vasto e fertilissimo imperio do Brazil, quantos mimos derramava na sua nobre capital o commercio da Asia e da Europa, estavam de ha muito prevenidos para uma festa magnifica. O fundador do imperio esperava ancioso ver aportar a barra as embarcações que lhe trariam uma esposa na flôr dos annos, e rica de virtudes e de belleza, e a filha querida em quem abdicara um throno, e por quem depois veio expor a vida nos combates.

A esposa esperada era a neta dos reis da Baviera, a filha do principe Eugenio Beauharnais, a Sr.ª D. Amelia Augusta Eugenia Napoleão, duqueza de Leuchtenberg, recebida por procuração com S. M. Imperial o Sr. D. Pedro I, em Munich, aos 2 d'agosto de 1829. Ajustara este consorcio o marquez de Barbacena, o qual, conforme as instrucções do Imperador seu amo, o solemnisou de um modo mui grato a Deus com actos de beneficencia, comprando por quarenta mil cruzados um capital, de cujos rendimentos saem todos os annos os dotes de quatro meninas pobres; duas escolhidas pela casa de Leuchtenberg, e duas ti-

radas á sorte. N'esta occasião, por ordem de S. M. a Imperatriz, se distribuiram de uma só vez em esmolas sessenta mil cruzados.

S. M. Imperial partiu a 4 d'agosto para Manheim, com o titulo de duqueza de Sancta Cruz, na companhia de seu irmão o principe Augusto. Em Porthsmouth se reuniu com a rainha a Sr.ª D. Maria II.

Aos 16 d'outubro de 1829 chegaram ao Rio de Janeiro as fragatas brasileiras *Imperotriz e Isabel*. O Imperador saíu immediatamente n'um barco de vapor ao encontro da filha e da esposa, e áquelles olhos radiantes, que liam no intimo dos corações, assomaram duas lagrimas — lagrimas de prazer ineffavel.

Rebocada por um barco de vapor entrou no porto a fragata *Imperatriz* ao som das salvas de cento e um tiros dos fortes e dos navios, adornados de bandeiras multicôres; lançou ferro e respondeu ás salvas. Á noite começaram as festas com a illuminação da cidade e das embarcações. No dia seguinte ao meio dia desembarcou S. M. a Imperatriz no arsenal, e por baixo de soberbos arcos de triumpho, saudada pelos vivas do povo, que mal cobria o estrondo dos canhões, se dirigiu á capella do paço, onde recebeu a benção nupcial e assistiu a um *Te Deum*, cuja musica fôra composta pelo proprio Imperador.

Teve logar no dia immediato a entrada solemne na capital, e a apresentação de todas os grandes e fidalgos do imperio. S. M. a Imperatriz viu lançar ao mar uma corveta baptisada com o seu augusto nome, e o Imperador, afim de perpetuar a memoria d'uma alliança tão fausta, instituiu a Ordem da Rosa para premiar serviços militares e civis.

A insignia da ordem é uma estrella branca de seis pontas com orlas e maganetas de oiro, engrinaldada de rosas, sobrepujando-a a corôa imperial do Brasil.

Tem no centro a cifra P. A. (Pedro e Amelia) em lettras de oiro, cercada de um largo circulo, tambem de oiro, com a inscripção: Amor e Fidelidade. No reverso a data da fundação em campo de oiro, sobre um circulo azul com a legenda: Pedro e Amelia.

O imperador do Brasil é o grão mestre d'esta ordem, o principe imperial é grão cruz e dignatario, e todos os principes de sangue são grão cruzes.

Tem oito grão cruzes effectivos e oito honorarios, dezeseis grandes dignatarios, trinta dignatarios, e numero illimitado de commendadores, officiaes e cavalleiros.

A' grã cruz anda inherente o tractamento de excellencia, assim como ao dignatario, e á commenda o de senhoria. E necessario ter a patente de coronel para ser official, e a do capitão para ser cavalleiro.

Os grão cruzes trazem a insignia a tiracollo da direita para a esquerda: os dignatarios em aspa, e os commendadores, &c. sobre o peito esquerdo. Pela differença na largura da fita, que é côr de rosa orlada de branco, tambem se distinguem os gráus. Os oito grão cruzes effectivos, nos dias de grande gala, usam de um collar de oiro com rosas esmaltadas.

A chapa que representa a 2.ª figura prende-se no lado esquerdo da casaca. Os grão cruzes e grandes dignatarios trazem-n'a com a corôa; os dignatarios, commendadores e officiaes sem ella.

Jogos e Festas antigas.

Fragmento de uma historia verdadeira.

I

Nos chronicões velhos e pergaminhos, enterrados nas bibliothecas de Hespanha e nas nossas tambem, está a parte mais curiosa da historia da idade media na Peninsula. Quem quizer saber mais do que datas e nomes não tem remedio senão resignar-se a soletrar em latim barbaro a ingenua narração dos escriptores monasticos, que não eram nem tão rusticos nem tão aridos como decretou o orgulho da passada, e ainda da presente epocha.

Se a poesia podesse incarnar n'um cadaver, tinha alimento de mais nos in-folios, honrados com o ambicioso titulo de *Historias Completas*. Mas a poesia é a vida, e por isso seria sacrilegio e delirio tentar abraça-la com a morte; e, aos olhos da sciência e da philosophia, é morto do passado tudo o que se não anima pela alma, fé, e crença dos homens e das instituições, dos costumes e das ideas que reinaram, e á sua hora, ou modificadas ou decaidas, passaram do throno á urna cineraria das civilisações findas.

Colher o espirito do passado, para o infundir nos quadros das grandes epochas historicas, é o segredo dos mestres que fundaram a nova religião litteraria, chamada *romantica* impropriamente; porque não é outra cousa mais do que a nossa *renascença*, a verdadeira resurreição da arte christã, filha das tradições nacionaes, que embalaram nos braços a sociedade moderna.

Nós, por mais que digam, fomos, e havemos ainda continuar a ser muito tempo, *portuguezes-castelhanos* pela nossa origem commum. E não deve doer ao orgulho patrio. E o mesmo sangue, é a mesma alma em dois irmãos gemeos, mal-havidos, e apartados cedo um do outro pelo ciome da respectiva nacionalidade; mas no fim de tudo irmãos, e bons irmãos. Physicamente não é possivel reunirem-se debaixo do mesmo tecto — ambos querem ser morgados — porem intellectualmente devem viver em uma só communhão, e orar em uma só igreja. A parte melhor — a mais feliz — da historia da familia leram-na pelos mesmos pergaminhos, nascidos da mesma mãi, adormecidos no mesmo berço, e criados com o leite de crenças e costumes semelhantes. Depois d'isto póde lá deixar de haver alliança ainda que não haja *fusão?*

O quadro que se segue é a prova do que se diz n'este artigo. A epocha corresponde em Portugal ao reinado de Affonso Henriques. Os usos e costumes, o viver e crer, que o lapis do chronista retrata com tanta fidelidade era o mesmo em ambos os reinos. A physionomia social apparecia tão confundida, tão semelhante nos dois povos, como incertas, vagas, e mal distinctas as fronteiras que os separavam.

O sabio Berganza, nos documentos de que illustrou as suas famosas «Antiguidades de Hespanha», incluiu a chronica do imperador Affonso VII, conservada no archivo da cathedral de Toledo. Foi o livro d'onde se tirou este painel de costumes de tão preciosa raridade; a descripção do chronista é d'esses clarões historicos, que alumiam até o fundo o modo de ser de um periodo inteiro quanto ás relações sociaes. O leitor ajuizará por si.

II

Guerra e casamento ha sete seculos na Hespanha.

A vida de Affonso VII foi uma continuada lucta com os arabes belliccosos das fronteiras, ou com os principes christãos seus visinhos — a guerra nacional e religiosa por um lado — a guerra civil pelo outro fizeram da sua côrte um verdadeiro acampamento militar. O monarcha castelhano, assim como o nosso Affonso Henriques, é das figuras historicas que, alongando os olhos ao passado, nos parece vêr ainda de pé sobre o sepulchro com a acha d'armas no braço esquerdo.

Era um coração de leão; uma vontade indomavel — um esforço cego, tenaz, e incessante. De um recontro de mouros voar á refrega com Portugal, d'ahi tender a bandeira real, e despedir o galope dos esquadrões frementes sobre o Aragão e a Catalunha; — dormir no leito da terra dura: descançar d'uma batalha nos braços d'outra batalha; nunca despir as armas, nunca fechar os olhos — eis em resumo a existencia dos soberanos, que no começo disputaram a palmos o solo da Peninsula á conquista estrangeira, e á ambição natural.

Depois de uma vida d'estas — quando o coração esfria, e os braços se cruzam no peito para se não abrirem mais, o somno da morte deve ser bem profundo e tranquillo!

Vejamos um episodio do gigante duello, em que se consumiu inteira a trabalhosa carreira de Affonso VII.

«Acabadas outras guerras, o rei mandou dizer um dia aos condes de Castella: — enfreai os cavallos; ámanhã partimos a pedir contas ao rei Garcia na sua boa cidade de Pamplona.»

«Dias depois os almogavares voavam na testa dos esquadrões de Castella, talando os campos, tomando os gados, e accendendo a fogueira do arraial com as cepas das vinhas.»

«Por toda a Castella soava o pregão da guerra — em Leão e nas Asturias o grito dos montanhezes suffocava o clamor dos exercitos, que desfilavam nos valles, de lança erguida e bandeiras soltas. Todo o poder do reino abalava para Pamplona.»

«E o rei Garcia no seu alcaçar sentiu apertar-se-lhe o coração no peito, porque bem via que de Najara até as suas portas o inimigo não tinha mais do que dizer aos castellos: entregai-vos! — ás cidades: abri!»

«Ia em meio o mez de maio. De uma para outra hora D. Affonso podia chegar, e como haviam de resistir? Nas planicies de Pamplona ouvia se o côro do povo, e descobria ao longe o fogo das cearas alheias como descia rapida das alturas a cholera do castelhano.»

«E o circulo estreitava-se, estreitava-se!.. quasi que já suffocava o calor do incendio na bella cidade.»

«Então D. Garcia não teve animo de ver em ruinas os paços de seus pais e a terra do seu nascimento. Não chorava, mas no coração era uma dôr de cortar a alma. Fechou-se n'um aposento com os do seu conselho: — Vem ahi, disse elle, os de Castella tão numerosos como as areias do mar. A paz com Portugal foi para nos destruir com certeza. Se pelejamos, a terra perdeu-se por cerco ou por batalha, Que hei de eu fazer?»

«Quem lh'o diria? fallavam todos, e ninguem acertava.»

«N'este meio tempo sobreveio o conde Affonso de Toloza. Vestia esclavina de romeiro, e no chapéu trazia as conchas de Sanctiago. As barbas, que eram brancas de neve, davam lhe pela cintura. O rei e os cavalleiros sentiram grande alegria, porque não tinha Castella melhor conselho que o seu, nem braço mais rijo na peleja.»

«E tiveram razão de se alegrar. O conde foi escutado — e dias depois estava concluida a paz entre o rei de Castella e o rei Garcia.»

«O rei de Castella tinha uma filha — a mais querida do seu amor. O conde Affonso fallou-lhe assim: — D. Garcia é moço e solteiro: dai-lhe, senhor, a infante para casar — e o inimigo far-se-ha leal amigo. Assim se decidiu; e agora vereis as festas que se apregoaram em toda a Hespanha.»

«O noivado fez-se em Leão no mez de julho. Veio o imperador, e vieram os condes, os principes, e os duques, com os cavalleiros da sua casa e os homens da sua mercê; a todos se tinham mandado proprios a avisa-los que estivessem alli n'aquelle dia, áquella hora, com armas luzidas e esquadrões vistosos. Das Asturias, e de Castella chegaram a competencia: qual mais rico nos trajos, qual mais soberbo na comitiva. Plumas ondeando, pendões quarteados de côres; o sol faiscando no polido dos arnezes, nos lavores de ouro e prata; os falcões no punho das damas; as matilhas pela trella dos monteiros — trombetas, anafis, e doçainas — tudo isto se via e ouvia, e mal se póde contar, na corte de Leão.»

«Chegou o imperador com a imperatriz Berengera sua mulher, cercado de condes e cavalleiros; do outro lado entrou D. Garcia, o noivo, vestido de pre-

ciosas galas, cavallos com redeas d'ouro, testeiras de prata, e pedraria nas armas, entre fidalgos e senhores—que nenhum tinha inveja na riqueza ao mais galhardo de Castella.»

«A infante D. Sancha entrou em Leão pela porta de Toro, e com ella D. Urraca, a bella esposada de D. Garcia. Os cavalleiros e barões que a rodeavam, as damas e virgens que a acompanhavam, os clerigos e monges que a seguiam, eram tantos que não tinham conto. Levantou-se o thalamo nupcial nos paços reaes de S. Pelaio— em volta d'elle a infante D. Sancha mandou collocar os chóros de bailarins e mulheres, que teciam danças e cantavam hymnos ao som de orgãos, citharas, e psalterios. O imperador, entretanto, com D. Garcia ao lado tinha-se assentado em um throno levantado no terreiro que se alargava diante do portal dos paços. Em redor, em escanhos baixos, assistiam aos festejos, segundo suas dignidades, os bispos, abbades, duques, e condes.»

«A um signal principiaram os jogos á antiga moda de Hespanha. Abriram-se pelo *bafordio* ou torneio das cannas. Quadrilhas de cavalleiros terçavam na arena hastes delgadas, que na veloz corrida despediam uns contra os outros, colhendo no ar o golpe, ou evitando-o de um salto com pasmosa galhardia. Veio depois o tiro do tablado. O alvo estava posto no meio do circo, e ao uso patrio os justadores deviam acertar partindo a todo o galope. A destreza do cavalleiro e o menejo dos corseis distinguiam-se pelo maior numero de sortes felizes. Corrida esta scena, viram-se matilhas de cães açulados investir com os mais ferozes touros de Andaluzia — desafiar-lhe a ira, enraivecer-lhe o sangue, e quando escarvavam o chão, atroando o campo de mugidos, e revolvendo os olhos afogueados nas orbitas raiadas de sangue, saírem-lhe os cavalleiros ao encontro a esperar o impeto, e a prostralos de um golpe de venabulo. Os populares tambem tinham o seu quinhão na alegria geral. Um tropel de cegos foi introduzido na praça; e apoz elles o ridiculo contendor que lhes estava destinado. — Era este o mais alentado porco dos montados de Castella. Os cegos, animados pela esperança de se banquetearem com a victima, premio promettido á destreza do mais venturoso, corriam de um para outro lado; este, apanhando a paulada do visinho; aquelle afocinhando o chão, rola aos pés do terceiro; o quarto segue malhando sem descançar no rasto do pobre que tenta atracar pela canda o inimigo, em quanto em rodeios e fugidas o porco ora se furta a um, ora escapa ao malho furioso de outro. Os espectadores riam, batiam as palmas, e tripodiavam de prazer no meio dos brutescos episodios do entremez.»

«No dia seguinte os esposos foram abençoados, e despedidos com ricos presentes.»

Assim se festejava um noivado real no seculo XII. Quem não achará originalidade em divertimentos rudes e asperos como os homens e as instituições da epocha? Cegos atordoando-se ás paneadas! cavalleiros e villões misturados a applaudir o jogo das escondidas, de que é protagonista a escoria dos animaes — o porco! — O leito da noiva cercado de palhaços, bailarinos, e menestreis! dois reis em toda a pompa do seu estado presidindo á farça, e talvez descendo do throno a disputar um lanço ao tablado, ou a tirar uma sorte no bafordio! — que espectaculo novo e variado não offerecem, de que naturaes côres não retratam a vida d'aquelles seculos? — É um quadro para desafiar a veia de um Walter Scott, proporcionando-lhe as mais chistosas scenas. Quem visse o bello painel do torneio de Aubourg-la Zuche, no Ivanhoe, dirá acaso que, tirada d'esta descripção do chronista, a scena ficaria menos picturesca nos costumes, ou mais fraca nos caracteres e physionomias? Esta acção por si só colloca-nos na verdadeira idade media, e desengana a muitos da differença que vai de contrafazer as epochas a estudar-lhes a indole, e desenhar-lhes os usos e a existencia.

Da sorte dos meninos nas minas de Inglaterra.

Na parte occidental da Inglaterra ha camadas immensas e profundas de carvão de pedra, tão ricas, que os geologos têem chegado a asseverar não bastarem para o consumir vinte seculos de exploração. Póde-se dizer que a Inglaterra tira das suas minas de carvão os elementos do poder industrial e mercantil. O consumo domestico absorve por anno dezesete milhões de toneladas; as forjas produzem annualmente oitocentas mil toneladas de ferro, gastando quatro milhões de toneladas de carvão; as fundições de cobre empregam quinhentas mil toneladas de carvão em derreterem cento e oitenta e cinco mil toneladas de metal; as fabricas de algodão oitocentas mil; as de lã, seda e linho seiscentas mil; finalmente, se a estas parcellas se accrescentar o contingente das outras industrias, e das exportações, que em 1837 eram de um milhão e cem mil toneladas, a quantidade de carvão que produz a Inglaterra orça por vinte e seis milhões de toneladas, o que, avaliando-se a tonelada por 1$600 réis, preço médio, representa a somma annual de quarenta e um mil e seiscentos contos de réis.

Mas cumpre confessar que a extracção do carvão de pedra, assim como é uma das maiores fontes da riqueza da Inglaterra, tem exercido funesta influencia não só na saude, porém na moral das pessoas cujos braços emprega.

A população das minas está dividida em quatro cathegorias. Na mais alta acham-se os *overmen*, e os *deputies-overmen*, encarregados da policia da exploração; vigiam os trabalhos, e a segurança da mina. Seguem-se-lhes logo os mineiros que extrahem o carvão de pedra (*hewers*) Os mais d'elles são homens feitos; descem para o trabalho ás duas horas da manhã, e recebem as ordens dos *deputies overmen*; largam-n'o ás duas horas da tarde. O jornal que se lhes paga nos grandes districtos d'estas minas anda por 16$000 réis cada mez.

Vem apoz estes os *putters*, que são rapazes e ás vezes creanças. Baixam á mina ás quatro horas da manhã, e são os que, de duas em duas horas, levam em carrinhos para as grandes galerias o carvão extrahido pelos mineiros. Empurram por detraz os carros, carregados com perto de oito quintaes cada um, dobrando-se muito, afim de empregarem maior força, e não partirem a cabeça no tecto dos corredores, que é raro passarem de cinco palmos de altura. O *putter* não sáe da mina senão duas horas depois do *hewer*: o seu jornal regula de quatro até seis mil e oitenta réis por mez.

O carvão acarretado pelo *putter* passa para o poço principal em wagons puxados por bestas, servindo-lhes de conductores uns rapazitos de doze até quinze annos, a que chamam *drivers*. D'ahi o tiram por machinas de vapor, ou por engenhos ou rodas em que trabalham cavallos e até mulheres. No fim do dia, que é de doze horas, tem o *driver* andado oito ou nove leguas nas galerias.

A ultima e mais interessante classe de operarios é a dos pequeninos, de cuja vigilancia depende a segurança da mina, pois teem a seu cargo o fechar as portas (*traps*) das galerias, de modo que se conserve a

ventilação indispensavel para impedir a formação de gazes, e por conseguinte explosões perigosissimas.

Ao pequeno *trapper* acorda-o a mãi ás duas horas da manhã; levanta-se e bota a correr para a mina, levando comsigo para o sustento de todo o dia um pedaço de pão, e uma gota de café dentro d'uma garrafa de estanho. Mal chega ao fundo do poço toma para o corredor estreito e baixo em que faz sentinella; mette-se dentro d'um nicho excavado por detraz da porta, que deve abrir apenas sinta rodar o carro d'algum *putter*, e fechar assim que elle passe; e alli se conserva duas horas seguidas, sósinho, sem luz, desperto. Só lá de quando em quando vem adelgaçar-lhe as trevas a luz mortiça e tremula da alampada que os carros dos putters trazem na dianteira: triste d'elle se, aborrecido, se deixa vencer do somno, que a mão pesada do *deputy-overman* que anda de ronda virá prestes lembrar-lhe o dever de velar pela vida de todos. A's quatro horas, a palavra liberdade! liberdade! parte do ponto principal, e n'um instante é repetida nos mais remotos recantos da mina; porém o *trapper* ainda se não vê livre: não larga o posto em quanto não passa o ultimo *putter*; depois d'isso é que sobe para a choupana de seus pais, onde engolido o jantar, que não enjoa de gordo, se vai logo deitar.

Não tem o *trapper* grande trabalho, mas a immobilidade e solidão a que estas infelizes creanças estão condemnadas lhes tolhem o desenvolvimento do corpo e da intelligencia. A pobreza ou a cubiça dos pais as encerra nas minas, ás vezes, de quatro a cinco annos, mas, commummente, em tendo seis para sete.

O trabalho em que se empregam mais meninos de ambos os sexos é o dos *putters*. Ha minas em que empurram os carros por cima de carris; porém na maior parte puxam os *putters* por elles como bestas de carga. Nas galerias mais baixas, o *putter*, atado ao carro por uma corrente de ferro, que lhe passa por entre as pernas e vem prender n'um cinturão de coiro, arrasta, engatinhando, o instrumento do seu martyrio. Um velho mineiro, quando o interrogaram ácerca d'este modo de conducção, muito seguido, arrancou do seio d'alma a seguinte exclamação: «Senhor, não posso senão repetir o que dizem as mãis: é uma barbaridade!» (*Continúa.*)

Da picada da vespa.

Se a vespa, quando morde alguem, é logo enxotada, parte-se-lhe o ferrão e fica na ferida; se pelo contrario a deixam ir embora, desencrava-o pouco a pouco em zigzag.

No primeiro caso a pessoa mordida está exposta ás dôres e perigos que podem resultar d'uma ferida com um corpo estranho e irritante dentro; no segundo não ha que temer senão os effeitos d'uma picada simples, salvo se o insecto inoculou algum veneno.

Cumpre pois a quem fôr picado por alguma vespa conservar presença d'espirito, e dar ao animal todo o tempo necessario para tirar o ferrão sem o quebrar. A primeira cousa que se deve fazer em todos os casos depois da picada é examinar se o ferrão se conserva na ferida, e se assim fôr, extraiam-no logo com uma pinça. Atalham-se depois as inflammações consecutivas, banhando a miudo o logar ferido com agua muito fria ou nevada, que tenha dissolvida uma grande porção de sal commum. Se, apesar d'este curativo simples e ordinariamente efficaz, continuar a dôr e progrediram a inchação e inflammações; se houver razão para crer que o ferrão ficou na ferida; se, sobretudo, a picada fôr na mão ou na cara, e preciso invocar sem demora os soccorros da arte, porque a ferida póde ter máus resultados. O doutor Chaumeton narra o seguinte facto: — «Certo mancebo, não tendo reparado n'uma vespa que estava no fundo d'um copo cheio de vinho doce, engoliu o insecto, que o picou na garganta. O effeito foi prompto e terrivel; inflammou-se-lhe a garganta no logar da picada, e tolheu-se-lhe de tal modo a respiração que o mancebo morreu suffocado, sem que nenhuma das pessoas que o rodeavam lhe podes-em valer. Salvavam-no sem duvida se logo depois de picado o obrigassem a engulir, com intervallos curtos, uma forte solução de sal commum nevada, até lhe passar a dôr de garganta. Este tractamento, pelo menos, dava tempo a chamar um medico ou cirurgião.»

«Um agronomo inglez, accrescenta o doutor Chaumeton, teve a satisfação de salvar a vida a um dos seus amigos, picado no esophago por uma vespa, que não tinha visto n'um copo de cerveja. Fe-lo engulir, por muitas vezes, sal commum desfeito na menos agua possivel, de modo que formava uma especie de papas. Os symptomas ameaçadores, manifestados no instante da picada, abrandaram quasi de repente, e cederam como por encanto... Já o illustre Dioscoridos, que vivia antes da era christã, recommendava a solução de sal ou a agua do mar; e desde estes tempos remotos até os nossos dias a efficacia d'um remedio tão simples e economico não tem tido contras; eu mesmo tenho por muitas vezes sido testimunha do seu bom effeito.»

Algumas vezes a dôr é agudissima e custosa de ceder. O doutor Picardi, medico italiano, tendo-o picado uma vespa nas costas da mão, deram-lhe dôres insupportaveis, que nenhum dos remedios usados em taes casos poude mitigar. Já tinha a mão muito inchada quando lhe lembrou recorrer ao uso do ungoento napolitano. Não é para aqui tractar da applicação d'este remedio, porque pede a prudencia que só um facultativo o receite, basta que se diga que o allivio foi prompto e grande, e que se deve applicar o medicamento por espaço de seis ou oito horas e até mais. A cura do doutor Picardi foi breve e radical.

Este curativo não isenta de ter virada para cima a parte mordida, e ao ar fresco quanto seja possivel.

Do Estylo.

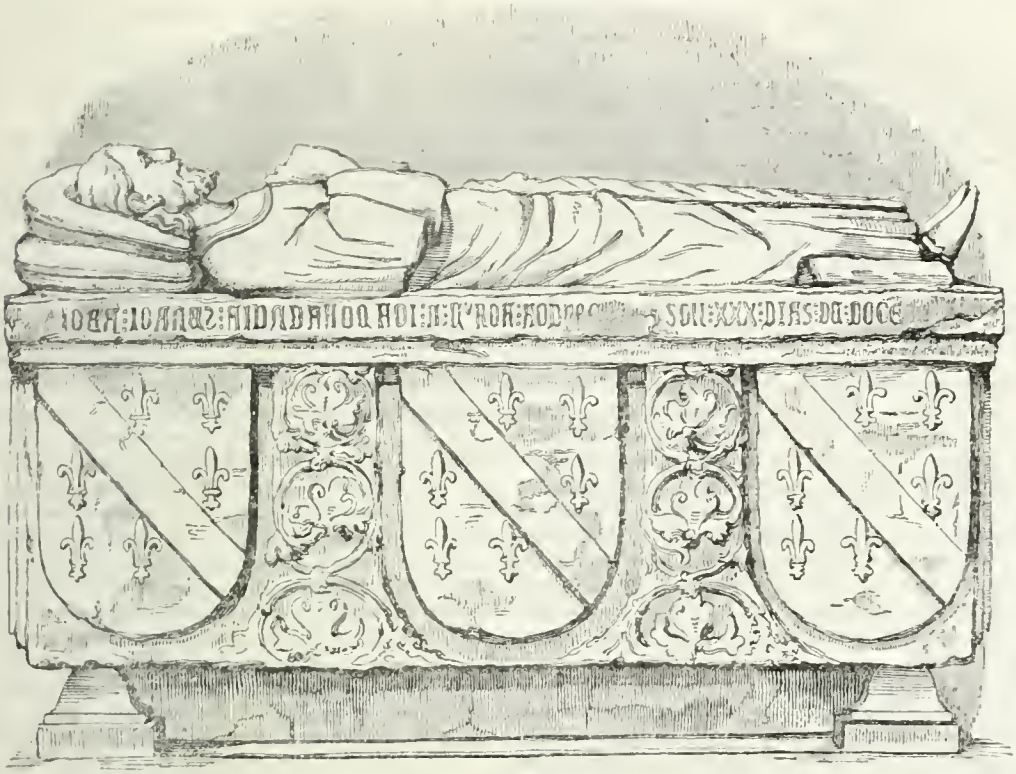
Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. E nem por isso temais que pareça o estylo baixo: as estrellas são muito distinctas, e muito claras, e altissimas. O estylo póde ser muito claro e muito alto: tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico, e o mareante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrellas, e o mathematico, que tem lido quantos escreveram, não alcança o entender quanto n'ellas ha.

Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto: os que o condemnam chamam-lhe escuro; mas ainda lhe fazem muita honra. O estylo culto não é escuro, e negro e negro boçal, e muito cerrado.

Vieira — *Serm. T. 1.º, pag. 39.*

Co'a materia convém casar o estylo:
Levante-se a expressão se é grande a idea,
Se a idéa é negra a locução negrege,
E tenue sendo se attenue a phrase.

Bocage — *Sat. ao Padre J. A. de Macedo*



TUMULO DE BARTHOLOMEU JOHANES.

Na sé metropolitana lisbonense, ao entrar da porta principal, ha uma capella antes de chegar á porta travessa do norte, fechada com seu caocêllo; e dentro, tambem do lado esquerdo, está mettido n'um vão de arco o tumulo cuja face apparente se mostra na gravura que precede. Em volta da campa tem aberta uma inscripção; e do que se póde decifrar na parte manifesta infere-se que diz o seguinte: — Bartholomeo Johanes cidadão que foi de Lisboa a quem Deus perdoe passou trinta dias de novembro *(ou dezembro?)*. — Alguns caracteres acham-se indistinctos. A estatua jacente está de roupas talares com uma espada larga, ou montante, sobre si: os tres escudos insculpidos no cofre teem por armas flôres de liz francezas, divididas por uma lista lançada obliquamente, ou *banda*. — Severim de Faria, no Disc. 3.º das Not. de Portug., mencionando familias que nos escudos traziam as flôres de liz, aponta algumas razões, e em dois exemplos que traz, das casas de Farias e Mirandas, marca a origem franceza. — Veem-se no tumulo que copiámos. Um documento que vamos citar prova que quem para si o fez erigir tinha bens em Flandres e França. Sem indagarmos o seu gráu de nobreza derivada d'este ultimo reino, basta que pela razão de uns as adoptarem as podessem escolher outros. E não temos visto tantas carruagens que, pela concorrencia de appellidos encontrados, nos appresentaram por ahi brazões mestiços!

A esculptura do tumulo, parecida, por exemplo, á dos que existem em Odivellas, indicava antiguidade remota, e parecia anterior á epocha de D. João I pela circumstancia dos cabellos crescidos da cabeça e barbas, que se observam na estatua deitada; porque é sabido que no tempo de João vencedor de João de Castella usaram os nossos cabello tosquiado, para se differençarem dos castelhanos, d'onde veio o chamarem-nos *chamorros* os adversarios; e n'esta conformidade e bom uso nacional apparecem nos monumentos d'então as effigies, como no tumulo do sabedor João das Regras, muito bem *trosquiadas*.

No real archivo, dicto a Torre do Tombo, arca sancta, onde se tem salvado incolumes preciosos documentos no meio de naufragios, existem na chancelaria de D. Diniz dois aforamentos (a f. 76 etc. do L.º 2.º, e f. 51 v. do L.º 4.º) em que apparece o nome de Bartholomeu Johanes; mas não é isto motivo bastante para se dizer que fossem feitos a uma ou a duas diversas pessoas, e que alguma d'ellas fosse a de que se tracta. — Não ha porém duvida de que d'esse tempo é o jazigo acima estampado, e que pertence a individuo d'aquelle nome, o qual devia ter sido homem de muita riqueza e de valia, como póde ajuizar-se pelas suas disposições testamentarias, de que sómente mencionaremos as notaveis; pelas cautelas que n'algumas se observam é impossivel que não fosse commerciante, pelo menos em seus principios, conhecedor, como parece, das traficancias do mundo, que ja então se practicavam como é provavel que se farão até á consummação dos seculos. Talvez pertenceu a alguma corporação como, por exemplo, o gremio dos mercadores; porquanto no seu testamento falla muitas vezes em companheiros, e lhes concede enterrarem-se na capella que funda. — Este documento, datado de 28 de novembro de 1324 (1362), é lavra

do pelo tabellião Domingos Martins, na cidade de Lisboa, nas casas que chamam da Torre da Estevayuha, nas quaes *morava o honrado barão* (varão) *Bartholomeu Johanes, cidadão de Lisboa, . . . o qual jazia em sua cama com todo o seu sizo etc.* Declara-se que *para remimento de seus peccados* este funda uma capella e hospital.

Ao diante se lê a seguinte disposição: — Mando deitar e sotterrar o meu corpo na igreja cathedral de Lisboa na capella que eu ahi mando fazer no logar que me ahi o cabido assignou á qual igreja deixo com o meu corpo duzentas livras. Os legados principaes são: A' igreja de S. Mamede de Lisboa 150 livras. Para resgate de captivos 2000 livras. 1000 livras para vestir pobres *que não vendessem os vestidos.* Para casar orphãs donzellas, que sejam de boa nomeada e boa vida, e taes que mereçam casamento. 1500 livras. 150 livras para fazer uma ponte no rio de Pontevel *que é no caminho publico que vai para Santarem entre Aveyras e o Cartaxo:* e n'esta disposição ha uma phrase que denota profissão mercantil do doador — *ali eu soyi dar a venda.* — 300 livras para a obra do mosteiro da Trindade de Lisboa com a condição *dos frades não receberem senão em pedra e cal.* 10 livras para criar um engeitado no hospital dos meninos; as quaes mando que os meus testamenteiros paguem a uma ama, *de guiza que o comendador do dito logo não seja teúdo de as receber.* Para os gafos (leprosos) de Lisboa 10 livras, com as mesmas precauções. A todas as emparedadas da villa da Azambuja 30 livras.

Funda um hospital para doze pobres. Institue a capella para jazigo na sé; determina que seja da invocação de S. Bartholomeu, *em que cantem cada dia para sempre 16 capellães; a saber, doze capellães por minha alma, e os dois dos outros capellães cantem por meu senhor elrei D. Diniz, e os outros pela rainha D. Isabel sua mulher* (não podia adivinhar que seria canonisada) *e outro pelo infante D. Affonso seu filho e pelos filhos d'esse infante:* e ajuncta que *sob tal condição que o senhor rei em sua vida, e depois o senhor infante na sua, e assim por diante os seus filhos e netos lidimos alcem e façam alçar força* de qualquer pessoa ou pessoas que queiram usurpar a capella que institue, ou os bens d'ella ou do hospital que tambem funda.

Dotou a capella com bens que subissem a *vinte vezes mil livras*; e mandou que se não lhe dessem logar na sé fosse feita na freguezia de S. Mamede. Para capellães manda preferir portuguezes.

Nomeia testamenteiros Gonçalo Domingues, *sacador das dividas de nosso senhor elrei meu compadre*, e Pero Esteves, sobrinho de João Dias, reposteiro d'elrei, exprimindo-se d'esta fórma «e os metto de posse de todos os meus bens moveis e de raiz, em qualquer especie, maneira e cousa que possa ser, achados tambem em Portugal como em França e em Flandres.» E adiante diz: «E peço por mercê a meu senhor elrei, que sempre manteve a mim e os meus bens, e me defendeu em minha vida sua mercê, por algum serviço (se lh'o eu fiz) depois do meu passamento defenda os meus testamenteiros.»

Uma copia d'este tumulo, desenho em contorno feito á penna, com as de outros dois igualmente existentes na sé, foi appresentada na exposição da Academia das Bellas-Artes em 1840. E bem merecia commemoração esta antigualha, que os escriptores deixaram no esquecimento, quando, pela epocha a que pertence, como specimen archeologico de monumentos d'esta especie, merecia particular attenção.

O Hadjeb de Kordova.

(972 a 992)

(Continuado de pag. 35.)

III.

Gelohira.

A tempestade rugia em toda a sua força. Viera totalmente a escuridão e a noite. A unica luz, que allumiava esta scena, era a de um alamo gigante a arder d'alto a baixo, incendiado pelo raio. Este facho tremendo fulgia lugubremente no meio da selva, como a tocha funeraria d'aquelle templo immenso, cujas naves e columnas eram os renques profundos dos cedros e carvalhos.

A estranha apparição da virgem fez recuar os guerreiros. O circulo retrahiu-se e alargou-se. Hermengardo, firmado sobre o punho, voltou-se para contemplar a sua noiva, e cravou os olhos n'ella com uma ancia que apenas póde comprehender-se. Gelohira, por unica resposta, fitou os seus nos do mostarabe com desesperada resolução. O que ambos se disseram n'aquelle longo e profundo olhar souberam-n'o só elles e Deus. Devia de ser horrendo, porem, de certo que o mancebo leu alli a certeza das suas horrorosas suspeitas, porque, erguendo-se de repente em pé, por um esforço que já nada tinha de humano, alçando-se firme — elle que havia momentos mal podia arquejar estendido — com o peito aberto a gotejar sangue vivo, exclamou brandindo furioso com uma das mãos a sua larga espada, e com a outra apontando para a virgem, prostrada ainda a seus pés.

— Vêdes esta, irmãos? era vossa irmã tambem; era a immaculada recompensa que Deus me tinha destinado; era o anjo vestido de pureza a quem eu tinha erguido aras no coração; era a companheira que havia de cingir-me as armas á partida, e a volta limpar-me o pó e o suor da fronte; minha consolação e meu auxilio, meu desvelo e meu enlevo; era, era esta meus irmãos. E sabeis hoje o que é? quereis saber em que m'a tornaram? N'um opprobrio, n'uma vergonha, n'uma infamia, n'uma affronta! Tocaram-lhe, os impios! mancharam-n'a, os vis! . . .»

Gelohira caíu com a face melindrosa no chão alagado e limoso, diante do guerreiro: Hermengardo viu-a n'aquella postura e continuou:

— «Quebraram-me tudo n'alma, elles! O amor com que eu contava, a ventura que esperava, a gloria a que aspirava, tudo! Essa fronte, essas faces, esses labios que eu receiava macular com o só meu halito, nem ousarei beija-los sequer; estão polluidos! Não posso nunca mais chegar-me a *ella*; e *ella* era o meu culto: adorava-a! Vede-a, meus irmãos. Mataram-na; mataram-me! Que me resta pois no mundo?»

— «A vingança!»

Bradou o ancião, surgindo tambem de pé ao lado do mancebo, transportado como elle, temeroso e furibundo como elle.

Parecia, um, o archanjo exterminador; assemelhava-se o outro ao apostolo das destruições.

— «Vingança!»

Exclamaram tambem os guerreiros mostarabes, apertando de novo o circulo.

Gelohira soluçava contra a terra!

— «Sim, meus irmãos, vingança! — proseguio Hermengardo. — Vinguemo-nos, vingai-me! . . . Quereis vós fazer-me um juramento?»

— «Queremos — bradaram a um tempo os seus companheiros — queremo-lo nós todos!»

— «Jurai pois — continuou elle — de vigiar, de seguir incessantemente o hadjeb Mohamed, a cada hora, a cada passo, no meio dos seus guardas, dos seus alcaçares, das suas phalanges, dos seus exercitos, até ficar remida a injuria d'esta, a minha injuria, a injuria de nós todos, irmãos! Eu serei o primeiro, eu darei o exemplo de força e de constancia, eu o espiarei de noite e de dia, eu lhe trarei o punhal continuamente suspenso no coração. E o meu logar; não quero que ningem m'o usurpe. Mas se eu caír antes de vingado, se o poderoso esmagar o pequeno, jurai-me, jurai-me todos que me substituirá outro de entre vós, igualmente implacavel, igualmente vigilante na obra da vingança, e outro apoz elle, e outro depois d'esse, e outro, e outro em fim, sem parar, sem se repousar em quanto esse homem, esse flagello, esse hadjeb não tiver expirado aos seus golpes, e não só elle, mas os seus sectarios maldictos, os que lhe dão tamanho poder, os que o ajudam a erguer o edificio das suas prosperidades. Se uma geração não bastar para derribar o collosso das Hespanhas, jurai-me que legareis a vossos filhos esta missão, que a propagareis por toda a parte, que a contareis a quanto n'estas terras tiver um nome godo. É difficil e perigoso, é tremendo o que vos pego; aquelle homem guarda-o Deus como um signal da sua ira; ha de caír muito d'entre nós; mas o dia ha de raiar a final; a cholera do céu não dura sempre! Jurais-me pois de o cumprir como digo, sem fraquejar uma vez, sem descançar um momento?»

— «Juramos, juramos!»

Clamaram em redor os guerreiros, tremendo de indignação, de impaciencia, e de enthusiasmo.

— Jurai-m'o por vossas mães, por vossas filhas e esposas!»

— «Juramos!»

— «Jurai-m'o pelo sangue de vossos irmãos derramado; pela honra de vossas familias maculada.»

— «Juramos, juramos!»

— «Jurai-m'o pela memoria dos avós que dormem o seu ultimo somno nos leitos de pedra profanados pelo pé dos impios; jurai-m'o pelo nome dos antepassados que erguem um canto dos seus sudarios de marmore para no-lo virem troar aos ouvidos, no meio d'esta vergonha.

— «Juramos, juramos!»

— «Jurai-m'o finalmente por esta...»

— «Jurai-o por este sangue!»

Interrompeu a virgem de Amaya, alçando o rosto formosissimo, todo maculado, todo lastimado, todo golpeado dos tojos e abrolhos, e erguendo sobre o peito o ferro que empunhava. A Luerecia goda queria sanctificar o juramento dos seus irmãos e vingadores, á semelhança da matrona romana.

Hermengardo viu-lhe o gesto e não se mooveu. A dôr, a desesperação e a vergonha tinham-n'o tornado feroz.

Foi o ancião que lhe desviou o golpe. A velhice sabe muitas vezes entender melhor as fraquezas, e avaliar a innocencia.

Era um espectaculo horrendo aquelle. O bosque a dobrar-se inteiro até a terra, a curvar-se humilde para deixar passar a tormenta, todo cheio de fremitos pungentes, de gemidos dolorosos, e de silvos agudos — todo cortado de brados de agonia, de uivos e rugidos — e alli, no centro, aquelles rostos tostados, aquelles olhos scintellantes e furibandos; aquelle velho augusto, como presidindo á saturnal da vingança; aquelle homem com o peito aberto, a todavia sobranceiro e de pé; e finalmente aquella mulher ajoelhada no meio de todos, ajoelhada no chão lodoso, brancos os vestidos como o rosto, todo manchado o rosto como os vestidos, os cabellos soltos ao vento da tempestade, o olhar desvairado, meigo e selvatico a um tempo, energico e supplicante, fluctuante entre o céu e a terra, curvo para esta pela vergonha, atrahido para aquelle pela consciencia... era horrendo e sublime!

Os homens d'hoje não comprehendem de certo a energia primitiva das paixões virgens. A civilisação nivelou tudo; incommodavam-n'a estas ingenuas asperezas; affeiavam-n'a estas escabrosidades naturaes: passou-lhe por cima a plaina omnipotente, e deixou tudo liso... á superficie! Lá por dentro... Deus sabe o que vai lá por dentro! No nosso estado actual, estas scenas, tão fóra do commum, segundo por ahi dizem — do nosso commum, direi eu — hão de parecer effectivamente um desvario d'imaginação escaldada. Deixa-lo. Quem está costumado ao piso igual, commodamente fastidioso e nauseabundo das nossas modernas banquetas d'asphalto, por força que estranha as fragosidades picturescas d'um trilho alpestre e inculto. É natural.

Que importa lá?

Se o mundo tivesse sido sempre como agora!

Um toldo de nuvens côr de chumbo, franjadas de horrendos clarões, cobria a atmosphera d'um véu mortuario. O raio estalava em roda. Era uma tempestade na natureza, semelhante á que sacudia aquelles corações.

A arvore inflammada, ardendo a poucos passos, projectava em cheio na branca figura de Gelohira os seus reflexos vermelhos. Poder-se-hia dizer que a cobria uma purpura transparente, ou que a cingia uma sanguinea mortalha. A sua attitude era ao mesmo tempo resignada e altiva. A desesperação contrahia-lhe os labios esbranquiçados, como se lh'os houvera tornado de marmore algum impuro contacto; mas a chamma d'um sancto e fervoroso enthusiasmo accendia-lhe um resplendor na fronte: ainda era bella assim; era talvez mais bella do que nunca!

Os guerreiros abaixaram os olhos para a nobre filha das montanhas, primeiramente para lhe admirarem talvez a attitude de inspirada; depois para... O ancião voltou a cabeça limpando uma lagrima silenciosa: mais de um rosto fero e indomavel o imitou envergonhado.

Só Hermengardo não chorou. Olhou muito tempo fito, fito para Gelohira, sem dizerem palavra um nem outro. O que pensava lá comsigo não n'o soube ninguem. A final, sem dar o minimo signal de commiseração ou dó, estendeu a mão á infeliz com um gesto soberano.

Gelohira retirou a sua.

Olharam-se de novo e em novo silencio.

— «Tens razão! — disse o mostarabe em voz baixa, depois continuou em voz alta: — Levanta-te d'ahi, mulher...»

E tomando a sua espada pela ponta offereceu-lh'a pelas cruzes para ella se amparar e levantar-se.

Gelohira ergueu-se e appresentou-lhe tambem calada o seu punhal. O guerreiro repelliu-o vivamente, e proseguiu:

— «Mulher, tu não tens culpa! Receia a vergonha e a infamia na cabeça dos criminosos. Olhai bem para ella, meus irmãos; olhai, meu pai... Era a minha noiva: ha de ser minha mulher!...»

Estas palavras feriram como o raio os circumstantes. Ninguem as esperava. O ancião curvou a cabeça; Gelohira cravou resolutamente os olhos no ceu, que o raio abria a cada instante; um murmurio de approvação percorreu o circulo dos guerreiros. Achavam todos sublime o que fazia aquelle homem!

Pois o regio modo com que elle dizia aquillo!

— «Ha de, ha de sê-lo — continuou elle, lançando os olhos em redor — aqui o juro tambem. Ha de sê-lo... se eu viver... quando já não existir um homem que me possa dizer — «essa, antes de ser tua, foi...»

Não poude acabar. Suffocou-se, tremeu, vacillou...

— «Gelohira — accrescentou o triste n'um penoso esforço — esta mão... ha de tocar a tua... sobre o cadaver do hadjeb!»

O sangue não lhe gotejava sómente; corria-lhe já em fio das feridas rasgadas de novo. Era o mais que podia fazer um homem.

Caíu.

Ninguem disse palavra. Assentaram-se todos em roda para soccorre-lo. Gelohira e o ancião estavam a seu lado. Orava cada qual lá no seu interior!

N'isto apagou-se o tronco incendiado. Tinha ardido até á raiz. O silencio e as trevas ficaram profundas.

Gelohira rasgou os véus que lhe cobriam o seio, para unir e conchegar as feridas do mancebo. Que lhe importava a ella que a alagassem as torrentes do céu, ou que a chagassem as urzes dos caminhos?

Os rumores temerosos da tempestade continuavam.

Ao pé ouvia-se unicamente, por entre aquelles sons medonhos, o resfolegar oppresso do ferido; ao longe sentia-se um trupear pressuroso de ginetes.

Eram os cavalleiros do hadjeb, que perseguiam os fugitivos!

(Continúa.)

Uma raça d'homens.

Entre as principaes variedades do genero humano, sempre se notou como assaz distincta, por caracteres especiaes, a raça negra; porém esta mesma é dividida pelos modernos observadores em duas castas differentes, cada uma de typo tambem especial. Chamam raça propriamente negra aos ethiopes e aos caffres; os primeiros habitam o paiz dos jalofos, o Senegal, Serra Leôa, e finalmente toda a costa oriental da mesma região, desde o rio do Espirito Sancto até o estreito de Bab-el-Mandel, e distinguem-se dos outros por maior habilidade, e caracter mais activo e bellicoso, posto que traiçoeiro. — Denomina-se raça morena ou fusca tanto a dos hottentotes como a dos papuas, posto que uma seja continental e outra insular, em regiões diversas. Os hottentotes habitam o territorio circumvisinho ao cabo da Boa Esperança, e os outros povoam na Oceania a Nova Hollanda e a Nova Guiné (1), assim appellidada pela pretidão dos naturaes. Conservam porém entre si a maior parecença, salvas algumas differenças de indole, porque os hottentotes são em geral brandos e pacificos, ainda que proverbialmente aborrecidos por fealdade e desaceio. Ambos os povos constituem a raça acima dicta, que differe dos negros ethiopes e caffres por ter uma especie de focinho, porque nem é proprio chamar-lhe tromba nem cara; e esse ainda mais prolongado que o d'estoutros, rosto quasi triangular que remata em ponta, o angulo facial de 75 graus pouco mais ou menos, pelle de côr tirante a parda-escura, nariz totalmente esborrachado e muito largo, beiços mais grossos que os dos negros legitimos, cabellos que semelham novellos de lã, as faces muito salientes, e a testa de tal modo achatada que apenas se descobre. Todos são de indole sommamente estupida, quasi incapaz de concepção; comtudo os papuas são mais espertos e dextros, iguaes porém na preguiça e em medo, pelejando, não obstante isso, com encarniçamento se uma vez se deliberam. Ninguem os iguala em simplicidade de espirito; teem de seu natural bom coração; deixam-se opprimir por brandura de caracter; porém não se póde fazer d'elles bons escravos, pois preferem a morte a todo o trabalho custoso e aturado. Tão apathicos são para todos os cuidados da vida domestica quanto dados a todos os appetites sensuaes, como a dança, a gula, a embriaguez. Parece que são inteiramente corpo, apenas teem alguma leve noção do ente Supremo; não podem chegar a conceber idéa alguma de que se lhes não appresente aos sentidos o objecto: emfim passam vida totalmente animal. Parece que esta raça se encontra tão sómente no hemispherio austral, compondo as duas especies ou familias principaes que temos indicado. — O tronco ou linha hottentote estende-se por toda a extremidade do sul d'Africa desde o Cabo Negro até o de Boa Esperança, e d'ahi quasi até o Monomotapa. Ha uma tribu mui bravia e boçal, que os colonos do Cabo chamam dos *boshmans*, e que moram em cavernas e mattas; fazendo correrias d'improviso, vivem de rapina, e de raizes agrestes, andam nús, e são tão ariscos como os animaes do sertão. Os outros hottentotes vivem tambem sem leis nem regra fixa; porém como são mansos e socegados não fazem mal; e nos arredores do Cabo tem-se de algum modo sujeitado algumas familias a um pequeno gráu de civilisação. É um povo excessivamente feio, e para que se aprecie isto devidamente, damos um specimen do que elles reputam formosura feminil, com todos os atavios e arrebiques que usam para adornar a cabeça.

Representa uma rapariga de vinte annos, tem um rolete de marfim atravessado na cartilagem do nariz, duas argolas de cobre pendentes das orelhas, e presa á carapinha a um lado, como ao desdem, uma roseta de plumas misturadas com pontas de porco-espinho. Accrescente-se a isto uma capa sordida, uma tanga ou avental guarnecido profusamente de contas e avo-

(1) Foi descoberta por D. Jorge de Menezes, indo para as ilhas de Moluco, segundo narra Diogo do Couto na Decada 1.ª

lorios, e o restante do corpo nú, besuntado de cebo de carneiro de mistura com ferrugem, nos braços e pernas manilhas de metal; e ter-se-ha idéa completa da gentileza hottentote.

Comem os bandulhos dos animaes sem os lavarem, deitam o leite em odres de pelles immundas; nenhuma porcaria os enoja; são a quinta essencia dos selvagens brutos e çujos. A sua maior delicia é estirarem-se indolentemente pela areia de cachimbo na bocca, porque o fumar é a sua maior paixão; quem lhe dá tabaco, tem d'elles esse pouco que podem ou sabem fazer. A sua linguagem é uma especie de cacarejo de voz que em nenhum idioma se póde exprimir; toda a sua religião consiste no culto ridiculo que prestam a alguns objectos, pedras, arvores, etc., que cada um escolhe a seu talante para especial veneração.

Jornada nas provincias da Suecia.

O Sr. X. Marmier, dotado das raras qualidades de observador intelligente, visitou e examinou n'estes ultimos annos as regiões do norte da Europa, e consignou o resultado das suas investigações n'alguns volumes, que teem recebido do publico litterario o acolhimento distincto que merecem. De uma das suas ultimas obras tirámos o seguinte extracto. —

Aos 19 de maio entravamos n'uma carruagem com o conde de Guldenstope, que S. M. o rei da Suecia se dignou nomear para acompanhar a nossa expedição, e servir-nos de guia nas provincias do reino. A hora da nossa partida ajunctaram-se o ministro austriaco e outros muitos amigos para assistirem á despedida. E assás agradavel aos que partimos para longa e arriscada viagem receber n'essa occasião as demonstrações da affeição das pessoas que estimâmos: é uma sancção solemne do tracto passado, e uma promessa para o futuro. Porém se o tempo que passou lembra pelas delicias que se gosaram, amedronta-nos o futuro coberto de véu impenetravel: quem sabe se tornaremos a vêr aquelles a quem tão cordealmente apertâmos a mão, e de quem ouvimos com gratidão protestos de sincero affecto! A vida de viajante é a mais fiel imagem da vida humana. Larga-se a barraca que se levantára n'um sitio escolhido, e quem sabe se lá voltaremos? Diz-se adeus por alguns dias ás pessoas que prezâmos, e esse adeus póde ser eterno; caminha-se com impaciencia para um ponto remoto, e este objecto de vivos desejos talvez que não possa alcançar-se. Deus é quem mede e limita os graus dos nossos esforços: a consolação do homem, n'esta incerteza, é atrever-se nobremente, e perseverar na idéa que concebêra, e que pretende pôr em practica.

Saíndo de Stockolmo, passámos pelo edificio da Academia, e o nosso derradeiro adeus foi encaminhado a residencia do Sr. Berzelio, sabio que, por sublime phrase e affavel recepção, captiva a um tempo a alma e o coração, deixando na reminiscencia de quem o tracta inextinguivel lembrança.

Ainda bem não tinhamos saído d'aquella espaçosa e bonita rua da Rainha que vae dar á porta do norte, contristou-nos a vista do paiz glacial, onde a natureza parecia suffocada. Não era o aspecto grave do inverno envolto na capa de neve que brilha aos raios do sol, dos lagos tapados de caramello, das mattas de abetos parecidos a pyramides de christal; menos era a primavera amavel que nos climas do norte remoça e aviventa por alguns dias os prados, aguas e selvas, e que dos poetas scandinavos é bem recebida, e festejada em suas strophes enthusiasticas. Por toda a parte não viamos mais que a terra núa e secca; nuda de ramagem, nem flôres; a raros espaços divisavam-se algumas casas de madeira, onde o pisco, amansado pela fome, vem procurar avido algum bago de trigo, caído das mãos do casaleiro. Estas vivendas campestres quasi todas são pelo mesmo molde, constam de um corpo quadrado, feito de barrotes assentes uns em cima dos outros, calafetados com barro e musgo, firmes nos quatro angulos por via d'entalhos, onde encaixam fortemente uma peça na outra; de ordinario pintadas de encarnado em todas as faces, e cobertas de tecto de madeira, no qual espalham uma camada de terra que, no verão se alcatifa de verdura e flôres. A' direita e á esquerda ha outros dois corpos, de construcção egualmente simples, que servem de celleiro e de estrebaria; em frente teem um grande pateo; e tudo é fechado com cerca de parede ou de cancellas de pinho. Eis-aqui o que chamam *gard*, antiga palavra islandeza, que significa litteralmente *morada*, e nas sagas (cantigas velhas) se acha muitas vezes applicada a cidades populosas.

Estas casas, em certos districtos, situadas a muitas leguas de distancia umas das outras, comprehendem officinas completas de construcção de carros, de moveis, utensilios e ferragens, porque é mister que se suppram a si mesmas durante grande parte do anno; muitas ha onde se acharão em actividade todos os officios fabris das nossas aldeias. A necessidade cria a industria; e o camponez do norte aprende, na sua solidão, a ser tudo quanto lhe é preciso para satisfazer ao seu arranjo e da sua familia; é, por isso, çapateiro, alfaiate, colxoeiro, e até architecto: nenhum camponez do sul da Europa é comparavel a este, recolhido na sua propriedade, que ahi vive só por muitos dias e mezes, cultivando as terras e tractando do gado. Apenas algumas vezes aos domingos vae com a familia á igreja, e la topa com amigos velhos e parentes com quem passa o dia. Outras vezes vae á cidade que lhe fica mais proxima para feirar no mercado. De inverno é que elle emprehende commummente as suas excursões, porque então não o obriga, como de verão, o trabalho agrario; corre velozmente, em seu leve *trenó*, pelos rios e lagos cobertos de gelo, e pelas planicies recamadas de neve. E muito para vêr-se uma d'estas habitações rusticas quando chega a solemnidade do Natal, a maior festa da Suecia. Então, parentes e amigos costumam reunir-se, qualquer que seja a distancia que os separa. Muitos dias de antemão a dona da casa tem preparado a cerveja, especialmente destinada para essa occasião, e amassado os bolos de cevada e de trigo; tem mais que mostrar a sua habilidade no tempero dos leitões que, por uso tradicional devem vir a meza n'esse dia. Limpa-se a casa com todo o desvelo, e os trastes apparecem no apuro do aceio: enfeita-se tudo com ramos verdes e flôres artificiaes. Chega o dia da reunião, desde o alvor está aberta a cancella do *gard*: a festa é completa.

A vida solitaria, a necessidade de praticar a um tempo muitos officios para satisfazer as precisões domesticas, prestam a estes camponezes um caracter distincto de altivez e independencia: muito civis para com o estrangeiro attencioso, encrespam-se promptamente contra quem os menospreza. Não ha muitos annos que um inglez, indo de Malmo para Stockolmo, injuriou um camponez que lhe servia de postilhão, e o ameaçou de pancadas; este saccou tranquillamente da algibeira uma correia, agarrou vigorosamente ambas as mãos do turbulento viajante, amarrou-lh'as com segurança sobre o peito, e depois, sem dizer palavra, voltou a tomar o seu assento, e seguiu a jornada. Chegado á primeira estação da posta contou o que se tinha passado, e o inglez continuou so-

gigado como um animal bravio. A cada muda o postilhão tirava escrupulosamente da mala a importancia do aluguel da jornada que acabava de fazer, pedia outros cavallos, e assim andaram até Gothemburgo, onde o inglez quiz fazer alto, muito enjoado d'este modo de peregrinar, e provavelmente bem emendado. Eu mesmo experimentei algumas vezes quanto era imprudente irritar o amor proprio dos camponezes suecos. Certo dia, achava-me a algumas milhas de Gelfe, mui desejoso de chegar cedo a esta cidade, onde esperava achar cartas de França. O postilhão não se appressava á medida da minha impaciencia, eu quiz fustigar os cavallos: ao cabo de algumas palavras asperas de parte a parte, elle apeou-se, poz-se em acção de tirar as bestas, e deixar-me só com a minha caleça no meio da estrada. Foi-me preciso accommodar-me, e esperar para ver a bonita cidade de Gelfe á hora que o meu conductor lá me quizesse levar.

Não se viaja na Suecia como em França e Allemanha. Não ha mais que duas diligencias, uma que vai em sete dias de Helsingfors a Stockolmo, outra que faz tres vezes por semana a jornada da capital a Upsal. Fóra d'estas duas estradas privilegiadas, é mister cada um ter a sua carruagem, ou alugar de posta em posta o *bondhârro*, caleça pequena, descoberta e nada commoda. A distancias de cinco a seis leguas, e á beira do caminho, ha uma casa feita de vigas, como já disse, que serve juntamente de estação e de estalagem: o dono é obrigado a ter promptos na estrebaria tres ou quatro cavallos disponiveis, mais ou menos conforme a importancia do logar, e além d'estes um certo numero de reserva, que pelos habitantes do municipio lhe são fornecidos, se assim é preciso, por escala. Se os cavallos do homem da posta já estão a caminho, quando se chega ao logar da muda, é necessario expedir um rapaz á procura dos cavallos de reserva, que ás vezes pastam a duas ou tres leguas d'alli: imagine-se que paciencia é preciso ter com tal systema, por pouca pressa que haja de chegar ao termo da jornada. Ha, é verdade, um meio de abbreviar estas demoras; isto é, mandar adiante um mensageiro, que encommende os cavallos para hora certa; mas note-se que os cavallos não esperam na estação mais de duas horas além d'aquella que se fixou; depois d'este prazo o homem da posta póde manda-los outra vez para o campo, e o viajante, que teve no seu transito alguma demora inesperada, ha de pagar o recado, e uma indemnisação pelas duas horas que os cavallos alli estiveram parados, e, em cima de tudo isto, ha de esperar que tornem a ir buscar-lhe os mesmos cavallos. Porém a taxa da posta é tão modica, que em verdade não se póde exigir por tal preço serviço mais activo, e ao mensageiro dá-se uma bagatella; é um rapaz ou as vezes uma rapariga, que parte com toda a gravidade levando uma fatia de pão n'algibeira, para caminhar as suas oito ou dez leguas, quer á chuva, quer á neve, de dia ou de noite; e que, se na estação lhe retribuem com meia duzia de soldos, se inclina até o chão, e agradece do intimo d'alma. Bem se vê que o serviço das postas não é, como em França, rendoso e invejavel: é uma especie de contribuição de que nenhum camponez póde isentar-se, e facil será comprehender que não se põe muita pressa e zelo em practica-lo. — Não devo passar em silencio que na Suecia os camponezes tomam parte directa na legislação do estado; ha rustico, que se vos appresenta com sua calça de brim grosso e crú, e vestia azul, conduzindo os cavallos que vos hão de transportar até a outra estação visinha, que póde muito bem ser um honrado membro da dieta, um representante da classe dos camponezes, eleito unanimemente por muitos concelhos; e que algumas vezes com seus discursos, dictados pelo conhecimento practico das coosas, e pela recta razão natural, vence as mais elegantes fallas dos deputados pela nobreza e pelo clero.

O povo sueco, com o orgulho hereditario, conservou tambem as virtudes de seus antepassados: é valente e leal, cumpridor da sua palavra, hospitaleiro, e de austera probidade. Vivi mais de dois annos na Suecia; atravessei, só com o postilhão, florestas de duzentas leguas, passei noites em casas remotissimas de povoado, e nunca fui victima da menor falsidade. Que differença da Russia, onde mal entrava n'uma hospedaria, o dono da casa vinha logo recommendar-me que fechasse armario e commoda com volta dobrada, e que não saísse do quarto sem deixar cadeado na fechadura, declarando que, mesmo com todas estas precauções, não estava inteiramente seguro de não ser roubado!

Outra caracteristica do povo sueco é o sentimento poetico, innato, e que se revela a todo o momento nas suas festas e ajunctamentos, e até ás vezes nas practicas quotidianas. Não ha uma só familia em Suecia que não conserve, como preciosa herança, cantos populares, tradições mysteriosas, que patenteam imaginação pura, e uma certa adoração das bellezas, harmonias, e phenomenos da natureza. É a tradição dos genios que, á noite ao luar dançam nas campinas, dos que cantam á flôr d'agua, dos que fazem vibrar as chordas melodiosas de suas harpas argenteas nas cataractas e fontes; de uns que deitam sorte funesta sobre homens e animaes, ou de outros que folgam de estar junctо aos lares caseiros, e protegem a casa onde buscam abrigo na estação invernosa.

Todos os camponezes da Suecia sabem pelo menos ler, e quasi todos escrever: o ministro não admittiria ao sacramento da chrisma os que não podessem dar prova d'estes conhecimentos elementares; é uma razão imperiosa a que todos se sujeitam. Nas habitações solitarias, onde não póde haver professor com eschola, os pais são os mestres dos filhos; e o pastor, de tempo a tempo, vem certificar-se se elles cumprem o seu dever, auxilia-los com exhortações e conselhos, e averiguar os progressos dos discipulos. Não creio que haja casa de lavrador, por mais pobre que seja, onde se não achem alguns livros, ao menos uma Biblia, o psalterio, e ás vezes obras d'historia, principalmente a do paiz, tão heroica e bella, e que é relida nos longos serões de cada inverno. É facil de conceber a influencia que semelhantes leituras devem ter no animo de um povo intelligente por natureza: a Biblia lhe dá elevação d'espirito; e as chronicas nacionaes mantém o nobre sentimento de patriotismo. *Quantos homens ha em França, que nem sequer pelo nome conhecem os homens mais illustres, os feitos mais gloriosos de nossos annaes*, ao passo que na Suecia talvez não haja um rustico que ignore a vida grandiosa de Gustavo Vasa, as emprezas de Gustavo Adolpho, e a coragem aventureira de Carlos 12.º Ainda mais: — não é raro encontrar nos campos trabalhadores que, ouvindo pronunciar o nome do vencedor de Narva, tiram o barrete por impulso instinctivo; tão fundas raizes tem em seu coração o respeito á gloria militar, que foi a primeira gloria da sua nação. —

ANTIGOS OFFICIAES MILITARES

O Adoil.

DESDE o principio da monarchia se encontra frequentemente citado, como importante nos exercitos,

o cargo de adail. Chamavam-lhe *zaga*, e ainda em 1700 davam os venezianos este nome ao mestre de ceremonias que precede a todos. O foral de Thomar, de 1662, fallando das correrias da fronteira, diz: « Da presa de fossado não se dê ao zaga mais que duas partes, ficando aos moradores do concelho as outras duas. »

O officio do adail era na realidade delicado e espinhoso. D. Affonso o Sabio, na lei das Sete Partidas, descreve com miudeza as suas obrigações, e insiste nas qualidades que os deviam recommendar. Era o zaga ou adail quem governava os almocadens e os almogavares. Quando pela calada da noite as cavalgadas se torciam pelas quebradas da montanha para amanhecer sobre a corôa eminente do castello roqueiro, um homem havia, em cujas mãos se pesava a sorte commum. Lá ia na testa dos almogavares, que ora corriam á direita, ora exploravam á esquerda, batendo as encostas e balseiras. Se elle se enganasse, se trocasse os caminhos, um golpe d'inimigos podia responder á surpresa pela surpresa. Se fosse mal informado dos movimentos dos arabes, em quanto silenciosos se mettiam pela fronteira moura, podiam ouvir de longe e pelas costas o grito d'Allah! misturar-se com os gemidos dos filhos e das esposas, e vêr o fogo do incendio ateado nas casas e herdades d'onde tinham partido. E que diante do adail christão estava sempre o adail dos arabes, velando nas trevas. Na lealdade dos adaís repousava a segurança dos fortes — se o coração lhe desmaiava, ou a vista tremia diante do perigo; se a setta, voando do pinhal, lhe varasse o peito, quem diria: — « aquella estrada leva á ruina; n'esta está a salvação? »

De origem sarracena, como o indica o proprio nome, o adail, nas guerras de recontros e emboscadas, de surpresas e correrias, continuadas quasi sem tregua da fronteira moura para o concelho christão, era, por assim dizer, o homem do destino. Em quanto tudo dormia ve-lo-hieis, disfarçado no albornoz mourisco, montado no ligeiro andaluz com sella e estribos á africana, só, mudo, e firme, atravessar as veigas onde susurra a aragem nocturna, e correr, e correr, aqui transpondo a ribeira que se arremessa do alto, alli, furtando-se nas trevas ao encontro dos almogavares arabes, cujo galope sôa na solidão; mais longe, sustendo a redea e reprimindo o respirar junto do tronco do roble, em quanto a rolda do mouro segue lenta e pausada. Ve-lo-hieis soffrendo a tormenta guiando-se pelo clarão dos relampagos, padecendo o frio e a fome, estudar atalhos, medir veredas, combinar a marcha occulta por gargantas de serros bravios, por cima das agulhas dos mais temerosos despenhadeiros. E dias depois, á mesma hora, com o mesmo recato, voltar ao castello de Coimbra ou de Thomar, e dizer ao alcaide: — « O mouro dorme sem receio: quereis acorda-lo? O caminho é perigoso mas breve; ámanhã, se Deus nos ajudar, Leiria será d'elrei, e a cruz de Christo vencerá mais uma vez as luas do propheta. » — E vencia quasi sempre!

Eis aqui o que era o adail. Um instante de descuido — um relancear da vista menos penetrante — uma traição facil — e os cavalleiros esforçados, quasi nos braços da victoria, caíam sem remedio diante da lança do sarraceno.

Com o nome de adail apparece já este officio no tempo de D. João I, e durou até ao de D. João III. As chronicas da guerra d'Africa, o mais bello e cavalleiroso episodio da nossa historia, em muitos logares encarecem a importancia do cargo, e pintam o caracter de alguns que o exerceram.

Vejamos agora de que maneira nos exercitos se fazia um adail. A noticia das ceremonias é tirada de um livro do seculo XIII, e acha-se tambem quasi pelo mesmo theor na segunda Partida de Affonso o Sabio.

Era costume antigo ser o adail levantado pelo monarcha, ou pelo rico homem que d'elle tinha *tenencia* da terra. Chamavam-se doze adaís dos mais experimentados, e tomava-se-lhes juramento por Deus, pelo rei, e pelas cruzes da espada, de só dizerem a verdade em consciencia. Se não houvesse numero sufficiente de adaís, convidavam-se tantos soldados velhos e sabedores, quantos fossem necessarios para completar a numero dos doze.

E então em presença de todos era perguntado o pretendente sobre os quatro pontos seguintes: « Conheces a terra, os atalhos, as veredas, para guiar as correrias, e as defenderes dos assaltos e surpresas? Por tal sitio, se te mandarem, aonde corre a fonte? aonde se corta a lenha para a fogueira do arraial? Em que logares porias as atalaias do campo? aonde farias o assento d'elle? por onde enviarás os esculcas e almogavares? »

« Como proverias ao sustento do cavalleiros e peões? Que vianda podem levar, e para quantos dias? »

« És esforçado de coração? Irás de noite vêr o atalho, espreitar no meio do mouro que dorme, cruzar por entre os atalaias e almogavares que escutam? Se te pozerem a lança no gorgel trahirás o segredo de uma entrada? Se te encerrarem n'uma masmorra sem luz, com agua pelos peitos, venderás a segurança de teus irmãos? Se te atarem ao pescoço o nó da corda, bradarás mercê descobrindo a cidade? »

« És leal? por peita de ouro, ou de cavallo, de vacca, ou de mulher entregarás o castello ao infiel, a espada ao cavalleiro, e a cavalgada ao alcaide de Mafoma? »

Depois de ouvida a resposta, se o testimunho dos antigos lhe era favoravel, juravam sobre sua alma « seja este feito adail », e honravam-no do modo seguinte. O que o devia levantar dava-lhe vestido, espada, cavallo, e armas de fuste e de ferro ao uso da terra. Um rico homem cingia-lhe a adaga, mas sem a pescoçada de prancha, que só competia aos cavalleiros. Depois de cingida a espada punha-se no chão um escudo chato, com as costas para fora, e alli se collocava de pé o novo adail. O rei ou o senhor que o investia no cargo desembainhava-lhe a espada, e dava-lh'a nua pela ponta, para elle a ter direita como estoque. Os doze, que juraram por elle, erguiam-n'o então no escudo á maior altura dos braços; primeiro voltado ao oriente, e elle com a espada fazia uma cruz no ar, dizendo: « Em nome de Deus, d'elrei, e desta terra desafio a todos os inimigos da fé! » Depois iam-n'o voltando ás outras tres partes do mundo, e elle sempre repetindo o mesmo. Apenas descia do escudo embainhava a espada, e o rei ou o rico homem punha-lhe na mão um signal, dizendo: « Em nome do rei concedo-te de hoje em diante o officio de adail; poderás ter cavallo e armas; assentar-te á mesa dos cavalleiros; e quem te offender será castigado por honra d'elrei, como se tivesses foro de cavalleiro! » Depois de feito adail, e honrado assim podia governar os homens do concelho, e os cavalleiros, dando vozes de commando, e punir de varas os almogavares e peões, segundo merecessem, mas de fórma que os não tolhesse de algum membro.

Em subsequentes artigos se descreverão outras ceremonias militares da meia idade, proprias para se conheceram os costumes dos seculos antigos.

O SEGREDO é a alma das grandes emprezas. Um antigo escrevia na cinza a minuta dos seus projectos soprava, e desapparecia o menor vestigio.

Da sorte dos meninos nas minas de Inglaterra.

(Continuado de pag. 39.)

A pequena altura das camadas de carvão em muitos logares, e por conseguinte a pouca elevação das galerias, é causa d'este abuso. Uma commissão de inquerito verificou que em muitas minas teem as galerias dois e meio até tres palmos e meio d'altura, e que em certos logares não passam de dois palmos. No Derbyshire, em que a maior parte das camadas não excedem a dez palmos de espessura, tem-se empregado rapazes em todos os trabalhos da lavra das minas: os mais velhos extrahem o carvão deitados de costas, nas posturas mais penosas. Outro tanto acontece em Halifax, onde as camadas não têem em muitos logares mais do que dois palmos e meio (termo medio), e n'outras ainda menos de dois palmos. Na parte oriental da Escocia começam os meninos a extrahir o carvão aos doze annos de idade, e no principado de Galles aos sete. De mais a mais, n'algumas d'estas minas é muito imperfeita a ventilação, e olha-se tão pouco para o esgotamento, que os mineiros trabalham todo o dia com os pés no lodo e até dentro d'agua. Accrescente-se a isto, que nos logares mais doentios é que empregam meninos de mais tenros annos, preferindo as rapariguinhas.

A maior parte dos mineiros de ambos os sexos empregados nas minas de carvão pertencem a familias dos proprios mineiros, ou a gente pobre que mora nas visinhanças. Estes, com o fructo do seu trabalho, ajudam a viver seus paes, e sempre d'ahi lhes resulta proveito, mas ha districtos em que certo numero d'estas desgraçadas creaturas consomem, sem lucro algum, a flôr da mocidade na mais dura escravidão. Tal é a sorte de muitos orphãos de que as parochias, a cujo cargo os poz a indigencia, se livram entregando-os para aprendizes aos mestres mineiros, que, como nos trabalhos das minas não ha que aprender, lhes vão ficando com as ferias até elles chegarem á edade de vinte e um annos, occurrendo apenas ás modicas despezas de vestuario e sustento. Fôra difficil imaginar o que os malaventurados padecem. Um d'estes aprendizes narrava nos seguintes termos a historia da sua negra vida ao commissario que o inquirira: «Não sei a edade que tenho; morreram-me pae e mãe, ha quanto tempo não posso dizel-o. O meu mestre tinha-se obrigado a dar-me de comer e de vestir: dava-me uns farrapos comprados aos trapeiros, e a comida não chegava para matar-me a fome. Larguei-o porque me maltratava; bateu-me duas vezes com uma picareta.» (Ao ouvir isto, diz o commissario, mandei despir o rapaz, e lhe vi no peito uma larga cicatriz de ferida feita com instrumento cortante; tinha tambem pelo corpo todo mais de vinte feridas, que recebêra a empurrar os carros pelas galerias baixas.) «O meu mestre espancava-me tantas vezes, e dava-me tão máu tractamento, que resolvi deixal-o, a vêr se melhorava de condição. Muito tempo dormi dentro de poços abandonados, ou nas cabanas que estão á beira dos poços explorados, sem comer mais do que os cotos das vellas de cebo que os operarios por alli deixavam.»

O seguinte facto, escolhido d'entre outros muitos, pinta mui bem a brutalidade e fereza dos mineiros. «Levaram um rapaz ao doutor Milner, medico em Rochdale, no Lancashire. Examinando-o, achou-lhe no corpo vinte e seis feridas; o lombo e a parte posterior do corpo era uma chaga, na cabeça, despovoada de cabellos, viam-se-lhe os signaes de muitas feridas graves, tinha um braço partido por baixo do cotovello, havia muito tempo, segundo parecia. Quando este desgraçado pequeno foi á presença dos magistrados não podia ter-se em pé nem estar sentado; não houve remedio senão deital-o no chão sobre uma especie de berço. Provou-se na devassa que lhe tinham quebrado o braço com uma barra de ferro, e que nunca lh'o encanaram, antes por espaço de muitas semanas o forçaram a trabalhar com o braço partido. Provou-se mais, por confissão do mestre, que este costumava dar-lhe com um pedaço de páu, que tinha na ponta um prego de muitas pollegadas de comprimento. O rapaz passava fomes, como attestava a sua extrema magreza; o mestre empregava-o em puxar carros, e, depois de o inutilisar para o trabalho, mandou-o de presente á mãe, que era uma pobre viuva.»

A condição das mulheres e raparigas ainda é mais deploravel. As rapariguinhas são empregadas nos mesmos trabalhos que os rapazes: assim como elles, empurram ou puxam carros; mas sujeitam-n'as, e ás mulheres tambem, a tarefas que os operarios do outro sexo em nenhuma edade acceitam. Em muitas minas da Escocia, que não teem machinas para trazer o carvão á superficie da terra, as mulheres e meninas o carregam ás costas em cestos por toscas escadarias ou escadas de mão. Andam tão nuas, que não se atreviam a vir á presença dos commissarios encarregados pelo governo do inquerito. A decrepidez alcança toda esta gente com espantosa velocidade. O mineiro aos quarenta ou cincoenta annos esta incapaz de trabalhar, parecendo tão quebrado de forças que nem um velho de oitenta annos. Os homens de setenta annos que se contam entre os operarios das minas são menos de metade dos que pertencem á classe dos lavradores; e nos seus costumes parece que a dureza dos trabalhos imprime um caracter rude e brutal, que chega muitas vezes a ser feroz.

Os effeitos do trabalho excessivo e prematuro dos meninos, em classe alguma são mais nocivos ao physico e ao moral do que na que vive da lavra das minas de carvão de pedra. Os factos estavam patentes, e a Inglaterra não podia demorar a repressão dos abusos e crueldades apontadas nos relatorios dos commissarios, e por isso uma lei votada em 1842 prohibiu o trabalho das mulheres nas minas; determinou que os meninos d'alli em deante entrassem para ellas aos dez annos, e saissem aos quinze, não podendo trabalhar mais do que tres dias por semana; e sujeitou as explorações subterraneas em todo o reino-unido á vigilancia dos inspectores das manufacturas, criados por uma lei de 1833.

Buchas de espingarda ininflammaveis.

As desgraças que acontecem muitas vezes por cair uma bucha sobre materias combustiveis, fizeram com que Mr. Lassaigne applicasse o phospato de ammonia á fabricação de buchas ininflammaveis. O methodo pelo qual transforma o papel de que se fazem as buchas em papel ininflammavel, e simples: consiste em dissolver uma parte de phosphato de ammonia cristalisado em dez partes d'agua do rio, e em conservar mergulhado o papel n'este liquido tres ou quatro minutos. Tira-se depois, aperta-se nas mãos, e faz-se seccar ao sol, ou em estufa. O papel, n'esta operação, ganha mais uma vigesima parte do seu peso, porque absorve certa quantidade de phosphato de cal, que o não deixa arder. Das experiencias feitas com estas buchas n'uma espingarda de caça resulta, que ellas, ao sairem da arma, caem no chão sem se incendiarem.

O PONTIFICE PIO IX.

Quando a voz dos sinos, gemendo em Roma, annunciou á Italia a orphandade da cidade dos cesares e a do mundo christão, penetrou em todos os animos a mais profunda melancholia. O cortejo funebre do papa, que ia descançar ao lado de Gregorio VII e de Innocencio III, atravessando pelo meio das multidões, avivou a memoria das difficuldades que tinha de sujeitar o successor a quem coubesse receber as chaves do Apostolo. Todos sentiam que em taes circumstancias o homem destinado a occupar a cadeira de S. Pedro podia perder ou salvar a igreja com uma palavra.

No domingo de junho, que precedeu o conclave, o céu estava coberto, e as nuvens, desenrolando-se sombrias, pareciam pesar sobre o coração da Italia. Ao entrarem os cardeaes para a eleição rebentou o temporal, e os romanos, ainda supersticiosos, tiraram do acaso os mais tristes agouros. Cincoenta cardeaes iam encerrar-se para eleger o cabeça da igreja, e o voto, que lhe devia firmar a tiara na fronte, por força tinha de reunir duas terças partes e mais um dos assistentes. Os cardeaes moços, quasi estranhos uns aos outros, negavam-se a acceitar direcção ou conselho. Apontavam-se nomes differentes, revolviam-se ambições inquietas; a diplomacia luctava ás portas do sacro collegio, dividido em fracções, e entretanto as conjecturas de fóra animavam-se ou esmoreciam segundo se figuravam melhor ou peior as probabilidades dos diversos concorrentes.

Nunca a incerteza foi maior, nunca o interregno ameaçou de tão prolongada agonia os grandes interesses pendentes da eleição do summo pontifice. É por isso que, no concurso apinhado para assistir á solemne abertura do conclave, a tristeza carregava de sombras o rosto de todos. Vozes suffocadas repetiam que a igreja se conservaria largo tempo viuva. Uns fallavam da tempestade que ia estalar no sacro collegio; outros, escutando ao longe, já presentiam as passadas da rebellião accesa em toda a Italia. De vez em quando o galope dos cavallos soava a distancia, e calavam-se as conversações em todos os sitios. O cavalleiro, passando rapido, deixava atraz de si longo e confrangido silencio. — Eram os correios d'Austria; eram os avisos das côrtes de Italia; eram emfim os

mensageiros das legações romanas, que se cruzavam na estrada, e chegando a Roma vinham augmentar a perplexidade da crise.

A Europa, vista pela superficie, parecia espectadora pacifica do grande drama representado nas visinhanças do Quirinal. A guerra não troava — o laço da concordia unia a França á Inglaterra, e a insurreição como que adormecêra. Mas um dia depois, se o papa eleito trahisse as esperanças do maior numero, quem ignora (usando de uma imagem tirada do antigo Lacio) que o Titão encadeado, exacerbadas as dôres, se havia de virar de lado, sacudindo com a possante espadua o volcão da Sicilia? A Italia, revendo a desgraça actual no espelho de um passado glorioso, allumiada pelo sol que infundiu o raio d'amor na alma de Rafael, e accendeu a faisca de Prometheu no peito de Miguel Angelo, não esqueceu ainda, que tambem a representam encostada as fasces consulares ou á lança de Attila. O céu meigo e as estrellas d'ouro, que ouviram suspirar o Tasso, os jardins e as rosas, entre as quaes sorriram os amores do Ariosto, tambem viram arder as çarças, d'onde o Dante se levantou, trazendo na mão, sacerdote e propheta, a *divina comedia*, tábua de ferro escripta com sangue pelo dedo da discordia civil.

A Italia é terna e suave, mas é perigosa, sobretudo nos instantes de cholera. Já se viu rainha, ha de custar-lhe a ser escrava. Quando as musas desterradas da Grecia, tomando pela mão a liberdade d'Athenas, vieram naturalisar-se nos campos do Tibre, acharam pais, irmãs, e familia no solo fecundo aonde Cesar caíu, e Virgilio cantou. A Italia, costumada a ser a primeira nas idéas e no gosto, não podia mais tempo resignar-se a vêr caminhar todos os povos, e ella permanecer atada á columna; não queria ouvir exclamar a civilisação «adiante!» e como captiva ficar pisada pelas rodas do carro que em melhores dias dirigíra! A intensidade dos seus infortunios podia te-la quebrantado, mas o enthusiasmo não morre senão com a nacionalidade; e essa, viva na alma e no coração de todos, reina dos Alpes ao Aventino.

Por isso o silencio que, junto ao leito de morte de um papa, gelou a voz e o chôro da Roma, e das legações, e aquella multidão apinhada ao limiar do sacro collegio não indicavam aos olhos dos reflectidos senão a pausa que precede um instante as grandes batalhas. Se ao caír o muro erguido á pressa á entrada do conclave, saísse coroado um papa que lhe cortasse as derradeiras illusões, quem sabe se, levantando o terrivel brado de Mario, iriam ao capitolio desprender a espada de Marcello, arremessando a bainha para longe?

Era isto o que sentiam reis e povos, uns distincta, outros confusamente. Todos avaliavam que se estava nas vesperas do acontecimento mais importante deste quarto de seculo. A cruz de Christo, nas mãos de um apostolo podia ser bandeira de esperança e civilisação, podia salvar a igreja e a sociedade — nos braços de um fanatico convertia-se no cepo aonde o algoz tentaria decapitar o progresso, conseguindo só cortar o pulso a si. Da varanda, d'onde o cardeal havia de annunciar o novo papa, podia partir a paz ou a guerra — a esperança ou a discordia!

A reforma era necessaria, estava madura no pensamento e nos factos — devia operar-se de cima para baixo, ou romper armada do seio das luctas civis. A situação dos Estados pontificios não se exaggera, dizendo que era *deploravel*. O poder absoluto, sem o freio das conveniencias dynasticas, deixava as redeas do governo soltas aos caprichos das potencias ou dos individuos. Os abusos, incarnando em fórmas caducas, corroiam o corpo social, sem nenhum dos veneraveis anciãos, que subiam á cadeira de S. Pedro, ter tempo nem esforço para os cortar de um golpe. A anarchia administrativa, confundindo todas as noções, invadindo os direitos, e ameaçando os interesses geraes e particulares. Legislação incerta e movel, justiça confiada ao arbitrio; processos entregues á preponderancia local; a fazenda sem fiscalisação; as economias feitas pelos que lucravam nos desperdicios; um systema inquisitorial compromettendo a religião na cubiça das cousas mundanas — eis em resumo as maiores feridas de que se padecia.

Junctо das abundantes culturas devidas ao braço laborioso de alguns lavradores estendiam-se baldios e desertos arruinados pelos vicios da má administração. Cidades activas e esclarecidas gemiam sob a vara fiscal com que a tyrannia de agentes irresponsaveis feria a industria. E sobre toda a Italia a influencia de uma grande potencia, estendendo-se n'umas partes benevola e economica, n'outras severa e quasi inexoravel.

N'este estado de decadencia a que chegára, a igreja tinha de escolher o seu logar no seculo e na civilisação. Filha do amor e do sacrificio podia levantar-se, como Christo, do sepulchro, e largando o sudario apodrecido vestir a tunica do Mestre, e fazer do Evangelho o verbo da nova sociedade. O seu reino, que é do futuro, perde-se na hora em que o esquecer pelo passado. Levando alta e victoriosa a cruz, opera-se a reforma mansa e suave: abatendo-a, para tirar a espada, compra-se a preço de lagrimas e sangue. Entre os dois caminhos era chegado o momento de marcar a preferencia.

Roma e a Italia tinham razão. O novo papa ia receber as chaves de S. Pedro n'uma epocha difficil, rodeada de escolhos. As qualidades que o deviam revestir, para desempenhar a sua grande missão, foram sempre raras, e espinhosas de practicar. Intelligencia elevada para abraçar as necessidades do estado temporal; vista extensa para medir os verdadeiros passos do progresso humano; força e prudencia para conceder a paz o que ella devia pedir: á esperança o que se lhe podia prometter. Carecia de animo para não desfallecer entre os excessos inveterados e o delirio faccioso; de coração robusto, que não quebrassem ameaças, nem esmorecessem suspeitas; finalmente requeria-se n'elle a virtude risonha do Apostolo, a humildade do Precursor, e a firmeza d'um Innocencio III. Todos conheciam isto, todos o diziam, mas homem tal aonde o havia, e a existir quem lhe abriria caminho?

E entretanto as horas a succeder-se, os obstaculos a crescer, e a confusão talvez que assentada a mesa do escrutinio, accendendo as maiores dissidencias no sacro collegio.

Passaram vinte e quatro horas n'esta agonia. De repente caíu a famosa muralha, e o cardeal Riario Sforza, camarlengo, com voz sonora que resoou em toda a praça, pronunciando o «*habemus Pontificem*», e proclamando papa o cardeal Mastei, com o nome de Pio IX, mudou em jubilo as mais sinistras apprehensões!

As longas acclamações de Roma, correspondendo a eleição, indicaram que a igreja ganhara uma grande victoria, constituindo a tiara em penhor das suspiradas reformas.

Que magia tinha o nome de um sacerdote para, apenas lançado das varandas ao povo, o fazer chorar d'alegria, e abraçar nas ruas os desconhecidos como irmãos, á semelhança da antiga Roma depois de duvidosa batalha?

E que o papa eleito significava a idéa generalisa-

da em toda a Italia. A igreja arvorava a cruz de Christo como symbolo d'esperança para o futuro. A religião, sorrindo consoladora ao presente, promettia guiar os homens por entre os espinhos de uma civilisação trabalhosa, abraçada com a fé, e inspirada pelo amor. *(Continúa.)*

O Hadjeb de Kordova.

(972 a 992)

(Continuado de pag. 42.)

IV

Calat-al-nosor.

As trombetas sarracenas soavam por todos os angulos do Andaluz. Os cavalleiros berebéres e as hostes alarabes passavam o mar, e vinham reunir-se com os esquadrões kordovezes. Os kadis, os wasires e alkaids proclamavam por toda a parte a gazwat, ou guerra sancta, contra os christãos. D'um a outro extremo das Hespanhas não se ouvia senão o zunir das forjas apparelhando as armas, cortado do grito de guerra chamando aos combates. As planicies arripiavam-se de lanças tão bastas como as espigas no prado; as fragas tremiam com o peso dos esquadrões; e no tope das serras o estandarte dos cabos fluctuava, sobranceiro ás selvas da encosta, desenrolando nos ares as suas brilhantes insignias e as suas côres esplendidas.

Deslumbrava o aspecto dos campos então. O solo desapparecia debaixo dos pés das multidões. Todos os dias rebentavam dos caminhos cohortes sobre cohortes, todos os dias rolavam das montanhas torrentes de homens, impellindo-se, apertando-se, agglomerando-se nos plainos immensos, como os rios que descem e desemboccam no oceano.

A final chegou uma legião, mais numerosa, mais rica, mais formosa e esplendida do que todas as outras legiões, e no meio d'ella um cavalleiro, mais fero, mais altivo e magnifico do que nenhum d'aquelles cavalleiros. Á sua chegada todas as signas e bandeiras se abateram nos montes como os cedros dobrados pela mão da tormenta — todas as lanças e cimitarras se prostraram nas planicies como as cearas acamadas pelo vento. Por onde aquelle capitão passava homens e armas caíam a seus pés beijando a terra, e elle, com a fronte erguida, atravessava por entre as fileiras, curvas na sua presença, dignando-se apenas de olhar para os milhares e milhares de guerreiros alli reunidos.

O assombroso cabo, galgando ao pincaro mais alto, deu o signal da partida. Ao simples aceno do seu braço dobraram-se a um tempo as tendas e pavilhões — abalaram-se simultaneas as hostes variadas. Tres dias com tres noites levaram os desfiladeiros a sorver a turba infinita. Ao raiar do quarto bradou lá de cima o capitão da montanha áquellas filas incommensuraveis:

— «Para Castella.»

E deitando o ginete a galope nos fraguedos da encosta foi, com as ultimas phalanges, immergir-se nas gargantas profundas dos caminhos.

Aquelle homem era Mohamed, o hadjeb; Mohamed, o potente; Mohamed, o victorioso: — el-Mansur, como o tinham feito chamar vinte annos de victorias!

Era — era elle que se abalava com todo o poder do Andaluz e do Maghreb a invadir o territorio christão, successivamente mutilado, quasi retrahido nos seus primeiros limites, e agora ameaçado da ultima ruina. Era elle!

A mão de Deus parecia haver-se interposto sobre o impio contra o punhal dos vingadores. Vinte annos tinha estado suspenso o ferro dos mostarabes juramentados no peito do infiel — vinte vezes se lhe approximára a morte no gume afiado — outras tantas um dedo invisivel affastára a ponta homicida, e os inimigos do hadjeb haviam caído fulminados a seus pés para nunca mais se levantarem.

Os al-kaids das fronteiras e os condes christãos haviam-se successivamente erguido contra o hadjeb, excitados por uma influencia desconhecida e mysteriosa. Apoz um viera outro; das fileiras destroçadas d'um capitão infeliz surgia um novo cabo de guerra; sarraceno ou godo, peninsular ou berebere, ao guerreiro prostrado succedêra um novo guerreiro, concitado pela mão occulta que não dava um momento de reposo ao ministro kordovez — e todos, e cadaum, igualmente infatigavel, igualmente pertinaz, arremettia com o mesmo cego esforço, caía com a mesma intrepida constancia.

Aquella immensa lucta, depois do breve descanço de umas treguas, subita e mysteriosamente quebradas, era realmente admiravel. Da parte do hadjeb sempre o mesmo irresistivel impeto, e o mesmo glorioso resultado: da parte dos seus contrarios sempre o mesmo animo indomavel, e a mesma invencivel tenacidade. Onde Mohamed se apresentava era certa a victoria; os seus inimigos porém pareciam renascer das proprias cinzas, e multiplicar-se com os revezes.

Nos acasos das batalhas, na confusão dos campos, no rumor das festas e no retiro dos paços a vida do terrivel capitão estivera muita vez pendente d'um fio. Mas a mão de Deus, como dissemos, estendêra sobre elle uma dobra do manto da sua justiça, e, cobrindo-o, preservando-o, conservára para flagello e castigo das Hespanhas christãs, dos seus principes culpados, e dos seus cabos ambiciosos, o tremendo el-Mansur!

Vigiavam por elle os olhos da cholera divina!

Os christãos porém não dormiam. Despertava-os a noticia dos formidaveis aprestos. Os guerreiros de Leão, de Galliza e de Castella marchavam unidos; ao seu encontro vinham os de Navarra: á frente d'aquelles os condes Menendo Gonçalves e Sancho Garcez, em nome do moço rei Affonso V de Leão; á testa d'estes Sancho, o quadrimano, chamado assim pelo seu esforço e actividade incomparaveis.

Nos campos de Lorca foi que pela primeira vez se abraçaram sincera e cordialmente estes homens, irmãos pela crença, e separados pelos odios ruins das paixões e ambições politicas. Os condes que tanta vez haviam mutuamente aberto os capellos e lascado as achas nos recontros, estendiam agora a mão uns aos outros — e, o que era mais, estendiam-n'a do coração. Muitos d'elles — quasi todos (*) — haviam militado debaixo das bandeiras do hadjeb, excitados pelo rancor que lá por dentro os remordia, para melhor se offenderem e despedaçarem reciprocamente; e agora estreitavam-se no abraço fraterno, reconciliados contra o antigo senhor que os protegêra ao modo leonino.

(*) Não admire o que n'este logar se affirma. As dissensões politicas, e ás vezes tambem motivos de particular interesse, levavam frequentemente os principes e condes christãos não só a associar-se com os dominadores na guerra que faziam com os seus irmãos de fé e nascimento, senão tambem a servirem ás suas ordens, e a fazerem a guerra por sua conta. São frequentes estes exemplos, sobretudo do seculo X até ao seculo XII. Sirva de prova, entre muitos, o infeliz reinado de Bermudo II, em que, por causa d'estas mortiferas dissensões, a sorte do reino leonez esteve toda nos desvios selvaticos das Asturias, como no começo da regeneração.

Quem fizera porém aquelle milagre? quem congraçára aquelles tremendos odios civis tão difficeis sempre de conciliar e sempre tão crueis e tenazes?

Maravilhavam-se todos; mas não no-sabia ninguem. Attribuiam-n'o alguns á eminencia do perigo commum. Os experimentados e prudentes não se enganavam. Sabiam que esse perigo appareceria muitas vezes sem dar este resultado — conheciam sobre tudo em demasia a implacabilidade e egoismo das paixões politicas, para lhe poderem julgar tamanha e tão subita virtude.

Outra era de certo a origem e razão do acontecimento que espantava e regosijava as Hespanhas christãs, porque, havia longo tempo, n'esta lucta continua, sanguinolenta, temerosa, das duas crenças rivaes era esta a primeira vez que a raça goda pelejava unida.

Quanto á suprema influencia que fizera o que ainda se não havia feito nas Hespanhas, repetimo-lo, ninguem sabia de quem era ella.

Corriam porém estranhas conjecturas ácerca d'um cavalleiro, moço ainda, de uns quarenta a cincoenta annos quando muito, apesar das cans que lhe alvejavam numerosas, do qual se contavam maravilhas de valor, de actividade e constancia n'esta longa e porfiada lucta de vinte annos. Pelejára, diziam, em todas as batalhas contra o hadjeb, apparecêra em todas as cidades que se haviam rebellado, percorrêra todos os condados que se haviam armado. Contavam mais que um anno inteiro andára atravessando as Hespanhas de Leão a Navarra e de Navarra a Galliza, por entre nuvens de corredores bereberes, que o perseguiam sem fructo, levando e trazendo mensagens, predispondo os animos, salvando as difficuldades, e prégando por toda a parte com palavras admiravelmente energicas e eloquentes a necessidade da completa liança e união da raça goda.

Todos estes dictos porém não passavam de simples vozes. O que d'elle unicamente se sabia ao certo era que chegára das fronteiras do paiz de Afranc, trazendo do meio-dia, um troço de cavalleiros escolhidos, hoste temerosa, que passava pela flôr do exercito christão. Era tambem fóra de duvida que as suas palavras gozavam de um grande credito entre os cabos godos. Raros lhe tinham ouvido a voz: nenhum lhe tinha ainda visto o rosto. O mysterioso capitão entrava a toda a hora na tenda real de Sancho, o quadrimano, e nos pavilhões dos condes de Galliza e Castella; mas ninguem lográra ainda examinar-lhe de perto as feições. Era um thema inexgotavel para todos no exercito. Deus sabe que de boatos se espalhavam a seu respeito.

No entanto os campos de Lorca, imitando os de Kordova, ouriçavam-se, como elles, de signas e balsões tremulantes, de lanças e espadas fulgentes. Da base até a corôa dos montes subiam como serpes enormes as filas tortuosas dos serranos do Astura. As pontas d'aço das maças de roble scintillavam ao sol, pendentes no lado dos guerreiros navarros, e dos descendentes dos frankos, ao passo que os seus brilhantes reflexos, refrangendo-se no ferro da secure goda, segura na sella dos cavalleiros de Leão, como que povoavam de rapidas estrellas as planicies. Se as hostes musulmanas desenvolviam mais arte e pericia, se brilhavam mais pelo esplendor das armas e pelo variado das côres; em compensação os capellos de malha, as grosseiras dalmaticas e as camizas de ferro dos christãos não cobriam corações menos ardentes e impetuosos.

O exercito godo esperava a pé firme o tremendo hadjeb: ia pelejar-se a sorte futura das duas raças que disputavam havia seculos o dominio das Hespanhas.

A final, um dia, ao despontar da aurora, appareceram as margens do Douro e as alturas cobertas de corredores africanos: era a vanguarda do hadjeb.

As batalhas christãs aguardavam-no já formadas e apercebidas. Prevenira-os o infatigavel desconhecido.

Os dois exercitos pararam em frente um do outro, medindo-se uma hora inteira, até romper o sol, como dois luctadores que se contemplam na arena.

Depois, dois homens, um na planicie outro na montanha, á testa cada qual das turbas impacientes, estenderam simultaneamente o braço direito contra os adversarios fronteiros, e clamaram unisonos com a voz sonora e fremente:

— «Avante!»

E no mesmo ponto os dois mares procellosos, rompendo os diques, trasbordaram em duas ondas monstruosas na planicie, até se embaterem e se confundirem e tumultuarem n'uma vaga immensa que fez vacillar os rochedos na sua base, saindo subitamente do seio d'ella, horrendas, confusas, infernaes, mil impias blasphemias e mil gritos de agonia. Não se via, não se percebia, não se distinguia nada n'aquella mole infinita a revolver-se furiosa no meio d'uma nuvem espessa de poeira. Atravez do horrendo véu trovejava o combate como a surda explosão d'um terramoto, lampejavam os ferros como outros tantos raios a atravessar os ares carregados.

No pinaculo d'uma serra o hadjeb vigiava o combate, despedindo d'alli uns sobre outros os seus esquadrões de bereberes a apertar os christãos na planicie. O terrivel el-Mansur ardia lá por dentro, mas continha-o a prudencia. Não queria empenhar-se na peleja senão para decidi-la como costumava. O logar que occupava, com um pequeno troço dos seus melhores guerreiros, designam-o as historias arabes pelo nome de Calat-al-nosor, isto é; o pincaro dos abutres: julgava-se seguro alli.

Mohamed, anojado já de ver a firmeza e a contumacia desesperada dos seus competidores, mandara avançar os ultimos esquadrões, e desembainhava já a irresistivel cimitarra, para resolver a contenda, quando uma hoste de cavalleiros, pequena como a sua, se arrojou com assombroso impeto pela encosta acima ao seu encontro.

O hadjeb rugia de prazer: ia emfim pelejar: estava certo de si. Os seus cavalleiros, imperturbaveis, não se moveram; esperavam tranquillos o inimigo: el-Mansur sorria de orgulho.

Os guerreiros contrarios approximavam-se no entanto, impetuosos como o vento do deserto. Eram os de Afranc. Apesar do impulso que traziam, deixara-os longo espaço atraz o seu mysterioso cabo. Seguia-o unicamente de perto uma figura melindrosa de pagem, estranho contraste no meio d'aquelles collossos furibundos.

Ao hadjeb não lhe soffreu o animo esperar assim a pé firme tão desesperado inimigo: voou ao seu encontro.

Toparam-se no alto, em cheio, os dois ferozes contendores: nenhum d'elles vacillou. As duas hostes, que se precipitavam tambem ao encontro uma da outra, pararam attonitas, olharam-se e recuaram: a horrenda porfia continuou entre os dois como os combates dos heroes d'Homero. Não tinha nome a furia com que os dois cabos se atacavam, se precipitavam, e se retrahiam para se tornarem a atacar. A cimitarra do hadjeb caíu despedaçada pela secure do desconhecido, a arma do guerreiro de Afranc voou para o lado cortada cercea pelo resto da folha de Mohamed. No fim d'uma hora o ginete andaluz do cabo kordovez caíu, aberto pela testeira, ao pé do negro corsel do desconhecido, atravessado pelos peitos. Mas

os cavalleiros já estavam a pé e continuavam o combate, igualmente incansaveis, igualmente furiosos, igualmente encarniçados ao lado dos dois nobres e fieis animaes, que gemiam e agonisavam tristemente voltando os olhos lagrimosos para seus donos.

O elmo d'um e o capello d'outro saltaram partidos por dois revezes assombrosos: o peito, os braços, a cabeça de ambos estavam cobertos de feridas; o sangue corria-lhe em fio nos fraguedos do solo; e os dois combatiam como se n'aquelle momento se houvessem accommettido...

Desceu o sol, veio o crepusculo, seguiu-se-lhe a noite, e os dois a combaterem ainda...

A final o hadjeb caíu; — el-Mansur o glorioso, el-Mansur o potente, el-Mansur o invencivel — caíu na montanha sem poder valer aos seus, que fugiam na planicie — caíu com os olhos voltados para elles, aos pés do guerreiro desconhecido.

Um longo gemido saiu então d'entre as fileiras dos bereberes. N'um impeto espontaneo arrojaram-se contra o vencedor ao passo que a hoste do Afrane tambem pela sua parte voava com gritos de alvoroço a soccorrer o seu cabo.

Mas este, indifferente a tudo, não via amigos nem inimigos. Passou-lhe pelo rosto um como relampago de barbara alegria, e, curvando-se para o hadjeb prostrado, estrugiu-lhe ao ouvido com uma inflexão que arrancou o hadjeb aos braços da morte:

— «Lembras-te dos jardins de Azahrat?»

Mohamed abriu os olhos e fitou-os no desconhecido. Aquelles dois homens, que assim tinham combatido por ventura em mais de uma occasião, era a primeira vez que se encaravam. O hadjeb não poude supportar o aspecto do seu vencedor, apertou o punhal que não largára, e fechou de novo os olhos.

N'isto chegavam as duas hostes encontradas, e embatiam-se no escuro da noite.

A batalha recomeçou mais brava do que nunca em torno do hadjeb.

Mas os sarracenos já não combatiam para vencer: era sómente para alcançar morte honrada.

Estava em terra o collosso das Hespanhas!

(Conclui-se-ha.)

Festa de Corpus Christi em Valencia.

A procissão d'este dia solemne era antes das ultimas revoluções famosa na Hespanha. Na capital de Valencia celebrava se do modo seguinte. — Dias antes lançava-se um bando convidando os habitantes a concorrerem á funcção e a trazerem vellas de cera de meia libra. Na hora prefixa as communidades religiosas e o clero das parochias entravam no choro da sé entoando o *Pange, lingua*; e em seguida punha-se a caminho a procissão, indo á frente as diversas corporações de officios, como entre nós se usava, com as bandeiras de seus padroeiros, e logo apoz, por ordem d'antiguidade, os ecclesiasticos. N'isto não ha novidade: porém o clero da sé distinguia-se de todos pelo acompanhamento de figuras allegoricas. Tres aguias enormes traziam rotulos nos bicos, onde, em lettras de ouro, se lia dividida esta phrase «*In principio erat verbum; Et verbum erat apud Deum; et Deus erat Verbum:* atraz seguiam-se tres homens, um com mascara de leão, outro de boi, e outro sem mascara, que juntamente com as aguias vinham alli para denotar os quatro Evangelistas: logo appareciam mais tres, com harpa, viola e cithara, em memoria do rei David diante da arca da alliança. Vinte e seis vellos, vestidos de branco, traziam tochas de grande volume, e precediam oito levitas, tambem trajados de roupas largas brancas, parecidas ás antigas dalmaticas, empunhando varinhas com que tocavam na cabeça dos espectadores, a quem, ao passar a procissão, esquecia descobrirem-se. Immediatamente apparecia o Sanctissimo, e a custodia, de altura fóra do commum, era magnifica obra de ourives no estylo gothico.

Por todo o comprimento do prestito, de distancia em distancia, iam repartidos, em bandos numerosos, gigantes e anões, extravagantes, monstruosos, e de variegados vestuarios. Carros triumphantes, a que em Valencia chamam *rocas*, cheios de figuras allegoricas, eram tirados por machos ajaezados ricamente, e junto d'elles havia rodas infatigaveis de danças, que muito faziam lembrar certas festas pagãs, principalmente as de Ceres e Baccho, por isso que os carros eram enfeitados com espigas e com festões de pampanos. O mais notavel era sempre o que denominavam *la roca de la Purissima*, que transportava sobre elevado throno a imagem da Sancta Virgem, precedida no plano inferior pela figura symbolica da religião, como se vê representado em o nosso desenho.

Episodio da vida d'Aleixo Orlof.

A imperatriz Isabel teve tres filhas do seu consorcio clandestino com o grão governador Aleixo Gregriovitch Razoumovski, a mais moça das quaes foi creada na Russia com o nome de princeza Tarrakanoff. Quando Catharina II começou a empregar, em concurrencia com os enredos, a violencia contra a Polonia, o principe Carlos Radzwil, por patriotismo, por vingança, ou por ambição talvez, roubou esta menina, subornando as pessoas encarregadas de a guardarem, e a levou comsigo para a Italia, onde por muito tempo viveu do producto de diamantes, que elle salvára da destruição de sua casa; mas, esgotado este recurso, a precisão o obrigou a voltar á Polonia. O agasalho inesperado que achou na côrte de S. Petersburgo, então empenhada em oppo-lo a uma facção contraria, por lá o foi detendo. Se não commet-

teu a baixeza de consentir na entrega da infeliz filha de Isabel a Catharina, caíu na de prometter que nunca mais faria caso d'ella, e de a desamparar no regaço da miseria.

Aleixo Orlof, assassino de Paulo III, era homem de menos escrupulos. Víra de bem longe o incendio das embarcações turcas em Thchesmé, victoria insigne aos olhos de Catharina, que lh'a attribuia toda, roubando-a a Greig e Elphinston; desmaiára durante o conflicto; despertára do dormitar para insolente cingir na fronte louros immerecidos; era por tanto o esforçado campeão digno de ir buscar a victima para a sacrificar aos sustos da sua soberana. Um certo Ribbas, que depois chegou a ser vice almirante na Russia, lhe descobriu o retiro onde a princeza vivia, em Roma, na companhia de uma só criada, padecendo privações. Aleixo foi procura-la, fallou-lhe no odio que todos os russos tinham á imperatriz, na hydra das conspirações a que ella não podia cortar as cabeças sem que as multiplicasse; engodou-a com a esperança de subir a um throno que asseverou pertencer-lhe por direito de sangue; e reforçando com as seducções do amor as da ambição, por ventura insufficientes para deslumbrar uma menina habituada á obscuridade da mediania, simulou um amor implacavel, como não era capaz de ter a ninguem; porque os homens-gralhas adornados com as pennas do pavão, que desfaçadamente roubam os fructos do trabalho ou da intelligencia alheia, — submissos quando precisam, altivos, ingratos, e talvez inimigos quando já não esperam; estes homens, que convertem quanto os cerca em instrumentos com que se lavram o pedestal da sua propria elevação, e que lançam para longe de si apenas se gastam ou estalam n'este lavor ingrato: amam é verdade, e amam com excesso: amam-se a si. Para si desejam e querem tudo — para os mais o resto.

Captivado o coração da princeza, viu Orlof aplanadas as barreiras que poderiam empecer os seus intentos. A princeza consentiu em desposa-lo, e uns perversos, disfarçados em padres, fingiram todas as ceremonias do rito grego; crendo ser mulher de Orlof não hesitou em segui-lo para Liorne, e ahi o supposto marido, para lhe occultar a infame cilada, lhe prodigalisou adulações, festas e honras as mais proprias para a cegar.

Estava fundeada no porto de Liorne uma esquadra russa ás ordens do almirante Greig; souberam inspirar á princeza o desejo de a ir vêr, e levaram-n'a a bordo ao saír d'um banquete. Os vivas d'um povo immenso, as vozes de toda a casta de instrumentos retumbavam na praia, e davam á visita a apparencia pomposa e risonha d'um dia de gala. O escaler que a transportava, elegante e empavesado, prendia os olhos dos espectadores, pela riqueza e primor dos ornatos: içaram-n'a commodamente n'uma cadeira de espaldas mui sumptuosa, para bordo da náu almirante, onde entrou como esposa de Orlof, ou antes qual soberana que deve em breve reconquistar um imperio opulento, herdado de seus pais. Apenas porém pisou o convez, desappareceu o prestigio, os respeitos e attenções cessaram de repente, tractaram-n'a como escrava, carregaram-n'a de ferros, e no dia seguinte a nau fez-se de vela para a Russia.

O consul inglez e o almirante Greig favoreceram esta trama infame, que deixou toda a cidade de Liorne horrorisada e fremendo de indignação. Leopoldo, grão duque da Toscana, queixou-se altamente d'esta violação de todo o direito humano, commettida no seu territorio; mas a impudencia de Orlof arrostou as queixas do grão duque e a indignação publica.

A victima, que então contava apenas dezeseis annos, foi encerrada em S. Petersburgo, em estreita prisão, aonde pereceu seis annos depois, no mez de dezembro de 1777, em consequencia d'uma inundação do Neva, ou flagellada, segundo dizem alguns, pelos seus impios carceireiros.

Aleixo Orlof causou espanto e escandalo na Italia pelo seu luxo desmedido, pelo seu brutal orgulho, e pela sua má educação; mas em Liorne lançou a barra até onde podia ser. Tinha-lhe dado ordem a imperatriz para mandar fazer por um habil pintor da eschola italiana um quadro de sua sonhada victoria de Thchesmé. O pintor disse-lhe que nunca tinha tido occasião de ver ir pelos ares um navio: «Não esteja n'isso a duvida» respondeu-lhe Orlof; e dê-lhe este espectaculo a risco de incendiar o porto.

A tribu dos guarayos na America Meridional.

O Sr. Alcides d'Orbigny tem adquirido celebridade pelos seus importantes trabalhos sobre a America Meridional; intrepido e infatigavel naturalista-viajante, percorreu por oito annos consecutivos as costas do Brasil, a republica do Uruguay, a republica Argentina desde as fronteiras do Paraguay até a Patagonia, as republicas do Chili, do Perú, de Bolivia. Sem mencionarmos outros escriptos, citaremos o seu livro *O homem americano*, estudo ethnographico de grande valia, a *Geologia da America Meridional*, que lhe mereceu notavel elogio votado pela academia das sciencias de Paris; e por fim a sua obra principal, com que tanto lucraram as sciencias e a geographia, a *Viagem* n'aquella região, recem-publicada em 7 vol. de 4.º com atlas. — A esta pertence o fragmento que trasladámos, sobre uma tribu selvagem quasi desconhecida. —

Aos 19 de dezembro de 1831 deixei a ultima das missões dos chiquitos para passar ao territorio dos guarayos, que me disseram que ficava a 40 ou 50 leguas ao nor-nordeste. A minha comitiva, constante de meus ajudantes a cavallo e de 60 indios chiquitos a pé, que levavam ás costas a bagagem, trepou em filas as ladeiras ingremes das alturas limitrophes dos chiquitos, em meio de paizes semeados de valles selvosos e de cabeços cobertos da sombra das elegantes palmeiras *bocayas*, e onde uma infinidade de figueiras parasitas, com as raizes enredadas parece que procuram por toda a parte esconder as fragas escalvadas. Da cumiada da ultima cordilheira appresentou-se-me á vista o mais bello contraste; ao nascente collinas amontoadas em amphitheatro, ao contrario, para o poente a superficie azul e illimitada dos mares, no horisonte as extensissimas florestas que se dilatam por mais de 80 leguas até os extremos pégões da cordilheira de Santa Cruz. — Costeei a falda d'essas eminencias por entre paiz deshabitado mas bellissimo, exposto frequentemente aos fortes aguaceiros da estação, e alvo das ferroadas dos mosquitos, e privado de todo o descanço; porém á medida que caminhava, a natureza se mostrava com mais variedade: a pequenas planicies viçosas, circumscriptas por mattas cerradas, succediam grupos de coqueiros de varias castas, que contrastavam com os outros vegetaes: havia bosques fechados, e com a extensão de algumas leguas, de palmeiras *cucich*, de tronco recto, coroado na altura de nove braças pela copa espessa de folhas semelhantes a laminas d'espada; por outra parte alteava-se a graciosa palmeira real de folhagem em fórma de leque. A magestade do todo, a riqueza de cada objecto, tudo me inspirava: a vida, a animação da campina revestiam este painel

de um encanto irresistivel, mormente para um naturalista. Nuvens de borboletas de azas matizadas levantavam-se adiante de nós; as folhas e troncos de plantas e arvores enchiam-se de milheiros d'insectos que, nos reflexos metallicos, rivalisam ou com o buliçoso passarinho mosca, ou com as aves brilhantes que, com suas melodias, aviventam a solidão d'aquella terra virgem.

Logo no primeiro dia me adiantei dos indios; e ao terceiro, depois de marcha forçada, contava chegar ainda com dia aos guarayos, mas enganei-me. Não pude resistir á vontade de caçar bandos de macacos e cotias, sobre tudo um corpulento veado. Os meus indios não tinham outro mantimento senão maçaroca assada: quiz que se approveitassem da minha caça, o que fez perder tempo, ficando atrazado o guia, occupado em desmanchar o veado, com a precaução de pendurar os quartos nas arvores por causa do dente do jaguar, em quanto não chegava a comitiva.

Por muito tempo segui a galope os inumeraveis rodeios de um trilho apenas traçado ora na matta ora na campina; mas pela tarde os cavallos fatigados affrouxaram. Tornou-se extrema a obscuridade; nada se podia distinguir, e os ramos d'arvores, que eu de dia evitava bem, de continuo me batiam na cara: o meu cavallo, sem eu dar por isso, enterrou-se na espessura da relva, onde fui asperamente mordido por formigas ruivas, que teem um ferrão como as vespas. Não tendo podido alcançar-me o guia, depois da morte do veado, comecei a suppor-me extraviado: apeei-me, accendi luz, e por fim entrei de novo no trilho. É preciso ter passado por crises iguaes, para dar valor ao prazer que causam os primeiros raios da claridade que succedem á escuridão; reanimam a coragem do viajante, que então se resigna com a situação até alli insopportavel. Pelas onze horas ouvi gritar; era o guia que nos alcançava, e vinha resgatar-nos da inquietação, annunciando que apenas distavamos duas leguas das primeiras habitações dos indios. Esta nova deu-me alento, e determinei-me a progredir: o guia accendeu uma vella e poz-se á frente do rancho.

Pela uma hora da manhã topámos as cabanas dos guarayos. Encaminhei-me para a do maioral, onde logo me veio fallar um homem coberto de uma longa tunica, cujo tecido era de entrecasco d'arvores. Ignorava eu completamente a que raça pertencia esta tribu; e por isso não pequena foi a minha admiração ouvindo a saudação dos *bons dias* em guarani, dialecto de que eu tinha aprendido uma porção de palavras nas fronteiras do Paraguay: respondi na mesma linguagem, e o cabeça guarayo não ficou menos admirado, e logo me consagrou cordial amisade; acompanhou-me por toda a parte durante os quarenta dias que me demorei entre esta gente hospitaleira. Encontrava eu com vivo prazer, no seu estado primitivo, os restos de uma das antigas emigrações dos guaranís ou caraíbas, os conquistadores mais intrepidos da America meridional, que levaram as suas victorias desde as margens do rio da Prata até as Antilhas.

Pelo territorio dos guarayos corre o rio de S. Miguel: as cartas geographicas dão o curso d'este rio para o rio Guapaix ou Rio Grande, e d'ahi para o Mamoré: se assim fosse, embarcando-me n'elle iria ter á missão de Loreto de Moxos, quando o meu intento era encaminhar-me para a parte oriental d'esta provincia. Interroguei os guarayos, e d'elles soube que, em vez de voltar para oes-noroeste, o rio S. Miguel se dirige a nor-noroeste, passando perto da missão de Carmen de Moxos. Sem saber então su elle ia ajunctar-se mais abaixo ao rio Branco ou ao rio Itonamas, afluentes communs do Guaporé, tomei a resolução de seguir este caminho, afim de elucidar esta questão importante em geographia. Porém o meu plano não era de facil execução: a ir por terra oppunham-se a estação das chuvas, já muito adiantada, e a inundação dos campos, independente dos estorvos inherentes á abertura de um caminho novo: por outra parte, as canoas dos guarayos, feitas de um só tronco excavado a fogo, podiam levar só duas pessoas, e não tinha logar para as bagagens. Vali-me das amigaveis disposições do caudilho guarayo, e obtive d'elle expedir dois indios a Carmen com uma carta em que pedi ao administrador me enviasse canoas e remeiros d'aquella missão para me transportar a Moxos.

Os guarayos, dispersos por um territorio de cincoenta leguas d'extensão, habitam os bosques sombrios que separam as provincias de Chiquitos e Moxos, não distante das margens do rio S. Miguel, pelos 17° de latit. sul e os 66° de long. occidental de París. Em numero de mil, repartem-se, fóra algumas familias espalhadas no centro da floresta, em tres aldeias, Trindade, Ascenção e Sancta Cruz, onde alguns religiosos trabalharam pelos chamar ao christianismo. Depois de as ter visitado, estacionei-me em Trindade, onde não havia missionario, afim de estar menos constrangido no meu officio de observador. Todos os dias o cacique, velho de aspecto patriarchal, vinha offerecer-me o seu prestimo. Se eu lhe pedia alguma cousa, voltava d'ahi a pouco com suas mulheres, que traziam excellentes fructas, legumes ou aves caseiras: recebia tambem visitas de todos os indios, que me brindavam com generos das suas terras, ou com objectos d'historia natural. Pagava eu tudo em agulhas grossas, facas, tesouras, e outras bagatellas, porque o dinheiro, como em Chiquitos e Moxos, não era conhecido dos habitantes. Por exemplo, um bom frango valia tres agulhas de coser, e o mais em proporção, sem que todavia me fixassem preço ou fizessem a mais leve observação a respeito do que eu offerecia; dava-me seus conselhos o meu amigo, o maioral que encontrára em Ascenção.

Altos, bem feitos, providos de longa barba, facto excepcional nos americanos, os guarayos são de aspecto arrogante, mas teem feições regulares e expressão pacifica: o seu caracter corresponde perfeitamente á exterioridade; mostram o typo da franqueza, hospitalidade, e demais virtudes. São bons pais e bons maridos, e graves por habito julgam-se, na sua isenção e liberdade no meio da abundancia, os mais felizes dos humanos. Os velhos, verdadeiros patriarchas e oraculos das familias, acham nos filhos respeito e submissão. As suas cabanas, oitavadas e semelhantes ás dos antigos caraíbas das Antilhas, são espaçosas e cobertas de folhas de palmeira. — O guarayo passa toda a sua infancia ao pé da mãe, que lhe prodigalisa o mais terno desvelo. Chegando aos oito ou dez annos acompanha seu pai aos campos e á caça, exercitando-se a atirar á frecha, e no fabrico das armas: deixa então a companhia das mulheres, e só frequenta a sociedade dos rapazes da sua idade e dos homens. Assim que reune á força a destreza sufficiente para menear o arco, isto é, para supprir-se, tracta de eleger companheira: feita a escolha negoceia com os irmãos da donzella, que são os que teem o direito exclusivo de dispôr da mão de suas irmãs; as condições consistem n'um certo numero de machados, de facas, ou de outros instrumentos, ou n'um certo trabalho, como por exemplo a construcção de uma casa, o arroteamento de uma terra. Con-

cedida a noiva, o pretendente, despido e pintado de encarnado e preto desde a cabeça até os pés, armado da sua maça, passeia por alguns dias em redor da cabana da noiva; findos estes, os pais d'ella preparam a bebida de milho fermentado, e o casamento é celebrado no meio de ajunctamento numeroso, a que são convidados todos os parentes e amigos — O par vive algumas vezes com os pais, mas de ordinario edificam casa propria juncto aos seus. Quanto mais um guarayo augmenta de familia, tanto maior consideração adquire; e é por isso que, sem despresar a primeira mulher, que é sempre a mais estimada, toma successivamente outras muitas na carreira da sua existencia. Os filhos de todas parecem ser de uma só mãi, tão unidos vivem: não ha desavenças ou altercações da parte do marido, que respeita as suas mulheres, não obstante considerar-se muito superior. Sendo cabeça de numerosa familia, o guarayo é um oraculo, passa tranquillamente os seus dias, sem cuidados nem penas, pelo que chega, quasi sempre, a extrema velhice, isento de enfermidades e da perda dos sentidos. No centro da abundancia provê com pouquissimo trabalho ás precisões da familia. A cultura dos campos é feita em commum com os parentes e amigos: as mulheres fazem de antemão a cerveja de milho; convidam-se aquelles, e ao nascer o dia vão alegremente para o campo; todos os convidados trabalham com infatigavel ardor durante duas terças partes do dia, em quanto que o proprietario está deitado na maca, ou, quando muito, dirige os trabalhadores. Voltam junctos á cabana, onde começam danças serias e libações por alguns dias, mas tudo se passa sem rixas nem contendas. Assim cada cabeça de casal reune successivamente seus amigos, quer para derribar arvores e arrotear, quer para semear; e todas estas operações dão logar a outras tantas festas.

(Continúa.)

Viagens á lua.

Em linda noite serena, quando só o disco da lua fulge no firmamento, a qual de nós não tem transportado a imaginação a este astro silencioso; qual de nós não perguntou jámais a si mesmo se o fiel satellite da terra não é povoado, como ella, de criaturas intelligentes; se não será possivel travar relações com os nossos visinhos mais proximos na immensidade do espaço celeste? O genio do homem ha feito tantas descobertas imprevistas, tem ousado tanto, e tem tantas vezes triumphado pela audacia, que uma viagem de sessenta e duas mil e quarenta e seis leguas, não é cousa que o aterre. Vencer esta distancia equivale a andar dez vezes á roda do mundo, e muitos navegantes teem andado mais na sua vida. Examinemos comtudo as probabilidades a favor ou contra esta viagem, e embora destruamos alguns sonhos lisonjeiros ou incorramos na accusação de coarctar o poder do homem, mostremos-lhe que esse poder, sem limites no campo da intelligencia, embaça nos obstaculos materiaes, e não alcança altea-lo da estreita habitação que lhe foi marcada. Poude sim o homem, á força de engenho e tempo, supputar a distancia das estrellas fixas, e calcular a reapparição dos cometas; mas é-lhe vedado sair do pequeno planeta que o transporta pelo espaço. Imagine-se um aerostato cortando os ares com vento favoravel que o impellisse sempre para a lua, com a velocidade de vinte e tres palmos por segundo; gastaria na viagem dois annos e cento e cincoenta e seis dias. E se preferis a velocidade do vapor, lançae mão d'um locomotor que ande dez leguas por hora e caminhe sem parar, chegareis lá em duzentos e sessenta e seis dias.

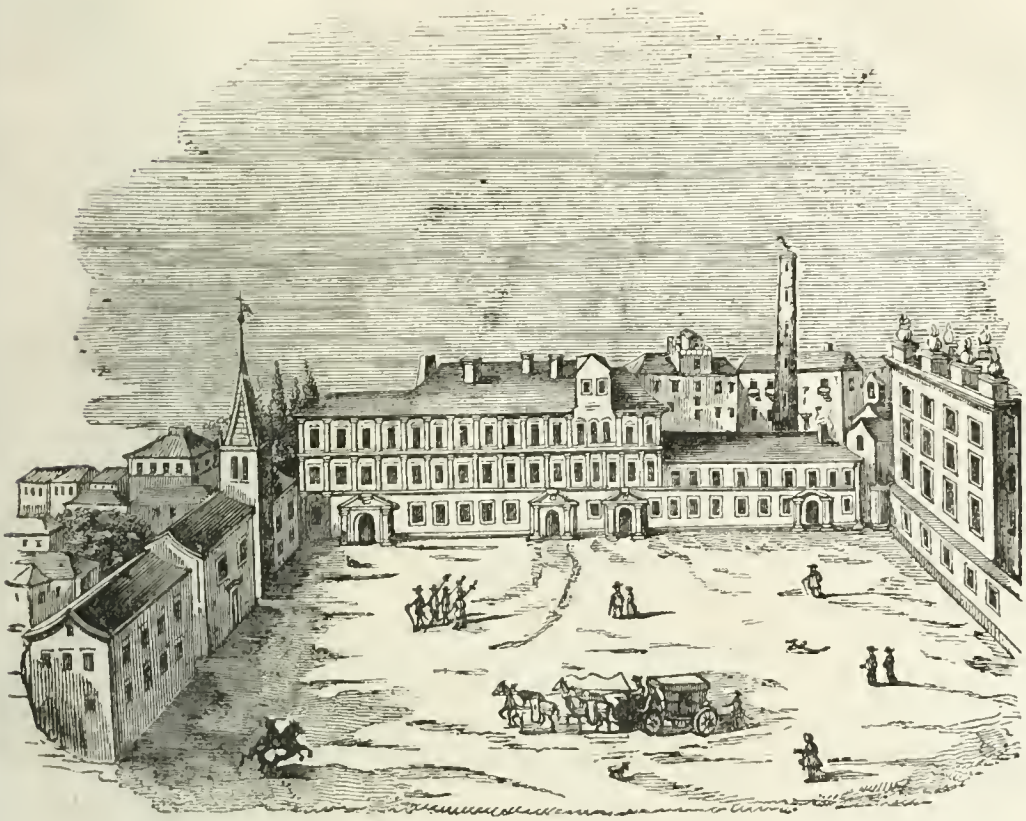
Dirão que o tempo nada faz ao caso. Sou d'essa opinião; não se podiam dar por mais bem empregados dois annos de vida do que n'esta ida e volta; mas enxergo outros estorvos muito mais assustadores. Supponho que a machina de vapor está prompta, que é bem segura, que viajou pelo ar desde París até Pekim; tudo está prestes para a viagem lunar; é partir. Mas em direitura aonde? — Boa pergunta! me direis vós: — Em direitura á lua, que brilha no firmamento. — Sem duvida; mas a lua gyra á roda da terra, e o aeronauta, seguindo sempre a direcção primitiva, jámais a encontrará. Accresce a isto que tambem a terra gyra á roda do sol com uma velocidade de quatrocentas e vinte e seis leguas, levando apoz si a lua, e que em quanto a terra acaba em um anno a sua revolução em torno do sol, gyra a lua doze vezes á roda da terra. A estrada por onde ella corre, desenhada n'uma carta, assemelha-se a um cordel enroscado em doze ou treze voltas, e fórma uma curva muito complicada. No decurso de muitos milhares d'annos, talvez nunca se encontre a lua no logar que occupava no espaço no momento da partida do aeronauta.

Mas ainda aqui não está tudo; ninguem póde ir á lua sem esquivar-se á acção da gravidade exercida pelo globo terrestre, o qual, desde que existe, nunca deixou cair para fóra do seu dominio a menor parcella de materia ponderosa. Em virtude d'esta acção é que os aerostatos se levantam da face da terra, sem que possam todavia tocar as raias da nossa atmosphera, quanto mais transcende-las. Dêmos por vencida mais esta difficuldade; admittamos que, pelo acaso mais estupendo, o aeronauta, em vez de se perder na immensidade, chega á esphera d'attracção da lua. Desde que lá entrar, a força d'attracção tanto mais poderosa quanto elle mais se approximar do astro, com a velocidade da queda o fará em mil pedaços na superficie da lua.

De proposito não particularisamos as impossibilidades physicas da nossa organisação. Todos as conhecem, todos as citam; são incontestaveis. O limite da atmosphera não póde passar de sete leguas, e já na altura de pouco mais d'uma legua é o ar tão rarefeito que chega quasi a não se poder respirar. Supponhamos igualmente que este obstaculo se remove, e que o viajante leva comsigo uma provisão de ar para dois annos, como os que descem ao mar debaixo de certos sinos mergulhadores levam para alguns minutos; figuremo-lo chegado felizmente ao termo da sua viagem, poderá elle viver na superficie da lua? Não é de presumir, porque tudo prova que este astro não tem atmosphera, e não póde por conseguinte ter agua; segue-se d'aqui que a nenhum ente, cuja organisação physica for semelhante á dos animaes terrestres, é dado viver na superficie da lua.

Fabrico dos espelhos.

Mr. Tourasse achou o meio de livrar os fabricantes d'espelhos das emanações mercuriaes, substituindo a amalgama de estanho, vulgarmente chamada aço de espelho, por uma solução de nitrato de prata, a que juncta alcool, carbonato d'ammonia, ammonia, e oleo essencial de cassia. Derrama o liquido assim preparado sobre o vidro, accrescentando-lhe, no momento da operação, oleo essencial de cravo da India. Passadas duas horas a composição cobre o vidro d'uma camada de prata a mais pura. Com este aperfeiçoamento, que por ora gosa de um privilegio, não sáem os espelhos por maior preço.



PAÇO DE VILLA-VIÇOSA.

Villa-Viçosa, distante de Lisboa vinte e oito leguas, d'Elvas quatro para o poente, e d'Evora oito para nascente, foi cabeça de comarca e ouvidoria, que, segundo a geographia de Rego, comprehendia doze villas com quarenta e sete freguezias, dez mil fogos, e trinta e duas mil almas (1): era defensavel por seus muros antigos, e por um pequeno castello, ficando o grosso da povoação para a parte do poente: a primeira fortificação regular foi obra de D. Diniz, augmentada depois pelo inclito condestavel Nuno Alvares Pereira.

Poucos nomes haverá tão adequados aos logares, como o d'esta villa; por quanto viçoso, aprasivel, fertil, saudavel, fresco de aguas e arvoredos é todo o valle em que tem assento. É geralmente bem edificada, com alguns edificios nobres, illustrando-a os paços mui amplos onde tiveram sua côrte sumptuosa os serenissimos duques de Bragança, já principes soberanos antes de cingirem a corôa de Portugal. Consulte-se a este respeito o artigo de archeologia portugueza a pag. 338 do vol. do Panorama de 1841. — Damos o desenho da frontaria do palacio, tal qual estava antes das modernas reparações. Adjacente lhe fica a celebre tapada, com tres leguas de circuito, onde é tanta a caça miuda, e a de veados e outros animaes montezes, que (na expressão do historiador da Casa Bragantina), ainda sendo o sitio fertil por natureza, os sustenta por maravilha.

(1) No mappa da população do reino em 1820, formado pelo Sr. Franzini, encontra-se a comarca de Villa-Viçosa com 50 freguezias, 9160 fogos, e 31940 almas.

A insigne collegiada e real capella de Nossa Senhora da Conceição é tida pela mais antiga d'Hespanha com esta invocação. O Sr. D. João IV, em cortes dos tres estados no anno de 1642, tomou e jurou a Senhora sob aquelle titulo por Padroeira do reino, e lh'o fez tributario em cincoenta cruzados de ouro cada anno, applicados para a dicta igreja de Villa-Viçosa. — O Sr. D. João VI, por decreto de 6 de fevereiro de 1818, instituiu a ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, com grão cruzes effectivos, que são todas as pessoas reaes de um e outro sexo, doze grão cruzes honorarios, quarenta commendadores, e cem cavalleiros: foram dados os estatutos pelo alvará de 10 de setembro de 1819. O Deão da capella era sempre bispo

Na irrupção dos arabes padeceu esta povoação, que é de antiquissima data, o captiveiro geral da Hespanha, até que foi conquistada por elrei D. Affonso II pelos annos de 1217. Com as continuas guerras posteriores chegou a total ruina; porém D. Affonso III a reedificou logo, concedendo-lhe foral com muitos privilegios. Em 1470 foi erecta em marquezado por elrei D. Affonso V a favor de D. Fernando, filho segundo do duque de Bragança. Teve a gloria de ser o berço do senhor rei D. João IV, o restaurador, que era o oitavo na serie dos duques da mesma real casa.

Em 1665 o marquez de Caracena, que veio substituir D. João d'Austria no mando do exercito castelhano contra a provincia do Alemtejo, intentou por primeira operação tomar Villa-Viçosa, era então o nosso general o marquez de Marialva, que acudiu

com todas as prevenções de que era capaz a fortificação da terra, *achando-se que só o castello estava sufficiente para defender-se*, como escreve o conde da Ericeira, *e tão debil receptaculo que não se podia considerar, que a defensa permanecesse muitos dias*. A 9 de junho a vanguarda inimiga estava em Borba, que fica a meia legua de distancia. O governador Christovam de Brito, e os mestres de campo Manuel Lobato e Francisco de Moraes, guarneceram os postos, que entenderam dever guardar, entre elles os que pareceram necessarios na Villa-Velha para dilatarem o mais tempo possivel o provimento da agua; e assim repelliram a primeira investida feita atrevidamente por aquella força da vanguarda, que no accomettimento perdeu trezentos homens. O marquez de Caracena alojou-se no paço; porem a artilheria do castello o obrigou a despejar: no dia seguinte mandou assaltar pelo lado da porta da Senhora dos Remedios, mas foi rebatido; em seguida tracton do sitio formal da praça, jogando do outeiro da forca a primeira bateria. Em 11 de junho começaram os aproches ou trincheiras, e as levaram tão perto do convento da Esperança e da camara, que chegariam com os tres ramaes á estrada coberta, se o valor dos sitiados lh'o não embaraçára: a 13 e 14 adiantaram-se muito os trabalhos; e á meia noite ordenou o marquez um furioso assalto á estrada coberta; tres vezes foi repetido; era um exercito contra um ponto mal fortificado, e defendido por diminuta guarnição, e tres vezes foram rechaçados os expugnadores com perda consideravel. O governador e os dois mestres de campo, assignalando se no conflicto, receberam feridas, e não se retiraram até o fim da contenda; porem, sendo mais graves as do primeiro e de Manuel Lobato, recolheram-se ao castello, e ficou Francisco de Moraes assistindo á estrada coberta. A 15 de junho mandou o marquez de Caracena accommetter novamente, e depois de porfiosa lucta por muitas horas em dois tremendos assaltos, ficaram os inimigos de posse de dois alojamentos n'um angulo da estrada coberta, e os sitiados n'uma cortadura que haviam fabricado.

Inteirado d'este apuro o marquez de Marialva resolveu soccorrer Villa-Viçosa a todo o risco com todas as tropas do seu commando, porque, apesar de não ser praça de grande importancia, se o inimigo a occupasse, estando situada a duas leguas de Estremoz, ficaria d'esta sorte arbitro das estradas d'Elvas e Campo-Maior, e acharia commodos alojamentos nas villas proximas, logares dos mais abundantes da provincia, n'este presupposto fez marchar o nosso exercito; e o marquez de Caracena, resolvendo desbarata-lo na marcha, levantou do sitio da villa, deixando nos entrincheiramentos um corpo de mil e oitocentos infantes. O resultado do encontro foi a celebre batalha de Montes Claros, uma das mais notaveis que ganhámos na guerra pela independencia.

No entanto os sitiados não ficaram ociosos; fazendo uma sortida todos os que se achavam capazes de pegar em armas, apesar de pertinaz resistencia tomaram as trincheiras com morte da maior parte dos que as occupavam, assenhorearam-se da artilheria grossa, e coroaram com esta acção todas as que valorosamente tinham practicado na defesa da praça.

O Pontifice Pio IX.

(Continuado de pag. 49).

Este homem, para quem as esperanças do mundo christão sorriem todas, e só com o seu nome domina a Italia, nasceu na Sinigaglia, perto d'Ancona, e é da antiga casa dos condes de Mastai-Ferreti. Foi pelo officio da guerra que principiou a carreira, que havia de completar a maxima honra do pontificado. No tempo de Pio VII serviu como guarda nobre, e distinguido pela estimação do Papa, despindo a couraça, trocou um dia a alegre turbolencia das armas pela austeridade do estado sacerdotal.

De certo estava bem longe de suppôr, quando fazia o sacrificio de todas as illusões mundanas, que a humildade d'aquella roupeta se mudaria brevemente na purpura, e que a fronte se ergueria coroada de tiara de Gregorio VII. Quem sabe! A vida de soldado, pouco apertada de escrupulos, livre como o céu que é o tecto dos arraiaes, e desafogada de preconceitos monasticos, preparou talvez a fortuna de Mastai-Ferreti, desenvolvendo qualidades latentes, que outra educação póde ser que annulasse. A observação contínua, e a vista penetrante de um caracter concentrado, como o seu, descendo ás entranhas dos erros é de crer que de golpe abraçassem as causas e a cura d'elles. No silencioso estudo do homem reflexivo, ao passo que os vicios lhe appareciam descarnados, a razão apontava o remedio, e o pensamento gravava indelevel o principio das reformas. A escolha do conclave, e o voto unanime com que a Italia a confirmou, affiançam bem que nem taes ideias eram um segredo, nem o proposito de as realisar deixava de ser uma resolução inabalavel.

Mas qual foi o motivo por que, mudando de vocação, Mastai-Ferreti encostou a espada juncto da espada de seus avós, e sepultou nobreza, esperanças, e os mais doces enganos d'um coração tenro, na triste severidade da vida clerical? Que obstaculo ignorado se lhe ergueu diante, ou que ferida lhe cortaram na alma, para elle, desesperando do mundo, ir rasgar os joelhos nos espinhos da penitencia? Quasi sempre é pelo desalento que se fecham para qualquer as portas do seculo — como foi este acolher se ao porto antes de sentir sobre a cabeça a amargosa onda das tormentas do mundo? Foi toque do ceu, ou foi dôr d'affecto illudido? Esse mysterio, se o é, dorme com elle, sumido no seio do coração.

Logo nos exercicios escholares ecclesiasticos revelou talentos elevados e profundos; e mal os acabava quando já era enviado ao Chili para missionar. A capacidade e o zelo apostolico, que demonstrou entre perigos e difficuldades graves, confirmaram o conceito que geraram as suas virtudes, e justificou sempre a sua esphera superior. Os acontecimentos politicos d'aquella terra, abreviando-lhe a missão, restituiram-no a Roma, aonde, em recompensa dos padecimentos e serviços, Pio VII o revestiu da purpura de cardeal.

Foi rapida, porem não excitou ciumes, a exaltação de Mastai-Ferreti. Certos homens, depressa que se distinguam, nunca espanta a sua grandeza. A consciencia publica, concorde em que lhes pertence um logar eminente, acompanha-os com louvores até subirem o ultimo degráu. O que o maior numero alcança por empenhos, obtem esses raros pela mais rigorosa justiça. O novo cardeal, dotado de generosos sentimentos e de engenho cultivado, já provára notavel aptidão; pouco tardou que, preenchendo funcções não menos espinhosas, demonstrasse ser sua e natural a estrada que leva ás primeiras dignidades.

O bispado d'Imola, em que o apresentou o papa, depois de servir no de Spoleto, foi o theatro aonde larga e proficuamente poderam apparecer as grandes qualidades, que o illustravam. Foi ahi que o caracter frio e prudente, a firmeza de vontade, e a rectidão das decisões lhe grangearam o nome, que o tornou tão querido da Italia. A administração descuidada dos

bispos seus antecessores tinha deixado lavrar abusos e vicios que, inveterados pelo habito, parecia impossivel debellar. Os habitantes da diocese desde logo contaram com as boas intenções de Mastai-Ferreti; mas os mezes succederam-se, o tempo correu, e elle não dava signaes de si, figurando-se espectador passivo dos males que suspiravam vêr cortados. Os impacientes revolviam-se; os sensatos [illegible] já a medo, e os agitadores levantavam queixumes, quando em um dia se quebrou de repente o simulado repouso, fugiu a inacção, e o novo bispo desempenhou as suas promessas, desenrolando o plano completo da reorganisação desejada. Seis mezes, no silencio do gabinete, levou a sondar as feridas da Romagna, e a concertar as reformas sabias e maduras que as podiam cicatrisar. Estudado practicamente o seu systema, executou-se sem estorvo, abençoado pelo clero e pelo povo; e o auctor, objecto da mais viva affeição, viu florecer a sua diocese nos braços da paz e do contentamento geral.

Um rasgo desenhará o seu caracter com maior fidelidade, do que o poderia fazer o mais extenso discurso. Antes de ser transferido para Imola occupava, como dissemos, o arcebispado de Spoleto. Uma das tentativas de sublevação, tão frequentes nos estados romanos, accendeu o facho da discordia civil. A policia perseguiu de perto os conspiradores, e apoderando-se de um dos cabeças, apprehendeu em sua casa um maço de papeis lacrado, aonde se continha a lista dos officiaes em serviço activo, compromettidos na rebellião. Era o quadro dos futuros regimentos revolucionarios. O commissario da policia correu a participar ao arcebispo esta noticia, e foi logo admittido á sua presença.

— « Na verdade, disse Mastai-Ferreti, é uma noticia importante. E os papeis aonde estão? »

— « Ei-los aqui, respondeu o commissario »

— « Então espero que m'os entregueis... »

— « Mas devo remette-los para Roma... »

— « Dai-m'os. Eu é que sei o que se deve fazer. »

O commissario não insistiu, e entregou-lh'os, persuadido de que o arcebispo os ia enviar immediatamente a Roma.

A sua admiração foi na realidade grande quando o viu levantar-se, quebrar o lacre, e depois de os lêr atirar os papeis ao fogão que ardia na sala.

— « Não tendes que receiar — acudiu o arcebispo — eu é que respondo por tudo. Cumpristes o vosso dever de commissario — eu faço o meu de bispo. Não bastarão tantas pessoas compromettidas? Ao menos poupem-se a estas familias as lagrimas e a magua de tal golpe! »

Tão bello facto foi premiado como merecia. Gregorio XVI soube distinguir o prelado que entendia, no meio das commoções politicas, que o verdadeiro governo dos povos se dirige pelo amor, e se funda na tolerancia.

A constante practica das virtudes religiosas, e o desvelo e charidade para com as classes infelizes tornaram-no popular em Imola. O seu nome era invocado como symbolo d'esperança e salvação. Suppôr que uma das principaes razões da sua eleição fosse o seu particular conhecimento da Romagna, e a certeza da sua influencia moral sobre aquella região aonde a effervescencia politica se não podia acalmar senão pelo influxo de um governo paternal, não seria demasiado aventurar.

A eleição do novo papa desmentiu todos os prognosticos. A Providencia quiz mostrar como são grandes os seus decretos, e insondaveis os seus mysterios. Nunca se reuniu sacro collegio tão dividido, e nunca houve eleição mais breve e menos combatida. Quando se leu no escrutinio o voto que o faria pontifice, Mastai-Ferreti estremeceu, e inclinando a cabeça balbuciou: « *Que tremenda responsabilidade, meu Deus, e em que momento!* » Só estas palavras retratam um grande homem. Aquelle que, da maior altura da grandeza humana, se não cega com o esplendor da tiara, e sente vergar os hombros debaixo do peso das funcções que lhe incumbem, deu a maior prova, de que avalia a importancia da sua missão, e as asperezas da jornada a que se vai metter, verdadeiro apostolo erguendo a cruz de Christo no meio das discordias, do scepticismo, e da confusão do seculo. N'este dia a igreja poude saudar-se segunda vez como arca da futura alliança. — Das ruinas do mundo velho, do mesmo modo que na era dos cesares, sairá o edificio da civilisação moderna; — guiada pelo espirito do evangelho ha de encontrar a columna de luz, que se lhe apagou no deserto, em que a transviaram, á falta d'influencia moral, os poderes humanos, castigados por terem perdido a fé e esquecido a Providencia. A sociedade nova tornou outra vez a adorar o seu Deus, não terrivel, ameaçador e coroado de raios como no Sinai, mas brando e manso, todo piedade e esperança, como ajoelhou no horto e padeceu no Calvario. Possa o sangue de tantos martyres, descendo sobre a cabeça dos netos de nossos filhos, dar lhes a felicidade por que tanto suspiramos, e que nos fugiu sempre, frustrando o preço de lagrimas por que a quizemos comprar!

Pio IX foi eleito em 17 de junho por trinta e nove votos dos cincoenta e quatro cardeaes que formavam o conclave. Teve mais seis votos que o numero legal requerido. A 21 do mesmo mez celebrou-se a coroação, e na fronte do Apostolo firmou-se a tiara, offerecida por Napoleão a Pio VII. Em festa tão solemne julgou-se que se publicaria uma amnistia; diversas pessoas tinham já sido agraciadas, entre ellas o famoso mathematico Orioli, o conde Ferreti, irmão do cardeal, e outros mais; porém este acto de conciliação não poude verificar-se tão depressa, pelos obstaculos secretos que lhe moveram, e pela classica etiqueta da chancellaria romana. Entre tanto o Pontifice, apenas eleito, distinguiu-se pelas primeiras medidas. Supprimiu os commissarios extraordinarios, que julgavam nas provincias; estabeleceu um dia de audiencia publica em cada semana para ouvir a todos — annunciou e consignou o principio da concorrencia para emprezas de caminhos de ferro. Depois d'estas não se demoraram as outras mais urgentes, que demandava o estado temporal.

O Pontifice começou as reformas por severas economias na sua casa e nas despezas do estado. No dia 2 de julho saín do Quirinal, e acompanhado de alguns prelados dirigiu-se á igreja das Salesias. Desde Clemente XIV que não havia exemplo de se vêr um papa caminhando a pé. Quando regressou, romperam grandes acclamações de povo, e ao receber em mão propria o requerimento de um desvalido, o estrondo dos applausos redobrou. Sua Sanctidade não se demorou em propor ao conselho provisorio a solução das seguintes questões: — Como se devia redigir um projecto d'amnistia por causas politicas? De que modo se hão de reembolsar os credores do estado? Se conviria dar baixa ás tropas estrangeiras? — A primeira foi resolvida pela lei d'amnistia, que declarou livres os sentenceados politicos, exceptuando os clerigos, militares, e empregados. A restricção de certo amargou ao coração do papa, mas teve de a lançar para amortecer a opposição do partido estacionario, e a má vontade da grande potencia, que influe n'elle. A amnistia dá a liberdade a mais de mil e duzentos individuos, e restitue á patria um grande numero de proscriptos.

O povo, meia hora depois d'affixada a lista dos amnistiados, correu massiço e cerrado ao palacio, enchendo os ares com as repetidas acclamações de « *Viva o papa! Viva Pio IX!* » A orchestra, que ás dez da noute tocava na funcção da igreja da Magdalena, foi levada no tropel das multidões até o Quirinal, e manifestou com uma serenata os sentimentos da cidade. Roma illuminou-se muitas noites a fio; e em toda a Italia crescem e amiudam-se as romarias a visitar a casa onde nasceu o cardeal Mastai-Ferreti.

E' assim que se annuncia o reinado do pontifice. A igreja encontrou a desejada columna e tão necessaria para suster as contrariedades dos tempos asperos. A' barca de S. Pedro, exposta ás luctas de um seculo atribulado pela duvida, e devorado pela interior agitação, concedeu Deus o piloto, cujo braço firme, regendo o leme, no meio do espumar das tormentas, a desviará do naufragio. Qual será o logar de Pio IX na historia e na civilisação moderna? Ao tempo cabe decidir. Mas a primeira hora descobriu a luz de uma intelligencia, que promette resplandecer sobre a igreja, sobre os povos, e sobre os reis da terra, como resplandeceo nas trevas dos subterraneos sobre os primeiros christãos, e sobre o cenaculo dos apostolos, o fogo da fortaleza que, inspirando os, os levou pela mão da esperança aos pés da cruz ás mais remotas e barbaras regiões.

Daniel O'Rourke ou o sonho d'um ebberrão.

N'uma aldeia da Irlanda vivia antigamente um pobre camponez credulo e simples, mas pessoa muito capaz, sem outro defeito mais que uma inclinação fortesita aos folguedos da taberna, e um amor firme á cerveja e ao wisky, duas bebidas que elle confundia nos seus desejos quotidianos, e que muitas vezes lhe perturbavam a cabeça já debilitada pela idade. Um dia voltou d'uma viagem comprida o moço senhor da terra; grande rumor vai pela aldeia, grande festa no castello! O bom Daniel não falha; elle sim, que tem a seu amo tanta amizade, logo vai que deixasse de lh'a provar bebendo muitos e bons tragos. Ao anoitecer cada qual dos convidados foi se chegando para o seu casal. Daniel, que ainda tem que ajostar contas com um respeitavel frasco de aguardente, ficou sósinho. Levantou-se a final, disse adeus a este dia de felicidade, e encaminhou-se para o valle, onde sua mulher o espera na choupana; ora pelo caminho succederam-lhe casos estupendos, que hão de ainda ser repetidos por muito tempo nos serões da Irlanda. Mas deixemos ao bom Daniel contar o conto das suas peregrinações e agonias.

« Ia-me por ahi fóra, diz elle, com o sentido nas bojudas garrafas que o nosso generoso patrão nos tinha mandado dar, e sentindo só que o tempo passasse tão depressa; vai senão quando chego á beira d'um rio que tinha de atravessar, e estaco. A noite estava linda, o céu carregado de estrellas. Lembra-me, que este dia é um dos dias da festa de Nossa Senhora; olho para o céu, benzo-me, e ao mesmo tempo escorrega-me um pé, e vou parar dentro d'agua. — Ah! pobre peccador, disse eu de mim para mim, estas perdido. — Ainda assim, faço das fraqueras forças, começo a nadar d'uma banda para a outra, e por fim deito a unha á praia d'uma ilhota deserta. Que será de mim? Entro a correr a ilha, espantado da soledade, tremendo de frio, sem saber onde me agasalhasse, quando de repente vejo uma sombra muito grande, que me tapa a claridade da lua. Duas azas d'um tamanho enorme saccudiam o ar, e uma aguia como nunca vi nenhuma, deixa-se caír ao pé de mim, fazendo uma bulha que parecia um trovão. — Eh lá! Daniel! me disse ella, encarando-me muito; como vai isso? — Muito mal por em quanto, lhe respondi eu aparvalhado por ouvir esta ave selvagem fallar em bom irlandez; quem me dera pilhar-me no meu casal! Pergunta-me por que casualidade vim dar no meio da noite a esta ilha deserta, e eu conto-lho como tendo bebido.

— Tendo bebido algumas gotas de mais me deixei cair n'agua. — Ouve, disse-me então a aguia, ainda que não é cousa, que se faça emborrachar-se um homem dia da festa de Nossa Senhora, como tu és uma boa alma, e não me apedrejas, nem aos meus filhinhos, quero expor a vida por ti. Assenta-te sobre as minhas costas, e eu te levarei para casa. Depois, vendo que eu hesitava: Crê na minha palavra, accrescentou, encolhendo as pernas debaixo do peito; sem o meu auxilio não sáes d'esta ilha.

— Pois vá feito, exclamei eu; e montei ás cabritas da aguia, enlaçando os meus braços á roda do seu pescoço para não caír. Deita a voar por esses ares que nem uma cotovia. Eu, traspassado de medo, rogo-lhe muito que volte ao meu casal.

— Tu cuidas que eu sou lorpa? Não vês nos campos dois homens com espingardas? ora leve eu uma chumbada para ter o gosto de te pôr em casa mais depressa. — E ella a subir, a subir, a subir. Perco a terra de vista, andam-me as nuvens por baixo dos pés, e chegâmos, adivinhais aonde? A' lua. Vejo-a de perto muito redondinha como a vemos do nosso valle, com uma fouce cravada, não sei como, bem no meio do seu globo.

— Dan, me diz a maldicta da aguia, estou cançada da longa viagem, e tenho vontade de descançar! Apea-te um instante para eu tomar o folego, e senta-te em cima da lua.

— Assentar me na lua! que lembrança! Valha-me Deus; como quereis que eu possa assentar-me na lua, sem caír?

— Ora essa! teus bem pouca resolução; agarra-te a esta fouce com as mãos ambas, que ella te sustentara.

— Nada! nada!

— Como queiras, replicou ella com muita pachorra; eu não posso carregar comtigo mais tempo, e se te bato com uma das azas atiro-te lá abaixo.

— Por quem sois! compadecei-vos, tende dó de mim!

— Leva de lamurias. Queres ou não queres alliviar-me um instante, e sentar-te na lua!

Não tive remedio senão obedecer. Arrastei-me com a maior cautela possivel sobre o globo escorregadiço, que aperteí entre os dois joelhos, ao mesmo tempo que me firmava com as mãos no cabo da fouce. Apenas tinha tomado esta horrivel postura, que a maldicta aguia, olhando para mim com ar de escarneo, me disse. — Agora, adeus, meu charo Daniel O'Rourke. Na primavera passada roubaste-me o meu ninho; queria vingar-me, e estou satisfeita. Fica-te por ahi, meu Danielzinho; estás com uma cara de encommenda e sentado a teu commodo.

Lembrou-me então o negregado ninho, que eu realmente tinha roubado. Implorei o perdão gemendo, pedi á aguia que se condoesse de mim; invoquei a sua grandeza d'alma, a sua nobreza de sentimentos; tudo foi inutil; abalou mofando de mim, e deixou-me acocorado entre as nuvens a chorar e a tremer de medo.

Estando eu alli, engolphado n'um pensamento de desesperação, senti abrir de repente uma porta ao pé de mim, e surde-me um homem, um dos barões da lua, nem mais nem menos. — Oh! es tu, Dan, me

lisse elle; porque milagre vieste cá ter? Contei-lhe odas as minhas desgraças desde o instante em que ne escorregou o pé no rio. Ouviu-me calado, e pareia apieda-lo de mim o meu conto. Ai! quanto me nganava!

— Bom, bom, disse-me elle quando eu acabei; é ma lastima que te fiasses n'uma aguia vingativa; ainda tens que viajar, porque não podes ficar aqui.

— Tomára eu ir-me embora; mas como?

— Com isso nada tenho; o que quero, o que exijo que te vás.

— Estais gracejando. É para me apurar a paciena que fallais em despedir-me. Se tendes algum senmento de humanidade dar-me-heis agasalho na vosvivenda, e em eu tendo occasião vou-me, á fé de landez!

— Nada, nada, não estamos para te dar agasalho pr um dia, nem por uma hora. Na gente da lua não iz mossa o teu palavreado. Has de partir, e já.

— Sim! pois não vou! bradei eu no tom de desesjração.

— Ah! tu respingas! diz o feroz cidadão da lua, lançando-me uns olhos de fogo; veremos.

Dizendo isto retirou-se, e com um machado que foi sear deu uma pancada tão forte na fouce que me tentava, que me baldeei com a cabeça para baixo.

— D'esta feita, disse eu comigo, lá me leva a bre. Adeus, casal da minha alma, minha boa Judith, meus queridos filhos.

Vindo a fazer o acto de contrição, ás revira-voltas o espaço, caio no meio d'um bando de patas bra. A cabeça da columna conhecia-me, porque vinha os os verões fazer o ninho nos arredores da minha ai. — Oh! és tu, Dan? gritou ella; que extravate lembrança foi essa de viajares assim? — Conelhe tudo, e ella teve dó de mim. — Olha ca, me ie ella, pendura-te n'uma das minhas pernas, que ne salvo. Obedeci, agarrei-me a uma das suas pera com as mãos ambas, e a pata charitativa levou como um bezouro pendurado na ponta d'um cor e de montanha em montanha, de varzea em varaté a beira-mar. — Aonde vamos nós? lhe disse om terror; eu já não distinguo a minha bella fra. — Estou por isso, respondeu a pata, se nós nos para a Arabia. E foi seguindo viagem.

avia muito tempo que andavamos por cima do eno, quando de repente, oh felicidade! enxergo embarcação, arrasada em panno, que me pareunavegar para a minha querida terra. — Deixaeair sobre este navio, disse eu á pata misericoro. — Louco, me responden ella, não vês que te as a morrer afogado! — Não, rogo te que me cetenhas! Dizendo estas palavras larguei lhe a per, caí no meio das ondas. Quando ia a erguer-me ieda, e a estender os braços para me salvar a nacordo, e ouço uma voz a berrar: — Que tu nunhas de emendar, bebado sem vergonha! Antes estirares no chão como um bruto escolhesses ao s um sitio mais limpo. — Era minha mulher a hr comigo com esta delicadeza, e a despejar-me rpo um balde d'agua para me lavar da lama em inha chafurdado.

Historia dos telegraphos.

Abio Chappe, inventor dos telegraphos, nasceu '65. De idade de 20 annos já tinha publicado as memorias sobre a physica, que lhe franqueaa entrada na sociedade philomatica em 1792. i-se que estudando no seminario d'Angers, e seus ãs, n'um collegio situado a certa distancia, o desejo de commonicar-se com elles lhe inspirára a ideia do telegrapho de tabuinhas tal como existe hoje. Outros biographos asseveram que foi em 1791 que elle o imaginou para se corresponder com amigos, e que saíndo bem das primeiras tentativas tractou de aperfeiçoar o seu descobrimento; e que quando obteve determinadamente o resultado, estando a linguagem dos signaes e o instrumento tão completos quanto podia ser segundo a sua concepção, dirigiu-se á assembléa legislativa, no seguinte anno, enviando-lhe a machina, que denominou *telegrapho*, de duas palavras gregas que dizem *escrever*, *longe*. O que então se passou relataremos no devido logar. Chappe morreu em 1805. Em razão da originalidade aqui estampamos o seu monumento sepulchral, erecto no cemiterio do padre la Chaise, e coroado pelo symbolo da sua invenção.

Divulgado o descobrimento de Chappe, citou-se um sem numero de auctoridades para lhe disputarem a honra do invento, e publicou-se uma multidão de folhetos, pela maior parte em allemão, que serviram unicamente para provar a utilidade e a novidade do methodo que elle achára. Por certo que a idéa de communicar noticias a grandes distancias era conhecida e practicada muito antes de Chappe; comtudo, compete-lhe a construcção de um instrumento commodo que serve para transmittir sufficiente numero de signaes, e o uso d'estes é tão simples que, auxiliados pela arithmetica binaria, podem passar todas as novas, todas as palavras e phrases que se quizer. Depois de Chappe não cessou de ser empregado o telegrapho e aperfeiçoado; mas antes d'elle os ensaios haviam sido infructuosos. Todavia é conveniente historiar estas tentativas, e examinar a serie de progressos, mediante os quaes o homem a final realisou um descobrimento tão importante, quer em razão dos resultados já conseguidos, quer d'aquelles que ainda é licito esperar. Ao diante concluiremos com o modernissimo achado dos telegraphos electricos.

Grosseira, como todas em seu principio, a arte telegraphica melhorou se gradualmente. Tres periodos

se podem assignalar na sua historia; o primeiro, quando se empregavam signaes antecipadamente ajustados, cuja apparição annunciava um acontecimento previsto, mas que era necessario fixar; no segundo periodo usaram-se signaes alphabeticos; e no terceiro, por fim, os signaes não representam letras, porém numeros, que com o soccorro da arithmetica binaria, como dissemos, em pequena quantidade, prestam-se a todas as combinações da linguagem.

Em tempos mui remotos os signaes eram brados, lume, ou fumo; é na Asia que se acham os mais antigos vestigios d'estes: com effeito é facil de perceber que, nas vastas regiões d'esta parte do mundo, o homem, tão desejoso de communicação com os seus similhantes, procurasse meio de abreviar as distancias, e imaginasse esta casta de escripta, para assim dizer, aerea. Os chinas servém-se ha muito de signaes telegraphicos. Tamerlão fazia uso de alguns nas suas guerras; quando assaltava qualquer praça mandava arvorar uma bandeira branca, que annunciava a sua chegada e queria dizer: *Rendei-vos*; *Tamerlão será clemente*; se não lhe obedeciam, içava bandeira vermelha, que significava, que o *governador seria morto*; e nas ultimas a bandeira preta declarava aos infelizes habitantes que *tudo seria destruido*. Em epocha ainda mais antiga os monarchas da Persia, segundo Diodoro (liv. 19.º) tinham estabelecido por todo o imperio linhas da sentinellas que transmittiam uns aos outros, por meio da voz, as novidades ou as ordens do principe. Na expedição dos persas á Grecia collocou-se uma linha similhante desde Athenas até Susa, e as noticias chegavam á residencia do poderoso monarcha dentro de quarenta e oito horas (vejam se Herodoto e Cornelio Nepote).

Da Asia se espalhou pela Europa a arte da communicação por signaes. O primeiro exemplo é o caso das vellas brancas e pretas de Theseu, indicios grosseiros e incompletos. Eschylo, na tragedia de Agamemnon, nos dá esclarecimentos manifestos de uma communicação entre a Eusopa e a Asia por uma linha de signaes por fogo. Um vigia, que por espaço de dez annos observava, se a fogueira estava accesa sobre o monte Ida, e que repetida em outros muitos logares devia servir de aviso a Clytemnestra da tomada de Troia, brada: «Graças aos numes, o signal feliz rompe a escuridade. Salve, facho da noite, precursor de um formoso dia.» Clytemnestra depois annuncia ao choro a victoria dos gregos; e este lhe pergunta quem lhe dera a noticia. «Foi Vulcano (responde ella) por seus fogos accesos no monte Ida; de facho em facho a flamma mensageira voou até aqui.» Refere em seguimento que os postos estavam collocados n'aquella montanha, no promontorio d'Hermes, na ilha de Lemnos, na serra d'Athos, em Macisto, em Messape ás margens do Euripo, no monte Cytheron, nos de Egiplaneta, em Arachne, e finalmente em Argos. — Pouco provavel é que se fizesse uma similhante linha de signaes no XIII seculo antes da nossa era; mas é certo, que desde o V seculo essa communicação entre a Europa e a Asia estava estabelecida; é tambem provavel, que o desejo de haver noticias dos movimentos militares dos persas decidisse os gregos a servir-se d'aquelles fogos: Aristophanes, no seculo seguinte, falla do facho de Lemnos, na comedia de Lysistrato.

A campina de Roma.

Depois de ter descido os ultimos encontros do Cimino, seguindo a antiga via cassiana, chega-se a Baccano, logar mesquinho, edificado n'uma collina arida: d'alli vê-se avultar no horisonte á direita uma corôa immensa, rematada por uma cruz scintillante: é o zimborio de S. Pedro. As ondulações do solo por cinco leguas de extensão escondem ainda aos olhos a cidade eterna; porem a cupula da cathedral do orbe catholico surge do meio da campina, onde parece collocada como um signal de soberania esquecido no deserto. — O deserto — estranha-se esta palavra, applicada á *Campagna di Roma*, *o agro romano*, para onde convergiam outrora as leis, artes, industrias e crenças da Africa e da Asia para se fundirem n'uma grande unidade, e assim transformadas se espalharem pelo mundo. Embora, a campina de Roma tem todo o aspecto de um vasto deserto. A sua superficie comprehende, alem do territorio ou *termo* particular de Roma (*ager romanus* dos antigos), o Lacio, a Sabina e a Maremma: tem quasi vinte leguas de comprido por nove a dez de largo: o mar Thyrreno a costeia pela parte do poente desde Montalto até a cidade de Terracina, onde findam os estados romanos. Ao norte, la Fiora, ribeiro que separa a Maremma toscana da romana, e as montanhas de Cimino demarcam a campina: os bosques espessos d'estas ultimas, que, pelo terror supersticioso que inspiravam, sustiveram tanto tempo os romanos já senhores do Lacio, desappareceram; pelo menos vêem se apenas alguns restos no declive meridional: não obstante a aridez, as encostas macias d'esta cordilheira volcanica e os topos ondulosos dão lhe um aspecto não destituido de attractivo. Mais para alem, no angulo formado pelo norte e levante, descobre se o monte Soracte, hoje Sancto Oreste: levanta se completamente desacompanhado, como se um abalo o tivera despegado da corda dos montes Sabinos, que corre a leste, e o arrojára violentamente ao longe para a planicie; a sua cumieira recortada e as fórmas abruptas debuxam se claramente, e por angulos salientes, no azul do ceu, ao mesmo tempo que o jogo da luz nas suas ladeiras amassadas o assemelham a opala de reflexos variaveis. Detraz d'elle, encerrando a campanha ao nascente, alteam-se as serranias da Sabina: calcareas como o Soracte, mais do que elle são despidas e escarnadas: paredões enormes de rochas pendentes dos seus declives, os despenhadeiros que os sulcam, os pincaros agudos, bem separados uns dos outros, prestam a essas montanhas certo caracter de magestade selvagem: todavia na raiz d'ellas prendem-se eminencias vestidas de arvoredo e cultivadas, sobre as quaes estão assentes a fresca Tivoli, Gabias, e Monticelli, que, por seus telhados chatos e edificios muito juntos, cujos alinhamentos rectos se confundem, de longe dão visos de templos vastos, erectos no meio de florestas sagradas. Ao sul fica o monte Albano, de fórmas brandas que descem suavemente para a campina, ora coberto de mattas, ora de vegas, cercado com o alvo cinto de cidades, Frascati, Mariano, Castello e Albano, e de outras povoações: aquelle monte contrasta singularmente com a natureza bravia das montanhas Sabinas: com os alcantis mais agudos dos Lepinos, que a muita distancia parece que fogem para o reino de Napoles, termina Albano o arco de circulo, que abraça o *agro romano* e que tem o mar por tangente.

E portanto a campina de Roma todo o espaço comprehendido dentro d'estes limites: o Tibre a corre de nordeste a oeste, descrevendo uma curva que dobra para o sul. Este rio desce do Apennino e arrojase á planicie pelo valle que separa o Cimino dos montes Sabinos; a areia e lodo que acarreta no seu curso impetuoso fazem-lhe as aguas turvas e amarelentas: assim que deixa a visinhança das montanhas por onde abre passagem atravez de bosques e matt

a vegetação quasi inteiramente desapparece das suas margens; ora corre solitario entre ribanceiras nuas, ora, rebaixando se o terreno, se derrama em chareos pelos campos: proximo á foz reparte-se em dois braços, ahi fórma a ilha sacra, e vai sumir-se no mar, cujos limites annualmente faz recuar com a alluvião de seus entulhos.

A uniformidade do grande deserto, por entre o qual se escoa como uma cobra amarella, só é interrompida pelos numerosos altibaixos do terreno: contemplando se estas ondulações do solo, poderá pensar-se, que esta campina não é mais que o antigo leito de um golpho, onde o mar retrahindo-se deixou em descoberto as elevações dos seus bancos d'areia, os sulcos das suas correntes, as profundidades dos seus abysmos. Longas fileiras d'aquedactos, a partir da falda das serras, atravessam ousadamente esta superficie terrestre de ondas immoveis, e vem rematar na cidade parecendo que a prendem ao chão. Antigamente Roma contava dez aquedactos, alguns dos quaes tinham doze, e dezeseis leguas de extensão: hoje só possue tres: os outros sete em ruinas ainda mostram os seus fragmentos, mas as suas fileiras estão quebradas; e ao vêr tantas e tão magestosas arcadas poderiam reputar-se arcos triumphaes de um povo de heroes. Em raros sitios desponta uma pequena matta de pinheiros ou de cypreste; e de ordinario marca a paragem onde jaz alguma cidade de antigas eras, ou alguma sumptuosa habitação romana, cujos residuos estão sotterrados. Alguns *casali*, casaes, sem verdura que os circumde, deshabitados uma parte do anno, mostram a intervallos os seus tectos solitarios. E depois seguem-se tumulos, restos de templos, de circos, de torres feudaes, de pontes ameiadas, e tudo em ruinas, desabando, coberto de trepadeiras que se enroscam até o topo, e que com os radiculosos festões fluctuantes occupam os remates desmoronados dos edificios: e não ha ruido de homens, movimento algum de gente do campo, salvo na estação das sementeiras ou das colheitas, porque não ha logares nem aldeias: ha milhanos e aguias, que pairam sobre as ruinas, e com o vôo circular parece evocarem as sombras d'aquelles sitios devastados: ha manadas de bois de pontas desmesuradas, bandos de cavallos bravos que passam rapidamente na planura, bufalos sumidos entre os paues, d'onde alçam a cabeça negra e disforme, sirgando trabalhosamente os poucos bateis que sobem o Tibre: vêem-se tambem grandes rebanhos com seus pastores, que ao decair da tarde procuram abrigo em cavernas ou em tumulos antigos, cujas entradas figuram de longe malhas escuras: todo o terreno é de tinctura uniforme, requeimada, como se por alli passasse o fogo. Tal é o aspecto geral d'esta campina romana, que pelo silencio, solidão, destroços e côr, poderia tomar-se pelo valle de Josaphat de um mundo antigo extincto. — É bello para o contemplativo, para o artista ou o poeta: — aquelle caracter de assolação, a severidade dos contornos, a ausencia de particularidades prosaicas e antipicturescas da vida e lavor agricola; todas aquellas circumstancias com que se casam as recordações heroicas da antiguidade põem o espirito em disposição solemne. Mas quando se abate o vôo desde a altura da arte ou da philosophia, e se investiga a causa d'este aspecto ermo, cessam as inspirações poeticas, e as substituem penosas reflexões: a idéa da civilisação e das commodidades concerta-se pouco com a devastação de um paiz. Observando Roma em meio da soledade, sem população rural, sem cultura permanente do territorio, sem movimento commercial nas suas visinhanças, comprehende-se logo que esta cidade não está ligada ao resto do paiz, que não parece cabeça de uma nação, e que a sua existencia é absorvente (1). (*Continúa.*)

A tribu dos guarayos na America Meridional.

(Continuado de pag. 54)

Sendo a cultura o primeiro recurso dos guarayos, pois que a caça só a tomam por passatempo, ajunctam-lhe muitas das suas ceremonias religiosas. A sua crença é simples como os seus costumes. O *Tamoi* (grão pai), deus benefico, a quem reverenceiam sem o temerem, viveu entre elles, ensinou-lhes a agricultura, e prometteu-lhes protecção, ao despedir-se do alto de uma arvore sagrada de flôres purpureas, subindo ao oriente para o céu. Invocam este deus na epocha das sementeiras, ou quando desejam que abundante chuva vivifique a terra suffocada com os ardores de um sol abrazador. Uma singela cabana, de fórma octogona, no meio da floresta, é o templo onde imploram *Tamoi*: homens inteiramente nús assentam-se á roda, tendo cada um na mão um troço de bambú. O mais ancião, com os olhos fitos na terra, bate o compasso com o bambú, entoando um hymno que todos os circumstantes repetem, batendo tambem o chão com os troços de cana; a bolha d'estes, juncta ás vozes varonis, a postura grave dos cantores, me admiraram quando fui testimunha desta ceremonia: pediam á natureza, em estylo figurado e mui poetico, que se revestisse do seu mais grandioso adorno, ás flôres que desabrochassem, ás aves que se cobrissem da sua mais brilhante plumagem e renovassem os seus alegres cantares, ás arvores que se enfeitassem com a verdura louçã da primavera, afim de se lhes unirem para attrahir a attenção de Tamoi, que nunca invocariam debalde. — Creem que por sua morte são por intervenção de Tamoi arrebatados ao céu, para o lado do oriente, do vertice da arvore sancta; e que na outra vida gosam de quanto possuiam n'esta; por isso enterram os corpos ataviados de pinturas e com a cabeça voltada ao nascente. — Dão pouca liberdade ás mulheres, que em pequenas nunca largam as mães, e chegando á idade nubil as submettem a jejuns rigorosos, e as incisões que lhes fazem no meio do peito demonstram que passaram da infancia para a idade, em que tomam o seu grão na sociedade. Nunca as mulheres apparecem sós: ou os pais ou os irmãos as acompanham; o seu trajo é mui simples; trazem apenas um pedaço do tecido que cobre das cadeiras até os joelhos; a côr e bellas fórmas lhes dão a apparencia das nossas estatuas de bronze; nos dias festivos riscam o corpo com estreitas fachas pretas.

O caracter mais saliente dos guarayos é a sua escrupulosa probidade, jámais se quereriam apossar de cousa, que lhes não pertencesse: venceram sempre nas provas a que submetti a sua delicadeza; deixava de proposito um lenço de côr no matto, ou machados fóra da minha residencia; sempre estes objectos me foram tornados fielmente. Tal é o esboço do retrato dos antigos descendentes dos caraibas, que eram homens ferozes e anthropophagos, contra os quaes não achavam expressões assaz energicas os escriptores dos primeiros seculos da conquista. — A par de tantas virtudes admira a repugnancia dos guarayos ás prescripções da religião catholica. Um venerando missionario, o padre Lacueva, o mais estimavel religioso fran-

---

(1) Este quadro foi traçado em 1844 por Mr. Sebastien Albin. Ha bem fundadas esperanças hoje de que tão desanimadora situação progressivamente melhore.

ciscano que eu conheci na America, hespanhol de nação, homem tão instruido quanto modesto, nada tem obtido ha nove annos; não porque os indigenas opponham resistencia aos seus designios, ou tenham aversão ao homem piedoso, a quem, pelo contrario, reverenceiam; mas os que recebiam o baptismo vinham pouco á igreja, e não largavam os seus antigos costumes. O padre disse-me, que as maiores difficuldades que tinha a vencer eram fazer largar aos homens o habito da polygamia, e alcançar que as mulheres se cobrissem um tanto mais.

O padre Lacueva vivia em Sancta Cruz, uma legua affastado de mim; habitava uma choça humilde; a sua igreja era uma cabana coberta de folhas de palma, onde, n'um altar feito de barro amassado, e que aos domingos revestia com um simples estofo d'algodão, costumava celebrar missa. Para avisar os neophytos, o respeitavel ancião só tinha um almofariz velho de metal em que batia com uma pedra. Pertencia a uma casa rica na Hespanha, e tinha estudado as mathematicas; porém a vocação o impelliu a prégar o Evangelho; metteu-se franciscano, e dentro em pouco, por virtudes e saber, mereceu o cargo de prefeito de missões, que poderia equivaler ao de prelado superior. Passou-se á America, e ahi fugindo da vida quieta dos conventos consagrou-se á conversão dos indios, repellindo todas as honras que pretendiam conferir-lhe: viveu vinte annos com os selvagens yuracarés, e a final, cançado de não os reduzir á fé, deixou-os para habitar com os guarayos, entre os quaes começava tambem a desenganar-se de que terminaria a sua nobre e ignorada carreira sem lograr vantajosos resultados. Mal enroupado, subsistindo das esmolas das senhoras devotas de Sancta Cruz de la Sierra, sustentava-se de arroz cosido, iguaria que por suas mãos preparava, vivendo solitario, e apartado das relações do mundo. Vivamente me commoveu a perseverança d'este religioso, de idade então de setenta annos, e puz todos os meios de merecer a amisade com que voluntariamente me honrou.

A 25 de janeiro alguns maioraes indigenas de Carmen de Moxos me trouxeram uma carta do administrador d'esta missão, pondo ao meu dispôr quatro grandes pirogas (canôas). Tres dias depois eu me despedia d'aquella boa gente de guarayos, e confesso, que não me esquecera o abalo, que me causou o momento da separação: o padre Lacueva e todos os indios me acompanharam até á beira do rio com todas as mostras de amizade intima. Tudo se embarcara, e os remeiros só esperavam a ordem para sulcar a corrente: deitei o ultimo olhar para a praia, e vi o sancto varão, de olhos lagrimosos, que de cima da ribanceira me deitava a bençam, e todos os guarayos, com seu candilho á testa, me diziam adeus nos termos mais significativos e affectuosos.

O primeiro meandro do rio sinuoso me separou d'esta scena terna, e entregue aos meus pensamentos procurei distrahir-me contemplando todos os objectos que me rodeavam. Oito dias consecutivos navegui o rio S. Miguel, admirando a variedade da natureza no estado bravia, e marcando com a bussola até as menores voltas do rio. Quem penetra por um paiz, para assim dizer, virgem, experimenta prazeres realmente desconhecidos do viajante que nunca saíu dos logares habitados. Os animaes do matto, ignaros dos perigos que lhes provém da frequencia dos homens, não mostram receio; e eu tive occasião de vêr com gosto que os bandos de macacos se moviam mais para me observarem do que para fugirem.

Chegando a Carmen de Moxos eu havia traçado um longo trilho n'um espaço que nos mappas se achava em vasio, e reconhecêra que o rio S. Miguel, em vez de ser um affluente do Marmoré, ia passar, com o nome de rio Itonama, pela missão da Magdalena, vindo a ser affluente do Guaporé ou Itenés: junctára portanto ás minhas precedentes investigações este novo resultado geographico, estudando uma porção do continente americano, muito interessante, e que permanecia desconhecida. —

Meio de remediar as colicas de chumbo dos tecelões em teares a' Jacquard.

Ha nos teares á Jacquard umas cordinhas em que prendem uns cordeis, em cujas pontas estão pendurados cylindros de chumbo, de perto de sete a oito pollegadas de comprimento. O numero d'estes chumbos anda por 1000 até 80000, conforme a largura das fazendas. Supponhamos uma casa de teares, de 150 palmos, com 100 000 d'estes pesos de chumbo a roçar-se uns pelos outros sem cessar, e faremos uma idéa do pó venenoso que resulta da fricção. Este pó não só faz que dê nos operarios a chamada colica saturnina, mas póde causar, e causa com effeito, molestias de bofe nos individuos condemnados a respirar este ar viciado, principalmente quando, no tempo dos calores, o ar externo não basta para renovar e de dentro. Se por desgraça, como em França, molham os chumbos em vinagre com agua, tanto peior, porque, depois de seccos, o pó que os cobre se converte em acetato de chumbo, e augmentando em quantidade augmenta o perigo.

Mr. Dalmenesche observou, que as molestias eram menos frequentes nos operarios empregados em tecer fazendas muito largas, como chales de $\frac{5}{4}$ e de $\frac{6}{4}$, porque, trabalhando mais devagar, é muito menor a fricção dos chumbos e a quantidade de pó que se levanta. Tambem observa que o termo medio dos operarios infermos era um dos doze; e que quanto mais pequenas são as officinas menos são as pessoas atacadas das colicas de chumbo.

Quanto aos meios de remediar os effeitos nocivos de mechanismo do tear á Jacquard, Mr. Dalmenesche adoptou a proposta do *comité* de saude de Leão, de pôr em logar dos chumbos cylindros de vidro ôco, que se encham de chumbo derretido para lhes dar o peso necessario: esta substituição é preferivel aos cylindros de ferro, que fazem muita bulha: mas ainda não iguala a do estanho.

Todavia, como o estanho custa muito caro, póde-se usar do chumbo, seguindo esta indicação do mesmo Mr. Dalmenesche: metter os pesos metallicos dentro d'uma caixa de páu, proporcionada á largura do tear, e que abra, por meio de dobradiças, da banda voltada para o tecelão, para que elle possa concertar os chumbos, etc.; cobrir a tampa da caixa com uma rede de metal, de malha estreita, para que, passando pela malha o cordel em que se penduram os chumbos, fique o pó dentro da caixa, e não se espalhe tanto pelo ar. Este meio mechanico póde ser modificado; mas o que se deve em todo o caso recommendar é um bom systema de ventilação, que renove o ar viciado das officinas.

Meio de afugentar as formigas.

Mr. Henrique Foerster, cura d'Anheim (grão-ducado de Baden) achou este meio no sal ordinario estendido por cima do formigueiro, e regado depois, se o tempo estiver secco.

BARCAS JAPONEZAS.

O Japão.

I

A situação do imperio do Japão corresponde na latitude ás regiões do nosso hemispherio que jazem entre as provincias meridionaes da França e á parte de sueste do imperio de Marrocos: a longitude é cem gráus a leste de S. Petersburgo, de sorte que no centro do Japão nasce o sol sete horas mais cedo do que na capital da Russia.

O Japão é um archipelago, de que é cabeça a ilha de Niphon, que tem no seu maior comprimento trezentas leguas de sudoeste a noroeste, e na maior largura quasi sessenta, de vinte ao gráu. São oito as ilhas principaes, e ha um grande numero de outras de menor importancia, compondo todas o mesmo estado, cercadas do oceano oriental, defronte da Coréa, da China e da Tartaria, e separadas do continente por um extenso braço de mar, chamado o Mar do Japão, tomando na parte onde é mais apertado o nome de estreito da Coréa; entre esta peninsula e a costa meridional de Niphon ha trinta e cinco leguas, a maior largura é de duzentas.

Comparando a situação geographica dos dominios japonezes com a dos estados que demoram sob o mesmo grau de latitude no hemispherio occidental, esperar-se-hia achar grande semelhança de clima; mas não é assim. A differença que existe a este respeito entre as duas porções correlativas do globo é tão admiravel que merece particular explicação. Por exemplo, a cidade de Mastmai, na ilha do mesmo nome, ao norte de Niphon, está em 42 de latitude no mesmo parallelo de Liorne na Italia, de Bilbau na Hespanha, e de Toulon em França: n'estas tres cidades os habitantes só conhecem a neve nos altos das montanhas; e em Mastmai os lagos e pantanos estão gelados todo o inverno, os valles, e planicies estão desde novembro até abril cobertos de neve, que não cáe menos abundantemente que em S. Petersburgo: as fortes geadas alli são na verdade pouco ordinarias, comtudo viu-se ás vezes o thermometro de Réaumur descer a 15 gráus abaixo de zero. No verão os paizes da Europa situados debaixo do mesmo parallelo em que está Mastmai soffrem calores fortes e continuos; porém n'aquella ilha caem aguaceiros rijos, pelo menos duas vezes na semana, escurece a atmosphera no extremo do horisonte, reinam ventos impetuosos, e permanecem os nevoeiros. — Em Jedo, capital de Niphon e do imperio, nos 36 de latitude, neva por muitas vezes em as noites do inverno: se reflectirmos que Jedo, é tão distante do polo como a cidade de Malaga na Hespanha, deveremos concluir que o clima do hemispherio oriental é mais rigoroso que o do hemispherio opposto. — Esta enorme differença procede das localidades. O Japão está langado no oceano oriental, justamente chamado o mar das brumas ou cerrações. Não é raro aturarem os nevoeiros no verão tres ou quatro dias a fio; e poucas horas passam no dia sem aquelles ou sem chuva. O máu tempo faz o ar frio e humido; e os raios do sol não teem a mesma actividade que desenvolvem n'um céu

mais sereno; accresce que a parte septentrional das tres ilhas maiores é de serranias elevadas, que perdem no meio das nuvens os seus alcantis: o vento que parte das montanhas vem repassado de frio glacial. Finalmente os japonezes ficam separados da Asia, que foi o seu berço, por um braço de mar; teem defronte o paiz dos mantchús e a Tartaria; toda essa região é cortada de serras, de pantanos extensissimos, e de incultos desertos, d'onde se derivam, mesmo no estio, ventos excessivamente frios. Taes são as causas productoras de uma differença consideravel de clima entre as regiões orientaes do mundo antigo e o nosso hemisphero occidental no mesmo parallelo.

O povo japonez tem uma nacionalidade distincta dos outros asiaticos, posto que a muitos respeitos pareça approximar-se dos chinas até na physionomia: tem usos, costumes, e praticas peculiares; — e uma cidade do seu archipelago appresenta muita variedade em comparação com as de seus visinhos. As casas, á excepção dos alicerces, não são de alvenaria, construem-nas de madeira e de um só andar; os tabiques que separam os quartos são moveis, de fórma que se póde fazer de toda a casa uma só camara, como em algumas partes da Hespanha antiga. O uso das chaminés é ignorado; e fazem a cosinha em fogões tambem á semelhança dos *braseros* dos hespanhoes: os pobres teem lareiras de tijolos. A mobilia é quasi nenhuma; cobrem o solho com esteiras mui finas, conservadas com toda a limpeza, porque em tudo são muito aceados; para receber as visitas estendem por cima alcatifas ou mantas, segundo suas posses. — Armas de varia especie, vasos de porcelana, e alguns objectos curiosos adornam as casas interiores: as paredes são guarnecidas de papel dourado ou de côres, fôrro a que os ricos accrescentam molduras e outros ornatos de madeira lavrada com gosto, e envernizada ou dourada. — Os edificios são exteriormente de extrema simplicidade: a differença entre a morada do abastado e a do pobre consiste em ter a casa das pessoas illustres um pateo espaçoso, fechado com altas estacadas ou muros de taipa, de sorte que apenas se descobrem os telhados. Além d'isso, os nobres e opulentos possuem jardins vastos contiguos ás casas, e muito se applicam a aformoseal-os, para o que não se poupam a gastos. No interior das habitações observa-se aceio minucioso. Nota-se porém a nimia estreiteza das ruas.

Os japonezes barbeam-se e rapam o alto da cabeça, deixando porém o cabello da nuca e umas guedelhas sobre as fontes, amarrando-as para traz com uma fita: é simples o riçado, mas ainda assim requer seus desvelos; é preciso conserva-los com certa pomada que faz os cabellos lustrosos e os empasta; e para que o monete se arranje com a devida perfeição, é mister que arremede um pedaço de páu envernizado e quadrangular, um tanto cavado pela parte superior e dos lados. Os seus cabelleireiros são mui destros, mas consomem muito tempo n'esta operação.

O trajo commum é um chambre sem gola, e de mangas largas que chegam só aos cotovellos: a parte inferior da manga arregaça se e faz uma especie de saco, que serve de algibeira, como usavam os franciscanos. Ou por fausto ou para resguardar do frio, vestem cinco ou seis d'essas tunicas, umas por cima d'outras, e sujeitam-n'as com um cinto em duas voltas á roda do corpo. Todos, ainda os de menos posses, trajam vestidos de seda, sobre tudo nos dias festivos: o povo miudo usa commumente de tecidos d'algodão: fato de brim é de indigentes, ou dos operarios durante o trabalho.

O japonez, se estando em casa sente calma, despe o vestido de cima e prende-o á cinta: se ainda acha muito calor, desembaraça-se do segundo, e assim por diante até ficar com um só. Se arrefece, vai enfiando successivamente as suas tunicas. As mulheres por moda e luxo ainda se servem de maior quantidade; chegam a trazer vinte, porém de seda muito leve e subtil, quasi semelhante a gaze: usam cintos como os homens, porém de muito maior largura, deixando soltas e fluctuantes as pontas.

Ha outra casta de opa, do mesmo talhe da precedente, mas muito mais ampla, que se traz sobre as outras, e sem cinto. Fallando propriamente é o vestuario de ceremonia; é indispensavel para visitas de gravidade; e com o outro sáe-se a passeio, a negocios, ou a procurar um amigo. Os nobres mandam bordar sobre o peito e nas mangas os seus brazões.— O terceiro traste para vestir é um fraque largo, que se usa quando faz frio, e que se larga ao entrar em qualquer casa.

Os japonezes não usam pantalonas ou calças, á excepção dos militares, e de quem vai de jornada: porém os empregados do estado as trazem no exercicio de seus cargos, nos dias solemnes, e quando vão fallar a superiores.

O Hadjeb de Kordova.

(972 a 992)

(Conclusão.)

V

Walcorari!

O recontro das duas hostes separou o terrivel guerreiro do seu contrario, o el-Mansur. D'uma e outra parte era a flôr dos dois exercitos: pelejou-se mais bravamente do que nunca. O desconhecido, sem fazer caso das feridas, que lhe sangravam por todo o corpo, travou da massa ponteaguda d'um cavalleiro morto, e, a pé, de cabeça descoberta, como estava, foi-se ao mais basto das fileiras sarracenas, dando fim a uma vida em cadaum dos seus golpes formidaveis. Era incrivel a energia d'aquelle homem. Não parecia mortal: podia julgar-se um d'aquelles semi-deuses fabulados, que as divindades do Olympo grego protegiam.

A guarda do hadjeb não fugiu como as hostes da campina: acabou de pelejar quando o ultimo homem caiu.

Mohamed, porém, não appareceu no campo. Duas horas inteiras levou o desconhecido a examinar os cadaveres um por um; e era realmente um espectaculo assombroso vêr aquelle homem curvado sobre os mortos e moribundos, a apalpar-lhes o rosto, a tentear-lhes as feridas, a contar-lh'as, tremendo ancioso, e a espreita-los e a revolve-los, como se alli, n'um d'elles, tivera occulta a propria vida.

Depois de ter corrido todos ergueu-se, rugindo contra os seus pelo haverem separado do hadjeb. Já poucos d'elles restavam tambem. A cimitarra dos bereberes não havia ficado ociosa: os guerreiros do Maghred tinham caído vingados.

O desconhecido não contou os combatentes que o cercavam. Cavalgou n'um ginete perdido, largou-o pela encosta abaixo, e, sem desviar o rosto, sem vêr se o seguiam os da sua hoste, foi direito á planicie, perguntando rapidamente, a quantos encontrava, noticias do hadjeb.

Eis-aqui o que elle soube:

Logo no começo do recontro da montanha alguns dos principaes africanos tinham levado Mohamed para longe do combate. Os guerreiros de Navarra, dispersos na planicie, viram fugir um troço de cavalleiros levando nos braços um dos seus mal-ferido, caminho de Medina-Cœli.

O guerreiro não perguntou mais: picou direito sobre Medina-Cœli.

Acompanhavam-n'o os que tinham ficado vivos da refrega em Calat-al-nosor.

Sancho, o quadrimano, perseguia no entanto os restos fugitivos das hostes de Mohamed.

O terrivel cabo dos de Afranc não parou em Medina-Cœli. O hadjeb estava em Walcorari com uma parte dos seus.

É inutil dizer se o temeroso desconhecido voaria ou não sobre o castello.

Seguiam-n'o sempre os seus.

Tanto que chegou, o mesmo foi dar vista das muralhas que principiar o ataque. Os de dentro resistiram como quem defende as vidas; os de fóra precipitaram-se como quem se esquece d'ellas. Eram poucos e cançados, mas o exemplo do seu cabo multiplicára-os: combatia á frente, elle. Os golpes da sua massa eram como as pancadas de um ariete. Choviam sobre elle os arremesses, mas o broquel da protecção divina parecia estar sobre a fronte núa d'aquelle homem; e elle continuava a martellar na porta chapeada do castello como se o seu braço não fosse humano. A porta vergou, lascou e cedeu.

Os de dentro, passados de medo, revolviam se.

O desconhecido não fez caso: voou de quadra em quadra até dar com um leito ensanguentado, onde jazia um moribundo.

Era o hadjeb.

O estranho pagem, que vimos acompanhando o desconhecido desde o principio do combate, era o só que o seguia.

Ao vêr o corpo estendido nas roupas sanguentas, o peito do guerreiro pareceu dilatar-se: respirou á vontade. Cruzou os braços, manchando a camiza de ferro sobre o peito retalhado, e approximou-se lentamente como saborcando o espectaculo do infeliz alli prostrado. O pagem, do outro lado, approximou-se como elle, parando-lhe juntos á cabeceira.

Um archote de resina, pregado n'um espigão de ferro que saia da muralha, projectava sobre este grupo uma luz vacillante e avermelhada, que o tornava ainda mais terrivel e phantastico. O vento da noite engolfava-se e gemia nos corredores. Lá fóra nos pateos ouvia-se um embate sonoro d'armas: eram os cavalleiros do Afranc a despojarem os prisioneiros.

O guerreiro desconhecido, porém, não ouvia, não sentia nada; toda a sua vida, toda a sua alma parecia residir alli, n'aquelle leito e n'aquelle corpo.

Pendeu se para o moribundo, e, bradando-lhe como lhe bradára no pincaro dos abutres, repetiu-lhe ao ouvido:

— «Recordas-te dos jardins de Azahrat?»

Mohamed descerrou as palpebras, em que já carregava o dedo da morte, e voltou a cabeça machinalmente d'um ao outro lado. A vista do pagem pareceu fazer-lhe uma impressão profunda. O desconhecido no entanto sorria.

— «Pago-te emfim a minha divida — clamou elle como abrindo os diques á torrente que lá dentro lhe refervia — pago-te emfim a minha divida, Mohamed. Potente dominador das Hespanhas, que é feito da tua força, onde está ella? Invencivel hadjeb, onde tens essa tremenda cimitarra, que vinte annos vibraste contra os de Christo? Vês? Caiste a final: a tua hora chegou-te. Vinte annos tambem te segui eu para alcançar a desaffronta, sem nunca desesperar d'ella. Alcancei-a. Sabes quem é esse pagem que ahi vês a teu lado? Conheces-lo? Foi outr'ora a mais formosa, a mais nobre, a mais pura das virgens godas, hoje... quem tal ha de dizer?... nem eu sei: é uma sombra... é o teu remorso, é o teu castigo. É, é o teu remorso vivo, a minha viva injuria. Vinte annos m'a tem ella trazido fresca e viva ao lado — n'aquelles olhos apagados, n'aquellas faces incoradas, n'aquelles beiços sem côr, n'aquellas rugas profundas...»

O pagem era effectivamente a virgem de Amaya, e era tambem uma sombra como o dissera Hermengardo, a quem todos terão já reconhecido na pessoa do guerrreiro do Afranc: nunca tão escura sombra se seguira a tão viva luz. Sulcavam lhe o rosto longas cicatrizes, ganhas juncto do guerreiro.

O mostarabe continuou:

— «Vinte annos, repito, me ardeu cá dentro a indignação, a cada hora, a cada instante, accendendo-me a vergonha nas faces cada vez que me lembrava do que tu me fizeras a esta mulher. Embranqueceu-me a cabeça o receio de morrer sem vingar-me. Louvado sejais, Senhor. Eu cheguei a duvidar da vossa justiça; mas vós sois melhor do que os homens. Cincoenta eramos nós — ouves, Mohamed? — cincoenta eramos nós, que nos juramentámos para cumprir esta vingança. De todos fiquei eu só: os mais caíram uns depois do outro, debaixo do ferro dos teus. Caíam uns, mas não se cançavam os outros; eu menos do que nenhum. Protegeu-me Deus como parecia proteger-te: eu fui o só que fiquei de tantos. Vê lá se elle é justo! Fui eu que ergui contra ti os condes christãos e os al-kaides do Andaluz; fui eu que uni e concordei os principes godos; fui eu que vinte annos successivos provei comtigo o meu braço em todas as batalhas, até o tornar mais robusto do que o teu; fui eu que sobre as phalanges prostradas fiz surgir novas phalanges; sou eu finalmente que te tenho agora aqui debaixo do joelho, como tu me tiveste ha vinte annos. Recordas-te dos jardins de Azahrat, recordas-te? Sabes o que eu prommetti a esta mulher? Prometti restitui-la pura ás Hespanhas, pura, purificada com o meu nome, livre da macula com que tu a maculaste.»

O peito de Hermengardo arquejava, a sua respiração era profunda e sibilante; as palavras rebentavam-lhe dos labios precipitadas e pressurosas. Golfava-lhe o sangue do peito.

Quanto a Gelohira, parecia insensivel a tudo. Tinha morto o coração como a formosura.

O hadjeb murmurava umas palavras sumidas e indistinctas, que ninguem poderia saber se eram blasphemias de desesperado, se rogos de arrependido: não tinha mais que um sopro de vida.

O mostarabe contemplou longo tempo, inanimado e exangue, o corpo d'aquelle homem, que fôra por vinte annos o agoute dos godos e o terror da christandade. Depois, arrancando com a mão esquerda o punhal que trazia no cinto, estendeu a direita ao supposto pagem por cima do quasi cadaver.

— «Gelohira — disse elle, já com esforço, tremula a voz e vacillante o corpo — Gelohira, aqui teus esta mão; acceita-a: é o cumprimento da minha promessa.»

Estas ultimas palavras foram pronunciadas em voz terrivel: dizendo as acabara o desgraçado cravando-lhe no coração estancado o ferro que já lhe tremia na mão!

Aquelle assassinio inutil seria uma piedade se fosse feito para acabar os horrorosos tormentos por que estava passando o hadjeb; mas na intenção com que

Hermengardo o commettêra era uma atrocidade!

Gelohira precipitou-se sobre a outra mão que lhe estendia o mostarabe, com um grito em que parecia fugir-lhe a alma ebria de reconhecimento. Curvado um para o outro os dois noivos e terriveis esposos, recebiam no rosto, por confirmação do horrendo consorcio, o sangue que espadanava da nova e derradeira ferida do el-Mansur.

Mas a vida de Hermengarda estava tambem por um fio. Era já miraculoso como aquelle homem podia suster-se de pé, depois de tantas horas de fadigas inauditas, com o corpo todo retalhado de feridas profundas: resistir mais fôra impossivel.

Mal a victima tinha cerrado os olhos, o vingador caíu a seu lado.

Era para nunca mais se levantar!

Gelohira encarou este espectaculo a olhos enxutos. O que se passou n'aquella alma não n'o soube ninguem. Foi-se ao mostarabe, e com o punhal ainda ensanguentado cortou-lhe um anel dos cabellos esbranquiçados.

Um mez depois, nos despenhadeiros das montanhas de Amaya foi achado um corpo de mulher por tal fórma desfigurado que nunca foi reconhecido. Fechada no punho e chegada ao coração achou-se-lhe uma pequena madeixa de cabellos. Espantaram-se todos: eram cans de um velho!

ESTATUA DE MITHRA.

Em uma das salas da bibliotheca do Vaticano está collocada a estatua que a precedente gravura reproduz: é um idolo copiado da mythologia oriental. — Segundo a religião dos antigos persas o deus Mithra era symbolo do sol, do fogo e do amor: a fabula o faz nascer de uma pedra como a faisca sáe da pederneira percutida com o fuzil. Alguns o confundiram com Osiris.

Parece que o culto de Mithra passou da Persia á Cappadocia, onde no tempo do geographo Strabo tinha avultado numero de adoradores. Entrou depois na mithologia grega, e por fim na dos romanos, que adoptavam, como é sabido, as divindades dos povos que conquistavam. Foi durante a guerra dos piratas, anno de Roma 687, que o numen Mithra começou a ser venerado na Italia: são romanas todas as estatuas que d'elle permanecem. De ordinario é representado na figura de um mancebo bem apessoado, coberta a cabeça com o barrete phrygio, e com um joelho firme sobre um touro derribado, enterrando a faca na cerviz do animal. — São muito mais raros os simulacros iguaes aos da nossa estampa; e aos attributos de que são revestidos dá-se a seguinte explicação. — A cabeça com as feições leoninas allude ao poder que o sol manifesta no signo de Leo; as azas indicam o movimento eterno e rapido d'esse astro; o corisco esculpido no peito recorda o fogo, as chaves de dois feitios que tem seguras denotam as que serviam, na crença dos persas, para abrir as sete portas por onde passam as almas humanas; a serpente que o enlaça significa a prudencia unida á força: o grifo e o caduceu de Mercurio postos ao lado são accrescentamentos que lhe addiccionaram os romanos. — Offereciam a este nume, em virtude dos seus symbolos de creador, as primicias dos fructos: na decadencia do imperio romano ainda tinha sectarios.

A campina de Roma.

(Continuado de pag. 62.)

Qual será a causa a que devemos attribuir a despovoação da campina de Roma? — Escriptores de subido merecimento, como Licolai, Sismondi, Muller, de Tornon, nas suas disquisições sobre o *agro romano*, tractaram felizmente esta questão importante em relação á historia e á economia politica, e todos acharam a causa na propria grandeza da fortuna romana. Assim que Roma se fez senhora das producções do orbe, desprezou as do seu torrão proprio: — as riquezas acarretaram o desgosto do tracto agricola. Nos primeiros seculos da era romana, as familias patricias cultivavam pessoalmente o seu quinhão de terras, e essa porção era n'esse tempo minima: a principio foi só de duas *jugera* (geiras romanas); para o diante, anno 268, fixou-se em sete geiras, proximamente 4433 braças portuguezas quadradas, o patrimonio de cada familia: em 362, o senado permittiu a cada membro de familia aquella porção; d'ahi a vinte e seis annos concederam-se quinhentas geiras a cada familia; e em breve deixaram de regular a extensão da propriedade, pelo que, a pouco e pouco, algumas casas patricias acharam-se, por compras, ou substituições, ou heranças, senhoras de toda a campina: abandonaram então ás mãos de seus escravos esses vastos terrenos, e para tornarem mais facil o amanho os reduziram a pastos, a quintas sumptuosas, a lagos e viveiros: — a agricultura propriamente dicta desappareceu. Então as povoações que não haviam sido absorvidas pela cidade de Roma, que tinham vivido dos fructos dos territorios circumvisinhos, decresceram em numero de habitantes, e a final desvaneceram-se, caíram em ruinas. Já no começo da era christã, os campos do Lacio, em que haviam residido nações, tinham-se convertido n'um ermo inculto. Plinio o naturalista assignala, no segundo seculo, os *latifundia* (grandes propriedades) como causa primeira da ruina da Italia; e o que elle dizia da peninsula em geral, applicava-se mais particularmente á campina romana, porque n'ella a despovoação deixava em pleno poder o inimigo tremendo, que havia combatido n'outro tempo com fe-

licidade — a insalubridade da atmosphera. Asseverou-se repetidas vezes que a terrivel *mal aria* era gerada das exhalações deleterias proprias do terreno, em muita parte volcanico. Posto que amiudadas analyses feitas por chimicos mestres, entre outros o celebre Davy em 1824, nunca demonstrassem que o ar da campina fosse naturalmente viciado, comtudo reinam febres mortiferas no agro de Roma. Que sejam a causa original d'este flagello os elementos constitutivos do solo volcanico, não poderá talvez contestar-se; mas o certo é (e a antiga população do Lacio tão numerosa bem o prova) que a cultura e a habitação d'homens o tinham superado de algum modo: — se fôra perciso, poderia invocar-se o testimunho de Tito Livio.

Só quando as grandes propriedades tinham subvertido a cultura parcellar, e a população habitante dos campos fôra absorvida pela capital do mundo, apparecem nos escriptos de Strabo e Cicero noticias das febres que raream parte do agro de Roma, d'antes tão fecundo em gente: — á medida que se alargou o deserto, dilatou-se a praga e augmentou d'intensidade. Nem eram proprias para restabelecer a povoação e a agricultura as circumstancias da queda do imperio, as desordens subsequentes, e a barbarie da idade media. Por isso S. Pedro Damião, no undecimo seculo, dizia de Roma que *abundava em fructos de morte*.

O estado ermo e de baldio em que se achava a campina sempre foi tão considerado causa da miseria e de falta de gente, que os pontifices alternativamente cuidaram de pôr termo a situação por tal modo triste. Em 1407, Gregorio VII; mais tarde Sixto IV, Julio II, Clemente VII, Pio V, pertenderam obrigar os senhorios feudaes, que tinham succedido ás familias patricias de Roma na posse dos bens rusticos, a amanhar as suas terras, ou pelo menos a confia-las a cultivadores, mediante aforamentos que identificariam o lavrador com a propriedade por um contracto perpetuo e transmissivel. Sixto IV até chegou a permittir ao primeiro occupante semear a terça parte de qualquer terreno inculto, e colher a seara sem renda para o proprietario; porém se os pontifices tiveram boa vontade, faltava-lhes poder para isso; as suas determinações não produziram resultado. Sixto V, com toda a sua energia, não pôde vencer a obstinada resistencia dos senhorios. Em tempo de Alexandre VII (1720) praticaram-se alguns melhoramentos na lavra da campina, mas depois d'elle tudo caíu no estado antigo. Entretanto pelos fins do seculo passado, Pio 6.º renovou com fervor os projectos de arroteação, emprehendeu a obra admiravel do esgotamento das lagôas Pontinas, e em poucos annos recuperou para a cultura mui avultada porção de um terreno grandemente fecundo. Infelizmente, ao seu successor, Pio VII, faltaram recursos pecuniarios para continuar o enxugamento dos pantanos; comtudo encaminhou a sua sollicitude para a campina propriamente dicta, e empregou de novo os *motu proprio* para obrigar os proprietarios á lavra das terras: tambem imaginou o plano de colonisar o deserto, fazendo cultivar primeiro os arredores de Roma e de outros locaes habitados, de tal fórma que a cultura, dilatando-se cada vez mais, irradiando de centros differentes, acabaria por cobrir todo o territorio. Porém este projecto não foi posto em practica, ou por causa das inquietações da epocha, ou porque, segundo o antigo e exacto proverbio romano — em Roma todos mandam e ninguem obedece. —

O agro, isto é, a comarca de Roma avalia-se em 205000 hectares de superficie (o hectare corresponde a 4132 braças quadradas): 177 proprietarios, entrando 64 corporações religiosas ou de beneficencia, partilham entre si inalienavelmente toda aquella extensão; inhabilitados de amanharem as propriedades á sua custa, arrendam-n'as a caseiros, que, substituindo temporariamente os donos (porque não existem aforamentos senão em as montanhas), não procuram o melhoramento duradouro dos terrenos, mas sim tirar o ganho mais pingue e mais facil de apurar. Note-se que o solo da campina produz excellentes pastos: a brandura do clima permitte a pastagem durante o inverno, ao passo que a temperatura mais fresca das montanhas e das mattas do littoral no verão facilita aos gados retiro e sustento, que escapa aos raios abrasadores do sol; a carencia de municipios roraes, a vastidão das propriedades offerecem aos rebanhos dilatados espaços para vaguearem livremente. Em tão favoraveis circumstancias a creação do gado requer mui diminuto pessoal de pastores e guardas; é por tanto facil conhecer que esta industria deve appresentar grandes vantagens: ellas é que decidiram a transformação da campina em pascigos desde os *latifundia* de Roma até os nossos dias; e é provavel que assim continuem em quanto as propriedades não forem repartidas, porque a agricultura está longe de appresentar quanto aos lucros os mesmos satisfactorios resultados.

A falta de gente de trabalho constrange o cultor a chamar, na estação das semeaduras e nas das colheitas, jornaleiros da Sabina, do reino de Napoles, e das Marcas: os preços dos jornaes sobem a uma taxa mui alta; as longas jornadas, o perigo imminente que affrontam os trabalhadores por causa do clima doentio no verão, justificam a alta dos salarios. São por tanto consideraveis as despezas de costeio; accrescentando-lhe o preço das sementes, os gastos de transporte n'um districto sem vias navegaveis, chegar-se-ha a um total muito subido, que appresenta lucros minimos nos annos fecundos, e perdas reaes nos annos estereis. Em geral, a terra pouco cultivada pelas dictas razões de carestia é mal amanhada, e por isso não dá para pagar o emprego de capital que exige a lavoura: de ordinario não rende mais de oito a nove, ainda que n'algumas folhas de terra bem situadas e bem tractadas por pequenos proprietarios dá ás vezes dezoito sementes.

Por este modo, as despezas quasi que tornam impossivel a cultura; da falta d'esta procede a da povoação; e a carencia d'ambas deixa largas á influencia maligna do ar doentio. Tal é o circulo vicioso de que era mister sair. O papa Leão XII, de illustrado espirito, que, se tivera mais saude e um pouco menos de genio caprichoso, poderia fazer grandes cousas, formou o designio de melhorar a campina romana, para o que mandou organisar planos de lavras de terras, e de canalisação do Tibre e affluentes. A sua vontade, ás vezes violenta, constrangeria a obedecerem os grandes proprietarios, rebeldes sempre quando se tracta de melhoramentos; porém falleceu inesperadamente em meio d'estes projectos e de outros que reanimariam os estados pontificios. Porém as suas disposições foram conhecidas fóra dos dominios da sancta sé, e sem duvida fizeram ellas nascer outro projecto. Em 1829 appareceu uma sociedade de capitalistas francezes, inglezes e hollandezes para arrendar toda a campina de Roma. Propunham pagar uma renda annual ao governo, a qual este fixaria, e além d'isso dar uma grossa quantia. O contracto deveria durar cincoenta annos. Cada proprietario devia receber, no dia do arrendamento, a renda que lhe produziam as suas terras. A sociedade contrahia as obrigações de cultivar a campina, de esgotar as lagôas Pontinas e as de Macarese e Ostia, focos de

enfermidades, e de fazer navegaveis o Tibre e o Teverone em todo o seu curso, o que facilitaria ás montanhas de Sabina a extracção de seus productos, que se vendem com prejuizo ou se perdem por falta de meios de transporte. Deveriam edificar-se nos logares mais sadios, de distancia a distancia, aldeias com suas igrejas e escholas, e em algumas tambem albergarias. Estradas e caminhos vicinaes cortariam a campina em todas as direcções, As aguas mineraes e sulphureas, que abundam n'esta comarca, se approveitariam para banhos thermaes. Granjas-modelos, collocadas nas mais adequadas situações, serviriam para naturalisar certos productos coloniaes, como o anil, a canna do assucar, que em circumstancias analogas teem dado bons resultados. Finalmente, seriam feitos todos estes trabalhos pelos habitantes da comarca, os serranos da Sabina e os camponezes das Marcas; tomando se todas as precauções indicadas pela experiencia, taes como, agasalho para os operarios até a construcção das aldeias, e abrigos provisorios longe dos centros d'infecção, o impulso dados aos trabalhos pela agglomeração d'homens; e a suspensão d'quelles durante as seis semanas mais perniciosas do verão. Estas providencias hygienicas sem duvida impediriam que a insalubridade se tornasse intensa, ou fizesse paralysar a colonisação. O governo pontificio conservava, bem entendido, plena auctoridade na comarca por todo o tempo do contracto; e a final, expirado o prazo dos cincoenta annos do arrendamento, as propriedades voltavam a seus donos, porém melhoradas e com o centuplo do valor. — Por via d'esta empreza intelligente era restituida á cultura vasta porção de terreno; e os recursos do solo, assim approveitados, geravam a abundancia e o commercio; a receita do estado augmentava pelo rendimento crescente dos impostos; este augmento punha termo ao estado precario de Roma, que vive das provincias; a população miseravel que superabundasse na capital, no interior das montanhas, ou nas planicies mui povoadas da Marca, poderia esperar obter commodidades pelo seu trabalho. N'uma palavra, a civilisação iria penetrar n'um territorio, que em relação a outros se acha no atrazo de alguns seculos. Foi isto exactamente o que fez abortar o projecto. O pontifice Pio VIII desejava o bem, mas não se achava munido de força bastante para fazer adoptar a proposta que tinha acolhido com boa vontade: parece que foi reputada perigosa para o *statu quo* politico da Italia central; e as doenças e a solidão ficaram soberanas da campina de Roma.

Relogio astronomico de Strasburgo.

Em 1326, segundo Bailly, foi construido o primeiro relogio astronomico cuja data se conhece ao certo. O auctor d'elle chamava-se Ricardo Walingfort, abbade de S.t Alban na Inglaterra, e a sua obra, destinada a ornar uma das principaes igrejas de Londres, era, conforme a expressão d'um contemporaneo, *um milagre da arte, que nunca teria igual na Europa.* Ainda bem não tinham comtudo passado vinte e quatro annos, um artista italiano repetiu o milagre em Padua.

Eis aqui o que se sabe d'estes dois relogios; pouco é, mas é mais do que se póde dizer do primeiro relogio astronomico de Strasburgo. Uma data, uma tradição vaga, uma lenda lastimosa, em que não entram nomes, são os unicos elementos da historia d'esta obra prima, que todavia gozava no XIV seculo d'uma celebridade talvez maior ainda do que as precedentes.

O capitulo soberano de Strasburgo queria ter um relogio digno da cathedral magnifica, em que devia, lembrando aos fieis a hora das orações, recordar-lhes os factos mais importantes da tradição christã e os principios fundamentaes da moral evangelica. Para o conseguir não se forrava a despezas; e por toda a Europa gyravam cartas convidando para emprehender esta obra admiravel os mechanicos mais distinctos, os astronomos mais sabios. Houve um homem que respondeu ao convite; veio offerecer o seu prestimo; foi acceito, metteu mãos á obra, e em 1532 estava o relogio acabado.

Foi convocado o capitulo para assistir aos primeiros movimentos da maravilhosa machina. Nada lhe faltava: alguns instantes antes de dar as horas, um gallo empoleirado na grimpa d'uma torre advertia os fieis batendo as azas, e com a voz estrondosa, que estivessem álerta e em guarda contra as suggestões do demonio, a que o principe dos apostolos não soubera resistir. Vinha depois a morte dar tantas pancadas n'uma campainha quantas eram as horas; em seguida um numero de apostolos, igual ao das horas, passava, inclinando se, por diante de Christo, que lhes impunha as mãos. Finalmente o carro do sol, discorrendo por um mostrador, indicava os mezes e as estações; e os ponteiros marcavam as differentes horas do dia, os dias da semana, os do mez, a idade do mundo, o anno de J. Christo &c. Era mais do que os conegos haviam esperado.

Retiraram-se para deliberar sobre a recompensa que o artista havia de receber. Mas apenas se affastaram d'elle assaltou-os o susto: o homem que lhes fizera o relogio podia, amestrado pela experiencia que acabava de adquirir, fazer outro relogio ainda mais portentoso para alguma outra cidade, e privalos a elles da gloria de possuirem uma singular maravilha. Um só meio havia de esquivar este dissabor; foi proposto, adoptado, e posto em practica no mesmo instante, e um horrivel sacrilegio privou da vista o infeliz artista. Informaram-n'o depois da causa d'este tractamento barbaro. «Insensatos! exclamou elle, que fizestes? O relogio está por acabar, e pára se lhe eu não pozer a peça que lhe falta, e de que só eu sei o logar.» Deram-se pressa em conduzi-lo para juncto d'aquella obra prima; porém assim que lá chegou, agarrando n'uma roda de que dependia todo o mechanismo, quebrou-a, e deixou parados para sempre os movimentos engenhosos que haviam de lhe dar renome, e á cidade de Strasburgo. Nunca mais se poude achar um homem tão habil que fizesse andar de novo este relogio.

Tal é a lenda da primeira machina astronomica de Strasburgo. Quem a quizer tomar a serio tem outras quasi semelhantes de mais dois relogios; o primeiro é o de Nuremberg, concertado em 1446 pelo celebre astronomo Regiomontanus (João Muller), a quem a tradição attribue a feitura de dois automatos maravilhosos; uma mosca de ferro, que voava á roda da mesa e dos convivas, e voltava á mão do seu dono; e uma aguia do mesmo metal, que saíu, voando, ao encontro do imperador Ottão II, e o acompanhou até as portas da cidade. O outro relogio é o do Lyão, construido em 1598 por Nicoláu Lippius de Basilea, e concertado em 1660 por Guilherme Nourrison, habil relojoeiro lyonez.

Em 1550 tentaram concertar o relogio de Strasburgo, ou antes fazer outro novo, a construcção do qual haviam de presidir os mathematicos mais celebres. A morte de alguns d'elles veio interromper o trabalho, e deixou a obra incompleta. Finalmente confiaram-na em 1560 a Conrado Rauchfuss, sabio professor de mathematica na universidade de Stras-

burgo, que analysando e traduzindo o seu nome em grego gostava de que lhe chamassem Dasypodius (pé cabelludo). Conrado junctou-se com o seu amigo David Wolkenstein, astronomo hamburguez, e encarregou da construcção das differentes partes do mechanismo os irmãos Habrecht de Schaffouse, e do ornato Tobias Stimmer de Strasburgo: algumas pinturas e pequenas estatuas devidas ao talento d'este artista, ornam ainda hoje o relogio, que foi acabado aos 28 de Junho de 1574. Quatro annos depois saiu á luz uma descripção d'elle n'uma obra em latim, cujo titulo se póde traduzir d'este modo: *Descripção do relogio astronomico Strasburguense, construido pelo cuidado de Conrado Dasypodius, e collocado no cimo da cathedral. Strasb.* 1578 in 4.º

A obra de Dapysodius foi restaurada em 1669 por Miguel Habrecht, e em 1732 por Jacques Straubhar. Cessou de trabalhar em 1789.

Aos 24 de junho de 1838 foi começado por Mr. Schwilgué, habil artista strasburguez, o relogio actual, que se concluiu em 2 de outubro de 1842.

Um motor central, que é, por si só, um relogio muitissimo exacto, serve para indicar n'um mostrador, collocado por fóra da igreja, as horas e as suas subdivisões, e os dias da semana com os signaes dos planetas que lhes correspondem. Estas indicações são repetidas para a parte de dentro em dois mostradores: o primeiro, mais pequeno, mostra as horas; o outro, que não tem menos de 45 palmos de circumferencia, é exclusivamente consagrado ao kalendario, e mostra os mezes, os dias, a letra dominical, o nome do sancto ou sancta que se festeja, &c.

Dois genios com azas estão sentados cadaum do seu lado do mostrador pequeno. A cada quarto de hora, o que está da banda direita bate na campainha uma pancada, immediatamente repetida, por cima de todos os mostradores, por um automato que representa uma das quatro idades da vida. A Infancia dá o primeiro quarto, a Adolescencia o segundo, a Virilidade o terceiro, a Velhice o quarto. A Morte, que se vê sobre um pedestal a par da Velhice que se dispõe a tocar o ultimo quarto, tem a seu cargo dar as horas; e de cada vez que o faz, o segundo dos dois genios de que fallámos volta uma ampulheta, cuja exacção appresentou mais difficuldades a Mr. Schwilgué do que os problemas mais complicados.

Ao meio dia, ás badaladas das horas, succede uma procissão de doze apostolos, que inclinando-se, cadaum d'elles do seu modo particular, vem saudar o Christo, que de cima d'um pedestal estende sobre elles as mãos como para os abençoar. Ao mesmo tempo o gallo, empoleirado na torre que se vê á esquerda, sacode as azas, e canta por tres vezes.

Uns carros em que vem lindas figurinhas, e que saem alternativamente d'um grupo de nuvens que está por baixo do mostrador das horas, indicam os dias da semana, representados, o domingo por Apollo, a segunda-feira por Diana, a terça-feira por Marte. O retrato que se vê no sopé da torre da esquerda é o de Copernico; homenagem d'um dos admiradores d'este astronomo, que todavia não poude obter que o systema de seu mestre fosse preferido ao de Ptolomeu.

Este relogio foi inaugurado aos 31 de dezembro de 1842, ás seis horas da noite. Mr. Schwilgué tinha-o adiantado 6 horas para que os movimentos do kalendario, do computo ecclesiastico, &c., que regularmente devem ter logar todos os annos á meia noite de 31 de dezembro se fizessem na presença dos espectadores convidados para a ceremonia. Ás cinco horas e meia, estando já a cathedral cheia de gente, chegou o bispo com toda a clerezia, e proferiu a formula da benção. E logo, ao darem as badaladas das seis horas, pozeram-se em movimento as machinas de todos os mostradores, e com maravilhosa exactidão cada festa movel veio tomar o logar que havia de occupar no anno de 1843.

Cartas ineditas de D. João de Castro.

Pela seguinte, não incluida na copiosa collecção de documentos com que o douto cardeal Saraiva, patriarcha de Lisboa, enriquecen a edição feita em 1835 da vida d'este vice rei por Jacintho Freire de Andrade, daremos começo á publicação d'alguma das cartas ineditas mais interessantes do grande D. João de Castro. N'esta descreve elle a victoria de Diu com que vingou a morte do filho. Alterou-se a orthographia do orginal para facilitar a leitura.

Carta do Visorei D. João de Castro aos Vereadores, Juizes da cidade de Goa.

1547. 15 *de Novembro.*

Quarta feria que foram vinte seis dias do mez d'outubro parti da fortaleza de Baçaim, caminho de Diu, e fui surgi na ilha das Vaccas. O numero da minha armada eram sessenta fustas, doze náus e galeões onde podiam ir mil e quinhentos soldados; e porque me era necessario ir tomar a ilha dos Mortos para ahi fazer aguada e para ahi recolher todos os navios, que no atravessar do golphão de necessidade se haviam de apartar de mim como acontecen, determinei de approveitar o tempo, que nesta ilha havia de estar, com fazer guerra pela costa de Cambaia; pelo que logo da ilha das Vaccas mandei D. Manuel de Lima com vinte fustas por capitão mór á enseada pera queimar e assollar toda a costa do mar. O qual por seus merecimentos lhe deu Nosso Senhor tal ventura, que em breve tempo abrazou dezesete leguas de costa, sem lhe ficar cidade, villa nem logar, que não fosse queimada até os cimentos; nos quaes toda a gente foi mettida á espada sem perdoar a nenhuma cousa viva, e depois d'isto assi fazer se metteu pola terra adentro, queimando-lhe as sementeiras, pondo fogo a todas as eiras, de madeira que receberam grandissima perda nos rios e portos d'onde entrou, nos quaes queimou vinte náus grandes e cento e vinte cotias; que levavam mantimento ao arraial dos mouros.

Isto assim feito veio ter comigo á ilha dos Mortos, onde o estava esperando por me não parecer razão haver de entrar em tão duvidosa batalha sem um tal cavalleiro, e chegando com grande alvoroço de todos os capitães fidalgos e lascarins parti e fui surgir a vista da fortaleza de Diu, e ao outro dia fiz duas batalhas de minha armada: os navios de remo onde eu ia na dianteira e as náus e galeões um pouco atraz. Com esta ordem caminhei e vim surgir de fóra da barra de Diu, onde d'armada que cá estava e o baluarte do mar fui mui bem recebido com muitas festas e grandes alegrias, e me salvaram com toda a artilheria e eu depois a elles, e tanto que surgi mandei ao capitão que tirasse as portas da fortaleza fóra e o fizesse a saber aos mouros. E porque o logar mais conveniente da minha desembarcação estava escuroe em muitas opiniões, por causa de todalas partes onde podia desembarcar estarem cercadas de muros baluartes, com outras muitas tranqueiras e defensas, de tantas maneiras que quasi excediam a industria humana, quiz com minha pessoa ver este segredo com Lourenço Pires, capitão mór d'armada do reino, e Gar-

cia de Sá, e Manoel de Sousa, Francisco da Cunha e Diogo Alvares Telles, e outras pessoas sufficientes, e com elles fui ver o baluarte de Diogo Lopes, sem embargo que nos defendessem a vista com muita artilheria; mas no fim o houve de fazer, como fiz muito á minha vontade, e com parecer de todos assentei de não desembarcar por alli, polos grandes inconvenientes que para isso havia, mas que fosse á fortaleza e que d'ahi saísse dar combate; e como isto tivesse assentado lancei fama na minha armada e dentro na fortaleza que havia de desembarcar pola banda do baluarte de Diogo Lopes, e pera fazer isto crer aos mouros mandei ao outro dia tres caravelas que os fossem combater, das quaes eram capitães Luiz d'Almeida, Antonio Leme e Francisco Fernandes, a que chamam morieale: os quaes ante manhã combateram este baluarte com tanto esforço, que foi muito para louvar, e crendo os mouros que esta obra era a fim de desembarcar por esta parte, trouxeram logo a maior parte da artilheria do campo e a assentaram sobre a desembarcação, fortificando-se com muita industria, trazendo para ahi grão numero de soldados. Em quanto se esta obra fazia mandei mui secretamente desembarcar toda a gente na fortaleza, e apartei cincoenta fustas desemmasteadas como que eu havia de ir ao outro dia desembarcar n'ellas polo logar que as caravelas combatiam. E n'estas fustas não levavam outra gente senão marinheiros, puz muitas trombetas e atabales e charamelas, pera quando ouvissem a diversidade dos instrumentos désse fé de minha (armada) para ir dentro.

E por Nicolau Gonçalves ser homem muito esperto e cavalleiro muito practico nas cousas do mar, o fiz capitão mór d'esta fustalha, e concertei com elle que ao tempo que lhe lançasse sete foguetes da fortaleza remettesse á praia e disparasse toda a artilheria das fustas, e que fazendo que queria desembarcar, se detivese algum espaço, porque d'esta maneira primeiro que os mouros reconhecessem o ardil teria tempo de passar as suas muralhas e dar-lhe batalha. Isto assim concertado me desembarquei duas ou tres horas da noite, e ordenei de toda a gente duas batalhas s. s. o capitão D. João Mascarenhas com toda a gente da fortaleza fosse uma na dianteira, e eu com a gente d'armada na outra. E em sendo a manhã clara saímos fóra da fortaleza com nossos esquadrões cerrados, e os mouros nos resistiram á saída muito fortemente, tirando muita artilheria que estava assentada na entrada da ponte, e disparando em nós toda a sua arcabuzaria, com a qual nos mataram muita gente que poz logo grande espanto aos nossos, mas podendo mais a furia portugueza que as armas dos inimigos, houveram de passar a diante, posto que por cima de mortos: D. João Mascarenhas, capitão da fortaleza, com seu esquadrão chegou por uma banda ao pé das muralhas; com seu grande esforço e dos fidalgos e lascarins que comsigo levava as houve de subir, sem embargo d'ellas serem valentemente defendidas com grande numero de frechas, espingardas, bombas de fogo e panellas de polvora, e outros muitos e grandes artificios de guerra; e passando além começou a pelejar. Eu cheguei por outra parte com minha batalha ao pé das muralhas, e as subi posto que com grande damno e perigo dos que comigo iam; passando a outra banda comecei a batalha. O numero dos mouros seriam vinte mil homens s. rumes, abexins, arabios, rubustos; porque a outra gente era infinita que se não podia contar. E os mouros posto que receassem pelejaram valentemente por espaço de duas horas; mas Nosso Senhor, que era por nós, lembrando-se que pelejavamos por sua fé e defensão de sua christandade, aprouve a sua misericordia de nos dar inteira victoria. Com a qual os arrancámos do campo e fomos apoz elles até a cidade e n'ella os entrámos por força d'armas, e por mais resistencia que nos fizeram lh'a ganhámos toda, pondo-os em fugida; e seguimos apoz elles o alcance espaço de meia legua: e creio que se fôra pola vontade dos fidalgos e lascarins que não pararam menos do Madabá. Mas vendo eu minha gente cansada e o grande numero de mouros, os fui recolher e trazer pera a cidade. Fallarmos particularmente em cada capitão, fidalgos, e lascarins, seria nunca acabar polas muitas cavallarias e sortes, que todos fizeram n'esta batalha; morreriam homens portugues obra de trinta, em que entraram a maior parte fidalgos e muito honrados, e ficaram feridos duzentos e cincoenta. E dos mouros morreriam passante de tres mil, e com elles o Rumecão capitão geral d'elrei de Cambaia, e outros notaveis homens, e foi captivo Juzarquão, capitão geral dos abexins, que é um dos principaes senhores do reino de Cambaia. E Mojatecão fugiu a unha de cavallo. Tomei mais a bandeira real d'elrei de Cambaia e quarenta peças d'artilheria, s. basiliscos, liones, esperas, salvages, e alguns tiros de campo, e assim todas as munições de seu arraial. N'esta batalha me ajudou muito Lourenço Pires, capitão mór da armada do reino, pondo-se diante de mim a todalas affrontas, como se esperava de tão nobre e principal fidalgo e tão experimentado em batalhas de mouros: o capitão D. João Mascarenhas fez tanto e pelejou tanto, que se não póde louvar seu esforço e cavallaria tão famosa. Tal victoria como esta que me Nosso Senhor deu, digna de ser celebrada em quanto durar a memoria dos homens, eu vos posso affirmar que se não podéra alcançar sem graça e ajuda divina, que endereça minhas cousas de maneira, que por ter confiança em Deus, que fôra da opinião e esperança de se poder acabar tamanho feito me deu vencimento e inteira vingança da morte de meu filho.

Por Simão Alvares cidadão d'essa cidade vos mando a bandeira real d'elrei de Cambaia, para que todos façaes uma solemne procissão e vades a Nossa Senhora da Luz, na qual levareis a bandeira alevantada e estendida para que os mouros e gentios vejam as mercês e victorias que nos Nosso Senhor dá, por sermos christãos e pelejarmos em defensão de sua sancta fé catholica.

Dos casados e moradores fui mui ajudado assim no mar como na terra, os quaes se mostraram n'esta batalha grandes, e notaveis cavalleiros: todos me teem tão bem ajudado e servido a elrei nosso senhor que são merecedores de mui grandes premios.

Havida esta victoria mandei que todos os mestiços que se n'ella acharam fossem assentados em soldo e mantimento, por honra d'este grande feito como por me parecer que n'isto comprazia a todos os cidadãos, e povo d'essa mui nobre e sempre leal cidade de Goa. A Simão Alvares vos encommendo muito pera que de todos seja mui honrado e bem recebido, porque a sua vinda a esta fortaleza foi muita parte depois de Deus ás vidas de muitos fidalgos e lascarins os quaes elle curou como grande physico que é, dando geralmente todas las suas merinhas de graça, fazendo outras muitas boas obras d'esforço, de maneira que com verdade se póde dizer por elle doutor e cavalleiro.

As novas de mim são ficar em boa disposição. Nosso Senhor seja louvado, e em trabalho de fazer esta fortaleza de novo, pera que me faltam muitas cousas; mas se me Deus ajudar os montes se tornarão valles, e os barrancos estradas chãs.

Encommendo-me senhores em vossas mercês. De Diu a 15 de novembro de 1547.

S. BOAVENTURA — QUADRO DE MURILLO.

Este quadro é reputado uma das obras primas do fecundo pintor hespanhol Murillo: representa S. Boaventura na occasião em que, segundo as lendas, resuscitou depois de haver sido enterrado, e veio acabar os seus livros de commentarios que deixára incompletos. — O barão Taylor, a quem a França deve grande numero de preciosidades artisticas, trouxe de Sevilha a París esta bella pintura.

Estevam Murillo foi natural de Sevilha e nasceu no 1.º de janeiro de 1618: seus pais eram pobres; mas teve a fortuna de que um dos seus parentes era artista, Juan del Castillo, o qual lhe deu as primeiras lições da arte, com que medrou o talento do alumno de sorte que pouco depois mereceu ser admittido discipulo do famoso Velasquez, que figura á frente da eschola hespanhola. — Murillo foi extremamente applicado, amante da vida tranquilla e domestica, por forma que a maior parte da sua vida passou em Sevilha, sua patria, fugindo o mais possivel de frequentar Madrid e a côrte, para onde o chamava a nomeada dos seus talentos. Foi um grande pintor sem ver a Italia, e pintou infinito: as suas composições revelam a brandura do seu caracter; algumas são de subido merecimento. Na sé de Sevilha ha um quadro seu, que representa o extase de um sancto, que é a tela de maiores dimensões e uma das mais acabadas obras que saíu das suas mãos: o duque de Wellington, querendo adquiri-lo para a galeria de Londres, offereceu por elle tantas onças de ouro da moeda hespanhola quantas fossem necessarias para cobrir a superficie do quadro, o que devia montar a uma quantia por extremo avultada: assim mesmo o cabido sevilhano rejeitou dignamente a proposta da venda. Murillo fundou uma academia de pintura na sua cidade natalicia, onde morreu d'enfermidade no anno de 1660.

S. Boaventura foi natural da Toscana, e nasceu em 1221; entrando na ordem franciscana chegou a ser geral. Por sua muita piedade, distinctos estudos, e serviços á igreja, Gregorio X em 1273 o nomeou bispo de Albano, e o fez cardeal. O seu transito foi em 1274 em Lyão de França. Sixto IV o canonisou em 1482: Sixto V o proclamou doutor da igreja. É conhecido pela antonomasia de doutor seraphico. As suas obras importantes são os Commentarios á Sagrada Escriptura, e o Mestre das Sentenças.

Historia dos telegraphos.

(Continuado de pag. 61.)

Só na epocha de Philippe pai de Perseu (seculo III), começou a fazer progressos entre os gregos a arte telegraphica, porque aquelle principe servin-se muito de signaes nas suas guerras. Polybio dá no seu livro 9.º muitas informações a este respeito, e nota com razão que é facil prevenir alguem de um acontecimento esperado por meio de signaes convencionados. Porém, annunciar a realisação de successos imprevistos, de uma rebellião repentina, não póde fazer se sem crear processos proprios para indicar as circumstancias que menos se podem conjecturar. Eneas, auctor de escriptos sobre a arte militar, e contemporaneo de Alexandre, tinha alvitrado o estabelecimento de postos a certos intervallos: os *estacionarios* deviam estar munidos cada um com dois vasos identicamente semelhantes em largura ($4\frac{1}{2}$ pés) e em profundidade (pé e meio), cheios d'agua e com torneira: sobre um pau, que atravessava um pedaço de cortiça boiante n'agua, escrevia-se a novidade que se queria communicar. Dispostos estes vasos por esta maneira, a primeira vigia levanta um pharol (*), a immediata levanta outro semelhantemente; assim advertidas de que estão álerta, as duas vigias abaixam os pharoes e abrem as torneiras: a cortiça desce á medida que o nivel d'agua se abaixa, o páu pregado na cortiça abaixa-se tambem; e quando a phrase que se quer annunciar, e que está escripta no páu, tem chegado ao nivel do vaso, para mostrar que está completa, a primeira vigia alça de novo o pharol, do mesmo modo a segunda, e fecham-se as torneiras; assim por diante em toda a linha. — Este methodo era engenhoso; mas era preciso que tudo o que podesse acontecer fosse inscripto no bordão indicador: ora, muitas vezes não poderia isto ser, e a novidade sairía incompleta. Para obviar a este inconveniente imaginou-se pouco depois um novo processo: — tomaram-se as vinte e quatro lettras do alphabeto, divididas em cinco columnas. Por este methodo o que dá o signal iça dois pharoes; a vigia immediata levanta dois tambem para mostrar que está prompta: então a primeira vigia levanta o numero de pharoes estipulado á esquerda para indicar a columna a que pertence a lettra que vai designar, e outros tantos á direita para indicar essa letra; por este systema um pharol á esquerda e dois á direita indicam a letra B. Este methodo é um tanto mais demorado, porém mais seguro.

Entre os romanos foi a telegraphia empregada muito mais tarde. Devia ser Polybio, commensal de Scipião o magno, quem a vulgarisou em Roma: comtudo parece que Cesar (liv. 2.º de Bell. Gall.) fôra o primeiro do povo conquistador que se serviu de signaes de fogo para conhecer dos movimentos dos inimigos; e pelo emprego d'estes meios se poderá talvez explicar a rapidez e certeza das suas operações militares. Os gallos tambem tinham noticia de alguns signaes; por isso, quando os carnutos tomaram Orléans, espalhou-se a novidade por todas as Gallias « porque (diz o proprio Cesar liv. 7.º) quando acontece alguma cousa importante e de interesse, os gallos advertem-se reciprocamente por clamores que transmittem atravez dos campos, e que são repetidos de perto em perto; de sorte que o successo de Orléans, passado ao nascer do sol, soube se na Alvernia antes das nove da tarde, não obstante a distancia de oitenta leguas. » — Em epocha posterior os romanos abriram em todo o imperio admiraveis estradas, e de distancia a distancia erigiram torres, em que postaram sentinellas para passarem os signaes: ainda se divisam em Uzés, Belle-Garde, Arles, Nimes, Besançon, etc., torres que deviam ter servido para aquellas participações telegraphicas: a columna Trajana appresenta nos seus portentosos baixos relevos uma torrinha, de uma fresta da qual sáe um facho; o que nos dá a entender a maneira por que eram feitos aquelles signaes.

Taes são as informações de mais vulto que n'esta materia nos fornece a antiguidade. Na idade media, esse methodo rapido de communicações foi usado em Constantinopola, onde geralmente se conservaram os conhecimentos antigos durante aquelle longo periodo. Para terem aviso da chegada dos arabes, os imperadores gregos haviam estabelecido uma linha de signaes de Tarso a Bysancio. — Os arabes das Hespanhas, e tambem os hespanhoes, serviram se igualmente do fogo, de bandeiras, e de tiros, á maneira de signaes. Por fim, no seculo XV, um monge chamado Trithemio publicou um systema de telegraphia (*stenographia trithemiana*) para fazer chegar as noticias a qualquer distancia: porém, excepto algumas noções incompletas, não é conhecido o meio proposto por Trithemio. Apesar de todos os esforços não poude a antiguidade conseguir um systema telegraphico completo.

No seculo XVII, um francez, Amontons, membro da Academia das Sciencias, approveitando os trabalhos dos antigos, e os descobrimentos dos modernos em optica, propoz um methodo novo de communicações. Com effeito, para escrever de longe é preciso que se veja de muito longe; e os progressos modernos são devidos á applicação dos telescopios á telegraphia; o que permittiu poderem ser diminuidos os postos para os signaes. Restava ainda vencer uma difficuldade: — deveriam empregar se os signaes alphabeticos para compôr as palavras e phrases?.. A esse methodo demorado e difficil substituiu-se outro inteiramente novo: recorreu-se aos numeros. Reduzidos d'esta fórma os signaes a pequena quantidade, practicados por machinas mui simplices, e vistos pelo telescopio, constituiu se a telegraphia moderna.

Seria difficil de comprehender por que razão a ideia de Amontons, posto que imperfeita, não foi logo ensaiada para se aperfeiçoar, como fez Chappe, se porventura não fosse cousa sabida que os povos não se servem senão dos objectos de que carecem. Os governos europeus dos seculos XVII e XVIII não experimentavam a necessidade das communicações instantaneas; e o pensamento de Amontons foi gabado e admirado, mas como pura curiosidade. Coube á revolução franceza, que incutio no mundo tão prodigioso movimento, e que proclamou a forte alliança dos povos, o pôr em exercicio os primeiros telegraphos. — Tinha Chappe (como já dissemos) appresentado á Assemblea legislativa a sua machina; no anno seguinte, 4 d'abril de 1793 (vid. Monitor pag. 417), Romme, por parte das duas commissões reunidas da instrucção publica e da guerra, leu o relatorio sobre aquelle descobrimento. «Em todos os tempos (disse) foi reconhecida a necessidade de um meio rapido e seguro de correspondencia a largas distancias. Sobretudo nas guerras, quer por mar quer por terra, importa dar a saber instantaneamente os numerosos acontecimentos successivos, transmittir ordens, annunciar os soccorros a uma praça ou a um corpo que ataccassem etc.

(1) *Pharol* vem da palavra grega *pharos*, que exprime tanto a torre onde se accendiam fachos, como estes mesmos, ou grandes lanternas e lampeões para signaes; e tanta era a practica d'estes entre os gregos antigos, que no seu bello idioma achamos muitas palavras para os exprimir e os logares e modos onde e como eram feitos. Além d'essas, *symbola* significava os signaes transmittidos pelo som, e *syntemata* os signaes invisiveis.

A historia conserva memorias de muitos methodos concebidos n'esta intenção; porém a maior parte foram abandonados por incompletos e de practica difficultosa» Passando depois á appreciação do systema de Chappe disse o orador-.. «que offerecia um meio engenhoso de escrever no ar, desenvolvendo caracteres pouco numerosos, simplices como a linha recta de que se compoem, entre si mui distinctos, de execução veloz, e sensivel a grandes distancias.» O relator observa mais que, não tendo conhecimento do valor dos signaes os agentes intermediarios, não podem ser violados os segredos. — A convenção votou a quantia de seis mil francos para se estabelecer uma linha de correspondencia d'extensão tal que permittisse obter resultados concludentes. — Em 26 de julho de 1793 (Monitor pag. 894) Lakanal, em nome da commissão, deu conta das experiencias feitas segundo o methodo tachigraphico proposto pelo cidadão Chappe. No relatorio descreve o machinismo com individuação; declara que tiveram logar as experiencias a 12 de julho n'uma linha de nove leguas; que o segredo das participações não era sabido dos homens dos postos; e que a transmissão de um aviso de París a Valenciennes (*) poderia effectuar-se em treze minutos e 40 segundos; que o preço necessario para collocar uma linha telegraphica entre as duas cidades seria de 58000 francos. A assemblea approvou e decretou unanimemente a proposta da commissão, isto é, o estabelecimento da sobredita linha, e concedeu a Chappe o titulo de engenheiro telegraphico, com o vencimento de tenente d'engenheiros. A Convenção se apressara a lançar mão d'este meio extraordinario de communicação: os seus inimigos, que não estavam preparados, a cada instante se deviam achar embaraçados; porque a actividade infatigavel d'esta assemblea apparecia em toda a parte, tinha modo de saber tudo e de fazer constar tudo com a rapidez da sua voz energica. — Algum tempo depois da adopção da proposta, o presidente, na abertura da sessão, participou á assemblea que o telegrapho annunciára a tomada de Condé. A Convenção resolveu que o exercito do norte era benemerito da patria, e que a cidade de Condé ficasse d'ahi ávante com o nome de Norte-Livre. Passados alguns minutos o presidente declarou que o decreto havia chegado a Condé, que se imprimia, e que o exercito applaudia a resolução da assemblea; esta, comprehendendo todos os vantajosos resultados que se podiam colher da invenção telegraphica, decretou a formação de muitas linhas para ligar as fronteiras, e todas as partes da França, a París, afim de por este modo presidir aos exercitos quasi pessoalmente, e concentrar a acção peculiar dos departamentos no centro geral do estado, em virtude da presteza das communicações. Napoleão, nas suas immensas campanhas, tambem tirou grandissimo proveito do telegrapho, sobretudo na de 1805, a respeito do que se podem consultar os escriptos do general Jomini. Tinha feito estabelecer uma linha de Munich a Strasburgo; e quando os austriacos, julgando-o entretido com o meditado desembarque na Inglaterra, avançaram sobre o Rheno, sem esperar os seus alliados russianos, Napoleão, informado dos primeiros movimentos, partiu pela posta, acompanhado logo de uma parte das suas tropas, seguindo-o a outra a marchas forçadas, e por meio de manobras admiraveis, tomando pela retaguarda os austriacos em Ulm, constrangeu 40000 homens encerrados n'uma praça forte a depôr as armas sem disparar um tiro.

(*Continua.*)

(1) Antiga capital do Hainaut francez, a 55 leguas franc. distante de Paris, no departamento do Norte.

O Feitor de Cantão.

Novella.

O immenso imperio da China, que comprehende 688000 leguas quadradas (isto é a terça parte da Asia) e 350 milhões d'habitantes, por um só ponto está aberto ao commercio da Europa, e mesmo assim com restricções que até o novo tractado, a que a Inglaterra o obrigou, pouco poude modificar. Ainda hoje é o Tigre o unico rio do celeste imperio aberto á navegação dos *barbaros* europeus; mas uma frota, que está sempre na foz, vigia os navios que por elle acima vão ter a Cantão. Compoem-se de juncos de guerra cujos mastros, curtos e massiços, todos carregados de bandeirolas de côres, teem nos topes o pavilhão amarello com o dragão imperial (*) Estes navios que não passam de grandes chalopas mal construidas, rebeldes á manobra, por terem as pôpas elevadas cousa de trinta palmos acima d'agua, raras vezes se aventuram a sair ao mar. Toda a sua artilheria consiste n'algumas peças pintadas de vermelho, assentadas no meio da tolda.

Além d'isto ha pelas duas margens do rio fortes onriçados de mastareus, no alto dos quaes fluctuam bandeiras de todas as côres. Quando alguma embarcação quer subir pelo rio sem licença deitam-se foguetes em todos estes fortes para dar aviso, penduram-se lanternas nas canhoneiras, e os artilheiros chins começam um fogo lento, desigual, e quasi sempre inutil.

A' entrada do Tigre se acha a ilha de Lin-tin, onde os navios inglezes trazem o opio, cuja introducção é prohibida em toda a China com pena de morte. Ahi o vem buscar as pequenas barcas de contrabandistas, armadas de quarenta remos, que o espalham depois por toda a parte. De seis em seis mezes um mandarim imperial desce pelo rio, n'um junco envernisado e dourado, que se conhece de longe pelos dois parasóes que traz na tolda, para verificar se as leis se cumprem; porém, como os negociantes inglezes costumam compra-lo, manda sempre annunciar em segredo a sua vinda, e d'este modo quando chega a Lin-tin nunca encontra navios, nem contrabandistas, nem opio.

Mais acima, no Tigre, ha um porto chamado *wampoa* onde os navios surgem para carregarem de chá, algodão, seda, assucar, vermelhão, cochenilha, camphora, porcelana, almiscar e tartaruga. Divide-se aqui o rio em dois braços, cujas margens estão cheias de barcas velhas encalhadas, com seus toldos feitos de bambus entrançados, as quaes servem de cabanas.

Os dois braços do Tigre reunem-se em Cantão, que é uma cidade de perto de tresentas mil almas, defendida por muralhas de cinco leguas de circuito, edificada em parte á beira do rio sobre estacas, e que se compoem na realidade de tres cidades distinctas: a primeira assentada ao longo do Tigre comprehende mais de mil *champans*, que servem ao mesmo tempo de barcas de passagem e de habitações; a segunda cidade abrange as feitorias europeas e americanas; finalmente a terceira, separada d'esta por muralhas, e por uma porta por onde aos europeus não é permittido passar, fórma a verdadeira cidade china.

Ao pé d'esta mesma porta, mas do lado em que móra a gente da Europa, é que escolhemos o logar da nossa scena para a introducção d'esta historia.

Dois homens seguidos de criados, que lhes vinham fazendo sombra com amplos parasóes, se encaminhavam para a banda do rio, de vagar e conversando.

(1) O amarello é cor exclusiva do imperador e da sua familia.

O vestuario do mais idoso era uma sotaina de seda lavrada, calças largas de tafetá, e barrete acolchoado debaixo do qual saía um longo rabicho entrançado que lhe chegava ás curvas das pernas. Ainda quando a sua têz côr de limão, a pequenez dos olhos, o pintado das sobrancelhas, e a barbinha curta e bicuda, deixassem a mais pequena duvida a respeito da sua raça os signaes de avareza, de velhacaria, e de pusillanimidade, espalhados por todo elle, bastariam para dar a conhecer que era chim. Ao seu companheiro, pelo contrario, que vestia de nankim, mas á europea, lia-se-lhe no rosto o desembaraço, franqueza, e audacia, filhas do habito de mandar e da natural valentia. Ambos conversavam em voz baixa e na lingua china.

—«Torno a repetir, You-hi, dizia o europeu, que a companhia americana não póde soffrer taes ladroeiras; os direitos que lhe chupa o vosso hou-pou (1), em dois annos, dão com ella em terra. Acha pouco metter a bordo dos nossos navios guardas d'alfandega que furtam até as cordas; e no inventario da carga triplica o numero das varas das peças de panno, repete a contagem das caixas de ferragens, e vale-se de quantas manhas póde para augmentar os direitos. Ainda ha pouco, verbi gratia, não poz a alcunha de espelhos a uns vidros lisos de Bohemia, e de agathas a pederneiras d'espingarda? É muito abusar. You-hi, sabei que isto não dura.»

O china fez um gesto de afflicção.

—«Ah! que posso eu fazer? disse elle; o hou-pou é um homem avarento; a companhia fez mal em lhe apresentar a mão meia aberta quando era preciso abri-la toda.»

—«Pelo céu! bradou o feitor americano, não temos nós feito bastantes sacrificios? não tem recebido o vosso director da alfandega em pannos, em aço, em vinhos de França, em obras de ourives, para cima de cinco mil dollars? Não podemos dar mais, e a vós, You-hi, compete desenganar o hou-pou.»

You-hi quiz escusar-se.

—«Por força, replicou o americano com firmeza. O imperador, quando concedeu o privilegio exclusivo do commercio estrangeiro aos doze negociantes que formam isso a que chamais *Kong-han*, quiz que elles servissem de medianeiros obrigados e de procuradores dos *barbaros*. Quando chega algum navio nosso sois vós que lhe forneceis os mantimentos, que pagais os direitos da carga, que tirais o *chop* da saída (2). N'uma palavra, sois os nossos mandatarios, tendes obrigação de sollicitar que nos façam justiça.

—«Mas por que meio se ha de alcançar, mister Effendon? disse You-hi, com vozes maguadas. Não sabeis que os desgraçados *hanistas* (3) são o malhadeiro onde vem bater todos os pontapés, que não se atrevem a dar em vós outros por serdes estrangeiros? Mettidos entre os nossos superiores e os europeus, como o ferro entre o martello e a bigorna, aparamos toda a pancadaria sem lhe podermos fugir com o corpo.»

—«Pela minha alma! Isso compete-vos, You-hi, replicou Effendon; sois tão experto no negocio que haveis de achar remedio para amansar o hou-pou. A companhia, que vos enriquece, tem jus a que lhe retribuais com uma protecção real; tractai de lh'a dar, quando não vae a cousa por mal, e deitam-se no Tigre ahi uns doze guardas da alfandega.»

—«Que dizeis! exclamou o china, cujos olhinhos exprimiam terror; mister Effendon diz o que não sente?»

—«Pelo contrario, estou persuadido que era uma lição util e capaz de fazer os empregados mais imparciaes.»

—«E eu, mister Effendon, interrompeu o china sobresaltado; já vos não lembra que por ser *hanista* respondo por tudo que fizerem as vossas tripulações? Se negam o pagamento d'um direito pago-o eu; se fazem alguma desordem o mandarim mette-me na cadeia; se afogarem os guardas a mim é que me cortam a cabeça!»

—Bem sei, retorquiu o americano, sorrindo sem mostrar abalo; e por isso assentei que vos devia avisar antes de ir ás do cabo. Ide ter com o director da alfandega, fazei o ajuste; abri a mão, como dizieis ha pouco, e deixai caír na bocca d'aquelle tubarão um pouco do ouro que tendes ganho com a companhia. É preciso saber fazer um sacrificio a tempo.»

You-hi suspirou, sem dizer palavra; conhecia o genio inflexivel de Effendon. Seguiu-se uma grande pausa, durante a qual chegaram ambos á frontaria do palacio do hou-pou, facil de differençar pelas cabeças de dragão, que lhe ornavam a portada, por cima das quaes estavam pendurados grilhões e chicotes, symbolos do direito de julgar.

—«Estais á porta, disse Effendon ao china, apontando para o palacio; advogai bem a vossa causa: haveis de vence-la se quizerdes: com a vontade abalam-se montanhas.»

—«Sim, é o vosso estribilho; porém nós temos um proverbio que diz que o mais habil lettrado não póde obrigar a aranha a fiar seda! Todavia eu hei de me empenhar, e sabereis a resposta do hou-pou esta tarde vindo jantar á minha casa de verão... penso que recebestes o meu convite.»

—«Em papel vermelho, escripto com tincta de ouro! Lá vou sem falta.»

O china fez-lhe com a mão um signal de despedida, e separaram-se.

Effendon costumava cumprir o que dizia, e You-hi julgava-o capaz de pôr em practica, ao menos em parte, a ameaça que lhe fizera, sem lhe importarem as consequencias nem os trabalhos em que podia metter o hanista ou metter-se a si. Havia quasi dez annos que elle dirigia a feitoria da sua companhia, e sabia por experiencia que o meio mais seguro de obter justiça era faze-la por suas proprias mãos, e que da violencia resultavam menores perigos que do longo soffrimento. Não se podendo resolver a entranharse, como os chins, no labyrintho de trapaças e mentiras em que elles gyram tanto por inclinação como por interesse, tinha-se costumado a caminhar direito pelo meio de todas as suas alicantinas, exigindo reparação de cada offensa, e tomando-a por suas mãos quando lh'a negavam. Esta especie de inteireza rigida e audaz tinha feito por fim que o *Kong-hang* lhe cobrasse medo, assim como os empregados imperiaes, auctorisados para commetterem injustiças e latrocinios, mas não para provocarem um rompimento completo. (*Continúo*)

(1) Director das alfandegas.
(2) Licença.
(3) Membros do Kong-han.

Guarda escocez dos reis de França.

Carlos VII, que reinou em França desde 1422 a 1461, e que pelas vicissitudes das armas esteve muitas vezes a ponto de perder a liberdade e a corôa, foi o primeiro que fez organisar uma companhia de guardas escocezes para a pessoa do rei, quer na paz quer na guerra, em commemoração dos serviços que recebêra, em sua varia fortuna, das tropas d'aquella nação: denominou-a dos bésteiros do rei, porque eram armados de arcos e frechas. — Luiz XI engrossou consideravelmente esta companhia, e lhe concedeu pri-

vilegios honrosos e boa paga, não se poupando aos meios de grangear a affeição d'aquelles valentes estrangeiros, que no dilatado periodo da duração d'esta guarda sempre na verdade se distinguiram por desempenho exacto das suas obrigações e escrupulosa fidelidade. Luiz XI, astuto, cruel e dissimulado, só nos escocezes punha inteira confiança, e costumava dizer que a companhia escoceza tinha nas suas mãos a sorte da França, porque elle lhe havia confiado a sua real pessoa.—N'esta companhia fez Walter Scott entrar o heroe de uma das suas melhores novellas — Quintino Durward — e ahi se acham entrezachadas com os incidentes da narração muitas particularidades que pintam bem a indole e serviço do corpo escocez, como pode ver se na traducção feita do original inglez pelo Sr Ramalho, publicada em 4 vol. em 1838, e impressa na antiga typographia do nosso jornal.

Esta guarda continuou nos subsequentes reinados, porém gradualmente se foi compondo de francezes a datar do reinado de Henrique 4.º; de fórma que em tempo de Luiz XIV a companhia só era escoceza de nome; officiaes e simples praças eram todos francezes. Então a companhia constava de cem cavalheiros ou guardas, dos quaes só vinte e cinco recebiam soldo; formava na frente das outras tres companhias da guarda; na igreja postava-se no choro; recebia as chaves da casa real; e no prestito funebre dos monarchas competia-lhe levar o corpo do rei defuncto para o jazigo de S. Dyonisio. Em summa, gozava na côrte de muitos privilegios, que seria longo enumerar. — A estampa representa um guarda escocez, em tempo de Luiz XV, com o fardamento dos dias solemnes, que na primitiva creação do corpo, no reinado de Luiz XI, e ainda muito tempo depois, era inteiramente differente, trajando os guardas á sua moda nacional, e trazendo sempre por distinctivo a gorra escoceza.

GUARDA ESCOCEZ DOS REIS DE FRANÇA.

Cartas ineditas de D. João de Castro.

Carta do Vizorei D. João de Castro aos vereadores, juizes, povo de Chaul.

Bem creio que a todos vos será notorio quanta justiça tenho feito a christãos, mouros e gentios, depois que sou n'esta terra; e assim quão inteiramente tenho guardado as pazes e cumprido os contractos que os governadores passados fizeram com os reis e grandes senhores da India, em nome d'elrei de Portugal meu senhor, e quantas amizades todos tem achado em mim, deixando navegar suas náus seguramente pera todalas partes, e trazendo armados n'esta costa contra corsarios, que molestavam os seus mares e portos, e roubavam os mercadores, que de um logar para outro trasfegavam em proveito de suas republicas. Dos quaes beneficios mais que todos gozavam os guzarates e seu rei. Ora estando eu seguro e descançado na amisade antiga dos guzarates, por estas e outras muitas boas obras, e assim mesmo o seu capitão Coje Çofar, polas muitas amisades que cada dia de mim recebia, agora como todos sabeis quebrantando a fé e contractos de pazes, que com elrei nosso senhor tinham feito, jurado, e promettido, como desleaes e fementidos vieram a pôr cerco sobre a fortaleza de Diu.

E posto que eu tenha muita experiencia da lealdade mui antiga dos portuguezes, e grande confiança em suas forças e valentia, e no vivo e natural amor que todos geralmente teem a seu rei; e que a fortaleza de Diu esteja tão forte, assim por sitio natural e industria dos homens, e que dentro esteja tal capitão, fidalgos, e lascarins, que seguramente possa estar descançado, com ajuda de Nosso Senhor, de poder acontecer desastre; todavia como pae que sou de todos, e desejoso sobre todalas cousas de suas vidas, honras, e proveitos, dão-me grande cuidado os seus trabalhos, em quanto eu pessoalmente os não posso ir soccorrer, e vingar, das traições dos guzarates. Por tanto determinei de vos fazer a saber meu proposito, e aperceber pera a empreza que ora quero tomar de Cambaia.

Eu tenho mandado recolher talacas, fustas, e catures, que se acharem em toda a costa da India, e faço huma armada, n'esta cidade de Goa, de cem fustas e catures, na qual irá por capitão mór D. Alvaro meu filho.

E eu quero-me ir assentar no logar de Baçaim, com trezentos de cavallo, pera ir por terra, e elle por mar irmos destruindo essa costa; e espero em Nosso Senhor de amostrar as armas dos portuguezes ao proprio rei de Cambaia, pera se acabar de certificar quamanha differença a de nós aos mogores e patanes, rumes, e toda a outra nação do universo; e dar escala franca assim aos do mar como aos de terra. E porque eu não saberia entrar em semelhantes emprezas sem vossa ajuda e conselho, vos peço a todos em geral e a cada um em especial muito por mercê, que queirais estar prestes com vossas armas e cavallos, pera com minha pessoa em companhia do vosso capitão passardes a Baçaim, e serdes presentes a esta guerra, a qual assim por ella ser justa, e feita por taes cavalleiros, tenho por certo alcançarmos grandes e gloriosos triumphos, e verdadeiramente que todalas vezes que me lembra como levo a esta guerra tanto nobre cavalleiro de Goa, acostumados sempre a vencer, e como os lascarins derramados pela India se vem todos para mim, com grande e notavel alvoroço de trilharem e passearem as terras de Cambaia, e como vos hei de achar, oh cidadãos de Chaul, ao meu lado com vossas armas fortes, e corações grandes e fortes, que assim entro a fazer esta guerra como a mui-

to certa e averiguada victoria, ouso de vos pedir isto com tão pequenas palavras, porque sei que pera as cousas semelhantes, e de tanto serviço d'elrei nosso senhor, nunca houvestes mister esporas; e sendo estas obras tão de vossas proprias naturezas, e exercitando-as em tempo de governadores da vossa mui nobre cidade pouco amigos e favoraveis, que se poderá esperar agora que militais debaixo de minha disciplina, que sempre vos fui tanto amigo e companheiro, assim no tempo que n'estas partes se serviu elrei nosso senhor de mim de soldado, como agora que por sua grande e real clemencia, e muita virtude, me entregou a governança d'estas partes da India, e me fez capitão geral de toda ella.

Eu fico tão confiado em me todos ajudardes a fazer esta guerra aos guzarates, que me parece ver-vos já correr os seus campos, e entrardes suas cidades, e saqueardes suas terras, de maneira que pera todos seja exempro, pera que não ousem outra vez de tentar estas e outras semelhantes novidades. Nosso Senhor vos tenha a todos na sua guarda, e nos ajunte e conserve n'este proposito. Escripta em Goa a 3 de maio de 1546.

Resposta dos vereadores de Chaul a D. João de Castro, visorei da India.

§ Notorio é a christãos, mouros e gentios, que a maior mercê que nos Deus e elrei nosso senhor fez, foi a vinda de V. S. a estas partes; e bem se póde crêr que n'elle anteveio influencia divina em S. A., porque de quão arriscada e damnificada estava ao tempo de sua chegada, está agora no estado que deve; e isto pelo muito cuidado e vigilancia que elle tem, principalmente no auto militar, em que claramente mostra sua tenção ser segurar nossas pessoas, e familia, e o estado de S. A. E posto que este beneficio fosse commum a todos os que habitam n'estas partes da India, nós fomos os que em particular participámos mais d'elle, polas muitas aventajadas mercês e honras, que temos recebido de V. S. Polo que nunca desejamos outra cousa senão offerecer-se alguma, por que a experiencia manifestasse nossas vontades, com obras que mereçam tal beneficio, presuppondo sempre que nossas palavras até o presente haveria por verdade nua, que (não) é duvidosa.

Quiz Nosso Senhor chegar nos a tempo, que por uma sua carta dada pelo capitão em camara, soubemos d'esta jornada, que quer fazer contra estes guzarates e inimigos desagradecidos, dignos de sentirem a ira de V. S.; os quaes assim devem ser punidos como escravos que tomam as armas contra seus senhores, pois sendo a elles notorio quanto toda a outra nação de todas as tres partidas, de animo mais viril que elles, nos tem aquelle acatamento, e temor, que se nos deve; e como a vencidos e privados de forças lhes demos pazes e socego, mais movidos de clemencia que por outra necessidade, quizeram intentar esta malicia e rotura, não attentando que por elles se podia dizer que as cousas sanctas se deram aos cães, e as pedras preciosas a porcos.

Pelo que lida a carta, vendo a tenção e proposito de V. S. querer-se servir de nós n'este tempo, e dar-nos tamanha honra, que é a maior mercê que nunca recebemos, pelo desejo que já tinhamos e immenso amor interior, por isso sem mais silencio fallarão as boccas offerecendo-nos todos ao capitão, que tão bem no-la encommendou. V. S. nos tem aqui prestes com nossas pessoas, armas, cavallos, navios, e fazenda, por todo o tempo que quizer, e quando pera isso não supprirem as fazendas, nossas mulheres nos offerecem as joias, como fizeram as romanas dignas de grande louvor e memoria, no Capitolio; porque assim como Deus favoreceu e ajudou aos reis do Israel, e aos Machabeus que velavam, e a nós, manifestando suas maravilhosas obras nas muitas victorias, que até aqui nos deu a tão poucos, se não fieis ainda que peccadores contra tantos inimigos de sua sancta fé, que muito melhor o fará agora comnosco, levando estas duas cousas por nós, justa guerra, e grande esforço e magnanimidade de V. S. na guia. No qual temos por mui certo que fallecendo-nos as forças cobremos outras novas, vendo seu constante animo e proposito ser convertido em serviço de Deus; e prazerá a elle que não menos será temido n'esta passagem do que foi Annibal quando passou os Alpes, e por isto ser assim como e mesmo Annibal dizia em sua oração: as principaes armas seja concebermos ira contra estes inimigos, que nos querem desprezar, e teremos a victoria por mui certa. De maneira com que a congregação dos fieis em sua companhia, e esta nossa igreja militante venha alcançar a triumphante, e aquelle summo bem, e os inimigos se não atrevam a outras taes malicias. Pera isto tudo ratificar e concluir em poucas palavras, tornamos a dizer que estamos muito prestes, como leaes portuguezes, com os pés nas estribeiras, como se o já vissemos ir e muito alvoroçados, pera os seguirmos com as nossas pessoas, as quaes tivemos sempre e temos a seu serviço, por respeito de sua pessoa, á qual nunca recusaremos pôrmos as nossas, e as fazendas e filhos, pela muita obrigação em que somos a V. S. a que Nosso Senhor augmente os dias da vida e estado por muitos annos. Amen. Escripta em camara d'esta cidade de Chaul a 22 dias de maio. Francisco da Veiga escrivão a fez. Anno de 1546.

Superstições dos arabes antes de Mafoma.

Ainda agitava o Oriente a queda do imperio romano e do polytheismo, quando Mafoma n'elle veio fundar um novo imperio e uma religião nova. Se para firmar o direito dos homens á fama se devesse ter em conta o ponto d'onde partiram, as difficuldades das emprezas e dus successos mais prodigiosos, nenhum homem talvez se poderia comparar com Mafoma. Fóra das circumstancias favoraveis que muitas vezes preparam ou trazem os acontecimentos; só por só n'uma epocha de pleno socego na terra natal, em que os animos não appresentavam symptomas d'innovação, Mafoma, ou Mohamed, como lhe chamam os arabes, ousa de repente formar e levar ao cabo um projecto cujo pensamento bastára para amedrontar o mais atrevido novador; projecto que consistia em lançar por terra as instituições existentes, reformar os costumes nacionaes, destruir tudo, arrastar tudo apoz si, e apparecer a final nos olhos dos seus compatricios feito propheta, legislador, e rei.

Viviam os arabes na mais ridicula superstição, e n'uma absoluta corrupção de costumes; comtudo era crime capital atacar-lhes o culto, e censurar-lhes as leis e os usos, mesmo na parte mais insignificante. Nenhum réu de taes crimes escapava da severidade das penas, e nem os intrepidos apostolos do christianismo ousavam fazer neophytos na Meca; o que prova que n'esta epocha não era facil mudar as idéas religiosas. Mas quando uma intelligencia superior realisa um vasto plano, logo o vulgo, que raras veres mede os perigos das emprezas, e se limita a avalialos pelo resultado, julga esse plano facil de levar a effeito. Nada era mais difficil do que introduzir então mudanças na Arabia. Parecia reservado para Mafoma vencer todos os obstaculos, lançar por terra os idolos, desarraigar as superstições, promulgar no-

vas leis, prescrever novos costumes, e crear, para assim dizer, uma nação nova. Chegou ao mais a que podia chegar, porque dentro da sua propria patria conseguiu ser reconhecido e acatado como se fôra na verdade enviado do Eterno.

Mais para o diante esboçaremos a vida de Mafoma, e analysaremos o Koran: por em quanto resumiremos as fabulas que os orientaes recitam ácerca das personagens anteriores ao propheta. Parte d'estas fabulas se acham no Talmud e nos livros dos rabbinos. Dir-se-hia que á excepção do que os musulmanos tiraram da Biblia, se empenharam em reproduzir as circumstancias mais extravagantes e alheias da razão.

Os musulmanos reconhecem, como nós, anjos bons e anjos máus. Entre os bons distinguem os quatro archanjos, Gabriel, Miguel, Azrael, e Azrafel, aos quaes chamam os *approximados*, por estarem sempre estes anjos ao pé do throno de Deus, promptos para cumprir as suas ordens: Gabriel tem a seu cargo levar as mensagens celestes; Miguel preside aos elementos e em particular á chuva; Azrael recebe as almas dos homens, e por isso lhe chamam o anjo da morte; finalmente Azrafel é o guarda da trombeta celeste, e quem a ha de tocar no fim do mundo. Os musulmanos prezam Gabriel mais que os outros, porque dizem que este archanjo era amigo intimo da sua nação, e foi escolhido pelo Eterno para annunciar a Mafoma a sua missão prophetica. Por isso o nome de Gabriel se acha repetido nos monumentos; ora designando-o pelo nome de *Pavão do jardim do Paraizo*, em razão de Gabriel brilhar com luz propria entre os entes angelicos bem como o pavão brilha entre as aves; ora dando-lhe os titulos de *Fiel Depositario*, e d'*Espirito Sancto*, por ser o confidente das vontades de Deus, e ter-lhe cabido a prerogativa de communicar a Mafoma todos os preceitos do islamismo. Mafoma diz no Koran: «Quem é inimigo de Gabriel seja confundido!» Para o archanjo Miguel olham os musulmanos com alguma desconfiança; na sua opinião, o archanjo Miguel amava os judeus, e se Deus lhe désse ouvidos nunca o islamismo florecêra sobre a terra. Dos anjos máus, o de mais nomeada é Iblis, que se poz á frente dos anjos rebeldes, e, segundo o Koran, foi precipitado do céu mais elles, á pedrada com pedras em braza: é o Diabo dos christãos, e o Satanaz dos judeus. Em memoria da sua tragica aventura, não lhe chamam os arabes senão o *Apedrejado*.

Depois dos anjos, admittiram os musulmanos uma raça intermedia, que é a dos genios. Os genios, segundo o Koran, avisinham-se aos anjos em terem sido tirados como elles da substancia do fogo, e avisinham-se á natureza do homem em beberem e comerem como elle; uns eram machos e outros femeas. Distinguem-se muitas especies de genios: são as fadas e os demonios do Oriente. Como, na opinião dos arabes, a terra ou cousa semelhante existia antes de Adão, suppozeram que a habitaram genios por muitos milhares d'annos, e que só depois de reconhecida a impossibilidade de os conservar na virtude, é que Deus tomou a resolução de crear o homem. Quasi toda a raça de genios foi então extincta: o pequeno numero dos que escaparam ao desastre foi degradado para certos logares distantes da terra. Reza-se d'elles outra vez na epocha em que Salomão os constrangeu a trabalhar nos edificios que o tornaram celebre. Em tempos mais recentes abraçaram alguns genios a religião de Mafoma.

Os mussulmanos chegam-se mais ás nossas crenças no que dizem de Adão e Eva. Accrescentam que Adão, depois de peccar, foi lançado pelo anjo do Senhor na ilha de Ceylão, no sitio onde está a montanha chamada ainda nos nossos dias *Pico d'Adão*, e que Eva foi desterrada para as costas do mar Vermelho, e logar onde depois se edificou Meca. Os dois esposos viveram assim separados mais de dois seculos; a final o Eterno, compadecido das suas lagrimas, os reuniu nas visinhanças de Meca. Ainda alli se mostram hoje os vestigios da sua morada. Depois de terem dado o ser ao genero humano veio o anjo da morte apresentar-lhes da parte de Deus uma taça que lhes poz termo á vida. Dizem os historiadores arabes que esta taça serviu successivamente a todos os prophetas; d'aqui se derivou sem duvida a expressão tão commum entre os orientaes, *beber na taça da morte*, ou simplesmente *provar a morte*, isto é, *morrer*. Consideram Adão como propheta, e estão capacitados de que elle tinha na fronte um raio de luz muito parecido com o que os pintores poem na cabeça de Moysés. Accrescentam que Deus lhe mandara dez livros de revelações, com o auxilio dos quaes deviam os seus descendentes seguir a estrada recta; mas estes livros não nos chegaram.

O raio prophetico passou d'Adão a Seth, de Seth a Enoch, d'Enoch a Noé, e de Noé a seu filho Sem. Os mosulmanos citam depois d'elle os dois prophetas Hond e Saleh, de que a Biblia não falla. A Hond determinou o Senhor que fosse prégar a fé a algumas tribus d'arabes nomades, povos notaveis pela sua estatura desmarcada; os mais pequenos tinham sessenta covados, e com difficuldade achavam arvores com a altura necessaria para servirem d'esteios ás suas barracas. Como padeciam desde muito tempo uma seccura horrivel, appareceu lhes Hond dizendo-lhes: «Oh, meus irmãos! adorai o Deus verdadeiro, o Deus unico, e elle fará descer a chuva do céu sobre os vossos campos requeimados.» Não quizeram os impios ouvir estas palavras; accusaram n'o de louco, e ameaçaram-n'o com a morte. O Senhor irritado suscitou contra elles um vento espantoso que os exterminou, sem poupar senão o pequeno numero dos que tinham dado credito a Hond. Narra este successo o Koran.

Saleh foi incumbido da reconducção de certos povos chamados temuditas, os quaes, segundo a opinião commum, habitavam um valle fertil da Arabia Petrea, ao meio dia do mar Morto. Cercados por todos os lados de serras empinadas, os temuditas, das suas habitações excavadas na penedia, se jactavam de affrontar a vingança divina. Saleh veio procural os da parte de Deus; «Oh! meus irmãos! fazei penitencia, lhes disse elle, adorai o Deus verdadeiro!» Responderam os temuditas que por bem nenhum terreno largariam o culto de seus pais. Para os convencer fez Saleh sair, porém debalde, do seio d'um rochedo uma camella milagrosa prestes a parir; os impios cada vez mais se endureceram. Imputaram a Saleh artes magicas, e mataram a camella com a sua cria. Então enviou Deus contra elles um anjo, que os colheu de salto uma manhã dentro das suas cavernas, e os matou a todos. Os musulmanos conservam profunda recordação da impiedade dos temuditas e da vingança que Deus tirou d'elles. Mostram ainda as moradas polluidas pela presença d'estes homens criminosos: até creem ouvir nas circumvisinhanças os gritos pungentes da camella, e quando passam por este sitio arredam-se do rochedo fatal. A cria da camella ficou sendo entre elles o symbolo das maiores calamidades; quando os ameaça algum desastre, dizem: «E o grito do camelinho de Saleh.»

Assim passaram os tempos anteriores a Abrahão. Com este patriarcha, a que os musulmanos chamam Ibrahim, começa, para assim dizer, uma nova era. Reputam-n'o o amigo predilecto de Deus e o pai dos

crentes; algumas tribus arabes se ufanam de o ter por avô, e não ha no Oriente nome mais venerado. A vida de Abrahão, salvo o que tiraram da Biblia, segundo o Koran, não é mais do que uma teia de fabulas. As mais singulares são estas:

Abrahão era filho d'Azar, official de Nembrod rei de Babylonia. Tendo Nembrod visto de noite um astro erguer-se no horisonte e desmaiar com seu brilho as outras estrellas, cobrou medo e consultou os adivinhos; todos lhe responderam que este prodigio annunciava o nascimento d'um menino extraordinario, que domaria os principes mais potentes. Assombrado Nembrod, mandou apartar os homens das mulheres; mas ignorava a prenhez da companheira de Azar, a qual se retirou da côrte, e em breve deu á luz Abrahão. Tudo foi inaudito n'este menino: o proprio Deus proveu na sua sustentação: ministrava-lhe um dos seus dedos leite delicioso, e outro ministrava-lhe mel. Ao cabo de quinze mezes estava tão forte como um moço de quinze annos. Desde logo se poz a caminho para Babylonia, deliberado a perfazer as grandes cousas a que era chamado. Todavia ainda não tinha muitas luzes da verdadeira religião. Como o genero humano estava então avassallado pela idolatria e culto dos astros, e o proprio Nembrod se inculcava por Deus, Abrahão não poude vêr sem pasmo os globos magestosos que rodam sobre as nossas cabeças. A accreditarmos o Koran, quando Ibrahim viu luzir no horisonte a estrella Venus, quiz adora-la; mas reconheceu o seu erro quando ella desappareceu: volveu então os olhos á lua, e fez o mesmo ao sol. Vendo que todos estes astros momentaneamente appareciam na scena do mundo, caminhou com passo firme pela estrada de Deus. Só o estorvava o que ouvira contar de Nembrod e do seu poderio; tanta grandeza deslumbrou-o a principio; porém como Nembrod era medonho de feio, comprehendeu que Deus não havia de mostrar se com uma cara tão deforme, e não hesitou mais em tributar homenagem á verdade.

Abrahão prégou na cidade de Babylonia; poucas pessoas o creram; Nembrod foi o mais rebelde ás suas exhortações, e como Abrahão recusou adora-lo, o mandou lançar n'uma fornalha ardente. Felizmente, accrescenta Mafoma no Koran, veio Deus em soccorro do seu servo, e o fogo fez-se frio; alguns auctores asseveram que a fornalha se converteu em jardim de rosas. Quanto a Nembrod, crêem os musulmanos que mesmo n'este mundo foi castigada a sua desmedida impiedade: Deus, para lhe confundir a soberba, permittiu que um mosquito pequeno lhe entrasse no cerebro. Nembrod morreu atormentado, batendo com a cabeça pelas paredes do seu palacio, e o seu nome ainda serve no Oriente para designar os tyrannos e os flagellos da especie humana.

Abrahão saíu todavia de Babylonia para visitar a Syria e a Palestina. Os musulmanos citam muitas particularidades em que os nossos livros sagrados não fallam. Por exemplo, quando Sara e Agar deram cadauma d'ellas um filho a Abrahão, e não puderam continuar a viver em paz, este patriarcha pegou em Agar e seu filho Ismael, e os levou para o logar onde se acha agora a Meca, terra então erma e maninha. Não achando alli Abrahão uma fonte para lhe matar a sede, ia a continuar na sua peregrinação, quando um anjo fez brotar com o pé uma fonte d'agua viva; é o poço que se acha agora ao pé da Caaba, chamado o poço do Zemzem. Abrahão edificou a Caaba: foi o pedreiro, e Ismael o servente. Mostra-se a pedra em que o povo suppõe que elle punha os pés. Regulou as ceremonias da peregrinação, e desde então ficou sendo a Caaba o ponto de reunião de todos os povos da Arabia. Eis as proprias palavras de Mafoma ácerca d'este patriarcha: «Abrahão não era judeu nem christão; era orthodoxo e musulmano.» Tal é o artificio empregado pelo propheta para fazer accreditar que a sua religião não era nova, e que se differia da seguida n'aquelle tempo, era porque os impios a tinham corrompido. (*Continúa*)

Combustão espontanea do carvão de pedra. Meio de a atalhar.

Ha pouco tempo ardeu no Tejo uma embarcação grande, que servia de deposito de carvão de pedra para os paquetes inglezes, e muito custou a tira-la d'entre os mais navios que podia incendiar caíndo sobre elles com a força da corrente. Ter-se-hia poupado esta desgraça e a perda da galera S. Domingos Eneas, empregando-se o seguinte methodo, achado pelo capitão Carpenter.

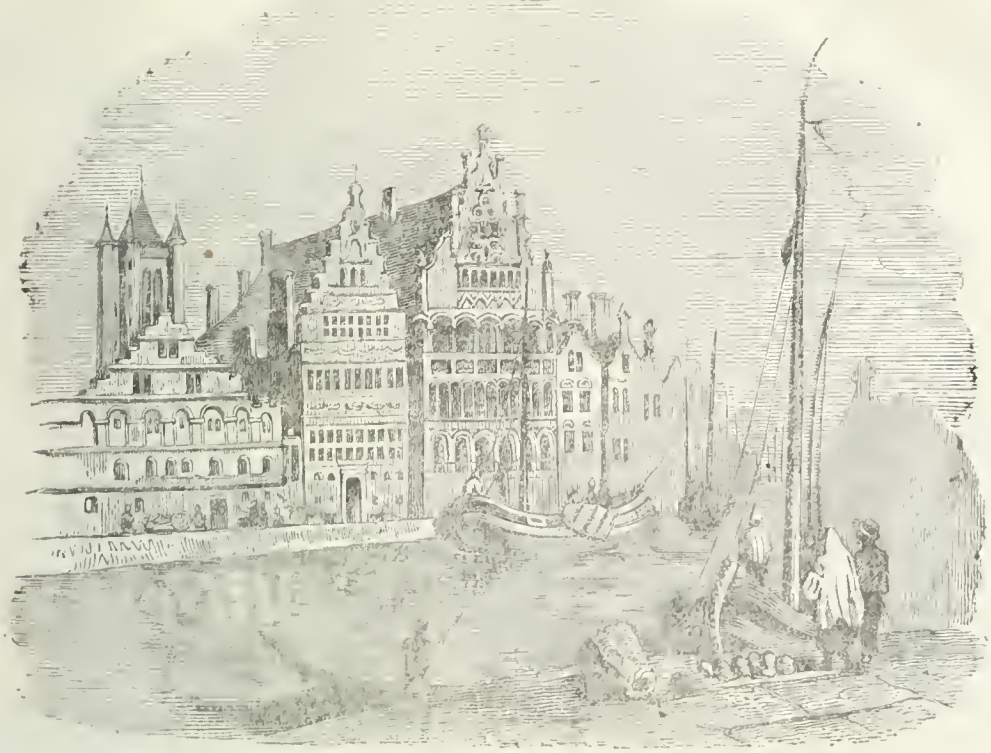
É preciso ter muitos canudos de ferro batido, cheios de buracos na extremidade que fica para a parte de baixo. Estes canudos enterram-se no carvão quasi até o fundo do barco, separados algumas pollegadas da borda do navio, onde se atam bem. A parte superior dos canudos deve subir até a coberta do barco, e estarão dispostos de modo que facilitem a ventilação, sem que deixem entrar a humidade no carvão. Cumpre ao mesmo tempo ter tudo prompto para fazer entrar uma grande porção d'agua nos barcos de carvão, com que vão a pique no caso d'incendio. A agua produz então dois effeitos: apaga o fogo no logar do perigo, e, entrando pelos canudos, impede toda a ventilação, e concorre para extinguir o incendio.

É evidente que a causa das combustões espontaneas é a accumulação dos gazes, provenientes da humidade do carvão; n'este estado o calor ou a fricção produzem o fogo. Para o evitar é preciso deixar circular livremente o ar atmospherico por entre o carvão.

Influencia nociva da nogueira.

A gente do campo nunca deixa de avisar os seus conhecidos que a vem vêr de que não devem parar debaixo das nogueiras. Muitas pessoas dignas de fé se queixam de ter sentido dôres de cabeça, deliquios, e nauseas, por se terem demorado á sombra das nogueiras; incommodos que lhes passaram tanto que se affastaram d'ellas. Até ha quem conte as mortes d'algumas pessoas que adormeceram ao pé d'estas arvores. Mr. d'Humbras Firmas, julgando que estas asserções obrigavam a um exame, fez experiencias endiometricas a differentes horas do dia, em tempo calmoso, com o céu sereno, e em tempo de chuva, para indagar se o ar era menos puro a sombra das nogueiras do que á sombra das outras arvores, e no meio dos campos. Não lhe achou differença sensivel, e pensa que os máus effeitos apontados só podem ser attribuidos ao cheiro soporifico que exhala a nogueira. Procurou além disso certificar se se a visinhança da nogueira fazia mal ás plantas, e effectivamente conheceu que os cereaes em particular, estando ao pé da nogueira, soffriam uma perda proporcional á copa da arvore.

Quem ama a gloria, teme a infamia, e não resiste ao vicio, assemelha-se ao que, temendo a humidade, se aloja no meio d'um pau[1].



CASA NOBRE DE GAND EM 1500.

Antiga capital de toda a Flandes, a cidade de Gand hoje sómente é cabeça da provincia denominada Flandes Oriental no moderno reino da Belgica: é sede de arcebispado, e está situada na juncção do Escalda com o Liz, que com outros dois confluentes ilham toda a povoação, repartindo-a em vinte e seis porções cercadas d'agua, que se communicam por tresentas pontes de madeira lançadas sobre os canaes. Tem cida della mandada edificar por Carlos V; uma excellente cathedral, onde ha um pulpito de marmore branco de primoroso lavor; treze praças publicas, sendo as principaes mui espaçosas; caes magnificos; e em razão d'estas obras e da belleza de grande quantidade de seus edificios conta-se entre as mais formosas dos Paizes Baixos, passando pela maior de todas relativamente á superficie que occupa; porém não corresponde a tamanha extensão o numero dos habitantes, que se avalia em pouco mais de 80:000. Já em tempo do imperador Carlos V, que nasceu n'ella, era vasta e populosa, e dizia-se que tomava mais campo que a côrte de França n'esta epocha. A cidadella é das melhores da Europa; e são tambem notaveis a casa da camara, o paço da universidade, e a casa de correcção com capacidade para mais de 700 presos occupados em trabalhos uteis as manufacturas. De outros estabelecimentos importantes mencionaremos só a academia de Bellas Artes. A sua situação é muito adequada ao commercio; exporta principalmente rendas que sempre foram assaz estimadas, e tecidos de toda a casta, havendo nas suas immediagoes, n'um raio de quatro leguas proximamente, algumas pequenas cidades industriaes, entre outras Lokeren, de 16:000 almas, cheia de fabricas de estofos d'algodão.

Gand alcançou grandes privilegios e especiaes isenções dos condes soberanos de Flandes e seus successores, regendo-se por magistrados proprios. A paz famosa, denominada de Gand, teve logar em 1567. Luiz XIV de França a tomou em 1678, porém restituiu a á Hespanha pelo tractado de Nimegue. O duque de Marlborough a occupou em 1706 e 1708, e os francezes em 1745 e em 1792. Foi encorporada na França em 1792; pouco depois caiu em poder das tropas colligadas, mas os francezes de novo se assenhorearam d'ella no anno seguinte, 1793. Seria longo seguir a historia moderna da cidade nas vicissitudes das campanhas pela independencia europea e das guerras intestinas até a separação definitiva do reino da Belgica.

Damos em estampa o exterior de uma casa nobre pertencente a um magistrado opulento da cidade no seculo XV para o XVI, e não faremos observações sobre o estylo da architectura, porque um nosso distincto collaborador se propõe tractar dos caracteres capitaes da arte da idade media.

Arte antiga.

As bellas cathedraes, e os sumptuosos mosteiros, que a piedade, abraçada com as intimas crenças dos seculos guerreiros, levantava para monumento das victorias, ou recordação do martyrio, e que eram se-

não canticos escriptos nos lavores da pedra pela mesma mão que pouco antes brandia a espada ou enristava a lança? Filha do sentimento e do enthusiasmo, partindo do coração, e inspirada por elle, a arte religiosa da meia idade, sem desprezar os conselhos da razão eleva-se, e eleva a alma pela magestade e devoção das suas manifestações. Soldado ou monge, quem quer que desbastava esses *robles* de marmore, que os sujeitava ás caprichosas phantasias da verdadeira poesia, tinha no peito um coração capaz de chorar, de sentir, e de crer. Todas as obras d'esse tempo de fé viva o relevam. Ainda mais; todas ellas traduzem o pensamento christão, ardente e forte, nos membros gigantes da cathedral, que vestem ornatos, e embellezam figuras. O symbolo reina em todo o esplendor. Não ha acaso, não ha indifferença na escolha, harmonia, e proporções do edificio. Tudo está sujeito a regras; tudo explica o mysterio, que só podem solettrar os olhos dos iniciados. São paginas do mesmo livro, que se não interpolam sem truncar a leitura e destruir a unidade.

N'este artigo damos noticia de alguns pontos mais importantes da *symbolica*, que as conjecturas e indagações dos estudiosos conseguiram decifrar; em outros subsequentes tractaremos da formação das sociedades de « Artistas livres », e dos signaes de que se serviam, dos quaes muitos se encontram gravados nas pedras das igrejas portuguezas. São pontos dignos de ser examinados com cuidado, e proprios para esclarecer a historia das artes entre nós. O que vai seguir é resumido dos largos tractados escriptos por diversos auctores alemães e francezes.

Ha quem pergunte ainda hoje se os templos da meia idade nasceram unicamente da rigorosa formula geometrica, ou se encerram na caprichosa belleza o segredo de symbolos, em parte esquecidos. A resposta affirmativa parece sustentada nas possiveis provas. De certo os architectos d'aquella epocha levaram horas inteiras a solettrar pela descripção biblica a mysteriosa harmonia do templo de Salomão. Adivinhar a significação religiosa d'aquella sublime epopeia, em que se resumiu a lei antiga, foi o objecto de longas vigilias para os sabios do tempo. Um escriptor do seculo VIII, Beda, na sua obra « *De Templo Salomonis* » em diversas passagens se occupa dos segredos mysticos d'elle, e aventura opiniões não pouco arrojadas. D'ahi nasceu talvez o sentido figurado que se dá á composição das cathedraes dos seculos XII e XIII. » A porta do templo do Senhor, dizia Beda, significa, que ninguem chegará ao seio do Padre senão por aquella entrada. Eu sou o caminho, escreveu elle. » A significação symbolica do portal pedia que se lhe gravasse a historia de Jesus Christo referida ás prophecias do Testamento antigo. Nas outras partes guardava-se a mesma regra, como se vai vêr.

Exterior. Os portaes.

Nos monumentos da meia idade o que logo dá nos olhos sobre tudo é o portal e a fachada do occidente. As tres portas d'entrada, e no meio d'ellas o portal do centro, symbolos da nossa recepção na vida physica e espiritual, são traduzidos de modo simples e claro nas series de figuras entrelaçadas nas voltas do remate dos portaes, que de ordinario nunca excedem a tres. Na primeira volta exterior está a historia da criação do mundo e a do Testamento antigo; na volta central lavravam-se *passos* tirados do Evangelho e da Paixão; a terceira, a mais cavada de todas, continha quasi sempre allusões á vida futura, expressas em scenas do Apocalypse. Por baixo e ao lado das tres arcadas collocavam as estatuas, gigantes na altura, dos patriarchas, prophetas, e evangelistas, rodeadas de um sem numero d'anjos, uns com harpas, lyras, e trompas: outros incensando com thuribulos, como para celebrar as maravilhas de Deus.

Da arcada principal crescia magestoso o tympano ou frontão agudo, symbolo da Trindade; no vertice Deus Padre assentado em throno excelso, mandando á terra o Espirito Sancto com seu Filho predilecto. Em outros era Jesus coroando a Virgem rainha dos ceus. Acima do frontão da porta rasgava-se o oculo ou espelho da igreja, de lavores arrendados, ornado de ricas vidraças córadas. A figura circular, sem principio nem fim, d'esta janella immensa era a imagem da providencia divina, de si mesma infinita, e da luz, alma e calor de toda a creação. Nos oculos dos seculos XII e XIII as pinturas das vidraças representam o sol, a lua, as estrellas, e tudo o que se refere aos effeitos admiraveis da luz. Na cathedral d'Amiens o *espelho* principal representa a terra e o ar, o do septentrião representa as aguas, e o do meio dia representa o fogo, compondo junctos o quadro dos quatro elementos. As portas lateraes ao lado do portal, e nas igrejas do seculo XII as que se abrem de uma e outra parte do choro, viradas ao levante, significavam a entrada para a communhão christã, assim como as que se rasgavam para norte e sul, e as collateraes ao meio dia e septentrião indicavam a conversão dos povos da terra, habitantes de todos os reinos e climas.

Torres e campanarios.

De ambos os lados da porta da cathedral subiam ao céu duas torres descommunaes. A da esquerda era o symbolo da jerarchia ecclesiastica; a da direita significava o estado civil e temporal. A união dos dois poderes nos monumentos do culto era natural nos seculos em que o sacerdote, como padre, ajoelhava á hostia nos altares, e ao mesmo tempo enlaçava o elmo de soldado, e exercia os direitos de senhor. O que ha de notavel consiste, nas igrejas aonde estão acabadas as duas torres, em a da esquerda ser mais elevada que a outra; e nas cathedraes em que só uma se completou, em quasi sempre a da esquerda se erguer severa e magestosa, em Strasburgo, Anvers, Toledo e Bordéus.

Apenas nas igrejas metropolitanas, nas collegiadas, nas parochias, e raras vezes nas conventuaes se notam as duas torres subindo iguaes em altura. Em geral dividiam-n'as em quatro andares. O primeiro, partindo da base, representava symbolicamente o cura, grão primordio da jerarchia ecclesiastica. O segundo representava o deão. O terceiro era o bispo, e o quarto referia-se ao arcebispo; quando havia cinco o quinto marcava o primaz. O coruchéu indicava o symbolo da auctoridade papal. Na jerarchia civil o primeiro andar representa o *maire*, ou o official do municipio. O segundo é o conde. O terceiro o duque. O quarto o rei, e o coruchéu o imperador.

Apesar de não merecerem excessiva fé taes conjecturas, pelo menos aventuradas, convém entretanto advertir que a uniformidade de todas as torres de cathedraes, e o numero sempre certo e igual dos andares provam que n'esta construcção havia uma intenção que se ligava a fins e ideias regulares e universaes. (*Continúa.*)

Os derkauis, seita argelina.

Entre os marabutos da Argelia ha uma seita ligada por vinculos d'associação analogos aos da francmaçonaria, e os seus membros appellidam-se der-

kauis. O seu proposito é luctar contra todo o poder temporal, que, segundo elles, só se serve da força para opprimir a gente musulmana, e destruir os seus primitivos costumes, privando-os de se governarem conforme os preceitos do alcorão. — Os derkauis são de todas as tribus, e reconhecem-se mutuamente por meio de signaes em geral e de outros particulares. Não cortam os cabellos; só vestem farrapos, e nenhum arabe rico se appresenta em suas assembléas com albornoz novo sem o esburacar e fazer em frangalhos. Os mais fanaticos vestem-se de esteiras, de pedaços de tapetes, e de trapos de barracas velhas. Porém, como por necessidade muitos dos arabes não teem outros trajos, os derkauis reconhecem-se de mais a mais pelas inflexões da voz, e por aspirações que cortam as palavras com um rythmo como em cadencia musica: completam o reconhecimento levando a mão direita ao coração, e pronunciando, com certo accento d'inspirados, o nome de *Allah* (Deus). D'elles uns são pobrissimos, e vivem á guisa de eremitas e mendicantes, outros são ricos, e pertencem ás casas principaes de suas terras. A despeito do mysterio que esconde os seus regulamentos, alcançou-se conhecimento do modo da admissão dos neophytos, e da eleição dos cabeças da ordem. — Quem quer ser derkaui embrulha-se em andrajos, e vai descalço aonde se congregam os membros da seita. Se obtem a permissão de assistir a um ajunctamento, reza certas orações, passa pelas provas que são do estylo, e os mestres proclamam a affiliação.

A eleição dos directores e cabeças principaes é por concurso, e hão de ser escolhidos da cathegoria dos *talebs* (doutores). Aquelle que nas discussões religiosas e politicas alcançou por vezes o maior numero de suffragios, o que tem divulgado a melhor obra religiosa ou especialmente relativa á seita, offerece se candidato ao logar vago de maioral: a uma commissão dos superiores, que o devem admittir no seu gremio ou rejeitar, é encarregado o inquerito do proceder e acções do pretendente, e sobre o relatorio d'esta ha de votar a assembléa geral convocada. Os partidarios do candidato ordenam se juncto d'elle, e se formam maioria fica eleito. Os maioraes nomeiam d'entre si o mestre supremo, que deve presidir ás assembléas, e que as convoca ou dissolve com assentimento da maioria.

Os derkauis ajunctam-se nas montanhas mais affastadas do povoado: a serra de Uenseris é o centro da sociedade. Alli discutem as suas questões theologicas, e pelas prégações chamam os fieis da sua seita á rigorosa observancia das leis do propheta, e de mistura com a integridade do alcorão pregam tambem a independencia da nacionalidade arabe.

Quando os derkauis se reunem, vivem em communidade, alimentando-se de umas papas de farinha de cevada, que trazem dentro de folles de pelle de cabra curtidos. Se lhes falta o provimento, expedem alguns do ajunctamento, que vão de aduar em aduar soccorrer-se á caridade dos arabes, e que trazem, como os frades da saccola, a colheita do peditorio

Esta seita é numerosa; mas não é possivel cifrar a quantidade dos proselytos; ramifica-se extensamente entre as tribus independentes, sobre tudo nos kabylas e nos de Tafna; e são inimigos acerrimos dos francezes; quasi toda a familia de Ab-el-Kader lhe pertence.

Historia dos telegraphos.

(Continuado de pag. 61.)

O telegrapho de Chappe, ainda bem não estava divulgado, apenas se apreciaram os seus immensos resultados, foi por toda a parte adoptado; estudaram-n'o depois para o aperfeiçoarem; porém ainda ha que fazer muitos melhoramentos: com effeito, a noite, os nevoeiros, a chuva, interrompem as noticias. Tentou-se remediar, mas sem exito, estes inconvenientes, adaptando lanternas ás diversas peças que constituem o telegrapho. — Este modo de transmissão já é muito lento; o espirito humano caminha tão veloz que a rapidez telegraphica actual já não satisfaz. A instantaneidade, apesar das distancias, é só quem pode sacia-lo; e para corresponder a esta ardente actividade, os physicos ensaiaram ha alguns annos o emprego da electricidade para obter certos signaes.

Em 1747 alguns sabios inglezes, entre os quaes se cita Cavendish, quizeram servir-se da electricidade para estabelecer communicações telegraphicas; com o auxilio de descargas de baterias electricas obtiveram communicar-se na distancia de duas milhas. Em 1790, Reveroni S.t Cyr propoz um telegrapho electrico para annunciar o resultado da extracção da loteria, afim de prevenir as trapaçarias de alguns individuos especuladores; d'ahi a seis annos o doutor Francisco Salva leu na Academia de Barcelona uma memoria sobre a applicação da electricidade á telegraphia; porém todos estes primeiros esforços ficaram infructuosos. Recentemente a creação dos caminhos de ferro é que ministrou meios de estabelecer as linhas telegraphicas electricas.

Lê-se no *Morning Post* (1839) o seguinte: — «Ha dois mezes o telegrapho electro-magnetico do caminho de ferro *Grand-Occidental* está continuamente em exercicio cada vez que os trens fazem o transito entre Droyton, Hewell, e Padington. Estando acabada a linha o telegrapho servirá desde Padington até Bristol: por elle se transmittirá qualquer noticia a Bristol e se receberá a resposta dentro de vinte minutos. Os negociantes poderão approveitar-se das vantagens d'este modo expedito de communicação, devido á sciencia dos inventores, MM. Cook e Weatsonne. Dois rapazes surdos-mudos são os encarregados da transmissão dos signaes, tendo sido exercitados algum tempo ha n'este trabalho. Mr. Cook inventou um mechanismo muito simples que indica ao rapaz, incapaz de ouvir o som da campainha em razão da surdez, que ha de transmittir pelo telegrapho tal ou tal noticia. Nunca se amolgam ou quebram os fios que servem para a transmissão. Parece que seria mui difficil acertar exactamente com o logar onde aconteceria a ruptura n'uma extensão de 117 milhas, estando os fios todos encerrados n'um tubo da capacidade de uma pollegada de diametro: todavia Mr. Cook achou meio de verificar precisamente o ponto em que possa ter logar a solução de continuidade: a sua machina está encerrada n'uma peça de madeira compacta de oito pollegadas quadradas.»

Em Munich ensaiou-se um telegrapho electrico para communicações no interior da cidade. Posto que seja de recentissima data este grande melhoramento da arte telegraphica, comtudo já se tem experimentado em grande escala, e quando chegar á sua perfeição dará pasmosos resultados.

O telegrapho tem estado communmente ao serviço dos governos; comtudo a sciencia e o commercio ganham muito tendo o especialmente á sua disposição. Em 1837 o governo sueco estabeleceu uma linha telegraphica de Stockolmo a Furnsund, e foram auctorisados os particulares a se aproveitarem d'ella para as suas especiaes participações, mediante o pagamento de uma quantia por cada aviso.

Em a *Revista Economica*, impressa em Lisboa no corrente anno (17 d'abril) lê-se o seguinte. — «O telegrapho electrico, que deve estabelecer-se em toda a

linha entre Francfort e Castel, está prompto até Hattersheim. Diz-se que o governo tenciona permittir o uso do telegrapho á praça dos negociantes para obter promptamente, no interesse do commercio, communicações e noticias mercantis de Moguncia.»

Esta é uma das consequencias mais directas da telegraphia, quer optica, quer electrica. Annullar a distancia por meio do pensamento, como os caminhos de ferro e o vapor a abbreviam quanto aos corpos; approximar mais estreitamente os individuos e as nações; preparar a unidade da confederação europea, dando-lhe os necessarios meios de communicação; taes são os resultados da invenção do telegrapho, dos seus desenvolvimentos, e das suas indispensaveis applicações. Voltaremos a este assumpto assim que tivermos colligido os ultimos factos mais interessantes.

A ilha Celebes (*) — Macassar.

O seguinte fragmento foi extrahido do memorial diario de Mr. Desgraz, secretario do almirante d'Urville, na viagem á roda do mundo, effectuada nas corvetas *L'Astrolab* e *La Zelée* por este illustre official marinheiro, que com sua mulher e filho pereceu victima do desastre no caminho de ferro de Paris a Versailles, em 8 de maio de 1842. — Descreve-se a arribada das corvetas á enseada de Macassar na grande ilha Celebes.

Aos 20 de maio de 1839 entrámos o estreito de Salayer. Por esta parte é mui jucundo o aspecto das praias da Celebes; descobre-se um terreno chão, e pouco variado no primeiro plano, e pela terra dentro altas serras involtas em sombras azuladas, fingidas pela distancia e pela transparencia da atmosphera. A' beiramar as aldeias malaias, os estabelecimentos protegidos pela bandeira hollandeza, a cidade de Bonthain, que faz lembrar o máu acolhimento feito ao capitão Wallis, ora se mostram, ora se escondem á medida que o navio passa singrando ávante.

Vista da enseada a cidade de Macassar appresenta uma longa fileira de construcções diversas, que se desenvolvem na extensão approximativa de duas milhas, porém com pouca largura: tem seu assento nas bordas de uma vasta e bella planicie, que assim fica occulta a quem a observa do mar: á direita do espectador, isto é ao norte, as pareles brancas das casas hollandezas estão sobranceiras a uma linha de habitações miseraveis, terreas, e feitas de bambus delgados, juncto á praia. Em frente do molhe dilata-se uma veiga vecejante, e o forte Rotterdam ostenta as suas murallhas elevadas, pardas e massiças, guarnecidas de canhoneiras: mais para a direita descortinam-se varias obras de alvenaria, que parecem pertencentes a um bairro europeu; e no composto do quinel a vegetação lustrosa estremeia com a casuria a ramagem virente, e embelleza a ribeira serena e aprastvel, juncto á qual apenas se enruga a superficie do mar. E uma scena toda de socego: a povoação parece que dorme: a chegada de algum navio não attrahe multidões á margem da enseada, tão sómente se aggregam alguns ranchos para examinar a manobra do adventicio colhendo as velas.

A tropa permanente em diversos pontos da Celebes segura á Hollanda a preponderancia sobre um n'om territorio vasto que não póde occupar nem desfructar inteiramente, e ao mesmo tempo refreia as depredações dos indigenas, que metade são pescadores, e a outra metade piratas afamados n'aquellas paragens por audazes accommettimentos contra os vasos de commercio europeus. Os bouguís, que habitam o littoral, teem a reputação de melhores marinheiros entre todos os malaios; aventoram-se a sair muito ao alto em seus paráus, ou para pescar, ou para basculhar os mares, e frequentemente as suas viagens levam por fim esta dobrada especulação: se ao pescar encontram um navio de pouca força, ou em calmaria ou pouco veleiro, dão lhe abordagem, e de ordinario degullam a gente para não haver noticia do attentado.

O bairro europeu, *Haardigen*, tem a fórma de um parallelogramo, e é fechado por um muro alto, onde se abrem largas portas guardadas por destacamentos da milicia; consta de seis ou sete ruas principaes, que se cortam em angulos rectos, bordadas por ambos os lados de grandes e bellas casas de pedra e cal, branquejando e luzindo com aquelle admiravel aceio que se encontra em todas as cidades hollandezas: segundo a practica geral das colonias das Indias, não passam de um andar as casas, mas as frentes são para notar com seus peristylos ornados de columnas bojudas, produzindo agradavel effeito: circula o ar fresco em grandes repartimentos, resguardados do calor do dia, porém abertos á mais leve viração: á tardinha o peristylo é de preferencia o logar das companhias, e guarnece-se de cadeiras e de mesas, em que abundam bebidas mais estimulantes do que para refrescar. Comtudo, a parte mais formosa d'este bairro transpõe a barreira dos muros: ha n'ella a morada do governador, o hospital, e o *cudracht* ou casa da *sociedade da harmonia*, especie de assembléa permanente, que se acha em todos os estabelecimentos hollandezes, um como *casino*, logar obrigatorio de reunião, que constitue o nucleo da boa sociedade da terra, e que se abre com affabilidade e cortezia aos raros estrangeiros que visitam aquelles territorios.

Visto o pagode china, meia hora é bastante para correr o bairro de Haardigen, povoado por hollandezes e chinas; estes ultimos, preciosos pela industria, fazem tudo, mercadejam em tudo, seguem apoz a mais pequena probabilidade de lucro por toda a parte: são de real utilidade nos estabelecimentos coloniaes, e formam a maioria dos habitantes do bairro, que chegarão a oito mil almas. As moradas dos naturaes, arrimadas á praia, levantadas sobre estacaria, e ás vezes nos caes, estão um tanto espalhadas por todas as bandas, mas acham-se especialmente amontoadas diante da cidade hollandeza, e em relação a si mesmas e á ribeira estão dispostas gradualmente, formando um verdadeiro bazar atulhado de vendas e de mercadores, com uma porta que, fechada a noite, interrompe a communicação exterior. Casas de indigenas tambem se alargam para o norte em meio da espessura de arvoredo frondoso, producção caracteristica da vegetação intertropical.

A maior parte do trafico de Macassar está concentrada na comprida rua mercantil que chamamos bazar, onde chinas, malaios e europeus teem suas lojas ou armazens. O maior numero compõe-se dos que vendem armas, como crizes, lanças, facas de feitios differentes, e arreios para cavallos, &c. — A cada passo se topa com um d'estes homens, gravemente assentado juncto á grade de canas onde alardeia a sua fazenda á espera do freguez, nunca falhando em pedir o dobro do valor do objecto que lhe apreçam. Macassar tem grande fama de fabricar os punhaes chamados crizes e os ferros de lanças: os primeiros

(*) Esta grande ilha demora entre a de Borneo e o archipelago das Molucas na Oceania ou quinta parte do mundo. Os nossos navegadores a descobriram com outras dos mesmos mares pelos annos de 1512: ahi fundámos feitoria perto da cidade principal Macassar, mas os hollandezes nos expelliram na epocha da nossa decadencia maritima, resultado da usurpação dos Philippes.

são de dois feitios, a saber, rectos ou com uma leve inflexão, ou colubrinos; estes são mais procurados na Java, e aquelles os preferidos na Celebes. A folha d'estas armas é forjada de modo que descobre o numero de chapas de ferro de que se compoem, e segundo a quantidade d'estas e o trabalho que demandam é mais ou menos subido o custo: os cabos e bainhas tambem influem no valor; punhos de marfim lavrados ou dourados, e bainhas ou estojos de páu, amarello ou vermelho, bem polido, dobram ás vezes o preço a ponto de chegarem a 24$000 reis. Os punhos são recurvados, de modelo uniforme, pouco adherentes ao ferro; servem para encostar a palma da mão, e o index e o pollegar de um e outro lado dirigem o golpe. — O ferro das lanças não excede seis a dez pollegadas, é chato e de dois gumes: seu preço tambem differe na razão do esmero no fabrico, porém sobre tudo na proporção da riqueza do cabo, que é de cobre ou de prata lavrada, e ha-os tambem de ouro: a haste é de lenho duro de certa palmeira, e no comprimento varía de nove a doze palmos; por elegancia teem uma cauda de cavallo (n'algumas tincta de encarnado) enrolada com artificio no conto da lança: os cavalleiros macassares trazem esta arma com a ponta para baixo, mettida n'um estojo de páu prezo ao estribo, a cauda fluctua então no ar e faz bonita vista.

A par d'estas armas vê-se grande quantidade de podôas, de que os indigenas se servem para todos os trabalhos. Porém, não obstante a fama, os instrumentos de ferro de Macassar teem moi fraca tempera; as facas de mesa inferiores fazem sem custo boccas no corte mais vistoso. — A variedade de objectos patentes nas outras tendas é grande, mas o seu valor em geral minimo: ha tal que toda a sua fazenda são alguns roletes de cana d'assucar; muitas não teem a importancia de 100 francos (16$000 réis); e comtudo todos estes vendeiros vivem bem, graças ao baixo preço dos generos, e á fartura de arroz e de peixe, bases do seu alimento. As lojas mais ricas são inquestionavelmente as dos chinas que emprestam sobre penhores; ahi se acham os mais curiosos trastes e as armas melhor fabricadas: são numerosas, porque esta industria (se tal nome lhe cabe) é exercitada por todos os traficantes chinas, que absorvem d'esse modo os haveres dos malaios, propensos em geral á ociosidade: não sómente emprestam sobre moveis, mas tambem sobre toda a casta de fazendas, e até succede frequentemente comprarem de antecipação a parte dos ganhos dos pescadores e dos cultivadores de arroz. (*Continúa.*)

O indios de Surinam.

O indio é por sua indole timorato, desconfiado e ardiloso. Obrigado desde a invasão dos europeus a pôr-se em cautela e a manter-se na defensiva contra os hospedes, que não cessavam de o inquietar hostilmente, e que ao isento indigena das selvas traziam ou escravidão ou morte, teve de oppôr a astucia á força, e algumas vezes a desesperação a violencia. Mas quando não é constrangido por circumstancias externas a saír do seu primitivo caracter, manifesta a sua brandura e boa fé; é na realidade o filho da natureza. Não póde negar-se que em razão da tyrannia dos seus oppressores perdeu um tanto da sua original singeleza: os europeus tiveram a culpa, habituando-o a novas e facticias precisões. Bastava-lhe em seus mattos o necessario, e a fartura do seu territorio o provia abundantemente; mas agora o superfluo d'então lhe é hoje indispensavel para trocar por objectos que desconhecia, sem os quaes tinha passado, e que lhes ensinaram a appreciar para sua desgraça. Aos vicios das suas tribus os selvagens ajunctaram os das nações civilisadas. Estes dois elementos diversos de destruição moral concorreram tanto como a oppressão para bastardear a sua indole originaria, franca e generosa. D'este modo os indios, tão numerosos e formidaveis em outro tempo, desapparecerão gradualmente, acabando pela mistura completa com os colonos. Esta fusão será demorada, mas parece infallivel, porque é impellida pela natureza dos factos, isto é, porque pertence á industria, ao commercio, á civilisação. — Os indios ou raça dos caraibas, que habitam Surinam e seus contornos, são em geral bem feitos e proporcionados, sadios, robustos, sem deformidades corporaes, e a não ser por accidente extraordinario é raro encontrar algum corcovado ou côxo. A tez é morena tirando a côr de cobre; todavia sáem brancos á nascença, mas a alvura desapparece em poucos dias, e ficam da côr natural da sua casta. Entre as diversas tribus nota-se geralmente grande conformidade de feições. A sua maneira de vestir é mui simples, ou, para melhor dizer, quasi nenhum vestuario trazem. Quando lhes fallam da nudez com apparencias de lh'a censurarem, dizem que vieram nús ao mundo, e que é loucura contrariar a vontade da natureza, e cobrir o que ella deixára patente. Faz isto lembrar a resposta de um maioral indio, prisioneiro dos hespanhoes, que o tinham vestido á europea; quando o general lhe fez as primeiras perguntas inquirindo-o sobre a sua jerarchia, disse-lhe: — »Tira-me estes trajos para que eu me conheça.»

As mulheres são de ordinario de mais baixa estatura do que os homens, mas de boa figura, sobre tu-

do as raparigas, que peccam talvez por corpo muito reforçado: teem semblante redondo, porém achatado, os dentes alvos por extremo, bocca pequena e olhos pretos; os cabellos são d'esta côr e caudalosos, e os levantam em fórma de trança, prendendo-os para traz com um broche: ás vezes os tosquiam ao modo das chinas, e rentes na testada. Trazem nas orelhas pingentes de prata; atravessam o beiço infefior, ou a cartilagem do nariz com alfinetes ou argolas de metal, e cingem o pescoço de collares de vidrilhos ou de coral, junctando-lhes dentes de animaes, e as casadas os dos inimigos vencidos por seus maridos: nos braços, acima dos cotovelos, usam ás vezes faxas de algodão como braceletes. São galanteadoras, e gostam de que lhes chamem bonitas, mas pena é que para assim o parecerem pintem cara e corpo com tincta de urucú, collando em cima da untura vermelha farripas de algodão branco ou plumas de aves diversas. A maior parte só usam da tanga para se cobrirem, porém as de algumas tribus visinhas á colonia hollandeza e nas margens do Amazonas servem-se além d'isso de um pedaço de algodão tincto de genipapo, ajustado como se vê no desenho.

O Feitor de Cantão.

Novella.

(Continuado de pag. 75.)

Vindo a pensar pelo caminho no resultado provavel da tentativa de You-hi, chegou o feitor americano a sua casa, distincta pela bandeira estrellada que a protegia. Atravessou o primeiro corpo do edificio, e ia a entrar n'um pateo interior, no topo do qual estava o pavilhão em que morava, quando lhe fez erguer a cabeça um sonido de voz sonora porém mal articulada, semelhante ao dos surdos mudos. No primeiro andar, por detraz d'um guarda-sol meio levantado, estava a sorrir para elle uma menina vestida como se fosse para um baile.

Effendon soltou uma exclamação d'espanto, acenou-lhe muito depressa para que se retirasse, olhou á roda de si aterrado, e subiu n'um pulo a escada.

A menina surda veio abrir-lhe a porta.

—«Maria, enlouqueceste? exclamou, fechando a porta por dentro. A janella n'este trajo! desgraçada filha! Queres a nossa perdição?»

Maria, sem perceber as palavras, percebeu o enfado de seu pai, porque se lhe lançou logo nos braços, tão arrependida, tão humilde, tão meiga, que o semblante do feitor asserenou de subito, mesmo sem elle querer.

Ainda accrescentou em tom de mais despeito do que na realidade sentia:

—«Tinha-t'o prohibido, Maria; porque me desobedeceste?»

A resposta da muda foram redobradas meiguices. Effendon quiz resistir mais um momento, mas cedendo por fim áquelle assalto de caricias, murmurou:

—«Coitada! esquecia-me que não tem outro divertimento.»

E apertou-a ao peito.

A pobre menina, vendo-se perdoada, soltou um grito de alegria; olhou depois para si cheia de complacencia, deu tres passos para traz, entesou-se, e ficou muito direita diante d'Effendon com a gravidade ingenua d'uma creança que quer que lhe admirem as galas. Estas eram com effeito singulares na riqueza e elegancia. O vestido, de crespão branco guarnecido d'uma grinalda de jasmins de cheiro, posto que artificiaes, apertava-o na cintura um cordão de seda torcida com prata; uma especie de turbante de setim lavrado, enrolado nos cabellos, pendia de ambos os lados acompanhando o rosto; e finalmente tinha calçados uns borzeguins franjados de perolas. A belleza de Maria enfeitiçava com este trajo esplendido. Effendon não poude reprimir uma demonstração de maravilha. Dissereis que era uma fada do Oriente em todo o seu fulgor.

Contemplou-a um momento fascinado por aquelle garbo deslumbrante: depois fazendo uma especie de esforço, trouxe-a pela mão para um sophá de bambus artificiosamente entrançado, fê-la sentar, e travou um dialogo por signaes, quasi tão rapidos para quem está no habito de os fazer como a conversação fallada.

Lançou-lhe primeiramente em rosto a imprudencia de apparecer á janella assim vestida.

A surda e muda abaixou os olhos corando.

—«Ignoravas que não podem os estrangeiros trazer mulheres das suas terras? Se sabem que estás comigo expulsam-me e paga-o a companhia.»

Maria fez um signal de pavor.

—«Melhor fôra não te trazer comigo; mas não tive animo para me separar de minha filha, dos meus unicos amores. Fizeram-me acceitar a direcção d'esta feitoria para te deixar rica; quiz conciliar a affeição e o interesse, fiz-te passar por meu filho...»

—«E ainda até hoje ninguem desconfiou de meu disfarce, disse Maria interrompendo-o com a sua linguagem muda.

—«Porque nunca o largáras, replicou Effendon; porque te dei mais liberdade para arredar toda a suspeita; porque assim mesmo transfigurada conservaste o nome de Maria, que aliás me escapára mil vezes e nos trahira. Mas que será de nós se te virem em trajos mulheris? Muito mal fiz eu em te mandar buscar esses atavios! Manias de pai; quiz ver-te qual devias ser e qual serás um dia!... Mas estes vestidos só eu, a furto, os podia vêr em ti, Maria.»

—«Perdoai, meu pai, disse ella; serei mais acautelada d'aqui em diante; mas que temos que receiar em nossa casa?»

—«Não te lembras que estamos cercados d'espias; que não se move uma palha sem que o saibam os mandarins chinas?... Despe-te, Maria, despe-te immediatamente, se não queres que tenhamos algum desgosto.»

A menina surda fez signal de que ia vestir o fato de homem, abraçou o pai com ternura, e saiu.

O feitor ficou no mesmo logar, com os braços cruzados, engolfado em tristes pensamentos.

Era mais que certo o que elle acabava de dizer á filha. A menor imprudencia podia revelar este segredo, e roubar-lhe infallivelmente a fortuna e o socego. Sabia por experiencia com que zelo e rigor executavam os chinas as leis contra os estrangeiros, quando o podiam fazer sem perigo; nem devia confiar, em tal caso, no apoio da companhia, que aos seus agentes mandava respeitar escrupulosamente as ordens do imperador, toda a vez que a não lesassem nos interesses.

Como dissera a Maria, vivia sempre entre sustos; estava dentro da sua propria casa a mercê do governo china; os criados que o servitam não os escolhia elle, designava-lhe os o *comprador* (*) a quem devia saldar todos os mezes a importancia dos roes dos comestiveis sem questionar sobre as parcellas. Não obs-

(*) Nomea-o o mandarim ou vice-rei de Cantão para prover de mantimentos os estrangeiros.

tante ter aprendido a lingua da terra, obrigavam-n'o a sustentar e pagar a um *lingua*. N'uma palavra estava em tudo sujeito a uma especie de tutella rapace, minuciosa e infatigavel, que o conservava em perpetua inquietação.

A campainha d'um relogio, dando quatro horas, veio arranca lo do seu devanear. Recordando-se de que devia ir jantar com You-hi, mandou apromptar o seu palanquim, e poz-se a caminho para a casa de campo do *hanista*.

Esta casa, situada da outra banda do Tigre, ficava no meio d'um jardim, celebrado em Cantão pela sua vastidão e lindeza; porque apesar de You-hi não se forrar com pessoa alguma no tracto do commercio, nem por isso era mesquinho. Lidava para saccar dinheiro por todos os modos aos *barbaros* estrangeiros, mas gastava-o com o luxo da familia, e em aformosear o seu retiro.

Effendon apeou-se do palanquim ao pé d'uma porta pequena, onde encontrou um creado china que lhe deu entrada no jardim.

Tinha *o hanista*, como dissemos, esgotado aqui todos os recursos da arte china. Ruasinhas areiadas, cruzando-se e voltando atraz de quando em quando; fileiras d'espessuras d'arvores com seus claros; canteiros irregulares; grutas artificiaes cavadas em rochedos alli enxertados; pontes envernizadas, por baixo das quaes não se enxergava nem um regato; kiosques ornados de vidros e de vasos cheios de agua, em que boiavam lirios, revelavam a cada passo o gosto extravagante e a predilecção dos chinas pelas raridades monstruosas e pueris. Viam-se áquem, accommodadas dentro de taças de pedra, mattas de carvalhos, faias, ou olmeiros, que fizera anões a cultura; além arvores verdes, arremedando no feitio aves e elephantes; e mais ao longe feras de porcelana com hervas a sairem-lhes das orelhas. No meio porém d'este desconcerto systematico, zombando do porfiado empenho da arte desassizada, alardeava a natureza, simples e variada, a sua opulencia; eresciam em toda a parte a oliveira de cheiro, a figueira, o aloes, a amoreira, a bananeira, e os frangimpanceiros recendentes. Moitas de *yu-lan* (1), engastadas em amaranthos vermelhos ou ketmias cambiantes, matizavam o verde das folhas, a gardenia, as roseiras da China, e os *chulan* (2) delineavam os mil torcicollos das veredas. Finalmente, por um pomarzinho de laranjeiras, jambeiros e figueiras, cercados de ananazes fragrantes, se entrava para casa de You-hi.

Esta, como todas as dos chins, não tinha senão um plano terreo para as visitas, e um primeiro andar exclusivamente reservado para as mulheres e filhos de You-hi, que a ninguem appareciam.

O *hanista* estava esperando os hospedes na primeira casa ou sala de visitas, que contém o altar domestico onde se queimam os perfumes. Ria-lhe o semblante.

—«Bem vindo seja mister Effendon á minha pobre choupana! disse elle assim que viu o feitor. Cheguei agora de casa do hou-pon, e espero que d'aqui em diante a companhia não terá razão de queixa.»

—«E isso custou-te muito caro, You hi?» perguntou Effendon rindo.

—«Tão caro que, se eu fosse a lembrar-me, não me faria proveito o melhor jantar. N'outra occasião fallaremos.»

—«Pela minha alma! se o hou-pon visse a tua casa de verão pedia-te dobrado. Tens uma morada digna do soberano do imperio do meio (3).»

(1) Especie de magnolias.
(2) Arbusto cujas folhas misturam com as do chá.
(3) Nome que dão á China os seus naturaes.

—«Mister Effendon vê tudo com os olhos da indulgencia, respondeu You-hi, n'um tom de modestia vaidosa; ainda não poude fazer idéa da casa; se a quer vêr...»

Effendon respondeu que sim, e o *hanista* o levou a todos os quartos do pavimento baixo, explicando-lhe o seu destino.

Os moveis d'estes quartos eram só camapés e mezas de pé de gallo; mas dos tectos pendiam lanternas de chavelho, gaze, ou papel, e ás paredes, envernizadas com primor, serviam de ornatos alguns quadros e sentenças moraes.

O feitor atravessou com bastante pressa as primeiras salas, mas deteve-se quando chegou á livraria.

—«Tu aqui não achas os trezentos mil volumes da bibliotheca imperial de Pekin, advertiu You-hi sorrindo-se; mas, além dos livros sagrados, tenho ahi um cento de manuscriptos em meia-lingua (1), e o dobro dos volumes impressos escolhidos das obras dos *quatro armazens* (2). O negocio, infelizmente, toma-me quasi o tempo todo. E ha tanta cousa para lêr! Nenhum povo tem escripto tanto como o nosso! nenhum povo póde gabar-se de ter, como nós, uma lingua sagrada, que é só para os livros e não se póde fallar, a qual contém oitenta mil caracteres, que, em vez de representarem sons ou palavras como os vossos, exprimem idéas! Mas vamo-nos chegando para a casa do jantar, deve estar prompto, e os convidados já hão de ter vindo.»

Effendon já lá os encontrou. Os mais d'elles eram lettrados amigos do *hanista*, que os foi fazendo sentar a umas mezas pequenas, cobertas de panno escarlate ricamente bordado, e postas em triangulo. Tinha cadaum diante de si um prato de prata, uma faca, duas varinhas curtas de marfim para comer, uma colher muito grossa de porcelana, e dois pires um cheio de *soya* (3), e outro contendo, á maneira de acipipe, peixe salgado, e couro do Japão curtido em salmoura.

Começaram os creados a trazer para a meza as viandas; serviram primeiro uma sopa de ninhos de salangana (4) em palanganas de porcelana; depois vieram fricassés de rãs, costeletas de cão, barbatanas de tubarão, as *holothurias* ou bichos do mar, grossos, negros, com seis pollegadas de comprimento, e armados d'um corno agudo em cada anuel; e d'ahi os ovos, as carnes, as hortaliças, tudo temperado com oleo de ricino, e adubado com lagartas salgadas, e molho de bichos de conta. Quando os convidados queriam beber, os creados, que estavam de pé por detraz das cadeiras, lhes deitavam, conforme o gosto de cadaum, chá em chavenas de porcelana, ou *camchou* em taças de metal.

Tiraram depois os pratos, e trouxeram na segunda coberta massas, saladas d'olhos de bambus, e garrafas com uma certa agua fedorenta.

Veio a final o dessér, composto de conservas e fructas delicioso.

Os lettrados, que o jantar aquecêra, começaram a desafiar se para um d'estes certames poeticos em que o vencido é condemnado a beber o numero de taças de *cam chou* marcado pelo seu adversario. Mandou You-hi buscar páus de tincta, o pincel, e papel, e saíu-se cadaum com o seu improviso.

O primeiro lettrado, que da janella via o campo illuminado pelo sol quasi no occaso, escreveu:

(1) Obras cujo estylo é um meio termo entre o dos livros e a linguagem que se falla.
(2) Collecção d'obras chinas em 180·000 volumes.
(3) Liquido tirado d'uma fava.
(4) *Hirundo esculenta* ou andorinha salangana.

«Os dias que passaram, carrancudos e chuvosos, avivam o lustre dos campos cultivados pelas mãos dos homens.

«Os passaros, semelhantes a rubis e amethystas, voam por entre as folhas do arvoredo.

«Algumas borboletas adejam ainda sobre as cristas dos pecegueiros sacudidos pelo vento.

«A relva parece esmaltada como um tapete bordado por mão habil.

«Banquete delicioso! risonho aspecto! suaves aromas!

«É doce o viver entre amigos, quando o céu resplandece como um docel de seda.»

Depois de lidos e applaudidos estes versos, mostrou os seus o segundo lettrado.

«Transplanta o lavrador o arroz ainda mui tenro para terreno de novo roteado.

«Vê em breve no campo viçoso e coberto d'agua a imagem d'um lindo céu azulado.

«O nosso coração é o campo; loução e rico quando as paixões são puras e regradas.

«O unico meio de chegar a este gráu de perfeição é não presumir muito de si.»

Estes versos pareceram ainda melhores que os primeiros, mas o terceiro lettrado, que, como Effendon soubera pelo jantar adiante, era viuvo de poucos dias, leu o improviso seguinte:

«O famoso Ou, n'um transporte de ciume, mata a mulher: brutalidade.

«O illustre Sium quasi que morre de pena por lhe morrer a sua . asneira.

»O philosopho Tchouang diverte-se com a matinada dos picheis e das taças; abraça o partido da liberdade e passa vida folgasã.

É o meu mestre. Morreu-me minha mulher, peguemos no leque para lhe seccar muito depressa o jazigo.»

Foram recebidos estes versos com grandes gargalhadas e applausos; unanimemente se lhes adjudicou o premio, e cadaum dos outros dois lettrados foi sentenceado a beber dez chavenas de vinho quente

Cumprida a sentença, You hi, que queria tractar os seus convidados com toda a magnificencia china, levou-os a uma varanda que dava para o pateo principal, illuminado por lanternas de papel de côres. Logo, a um signal dado, rompeu um fogo de vistas em todo o pateo, figurando alternativamente arvores de chamma carregadas de fructos de todas as côres, canteiros esmaltados de flôres, e cobras mui compridas que saltavam até a cimalha da casa.

Acabado o fogo de vistas vieram pelotiqueiros de maravilhosa destreza, e por fim uns comediantes, que representaram uma das peças mais celebres do seu repertorio improvisado. Como porém lhes faltassem o espaço e as vistas, tinham o cuidado de annunciar cada mutação, dizendo:

— Agora o theatro representa um bosque, ou um palacio, ou um carcere (*).

Quando algum actor tinha de ir viajar, nem por isso saia da scena. Montava a cavallo n'uma bengala, dava tres voltas a roda do theatro, parava, e dizia: — Cheguei ao termo da minha jornada. — E continuava a representar como se na verdade tivesse feito a tal jornada.

Effendon gostava d'esta qualidade de espectaculos, apesar de os ter visto muita vez. Ficou até acabar a peça, e quando saíu de casa do *hanista* já a noite ia muito adiantada.

(*Continúa.*)

(*) Nas grandes cidades da China chega a haver seis theatros em cada rua. Os espectadores sentam-se em bancos, e teem diante de si umas pequenas mesas, onde tomam chá, com uma luz para os que fumam. As representações seguem-se desde pela manhã ate a noite. Os papeis das mulheres são feitos por homens.

Precauções para méchar os toneis.

Todos sabem como e para que fim se faz esta operação, muito facil quando o tonel se despeja por uma só vez, e no mesmo dia em que se lhe dá a mecha. Mas quando se mécham toneis despejados por vezes, ou passada mais de uma semana, acontece que o ar de fóra entra no tonel, decompõe as borras e os restos de vinho, produz absorpção do oxigenio, e enche a vasilha de gaz acido carbonico: não porque os restos do vinho tenham azedado, como se diz, mas porque o gaz carbonico é improprio para a combustão, a mecha apaga-se. Para vencer este obstaculo enxagua-se a vasilha, e deixa-se a escorrer por doze ou vinte e quatro horas, com o batoque destapado e virado para o chão. O gaz carbonico, por ser muito pesado, vai saíndo e cedendo o seu logar ao ar atmospherico. O espaço de vinte e quatro horas é pouco: é preciso ás vezes deixar passar tres dias antes de dar a mecha, principalmente se as vasilhas tiverám vinho generoso Convém enxofra-las todos os annos; com muito mais razão as que hão de ficar vasias.

Preservativos contra os ladrões.

Um advogado, que depois foi deputado ás côrtes na França no tempo da restauração, quando era moço foi chamado para defender *ex officio* tres homens accusados de roubo; e de tal modo se houve que conseguiu salva-los.

Passado algum tempo, quando já se não lembrava de tal, viu em casa os seus tres clientes, os quaes lhe declararam que, por não terem dinheiro comque lhe provassem o seu agradecimento, queriam dar-lhe um bom conselho; porque ouro é o que ouro vale.

«Senhor doutor, se quer afugentar os ladrões da sua casa de campo, disse em tom pezaroso o orador da quadrilha, tenha um cãosinho e uma lamparina, e esteja descançado que nenhum ladrão, que não fôr de portas a dentro, se atreve a pôr-lhe os pés em casa. Um quarto que tem luz de noite lança o ladrão na incerteza; a regra em tal caso é não ir lá. Quanto aos cãesinhos, mettem mais medo aos ladrões do que os cães grandes, porque ladram sem pausa, e porque se mettem por baixo dos trastes, e não se podem agarrar. O cão grande atira-se ao homem, e pode ser morto na lucta. Demais, o canzarrão do pateo faz-se mais depressa á mão com um pedaço de carne ou algum osso, do que o cãesito costumado a comer bem, e a receber a ração das mãos d'alguma pessoa de casa.»

O advogado ficou muito obrigado aos seus pobres clientes, que, para o obsequiarem, trahiam o segredo da honrada, antiga, e numerosa corporação dos ladrões. Ensinou a receita aos muitos amigos que tinha; usou d'ella toda a sua vida, e deu-se bem, assim como os amigos que a adoptaram. Quando chegou a ser magistrado teve muitas occasiões de verificar a efficacia do remedio que lhe haviam ensinado na sua mocidade.

Nunca escrevais possuido de cholera. Um dicto fere ás vezes mais do que um punhal: como ferirão os bicos d'uma penna!

Á PONTA DO CAJÚ.

A provincia do Rio de Janeiro é uma das mais importantes do dilatado imperio brasiliense, não tanto por comprehender a capital, bella, populosa, e grandemente commercial, como pela sua vantajosa situação relativamente ás outras partes do Estado, e pelos seus proprios e abundantes recursos. Jaz entre 21 e 24° de latitude meridional, e entre 43 e 48 de longitude occidental pelo meridiano de Paris. Tem por limites da parte do norte, a começar da costa maritima, o rio Cabapuana (*) que a separa da provincia do Espirito Santo, o rio Parahiba e seus affluentes, e a serra da Mantiqueira, outros tantos pontos que tambem a separam da provincia de Minas-Geraes; da parte de oeste e sudoeste confronta com a provincia de S. Paulo desde a dicta serra da Mantiqueira até a ponta de Cairuçu, que fenece no Oceano, da banda do sul; de leste é cercada de mar por espaço de umas cento e vinte leguas, contando-se trinta e cinco entre a costa e a provincia de Minas-Geraes.

Avalia-se a superficie da provincia do Rio de Janeiro em seis mil e duzentas leguas quadradas: em geral é montuosa, exceptuando o terreno que demora atraz do Cabo de S. Thomé, e que na estação das chuvas é alagado das aguas reprezadas pelos medões de areias que as ondas amontoam, e desfazem ás vezes, sendo porém mister que os habitantes as mais d'ellas cortem vallas para o escoamento: nas lagôas d'estas terras brejosas ha grandissima copia de aves palustres de mui diversas côres e de todos os tamanhos. Na estação chuvosa o viandante vê-se atalhado, ora pela violencia da corrente dos rios, ora pelas aguas encharcadas na estrada, e tem de seguir jornada em canôas, levando arreatadas as cavalgaduras, ás vezes a nado. Pudera evitar-se este grave inconveniente se as auctoridades locaes, por via de derrama entre os povos, ou por outro meio habilitadas, curassem de abrir vallas, e caminhos altos nos logares alagadiços, com pontes nos sitios em que precisas fossem, tractando posteriormente da reparação e conservação das estradas; assim alcançar-se-hia não só grande beneficio para o transito como para a agricultura pela acquisição de optimos terrenos, e tambem para a saude dos habitantes, que padecem muito com as febres periodicas.

Deixando as lagôas visinhas ao mar, é toda a provincia bem cortada de aguas; ao norte a rega o Parahiba, para o qual confluem os rios Grande, Rosarahi, Paquequera, Piabanha, e Pirahi, todos para além dos montes e serra dos Orgãos; ao sul d'esta serra e da dos Aymorés teem seu curso os rios Macabú, de S. João, Macahé, Macacú, Iguaçú, e Guandú, que seguem differentes rumos, sem fallar em outros muitos, menos copiosos, que todavia servem de uteis vias de communicação para o transporte dos generos do sertão.

Os portos da cidade de Cabo Frio, do Rio de Janeiro, e d'Angra dos Reis são os que teem capacida-

(*) Ainda no anno de 1816 infestavam as margens d'este rio os indios botocudos, que demos em estampa na 1.ª serie d'este Jornal; porém já em 1820 se policiaram mais e se tornaram tractaveis.

de para grandes vasos de guerra; nos outros da mesma costa só entram barcos, e são os principaes Armação, Barra de S. João, Guaratiba, Macahé e Parati. A maior parte das ilhas das bahias e proximas á costa são povoadas e cultivadas.

Quanto á parte mineralogica, é bem escaço o ouro n'esta provincia, porém ha minas de ferro e de enxofre ainda por lavrar, e por toda a parte pedreiras de granito; varias especies de barros que se empregam na feitura de louça ordinaria, tijolos e telhas; n'algumas serras acha-se tambem o *kaolin* de que os chinas fabricam a sua melhor porcelana. Mattas vastissimas ministram excellentes madeiras de carpintaria, a saber, cedro, canella, merindiba e caixeta; o jacarandá, vinhatico, arariba e outras servem para moveis pela belleza da côr e facilidade com que tomam polimento: fazem-se canôas de todos os tamanhos com o páu d'oleo, arvore que cresce extraordinariamente. A ipecacuanha e a jalapa brotam espontaneas na orla das mattas abundantes de lenhos, que vertem gommas e balsamos mui prestadios e procurados. O páu-brasil ou ibirapitanga é inferior ao das provincias do norte. Nas terras incultas visinhas ao mar acham-se tres especies de aroeira, que servem aos pescadores para tingir as redes, que assim se tornam mais duradouras.

A provincia do Rio de Janeiro é entre todas as do Brasil a melhor cultivada. Os plantios de café são muitos e grandes, e de boa qualidade o seu producto, encontrando-se por toda a parte, bem como os bananaes e palmares, laranjaes e mangueiraes, e outras arvores que, trazidas das Indias orientaes, se aclimataram, como aconteceu aos pecegueiros e marmeleiros da Europa. Das arvores fructiferas indigenas umas requerem terreno forte, como as jabuticabeiras, grumixameiras; outras, como os cajueiros, se dão muito bem nos arneiros; algumas em toda a parte medram sem precisão de amanho, como os araçazeiros e goyabeiras. Antes da chegada do Sr. D. João VI ao Brasil não se cultivavam nas hortas senão feijões, couves e nabos; porém a affluencia dos estrangeiros introduziu o uso de todas as hortaliças de que os mercados se acham bem providos. Nas mattas das partes da provincia que se acham povoadas criam-se cabritos montezes, pacas e outra caça; nas do sertão vagueam onças, jaguares, gatos bravos, gambas ou sarihoés, tatús, e outros animaes proprios da America. Por toda a parte tem multiplicado prodigiosamente o gado vaccum, cavallar e muar, originario da Europa.

Segundo o arrolamento de 1840 a população da provincia era de 430000 habitantes, contando 224830 escravos de ambos os sexos; o total será 600000, ajunctando-se-lhes 170000 almas da povoação da cidade e arrabaldes, distribuida da seguinte maneira: — brasileiros por nascimento ou adopção 60000, estrangeiros de diversas nações 25000, escravos de toda a côr e sexo 85000.

No anno de 1841 exportou a praça do Rio de Janeiro 1,028 368 saccas de café de cinco arrobas, 10465 caixas de assucar, 174 648 couros. — No anno financeiro de 1842 a 1843 sairam 4804813 arrobas de café da colheita da provincia, e 1029732 arrobas vindas das provincias de S. Paulo e Minas-Geraes, que fazem a totalidade de 1 166 909 saccas de café de cinco arrobas. Segundo os documentos officiaes publicados em 1843 ha na cidade do Rio de Janeiro 4734 casas de commercio de differentes generos; 7 belgas, 95 inglezas, 328 francezas, e o restante pertencentes a portuguezes, que especialmente se occupam do commercio de ferragens, quinquelherias, mercearia, e vendem junctamente por miudo aguardente, vinho, azeite, manteiga, especiarias, conservas, carne secca e outros comestiveis.

Tirámos o presente artigo de uma bem redigida obra recem-publicada em Paris (1845), compilada sobre os manuscriptos de Mr. Milliet de St. Adolphe pelo Sr. Dr. Lopes de Moura: o auctor originario residiu no Brasil vinte e seis annos, percorrendo-o em variadas direcções.

A nossa estampa representa um sitio das visinhanças do Rio de Janeiro — a ponta do Cajú. Este pontal arenoso, e sobremaneira saliente na bahia Nitherôhi, fica a uma legua ao noroeste da cidade. Ahi se vê um palacio imperial, notavel pela simplicidade da architectura e pelos soberbos jardins plantados em chão arido. D'este local se espraia a vista pela bahia e montes circumdantes, e por muitas casas de recreio, vivendas agradaveis na boa estação por causa da viração do mar, que refresca a intensidade do calor diurno, e da viração ou briza da tarde, que de ordinario reina todas as noites.

Arte antiga.

(Continuado de pag. 81.)

Entrando no interior das igrejas é que se observa na disposição particular, e em todo o plano d'ellas, o symbolo a revelar-se em toda a sua magestade. Os architectos da meia idade imitavam a estructura das primeiras basilicas, sem se deterem com a sua origem pagã. No seculo XIII, sobre tudo, exprimem com individuação e clareza a historia e o fim do christianismo.

A figura em cruz de todos os monumentos religiosos é para recordar a morte do fundador da nova religião, que escreveu com o sangue do martyrio, no coração dos povos, a sua doutrina sublime. A entrada principal dos fieis na igreja fazia-se pelo grande portal, pelo *pé da cruz*. Não significará isto, que pelas trabalhosas missões, pelo zelo incansavel, se derramou o Evangelho entre as nações? A nave representa a congregação dos fieis. A intersecção do choro e da nave, aonde se ergue o altar mór, é o logar sanctissimo, em que o sacrificio se consumma. Este logar sagrado, aonde se deposita o que os christãos adoram mais reverentemente, corôa-o uma cupola, imagem do empyreo: umas vezes redonda, outras cortada em pannos. Debaixo da cupola está o pulpito, d'onde o sacerdote falla a palavra de Deus, e explica a lei moral. No da direita liam-se os Evangelhos, no da esquerda commentavam-se as Epistolas.

O choro situado para o levante, no sitio mais eminente da igreja, é o symbolo da sanctidade e da luz do Espirito Sancto. Primitivamente só tres janellas se rasgavam para o allumiar. Ahi, nas cadeiras esculpidas, assistiam aos officios os ecclesiasticos, conservadores das cousas sagradas, e os magistrados, representantes do estado civil. Tudo isto significava a união da vontade catholica, uma e universal, e a fortaleza do christianismo.

As capellas collateraes das naves, e as que se abriam em volta do choro resplandeciam uma como auréola sobre a cabeça de Christo, representando o culto dos martyres da fé, e o das communidades e povos. As naves eram o logar de reunião assignado a todas as gentes da terra. Estas diversas partes, no todo, significavam a igreja militante.

Por debaixo d'ella cavavam-se tenebrosos subterraneos; existia uma segunda igreja abobadada; essa compunha o symbolo da igreja afflicta. Nas gallerias superiores, nas tribunas do choro, e algumas veres

em capellas feitas nos campanarios celebrava-se o culto dos anjos. Era o symbolo da igreja triumphante.

Ornamentação.

As figuras que se enlaçavam phantasticas nas voltas dos arcos, nos capiteis dos columnellos, e no arqueamento das portas, essa innumeravel serie de griphos, arabescos e archanjos, não eram fórmas inventadas ao acaso pelo capricho do artista. Ligavam-se ao pensamento da epocha, e á idéa de quem delineava os admiraveis hymnos de pedra, chamados cathedraes. Em umas eram a traducção do mysterio em allusões palpaveis; n'outras exprimiam a resistencia popular á violencia civil, ou ao predominio sacerdotal. Em muitas os terrores da eternidade, e o desespero moral vestiam as suas apprehensões de corpos horriveis, truncados, e medonhos, como os criava a imaginação atribulada das nações. O livro de marmore dava a formula — a sociedade, para a qual se abria, possuia o segredo de a resolver.

As parochias, quasi nullas no seculo XII, apparecem rudes e singelas como os habitantes ruraes, que o sino chamava á oração. No seculo XIII a reacção começa; as ordens mendicantes crescem, e levando erguida a cruz da penitencia, e trazendo sempre viva em si a imagem da primitiva pobreza e humildade do apostolado, disputam aos opulentos benedictinos e bernardos o imperio, de que já principiavam a abusar. É no tempo da epopéa da idade media que o architecto e o esculptor lavram tambem a sua epopéa na face das cathedraes; o cinzel responde ao trovador. Cada andar de marmore encerra um canto; cada figura repete um verso. Nos portaes lavrados, que resguardam o sanctuario, os que passam, ao levantar os olhos, encontram um episodio admiravel, e param para o estudar. A poesia mundana rima em canções d'amor as bellezas da gaia-sciencia, os soláus, as chacaras, as cantigas populares, que se dizem ao pé da lareira na ingenua melopéa do povo. Os monumentos escrevem com o escôpro a epopéa religiosa, a creação, o verbo d'esperança, a alliança antiga, renovada pelo sangue do Justo nas raizes do Golgotha. São os prophetas, são os martyres, é a virtude triumphante, dobrando o vicio escravo aos pés do arrependimento e da fé.

O seculo XII *crê e sente*; mas é uma crença austera — é um sentir aspero. Viu Karl o Grande e Frederico Barbarôxa, heroes gigantes e autocratas, como os reis de Judá, resplandecerem com severa e terrivel magestade. Deus era para elles o antigo Jehovah, assentado n'um throno de nuvens, fulgindo lhe na fronte a corôa de fogo dos relampagos, fulminando pela voz dos trovões os crimes de uma geração de poderosos oppressores e corrompidos. — Por isso em toda a parte, nos poemas e nas esculpturas, predomina a copia das passagens do Testamento velho. Depois suavisaram-se estas idéas lugubres. Christo, pela sua natureza, promettia reconciliar os homens com o céu. A misericordia estendeu o braço para consolar as dôres, com que a duvida e o temor pungiam o peito dos crentes. A Virgem, meiga e terna como o amor, era a luz da esperança, que illuminava as trevas de um futuro carregado. Quando o seculo XIII rompia com a tremenda ameaça do fim do mundo, só Ella, a Mãi do Filho de Deus, inexgotavel na bondade e na doçura, podia obstar ao castigo, e deter a espada da justiça.

Então as artes esqueceram as figuras medonhas apenas humanas, que o cerebro desregrado do artista evocava da imaginação delirante; figuras de dôr e pesesperação. As idéas purificam se pela promessa do Evangelho, e a victoria da esperança grava-se na architectura, reproduz-se nas bellas e animadas estatuas dos sanctos e confessores, como nas cathedraes de Paris e Strasburgo, e penetra pelos olhos e pelo coração no aperfeiçoamento moral dos povos.

D'esta revolução nas crenças proveio a reacção nas artes. Os sumptuosos e magnificos portaes de Reims e de Amiens nasceram d'ella. A variedade, a riqueza, e o numero dos ornatos extasiam. Vistos de perto, percebe se que no seio do infinito, no meio da opulencia de milhares de fórmas, a ordem anima desde o mais simples até o mais complicado ornamento. São palavras, são phrases, são versos abertos em marmore. Da sé de Lisboa á Batalha, e da Batalha a Belem que distancia moral não vai, que revolução no gosto, que progressiva transformação nas idéas?

Ha nos monumentos religiosos, que o passado nos legou, a historia de civilisações extinctas. Os innovadores de camartello, os emplastradores de gesso e vermelhão, não sabem que esses relevos partidos, essas columnas brutalmente assarapintadas de cal, esses capiteis variados, e os filetes bordados de figuras, enriquecidos de mil tarjas, de que fazem marcos e calçadas, contêm uma parte dos pergaminhos da nossa antiga nacionalidade. Fanaticos de uma cousa que não percebem, invocam o progresso, cuspindo nas cinzas de seus avós. As artes, os homens, e a civilisação devem perdoar aos pobres de espirito, porque na sua ignorancia não entenderam o que fizeram. Mas quem nos restituirá o que nos roubaram no seu enthusiasmo municipal os Gracchos da picareta, os Atilas das sés e dos mosteiros? Só nos resta conservar o que nos deixaram, e defende-lo das estações e dos vandalos. O mais perdeu-se irremediavelmente.

O Feitor de Cantão.

Novella.

(Continuado de pag. 86.)

Maria, depois de vestir o fato ordinario, viera ter com seu pai a sala onde o deixára; e como não o encontrasse, affigurou-se-lhe que ainda estava agastado e saíra para não a vêr.

Arrazaram-se-lhe os olhos de lagrimas só de o imaginar. Maria amava d'alma a seu pai, estremecia-o, tinha-lhe um affecto implacavel, como á unica criatura com quem podia communicar pensamentos. Apartada dos mais homens por causa da sua enfermidade, para ella o mundo cifrava-se em seu pai, em quem concentrára toda a amizade que uma menina reparte com a mãi, irmãs ou companheiras; não podia pois supportar o mais leve enfado d'Effendon; uma reprehensão sua, por mais branda que fosse, causava-lhe uma especie de desesperação.

Mas se ao principio a afligíra a ausencia do feitor, em breve lhe despertou serios cuidados a tardança depois da hora do costume; porque, como o feitor se esquecêra de lhe dar parte do convite de You-hi, parecia a demora inexplicavel. Chegou a hora da ceia, e Effendon sem apparecer! Maria mandou procura-lo aos differentes escriptorios onde elle tinha negocios; em parte alguma o virão!

A imaginação da infeliz menina, já abalada, começou a desvairar. Muito contribuia para lh'a exaltar a impossibilidade de communicar os seus receios, de os discutir, e de os ouvir contrariar. Desceu muitas vezes ao porto, e caminhava á tôa procurando avi-

da com os olhos por entre as turbas o seu idolo, como se esperasse encontra-lo a cada volta. Sobreveio a noite e seu pai sem chegar.

Recolheu-se a casa e sentou se a uma janella sobranceira á rua. Alli, debruçada, com o coração angustiado e a cabeça a abrazar-se lhe, se afanava por distinguir do borborinho a tão conhecida voz paterna. Entrou finalmente um criado que fôra buscar noticias, e deu-lhe a entender que tinha visto ir o palanquim do feitor para os arrabaldes chinas, onde estava a casa de You-hi.

Com esta noticia recresceram os sustos de Maria. O exemplo recente d'um inglez que tinha sido apanhado n'um d'esses bairros escusos, e maltractado pelos moradores chinas, que não o largaram sem receberem avultada somma de dinheiro, provava, com effeito, que taes excursões não eram livres de perigo. Em quanto luctava entre temores sem se deliberar, alongou os olhos machinalmente para a margem opposta do Tigre, e deu um grito. Cresciam longas labaredas por cima das casas do arrabalde, espalhando no horisonte um clarão aziago!

A muda não pensou em mais nada senão em que tinha lá seu pai, exposto, além dos perigos já sabidos, aos do incendio! Este receio acabou de a desatinar. Correu fóra de si ao caes, voou ás barcas de passagem, mas o povo pejava os embarcadouros, apontando para as chammas a medrar na outra banda, e bradando soccorro. Depois de haver tentado em vão abrir caminho até os *campons*, lembrou-se Maria d'outro sitio, mais para baixo e menos frequentado, onde estanceavam barcas. Livra-se do apertão e parte ás carreiras pela ribeira abaixo.

E a noite escura, e o vento a sibilar lugubre, e o Tigre a bramir ao longe. Na passagem só estava atracada uma *lorcha* sem lanterna. Maria divisou na prôa dois barqueiros tartaros mal encarados. Conversavam em voz baixa. Ruins agouros! Maria não repara; lança-se na barca, e desata a corda que a prendia á praia, soltando o grito agudo com que ajudava a expressão dos gestos. Os tartaros ergueram-se, e como que se interrogaram. Maria vendo-os irresolutos, puxou depressa pela bolsa, tirou d'ella uma moeda de ouro, e lhes indicou a outra banda. Os olhos dos barqueiros faiscaram ao vêr ooro; correram ambos aos remos, e o batel fez-se ao largo.

A menina muda, de impaciente, tinha ido para a prôa, e aguçava a vista para distinguir, nas trevas da noite, a outra margem do rio. E a barca tão vagarosa, tão vagarosa! Até, por tres vezes, lhe pareceu parada, como se os conductores hesitassem em ir ávante, e ao voltar-se os viu a conversar com grande interesse em voz sumida. Chegára emfim a meio-rio; a outra banda começava a avultar no escuro, e ella, para assim dizer, já a afferrava com os olhos, quando a cingiram dois braços vigorosos! Volton-se dando um grito; mas quasi no mesmo instante sentiu ferirem-lhe o peito, e caiu sem sentidos.

Effendon, como fica dicto, lá pelo meio da noite é que veio para casa, e só quando, no outro dia, perguntou pela filha é que deu pela sua falta. Como os criados não a tinham visto sair nenhuma informação puderam dar. O feitor esquadrinhou todos os recantos, correu a casa dos seus amigos, interrogou os visinhos, e espalhou a criadagem por toda a cidade de Cantão. As primeiras pesquizas foram inuteis; mas, perto da noite, trouxeram-lhe uns barqueiros uma cravata com manchas de sangue achada no Tigre.

Effendon na cravata reconheceu a firma de Maria! Este lugubre indicio fulminou o malaventurado pai! Nem já podia duvidar, morrêra-lhe a filha, e morrêra-lhe assassinada! . . . Mas aonde? por quem? com que motivo? Enredava-se-lhe a mente em supposições impossiveis. Eram baldadas as treguas que, para assim dizer, dava á desesperação afim de inquirir reminiscencia; não podia acertar com o rumo, e do meio da cerração um só verdade surgia, innegavel e terrivel: assassinaram tua filha. Effendon repetia estas palavras como um louco, ou como um homem que trabalha por despertar de sonho horrendo. Por mais provas que désse a si mesmo da certeza da perda da filha, se o entendimento as admittia o coração rejeitava-as. N'esta lucta perpetua de um com o outro, se elle ouvia fallar na escada, se sentia abrir alguma porta com mais pressa, voltava-se, sobresaltado, com a esperança de ver Maria!

Passaram se dias e dias, e ella sem apparecer. O feitor, por fim, foi obrigado a crer. . . a crer que já não era pai! Esta certeza matou-lhe a energia. Rompeu de subito todas as suas relações, abandonou a direcção da feitoria aos agentes inferiores, e escreveu á companhia para o mandar substituir.

Quizeram vêr os amigos se o confortavam, mas sem fructo, que ao feitor até aborrecia escuta-los. Deitado n'uma marqueza diante do retrato de Maria passava dias inteiros, immovel, olhando sem vêr, e ouvindo sem responder. A'quella actividade energica e curiosa d'outrora succedêra o torpor da indifferença. Dissereis que a filha, ao desapparecer, lhe levára comsigo força e vontade; triste abatimento das almas mais fortes, quando as preenche um só affecto e a desgraça o corta pela raiz.

Um dia que Effendon tinha ido, como quem vai de rastos, ajustar umas contas com o kong-hang, o que só elle podia fazer, ao passar pela porta defeza da cidade china, obrigou-o a parar uma longa cafila de camellos, que vinham carregados de sal e de carvão. Acabava o ultimo de entrar pela porta, e o feitor, immovel qual estatua, ficára a olhar materialmente para as carroças de vela, equilibradas n'uma só roda, para as liteiras levadas a braços, e para os grandes carros empurrados por um só homem, que transportam os viajantes com as suas bagagens, quando deu com os olhos n'uma sumptuosa carroça de quatro rodas, com a caixa envernizada, puxada por cavallos ricamente ajaezados. Dirigia-a um cocheiro natural da Coréa, como indicavam a largura da sua tunica, o chapéu conico de bambú entrançado, e as botas d'algodão acolchoado. Sobre as almofadas de verniz preto avultava o bastão de mandarim em relevo dourado, coroado d'uma grinalda de jasmins de prata.

A carroagem, que parára por achar a rua empachada, tornou a rodar. Ao passar defronte de Effendon . . . Boliram de repente as cortinas de seda e soou um grito! . .

O feitor, que ia a partir, voltou-se attonito. Reconhecêra aquella voz que se não confundia com outra! . N'este momento correram-se rapidamente as cortinas agitadas, ouviu-se outro grito, e um rosto de mulher se inclinou para fóra! . . . Era Maria.

O americano estendeu os braços e quiz lançar se a ella! . . . mas a carroagem passára a porta china, e os cavallos, achando-se em campo largo, metteram de trote. Effendon, fóra de si, a seguiu aos brados; alcançava-a se os guardas chinas da porta lhe não impedissem a passagem.

—« É minha filha, vil gente, é minha filha! » exclamou o feitor forcejando por soltar-se.

—« Para as feitorias, para as feitorias, cão! » replicaram os soldados empurrando-o.

—« Não, disse Effendon allucinado, largai-me! . . . minha filha . . . quero segui-la! »

—« É um doido, » repetiram algumas vezes.

—« É deita-lo no Tigre. »

—« Agarrem-n'o bem. »

Tinham com effeito agarrado o feitor, que deu um urro de raiva, e fez o supremo esforço ao vêr a carroagem proxima a sumir-se na volta d'uma rua. Mas o official mantchou que commandava o posto acabava de chegar com um reforço de soldados, que se deitaram a elle, lançaram-n'o por terra, e depois de o terem atado de pés e mãos com as cordas dos seus arcos, o puzeram ás costas d'um burro e o trouxeram para as feitorias no meio dos insultos e apupos da gentalha. *(Continúa.)*

Os indios de Surinam.

Continuando a narração dos costumes dos indios de Surinam ou Cayenna hollandeza (vide a pag. 85), tractaremos de sexo masculino.— Os indios são geralmente de caracter bondoso, e tudo se alcança d'elles por via de brandura e afagos, e principalmente pela dadiva de bebidas espirituosas; porém na embriaguez são tão formidaveis como na cholera, e tão crueis nas demasias da gula como na vingança. Teem as feições do rosto assaz agradaveis, o que se observa principalmente na gente moça, mas divisa-se-lhes certo fundamento de melancholia, que provém da bruteza e do excesso das bebidas, a que se entregam com furor quasi incrivel.— Teem a testa chata e recuada, olhos pretos e de ordinario pequenos, dentes mui bellos, que conservam até muito avançada idade; nunca são atacados de escorbuto e outras enfermidades da bocca, tão communs na Europa: os cabellos teem-n'os pretos como azeviche, e só se fazem brancos na extrema velhice: serapintam a cara com listas negras e encarnadas, as primeiras feitas com çumo de genipapo e as segundas com urucú: a sua côr estimada, como entre todos os demais povos selvagens, é o vermelho, e d'ella tingem cabellos, pescoço, espaduas, e ás vezes outras partes do corpo: a quem os vê de certa distancia parece que estão crivados de golpes; e alguns riscam tambem metade das pernas, o que faz o effeito de borzeguins (*): a natureza lhes concedeu pouca barba, e assim que essa pouca desponta é arrancada com pinças feitas de cascas de marisco. — Assim como as mulheres furam as ventas e o beiço inferior, os homens fazem o mesmo ás orelhas, trazendo n'ellas um como alfinete de certo metal, que parece prata ou platina, e que elles affirmam haver em abundancia nas suas terras; comtudo os mais d'elles trazem bocados de páu ou ossos de inimigos. Uns cobrem-se com chapéus tecidos de pennas de aves diversas, ou simplesmente com pennas de varias côres, outros poem barrete, alguns cingem a cabeça com uma tira de pelle de onça, e os mais d'elles andam de cabeça toda descoberta. Ao redor da cintura amarram uma corda ou faxa de côr escura, as mais das vezes vermelha, que lhes serve para pendurar uma faca sem bainha. Passam por entre pernas outra faxa de algodão azul ou encarnado, da largura de meia vara, e do comprimento de quatro a cinco: as duas pontas ou cahem soltas posterior ou anteriormente, ou as arregaçam sobre as pernas ou sobre os hombros; ha-os que trazem uma especie de dalmatica ou capa, de duas a tres varas em quadro, que enrodilham á cinta ou traçam por cima do hombro.

Nada ha tão comico para quem não está habituado como vêr um caudilho, ou capitão indio, vir ao forte europeu, ou a qualquer auctoridade da colonia, com seu casacão vermelho agaloado, sem camiza nem calções, de chapéu redondo tambem agaloado, e empunhando um bastão como usam os tambores móres: toda a tribu o segue a certa distancia, e as mulheres e rapazes cerram a marcha. Commumente é um velho, e sempre o mais habil guerreiro da cabilda; faz que lhe obedeçam ao primeiro aceno, e os seus mais leves dictos são tidos como oraculos por todos os seus.

Teem por armas arcos feitos de páu rijo, de ordinario de cinco a seis pés de comprido; e haos menores: os rapazes os teem de junco para se exercitarem: as frechas são de tres a tres e meio pés, e tambem são de junco ou de páu de palmeira; a seis pollegadas da extremidade as enfeitam de pennas de papagaio; as pontas são de ferro ou de espinhas, artificiosamente trabalhadas: outras frechas lhe servem para varar o peixe quando o descobrem a dois ou tres pés de fundura d'agua: as de que usam contra os inimigos são hervadas com o succo da arvore manceuilheira. Tambem se armam de lanças ou dardos, que arremeçam com grande destreza: fazem zarabatanas com juncos de nove a dez pés, e as frechas que disparam são pequenas, mui delgadas, e involtas em algodão; jogam-n'as a cem e mais passos só com o impulso do sopro, e com força bastante para matar animaes pequenos, passaros ou quadrupedes. Teem varias castas de massas de lenho duro e preto, algum com veios ou jaspeado: umas boleadas e do compri-

(*) Esta pintura dos selvagens é cravejada na pelle, como fazem os supersticiosos da Europa, que se *ferram* com signos salamões, e outros signaes symbolicos contra bruxedos e feitiços.

mento de dois a tres pés, outras chatas, quasi da fórma de catana, e na ponta ornadas de plumas: tambem as fabricam quadradas, e pouco mais ou menos de dois palmos. — Todas estas armas, bem como as fundas e as facas de matto, tornam-se muito sanguinarias nas suas mãos, sobre tudo em momentos de cholera ou quando acirrados na guerra. Desde a chegada dos europeus é que conhecem o uso da espingarda, do machado e acha d'armas e da espada: atiram com a primeira á moda dos negros, apoiando a coronha no quadril direito.

Uma aldeia india é, pelo commum, habitada por vinte a trinta pessoas entre homens e mulheres, sob as ordens de um caudilho; constroem as suas casas, ou ramadas, do modo mais economico, compondo-as de alguns troncos bifurcados e mettidos no chão: o tecto é de serrafos de lenho de palmeira, recamados de folhas de bambú e de bananeira, tão bem concertadas que não as penetra a agua: não teem portas nem frestas, e o tamanho é proporcional ao numero de individuos que ha de occupa-las. Em geral, os indios não teem residencias fixas: ora habitam os bosques, ora á beira das calhetas ou dos rios; umas vezes se retiram para as suas roças, outras vezes abalam para as praias maritimas. Quando intentam mudar de morada, escolhem o logar, e o aplanam para construir a choça. Feito isto, preparam em redor o chão para a cultura da mandioca, do milho, e da bananeira; porém nunca para mais do que lhe é absolutamente indispensavel ao gasto.

A caça e a pesca são as occupações habituaes dos indios; as mulheres são obrigadas a segui-los n'estes exercicios, carregadas das necessarias provisões; e além d'isso cumpre-lhes ir buscar a caça que os maridos derribam, e carrega-la para a cabana. Vi um dia (diz Mr. Benoit) uma india moça e interessante que voltava da caça com seu marido; este não trazia mais que o arco e frechas, e aquella caminhava apoz elle accurvada ao pezo de um grande mólho de bananas, de uma creança de mama, de uma cabaça cheia de *chica* (bebida fermentada) e ao mesmo tempo pendia-lhe de um braço um cabaz cheio de caça.

Quando os indios vão á pesca empregam as suas pirogas ou canôas, de nove a dez pés de comprimento e de quatro de largura, inteiriças porque são feitas de um só tronco de arvore excavado: as grandes ou de guerra compoem-se ordinariamente de nove aprumchas, junctas mui artificiosamente com cordoalha: algumas teem vinte a trinta pés de comprimento, e as velas quadradas; servem tambem para as excursões pelo mar, ou á vela ou a remos: n'ellas conservam sempre lume prompto, que as mulheres vigiam para não se apagar. — E de ordinario em terra mesmo, sobre tudo nos bosques, as mulheres hão de ter sempre fogueira, por duas razões: amedrontar e fazer fugir as feras, e dissipar as nuvens de mosquitos e outros insectos, nimiamente incommodos n'estas paragens.

Em Surinam, da mesma maneira que entre todas as tribus selvagens, as formalidades e ceremonias que precedem e acompanham os casamentos são de uma singeleza primitiva. Quando o indio pretende tomar mulher principia por presentear a sua noiva com a colheita das suas caças e pescas, ou alardeia em sua presença os trophéus guerreiros, se teve occasião de conquistar os despojos ou o craneo de um inimigo. Se a rapariga acceita as dadivas, é prova de que consente em toma-lo por senhor e marido: e quando o seu noivo se recolhe das suas occupações, traz-lhe á cabana o mimoso mólho de peixe; e depois volta para sua casa. Em breve se fixa o dia das nupcias; e no entanto parentes e amigos ajunctam provimento de comidas e bebidas para o festim solemne. Chegado o dia, o mancebo procura a rapariga na cabana da familia, e diz lhe «eu te escolhi por mulher.» Bastam estas simples palavras; ella o segue logo: celebra-se o banquete, primeiro para os homens, porque só depois são admittidas as mulheres, uso de tal sorte rigoroso, que nem mesmo a recem-casada come n'essa occasião com seu marido. D'ahi por diante começa a vida aspera e trabalhosa da india com seu senhor.

Superstições dos Arabes antes de Mafoma.

(Continuado de pag. 78.)

Isaac e Ismael herdaram o raio prophetico; mas para os musulmanos tem a primazia Ismael, porque o consideram pai da tribu de Mafoma, e unico filho legitimo. Contam d'Ismael o que a Biblia diz d'Isaac. Tractam pouco por miudo de Jacob; mas Joseph, ou Jossouf como pronunciam os musulmanos, gosa de grande nomeada no Oriente. Mafoma consagrou-lhe um capitulo inteiro do Koran, e o que d'elle diz é tão fóra do natural, que mesmo alguns dos seus discipulos o tem por embuste.

Sabe-se que Joseph foi vendido a um egyptano por nome Putiphar. Crêem os orientaes que Putiphar era primeiro ministro de Pharaó; affirmam que Joseph era formosissimo, e que nenhuma mulher o podia vêr sem que o amasse. Mal o avistou a de Putiphar ficou louca de amor. Estava Joseph a ponto de ceder-lhe quando a sombra de seu pai o reconduziu á estrada do dever. Soou esta aventura, accrescenta o Koran, na capital do Egypto, e todas as damas se indignaram contra a fraqueza da companheira de Putiphar, levando-lhe muito a mal a baixeza de dar o coração a um escravo. A mulher do rico egyptano, querendo vingar-se, convidou algumas d'ellas para virem comer romãs a sua casa. Estando todas á mesa fez apparecer de repente Joseph, cuja belleza cegou as damas a tal ponto que, sem attentarem no que faziam, cortaram os dedos em vez de cortarem as romãs. Este caso, escreve Mr. Reinaud, acha-se representado n'um bellissimo manuscripto persa da bibliotheca real, o qual tracta da historia dos patriarchas e dos prophetas.

Decorreram muitos annos depois da morte de Joseph sem apparecer nenhum personagem celebre. Moysés ou Mussa, segundo a orthographia oriental, foi quem Deus elegeu para fazer lembrados os grandes nomes de Noé e d'Abrahão. Mafoma cita muitas vezes Moysés no Koran; como elle se achou n'uma situação quasi semelhante á d'este patriarcha, como tambem se viu obrigado a sair da patria, e esta emigração lhe estendeu o poder, agradava-lhe pôr em scena o legislador dos hebreus, e auctorisar-se com os seus exemplos. Na opinião dos orientaes sabia alchimia e todos os segredos da natureza; obrou a maior parte dos milagres com a mão, que elles figuram tão alva como a neve, tão brilhante como as estrellas do firmamento. E por isso quando querem fallar d'um homem poderoso pelo dom da palavra, d'um medico que faz curas maravilhosas, dizem que tem a mão branca de Moysés.

David ou Daoud, como lhe chamam os povos do Oriente, não é menos illustre para os musulmanos do que para nós: por ter composto os psalmos o puzeram a par de Moysés, Jesus, e Mafoma. Livros d'outros quaesquer não os julgam inspirados. Os arabes fazem uma idéa tão cabal da voz de David, que lhe attribuem o condão de deleitar os passaros, amollecer o ferro, e aplanar montanhas; quando celebrava os

louvores de Deus toda a natureza vinha a acompanhar-lhe os canticos. Para provar a compunção com que David chorou o seu erro, escrevem os musulmanos que, durante os quarenta dias da penitencia, as plantas e as hervas crescêam com a abundancia das suas lagrimas. Além d'isso, querendo exaltar-lhe a modestia e lhaneza, fabularam que elle escrupulisava de gozar o fasto real; e que não só fazia timbre de vestir uma tunica simples de lã branca nos dias solemnes, como as dos prophetas, mas, a exemplo d'elles trabalhava pelo officio de armeiro e fabricante de cotas de malha, e do seu producto se mantinha. Compre saber que os orientaes, testemunhas diarias dos abusos do despotismo, inclinam pouco a respeitar as grandezas mondanas: o afamado Areng-Zeb, que reinou na India ha mais d'um seculo, comia e vestia do que lhe rendiam as copias que tirava do Koran.

Succedeu a David no throno e na luz prophetica seu filho Salomão, a quem os orientaes chamam Solimão. Não ha casta de maravilhas que lhe não attribuam, e o seu nome ficou sendo o emblema de quanto ha grande sobre a terra. Dizem os arabes que Salomão havia sujeitado ao seu poder não só os homens e os animaes, mas os genios e os elementos. Era pio por natureza, e assiduo no orar. Certo dia em que estava a ensinar os seus cavallos, chegada a hora da reza, largou tudo para cumprir este dever. Entretanto fugiram-lhe os cavallos; porém Deus lhe resarciu a perda mandando aos ventos o levassem onde desejava. Quando tinha de fazer alguma viagem sentava-se n'uma alcatifa, e a aragem brandamente o transportava ás regiões mais longinquas. D'este modo, pelo que dizem os arabes, salvou Salomão os desertos da Arabia, zombou das correntes mais impetuosas, discorreu todas as ilhas do oceano indico, e obrigou o universo a reconhecer a lei do Eterno. Accrescentam os orientaes que quando Salomão julgava, assistiam ás suas sentenças dois mil patriarchas e prophetas, sentados n'outros tantos thronos de ouro á direita; e dois mil sabios e doutores da lei, sentados em thronos de prata á esquerda. As aves do céu vinham fazer sombra ao riquissimo solio de Salomão, que sabia a lingua dos passaros, dos insectos, e de quanto respira. Mafoma não desdenhou inserir no Koran as praticas de Salomão com uma formiga. Tinha ensinado uma poupa a levar-lhe as ordens a todas as partes do mundo, e por ella é que soube a existencia da rainha de Sabá; e tambem era senhor d'um escudo que o defendia dos encantos e dos encantadores, o qual escudo, revestido de caracter mystico, composto de sete pelles differentes, e cercado de sete circulos, fôra fabricado sob influxo celeste. Salomão possuia igualmente uma espada chammejante e uma couraça impenetravel.

O thesouro mais precioso de Salomão era o annel que trazia no dedo, com que lia no presente e no futuro, e com que sujeitara a maior parte dos genios a lhe obedecerem. Tão submissos eram os genios á vontade de Salomão que bastava mandar para ser logo servido. Por este meio facil, segundo os orientaes, erigiu o filho de David o templo de Jerusalem, o palacio da rainha de Sabá, e os outros monumentos que lhe illustraram o nome. Estando um dia no banho caíu infelizmente o annel em poder d'um genio perfido, que o lançou ao mar. Este genio levou o atrevimento a ponto de se intitular Salomão, e o verdadeiro Salomão viu-se obrigado a vagar quarenta dias pelos seus estados, feito alvo dos mais grosseiros insultos. Um peixe trouxe por fim o annel milagroso a Salomão, que proseguiu na estrada dos seus triumphos. Os orientaes attribuiam a Salomão grande sciencia magica, e esta opinião remonta aos tempos da maior antiguidade. Lê-se no historiador Josepho que desde o tempo do rei Ezechias, isto é tres seculos depois de Salomão, já circulavam com o seu nome muitos livros de magia e sortilegios; Ezechias mandou-os queimar, mas escaparam muitas copias, e a superstição foi crescendo de dia para dia. Mafoma assegura no capitulo segundo do Koran que taes livros não os escrevêra Salomão, mas demonios litteratos. Quando Salomão exhalou o suspiro derradeiro fizeram os genios mil tentativas, baldadas todas ellas, para se apoderarem do annel. Os musulmanos estão persuadidos de que Salomão se acha enterrado n'uma ilha do mar do Sul, e que, se não fôra uma serpente com azas que lhe guarda o tumulo, já os genios se teriam apossado do talisman. Taes são as differentes causas que concorreram para propagar o nome de Salomão pelo Oriente. Louvaram-lhe a sabedoria e conhecimentos raros; chamaram-lhe o ministro de Deus, e o seu nome serviu para designar os grandes monarchas. D'aqui vem essa turba de Salomões que figuram na historia, ou antes na mythologia oriental. Alguns auctores chegaram a contar sessenta, e foram buscar o principio da serie dos Salomões a tempos anteriores a Adão, quando os genios habitavam a terra. A maior parte d'estes auctores representaram todos os Salomões como principes igualmente dotados de sabedoria e poder, e attribuiram-lhes o escudo mystico, a espada chammejante e o annel maravilhoso.

Um personagem singular nas tradições do Oriente é Kheder, que alguns escriptores confundem com o propheta Elias, empregando indifferentemente estes dois nomes. Os orientaes derivam o nome de Kheder d'uma palavra que significa *estar verde*. Com effeito elles teem lá para si que este personagem não morreu, porque bebêra as aguas d'uma fonte situada na extremia do Oriente nas regiões chamadas os *Paizes tenebrosos*, as quaes aguas teem a virtude de perpetuar a vida. Os que distinguem Kheder d'Elias concordam em lhes dar a mesma duração e emprego. Ambos, dizem elles, andam agora a correr mundo, e velam na segurança dos viajantes; suppoem que Kheder serviu de guia aos israelitas quando atravessaram os areaes do deserto. Por tanto Kheder e Elias, a andaram sem descanço, trazem á memoria o Judeu-errante. Alguns orientaes lhes attribuiram em especial a guarda das cartas missivas e dos correios; os seus nomes acham-se ás vezes nos sobrescriptos das cartas, para com mais certeza ellas chegarem ao seu destino.

Os musulmanos teem grande devoção com o propheta Zacharias, e com seu filho Yahia, a quem nós chamamos S. João Baptista. No Koran o proprio Deus dirige a palavra ao precursor do Messias: Oh Yahia, pega affoutamente no livro, lhe disse o Eterno! « Nós lhe concedemos a sabedoria desde a meninice, continuou o Altissimo; repartimos com elle a nossa charidade e misericordia, e fez provança de piedade. Respeita muito seu pai e mãi, e é limpo de soberba e iniquidade: a salvação seja com elle no dia do seu nascimento, no da sua morte, e no dia em que resuscitar! » Os orientaes concordam com o Evangelho na austeridade da vida de S. João Baptista, e na morte cruel que lhe fez dar uma mulher por lhe elle querer reprimir a devassidão. Accrescentam que, por memoria de crime tão enorme, nunca cessou de correr o sangue de S. João Baptista. Esta morte, dizem elles, foi a causa primaria da ruina do templo de Jerusalem e da dispersão dos judeus pela superficie da terra. Ainda hoje vão os musulmanos peregrinar a Damasco, onde presumem que estão os despojos mortaes de S. João Baptista, porque o seu fim tragico recorda aos orientaes todas as calamidades que affligem a especie humana.

Mas o nome de Jesus, ou Yssa, como lhe chamam os musulmanos, occupa entre elles logar mais sublime. Lê-se no Koran que Jesus nascêra sem pai, e fôra creado só por virtude da palavra de Deus; por isso os orientaes lhe chamaram o Verbo Divino, ou simplesmente o Verbo. Poem-n'o a par de Adão por terem sido ambos creados d'um modo particular. Os musulmanos reconhecem todos os milagres referidos no Evangelho; admittem a faculdade que tinha o Salvador de resuscitar os mortos, fazer que ouvissem os surdos, dar vida aos enfermos, e fazer que andassem os côxos. Até citam milagres em que a Biblia não falla. Dizem que Jesus só esteve tres horas no berço, que fallou ainda involto nas fachas, e que animava com o seu sopro passaros de barro. O Koran exprime-se assim: « Démos a Jesus, filho de Maria, o poder dos milagres, e assistimo-l'o e fortalecemo-l'o com o Espirito Sancto. Alguns dos prodigios que os livros sanctos não mencionam tirou-os Mafoma dos falsos evangelhos que, no seu tempo, gyravam pela Arabia. Os orientaes estão convencidos de que o Salvador fazia a maior parte dos milagres com o seu sopro; e na verdade, lêmos no Evangelho que elle fez ouvir um surdo soprando-lhe n'uma orelha. Todos os escriptores do oriente alludem frequentes vezes ao sopro do Messias. Em geral, nada é mais louvavel do que o respeito que os musulmanos teem a Jesus. Mafoma, no Koran, faz assim fallar o Eterno: «Oh Jesus! eu exaltarei os que se te unirem, e humilharei os que te não reconhecerem!» Desgraçadamente negaram os arabes a divindade de Jesus Christo; lêem-se estas palavras no Koran: « São infieis os que dizem que o Messias é Deus.» Mafoma, na opinião d'elles, occupa logar mais alto; chegou a dizer um dos seus auctores que o patriarcha Abrahão não passára de ser um official do exercito do propheta, e o Messias o mestre de ceremonias da sua côrte. Negam igualmente a paixão e morte de Jesus Christo. Diz-se no Koran, cap. 4.º: « Creem os judeus ter dado a morte ao Messias, enviado de Deus; não o fizeram morrer a elle, mas a algum outro com elle parecido.» A opinião dos orientaes é que Jesus ha de voltar no fim dos seculos; as religiões christã e musulmana reduzir-se-hão a uma só, e depois d'isso acabar-se-ha o mundo.

Por uma consequencia natural da veneração que os musulmanos teem a Nosso Senhor, professam admiração profunda á Virgem, a quem chamam Mariam; teem a convicção de que a Virgem Maria e o Menino Jesus foram isentos das manchas do peccado original. « Não ha homem nenhum, disse Mafoma, que ao nascer não traga em si os signaes das garras de Satanaz; por isso, quando nascemos, desatamos em chôro; Maria e seu filho foram os unicos dispensados d'esta prova.» Finalmente os orientaes respeitam os doze apostolos e todos os que contribuiram para a propagação do christianismo. Todavia, são algum tanto desaffeiçoados a S. Paulo; e affirmam que se os christãos, em vez de considerarem o Messias como simples propheta, lhe attribuiram a divindade, tem S. Paulo toda a culpa d'isto. Depois de Jesus Christo os orientaes não reconhecem nenhum propheta até Mafoma.

Taes são, segundo os musulmanos, os principaes personagens que abriram a estrada ao seu propheta. Muitos d'elles existiram realmente; mas os orientaes converteram-n'os em heroes de romance, afogando a verdade em miudezas bem ridiculas e disparatadas.

Seguiremos este trabalho de Mr. de Courtenay, dando conta, para o diante, da vida de Mafoma, e do Koran.

A ilha Celebes—Macassar.

(Continuado de pag. 84.)

A veiga, para além do bazar, e do arrabalde que o continúa ao cabo da cidade, é um continuação de bonitos jardins antes de chegar á campina. Vê-se depois o terreno plano sombreado por arvores formosas, e que se prolonga a perder de vista: ás vezes ha lagos proximos a pequeninos bosques deliciosos, por entre os quaes volteia a estrada: os arrozaes mostram por muitas partes as ondas das basteas tremulas ao sopro da briza do largo, ao passo que nos baldios vagueam soltas manadas de bufalos e de cavallos. Casas malaias em quantidade, embutidas no arvoredo, com tenue cerca de estacada, e bellos jardins, tanto mais bastas apparecem quanto menos distam da cidade, chegando a encostarem-se a esta da banda do bazar.

A parada, amplo terreiro que medeia entre a cidade e o forte, na extremidade é guarnecida de alamedas, que vão rematar na morada do governador da colonia, a quem intitulam « residente;» e em contraposição, á beira-mar, vê-se o estaleiro, onde são construidos os paráus destinados á navegação da ilha: não ha cousa que dê melhor idéa da arca de Noé do que estas casas fluctuantes, governadas por dois lemes postos de cada lado da pôpa, e com fortes mastros, imitando um triangulo coroado de velas quadradas feitas d'esteira. Estes barcos são tardos no andamento, demorados nas viagens, e denotam a bonança d'aquelles mares: são destinados especialmente á pesca, que vão fazer á costa do norte da Australia, ao estreito de Torres, e tambem a apanhar perulas, e ninhos de salangana (*): —estes objectos constituem grande parte do commercio de exportação de Macassar, e expedem-se para os mercados da China. O ganho da pesca do peixe *tripang*, que vai para fóra, é muito lucrativo na Celebes: os negociantes hollandezes entram activamente n'esta especulação; só um d'elles equipava annualmente para esta pescaria uma duzia dos taes paráus.

A população hollandeza conta poucos brancos; compõe-se em grande parte de homens de côr, mestiços oriundos das allianças dos europeus com as malaias, porém nunca de malaios com brancas: é difficultuoso ao estrangeiro fixar o numero dos europeus, mas talvez não passe de 500 pessoas; igualmente o é orçar, durante o pouco tempo de uma arribada, a população china, que de mais d'isso é fluctuante, variando, em certas temporadas do anno, conforme as entradas e saídas de navios que transportam os viajantes. Vimos alli chinas que tinham habitado alternativamente em Manilha, em Singapura, e em Batavia. Esta gente que, no grande archipelago asiatico, faz as vezes dos judeus levantiscos, deixa a patria pelo engodo do lucro, ou aguilhoada pela penuria. Acodem a qualquer parte em que se fundar uma colonia; apossam-se do commercio a retalho, enriquecem pouco a pouco, e as mais das veres voltam a suas terras quando teem juncto cabedal, posto que alguns se estabeleçam de assentada onde teem feito seu tratico. Ageis, engenhosos, perseverantes, dão-se a toda a casta de especulações; de tudo sabem tirar proveito; e se fazem carpinteiros de carros, quincalheiros, alfaiates, çapateiros, &c., com a mesma facilidade. Porém ao mesmo tempo conservam escrupulosamente os costumes, habitos, trajos, e crença da mãi patria: nunca se perde a sua nacionalidade; vangloriam se d'ella, e isso impede que se confundam com os povos malaios, especulando com a negligencia e preguiça d'estes. *(Continúa.)*

(*) Que se comem e passam por singular iguaria na Asia.

USOS MEXICANOS.

A PROVINCIA de Oaxaca sempre foi a mais rica do Mexico, não pelas minas, mas pelas producções do terreno, que valem muito mais. Só as exportações da cochonilha, segundo a estadistica de Carlos Maria Bustamante, calculada de 1757 a 1820, produziram, anno ordinario, 1:523 000 piastras, quantia enorme, que pela maior parte passou ás mãos dos indios cultivadores do cacto cochonilheiro. Estes, cujas precisões são bem pouco dispendiosas, não sabendo que façam de tanto dinheiro, o enterram n'uma e n'outra parte, no campo ou debaixo das penhas dos outeiros. D'este modo a avareza restitue a terra o que lhe roubara. Só os proprietarios conhecem os escondrijos, e a ninguem os descobrem; morrem sem dizer nada aos filhos, nem estes se dão ao cuidado de indagar isso. Se por acaso algum indio acha um d'aquelles thesouros, fica amedrontado, torna a tapar escrupulosamente o deposito sem tocar n'um ceitil, persuadido de que morreria n'esse anno se fizesse o minimo latrocinio aos manes de quem enterrou seu dinheiro. — Todavia ha indios ricos que, sem alterarem na mais leve cousa os seus costumes e modo de viver, sacrificam ao luxo e á vaidade, e gastam avultadas quantias no tractamento de suas casas. Jantei ás vezes á mesa de muitos d'esses naturaes mexicanos, onde vi baixella de prata e outros moveis preciosos: tinham generosos vinhos de Malaga, de Xerez, e tambem de Bordéus, com que regalavam á larga os seus hospedes; e as cobertas eram atulhadas de iguarias na maior abundancia e mui bem preparadas ao gosto da terra. Porém nunca eles comiam comnosco europeus; recolhiam-se com a familia á cosinha, e alli, assentados n'uma esteira, tomavam a sua frugal refeição e bebiam agua pura. Bella lição de temperança dada pelo homem semicivilisado aos filhos das nações policiadas.

Afora aquellas despezas de fausto, ha outras circumstancias que concorrem para diminuir, de tempos a esta parte, a copia de thesouros escondidos; fallo dos gastos que em cada uma aldeia fazem os *alcaldes* e os mordomos fabriqueiros das igrejas quando são eleitos: n'estas festanças banqueteam todos os moradores do seu logar, pagam á propria custa a festa d'igreja, a musica, o fogo de vistas, &c. &c., e enfeitam as imagens dos sanctos com adereces, habitos e mantos novos, communmente de muito preço e esplendidos

Posto que o valor da exportação da cochonilha tenha baixado metade e mais, a provincia de Oaxaca sempre continua rica; apenas a capital é mui pobre: os indios tiram algum lucro do amanho dos cactos proprios d'aquella droga; porém os negociantes arruinam-se, e o commercio vai de dia para dia de mal a peior. Quando os rebellados entraram em 1812 na cidade de Oaxaca, os escriptorios dos hespanhoes e creoulos trasbordavam de ouro e prata; arrebataram-se essas riquezas ás carradas; mas já lá vai o tempo de tamanha prosperidade, e se tem de voltar não será tão cedo; te-lo-ha no entanto Oaxaca para chegar ao fundo do abysmo para onde a miseria a impelle.

O trajo das mulheres naturaes da terra tem sua

especialidade; é um *enrollado*, nome hespanhol, de um corte de panno, posto á roda do corpo desde a cinta até os joelhos, tecido de lã preta raiada de vermelho; e um *huepil*, pedaço de panno, com abertura no meio para passar a cabeça, que cobre as costas e o peito, e é de estofo d'algodão branco tramado com fio de côr: usam tambem uma especie de meio chale, com que cobrem a nuca e os hombros, e além d'isso trazem, como tambem os homens, um lenço encarnado, de seda ou de algodão, amarrado na cabeça, e sandalhas nos pés enfeitadas de lavores. Com o nariz de bico de papagaio, queixo revirado, e côr de cobre, raras d'estas mulheres são bonitas; nota-se-lhes comtudo na physionomia um toque de astucia, pouquissimo vulgar nas outras indias.

A côr geral dos naturaes é cobreada; n'alguns cantões do Mexico tira para encarniçada, e n'outros para azul escura. Ha muitos individuos que teem na pelle nodoas de diversas côres; porém esta particularidade não é natural; deriva de uma lepra que vicia a massa do sangue; incuravel para os que a trouxeram do ventre materno, e nos quaes se tornou organica, communica-se pelo contacto. O numero d'estes enfermos, que os hespanhoes chamam *pintos*, é muito grande em Tehuantepec, nas costas de Tabasco e na de Acapulco: habitam de involta com os outros indios, sem que estes tenham pensado em os affastar da sua communidade e evitar um commercio fatal. Demais, apesar dos incommodos inherentes á sua doença, aquelles gafos vivem tanto como os sãos, e podem dedicar-se aos mesmos trabalhos. E' uma enfermidade analoga á dos albinos ou pretos brancos.

Tehuantepec, de que acabo de fallar, é uma cidade de 14 000 almas, creoulos e indios, situada a 70 leguas de Oaxaca. Cortez, nas suas cartas a Carlos 5.º, e todos os geographos antigos a designam como porto de mar; mas pelo retrahimento gradual das aguas do oceano Pacifico jaz ao presente a mais de quatro leguas da praia. A industria principal dos habitantes consiste na cultura da planta do anil e na preparação da droga d'esta formosa tincta; este trafico excede alli ao da cochonilha. As colheitas que, ha trinta annos, davam proximamente 35 000 libras de anil, anno ordinario, ainda hoje regulam pelo mesmo, e até ás vezes excedem aquelle algarismo. O anil mais fino é feito da flôr da planta, e só em Guatemala se fabricam alguns quintaes d'elle.

O murice, concha que dá a côr purpurina, tão famosa na antiguidade que esgotou os bancos d'este marisco nas praias de Chypre, acha-se em toda a costa occidental desde Guayaquil até Acapulco: colhe-se principalmente nas lagoas de Tehuantepec, onde existe em grande quantidade. As mulheres trazem tiras de panno, ou maços d'algodão fiado, repartido em negalhos, e á proporção que arrancam o marisco da pedra espremem com os dedos o animal sobre o panno que pretendem tingir; extrahem assim um liquido esbranquiçado que seccando se faz escarlate. Esta côr é indelevel, e até adquire lustro depois de lavada a miudo: nem todos os tecidos a tomam bem, assenta melhor na lã e algodão do que na seda. As mulheres de Tehuantepec, de Chihuitan e dos arredores fazem grande estimação d'ella para as guarnições das saias; e pagam muito caro este enfeite, se não vão pessoalmente tingir os seus vestidos.

As habitantes de Tehuantepec usam de um vestuario especial, que sem contradicção é dos mais elegantes da America, sem exceptuar o trajo das *senoritas* de Lima, o qual me parece mais extravagante que original, mais ridiculo que engraçado, apesar de todo o artificio que poem em pratica para o aformosearem. — As mulheres de Tehuantepec vestem uma saia de cassa ou de gaze, guarnecida de grandes folhos, e mesmo de franja de ouro, preza acima dos quadris por uma banda de seda: depois assenta o *huepil* de mangas curtas, cerrado sobre os rins, e ageitado em ondas fluctuantes sobre os peitos; é de cassa bordada ou de tecido liso e de côr; mas trazem outro, sempre de cassa branca, sobre a cabeça, de sorte que a guarnição que circula o pescoço serve como de moldura ao rosto, e as duas mangas pendem para diante até a cintura, e para traz até o meio das costas; o complexo d'este vestuario, perfeitamente proprio para realçar os attractivos de uma senhora juvenil, conserva ás mil maravilhas as fórmas corporeas, e ao mesmo tempo é rico e gracioso. A primeira vez que eu vi damas de Tehuantepec com este trajo pareceram-me extremamente agradaveis: além d'isso, no olhar e nos modos teem um mimo que muito bem casa com a graça dos seus adornos. — O viajante que chega áquella cidade em dia festivo, e que vê as jovens ataviadas com tanta elegancia, pasma attrahido do espectaculo, como ficaria achando formosa e fresca verdura no meio dos aridos areiaes da Lybia; acaba de discorrer por um territorio onde os habitantes, raros, são de fealdade e sordidez repugnantes, e o contraste lhe causa todo o prazer de uma inesperada e bella mutação de scena.

O Feitor de Cantão.

Novella.

(Continuado de pagina 91.)

Na mesma noite do dia da prisão de Walter Effendon encerrou-se este com You-hi no quarto mais retirado da casa do feitor americano. O hanista, sentado n'uma cadeira de bambú, parecia assustado, e olhava amiudo para a porta como quem receiava ser apanhado n'esta conferencia. Effendon passeava inquieto com uns papeis na mão. Saíra solto havia poucas horas, e mandára logo chamar o negociante china, a quem havia revelado tudo.

Grande foi a admiração de You-hi quando soube do disfarce de Maria, que elle sempre cuidára ser filho do feitor; mas quando Effendon chegou a contar-lhe o inaudito encontro que tivera de manhã, o pasmo se lhe converteu em incredulidade. Comtudo o americano sustentou o que afirmára. Eram de Maria aquelles dois gritos que ainda o faziam estremecer: eram de Maria as feições que tinha entrevisto. Não estava morta a sua filha, mas em poder d'um roubador que elle queria descobrir a todo o custo. Acabava por tanto de fazer um requerimento ao governador ou vice rei de Cantão, expondo concisamente os factos, e pedindo que procurassem e lhe restituissem Maria.

— « Se não promettes algum premio, advertiu You-hi, o governador não dá um passo. »

— « Tens razão, disse o feitor; vou accrescentar que pagarei pelas buscas quanto elle exigir. . . »

— « Não escrevas isso, atalhou o hanista; pediam-te quanto tens. Offerece uma quantia redonda. . . Mil liangs talvez (1). »

— « Vá! Disse Effendon, correndo para uma mesa, afim de addicionar a promessa á sua petição. Mas como hei de fazer entregar este requerimento em mão propria ao vice rei? »

— « Não tens senão um meio, disse You-hi, e ainda que é contrario ás leis. . . »

(1) Mil liangs andam por um conto e cento e quarenta e tantos mil réis.

— Tens razão, interrompeu o americano, levantando-se; corro á porta chineza.

— « Mas peço-te encarecidamente, replicou You-hi abaixando a voz, que não digas que fui eu que te dei este conselho. Se desconfiassem que nos entendemos, ficava eu perdido. »

Effendou soccegou o banista promettendo-lhe a maior discrição, e apartou-se d'elle para ir n'um pulo ás feitorias afim de reunir os seus amigos.

E bem o precisava para que surtisse effeito o meio porque elle queria que o requerimento fosse entregue. Tendo mostrado a experiencia que as petições entregues por estrangeiros aos mandarins nunca chegavam ás mãos do vice rei, alguns pretendentes mais destemidos haviam inventado um methodo, estranho porém certo, de as fazer chegar ao seu destino. Junctavam para este fim umas trinta ou quarenta pessoas, dispersavam á paulada a guarda da porta, e entravam de rondão na cidade china, com grande alarido, furando os lampiões de papel dos logistas. Estes, assaltados de terror panico, deitavam logo a fugir; os guardas das ruas fechavam as barreiras, e os *decuriões* (1) corriam em busca d'um mandarim que viuba informar-se da causa da subita irrupção. Então os requerentes abaixavam os bordões, appresentavam a petição, e retiravam-se com a certeza de que o vice rei, inteirado do motim, havia de querer vêr o requerimento que o causára.

O resultado da empreza d'Effendou excedeu as suas esperanças, porque, no auge do tumulto, acertou de passar por alli a liteira do vice rei. Effendon entregou-lhe o requerimento.

Passaram dois dias sem chegar a resposta, e Effendon já se estava preparando para repetir a supplica fazendo outra invasão, quando lhe entregaram um papel fechado com sinete do mandarim de primeira ordem. Abriu, a tremer, e leu o seguinte:

« Eu, King-fo, munido do diploma de *tsin-sse* (2), condecorado successivamente com os dois botões azues, e com o botão de coral, e hoje com o botão de pedras preciosas (3), e recommendado nove vezes no registro dos *ping-pou* (4); governador da provincia de Cantão em nome do filho do céu, o grande e soberano imperador.

« Ao chefe barbaro da feitoria americana.

« Lemos o memorial que tu nos dirigiste, supplicando, e ao lê-lo reconhecemos a verdade do proloquio do sabio, quando disse que os corações dos homens eram tão varios como os terrenos do celeste imperio. Porque, do mesmo modo que vemos rochedos estereis, e terras nocivas que não produzem senão plantas envenenadas, ha corações d'onde não póde saír cousa boa; taes são os dos barbaros estrangeiros.

« Tu desobedeceste ás ordens do soberano imperador, e agora queixas-te de te roubarem tua filha, que em tua casa conservavas escondida; porém sabe que o homem prudente não crê na palavra do quebrantador das leis.

« E quanto ás mil liangs em que fallas, é nossa vontade contentarmo-nos com ellas por esta vez, posto seja moleta insufficiente para a falta que commetteste em não te sujeitares á vontade do filho do céu.

« Seja isto uma lei a teus olhos »

Não tentaremos exprimir a dôr e indignação d'Effendon quando acabou de ler esta carta repassada d'odio aos estrangeiros, d'injustiça, de hypocrisia, e de cobiça. No primeiro impeto lembrou-se de junctar as companhas de todos os navios americanos que estavam no rio, arma-las, e ir á sua frente pedir justiça ao vice rei. A reflexão abriu-lhe os olhos; fazia uma loucura. Correu a casa de You hi, mostrou-lhe a resposta que acabava de receber, e pediu-lhe conselho. O banista deu-lhe de parecer que requeresse de novo; e elle proprio, enternecido pelas supplicas do feitor e pela offerta de quinhentas liangs, prometteu dar passos n'este negocio. Mas a segunda tentativa não foi mais bem succedida que a primeira. De nada valeu a Effendon o apoio dos agentes das outras feitorias, nem a influencia do *kong-han*: o vice rei sustentou o despacho.

Esta inflexibilidade lançou o desgraçado pai na demencia da desesperação.

Em quanto julgou a filha morta soffreu o golpe se não resignado ao menos sem reluctar, como se soffre um desastre irremediavel. Semelhante a esses soldados a quem o jugo da derrota quebra subitamente os brios, havia-se abraçado com uma afflicção muda e quêda; mas este vergar ao desalento, porque a esperança o desamparára, desapparecen mal tornou a raiar a esperança. Ao quebranto succedeu uma especie de alegria febril que as repulsas do vice rei trocaram em raiva. Absorto na sua dôr, e azedado ao vêr que nada podia, Effendon tomava mil resoluções que logo abandonava, formava mil planos impossiveis, e a todos pedia conselhos inuteis ou soccorros que lhe não podiam dar.

Comtudo, You-hi tinha continuado a tirar informações em segredo, sem poder achar rastos de Maria. Finalmente um dia chegou a casa do feitor muito esbaforido, e com cara alegre.

— « Ergue um altar aos teus genios domesticos, exclamou elle; trago-te novas de tua filha! »

Effendon deu um grito.

— « Onde está ella? » perguntou maravilhado.

— « Em Peking. »

— « Que dizes tu? Maria. . . »

— « Levaram-n'a de Cantão ha perto d'um mez. »

— « Mas como? Quem? Por onde soubeste? . . . »

— « Devagar, devagar, disse o china sentando-se e enxugando a testa. Tres perguntas requerem tres respostas. »

— « Mas estás certo, bem certo, que é ella? » replicou Effendon, quasi sem poder respirar.

— « Se é que tu não te enganaste quando a viste na carrongem envernizada. »

— « Não me enganei. Mas quem é o dono da carrongem? »

— « E o que eu tenho andado a indagar ha tres semanas, » lhe tornou o china.

— « E soubeste-o por fim? . . . »

(1) Ha nas ruas, de certa em certa distancia, portas ou cancellos, guardados por soldados, as quaes se fecham assim que principia algum tumulto. De dez em dez casas ha um *decurião*, que é um chefe de familia, responsavel pela manutenção do socego em parte da rua. O serviço dos decuriões corre, por escala, todos os cidadãos.

(2) Ha na China dois graus litterarios: o *Kin-jin* (homem recommendado) e o de *tsin-sse* (doutor adiantado em grau.)

(3) Todos os empregados do governo china, a que os chinas chamam *kouan* e os europeus mandarins, estão divididos em nove ordens ou classes, subdividida cada uma d'ellas em principal e secundaria. A divisa da 1.ª classe, a que apenas pertencem uns raros personagens dos mais eminentes do imperio, é um botão de pedras preciosas que trazem no gôrro; a da 2.ª classe um botão vermelho ou de coral, do feitio d'uma flôr; a da 3.ª um botão de pedra azul ferrete; a da 4.ª azul claro; a da 5.ª de cristal branco etc.

(4) O *ping-pou* é o tribunal ou ministerio da guerra. Os governadores das provincias são ex-officio presidentes d'este ministerio. Os mandarins militares são reputados inferiores aos mandarins civis da mesma classe, recebem pequenos soldos e estão sujeitos á inspecção d'aquelles. Os chinas presam o premeiam mais o talento litterario e o de bem governar do que o de destruir.

— « Sube muitas cousas; mas, pelos céus azulados que invoca o nosso soberano imperador, se queres que t'as diga has de ouvir-me. »

— « Falla! falla! » disse o feitor suffocado de impaciencia e alegria.

— « Tu sabes, continuou You-hi, que temos em Peking um tribunal de censores encarregados de advertir o filho do sol quando erra, e de discorrer as provincias para examinarem de que modo governam os mandarins o reino do meio. »

— « Sei. »

— « Pois ha um mez que um d'estes censores se achava em Cantão. Era d'elle a carroagem em que viste tua filha. . . »

— « Mas como se acha Maria em seu poder?

— « Ah! é a ponta por onde eu devia ter principiado a historia! retrucou You-hi; e se tu não me tivesses cortado o fio ao discurso. . . »

— « A final, que aconteceu? »

— « Aconteceu, mister Effendon, que na noite em que desappareceu tua filha foi com effeito apunhalada por assassinos, e depois lançada ao Tigre, como provava o lenço do pescoço que te trouxeram. »

— « E d'ahi? » interrompeu Effendon arquejando.

— « E d'ahi a corrente levou-a pelo pé d'um dos nossos barcos de flôres (1) d'onde foi vista.

— E salvaram-n'a?

— Moribunda, segundo parecia. Valeu-lhe achar-se alli o censor Fo-hu. Quiz que a transportassem para sua casa, onde se curou, pois que a viste pouco tempo depois. »

— « E tu descobriste estas particularidades. . . »

— No barco de flôres, onde tudo isto aconteceu. » Effendon saltou aos braços de You-hi.

— És o meu salvador, You-hi! exclamou elle fóra de si; dever-te-hei minha filha. Mas como a hei de exigir de quem a agasalhou? »

O negociante china abanou a cabeça.

— « Fo-hu ha de pôr muita difficuldade em t'a restituir, disse elle, porque lhe morreram todos os seus filhos e tem uma avareza insaciavel. Ha de casar tua filha com algum mandarim da côrte, mediante grande somma.

— « Que dizes? Pedirei justiça ao imperador. »

— « E como lhe has de fazer entregar a tua supplica? »

— « Tens razão, disse Effendon ancioso; se os mandarins servem de medianeiros interceptam-n'a; mas eu não posso fia-la de mãos seguras? . . . Tu mesmo You-hi, negar-te-hias a leva-la a Peking, se eu te promettesse. . . »

— « Não promettas nada, acudiu logo o mercador; metter-me eu n'este negocio era deitar-me a perder. »

— » Que me dizes? »

— Já te esqueceu que nos é vedado ter relações com estrangeiros, fóra as do nosso commercio? Não podia encarregar-me da tua reclamação sem mostrar que violára a lei imposta aos homens da dynastia de Han. »

— « Não importa! eu acharei alguem. »

— Ninguem, Effendon, ninguem.

— « Mas que hei de eu então fazer? » exclamou o americano desesperado.

You-hi encolheu os hombros.

— « Contentar-te com saber que tua filha está salva. . . »

— « Nunca! bradou Effendon. Disse muitas vezes que a vontade podia abalar montanhas; chegou o momento de o provar. A despeito de todos os obstaculos hei de vêr Maria ou encontrar a morte.

(*Continua.*)

(1) Barcos ornados de flores, onde ha toda a qualidade de divertimentos. Alli se reunem os chinas a noite, como nós nas assembléas philarmonicas,

M. M. B. DU BOCAGE.

O principio do presente seculo viu apagar-se um brilhante meteóro que fulgurou entre os astros da poesia portugueza: no curto espaço da sua apparição derramou maior copia de luz que outros em dilatado gyro. Uma vida de trinta e nove annos, decorridos entre 1766 e 1805, assignalou-se por grande numero de composições nos varios generos da poesia lyrica, recebidas avidamente do publico, e applaudidas com tanto enthusiasmo que requintava em frenesi. Nenhum dos nossos vates foi mais popular, nenhum engrinaldou a frente com mais vecejante e farta corôa de louros, do que Manuel Maria Barbosa du Bocage. A natureza o dotára de imaginação viva e de extrema sensibilidade, que transparecem na maioria dos seus versos, filhos d'aquella facilidade e vehemencia de estylo, que derivam da inspiração intima: nascêra poeta, como elle proprio diz:

Das faixas infantis despido apenas
Sentia o sacro fogo arder na mente.

Assim como ha pintores que, apesar de incorrecções no desenho, captivam pelas graças do colorido, Bocage encanta e arrebata pela viveza das expressões, e pela harmonia do metro. Seja-nos licito dizer que creou uma linguagem sua energica e ao mesmo tempo flexivel a todos os assumptos, distincta não tanto pela abundancia como pela escolha das palavras; a collocação d'estas, raras vezes de muitas syllabas, ajudando a cadencia do rythmo, a propriedade dos epithetos, explicam a complacencia com que declamâ-

mos os versos d'este poeta; a dicção nas composições eroticas corre fluente, é maviosa; nas satyricas é forte, pungente e até acerba; porém sempre correcta e harmonica a versificação.— Bocage sobresaíu principalmente nos apologos, idylios, cançonetas, sonetos e outros epigrammas, e tambem com muito primor no genero elegiaco. Como improvisador, nenhum tivemos de tanta nomeada, nem mais prompto e fecundo; causava assombro aos que o ouviam pela affluencia e variedade das rimas, e pela presteza dos improvisos, que uns a outros se succediam sobre o mesmo assumpto como um torrente copiosa: muitas d'estas composições instantaneas, que os curiosos seus contemporaneos guardaram, farão desesperar os que martellam versos no silencio do gabinete.

Foi traductor elegantissimo, e tão conciso quanto o permittiam a fidelidade ao texto e as leis do metro. Sendo facil citar muitos exemplos que mostram a sua pericia n'este genero, apontaremos um só que por acaso temos á mão. É um pequeno trecho contra o detestavel gosto dos jardins ridiculos, ou antes paisagens de presepio e verdadeiros brincos de criança, ainda muito em voga no presente seculo. Pomos em frente o texto francez do poeta didactico por excellencia, Jacques Delille, para realçar o merecimento da versão.

Houve tempo fatal em que arte infensa,
Guerra aos mais bellos sitios declarando,
Enchendo os valles, arrazando os montes,
Formou do chão gentil planicie ingrata.
Hoje, rural tyranno, outro artificio
Quer, por contrario abuso, erguer montanhas,
Valles quer profundar. Longe os excessos,
Longe as lidas e ardis: tudo é baldado
Contra intractaveis repugnantes serros;
E sobre terra igual montinho humilde
Cuida ser picturesco e move a riso.
. . . . . .
. . . . . em quadro estreito
Não vás aprisionar montanhas, bosques,
Nem lagos, nem ribeiras. É costume
Zombar d'esses jardins, parodia absurda
Dos rasgos que a atrevida natureza
No seu grande espectaculo derrama;
Jardins em que a arte rude e inverosimil
Um paiz todo n'uma geira encerra.

Il fut un temps funeste ou tourmentant la terre,
Aux sites les plus beaux l'art déclarait la guerre,
Et comblant les vallons, et rasant les coteaux,
D'un sol heureux formait d'insipides plateaux.
Par un contraire abus, l'art, tyran des campagnes,
Aujourd'hui vent créer des vallons, des montagnes.
Évitez ces excès: vos soins infructueux
Vainement combattraient un terrain montueux,
Et dans un sol égal un humble monticule
Veut être pittoresque, et n'est que ridicule.
. . . . . .
N'allez pas resserrer dans des cadres étroits
Des rivières, des lacs, des montagnes, des bois.
On rit de ces jardins, absurde parodie
Des traits que jette en grand la nature hardie;
Où l'art, invraisemblable à-la-fois et grossier,
Enferme en un arpent un pays tout entier.

Enumerar as composições do nosso vate fôra ocioso trabalho, por quanto geralmente são conhecidas, ainda dos indoutos, a ponto que ha muita gente que não sabe de mais de dois poetas, Camões e Bocage; e na verdade, depois do grande epico nacional, nenhum é mais popular e estimado em a nossa terra.

Bocage nasceu em Setubal, patria do auctor do *Affonso Africano*, aos 17 de Setembro de 1766. Teve por pai o bacharel em Direito, José Luiz Soares Barbosa, muito dado á poesia, que versejava com bom gosto, e que serviu com distincção alguns logares da magistratura. Sua mãi foi D. Marianna Joaquina Xavier du Bocage, filha de Gil l'Hedois du Bocage, natural de Cherburgo, que serviu no exercito portuguez com a patente de coronel, e era sobrinho de M.me du Bocage, auctora da Columbiada; d'este poema emprehendeu o nosso vate a traducção, e o começo do seu trabalho anda na collecção das suas rimas.

A educação litteraria de Bocage não foi tão regular e seguida como podia esperar-se da epocha do seu nascimento; com algumas lições da grammatica latina, que lhe ensinou um padre hespanhol, o professor D. João de Medina, e com as noções do idioma francez, que aprendeu na casa paterna, subiu a altura do seu genio á elevação a que não attingem quasi todos os que recebem a pausada e systematica instrucção das aulas. Deveu tudo ao proprio engenho, á natural perspicacia; aprendeu sem mestre o italiano, e o soube como prova a traducção primorosa do drama de Metastasio — Atilio Regulo. — Não sabemos dizer se elle entendia litteralmente os textos que punha em vulgar, parece que adivinhava por instincto os pensamentos e as idéas; e se em materia de bom gosto quizerem averiguar a sua escolha, basta lançar os olhos para os fragmentos que trasladou de auctores selectos. — Não era por certo esta natural tendencia a mais propria para fazer de um engenho precoce um auctor original; mas se nos permittirem a phrase «originalidade de expressões» ninguem superior a Bocage na basta chusma dos nossos versificadores; porque poetas!!! Rarissimos! Mas Bocage tinha a alma d'um poeta, e ella ahi está viva em versos que não saem do Parnaso lusitano, que não se riscarão da memoria dos amantes da poesia. Edemais, é Bocage tão portuguez na linguagem, que o *numeroso Elmano*, como o appellidou Filinto Elysio, ha de a par d'este conservar o seu busto no Capitolio das musas portuguezas, posto que para o conquistar seguisse cada um d'elles diversa vereda. *(Continua.)*

A ilha Celebes — Macassar.

(Continuado de pag. 96.)

É sabido que uma lei severissima defende a saída das mulheres do *celeste imperio*: penas mui atrozes e horriveis tractos a tornam de tal sorte formidavel, que nem sequer intentam infringi-la; por isso os chinas que se expatriam para as colonias hollandezas não teem mais remedio senão desposarem-se com mulheres malaias; compram-n'as como escravas, e inculcam-lhes as practicas e usos da mãi patria, em que são educados os filhos; os quaes, posto que tenham saído á luz mui arredados da China, são tão afferrados ás idéas e religião em vigor n'aquelle imperio como se n'elle houvessem nascido: a unica differença apparente é a côr da pelle um pouco mais escura. Por isso é de notar que o typo chinu, tão caracteristico, acha-se assignalado nos troncos d'esta casta: embora mestiços, quando mesmo a geração, por muitas alliianças successivas, se cruza com sangue estrangeiro, reconhece-se sempre a physionomia original.

A physionomia dos malaios é a mesma em toda a parte; só differe em gráus minimos. Aqui se acham tambem os bellos cabellos pretos, os olhos contrahidos, as maçãs do rosto largas mas salientes, o rosto achatado, o nariz pequeno, a bocca mui rasgada, os beiços grossos, constantemente semi-abertos e córados pelo çumo do betele (1), deixando vêr uma deforme enfiada de dentes denegridos. Os bouguís teem, demais que as outras raças, uma certa dureza no semblante, mas não se differençam quanto a feições. O corpo é geralmente bem conformado, mais agil do que robusto, gracioso posto que de altura meã, cheio de carnes, o que parece bem á vista, mas denota mais a nutrição do que a força muscular. O trajo dos bouguís é uniforme, consta de ceroulas curtas, de um lenço que cinge a cabeça, e do *sarong*, especie de sacco sem fundo que trazem a tiracollo, e em que se embrulham pela tarde, quando a fresquidão da noite succede aos ardores do dia. Quasi todos trazem o eris á esquerda prezo a um cinturão; ás vezes deixam caír a ponta da tal faxa a tiracollo sobre o punho d'aquella arma, e cruzam as mãos segurando-a com donaire: é-lhes natural esta postura em situação de repouso: é bastante engraçada e pictoresca, como em geral todas as suas attitudes do corpo, livre de toda a sujeição. — As mulheres trajam á moda de todas as malaias, isto é, uma saia de muito pouca roda, e uma camisola que tapa o tronco do corpo: algumas ha que desprezam esta camisola, e trazem simplesmente o *sarong* seguro com uma só volta acima ou abaixo do seio. Exclusivamente consagradas ao amanho caseiro, não apparecem a miudo em publico: a physionomia das mulheres de Macassar é em geral repugnante a olhos europeus: o metal da voz, tambem dos homens, tem um tanto de suave, encanta e attrahe a attenção; se porém olhardes para a bocca d'onde sáe a melodia, cessa logo o prestigio. Um facto extraordinario entre um povo que professa o mahometanismo, é a facilidade dos costumes das mulheres a respeito dos estrangeiros.

O territorio hollandez de Macassar está encravado nos dominios do sultão de Goá, que reside juncto ao rio do mesmo nome, a tres leguas da cidade; a sua morada nada offerece digno de menção, a sua côrte é uma aldeia malaia, como todas as mais; e comtudo é supremo cabeça de uma população de cem mil pessoas, que tantos são os subditos que lhe calculam. Posto que independente, é um alliado fiel do governo d'Hollanda, e tem dado muitas provas de devoção aos interesses d'esta potencia. As suas tropas sobem a dez mil homens, todos de cavallo; alguns trazem cotas de malha, elmos, e escudos; todos se servem de lanças, e pouquissimos de armas de fogo. Abundam os cavallos na ilha, e, por sua boa qualidade, são apreciados em todo o archipelago; a marca é pequena, mas são fogosos, e ainda nas longas jornadas sustentam a celeridade do passo.

Os naturaes de Macassar, propensos a uma indolencia que é proverbial, parece terem ganho pouco no tracto da civilisação mais avantajada, ou só terem adquirido os vicios d'esta. Os chinas os presentearam com as cartas de jogar e o opio, e os europeus com o vinho. São desesperados jogadores; em toda a parte se entregam os malaios a esta paixão, mas em nenhuma tanto como em Macassar: não usam só do baralho, mas tambem dos dados. No bazar ha barracas miseraveis, onde uma turba avida se apinha, até fóra de horas, de redor de um jogo de tres dados. Para formar idéa d'esta scena enojosa, era mister observar os rostos hediondos da plebe, ainda mais desfeados pela expressão da ancia e do temor da perda, allumiados pela claridade vacillante de duas lanternas estropeadas: julgar-se-ha o observador transportado á região infernal, tão atrozes são as physionomias d'aquelles homens, anciosos, arquejantes, e de vez em quando levando a mão aos punhaes, que nunca desamparam.

A embriaguez do opio e do vinho concorre para a bruteza da classe infima; de raro comtudo succedem scenas de assassinios por uso immoderado do opio, como na Java acontece; ou porque haja mais efficaz policia, ou porque seja menos vulgar o abuso d'aquella droga. — É practica habitual do povo tomar a comida á entrada da noite; e com effeito é hora bem escolhida n'uma clima tão calido; até as nove horas gyram entre a multidão os vendedores de bolos de arroz amassados, de ovos cosidos, e de bananas fritas, offerecendo os comestiveis por vil preço. A barateza é tal, que uma duzia de galinhas custa uma pezo duro hespanhol, e pelo mesmo preço se alcançam até duzia e meia de patos; e assim mesmo dizia um empregado da administração hollandeza que havia tres annos que tinha triplicado o custo dos provimentos de bocca.

A ilha Celebes é farta de caça, e tambem possue animaes corpulentos; mas não ha que temer os estragos das feras, porque não existem os tigres que em tanta quantidade appareceem em Borneo, e na Java e Sumatra: porém ha crocodilos como praga, que por toda a banda sáem ás praias regulando se á soalheira; para obter um d'elles basta dar algum dinheiro aos indigenas: alguns são monstruosos de tamanho, ha-os de trinta palmos de comprimento desde a ponta da cauda. — Contaram-n'os a respeito d'elles o seguinte caso.

Os crocodilos frequentam a ribeira quasi até o pé da cidade, e por vezes atrevem-se a chegar de noite muito proximo do bazar. N'estas corridas nocturnas um pilhou a geito um menino china desgarrado, e tragou-o de um sorvo. O pai do rapaz advinhou logo o roubador, e, não duvidando que estivesse perto, iscou um forte anzol ou arpéu com um cão vivo, cujos gritos, ao que dizem, attrahem aquelles vorazes amphibios; assim capturou o inimigo. Viu-se então em toda a sua latitude o caracter china. O pai, todo embebido na vingança, amarrou seguramente a preza á praia, e por tres dias continuos não a largou um instante; com infatigavel perseverança recreava-se em alancear o animal captivo nas partes vulneraveis porém menos perigosas; atormentou-o com tal refinação de crueldade, que a final aborrecia á gente da terra, porque tudo acudia a vêr o espectaculo. Quando o monstro acabou de todo, abriu-o, extrahiu a ossada do filho com minucioso cuidado, enterrou-a, e, no dia seguinte, continuou serenamente a carreira habitual das suas occupações mercantis.

Ha veados em grande quantidade nas visinhanças de Macassar, e caçam-n'os d'um modo que merece descripto. — A caçada é feita a cavallo; o cavalleiro arma-se de um bambú de nove a doze palmos de comprido, que leva n'uma ponta um ferro de lança, e na outra extremidade um laço corredio de couro. O caçador persegue o veado nas vastas planicies interiores até lhe poder lançar ao pescoço o laço, desembaraça e revira a lança, e o primor da destreza é matar de um jacto. Não é isenta de perigo a caça quando succede atacar o veado o seu antagonista, ou arrasta-lo na carreira para sitio onde não podem seguir os cavallos. Para este exercicio é preciso ser bom cavalleiro, e o farem com umas sellas muito rasas, e sem estribos; o que parece impossivel, posto

(1) Herva que de continuo mascam os povos d'estas regiões.

que repetidas vezes no-lo affirmaram, é que a correia que prende o veado é amarrada ao freio e não á sella: o homem de per si só não poderia resistir aos esforços do animal perseguido, e parece que o cavallo, puxado d'aquelle modo, oppõe resistencia que embaraça a fuga da victima e lhe accelera a morte.

Outra maneira de apanhar os veados, original tambem, porém menos arriscada, consiste em guarnecer de anzoes os cachos dos fructos de uma arvore especial da ilha mas alli muito commum, e de que são muito gulosos aquelles animaes, que, erguendo-se sobre os jarretes para os abocarem, ficam prezos pelo anzol: semelhantes ciladas lhes armam á beira dos rios, onde costumam beber. Não concluiremos sem fallar do famigerado oleo de Macassar: com effeito existe, e servem-se d'elle os indigenas, principalmente as mulheres; vende-se por baixo preço, uma rupia quatro frasquinhos; mas não tem a transparencia, nem o perfume do que vendem os nossos cabelleireiros: é ruivo, espesso, e deita um cheiro forte de carvão de pedra que nada tem de agradavel. Extrahe-se das amendoas que produz uma arvore alta e de folhas digitadas, que parecem de nogueira: pizam-n'as em gral, e, depois de enxuta a massa, obtem-se o oleo por meio da fervura em agua; depois o misturam com varios ingredientes que o tornam completo. A arvore chama-se *badó* em lingua malaia.

Em resumo, Macassar appresenta ao estrangeiro o aspecto de uma colonia, mais importante pela sua situação do que pelas suas producções. Actualmente o seu commercio todo consiste no que dá o terreno, arroz, gados, e a pescaria que se exporta. A importação está reduzida a objectos miudos de consumo, chitas, opio, e algumas fazendas de uso dos europeus. Se uma administração mais activa tomasse a direcção d'esta colonia, vêr-se-hia indubitavelmente, dentro de poucos annos, cessar a pirataria de infestar os mares circumdantes, adiantar-se a cultura n'um chão fecundo, desenvolver-se a industria e o commercio, transformando a ilha inteira, e tornando-a a mais florecente possessão hollandeza das Indias, assim como é, quanto á extensão, a mais importante.

O pelotiqueiro incombustivel.

Em 1809 appareceu em París, e depois na Inglaterra, Italia e na Allemanha, um hespanhol por nome Lionetto, que, pela sua insensibilidade, não só fez pasmar o povo, mas tambem os physicos e os chymicos. Brincava com o fogo sem se queimar, e pegava impunemente n'uma barra de ferro em braza e em chumbo derretido, bebia azeite a ferver, &c.

Quando Lionetto esteve em Napoles, chamou a attenção do professor Sementini, que se applicou a estuda-lo. Viu, 1.º que o homem incombustivel pupha uma chapa de ferro em braza em cima dos cabellos, e que logo se levantava um vapor espesso e denso; 2.º batia com outro ferro em braza no calcanhar e no bico do pé, e levantava-se d'este um vapor espesso e tão picante que incommodava o olfacto e a vista; 3.º ferrava os dentes n'um ferro quasi em braza sem se queimar; 4.º bebia quasi a terça parte d'uma colher de azeite a ferver; 5.º mergulhava rapidamente as pontas dos dedos em chumbo derretido, e punha um pouco de chumbo sobre a lingua, e depois um ferro em braza. Sementini observou que a lingua de Lionetto estava coberta de uma camada cinzenta. Este chymico, desejoso de descobrir o segredo de Lionetto, tentou diversas experiencias em si mesmo, e conheceu:

1.º Que por meio das fricções com acidos, especialmente com o acido sulphurico diluido se tornava a pelle insensivel ao calor do ferro em braza.

2.º Uma solução de pedra hume evaporada até ficar esponjosa, e empregada em fricções, fazia ainda melhor effeito. Sementini, depois de haver esfregado com sabão duro as partes do corpo tornadas incombustiveis ou antes insensiveis, e de as ter depois lavado, reconheceu, pondo-lhe em cima uma chapa de ferro em braza, que a insensibilidade augmentára. Decidiu-se então a esfregar de novo com sabão as mesmas partes, e não só o ferro em braza lhe não causou dôr, mas nem os cabellos se lhe queimaram.

3.º Satisfeito com estas pesquizas, esfregou a lingua com sabão duro, e lhe ficou insensivel á acção do ferro em braza.

4.º Pondo sobre a lingua um emboço composto de sabão e d'uma solução saturada de pedra hume, a ferver, o ferro em braza não lhe causou sensação alguma.

5.º O azeite a ferver espalhado pela lingua assim preparada não a queimou; ouvia-se um assobio parecido com o do ferro quando se apaga n'agua; o azeite ficava morno, e podia por conseguinte ser engulido sem perigo.

Estes resultados, obtidos por Sementini, tendem a explicar as experiencias de Lionetto. E evidente que elle preparava a lingua e a pelle por meios analogos. Quanto á experiencia dos cabellos, é certo que antes de lhe passar por cima o ferro em braza os lavava com uma solução analoga á da pedra hume, ou com acido sulphurico. Quanto ao azeite a ferver que engulia, é este phenomeno menos pasmoso para quem observar que, quando elle procurava demonstrar a alta temperatura do azeite, lhe deitava dentro chumbo, que, derretendo-se, absorvia por conseguinte parte do calorico do azeite, do qual derramava depois com ligeireza a quarta parte d'uma colher sobre a lingua, onde esfriava a ponto de poder ser engulido sem lhe fazer mal. A falta de acção do chumbo sobre a lingua assim forrada, resulta tambem do prompto resfriamento. E' comtudo provavel que, em vez de chumbo, Lionetto empregasse alguma liga fusivel, tal como a de Darcet.

Não levaremos mais adiante este exame; muitos physicos repetiram com bom resultado estas experiencias. Parece, diz Mr. Julien de Fontenelle no fim d'este artigo, que o hespanhol Lionetto, quando as emprehendeu, teve seu susto de vir algum dia parar á inquisição.

Augmento gradual de calor nas entranhas da terra.

Conclue-se das observações de Mr. Arago, repetidas em diversos paizes, que o calor da terra cresce na razão da profundidade, e segue no seu augmento uma marcha regular e constante. Por cada quinze braças de profundidade marca o thermometro mais um gráu; e isto quer se meça a temperatura das minas mais profundas, quer se examine, como fez aquelle distincto physico, a das fontes situadas em profundidades conhecidas.

Benzeduras na Russia.

E grande na Russia, sobre tudo em Moscow e outras cidades interiores, a influencia do clero. As ceremonias religiosas do rito grego, que é o da nação, teem certo cunho de singularidade, e a despeito de certa apparencia de parentesco com o rito romano, não deixa de maravilhar os catholicos. O Sr. Mar-

mier nas «Cartas sobre a Russia» diz: — «Não ha povo que receba mais bençãos sacerdotaes que o povo russiano: tem-n'as para si e os seus alliados, para as casas que habita e as terras que cultiva, para as searas e os gados, para tudo o que faz e tudo o que emprehende. Todos os annos, a 6 d'agosto, estão as igrejas cheias de peras e maçãs para os padres as benzerem; antes d'esse dia nenhum verdadeiro fiel ousaria comer um pomo. Apenas finda a ceremonia religiosa, toda a gente se arremeça ás cestas rociadas de agua benta: todos sáem de algibeiras e mãos cheias, saboreando e devorando os fructos consagrados. Não é a sensualidade grosseira que anima aquella multidão, não é homenagem que tribute á divindade pagã, Pomona; é um sentimento de piedade e fé de que está possuida. A 6 de janeiro benzem-se os rios e ribeiros: o padre encaminha-se para as margens com grande pompa, manda fazer um furo no gelo, e por ahi mergulha tres vezes uma cruz, rezando certas orações: logo as mulheres acodem com vasos e baldes para tomar d'aquella agua abençoada, os homens a disputam entre si e bebem-n'a a grandes tragos: recresce o tropel, dão-se encontrões, e arrebatam uns aos outros os copos e frascos: é uma balburdia por algumas horas, uma lucta entre a força e a destreza, entre a audacia e a astucia. Um artificial chafariz de vinho a correr n'uma de nossas praças publicas, em dia de festa nacional, não causaria mais rumor. — Esta mesma igreja, que abençôa tantas cousas, tambem tem suas horas de maldicção. Ha um dia do anno, em o qual, na cathedral de S. Petersburgo e em meio de numerosa assembléa, o cantor da sé que tem voz mais retumbante pronuncia alternadamente o nome dos hereges mais celebres, e os nomes dos homens que teem causado sedicções e desordens no imperio russiano: por exemplo, de Boris Gonodoff que usurpou o throno dos czares, de Mazzeppa, intrepido caudilho dos cossacos, de Pugatscheff que se inculcou por Pedro III etc., e a cada nome fulmina com o brado *anathema*, que estruge as abobadas do templo. N'esse dia a igreja está toda brilhante de lumes e inundada de incenso, como em festa solemne, e o metropolitano no altar, revestido como em ceremonias augustas. Um coro de meninos repete em tom sentido e melodioso a palavra *anathema*."

Penas nos empregados venaes em Portugal e na China.

A nossa Ordenação no liv. 5.º tit. LXXI, ha muito tempo em desuso, prohibe aos desembargadores, julgadores, officiaes de justiça e fazenda, e aos da governança das cidades, villas e logares o receberem dadivas ou presentes de pessoa alguma, ainda que com elles não traga requerimento de despacho, sob pena de perderem os officios e pagarem vinte por um do que receberem; e reputando mais criminosa a acção de dar que a de receber, manda que quem der perca toda a sua fazenda, qualquer officio ou cargo que tiver, e o mantimento que receber d'elrei, e seja degradado cinco annos para Africa.

» E trazendo feitos perante os dictos julgadores e desembargadores e mais officiaes acima dictos, ou requerendo desembargo ou despacho, e recebendo qualquer cousa d'aquelle que assim trouxer ou requerer, ou de outros que lh'o der por elle, sendo cadaum de todos os sobredictos officiaes, official que tenha officio de julgar, perca para a nossa casa todos os seus bens e o officio que de nós tiver. E se a peita passar de cruzado ou sua valia, além das sobredictas penas será degradado para todo o sempre para o Brasil. E sendo de cruzado, e d'ahi para baixo, será degradado cinco annos para Africa. E sendo a peita da valia de dois marcos de prata, ou d'ahi para cima, além do perdimento da fazenda, morrerá morte natural.»

«E sendo o que recebeu a peita official que não tenha officio de julgar, e a receber trazendo perante elle, ou requerendo qualquer despacho, além de perder o officio pagará trinta por um do que receber, ametade para quem o accusar, e a outra para nossa camara.»

No *imperio celeste* os que se atrevem a conculcar os mais sagrados deveres, vendendo as vidas, honra, e fazenda de seus concidadãos, são punidos por uma escala de muletas, bastonadas e degredo.

«Se o empregado civil, ou militar, no exercicio do seu emprego, commetter delicto que mereça pena corporal, diz o Sr. *José Ignacio de Andrade* nas suas inestimaveis *Cartas da India e China*, será commutada em diminuição nos gráus da sua ordem, em mulcta ou degredo, segundo o numero das bastonadas correspondentes ao delicto. Dez bastonadas equivalem ao salario de um mez; vinte ao de dois mezes; trinta ao de tres; quarenta ao de seis; cincoenta ao de nove; sessenta ao salario de um anno; setenta á degradação de uma ordem; oitenta á de duas; noventa á de tres; cem á de quatro ordens e perdimento do emprego. Além das penas mencionadas teem degredos relativos ao numero das bastonadas, segundo a especie e o gráu do delicto, por um mez, dois, tres, etc.; até por toda a vida, como verás na tabella seguinte.»

«Qualquer funccionario publico, que receber presentes ou ajustar recebe-los, para fazer um acto legal ou illegal, será punido em virtude da lei applicada a taes crimes.

Tabella das punições quando o acto é legal.

Valor em onças de prata.	Bastonadas.	Degredos.
1	60	
2 a 12	70	
20	80	
30	90	
40	100	
50	60	1 anno
60	70	1 ½ »
70	80	2 »
80	90	2 ½ »
90	100	3 »
100	100	por toda a vida.

» Sendo o acto illegal a pena é maior.»

» Ha outra lei singular que inflige pena de morte a qualquer individuo que requerer titulos honrosos ao imperador, não sendo ja distincto por serviços prestados á nação.»

Já que fallámos nas Cartas do Sr. José Ignacio de Andrade, cumpre-nos declarar que são um thesouro de noticias das cousas da China: absorvem toda a attenção do leitor, recreando e instruindo; revindicam a honra do nome portuguez, e desmentem as calumnias propagadas por escriptores estrangeiros invejosos da nossa gloria. O auctor não se faz menos digno de elogios pela sua vasta erudição, apurado gosto, e recto juizo, do que pelo amor da patria que vivifica toda esta producção litteraria. Desejamos que a nova edição que se prepara das Cartas do Sr. Andrade vulgarise a sua leitura quanto ellas o merecem, visto que a primeira, feita com esmero que honra a typographia portugueza, só chegou como donativo aos amigos do seu desinteressado auctor.

PAISAGEM DA NOVA-CALEDONIA.

As ilhas Wallis são de toda a Polynesia as unicas onde o christianismo derrubou completamente a idolatria. A conversão dos indigenas d'esta pequena parte do mundo maritimo tem apenas quatro annos de data. Cremos que será interessante a narração das fadigas que teve de supportar o padre Bataillon desde o anno de 1837, em que pela primeira vez poz pé n'estas ilhas, até o dia em que foram coroados de exito feliz os seus esforços. Logo ao principio foi pelos naturaes reputado como um dos aventureiros vagabundos que os navios da pesca da baleia deixam ás vezes n'aquellas praias: sem praticarem contra elle acto algum de violencia, comtudo o arredavam de si, chamando-lhe nomes grosseiros. O religioso ministro, resignado com sua sorte, supportava com tranquillidade heroica os seus padecimentos, confiando meramente no auxilio da Providencia, celebrando missa ora no meio de espessuras impenetraveis, ora cercado de alguns ociosos attrahidos de maligna curiosidade: promptamente se familiarisou com as expressões principaes da linguagem nativa das ilhas, e soube distinguir bem as imprecações, a que sómente respondia com um olhar em que se debuxava a serenidade da sua alma, e a compaixão que lhe inspiravam aquelles miseraveis idolatras. Este olhar e a brandura do seu caracter captivaram, tendo decorrido alguns mezes, oito ou dez naturaes da pequena ilha de Nukutea, onde reside o maioral d'esta gente, o qual, sendo então muito moço, declarou-se protector do padre, e exhortou a sua tribu a ouvi-lo. Passaram-se dois annos, e o pequenino rebanho, crescendo em numero, mostrava, perante as perseguições dos seus patricios pagãos, uma constancia e resignação verdadeiramente christãs. Certo dia, algumas tribus idolatras saquearam os campos d'inhames dos catholicos; estes, privados de alimentos, congregaram-se á voz do mancebo, seu principal, para se vingarem: mas o padre Bataillon, acalmando-lhes o furor, concebeu a idéa de encaminhar esta circumstancia á gloria da religião, intentando por uma cruzada pacifica a conversão simultanea de todos os insulanos pagãos. Fez uma bandeira com a imagem da Sanctissima Virgem; e os christãos, alistados sob este pendão sagrado, marcharam ao mando do missionario para trazer á fé seus irmãos transviados. Saidos de Nukutea tomaram terra na ilha principal do grupo das Wallis ou por outro nome Uvéa. O sacerdote arengou á tropa e recommendou-lhe humanidade; ao mesmo tempo o mancebo governante, *Lungahala*, procurava chamar a seu partido os habitantes da aldeia onde havia desembarcado, e a força encaminhou-se por terra dentro, entoando canticos: pouco a pouco se augmentou, e a final contava em suas fileiras a parte importante da população, excepto a gente da aldeia, actualmente dicta de S. João Baptista, onde residia *Laveloa*, rei do archipelago, de quem sobre tudo os catholicos tinham razão de queixa: esta tribu, estreitada por toda a parte pelas tribus convertidas que lhe interceptavam os viveres, foi-se bandeando gradualmente e reunindo ao estandarte christão. O triumpho não podia ser mais completo; porém o que é para admirar, o mancebo maioral, a cuja influencia se deve em grande parte a conversão d'aquelles gentios, é o unico que não é christão. Este homem, de intelligencia muito superior á de seus compatricios, parece haver considerado a missão uma favoravel circumstancia para elevar-se e ganhar ascendencia sobre o povo, abalando o poder de

Laveloa seu tio: é animoso, perspicaz e cheio de audacia, o seu modo de dizer é vivo e seductor: parece ser o aferro á polygamia o motivo que o desvia de converter-se á fé christã.

Tivemos (diz o official de marinha escriptor d'esta narração) a opportunidade de assistir á sagração do padre Bataillon, que por bulla pontificia, de que foi portador monsenhor Amatha, passageiro do nosso navio, recebeu o titulo de bispo de Enos. A gente das povoações afluin a S. José, centro da missão, trazendo offertas de inhames, porcos, peixes, e fructas: todos vinham trajados com seus vestidos de festa; as raparigas entoavam hymnos, e as creanças corriam de uma banda e outra dando gritos de contentamento: quando passavamos pelos seus ranchos, era a quem mais nos apertaria a mão com ar risonho, e nos offereceria casa para descançar, ou nos iria buscar o refresco das fructas da terra.

Á chegada dos missionarios catholicos, os habitantes das Wallis tinham feito bem fracos progressos nas artes da industria, e achavam-se bastante atrazados dos seus visinhos do archipelago de Louga-Labou, que lhes fica ao sul; porém actualmente já os igualam, em consequencia das boas disposições que desde aquella epocha manifestaram para receberem o beneficio dos conhecimentos uteis. A maioria já sabe ler e escrever, e alguns teem noções geraes da arithmetica e da geometria; tudo nos faz presumir que chegando ao seu alcance as nossas artes se despirão do resto de apathia que ainda os ataca. São de boa apparencia e excellente constituição physica, seu caracter é affavel e generoso, presam os estrangeiros, e principalmente gostam do genio jovial dos francezes.

A população de todo o archipelago é quando muito de 2500 a 3000 habitantes; o solo é productivo e favoravel a todo o genero de cultura; o clima sadio convém a todos os temperamentos, e se não foram os excessos do kouva, bebida fermentada, que altera o sangue, os naturaes d'estas ilhas bem depressa se fariam notaveis entre os demais da Polynesia, sobretudo agora que mudaram de costumes.

A 20 de novembro de 1845 ferrámos panno na angra de Balade, que é o porto que fica mais ao norte em a Nova Caledonia, na Oceania; apenas ancorados nos rodearam umas canoas muito mal afeiçoadas com velas de esteira e remos apenas desbastados; a presença dos que n'ellas vinham nos dispoz pouco favoravelmente ácerca dos naturaes d'aquella região; os corpos frageis e estiticos, cobertos de uma capa de cebo preto, a estupida admiração, que se manifestava por sons gutturaes incomprehensiveis, nos comprovaram a verdade da asserção dos viajantes, lo que toca á raridade das communicações de navios com esta ilha. Pareciam receosos e desconfiados, e os nossos menores movimentos os atemorisavam; com difficuldade consentiram em subir á coberta, e nos olhavam com pasmo misturado de estupefacção, tudo os enleava; o som da sineta, o toque do tambor, as cantigas dos marinheiros eram para elles um objecto de admiração, que ás vezes denotavam por singulares estalos dados com a lingua.

Os caledonios de casta pura são em geral da côr do chocolate; dizemos de casta pura porque em muitos pontos do littoral são mestiços, como os das ilhas Loyalty, onde a raça é de côr avermelhada. São altos, descarnados, mal proporcionados, e á primeira vista mui desairosos; tem nariz esborrachado, bocca rasgada com os beiços grossos; mas os olhos pretos são ás vezes expressivos: os lobulos das orelhas, furados de grandes buracos, pendem quasi até os hombros pelo costume de trazerem n'elles objectos volumosos. As suas armas ordinarias são fundas, zagaias que arremeçam com destreza a grande distancia, e massas mais notaveis pelo pezo que pela elegancia.

Os caledonios nos pareceram inoffensivos e hospitaleiros; a sua extrema indolencia que os desvia das mais simplices recreações é provavelmente a causa de dizerem os viajantes que era uma gente sem uso de razão. Examinando-os seriamente nos convencemos de que junctavam a um vulgar entendimento algumas boas qualidades. Nos primeiros dias nos inclinámos a crêr que a pouca actividade no acolhimento procedia da carencia da virtude hospitaleira tão commum nos povos selvagens; mas em breve reconhecemos que o seu proceder nascia de temor e não de má vontade.

Os indigenas da Nova-Caledonia sustentam-se quasi exclusivamente de vegetaes que cultivam, como o inhame, o tooco &c., e de raizes mucilaginosas que crescem espontaneas nos mattos. As habitações semelham cortiços d'abelhas, e outras arremedam as arribanas e telheiros: damos amostra d'ambas na precedente estampa. As primeiras servem de refugio durante a noite, e são perfeitamente fechadas com uma entrada unica; as segundas, patentes por um dos lados, são os logares para os ajunctamentos diurnos.

N'esta ilha encontram-se formosas planicies e extensos bosques, que em tempo breve offereceriam valiosos productos á exportação; e póde segurar-se que n'ella por certo medrariam todas as plantas exoticas da zona torrida, e grande parte das que se cultivam nas zonas temperadas.

O Feitor de Cantão.

Novella.

(Continuado de pag. 98.)

Dias depois d'esta conversação estava deshabitada a casa d'Effendon, e outro agente dirigia a feitoria americana. O feitor antigo desapparecêra sem que ninguem adivinhasse o que era feito d'elle. Alguns presumiam que embarcára ás escondidas para a America; mas a opinião geral era que, desanimado de todo, puzera termo ao seu penar matando-se pelas proprias mãos.

Ora, em quanto na feitoria discutiam esta questão, Effendon, embrulhado n'um vestido talar de *daba* (1), apertado por um cincto do qual pendiam uma faca, um leque, e uma caixa de perfumes, com umas sandalhas de palha de arroz, e com um chapéu afunilado de perto de dezoito pollegadas de abas, ía já caminho da cidade de Peking.

A razão principal por que escolhêra o trajo de homem de negocio da Coréa, que acabamos de descrever, foi para que ninguem, pelos seus modos e pronuncia, reparasse n'elle, e visse que era estrangeiro; mas a poucos passos se desenganou de que bem podia ter dispensado esta cautela, porque aos chinas não lhes passava pela imaginação uma empreza tão temeraria. Costumados, além d'isso, ás variedades de dialectos e physionomias das raças que povoam o immenso territorio do imperio celeste, não desconfiavam d'elle. O que no principio, aos proprios olhos d'Effendon pareceu loucura, que só o amor de pai podia desculpar, agora já lhe parecia quasi uma viagem ordinaria.

---

(1) Fazenda de algodão de que se vestem na Coréa.

Desejando comtudo não encontrar ninguem que o conhecesse, resolvêra ir a Peking embarcado. Por mal de peccados, este modo de viajar era ainda menos seguro que vagaroso ; porque apesar de terem os chinas aberto no seu territorio trezentos e cincoenta canaes por onde, quasi exclusivamente, se transportam os viajantes e as mercadorias, os seus engenheiros ainda não inventaram as comportas, de sorte que quando as barcas chegam a alguma portagem encalham-n'as, içam-n'as por uma rampa, com a ajuda d'uma machina que está no alto d'ella, e depois arreiam-n'as por outra rampa. Como esta manobra, bastantes vezes repetida, muito retardava a viagem, pudera o feitor fazer miudas observações no paiz que atravessava, se a impaciencia o não tornasse indifferente a quanto tinha diante dos olhos.

E todavia o espetaculo era tão rico quanto curioso e variado. Milhares de barcas se cruzavam no canal, carregadas de passageiros sentados em esteiras, os quaes, para lhes não parecer a viagem tão longa, jogavam as cartas, os dados ou o *tsoi-moi* (1) ; trigo, canas d'assucar, cearas de arroz ou algodoeiros revestiam ambas as margens ; e pelas estradas vinham carduines de camponezes, de cujas cinctas pendiam a bolsa do tabaco, a pederneira e o fuzil, ou de mulheres que traziam as suas creancinhas em saccos prezos aos hombros. Tambem passaram por defronte d'alguns lagos cobertos de jangadas de pescadores que faziam mergulhar os *leu-tzes* (2), aos quaes depois tiravam a preza.

Quando Effendon chegou a Nanking, achou um grande ajunctamento de gente ordinaria, entretida em vêr uma briga de gafanhotos (3), que dava occasião a muitas apostas.

O arraes da barca tomou n'esta cidade outro passageiro que, assim como Effendon, ia para Peking. Era o filho de um pobre surrador que, em vez de seguir a profissão de seu pai, quiz correr a carreira das lettras. É sabido que na China todos os empregos, tanto na ordem civil como na militar, são dados por concurso, sem se attender á classe a que pertence o candidato. Os aspirantes que não ficam bem no exame abrem commumente escholas nas cidades ou villas, e assim facilitam á gente moça os meios de se appresentarem na arena quando lhes toca a sua vez. Com um d'estes mestres tinha o filho do surrador aprendido o que se exigia para o exame da ultima classe. Quanto ao dinheiro preciso para este exame, o surrador lh'o alcançou vendendo como escravo um dos seus irmãos, especie de idiota a quem nunca tinha podido ensinar o seu officio ; porque a lei china, semelhante á lei romana, dá ao pai a plena propriedade de seus filhos, e permitte-lhe que disponha d'elles como de cousas. Com este auxilio conseguiu Tchao (assim se chamava o moço china) entrar para a corporação dos lettrados ; porém ainda não tinha podido obter o logar para que este titulo o habilitava.

Tchao era um mancebo activo, fallador, serviçal, e que não cessava de andar ao faro para abocar qualquer posta.

Poucas horas depois de embarcado já tinha toda a intimidade com Effendon, ao qual contára a historia da sua vida.

— "Até agora ainda nada me deram ; porém, como diz o sabio, o homem é um céu pequeno e uma terra pequena, sujeitos a mil alternativas ; dê eu o primeiro passo, que o resto do caminho anda-se sem ajuda. Tu és meu amigo, Kang-ho (era o nome que Effendon adoptára) ; posso communicar-te o meu designio. Tu sabes que o *que está debaixo do céu* (1) se acha repartido em dezenove provincias, cadauma das quaes tem muitas *fou* (departamentos) ; que cada fou se divide em *tacheous* (districtos), e estes em *tians* (cantões). Como lettrado estou apto para administrar um d'estes. Se der provas de capacidade será o meu nome recommendado no livro do *li-pou* (2), e adiantar-me-hei rapidamente. Posso em poucos annos subir de degráu em degráu as nove classes, e obter o botão de pedras preciosas. Consiga eu comprar a algum governador velho o direito de o substituir, que o mais é facil. O peior é que preciso de uma grande somma para fazer esta compra, e para a ganhar é que vou a Peking, onde ha mais meios de enriquecer. »

— « E em que fazes tenção de te empregar ? »

— « Em tudo que possa render-me liangs ; topo tudo com tanto que as pilhe. »

Á medida que se approximavam a Peking crescia no canal o numero das barcas, e faziam mais demorada a viagem. Elles avistavam de distancia a distancia grandes cidades quadradas cingidas de fortificações, ás quaes sobrelevavam arcos triumphaes, *tas* (3), e altas torres dos mosteiros de bonzos. A pouca distancia d'estas cidades havia cemiterios com tumulos de differentes fórmas, ornados de pyramides, de estatuas de homens, e de figuras de animaes, e a maior parte d'elles cercados de thuyas e cypreste. Quando passou pela frente d'estes campos de repouso foi Effendon testimunha de muitas ceremonias funebres que os chinas celebram com grande pompa, porque a veneração aos mortos, e o respeito aos pais, são as unicas virtudes religiosas que lhes ensinam. N'estas ceremonias vão os bonzos adiante do feretro, levado por cousa de vinte homens debaixo d'um docel. Vem atraz d'elle uma liteira dourada, á roda da qual queimam aromas, e dentro da liteira uma tabella com os nomes e titulos do finado, taes quaes hão de ser gravados no tumulo. Seguem-se meninos cobertos com um gorro particular, e com uns balandraus de panno grosso por cima dos seus vestidos. Em chegando o corpo ao logar em que ha de ser enterrado, depositam-n'o n'uma cova profunda, cobrem-n'o de terra misturada com cal, e depois de haverem cravado em volta da sepultura bugias perfumadas e bandeirolas de côres, começam a queimar em honra do defuncto, cavallos, vestidos ou bonecos de papel. Tudo acaba com um banquete composto de iguarias postas com antecipação sobre a sepultura, e concluido isto voltam os parentes para sua casa, levando a tabella em que fallámos, a qual ahi guardam ao pé do altar consagrado aos genios domesticos, e incensam duas vezes cada anno.

A algumas *li* (1) de Peking os embaraços da navegação cresceram tanto, que os dois viajantes preferiram saltar em terra e andarem o resto do caminho a pé pela estrada calçada de granito que vai ter á capital do *imperio celeste*.

(1) Jogo que se joga com os dedos.

(2) Especie de corvo-marinho.

(3) Estes combates são mui communs na China, assim como os dos grilos, codornizes, e de gallos.

(1) Nome que os chinas dão ao seu imperio. Thian-Hia, o que está debaixo do céu, o mundo, corresponde ao *orbis* dos romanos.

(2) Ha seis tribunaes ou conselhos superiores em Peking, e que são verdadeiros ministerios. O *li pou* corresponde ao nosso ministerio do reino.

(3) Chamam-se *tas* certos edificios de cinco ou seis andares, com outros tantos telhados saidos, que vemos em todas as pinturas da China. Ignora se para que servem.

(1) Medida da China. Dez *lis* fazem uma legua.

Novo obstaculo lhes atrazou a entrada na cidade; era dia de revista, e as tropas tomavam todas as passagens. Effendon ainda tentou passar por entre os batalhões; mas trabalharam os bambús dos homens da policia encarregados de conter o povo, e fizeram n'o tornar atraz. Não teve remedio senão moer a paciencia á espera que a revista acabasse. Tchao, que não deixava escapar pela malha qualquer occasião de fallar e ostentar o seu saber, approveitou a demora para explicar ao seu companheiro da Coréa o systema militar dos chinas. Disse-lhe que o *filho do céu* tinha ás suas ordens mais de um milhão de soldados, assim chinas como mongoes e mantchous. Estes soldados, que se casavam, e cujos filhos vinham tambem a ser soldados, estavam divididos pelas duas mil cidades fortificadas do imperio, onde recebiam do estado um soldo e certa porção de terra que fabricavam por sua conta. No armamento tinham muita variedade: havia cavalleiros que pelejavam com azorragues armados de pontas de ferro; outros corpos estavam armados de espingardas de murrão, outros de lanças e dardos; porém a maioria do exercito compunha-se de soldados semelhantes áquelles a que se estava passando revista. Ora, o uniforme d'estes consistia em duas tunicas, n'uma cota de malha de ganga chapeada de metal, n'um capacete de ferro sobrepujado d'uma borla de crinas pintadas, n'um sabre, arco, aljava, e n'uma pequena caixa em que guardavam as cordas e dardos de reserva.

Tchao mostrou a Effendon alguns batalhões escolhidos chamados tigres da guerra, por ser o seu fardamento de uma só peça, justo, mosqueado, e coroado por um capuz de orelhas que lhes dava algumas parecenças com esta fera. As suas armas eram a cimitarra e um escudo de bambú.

Quando acabaram de desfilar as tropas puderam emfim os dois viajantes seguir o seu caminho, e não tardou que avistassem as muralhas de Peking, de quarenta e cinco palmos de altura, cercadas de um fosso, e defendidas de distancia em distancia por grandes torres.

Ao entrar na capital da China sentiu Effendon pular-lhe o coração. Chegára ao termo da sua viagem; respirava o mesmo ar que sua filha respirava. Por maiores que fossem as difficuldades que ainda tinha de vencer, este primeiro triumpho lhe provava quanto póde a coragem. Começou a esperança a entrar-lhe no coração, e com uma especie de alvoroço se entranhou nas ruas da grande metropole da China.

Estas ruas alinhadas, com vinte e sete braças de largura, tão compridas que custava a vêr-se-lhes o fim, estavam obstruidas por tanta multidão de povo, que assim que n'ellas se entrava era forçoso encurtar o passo. Havia n'ellas enxames de vendedores volantes de comestiveis, de bofarinheiros que tinham a sua fazenda sobre as duas conchas d'uma especie de balança, cujo braço descançava sobre os seus hombros, de ferreiros, de sapateiros que andavam d'uma banda para a outra com as suas taboletas portateis, de barbeiros que chamavam os freguezes ao som de uma tenazinha de aço, ou que os barbeavam e em um instrumento triangular, lhes pintavam as sobrancelhas, e lhes escovavam os hombros. D'ambos os lados havia casas de madeira pintada com enfeites, nos vertices, de bollas envernizadas, e em todos os primeiros andares varandas cobertas; as lojas occupavam-n'as todas os homens de negocio, que chamavam os compradores tangendo *gongs* que atroavam. Effendon observou que cada bairro tinha o seu commercio especial, e cada loja seu mastro ornado de bandeirolas, por baixo das quaes umas taboletas negras ou vermelhas assoalhavam em lettras de ouro os nomes dos negociantes, suas genealogias, suas virtudes e as de suas mercadorias. Em certos sitios se viam *paysangs* (9) de páu com suas esculpturas, e com tres portas, erigidos á memoria de grandes successos, columnas em que se liam inscripções em honra de homens celebres, finalmente corpos de guarda fortificados e ornados de estandartes.

Apesar das turbas que pejavam as ruas, viam-se diante de quasi todas as portas mancebos divertindo-se ao jogo do volante, que a maior parte d'elles reenviavam com summa destreza com a cabeça, com os cotovellos ou com os joelhos. Tchao, que já tinha vindo a Peking, gozava do pasmo a que o seu companheiro não podia resistir.

— «Isto ainda não é nada, disse elle com aquella vaidosa complacencia com que enumeramos as maravilhas da terra que já conhecemos ao forasteiro que n'ella entra pela primeira vez; quizera que visseis a morada do imperador, que contém o immenso palacio cercado d'agua, no qual se entra por uma ponte de jaspe do feitio d'um dragão: mais o templo do céu, cuja sala principal, sustentada por oitenta e duas columnas pintadas de ouro e azul, representa a abobada celeste: os templos consagrados a Fou-hi e a Confutzee; finalmente a grande imprensa imperial, a bibliotheca, o tribunal para os medicos, a casa dos expostos, e a da inoculação e da vaccina. Peking é um mundo que, para ser bem conhecido, leva toda a vida d'um homem; porque as duas cidades, china e mantchou, de que se compõe, comprehendem perto de dois milhões de habitantes.»

No meio d'esta falla o moço lettrado se havia encaminhado para uma hospedaria onde já tinha estado, e Effendon o seguiu. Ahi começou a reflectir que a actividade de Tchao, capaz de revolver tudo, e o conhecimento que elle tinha de Peking, lhe podiam ser uteis na indagação a que ia dar começo. Por conseguinte, n'essa mesma noite, revelou-lhe o fim da sua viagem, e perguntou-lhe se, mediante uma recompensa, quereria auxilia-lo n'esta tarefa.

O moço lettrado acceitou muito depressa, segundo o seu louvavel costume, e logo no dia seguinte saiu a campo depois de ter recebido as instrucções do feitor. *(Continua.)*

Prova do bordão em Mandeuvre.

Subsistia ainda no seculo passado em Mandeuvre, ao pé de Montbelliard (Alsacia) uma prova judiciaria bem extravagante. Quando se fazia algum roubo na villa intimavam todos os habitantes para se junctarem na praça da igreja, no domingo seguinte depois de vesperas. Um dos *maires* mandava que o ladrão restituisse o roubo, e por espaço de seis mezes se abstivesse do contacto da gente honrada. Se o culpado teimava em não se dar a conhecer appellavam para a prova do bordão. Cadaum dos dois *maires*, com o braço levantado, segurava n'uma das pontas d'um páu, por baixo do qual mandavam passar as pessoas presentes. Tal era o terror supersticioso inspirado por esta ceremonia que não havia exemplo de réu que se sujeitasse a ella. Ficava só e era assim descoberto. Se acaso se atrevesse a passar por baixo do bordão, e a todo o tempo descobrissem ser elle o criminoso, nunca mais ninguem communicava com elle, e era banido da sociedade dos seus compatricios.

---

(9) Arcos de triumpho.

CAVALLEIRO TEMPLARIO ARMADO EM GUERRA.

Havendo de tractar da celebre ordem dos templarios nenhum artigo poderiamos redigir mais importante do que o notavel fragmento que encetâmos no presente N.º, extrahido da *Historia de França*, obra completa, ha poucos annos publicada pelo Sr. Michelet, mui distincto entre os historiadores nossos contemporaneos.—

Os papas por acto proprio haviam preparado o seu captiveiro de Avinhão, nomeando, por espaço de um seculo, grande numero de cardeaes francezes em consequencia de aversão ao Imperio. D'este modo os reis de França acharam-se dominantes das eleições pontificias.—Em 1305 Filippe o formoso vai a um bosque de Saintonge, proximo a S. João d'Angely; o gascão Bertrand de Gott, arcebispo de Bordéus, alli o esperava. Pactuou-se então um ajuste diabolico; o monarcha prometteu a Bertrand de Gott fazê-lo papa; Bertrand prometteu quanto o rei quiz, pôr-se á sua discrição em Avinhão, condemnar o pontificado na pessoa de Bonifacio VIII; quanto á ultima condição era tal que Filippe exigiu que o arcebispo se sujeitasse a ella sem a saber. Era nada menos que a suppressão da ordem dos templarios, a perdição de quinze mil cavalleiros christãos. Beltrão jurou, e foi papa sob o nome de Clemente V.

O que era então o *Templo?*—Em París o circuito do Templo abrangia todo o grande bairro, triste e mal povoado, que conservou este nome: era a terça parte de París d'essa epocha. Á sombra do *Templo*, e debaixo da sua poderosa protecção vivia uma chusma de serventes, familiares, affiliados, e tambem de gente criminosa, por quanto as casas da ordem gozavam o direito de asylo: o proprio Filippe o formoso d'elle se approveitára quando fôra perseguido pelo povo amotinado. Ainda permanecia, no tempo da revolução, um monumento d'esta ingratidão, o massiço torreão das quatro torrinhas, construido em 1222: serviu de prisão a Luiz XVI.—O Templo de París era o centro da ordem, o seu thesouro: ahi se congregavam os capitulos geraes: d'esta casa dependiam todas as provincias da ordem, a saber, Portugal, Castella e Leão, Aragão, Malhorca, Allemanha, Italia, Apulia e Sicilia, Inglaterra e Irlanda. Em o norte da Europa a ordem teutonica havia saído do Templo, como nas Hespanhas outras ordens militares se formaram dos seus despojos. A immensa maioria dos templarios era de francezes, particularmente os grão-mestres.

O Templo, como todas as ordens militares, derivava de Cister. O reformador cisterciense, S. Bernardo, com a penna com que commentava o Cantico dos Canticos lavrou para os cavalleiros a sua regra enthusiastica e austera. Esta regra era a expatriação e a guerra sancta até a morte. Os templarios deviam acceitar combate sempre, ainda que fosse de um contra tres, nunca pedir quartel, não dar resgate, *nem mesmo um pedaço de parede, uma pollegada de chão.* Não tinham que esperar descanço: não lhes era permittido passar a ordens menos austeras. „Ide felizes, ide tranquillos (lhes diz S. Bernardo): repelli com intrepido coração os inimigos da Cruz de Christo, bem certos de que nem a vida nem a morte vos poderão pôr fóra do amor de Deus que está em Jesus. Em qualquer perigo repetí a phrase:—vivos ou mortos, somos do Senhor.—Gloriosos os vencedores, bemaventurados os martyres." Eis aqui o aspero bosquejo que elle nos offerece do aspecto de um templario.—« Cabellos tosquiados, pello erriçado, sujo de pó, negro como ferro, crestado do rigor do tempo e do sol... Gostam dos cavallos fogosos e ligeiros, mas não adereçados, mosqueados, acubertados. O que pasma n'este tropel, n'esta torrente que corre para a Terra Sancta é que não vêdes senão scelerados e impios. Christo de um inimigo fez um campeão, do perseguidor Saulo fez um S. Paulo."—Depois n'um eloquente itinerario guia os guerreiros penitentes de Bethlem ao Calvario, de Nazareth ao Sancto Sepulchro.

O soldado tem a gloria, o monge a tranquillidade: o templario abjurava uma e outra cousa; reunia porém o que ha de mais duro n'essas duas vidas, os perigos e as abstinencias. A importante lida da idade media foi a guerra sancta, as cruzadas; o ideal das cruzadas parecia realisado na ordem do Templo. Era a cruzada convertida em fixa e permanente, a nobre imagem da cruzada espiritual, da guerra mystica que o christão sustenta até a morte contra o inimigo interior.

Associados aos de S. João do Hospital na defensão dos logares sanctos, os cavalleiros templarios differiam d'aquelles por ser a guerra mais particularmente o objecto de seu instituto: uns e outros prestavam os mais relevantes serviços. Que felicidade não era para o peregrino que viajava pela estrada pulverulenta de Jaffa a Jerusalem, e que imaginava cairem sobre elle a todo o momento os salteadores arabes, encontrar um cavalleiro, reconhecer a valedora cruz vermelha na capa branca da ordem do Templo? Nas batalhas as duas ordens forneciam por turno a vanguarda e a retaguarda: no centro collocavam-se os cruzados recem-chegados e pouco afeitos ás guerras da Asia: os cavalleiros os flanqueavam, e protegiam (diz altivamente um d'elles) *como as mães a seus filhos.* Estes passageiros auxiliares de ordinario retribuiam mal tanto affecto; mais embaraçavam do que serviam os cavalleiros. Arrogantes e fervorosos á chegada, fiados em que se faria logo a seu favor um milagre, não faltavam a quebrar treguas, arrastavam os cavalleiros a riscos inuteis, procuravam ser combatidos, e despediam-se deixando lhes o pezo da guerra, queixando-se de não serem bem soccorridos. Os templarios formavam a vanguarda em Mansourah, quando aquelle mancebo louco, conde d'Artois, apesar do conselho

d'elles, se obstinou a perseguir os inimigos arremettendo á cidade; seguiram-n'o por brio os cavalleiros e foram todos mortos.

Com razão se julgára que nunca seria de mais o que se fizesse a favor de uma ordem de tanta dedicação e utilidade. Concederam-se-lhe grandiosos privilegios: a principio não podiam ser julgados senão pelo papa; mas perante um juiz tão supremo e tão remoto ninguem os requeria; pelo que passaram os proprios templarios a ser juizes nas causas d'elles; e tambem podiam ser testimunhas nas mesmas, tamanha era a fé na sua lealdade! Era-lhes defezo pagar tributo a potencia alguma, e conceder qualquer de suas commendas por sollicitação de poderosos ou de monarchas. Não podiam pagar nem direitos, nem feudo, nem portagem.

Qualquer desejára naturalmente participar de tão altos privilegios. O proprio Innocencio III quiz ser affiliado á ordem; e Filippe debalde sollicitou o mesmo. — Mas quando mesmo a ordem não tivesse tão grandes e magnificos privilegios, nem por isso deixaria de se lhe appresentar immenso numero de pessoas. O Templo tinha para as imaginações um attractivo de mysterio e de terror vago: as recepções celebravam-se nas igrejas da ordem, de noite e á porta fechada: os membros inferiores eram excluidos d'ellas; dizia-se que se o rei de França em pessoa lá penetrasse por certo que não saíria. O formulario da admissão era tomado de ritos dramaticos e singulares, dos *mysterios* de que a igreja antiga não receou cercar as cousas sagradas. Primeiro o adepto era appresentado como peccador, máu christão, renegado. Negava a exemplo de S. Pedro; e a abjuração exprimia-se por um acto, cuspia na cruz; a ordem encarregava-se de rehabilitar este renegado, e de o elevar tanto mais quanto mais profunda era a sua queda. Da mesma maneira na *festa dos loucos* o homem offerecia o preito da sua imbecilidade, da sua infamia á igreja que o devia regenerar. Estas comedias ao divino, de dia para dia menos comprehendidas, eram cada vez mais perigosas, mais capazes de escandalisar uma epocha prosaica, que só via a lettra e perdia o sentido do symbolo.

N'este caso tinham outro perigo. O orgulho do Templo deixava n'estas formulas um equivoco impio: o adepto podia capacitar-se de que além do christianismo vulgar a ordem ia revelar-lhe uma religião mais sublime, abrir-lhe um sanctuario por detraz do sanctuario. Este nome do Templo não era sagrado só para os christãos: se para estes designava o sancto sepulchro, aos judeus e mulsumanos lembrava o templo de Salomão. A idéa do Templo, mais elevada e mais geral do que mesmo a da Igreja, estava de algum modo sobranceira a qualquer religião. A Igreja tinha data e o Templo não a tinha; contemporaneo de todas as idades era como um symbolo da perpetuidade religiosa. Ainda depois da ruina dos templarios o Templo subsiste, pelo menos como tradição, nas insinuações de grande numero de sociedades secretas, até os rosa-cruzes, até os franc-maçons (1).

A Igreja é a casa do Christo, o Templo a do Espirito. Os gnosticos tomavam para sua grande festa não o Natal, ou a Paschoa, mas o Pentecostes, dia em que baixou o Espirito. Até que ponto subsistiram estas seitas velhas na idade media? . . . Foram a ellas affiliados os templarios? . . . Taes questões, a despeito das engenhosas conjecturas dos modernos, permanecerão sempre obscuras pela insufficiencia dos monumentos.

Estas doutrinas internas do Templo parece que a um tempo se querem manifestar e esconder. Julga-se que se reconhecem nos emblemas estranhos esculpidos na portada de algumas igrejas, ou no ultimo cyclo epico da idade media, nos poemas em que a *cavallaria purificada* não é mais que uma odyssea, uma imagem heroica e pia em demanda do sancto graal, como chamavam ao vaso que recolheu o sangue do Salvador. A simples vista d'este vaso prolonga a vida quinhentos annos: só as creanças se podem chegar a elle sem morrer. Á roda do templo que o encerra velam as armas os *templistas* ou cavalleiros do Graal.

Esta cavallaria mais que ecclesiastica, este ideal grave e sobejamente puro, que foi o remate da idade media e o seu extremo sonho, achava-se, por sua mesma elevação, estranho a toda a realidade, inaccessivel a toda a practica: o templista ficou nos poemas, figura nebulosa e semi-divina; o templario entranhou-se na brutalidade. *(Continúa.)*

(1) E' possivel que os templarios que escaparam se convertessem nas sociedades secretas. Na Escocia desapparecem todos, á excepção de dois. Ora, tem-se observado que os mais secretos mysterios da franc-maçoneria se reputam emanados da Escocia, e que os gráus superiores são chamados *escocezes*. Vêde Grouvelle e os escriptores a quem seguiu, Munter, Moldenhawer, Nicolai, etc.

Um quadro de miserias da vida humana.

Vem um negociante da praça, ou logrador ou logrado, jantar esplendidamente (depois se farão os rateios aos credores), e determina ir n'aquella tarde para a sua quinta; o ar está sereno, o sol claro e tepido, a estação risonha; ahi estão as seges, os boleeiros teem o porte e o empenado da Assembléa; a familia embarca, o trote começa, a voz gorgeta sóa repetidas vezes desde a envernizada caixa até as orelhas do desavergonhado carrasco dos estiticos cavallinhos; mas alli a Sete-Rios, no meio da triumphal carreira, outro demonio peior que o boleeiro da Assembléa, ou do Pilha-gatos, um carreiro, se atravessa diante com um carro de feno, que vem para consumo da cidade, e que vem bem emparelhado em altura com os proprios arcos das Aguas Livres, mette-se a sege, lá vão as senhoras com a sege tombada, amarrotam-se as plumas, rasgam-se os filós, perde-se um indispensavel, e era de França. . . primeira desgraça.

Emfim chega aquelle potentado ao seu palacio campestre. Um horisonte enganador lhe promette o mais agradavel e salutar passeio. Vai passear em liberdade, diz elle, e consiste esta em andar de jaqueta; porém os caminhos estão perdidos, os combros com as invernadas são immensos, as pedras soltas são ás carradas, volta-se o discreto para fazer uma reflexão em Botanica a uma das senhoras da partida, dá uma formidavel topada, e o pé, que lhe vai estalando dentro da envernizada bota, soffre uma dôr, que lhe faz acabar o discurso antes de o principiar. E isto não presta? Continúa o passeio a coxear, mas é preciso passar uma levada de agua, que vai impetuosa, e para a passar apenas ha no meio das aguas umas pedras redondas ou agudas, postas em grandes distancias. As senhoras tremem, guincham, e fazem infernaes caretas sobre esta perigosa ponte. Estende o negociante a mão, mas na ultima pedra escorrega um pé á senhora, e dá comsigo na levada. Nova desgraça: porém o sol e o vento reparam em poucos instantes este funesto accidente; esquece esta primeira tribulação e tudo vai bem: mas de repente cobre-se o céu de nuvens espessas, esconde-se o sol, e começam de se ouvir ao longe os echos dos tro-

vões; eis-aqui o nosso homem, que se tinha adiantado no passeio, a correr para casa; mas o vento cresce em remoinhos, levanta nuvens de poeira, que de tal sorte lhe enche os olhos, que não póde dar um passo; caem gotas d'agua como castanhas, que lhe alagam o chapéu mais a jaqueta, e que são annuncios de novas desgraças. O temporal cresce, os relampagos são tão bastos que o deslumbram, e com um estrepitoso trovão, rasgando-se uma nuvem perpendicular, cáe em cima d'elle um diluvio d'agua que o submerge; foge, mas é preciso subir um outeiro que não é de granito primitivo, como dizem os naturalistas, é de barro, e tanta agua tem embebido, que atasca até o joelho; o homem mais recúa que adianta, e puxando um pé com força, fica-lhe lá uma bota; mas á força de trabalho tira a bota, calça a bota, e a chuva a cantaros em cima d'elle. E noite fechada, e elle ainda está a meio caminho da casa; perde-se no caminho, e querendo ir para Bemfica vai para o Calhariz. Sáe da porta d'um palheiro um cão esfomeado, e tanto lhe ladra, e tanto o persegue, que o homem, curvando-se para achar uma pedra com que lhe atire, escorrega, e dá uma formidavel cambalhota no meio d'um lameiro, onde continúa a chafurdar um quarto de hora.

Depois de muitas fadigas, chega emfim a casa molhado, enlameado, e morto de fome; mas os criados e as criadas, que pilharam os senhores fóra, cuidando em divertir-se, descuidaram-se de fechar as janellas da sala e da alcova, e está tudo um lago de agua que não ha onde pôr os pés: uns patos destinados para a ceia apanharam agua, e abalaram, de sorte que não apparecem, nem apparecerão mais. Parece que tudo se reunira para o contrariar, e para lhe consumir a paciencia.

Isto ainda é pouco: a casa campestre do senhor fica mui proxima á igreja; ha um enterro de luxo aquella noite, e o estouvado do sachristão deixou ir os rapazes para a torre, que se fazem a olho com os sinos, desafinadissimos, e um d'elles quebrado. Isto é pouco. Tinham feito debaixo das janellas um monte de estrume da altura do monte Caucaso; o vento que sopra, a chuva que caíu, fazendo fermentar aquelle thesouro do deus *Sterculino*, como lhe chamaram os romanos, o faz tambem exhalar um perfume que empesta as casas todas; e um forno de louça vidrada, que está na visinhança, as enche de um fumo tão espesso, que se não póde respirar: da parte de cima está uma eira de milho, e os ladrões dos saloios a trabalhar incessantemente com os compassados manguaes. O estrondo e os assobios de um moinho de vento no proximo outeiro, não cessam nem de noite nem de dia. Uma raposa, talvez que de dois pés, veio n'essa mesma noite ao quintal, e despovoou as capoeiras de tudo o que estava esperando o momento da morte no dia dos annos da senhora; e uns poucos de rapazes, saltando o muro da quinta, varejaram, verdes e maduros, os pecegos todos, que se guardavam para a mesma funcção.

Fatigado o nosso homem de tantas contrariedades, resolve-se a tornar para Lisboa; mas tombando-se o carro de matto, caiu na calçada de S. Sebastião um caixote com um apparelho de Saxonia, que servia na partida das quintas-feiras, que a senhora dava; tudo se fez em pedaços, quebrou-se um pé de um piano de Erhard, e esmigalhou-se de todo a guitarra das lições da menina.

Com estes incommodos chega a casa, e saindo no outro dia a descontar uma lettra, virando atraz a cabeça na rua do Lambaz, um homem que vinha na mesma direcção lhe deu tamanha marrada, que se ouviu no adro de St.ª Catharina; caíu no chão, e trazendo-lhe de uma casa um pucaro de agua, tod^a lh'a entornaram por cima. Ao virar da Cruz-de-pau um cumprimenteiro seu conhecido lhe quer ceder o logar da parede, o homem toma outra direcção, e o outro a toma ao mesmo tempo, de sorte que ambos por meia hora balanceiam ao mesmo tempo ora á direita ora á esquerda sem ninguem se decidir.

Vem como arribado á rua larga do Lorete, uma rebanada de vento lhe leva o chapéu pela rua do Alecrim abaixo; corre, e no instante em que lhe ia a pegar, outra rebanada de vento lh'o leva até o caes do Sodré; uma nuvem de rapazes lhe dá uma apupada.

Recolhe-se o homem a casa, janta, e quer dormir a sesta a ver se o fio das desgraças se rompe ou se interrompe algum instante, mas dois cegos, um com uma sanfona, outro com uma rabeca, e um rapaz com um pandeiro, se poem a tocar e a cantar mesmo ao pé da janella do quarto de baixo, onde o homem tem o escriptorio, e onde queria socegar no seu camapé; e uns barbaros que moram no segundo andar, a darem mais dinheiro aos cegos para se não calarem.

Quer o homem dar um passeio de tarde para vêr se, em ar livre, se lhe desempoeira a cabeça, e apenas sáe de casa encontra o seu lettrado, e querendo dar-lhe novas instrucções sobre um pleito que traz pendente em materias de cambios, linguagem mais inintelligivel que a dos calculos, um maldicto carro de fanico, carregado com vergas de ferro da Suecia, começa de fazer tal motinada atraz dos dois interlocutores que vão passando, que não entende palavra um ao outro, e o pertinacissimo carro tão obstinado em os seguir, que por fim se apartaram deixando as instrucções por fazer.

J. A. DE MACEDO. — *O Desapprovador*, n.º 3.

O CÃO DO NORTE DA SIBERIA.

NA expedição ao norte da Siberia, feita por ordem do governo russiano, e dirigida por Mr. Wrangell, hoje almirante, teve este official de attender a longos e difficeis preparativos para a sua primeira excursão no mar Glacial, apenas chegou a Kolima, que devia ser o centro das suas operações por espaço de tres annos. Era mister assegurar a subsistencia dos membros da expedição por todo o tempo d'esta primeira entrepreza: cincoenta nartas ou carrinhos trenós, puxados por seiscentos cães, eram necessarios para conduzir viajantes, guias e abastecimentos, e só o sustento d'essa legião canina era de per si grave. A actividade do commandante e de seus amigos superou as difficuldades; proveu-se de sufficiente peixe secco, dos trenós e dos seiscentos cães.

O cão, fiel e util companheiro do homem nas diversas regiões, entre os povos remotos septentrionaes suppre o cavallo; é quem accarreta seu dono por cima da neve gelada e entre serras fluctuantes que atulham o littoral, e é quem o conduz á caça e á pesca, e a qualquer parte onde o chamam as necessidades materiaes da existencia. Contenta-se com um pouco de peixe secco, e mesmo nem tem precisão de satisfazer inteiramente o appetite para correr a perda de folego até o ponto que lhe marcam. — O cão do norte da Siberia parece-se singularmente com o lobo: o focinho longo e pontagudo, as orelhas sempre tezas, o rabo felpudo, o pello na mor parte do tempo basto como o dos cães da Terra-Nova, dão-lhe um aspecto selvagem, e, forçoso é dize-lo, pouco capaz e de inspirar affouteza ao viajante que não sabe distingui-lo; uiva mais do que ladra, mais outra seme-

lhança com o lobo. Fica exposto constantemente ao ar; e para resguardar-se das ferroadas dos mosquitos no verão sabe cavar tocas na terra, ou então mergulhar-se na agua, e assim passa tranquillo o dia todo: de inverno, para preservar-se do frio, agacha-se em a neve, ennovelado e só com a ponta do focinho descoberta, tendo a precaução de cobri-la com a cauda espessa para a livrar da geada. A sua criação é tão mal tractada como a dos filhos dos siberios. O cão mais astuto e melhor ensinado põe-se na frente do tiro, porque d'elle dependem a celeridade, o bom caminho, e não poucas vezes a segurança do viajante. Porém occasiões ha em que o instincto vence a criação: se os cães topam com vestigios de animaes bravios partem na direcção que lhes indica o olfacto, puxando com assombrosa velocidade o trenó e seu dono; nada os poderia em tal caso trazer ao bom caminho, sobre tudo se os estimulou a fome; comtudo o instincto superior do que vai na dianteira, que mostra entender o erro dos companheiros, e uivando então com toda a força, tomando o lado opposto á direcção que os outros seguem, como se descobríra alguma preia digna da sua avidez, lhes troca assim as voltas e consegue leva-los para o caminho recto. Tambem ás vezes é elle quem conhece, no meio dos redemoinhos de neve que a tempestade levanta, o abrigo que erguera no deserto mão provida para o viajante desgarrado. Tamanho é o apreço que os naturaes fazem d'esta raça de cães, que, reinando uma epizootia em que morreram milhares, a mulher de um siberio, para salvar dois unicos cachorros que lhe restavam de seus numerosos tiros, alimentou-os com o proprio leite; fazendo-os collaços de um filhinho que a esse tempo desmamava.

A festa de Peterhoff.

O Sr. marquez de Custine teve a fortuna de se achar em S. Petersburgo na epocha d'esta brilhante funcção, dia festivo assim para a côrte como tambem para o povo, e em que por vontade do imperador todas as jerarchias e classes se misturam e tomam parte nos regosijos publicos dentro dos dominios particulares do soberano, Peterhoff é um castello situado nos suburbios da capital, e a tapada magnifica que o cerca é logar onde se ajuntam os curiosos, quer nobres e militares, quer burguezes e paizanos. — O citado auctor descreve assim a illuminação da noite d'esse dia:

« Dizem que no anniversario da imperatriz seis mil carruagens, trinta mil peões, e innumeravel quantidade de barcos saem de Petersburgo para formar abarracamentos ao redor de Peterhoff. Parte da guarda imperial e o corpo dos cadetes tomam igualmente acampamento em torno da residencia do autocrata; e toda a gente, officiaes, soldados, mercadores, servos, amos e senhores vaguéam pelas mattas, onde duzentos e cincoenta mil lampeões expulsam as sombras da noite. Dizem tambem que dentro em trinta e cinco minutos todos os lampeões do parque se accendem empregando-se mil e oitocentos homens: a parte da illuminação que faz frente ao castello accende-se em cinco minutos; entre outras porções abrange um canal que corresponde á principal varanda do palacio e se embrenha em linha recta a grande distancia por entre o parque, caminho do mar. Esta perspectiva é de effeito magico; a esteira d'agua do canal é de tal modo bordada de lumes e reflecte tão viva claridade que se poderia tomar por fogo. O Ariosto é que teria imaginação assaz esplendida para descrever tantas maravilhas na linguagem das fadas: reinam bom gosto e phantasia no uso que alli fazem de tão prodigiosa massa de luz. Deram a diversos grupos de lampeões, engenhosamente dispostos, fórmas originaes, são flôres da grandeza de arvores, soes, vasos, parreiras de pampanos imitando as *pergolas* italianas (1), obeliscos, columnas, muralhas á mourisca; emfim, um mundo phantastico vos passa diante dos olhos sem repousardes a vista, porque as maravilhas succedem-se umas a outras com incrivel rapidez. Distrahem-vos de uma fortificação de fogo as roupagens e rendas que fingem pedrarias finas; tudo brilha, tudo arde; é a chamma e o diamante: teme-se que o magnifico espectaculo remate n'um monte de cinzas como um incendio. Porém sempre o mais admiravel, observado do palacio, é o grande canal que semelha a lava immovel n'um bosque abrazado. Na extremidade do canal altea-se sobre uma enorme pyramide de fogos artificiaes de côres (que tem, pelo meu calculo, 70 pés) a firma da imperatriz, brilhando com alvura reluzente em cima de todos os lumes vermelhos, verdes e azues que a cercam; dir-se-hia uma pluma de brilhantes rodeada de finas pedras de varias côres. Tudo se mostra em tão vasta escala que duvidareis do que se vos patentea. — Na festa em si ha tambem um não sei que prodigioso: fallo dos episodios a que dá logar. Durante duas ou tres noites toda a multidão, que mencionei, acampa em circuito da povoação, e espalha-se a muito grande distancia do castello. Muitas senhoras dormem nas carroagens, e os camponezes nas suas carretas: todos os variados trens, mettidos aos centos em cercados de tábuas, formam arraiaes mui curiosos de vêr, e que são dignos do pincel apurado de algum artista engenhoso. »

Provas judiciarias na Georgica.

A lei admittia n'este paiz, hoje sujeito ao imperio da Russia, tres qualidades distinctas de provas para se descobrir a verdade: o ferro em braza, a agua a ferver, e o duelo.

Prova de ferro em braza. Punha-se uma folha de papel em cima da mão do accusado, e sobre o papel o ferro em braza; se depois de ter dado tres passos, e de se ter tirado o ferro, a mão não apparecesse queimada, declaravam-n'o innocente. D'esta prova só se fazia uso em caso de traição, roubo de igreja, e adulterio.

Prova d'agua a ferver. Deitava-se dentro d'um vaso cheio d'agua e posto ao lume, a cruzinha que de ordinario os georgianos trazem ao peito; assim que a agua começava a ferver tiravam a vasilha do lume, e o accusado devia, em nome de Deus, tirar a cruz; depois d'isto mettiam-lhe a mão n'um saquinho muito bem atado, e lacrado; se ao terceiro dia a mão não tivesse signal de queimadura davam por innocente o accusado.

Prova pelo duelo. — O denunciante e o accusado encommendavam-se a Deus por espaço de quarenta dias. Acabado o tempo das rezas penduravam-lhes ao pescoço e nas lanças tiras de papel em que estavam escriptas breves orações. Depois d'armados entravam na liça ladeados dos padrinhos munidos d'escudos e chicotes. O combate a que o rei assistia continuava até um d'elles vir do cavallo abaixo. Então os padrinhos o traziam á presença do rei, como convencido da culpa, para fazer d'elle o que lhe approuvesse. As armas do vencido ficavam pertencendo ao vencedor, e o seu cavallo aos padrinhos do ultimo.

(1) Parreiras sustidas por columnas ou pilastras.

S. M. CATHOLICA, D. ISABEL II.

Os casamentos das augustas filhas de Fernando VII deram largo thema, antes de verificados, á imprensa politica; e ainda teem continuado a fornecer texto para muitas columnas a narração das solemnidades e festejos que se lhes seguiram. Alguns jornaes francezes lembraram-se de publicar por esta occasião as noticias dos precedentes enlaces matrimoniaes entre as casas soberanas de Hespanha e França. Resumiremos a relação do ultimo, porque mostra a diplomacia e etiqueta do seculo passado n'estes negocios. —

Luiz XV, que em 26 d'agosto de 1739 concedeu a mão de sua filha, Maria Luiza Isabel de França, ao principe das Asturias, herdeiro presumptivo da coróa d'Hespanha, resolveu-se, pelo fim de 1744, a estreitar por novo matrimonio os laços que uniam as duas reaes familias. Com effeito, foi o bispo de Rennes enviado officialmente á côrte de Madrid com o caracter de embaixador extraordinario e a commissão de pedir para o delphim de França a mão da princeza Maria Thereza Antonia. A 6 de dezembro chegou a Madrid, e a 8 o mordomo de semana de Filippe V o conduziu com grande pompa a palacio n'uma carroagem da côrte. Abriam o prestito trinta e seis lacaios com librés, vestidos com elegancia e riqueza, em duas linhas e precedidos de dois suissos a cavallo; seguiam-se seis moços da camara, e o mordomo ia á sua frente, de farda escarlate bordada de ouro. Vinham depois o escudeiro do bispo, tambem de farda escarlate agaloada em todas as costuras, acompanhado de seis formosos pagens, vestidos de veludo carmezim, e a carroagem que trazia o embaixador e o mordomo de semana; dois palafreneiros com a libré da casa real marchavam conduzindo os cavallos de estado; seguiam quatro carroagens do embaixador tiradas cada uma por seis mulas ricamente ajaezadas: as duas primeiras iam vasias, na terceira ia o esmoler do bispo de Rennes com mais quatro sacerdotes, e occupavam a quarta quatro gentishomens vestidos de casacas de veludo pardo: a carroagem do mordomo, tirada a quatro, e guiada por um cocheiro e um postilhão cerrava o prestito.

A comitiva, depois de haver atravessado a cidade, entrou no paço do Retiro pelo pateo das cosinhas, e

alli foi recebida por uma companhia das guardas hespanholas e outra de guardas valonas, formadas em alas: desfilou depois no pateo principal afim de que SS. MM. podessem vê-la das janellas. O embaixador e mordomo se apearam, atravessaram os corredores onde estavam postados os alabardeiros, e subiram á regia habitação pela escada principal. — O duque Bousnonville, capitão das guardas de serviço, á frente da officialidade do corpo saiu a receber o embaixador, o qual se adiantou entre alas das guardas até a casa que communica com a sala de audiencia, onde o esperava o secretario de gabinete. El-rei entrou na sala pouco tempo depois, e se collocou no extremo mais immediato ao seu aposento, e ainda que tinha ao lado uma cadeira se conservou de pé e se cobriu, assim como todos os grandes d'Hespanha que estavam em fileira ao longo da parede: mais além, em seguida, estavam os mordomos de semana, e defronte ao lado direito os gentishomens da camara que não tinham titulos de grandeza; tendo-se deixado um espaço entre o rei e elles para os embaixadores e ministros estrangeiros. O resto da sala estava occupado por grande numero de pessoas de todas as classes, porém bem trajadas. O secretario de gabinete disse em alta voz que o embaixador extraordinario de S. M. Christianissima esperava licença para entrar; el-rei mandou que fosse introduzido á sua presença; o bispo, que se revestira de roquete e pozera a mitra, entrou immediatamente, seguido do seu secretario, pela porta que fazia frente ao logar onde se achava o rei, e depois de haver feito as tres reverencias do estylo fallou a S. M. em latim: concluido o discurso, declarou o objecto da sua missão: o rei levou a mão ao chapéu e o embaixador se retirou tendo feito as cortezias do costume.

A saida da audiencia real dirigiu-se o bispo aos aposentos da rainha; esta achava-se á missa com as princezas suas filhas. O embaixador, tendo esperado um pouco, teve aviso de que a rainha, havendo-se concluido o officio divino, o receberia, e foi introduzido á sua presença por um mordomo, que repetiu em voz alta o nome e dignidade do bispo. A sala appresentava o seguinte aspecto: a rainha debaixo do docel, duas infantes a seus lados, as damas do seu serviço por detraz ou na mesma linha das infantas, as damas de honor e os grandes do reino em frente, e ao lado d'estes os embaixadores e ministros estrangeiros. O bispo de Rennes, depois de fazer tres profundas reverencias á rainha e duas ás infantas, pronunciou a sua arenga, mas em francez, e poz nas mãos da camareira mór as cartas dirigidas á rainha e ás infantas, depois do que se retirou descoberto como tinha fallado, porquanto a côrte de Hespanha já havia adoptado o uso da franceza, de fallar ás senhoras de qualquer jerarchia com a cabeça descoberta. O embaixador teve de appresentar-se tambem ao principe das Asturias; porém do quarto d'este já se havia desterrado parte da etiqueta, porque a princeza das Asturias, Luiza Isabel, filha de Luiz XV, tinha manifestado a sua predilecção pelos usos da côrte de França. Sem embargo d'isso, apparecendo n'essa occasião o infante cardeal, tiveram de guardar-se as ceremonias hespanholas, de que o mesmo infante era rigido observador.

No dia 13 ás sete horas da noite verificou-se a ceremonia da assignatura do contracto na sala da audiencia do rei. Estava esta sala magnificamente adornada e illuminada. No extremo mais visinho do aposento d'elrei estavam as cadeiras para este e a rainha, e á esquerda d'esta havia outras seis collocadas em fileira para o principe e princeza das Asturias, o infante cardeal e as infantas Maria Thereza e Maria Antonia. Um pouco antes da chegada de SS. MM. sairam da sala os que por seus empregos não tinham direito de assistir á ceremonia, e ficaram sómente os principaes empregados da casa real, os grandes d'Hespanha, e os gentishomens da camara collocados em duas fileiras á direita e á esquerda, os mordomos de semana, officiaes da guarda de Corpo, e alguns da guarda d'infanteria, os dois secretarios de estado, o inquisidor geral, o presidente do conselho de Castella, alguns bispos, e a final os confessores do rei e da rainha. Os ministros estrangeiros tinham logar por detraz das cadeiras de SS. MM. Quando todas as pessoas da familia real tomaram assento, cada um dos assistentes se collocou no posto que havia occupado nas ceremonias anteriores, e os grandes d'Hespanha de todas as classes ficaram defronte do rei e da rainha: o embaixador de França assentou-se n'uma cadeira de respaldo ao lado esquerdo do monarcha. O marquez de Ussart, secretario d'estado e notario mór, fez preparar uma mesa coberta com uma alcatifa, a qual com dois castiçaes massiços de prata mandou pôr diante do rei. O mordomo mór deu uma pancada de bastão no pavimento, e o sobredicto secretario d'estado, de pé e de cabeça descoberta, começou a ler em voz alta o contracto de matrimonio. Concluida a leitura, que durou tres quartos de hora, o rei e a rainha assignaram. A rainha mandou á infanta Maria Thereza que se chegasse e assignasse na sua presença. Depois foi collocada a mesa diante de cada pessoa da familia real, e todos foram assignando por seu turno. Do contracto se fizeram dois exemplares, um para Hespanha em hespanhol, outro para França em francez. Depois assignou o bispo de Rennes como procurador do rei e do delphim de França. O marquez de Villarias, o almirante de Castella e o inquisidor geral haviam assignado antes da ceremonia como commissarios. Os officiaes mores da casa, os capitães das tres companhias das guardas de Corpo, um consideravel numero de grandes e gentishomens da camara, os dois secretarios de estado, alguns bispos e os dois confessores, posto que designados como testimunhas, não assignaram.

No dia 18 á noite o patriarcha das Indias celebrou o matrimonio religioso. O principe das Asturias, em virtude de auctorisação expressa de Luiz XV, representou a pessoa do delphim. A ceremonia foi mui singela, e só foram presentes a real familia, alguns grandes d'Hespanha e seus primogenitos, e algumas damas do paço.

A 20, depois de um grande banquete, celebrado em publico segundo o costume, a delphina recebeu a benção de seus pais o rei e a rainha de Hespanha, despediu-se de seus irmãos, e deu beijamão aos concurrentes. Depois, acompanhada sómente do principe e princeza das Asturias, e seguida de toda a embaixada franceza, saiu de Madrid: a uma legua d'esta côrte subiu com uma só dama de honor á carroagem que para esse effeito lhe tinha enviado o rei de França. O conde de Montijo, encarregado de conduzir a princeza até onde a esperavam o conde Lauraguais e os commissionados francezes, tomou então o mando da escolta, e todos se pozeram a caminho para a fronteira de França. Chegados a Fuenterrabía, onde esperavam já a delphina havia muitos dias os criados de sua casa e os officiaes da escolta franceza, recebeu ella da parte do rei seu sogro, e por mão do cavalheiro La Fare, seu estribeiro o retrato do delphim e varios presentes da etiqueta. O conde de Lauraguais por parte da França e o de Montijo pela de Hespanha, assistidos dos respectivos secretarios, regu

laram em breve todas as formalidades da entrega da princeza. Verificou-se esta entrega na celebre ilha dos Faisães, situada no meio do rio Bidassoa, sobre o qual se lançou uma solida ponte de madeira. Depois na mesma ilha se levantou um pavilhão composto de dois aposentos separados por uma grande sala, servindo esta, de certo modo, de fronteira ás duas nações, cujos representantes rivalisaram em gosto e magnificencia para adornar os seus respectivos departamentos. Do lado dos francezes chegava-se ao pavilhão por uma rua de arvores magnifica, chamada rua de França, formada de 130 pinheiros assentados alli no dia antecedente, e adornada com grinaldas de louro, murta e flores, com divisas galantes em papeis de côr.

No dia 13 a delphina apeou-se da carroagem á entrada da ponte da parte hespanhola, e passou a pé dando-lhe a mão o conde de Montijo, seguida dos hespanhoes que a tinham acompanhado na jornada. Logo que chegou ao pavilhão descançou um momento debaixo de um docel com as armas de Hespanha, e depois entrou no departamento da sua nação sem mais detença que atravessa-lo, e por ultimo passou á grande sala, onde se verificou a entrega de sua pessoa aos cavalleiros francezes, os quaes assignaram de pé o termo de recebimento. Terminadas estas formalidades, a princeza comprimentou o conde de Montijo, deu-lhe a mão a beijar assim como aos mais hespanhoes e os despediu. Depois, dando-lhe a mão o conde de Lauraguais, passou ao departamento francez, onde recebeu as felicitações e homenagens dos gentishomens e o juramento dos criados de sua casa. A duqueza de Brancas, sua dama de honor, e a marqueza de Rubempré, sua camareira, lhe appresentaram o guarda-roupa que lhe enviava o rei de França; a princeza mudou logo de vestidos, entrou para a carroagem, e deu ordem de marcha para Paris.

As particularidades das festas que se fizeram em honra d'esta princeza nas cidades por onde passou, e sobre tudo em Paris, não serviriam senão de tornar mais triste a recordação de seu fim prematuro, pois que morreu sobre parto a 26 de julho de 1747, ainda não decorridos dois annos de casada: seu filho não lho sobreviveu. O delphim casou depois com a princeza de Saxonia, Maria Josefina, e teve d'ella tres filhos e duas filhas, que foram, o desditoso Luiz XVI, Luiz XVIII, Carlos X, e as princezas Clotilde e Isabel de França.

Genio dos finlandezes.

A estrada de Abo a Helsingfors é conservada cuidadosamente em bom estado, mas é silenciosa e deserta: no espaço de sessenta leguas não existe uma cidade, uma aldeia. Em todo o tempo que gastei a percorre-lo creio que não encontrei seis viajantes: o seu aspecto, em summa, assemelha-se ao que já eu tinha observado em muitos pontos da Suecia: ora se passa por meio de um bosque de abetos e de bétulas, ora se trepa um outeiro semeado de penedos, ora se desce a uma planura de areal por onde corre mansamente um ribeiro. A poucas milhas de Biosberg vi uma cataracta e uma ferraria. Pouco mais ao longe descortina-se algum lago cercado por uma ourela de arvoredo ou por muralhas de rochedos granitosos. Os mais formosos lagos da Finlandia acham-se nas provincias de Savolax e Carelia, que pela frescura dos valles e as verdes ladeiras das eminencias trazem á lembrança o paiz variado e pictoresco da Dalecarlia. — N'este solo pedregoso e arcento, coberto aqui de musgo, e acolá erriçado de matto, onde quer que ha uma courella de terreno aravel é cultivada com intelligencia e perseverança. Os finlandezes são muito bons agronomos; nem o trabalho da lavoura, nem a intemperança das estações, nem a natureza rispida que illude os seus esforços, os amedrontam: tem levado a relha do arado além do circulo polar, e colhido cevada nos confins da Laponia; onde houver um campo lavradio assentarão uma vivenda. De ordinario não é mais do que uma barraca mesquinha e de madeira, de alguns pés d'alto, só allumiada por uma claraboia, e mais parecendo um pombal do que humana habitação; sem embargo, é bastante para aninhar uma familia inteira; d'ella saem homens robustos, acostumados a todas as privações, rijos para toda a casta de fadigas, e mulheres que ostentam o typo augusto da belleza sob os trajos da penuria. Dia virá em que a ninhada, mantida a batatas e leite azedo, largará o seu pouso: assoldadam-se rapazes e raparigas, e de seus salarios levantam um piedoso dizimo para seus pais já velhos, que com o auxilio d'este soccorro filial acabam com certa commodidade a vida começada em lidas e fraguas.

Os paisanos finlandezes estão capacitados de extravagantes superstições. Esta gente simples e ignorante crê na existencia de uma turba de espiritos mais ou menos malfazejos que influem poderosamente nos destinos dos homens. N'alguns districtos imaginam que os mortos podem, lá em certas epochas, visitar as suas casas, e como os vivos não teem a menor cubiça de os tornar a ver, por isso lembraram-se de usar de um expediente singular. Poem o caixão do defuncto, quando o levam ao cemiterio, que é sempre longe, em cima do carro que no andar dá mais solavancos, e guiam-n'os pelos carris e azinhagas mais asperas e intractaveis, afim de que o corpo vá bem balouçado e sacudido; isto (dizem elles) para que os defunctos lá na cova se lembrem de tão ruim caminhada e lhes fuja a tentação de voltar ao sitio d'onde foram transportados.

Carlos VI e os seus cortezãos.

Em 1380 caiu a França nas desgraças de uma menoridade: Carlos VI se achou de posse do throno na idade de doze annos. A regencia pertencia ao duque d'Anjou, que ambicioso e avarento queria dinheiro e poderio; o duque de Berry era excluido dos negocios; a tutella estava confiada aos duques de Borgonha e de Bourbon, igualmente tios do rei menor: estes dois, invejosos e turbulentos, não contentes da parte de auctoridade que lhes tocava, queriam coarctar a do regente; e todos elles, desprezando os interesses do povo, não curavam senão de segurar os seus proprios. Os arredores de Paris foram desapiedadamente devastados pelos partidarios que estes sediciosos por alli junctaram, na intenção de crearem um regime a cujo abrigo o seu despotismo e rapinas ficassem impunes: — foram tamanhas as desordens que se estabeleceram arbitros obrigados a intervir n'ellas. Decidiu-se que a coroação teria logar a 4 de novembro seguinte; que a regencia cessaria então, que o rei governaria em seu nome, assistido comtudo de um conselho de que seus tios fariam parte. O duque d'Anjou, certo da tranquilla posse do poder, ao menos por alguns mezes, quiz aproveita-los: nada iguala o descaramento de saquear a que se entregou; apossou-se até das joias e baixella da corôa, e não se envergonhou de ameaçar de morte o confidente do defuncto Carlos V, se lhe não descobrisse o logar em que estava o thesouro de dezesete milhões que aquelle monarcha colligira: o temor do supplicio quebrantou a fidelidade, e foi satisfeita a avareza do regente.

Sendo grave o peso dos impostos, e constando que o rei fallecido recommendára na sua hora derradeira que fossem supprimidos todos os que se haviam lançado depois de Filippe o formoso; como a côrte não tinha pressa de cumprir a ultima vontade de Carlos V, o povo amotinou-se, e o conselho viu-se na precisão de convocar os Estados-geraes; mas esta assembléa foi frouxa e dividida entre si; e tanto o conheceu o regente, que renovou, apenas dissolvida, todos os tributos cuja abolição ella havia sanccionado. Foi este acto o signal de um levantamento em Paris e muitas cidades. Não descreveremos scenas de excessos, delirios e horrores: a França estava tão desgraçada quanto, alguns annos antes, havia sido poderosa. A expedição a favor do conde de Flandres, perseguido pelos subditos rebellados, veiu dar motivo a novas calamidades, e peior aconteceu com outra, armada pela ambição do duque de Anjou: — foi um projecto de conquista na Italia.

Tractava-se do reino de Napoles onde reinava a posteridade de Carlos d'Anjou. A rainha Joanna, na sua varia fortuna, achando-se sem descendencia havia escolhido por herdeiro Carlos Durazzo, descendente como ella do irmão de S. Luiz. Estava então no seu auge o grande scisma pontificio: Urbano VI em Roma, Clemente VII em Avinhão se excommungavam reciprocamente. O primeiro depoz Joanna, porque se declarára a pró do seu competidor, e foi tão immoral que ordenou ao proprio Durazzo se armasse contra a sua bemfeitora; Durazzo foi tão vil que obedeceu ás vontades do papa. Então a rainha napolitana retractou a sua doação, e nomeou para successor o duque d'Anjou, irmão de Carlos V de França, a quem a esperança de uma corôa conduziu á Italia. O papa Clemente VII devia naturalmente proteger o duque de Anjou; auctorisou-o para levantar dizimos e excommungou a Durazzo e aos que o seguiam. O duque passou os Alpes com um exercito de sessenta mil homens; não duvidava do triumpho; mas já o seu rival se tinha assenhoreado de Napoles e mettido em prisão a rainha Joanna, a quem mandou estrangular á chegada do exercito francez, assim como ella em outro tempo fizera estrangular o seu primeiro marido. O duque procurava o inimigo para o combater; Durazzo que conhecia as suas vantagens não as quiz arriscar n'uma batalha; limitou-se a inquietar o contrario, que por deserções se ia enfraquecendo. Os thesouros do duque esgotavam-se; sua mulher lhe transmittiu novos recursos pecuniarios, e encarregou um confidente de os ir receber a Veneza, mas o valido apossou-se do dinheiro e o dissipou. O duque de Anjou, desesperado, devasta os territorios que atravessa; arremeça-se furioso a uma partida de inimigos que encontra, recebe uma ferida no conflicto, enferma por algum tempo e morre. Os fragmentos dispersos do seu exercito se recolheram para entristecer a França com o espectaculo do seu desbarate.

Pouco tempo depois d'aquella malograda expedição, Carlos VI tomou por mulher Isabel de Baviera, que por seu caracter ambicioso, e alma deshumana, tanto mal fez á França. O conselho dos principes governava sempre, apesar da maioridade do rei, que contava dezeseis annos. Novas sedições na Flandres, sustentadas por tropas inglezas, assustaram o duque de Borgonha. O conselho assentou de mandar á Inglaterra uma armada formidavel, afim de castigar por uma vez a insolencia da nação rival. O miseravel estado da fazenda publica, continuadamente saqueada desde a morte de Carlos V, era um poderoso obstaculo ao cumprimento d'este designio. Dobraram-se todos os impostos, e além d'isso estabeleceu-se um emprestimo forçado para acudir ás enormes despezas que exigia aquelle armamento. A oppressão era tal que o povo não ousou murmurar; a propria nobreza foi sujeita á derrama geral; e o clero, outr'ora tão cioso das suas immunidades e arrogante, já não possuindo mais que a sombra d'ellas, obteve por privilegio unico o dar a titulo de donativo a collecta que o governo lhe podia extorquir á viva força.

Foi no porto de l'Ecluse que se ajunctaram todos os navios para esta formidavel empreza. Uma frota de trezentas velas, que devia levar o rei, os principes e um exercito de cem mil homens, se reuniu com brevidade. Na Bretanha embarcou o madeiramento, para assim dizer, de uma cidade inteira, que serviria de alojamento e de trincheiras ás tropas depois do desembarque. A Inglaterra, assombrada d'este immenso apparato, moveu-se em pezo; até o clero correu ás armas: parecia inevitavel uma invasão terrivel; e todavia os colossaes projectos da França ficaram em nada. O duque de Berry devia trazer tropas da Guyanna; porém os inglezes offereceram-lhe dinheiro e deu causa a falhar a expedição com delongas continuadas. A esquadra que transportava a famosa cidade de madeira, conduzida da Bretanha a Ecluse pelo condestavel Clisson, foi accommettida de horrorosa tormenta que dispersou os navios, um dos quaes á discrição das vagas foi dar ás praias d'Inglaterra, como para informar aquella nação de que os elementos conspiravam para desconcertar os designios da sua adversaria. Uma parte do exercito que estava para o desembarque foi ás ordens do duque de Borgonha guerrear os flamengos; e a Inglaterra ficou desaffrontada de sustos.

Mas o rei não abandonara inteiramente o seu plano da invasão. Equiparam-se em segredo nos portos de Treguier e de Harfleur navios e soldados: o condestavel passou á Bretanha para tomar o commando da armada. O duque da Bretanha, cioso dos amores que suspeitava entre sua mulher e Clisson, com manha attrahiu este a Vannes, fe-lo agarrar e metter n'um calabouço; fôra a sua tenção mata-lo, mas o criado de confiança, a quem dera ordem de o precipitar durante a noite no mar que banha as muralhas do torreão, horrorisou-se á idéa d'este crime, e não teve forças para consumma-lo. O duque, arrependendo-se, renunciou os seus projectos de vingança: mas não soltou o prisioneiro senão pelo preço de muitas praças fortes e de uma consideravel quantia. Clisson, furioso, appresentou-se em Paris a pedir justiça ao rei. O duque foi chamado, e pretendeu justificar-se; o rei exigiu a restituição das cidades e do preço do resgate, e reconciliou os dois inimigos. Pela segunda vez se renunciou a expedição contra Inglaterra.

Fatigado do jugo de seus tios, o rei declarou que queria reinar independente; escolheu ministros, retirou do governo do Languedoc o duque de Berry, mandou queimar vivo Betizac, confidente d'este principe e agente de todas as dilapidações, constituiu permanente o parlamento, e excluiu d'elle os abbades e priores como Philippe o longanimo já tinha desviado os bispos; depois deu funcções esplendidas e torneios, em que o duque d'Orleans, seu irmão, e mesmo elle tomavam parte. A côrte mudara totalmente de aspecto; a rainha e a formosa Valentina de Milão, sua cunhada, ostentavam o brilho da mocidade juncto á belleza; mas a prodigalidade do monarcha contrastava com a penuria do povo. Não se cuidava senão de divertimentos, quando a tentativa de assassinio na pessoa do condestavel Clisson por mandado do duque de Bretanha veiu consternar os animos: o perpetrador era Pedro de Craon, o infame que rou-

bara o espolio do duque d'Anjou na Italia; evadiu-se para a Bretanha. O rei exigiu que Montfort lh'o entregasse; porém o duque recusou. Então Carlos VI resolveu fazer guerra á Bretanha, para vingar o condestavel, que convalescido das feridas continuava a gozar do favor da côrte: os tios do rei, ciosos da ascendencia que grangeára Clisson, procuraram oppôr-se áquelle projecto; mas Carlos VI, impetuoso e absoluto, quiz leva-lo a cabo. Poz-se á testa de um exercito, e atravessava o bosque de Mans quando um homem vestido de branco, postado verosimilmente pelos principes, mas que a imaginação fraca e exaltada do rei tomou por espectro, saltou d'entre a matta cortada, e agarrando-lhe no freio do cavallo bradou: « *Retrocede, ó rei; estás atraiçoado!* » O infeliz monarcha ficou mudo de assombro; comtudo a marcha progrediu; de repente o casual embate de uma lança n'um capacete o transporta de furor e de espanto a um tempo; e declara-se violentamente n'esse momento a demencia que tinha de durar toda a sua vida. Com trabalho o seguram e conduzem a Paris; os duques de Berry e de Borgonha apossam-se da auctoridade; Clisson, a quem detestavam e queriam deitar a perder, viu-se obrigado a fugir; e foi despojado da dignidade de condestavel. O rei, recobrado o juizo ao fim de seis mezes, apenas teve tempo para approvar tudo quanto se fizera durante a sua alienação: um accidente, succedido n'um baile, lhe motivou novo accesso; desesperaram de o curar: recahidas frequentes o determinaram a nomear um conselho de regencia, á testa do qual collocou seu irmão: aqui tem principio a sanguinolenta rivalidade das casas de Borgonha e de Orleans, fonte de tantas discordias que não particularisamos por não ser nosso intento narrar os acontecimentos de uma epoca inteira da historia da França.

Por este tempo appareceram pela primeira vez as cartas de jogar, que foram inventadas (ignora-se definitivamente por quem) para entreter os lucidos intervallos que a loucura deixava ao rei Carlos VI. — Depois se propagou com furor pela França entre a nobreza, e d'ahi pela Europa e entre o povo o uso de jogar as cartas, convertendo-se em causa motora da ruina de muitas familias e da perda de muitas vidas e reputações o que fôra imaginado para instrumento de distracção. — As primeiras cartas eram pintadas á mão, e por isso custava o baralho muito caro; muito posteriormente se lembraram de as gravar e illuminar, e então desceu muito o preço, e a gente vulgar poude servir-se d'ellas.

Os Templarios.

(Continuado de pag. 109)

Eu não quereria associar-me aos perseguidores d'esta illustre ordem. O inimigo dos templarios sem querer os purificou: os tractos, mediante os quaes lhes extorquiu vergonhosas confissões, parecem uma presumpção de innocencia. Move-nos o animo a não acreditar desgraçados que se accusam no martyrio do potro: se tiveram maculas, inclinamo-nos a não as divisar, apagadas como foram pela chamma das fogueiras.— Subsistem, comtudo, graves testimunhos, obtidos fóra da polé e dos tractos. Até as arguições que não foram comprovadas não são menos verosimeis para quem conhece a natureza humana, para quem considera seriamente a situação da ordem nos seus ultimos tempos.

Era natural que se introduzisse a relaxação entre cenobitas guerreiros, filhos segundos da nobreza, que corriam em busca de aventuras longe da christandade, muitas vezes longe da vista de seus capitães, entre os perigos de uma guerra de morte e as tentações de um clima ardente, de uma região de escravos, da luxuriosa Syria. O orgulho e o brio os sustentaram em quanto houve esperanças a pró da Terra Sancta. Agradeçamos lhes terem resistido por tão dilatado tempo, quando em cada uma cruzada a sua expectação ficava tão tristemente abatida, quando toda a predicção mentia, e os milagres promettidos se differiam sempre: não havia semana que o sino de rebate de Jerusalem não annunciasse a apparição de arabes na planicie assolada: tocava sempre aos templarios, aos hospitalarios, montar a cavallo, sair dos muros. A final perderam Jerusalem, e depois S. João d'Acre: soldados abandonados, sentinellas perdidas, deve por ventura admirar que na tarde d'aquella batalha de dois seculos se lhes prostrassem os braços?..... — É grave a queda depois dos esforços vehementes: a alma que tanto acima se elevara no heroismo e sanctidade bem pesada cáe por terra..... Enferma e cheia de azedume engolpha-se no mal com uma séde asperrima, como para vingar-se de haver erido. Tal parece ter sido a queda do Templo. Quanto havia de sancto na ordem se tornou em peccado e mancha. Depois de se ter encaminhado do homem para Deus, voltou de Deus para a bruteza. As piedosas agapes, as fraternidades heroicas encobriram paixões torpes de ce-

libatarios: occultavam a infamia atolando-se mais n'ella: o orgulho tambem entrava n'isto; esse povo eterno, sem familia nem geração carnal, recrutado pela eleição e o espirito, ostentava desprezo á mulher, crendo-se sufficiente a si mesmo, e não amando ninguem á excepção de si mesmo. Como passavam sem mulheres, passavam sem sacerdotes, peccando e absolvendo-se uns aos outros. E passaram tambem sem Deus. Ensaiaram superstições orientaes, a magia sarracena. A principio symbolica, a abjuração veiu a ser real; renegaram de Deus que não lhe dava a victoria; tractaram-n'o como um alliado infiel que os trahia, ultrajaram-n'o, cuspiram na cruz. Parece que a sua verdadeira divindade veiu a ser a sua propria ordem: adoraram o Templo, e os templarios seus cabeças como templos vivos; symbolisaram por meio das mais immundas e repugnantes ceremonias a devoção cega, o completo abandono da vontade. A ordem, concentrando-se assim, caiu n'uma feroz idolatria de si mesma, n'um egoismo satanico. O que ha de summamente diabolico no diabo é o adorar-se.

Dir-se-ha: eis ahi conjecturas. — Porém ellas derivam mui naturalmente do grande numero de confissões alcançadas sem o recurso dos tractos, particularmente em Inglaterra. — Demais: que tal fosse o caracter geral da ordem, que os estatutos se tornassem expressamente infames e impios, estou bem longe de o affirmar. Cousas taes não se escrevem: a corrupção entra n'uma ordem por connivencia mutua e tacita; as formas subsistem, mudando de sentido, e pervertidas por má interpretação que ninguem reconhece em publico. — Porém, mesmo quando essas torpezas, essas impiedades tivessem sido universaes na ordem, não teriam bastado para acarretar a sua destruição: o clero as teria vendado e abafado como outras muitas depravações ecclesiasticas. A causa da ruina do Templo foi o ser mui rico e mui poderoso: — houve outra causa intima, eu a direi logo.

Á medida que o fervor das guerras religiosas diminuia na Europa, á medida que era menor a concorrencia ás cruzadas, dava-se mais ao Templo, para se isentarem d'aquellas; os affiliados da ordem eram innumeraveis; bastava pagar dois ou tres dinheiros por anno. Muitas pessoas offereciam todos os seus bens e a si mesmas; dois condes da Provença se entregaram assim: o rei do Aragão legou o seu reino, mas o reino não o consentiu. — Póde julgar-se do numero prodigioso das possessões dos templarios pelo das terras, casaes e fortalezas arruinadas, que em nossas cidades e campos ainda conservam o nome do Templo. Possuiam, pelo que dizem, mais de nove mil domicilios na christandade: só n'uma provincia de Hespanha, o reino de Valença, tinham dezesete praças fortes. Compraram por dinheiro de contado o reino de Chypre, que não poderam, é verdade, conservar. Com taes privilegios, taes riquezas, taes dominios, era bem difficil ter humildade. Ricardo, o coração de leão, dizia á hora da morte: « Deixo a minha avareza aos monges de Cister, a minha incontinencia aos monges pardos, e a minha soberba aos templarios. »

Á falta de musulmanos, esta milicia turbulenta e indomavel guerreava os christãos: fizeram guerra ao rei de Chypre e ao principe de Antiochia; desenthronisaram o rei de Jerusalem, Henrique II, e o duque da Croacia; devastaram a Thracia e a Grecia. Todos os cruzados que voltavam da Syria não fallavam senão das traições dos templarios e do seu tracto com os infieis. Estavam em notoria correspondencia com os *assassinos* da Syria, e o povo observava com terror a analogia de seus vestuarios com o dos seguidores do *velho da montanha*. Tinham acolhido em suas casas o soldão, permittido o culto mahometano, avisado os infieis da chegada de Frederico II. Nas suas furiosas rivalidades contra os hospitalarios até chegaram a arremeçar frechas ao Santo Sepulchro. Affirmava-se que haviam morto um cabo musulmano que se queria fazer christão para não lhes pagar mais tributo.

A casa real de França, particularmente, assentava ter razão de queixa dos templarios: tinham morto em Athenas Roberto de Brienne; tinham recusado contribuir para o resgate de S. Luiz; e por ultimo se haviam declarado a pró da casa d'Aragão contra a de Anjou.

Entretanto, a Terra Sancta fôra definitivamente perdida em 1191 e a cruzada concluida. Os cavalleiros vinham a ser inuteis, formidaveis, odiosos: elles traziam para o centro d'este reino exhausto (*a França*), e para debaixo dos olhos de um rei famelico, um monstruoso thesouro de cento e cincoenta mil florins d'ouro, e em prata a carga de dez muares. Que fariam elles, em plena paz, de tanto poderio e riqueza? Não lhes sobrevivia a tentação de crearem para si um estado soberano em o Occidente, como os cavalleiros teutonicos fizeram na Prussia, os da ordem do Hospital nas ilhas do Mediterraneo, e os jesuitas no Paraguay? Se elles se houvessem reunido aos hospitalarios, nenhum rei do mundo lhes poderia resistir. Não havia estado onde não tivessem fortalezas; pertenciam a todas as familias nobres. Não eram, na verdade, ao todo mais de quinze mil cavalleiros; porém eram homens exercitados nas armas no meio de um povo que o não estava depois que tinham cessado as guerras dos senhores. Eram excellentes cavalleiros, rivaes dos mamelucos, tão intelligentes e ageis quanto era pesada e inerte a vagarosa cavallaria feudal. Por toda a parte se viam cavalgar nos seus admiraveis ginetes arabes, e seguido cada um do seu escudeiro, do pagem, e de um servente d'armas, sem contar os escravos pretos. Não podiam variar os vestidos, mas tinham preciosas armas orientaes, de aço de fina tempera, soberbamente adamascadas. — Conheciam bem as suas forças: os templarios d'Inglaterra tinham-se atrevido a dizer ao rei Henrique III: « Sereis rei em quanto fordes justo » — e este dicto na bocca d'elles era uma ameaça.

Tudo isto fazia scismar Filippe o formoso. Os templarios haviam recusado admitti-lo na ordem. Tinham-n'o rejeitado, e tinham-n'o servido; duplicada humiliação. Elle lhes devia dinheiro: — o Templo era uma especie de banco, como o tinham sido muitas vezes os templos da antiguidade. Quando em 1306 achou entre elles asylo contra o povo levantado, teve sem duvida occasião de admirar os thesouros da ordem, sendo os cavalleiros tão presumpçosos de si e tão arrogantes que nada lhe occultariam. — A tentação era forte para o rei. A victoria de Mons o deitara a perder: constrangido a entregar a Guyanna, tambem o fôra a largar a Flandres flamenga. A sua mingua pecuniaria era extrema, e não obstante isso foi-lhe mister supprimir um tributo contra o qual se amotinara a Normandia; o povo andava já tão agitado que foram prohibidos todos os ajunctamentos de mais de cinco pessoas. O rei não podia sair d'esta situação desesperada senão por algum grande confisco: ora, tendo sido expulsos os judeus, o golpe havia de desfechar-se ou contra o clero ou contra os nobres, ou sobre uma ordem que pertencia a uns e outros, mas que por isso mesmo, não pertencendo exclusivamente nem áquelle nem a estes, por ninguem seria defendida. Longe de serem apadrinhados os templarios, antes foram acommettidos pelos seus naturaes protecto-

res: os frades os perseguiram, os fidalgos principaes da França prestaram adhesão por escripto ao processo.

Filippe o formoso tinha sido educado por um dominico; e dominico era o seu confessor: — por longo tempo esta ordem de frades tinha sido amiga dos templarios, a ponto de se obrigarem aquelles a sollicitar dos moribundos que confessassem algum legado para o Templo; mas gradualmente as duas ordens vieram a ser rivaes. Os dominicanos tinham uma ordem militar propria, os cavalieri gaudenti, que não teve grande impulso. A esta rivalidade accidental deve accrescentar-se uma causa mais grave de rancor. Os templarios eram nobres; os dominicos, mendicantes, eram em grande parte mechanicos, posto que na sua ordem terceira contassem seculares illustres e até monarchas. Nas ordens mendicantes, como nos jurisconsultos conselheiros de Filippe o formoso, havia uma dóse commum de má vontade, um fermento de odio nivellador, contra os nobres, os guerreiros, os cavalleiros. Os legistas deviam aborrecer os templarios como cenobitas; os dominicanos, por outro lado, os detestavam como guerreiros, como cenobitas mundanos, que reuniam os proveitos da sanctidade e o orgulho da vida militar. A ordem de S. Domingos, inquisitorial, podia julgar-se obrigada em consciencia a deitar a perder, nas pessoas de seus rivaes, descrentes perigosos por duas maneiras, pela importação das superstições sarracenas e pelo seu tracto com os mysticos do occidente que não queriam adorar senão o Espirito.

O golpe não foi imprevisto, como se tem dicto: os templarios tiveram tempo de o ver impendente; mas a soberba os perdeu; sempre julgaram que ninguem se atreveria. — O rei, com effeito, hesitava: primeiro tinha tentado meios indirectos; por exemplo, pedira ser admittido na ordem; se o tivesse conseguido, provavelmente se faria grão mestre, como practicou Fernando o catholico com as ordens militares de Hespanha: teria applicado a seu uso a fazenda do Templo, e a ordem se teria conservado.

(Continua.)

O feitor de Cantão.

Novella.

(Continuado de pag. 106.)

Tchao e Effendon empregaram muitos dias em tirar as informações de que o feitor carecia; mas a final o moço lettrado, que tomara conhecimento com os criados do censor Fo-hu, veiu muito ufano dar parte a Effendon que o velho mandarim tinha com effeito em sua casa uma menina muda, que trouxera comsigo de Cantão na ultima viagem, e que fazia passar por sua filha.

Estas particularidades tiravam toda a duvida; mas, ainda assim, o americano para ter provas evidentes escreveu um bilhete que Tchao se encarregou de fazer que fosse entregue a Maria. Voltou na mesma tarde com algumas linhas, escriptas á pressa, em que Maria implorava o soccorro paterno.

A vista d'este escripto causou no feitor uma impressão inexprimivel. Apesar de todos os indicios estivera até então duvidoso da vida da filha. Sem animo para soltar-se dos braços da esperança, sem fé robusta para crer que ainda era pai, temia confundir o desejo com a realidade; mas agora tinha a prova diante dos olhos, via, palpava os caracteres que Maria traçara; cobria-os de beijos e lagrimas.

— « Leva-me a casa d'esse homem, disse elle a Tchao, depois de relêr por duas ou tres vezes a carta. Quero que hoje mesmo me entregue minha filha. »

— « Receio que t'a negue », ponderou o lettrado.

— « Porque? »

— « Porque está a chegar o momento em que as filhas e sobrinhas dos principaes mandarins vão á presença do imperador que desposa as mais formosas (1). Se tua filha fôr escolhida medrará Fo-hu em riqueza e poderio. »

— « Ah! corramos, exclamou Effendon; eu o obrigarei a reconhecer os meus direitos. »

Mas quando chegou a casa do censor vedaram-lhe a entrada, e o mais que poude obter foi deixar ficar uma carta em que reclamava sua filha. D'ahi a uma hora veiu buscar a resposta, porém os servos de Fo-hu o enxotaram como um mentiroso, declarando que, se tivesse o atrevimento de alli tornar, tinham ordem de o entregar á policia.

Effendon não se expoz a uma resistencia inutil; sem perda de tempo fez que lhe ensinassem a morada do juiz, e foi de corrida levar-lhe a sua queixa.

Pela magia de ricos presentes não soffreu o negocio demoras, e logo no dia seguinte foi citado o censor para comparecer. O feitor esperou ao principio escorar-se no testimunho de Tchao; mas este, assim que teve noticia do pleito, safou-se pelo sim pelo não, e por mais diligencias que Effendon fez para o achar não lhe poude pôr a vista em cima. Appresentou-se portanto sósinho perante o juiz, e achou-se na presença do raptor de Maria.

Era um velhito de barbas brancas que respirava avareza e falsidade; tinha na mão um bastão de madeira preciosa cercado de lettras douradas, e vinha com o trajo do seu cargo, composto d'um vestido talar de seda ornado de dois gryphos, botas de bico revirado, e chapéu de feltro violete, com uma pedra preciosa por cima, distinctivo da sua dignidade.

Effendon, sendo interrogado pelo juiz, repetiu a sua historia tal qual a tinha estudado, narrou miudamente como soubera que sua filha estava em casa do censor (sem comtudo fallar do bilhete que ella lhe mandara), e em conclusão pediu lh'a restituissem.

Fo-hu tomou a palavra quando lhe coube e começou o seu discurso como assombrado pela audacia d'um desconhecido que se atrevia a offender um dos primeiros dignitarios do imperio celeste. Declarou que o requerimento devia de ser marcado com o signal sic (falso, calumnioso), e fez que alli viessem muitos escravos, os quaes, depois de tocarem o chão com as testas, asseveraram que a menina que morava em casa de seu senhor era com effeito sua sobrinha, filha d'um irmão que elle tinha tido em Cantão, e que acabava de fallecer.

Mas estes depoimentos não descoroçoaram Effendon: sustentou com tal intrepidez quanto affirmara, que o juiz pasmava; e requereu que a muda fosse trazida ao tribunal e decidisse a contestação.

— « Se é sobrinha de Fo-hu, disse elle, não me pode conhecer; e posto que não possa fallar provará com gestos que vê em mim um estranho; se, pelo contrario, a virdes lançar nos meus braços e arredar de si este homem, não podereis duvidar da verdade da minha reclamação.

Fo-hu com esta proposta enfiou. Contrariou-a com o pretexto de que era uma indecencia obrigar a apparecer em publico uma mulher de familia nobre.

— « Venha com um véu, replicou Effendon; mas venha, porque só ella póde decidir por um de nós. »

O juiz deferiu, e deu ordem a dois officiaes de jus-

---

(1) Aos imperadores da China são concedidas por lei cento e vinte e uma mulheres; a saber: 1 imperatriz, 3 rainhas, 9 mulheres de 2.ª ordem, 27 da 3.ª, e 81 da 4.ª

tiça para que fossem a casa do censor e trouxessem sua sobrinha. Fo-hu mostrou a final annuir de bom grado, e deu-lhes para guia um seu escravo, a quem fez em voz muito baixa algumas recommendações. Effendon, que estava entretido a fallar com o juiz, não deu por isso.

Depois de longo esperar voltaram os homens mandados a casa do censor. O escravo e Fo-hu fallaram-se com os olhos.

—« Achastes quem procuraveis? » perguntou o juiz.

—« Está á porta do teu tribunal » responderam os officiaes.

—« Entre! entre! » exclamou Effendon, sem poder reprimir a sua commoção.

Mas Fo-hu fez signal para se deterem.

—« Antes que esta experiencia te esclareça, tenho que te fazer um requerimento. »

—« Falla. »

— « Se esta menina me reconhecer por seu tio, este homem é um calumniador. »

—« Não ha duvida. »

— « Requeiro pois, n'este caso, que se lhe dê um castigo exemplar, para provar a todos, como diz o poeta, que a acção má traz tão certo o castigo como o botão do pecegueiro produz a sua flor. »

— « É justo, respondeu o juiz, e será cumprido o teu desejo; vejamos antes o que faz essa menina. »

Os officiaes de justiça foram abrir a porta, e fizeram-n'a avisinhar.

Effendon ia a correr para ella; mas estacou de repente, fazendo um gesto de espanto. A estatura acanhada, o andar mal firme, as mãos com as unhas compridas, não eram nem as mãos, nem o andar, nem a estatura de sua filha!

—« Maria! » exclamou elle a tremer, com os braços estendidos.

Então a menina o encarou como assustada, e passando-lhe veloz pelo lado foi lançar-se nos braços de Fo-hu, á maneira de quem queria amparar-se com elle.

— « Vês? disse o censor, cantando a victoria, não te conhece. »

— « É impossivel! bradou Effendon sem crer o que estava vendo. Maria! Maria! »

E arremeçando-se á rapariga, arrancou-lhe o veu que lhe cobria o rosto!.... Mas recuou de subito dando um ai sentido: aquelle rosto jámais o vira.

Seguiu-se um momento de desordem que interrompeu a sessão. A rapariga, atemorisada e confundida, tinha tapado a cara com as mãos; Fo-hu instava pelo castigo do insolente embusteiro, e o juiz gritava aos esbirros que o prendessem. Effendon não se tirara do seu logar, immovel, mudo, esmagado debaixo do pezo de cruel desengano. Comtudo, quando sentiu que o agarravam, levantou a cabeça e recobrou parte da sua presença de espirito. Quiz suscitar duvidas sobre o dolo com que o censor procedera; pediu que se lhe fizessem novas buscas em casa; mas o juiz o atalhou declarando que a sua má fé estava demonstrada.

— « E como prometti um castigo exemplar, accrescentou elle, eu te condemno, a ti Kang-ho, a andar carregado com o *lcha* grande por dois annos, que passarás nas prisões do estado. Assim se execute. »

(*Continua.*)

As thermopylas em 1841.

O passo das Thermopylas, desfiladeiro tão celebre na historia da Grecia antiga por um assignalado feito de valor e nobre devoção civica, acha-se descripto na obra de Mr. Buchon pela maneira seguinte:

« Approximo-me, e torneio deliciosos valles, que ora sobem por declives em relevo nos lados oppostos de duas montanhas, ora se estreitam um pouco e seguem as ondulações da serrania, offerecendo aos olhos uma fileira de outeiros vacejantes, que, como as ondas do mar, se confundem contiguos uns aos outros. A olaia espalha com profusão as suas flores da tincta do lilaz, e a verdura se esmalta de anemones de todas as côres: prosigo á sombra de arvores as mais formosas; e o que eu esperava era achar uma garganta bem estreita e bem pedregosa, impendente a algum charco profundo. A labrusca por cima da minha cabeça forma impenetraveis parreiras e me forta á vista os troncos do arvoredo extremamente nodosos: tudo é viçoso, e tudo florido, e centos de rouxinoes se desafiam em lucta d'harmonia debaixo d'aquellas copas amenas e frondentes. — Inquiro se na verdade vou caminho das Thermopylas. — Estais n'ellas — me respondem; e olho os montes que se prolongam para apertar o desfiladeiro; e os brejos á flor do chão estavam mascarados com os juncaes que os cobriam. Chegado mesmo ao sitio onde a subida se acha mais entalada, entre a serra e um pantano que se estende até a beira da calçada, investiguei esta montanha tão formosa de verdura para ver se era intransitavel; o facto é que n'este passo, onde Leonidas pelejou á frente dos seus trezentos espartanos, denodada vanguarda dos cinco mil gregos, formados em escalões no valle immediato e em posto mui forte, não ha outro meio de seguir ávante senão passar pelo estreito caminho alto entre o charco e a montanha: posto que viçosos e bellos estes cerros não podem absolutamente ser atravessados senão por esta parte.

É facil ainda reconhecer o local marcado por Herodoto onde combateram e succumbiram Leonidas e os trezentos espartanos. N'este ponto a serra, posto que sempre verde, suspende-se abrupta, e vem fenecer, sem diminuir o declive, justamente ao pé da estrada, e pelo outro lado é rodeada por um paul que se prolonga até o mar e atravez do qual é impossivel penetrar. Alguns passos mais para além vêem-se os restos de uma muralha de fortificação, com que o imperador Justiniano, á falta de peitos valentes, pretendera fechar a passagem.

Um pouco mais ávante brotam muitos mananciaes abundantes de aguas thermaes, que se derramam no pantano e formam uma crusta salina e branca de longa extensão. Perfeitamente se comprehende como n'este desfiladeiro trezentos homens decididos a morrer, e servindo de vanguarda a cinco mil valorosos, postados entre a montanha e o charco, poderam tolher o passo a numerosos exercitos. »

O jantar d'ossos.

Certo clerigo, amigo de bons beccados e de applicar o sancto preceito do jejum aos seus servos, tinha por costume quando se regalava com alguma gallinha, perdiz, ou cousa que o valha, chuchar-lhe muito bem os ossinhos, e da-los depois ao triste moço, dizendo-lhe muito ufano: « Vai jantar. » — « Jantar o que? lhe disse um dia o transparente moço, se V. S.ª já roeu os ossos duas vezes. » — « Essa é boa! lhe tornou o clerigo. Pois eu posso roer os ossos duas vezes, e você, só biltre, não os pode roer uma? »

A Empreza d'este Jornal tem remettido regularmente aos Srs. Assignantes das Provincias todos os numeros publicados, e pede aos que, por qualquer motivo, deixassem de os receber, hajam de fazer as suas declarações, que promptamente serão attendidas.

O BOSPHORO.

Damos á vela para a entrada do Bosphoro costeando as muralhas de Constantinopola que o mar vem banhar; passada meia hora de navegação por entre a multidão de navios ancorados chegâmos aos muros do serralho que continuam os da cidade, e formam na extremidade do monte em que assenta Stambul o angulo que separa o mar de Marmara do canal do Bosphoro, e do Corno aureo ou grande enseada interior de Constantinopola: alli é que Deus e o homem, a natureza e a arte collocaram ou crearam de concerto o lanço de vista mais estupendo que podem olhos humanos contemplar na terra; dei um grito involuntario, e esqueci para sempre o golpho de Napoles e todos os seus encantos; comparar alguma cousa áquelle composto magnifico e gracioso é injuriar a creação.

Os paredões que sustentam os terrados circulares dos immensos jardins do serralho grande, ficavam a alguns passos de nós para a nossa esquerda, separados do mar por um estreito passeio de lagens que as ondas lavam de continuo, e onde a corrente perpetua do Bosphoro fórma pequenas vagas susurrantes e azues como as aguas do Rhodano em Genebra. Estes terrados que se alteam por declives imperceptiveis até os palacios do sultão, cujas douradas cupolas se descobrem atravez dos cimos gigantes dos platanos e cyprestes, são tambem plantados das mesmas arvores, enormes, de troncos sobranceiros aos muros, com os ramos que trasbordam dos jardins e pendem para o mar como esteiras de folhagem, dando sombra ás lanchas; os remeiros de tempos a tempos paravam debaixo d'este abrigo: de distancia a distancia estes grupos d'arvoredo são interrompidos por palacios, pavilhões, mirantes, portas lavradas e douradas que abrem para o mar, ou baterias de peças de fórmas singulares e antigas. As janellas engradadas d'estes palacios maritimos, que são porgões do serralho, dão para o canal, e vê-se atravez das gelosias brilhar os lustres e as douraduras dos tectos das camaras; tambem a cada passo elegantes fontes mouriscas, inscrustadas nas paredes do serralho, precipitam as aguas desde a altura dos jardins e murmuram em conchas de marmore para saciar os passageiros; alguns soldados turcos estão deitados juncto d'estas fontes, e cães vadios vagueiam pela extensão do caes: alguns estão deitados em canhoneiras para enormes calibres. Á proporção que o escaler seguia ao longo das muralhas, o horisonte se dilatava diante de nós, a costa d'Asia se avisinhava, e a entrada do Bosphoro começava a delinear-se á vista entre collinas de verde escuro e outras fronteiras que pareciam pintadas de todos os matizes do arco celeste; alli tornámos a descançar. A costa aprasivel da Asia, distante de nós obra de uma milha, debuxava-se á direita, toda retalhada de amplas e altas eminencias, que são coroadas de negras selvas de copas ponteagudas, e as beiras dos campos franjadas de arvores, salpicadas de casas encarnadas, e as bordas dos barrancos a prumo alcatifadas de verdura e de sycomoros, cujos ramos beijam a agua. Mais ao longe mais avultavam as collinas e depois se rebaixavam em ribeiras viçosas e formavam um espaçoso promontorio que servia como de base a uma grande cidade: era Scutari com os seus vastos quar-

teis caiados, semelhantes a um castello real, as suas mesquitas cercadas de coruchéus refulgentes, os seus caes e angras guarnecidos de casaria, de bazares, de lanchas, á sombra das parreiras ou dos platanos; era a melancholica e prolongada matta de cyprestes que campeia sobre a povoação, e por entre os seus ramos alvejavam com lugubre claridade os innumeraveis monumentos dos cemiterios turcos: para lá do pontal de Seutari, terminado por um ilhéu que tem uma capella turca, a que chamam «o tumulo da donzella,» o bosphoro, como um rio encanado, soabria-se e mostrava escoar-se entre montanhas fuscas que irmanavam em ambas as margens pelos lados dos rochedos, os angulos salientes e reintrantes, os algares e as mattas; na falda das quaes se divisava a perder de vista a serie não quebrada de aldeias, de frotas ancoradas ou á vela, de portinhos sombreados d'arvores, de casas espalhadas, de vastos palacios, com seus jardins de rosas á beira-mar.

Pequeno impulso dos remos nos levou ávante, ao ponto exacto do Corno aureo onde se goza, ao mesmo tempo, da vista do Bosphoro, do mar de Marmara, e emfim do conspecto inteiro de porto, ou para melhor dizer, do mar interior de Constantinopola; alli nos esquecemos de Marmara, da costa d'Asia e do Bosphoro, para contemplar d'um só relance d'olhos a caldeira do Corno aureo e as sete cidades pendruradas nos sete outeiros de Constantinopola, convergindo todas para o braço de mar formado pela cidade unica, incomparavel, conjunctamente cidade, campo, mar, porto, ribeira de rios, jardins, montanhas arborisadas, valles fundos, oceano de casas, formigueiro de baixeis e de ruas, lagos serenos, e solidões feiticeiras; vista que nenhum pincel póde reproduzir senão por mindo, e onde, a cada pancada de remo, os olhos, a alma se encaminham a um aspecto, a uma impressão oppostas.

Damos á vela para as alturas de Galata e de Pera; o serralho se arredava de nós, e avultava affastando-se á medida que a vista abrangia mais o vasto recinto de suas moralhas, a multidão das rampas, das arvores, dos mirantes e palacios: só á sua parte tinha com que servir de séde a uma populosa cidade. O porto mais e mais se abria perante nós; circula como um canal entre as curvas das encostas das montanhas, e mais se patenteia quanto mais progredimos. Este em nada se parece com um porto; é antes um largo rio como o Tamisa, cingido por ambos os lados de outeiros carregados de cidades, e coberto sobre uma e outra praia de uma interminavel frota de embarcações aos montes e de ferro no fundo ao longo da casaria. Passavamos por meio d'essa innumeravel multidão de navios, ancorados uns, outros já de vela singrando para o Bosphoro, para o Mar Negro, ou para o de Marmara; navios de todas as fórmas, de todos os lotes, de todas as bandeiras, desde a barca arabe com a pròa alterosa e saida como o beque das galeras antigas, até o baixel de tres pontes com suas paredes em que fulgura o bronze. Nuvens de lanchas turcas, guiadas por um ou dois remeiros, com suas largas mangas de seda; barquinhas que servem de transportes nas ruas maritimas d'esta cidade amphibia, gyravam entre aquellas grandes massas, cruzando-se, abalroando-se sem soçobrar, como as turbas se acotovelam na praça publica; e bandos de gaivotas, semelhantes a lindos pombos brancos, á chegada dos barcos se erguiam do mar, indo pousar mais além para os balouçarem as ondas. Não intentarei enumerar os vasos, os navios, os brigues, as embarcações e botes que dormem ou vogam nas aguas do porto de Constantinopola, desde a foz do Bosphoro e o pontal do serralho até o arrabalde d'Eyoub e os deliciosos valles das aguas doces: o Tamisa em Londres nada tem que se lhe compare. Basta dizer que, independente da armada turca e dos vasos de guerra europeus, sobre ferro no meio do canal, as duas margens do Corno aureo estão cobertas a dois e a tres navios de fundo, e na extensão quasi uma legua de cadauma das margens. Não tivemos mais tempo do que divisar estas prolongadas fileiras de pròas apontadas ao mar, e a vista se nos perdeu no cabo do golpho, que se estreitava entranhando-se na terra, por entre uma verdadeira selva de mastros.

O Cardeal de Richelieu.

I

As situações é que fazem os homens grandes. A Providencia parece crear o engenho, que os ha de resolver, pela medida dos acontecimentos. A revolução franceza é o exemplo d'esta verdade, exemplo proximo e sublime, que dispensa de recorrer á cruzada asiatica de Alexandre, ou aos ultimos instantes da republica de Roma, consummada pela gloria do primeiro Cesar. Na hora em que a França arrasou pelos fundamentos as instituições da monarchia velha, a voz de Mirabeau, subjugando o estrondo das ruinas, um momento recebeu a força que destroe os imperios. Quando chegou a occasião de semear nos sulcos ensanguentados dos antigos reinos da Europa o germen da nova doutrina, Deus coroou do triplice diadema a fronte de Bonaparte, e no carro triumphal enviou-o, Messias da revolução moderna, propagar pela victoria a religião politica vencedora nas Gallias. O poder constituiu-se, a ordem restituiu aos seus eixos o Estado vacillante, e as palavras absolutas do «Homem dos Destinos» por instantes usurparam a omnipotencia. Depois, terminada a sua obra, o gigante sentiu-se desfallecer, firmou os pés nas geleiras da Russia e as geleiras derreteram-se ao incendio de Moscow — quiz apertar na muralha de aço dos seus batalhões a cabeça do leopardo do Norte, e as muralhas destizeram-se sem vigor; e elle, de pé na rocha banhada das aguas amargosas, Alexandre, Cesar e Annibal, tudo no só Napoleão, cruzando os braços no peito, assistiu vivo aos funeraes do seu imperio.

Das glorias passadas restou-lhe apenas o nome para encher os seculos, e a espada para depor ao lado da de Karl o Grande, de que foi irmã. A aguia, nunca mais voou!

Richelieu, no seu seculo, foi a intelligencia designada para completar a idéa de que elle devia viver, o principio d'onde havia de tirar a força, a unidade, e o poder.

Essa idéa e esse principio era a unidade monarchica, de que Richelieu foi incançavel o architecto, e o inexoravel continuador, do systema esboçado pela mão cruel de Luiz XI.

A empreza era grande, e a obra levou-lhe a vida inteira; mas, quando o amortalharam na sua purpura, a Europa estava preparada para o tractado de Westphalia, e a França para o reinado de Luiz XIV. Mineiro ousado, desceu ás entranhas do imperio de Carlos V, e mais d'uma vez, passando a mão pela testa cavada de uma velhice precoce, estremeceu de sentir as raizes da casa d'Austria tanto dentro do coração dos maiores Estados. Emfim, á força de perseverança, de rigor, e de sagacidade veio o dia, em que, erguendo-se da vigilia de muitos annos, poude apontar do leito da morte para a Fran-

ça e para a Europa com orgulho. N'esse dia, tambem o espirito fatigado separou-se para sempre das dôres da carne.

No reino de Luiz XIII o braço resoluto do ministro apunhalára a aristocracia dos principes feudaes, como a revolução em 1789 decepou a nobreza puritana e cortezã. A realeza, aonde se infundiu a sua alma dominadora e implacavel, cresceu e vigorou, occupando o espaço que de um lado enchia o feudalismo, e do outro devorava a seita protestante constituida em facção politica. De um golpe robusto o Sansão do poder real curvou diante da monarchia absoluta a sociedade, que ha pouco ainda oscillava retalhada de interesses oppostos, sacudida por forças contrarias. A Hollanda e Genebra assopravam as faiscas da reforma para fazer d'ella o facho de um federalismo republicano em França. O governo hespanhol tentava accender de novo as cinzas ainda quentes da liga contra Henrique IV. Richelieu, pela tempera e originalidade do seu genio, pondo um pé na frente á influencia do Escurial, e domando com o outro a audacia dos calvinistas, traçou, e levantou o edificio da monarchia franceza acima das fogueiras da inquisição e do cadafalso puritano, que já se armava em White-hall.

Armand-João Duplesis de Richelieu nasceu em 1585 d'uma familia pobre mas illustre do Poitou. A carreira que escolheu tinha sido a das armas, vindo a seguir o estado ecclesiastico, para evitar que o bispado de Luçon, que andava na sua casa, não passasse a estranhos. Affonso, seu irmão, tinha-se despojado d'esta dignidade para se retirar á solidão d'um claustro. Alguns estudos theologicos prepararam para o sacerdocio e o episcopado um mancebo bem nascido, que se conformava ás idéas do tempo segurando um beneficio lucrativo n'uma casa pobre e fidalga. Antes dos vinte e cinco annos João Duplessis foi provido em Roma no bispado vago. Dizia-se que elle soubera illudir Paulo V ácerca da sua verdadeira idade, e que o pontifice, longe de se agastar, louvando aquella destreza e talento lhe prophetisára a sua futura elevação.

A primeira epocha da sua vida consumiu-a em se aperfeiçoar na sciencia theologica que respiram todas as suas obras, rigorosas nas fórmas didacticas, e severas na argumentação logica. Os annos que viveu no seu bispado foram empregados em polemicas com os calvinistas, ou consagrados á eloquencia do pulpito, em que sobresaiu a ponto d'attrahir a attenção da côrte. Maria de Medicis ouvio-o com prazer, e recommendou-o ao marechal d'Ancre, então no auge da influencia e do poder. Em 1601 conseguiu ser eleito deputado aos Estados Geraes por Fontenay e Niort, e n'este caracter advogou com ardor a causa da rainha, influindo bastante na redacção dos capitulos do clero.

Depois de encerrar os Estados, Maria de Medicis não se esqueceu de premiar os serviços do bispo de Luçon, conferindo-lhe o cargo de esmoler mór da rainha reinante Anna d'Austria. O marechal d'Ancre favoreceu-o com igual extremo, apesar de que, ou por enredos, ou pelo achar menos docil do que desejava, para o fim começava a tracta-lo com algum desapego. Concini, rodeado de inimigos poderosos, determinou-se a feri-los no coração, prendendo o principe de Condé, cabeça das facções do paço. Este golpe audaz provocou um tumulto popular, no meio do qual os amotinados saquearam o seu palacio. E o passo do governo exigia um systema mais energico, e homens no conselho de reconhecida aptidão e provada lealdade. A regente indicou Richelieu para secretario d'estado conjunctamente com o marquez velho de Villeroy. Associado a creaturas subalternas do marechal d'Ancre, e dirigido por elle, o bispo de Luçon, sem n'o estimar, obedecia-lhe, resignando-se no gabinete ao secundario papel d'instrumento quasi passivo.

A sua ambição entretanto não dormia; mas com a ordinaria lucidez viu bem que o momento de se offerecer em todo o vigor do seu genio não era o da lenta mas inevitavel agonia d'uma regencia debil, entregue aos caprichos d'uma mulher fraca, e perdida pela cubiça e incapacidade d'um italiano aventureiro. Richelieu esperava a sua hora, com aquella rara presciencia dos acontecimentos, que ainda não faltou a nenhum homem verdadeiramente grande.

Nos ultimos mezes, mesmo, da vida de Concini houve mais d'uma dissidencia seria entre elle e o novo secretario d'estado. O bispo de Luçon via eminente a catastrophe, e por destras communicações com os principes salvava a sua fortuna do naufragio. Uma noite o marquez d'Ancre era assassinado por Luines segundo expressa ordem do rei, e no dia seguinte Richelieu, chamado ao Louvre, da bocca de Luiz XIII ouvia a formal declaração de que nunca o confundíra com os falsos conselheiros de sua mãi. A situação appresentava-se arriscada para elle. De um lado os vencedores chamavam-n'o para continuar no ministerio; do outro a queda de Maria de Medicis, profunda e lastimosa, impunha-lhe deveres restrictos. Renegar o nome da rainha era uma infamia que o maculava para sempre! Abysmar-se com ella, era um acto que o perdia no presente, e parecia duvidoso que o exaltasse no futuro. O bispo de Luçon tomou entre as duas alternativas o termo medio, conciliando as conveniencias com os seus interesses. Sem faltar á antiga regente, sustentou no meio das vicissitudes o apoio de Luines e o bom conceito do rei, por um modo de certo habil, mas pouco digno do menor elogio.

Leonor Galligai, marqueza d'Ancre, e amiga da regente, expiou no cadafalso, não crimes que a deshonrassem, mas um talento e um espirito superior dignos de melhor epocha; e quasi no mesmo dia, ao passo que os principes rebeldes faziam a sua entrada triumphal no Louvre, saía d'elle para Blois Maria de Medicis, acompanhada de poucos criados fieis, que a seguiam no desterro. O bispo de Luçon foi um; mas sempre cauteloso, antes de partir obteve licença do rei; temia que na ausencia o accusassem de obedecer aos impulsos do seu coração, em vez de o julgarem o vigilante observador das acções da infeliz princeza; ministerio que acceitou, e, repetimos, a ninguem podia excitar inveja. De Blois, dirigindo em tudo a rainha mãi, Richelieu entretinha com Luines regular correspondencia, instruindo-o de todos os passos d'ella, e garantindo o seu proceder. Apesar d'estes serviços, a devoção verdadeira ou fingida que era obrigado a ostentar para com Maria de Medicis, estimulou a desconfiança dos vogaes do conselho, e sem difficuldade arrancaram ao monarcha uma ordem que o deportava para Avinhão. A ex-regente olhou esta prova de desagrado como mais uma perseguição, redobrando na inteira e absoluta fé com que se illudia ácerca da lealdade do bispo Duplessis.

Este desterro d'Avinhão foi a causa da sua rapida e pasmosa elevação.

Maria de Medicis transpoz os muros de Blois, protegida pela escuridão de noite invernosa, e foi recebida no seu governo pelo duque d'Espernon, havia tempos descontente da côrte. Chamando em redor das suas bandeiras os ambiciosos, brevemente se achou á testa de um exercito sufficiente para assustar Luines e os seus parciaes. As desavenças que já ardiam

entre elle e os principes, e a discordia accesa entre os seus melhores amigos, augmentavam o perigo, e expunham a realeza a um dezar provavel. O valído tentou saír da difficuldade, promovendo a reconciliação da rainha mãi com Luiz XIII, e lembrou-se de Richelieu para guiar esta delicada negociação. O bispo de Luçon acceitou, e partiu sem demora para o Angouleme, aonde então se achava Maria de Medicis.

Apenas chegado apoderou-se da vontade da princeza, e facilmente lhe suggeriu a idéa de se reconciliar com seu filho; mas os desejos da rainha eram impotentes diante da tenacidade dos nobres empenhados no seu partido. Como elles se recusavam a qualquer transacção, mais d'um anno decorreu sem vencer um só dos obstaculos levantados contra a alliança. Maria de Medicis queria reassumir o poder; e Luiz XIII, suspeitoso e ciumento, adivinhára em sua mãi a ambição violenta, que havia de ser o martyrio de ambos.

Luines, para se vingar da ex-regente, soltou o principe de Condé, prezo á ordem d'ella. Foi o signal da guerra civil. Entretanto bastou um encontro ás portas d'Angers para a tempestade asserenar, e se concluir um pacto, em que só lucraram, como acontece, os chefes das duas facções. Luines fez-se condestavel, e Richelieu tirou da loteria o barrete de cardeal. Seguiu-se a campanha do Languedoc contra os calvinistas. Luiz XIII appareceu em pessoa, e distinguiu-se mais de uma vez como soldado. Comtudo, depois de leves successos, a fortuna virou-lhe o rosto; em Montalbão, e em Monheur, pequena praça, o exercito real padeceu grandes revezes, e ulcerado de desgostos, Luines, seu general, não resistiu muito a este golpe, e dentro em poucos dias deseceu á sepultura.

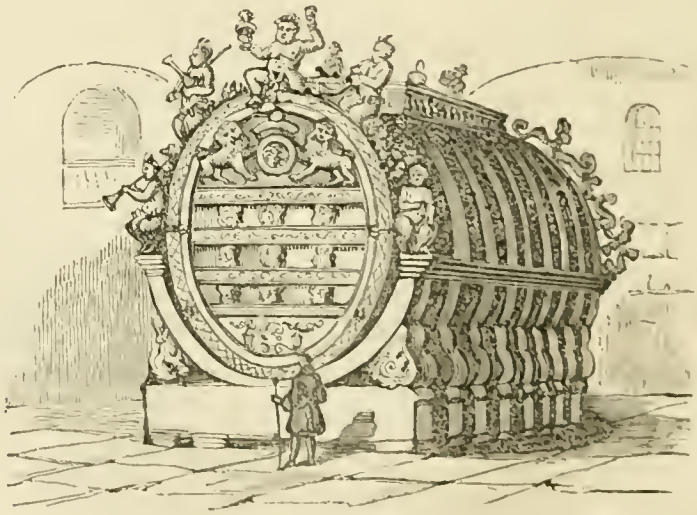
A França, á morte do valído, desfallecia esgotada pelas luctas e dissenções. Todos clamavam por um governo forte, que trouxesse a paz, a segurança e a ordem ao seio d'este cahos, aonde todos os interesses transtornados se viam agonisar.

A nomeação de Richelieu veio satisfazer o brado geral. O livro 5.º das suas «Memorias» expõe as duvidas que elle offereceu ao rei antes d'acceitar. Proposto pela rainha mãi, e recebido sem desagrado pelo monarcha, o cardeal já seguro da sua elevação divertia-se em representar uma scena de hypocrisia.

Era a muleta de Xisto V. No dia immediato ao da sua entrada, as enfermidades allegadas tinham desapparecido, e o ministro, com a pasta nas mãos, fallava como senhor absoluto. De repente, este homem humilde no tempo do marechal d'Ancre, sugeito no governo de Luines, erguia a cabeça, e no orgulho do poder arrogou-se a presidencia do conselho, que ninguem ousou disputar-lhe, e estendia o braço armado aos partidos inimigos. É que a sua occasião tinha emfim chegado. Tudo era fraco para luctar com elle. No horisonte não havia já um só astro que podesse eclipsar o brilho da sua estrella, levantada e radiosa sobre as glorias antigas da monarchia.

O castello de Heidelberg.

Heidelberg, cidade d'Allemanha, antiga capital do Baixo-Palatinado, está situada na falda de uma serra, á beira do Necker. O castello do mesmo nome, e que lhe fica sobranceiro, é famoso na historia; muitas vezes arruinado e outras tantas reconstruido achava-se no esplendor da sua magnificencia, quando no anno de 1764 o incendiou novamente um raio, e desde então tem permanecido abandonado inteiramente. — Ainda ha pouco alli existia um tonel enorme, que póde conter 528 barris. Em tempos da prosperidade do castello, este colosso do seu genero estava, pelo que dizem, cheio sempre do melhor vinho do Rheno. Damos o desenho d'este monumento extravagante, curioso sobre tudo pela antiguidade e pelos ornatos de que está carregado. Porém, por descompassadas que sejam as suas dimensões, não póde equiparar-se ás descommunaes vasilhas que existem em Londres na immensa fabrica de cerveja de Barclay, Perkins e C.ª — «Achando-me n'esta fabrica (escrevia um observador francez) n'um pavimento onde estavam assentes, n'uma enfiada de armazens, 99 toneis, alguns dos quaes tem a capacidade de 500 000 a 600 000 botelhas, lembrou-me o celebre tonel de Heidelberg, que tinha visto annos antes: é o unico objecto que se conservou soffrivelmente do delicioso castello dos condes palatinos, e recebe fielmente visita de todos os viajantes que vão admirar aquellas ruinas, talvez as mais bellas de todas as ruinas feudaes. Que differença hoje entre o velho castello de



Heidelberg com a sua vasilha, e o colossal estabelecimento do fabricante inglez com o seu batalhão de toneis.»

«O castello antigo desmorona-se; as magnificas esculpturas gothicas se deterioram cada vez mais: debalde um desenhador francez, que com zelo digno dos maiores elogios se constitue desde tempo indefinido o guarda e o *cicerone* d'aquelle formoso monumento, sollicita do governo de Baden, a quem o castello pertence, algumas providencias conservadoras. Cadaum anno ha novos estragos pelo gelo na primavera, e pelas trovoadas no outono; virá dia em que o velho castello será uma informe massa, de que talvez se venderão em almoeda as cantarias, não ficando mais que os desenhos, felizmente numerosos, de Mr. Carlos de Graimbert. A sala dos cavalleiros está sem tecto: as abobadas que sustentam o soberbo eirado, d'onde se alarga a vista pelo curso do Necker, e pelas bonitas eminencias que o bordam; essas abobadas abaladas pelos barris de polvora de Louvois desabarão qualquer dia. No entretanto o estabelecimento do fabricante de cerveja se augmentará, ora com mais um armazem, ora com uma nova machina de vapor: e se acontecer algum sinistro, como o incendio que recentemente devoron um corpo do edificio, o damno será logo reparado; em vez da construcção que ardeu surgirá outra mais esplendida, em que o ferro empregado com profusão impedirá no futuro os estragos do fogo.»

«As estatuas dos eleitores palatinos estão derrubadas de seus nichos: nenhum dos filhos dos seus vassallos se dará ao trabalho de as pôr de pé. O antigo tonel está vasio ha mais de seculo e meio: os curiosos podem descer ao fundo e medir-lhe o bojo. Uma vez unica Mr. Graimbert viu jorrar d'elle o vinho, e foi em 1813, em honra do imperador Alexandre e dos seus alliados os soberanos da Austria e Prussia; mas não passou isto de uma pia fraude, o velho tonel não estava cheio, o vinho que corria provinha de uma mesquinha pipa que na precedente noite se introduzíra. Os 99 toneis de Barclay, Perkins e C.ª estão sempre atestados de cerveja que fermenta lentamente; a bebida que despejam todos os dias, e que se derrama pela Inglaterra e Indias occidentaes, era sufficiente para encher o tonel do principe Casimiro (250 000 litros ou 14 747 almudes).»

«O mysterio d'estes contrastes é que o volumoso tonel feudal não se enchia senão do producto dos direitos senhoriaes, ao passo que os toneis da fabrica atestam-se pelo livre concurso de trezentos homens, que teem a certeza de receber quotidianamente o fructo do seu trabalho.

O Feitor de Cantão.

Novella.

(Continuado de pag. 119.)

Os nossos leitores já conhecem o supplicio do *tcha* ou canga. O instrumento de tortura a que se dá este nome é um madeiro composto de duas peças, com um chanfro no meio por onde se enfia o pescoço do condemnado; depois unem-se as duas peças, e o juiz lhe põe o seu sello com a sentença para impedir que as abram. O *tcha* fórma assim uma especie de colleira, que varía em pezo desde sessenta até duzentas libras, e segue por toda a parte o infeliz padecente. Um carcereiro, armado d'um azorrague, o passeia assim todos os dias pelas ruas, exposto ás apupadas da gentalha, e á noite o reconduz para a prizão.

Effendon, que acabava de soffrer um d'estes passeios, tinha chegado mais o seu guarda á extremidade dos arrabaldes da cidade ao pé d'um dos canaes que a abastecem de viveres vindos de todos os logares do campo. Alli, exhausto de forças pelo muito que padecêra, agachou-se e perdeu os sentidos. O carcereiro quiz debalde obriga-lo a levantar-se ás chicotadas; Effendon não se movia.

— «Tinha-te em conta de mais valente, resmungou o homem do chicote, olhando para elle. Que hei de eu agora fazer com este trambolho sem movimento?»

Olhou á roda de si em busca d'alguem que o ajudasse a erguer o feitor, porém o sitio era ermo, e a noite, que principiava a escurecer, não deixava vêr senão a mui curta distancia. O carcereiro revestiu-se de paciencia, e sentou-se ao pé do prezo.

N'este momento sentiu-se rumor de remos e abicou uma lancha.

Saíram d'ella dois homens, de camizas brancas, calças largas, japonas abotoadas pelo lado, e chapéus de palha pontagudos, trajo que indicava serem barqueiros. Traziam uma carga que pousaram alli perto.

O carcereiro, que levantára a cabeça, viu que era o cadaver d'um homem afogado.

— «Pelos genios d'agua! exclamou elle com um sorriso grosseiro, pescastes um peixe grosso.»

— «Que nos não faz ricos» retrucou um dos barqueiros.

— «Não achastes nada ao morto?»

— «Nada mais que esta caixinha com um vidro de remedios e uns papeis.»

— «É verdade que pelo fato mostra ser medico.»

— «Que não cura mais ninguem.»

— «Pois aqui está um doente que bem precisão tinha d'elle; eu não sei como hei de leva-lo para a cadeia.»

Os barqueiros voltaram as caras e viram então a Effendon.

— «Ah! tu tens rato na ratoeira?» disseram elles chegando-se.

— «É um rico negociante de Cantão» respondeu o guarda com uma especie de orgulho.

— «Rico! repetiram os barqueiros. Porque não comprou quem ficasse por elle?»

Effendon, a quem a fresquidão da noite tinha reanimado, estremeceu ao ouvir dizer isto.

— «Póde com effeito outro homem ficar em meu logar?» perguntou elle pasmado.

— «Conforme o partido que lhe fizeres» replicou o carcereiro.

— «Mas onde hei de achar quem se sujeite...»

— «Não falta por ahi quem até deixe que lhe cortem o gasnate para obsequiar um condemnado» observou o barqueiro.

Luziram os olhos do feitor; fez um esforço, e levantando-se apesar do pezo do *tcha* que o derreava:

— «Qual de vós quer soffrer esta pena? perguntou elle. Fago-o rico para toda a sua vida.»

— «Por quanto tempo has de tu andar com o *tcha* grande ás costas?» perguntaram os barqueiros.

— «Por dois annos.»

Abanaram a cabeça.

— «Não ha homem que lhe resista. Mais val morrer em cima d'um cepo.»

— «Salvo se houver quem permitta, lá de vez em quando, ao prezo largar o seu collar» ponderou o guarda piscando um olho.

— «Então como, se a chave do *tcha* pára nas mãos dos juizes?»

— «Póde haver quem tenha outra.»

— «E o sello?»

— «Tira-se sem se quebrar.»

— «Pódes tu realmente fazer o que dizes?» exclamou Effendon.

— «Por um tael!» (1)

O feitor procurou dinheiro nos seus vestidos, e atirou com a somma pedida aos pés do guarda, que metteu logo mãos á obra. D'ahi a um instante estava aberta a canga.

Effendon, assim que se sentiu solto, deu um grito de alegria, e levantou-se d'um pulo.

— «Devagar, gritou o carcereiro agarrando-o por um braço; mostrei-te o que sabia fazer; agora é preciso que tornes a metter o pescoço n'este collar.»

— «Não! exclamou o feitor, que achei quem me substitua.»

— «Quem?»

— «Este cadaver.»

— «Que dizes?»

— «Digo que lhe enfies pelo pescoço o teu *tcha* grande. Entrei hoje para a cadeia, ainda ninguem me conhece, ninguem dará pela troca. Veste o morto com o meu fato, declara que succumbi, e ninguem desconfiará da mudança.»

— «Não cáio n'essa, disse o guarda, podem descobrir...»

— «Cem taeis se consentes.»

— «Cem taeis!»

— «E outro tanto a estes dois amigos para se calarem.»

— «Valeu!» exclamaram alegres os barqueiros.

O guarda ainda quiz pôr-lhe suas duvidas; porém elles tanto o apertaram para que não deixasse ir pela agua a baixo esta occasião unica de ficarem ricos, que elle por fim chegou-se ao rego. Effendon entregou-lhe a quantia ajustada em bilhetes sobre o *houpou*, e sem perda de tempo tractaram da troca dos vestidos. O feitor vestiu a tunica do afogado, pegou na caixinha que os barqueiros lhe deram, e escapuliu-se, custando-lhe ainda a crer no seu milagroso livramento.

Seguiu por algum tempo o arrabalde andando o mais de pressa que podia; mas, chegando á porta da cidade mantchou, faltaram-lhe as forças e viu-se obrigado a sentar-se ao pé do lampião que alumia a entrada.

Depois d'alguns instantes de descanço lembrou-se da caixinha que trazia, e abriu-a. Como lhe haviam dicto os barqueiros, não continha senão um frasquinho de bronze cuidadosamente fechado e alguns papeis. Os que Effendon passou primeiro pelos olhos eram receitas de differentes venenos com a indicação dos seus effeitos; o ultimo, porém, era uma carta dirigida ao medico Wang-ti, na qual lhe faziam instancias para que viesse a Peking *para o grande projecto* que lhe tinha sido communicado.

Estava Effendon a relêr esta carta, e procurava adivinhar que projecto seria este, quando, levantando os olhos, viu dois homens que estavam alguns passos distantes d'elle com lanternas, e que pareciam examina-lo. Effendon, temendo-se da curiosidade d'esta gente, levantou-se para seguir avante o seu caminho, e tornou a metter, á pressa, os papeis dentro da caixa, mas um dos homens das lanternas, que chegára mais perto, viu o nome que n'ella estava gravado.

— «E elle,» disse em voz baixa, fazendo um signal ao seu companheiro para que se approximasse.

— «Quem és tu, e que me queres?» perguntou Effendon perturbado.

— «Não te chamas Wang-ti?» rosnou o china.

— «Que te importa?»

— «Tu és medico.»

— «Serei.»

— «Chegaste de Pao?»

— «Porque?»

— «Fo-hu mandou-nos ao teu encontro.»

— «Fo-hu!» repetiu Effendon estremecendo.

— «Vem! está á tua espera.»

O feitor hesitou. N'este meio tempo chegaram uma cadeirinha; os dois chinas travaram d'elle, e depois de o terem sentado deram o signal aos moços que partiram a passo largo.

Effendon quiz ao principio saltar para fóra, mas conteve-o a lembrança de sua filha. De o tomarem pelo medico resultaria estar perto de Maria, e talvez achar meios de a vêr!... Resolveu tirar partido d'este successo inesperado, representando o mais tempo que podesse o papel d'aquelle cujos despojos trazia.

Deixemos pois leva-lo para casa de Fo-hu, e omittindo a conversação que teve com o censor, e que durou parte da noite, transportemo-nos na manhã seguinte á habitação imperial do *jardim redondo*, distante a algumas *li* de Peking (1). *(Continúa.)*

(1) O tael valia dez tostões em 1820.

(1) Peking ou Pe-king não é o nome especial d'uma cidade; significa *côrte do norte*, e exprimindo a situação relativa da côrte, póde ser dado a cidade mui diversa d'aquella a que os europeus exclusivamente o applicaram.

Os Templarios.

(Continuado de pag. 117.)

Depois da perda da Terra Sancta, e mesmo anteriormente, havia-se dado a entender aos templarios que era urgente a sua reunião com os cavalleiros do hospital: reunido a uma ordem mais docil o Templo offereceria pouca resistencia aos reis. Mas os templarios não quizeram estar por isso. O grão mestre, Jacques Molay, cavalleiro pobre da Borgonha, mas velho e valente soldado, que acabava de cobrir-se de honra no Oriente pelos ultimos combates que os christãos alli sustentaram, respondeu — «que S. Luiz tinha, em verdade, proposto n'outro tempo a junção das duas ordens, porém que o rei d'Hespanha não a tinha consentido; que para os templarios se reunirem aos cavalleiros de S. João era necessario que se abatessem muito; que a ordem dos templarios fôra mais exclusivamente creada para a guerra.» — Terminava por estas palavras altivas: — «acha-se muita gente que mais quereria tirar aos religiosos sua fazenda do que accrescentar-lh'a... Não obstante, se se fizer esta união das duas ordens, ficará uma religião tão forte e tão poderosa que muito bem podera defender seus direitos contra toda e qualquer pessoa n'este mundo.»

Em quanto os templarios resistiam tão orgulhosamente a qualquer concessão, iam ganhando vulto os ruins boatos contra elles, que por sua culpa para isso concorriam. Dizia um cavalleiro a Raoul de Presles, homem dos mais sisudos do seu tempo — «que no capitulo geral da ordem havia uma cousa tão secreta, que se alguem, por sua desgraça, a visse, fosse embora o rei de França, nenhum temor de tormentos impediria os do capitulo de o matarem, logo que podessem.» — Um templario, recem-admittido, tinha protestado contra a formula da admissão perante uma auctoridade de Paris; outro se havia confessado a um franciscano, que lhe deu por penitencia jejuar todas as sextas feiras, um anno a fio, e sem trazer camiza; outro, emfim, que era da casa do pon-

tifice — «lhe tinha ingenuamente confessado todo o mal que conhecêra na ordem, em presença de um cardeal, seu primo, que escreveu no mesmo instante este depoimento.» — Faziam-se circular ao mesmo tempo outros sinistros rumores ácerca das prisões horriveis, onde os cabeças sepultavam os membros da ordem recalcitrantes. Um dos cavalleiros declarou — «que um de seus tios havia entrado na ordem são e contente, com cães e falcões; ao cabo de tres dias estava morto.

O povo acolhia avidamente estes boatos: achava os templarios sobejamente ricos, e pouco generosos. Posto que o grão mestre, nos seus interrogatorios, gabe a munificencia da ordem, uma das arguições contra esta opulenta corporação é que — «as esmolas não se faziam como cumpria.» —

As cousas estavam maduras: o rei chamou a París o grão mestre e os cabeças; afagou-os, encheu-os de favores, adormeceu-os: vieram caír na rede, como os protestantes na *matança de S. Bartholomeu.* O rei acabava de accrescentar-lhes os privilegios; e rogára ao grão mestre que fosse padrinho de um filho seu. — A 12 de outubro, Jacques Molay, nomeado expressamente com outros personagens, havia assistido ao enterro da cunhada de Filippe. No dia 13 Jacques foi prezo com os cento e quarenta templarios que se achavam em París; no mesmo dia foram tambem prezos sessenta em Beaucaire, e um grande numero de outros por toda a França. Estava seguro o assentimento do povo e da universidade: no mesmo dia da prisão foram os burguezes chamados por parochias e confrarias ao jardim do rei, na parte de París denominada especialmente *a cidade*, e ahi prégaram alguns frades. Póde julgar-se da violencia d'estas prégações populares pela da carta regia que correu toda a França. — «Cousa acerba, cousa deploravel, cousa horrivel ao pensar-se, terrivel de dizer-se! Cousa de execravel atrocidade, de abominavel infamia! Todo o animo dotado de razão se condoe e confunde-se no seu dó, vendo que a natureza se alheia fóra dos limites naturaes, que se deslembra do seu principio, que desconhece a sua dignidade, que pródiga de si mesma se assemelha aos brutos desprovidos de sizo; que digo! . . . que transcende a bruteza dos proprios brutos! . . .» — Julgue-se por isto do terror e sobresalto com que tal carta foi recebida por toda a alma christã: era como o toque da trombeta do juizo final. — Seguia-se a indicação summaria das accusações, actos de renegados, de traição contra a christandade a pró dos infieis, iniciação torpe, e outros muitos horrores! Tudo isto fôra denunciado por templarios: dois cavalleiros, um gascão, outro italiano, prezos por malfeitorias, haviam revelado, segundo se dizia, todos os segredos da ordem! O que mais exaltava a imaginação eram os dictos extravagantes que se divulgavam a respeito de qual fosse o idolo que os templarios adoravam: variavam os pareceres: diziam uns que era uma cabeça barbuda, outros que uma cabeça de tres faces; tinha, accrescentavam alguns, olhos chammejantes. Havia quem dissesse que era um cranco d'homem; outros substituiam-lhe um gato.

Fossem quaes fossem os boatos, Filippe o formoso não perdêra tempo. No mesmo dia da prisão pessoalmente veio ao Templo tomar assento com seu thesouro e sellos e um exercito de gente forense para autuar, inventariar. Esta bella preza o enriquecêra de um jacto.

O assombro do papa foi extremo quando soube que o rei não fazia cabedal d'elle na perseguição de uma ordem que só podia ser julgada pela sancta sé: a cholera lhe fez esquecer a sua ordinaria abjecção, a sua precaria e dependente situação no meio dos estados do monarcha: suspendeu os poderes dos juizes ordinarios, arcebispos e bispos, e mesmo dos inquisidores. — A resposta do rei é violenta: escreve ao papa — «que Deus detesta os tibios; que os vagares são uma especie de connivencia com os crimes dos accusados; que era melhor que o papa excitasse os bispos. Seria uma grave injuria aos prelados tirar-lhes o poder que lhes vem de Deus. Não mereceram esse ultraje; não o supportarão; o rei não poderia tolerallo sem violar o seu juramento. Sancto padre, quem é o sacrilego que ousa aconselhar-vos que menoscabeis aquelles que Jesus Christo envia, ou, para melhor dizer, o proprio Christo? . . . Se os inquisidores são suspensos, a causa nunca se concluirá . . . O rei não lançou mão d'ella como accusador, mas como campeão da Fé e defensor da Igreja, do que deve dar contas a Deus.» — (1)

Filippe deixou o papa capacitar-se de que lhe entregava nas mãos os prezos, e que se encarregava de conservar os bens para os applicar ás serviço da Terra Sancta. O seu intento era alcançar que o pontifice restituisse aos bispos e inquisidores os poderes de que os suspendêra. Mandou-lhe setenta e dois templarios para Poitiers, e fez partir de París os principaes da ordem; ordenou porém que passassem além de Chinon. O papa accommodou-se; e obteve os depoimentos dos de Poitiers: ao mesmo tempo levantou a suspensão dos juizes ordinarios, só reservando para si o julgamento dos cabeças da ordem. — Este vagaroso processo não podia satisfazer o rei. Se o negocio assim fosse guiado com pouco estrondo, e perdoado como no confessionario, não havia meio de ficar com os bens. Por isso, em quanto o papa imaginava ter tudo na sua mão, o rei mandava autuar em París pelo seu confessor, inquisidor geral de França. Obtiveram-se logo cento e quarenta confissões pelos tractos, em que se empregaram ferro e fogo: uma vez divulgadas estas confissões não podia o papa accommodar o negocio. Este mandou a Chinon dois cardeaes perguntar aos cabeças e ao grão mestre se tudo aquillo era verdade; os cardeaes os persuadiram a dizer que sim, e elles se resignaram a ceder: o papa, com effeito, os reconciliou e os recommendou ao rei; julgava te-los salvado.

Philippe não fazia caso e continuava seu caminho. No principio de 1308 fez prender por via de seu primo, o rei de Napoles, todos os templarios da Provença. Pela paschoa junctaram-se em Tours os estados do reino. O rei fez que por estes lhe fosse dirigido um discurso singularmente violento contra o clero. — «O povo do reino de França dirige ao monarcha instantes supplicas . . . Que se lembre que o principe dos filhos d'Israel, Moysés, amigo de Deus, a quem o Senhor fallava face a face, vendo a apostasia dos adoradores do bezerro d'ouro, disse: Tome cadaum a espada e mate o seu proximo parente . . . E não foi para isso pedir o consentimento de Aarão, constituido summo sacerdote por ordem de Deus . . . Por que razão, pois, o rei christianissimo não procederia da mesma maneira, mesmo contra todo o clero, se o clero errasse assim, ou apoiasse os que erram! . . .»

Sustentando este discurso, vinte e seis principes e fidalgos se constituiram accusadores e deram procuração para se proceder contra os templarios perante o papa e o rei. — «Armado o rei com estas adherencias (diz Dupuy), foi a Poitiers, acompanhado de gente, que vinham a ser aquelles procuradores que elle retivera juncto á sua pessoa para tomar parecer so-

(1) Dupuy *(de quem são os outros extractos)* não traz esta carta na integra; provavelmente não foi remettida ao pontifice, mas espalhada entre o povo.

bre as difficuldades que por ventura sobreviessem. » — Ao chegar, beijou humildemente o pé ao papa; mas este viu que nada obteria. Filippe não dava ouvidos a composição alguma; era-lhe preciso haver-se severamente com os individuos para lhes poder ficar com a fazenda. O papa, desatinado, queria saír da cidade e evadir-se ao seu tyranno; e mesmo quem sabe se até fugiria da França?... Mas não era homem que partisse sem o seu dinheiro; e quando se appresentou ás portas com as cavalgaduras e bagagens não poude passar; viu que estava prisioneiro do rei, nem mais nem menos como os templarios: por muitas vezes intentou a fuga, porém sempre inutilmente. Por tanto Clemente deixou-se ficar e deu mostras de resignado. No primeiro de agosto de 1308 expediu uma bulla dirigida aos arcebispos e bispos: este documento é singularmente breve e compendioso contra o uso da côrte romana: vê-se claramente que o papa escreve contrafeito e que lhe impellem a mão. Alguns bispos (segundo esta bulla) tinham escripto que não sabiam como deveriam ser tractados os accusados que se obstinassem a negar ou que retractassem as suas confissões. » — Estas cousas — diz o papa — não ficaram indecisas pelo direito escripto, do qual sabemos que muitos d'entre vós tem pleno conhecimento: não é nossa intenção ao presente estabelecer para esta causa novo direito, e queremos que procedais conforme ao que o direito requer.

Havia n'isto um perigoso equivoco. *Jura scripta* entender-se-hia o direito romano, ou o canonico, ou o regimento dos inquisidores?... O perigo era tanto mais effectivo que o rei não largava mão dos cavalleiros prezos para entrega-los ao papa, como a este dera esperanças; na conferencia ainda o entreteve promettendo-lhe os bens para o consolar de não obter os individuos; e esses bens deveriam ser entregues áquelles que o papa designasse: era ataca-lo pelo seu fraco, e Clemente andava muito preoccupado a respeito do destino dos mesmos bens.

O papa tinha restituido (em 5 de julho de 1308) aos juizes ordinarios, arcebispos e bispos os poderes momentaneamente suspensos; ainda no 1.º de agosto escrevia que podia seguir-se o direito commum, e no dia 12 commettia a causa a uma commissão. Os commissarios deviam instaurar o processo na provincia de Sens, em París, bispado suffraganeo de Sens. Eram nomeados outros commissarios para fazerem outro tanto nas demais partes da Europa: o julgamento devia ser pronunciado d'ahi a dois annos n'um concilio geral, fóra da França, em Vienne no delphinado, territorio do imperio.

A commissão, composta pela maior parte de bispos, era presidida por Gilles de Aiscelin, arcebispo de Narbona, homem brando e timido, de muitas lettras mas de pouco animo; tanto o rei como o papa julgavam te-lo pela sua parte: o papa julgou que mais seguramente apaziguava o descontentamento de Filippe ajuntando á commissão o confessor do monarcha, aquelle dominicano e inquisidor geral de França, que havia começado o processo com tanta violencia e audacia. — O rei nada reclamou: carecia do papa. A morte do imperador Alberto d'Austria, no 1.º de maio de 1308, offerecia á casa de França uma perspectiva sublime. O irmão de Filippe, Carlos de Valois, cujo destino era pretender tudo e falhar-lhe tudo, appresentou-se candidato ao imperio; se elle lograsse o intento, o papa vinha a ser mais que nunca criado e vassallo da casa de França. Clemente escreveu ostensivamente a favor de Carlos, mas em segredo contra elle. — D'então por diante já não havia segurança para o papa nos dominios do rei. Conseguiu saír de Poitiers, e foi metter-se em Avinhão em março de 1309: tinha dado palavra de não saír de França, e d'este modo não violava, illudia sua promessa. Avinhão era e não era de França. Era uma fronteira, uma posição mixta, uma especie de asylo, como o foi Genebra para Calvino, Ferney para Voltaire. Avinhão dependia de muitos e de ninguem: era territorio do imperio, um antigo municipio, uma republica sob a protecção de dois reis. O rei de Napoles, como conde da Provença, o rei de França, como conde de Tolosa, tinha cada um metade do senhorio de Avinhão; mas o papa ia ser alli mais rei do que elles, trazendo a sua residencia muito dinheiro áquella pequena cidade.

Clemente julgava-se livre, mas arrastava os seus grilhões: o rei o tinha sempre seguro pelo processo de Bonifacio. Apenas de assento em Avinhão, sabe que o rei Filippe manda conduzir á sua presença pelos Alpes um exercito de testimunhas, a cuja frente marchava aquelle capitão italiano, Raynaldo de Supino, que fóra na prisão de Bonifacio VIII o braço direito de Nogaret. A tres leguas de Avinhão as testimunhas caíram n'uma emboscada que lhes estava preparada: Raynaldo salvou-se em Nimes a muito custo, e fez pelas justiças do rei lavrar auto d'esta cilada. — O papa escreveu mui depressa ao pai do rei para rogar-lhe apaziguasse Filippe o formoso: e escreveu ao proprio rei, a 23 d'agosto de 1309 — « que se as testimunhas foram retardadas em seu caminho, não era a culpa d'elle, mas sim dos ministros do rei, que deviam ter prevenido a segurança d'aquellas. » — O rei havia denunciado ao papa certas cartas injuriosas: o papa responde que ellas são, mesmo vista a orthographia, indignas da côrte de Roma; mandou-as queimar; e quanto a perseguir os auctores d'ellas disse que — « uma experiencia recente provou que estes procedimentos accelerados contra personagens importantes teem triste e perigoso resultado. » — Esta carta do papa era uma timida e humilde protestação de independencia, uma resistencia supplicante: a allusão aos templarios, com que conclue, indicava bem a esperança que o pontifice punha nos embaraços que a Filippe o formoso devia suscitar aquelle processo. *(Continúa.)*

Inflammação da polvora pelo choque.

O *não tem duvida* é causa de muitas desgraças, principalmente quando se lida com materias inflammaveis. Antes das experiencias feitas por Mr. Auber, coronel d'artilheria, na presença da *commissão consultiva* das polvoras, fugia-se de empregar o ferro na construcção das machinas, utensilios, e edificios das fabricas da polvora, por ser sujeito a faiscar com o choque; mas o latão era tido como um dos metaes livres d'este perigo. Mr. Auber provou todavia que a polvora se inflamma: 1.º no choque do ferro com ferro; 2.º do ferro com latão; 3.º do latão com latão; 4.º do ferro com marmore; e 5.º do chumbo com chumbo ou com páu, quando o choque provém de balla de chumbo despedida por arma de fogo. Não se conseguiu incendiar a polvora por meio da pancada de martello sobre chumbo.

Quem compra carece de cem olhos, e quem vende basta-lhe um, é um dictado italiano. Quando um alquilé vos quer impingir um cavallo, lustra-o e enfeita-o para lhe esconder as mataduras; quando um homem vos quer enganar cobre o rosto com uma mascara. Experimentai o cavallo e achareis um sendeiro; desmascarai o homem e achareis um malvado. Méry.

O CARDEAL DE RICHELIEU.

O Cardeal de Richelieu.

II

No regimen antigo, em que a auctoridade real era o unico poder do Estado, era necessario que o ministro, que soube sustentar-se e governar dezoito annos como verdadeiro soberano, conseguisse duas cousas igualmente espinhosas e arduas: evitar a sorte do marechal d'Ancre, contendo a nobreza pelo temor do immediato castigo; captivar a vontade e o affecto de Luiz XIII, ligando á sua conservação a segurança do principe, e a existencia da monarchia.

Esta foi a politica do cardeal em todas as epochas e no meio das maiores difficuldades.

Luiz XIII, o mais caprichoso e mudavel dos homens, trahiu sempre as amizades a que parecia mais leal. O seu affecto não poupou a sua mãi as pungentes dôres do desterro na terra estrangeira, nem salvou o moço e destemido Cinq-Mars do cadafalso. Com um amor gelado e cadaverico, como a sua alma, tinha contrahido inclinações com as mais formosas e meigas donzellas, e não sentindo o menor vacuo no coração rompeu-as sem violencia. Este era o senhor a quem Richelieu consagrára a sua vida, e que até o ultimo suspiro não viu no governo senão pelos seus olhos, não obrou senão pelo seu braço, como se o robusto espirito do seu ministro se houvesse infundido no corpo fragil do successor de Henrique IV. Como homem Luiz aborrecia Duplessis. Como rei escudou-o contra todos os golpes — uma lei fatal e mysteriosa unia a sua carreira á do audaz sacerdote, e que, ao repousar emfim de tantas fadigas, fechando os olhos estendeu a mão fria do seio da eternidade e arrastou atraz de si para a urna cineraria de S. Diniz o suspeitoso e melancholico monarcha da França.

O segredo d'esta situação equivoca e contradictoria estava nas cousas, e na indole do principe. As rebelliões que lhe sacudiram o berço, as esperanças que a sua debil saude animava na familia real, o desprezo popular com que a nação o tractava, nem os ignorava, nem lhe esqueciam nunca. A seta trazia-a sempre cravada no peito. O infeliz não accreditava na

affeição da mãi, no amor da mulher, na fidelidade do irmão, e na amizade dos grandes e dos povos. Sentia-se só, rodeado de inimigos, exposto a vêr a corôa voar-lhe da cabeça ao furacão das discordias civis. Fraco buscou o apoio do forte. Timido encostou-se á energia e audacia de outrem. Ciumento e desconfiado só se entregou a um homem, que poz a cabeça sobre a pasta de ministro, certo de que a espada dos vassallos poderosos a havia de cortar apenas a victoria lhe sorrisse. Luiz XIII e Richelieu eram essenciaes por tanto um ao outro. O principe significava a realeza; o cardeal o verbo, a força activa d'esse grande principio. Em nome da unidade monarchica a paz renasceu, e a decadencia tornou-se grandeza dentro e fóra do bello reino da França.

Os meios por que se elevou ao apogeu da influencia foram quasi sempre immoraes, ou subterraneos. Principiou pela ingratidão secca e despegada, e acabou pelas theses do cutello e patibulo, em que a cabeça de Chalais e Cinq-Mars, e depois o nobre sangue dos Montmorency lavraram o documento de um triumpho impio, mas solido. A primeira victima foi Maria de Medicis, a protectora da sua mocidade, aquella a quem devia o ter subido os degráus mais difficeis do poder. Perseguições violentas forçaram a ex-regente a expatriar-se, e a constituir-se cumplice de todas as tentativas dirigidas contra seu filho. Richelieu, pelo contrario firmando com isto o seu credito no animo do rei, fez-se indispensavel, porque representava a gloria, e o vigor da resistencia monarchica nacional combatendo braço a braço com os enredos e traições do estrangeiro.

Pelos principios de 1625, poucos mezes depois da entrada de Richelieu no ministerio rebentou uma nova rebellião protestante. Desde esse dia fortificou-se no seu espirito o profundo convencimento de que não havia governo possivel, em quanto aquella seita armada e audaz estivesse revestida de prerogativas anarchicas, e protegida por exercitos aguerridos. O cardeal temporisou. Ainda não chegára a occasião de ferir o golpe decisivo. A guerra da Italia corria então duvidosa; a Inglaterra vacillava na sua alliança; e a casa d'Austria não poupava esforços para hostilisar a França. Por meio de negociações habeis o ministro illudiu a côrte de Filippe IV persuadindo-a de que ia pactuar com os calvinistas para soccorrer depois a Italia com todas as tropas. Os protestantes, da sua parte, suppozeram que elle accommodando sem demora a lucta além dos Alpes os viria esmagar com toda a segurança. Este engano dos dois lados fez mais docil o duque d'Olivares, e muito modestos os sublevados da Rochella. E por tractados simultaneos Richelieu concluiu a paz com os Hugunotes por causa do pacto com a Hespanha, e com a Hespanha por causa da transacção com os Hugunotes. Foram duas evoluções tão destras como bem succedidas.

Seguiram-se dois annos de socego profundo. O cardeal empregou-os em cimentar os alicerces do seu poder com uma actividade, e uma presciencia raras. A marinha de guerra, a industria e o commercio receberam d'elle serio impulso, e floreceram em poucos tempos. A reforma dos impostos, objecto das suas graves meditações, teria sido consummada com idéas progressivas para a epocha, se a morte o não chamasse tão cedo. Consulados em todos os portos d'escala no Levante, e uma legação em Moscow, estabeleciam-se a par das negociações militares de Rasilly nas costas do imperio de Marrocos. Creava-se uma companhia para colonisar o Canadá, outra para explorar S. Domingos, e a corôa animava os armadores, que emprehendiam as arriscadas viagens da India. No interior emprezas para seccar os pantanos, arrotear os baldios e fazer navegaveis os rios, attestavam a boa vontade do ministro, e o incremento gradual da classe media, a quem elle no seu pensamento politico desejava collocar diante do poder tyrannico dos senhores das terras, dando-lhe a influencia da riqueza para os abalar e abater.

O sangue dos Montmorency, aristocratico por excellencia foi derramado sem piedade pelo cardeal, que nunca recuou diante da violencia dos meios com tanto que obtivesse a utilidade dos fins. A auctoridade real era escarnecida e desacatada pelos nobres, que se vangloriavam de estar superiores a todas as leis e ordens. Richelieu publicou um decreto contra os duellos. O conde Francisco de Montmorency zombou d'elle, e exclamando, que os escribas podiam encher de garatujas quantas resmas quizessem de papel, desembainhou a espada e na praça mais publica de París atacou o marquez de Benorou com a elegancia de um cavalheiro, e o valor tranquillo de um soldado. O cadafalso ergueu-se silenciosamente no terreiro da Greve, e o algoz decepando uma das mais nobres cabeças da França resolveu a questão, inopinada e cruelmente, por este desfecho sanguento.

Tractava-se de decapitar, ou os duellos, ou os decretos regios, como dizia Richelieu. Pela sua firmeza os duellos é que sucumbiram. Desde então o terror da auctoridade monarchica fundou-se por toda a vida do implacavel ministro. A sociedade, que ha pouco se agitava no cahos da anarchia, organisou-se como por si mesma. O poder respeitado pela unidade dos planos, pela grandeza dos fins, e pela terrivel magestade das suas vinganças, achou-se com a força e o necessario prestigio de tentar os vastos projectos, para os quaes se encaminhavam de longe todos os passos do grande ministro.

A Rochella, defendida por tropas consideraveis e governada pela ambiciosa mãi do duque de Rohan, era o baluarte da seita protestante, e do partido poderoso representado n'ella. A Inglaterra, ao grito levantado pelos Hugunotes respondeu enviando Buckingham, valido do rei, com uma forte armada em seu soccorro. A incapacidade do duque frustrou a sua tentativa sobre a ilha de Ré; o cardeal acudiu-lhe com pasmosa promptidão. Mas este successo accidental não destruia o immenso perigo da sublevação — aggravado ainda pela má vontade, ou pela antipathia das potencias visinhas. A Hollanda vacillava por escrupulo de seita. A Grã-Bretanha protegia os calvinistas com o apoio da intervenção armada. A Austria preparava-se a tomar Verdun; e Veneza parecia esperar o momento de satisfazer antigos odios. Finalmente a Hespanha affectava uma neutralidade falsa, aonde se descobria segunda tenção. No interior os principes parentes, o irmão do rei, e o conde de Soissons, tramavam de concerto para sepultar nas ruinas d'esta guerra o poder de Richelieu.

O cardeal avaliava todos estes obstaculos, capazes de atterrar um espirito robusto. Mas a salvação e o futuro da França estavam irremediavelmente perdidos se a Rochella ficasse de pé e victoriosa. Ministro, general, intendente de transportes e engenheiro, Richelieu accumulou todos os empregos, exerceu todos os cargos para adiantar as operações navaes e militares. Duas vezes a esquadra ingleza appareceu á vista da cidade bloqueada e duas vezes se retirou diante de exercitos e marinha, quasi que improvisados de repente. A Europa, suspensa um anno, assistiu diante d'aquellas muralhas como espectadora á grave questão que se discutia alli. Por fim venceu a fortuna da França, e a realeza entrando pela brecha da Rochella tomou n'esse dia verdadeira posse do seu reino.

Depois d'este grande resultado, Luiz XIII á testa de trinta mil homens ia soccorrer a praça de Cazal na Italia, e conquistar pelas armas uma paz gloriosa. Richelieu commandava todo o exercito. Esta campanha heroica e brilhante correspondeu em tudo ao plano do ministro, e ao concluir-se como elle projectára a sua principal missão tinha acabado. As luctas interiores, que ainda sustentou, e as guerras que depois dirigiu, foram consequencias d'este decisivo e assignalado successo.

Pouco tardou que esta cabeça tão odiada não arrefecesse, e que as mãos cruzando-se no peito deixassem escapar o sceptro de ferro. O cardeal de Richelieu, como um obreiro diligente, tinha sido enviado e despedido á sua hora pelo senhor dos reis e dos imperios. A França, que elle erguêra da decadencia, que fizera temida e admirada, respirou ao vêr escapar dos seus dedos d'aço as redeas do governo. Mas alguns annos, bem poucos, bastaram para a obrigar ao tributo de respeito devido ao grande homem que em vida tanto calumniaram. Sobre aquelle tumulo, e antes dos seus ossos se carcumirem, a consciencia dos proprios contemporaneos veio antecipar-lhe o voto da posteridade.

O Feitor de Cantão.

Novella.

(Continuado de pag. 125.)

Yuen-ming-yuen (1), onde o filho do céu costuma passar os mais formosos dias do anno, é menos uma vivenda propria para o verão que uma cidade de palacios, pois conterá um cento d'elles com columnas de cedro, e as madeiras douradas, e as telhas pintadas de mil côres. Separam-n'os uns dos outros jardins e pateos magnificos que occupam um espaço de perto de cem mil geiras, e em que ha lagos artificiaes atravessados por pontes de porcelana, collinas com torres ameadas no cimo, e rochedos cobertos de tantos mirantes, pavilhões, e kiosques, que o som exquisito que vibram as suas campainhas de vidro quando o vento as agita, ouve-se em toda a parte.

Ora n'este dia recebia o soberano imperador os grandes do imperio no quarto particular em que estava o seu throno, e que se chama a *morada do céu sereno*. Estavam á porta da sala vinte e dois fidalgos moços com parasoes amarellos, outros com soes ou meias-luas de ouro, e muitos com bastões ornados de borlas variegadas, bandeiras com dragões, e outros com machados, alabardas ou massas douradas. Defronte da porta da entrada se viam enfileiradas vinte pedras moldurando laminas de cobre em que se achava gravado o ceremonial a que se devia cingir quem fosse á presença do imperador.

No topo da sala, sobre um estrado alto, erguia-se o throno, para o qual se subia por uma escada de alabastro primorosamente lavrada. O throno, todo cosido em pedras preciosas, repousava em dois dragões de ouro massiço.

Acabava o imperador de se sentar. Trazia vestida uma tunica de zebelina, cobrindo uma comprida saia de seda amarella com o dragão de cinco garras bordado de rica pedraria, e na cabeça uma gôrra de pelle de rapoza, que na parte de cima tinha uma perola de grandeza descommunal. Rodeavam-n'o os principes de sangue e muitos governadores de provincias, pelos quaes acabava de distribuir chá em pequenas taças de madeira. Elle porém, com os olhos pasmados e o rosto carregado, bebia pequenos golos d'emulsão de favas (1), n'um vaso de ouro que um escanção lhe appresentára de joelhos.

Com ser ainda moço, tinha as faces pisadas e o corpo alquebrado como se velhice prematura ou secreto padecimento lhe seccasse a seiva da vida. Saíu comtudo da especie de distracção em que tinha caído, ao ouvir o pregão do arauto, que dizia:

—« Ide, e apresentai-vos diante do throno.»

Haviam com effeito entrado os principaes mandarins da côrte, e começavam a prostrar-se diante do estrado; eis-que, arredando-se de repente a turba dos cortezãos, passou pelo meio d'ella o censor Fo-hu, dando a mão a Effendon vestido de novo e com muita magnificencia.

Ajoelharam ambos ante o throno, e tocaram com a fronte o pó da terra; mas o imperador, sobresaltado de alegria ao vêr o censor e o seu companheiro, fez um signal e ambos foram conduzidos para cima do estrado e juncto d'elle.

—« É este o medico que me inculcaste?» perguntou depressa a Fo-hu.

—« É elle, filho do céu!« respondeu o mandarim.

—« Affianças-me a sua sciencia?»

—« A provincia d'Ordos, de que meu irmão foi por ti nomeado governador, está cheia de milagres d'este homem.»

O imperador voltou-se para o fingido medico.

—« E tu, lhe disse elle, esperas restituir-me a saude e as forças?»

—« Espero, respondeu Effendon, com tanto que tenhas confiança no teu escravo.»

—« Que devo fazer? lhe tornou o doente com a sujeição propria de quem vive atormentado; estou prompto para tudo, obedecer-te-hei em tudo; apaga-me este fogo que me queima as entranhas, e far-te-hei mais rico que todos os mandarins do imperio do meio. Mas falla sem demora, que não acalmam estas dôres.»

—« Antes de applicar-te o lenitivo, respondeu Effendon, releva que o teu escravo te interrogue sem testimunhas.»

A um signal do imperador todos os cortezãos que estavam juncto d'elle desceram do estrado.

Quando chegaram a distancia d'onde não podiam ouvir, o feitor se inclinou para o imperador, e abaixando a voz disse-lhe:

—« Enganam-te, grande principe; enviou-me o céu para te salvar! Mas não me interrompas, accrescentou quando viu que o imperador se agitava; não te perturbes, não soltes um grito, não faças um só gesto que possa inspirar suspeitas, que elles teem os olhos fitos em nós.»

—« Mas que sabes tu?» perguntou o principe inquieto.

—« Sei que querem matar-te.»

—« A mim?»

—« Parte dos mandarins da tua côrte conspira para exaltar ao throno o teu successor; e d'aqui provém a perda repentina da tua saude.»

—« Ah! razão tinha eu para me suppôr envenenado!» exclamou o imperador.

—« Sim, continuou Effendon, mas as tuas suspeitas encheram-n'os de terror, e tendo noticia de que o medico Wang-ti sabia o segredo de venenos mais subtis, que não deixavam vestigios, e levavam o doente á sepultura com tão pequena agonia que parecia entrado em convalescença, foram ter com elle...»

---

(1) O jardim redondo e resplandecente.

(1) Preparação feita com as sementes do cytiso ou codeço da India.

— «Chamaram-te pois para me dares o golpe mortal! exclamou o imperador, a quem esta revelação inesperada causára a um tempo assombro, dôr, e indignação. — E não sabes os nomes d'estes infames?»

— «Fo-hu foi só quem me fallou; prometti-lhe a elle dar-te hoje mesmo o remedio que devia coroar a sua obra.»

Por um momento esteve o imperador mudo, cogitando o que faria. Eis senão quando animou-se-lhe de subito o semblante, relampejou-lhe nos olhos a victoria, e um vislumbre de alegria lhe subiu ás faces. Olhando para Effendon disse-lhe:

— «Tens ahi esse remedio?»

O feitor mostrou-lhe o frasquinho de bronze contido na caixa do medico.

— «Enche este vaso,» disse o imperador, estendendo a taça em que bebêra a emulsão de favas.

Effendon obedeceu. Então o principe fez um signal, e tendo-se chegado todos os mandarins proseguiu em voz alta:

— «O céu protege o filho da dynastia de Han, e um grande beneficio acaba de baixar sobre elle.»

— «Que aconteceu?» perguntaram todos a uma voz.

— «Olhai para este homem e adorai-o como um deus tutelar; porque pela sua sciencia descobriu uma bebida que não só abranda qualquer enfermidade, porém restaura as forças vitaes do mesmo modo que o verão faz brotar as arvores.»

Voltaram-se para Effendon todos os olhos, e prolongado susurro de espanto saíu da turba dos cortezãos.

— «Podia reservar só para mim esta bebida: mas está escripto que o soberano deve ser qual o orvalho bemfazejo para os seus subditos. Quero por tanto que os meus fieis servos participem do thesouro da vida.»

E pegando na taça accrescentou:

— «Cheguem-se pois todos aquelles que, como eu, quizerem beber n'esta taça a vida, o vigor, e a mocidade.»

Estas palavras excitaram grande rumor. Todos os que ignoravam a trama chegaram, a qual primeiro, ao estrado; mas os cumplices deixaram-se ficar e olhavam desconfiados uns para os outros. O imperador contou-os com os olhos: eram os mais nobres officiaes do imperio! Chamou-os pelos seus nomes.

— Por que motivo cedem os mais nobres a precedencia? perguntou elle, levantando a taça de ouro. Vem cá, vem cá, Fo-hu! quero começar por ti...»

O censor, pallido e tremulo, deu alguns passos para o throno; mas de repente parou, estendeu as mãos, e caíu de joelhos, exclamando que o medico era um embusteiro. Os seus cumplices imitaram-n'o. Então o imperador ergueu-se temeroso e bradou com voz terrivel:

— «O céu imprimiu o signal *tao* na vossa fronte. A mim, que sou o pai e a mãi do meu povo, tinheis-me envolvido n'uma rede de enganos em que fostes colhidos. Bemdictos sejam os céus azulados! Soldados! prendei estes envenenadores, e arranque-lhes a tortura a confissão dos seus crimes.»

A este chamamento acudiram os guardas das portas da sala e levaram prezos Fo-hu e os seus companheiros.

O terror e o espanto reinavam no resto da côrte, e houve um breve momento de confusão em que as leis do ceremonial foram transgredidas. Os mais leaes servos do imperador tinham cercado o throno e indagavam e ouviam horrorisados as particularidades da conspiração. Socegado o tumulto, durante o qual ficára Effendon esquecido, todos os olhos se viraram para elle. O imperador fez-lhe signal para que se lhe approximasse:

— «Tu, que me salvaste, chega-te, lhe disse elle com affabilidade; chega-te, fiel Wang-ti! e sejam quaes forem os teus desejos, manifesta-os e serão cumpridos.

O feitor ajoelhou.

— «Seja o primeiro o perdão de te haver enganado; porque não sou medico, nem me chamo Wang-ti. Vês na tua presença, filho do céu, um barbaro estrangeiro, que affrontou todos os perigos para te vir pedir justiça.»

Contou então miuda e fielmente a sua historia que todos escutavam maravilhados. Quando acabou fez-lhe signal o imperador para que se erguesse, e olhando para elle com bondade disse-lhe:

— «O sabio desculpa o tigre, que para salvar os filhos rasga as entranhas ao caçador; por amor de tua filha violaste as leis *do que está debaixo do céu*; relevo-te este crime. Tambem está escripto que o soberano imperador deve ser um manancial de delicias para todos que a elle se chegam. Eia pois, levanta-te e cobra esperança, porque se tua filha for viva serte-ha restituida.»

A promessa foi cumprida, e um mez depois navegava Effendon com Maria para a America. A filha, sabendo avaliar a grandeza do sacrificio, ainda amava mais a seu pai depois que elle, para a libertar, aplanára tantas barreiras, e quasi que venceira impossiveis. E quando fallavam diante d'ella em emprezas difficeis em cujo exito o vulgo não crê, e que Effendon repetia, segundo o seu costume:

— «Com a vontade abalam-se montanhas.»

A muda nunca deixava de accrescentar um gesto para significar:

— «E transportam-se com o amor.»

Benevenuto Cellini (1).

Benevenuto Cellini, auctor da estatua de Perseu de que hoje damos um desenho muito exacto, é um homem em que se resume, por sua vida e obras, todo o seculo XVI considerado em relação ás bellas artes. Tendo chegado á idade de cincoenta e nove annos começou a escrever a sua vida, que na verdade é abundante de aventuras e de obras primas. Seu pai chamava-se André Cellini: nasceu em Florença, cidade edificada á imitação da formosa cidade de Roma. — O primeiro objecto que deu mais na vista ao joven Benevenuto foi uma salamandra no fogo. — Logo que chegou a idade de poder tocar flauta, seu pai o applicou a este instrumento e lhe ensinou musica: fez rapidos progressos; porém patenteando-se o seu engenho, e deixando a musica pelo cinzel, entrou de aprendiz no laboratorio de um mestre d'estatuaria famoso n'aquelle tempo. Quando todo se empregava em esculpturas e artefactos d'ourives, e n'aquellas admiraveis tentativas do gosto e da arte italiana, o condestavel de Bourbon caiu d'improviso sobre a cidade de Roma, a que poz cerco: a cidade resistiu como poude; e o mancebo artista não foi dos ultimos a correr ás armas; metteu-se no castello de S. Angelo onde estava o papa, e foi tão valente e afortunado que matou de um tiro de peça o principe de Orange, e de uma arcabuzada o condestavel de Bourbon, vendido aos hespanhoes, e traidor para com seu rei, que morreu como o cavalleiro Bayard não merecendo tal honra. — Acabada a guerra, o artista, a quem o bom successo fizera ambicioso, foi pedir ao papa Paulo III a recompensa que assentava ser devida a

(1) Este artigo é devido á penna do habil escriptor e engenhoso critico, o Sr. Julio Janin.

seus serviços, mas o pontifice, em vez de o agraciar, o mandou metter n'uma prisão d'estado: Cellini era accusado falsamente de ter dado descaminho ás joias da corôa pontificia que lhe haviam sido confiadas durante o sítio. Da prisão em que o sepultaram Cellini conseguiu escapar duas vezes atravez das maiores difficuldades e excessivos perigos; duas vezes tornou a ser apprehendido, e estava a ponto de padecer morte, quando Francisco I, que ouvíra nomea-lo como o artista mais habil da epocha, sollicitou do papa que lh'o enviasse: os desejos do rei de França eram tidos como ordens, e Benevenuto foi solto. Ei-lo novamente lançado em mil aventuras de toda a casta: que vida! festas, duellos, amores, trabalhos, triumphos, jogo desenfreado, miseria, humilhação, tormentos de todo o genero; ora rico, ora pobre; hoje fidalgo, ámanhã artista. Assim chegou á côrte de França, e bem é de suppor como o não maravilharia o esplendor d'esta cidade: recebeu-o o rei com toda a especie de honrarias; deu-lhe plena posse de um palacio, o Nesle pequeno, onde elle assentou os seus laboratorios. Por esse tempo o rei andava todo preoccupado com Fontainebleau; esta localidade era o Versailles de Francisco I: ahi reinava como soberana a formosa duqueza d'Etampes; era a rainha d'aquelles jardins, d'aquelle palacio. Cellini descuidou-se de lhe fazer côrte: a duqueza era inclinada ao Primaticc, e quiz deitar a perder o artista romano; para isso imaginou uma astucia que a final redundou em vergonha sua.

Cellini acabava de dar o ultimo toque a uma avultada estatua de Jupiter para Fontainebleau; a duqueza para desacreditar esta obra a mandou pôr entre as mais bellas estatuas antigas que vieram da Italia, afim de que o *Jupiter* ficasse abatido em vista da comparação com aquellas obras excellentes: ainda fez mais, a duqueza aguardou o decaír do dia e propoz a Francisco I e a toda a côrte irem vêr á galeria a nova obra de Cellini. Outro que não fosse este esculptor se aterraria quanto ao effeito que causaria a estatua: e na verdade que esperanças teria de que ella ganhasse a par dos primores da arte antiga da Italia?... Mas o nosso artista não era homem que se desalentasse. A duqueza ficou bastante espantada quando, ao entrar na galeria, achou tão admiravelmente allumiada a estatua de Jupiter que era esta a que supplantava as outras: aquelle vulto seductor parecia animado. O rei, bem como a côrte, não poderam reprimir a sua admiração; o triumpho do artista foi completo. — Ao mesmo tempo que Cellini se occupava d'essas obras em ponto grande, e dotava a França com uma arte que lhe era desconhecida, lidava tambem fervorosamente com artefactos de ourives: nas suas mãos o ouro e a prata centuplicaram no valor: fazia vasos tão bellos, de tal modo rodeados de figuras e tão ricos de ornatos, que eram, já n'esse tempo, de inestimavel valor; hoje os menores trabalhos seus d'este genero estão acima de todo o preço: fez anneis de prata que são avaliados em mais do que os mais ricos guarnecidos de pedras finas. Não ha muitos annos que um curioso inglez que viajava na Italia pagou por 800 luizes (2:560$000) uma taça singela e pequena de prata cinzelada pelo insigne lavrante florentino. Cidade e côrte davam-se pressa em obter alguma das obras d'elle. Tudo o que era formoso e perfeito, tudo o que era artistico, esculpturas, paineis, gravuras, architectura, era a paixão d'aquelle seculo, chamado com razão o seculo de Francisco I.

Todavia, não obstante o triumpho do seu Jupiter, Cellini viu-se obrigado a ceder á má vontade da duqueza d'Etampes; por outra parte a sua imaginação errante e animo inquieto pouco se accommodavam a permanecer muito tempo no mesmo logar; precisava de aventuras a todo o custo, duvidas e desafios, penuria e vida vagabunda: a existencia socegada, a gloria de cidadão, a familia, não se coadunavam com o genio fervente d'este artista, celebre até a este respeito. Deixou por tanto París, disse adeus ao paço real, ás suas obras começadas, aos seus proprios inimigos, de que tinha tanta pena, por isso mesmo que o inquietavam, como de tudo o mais; e tornou-se a Italia, sua patria, seu primeiro amor; mas ahi o esperavam a mesma gloria, a mesma inspiração para obras excellentes, e iguaes pezares. Nas memorias de sua vida que escreveu com bastante estro, muito talento e viveza d'estylo, e que são classicas em italiano, Cellini descreve maravilhosamente o como conseguiu fundir a sua estatua de Perseu, como esta operação lhe ia saíndo mal, e por momentos julgou que a sua obra magistral estava perdida, e os seus inimigos triumphavam com este desastre. A final, fóra de si, sem ter outra esperança senão no céu, prostrou-se de joelhos e dirigiu a Deus a deprecação mais fervorosa que em sua vida jámais fizera. Finda a prece ergueu-se, correu á estatua... milagrosa cousa!... estava perfeitamente fundida, e a sua grande obra completada!

As memorias de Benevenuto Cellini são principalmente procuradas porque nos poem ao facto de toda a parte technica das bellas artes: não se appresenta alli só como artista, mas tambem como operario; entra ao mesmo tempo nas particularidades da sua vida e nas miudezas da sua profissão. — Depois de haver feito o Perseu de bronze, esculpiu um *Christo* de marmore para o palacio Pitti, que não ha outro igual: e depois, como por passatempo, gravava brazões para medalhas e moedas, e cravava pedras finas.

Quando Cellini, farto de gloria e de dinheiro, enfastiado como acontece a todos os homens de engenho eminente, fatigado de triumphos e de trabalhos, sentiu chegar-se a velhice, fez-se misanthropo, metteu-se

frade, corrigiu as suas memorias, e falleceu a 25 de fevereiro de 1570 na idade de setenta annos.

Os Templarios.

(Continuado de pag. 126.)

A commissão pontificia, reunida a 7 d'agosto de 1309 na camara do bispado de París, tinha sido embaraçada por muito tempo: o rei tinha tanta vontade de vêr os templarios justificados como o papa de condemnar o seu rival Bonifacio: as testimunhas que depunham contra Bonifacio eram maltractadas em Avinhão, as testimunhas favoraveis á causa dos templarios eram atormentadas em París. Os bispos não obedeciam á commissão pontificia, e não lhe remettiam os templarios. Todos os dias a commissão assistia á missa, depois abria a sessão, e um meirinho á porta da sala bradava: «Se alguem quer defender a ordem da milicia do Templo, appresente-se» mas ninguem apparecia: a commissão voltava no dia seguinte, sempre inutilmente.

A final, tendo o papa instaurado, por bulla de 13 de setembro de 1309, o processo contra Bonifacio, permittiu o rei, em novembro, que o grão mestre do Templo fosse levado á presença dos commissarios: o cavalleiro ancião mostrou a principio muita firmeza: disse que a ordem era privilegiada no foro da sancta sé e que lhe parecia cousa assombrosa que a igreja romana quizesse proceder subitamente á destruição d'ella, quando tinha diferido a deposição do imperador Frederico II por espaço de trinta e dois annos: disse tambem que estava prompto a defender a ordem, como em suas forças coubesse, e que se teria em conta de um desprezivel se não defendesse a corporação de que recebêra tanta honra e vantagens, porém que temia não ter sufficiente prudencia e reflexão; que se achava prisioneiro do rei e do papa; que não tinha quatro dinheiros para gastar na defeza, nem outro conselheiro mais que um irmão servente; demais que a verdade se manifestaria não só pelo testimunho dos templarios, mas pelo dos reis, principes, prelados, duques, condes e barões, em todas as partes do mundo. — Declarando-se o grão mestre d'esta maneira patrono da ordem, ia dar grande vigor á defeza, e pôr em risco o projecto do rei: os commissarios o induziram a deliberar com madureza, e mandaram que lesse o seu depoimento na presença dos cardeaes; mas o depoimento não emanava d'elle directamente: por vergonha ou qualquer outro motivo encarregou o irmão servente de fallar por elle ante os cardeaes: porém quando appareceu na presença da commissão, e os escrivães ecclesiasticos lhe leram em alta voz aquelles miseraveis depoimentos, o ancião cavalleiro não poude ouvir com presença d'espirito semelhantes cousas dictas na sua cara; persignou-se e disse que se os senhores commissarios do pontifice fossem outras pessoas alguma cousa teria a dizer-lhes: os commissarios responderam que não era do seu caracter levantar a luva de um desafio. — «Não era esse o meu sentido (disse o grão mestre): aprouvesse a Deus que em casos taes se observasse contra os perversos a practica dos sarracenos: cortam-lhes a cabeça ou cerram-n'os ao meio.» Esta replica fez sair os commissarios da sua ordinaria brandura: responderam com frieza e acrimonia: — «aquelles que a igreja acha hereticos, julga-os como hereticos, e relaxa os obstinados ao braço secular.» —

Um dos principaes agentes de Filippe o formoso, Plasian, assistiu á audiencia sem ser convocado: Jacques Molay, atemorisado pela impressão que as suas palavras haviam feito n'aquelles padres, assentou que era melhor confiar-se n'um cavalleiro; pediu permissão de conferenciar com Plasian: este o induziu, com simulação de amigo, a que se não deitasse a perder, e o resolveu a pedir uma dilação até á sexta feira seguinte: os bispos lh'a facultaram, e mais longa lhe concederiam de boa vontade.

Na sexta feira Jacques Molay tornou a comparecer, mas de todo mudado: sem duvida Plasian o tinha tentado na prisão. Quando lhe perguntaram de novo se queria defender a ordem, respondeu humildemente que elle não era mais que um pobre cavalleiro sem lettras: que ouvíra lêr uma bulla apostolica em que o papa reservava para si o julgamento dos cabeças da ordem; e que por agora nada mais requereria. Inquiriram-n'o expressamente se queria defender a ordem: respondeu que não, e só regava aos commissarios que escrevessem ao papa para que mandasse que elle fosse á sua presença o mais breve possivel; e accrescentou com a ingenuidade da impaciencia e do temor: — «eu sou mortal, os mais tambem; não temos de nosso senão o momento presente.» —

O grão mestre abandonando assim a defeza, tirava-lhe a força e unidade que d'elle podia receber. Pediu sómente dizer tres palavras a favor da ordem; primeiro, que não havia igreja onde o culto divino se celebrasse mais dignamente que nas dos templarios: segundo, que não havia religião que fizesse mais esmolas que a do Templo, que tres vezes por semana se distribuiam a quem se appresentava; e por ultimo, que não havia (que elle o soubesse) casta alguma de pessoas que tivessem derramado mais sangue pela fé christã do que os templarios, nem que os infieis tanto temessem: que em Mansourah o conde de Artois os puzera na vanguarda, e que se lhes tivesse dado credito...» então ouviu-se uma voz: «sem fé tudo isso de nada vale para a salvação.» — O chanceller Nogaret tomou tambem a palavra: — «Ouvi dizer que nas chronicas, que estão em S. Diniz, se achava escripto que no tempo do soldão de Babylonia o grão mestre d'então e outros magnates da ordem tinham rendido homenagem a Saladino; e que este mesmo, sabendo de um grande revez dos templarios, dissera publicamente que isto lhes acontecêra em castigo de um vicio infame, e da prevaricação contra a sua lei.» — O grão mestre respondeu que nunca tal ouvíra; que apenas sabia que o o grão mestre d'esse tempo havia mantido as treguas, porque de outra sorte não teria podido conservar tal ou tal castello. Jacques Molay concluiu pedindo humildemente aos commissarios e a Nogaret que lhe permittissem ouvir missa e ter a sua capella e capellães: assim lh'o prometteram, louvando a sua devoção.

Por este modo se formavam simultaneamente os dois processos, do Templo e de Bonifacio VIII; e appresentavam o extraordinario espectaculo de uma guerra entre o rei e o papa. Este, constrangido pelo rei a perseguir Bonifacio, estava vingado pelas declarações dos templarios contra a barbaridade com que os officiaes de justiça haviam encaminhado os primeiros procedimentos: o rei deshonrava o pontificado, e o papa deshonrava a realeza: mas o rei tinha da sua parte a força; impedia os bispos de remetterem aos commissarios os templarios prezos, e ao mesmo tempo impellia para Avinhão nuvens de testimunhas que se ajunctavam por sua conta na Italia. O papa, de algum modo assediado por estas, via-se condemnado a ouvir os mais espantosos depoimentos contra a honra do solio pontificio.

O processo do Templo começára com grande es-

trondo, apesar da deserção do grão mestre. A 28 de março de 1310 os commissarios mandaram trazer ao jardim do paço episcopal os cavalleiros que declaravam querer defender a ordem; a sala não tinha capacidade para recolher todos; eram quinhentos e quarenta e seis. Lêram-lhes em latim os artigos da accusação; queriam depois lêr-lh'os tambem em francez; mas elles clamaram que era bastante tê-los ouvido em latim, e que não desejavam que semelhantes torpezas fossem trasladadas no idioma vulgar. Como eram tão numerosos, disse-se-lhes que, para evitar tumulto, delegassem em procuradores, e d'entre si nomeassem alguns que fallassem por todos. Quereriam todos elles fallar, tanta era a coragem que haviam recobrado. Delegaram, comtudo, em dois, um cavalleiro, frei Raynaldo de Pruin, e um sacerdote, Fr. Pedro de Bolonha, procurador da ordem juncto ao tribunal pontificio: ajunctaram-se-lhes mais alguns por auxiliares.

Os commissarios fizeram depois tomar, por todos os edificios que serviam de carceres aos templarios, os depoimentos dos que pretendessem defender a ordem: foi uma luz espantosa que entrou nas prisões de Filippe o formoso. D'ahi saíram extraordinarios clamores; uns arrogantes e asperos; outros piedosos e exaltados; alguns ingenuamente dolorosos. Um dos cavalleiros disse tão sómente: — «eu não posso pleitear sósinho contra o rei de França e contra o papa.» — Alguns limitaram todo o seu depoimento a uma simples deprecação á Sancta Virgem — «Maria, estrella do mar, guiai-nos ao porto da salvação.» — Porém o papel mais curioso é um protesto, em linguagem vulgar, no qual, depois de haverem sustentado a innocencia da ordem, os cavalleiros dão a conhecer a sua humilhante miseria, o mesquinho calculo das suas despezas. Singulares particularidades, e que appresentam cruel contraste com o orgulho e riqueza tão celebres d'esta ordem! Os desgraçados, do miseravel subsidio de doze dinheiros por dia, eram obrigados a pagar a passagem no rio para irem comparecer nos interrogatorios, e ainda em cima tinham de dar dinheiro ao homem que lhes abria e fechava os grilhões.

A final, os defensores appresentaram um memorial authentico em nome da ordem. N'esta protestação, singularmente vigorosa e ousada, declaram não poderem defender-se sem o grão mestre, nem por outra fórma que não seja perante um concilio geral. Sustentam — «que a religião do Templo é sancta, pura, e immaculada perante Christo e o Padre. O instituto regular, a observancia salutar, ahi estiveram *sempre* e estão *ainda* em vigor. Todos os irmãos não teem mais que uma profissão de fé, que em todo o universo tem sido, e *é sempre observada por todos*, desde a fundação até o dia presente. E quem diz ou crê outra cousa erra inteiramente, pecca mortalmente.» — Era uma affirmativa bastante audaz sustentar que *todos* tinham permanecido fieis ás regras do instituto primitivo; que nenhuma deviação, nenhuma corrupção houvera. Quando o justo pecca sete vezes por dia, aquella ordem soberba achava-se pura e sem peccado. Tamanho orgulho fazia estremecer. Não ficaram n'isto. Pediam que os irmãos apostatas fossem postos a bom recado até que se mostrasse se tinham dado testimunho verdadeiro: queriam tambem que nenhum secular assistisse aos interrogatorios. Ninguem, com effeito, duvida que a presença de um Plasian, de um Nogaret, intimidaria os accusados e os juizes. Acabam dizendo que — «a commissão pontificia não póde proseguir; porque, emfim, nós estamos, e sempre temos estado em poder d'aquelles que suggerem cousas falsas ao senhor rei. Quotidianamente, por si ou por outros, de viva voz, por cartas ou mensagens, nos avisam que não retractemos as falsas declarações que foram extorquidas pelo temor; aliás seremos queimados.»

Passados alguns dias, saíram com outro protesto, porém ainda mais forte, menos apologetico do que ameaçador e accusador. — «Este processo (dizem) foi inesperado, iniquo, injusto: não é mais que uma violencia atroz, um erro intoleravel. Nas prisões e tractos muitos e muitos teem morrido; outros teem pelo mesmo motivo ficado enfermos para toda a vida; outros foram constrangidos a mentir contra si e contra a ordem. Estas violencias e estes tormentos lhes tiraram totalmente o seu livre alvedrio, isto é, quanto o homem tem de bom: quem perde o livre arbitrio perde todo o bem, sciencia, memoria e entendimento... Para os impellir á mentira, ao testimunho falso, mostravam-lhes cartas com o sello real pendente, e que lhes asseguravam a conservação da vida e da liberdade; promettiam-lhes provêr cuidadosamente em que tivessem bons rendimentos em quanto vivessem; e por outro lado lhes affirmavam que a ordem seria irremediavelmente condemnada.» —

Por muito habituados que então estivessem á violencia dos processos inquisitoriaes, á immoralidade dos meios communmente empregados para fazerem fallar os accusados, era impossivel que semelhantes palavras não sublevassem o coração: porém mais expressivo que todas as palavras era o lastimoso aspecto dos prezos, suas faces pallidas e encovadas, os vestigios horriveis dos tormentos... um d'elles. Humberto Dupuy, a decima quarta testimunha, foi posto a tractos tres vezes, e esteve retido trinta e seis semanas, a pão e agua, no fundo de uma torre infecionada: o cavalleiro, Bernardo Dugué, a quem metteram os pés n'um brazeiro, mostrava os dois ossos que lhe haviam caído dos calcanhares.

Eram bem crueis espectaculos: até os juizes, legistas como eram, e cobertos com o secco habito de padres, se commoviam e lastimavam; quanto mais o povo que diariamente via aquelles infelizes passar nas barcas para se transportarem á *cidade*, ao paço episcopal, onde a commissão celebrava as sessões! Augmentava a indignação contra os accusadores, contra os templarios apostatas. N'um dia, quatro d'estes comparecem perante a commissão, conservando ainda as barbas, porém trazendo as capas no braço; arremeçam-n'as aos pés dos bispos, e declaram que renunciam o habito do Templo: os juizes os olharam com desprezo, e lhes disseram que lá fóra fizessem o que bem lhes parecesse.

O processo tomava um andamento perigoso para os que o haviam começado com tamanha precipitação e violencia: os accusadores decaíam a pouco e pouco para a situação de accusados; de dia para dia, os depoimentos d'estes revelavam as barbaridades, as torpezas do primeiro processo, cuja intenção se tornava visivel: tinham posto a tormentos um cavalleiro para o obrigarem a dizer a quanto montava o thesouro trazido da Terra Sancta. Por ventura um thesouro era crime, e objecto d'accusação?...

Reflectindo-se no grande numero de affiliados que os templarios tinham no povo, nas relações que os cavalleiros tinham com a nobreza, da qual eram todos oriundos, não póde duvidar-se que o rei se assustára de ter levado tanto ávante este negocio: a intenção era vergonhosa, os meios atrozes; tudo estava desmascarado. Por ventura não estava a ponto de levantar-se o povo, inquietado na sua crença desde a tragedia de Bonifacio VIII?... Quando houve o motim por causa da moeda, o Templo tivera força bastante para proteger Filippe o formoso; e

agora?... Todos os amigos do Templo estavam contra elle...

O que mais aggravava o perigo é que nas outras regiões da Europa os concilios foram em geral favoraveis aos templarios; foram declarados innocentes a 17 de junho de 1310 em Ravenna, no 1.º de julho em Moguncia, a 21 de outubro em Salamanca. Desde o começo do anno que se podiam prever estas decisões; e seguir-se-hia a perigosa reacção em París. Era necessario preveni-la, recorrer á audacia: era necessario deitar mão ao processo, precipita-lo, abafa-lo.

No mez de fevereiro de 1310 o rei se havia concertado com o papa; e declarára reportar-se a este quanto ao julgamento de Bonifacio; e em troco exigiu, em abril, que fosse nomeado arcebispo de Sens o mancebo Marigni, irmão do famoso Euguerrando de Marigni, verdadeiro rei de França no tempo de Filippe o formoso: a 10 de maio o arcebispo recemnomeado convoca um concilio provincial, onde faz comparecer os templarios. Temos dois tribunaes que julgam ao mesmo tempo os mesmos accusados em virtude de duas bullas do papa: a commissão allegava a bulla que lhe commettia o julgamento; o concilio referia-se á bulla precedente que restituíra aos juizes ordinarios as suas attribuições a principio suspensas. — Não subsiste acta d'este concilio; nada mais do que o nome dos que n'elle tiveram assento, e o numero dos que mandou queimar.

A 10 de maio, um domingo, appresentaram-se os defensores da ordem perante os commissarios do papa para reclamarem contra o concilio: o presidente, o arcebispo de Narbona, respondeu que nem a elle, nem aos seus collegas competia conhecer de tal reclamação; que não deviam intrometter-se n'isso, pois que não era do seu tribunal que se appellava; que se elles queriam fallar em defeza da ordem, de boamente os ouviriam. — Os pobres cavalleiros supplicaram que, pelo menos, os conduzissem ante o concilio para ahi levarem sua reclamação, concedendo-lhe dois notarios que a reduzissem a fórma authentica. Na sua appellação, que em seguida leram, collocavam-se sob a protecção do papa nos termos mais patheticos. — As infelizes victimas parece que já sentiam as chammas, e abraçavam-se com o altar, que não podia protege-los. *(Continúa.)*

Thesouros dos antigos reis de Portugal.

Os reis antigos de Portugal, segundo refere Fernão Lopes, faziam todo o possivel por encurtar as despezas suas e do reino, afim de junctarem thesouros; porque sendo o povo rico diziam elles que o rei era rico, e o rei que thesouro tinha sempre estava prestes para defender o seu reino, e fazer guerra quando lhe cumprisse, sem aggravo e damno do seu povo. Todos os annos os vedores da fazenda lhes davam contas de todas as despezas feitas, e das sobras dos rendimentos e direitos, tanto em dinheiro como em generos. D'estas sobras se mandava comprar certa porção de moedas de prata e ouro, que eram arrecadadas no castello de Lisboa, n'uma torre chamada albarrã, muito forte, que ficava por cima da porta do mesmo castello, e de que tinham as chaves o guardião do convento de S. Francisco, o prior do de S. Domingos, e um beneficiado da sé. Este ouro e prata os compravam certos *cambadores* d'elrei nas cidades e villas do reino, e por este trabalho percebiam um tanto por cada peça de ouro que compravam. No castello de Santarem tambem havia uma torre onde accumularam tanto dinheiro, que foi preciso pôr-lhe espeques para não abater; no Porto e Coimbra havia igualmente thesouros reaes.

Elrei D. Pedro I achou que, pagas as despezas ordinarias, podia todos os annos metter na torre albarrã até quinze mil dobras, e só na torre do castello de Lisboa deixou a seu filho D. Fernando oitocentas mil peças de ouro, e quatrocentos mil marcos de prata, além de outras cousas de grande valor que alli estavam. Rendiam então os direitos reaes oitocentas mil libras ou duzentas mil dobras, e a alfandega de Lisboa, uns annos por outros, trinta e cinco mil até quarenta mil dobras, afora algumas dizimas; e só em um anno se exportaram doze mil toneis de vinho, sem fallar nos que levaram depois os navios na segunda carregação de março. E ás vezes estavam diante da cidade, entre portuguezas e estrangeiras, quatrocentas a quinhentas embarcações de carga; e no rio de Sacavem e ponta do Montijo em cadaum logar sessenta a setenta navios carregando de sal e de vinhos. Com estes rendimentos, ajudados de severa economia, poude elrei D. Pedro I deixar muito rico o seu successor sem lançar novos tributos sobre o povo.

De outra maneira se houve para enthesourar elrei D. Pedro de Castella, a que se póde dar o epitheto de Nero da Hespanha pela qualidade e quantidade das mortes que mandou fazer. Estando um dia a jogar os dados com alguns dos seus cavalleiros queixou-se de que todo o seu thesouro andaria por vinte mil moedas entre prata e dobras. D. Samuel Levi, seu thesoureiro mór, a quem elle depois tambem mandou tirar a vida, deu-se por injuriado d'este dicto, porque se podia inferir d'elle que não cuidava na arrecadação da fazenda, a qual na verdade estava commettida a recadadores que tinham abusado dos seus cargos valendo-se para isso dos motins que nos ultimos sete annos houvera no reino de Castella; e afiançou-lhe que se lhe désse dois castellos dentro em pouco o faria senhor de grande thesouro. Deu-lhe elrei o alcaçar de Torguilho e o de Fita, em que Samuel poz homens de sua confiança. Mandou o thesoureiro que todos os que arrecadavam ou tinham arrecadado rendas d'elrei desde o começo do seu reinado viessem dar contas, e chamou ao mesmo tempo todas aquellas pessoas a quem elles devessem ter pago alguma quantia segundo as ordens d'elrei, para que debaixo de juramento declarassem o que haviam recebido, e com quanto lhes ficaram os pagadores por lhes não retardarem os pagamentos. Cadaum declarava que não recebêra mais do que tanto, e que o resto fôra para a peita, por se lhe dar a entender que sem ella não obtinha pagamento. Se o *recadador* não mostrava ter pago tudo, mandava D. Samuel que metade de quanto assim levára fosse para o thesouro do rei, e a outra metade para o lesado. «E todolos que taes livramentos houverom, diz o nosso ingenuo chronista, eram mui contentes de dizer a verdade, por cobrar o que tinham perdido: e elle junctou por esta guiza antes d'um anno n'aquelles castellos tam grande thesouro que era estranha cousa de vêr.»

Conservação do leite.

Ha um methodo inventado por Mr. Appert para conservar o leite, o qual, pela sua simplicidade, merecia ser mais conhecido. Reduz-se a encher de leite fresco uma garrafa bem rolhada, e te-l'a mergulhada, cousa de um quarto de hora, em agua a ferver. Asseguram que o leite se conserva por muitos annos em optimo estado depois d'esta preparação.

CACILHAS, VISTA DO TEJO

Lisboa é abastecida de todos os generos, precisos para as principaes necessidades e tambem para o regalo e commodos da subsistencia da sua grande população, não só pelo fertil territorio adjacente, que fica ao norte do Tejo, como pelo da margem fronteira, abundante em fructos de toda a casta, vinhos excellentes, lenhas, cagas e outros muitos objectos que concorrem ao consumo immenso da capital. A *outra-banda*, como usualmente nomeâmos a parte ao sul do Tejo mais directamente opposta á cidade, é uma das vastissimas quintas de Lisboa, um dos seus recreativos passeios domingueiros, que offerece a variedade do transito pelo rio, e das excursões terra dentro pelo meio de fazendas deleitosas ou pela crista das alturas d'onde se desfructam extensas e mui picturescas vistas, já de paiz, já da cidade. Campeia sobre esta margem, atalaia da capital por este lado, a mui antiga villa de Almada, cujo porto é o pequeno logar de Cacilhas. Extravagantes etymologias teem alguns marcado áquelle nome; o certo é que deriva de origem radicalmente arabica: *al maden* significa *a mina*: tal nome proveio das minas d'ouro que d'esta banda se exploravam desde tempos muito remotos, entre outras a da Adiça, lavrada já no começo da monarchia. Os arabes, grandes prescrutadores das riquezas mineralogicas, lhe deram esta denominação, que com mais certeza procede d'aquellas palavras do que da causa que lhe assigna Ebn Edrisi, que escreveu pelos annos de 1151 a 1153, o qual, fallando do castello de Almada, que significa *castello da mina*, diz que assim se chama por causa do ouro que para alli acarreta o mar quando anda bravo. D'esta asserção do geographo arabe o mais que póde inferir-se é que n'aquella praia se achavam palhetas d'ouro, como nas areias do Zezere e do Alva, justificando de algum modo a fama de aurifero, de que já em tempo dos romanos gozava o Tejo: a verdadeira razão explica-a o sabio naturalista José Bonifacio de Andrada e Silva, na Memoria sobre a nova mina d'ouro da outra banda do Tejo. — «. . . posteriores e mais miudas observações me tem convencido que este ouro não vem de fóra, mas se acha mais ou menos disseminado nas formações alluviaes d'aquelle terreno, o qual foi formado das ruinas e detritos de montes e veiros auriferos, ou distantes ou visinhos, que as antigas inundações do oceano ou de grandes lagos e rios internos causaram em diversos tempos. É provavel que pelo andar dos seculos as chuvas, penetrando as camadas, desmoronando as barreiras e abrindo canaesinhos, lavassem as terras e ajunctassem o ouro, e o fossem depondo nos baixos e sitios mais azados da costa, onde as ondas lavam e apuram as suas particulas disseminadas. Querendo verificar esta suspeita que tive logo que pela primeira vez examinei o local e a natureza da formação, mandei no mez de abril passado (1815) trabalhar de novo em alguns sitios já lavrados no estio antecedente. Desde 16 de abril até 6 do corrente mez de maio, o ouro que temos recolhido d'aquella mina foi todo tirado das antigas catas, que o mar de novo enchêra revolvendo e lavando repetidas vezes as areias e as terras desmoronadas das faldas da Barreira. Verdade é que a camada aurifera que se formou de novo não tem por ora mais do que um palmo de grossura; e o palmo cubico só rende um grão d'ouro; todavia, em tres semanas em que se não poude abrir em sitio virgem catas mais rendosas, pela falta de agua e outros embaraços locaes que já estão vencidos, deu esta segunda colheita 416

oitavas, ou 6 marcos e 4 onças de excellente ouro em pó e amalgamado. — Assim, se por um lado as ondas do mar embravecido sobre a immensa praia desabrigada contrariam muitas vezes nossos trabalhos mineraes, por outro é o oceano ao mesmo tempo um valentissimo e excellente operario, que ajuncta e deposita as fagulhas sem conto do ouro derramado, e as lava e apura sobre as rampas da praia, que lhe servem então de optimo bolinete ou lavadouro de concentração, quando acha base firme, qual é o salão ou greda já descripta. » — Todo o contexto d'esta Memoria é de muita curiosidade e instrucção.

O castello de Almada é, como vimos, do tempo do dominio sarraceno; contam porém os nossos historiadores que a villa foi povoada por cavalleiros inglezes que vieram a este reino na armada do norte de Guilherme da Longa-Espada, e auxiliaram com seus companheiros o nosso primeiro rei na conquista de Lisboa. No tomo 3.º da *Monarchia Lusitana* vê-se approveitada esta circumstancia para crear uma falsa etymologia do nome da villa. Teve seu primeiro foral d'elrei D. Sancho I, que d'ella fez doação aos cavalleiros da ordem de Santiago, pelos annos de 1187: elrei D. Diniz a incorporou na corôa, dando em troca áquella ordem as villas de Almodovar e Ourique em Alemtejo, com os castellos de Marachique e Aljezur. É de notar que, no regimen absoluto, era a unica villa que a corôa tinha no Ribatejo, pelo que ainda no meado do seculo passado constituiu com seu termo comarca de per si, separada das que então eram confinantes, Azeitão e Setubal (1). Segundo se lê na Geographia de Rego, tom. 1.º pag. 176; posteriormente o provedor e ouvidor de Setubal era conjunctamente corregedor d'Almada, não entrando esta villa na provedoria, que abrangia vinte villas: a correição d'Almada comprehendia tambem as de Azeitão, Lavradio, Moita, Çamora Corrêa, S. Thiago de Cacem, Cezimbra e Torrão. O extincto logar de juiz de fóra foi creado em 1686.

Na mui levantada eminencia, fóra da villa, d'onde se avista um magestoso amphitheatro de edificios da capital, tendo na raiz o Tejo animado pelo movimento maritimo, está assentado o convento da invocação de S. Paulo, que foi da ordem dominicana, fundação do muito lettrado padre Fr. Francisco Foreiro, confessor dos reis D. João III e D. Sebastião. A distancia de uma legua da villa ficava tambem o convento de religiosos de S. Paulo eremita, com o titulo de Nossa Senhora da Rosa, e o mencionâmos porque diz o padre Carvalho em sua *Corographia* que na cerca ha uma fonte de aguas salutiferas para curar a lepra, e assim o cita o doutor Fonseca Henriques no *Aquilegio Medicinal*. Este ultimo auctor tambem refere que a fonte do Alfeite, chamada a Biquinha, é excellente para os achaques de pedra e areias da bexiga, e que por isso era de varias pessoas de fóra procurada: já o mesmo se lia na *Descripção de Portugal* de Nunes do Lião. A bem conhecida Fonte da Pipa, á beira do Tejo, é notavel pela copia d'agua, perenne em todos os tempos, fornecendo provimento facil de aguadas aos numerosos navios que demandam o porto de Lisboa.

Foi natural d'Almada o nosso escriptor Diogo de Paiva d'Andrade sobrinho, distincto em poesia latina, obras moraes, e critica historica.

Offerecemos uma vista da pequenina abra ou calheta do logar de Cacilhas, tomada do barco de vapor que para alli faz constante carreira diaria. Seja-nos permittida, por esta occasião, uma breve observação; — todas as gravuras que temos estampado n'esta segunda epocha do Panorama são do buril do Sr. Baptista Coelho sobre desenhos do Sr. Bordalo Pinheiro, aos quaes o publico já tem feito em seus elogios a merecida justiça pelos bem acabados trabalhos que illustraram muitas paginas das primeiras series do jornal: repetimos, todas estas gravuras são devidas áquelles senhores, posto que muitas sejam copias de desenhos de jornaes, e outras obras estrangeiras — nenhuma procede de *cliché* vindo de fóra, e os originaes em madeira podem vêr-se na typographia onde imprimimos. Porém a que vai na frente d'este numero é obra de um joven, assaz digno de louvor pela sua applicação; revela porém certa falta de estylo de gravar e de certa animação, se nos é licito exprimir-nos assim, que á primeira vista não apparece nas outras, para as quaes póde esta servir de termo de comparação: tambem n'este ramo ha eschola, e eschola moderna com seu estylo; mimo e perfeição particulares; o joven artista dá esperanças de que poderá bem aproveitar-se d'ella.

(1) Dicc. do padre Cardoso *verbo* Almada.

Colomba.

Romance da Corsega.

Ma per far la to vendetta,
Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Sta sigura, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

I

Nos principios d'outubro de 181*, o coronel irlandez sir Thomaz Nevil apeava-se á porta da hospedaria Beauveau em Marselha, recolhendo-se algum tanto desgostoso da sua classica peregrinação á Italia. Acompanhava-o miss Lidia, filha unica, devorada da romantica ambição de se distinguir pela mais pura e requintada originalidade de opinião e de critica. Todos ajoelhavam ás maravilhas do jardim de Virgilio; ella, para se singularisar, adoptando a divisa do amigo velho Horacio, o *nil admirari*, passou com um sorriso sceptico, ou frio, pelos maiores monumentos, ou pelas mais gabadas paizagens. O quadro da *Transfiguração* condemnado por mediocre, e as erupções do Vesuvio assemelhadas aos crassos fogarêus das chaminés de Birmingham pintavam o dissabor com que a bella viajante voltava da romaria ao Capitolio e ao Campo sancto. « A Italia, coitada! dizia miss Lidia, tinha o insanavel defeito de ser desmaiada, de lhe faltar a côr local . . . » Que horror!

A formosa lady saíra de Londres com a firme tenção de descobrir além dos Alpes antiguidades novas, para á sua chegada alegrar os seus doutos compatriotas. Aquelles dedos afilados, mimosos, côr de rosa, por força queriam tirar das cinzas dos seculos um objecto raro e admiravel. Vãos desejos! Antes d'ella, nas suas excursões scientificas, os sabios tinham até pezado o pó das urnas cinerarias. Debalde procurou os thesouros desconhecidos da patria de Cesar; a ingrata fortuna, voltando-lhe as costas, nem um desprezivel pucaro de barro das olarias etruscas lhe concedeu para se consolar de tanta fadiga inutil. Realmente era atroz. Indignada d'estes revezes a bella Lidia revoltou-se contra a Italia e passou para a opposição.

Mas o peior de tudo foi vêr desfeita na propria hospedaria a unica illusão da sua viagem. Um delicado esboceto da porta pelagica ou cyclope de Segni, tirado por ella, e trazido com todo o cuidado na per-

suasão de que escapára ao olho voraz dos pintores, apparece-lhe de repente no album de lady Francis Fenwick, entre um soneto côxo e uma flôr secca; illuminada, para maior opprobrio, a maldicta porta cyclope, com a mais barbara prodigalidade de rôxo-terra!... Miss Lidia deu o seu esbocceto de presente á criada grave, e jurou odio eterno á Italia e a todos os portaes pelagicos.

Com este odio commungava sinceramente o coronel, que depois da morte da esposa via só pelos olhos de miss Lidia. A Italia tinha desgostado sua filha, e este gravissimo crime, na sua opinião, tornava-a uma terra aborrecida. Das estatuas e quadros não dizia nada o bom do irlandez; não eram do seu arado; mas da caça sabia fallar, e por este lado o paiz estava uma desgraça. Dez leguas á torreira do sol nos campos de Roma para matar só duas magras perdizes!

No dia seguinte ao da sua chegada a Marselha convidou para jantar o capitão Ellis, seu antigo ajudante. Ellis tinha ido passar seis semanas á Corsega, e contou a miss Lidia com a verdadeira *côr local* uma historia de salteadores, magnifica por desdizer de quantas ella ouvíra da estrada de Roma a Napoles. Á sobremesa os dois militares, entretidos com as modestas garrafas de Bordéus, conversaram de caça, e o coronel, como amador, enthusiasmou-se sabendo que a Corsega era o paraizo dos caçadores, pela abundancia e variedade das peças. Ao chá o capitão tornou a arrebatar Lidia com a historia das vendettas *transversaes*, e acabou de a endoudecer pela Corsega descrevendo o agreste e selvagem de uma terra, sem igual pela natureza, caracter dos habitantes, e costumes primitivos da sociedade. Finalmente depoz-lhe aos pés um *estilete*, punhal pouco notavel pela fórma, mas curioso pela origem. O capitão Ellis tinha comprado esta raridade a um salteador, e podia assegurar que varára o peito de quatro homens. A bella lady passou-o no cinto, pô-lo sobre o toucador, e antes de se deitar examinou-o umas poucas de vezes. O coronel sonhava, entretanto, que disparando sobre um javali monstruoso voltava com tres cargas de perdizes e veados.

Ao almoço o pai e a filha estavam sós. «Ellis disse-me que ha excellente caça na Corsega — se fosse mais perto queria ir lá passar uns quinze dias.»

— «E por que não? respondeu ella. Em quanto caçar, eu desenho. Sabe que estimava bem ter o gosto de copiar no meu album a gruta aonde Ellis nos disse que Buonaparte costumava aprender as lições quando era criança?»

Pela primeira vez approvava sua filha sem discussão um projecto d'elle. O coronel, interiormente lisonjeado, oppoz algumas duvidas comtudo para a confirmar mais na primeira resolução; encarecendo as difficuldades de viajar uma senhora por aquella ilha tão pouco hospitaleira. Ella, pelo contrario, tudo via facil e risonho. N'aquelle instante tinha animo para ir até á Asia Menor de romaria. Nenhuma ingleza viajára ainda na Corsega, e a formosa lady exaltava-se figurando-se a admiração de todo o Saint-James's-Place quando ella mostrasse o seu album. «Minha querida, que pintura é essa tão bonita? Não passe a folha, deixe vêr!» — «Isto não é nada; é só o esboço do famoso salteador corso, que nos serviu de guia quando lá fomos.» — «Ah! então esteve na Corsega!...»

Não havia ainda carreira de barcos de vapor da França para a Corsega; e o coronel tanto buscou até que descubriu um hiate com duas camaras soffriveis. O mestre embarcou os viveres, jurando pela sua alma, que tinha a bordo um marinheiro capaz de fazer um timbale de rouxinoes digno de o comer o sultão dos turcos. Deu certos o vento e o mar, e o inglez para obsequiar sua filha estipulou que não queria mais passageiros, e determinava costear a ilha de fórma que a vista abraçasse as picturescas montanhas. Assim arranjadas as cousas, os viajantes esperavam com impaciencia pelo dia da partida.

Luziu a final o dia da partida. Embarcaram de manhã, porque o hiate havia de dar á vela sobre a tarde. O coronel andava passeando com sua filha no convez quando o mestre veio pedir-lhe licença para receber a bordo um parente seu, bisneto de um primo arredado. — «Bello rapaz, disse o capitão Mattei, é official de caçadores, e hoje estava brigadeiro se aquelle que foi para a ilha não deixasse de ser imperador.»

— «Como é militar...» respondeu o coronel, e ia já conceder a licença accrescentando «póde vir comnosco,» se miss Lidia não interrompesse em inglez:

— «Um official d'infanteria... vai enjoar talvez, e ahi fica perdido todo o divertimento da nossa travessia!

O mestre do hiate, ainda que entendesse mal o inglez, sempre percebeu que a senhora recusava; e não era preciso tanto para elle entuar a ladainha das virtudes civis e militares do seu parente. Jurou que era pessoa muito de bem, de uma antiga familia de *cabos de guerra*; affirmando que o coronel podia estar certo de que não o incommodaria; havia d'aboletalo em sitio onde nem sequer lhe pozessem os olhos em cima.»

O coronel e sua filha admiraram-se muito de que na Corsega existisse de direito hereditario o posto de *cabo de guerra*, que ambos traduziam por *cabo d'esquadra*; mas como se tractava d'um official subalterno, perderam a repugnancia de o admittir; a qualidade não lhe dava largas a intrometter-se no seu tracto, e por isso estavam dispensados de conviver.

— «O seu parente enjôa?» perguntou miss Nevil.

— «Enjoar elle! Aquillo é de cal e areia.»

— «Então deixe-o vir.»

— «Póde vir,» repetiu o coronel continuando o seu passeio com a lentidão solemne de um veterano.

Ás cinco horas da tarde, ao subir á tolda para vêr largar o hiate já acharam de pé, á entrada da camara do capitão, um mancebo esbelto e elegante. Vestia a sobrecasaca militar abotoada até acima; a côr era morena, e olhos pretos, brilhantes, bem rasgados animavam-se de alegria natural, ainda que um tanto ironica. Apenas o coronel se approximou, o joven militar, cortejando-o, agradeceu-lhe com polidez o obsequio de que lhe estava credor.

— «Não val nada, meu rapaz; o que estimei foi ser-lhe util!» replicou o antigo official.

— «O tal inglez é sem ceremonia, meu amigo,» disse o mancebo em italiano para o mestre. Este poz o dedo no olho esquerdo, e franziu os cantos da bocca. Queria dizer n'esta admiravel mimica, que o inglez percebia o italiano, e tinha a cabeça um pouco desconcertada. Entretanto o coronel conversando com a filha notava, que os soldados francezes tinham garbo; por isso é tão facil fazer d'elles bons officiaes. Concluiu sorvendo o seu rapé. Depois voltando-se para o objecto das suas observações perguntou-lhe em francez:

— «Em que regimento serviu?»

Comprimindo um sorriso ironico e tocando no cotovello ao bisneto do seu quarto primo, o mancebo respondeu, que no septimo de infanteria ligeira.

— «Ah! esteve então em Waterloo? Muito moço havia de ser.»

*

— «Foi a minha primeira campanha.»

— «Pois olhe que valeu por duas.»

O seu interlocutor mordeu os beiços sem replicar.

— «Meu pai, disse em inglez miss Lidia, pergunte-lhe se os corsos admiram muito Buonaparte.»

Antes do coronel traduzir a pergunta, o mancebo respondia em bom inglez:

— «Minha senhora, sabe que é muito raro ser qualquer propheta na sua terra. Os compatriotas de Napoleão teem por elle menos enthusiasmo que os francezes. Mas eu, apesar da rixa antiga das nossas familias, é que o estimo e admiro como ao maior capitão do nosso tempo.«

— «Vem com licença de seis mezes?» atalhou logo o inglez.

— «Não, coronel. Volto á patria tão ligeiro de bagagem como de soldo, assim reza uma cantiga corsa.» E suspirou pondo a vista no céu.

O coronel metteu a mão no bolso; pegou em meia peça, e preludiando por uma vagarosa pitada, em ar de riso exclamou: «Sabe que mais? tambem a mim me desligaram. Tome lá, cabo francez, é para comprar tabaco...»

O mancebo endireitou-se de um repellão ao sentir nos dedos o ouro. Os olhos fuzilaram; ia rebentar toda a sua indignação; mas de repente outra idéa, aplacando os impetos da cholera, mostrou-lhe esta scena por um lado tão comico que, apertando as ilhargas, desatou ás risadas.

O coronel com a meia peça na mão estava diante d'elle extatico e boqui-aberto.

— «O coronel ha de perdoar, advertiu emfim o mancebo, quando o riso passou, se me atrevo a recommendar-lhe duas cousas; a primeira é que não offereça dinheiro a um corso: dos meus compatriotas conheço eu algum capaz de lh'o atirar á cara; a segunda que não honre ninguem de titulos que não são seus. Vejo que teimou em me chamar cabo d'esquadra, e eu servi no exercito como tenente de linha. A differença é verdade que não é grande; porém o amor que tenho á banda...»

— «Tenente! exclamou sir Thomaz Nevil; tenente! mas o mestre disse-me que o senhor era cabo d'esquadra, como seu pai, seu avô, e toda a sua familia; não posso entender...»

O tenente tornou a recaír nas suas estrondosas risadas, e com tanta vontade ria, que d'esta vez os dois marinheiros romperam em côro. O inglez, espantado, fazia caretas amargosas vendo este accesso de hilaridade.

— «Queira perdoar, coronel, se me rio assim d'um equivoco verdadeiramente singular — só agora o percebi. A minha familia ufanava-se de contar uma longa serie de *cabos* entre os seus passados, mas são cabos sem divisas no braço. No anno de 1100 revoltaram-se muitas communas contra a tyrannia dos senhores montanhezes, e escolheram capitães a que se deu o nome de *cabos*. É uma honra na Corsega descender d'esses antigos tribunos.»

— «Desculpe, exclamou o coronel; queira perdoar o meu engano. Bem vê que não tinha a menor tenção de o offender.»

E estendia-lhe a mão.

— «Eu é que peço desculpa; mereci este equivoco por meu orgulho de rapaz, respondeu o moço official rindo e apertando a mão do inglez. O meu amigo Mattei não me soube appresentar, já vejo; e não ha remedio senão faze-lo eu. Sou Orso della Rebia, tenente desligado do exercito francez; e se estes cães de boa raça não mentem, o coronel deve ter o vicio da caça: já d'aqui me offereço para lhe ensinar todos os passos das nossas montanhas... se me não esqueceram já, tambem, a mim,» accrescentou suspirando.

Sir Thomaz convidou-o para cear, repetindo as suas desculpas. Miss Lidia não se oppoz, notando no seu hospede um certo ar aristocratico. Só o que lhe desagradava n'elle eram maneiras rasgadas de mais, e uma alegria impropria do melancholico typo dos heroes de romance.

Á mesa o coronel, tocando o copo de vinho da Madeira no vidro do do seu commensal, exclamou: — «Tenente della Rebia, vi em Hespanha muitos compatriotas seus... que excellente infanteria d'atiradores!»

— «É verdade, lá ficaram bastantes» replicou o mancebo com tristeza.

— «Nunca me esqueceu o valor d'um batalhão corso na batalha de Victoria; esteve estendido em atiradores nos jardins todo o dia; quando tocou a retirar cuidámos que, apanhando-o na planicie, chegava emfim a nossa vez... qual desforra! Formaram quadrado, e fosse lá ó diabo rompe-lo. No meio d'elles andava um official montado n'um cavallo preto; firme no angulo do quadrado a fumar com tanto socego como se estivesse tomando café n'um botequim. Deitei-lhe um, depois outro, tres esquadrões; e nada. Os meus dragões fizeram dois meia volta, e a maldicta musica dos corsos a assoprar. Quando levantou o fumo, vi no mesmo angulo o official do cavallo preto chupando no eterno cigarro. Desesperei, e puz-me á frente da ultima carga. A polvora tinha-se-lhe acabado, mas os soldados, sobre seis filas, apontavam-nos as bayonetas. Era um muro de ferro. Gritei, amaldiçoei, e cheguei as esporas ao cavallo para puxar os dragões; tudo debalde. Então o official tirou o cigarro da bocca, e mostrou-me com o dedo a um dos seus, dizendo: *Al capello bianco*. Eu trazia penacho branco. Não ouvi mais nada. Zuz! veio uma balla, e varou-me o peito. Que batalhão aquelle, decimo oitavo de ligeiros corsos, Sr. della Rebia!»

— «Era firme, era; respondeu Orso, ao qual os olhos brilharam com viveza. Sustentou a retirada e salvou a aguia. Mas quasi a metade lá dorme hoje nos campos de Victoria.»

— «Por acaso saberá o nome do commandante?»

— «Pois não sei!... era meu pai... Ganhou n'esse dia as dragonas de coronel.»

— «Seu pai!... com mil demonios, juro-lhe que não se póde ser mais valente. Ainda agora o conhecia, se o visse...»

— «As suas campanhas estão acabadas» retrucou Orso fazendo-se pallido.

— «Morreu em Waterloo?»

— «Não, coronel, escapou de lá para ir... expirar á Corsega... haverá dois annos... Jesus! que lindo mar. Ha dez annos que não via o Mediterraneo. Não lhe parece mais bello do que o Oceano, minha senhora?»

— «É muito azul... e demais as ondas não teem magestade.»

— «Como gosta de sitios alpestres, já lhe asseguro que ha de gostar muito da Corsega.»

Miss Lidia despediu-se de seu pai, cumprimentou Orso com uma cortezia solemne e retirou-se. Os dois ficaram conversando de caçadas e de guerras. Souberam que em Waterloo estavam frente a frente. A harmonia ainda se augmentou mais entre elles. Criticaram Napoleão, Wellington e Blucher, traçaram o plano d'uma caçada de javalis, e tendo achado o fundo ás corpolentas garrafas, separaram-se mutuamente satisfeitos d'aquella amizade, encetada de um modo tão ridiculo.

ESTATUA DE S. VICENTE DE PAULO.

A PRECEDENTE gravura é um transumpto da estatua de S. Vicente de Paulo, feita por Mr. Raggi para a igreja da Magdalena em Paris. Abbreviaremos aqui a relação da vida de um varão sancto, brasão do christianismo e da humanidade.

Guilherme Paulo e sua mulher Bertranda habitavam n'um logarejo da freguezia de Pony (1), diocese de Acqs, para a parte dos Pyrennéus: todos os seus bens constavam de umas barracas, e de algumas courelas que elles mesmos cultivavam. Tiveram seis filhos, dois d'elles rapazes: o terceiro na ordem do nascimento foi Vicente de Paulo, que nasceu a 24 d'abril de 1576. Até a idade de doze annos, Vicente acompanhou o trabalho da familia guardando o gado: d'essa idade o mandou seu pai estudar com os franciscanos de Acqs, e as felizes disposições que mostrou deram azo a que attendessem por elle. Para o diante um magistrado de Pony lhe confiou a educação de seus filhos; e o encargo de preceptor não arredou o mancebo da applicação ao estudo. Tendo aprendido de seus mestres quanto lhe podiam ensinar, foi procurar instrucção maior á universidade de Saragoça, e depois a Tolosa onde cursou sete annos de theologia e alcançou o grau de bacharel, que então não era facilmente concedido. Para obter o capello de doutor era necessario explicar publicamente as sagradas lettras ou o mestre das sentenças: não está bem averiguado se Vicente teve maior grau que o de bacharel; mas, emfim, a pouca ambição que a este respeito mostraria nada prova contra o seu saber, que parece ter sido solido e sufficientemente dilatado.

Aos 25 de setembro de 1600 recebeu as ultimas ordens; e a idéa de dizer a missa nova lhe causou um temor que parecia espanto; não se achou com animo de celebrar em publico um acto que tinha por tão serio: a tradição refere que buscou um sitio apartado e solitario, onde celebrou a primeira vez, sem mais testimunhas que um sacerdote para lhe assistir e um sacristão para ajudar, n'uma ermida da Virgem, no cimo d'um monte entre mattas.

Passado algum tempo Vicente de Paulo passou-se a Marselha para receber uma quantia que lhe deviam. Chegada a occasião de voltar a Tolosa por terra como intentava, um fidalgo do Languedoc, com quem morava, o resolveu a tomar a via maritima para Narbonna: era no mez de julho, boa a estação, e contavam chegar n'essa mesma tarde; mas não aconteceu assim. Vicente de Paulo deixou uma relação dos accidentes verdadeiramente romanticos d'esta viagem, em uma carta que foi achada cincoenta annos depois, e que elle tivera tenção de supprimir.

«Embarquei-me (diz) para Narbonna, afim de ir mais depressa e poupar, ou, mais exactamente, para não chegar lá e perder tudo. O vento era tão favoravel quanto bastava para nos levar a Narbonna no mesmo dia (cincoenta leguas de caminho) se Deus não tivesse permittido que tres bergantins turcos que costeavam o golpho de Lyão para apanhar as barcas que vinham de Beaucaire, onde se fazia uma feira que se reputa das mais excellentes da christandade, portassem sobre nós e nos atacassem tão vivamente que, mortos dois ou tres e feridos todos os mais e tambem eu de uma frechada que me servirá de repertorio toda a vida, tivessemos de nos render áquelles traidores. Os primeiros impetos da sua raiva foram cortar o nosso piloto em mil boccados, por terem perdido um dos seus principaes afóra quatro ou cinco forçados que os nossos lhes mataram: feito isto nos acorrentaram, e depois de nos terem curado toscamente, proseguiram na sua derrota, commettendo mil roubos, dando todavia liberdade aos que se rendiam sem combate, mas depois de os terem roubado. A final, carregados de fazendas, ao cabo de sete ou oito dias tomaram o rumo de Berberia, covil e espelunca de ladrões sem auctoridade do grão turco; chegados alli, nos expozeram á venda, com um auto da nossa captura, que diziam feita a bordo de um navio hespanhol; porque, se não fôra esta mentira, seriamos libertados pelo consul que o rei tem n'aquelle logar para tornar livre o commercio dos francezes: o seu proceder para a nossa venda foi, depois de nos terem despojado, dar a cadaum um par de ceroulas, uma fardeta de linho com um barrete, e passear-nos pela cidade de Tunes, onde vieram de proposito para nos vender. Tendo-nos feito dar cinco ou seis voltas por toda a cidade em redondo, de corrente ao pescoço, nos reconduziram á barca para que os mercadores podessem vir alli presenciar qual comia bem e qual não, e para lhes mostrar que os nossos ferimentos não eram mortaes. Acabado isto, nos tornaram a levar á praça onde os mercadores nos vieram examinar inteiramente como se faz para a compra de um cavallo ou de um boi, fazendo-nos abrir a bocca para verem os dentes, apalpando as costellas, sondando as feridas, fazendo-nos caminhar a passo, trotar e correr, e depois levantar pezos e luctar para conhecer a força de cadaum; e outras mil castas de brutalidades. Eu fui vendido a um pescador, que foi obrigado a desfazer-se logo de mim, porque nada me é tão contrario como o mar; passou-me a um velho, medico espagirico, soberano manipulador de quintas essencias, homem muito humano e tractavel, o qual, segundo elle proprio me disse, tinha trabalhado o espaço de cincoenta annos em pesquiza da pedra philosophal: estimava-me muito, e gostava de me conversar sobre a alchimia, e depois sobre a sua lei, á qual muito diligenciava attrahir-me, promet-

(1) Vid. o nosso artigo sobre as Landes in fine pag. 36.

tendo-me bastantes riquezas e toda a sua sciencia. Deus me inspirou sempre uma confiança de livramento pelas assiduas orações que lhe eu fazia, e á Virgem Maria, só pela intercessão da qual eu creio ter sido libertado. Estive, pois, com aquelle velho desde setembro de 1601 até agosto de 1606, em que foi embargado e levado ao grão sultão para trabalhar com elle; mas debalde, porque morreu de pena no caminho. Deixou-me a um seu sobrinho, verdadeiro antropomorphita, que me vendeu logo depois da morte de seu tio, porque ouviu dizer o como M. de Bréves, embaixador do rei na Turquia, vinha com válidas e expressas cartas do grão turco para restaurar todos os escravos christãos; um arrenegado de Nice na Saboia, inimigo natural, me comprou e levou para o seu temar, que assim se chama a propriedade que qualquer tem como rendeiro do grão senhor; porque alli o povo nada possue, tudo é do sultão. O temar d'aquelle era na serra, onde o paiz é extremamente calido e deserto. Uma das tres mulheres d'elle era grega christã, mas scismatica; outra era turca que serviu de instrumento á immensa misericordia de Deus para tirar seu marido da apostasia e torna-lo ao gremio da igreja, e a mim remir-me da escravidão. Como era curiosa de saber o nosso modo de viver, vinha todos os dias aos campos onde eu cavava, e n'um dia me ordenou que cantasse os louvores do meu Deus. A lembrança do — «Como cantaremos nós em terra estranha?....» — dos filhos de Israel captivos em Babylonia, me fez começar com as lagrimas nos olhos pelo psalmo *Super flumina Babylonis*, depois a *Salve rainha*, depois outras muitas cousas; no que ella tomava tanto recreio que era maravilha; não deixou de dizer a seu marido á tarde que não tivera razão em abandonar a sua religião, que ella julgava extremamente boa, segundo uma informação que lhe eu dera do nosso Deus, e os louvores que eu cantára na presença d'ella; no que dizia ter experimentado uma satisfação tal que o paraizo de seus pais, o que ella esperava, não julgava tão glorioso, nem acompanhado de tanta alegria, como o contentamento que tinha sentido em quanto eu louvára o meu Deus; concluindo que n'isto havia algum prodigio. Esta mulher, como outro Caipha, ou como a burra de Balaam, tanto fez com o seu discorrer que seu marido no seguinte dia me disse que só dependia de uma opportunidade o escapar-nos para França; mas que elle daria tal volta que dentro em bem pouco tempo bemdiriamos a Deus. Este bem pouco tempo durou dez mezes que me elle entreteve n'esta esperança, no termo dos quaes nos escapámos com um pequeno batel, e nos passámos a Aguas-mortas aos 23 de junho e logo depois a Avinhão, onde o senhor vice legado recebeu publicamente o renegado com as lagrimas nos olhos e suspiros do coração.»

Vicente de Paulo foi levado a Roma pelo vice legado, e d'ahi voltou incumbido, pelos embaixadores de Henrique IV, de uma importante commissão para este principe. Alojou-se com um juiz d'um pequeno logar chamado Sore, situado nas Landes e no districto do parlamento de Bordéus: Vicente era do mesmo cantão, e por economia haviam tomado um quarto, despeza ao meio. O juiz de Sore, erguendo-se um dia de madrugada, foi á cidade tractar de alguns negocios, e esqueceu-se de fechar um armario, onde mettêra o seu dinheiro: Vicente, que se achava um tanto incommodado de saude, ficou de cama aguardando por um remedio que deviam trazer-lhe. Chegando o official do boticario, e procurando um copo no armario que via aberto, achou o dinheiro e o tomou, mostrando á saida apparencia de tranquillidade. A quantia era de 400 escudos: o juiz, á volta, espantou-se de não achar o seu peculio: pediu-o magoado, e depois com grande cholera, a Vicente de Paulo, que respondeu que nem o tomára, nem víra tomar. Foi bastante para redobrar o fogo do juiz, que rebentou sem attenções; as minguadas circumstancias de Vicente de Paulo, o seu silencio e até a sua paciencia, lhe serviram de provas: expulsou-o da sua companhia, e deu ás suas suspeitas, ou antes á sua convicção, a maior publicidade. Por seis annos carregou sobre Vicente o pezo d'esta accusação; a final o verdadeiro ladrão foi descoberto em Bordéus e confessou o delicto: admirou-se então a paciencia e resignação do sacerdote; e quanto maior fôra a injustiça para com elle, tanto mais convidava a que o respeitassem e amassem. — Em 1610 Margarida de Valois o tomou por seu capellão ordinario: o palacio d'esta princeza não era um logar de edificação, Vicente conheceu que alli a sua fé vacillava; parece que o terror que experimentou descobrindo o que se passava na sua alma foi exactamente o que o decidiu áquelle grande impulso de charidade ao qual deve o viver eternamente na memoria dos homens. N'um dia que se achava todo occupado da violencia da sua pena e da maneira de lhe obstar para sempre, tomou a firme e inviolavel resolução de consagrar toda a sua vida a bem dos pobres. Assim que formou este generoso designio, o seu coração gozou serena e perfeita liberdade. E pouco depois recolheu-se ao domicilio de Pedro de Berulo, fundador da congregação do Oratorio. Em seguida foi successivamente cura da parochia de Clichy; preceptor dos tres filhos de Manuel Gondi, conde de Joigny; e cura de Châtillon. N'esta ultima parochia é que fundou a confraria da Charidade, que foi o modelo de todas as que depois se estabeleceram em França. Diremos a razão da origem d'este instituto. *(Concluir-se-ha.)*

Passeios de Lisboa e seu termo em 1603.

Os seguintes extractos são passagens litteralmente trasladadas dos Dialogos de Luiz Mendes de Vasconcellos.

«Cobre Lisboa os outeiros e valles, que já dissemos, com as fabricas das casas e templos, dando com isto grande commodidade de alegre vista aos mais dos seus moradores; porque, das mais das casas, estando edificadas nas ladeiras e cumes dos montes, se vê grande parte da cidade, e do seu rio, e de outras junctamente com algumas hortas; porque está de tal sorte assentada esta cidade que, saindo d'ella alguns braços nobremente povoados, abraçam entre si amenissimos valles, plantados de hortas, que todo o anno alegram a vista, variando em diversos tempos a verde hortaliça com que os practicos agricultores cobrem a sua terra. E assim da maior parte das casas se vê uma grande machina de unidos edificios, ou juncto com isto o mar ou as verdes hortas; e se estas vistas são alegres, julgue-o quem o goza. E as casas que estão chegadas ao mar, de modo que d'ellas se veem distinctamente as grandes e pequenas embarcações, umas ancoradas e outras navegando, que coliseu, que circo e que theatro com novos espectaculos se lhe póde comparar?... Pois não só tem esta varia vista, mas estendendo-a mais sobre as espaçosas aguas do rio, estão-se vendo da outra parte resplandecer entre os horisontes da manhã e raios do sol á tarde as brancas casas das quintas e logares n'ella edificados. E não só gozam d'esta alegre e formosa vista aquelles a quem coube por sorte viver em casas d'onde a tenham, mas

todos os homens que vem a esta cidade podem gozar d'ella indo passear aos outeiros de Nossa Senhora da Graça, do Carmo, do Castello, de Sancta Catharina, e das Chagas... E áquelles que se recrearem de passear em grandes e espaçosas praças tem a do Rocio, que se não sabe, em outra cidade, de outra tamanha, cercada de nobres casas e grandes templos, e o Terreiro do Paço, que tenho por maior, medindo desde os Paços até os Contos, o qual tendo pela parte da terra estas illustres e reaes fabricas dos Paços e Contos, tem pela do mar ordinariamente tantos navios postos com as prôas em terra, e outros ancorados, que os mastros e antenas parecem um grande bosque de espessas arvores. Pois o passeio de S. Roque até descobrir a Boa-Vista não póde ser cousa mais agradavel, vendo, depois que se sáe dos Moinhos de Vento, de uma parte o valle da Annunciada cheio de hortas e illustres casas até Andaluzes, e da outra a Boa-Vista e todo o seu mar até fóra da barra: e os passeios dos caminhos de Belem e de Enxobregas, para quem os quizer mais largos, que cidade tem outros mais alegres nem com melhores fins, acabando um no sumptuosissimo e real mosteiro de Belem, digno enterro dos nossos reis, e o outro na devota e sancta casa da Madre de Deus e no religioso convento de S. Francisco. E o passeio do mar não é inferior a nenhum dos referidos; porque olhando para a terra se vê, não sem admiração, a grande cidade que se levanta sobre as ladeiras que olham para aquella parte, e para o mar innumeravel quantidade de navios e barcos fazendo outra grandissima cidade naval. E para que tudo seja sempre ledo, depois que o sol apparece sobre o nosso horisonte, até que (como fingem os poetas) mette o seu carro nas aguas do Oceano, não deixa de espalhar os seus raios por cima de toda a cidade, como que a faz muito mais alegre e deleitosa á vista.»

»O pescado d'este rio e do mar d'esta costa de Lisboa é tanto e tão bom que, como cousa tão manifesta, não ha que dizer senão encommendar a quem o quizer saber que passeie a Ribeira onde se vende... mas porque não se creia que uso, como os poetas, de encarecimentos, uma só cousa direi que mostrará clarissimamente que são n'isto muito curtas as minhas palavras, e n'ella tambem vereis a grandeza d'este povo. É obrigada a camara d'esta cidade a dar cestos aos pescadores que chegam á Ribeira para lavar o pescado que trazem, e os pescadores em recompensa dão, sem obrigação que a isso tenham, o pescado que querem a quem lhes dá estes cestos: encommenda a camara isto a certos homens, os quaes dão os cestos aos pescadores e recolhem o peixe que elles livremente lhes dão, do qual o terço é da camara, e as outras duas partes, dos homens que teem isto a seu cargo. A camara importa o terço 800$000 réis em que o traz arrendado, e com o que fica vivem onze homens, que tantos são os que dão estes cestos.»

«O que chamâmos Termo de Lisboa terá pelo mais comprido, que é de Torres até Cintra e Cascaes, dez leguas, e pelo mais largo cinco. Este circuito de terra é tão povoado, como ja disse, sendo as estradas principaes quasi uma continuada cidade. E assim parece que, quando fôra muito fertil, não poderia alcançar a mais que sustentar a muita gente que n'este limite habita; e não só faz isto, mas é tão grande a quantidade de cargas que entra cada dia em Lisboa, só d'este espaço, de toda a sorte de mantimentos que não é possivel dizer numero certo; porque sendo quatro as estradas principaes por onde vem, que são Enxobregas, Arroios, Andaluz e Alcantara, cadanma d'ellas, principalmente as tres ultimas, a qualquer hora do dia que por ellas se caminhe, se vê a estrada continuamente acompanhada das cargas que entram e das cavalgaduras que sáem descarregadas; e já vi tão espessas as que entravam e as que saíam que comparava a estrada á das formigas, da eira para o formigueiro, e do formigueiro para a eira, umas carregadas e outras vazias; e não trazem um só mantimento, mas todos os que usâmos para sustento e para regalo, trazendo trigo, cevada, vinho, azeite, hortaliças, fructas de todas as sortes e de todos os tempos, leite, nata e manteiga todo o anno, cabritos, coelhos e perdizes; e como um perenne rio está isto continuadamente correndo, e todas estas cousas vem com tanta abundancia que não só se vendem nas praças, mas as mais d'ellas pelas portas, o que não ha em nenhuma outra cidade das que se tem por abundantes; e se esta cidade não fôra mais provida que todas, sabendo os que as vendem que de necessidade as haviam de ir a comprar á praça, não tomaram o trabalho de as trazer pelas portas, e tomando-o é cousa clara que a muita abundancia os desconfia da venda; e tem razão, para o que só direi o exemplo da fructa de Collares, pequeno logar d'este districto, a qual é tanta que rende a siza d'ella um conto de réis, que são de principal vinte e cinco mil cruzados, cousa que parece incrivel; e considerando a este respeito as outras, bem se vê a abundancia que de todas haverá, e pelo conseguinte que d'ella procede a diligencia da venda. E quem vir só o que ha de Sacavem até Friellas ao longo do rio, conhecerá que em tudo o que disse da fertilidade do Termo de Lisboa fico curto; pois, em só uma parte, tão pequeno districto tem cousas tão esplendidas e que melhor próvem a fertilidade; porque aqui se vê um deleitoso e util rio navegavel em tudo este espaço, que regando de uma parte ferteis valles, da outra faz copiosas marinhas; e pela terra da parte de Sacavem ha tantos logares, quintas, vinhas, pomares, e outras muitas ferteis e deleitosas propriedades que excedem não só á capacidade d'este pequeno districto, mas á de outro muito maior; e considerando isto, vejo que não tem tanta o tempo nem a minha lingua que possa explicar a largueza com que Deus beneficiou a todo o Termo d'esta cidade de Lisboa, pelo que o deixo.

Mas tambem saíndo fóra d'elle que cousa ha que se compare com os logares de seus campos, que do mesmo modo são povoados e ferteis, e tanto que de Sacavem até a Castanheira, que são quatro leguas, se veem doze logares, postos no caminho ou juncto d'elle, e alguns grandes e lustrosos, e todos tão abundantes de tudo que do mesmo modo proveem pelo rio a cidade de todas as cousas necessarias, tão copiosamente, que entram todos os dias n'ella, só das embarcações do rio, assim d'estes logares como dos mais que juncto a elle estão assentados, sem contar as que vem de fóra da barra, a roda de cento e cincoenta carregadas de mantimentos, sendo este um manifesto signal da grandeza d'esta cidade; porque o que trazem estas barcas e tudo o mais que cada dia entra n'ella se gasta, de sorte que é necessario haver esta continuação para ser bem provida. Pois que diremos dos fertilissimos campos que rega o Tejo, creados por particular Providencia de Deus para a grandeza d'esta cidade, pois fôra impossivel sem elles sustentar se... Diz Diodoro Siculo que toda a abundancia da India, que é grande, procede da inundação dos rios. Do mesmo modo estes fertilissimos campos, recebendo em si a agua das enchentes do Tejo, se fazem tão fecundos que em sete semanas se semeia e colhe, produzindo tão copiosamente que eu sei colher um lavrador de um moio de trigo cincoenta.»

«O logar onde se vendem as cousas necessarias á vida (de que Aristoteles faz muito caso) está na mais com-

moda parte que póde ser; porque (diz elle) que deve estar em parte accommodada para com facilidade virem a ella as cousas do mar e da terra: e assim vemos n'esta cidade — a Ribeira que é a praça onde se vendem todas as cousas de comer — a Rua Nova e Pelourinho Velho, onde se acham as de vestir e fazem as almoedas — assentadas de modo que da terra e do mar se vem a ellas com grandissima facilidade; porque os que vem do mar ahi desembarcam, e os da terra, sem subir nem descer nenhuma ladeira, por caminho chão suavemente chegam a estas partes, e não falta a estes logares a commodidade que Vitruvio n'elles considera; porque diz elle que as cidades maritimas devem ter a praça juncto ao porto; — e assim estão a Ribeira, Rua Nova e Pelourinho Velho — e se forem dentro da terra, e apartadas do mar, que a praça se porá no meio d'ellas, para que os moradores com igual commodidade se possam prover d'ella; — a qual não falta a estas praças de Lisboa, porque como ella é quasi em dobro mais comprida do que larga, ficando estas praças no meio do comprimento estão com pouca differença em igual distancia dos extremos. » —.

Os Templarios.

(Continuado de pag. 134.)

Todo o auxilio que lhes proporcionou o papa, com quem contavam e a quem invocavam como a Deus, foi uma timida e frouxa consulta, em que intentou interpretar a palavra *relapso*, no caso que se quizesse applicar este nome áquelles que se tivessem retractado de suas confissões. — « Parece, de algum modo, contrario á razão julgar taes homens como relapsos. Em cousas semelhantes duvidosas é necessario restringir e moderar as penas. » — Os commissarios pontificios não se atreveram a fazer que prevalecesse esta consulta: responderam, no domingo pela tarde, que sentiam grande compaixão para com os defensores da ordem e os outros irmãos; mas que o negocio de que tractavam o arcebispo de Sens e seus suffraganeos não era o que incumbia a elles commissarios; que elles não sabiam o que se passava n'aquelle concilio; que se a commissão estava auctorisada pela sancta sé, tambem o arcebispo de Sens o estava; que ella não tinha poder sobre aquelle; que não viam *á primeira vista* de que fazer objecção ao dicto arcebispo; que comtudo pensariam. — Em quanto os commissarios pensavam no caso, tiveram noticia de que cincoenta e quatro templarios iam ser queimados: fôra sufficiente um dia para esclarecer o arcebispo de Sens e os seus suffraganeos. — Sigamos passo a passo a narração dos notarios da commissão pontificia na sua terrivel simplicidade.

« Na segunda feira 12, durante o interrogatorio de Fr. João Bertaud, chegou ao conhecimento dos commissarios que cincoenta e quatro templarios iam ser queimados. Encarregaram o prioste de Poitiers e o arcediago de Orléans de dizerem ao arcebispo de Sens e a seus suffraganeos que deliberassem com madureza e deferissem a sentença, visto que os freires mortos na prisão tinham affirmado, segundo se dizia, sobre a sua salvação, que eram accusados sendo innocentes: que se a execução tivesse logar, impediria os commissarios de fazerem o seu officio, estando os accusados por tal modo horrorisados que pareciam perdidos do juizo. Além d'isso, um dos mesmos commissarios incumbiu-os de significar ao arcebispo que Fr. Raynaldo de Pruin, Pedro de Boulogne, Guilherme de Chambonnet e Beltrão de Sartiges, cavalleiros, tinham interposto certa appellação perante os commissarios. »

O caso era de grave questão de competencia de jurisdicção. Se o concilio e arcebispo de Sens reconhecessem a validade de uma appellação dirigida á commissão papal confessavam a superioridade d'este tribunal; e as immunidades da igreja gallicana ficavam lesadas. Por outra parte, instavam sem duvida as ordens do rei; ó mancebo Marigni, creado arcebispo expressamente, não tinha tempo para disputar: retirou-se para não receber os enviados da commissão; depois alguem (ignora-se quem) poz duvida que elles fallassem em nome da commissão; Marigni duvidou tambem, e seguiu ávante.

Os templarios conduzidos no domingo ao concilio foram julgados na segunda feira; os que confessaram postos em liberdade; os que sempre negaram encarcerados por toda a vida; os que retractaram as confissões declarados relapsos: estes ultimos, em numero de cincoenta e quatro, foram no mesmo dia exauctorados pelo bispo de París e entregues ao braço secular: na terça feira foram queimados diante da porta de St.º Antão. Estes desgraçados tinham variado nas prisões; mas não variaram nas chammas, protestaram até as ultimas a sua innocencia. A turba assistente estava muda e como estupida de assombro.

Quem accreditaria que a commissão pontificia teria animo para reunir-se no dia seguinte, continuar o inutil processo, e interrogar uns em quanto queimavam outros? . . . — « Na terça feira, 13 de maio, foi trazido perante os commissarios Fr. Aymerico de Villars-le-duc, de barba rapada e sem capa nem habito do Templo, de idade, ao que dizia, de cincoenta annos, tendo servido na ordem oito annos como irmão servente e vinte como cavalleiro: os senhores commissarios lhe explicaram os artigos sobre que devia ser interrogado. Mas a dicta testimunha, pallida e toda espantada, depondo debaixo de juramento d'alma e dizendo que de subito morresse elle se mentisse, e fosse, na presença mesmo da commissão, em corpo e alma subvertido no inferno, ferindo o peito com os punhos, prostrando-se de joelhos e erguendo as mãos para o altar, declarou que todos os erros imputados á ordem eram de inteira falsidade, posto que elle tivesse confessado alguns no meio dos tractos a que o expozeram Guilherme de Marcillac e Hugo de Celles, cavalleiros do rei. Accrescentava que tendo visto levar em carroças, para serem queimados, cincoenta e quatro freires da ordem, que não tinham querido confessar os dictos erros; e tendo ouvido dizer que com effeito foram queimados, elle que receava, se o mesmo lhe acontecesse, não ter bastante força e paciencia, estava prompto a confessar e jurar por temor, perante os commissarios ou quaesquer outros, todos os erros assacados á ordem, e a dizer até, se assim quizessem, *que tinha morto Nosso Senhor Jesus Christo*. . . Supplicava, e conjurava os dictos commissarios, e nós notarios presentes, que não revelassemos ás justiças do rei o que acabava de dizer, temendo, se o soubessem, ser entregue ao mesmo supplicio dos cincoenta e quatro cavalleiros. Os commissarios vendo o perigo que ameaçava os declarantes, se elles continuassem a ouvi-los durante aquelle tempo de terror, e levados tambem de outros motivos, resolveram sobreestar na causa por agora. »

A commissão parece que se commovêra com esta scena terrivel: posto que enfraquecida pela deserção do seu presidente, o arcebispo de Narbonna, e do bispo de Bayeux, que já não vinham as sessões, intentou salvar, se ainda fosse tempo, os tres principaes defensores. *(Continúa.)*

ROUSSILLON.

O antigo condado do Roussillon era apenas uma parte da extensão de territorio que depois teve esse nome, e hoje incorporada na França fórma o departamento dos Pyrennéus. Esta região chamava-se em tempos remotos *regio sardonum*, verosimilmente por causa de uma colonia que os romanos para ahi levaram da Sardenha. A cidade de *Ruscino*, colonia romana, foi a que deu nome á comarca de que era capital, e foi n'ella que os reis celtas tectosagos, no anno 536 de Roma, se ajunctaram para deliberar nos meios de impedir a Annibal atravessar os dominios d'elles, por temor de que attentasse contra suas liberdades. Presume-se, porém, que esta cidade fôra destruida ou pelo menos assolada pelos vandalos ao entrarem na Hespanha. Já não é mencionada Ruscino na historia da expedição do rei Vamba contra o duque Paulo, escripta no reinado d'aquelle principe por Juliano, bispo de Toledo, posto que n'ella se falle de Elne e de todas as fortalezas da região: o mesmo silencio se observa no julgamento publicado então contra os rebellados, e que é uma relação abbreviada da expedição: finda esta, ao voltar a Hespanha, Vamba demorou-se dois dias em Elne, que, sem duvida devia ser a cidade mais importante: Constantino dera-lhe o nome de Helena em honra da imperatriz sua mãi; não é pois para admirar que ella fosse a capital do Roussillon depois da ruina de Ruscino, de que já não ha memoria no dominio dos visigodos.

O castello do Roussillon está edificado no assento da antiga Ruscino a uma legua de Perpinhão. Ainda se encontram em excavações medalhas romanas, e alicerces de edificios que mostram ter sido extensos; em 1768 se desenterraram numerosas columnas, capiteis, cornijas e varios sócos de marmore. — Da cidade não restam mais vestigios que uma torre notavel por antiguidade, fragmentos de banhos publicos, e alguns pedaços de muralha: a torre é redonda e em posição admiravel, apparece de longe denegrida pelos seculos. Muitos pardieiros, obra de seis ou sete casas construidas ao pé da torre, uma ermida velha que serve de venda, é quanto enfeita a antiga colonia romana, e essas mesmas habitações arruinadas não são mais do que restos do castro levantado sobre os destroços da cidade. — Tal é em toda a parte a acção do tempo e o andamento dos seculos!

Biographia de S. Vicente de Paulo.

(Continuado de pag. 141.)

N'um dia de festa, estando Vicente de Paulo para fazer uma exhortação aos fieis, M.me de la Chassaigne o deteve por um instante e lhe rogou que encommendasse á charidade dos seus comparochianos uma familia extremamente pobre, da qual tinham caído enfermos quasi todos os filhos e criados n'um casal a meia legua do Châtillon. Conformou-se elle com o pedido, e demonstrou com bastante energia aos seus ouvintes a necessidade de soccorrer os pobres, sobre tudo quando a doença se ajuncta á indigencia e não estão no caso de se alliviarem por seus recursos, como succedia aos que alli recommendava: foi tão persuasivo que, depois da prégação, muitos dos que a ouviram foram visitar aquella familia pobre, e nenhum com as mãos vasias; levaram-lhe alimentos com profusão. Vicente, testimunha d'este zelo, não o achou bem entendido. — Eis-aqui (disse) um grande acto de charidade, porém não é bem regula-

do. Aquelles pobres terão muito provimento ao mesmo tempo, porém parte se estragará e perderá, e depois recairão na primeira mingua. Esta reflexão moveu Vicente de Paulo a examinar os meios pelos quaes se poderiam soccorrer com regularidade as familias que se achassem em igual precisão. Conferenciou com algumas pessoas ricas e caridosas, e por fim organisou a confraria. Vinte e quatro pessoas do sexo feminino, de Châtillon, foram as primeiras nomeadas para assistir aos enfermos, sob a direcção de uma regente que d'entre si escolheram. É notavel o regulamento escripto por Vicente de Paulo : citâmos o artigo 10.°, como exemplo da singeleza e bondade que por todo elle respiram. — « Para que uma associação, que muitas vezes não é composta senão de pessoas obrigadas a viver do trabalho de suas mãos, não faça prejuizo ao governo da casa das que forem dignas de ser admittidas, as irmãs da confraria assistirão por seu turno aos doentes por um dia sómente. Prepararão o alimento dos enfermos e lh'o servirão por suas proprias mãos ; procederão para com elles como a mãi cheia de ternura para com o proprio filho ; e procurarão distrahi-los e alegra-los se parecerem muito succumbidos da molestia. » — Os bons creditos e resultados da confraria foram rapidos, e começaram logo a imita-la em todas as cidades circumvisinhas, e depois em toda a Lorena, na Saboia e na Italia. A familia do conde de Joigny, da qual Vicente fôra preceptor, não podia costumar-se a viver separada do seu mestre; resolveu-o a recolher-se ao seu gremio, conservando porém a liberdade de fazer missões. Ao mesmo tempo visitava elle os hospitaes e as prisões. Em 1618 viu em París os calabouços dos torçados das galés, e commoveu-o por tal fórma o horroroso estado de desaccio, e padecimentos do corpo e alma, em que se achavam, que resolveu occupar-se do allivio d'esta classe de miseraveis. Alugou uma casa no arrabalde de Sancto Honorato, fê-la preparar com extrema diligencia, e conseguiu transportar para alli todos os forçados que estavam dispersos por differentes prisões de París. O conde de Joigny, que era o general das galés, lhe concedeu a faculdade de dispôr d'aquelles infelizes á sua vontade. Vicente de Paulo chegou a obter grande auctoridade na consciencia d'elles, e attrahiu grandemente para esta sua obra a opinião publica. Luiz XIII, sobre proposta do conde, nomeou-o capellão geral das galés de França. Seria por 1622 que Vicente, compadecido da desesperação que exprimia um condemnado com a idéa da miseria em que a sua ausencia sepultaria a sua familia, restituíra a esse homem a liberdade ficando no seu logar com o consentimento do official de serviço ; mas este facto tem sido mui contestado.

Em 1623 estabeleceu em Mâcon duas confrarias da Charidade, uma de homens, outra de mulheres. Dois annos depois recolheu-se ao collegio denominado *des Bons-Enfans*, que fôra fundado em 1248, e que pelo novo regulamento fôra especialmente destinado a mandar para toda a parte missionarios — «para instruir o povo dos campos, e exercitar no sagrado ministerio aquelles a quem a salvação d'esse mesmo povo devia ser confiada de futuro. » — Vicente estava angustiado por causa da ignorancia e corrupção de grande parte do clero. — « Devemos (dizia elle) fazer algum esforço para acudir a esta urgente necessidade da Igreja, que se deteriora em muitas partes pela má vida dos sacerdotes ; porque são elles que a arruinam e que a perdem ; e a inda mal que é muita verdade que a depravação do estado ecclesiastico é a causa principal de se desamparar a Igreja de Deus. » — D'este modo a sua actividade e zelo infatigaveis subiam ás origens do damno moral e do physico.

Instituiu em 1623 a congregação das irmãs da Charidade. É quasi o mesmo projecto que o das confrarias da Charidade ; mas a experiencia tinha mostrado que a dedicação das senhoras ricas e nobres não podia manter-se por muito tempo, e ser tão assidua que fosse sufficiente para os cuidados que exigiam os doentes : julgou-se que a melhor resolução era ter serventes que se occupassem unicamente no tractamento dos pobres enfermos. Vicente associou-se a este plano, e o poz brevemente em practica. As primeiras irmãs da Charidade reuniram-se em 1633 sob a direcção de uma pessoa de grande virtude, M.elle Legras. A regra que Vicente formou para esta congregação, que mais tarde se devia estender por toda a França, respira prudencia e sabedoria : estabeleceu a differença que deve existir sempre entre as irmãs da Charidade e as religiosas, recommendando ás primeiras seguirem uma vida tão perfeita como se fossem claustraes ; e accrescenta a este respeito : — «Ellas não teem ordinariamente por mosteiros senão as casas dos doentes, por cella um quarto de aluguer, por capella a igreja da sua parochia, por claustro as enfermarias dos hospitaes, por clausura a obediencia, por grade o temor de Deus, e por véu uma sancta e exacta modestia. » —

A compaixão de Vicente pelos *engeitados* era havia muito tempo vigilante ; porém as circumstancias favoraveis para acudir a mais esta miseria não se lhe offereceram senão correndo o anno de 1648. Antes d'esta epocha os recem-nascidos, que se achavam expostos ás portas das igrejas ou nas praças publicas, eram levados pelos commissarios do Châtelêt para casa de uma viuva na rua St. Landry, que com duas criadas se encarregava de cuidar d'elles. Como o numero das creanças era grande e as esmolas medioeres, a viuva, por falta de sufficiente rendimento, não podia nem conservar amas bastantes, nem alimentar os desmamados ; e assim a mór parte dos meninos morriam de debilidade, ou eram dados a quem os queria, e até vendidos por vil preço, ás vezes por vinte soldos. — Vicente rogou a algumas senhoras nobres que fossem áquella casa, e vissem se poderia evitar-se ou pelo menos diminuir-se tão grande mal. As senhoras horrorisaram-se do espectaculo que appresentava aquella multidão de creanças privadas de tudo ; não podendo tomar á sua conta todos elles, quizeram encarregar-se de salvar a vida de alguns ; tiraram doze á sorte, e, para os accommodar, alugaram em 1638, uma casa juncto á porta de S. Victor. Ensaiaram primeiro crea-los a leite de cabra ou de vacca ; mas depois deram-lhes amas. Comtudo escaceavam recursos para ampliar este beneficio quanto era para desejar. Em 1640, Vicente convocou uma assembléa geral, e persuadiu ás senhoras, que se acharam presentes, encarregarem-se de maior numero de meninos. Para esta obra alcançou de Anna d'Austria e do rei doze mil libras de rendimento, porem as despezas eram cada vez mais pezadas. Algumas vezes estiveram a ponto de desanimar. Foi para reanimar a confiança e para fazer tomar um partido definitivo que Vicente reuniu, em 1648, nova assembléa geral, recitando um discurso em que se acham estas palavras : — « Emfim, senhoras, a charidade vos fez adoptar estas creaturinhas como filhos vossos. Tendes sido mães d'elles segundo a graça depois que os abandonaram suas mães segundo a natureza : vêde se tambem os quereis abandonar. Cessai agora de ser mães para serdes os juizes dos mesmos ; a sua vida ou morte estão nas vossas mãos ; eu vou recolher os votos e suf-

fragios ; é tempo de pronunciar a sua sentença e de saber se já não quereis ter misericordia d'elles. Viverão se continuardes a tracta-los com charitativo desvelo, ao contrario morrerão, perecerão infallivelmente se os abandonardes : a experiencia não vos permitte duvida. » — A assembléa só respondeu com lagrimas. Decidiu-se que, custasse o que custasse, se continuaria o que fôra tão bem começado : as creanças tiveram primeiramente por hospicio o hospital de Bicêtre ; mas era alli o ar muito agudo, e transportaram-n'as depois para o arrabalde de S. Lazaro, para o arrabalde de S. Antão, e para juncto de Nôtre-Dâme.

A vida de S. Vicente de Paulo foi tão abundante e tão fecunda de inspirações charitativas que seria impossivel indicar todos os titulos por que elle merece a gratidão e a admiração da posteridade. Não fallaremos dos soccorros que colligiu em beneficio da Lorena, quando esta provincia foi assolada pelos suecos em 1639, a favor da Picardia e da Champagne nos alborotos da discordia cognominada da Fronde, a pró dos pobres sacerdotes irlandezes e escocezes durante a revolução ingleza. Passaremos em silencio os seus esforços para desarreigar o costume dos desafios, e os seus conselhos, muitas vezes asperos, á corôa para evitar as funestas dissensões do reino. — Era mister declarar tambem a parte que tomou nas missões destinadas a confortar, allumiar e civilisar povos desgraçados, o zelo com que animou os padres que por convite de Innocencio X enviou a Madagascar. Custa a comprehender o como um homem só, sem outra força mais que a sua palavra, poude prestar á humanidade tantos e tão differentes serviços, e diffundi-los em tanta latitude durante a sua vida e depois da sua morte. A charidade fez todos esses milagres. O nome de S. Vicente de Paulo é do pequeno numero d'aquelles que as nações modernas podem vantajosamente equiparar a quantas memorias illustres e bellas a antiguidade nos legou para honra-las. As glorias mais estrondosas do paganismo perdem o brilho em presença d'aquella virtude tão sincera, tão pura, tão engenhosa.

Eis-aqui o retrato que os historiadores nos deixaram de tão sancto varão. — Era de estatura mediana, tinha a cabeça grande e um tanto calva, testa espaçosa, olhos vivos, olhar meigo, porte grave, e grande affabilidade de maneiras : nos seus modos e gesto reinava aquella singeleza que annuncia a serenidade e rectidão do coração. Seu temperamento era bilioso e sanguineo, e robusta a compleição ; o captiveiro em Tunes verosimilmente a alterou, porque depois de restituido á França foi sempre mais sensivel do que poderia suppor-se ás impressões atmosphericas, e por consequencia mui sujeito a ataques de febre — Era dotado de espirito vasto, circumspecto, e difficil de colher de improviso : quando se applicava seriamente a um negocio, descortinava todas as circumstancias grandes e pequenas, e antevia os inconvenientes e resultados. Quando não podia declarar logo o seu parecer, differia para da-lo até que houvesse pezado as razões pró e contra : mas, se por um lado não era apressado nos negocios, por outro não se assombrava com o numero d'elles, nem com as difficuldades que appresentavam ; proseguia-os com um vigor d'animo superior a todos os obstaculos, e applicava se a isto com sagacidade bem ordenada e luminosa ; supportava o pezo d'elles, as fadigas e os vagares com uma serenidade e paz d'espirito de que só as almas grandes são capazes. Quando se offerecia tractar de algum assumpto importante, escutava com muita attenção quem fallava, sem nunca interromper : se alguem lhe cortava o fio do discurso, parava logo, e quando acabava o interlocutor, tomava o seguimento da oração com admiravel presença d'espirito. Posto que houvesse inventado bastante, ou, para melhor dizer, tivesse feito applicação da charidade sob muitas fórmas novas, estava longe de innovações em todo o genero ; dizia que — « o espirito humano é agil e buliçoso ; que os talentos mais agudos e mais illustrados não são sempre os melhores não sendo refreados ; e que mais seguramente caminham os que se não affastam da senda por onde passou a maioria dos sabios. » —

Crer-se-hia que em outra cousa não cuidava senão nos pobres ; nada o affligia tanto como vêr-se em circumstancias de não os poder confortar : a vista e até só o nome dos infelizes lhe causava uma compuncção que se manifestava na exterioridade : pronunciava em tom repassado de ternura aquellas palavras das ladainhas : Jesus, pai dos pobres » ; e apesar de ser tão senhor de si, logo que lhe annunciavam qualquer grande necessidade de alguma familia ou de algum particular, divisavam-se-lhe no rosto todos ossiguaes de um homem penetrado de afflicção.

Bossuet, em uma carta a Clemente XI, explica-se a respeito de S. Vicente de Paulo da maneira seguinte : — « Tivemos a fortuna de o conhecer logo em nossos tenros annos. As suas piedosas practicas e prudentes conselhos não contribuiram pouco para nos inspirar o gosto da verdadeira e solida piedade e o amor á disciplina ecclesiastica. Na idade avançada em que nos achâmos não podemos recordar-nos d'isto sem alegria extrema . . . Nunca fallava que cada um de nós o não ouvisse com insaciavel avidez, e não sentisse em seu coração que Vicente era um d'esses homens de quem o Apostolo diz : — Se algum fallar, pareça que falla Deus pela sua boeca. — »

Vicente de Paulo passou á eterna vida a 27 de setembro de 1660 : a noticia d'este acontecimento espalhou geral consternação na França. Foi recitada a sua oração funebre por Henrique, bispo de Puy, na igreja de St. Germain-l'Auxerrois. O breve da sua beatificação é datado de 13 d'agosto de 1729.

Mahomet ou Mafoma.

(Vide pag. 96.)

A vida de Mahomet, Mafoma ou Mafamede, como lhe chamaram os nossos escriptores antigos, é um assumpto grave e digno de attenção.

Pertencia Mafoma á tribu dos coraichitas, a mais antiga da Arabia, e os seus antepassados descendiam de Ismael filho de Abrahão (1). Estava n'este tempo sujeita a Arabia a estranho jugo ; os imperadores de Constantinopola, os reis da Persia e da Abyssinia occupavam militarmente a maior parte das provincias da peninsula. Só Meca e as terras sertanejas haviam conservado a sua independencia, sem que lhes alterasse a tranquillidade senão a turbulencia inherente aos costumes dos povos nomades. Além d'isso, Meca era citada como a primeira cidade da Arabia ; a memoria d'Abrahão e de Ismael, a vantagem de encerrar nos seu muros a Caaba ou casa

(1) Nasceu em Meca na segunda metade do decimo oitavo seculo, (pelo anno de 569 de J. C.) Consultae o excellente trabalho de Mr. Reinaud, assim como a *Vida de Mahomet* por Gagnier ; a que Savary poz na frente da sua traducção do Koran ; e a obra de Mr. Grassi, publicada com o titulo de Carta turca, etc.

quadrada, a tornavam um como sanctuario para os arabes. Mas a dominação de tantos povos diversos exercêra poderosa influencia nos animos. As provincias sujeitas aos romanos e abissynios quasi que não eram povoadas senão de christãos e judeus, a religião dos sabeus e dos magos dominava nas provincias persas, as outras seguiam o culto dos idolos.

Os habitantes de Meca, principalmente, se tinham dado a todas as practicas do paganismo. Viam-se dentro da Caaba as estatuas de Abrahão e Ismael com sete flechas na mão, por meio das quaes os idolatras suppunham adivinhar o futuro. Da parte de fóra estavam dispostas trezentas e sessenta estatuas, cada uma das quaes presidia a um dos dias do anno. Umas representavam anjos, outras planetas e estrellas; todas ellas tinham o seu culto especial, os seus adoradores, as suas offerendas. Invocavam-n'as para que fizessem descer a chuva do céu e amadurecer as messes; algumas, segundo diziam, davam thesouros e favoreciam o nascimento dos meninos, como o Pluto e a Lucina dos antigos. Cada tribu, cada familia, podia escolher a divindade que lhe convinha; chegavam a sacrificar victimas humanas a estes deuses de páu, de pedra, de cristal e de bronze.

Mafoma nasceu na idolatria; os seus avós, por muitas gerações, não tinham seguido outro culto. Cedo perdeu seu pai Abdala e sua mãi Amina, dos quaes herdou unicamente cinco camellos e uma escrava ethiope. Mas seu avô, que era um magistrado venerando na Meca, tomou conta na sua educação; e por morte d'este parente, seu tio Abou-Thaled o recebeu em casa. Contava apenas Mahomet treze annos quando emprehendeu com seu tio a primeira viagem á Syria. Usavam então os de Meca, ainda os mais illustres, dar-se ao commercio; elles transportavam para Damasco os aromas e perfumes da India e da Arabia, recebendo em troca trigo, e os pannos e productos do Occidente. Todavia a pobreza de Mafoma oppunha-se á sua elevação; Cadigia, rica viuva de Meca, tomou a seu cargo remover este obstaculo, confiando a direcção do seu commercio ao moço Mahomet, com quem depois casou. Thabari, na sua chronica arabe, celebrou a magnificencia das vodas e o esplendor dos novos esposos. Cadigia estava a completar então os quarenta annos, em quanto que Mahomet ainda não tinha vinte e cinco.

Mahomet, desde o momento em que se viu senhor d'uma fortuna immensa, premeditou, conforme tudo induz a crer, a revolução que em breve havia de effeituar. As viajens tinham-lhe esclarecido o entendimento, e profunda impressão lhe devêra fazer o culto dos judeus e dos christãos. Só elles, com effeito, repelliam a idolatria; só elles reconheciam um Deus unico, a quem tributavam adoração. Mahomet, que tinha feito lhe lessem os livros do Velho e Novo Testamento, deu muitas demonstrações de respeito aos christãos e aos judeus; não contente com admittir os livros sanctos como base da sua religião, adoptou ao principio muitas das suas ceremonias. A historia nada diz ácerca d'esta primeira parte da sua carreira; sabe-se comtudo que se retirava todos os annos para uma caverna visinha a Meca para meditar sobre as cousas celestes. Disse-se que Mahomet não sabia lêr nem escrever, o que é pouco provavel. Talvez que elle quizesse inculcar uma ignorancia completa para prova de que as suas prégações futuras não podiam ser filhas do raciocinio de um homem privado de toda a instrucção, e que as suas palavras só deviam ser consideradas como inspirações do Altissimo.

Divulgou-se a final a sua falsa missão. Um dia que estava encerrado na caverna, appareceu-lhe, segundo elle mesmo contou, o anjo Gabriel, e mostrando-lhe as instrucções que trazia dos céus, saudou-o com o titulo de apostolo do Eterno. Mahomet voltou logo para casa e deu parte da sua aventura a Cadigia, a qual, sem hesitar, lhe deu credito. Este exemplo foi seguido por Ali, filho de Abou-Thaleb, e tambem por Abou-Bekr, que succedeu a Mafoma. A nova religião contou em breve no numero dos seus discipulos Osman e outros personagens celebres. Todos elles tiveram o nome de *musulmanos*, d'uma palavra arabe que significa « entregar-se nas mãos de Deus » Firmava-os Mahomet na sua crença, e fortalecia-lhes o zelo por meio de revelações, que dizia receber do céu de tempos a tempos. Ao cabo de tres annos de occultas diligencias resolveu Mahomet apparecer ao dia claro; convidou para um banquete os seus tios e outros parentes que tinham até alli persistido no culto dos idolos, e expoz aos convidados os vicios da idolatria; provou-lhe que debalde esperariam bens de imagens informes que não viam nem ouviam: « Ha ahi entre vós alguem que queira ser meu visir e meu immediato, exclamou elle, como Aarão o foi antigamente de Moysés? » Ao ouvir estas palavras o joven Ali, que apenas tinha doze annos, respondeu: « Sim, apostolo de Deus, serei teu visir, teu immediato. »

Fazia progressos a nova religião. Entre os proselytos notava-se Hamza, tio de Mafoma, e Omar que depois foi kalifa. O primeiro, com um genio fogoso e irritavel, foi attrahido pelas perseguições que começavam a suscitar contra seu sobrinho; ao segundo tocou-lhe o coração a leitura d'uma passagem do Koran. Á medida que o poder do innovador crescia, mais se irritavam os seus inimigos: e já as duas parcialidades se não encontravam sem travar brigas. Mahomet resolveu dissimular, e esteve algum tempo escondido, limitado ao tracto dos seus amigos. No tempo das ceremonias da peregrinação, quando em Meca se reuniam todas as tribus da Arabia, approveitou-se d'este immenso concurso do povo para insinuar a sua doutrina aos estrangeiros; tomava-os de parte, e recitando-lhes alguns capitulos do Koran, dizia-lhes: « Eu sou o apostolo de Deus; o livro que vos annuncio prova a verdade da minha missão. O senhor vos manda que rejeiteis o que é indigno d'ella, e que o sirvaes a elle só; quer tambem que creaes em mim e que me obedeçaes. »

Chegaram entretanto a Meca alguns idolatras de Medina. Idolatras e judeus da tribu de Levi occupavam ao mesmo tempo esta cidade. N'uma guerra que se accendêra entre as duas nações tinham os judeus sido vencidos e reduzidos a captiveiro: ora, no excesso dos seus males, exclamavam algumas vezes: « Se o Messias viesse, iriamos ter com elle, e nos libertariamos da tyrannia d'estes. » Os idolatras de Medina, quando chegaram a Meca, tendo ouvido fallar d'um novo propheta, disseram uns aos outros: « Quem sabe se elle será o propheta de que nos fallam os judeus? Vamos ter com elle, e chamemo-lo ao nosso partido. » Appresentaram-se pois a Mahomet, que lhes prégou a unidade de Deus, e subitamente se pozeram á sua obediencia. Tal era o ardor do zelo d'estes neophytos, que quando chegaram a Medina propagaram o novo culto. Grande numero de habitantes se converteram ás suas prégações, e dentro em pouco quasi que não havia casa em Medina que não tivesse alguns musulmanos.

Esta victoria inspirou desmedida confiança a Mahomet. Até então tinha convindo que lhe faltava o poder de fazer milagres; em vão lhe disseram um dia os seus adversarios: « Tu sempre nos estás a citar os exemplos de Abrahão, de Moysés, e de Jesus;

porque não fazes tu milagres, como elles fizeram, para que possamos crêr em ti ? » E depois apontando para um comoro de terra vermelha que está nas visinhanças de Meca, accrescentaram : « Eis alli está um comoro de terra, muda-o em ouro, e nos daremos por vencidos. » Mahomet contentava-se com responder-lhes que ainda que houvessem Abrahão, Moysés, e Jesus feito milagres, nem por isso tinham os homens melhorado ; que, além d'isso, quando o Eterno se decidia a derogar as leis que estabelêra, não deixava de punir com rigor os que recusavam crêr nos signaes do seu poder, e que elle não queria chamar esta desgraça sobre a sua infeliz patria.

(*Continúa.*)

O elephante de Sião.

Os povos de Sião e do Pegú consideram os elephantes brancos como os mais excellentes da especie, quando na realidade não são mais do que *albinos*, aberrações da casta como os pretos brancos : aquella alvura deslavada da pelle, que entre aquella gente lhes dá tanta honra, é o symptoma de uma frouxidão nascida de enfermidade, espalhada em toda a sua economia animal. Os homens, e certos mamaes, principalmente os ratos e coelhos, algumas aves, como os corvos, gralhas e melros, e outros muitos animaes, appresentam esta alteração, ou temporaria ou vitalicia.

Todavia, não é só a raridade dos elephantes brancos que lhes attrahiu a veneração dos siamezes e pegús ; idéas symbolicas e tradições fabulosas explicam o culto d'estes gentios. — A côr branca em todos os tempos e em todas as religiões foi symbolo da sabedoria e da pureza. — A gravura curiosa, de que estampâmos um *fac simile*, foi aberta conforme um desenho do padre Couplet, jesuita, procurador das missões da China ; na mesma se vê impresso na parte inferior um lettreiro que diz assim : — « Xé-Kiam,

principe dos bonzos, é o xaca dos japões. Conta-se que sua mãi, tendo visto um elephante branco, andou gravida dezenove annos e morreu do parto : seu filho assentou que devia retirar-se do mundo para fazer penitencia ; estudou com quatro mestres, e ensinou por quarenta e nove annos : entrou na China sessenta e tres annos depois do nascimento de Christo. » —

No diario da embaixada a Sião refere o padre Choisy que viu no meio do segundo pateo do palacio real um elephante branco, que custára a vida a muitos mil homens nas guerras do Pegú. — « É assaz corpulento, mui velho, todo rugoso, e com os olhos franzidos. Estão sempre ao pé d'elle quatro mandarins com ventarolas para o refrescarem, com espanejadores para afugentar as moscas, e umbellas para o resguardarem do sol quando passeia. É servido em baixella de ouro : a agua que lhe dão está previamente depositada seis mezes, na persuasão de que a mais antiga em casa é a mais sadia. Dizem, mas não o vi, que ha um elephante branco pequeno, destinado para succeder ao velho quando este morrer. »

N'outra passagem conta o padre nos termos seguintes as causas e consequencias das guerras do Pegú.— « Tendo sabido o rei do Pegú que o rei de Sião tinha sete elephantes brancos, mandou-lhe pedir um ; recusaram-lh'o redondamente : tornou a repetir o pedido ameaçando vir demanda-lo á testa de dois milhões de combatentes : zombaram das suas ameaças. Veiu com effeito, assediou por muito tempo a cidade de Sião, levou-a á viva força ; porém não entrou no palacio do rei, e mandando levantar dois tablados iguaes diante da porta, um para si, outro para o rei de Sião, ahi com grande ceremonia renovou as suas exigencias, que n'aquelle caso eram ordens. Pediu primeiramente seis elephantes brancos, que lhe foram entregues : disse depois com muito affecto para o rei de Sião que amava infinito a seu filho segundo, e lhe rogava quizesse commette-lo a seu cuidado para o educar : d'este modo, com muita civilidade, tomou quanto quiz, e recolheu-se ao Pegú com riquezas immensas e grandissimo numero de escravos. Não tocou nos pagodes, porque a religião de ambos os reinos é a mesma : apenas um dos seus soldados, entrando n'um pagode real, cortou a mão a uma estatua d'ouro ; depois lhe pozeram outra, e eu vi o signal do golpe. »

A veneração dos siamezes aos elephantes brancos não parece ser hoje menor que no seculo XVII ; tributam-lhes ainda as mesmas honras. — « Cadaum d'esses elephantes (diz um viajante moderno) tem estrebaria separada, e dez guardas por criados. As prezas dos machos são guarnecidas de campainhas d'ouro, uma rede de fio d'ouro lhes cobre o alto da cabeça, e tem segura no lombo uma almofadinha de veludo bordado : teem o titulo de reis dos elephantes,

e differençam-n'os por sobrenomes tirados da sua belleza comparativa, da estatura, ou de certas qualidades de instincto. » —

Na primeira serie d'este jornal acham-se, ácerca dos elephantes, noticias mui curiosas extrahidas dos nossos escriptores antigos.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Ma per far la to vendetta,
Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Sta siguru, vasta anche ella.
Lament. funeb. de Niolo.

II

QUE linda noite, e que brando luar a fugir pelo dorso das ondas, em quanto a briza ligeira assopra nas velas do hiate!

Miss Lidia não tinha vontade de dormir. Mal suppoz todos deitados, enrolou um chale em volta do pescoço, e acordando a sua aia, subiu á tolda, Ninguem lá estava, á excepção do marinheiro do leme, entretido a cantar uma especie de xacara em tom aspero e monotono. Os versos fallavam de assassinos, de vinganças, e de uma victima; porém tudo vago e confuso. Alguns que lhe ficaram de memoria, traduzidos do dialetico corso, pouco mais ou menos diriam o seguinte:

« No seio das batalhas, sereno como o céu do estio, sem bater o coração, nem desmaiarem as faces, affronta o estourar da metralha e o embater do ferro contra o peito. Ubauso, como uma creança para os que amava, foi terrivel como o temporal dos mares para os inimigos. Os covardes assassinaram-n'o pelas costas; que de rosto não ousavam! . . . Lá está pendente do seu leito a camiza tincta de sangue e a cruz honrosa dos fortes. . . é a herança legada a seu filho, ausente em longes terras; por duas ballas que lhe romperam o peito, outras duas o hão de vingar. Secca seja a mão que atirou — sem luz o olho que apontava — e o coração que meditou o crime, oh! tambem esse ha de morrer. »

De repente o marujo calou-se. Miss Nevil perguntava-lhe por que não proseguia; quando elle, abanando a cabeça, lhe mostrou uma figura immovel alguns passos atraz. Era Orso, o tenente corso.

— « Por que não nos canta o mais? » insistiu ella.

— « Deus me livre de dar o kimbécco a ninguem, » respondeu o tritão em voz baixa.

— « Dar o que? . . . o? »

O marinheiro sem replicar assobiou uma aria selvagem.

— « Tenho a satisfação, minha senhora, de a surprehender admirando o nosso Mediterraneo, disse Orso adiantando-se; espero que me ha de confessar que o bello luar d'este céu não se vê senão aqui. »

— « Sim? e eu que nem reparava n'elle! . . . Estava-me entretendo a estudar o corso. Este marinheiro, no meio de uma xacara tragica, interrompe-se justamente no mais interessante e . . . »

O marujo puxou com força o chale de Miss Nevil, como para a advertir de que a sua xacara não podia ser cantada diante do tenente Orso.

— « O que é que tu cantavas, Paolo France? Era uma *ballata? um vocero?* Esta senhora entende, e desejava muito ouvir o fim. »

— « Não me lembra mais, Orso Anton'. » — E entoou logo um cantico á Virgem.

Miss Lidia jurou que havia de descobrir cedo ou tarde a chave d'este enigma; mas a aia, que nascêra em Florença e não sabia o corso, era pelo menos tão curiosa como sua ama; virando-se para Orso, perguntou-lhe:

— « O que significa a palavra *rimbécco?* »

— « Kimbécco! redarguiu Orso; é a maior injuria que se póde dizer a um corso — é deitar-lhe em rosto não se ter vingado. Quem fallou de kimbécco aqui? »

— « Ouvimo-lo hontem em Marselha ao mestre do hiate, » atalhou immediatamente Miss Nevil.

— « E a quem alludia? » insistiu Orso com vivacidade.

— « A ninguem; a nada. Ah! era a antiga historia de Vanina d'Ornano. »

A conversação parou aqui. Miss Lidia retirou-se passados instantes, e Orso pouco depois. Mas apenas elle descêra, a curiosa aia subia de novo e fazia um interrogatorio formal ao marujo do leme; e o resultado veiu cochicha-lo ao ouvido de sua ama assim que o apurou. Era o caso: — que a *ballata* parou porque fôra feita á morte do coronel della Rebia, pai de Orso, assassinado ia já em dois annos. O marinheiro accrescentára mais que o mancebo vinha vingar-se de tres pessoas accusadas pelas suspeitas de terem commettido o crime. — « Na Corsega não ha justiça, perorou o marujo, e val mais uma boa espingarda do que seis bécas. Quando alguem tem um inimigo deve escolher de tres SS um — *schiopetta, stiletto, strada* — clavina, punhal, ou fuga. »

Estes esclarecimentos mudaram inteiramente o animo de miss Nevil ácerca do tenente della Rebia. A franqueza e indifferença, que no principio a desgostavam d'elle, agora attribuia-as a romanesca ingleza á dissimulação profunda de uma alma energica, que póde e sabe domar os mais intimos sentimentos. Orso affigurou-se-lhe desde este momento semelhante a Fiesqui, cobrindo com apparente deleixo vastos projectos. Só então notou que os olhos do mancebo eram vivos e rasgados; os dentes d'alvura do marfim; e o talhe esbelto, realçando tudo pela polidez do tracto. As conversações, em que depois o empenhou de proposito, acabaram de a convencer ainda mais da exactidão da sua hypothese; decidindo sem appellação que os manes do coronel della Rebia pouco tempo mais bradariam debalde por vingança.

No fim de tres dias de navegação desenrolou-se diante da vista dos viajantes o admiravel panorama do golpho d'Ajaccio, com razão comparado á formosa bahia de Napoles. No instante, mesmo, em que o hiate entrava no porto, uma queimada, envolvendo em fumo a *punta* di Girato, recordava o Vesuvio. Aqui e além nos topes das montanhas em redor da cidade destacavam do azul do céu casas brancas e humildes, meias vestidas de massiços de verdura. São as capellas funebres, os carneiros das familias. N'esta paizagem os objectos revestem-se todos de uma belleza grave e triste.

A vida dos viajantes na Corsega era monotona e melancolica. Mais de uma vez se arrependeu Lidia do seu projecto; porém já não tinha remedio. De manhã, em quanto ella desenhava ou escrevia, o coronel partia para a caça com o tenente Orso. Jantavam as seis horas, e depois a bella lady cantava ao piano, sir Thomaz Nevil resonava, e o mancebo ficava longas horas a conversar com sua filha.

Uma d'essas manhãs, pouco antes de voltarem os caçadores, miss Nevil, que saíra a passeiar á beira-mar com a sua aia, já se retirava, quando viu uma mulher ainda moça, vestida de preto, e montada

n'um cavallo pequeno, mas robusto. A formosura ingenua do seu rosto; o gracioso véu de seda escura chamado *mezzaro*, e as tranças de um louro cendrado enroscadas em fórma de turbante no alto da cabeça provocaram a attenção de Lidia, que leu no semblante da estrangeira a inquietação e a tristeza luctando com o orgulho.

Miss Nevil teve bastante tempo para a examinar; porque depois de fazer algumas perguntas na rua com muita viveza, a donzella tocou a vara no cavallo e metteu a trote até lhe colher as redeas á porta da hospedaria do coronel; e trocando poucas palavras com o estalajadeiro, saltou da sella, e foi assentar-se n'um poial de pedra ao lado da entrada principal. D'ahi a breves instantes sir Thomaz e Orso appareceram, e um homem velho lhe segredou um momento ao ouvido, apontando com o dedo para della Rebia. Ella ergueu-se de repente, adiantou-se uns passos, e estacando subitamente parou immovel e irresoluta. Orso contemplava-a com interesse e pasmo.

— « É Orso della Rebia com quem fallo? perguntou commovida. Um aceno de cabeça respondeu-lhe que não se enganava.

— « E eu sou Colomba. »

— « Colomba! » bradou Orso. E deitou-se-lhe nos braços, e beijou-a ternamente na face, com grande assombro do coronel e de sua filha.

— « Meu irmão, perdoa o ter vindo sem tua ordem — disseram-me amigos meus que estavas aqui, e era tanta a impaciencia de te vêr... »

Orso tornou a beija-la, e virando-se para sir Thomaz:

— « É minha irmã — que eu não conhecia se não se nomeasse — Colomba, apresento-te o coronel sir Thomaz Nevil. Coronel, desculpe-me: hoje não posso ter a honra de jantar na sua companhia. »

— « Qual! Não consinto. Minha filha terá o maior prazer com a companhia d'esta senhora. »

Fizeram-se na sala os cumprimentos do estylo, e Colomba, depois de ir ao toucador de Lidia cuidar do vestido, entrando no aposento deteve-se a admirar as espingardas do coronel encostadas a um vão.

— « Boas armas — disse ella. — São tuas, meu irmão? »

— « São as espingardas inglezas do coronel — tão perfeitas como certas. »

— « Muito bom era teres tu uma assim. »

— « E tem — acudiu o coronel — d'estas tres uma é d'elle. »

Orso agradeceu, e sir Thomaz, dando-as a escolher a Colomba, não ficou pouco admirado de vêr a donzella indicar a menos ornada, e mais certa das espingardas.

O tenente sorriu, e Lidia, voltando-se para Orso, disse-lhe ao ouvido — « Um guerreiro não escolhia melhor. »

— « Na Corsega, senhora, é preciso que todos se familiarisem com as armas. Ninguem póde dizer que não precisará de as empregar. »

Miss Nevil attribuiu ao pensamento de vingança estas palavras, e respondeu só:

— « É uma terra, então, onde a vingança é uma necessidade? »

— « Não, senhora, atalhou Colomba com firmeza — é uma terra, onde o covarde que não soubesse vingar o sangue innocente derramado, faltaria ao mais sagrado dever — e teria de se esconder da face dos homens. »

E olhava com ardor para seu irmão. Orso, arrancando um suspiro profundo — encostou o rosto aos punhos e caiu n'uma sombria meditação.

Era evidente. Uma tragedia fa succeder á chegada de della Rebia á sua patria.

Lidia suspirou tambem... Porque?

Bem facil de adivinhar seria para quem lêsse nos olhos azues e transparentes — o segredo que nem a si mesma ella ainda ousava confessar.

Os Templarios.

(Continuado de pag. 144.)

« Na segunda feira, 18 de maio, os commissarios pontificios encarregaram o prioste da igreja de Poitiers e o arcediago de Orléans de procurarem da sua parte o veneravel padre em Deus, arcebispo de Sens, e seus suffraganeos, para reclamarem os defensores da ordem, Pedro de Boulogne, Guilherme de Chambonnet, e Beltrão de Sartiges, de modo que podessem ser conduzidos, debaixo de segura guarda, todas as vezes que elles commissarios o requeressem, para a defeza da ordem. » — E tiveram o cuidado de accrescentar: « que não queriam de modo algum causar impedimento ao arcebispo de Sens e ao concilio, mas sómente desencarregar a sua consciencia. »

« Pela tarde, a commissão reuniu-se na igreja de Sancta Genoveva, na capella de S. Eloy, e receberam os conegos que vinham da parte do arcebispo: este respondia que havia dois annos que se instaurára processo contra os cavalleiros acima nomeados como membros particulares da ordem; que queria termina-lo segundo a forma do mandato apostolico; que, quanto ao mais, não intentava de modo algum perturbar os commissarios em seu officio. » — Horrorosa derisão! —

« Tendo-se retirado os enviados do arcebispo de Sens, conduziram perante os commissarios a Raynaldo de Pruin, Chambonnet, e Sartiges, os quaes annunciaram que tinham separado d'elles Pedro de Boulogne, sem que soubessem o porque; accrescentando que elles eram homens simples e sem experiencia, além d'isso estupefactos e perturbados, de sorte que nada podiam dispor e dictar para defeza da ordem, sem conselho do dicto Pedro. Por isso supplicavam aos dictos commissarios que o mandassem comparecer e ouvir, e saber para que fôra retirado d'elles seus companheiros, e se queria persistir na defeza ou abandona-la. Os commissarios ordenaram ao prioste de Poitiers e a João de Teinville que no outro dia trouxessem á sua presença o dicto freire. »

Não consta que no dia seguinte comparecesse Pedro de Boulogne; porém uma multidão de templarios vieram declarar que abandonavam a defeza. No sabbado, a commissão desamparada por mais um dos seus membros, addiou-se para 3 de novembro proximo. — N'esta epocha, ainda menos numerosos eram os commissarios; estavam reduzidos a tres: o arcebispo de Narbonna tinha deixado Paris *por serviço do rei*; o bispo de Bayeux achava-se juncto ao papa *da parte do rei*; o arcediago de Magnelone estava doente; o bispo de Limoges pozera-se a caminho para assistir á commissão, *mas o rei lhe mandára* dizer que era preciso prorogar o caso até o proximo parlamento. Os membros presentes mandaram comtudo perguntar á porta da sala se havia alguma consa a dizer a pró da ordem do Templo: — ninguem appareceu.

A 27 de dezembro os commissarios proseguiram nos interrogatorios, e tornaram a reclamar os dois

principaes defensores da ordem; mas o cabeça de todos, Pedro de Boulogne, tinha desapparecido; e o seu collega, Raynaldo de Pruin, não podia já responder, segundo diziam, tendo sido exauctorado pelo arcebispo de Sens: vinte e seis cavalleiros, que já tinham prestado juramento como testimunhas, foram retidos pelas justiças do rei, e não poderam comparecer.

É cousa admiravel que no meio de todas estas violencias e n'um tal perigo se achasse certo numero de cavalleiros para sustentar a innocencia da ordem; mas foi rara esta coragem: a pluralidade estava subjugada pela impressão de profundo terror.

A perdição dos templarios era por toda a parte accelerada com encarniçamento nos concilios provinciaes da França; acabavam de ser queimados mais nove cavalleiros em Senlis: os interrogatorios fizeram-se debaixo do terror das execuções: o processo estava suffocado nas chammas... A commissão pontificia continuou as suas sessões até 11 de junho de 1311: o resultado dos seus trabalhos está consignado n'um registo, que termina por estas palavras. — » Por accrescimo de precaução depositámos o dicto processo, redigido pelos notarios em acta authentica, no thesouro de N. Sr.ª de París, para não ser exhibido a ninguem senão por lettras especiaes de vossa sanctidade. » —

Em todos os estados da christandade foi supprimida a ordem, como inutil ou perigosa: os reis lhe tomaram as propriedades, ou as deram a outras ordens; mas os individuos foram poupados; o tractamento mais severo que soffreram foi serem prezos em mosteiros, muitas vezes nos seus proprios conventos: foi a unica pena a que na Inglaterra condemnaram os cabeças da ordem que se obstinaram a negar.

Os templarios foram condemnados na Lombardia e Toscana, e absolvidos em Ravena e Bolonha. Os templarios d'Allemanha justificaram-se á maneira dos juizes-francos da Westphalia; appresentaram-se com armas perante os arcebispos de Mogncia e de Treves, affirmaram a sua innocencia, voltaram as costas ao tribunal, e retiraram-se pacificamente. Em Castella julgaram-n'os innocentes: no Aragão onde tinham praças fortes metteram-se n'ellas e resistiram, principalmente na sua celebre fortaleza de Monçon: o rei d'Aragão ganhou estas praças; e nem por isso foram peior tractados. Em Portugal deram fundamento á ordem de Christo. Não era por certo na Hespanha, á frente dos mouros, na terra classica da cruzada, que pensariam em proscrever os antigos defensores da christandade. O procedimento dos outros principes para com os templarios era uma satyra contra Filippe o formoso. O papa censurou esta brandura; exprobrou aos reis d'Inglaterra, de Castella, do Aragão, e de Portugal o não terem empregado os tractos; Filippe o fizera duro, quer cedendo-lhe parte dos despojos, quer abandonando-lhe o julgamento de Bonifacio: o rei de França se decidira a ceder algum tanto n'este ultimo ponto; porque tudo estava agitado ao redor de si: os estados a que estendia a sua influencia parecia estarem dispostos a evadir-se-lhe. Os barões inglezes queriam derribar o governo dos validos de Eduardo 2.º, que os abatêra para com a França. Os gibelinos da Italia acclamavam o novo imperador, Henrique de Luxemburgo, para deporem o neto de Carlos d'Anjou, o rei Roberto, grande lettrado e miseravel rei, que só era habil na astrologia. A casa de França arriscava-se a perder o seu ascendente sobre a christandade. O imperio, que haviam reputado morto, ameaçava tornar á vida. Dominado por estes receios, Filippe permittiu a Clemente declarar que Bonifacio não era heretico (1), assegurando todavia que o rei tinha obrado sem malignidade, e que antes, como outro Sem, teria coberto o opprobrio, a nudez paterna... Nogaret tambem é absolvido com condição de que ha de ir á cruzada (se houver cruzada) e servir toda a vida na Terra Sancta; no entanto fará tal e tal romaria. O continuador de Nangis accrescenta maliciosamente outra condição, e vem a ser, que Nogaret deixará por seu herdeiro o papa. — D'este modo houve compromissos: o rei cedeu a respeito de Bonifacio, e o papa abandonou-lhe os templarios: entregava os vivos para salvar um morto; porém este morto era nada menos que o pontificado. — Feitos estes concertos familiarmente, restava faze-los approvar pela igreja.

O concilio de Vienna abriu-se a 16 de outubro de 1312, concilio ecumenico, em que tomaram assento mais de trezentos bispos; porém foi ainda mais solemne pela gravidade das materias do que pelo numero dos assistentes. Primeiro devia tractar-se da redempção dos sanctos logares; todo o concilio fallava n'isso, cadaum principe tomava a cruz, e todos ficavam em casa: não passava de um meio de tirar dinheiro. O concilio tinha que regular dois grandes negocios; o de Bonifacio e o do Templo. Logo em novembro se apresentaram aos prelados nove cavalleiros offerecendo-se animosamente a defender a ordem, e declarando que mil e quinhentos ou dois mil dos seus estavam em Lyão ou nas montanhas visinhas, promptos a sustenta-los. Espantado com esta declaração, ou antes com o interesse que inspirava a dedicação dos nove, o papa os mandou prender. D'ahi por diante não ousou reunir o concilio; teve os bispos inactivos todo o inverno, n'aquella cidade estrangeira, longe das suas terras e dos seus negocios, esperando sem duvida vencê-los pelo tedio, e conversando-os um por um. O negocio dos templarios foi de novo começado na primavera: o rei aposson-se de Lyão, que era o asylo d'elles. Os burguezes o tinham chamado contra o seu arcebispo; aquella cidade imperial estava desamparada pelo imperio, e fazia muita conta ao rei, não só como o vinculo do Saone e do Rhodano, e a ponta da França para leste, e como cabeça da estrada para os Alpes e a Provença; mas sobre tudo como asylo de descontentes, e ninho dos hereticos. Filippe ahi convocou uma assembléa dos principaes da terra: depois veiu assistir ao concilio com seus filhos, os seus magnates, e um grande sequito de gente armada: e tomou assento, um pouco mais baixo, ao lado do papa. Os bispos se mostraram pouco doceis, obstinando-se em querer ouvir a defeza dos templarios. Os prelados d'Italia, menos um só, os de Hespanha, d'Allemanha e da Dinamarca, os d'Inglaterra, Escocia e Irlanda, e até os francezes, subditos de Filippe (á excepção dos arcebispos de Rheims, Sens, e Ruão) declararam que não podiam condemnar sem audiencia. Foi forçoso, por tanto, que depois de haver ajunctado o concilio, o papa se dispensasse d'elle: convocou alguns prelados de mais confiança, alguns cardeaes; e n'este consistorio abolin a ordem por auctoridade pontificia. Foi promulgada depois a abolição na presença do rei e do concilio; e nenhuma reclamação appareceu.

(Concluir-se-ha.)

(1) Esta timida e incompleta reparação não parece sufficiente ao escriptor Villani; e accrescenta, sem duvida para tornar o assumpto mais dramatico e mais vergonhoso para os francezes, que dois cavalleiros catalães lançaram a luva e se offereceram para defender em combate a innocencia de Bonifacio.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA.

Domingos Antonio de Sequeira.

I

A pintura nunca florecen muito em Portugal. N'uma ou n'outra epocha mais mimosa levantaram-se protectores intelligentes, e estenderam a mão a algum talento que os entenden — mas era esplendor momentaneo — depois recahia-se de novo na triste e inveterada mediocridade, de que sempre adoecen entre nós a bella arte de Raphael.

O manuscripto de Francisco de Hollanda, na sua prosa chã mas sentida, nas amarguradas reflexões que solta, como gemidos de peito cançado de se comprimir, accusa d'isto a culpada indifferença de reis que não estimam a arte ou a não conhecem — de nobres que só fingem preza-la por vaidade — de ricos, imaginando pagar com avarento salario o que a polida Italia recompensaria com honras e largos thesouros. N'uma terra assim, n'um estado d'estes não ha, não podem nascer nem Ticianos, nem Paulos Rubens.

É que para vencer a dôr da indifferença, para desprezar o esquecimento e virar as costas á ignorante protecção que estraga em vez de estimular, o artista ha de consumir mais da metade das forças que necessita conservar inteiras para se formar — padecer silencioso as maguas da miseria e as incertezas da obscuridade; sentir-se maior do que mil que o pizam e escarnecem — e apesar d'isso ter constancia para não desfallecer, para bradar: — «Mais um, mais tres annos de provança, porque no fim d'elles está o meu dia e a minha vingança!»

Para o dizer e para o cumprir, Deus lhe ha de conceder desde o berço a vocação, mãi do genio, com a fortaleza de vontade que, por cima dos espinhos da carreira solitaria, caminha sem desalento; que nos lances da extrema fadiga, como Christo, cáe debaixo da cruz, ergue-se ensanguentado, e não treme do sacrificio, e não duvida uma hora de si e do futuro.

Quantos morreram já d'esta lucta horrivel, amaldiçoando na agonia a esperança que os enganou, o talento que os fez infelizes, e a arte de que foram obscuros martyres no meio do mundo, que nem sequer se voltou para vêr apagar n'aquelle frio coração o

ultimo raio de luz, que n'outro céu melhor seria um astro!

Francisco de Hollanda chorou sobre o sepulchro, onde a indifferença enterrava a pintura, pouco tempo antes de se ouvir na terra o grito com que a grande alma de Camões se despedia da patria, que lhe pagava em afflicções a sua gloria. Singular destino! — que uniu a queixa ao exemplo — e quando uma arte morre faz expirar com ella o primeiro e o ultimo sacerdote da poesia, sua irmã! Mas foram vingadas ambas: — os plainos d'Alcacer, tambem no sepulchro vasio do moço rei cavalleiro, sepultaram a nação, a corôa e as glorias do reino de D. Manuel. — Fizeram um deserto, quebraram todos os brios da nacionalidade, e por fim consummaram a sua obra pela usurpação estrangeira — os traidores!

E assim succedeu sempre á pintura e á poesia — uma definhou, a outra foi-se enfezando. Hospedas, ignoradas e pobres, nenhum dos poderosos da terra lhes faz bem senão por capricho, ou por acaso, até D. João V.

Aquelle D. João V foi mais rei do que muitos a quem elogios comprados incensaram, mas não nobilitaram. Dizem d'elle que gostava de compôr as acções e o caracter á Luiz XIV; — a verdade é que as suas aventuras freiraticas — os seus amores romanescos, e os disfarces e surprezas das suas viagens nocturnas — com que divertia a sonsbria magestade da etiqueta das audiencias — o tornaram estimado e popular — e tambem é verdade que todos elles acabavam sempre «pelo rei saber ser rei.»

A respeito das artes soube menos mal.

E não soube só para as engomadas academias, que, apesar de terem sido muito apupadas, deixaram trabalhos como hoje não escrevem os seus criticos. — Era rico, era munificente, e tinha verdadeira paixão pelas bellas artes. O «Salomão portuguez» como os seus poetas lhe chamavam, fundou em Roma uma academia de pintura, e mandou instruir lá os mancebos em quem se divisavam indicios de sincera vocação.

D. João V, sem viver n'este seculo de «oradores por vapor», tinha juizo claro, e gosto. Aprendêra d'intuição, ou d'exemplo? Pouco importa; que para ter artistas é necessario, antes de lhes fazer visitas regias e de os cendecorar, dar-lhes recursos e educação — cria-los ao pé dos modelos immortaes. Oh! se nós hoje voltassemos áquella cegueira anti-progressiva!

Sua neta a Sr.ª D. Maria I tambem quiz ter pintores, e fundou para isso em 1781 a «aula regia de desenho e figura» — e á custa do «*real bolsinho*» enviou á sua academia de Roma, a completar os estudos e aperfeiçoar o gosto, os alumnos mais distinctos d'ella.

Ora, se não houvesse D. João V e a sua academia de Roma; se não houvesse a Sr.ª D. Maria I com a sua aula de pintura; e se faltasse o «*real bolsinho*» com as suas peças de 7$500 réis, Portugal teria tudo, menos Domingos Antonio de Sequeira. E d'ahi talvez haja quem diga: — «Pois não era mais util empregar o dinheiro, que ajudou a crear um grande artista, em repuxos municipaes?» O artista morre e o repuxo fica; póde empedrar o bordo de algum poço artesiano depois de velho. E por que não? É uma logica como qualquer outra.

Domingos Antonio de Sequeira, que nasceu em 1768, desde a infancia tinha manifestado decidida inclinação para o desenho; e nos cinco annos que frequentou a aula de pintura os premios e os successos, realçando-o, mostraram bem que Portugal n'elle ia encontrar o talento mais distincto em um ramo, no qual tão poucos brilharam. Apenas acabou o curso foi empregado em estudar com o engenhoso e extravagante Francisco de Setubal. Varios pannos, usados n'esse tempo para forrar as paredes dos palacios, saíram do pincel de Sequeira, e desde logo fizeram presentir qual seria o seu estylo em trabalhos mais elevados. No anno de 1788, protectores illustrados alcançaram-lhe da rainha uma pensão do «bolsinho real»: ajudado d'ella é que Sequeira póde emprehender a viagem de Roma e matricular-se na academia alli creada, sendo dirigido em composição e desenho por Picola, em pintura por Cavalluci; porém o seu verdadeiro e grande mestre foi a rica e admiravel collecção de primores d'arte, da cidade de Leão X — esse thesouro que ainda hoje a consola do perdido imperio e da eclipsada gloria militar.

Sequeira, como Bocage, tinha a ardente imaginação e a espontaneidade de *creação* artistica, que se traduzia em obras acabadas, ou em *improvisos* rapidos e fugitivos. Nas suas mãos o lapis servia de rival á pasmosa facilidade e á abundancia do traductor d'Ovidio e de Dellile. Um rolo de papel afumado á luz, ou simplesmente a penna bastavam ao pintor para caprichosamente entreter a sociedade mais escolhida nos longos serões d'inverno. D'estes esbocetos ainda se conservam muitos, e todos elles provam até que ponto, n'um trabalho descuidado e phantastico, sabia unir a graça á correcção.

Em Roma as obras de Sequeira foram numerosas. Entre ellas louva-se pela idéa e desempenho a pintura do tecto da casa de jantar na velha quinta *Cometti*, representando o carro d'Apollo, rodeado de retabulos lateraes, em que se via toda a fabula de Narciso. Na Academia de S. Lucas tambem existem dois quadros seus — o do milagre dos *cinco pães e dois peixes* — e o da *degollação de S. João Baptista*. Foi a estes ultimos que deveu o primeiro premio da classe de pintura d'aquella academia, e o diploma de seu professor e socio de merito. Depois de percorrer parte da Italia, examinando, comparando, e copiando as maravilhas de todos os seculos, regressou Sequeira á patria no anno de 1796. Ahi o esperavam os desgostos e os desenganos, que infelizmente nunca deixam d'acolher o merecimento superior n'esta terra. *(Continua.)*

A substancia d'esta noticia sobre Sequeira é tirada do artigo biographico publicado pelo Sr. Silva Leal em o segundo numero do jornal das Bellas Artes de Lisboa; e das reflexões disseminadas no livro do Sr. conde de Raczynski, intitulado *As artes em Portugal*. Se mais alguma se podia adiantar, a falta de espaço nos não consentiu averigua-la.

Mahomet ou Mafoma.

(Continuado de pag. 147.)

Mas quando Mahomet viu que tinha um partido formidavel em Medina, não receiou pôr-se a par dos patriarchas antigos e dos antigos prophetas; e até quiz fazer um milagre mais estupendo do que todos os que se attribuiam aos personagens a que elle chamava seus predecessores, e com este intento narrou a sua viagem nocturna ao setimo céu. Se Abrahão recebêra frequentes visitas dos anjos, se Moysés passára quarenta dias sobre o monte Sinai em colloquios com o Senhor, se Jesus alcançara de Deus favores ainda mais assignalados, elle, Mafoma, apparecêra na presença do Eterno. Eis-aqui como narrou a sua prodigiosa ascensão.

«Estava deitado, diz elle, entre as collinas de Sa-

fa e Merva, quando Gabriel, chegando-se a mim, se deu pressa em acordar-me. Trazia Alborak, jumenta de pello cinzento prateado, que tem cabeça de mulher, cauda de pavão, e que anda tão veloz que abarca tanto terreno quanto a vista mais aguda póde alcançar. Brilhavam-lhe os olhos como estrellas. Abriu as suas duas azas de aguia. Cheguei-me a ella. Pozse a espinotear: «Está quieta, lhe disse Gabriel, e obedece a Mahomet.» A jumenta respondeu: «O propheta Mahomet não me cavalgará sem que tu hajas alcançado d'elle que me dê entrada no paraizo no dia da resurreição.» Prometti-lh'o (1). Então deixou-se montar, e de repente nos achámos ás portas de Jerusalem. Á entrada do templo encontrei Abrahão, Moysés e Jesus; orei com elles, e acabada a oração, desceu subitamente do céu uma escada de luz, e corremos com a rapidez do relampago a immensa extensão dos ares.

«Quando chegámos ao primeiro paraizo, o anjo bateu á porta: «Quem está ahi?» perguntaram. «Gabriel.» «Quem é o teu companheiro?» «Mahomet.» «Recebeu a missão?» «Recebeu-a.» «Bem-vindo seja.» A estas palavras, a porta, maior que a terra, gyrou nos quicios, e entrámos. Este primeiro céu é de prata pura; da sua abobada magestosa estão pendentes as estrellas por grossas cadeias de ouro. A cadauma d'estas estrellas está um anjo de sentinella para evitar que os demonios assaltem o céu. Veio abraçar-me um velho chamando-me o maior de seus filhos. Era Adão. Não tive tempo de lhe fallar: prendeu-me a attenção a turba de anjos de todas as fórmas e côres. Do meio d'estes anjos se levanta um gallo d'uma alvura mais brilhante que a da neve, e de grandeza tão myrifica que roça com a cabeça no segundo céu, distante do primeiro quinhentos annos de caminho. Muito me confundira tudo isto se Gabriel me não dissera que estes anjos estão alli, sob as fórmas de animaes, afim de intercederem para com Deus por todas as creaturas da mesma fórma, que vivem na terra; que este grande gallo é o anjo dos gallos, e que a sua obrigação principal é recrear o Eterno todas as manhãs com seus cantos e hymnos.

«Deixámos o gallo e os anjos-animaes para subirmos ao segundo céu. É composto d'uma especie de ferro duro e polido. Achei alli Noé, que me recebeu nos braços. Jesus e João se chegaram depois, e me chamaram o maior dos homens. Subimos então ao terceiro céu, mais distante do segundo do que este dista do primeiro. É preciso, pelo menos, ser propheta para supportar o brilho deslumbrante d'este céu, inteiramente formado de pedras preciosas. Entre os entes immortaes que o habitam distingui um anjo de altura incomparavel; governava cem mil anjos, cada qual, de per si, mais forte que cem mil batalhões de guerreiros prestes a pelejar. Este grande anjo chama-se o confidente de Deus; tão prodigiosa é a sua estatura que do seu olho direito ao olho esquerdo vão setenta mil dias de caminho. Estava adiante d'este anjo um immenso bofete sobre o qual não parava de escrever. Gabriel me disse que o confidente de Deus era ao mesmo tempo o anjo da morte, empregado em escrever os nomes dos que hão de nascer, em calcular os dias dos vivos, e em riscados do livro á medida que chegam ao termo marcado pelos seus calculos.

«Urgia o tempo; attingimos o quarto céu. Enoch, que alli se achava, ficou mui ledo de me vêr. Este céu é de prata fina, transparente como vidro; povoam-n'o anjos d'elevada estatura; um d'elles, muito mais baixo que o anjo da morte, tem comtudo quinhentos dias de altura. O emprego d'este anjo é muito triste, porque tão sómente se occupa em chorar os peccados dos homens, e predizer os males que elles a si se preparam. Por estas lamentações não me agradarem não estive para as ouvir por muito tempo. Transportámo-nos logo ao quinto céu. Aarão veio receber-nos e appresentar-me a Moysés, que se recommendou ás minhas orações. O quinto céu é de ouro puro; os anjos que o habitam não riem muito, e com razão, porque são os depositarios das vinganças divinas e dos fogos devoradores da cholera celeste. Tambem teem a seu cargo vigiar os supplicios dos peccadores endurecidos, e preparar tormentos horriveis para os arabes que recusarem adorar um só Deus. Este espectaculo doloroso me fez apressar a jornada, e eu subi ao sexto céu com o meu guia. Alli encontrei outra vez Moysés, que se poz a chorar, porque, dizia elle, que eu havia de conduzir ao paraizo mais arabes do que judeus elle tinha conduzido.

«Em quanto estava a consolar Moysés, senti-me arrebatar não sei como, e cheguei n'um vôo mais rapido que o pensamento ao setimo e ultimo céu. Não posso dar uma idéa da riqueza d'este formoso paraizo; contentem-se com saber que é formado de luz divina. O primeiro dos seus habitadores que me deu na vista excede a terra em extensão; tem setenta mil cabeças, cada cabeça tem setenta mil boccas, cada bocca setenta mil linguas, que fallam de continuo e todas ao mesmo tempo, setenta mil idiomas differentes em que celebram os louvores de Deus. Depois de ter considerado este ente celeste, fui arrebatado de subito por um sopro divino, e achei-me sentado ao pé do limoeiro immortal, arvore magestosa plantada á direita do throno invisivel de Deus, d'este throno ante o qual ardem sem cessar quatorze cirios que teem de altura setenta annos de caminho; os ramos do limoeiro, mais extensos do que a distancia que vai do sol á terra, dão sombra a uma multidão de anjos muito mais numerosos que os grãos de areia de todos os desertos, de todos os mares, de todos os rios e de todos os ribeiros. Sobre os ramos do limoeiro pousam aves immortaes, empregadas em considerar as passagens sublimes do Koran. As folhas d'esta arvore assemelham-se a orelhas de elephante; os seus fructos são mais doces que o leite; um só d'elles bastará para sustentar um dia todas as creaturas de todos os mundos. Cada semente encerra uma das houris, virgens divinas reservadas para os prazeres eternos dos musulmanos. Ha quatro especies de houris: umas são brancas, outras côr de rosa, outras amarellas, e outras verdes; são os seus olhos tão lindos, que se uma houris volvesse os olhos á terra em a noite mais tenebrosa, dar-lhe-hia tanta luz como o sol em todo o seu esplendor; entregar-se-hão as caricias dos fieis sem deixarem de ser virgens. Quatro rios sáem do pé do limoeiro, dois para o paraizo, e dois para a terra; os dois ultimos são o *Nilo* e o *Euphrates*, de que ninguem antes de mim conhecêra a nascente.

«Gabriel deixou-me aqui, porque lhe não era permittido passar adiante. Raphael ficou em seu logar, e levou-me á casa divina da oração, onde se juntam cada dia, em romaria, setenta mil anjos da primeira classe; os que lá vão uma vez não tornam a

(1) Segundo alguns auctores musulmanos, a jumenta Alborak mora no paraizo, na companhia do cão dos sete Dormentes, lenda oriental, do carneiro que foi sacrificado por Abrahão, da burra de Balaam, do camello em que Mafoma fugiu de Meca para Medina, do burro em que Nosso Senhor entrou em Jerusalem, do cavallo de S. Jorge e do burro do propheta Esdras. Esta *casa de bichos* occupa um logar distincto no céu de Mafoma.

ir. Esta casa, formada de jacinthos e cercada de lampadas que ardem eternamente, assemelha-se ao templo de Meca; e se caísse perpendicularmente do setimo céu sobre a terra, como poderá succeder algum dia, pousaria sobre a Caaba. É cousa estranha, mas certa.

«Apenas puz o pé na casa da adoração um anjo me appresentou tres taças; a primeira estava cheia de vinho, a segunda de leite, e a terceira de mel Escolhi aquella em que estava o leite. Logo, uma voz forte como dez trovões fez rebombar estas palavras: «Oh Mahomet! bem fizeste em pegar na taça em que está o leite; se houvesses bebido o vinho, ficava a tua nação pervertida e desgraçada.» Mas um novo espectaculo me veio turbar a vista. Fez-me o anjo atravessar, tão depressa quanto a imaginação póde conceber, dois mares de luz, e um terceiro negro como a noite: achei-me então na presença de Deus. Apoderava-se o terror de todos os meus sentidos, quando uma voz mais estrondosa que a das vagas agitadas, me bradou: «Prosegue, oh Mahomet! chega-te ao throno glorioso!» Obedeci, e li estas palavras n'um dos lados do throno: «Não ha outro Deus senão Deus, e Mahomet é o seu propheta.» Ao mesmo tempo poz Deus a mão direita no meu peito e a mão esquerda no meu hombro; senti um frio agudo correr-me por todo o corpo e gelar-me até a medula dos ossos. A este estado de padecimento seguiram-se dentro em pouco doçuras inexprimiveis e desconhecidas dos filhos dos homens, doçuras que me embriagaram a alma. Apoz estes transportes tive com Deus uma conversação familiar que durou muito tempo. Dictou-me Deus os preceitos que achareis no Koran, e depois ordenou-me que vos exhortasse a sustentar com as armas e o sangue a sancta religião.

«Quando o Eterno acabou de fallar fui ter com Gabriel. Abriu os seus cento e quarenta pares de azas, e descemos os sete céus, onde muitas vezes nos demoraram os concertos dos espiritos celestes, que cantavam os nossos louvores. Mas Deus me tinha determinado que fizesse orar cincoenta vezes por dia. Quando cheguei ao céu de Moysés communiquei-lhe a ordem que recebêra. «Torna ao Senhor, disse-me o conductor dos hebreus; pede-lhe que mitigue o preceito: o teu povo nunca poderá cumpri-lo.» Subi até o Altissimo e pedi-lhe que diminuisse o numero das rezas. Ficou reduzido a quarenta. O sabio Moysés me rogou fizesse novas instancias, e, depois de reiteradas viagens, ficou determinado que as orações fossem cinco. Cheguei a Jerusalem, e a escada de luz tornou a descer da abobada celeste. Alborak me esperava. Ainda era noite. Levou-me até onde me tomára, agitando sómente duas vezes as suas grandes azas. Então disse eu a Gabriel: «Muito temo que o meu povo não queira acreditar a narração d'esta viagem.» «Tranquillisa-te, me respondeu o anjo, o fiel Abou-Bekr e o valente e sancto Ali sustentarão a verdade d'estes prodigios.» *(Continúa.)*

O EREMITERIO DO VESUVIO.

O VESUVIO está situado entre o mar e os Apenninos, a duas e meia leguas de Napoles pouco mais ou menos, e separado d'esta cidade pela curvatura do golpho de que dista obra de uma legua na costa oriental, ficando sobranceiro á Torre del Greco, e a Portici: n'esta ultima tem a côrte napolitana um bello palacio para residencia no verão. Esta montanha volcanica, de fórma pyramidal, tem agora umas 600 toezas de elevação acima do nivel do mar; são tantas as variações por que tem passado na sua altura e na fórma da cratera, que é difficil dar uma exacta idéa d'ella; o viajante conta o que viu, mas não póde prognosticar o que verão os que depois d'elle vierem; d'aqui as encontradas relações que se lêem, posto que muitas escriptas no mesmo seculo. Amiudadas teem sido as suas erupções; ao catalogo e circumstancias d'ellas, e á sua posição na Europa, deve este volcão unicamente a sua celebridade.

O Vesuvio está apartado da grande cordilheira dos Apenninos, e é mister distingui-lo do monte da Somma, com que muitos o confundem, dando-lhe este nome, e do monte Ottaiano, ambos os quaes se levantam a seus lados sobre raizes ou bases communs, sendo muito de crêr que tambem elles foram em tempo remoto volcões. Olhando-se do largo do paço ou do molhe de Napoles, dir-se-ha que o Somma está contiguo ao Vesuvio e com elle fórma uma só montanha de cume bicipite; por detraz de ambos esconde-se á vista o pico de Ottaiano

A bacia que se dilata nas faldas do Vesuvio appresenta o mais amplo e magnifico painel: — um circulo de aprazíveis collinas ordenadas em amphitheatro, rebaixando-se insensivelmente para o lado do mar; e no seu declive uma cidade afagada sempre pelos raios os mais brandos, mais transparentes e puros do formoso sol d'Italia; pouco mais alto, á direita, avultando nos ares, o castello Santelmo, assente por cima da cidade para a defender ou, o que mais parece, para aformosea-la, surge do meio da verdura que em todas as estações cinge a eminencia; — mais em baixo, o golpho onde se reflecte *la villa reale*; e o palacio da rainha Joanna, de mysteriosos subterraneos, em cujos destroços se engolpham e mugem as ondas Por outra parte avista-se o supposto tumulo de Virgilio, e a gruta ou perforação do Pausilippo (1), beneficio que a tradição popular remotissima attribue á arte magica do insigne poeta, convertido em feiticeiro; porque o povo enthusiasta descobríra n'aquelle grande genio um não sei que extraordinario e sobrehumano. Os sitios deliciosos que os seus versos vulgarisaram, avistam-se mais ao longe, Cumas, os Campos Elysios, o antro da Sibylla. — Á esquerda o Sebeto, e Herculanum, sepultada debaixo do chão, Portici, Stabbia arruinada, Pompeia em parte restituida a claridade do dia (2); — na extremidade do cabo o convento dos Camaldulenses, e no horisonte Sorrento, illustrada por um grande poeta desditoso (3). — Aquella cidade que primeiro enumerámos é Napoles, cujas cercanias se denominam terra afortunada, *Campagna Felice*; e essa paizagem immensa é assoberbada pelo mais pictoresco dos montes, o Vesuvio, cujas harmonias e linhas esquivas não se acham dignamente representadas pelo pincel, porque uma natureza tão ideal e tão magica não póde pintar-se.

Perguntam os habitantes do restante da Europa de que procede o socego do napolitano, ameaçado de

---

(1) A estrada que communica Napoles com Pouzzolo passa atravez do pequeno monte Pausilippo, cuja perforação já existia em tempo de Nero. Ignora-se por que mãos foi excavada.

(2) Herculanum, descoberta em 1713, nunca poderá desentulhar-se á superficie do solo por causa da necessidade de poupar os edificios de Portici, debaixo dos quaes está situada: quando, muitas vezes, se acalam as excavações n'um logar, é preciso entupi-lo com terra que se extrahe de alguma valla proxima. Quanto a Pompeia, como jaz debaixo de vinhas, alguns dos seus principaes edificios e ruas estão já de todo desentulhadas.

(3) O auctor da Gerusalemme liberata.

continuo pelo Vesuvio; este enigma decifra-o quem pisa o bello territorio de Napoles, quem tem respirado o ar puro d'aquella suave atmosphera. Debalde cidades inteiras, ainda no seculo passado como na antiguidade, foram sepultadas pelos incendios do volcão; as suas terriveis devastações debalde adquiriram na historia fatal celebridade: tranquillisado pelo habito, ou seduzido por vistas encantadoras, o napolitano dorme socegadamente ao pé da voragem; edifica os *casinos* e deliciosas casas de recreio no espaço comprehendido entre a falda e o vertice da montanha ignivoma, palacios talvez ephemeros, que insultam com suas grimpas esbeltas as torrentes de lava que os circumdam, e cujo inevitavel destino é desapparecerem ou cedo ou tarde nas ondas d'aquella inundação temerosa.

Contaremos brevemente a ascensão de um viajante veridico, não ha muitos annos. —

No principio de janeiro de 1830 partimos de Napoles ás sete horas e meia da manhã para ir visitar o Vesuvio, volcão que os napolitanos no seu estylo poetico chamam *la montagna*, como antonomasia; posto que pelo vulto lhe não caiba, mas sim pelos effeitos. Fomos em caleças (1) a Résina, aldeola á beiramar pegada com Herculanum, a mais perto do Vesuvio, que já a tem alagado quatro vezes. Apenas apeados no pequeno largo onde se acham os *ciceroni*, e os jumentos que transportam os viajantes, vimonos cercados da turba. Era a quem nos agarraria, a quem mais alto gritaria para nos offerecerem seu prestimo ou as cavalgaduras. Dir-se-hia que era uma sedição. Impacientados mandámos ao demo homens e burros; e como o ultimo dos Horacios fugimos para dispersar os nossos inimigos. Partimos sósinhos: a alguma distancia de Résina é que adoptámos um guia que teimou em nos seguir. Ás nove horas começámos a subida. Ainda bem não tinhamos passado as ultimas casas de Résina, já pisavamos as lavas que com a côr denegrida entristecem a vista. Precursoras das fadigas que nos aguardam, as pedras volcanicas, as escorias nos rasgam os pés. Começa a natureza morta, o elemento de destruição, que de subito transforma um paiz fecundo e ameno na solidão da morte. Tudo mostra um não sei que espantoso e sinistro. Todavia a vista descança de tempo a tempo n'algumas porções de terreno que ainda não foram invadidas, ou que, tornadas á agricultura pela successão das eras, se recamam de arvores e vinhas, e parecem os oasis d'aquelle deserto. Aqui é que se dá o tão afamado vinho *lacryma Christi*. A cinza do volcão fortalece a cepa, e indemnisa assim de algum modo dos damnos que por vezes causa. — Além de que (quem o acreditará?) nenhuma região do globo possue no mesmo espaço de territorio tanta população como a que cerca o Vesuvio. é rodeado de vivendas e quintas, propriedade de homens que se deslembram do perigo, procurando tirar proveito da fertilidade do torrão, e que, terminada a erupção, tornam a levantar a casa no mesmo sitio, d'onde a experiencia funesta, mas inutil, os deveria ensinar a fugir.

Proseguimos... em breve tudo se vê coberto de lavas; distinguem-se as das diversas erupções pela differença de côr. O nosso guia indica-nos a de 1822 que occupa immensa superficie. O caminho dirige-se quasi em linha recta para o lado do cone da montanha que olha ao norte, até chegar ao *piano delle genestre*. Esta chan, outr'ora coberta de arbustos de perenne viço, de moitas e de giestas, não é agora senão um terreiro escalvado, onde não se vê mais que as superficies espumosas de vastas torrentes de lava que se cruzaram umas com as outras.

Ás onze horas menos um quarto chegámos ao cemiterio de S. Salvador, sito n'um pequeno plaino na extremidade occidental do *colmo dei canteroni*. Até agora a sua elevada situação o tem preservado

(1) Do mesmo modo que as gondolas figuram entre as curiosidades de Veneza, o *calessino* póde contar-se uma das singularidades de Napoles. Se não vistes (diz outro viajante) o bonito desenho de Carlos Vernet, imaginai uma especie de tilbury em fórma de concha, de apparencia tão leve e fragil que parece devia estourar em migalhas no primeiro embate. Esta canôa rodante é toda embonecada de dourados que lhe prestam certa elegancia; o galiziano que a puxa leva arreios todos cravados de pregos amarellos e na cabeça um pennacho de plumas; ao vêr o collo estatico do cavalinho tão bem jungido á caleça, commummente sustentado com a mais estricta parcimonia, julgareis que o seu delicado trem ainda para elle é sobejamente pezado. Parte, e em seu ardor devora o espaço: custa a vista a segui-lo pelas largas legens de lavas de que Napoles é calçada. O conductor, trepado atraz da fragil machina, com uma das mãos segura as redeas por cima da cabeça dos que conduz e com a outra agita um comprido açoute. A caixa do *calessino* apenas contém duas pessoas.

das lavas, que sempre se teem dividido ao pé do rochedo volcanico sobre que descança. O eremiterio, que data de 1631, contem uma capella e alguns quartos. — Habita alli um ermitão (diz M.me de Stael) nos confins da vida e da morte. Diante da sua porta estão algumas arvores, ultima despedida á vegetação. Estes eremitas não são sempre religiosos; haverá quarenta annos, um d'elles, que morreu n'uma idade mui avançada, era um antigo criado da camara de M.me de Pompadour. Que contraste! Depois de haver servido as collações de Luiz 15.º, preparar a refeição frugal do viajante. Que combinação! Trianon na falda do Vesuvio!

Conserva-se no eremiterio um livro onde cadaum viajante insereve o seu nome e algumas vezes um pensamento e uma maxima. Cousa singular! raras vezes o Vesuvio tem inspirado alguma idéa digna d'elle. Ao redor do eremiterio ha capellinhas onde vem gente em peregrinação fazer as estações da Via-Sacra. Que logar mais proprio para inspirar os sentimentos que o homem deve ter em relação a Deus? O Vesuvio é o temor; Napoles a gratidão!

(Continúa.)

Expedições de tres potencias ao polo austral.

Os annos de 1838, 1839, e 1840 farão epocha nos fastos maritimos; assignalaram-n'os tres expedições scientificas, saídas dos portos de França, d'Inglaterra e dos Estados-Unidos. — As tres expedições, levadas de nobre emulação, acham-se nas mesmas paragens na estação do anno que permitte accesso ás altas latitudes austraes: teem por objecto os progressos da sciencia, a determinação do polo magnetico austral, o estado geologico e geographico do polo antarctico, e verosimilmente todas tres o desejo ambicioso de tocar n'algum ponto do globo em que os homens não tivessem ainda posto a vista, onde nenhum baixel houvesse despregado as velas.

A simultaneidade d'estas expedições, pertencentes ás tres maiores potencias maritimas, é uma circumstancia que provavelmente não tornará a dar-se; e se reflectirmos que não podiam effeituar as suas operações senão debaixo de uma temperatura que variava de zero a 20 gráus de frio, e incessantemente entregues á influencia de todos os agentes destruidores, a chuva, a saraiva, a neve, as tormentas, as trovoadas, as serras de gelo fluctuantes, os terremotos, os volcões, não poderemos deixar de admirar a resolução dos intrepidos navegantes chamados á honra de as commandar; e esses commandantes eram *Dumont d'Urville* pela França, *Ross* pela Inglaterra, *Wilkes* pelos Estados-Unidos.

As tres emprezas tiveram resultados differentes; todavia nenhuma foi sem fructo, e seria temeridade e injustiça avaliar o merecimento dos commandantes pelos resultados que se obtiveram. A mais ousada das expedições podia ser vencida e excedida por outra rival; em tal caso, e em paragens taes, depende tudo das circumstancias; dois navios, navegando de conserva, podem no mesmo instante experimentar diversa fortuna, ainda que estejam separados distancia de poucos centos de braças; um passará livremente por entre duas montanhas de gelos fluctuantes, outro será arrebatadamente estorvado, envolvido e exposto aos mais extremos perigos. — Se a expedição ingleza penetrou até o 78º parallelo do polo austral, deve-o unicamente ao acaso de uma boa fortuna, e esta vantagem nada deve influir na opinião que se formar do merito dos commandantes e officiaes das outras. Daremos um extracto dos trabalhos de cadauma d'ellas. Começaremos pela que appresenta menores resultados, posto que se dessem pela sua parte muito mais probabilidades do que pela das suas rivaes. Com effeito a expedição americana compunha-se de cinco navios, e cada uma das outras só contava dois. N'este resumo das operações de cada uma passaremos em silencio tudo o que não tiver directa relação com a exploração do polo austral.

Expedição dos Estados-Unidos.

O capitão Wilkes tinha ás suas ordens uma divisão de cinco navios e montava a fragata *Vincennes*. Saindo do porto em 1838, tocou na Madeira, d'onde largou a 28 de setembro, e seguiu para a Terra do Fogo, que deixou para tomar o rumo do polo antarctico. Não foi bem favorecido na viagem; violentas tempestades dispersaram a sua esquadrilha, a qual chegou comtudo á latitude austral de 70º. Porém, embaraçado sempre por montes de gelo impenetraveis, e estando já muito adiantada a estação, viu-se constrangido a abandonar paragens perigosas; poz a prôa ao norte e veio deitar ferro a Valparaizo aos 15 de maio de 1839. Largou depois esta arribada para ir á Nova-Hollanda, ao porto de Sidney.

No seguinte anno, a 10 de janeiro de 1840, o capitão Wilkes parte novamente de Sidney para nova exploração do polo austral pelos 61º de latitude, ultrapassa as primeiras montanhas de gelo, mas em breve a sua derrota é suspendida por uma barreira insuperavel da mesma especie, que obriga a *Vincennes* a tomar para oeste; a 19 de janeiro o ponto do capitão Wilkes era 66º 20′ de latitude e 154º 27 de longitude ao oriente do meridiano de Paris; e é d'este ponto que o capitão Wilkes teve conhecimento da terra *Adelia*. — É de muita importancia notar que, n'esse mesmo dia 19 de janeiro, a expedição franceza achava-se a 65º 39′ 35″ de latitude e 139º 5 25″ de longitude oriental, isto é, quasi um gráu mais ao norte que a *Vincennes*, e 15º 21′ 35″ mais para oeste.

Ora, se na verdade o capitão Wilkes houve vista de uma terra, não é a terra *Adelia*, a menos que esta se não prolongue 15 a 20 gráus na direcção oriental, como acontece na parte occidental, segundo o verificou o capitão Dumont d'Urville. Porém sigamos a derrota da *Vincennes*.

A 30 de janeiro acha-se n'uma bahia empachada de accumulações de gelo e de rochas volcanicas, a costa da qual parecia alargar-se para o sul; o terreno era montanhoso; a sondareza dava 34 braças de fundo. — Depois de longos e baldados esforços para surgir, o capitão é novamente forçado a prolongar-se com a costa, o que fez até os 97º de longitude; n'este ponto, achando-se por 64º de latitude, costeia de novo a terra por espaço de 57º do oriente ao occidente, quasi sobre o mesmo parallelo; mas não poude aborda-la, e não offerecendo o adiantamento da estação probabilidade alguma de exito á empreza, o capitão tomou a resolução de picar para o norte, dando á terra, que julgou haver descoberto, o nome de continente antarctico.

Agora estamos em circumstancias de appreciar muitos factos importantes, relativos á prioridade do descobrimento da terra Adelia. — Mr. le Guillou, que embarcou com Dumont d'Urville, como cirurgião mór da *Zelée*, tractando d'esta materia na obra que deu á luz, adianta factos que carecem de precisão, de concordancia, e sobre tudo de justiça. — A pag. 133 diz positivamente — «a expedição franceza teve vista da terra a 13 de janeiro, mas não poude toma-la senão a 21.» — A pag. 206 diz — «a expedição ame-

ricana teve indicios da terra a 19 de janeiro, e para o diante estes indicios se converteram em certeza.» — Por esta simples exposição das datas é evidente que o capitão Wilkes não teve conhecimento da terra senão a 19, quando o capitão d'Urville a tinha avistado a 18. Como póde, por tanto, o auctor, a pag. 209, conceder tão liberalmente a prioridade do descobrimento á expedição americana? Ha contradicção evidente, e bastava tão sómente o patriotismo para Mr. le Guillou a evitar. *Suum cuique*. Demais, na discussão d'esta causa, existe uma circumstancia pouco favoravel ao capitão Wilkes: annunciou officialmente que na manhã de 19 de janeiro tivera conhecimento da terra: então para que poem os jornaes em duvida a veracidade do capitão, e os seus proprios companheiros de viagem asseguram que em 19 de janeiro ninguem a bordo da *Vincennes* avistára terra! E esta circumstancia, per si só, não poderia decidir a questão de prioridade?...

(Continúa.)

Os Templarios.

(Continuado de pag. 151.)

É necessario confessar que este processo não era d'aquelles que se podem julgar: abrangia a Europa toda; os depoimentos eram aos milhares, os documentos innumeraveis: os processos tinham differido nos diversos estados. A unica cousa havida por certa era que a ordem se tornára inutil para o futuro, e demais a mais perigosa. O papa, por mui pouco honrosos que fossem os seus particulares motivos, obrou sensatamente. Declara na sua bulla explicativa que as informações não são bastante seguras, que não tem o direito de julgar, mas que a ordem era muito suspeita: *ordinem valde suspectum*.

Clemente V forcejou por acobertar a honra da igreja. Falsificou secretamente os registos de Bonifacio, mas não revogou perante o concilio senão uma das bullas d'este *(Clericis laicos)*, a que não offendia a doutrina, mas que impedia o rei de tomar o dinheiro do clero. Por esta fórma aquellas grandes contendas de idéas e principios se fundiram outra vez na questão de dinheiro. Os bens do Templo deviam ser applicados á redempção da Terra Sancta e dados aos hospitalarios. Até houve quem accusasse esta ordem de ter comprado a abolição da ordem do Templo: se tal fez achou-se bem enganada: um historiador affirma que ao contrario se empobreceu. João XXII se queixava, em 1316, de que o rei se pagava de guardar os templarios, apossando-se até da fazenda dos hospitalarios. Em 1317 deram-se por felizes de passar quitação final aos administradores reaes da ordem do Templo.

Restava uma triste parte da herança do Templo, a mais embaraçosa: fallo dos prezos que o rei conservava em Paris, particularmente o grão mestre. Ouçamos sobre este acontecimento tragico a narração do historiador anonymo, continuador de Guilherme de Nangis.

«O grão mestre da extincta ordem do Templo e outros tres templarios, o visitador de França, os mestres da Normandia e da Aquitania, cuja sentença definitiva o papa reservára para si, compareceram perante o arcebispo de Sens e uma assembléa de outros prelados e doutores em direito divino e canonico, convocada especialmente para este fim em Paris, por ordem do papa, pelo bispo de Albano e outros dois cardeaes legados. Como os quatro sobredictos confessavam os crimes que lhes eram imputados publica e solemnemente, e perseveravam n'esta confissão, e parecia quererem persistir n'ella até o fim; depois de madura deliberação do conselho, no largo do adro de Nôtre-Dame, na segunda feira depois do dia de S. Gregorio, foram condemnados a serem prezos por toda a vida emparedados. Porém, quando os cardeaes julgavam ter levado a cabo todo o negocio, eis que de subito, sem que tal se podesse esperar, dois dos condemnados, o mestre d'ultramar e o mestre da Normandia, defendendo-se pertinazmente contra o cardeal que acabava de fallar e contra o arcebispo de Sens, voltaram-se abjurando a sua confissão e todos os seus depoimentos anteriores, sem guardar comedimento, com grande espanto de todos. Os cardeaes os entregaram ao prevoste de París, que se achava presente, para os guardar, até que deliberassem com mais amplitude no seguinte dia. Mas logo que esta novidade chegou aos ouvidos do rei, que estava então no seu paço real, tendo practicado com os seus *sem chamar os lettrados por opinião prudente*, na tarde d'esse mesmo dia os mandou queimar ambos na mesma fogueira, n'um ilhéu do Sena entre o jardim real e a igreja dos eremitas de S. Agostinho. Mostraram soffrer o fogo com tal firmeza e resignação, que a constancia na morte e as suas denegações finaes encheram a multidão de pasmo e espanto. Os outros dois foram encerrados, como declarava a sentença.»

Esta execução, sem conhecimento dos juizes, foi evidentemente um assassinio: o rei que em 1310 pelo menos fizera reunir um concilio para levar á morte os cincoenta e quatro templarios, n'aquella desprezou toda a apparencia de direito, e só empregou a força. Para isto nem sequer tinha a desculpa do perigo, a razão d'estado, a da *salus populi*, que fazia insculpir em suas moedas. Ao contrario, considerou a negação do grão mestre como um ultraje pessoal, insulto á realeza, tão involvida n'este negocio. Fulminou-o como réu de lesa magestade.

Como explicaremos agora as variações do grão mestre e a sua negação final? Não parece que por lealdade de cavalleiro, por capricho militar, cobriria a todo o custo a honra da ordem?... Que a *soberba* do Templo reverdeceria nos seus ultimos momentos?... Que o cavalleiro ancião, abandonado na brecha como o derradeiro defensor, quereria, com risco de sua alma, tornar impossivel para sempre o juizo dos vindouros sobre esta escura questão?... Póde dizer-se tambem que os crimes imputados á ordem eram privativos de tal provincia do Templo, de tal casa, e que a ordem era innocente; que Jacques Molay, depois de ter confessado como homem e por humildade, poderia negar como grão mestre. — Porém ha mais que dizer no caso. O principal capitulo da accusação, o acto de renegar, baseava-se n'um equivoco. Elles podiam confessar que tinham abjurado sem na realidade serem apostatas. Esta abjuração (1) (e

---

(1) Esta abjuração, ou negação, faz reflectir na palavra mais serio do que parece: offereceu a Deus a vossa incredulidade. — Veja-se no 2.º vol. da mesma Historia de França pelo Sr. Michelet (de cuja obra é tirado, como dissemos, todo este artigo), a pag. 63, 99, 654, da 1.ª edição, o que alli se diz a respeito das ceremonias bruteseas da festa dos idiotas, *fatuorum*. — «O povo levantava a voz: entrava, innumeravel, tumultuario, por todos os aditos da cathedral, com a sua magna voz confusa, gigante infante, como o S. Christovão da lenda, rude, ignorante, animado, mas docil, implorando a iniciação, pedindo tomar o Christo sobre seus hombros colossaes. Entrava, trazendo para a igreja o medonho dragão do peccado; arrastava-o, farto de victimas, aos pés do Salvador, para o golpe da oração que devia immolalo. Algumas vezes tambem, reconhecendo que em si proprio existia a bruteza, expunha em extravagancias symbolicas a sua miseria, a sua enfermidade. A isto é que se chamava a

muitos o declararam) era symbolica: era uma imitação da negativa de S. Pedro, um d'esses piedosos dramas com que na igreja antiga cercavam os actos mais serios da religião, e cuja tradição começava a perder-se no XIV seculo. Ser esta ceremonia algumas vezes cumprida com leveza culpavel, ou mesmo com impia derisão, era crime de alguns, mas não regra da ordem. E comtudo esta accusação é que deitou a perder o Templo. — Não foi a infamia dos costumes, ella não era geral; aliás, como se podia suppor que os templarios fizessem entrar na ordem os seus proximos parentes? Não façamos tal injuria á natureza humana. — Não foi a heresia, as doutrinas gnosticas; verosimilmente os cavalleiros tractavam pouco do dogma. — A verdadeira causa da sua ruina, a que indispoz todo o povo contra elles, que não lhe deixou um defensor entre tantas familias a que pertenciam, foi a monstruosa accusação de terem renegado e cuspido na cruz. Esta accusação é justamente a que foi confessada pelo maior numero. A simples enunciação do facto arredava d'elles toda a gente; todos se persignavam e não queriam ouvir mais.

D'este modo a ordem, que havia representado no mais subido gráu o genio symbolico da idade media, morreu por causa de um symbolo não comprehendido. Este acontecimento não é mais que um episodio da guerra eterna que tem entre si o espirito e a lettra, a poesia e a prosa. Nada tão ingrato e cruel como a prosa quando não reconhece as antigas e venerandas fórmas poeticas á sombra das quaes tomou vulto. — O symbolismo occulto e suspeito do Templo nada tinha que esperar logo que o symbolismo pontifical, até alli reverenciado do mundo inteiro, se achava destituido de poder. A grandiosa poesia mystica do *Unam sanctam*, que fizera tremer o seculo XII, nada exprimia aos contemporaneos de Pedro Flotte e Nogaret. O gladio espiritual estava embotado. Começava uma idade fria e prosaica, que já não sentia aquelle gume.

Porém o mais tragico d'este negocio é que a igreja foi morta pela igreja: menos feriu a Bonifacio a manopla de Colonna do que a adhesão dos prelados e doutores gallicanos á apellação de Filippe o formoso. — O Templo é perseguido pelos dominicanos, abolido pelo pontifice; os mais graves depoimentos contra os templarios são de sacerdotes. Ninguem duvida que a faculdade de absolver que usurpavam os cabeças da ordem lhes creára entre os ecclesiasticos inimigos irreconciliaveis.

Qual foi nos homens d'esse tempo a impressão d'este grande suicidio da igreja?... As inconsolaveis tristuras do Dante bem claro o dizem. Tudo quanto se havia erido ou reverenciado; pontificado, cavallarias, cruzadas, parecia que tudo acabava. A idade media apparece como uma segunda antiguidade que com o Dante se ha de buscar entre os mortos. O derradeiro poeta da idade symbolica viu bastante para poder lêr a prosaica allegoria do *romance da Rosa*. A allegoria mata o symbolo, e a prosa a poesia. —

Até aqui o capitulo do Sr. Michelet. Simplesmente accrescentaremos o seguinte. O grão mestre Molay foi queimado a 18 de março de 1314, e segundo muitos historiadores, do meio da fogueira emprazou o rei e o papa para dentro de um anno perante o tribunal divino: Clemente V morreu ao cabo de um mez, em abril do dicto anno de 1314; e Filippe o formoso morreu do resultado de uma queda a 29 de novembro do mesmo anno. — Enguerrand de Marigny, ministro do rei, acirrado inimigo dos templarios, foi posteriormente accusado de feitiçaria e enforcado em Montfaucon, na forca que elle proprio mandára levantar; outros dos perseguidores da ordem tiveram fim deploravel.

festa dos idiotas, *fatuorum*. Esta imitação da orgia pagã, tolerada pelo christianismo, como a despedida do homem á sensualidade que abjurava, reproduzia-se nas festividades da infancia de Christo, Circumcisão, Reis, e Sanctos Innocentes.

Em toda a iniciação, o adepto é appresentado como sendo máu, afim de que a iniciação tenha a honra da sua regeneração moral. — Veja-se a *iniciação dos tanoeiros allemães* em as notas da *introducção á historia universal* (pelo mesmo sabio auctor da Historia de França, já citada) pag. 102 da 1.ª edição.

O cypreste gigante.

Sancta Maria del Tule é a mais bonita das pequenas povoações do districto de Oaxaca no Mexico: ahi se vê o famoso cypreste que, em grossura de tronco, sómente cede ao castanheiro do Etna, veneravel decano da vegetação. — A seis pés a contar do chão, o tronco tem 90 pés de amplitude ou de curva circumscripta; e tem 141 medindo-o segundo as ondulações dos angulos que faz, salientes e reintrantes. Só aos 15 pés de altura começam os ramos, e os mais grossos não teem menos de 37 pés de contorno; mas não tem uma grande dilatação relativa: apenas chegará toda a arvore a 90 pés d'alto, e a sua sombra, ao meio dia, abrange pequena circumferencia: por isso não causa o effeito que era de esperar, e ainda mesmo a bem pequena distancia não parece ser objecto notavel. Vimos na provincia de Vera-Cruz arvores que, sendo muito menos grossas, infundiam mais admiração pela altura e a immensa expansão dos ramos.

Este cypreste, todo elle viçoso, em nada offerece apparencia de decrepitude: não tem uma corrosão, um só ramo secco; a seve conserva o mesmo vigor até a ponta: tudo inculca que ainda póde ter muitos seculos de duração. — Antigo habitante da terra, veneravel testimunha das revoluções dos homens e das cousas, a quem não teem podido destruir nem tempestades, nem coriscos, nem a successão dos tempos, esteve por pouco a ser victima do capricho de um rico negociante de Oaxaca. Este homem gabou-se-nos de ter offerecido uma quantia avultada aos indios de Tule para lhes comprar a arvore e fazer d'ella vigas e pranchas!... Felizmente os indios rejeitaram com desprezo a proposta do vandalo, e a arvore ainda está de pé diffundindo a frescura da sua sombra balsamica sobre os que vem admira-la.

Muitos soes e muitas luas.

A este phenomeno de dois soes que se veem no céu dá-se o nome de *parelias* ou *antelias*; os antigos o conheceram. Em 9 d'abril de 1666 foram vistos dois em Chartres, que, com o verdadeiro sol, faziam a conta de tres.

Em 1629 viram-se cinco em Roma.

Helvetius diz ter visto sete em Dantzick.

A imagem do sol póde multiplicar-se nas nuvens; mas a verdadeira distingue-se das outras pela fórma. As parelias não são tão redondas como o sol.

Com a lua dá-se algumas vezes o mesmo phenomeno, que se chama *parasclenes*. Apparecem de ordinario no inverno, como os falsos soes nas regiões frias e temperadas. Tambem se dá a este phenomeno o nome de *corôa* ou *halos*.

O VENDEDOR DE MELANCIAS.

Napoles e o Vesuvio.

Napoles tem sido considerada como a segunda cidade da Italia em tamanho; mas talvez que se deva reputar a primeira quanto á belleza da situação e bondade do clima. É notavel por suas muitas e sumptuosas igrejas, soberbos palacios, alguns estabelecimentos publicos, a rua de Chiaia, o theatro de S. Carlos, e o museu Bourbon. Esta collecção magnifica de antiguidades está n'um vasto e sumptuoso edificio começado pelo vice-rei Pedro de Toledo, e acabado n'este seculo pelo rei Fernando: consta dos infinitos e curiosissimos objectos achados em Herculanum, Pompeia, Pouzzolo, &c., e da famosa galeria Farnesia, que tocou ao rei por successão, e que d'antes era uma das preciosidades de Roma: divide-se em dez classes distinctas, como por exemplo; estatuas; antiguidades egypcias; bronzes; quadros; bibliotheca; moveis antigos, &c.: — cadauma classe occupa galerias ou salas differentes: a universidade é um edificio immenso: é bello o aqueducto que da falda do Vesuvio traz agua á cidade; esta é protegida pelas tres fortalezas, denominadas de Santelmo, castello Novo, castello do Ovo; — são em grande numero, e algumas sumptuosas, as fontes publicas ou chafarizes; mas nem tem grandiosas praças, nem muitos dos attributos de uma grande capital. As ruas em geral são montuosas, estreitas, mal alinhadas, e pouco limpas; a este respeito observaremos o seguinte. Este clima, celebre pela pureza do ar, é talvez o da Europa que recebe mais agua pluvial: é verdade que isto só acontece n'uma estação, e poucas vezes: na cidade e nos arredores nunca ha nevoeiros, nem céu brusco: ha mezes de calor, ou mezes de chuva, mas chuva dos tropicos, caíndo sempre a agua com grandes trovoadas, mais temerosas pelo prolongado rebombo que motiva a rarefacção do ar e ainda mais a repercussão nas montanhas visinhas. Quando o céu abre as cataractas, parece ameaçar de segundo diluvio universal: em Paris era agua para dois mezes a que em Napoles cáe em poucas horas. Depois renova-se a longa enfiada de dias bonitos; do que resulta que não se fazem obras para resguardar do máu tempo, e não se vêem carruagens que não

sejam descobertas; por quanto o napolitano, habituado ao sol claro, encerra-se cautelosamente em casa nos dias chuvosos; d'estes grandes aguaceiros resulta, todavia, um bem para a cidade, porque a lavam; e é pelo que os habitantes esperam ao que parece, visto que pelas ruas nunca passa a vassoura: e comtudo ha um official, *il portulano*, incumbido da policia e limpeza das ruas, cargo que desempenha mal, por quanto apparecem immundas: apezar d'esta falta d'aceio, é tão benigno o clima que não ha epidemias. Os montes que circumdam a cidade, nas ladeiras dos quaes estão edificadas ruas declives, dão causa a que as aguas correndo em cheias para a parte chã, arrebatam quanto encontram na passagem; d'isso procedem ás vezes graves accidentes, até de perda de vidas. — Os napolitanos, que fallam sempre por figura, chamam a estas cheias assim engrossadas, a *lava*, alludindo á do Vesuvio. Quem disse que no mercado de París se faziam n'um dia mais figuras de rethorica do que se acham no discurso mais floreado, nunca esteve em Napoles; ahi é que acharia verdadeiramente a terra das metaphoras; nenhuma cousa chamam pelo nome: os generos são apregoados no mesmo estylo; quem vende peras ou maçãs cosidas grita: *beato chi tiéne la tossa*: «bemaventurado o que tem tosse:» tudo é hyperbolico, o vendedor de melancias brada a esfalfar-se: *che galanteria, vero sorbetto!* «oh que bella cousa, é mesmo sorvete!» levantando ambas as mãos acima da cabeça e mostrando as duas metades da melancia que acabou de partir: e com effeito merece este fructo ser gabado e mostrado; nós, os portuguezes, bem o sabemos apreciar nos mezes calmosos. A tenda do homem que o vende é simples (vêde a estampa), nem os utensilios são numerosos; basta-lhe uma faca larga e comprida, que meneia com incrivel presteza; n'um momento é partido o fructo, mostrado ao publico, talhado, e consumido pelas mãos, ou mais correcto pelas boccas dos seus affeiçoados, que fazem apertão e se acotovellam ao redor do apparato da venda; consiste esta n'uma longa mesa um tanto inclinada, na qual laboram um ou dois homens, conforme o gasto da fazenda: ao lado está um vasto armario em prateleiras onde tem collocadas as melancias, partidas ou inteiras, que pelo tamanho enorme ou pela côr viva attrahem a vista. Na muralha, ou n'uma bandeira suspensa das ramagens que enfeitam um mastro, ha uma pintura de Polichinella trazendo ás costas um dos fructos com que parece gemer carregado, ou outros que taes borrões: ás vezes são dois figurões a serrar uma desmesurada melancia. Este trem de ordinario é posto ao pé de uma barraca, chamada a gruta, guarnecida de bancas e assentos onde tomam logar os que não querem comer na rua.

Se a vida sedentaria aperfeiçoa a ordem social, o sol de Napoles, que permitte viver na rua, introduz nos habitos da plebe uma aspereza bruta. París e Londres são duas cidades sem duvida tumultuosas: pois bem, são charnecas, ermos em comparação com aquella: quem não tiver visto Napoles bradará que isto é exaggerado, quem lá esteve achará diminuta a comparação. A bulha faz pasmar, e ensurdece até a pessoa que pela primeira vez percorre a cidade. Que significam aquelles berreiros? Onde vai aquella turba popular, que se encruza, se embate, e se precipita em todas as direcções?... Estará o inimigo ás portas de Napoles? Faria S. Januario algum milagre novo?... Ameaça o Vesuvio; ou tracta-se de alguma grande festa? — Nada d'isso; esta bulha é diaria, e muitas causas a produzem.

Napoles fica entalada entre uma cadeia de montes que lhe são inteiramente sobranceiros; as ruas, compridas e estreitas, são calçadas de grandes lagens, e ôcas por baixo: as casas de cantaria não teem menos de cinco andares. Ajunctai a isto mais de trezentas igrejas e outros tantos palacios, que fazem echo; fazei rodar ao mesmo tempo sobre essas lagens retumbantes dez mil carruagens e outros vehiculos de todo o lote e de todas as fórmas, e carros puxados a bois, que levam ao pescoço grandes campainhas: junctai a esta motinada o estrondo que fazem as diversas profissões que todas teem seu exercicio nas ruas, o carrilhão de setecentos a oitocentos sinos, os gritos de cento e cincoenta mil homens; e talvez podereis fazer idéa do tumulto d'esta cidade ruidosa. — Da bahia e do vario destino de Napoles fallámos a pag. 311 do 2.º vol. da 1.ª serie. Deixemos, porém, agora a cidade, e prosigamos com o Vesuvio.

Erupções do Vesuvio.

A primeira erupção do Vesuvio, de que a antiguidade nos deixou particularisada noticia, foi a que succedeu no reinado de Tito, no anno 79 da era christã: comtudo seria engano pensar que não fôra precedida de outras (1). Dezeseis annos antes aconteceêra, como presagio d'aquella, o destruidor terremoto, que Seneca philosopho relatou n'estas poucas palavras. — «Pompeia, aquella cidade celebre da Campania, proximo á qual a praia de Surrentum e de Stabia por um lado e a de Herculanum pelo outro formava, pela juncção e retrahindo-se, um golpho agradavel, acaba de ser arruinada e os seus arrabaldes mui damnificados por um terremoto no inverno, isto é, na estação que os nossos antepassados julgavam isenta de perigos d'esta natureza. A Campania, que nunca estivera sem sustos, mas que pelo menos escapára até então dos assaltos, foi em grande parte assolada por estes violentos abalos do globo: uma porção de Herculanum foi destruida; a colonia de Noceria estragada; a cidade de Neapolis soffreu mais perdas particulares do que publicas, sendo levemente accommettida d'esse espantoso flagello: muitas casas de campo sitas nas corôas dos montes sentiram repellões sem resultado. Accrescentam que ficou soterrado um rebanho de seiscentos carneiros; que se fizeram em pedaços estatuas; e que depois do funesto acontecimento viu-se vaguearem nos campos homens perdidos do sizo.» —

Plinio o moço narra com circumstancias miudas e sobremodo curiosas, nas suas cartas (ep. 16.ª e 20.ª do liv. 6.º), a fatal erupção de 79 que deixou memorias indeleveis. Começa por contar a morte de seu tio, Plinio o naturalista, que pereceu n'essa erupção, victima da sua coragem e do amor á sciencia. Achava-se este em Miseno commandando a frota romana; curioso de observar de perto tão espantoso phenomeno, e desejoso de prestar soccorro aos desgraçados ameaçados da morte, mette-se em um navio, atravessa o golpho, e passa a Stabia: reina por toda a parte terror e confusão, por toda a parte se foge. Comtudo Plinio, para socegar seu amigo Pomponiano, em casa do qual se alojara, passa pelo somno; porém, acordado pelo tumulto, vê-se constrangido a fugir para a praia, onde, achando o mar muito revolto para poder embarcar, para, pede agua, e faz estender uma coberta em que se deita; d'ahi a pouco, chammas que cada vez se mostravam maiores e o cheiro d'enxofre que annunciava a approximação d'ellas, pozeram em fuga quem o acompanhava. Levanta-se, encostado a dois servos que o não desampararam, e no mesmo instante cáe morto: passa-

(1) Continuado de pag. 156.

dos tres dias, achou-se no mesmo sitio o corpo inteiro, com o vestido intacto, e na postura de homem que repousa.

Decorrido um seculo, Plutarcho accrescenta muito estas particularidades, e d'ahi a cincoenta annos Dion Cassio de mais a mais as recheia de contos maravilhosos e de fabulas inventadas e propagadas pelo povo: diz que se seguiu uma grande fome; que abalaram todo o territorio tremores espantosos acompanhados de estrondos fortissimos e singulares; que as pedras e os rolos de fogo e fumo despedidos pelo volcão eram taes e tantos que obscureciam os ares e o sol parecia eclipsado. Verdade é que todos estes phenomenos tiveram logar com grande intensidade, que as torrentes de lava incendiada e montes de cinzas alagaram e destruiram tudo, e sepultaram duas cidades inteiras, Herculanum e Pompeia, na occasião em que o povo estava no theatro; o vento despargiu as cinzas para sitios mui affastados, e em Roma causaram grande terror. Gallieno e Eutropio escrevem no mesmo sentido. *(Continúa.)*

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnati! —
Ma per far la to vendetta,
Sta siguru, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

III

CONFORMANDO-NOS com o preceito de Horacio — *in medias res*, — em quanto dormem os nossos heroes aproveitaremos a opportuna occasião d'entrar em algumas explicações essenciaes para bem se colher o fio d'esta mui veridica historia.

Já o leitor sabe que o pai de Orso, o coronel della Rebia morrêra assassinado; mas na Corsega não se morre assassinado, como nos outros reinos, por um fugidiço das galés, ou por um ladrão de casas. Morre-se da mão dos inimigos; e a difficuldade toda está em conhecer o motivo por que ha esses inimigos. Familias inteiras alimentam odios encanecidos, e se as interrogarem não acertam com a razão das suas discordias.

A familia do coronel della Rebia, entre outras, detestava mais que nenhuma a casa dos Barricini. Dizia-se que a origem da contenda subia ao seculo XVI; um della Rebia seduzíra uma Barricini, e caíra apunhalado pelos parentes da donzella offendida. As malquerenças continuaram desde então — e mais de uma vez o cadaver dos membros de ambas as familias gotejára sangue ao limiar das respectivas casas.

Causas pequenas e quasi vãs provocaram, ou, mais exacto, exacerbaram a antiga animadversão dos della Rebia com os Barricini, pouco antes da epocha em que principia a nossa acção. A politica veio ajunctar-se ás questões particulares, e envenena-las mais. Della Rebia servíra Napoleão; — o cabeça dos Barricini era pelos Bourbons. A mulher do coronel, ao expirar, pediu que a sepultassem no meio d'um bosque, que em vida a distrahíra das grandes mágoas pela sua grandiosa solidão. Barricini, maire, ordenou que a enterrassem por força no cemiterio publico. Os dois partidos armaram-se, desafiaram-se, e juraram o mutuo exterminio. Quarenta aldeões com clavinas, apoderando-se do cura, ao saír da missa, obrigaram-n'o a acompanhar o enterro da defuncta e a benzer a terra do bosque onde se lhe tinha feito a cova. O maire com os gendarmes (soldados municipaes) e muitos dos seus clientes acudiram para atalhar este plano. Apenas se avistaram, de parte a parte romperam injurias, voaram maldicções, e tiniu o salto do ferro das espingardas que se engatilhavam. Barricini viu o *ar tempestuoso*, e naturalmente prudente deu ordem de retirada á sua gente, que deixou livre a estrada por onde os amigos do coronel della Rebia seguiram triumphalmente a sua marcha victoriosa.

Como é de suppor, resultou d'este motim requintarem os odios, e repetirem-se os desgostos e contendas que máus visinhos tanta occasião teem sempre de promover ou excitar.

Um processo intentado pelo advogado Barricini ao coronel estava para se julgar, quando o inimigo de della Rebia appresentou ao procurador regio uma carta escripta por um salteador afamado, em que o ameaçava de lhe incendiar a casa e de lhe cozer o peito de punhaladas, se insistisse na demanda. Na Corsega é de uso empregar este meio extra-juridico nas causas, e o maire já se lisonjeava de cobrir o seu adversario do odioso, quando Agustini, como salteador de brio, escreveu elle proprio ao procurador regio, queixando-se de que lhe falsificavam a letra e denegriam o caracter, assacando-lhe semelhante carta, e concluia — «se eu souber quem foi o culpado, protesto puni-lo exemplarmente.» — Agustini era homem de palavra — o caso ia-se complicando deveras.

Dois mezes depois d'este acontecimento, ao caír da tarde, ouviu uma mulher de Pietri dois tiros, que soavam d'um valle estreito, cavado cento e tantos passos do sitio em que ella ia. Ao mesmo tempo viu um homem fugir, curvo e rente com o chão, por entre as vinhas, e tomar o caminho da aldeia. O homem parou instantes e virou-se como para observar, mas a distancia não lhe permittiu conhece-lo: com a mão elle acenava a um companheiro occulto, que a testimunha nunca apercebeu, e d'ahi a pouco sumiu-se inteiramente.

A mulher de Pietri galgou a encosta a correr, e descendo-a achou o coronel della Rebia banhado em sangue, ferido no peito de duas ballas, e suspirando ainda. Tinha ao pé de si a clavina engatilhada, como quem se defendia de frente quando outros o atacaram pelas costas. As convulsões e o estertor não lhe deixavam proferir palavra. Debalde a pobre velha tentou anima-lo, e fazer-lhe perguntas — via-o abrir a bocca, mas inutilmente: não tinha força já para responder. Notando o gesto de levar a mão ao peito, procurou ella no seio do coronel e tirou uma carteira, que lhe offereceu aberta. O ferido, com o lapis traçou confusamente muitas letras que, não sabendo ler, a testimunha não podia perceber. Emfim, desfallecido d'este ultimo esforço, della Rebia deixou-lhe caír na mão a carteira, e encarando-a com estranha attenção mexeu os labios — parecia dizer — «E o nome do meu assassino.» —

Seguiu-se um processo intentado aos Barricini — as suspeitas eram contra elles, porém provas não as havia. Foram absolvidos, e Colomba, a pobre orphã, segundo o costume nacional, recitou uma *ballata* diante do ataude de seu pai. E esta *ballata*, popular em toda a Corsega, era a mesma que o marinheiro do hiate cantava a miss Lidia, quando a chegada de Orso o fez emmudecer. Mas Colomba era verdadeira filha d'aquella terra aspera e indomavel. A esperança de vingar um dia o sangue do pai morou-lhe sempre no coração, e incarnou em toda a sua existencia. Vendo Orso, esta esperança, tantos annos secreta e comprimida, floriu — e n'aquella noite em que, pe-

la primeira vez depois de largos annos, o mesmo tecto abrigava os dois orphãos, tanto tempo separados — apertando contra o peito o cabo do punhal, que escondia no seio, como a abelha o seu ferrão — entre as fervorosas orações de filha e a innocencia pura de virgem, não sentiu remorsos de offerecer a Deus tambem entre o incenso das supplicas o pensamento cruel de um crime projectado. — «Ao menos, dizia comsigo, os Barricini morrem da mão de um homem!»

E que se Orso faltasse, ella, mulher fraca e desamparada, inspirada pelo fanatismo do amor filial e pelo enthusiasmo dos costumes populares, tinha animo de emprehender, só, a obra de vingança que na sua fé ingenua e quasi selvagem imaginava que Deus fadára ao tenente Orso della Rebia. *(Continúa.)*

Diana caçadora.

João Goujon, appellidado restaurador da esculptura em França, nasceu em París no seculo XVI, quando o poderoso impulso dado ás artes na Italia se communicava á França, e excitava aquella admiração intelligente da arte antiga, que produziu n'este reino tantas obras primorosas em tempo de Francisco I e seus successores. — Da carreira da sua existencia não se referem incidentes notaveis; a historia da vida de grande parte dos homens de talento cifra-se no catalogo e exame de suas obras. Porém a morte d'este artista procedeu de uma circumstancia singular: estando sobre um andaime a trabalhar nas decorações do Louvre velho, foi ferido de um tiro d'arcabuz no celeberrimo dia de S. Bartholomeu (1572); e assim pereceu mais esta victima do fanatismo religioso; se é que o não foi da ignobil inveja ou da traiçoeira vingança; porque n'esses deploraveis tempos se aproveitavam, como sempre, mesquinhos odios particulares, para, no tumulto das discordias civis, saciarem-se impunemente em meio da confusão e desordem.

Goujon é muito popular na sua patria; e o cognominam Phidias francez, Corregio da esculptura. Ainda se admira em París a bella *fonte dos innocentes*, erigida em 1550 de encontro a uma casa da rua de S. Diniz, e transferida em 1788 para o meio da praça que actualmente aformoseia: é obra de magestosa simplicidade, e os baixos relevos são tão salientes que parecem despegados da mole de pedra em que foram abertos. Outra composição sua n'outro genero, colossal e grandiosa, é a *tribuna da sala dos cem suissos*, no Louvre.

Henrique II empregou este artista no aformoseamento do castello d'Anet, que ficou celebre por ter sido residencia da formosa Diana de Poitiers. Este castello hoje só dura nos versos da Henriada e nas relações dos chronistas: posto em almoeda e vendido como pertencente aos bens nacionaes no tempo da revolução, foi comprado, segundo se diz, por particulares que pretendiam salvar da destruição as obras dos maiores artistas francezes do seculo XVI, Felisberto de Lorme e João Goujon: infelizmente os compradores não podiam ter a casa sem a propriedade rustica, e ficaram com as suas boas intenções; os materiaes do edificio venderam-se, e os baixos relevos serviram para resgate de prados e mattas: á excepção do portal da entrada, de parte do corpo esquerdo do palacio, e da capella, tudo foi deitado abaixo. Estava a marreta dos demolidores a ponto de fazer desapparecer de todo a bella portada interior do primeiro atrio, quando Mr. Lenoir, fundador do museu de monumentos francezes, a salvou adquirindo-a para o estabelecimento que tinha acabado de crear. O formoso grupo, de que a nossa gravura dá ideia succinta, obra do mesmo Goujon, foi tambem resgatado de Anet pelo zelo de Mr. Lenoir; e os entendidos o contemplam no dicto museu, na sala dos esculptores francezes. Esta preciosa esculptura havia sido arrancada da base, levada a distancia de dez leguas, e partida para extrahirem os tubos de cobre ou de chumbo que serviam de canos aos repuxos; por quanto, depois de haver ornado, na sua origem, o centro do atrio do castello, aquelle grupo fôra transportado para o eirado do jardim, ao meio de um arco de architectura rustica, onde servia de enfeite a uma fonte de repuxo. Os vandalos ficaram com o chumbo, e a pedra pertenceu a Mr. Lenoir, que ajunctando-a e compondo-a a restituiu á França.

O artista representou a caçadora Diana dos gregos, a robusta e casta filha de Latona, cujo typo d'estylo antigo apparece em jardins e museus a par do Apollo de Belvedere. A deusa encosta-se com gentil indoleneia a um veado manso, e acompanham-n'a seus cães Procyon e Syrio: a caçadora intrepida, que sempre corre por montes e selvas, parou a tomar algum descanço: vê-se em todo aquelle corpo feminino,

tão puramente desenhado, não sei que engraçado abatimento, em que se reconhece toda a fadiga de uma longa excursão. Comtudo o artista, que possuia em gráu subido o sentimento da arte antiga e da idéa religiosa de que ella é sempre representação symbolica, não deixou embrandecer o cinzel no contorno d'aquella postura negligente: a cabeça da deusa, que os antigos poetas figuraram avultando sobre as nymphas de sua companhia como a copa do carvalho acima dos arbustos da floresta; a garganta, a parte superior do peito, manifestam certa robustez e energia: não é uma parada de caçador exhausto por cansaço, é um repouso de immortal, a tregua de momentos concedida pela terrivel caçadora aos habitantes dos bosques; pensamento gracioso que parece ter occorrido ao esculptor pondo ao lado da deusa o corpulento e bello veado, a quem ella com o braço direito abarca o pescoço tão cheio de musculos e de vigor: este formoso animal foi esculpido com infinito esmero. Os contemporaneos de Goujon admiraram extremamente n'este grupo magnifico o cervo e os cães, pois que o reprehendiam de fraqueja n'este genero, como parece dos baixos relevos da capella d'Ecouen: o artista doeu-se da censura, e applicando-se fez muito mais do que se esperava. Este grande progresso é mui digno de observação, por isso que nasceu de nobre emulação. Benevenuto Cellini, que passára alguns annos na côrte de Francisco I (vid. a pag. 132 d'este vol.), tinha feito para este monarcha um baixo relevo representando uma nympha cercada de animaes montezes: esta peça foi posta de banda n'algum armazem, e depois da morte do rei deram-lhe outro destino; em vez de a assentarem no castello de Fontainebleau, serviu para ornato do de Anet. Viu-o Goujon, e contemplando attonito a perfeição com que foram modelados os animaes alli esculpidos, formou logo tenção de imita-la; e não querendo ficar atraz d'este modelo, o seu talento chegou ao nivel da sua vontade: conseguiu igualar, senão exceder, o seu emulo. — Existe no Louvre o grupo de Goujon, restaurado para as artes por Mr. Lenoir.

Expedições de tres potencias ao polo austral.

(Continuado de pag. 158.)

Expedição franceza.

A expedição franceza constava de duas corvetas, *l'Astrolabe* e *la Zelée*; a primeira commandada pelo capitão *Dumont d'Urville*, a segunda pelo capitão *Jacquinot*. Ambos os navios apparelharam da enseada de Toulon a 7 de setembro de 1837. Transportaremos a expedição á data de 27 de fevereiro de 1838, aos 62° 50′ de latitude sul, e 59° 18′ de longitude ao occidente do meridiano de París. É d'este ponto que o capitão d'Urville avistou a terra a que poz nome de *Luiz Filippe*. N'essas mesmas paragens descobriu igualmente: 1.° outra terra ao oriente da primeira, a que chamou *Joinville*: 2.° outras muitas ilhas que nas suas cartas designa pelos nomes de *Astrolabio*, *Rosamel* e *Daussi*: 3.° o brago de mar que separa as terras da Trindade da terra Luiz Filippe, e que denominou *canal* d'Orléans: 4.° ao norte d'este canal descobriu mais as ilhas Jurien e Dumoulin. Depois d'estas operações, o capitão d'Urville já não teve possibilidade de levar por diante as suas investigações; adiantando-se ameaçadora a estação, dirigiu a expedição para a Terra de Van-Diemen com o intento de repetir no anno seguinte a exploração do polo antarctico.

No 1.° de janeiro de 1840 larga de Hobard-town, e encaminha-se ao polo austral; a 18 do mesmo mez acha-se em 64° de latitude sul e 139° de longitude leste. D'este ponto descobre na parte sul, a grande distancia, uma terra a que só póde arribar a 21. Então expede uma lancha que não toma terra senão depois de vencidas inauditas difficuldades: o capitão dá a essa terra o nome de sua esposa, *Adelia*.

A terra Adelia, por 66° de latitude, estende-se em longitude dos 134 aos 140° ao oriente do meridiano de París.

A 23 a expedição já tinha seguido por espaço de vinte leguas a costa d'essa terra nova, não sem muitos soffrimentos por causa do estado do mar e das rajadas intermittentes do vento, que precipitando os navios, ora para montes de gelo ora um para o outro, tinha-os incessantemente expostos aos maiores perigos, porque em taes circumstancias uma simples cinta de duas pollegadas separa o homem da eternidade. Levantando-se um temporal, as corvetas se desgarraram pela primeira vez; mas o vento acalmou, e se tornaram a encontrar sem padecerem avaria grossa.

A *Adelia* cerrava á expedição o rumo do sul, porém o capitão nem por isso deixou de proseguir em sua navegação penosa á mercê dos ventos e das circumstancias, o que lhe trouxe, aos 30 de janeiro, o conhecimento de outra nova terra, a que chamou *Claria*, nome da esposa do capitão Jacquinot, commandante da *Zelée*. Acha-se esta terra pelos 65° de latitude, e entre 132° e 139° de longitude ao oriente do meridiano de París.

O capitão d'Urville, depois de a costear obra de cincoenta leguas, dirigiu-se novamente para o sul, onde se achou bem depressa involvido nos gelos, e arrebatadamente retido por uma serra d'elles impenetravel. Teve ainda a felicidade de saír d'esta posição perigosa, e livre em seus movimentos tomou outra vez a direcção do polo, luctando trabalhosamente contra os obstaculos com uma efficacia de que só elle era capaz. Comtudo não poude alcançar a mais do que os 66° 35′ de latitude sul, e 137° 48′ de longitude leste. N'este ponto não se notava na agulha magnetica declinação, e obedecia ella a qualquer aproar do navio; a agulha d'inclinação tomava a vertical: alli é que principalmente foram feitas as delicadas observações do capitão d'Urville; e d'ellas resulta que o polo magnetico austral acha-se aos 71° 45′ de latitude, e 133° 40′ de longitude ao oriente do meridiano de París. — Segundo as cartas da expedição é que o auctor d'este artigo fixou esta posição. —

Acabada esta operação, talvez a mais importante da empreza, e estando as equipagens ha muito tempo cançadas de fadigas, e accommettidas já de doenças, o commandante, para não ser colhido nos gelos, deu-se pressa a largar paragens inhospitas, e dirigiu-se para o norte.

Expedição ingleza.

A expedição ingleza compunha-se de dois navios, o *Erebo* e o *Terror*: o primeiro commandado pelo capitão *Ross*, e o segundo pelo capitão *Crozier*. Estes dois vasos, de 350 toneladas e em tudo semelhantes, são de construcção particular e inteiramente adaptada ao serviço de exploração das regiões polares; são feitos em tres divisões, de modo que se uma parte do navio experimenta grossa avaria, ou mesmo se despega de todo, a equipagem não fica sem recurso, posto que em grande perigo.

Por occasião d'esta expedição, confiada aos capitães Ross e Crozier, fez-se a seguinte observação: — que estes dois officiaes desde a infancia foram ligados pela amizade mais intima; ambos saíram aspirantes, guarda marinhas, e officiaes ao mesmo tempo; nunca serviu um onde não estivesse o outro; ambos fizeram parte da expedição do capitão Parry ao polo boreal; e ambos estiveram tres annos retidos n'aquelles gelos do polo arctico.

A expedição ingleza larga da Europa a 15 de setembro de 1839, dirige-se para a terra de Van-Diemen, e no 1.º de janeiro seguinte, o Erebro e o Terror apparelham de Hobard-town; tempo favoravel os leva aos circulos polares. A intenção do capitão Ross era encaminhar-se para o polo pelo sudoeste. A 3 de janeiro ultrapassa um monte de gelo e continúa a sua derrota sem experimentar grandes difficuldades; em a manhã de 9 a expedição acha-se em mar perfeitamente desembaraçado e segue na direcção do sudoeste Aos 11 do mesmo mez, de manhã, pelos 70º 41′ de latitude sul e 172º 36′ de longitude leste, a expedição houve vista de uma terra na distancia approximada de cem milhas e direcção sudoeste. Com este descobrimento o capitão Ross sentiu algum desgosto, porque aquella terra lhe fechava o rumo ao polo magnetico, cuja fixação era o mais importante alvo da sua commissão. Não obstante isso, tomou posse d'ella no dia 12 e impoz-lhe o nome da sua soberana, a rainha *Victoria*, e estabeleceu que as immensas montanhas a pique e nevosas, de que é totalmente formada, estão situadas pelos 71º 56′ de latitude, e 169º 7′ de longitude.

O capitão Ross calculou que, portando para o sul o mais longe que lhe fosse possivel, ultrapassaria o polo magnetico, que suppunha pelos 76º, e que governando depois para oeste o circularia completamente; seguiu pois esta terra tão importante, e chegou aos 21 de janeiro á latitude de 74º, 45″. A 27 do dicto mez desembarcou em outra ilha por 76º, 8′ de latitude; a qual é toda composta, como a primeira, de rochas volcanicas. A 28, ao despontar o dia, avistou uma enorme montanha de quatro mil metros d'elevação, que vomitava desmedidos rôlos de fumaça e labaredas: este volcão, de grande actividade, recebeu do capitão Ross o nome de *monte Erebro*; é situado a 77º, 32′ de latitude, e 167º de longitude leste: na parte oriental do volcão existe uma descompassada cratera, mas extincto o fogo, e um pouco menos elevada que o volcão; recebeu o nome de *monte Terror*. — Este continente conservava a sua direcção para o sul; e o seguiram até onde, na tarde do mesmo dia 28, a expedição foi estorvada por uma barreira de gelos que, partindo do cabo da costa, proseguia a les-sueste. Esta barreira, de 50 a 60 metros d'altura, deixava vêr para detraz d'ella os picos nevados de uma cordilheira que corria a susueste por 79º de latitude. — O capitão seguiu a barreira a leste até 9 de fevereiro, epocha em que adquiriu a certeza de que ella se estendia por espaço de mais de cem leguas. Emfim, a expedição não parou senão diante de uma serra de gelos insuperavel, e comtudo estava de volta com ella, e se não viera em seu auxilio uma forte briza, achar-se-hia prisioneira nas regiões austraes, como já tinha acontecido nas boreaes aos dois commandantes; n'aquelle momento os thermometros estavam a 20º frio, e a sondareza dava 303 braças de fundo. — Tendo a ventura de sair de uma situação tão perigosa, o capitão Ross dirigiu-se para oeste, e a 13 de fevereiro achava-se pelos 75º sul, na impossibilidade de se approximar do polo magnetico senão a distancia de cincoenta leguas. — Novas tentativas de desembarque foram infructuosas, e os trabalhos do capitão Ross tiveram de limitar-se, n'aquellas paragens, a marcar o continente que acabava de descobrir, que se estende em latitude dos 70º aos 79º, ao qual vimos que denominou «Victoria.» — A 25 de fevereiro, o capitão, tendo reconhecido tambem que a parte boreal d'essa terra acabava abruptamente nos 70º 40′ de latitude e 165º de longitude leste, tractou até 4 d'abril de completar as suas observações, e neste mesmo dia poz prôa para Van-Diemen.

Resumindo os trabalhos das tres expedições colhese que revelaram ao mundo scientifico a existencia de muitas terras de que não havia suspeita na parte austral do globo; e a de montanhas volcanicas de quatro a cinco mil metros de elevação nos 30º de latitude, dá motivo a que se admitta um continente antarctico. Tambem o capitão Ross diz que não será por via terrestre que se poderá chegar ao polo austral.

D'este modo os physicos de futuro poderão deixarse de estabelecer theorias sobre a possibilidade ou impossibilidade da formação dos gelos fluctuantes sem a concorrencia de continentes, pois que não faltam no polo austral.

Os geologos devem tambem estar perfeitamente socegados quanto ao equilibrio do nosso planeta, pois que o pezo das terras arcticas é convenientemente balançado pelo das terras antarcticas, e a posição do eixo da terra é estavel e segura ainda por bastante tempo.

Os engenheiros geographos em suas cartas substituirão d'ora ávante os rabiscos que empregavam como designação dos gelos fluctuantes nas regiões polares, por desenhos bem contornados das terras recem-descobertas por nossos ousados navegadores; e quanto á fixação do polo magnetico austral os trabalhos de d'Urville nada deixam que desejar.

Mahomet ou Mafoma.

(Continuado de pag. 154.)

Com effeito, apesar das asserções verbaes de Mahomet, apesar dos protestos d'Ali e d'Abou-Bekr, os proprios discipulos da religião nova ralharam da relação da viagem aeria do apostolo de Deus, como chamavam então ao seu propheta. Convém observar que Mahomet, no Koran, não se atreveu a explicarse claramente a respeito d'uma aventura tão inaudita. Eis-aqui o que elle diz: «Louvores áquelle que transportou o seu servo do templo de Meca ao templo de Jerusalem!» Lê-se em outro logar: «Elle se levantou ao alto dos ares, e chegou á distancia de dois arcos, e até mais perto, do throno de Deus; e Deus revelou ao seu servo o que lhe revelou, e o seu coração não imaginou o que elle viu. Ireis vós pois disputar com elle ácerca do que viu?» Ainda que os auctores mais graves consideram a viagem nocturna como uma visão, e sustentam que Mahomet não foi transportado ao céu senão em espirito, a tradição transmittiu este facto como uma verdade que os musulmanos devem crêr sem exame. Nunca deixam de celebrar o anniversario d'esta viagem.

Comtudo o islamismo se foi propagando pelo interior da Arabia. Tendo vindo a Meca uma nova caravana de gente de Medina, abjurou a idolatria na presença de Mahomet. Então o propheta poz termo ao constrangimento. Até este momento tinha recommendado a paciencia aos seus adeptos: «Perdoai aos vossos inimigos, lhes repetia elle, aguardando a

vingança de Deus.» Mas esta victoria lhe fez mudar de linguagem. «Os musulmanos podem combater com aquelles que lhes fazem injurias, disse elle aos seus partidarios; por certo que Deus tem forças para lhes mandar auxilio.»

Fez depois prestarem-lhe juramento de fidelidade, e os mahometanos juraram defende-lo como defenderiam as suas mulheres, filhos e familias, e para lhes inflammar o animo prometteu a entrada no septimo céu aos que por elle morressem. Tomados de susto os magistrados de Meca, quando tiveram esta noticia, resolveram dar morte ao innovador. Mahomet previu o perigo e esquivou-se aos golpes. Fez partir ás escondidas para Medina os fieis sequazes, e passados dias saíu atraz d'elles. A este successo se chama *hegira*, d'uma palavra arabe que significa fugida, e depois serviu de epocha para todas as nações musulmanas. Corria então o anno 622 da nossa era, Mahomet tinha perto de cincoenta annos, e havia treze que prégava a sua doutrina.

Mahomet, sendo recebido em triumpho em Medina, lançou mão de toda a auctoridade espiritual e temporal, e os seus discipulos o reverenciaram como rei e pontifice. Tractou logo de fundar o seu poder e dar ao culto musulmano fórmas que bem pouca alteração teem tido. A primeira cousa em que cuidou foi edificar uma mesquita onde fosse orar com o povo; para dar o exemplo trabalhou n'esta obra com as suas proprias mãos. «Quemquer que trabalhar n'esta mesquita, disse elle, edificará para a vida eterna.» Tambem construiu uma casa para si, e outro tanto fizeram os companheiros da sua fuga. Mahomet, como o perseguiram violentamente, não curou senão de estender as suas leis á força d'armas. Vencedor muitas vezes, vencido algumas, attribuia as victorias ao Eterno, e as derrotas aos peccados dos seus soldados. Durante o combate de Berd, contra os de Meca, batia Mahomet no peito pronunciando esta oração: «Oh meu Deus! deixas perecer os teus servos; ficarás sem adoradores sobre a terra!» Estava tão perturbado que chegou a dar-lhe um vagado. Cobrando animo de repente, fingiu que o anjo Gabriel lhe apparecêra, e exclamou: «Alegrai-vos: Deus nos manda soccorro!» Ao mesmo tempo monta a cavallo, e tomando um punhado de areia, lança-a á cara dos seus inimigos: «Que as suas faces sejam confundidas», bradou elle. Os seus guerreiros tentaram um ultimo esforço, e ganharam a batalha. Passados alguns dias lançaram Mahomet do cavallo abaixo n'uma escaramuça. Cheio de contusões no rosto e com o corpo crivado de feridas, porém tranquillo no meio do perigo, não cessava de repetir: «Oh! como poderão prosperar os homens que ensanguentam assim a cara do seu propheta?»

Depois de muito sangue derramado, de conquistadas e destruidas muitas cidades, ajustaram os de Meca treguas por um anno, durante as quaes era o propheta senhor de vir em romagem á Caaba. Por esse tempo aconteceu a Mahomet um caso triste. Na guerra que sustentou contra os judeus de Khaibar, uma rapariga que perdêra o irmão e lhe queria vingar a morte, envenenou um quarto de carneiro de que o propheta havia de comer. Ao primeiro boccado que Mahomet engoliu conheceu que tinha veneno, e atirando com elle fóra, exclamou: «Este carneiro me adverte de que está envenenado!» Os musulmanos apregoaram que era milagre, e o quarto de carneiro foi por muito tempo venerado como reliquia. Mas o veneno já tinha lavrado nas entranhas do propheta, que nunca mais teve saude.

Deu-se depois a pôr em practica o projecto de sujeitar a Meca, sua patria; já tinha feito a primeira peregrinação esplendida, durante a qual uma multidão de idolatras abraçára a sua causa. Apesar do tumulto das armas, a entrada de Mahomet em Meca teve um caracter religioso; elle se havia revestido com o habito dos peregrinos, e avançou recitando em tom solemne estas palavras do Koran: «Na verdade te concedemos uma victoria insigne; Deus te perdoou os teus peccados passados e futuros, afim de te cumular de graça, de te encaminhar pela via recta, e de te auxiliar com um poderoso soccorro. Foi elle que fez baixar ao coração dos fieis o descanço e a tranquillidade para lhes augmentar a fé com uma fé nova. Deus é grande e misericordioso.» O primeiro empenho de Mahomet foi visitar de novo a Caaba, e orar a Deus nos logares sanctos; depois, impaciente por apagar até o ultimo vestigio do culto profano, lançou por terra os idolos que cercavam a casa-quadrada. Mahomet chegou successivamente ao pé de cadauma d'estas divindades, e tocando-lhes com uma varinha que trazia na mão, dizia: «A verdade é vinda, seja a mentira anniquilada.» Ao mesmo tempo as faziam em pedaços, sem perdoarem se quer ás estatuas de Abrahão e de Ismael. Feita esta execução congregou Mahomet o povo e pronunciou o seguinte discurso: «Não ha outro Deus senão Deus, que cumpriu todas as promessas feitas ao seu servo, e poz em fuga a seus inimigos. Não adorareis d'hoje em diante vossos pais Abrahão e Ismael, que não eram mais do que homens como vós» (1).

O nono anno da hegira ficou sendo famoso pela affluencia dos embaixadores que vieram de todas as partes da Arabia dar os parabens a Mahomet das suas victorias; por isto este anno foi chamado o *anno das embaixadas*. Os auctores arabes comparam o seu numero com o das tamaras que pelo outono cáem. Mahomet recebeu os deputados com muita dignidade e a Arabia quasi inteira se decidiu a considera-lo seu senhor e soberano. N'uma guerra contra alguns povos remotos, tinha o exercito do propheta de atravessar as terras dos antigos temouditas: Mahomet aproveitou esta occasião para pintar aos seus soldados a sorte de um povo incredulo: mostrou-lhes grutas abandonadas, moradas desertas, e ameaçou-os com o mesmo destino se caissem na mesma impiedade. Quando chegou ao meio do valle onde os temouditas costumavam vir buscar agua, vendo que os musulmanos se precipitavam na fonte para matar a sede que os devorava, conteve-os dizendo-lhes: «Abstende-vos de beber d'esta agua que serviu a povos injustos; fugi d'este pouso de maldicção, chorai sobre os vossos peccados, e temei soffrer um castigo tão rigoroso!» E logo cobrindo o rosto com o seu manto, esporeou a mula, e não parou na corrida em quanto se não viu fóra do valle.

Os arabes de Taief, unicos que tinham conservado o culto dos idolos, vendo-se a toda a hora alvo dos ataques dos musulmanos, propuzeram que abraçariam o islamismo, com tanto que lhes deixassem por um anno o exercicio do seu antigo culto e que os dispensassem da oração. Mahomet respondeu que a verdade não admittia dilação, e que não havia religião sem orações. Submetteram-se os idolatras, e na Arabia

(1) Foi então que Mahomet quiz tractar com os mais poderosos reis como seu igual; escreveu a todos os principes christãos, judeus ou idolatras da Arabia e das regiões visinhas, convidando-os a abraçar a sua religião. A formula das cartas era: Mahomet, apostolo de Deus, a . . . saude, &c. Cosroes, rei da Persia, deu-se por tão offendido por vêr anteposto ao seu o nome de um homem que elle considerava seu escravo, que sem lêr mais nada, rasgou a carta. Mahomet, ao ouvir isto, exclamou: «Assim seja rasgado o seu reino!» Os musulmanos não duvidam que por isso vieram a soffrer Cosroes e os seus estados toda a casta de desastres

não ficou povo algum aferrado ás practicas do paganismo. Trabalhosa empreza seria a de seguir Mahomet em todos estes passos que dava para que o seu nome e principios religiosos triumphassem: com uma actividade infatigavel, com uma ambição sem limites, viam-n'o espalhar emissarios pela Arabia-Petrea, pelas costas do Golpho Persico, e até por entre as tribus nomades da Mesopotamia. Sendo outra vez chegado o tempo da peregrinação quiz Mahomet tornar a vêr a cidade onde nascêra; esta romaria patenteou os immensos progressos que fizera o islamismo. Cento e quatorze mil homens acompanharam o propheta. Tendo chegado a Meca, beijou Mahomet com respeito a pedra negra em que se suppõe estar encerrado o pacto de alliança entre Deus e os homens; depois deu as sete voltas do costume á roda da Caaba correndu ligeiro; porque como os seus inimigos mostravam acreditar que a idade e as fadigas o haviam quebrantado, quiz ostentar vigor extraordinario. Saindo depois da cidade, subiu á collina de Safa, e voltando-se para a Caaba proferiu estas palavras: «Deus é grande; não ha outro Deus senão Deus; elle não tem companheiros. Pertence-lhe o poder. Louvores lhe sejam dados. Elle é poderoso em todas as cousas; não ha outro Deus senão Deus.» Mahomet se dirigiu á collina de Merva, onde tambem fez uma oração; visitou todos os logares sagrados, e, quando acabou, fez descer do céu estas palavras: «Agora não ousarão nunca mais os descridos atacar a vossa religião; não os temais. Deus é poderoso e sabio!» O propheta completou piamente o sacrificio, immolando pela sua propria mão sessenta e tres camelos, numero dos annos que tinha; fez sacrificar mais trinta e sete pela mão de Ali. Acabadas todas as ceremonias, dispoz-se Mahomet para tornar a vêr Medina.

Achava-se então o reformador no mais alto gráu de poderio; nenhum homem, nenhum povo na Arabia era capaz de luctar contra elle. Senhor absoluto da peninsula, tudo faz acreditar que não tardaria em levar a guerra a paizes distantes, quando dolorosa enfermidade o levou ao tumulo. Depois da traição de Khaibar, o propheta não cessára de sentir os estragos do veneno. Quando voltou a Medina, cresceram as dôres, e, a 26 de maio de 632, recolheu-se á cama em casa de Aiescha, sua mulher predilecta e a confidente dos seus pensamentos. Mahomet, para socegar os seus partidarios, mostrava a serenidade mais perfeita; fallava sem cessar de Deus e da vida futura. Um dia que o que os cercavam mostraram espanto do seu padecimento, disse-lhes: «Nenhum propheta antes de mim soffreu o que eu soffro; porém quanto mais viva é a dôr maior será a recompensa.» Depois accrescentou: «O Senhor costuma dar aos seus servos a escolha d'este mundo ou do outro; eu preferi o que está juncto de Deus.» No segundo dia da sua doença quiz assistir á oração com o povo; levaram-n'o á mesquita. Depois de ter celebrado os louvores de Deus, fallou assim: «Oh homens! se eu fiz espancar injustamente algum de vós, aqui estão as minhas costas, tracte-me como o eu tractei; se dilacerei a reputação de alguem, dilacere a minha; se injustamente exigi dinheiro, aqui está a minha bolsa.» Depois deu a liberdade a todos os seus escravos, e communicou as ultimas vontades aos seus companheiros. Deixou tres preceitos: o primeiro para que expulsassem da Arabia os idolatras e todos os que não professassem o islamismo; o segundo para que recebessem todos os proselytos, sem fazer nenhuma differença dos musulmanos novos ou velhos; o terceiro recommendando a oração. Acabou amaldiçoando os judeus, cujas perfidias e odio lhe causavam a morte. Com tomar a doença um caracter mais grave enfraqueceu-se-lhe a cabeça. Contam que dois dias antes de soltar o derradeiro suspiro pediu tinta e papel para minutar um novo Koran; o que prova que Mahomet sabia lêr e escrever, pelo menos nos ultimos annos da sua vida. «Quero deixar um livro, disse elle, com o qual não se possa mais errar depois da minha morte.» Estas palavras levantaram grande rumor na sala; perguntaram uns aos outros se não tinham já o Koran, e se este livro não bastava para esta vida e para a outra; chegou mesmo a haver disputas. Foi tal o motim que Mahomet, tornando em si, se deu pressa em despedir a companhia: «Não é decente, exclamou elle, altercar assim na presença do apostolo de Deus.»

Mahomet expirou a 8 de junho de 632, com sessenta e tres annos de idade; tinha começado a prégar na de quarenta annos, e havia dez que habitava em Medina. O propheta foi sepultado debaixo da mesma cama em que morrêra; mais pelo tempo adiante levantaram-lhe n'este logar uma mesquita, onde os musulmanos veem perigrinar. «Sem razão teem alguns escriptores affirmado, diz Mr. Reinaud, que os restos de Mahomet tinham sido mettidos n'um caixão de ferro, e que este caixão estava suspenso no ar por um grande iman que pendia da abobada.

Em que Mahomet é na verdade unico, é, d'um lado, na prodigiosa habilidade com que preparou o seu papel; do outro, na imperturbavel firmeza com que o desempenhou. Mahomet era chão, modesto, e tão sobrio, que, quando morreu, ouviram Aiesca exclamar: «Oh tu que nem pão de cevada comias a fartar!» Com effeito em sua casa, as mais das vezes tamaras e agua eram todo o alimento; e passavam ás vezes dois mezes sem alli se accender lume. O propheta não se distinguia dos outros homens nem pelos vestidos nem pelo modo de viver: ao principio tinha tomado a liberdade de se vestir de algodão; mas achando que o algodão era rico de mais, prohibiu a si mesmo o uso d'elle e vestiu-se de lã. Aboul-feda conta que elle cosia o seu calçado, remendava os seus vestidos, varria o seu aposento, e servia-se a si mesmo. A maior parte da cevada e das tamaras que Mahomet colhia deixava-as aos pobres; sustentava constantemente quarenta pessoas á sua custa. Mais de uma vez lhe aconteceu carecer do necessario. Mahomet era mui zelador dos interesses dos seus amigos e confidentes, folgava de os servir com o mesmo ardor com que elles o serviam; porque lhe parecia ser este o meio mais seguro de os prender á sua causa; empregava a maior attenção em cercar de honras as pessoas em quem delegava auctoridade. Um dia que um dos seus officiaes partia para Meca para ir governar uma provincia, pozlhe por sua mão o turbante na cabeça, e, depois de o ter ajudado a montar a cavallo, acompanhou-o por algum tempo a pé, dizendo: «Cumpre honrar aquelle que está revestido de mando; não faço nada que não seja conforme ás ordens de Deus.» Mas tão disposto estava sempre para favorecer os seus amigos, quanto implacavel era para com os inimigos: contra os que lhe estorvavam os intentos não reprimia as demasias da cholera. E n'isto quinhoava o humor vingativo dos seus compatricios; nem mostrou grandeza d'alma senão quando viu inabalavel o seu poder.

(Continua.)

Obstaculos irremoviveis não deixaram publicar este numero no dia proprio. A Sociedade do Panorama empregará porém todos os esforços para que a publicação continue com regularidade.

PELOURINHO D'ALJUBARROTA.

A MEMORAVEL victoria alcançada em 14 d'agosto de 1385 pelo valor de nossos antepassados nos campos d'Aljubarrota immortalisou nos fastos portuguezes o nome d'esta villa; ahi nos legaram mais um grande exemplo do amor da independencia nacional e das liberdades patrias n'uma porfiada batalha, ganha contra a superioridade numerica e a cubiça espoliadora de inimigos poderosos. Com tão glorioso feito ficam escurecidas quaesquer memorias illustres que esta povoação poderia extrahir da antiguidade, se porventura é certo estar fundada no assento de uma cidade de largo ambito, a Arruncia dos romanos: esta opinião produz em seu abono, entre outros testimunhos e conjecturas, a inscripção de uma pedra que se achou servindo de mesa ao altar mór da antiquissima igreja de Sancta Marinha, templo de que já no meado do seculo passado existiam diminutas reliquias. Em Pogos do Soão, logar do seu termo, desenterraram-se por vezes em chão lavradio medalhas romanas.

Entre os brazões notaveis, de que póde jactar-se Aljubarrota, sobresáe o instrumento mechanico que a destemida Brites, padeira, converteu em bellico; tradição popular, senão verdadeira em todas as suas particularidades, pelo menos de espirito grandemente nacional e até engraçada. No 3.º vol. do Panorama (a pag. 413 e 414) se indicou o grán de possibilidade do facto, e se transcreveram as recordações que os historiadores colligiram. — Accrescentaremos o que ainda constava quando escreveu o padre Cardozo, em 1747, o qual diz assim no tomo I.º: — «Entre as cousas memoraveis d'esta villa tem o primeiro logar a pá da forneira chamada Brites ou Beatriz d'Almeida, com a qual matou sete castelhanos *de um impeto*, no tempo da batalha que elrei D. João o I de Portugal deu nos campos d'esta villa a D. João de Castella; e *é crivel mataria mais a não desistirem da empreza*. É de ferro, quadrada, e *se conserva desde aquelle tempo sem ferrugem*, com seu cabo de páu. Está na casa da camara d'esta villa; e quando por ella havia de passar alguma pessoa real ou de grande qualidade, era costume mandar o senado da camara expôr na praça, á vista de todos, a dicta pá na mão de uma mulher honesta, padeira, bem composta. Em seu elogio concluem uns distichos que na parede do mesmo paço se veem escriptos e dizem assim:

. . . . . observetur et ille
Castellæ stimulis, Lusiadumque decus. (1)

A differente proposito ajuncta o mesmo geographo: — «O grande sino do relogio d'este povo, que se vê posto na torre contigua ao paço do concelho, foi dadiva do Sr. rei D. Sebastião, eterna saudade d'este reino, como consta da mercê por escripto que se guarda no archivo da camara.» — Com effeito, alguns monarchas concederam graças a esta pequena villa, sendo o donatario d'ella o mosteiro de Alcobaça, co-

(1) O tom dos taes distichos é serio; tomaremos licença, porém, para verter o remate assim: — Olhai para esse escarmento de castelhanos, attentai bem n'essa amostra dos brios portuguezes.

mo logo diremos. — Elrei D. Pedro II, passando á praça d'Almeida, mandava ir, não obstante a enorme distancia, agua da fonte de Troilhe de Aljubarrota, por ser reputada excellente e muito medicinal para as enfermidades da bocca e dos olhos; pelo bem que com ella experimentava denominava-a *sancta*. A villa é muito farta de aguas; além das fontes publicas ha muitas particulares, e tem poços a maior parte das casas.

Aljubarrota, fundada n'uma eminencia, fica entre as villas de Porto de Moz e de Alcobaça, a uma legua d'esta para o nascente e a duas da Batalha para o poente. É terra sadia e de torrão fecundo. — Para que se faça idéa do vexame dos encargos que pezavam sobre os coutos tributarios ao famoso mosteiro, cabeça da ordem cisterciense em Portugal, enumeraremos as contribuições dos povos de Aljubarrota; tão onerosas, apesar de algumas isenções, que o escriptor acima allegado exprimia-se d'este modo. — « É o terreno d'esta villa fertilissimo de todo o genero de fructos, se bem que por ser pouco lavradio não tem mais pão do que para o povo. De vinho, azeite e fructas de toda a casta é tão abundante que seria sem controversia uma das mais ricas povoações da Estremadura, a não ser tão opprimida de tributos. Das fructas verdes os peros camoezes são os melhores de todos os coutos; e das seccas as ameixas saragoçanas, a que em outras partes chamam moscateis, e as peras de almiscar aparadas são celebres em todo o reino. » —

A villa e termo pertencia a dois districtos separados por demarcação; um dos coutos de Alcobaça, e outro de Porto de Moz, que depois se annexou aos coutos. Tornaremos a copiar do padre Cardoso. — « É seu donatario o D. abbade geral de Alcobaça, a quem os moradores dos dictos districtos e seus coutos pagam o quarto e dizimo do pão, e o quinto e dizimo do vinho, excepto da uva preta; porque d'esta, por sentenças alcançadas contra o mosteiro, lhe não pagam nem ainda o dizimo, salvo da que lhe sobejar do tempero dos seus vinhos. Das fructas lhe pagam até 15 do mez d'agosto o dizimo, e d'ahi para diante o quinto e dizimo; de linho o quinto, de legumes, cebolas e abobaras o dizimo; e sómente em uma pequena parte d'este districto, para a parte da villa de Coz, ao prior d'esta pertencem os dizimos do azeite, legumes e fructa. Pagam mais os moradores d'este districto ao mesmo mosteiro cincoenta alqueires de trigo por fogaça, seiscentos vimes e uma gallinha de casaria cada fogo. Do outro districto de Porto de Moz se lhe paga sómente o oitavo do pão, vinho e linho e do azeite da terra de lavradio, excepto os clerigos e homens nobres que por sentença, ha pouco tempo alcançada, não são obrigados a pagar-lhe mais que a jugada na fórma que em Porto de Moz se paga, por cuja razão traz o mosteiro a massa arrendada em quatro mil e tantos cruzados cada anno, em que se não comprehende os cincoenta alqueires de trigo da fogaça e gallinhas da casaria. — Preside o D. abbade geral ás eleições dos capitães d'esta villa como capitão mór que é dos seus coutos, e das justiças que tambem por elle são confirmadas. »

Tomada de Alcacer.

A Historia de Portugal pelo Sr. Alexandre Herculano, de que está publicado o 1.º volume, é um padrão litterario da nossa epocha. O seu auctor, empunhando o facho da critica apurada e severa, penetra affouto o labyrintho das passadas eras, e dissipa as trevas que offuscavam a verdade. Era tempo de mostrar que havia em Portugal quem soubesse desassombrar a historia de fabulas inverosimeis, investigar a origem dos factos, e *ter coragem* para erguer, entre o verdadeiro e o falso, alta muralha que para sempre os separasse. Fê-lo o Sr. Herculano.

Á obra do Sr. Herculano, fructo de aturadas vigilias e investigações profundas, em que reluz uma erudição vastissima e bem trazida, dão realce as bellezas do estylo, portuguez estreme e sempre adaptado ao assumpto. Agradecemos ao Sr. Herculano, o mais distincto collaborador do antigo Panorama, a bondade com que nos facultou este trecho importante do 2.º volume, que, posto se ache no prelo, ainda terá alguma demora na publicação.

A frota rhenana composta de mais de duzentos navios, que em grande parte haviam sido armados pelos habitantes de Colonia, era capitaneada por diversos chefes, entre os quaes se distinguiam o conde de Withe, e sobre tudo o condestavel da gente de guerra, Guilherme conde de Hollanda, alliado que fôra do infante Fernando de Portugal, e seu companheiro de desventura na infeliz jornada de Bouvines. Com viagem demorada, mas sem perigo, havendo-se apenas perdido um navio com gente de Manheim, que tocára n'um baixo do canal d'Inglaterra, a frota chegou ao porto de Faro (Ferrol?) d'onde os cruzados se dirigiram por terra a visitar o templo de Sanctiago. Embarcados de novo, levantaram ferro, e seguindo ao longo da costa para o sul, uma furiosa tempestade, que inesperadamente rebentou, fez espalhar as náus. O condestavel com uma parte d'ellas entrou na foz do Douro, naufragando, porém, na barra duas ou tres embarcações, em quanto o conde de Withe, correndo com a procella, vinha demandar a mesma acolheita (1). Finalmente, serenado o mar, os cruzados velejaram até o Tejo, resolvidos a esperar n'este porto alguns navios que ainda faltavam, descançando entretanto de uma viagem em que commummente se gastavam quinze dias, e em que elles haviam posto mez e meio, partindo de Wlaardingen a 29 de maio, e chegando a Lisboa a 10 de julho de 1217 (2).

Dissemos no livro antecedente qual fôra o resultado da invasão de Iacub no Al-Gharb occidental em 1191. Apesar de reconquistado todo o territorio além do Tejo, os sarracenos tinham-se contentado com fortificar e guarnecer a forte Al-kassr-Ibn-Abu-Danes abandonando os desmantelados castellos ao norte e norueste do Chetawir. Os christãos tornaram então a occupar successivamente aquelle districto, e a reparar as fortalezas arruinadas. Provavel é que o recuperalas custasse mais de um recontro com uma ou outra partida de almogaures musulmanos; mas os monumentos são mudos a tal respeito. Sabemos só que os bellicosos spatharios possuiam de novo Palmella no anno que precedeu a morte de Sancho I, e que ahi

(1) Godefr. Mon. l. cit. — Gosuini Carmen v. 33 — 54, em Brandão, Mon. Lusit. P. 4 App. 9, e mais correctamente no livro de S. Boaventura: « Commentaria de Alcobaç. Mss. torum Bibliotheca. Append. p. 1 — VII. » O texto de Godefredo está n'esta parte evidentemente corrupto, e por isso obscuro. Illustram-n'o, porém, os versos de Gosuino.

(2) O que dizemos resulta da especie de roteiro que se lê na relação de Godefredo. Na carta dos prelados portuguezes ao papa (Rainald. ad ann. § 32) diz-se que os cruzados gastaram quatro mezes no caminho, talvez referindo-se aos que decorreram desde a partida dos primeiros navios de Colonia pelo Rheno abaixo, até que toda a frota se reuniu no Tejo. Elles tinham interesse em exaggerar n'esta parte a sua narrativa para capacitar Honorio III, de que a demora dos cruzados em Lisboa fôra forçada.

residia então o capitulo da Ordem. Era Palmella o ponto mais avançado contra Alcacer, e Alcacer o mais terrivel padrasto contra o progresso das armas christãs por aquella parte. Governava-o um capitão illustre por gloriosas façanhas, e encanecido no exercicio da guerra, Abu-Abdallah-Ibn-Wasir-Ach-Chelbi, aquelle mesmo, segundo parece, que em 1139 sustentára o memoravel assedio de Silves, e que ajudára Iacub a reconquista-la, sendo depois escolhido por Annasir para o tão arriscado quanto importante cargo de wali do districto de Al-kassr, cuja capital era como a chave dos territorios meridionaes do Al-Gharb, e que por isso merecêra o nome de Kassr-Al-Fetah (castello da porta ou da entrada) (1). Tinham n'elle os freires de Palmella, e os outros homens d'armas que estanceavam entre Sado e Tejo, um incommodo visinho, que não os deixava repousar. Eram continuos os combates, e tão repetidas as entradas para levar gente captiva, que corria de plano ser pensão imposta n'aquelle castello o enviar cada anno cem prisioneiros christãos ao imperador de Marrocos. N'esta situação violenta se achava a fronteira de sudoeste quando a armada dos cruzados veio fundear no Tejo (2).

Sueiro, o bispo de Lisboa, era não só habil negociador, como as diligencias em Roma, a favor d'Afonso II e contra as infantas, o tinham provado, mas tambem homem energico, e por ventura mais apto para envergar a dura couraça de soldado, que para trajar as vestes do sacerdocio. Achavam-se então com elle o bispo d'Evora, o abbade de Alcobaça, e o commendador de Palmella, Martinho, além de muitos cavalleiros illustres, e varios membros da ordem do Templo e do Hospital, provavelmente porque a noticia da chegada d'aquella numerosa frota e o pensamento commum de se valerem d'ella contra os sarracenos os attrahíra a Lisboa. Sueiro fez uma recepção magnifica aos cruzados, que n'elle encontraram franca hospitalidade. Pintou-lhes depois a situação em que se viam as fronteiras visinhas, e ponderou-lhes que, estando tão adiantado o estio para a longa viagem que ainda lhes restava, elles poderiam evitar um ocio vergonhoso para guerreiros da cruz, e ao mesmo tempo cobrir-se de gloria, combatendo contra os infieis em proveito da liberdade da Peninsula. Entendiam os prelados e cavalleiros portuguezes, que o cerco de Alcacer seria empreza digna de tão nobres soldados, por se ter aquella praça na conta de chave e antemural de toda a mourisma de Hespanha; que parecia have-los Deus trazido errantes tanto tempo pelos mares só para que tivessem de invernar em Lisboa, e de contribuir para o desaggravo da fé; que, finalmente, e era talvez este o melhor argumento, se Alcacer lhes caísse nas mãos, com os despojos não só obteriam vitualhas, mas tambem com que remir as despezas da expedição. Fizeram abalo taes razões nos animos, sobre tudo nos dos condes de Hollanda e de Withe, ante cujos olhos se representava a difficuldade do trajecto, e a inutilidade da sua chegada á terra sancta n'aquelle anno, sendo certo que o imperador e os outros principes de Allemanha com as tropas germanicas e italianas não passariam ainda ao oriente. Resolveram ficar. Havia, porém, muitos que reluctavam, e a discordia rebentou entre os cruzados. Vinha a principal opposição dos frisões, que insistiam em seguir ávante, e que, não podendo resolver os companheiros a continuar a viagem, pela maior parte saíram do Tejo com mais de oitenta navios. Das duzentas e tantas vellas, reunidas em Wlaardingen, algumas não chegaram a saír, ou logo retrocederam: outras tinham ido a pique ou dado á costa no temporal. Com a partida de mais de oitenta, a armada surta no Tejo ficava reduzida a cem transportes. Era, por tanto, com o auxilio d'estas forças que se podia emprehender a arriscada tentativa de Alcacer (1).

Os dois prelados começaram então a prégar a cruzada contra os infieis. Todo Portugal se agitou a este brado de guerra nacional, que parecia ter emmudecido para sempre, afogado debaixo das lousas que cobriam o cadaver de Sancho I e o de seu pai. Os mestres das ordens, o abbade de Alcobaça e outras pessoas influentes (2) procuravam pelo reino, e ainda fóra d'elle, ajunctar homens d'armas. Não eram vãos esforços: muitos corriam a alistar-se tomando a cruz vermelha; e os reis de Hespanha, aproveitando a fermentação dos espiritos e o exemplo de Portugal, preparavam-se para quebrar a um tempo as tréguas com os sarracenos. Entretanto os condes de Hollanda e de Withe, saíndo da barra de Lisboa, penetravam na foz do Sado. Desagua aquelle rio no oceano por uma profunda bahia, que se em grandeza não iguala a do Tejo, iguala-a por certo em bondade. As aguas do mar rompendo pelo rio acima até além de Alcacer formam, não diremos um porto continuado, mas um canal excellente e de bastante extensão, por onde podem subir navios de mediano porte, e que no seculo XIII devia ser ainda mais facilmente navegavel. Caminhavam por terra ao mesmo tempo os bispos de Lisboa e de Evora, o commendador de Palmella com os seus freires, e varios fidalgos, formando uma lustrosa companhia de gente escolhida, posto que pouquissimo numerosa (3). Chegados os estrangeiros ás immediações de Alcacer (30 de julho), romperam as hostilidades. Devastadas as vinhas que rodeavam a povoação, e repellidos alguns almogaures, que pretendiam escaramuçar, os christãos acamparam proximo dos muros, e alli esperáram quatro dias que os portuguezes chegassem. A 3 de agosto estavam junctas todas as forças. Cuidou-se logo no assalto. A armada achava-se a coberto dos tiros, e por isso a alguma distancia, mas os arraiaes tinham-se assentado tão perto, que os musulmanos não podiam saír, sem grande risco, do ambito das muralhas. Abrangia elle duas ordens de fortificações, ladeadas de muitas torres, difficeis de commetter por cercarem a corôa de um monte despenhado, onde ainda hoje as ruinas que d'ellas restam causam assombro e involuntario temor a quem as contempla de fóra. Marcharam os sitiadores á escala: os figueiraes e olivedos, que rodeavam a nobre povoação como um cinto de verdura, caíram aos golpes dos machados, e convertidos em instrumentos de guerra serviram para entulhar os fossos. Foi bravo o combate; mas os sarracenos incen-

(1) V. o T. 1 p. 392 nota 1 — e T. 2 p. 45 nota 2.

(2) suas continuas tribulationes et angustias ex nimio vicinio sarracenorum .... exponebant .... hoc castrum in pensione C. Christianorum suo regi de Marroch singulis annis fore obligatum: Godefr. Mon. p. 305.

.....castrum super omnia castra nocivum
.....
Castrensesque suo regi dant quolibet anno
Centum christicolas: solvimus ista quidem.
Gosuini Carmen v. 63, 69, 70.

(1) 300 naves preparavit, quarum *quaedam remanserunt: quaedam* in tempestate *perierunt*; sed major pars pervenit Ulixbonam: Oliverii, Hist. Damiat. loc. cit — Moram... cum *centum navibus* faceremus: Litter. Comitis Holland. Honor. III, apud Raynald. ad ann. §. 35. — Jacob. a Vitriaco, Hist. Orientalis L. 3 (Gesta Dei per Francos p. 1231). — Godefr. Mon. l. cit. — Gosuini Carmen, v. 55—90.

(2) de magnatibus regnorum portugalensis et legionensis: Litter. Praelator. Hon. III, apud Raynald. ad ann. §. 33.

(3) cùm nos de regno Portugaline essemus... paucissimi: Ibid.

diaram as fachinas, e aquella inutil tentativa só serviu para vã prova de esforço com mortes de parte a parte. Então começaram a trabalhar as machinas de guerra, ao mesmo tempo que os gastadores christãos abriam minas e os musulmanos as contraminavam. Alluida pelos trabalhos subterraneos e pelos tiros dos engenhos, uma das torres veio por fim ao chão: mas nem por isso ficou aberta passagem, porque a parede interior d'ella estava intacta, e o sangue continuou a ser inutilmente derramado (1).

Apenas corrêra voz da vinda dos cruzados e da empreza que se delineava, Abu-Abdallah enviára mensageiros aos outros walis do Andaluz para que se apressassem a soccorrer aquella praça, de cuja perda ou conservação dependia em parte a sorte futura das enfraquecidas e cada vez mais limitadas provincias da Hespanha musulmana. A defeza do imperio e a propria segurança incitavam os chefes sarracenos a darem attento ouvido ás supplicas do esforçado wali, e se acreditarmos um dos mais graves historiadores arabes, o proprio El-Mostanser, a quem fôra communicada a noticia da perigosa situação de Alcacer, deu terminantes ordens aos seus walis e cheiks na Peninsula para voarem em auxilio d'Abu-Abdallah (2). De feito, não só o governador do districto de Badajoz marchou com as tropas do Al-Gharb, e o de Sevilha, Cid-Abu-Ali, com as da provincia que regia, mas tambem os walis de Jaen e de Xerez com a cavallaria de Cordova, e os cheiks de Sidonia, Ecija e Carmona (3). Este numeroso exercito avançou inesperadamente até as immediações de Alcacer, fazendo alto a uma legua de distancia dos sitiadores. Calculavam-se as tropas musulmanas em quinze mil homens de cavallaria e quarenta mil infantes, e o temor de que se possuiram os cruzados ao receberem aquella nova augmentava a grandeza do perigo. Começaram, porém, n'esse dia a chegar soccorros, e mais trinta e dois navios, ou portuguezes ou de alguns dos cruzados dispersos pelo temporal, entraram no Sado. Redobrou-se de vigilancia: guarneceu-se a armada, e construiram-se vallos e fossos em volta do arraial. Todavia o susto fazia ahi seu officio, e muitos propunham a retirada, com o pretexto de que o primitivo destino d'aquella expedição fôra o liberlar o sepulchro do Redempfor, e de que só na Palestina se podiam cumprir os votos que se tinham feito. Felizmente no meio da inquietação dos animos o auxilio seguiu de perto o perigo, e a confiança o temor. Toda a cavallaria christã não passava de trezentos homens; mas n'essa noite chegaram ao campo não só excellente peonagem, forte e bem armada, mas tambem o mestre do Templo, Pedro Alvitiz, com os seus freires, hospitalarios, e muitos fidalgos de Portugal e de Leão. Eram ao todo quinhentos cavalleiros, a que se devem ajunctar os homens d'armas que costumava trazer comsigo ás batalhas cada rico homem ou infanção. Cobraram assim animo os cruzados para proseguir no cerco, e os portuguezes prepararam-se para combater os sarracenos, que pretendiam faze-lo acabar.

Havia quasi mez e meio que Alcacer estava sitiada. A vinda das tropas do Andaluz fôra a 10 de setembro, e os auxiliares christãos haviam chegado ao campo, como dissemos, n'essa mesma noite. Na madrugada do dia 11 os trezentos cavallos, que desde o principio tinham assistido ao assedio, saíram como exploradores, e approximaram-se dos arraiaes musulmanos. Observaram tudo: por uma grande distancia o solo desapparecêra coberto da multidão d'inficis. Perceberam estes a cavallaria que os atalaiava, e levantando o clamor de combate correram a perseguila. Esperaram-n'os a pé firme os valentes homens d'armas, e alli mesmo se travou uma brava escaramuça. Não podia ser duvidoso o resultado: eram um contra cem. Os cavalleiros portuguezes foram obrigados a recuar. Lançando os escudos ás costas para se ampararem dos golpes e tiros dos sarracenos, vieram á redea solta precipitar-se no acampamento, perseguidos pelo exercito inimigo, que immediatamente marchára. Entre tanto os quinhentos cavalleiros, chegados n'essa noite, montavam a cavallo, e vendo approximar os sarracenos prepararam-se para romper a batalha. Deviam ser na maior parte templarios, porque esta ordem era talvez a mais numerosa de todas, e porque debaixo do mando do mestre dos tres reinos de Hespanha, Pedro Alvitiz, ahi se achavam reunidos aos freires de Portugal muitos de Leão e Castella (1). A severa disciplina da ordem, as solemnidades com que entravam nas batalhas produziam necessariamente o enthusiasmo n'esses animos em geral esforçados, e n'aquelles que os viam a seu lado. Os esquadrões do Templo, ao formarem-se para a batalha, guardavam profundo silencio, que só era cortado pelo ciciar do balsão bicolor (negro e branco) que os guiava despregado ao vento, e dos longos e alvos mantos dos cavalleiros que se agitavam. Á voz do mestre um trombeta dava o signal do combate, e os freires, erguendo os olhos ao céu, entoavam o hymno de David: *Não a nós, Senhor, não a nós! mas dá gloria ao teu nome!* — Então, abaixando as lanças e esporeando os ginetes, arrojavam-se ao inimigo, como a tempestade envoltos em turbilhões de pó. Primeiros no ferir, eram os ultimos em retirar-se quando assim lh'o ordenavam. Desprezando os combates singulares, preferiam accommetter as columnas cerradas, e para elles não havia recuar: ou as dispersavam, ou morriam. A morte era, de feito, mais bella para o templario, que a vida comprada com a covardia. Bastava que não attingisse ao typo de valor humano, como os velhos guerreiros da ordem o concebiam, para ser punido por fraco. A cruz vermelha, distinctivo da corporação, com o manto branco sobre que estava bordada, tirava-se-lhe ignominiosamente, e elle ficava separado dos seus irmãos como um empestado. Obrigavam-n'o a comer sobre o chão nú: não lhe era licito o desforço das injurias, e nem sequer castigar um cão que o maltractasse. Só depois de um anno, se o capitulo julgava a culpa expiada, o desgraçado cingia de novo o cingulo militar, para ir, talvez, na primeira batalha afogar no proprio sangue a memoria de um anno de affrontas e de supplicio (2).

Qual seria o estado intellectual de homens habi-

(1) Godefr. Mon. l. cit. — Gosnini Carmen v. 91 — 112.
(2) Assaleh p. 267.
(3) Conde P. 3. c. 56. — Conde faz do castello de Alcacer e da sua tomada dois castellos e dois factos differentes. — Esta parte da *Historia do Dominio Arabe*, coordenada depois da morte do auctor, é apenas a serie dos apontamentos colhidos por elle. A sua confusão nasceu provavelmente de ter feito extractos de dous historiadores diversos, um dos quaes denominou Alcacer *Kassr-Abu-Danes*, e outro *Kassr-al-fetah*. Approveitâmos, todavia, da sua narrativa as circumstancias que faltam em Assaleh, n'esta parte demasiado laconico, e que em geral concordam com a relação do monge Godefredo, e com a carta dos prelados portuguezes ao papa.

(1) e fueron alla de Portugal, e los Freyres de los otros regnos: Annal. Toled. I ad ann. p. 400.
(2) Veja-se a eloquente descripção dos Templarios por Jacob de Vitriaco no liv. 3.° da Historia Oriental, que os maurienses julgam ser o genuino, em Martene, Thesaur. Anecdot. T. 3 p. 276 e 277, e nas obras de S. Bernardo a *Exhortatio ad Milites Templi*.

tuados á exaggeração de tal disciplina, facil é de imaginar. As outras ordens imitavam mais ou menos os templarios; dominavam-n'as as mesmas idéas, o mesmo enthusiasmo ardente, e tanto mais ardente, quanto mais as instituições que as regiam recalcavam todas as tendencias suaves do coração debaixo de formulas severas e tristes. No acampamento junto a Alcacer os freires das tres ordens rivaes — Templo, Hospital, Sanctiago — achavam-se reunidos: tinham de ser julgados uns pelos outros; tinham de se julgar mutuamente; e nunca mais opportuna occasião se lhes offerecêra de vencer com gloria ou de perecer nobremente. Estavam, segundo parece, já além do rio: a febre dos combates exaltava os animos até o delirio, e ao erguerem os olhos ao céu para a invocação da partida, afigurou-se-lhes vêr na immensidão do espaço, a uns uma cruz brilhante, a qual offuscava as estrellas que se immergiam no alvor da manhã, a outros um estandarte em que a mesma cruz se desenhava. Não havia que duvidar da victoria: era Deus que a annunciava (1).

(Continúa.)

(1) Da carta dos prelados e do poema de Cosmino deduz-se que a apparição foi de madrugada, posto que o monge Godefredo affirme ter sido na vespera á noite. Aquellas auctoridades são preferiveis, até porque n'esse momento de crise e de excitação moral era mais facil a illusão. O auctor da Historia Damiatana, tambem testimunha ocular, guarda silencio ácerca d'este milagre.

AVENTUREIROS SABOIANOS.

A Saboia, incorporada no reino da Sardenha é um paiz de asperas montanhas, situado entre a Suissa, a França, e o Piemonte; os seus habitantes geralmente são pobres, porém industriosos e trabalhadores, de condição pacifica, tractavel e humana, e dotados de probidade. Annualmente sáem do meio d'aquellas serras muitos dos seus naturaes, que não podem alcançar meios de subsistencia, e se derramam pelos paizes circumvisinhos, nomeadamente pela França, onde practicam toda a casta de misteres para ganhar a vida; e esta emigração ou é periodica, voltando á patria de tempos a tempos a repartir com as familias o fructo do trabalho, ou se demoram os mais afortunados tempo bastante para ajunctarem com que comprar algumas courelas na terra natal, quasi á maneira dos gallegos, que teem em Portugal as suas minas para accrescentar ou fazer seu patrimonio. O mais singular, porém, dos saboianos é que as familias, não tendo alimento nem occupação para os rapazes, poem a correr mundo as creanças, á ventura, e sem mais recursos que um pobre fatinho, uma broa para tres ou quatro dias, e ás vezes um pandeiro, ou tamborinho, uma marmota industriada a fazer macaquices, pequeno quadrupede dos Alpes, que se domestica com facilidade; e então começam a vagar pelos povos das planicies, cantando suas trovas e recebendo as mialhas da charidade. Outros associam-se a algum que teve a felicidade de alcançar um tablado portatil com titeres ou bonecos dançantes, que embasbacam a gente das aldeias, á moda do polichinella, e rendem para os aventureiros rapazes o suado pão quotidiano; um d'estes grupos representa-se na gravura. Os limpa-chaminés são rapazes saboianos; outros limpam e engraxam botas em París nas praças e encruzilhadas; em summa, estas e differentes obras servis são os seus empregos; e como a indole é boa, e a criação familiar os fez cortezes e fieis, por toda a parte são acolhidos e bem tractados: não poucas vezes alguns teem chegado a adquirir, no decurso do tempo, e passando a officios e profissões lucrativas, as commodidades da vida abastada, e até riquezas. — Além de recommendaveis, geralmente, por aquellas boas qualidades, a natural esperteza e agilidade lhes grangeia a bemquerença das pessoas que servem. Voltam muitos, como dissemos, aos lares paternos, e alguns permanecem na patria adoptiva.

Mahomet ou Mafoma.

(Continuado de pag. 166.)

Muitas passagens do Koran provam que Mahomet tinha o dom da eloquencia. As suas acções revelam que elle olhava a religião como um meio politico de lograr os seus intentos. Em cada circumstancia da vida fazia baixar do céu maximas que attribuia a Deus; e por isso se póde formar, só com o auxilio do Koran, uma idéa das epochas mais importantes da vida do propheta. Os proprios doutores musulmanos sanccionaram esta verdade, indicando por baixo de cada versiculo o successo em que se funda. Uma cousa a que Mahomet nunca faltava era revestir todos os passos d'um caracter religioso; comprazia-se principalmente em pôr em scena os prophetas, de quem se dizia successor. Durante uma trabalhosa marcha, como os seus companheiros mostrassem cansaço, fez-lhes repetir uma oração, e depois accrescentou: «Os filhos de Israel padeceram no deserto as mesmas fadigas que vós padeceis, e faltou-lhes o refrigerio d'uma oração como esta.» Quando o seu irmão collaço lhe veio pedir perdão de se ter acclamado mais eloquente do que elle, Mahomet respondeu pelas mesmas palavras que José disse a seus irmãos: «Que entre mim e vós não haja hoje queixas; Deus vos perdoa, porque Deus é o mais misericordioso dos misericordiosos.» Por fim conseguiu fascinar as turbas a ponto que chegaram a crê-lo isento de peccados mesmo os mais leves, apesar d'elle não se ter descuidado de pedir a Deus, em diversos logares do

Koran, lhe remittisse as suas faltas; e, nos nossos dias, a opinião da sua impeccabilidade quasi se converteu em dogma religioso. Mahomet, a exemplo dos judeus, serviu-se primeiramente de uma trombeta ou d'uma busina para chamar os seus discipulos á oração; mas depois usou d'uma matraca como os christãos. Achando que nenhum d'estes meios correspondia á magestade do Altissimo, decidiu que só a voz humana era digna d'este sancto ministerio.

Mr. Reinaud publicou a versão franceza da inscripção arabe d'uma especie de medalhão em que se acham traçadas as fórmas corporeas de Mahomet.

«Em nome de Deus clemente e misericordioso;

«Elle era bem proporcionado; a sua tez era mui alva; exhalava um cheiro agradavel; tinha as sobrancelhas bem divididas; os seus cabellos tiravam para o branco.

«Tinha o fundo dos olhos azul, testa larga, orelhas pequenas, nariz aquilino e dentes bem talhados.

«O seu rosto e barba eram redondos, as mãos compridas, os dedos delgados, a cintura grossa, &c. Entre as duas espaduas tinha o sello da prophecia, em que se liam estas palavras: «Vai onde quizeres, serás victorioso» (1).

Os musulmanos estão persuadidos de que os que trazem comsigo alguma descripção do corpo do propheta gosarão de notaveis privilegios; citam as palavras seguintes de Mahomet: «Aquelle que, depois de eu não viver, lêr a descripção do meu corpo, é como se me visse a mim mesmo; e a quem quer que olhar para ella por amor de mim, Deus o livrará do fogo do inferno; até será livre da pena do sepulchro, e, no dia da resurreição, não apparecerá nú em pello.» O nome do fundador do islamismo é tão venerando para os orientaes, que em Constantinopola, quando o estado periga, escolhe o sultão noventa e dois musulmanos, que tenham o nome de Mohamed, e os encarrega de recitar certos capitulos do Koran, com a esperança de que as supplicas de homens que teem um nome tão sancto hão de preservar o imperio da sua ruina.

Resta considerar o propheta no seu procedimento com os christãos. Na origem do seu poder, Mahomet, quer por disposições verdadeiras de tolerancia, quer por uma hypocrisia fina e calculada, mostrou-se favoravel aos discipulos do christianismo, e, para garantir o exercicio do seu culto na Arabia, concluiu com elles um tractado. Este tractado, traduzido em latim, foi impresso, o texto e traducção, em 1650, com este titulo: *Testamentum et Pactiones initæ inter Mahomeddum et christianæ fidei cultores.* É principalmente digna de reparo a passagem seguinte: «Prometto proteger os christãos, defende-los contra os seus inimigos, conservar as suas igrejas, templos, oratorios, conventos, e logares onde fazem as suas romarias, quer sejam situados nas montanhas ou nos valles, nas cavernas ou nas casas, nos campos ou nos desertos, na terra ou no mar, no oriente ou occidente, da mesma maneira que me conservo a mim, e que conservo os crentes fieis» (2). Ah! com o andar dos tempos mudou Mahomet inteiramente de linguagem! Fez leis terriveis contra os christãos; e no Koran, no capitulo do *Combate*, escreveu estas palavras, que os arabes sempre lêem antes de se apresentarem no campo da batalha. «Quando vos encontrardes com os infieis cortai-lhes a cabeça, matai-os, exterminai-os, e não cesseis de os perseguir até que sejam dispersados e vencidos.»

N'outros artigos se fará a analyse succinta e o exame do Koran.

(1) Vide a explicação miuda d'esta inscripção no trabalho de Mr. Reinaud ácerca dos *Monumentos arabes, persas, &c.* tom. 2.° pag. 77 e seguintes.

(2) Alguns escriptores querem que este tractado seja apocrypho, outros historiadores refutaram esta opinião. Reinaud, que é do numero dos ultimos, publicou o tractado, acompanhado de muitas reflexões, na sua Historia do Imperio Ottomano, tom. 1.° pag. 189.

O Vesuvio.

(Continuado de pag. 158.)

Deixando á esquerda o cremiterio continuámos a nossa digressão por um caminho assaz plano, que costeia o morro de Somma ao norte do Vesuvio. Entre os dois montes ha um pequeno valle que tem o nome de *atrio del cavallo*. Este torrão criava outr'ora arvores e plantas, e até offerecia pastagem ás cavalgaduras dos viajantes, porque era alli que se apeavam: depois da erupção de 1630 toda a vegetação desappareceu. A estrada, que seguimos, para assim dizer não é senão um canal formado por duas correntes de lava das erupções de 1821 e 1822: á esquerda estão dois monticulos conicos, unicos que ficaram dos seis formados em 1820 (1). A final, em vinte minutos chegámos á base do cabeço do volcão, parte a mais difficil da nossa subida. Medindo com a vista a distancia que nos separa do cimo, parece que um quarto de hora bastará para lá chegarmos: por isso, ao partir, nos apressurámos firmando os nossos bordões em meio de cinzas. Subimos a correr os primeiros dez passos, mas este fervor estancou-se logo: o morro é quasi a pique; o chão é um cinzeiro fino e escorregadio que se escoa por debaixo dos pés, como para nos impellir longe de uma paragem inimiga de quanto tem vida: para avançar um passo é necessario dar dois. — O guia recommenda-nos procurar os sitios onde são mais numerosas as escorias; ahi encontra o pé um apoio mais solido; mas tambem algumas vezes a pedra despega-se e roda aos saltos até a raiz do monte: desgraçado do que encontrar na passagem! — Em breve nos cáe da testa o suor, a respiração se torna mais curta e rapida, e entra-nos pela garganta uma cinza fina e secca que no-la difficulta mais: rasgam-nos os pés as escorias que entram nos sapatos, que tivemos a feliz lembrança de amarrar com fitas ás pernas. Esfalfados nos assentámos n'um troço de basalto que o volcão vomitara. Abaixando os

(1) Em 1820 abriram-se no volcão oito boccas ao mesmo tempo, que vieram a ser outras tantas crateras, duas no interior do cone principal e seis no exterior: em 1822 abriu-se nona e logo uma torrente dirigiu-se para Itésina, passando por cima da lava de 1810. N'este anno houve duas erupções, ou para melhor dizer a de janeiro não foi mais do que preludio da outra em outubro: em 20 d'este mez sentiram-se abalos de tremores; a 21 ferveu a lava e precipitou-se em duas correntes sobre Itésina; á meia noite enormes jorros de fogo repuxam aos ares a mais de dois mil pés d'altura. A 22 ao meio dia eleva-se uma columna de fumo a desmedida altura, dilatando-se em fórma de chapéu de sol; diversas correntes de lava ameaçaram Portici e *Resco-tre-case*. A 27 torrentes d'agua carrearam as cinzas e alagaram o territorio visinho. Parecia arder a natureza: caíram em Napoles chuveiros de cinzas duas vezes no intervallo de oito dias: da primeira vez eram vermelhas, e da segunda brancas. Em *Torre della Annunziata* os moradores tiveram o trabalho de varrer d'hora em hora os eirados das casas; tão basta caia a cinza. Comtudo nenhum terror se manifestou em Napoles; não aconteceu porém assim em *Torre del Greco*: n'esta desgraçada aldeia, mais arriscada que nenhuma, os habitantes estão sempre álerta para fugirem a cada erupção um tanto consideravel; por isso n'aquella occasião emigraram. A cratera mudou de fórma, e perdeu alguns centenares de pés da altura antiga.

olhos descobrimos abaixo de nós um rancho numeroso de inglezes trepando a pé, os quaes nós tinhamos deixado na base do morro em disposições de se fazerem transportar em palanquim, isto é em cadeirinhas com longos bancos: deviam trazer oito moços para todas estas liteiras improvisadas; — mas apenas postos a caminho o moço da dianteira escorrega, recúa e cáe de narizes bem como o viajante, porque o que ia atraz não recuou; mudam de posição, e eis que n'um instante o inglez se acha de pernas para o ar: não era possivel andar assim; e por isso não tiveram remedio senão pagar aos homens e renunciar a um modo de conducção que só era divertido para os espectadores, e para os moços, que ao fazer o seu ajuste sabiam muito bem que os pobres toristas seriam os primeiros a desistir; foi-lhes por tanto necessario, por vontade ou sem ella, limitarem-se a subir como nós pedestremente sem mais auxilio que o bordão. — Muitas pessoas adoptam amarrarem-se á cinta do guia e irem como a reboque; mas sendo os movimentos encontrados, este modo é mais prejudicial do que vantajoso.

Emfim recobrámos alento, e tornámos a trepar com fervor novo; outras difficuldades nos esperavam. Quanto mais nos approximâmos do cume, mais aquece a terra, e os pés escaldados não querem andar. — *Andiamo, signori, coraggio:* brada o guia. Mais um esforço... eis que chegámos. Gastámos duas horas a trepar o cabeço, e fomos como a nado por cinzas, e com os pés em sangue e calcinados: mas quanto ficámos pagos com o espectaculo admiravel que se mostra á nossa vista! Que logares poderiam melhor escolher os poetas para assentar as forjas de Vulcano ou a estancia dos demonios!

Imagine-se um abysmo de 5 624 pés de circumferencia com 1 340 de profundidade, com os lados quasi a pique e em muita parte perpendiculares. De todas as bandas sáe uma fumaça ardente: no fundo da cratera, no meio de uma caldeira de superficie desigual e côr sombria, abre-se uma larga bocca de quasi 40 pés de diametro (1). Vomita sem cessar rolos de chammas que se levantam quasi á altura do vertice da montanha, ao qual o fumo sobrepuja muito. De minuto a minuto sente-se tremer a terra; depois, com a detonação semelhante á descarga de uma bateria, o volcão despede a prodigiosa altura pedras avermelhadas que tornam a abysmar-se perpendicularmente no fojo d'onde saíram, ou que caindo um pouco para o lado accrescentam o monticulo que ahi se tem formado.

Embrulhados nos capotes, que por cautela tinhamos entregue ao guia, pois que o frio é penetrante no alto da montanha, assentados n'um caseão de lava, contemplando aquelle quadro infernal e magico, esqueciamos as nossas fadigas, saboreando algumas botelhas do *lacryma Christi*. Por um momento retirâmos a vista do abysmo inflammado, e a dilatâmos pela *campagna felice*, sobre a qual como que pairâmos. Como faz o contraste sobresaír a formosura do delicioso golpho de Napoles! Como é sublime e exacta a expressão do auctor dos *Martyres:* — É o paraizo visto do inferno. —

Vêde ao oriente o promontorio de Sorrento, a patria do Tasso; Capri, o opprobrio de Tiberio e gloria das armas francezas; Ischia, volcão extincto, outr'ora digno rival do Vesuvio; Procida a grega, e depois uma extensa linha do mar azulado. Ao meio-dia o cabo Miseno, Pouzzolo, o Pausilippo com suas mattinhas, igrejas e quintas; na frente Napoles estendendo-se em amphitheatro; depois aos nossos pés, Herculanum, Portici, Résina, as *due Torre*, Pompeia, e veigas esmaltadas de flôres... Flôres proximas a um volcão! Fazem lembrar a creação aprazivel do auctor do *Mosteiro* (W. Scott) a delicada e meiga Katty, ligada a Juliano d'Avenel, o bandido que ella préza, e que a cada movimento parece lhe vai despedaçar o fragil tecido da sua ephemera existencia.

Erguemo-nos; ainda temos que concluir penosa tarefa. Não bastava haver contemplado do alto da montanha o volcão bramindo aos nossos pés, queriamos sondar-lhe a profundidade. Pelo lado a que tinhamos chegado era impossivel a descida; foi-nos preciso percorrer metade da circumferencia da cratera por um resalto estreito, desigual, n'algumas partes não tendo mais de um pé de largura, caminhando entre dois abysmos, á esquerda uma voragem abrazada, á direita a face externa do morro; se nos faltasse um pé, nenhuma probabilidade de salvar-nos, nenhum meio havia de suster-nos. Chegámos a final a um sitio, onde a face interior não é tão a prumo, onde a descida é se não facil pelo menos possivel (1). Respirámos um momento. D'aqui avalia-se muito bem a disposição de toda a montanha. A de Somma, que vista de Napoles se afigura tão alta como o Vesuvio, não parece d'este ponto senão uma circumvallação á roda da pyramide gigante levantada 3 600 pés (como dissemos) acima do nivel do mar. Não póde haver cousa que offereça um espectaculo mais selvatico e terrivel que o estreito valle que as separa. Com ambas se agrupa a terceira, a de Ottaiano. Ha todo o fundamento para crêr-se que as tres, em tempos de que não ha memoria, não foram mais do que uma só montanha; e que o valle é um vasto barranco, formado por alguma erupção violenta.

Finalmente arrostámos á cratera; a descida é por extremo precipitada. Caminhámos em meio de fumo por cinzas quentissimas, em que enterrámos mais de meia perna: ha logares, onde o calor é tão violento que não póde alli parar-se. Um companheiro nosso teve o infortunio de metter os pés n'um sitio d'esses, sentiu tamanha dôr que se deixou cair, e não tendo a que se arrimar não conseguia erguer-se; morreria suffocado e queimado se não lhe valêra o guia, que o ouviu gritar e acudindo-lhe o ajudou a galgar á montanha, onde esperou o termo da nossa perigosa excursão.

Eis-nos na baixa da cratera; o fundo é tomado por lava liquida e no centro está a garganta de fogo, que não cessa de vomitar chammas, pedras e fumo. No pego da lava sobrenada uma espuma densa, como os caramellos que os rios accarretam nos invernos desabridos. Sobre os boccados d'essa espuma, um tanto esfriados pelo contacto do ar, escorias leves que estalam e se fracturam, é que tem de aventurar-se quem quer chegar ao fundo da cratera. Quando se ha galgado uma talisca, quasi que suffocam as exhalações sulphureas e os vapores ardentes. Em cada fenda vê-se um fogo mil vezes mais ateado que o dos fornos dos vidros: introduzindo-se-lhe a extremidade do bordão sobe a chamma quasi até o braço. Mas a curiosidade disfarça tudo e vence, e só quando se tem saído d'aquelle medonho sitio, fóra da cratera e passada a impressão momentanea, é que se contempla

(1) Como a principio dissemos, o aspecto e a fórma da cratera mudam em cada erupção: hoje está inteiramente entulhada, e não se póde lá descer. Algum tempo depois da fraca erupção de 1804, quando o Vesuvio se achava no maior socego, subiu ahi o Sr. visconde de Chateaubriand; pela razão acima dicta e o transtorno referido em a precedente não damos a descripção que se lê nas Viagens do elegante auctor dos *Martyres* e do *Genio do Christianismo*.

(1) D'ahi a sete annos (1837) ninguem podia baixar ao fundo da cratera.

com horror nos perigos que se acabam de correr. E de tamanho risco que outra cousa se tira senão a esteril basofia de poder dizer: — «eu desci á cratera, apanhei estas lavas, estes mineraes, estas escorias cobertas d'enxofre?...» Nada se vê lá que não se veja tão bem e talvez melhor da parte de cima.

Trepámos para fóra com assaz de trabalho em meio de cinzas ardentes; percorremos de novo a semi-circumferencia do volcão; e tornados ao nosso ponto de partida, largámos de rota batida por aquella encosta de cinzeiro: — em onze minutos descemos o morro, quando tinhamos gasto duas horas para trepa-lo. —Ás cinco e meia estavamos em Résina; e em Napoles ás seis e um quarto. *(Continúa.)*

Corridas sobre o gelo.

No principio do inverno traça-se sobre o gelo o caminho que conduz de S. Petersburgo a Kronstadt; indica-se por um arruamento de altas balisas. De legua a legua acham-se guaritas bem quentes onde se postam sentinellas que nos tempos nebulosos mantéem fogos de distancia a distancia, e tocam sinos cujo som alenta e guia os viajantes. Ha ao meio da estrada uma casa de pasto. A innumeravel quantidade de pessoas de toda a idade e sexo, embrulhadas em amplas capas de pelles, que se deixam ir com indifferença por cima de uma superficie fragil que as separa do abysmo, offerece ao natural das regiões meridionaes um singular espectaculo, que lhe enche a alma de um temor desconhecido aos povos do norte. Porém, quando começam as corridas em *bouers* é que principalmente a enseada de Kronstadt appresenta a scena mais animada. Os bouers são botes fixos a duas chapas de ferro como as dos chapins ou patins de que usam os que folgam de resvalar pelo gelo; ha uma terceira adaptada por debaixo do leme; e n'esta embarcação que tem um ou dois, e ás vezes tres mastros, ha bancos collocados em redor para os viajantes: impellidas pelo vento, que sopra com violencia n'esta estação, e governadas por um piloto habil, estas canôas ou botes, que se distinguem por differentes apparelhos, e galhardetes de varias côres, voam com rapidez incrivel: o sol embaciado solta raios sem calor; despregam-se as velas, zune o vento frio, despedem-se na carreira os barcos, as tripulações por meio de manobras acertadas disputam a dianteira, e em menos de uma hora galga-se o espaço de quasi dez leguas. Pedro I folgava muito d'estas corridas sobre o gelo; e a sua providencia soubera encaminha-las a um fim util; proseguindo sem affrouxar no designio que concebêra de crear marinheiros, e receando que durante a inacção de longos invernos os homens que educára na manobra maritima perdessem o fructo das lições, exercitava-os d'aquella maneira, e sobre um *oceano solido* os preparava com a experiencia que tinham de desenvolver depois em mares tempestuosos.

Paço imperial na cidade de Pekin.

O paço imperial admira pela grandeza e magnificencia; todavia, a bondade consiste menos no bello da sua architectura, do que na immensidade dos edificios, riqueza dos lagos, e variedade dos jardins. Tem do oriente ao occidente tres mil cento e cincoenta palmos, e quatro mil quarenta e quatro do norte ao sul; isto é, tem de frente uma distancia igual á que ha entre o largo de S. Paulo e o Terreiro do Paço; e de fundo a que ha entre o Rocio e o Caes das Columnas. Igual porção de terreno está cheia de porticos, galerias, peristylos, torres e salas; produzindo tanto melhor effeito, quanto são mais variadas as que estão proximas á sala do throno.

Moram n'elle os empregados do serviço do paço, e os eunuchos; as mulheres habitam a parte mais interior, com entrada particular. Difficil empreza seria a de quem pretendesse descrever todas as partes componentes d'esta obra grandiosa. Tem casas destinadas á imperatriz, ás tres rainhas, e ás mulheres da terceira e quarta ordem. Quando o imperador Tai-Tsong subiu ao throno, no anno 626 da era christã, despediu do serviço do paço seis mil mulheres, por inuteis. Tambem esse grande numero de criadas prova a grandeza do paço imperial.

A sala do throno tem 130 pés de comprimento, e outros tantos de largura: o tecto é de proporcionada altura, e guarnecido de baixos relevos de côr verde, onde sobresáem dragões dourados. As columnas que lhe servem de apoio tem sete pés de circumferencia: as paredes são alvissimas, sem ornato algum. O throno, collocado no meio da sala, é construido com a mesma simplicidade.

Em torno do paço estão doze palacios assaz commodos, para a residencia dos monarchas. Além d'estes, ha outros destinados aos principes da familia imperial; formando tudo um grande ajunctamento de edificios, guarnecidos com torres, zimborios, perystilos, balaustradas, escadarias de finissimo marmore, corredores calçados de rica porcelana, telhados envernizados de amarello e verde, que, na presença do sol, parecem compostos de ouro e esmeraldas. As obras de ornato são ainda mais superiores. Esculptura, pintura, charões, tapetes, vasos, tudo fórma tão sublime espectaculo, que muito custa a formar d'elle idéa approximada da realidade.

As casas em toda a cidade são commodas, aceiadas, e ornadas com simplicidade. Os palacios dos coláus e mandarins são mais consideraveis pela extensão do que pela riqueza. Provém esta honestidade mais da politica do que da indifferença que elles tenham pelo luxo. Julgar-se-hia criminoso o funccionario publico que pretendesse distinguir-se por habitar em rico palacio. Seria accusado pelos censores, e o menos que lhe poderia succeder era ter o desgosto de vêr o seu palacio arrasado ou perder o seu emprego.

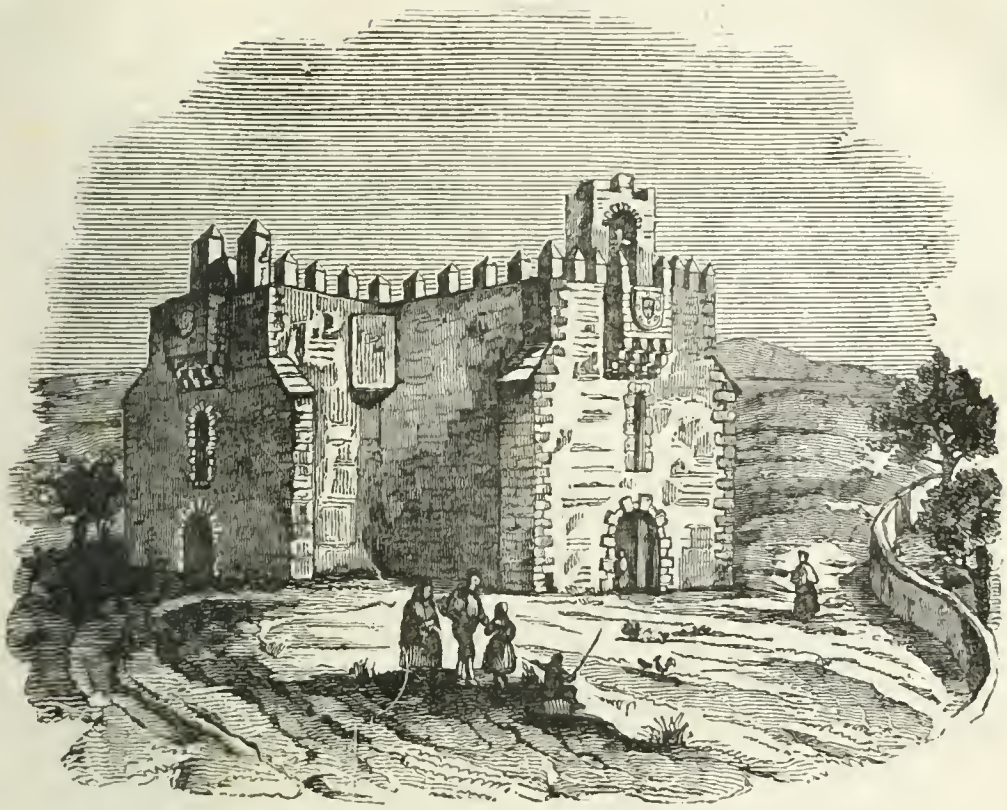
Os suburbios parecem treze cidades: ha n'elles grande numero de theatros, onde se representam farças, comedias e tragedias. Tem hospedarias com serviço de ouro e prata, camas com armações de brocado, &c. O luxo d'estas casas é mantido por sociedades poderosas.

Os que andam de sege ou a cavallo cedem alli o passo aos que vão a pé. Não se vê em Pekin o espectaculo irrisorio de grande fileira de seges, paradas horas inteiras, e o imbecil que se faz arrastar, esquecido de que tem pernas, lastimando-se por não poder avançar.

Em uma tapada, nos suburbios de Pekin, onde reside o imperador tres partes do anno, ha grandes lagos, montanhas artificiaes, e sessenta palacios collocados de modo, que de um, qualquer, não se avistam os outros: moram n'elles as mulheres do imperador. Ainda assim não chegam para todas viverem separadas, visto caber-lhe por lei 121! O imperador ordena ao primeiro eunuco em qual d'elles pretende cear, e ahi pernoita.

O que diriam os scepticos, se a magestade d'aquella grande estructura fosse descripta por *Fernão Mendes Pinto!*

Cart. sobre a Ind. e Ch. pelo Sr. J. I. de Andrade.



IGREJA DA BOA NOVA.

A VILLA DE TERENA.

Na provincia do Alemtejo e districto administrativo d'Evora, sete leguas a leste d'esta cidade, e duas a oeste da villa de Redondo, está situada, em logar elevado, a moderna villa de Terena, cujo termo, que comprehende seis leguas correndo de norte a sul, e duas contadas do nascente ao poente, abunda em pão, gado e caça, e acaba por um dos lados no ponto em que a ribeira de Lucefece mistura as suas aguas com as do Guadiana. Quando o padre Carvalho escreveu a sua *Corographia* era terra de 350 visinhos, e em 1839 contava 700 habitantes.

Existiu em tempos remotos no seu termo um templo consagrado, dizem que pelos carthaginezes, a Endovelico, divindade a que os celtiberos rendiam culto, e que parece ser o Cupido dos gregos e romanos. Muitas inscripções copiadas pelo chronista Fr. Antonio da Purificação de lapidas que D. Theodosio, quinto duque de Bragança, fizera trasladar para Villa-Vigosa, attestam que não só Endovelico, mas tambem Proserpina e Marte, alli recebiam offerendas em paga dos milagres que a cega gentilidade lhes attribuia, sem que seja hoje possivel saber se no mesmo templo, se em templos distinctos porém proximos, em quanto o sacerdote da deusa do inferno lhe sacrificava a hezerra esteril, ou o do deus do amor, vestido de alvas roupas talares, que lhe deixavam comtudo descobertas a espadua e o braço esquerdo, abria o cordeiro com o direito, e com aquelle lhe arrancava o coração e o lançava no fogo, o do cruento deus da guerra se aprestava talvez para derramar ante as aras d'um nume detestavel o sangue de guerreiros vencidos.

Terena antiga, povoada por D. Gil Martins, que lhe deu foral em 1262, jazia n'uma baixa, entre o ribeiro do Alcaide e a ribeira de Lucefece. Por morte do conde D. Martim Gil, filho do fundador, vagou para a corôa, e elrei D. Manuel lhe deu outro foral em 10 de outubro de 1514. Do seu castello eram alcaides móres os condes da Ponte. Os máus ares que se respiravam no primitivo chão d'esta villa a foram despovoando, e obrigaram os habitantes a mudarem-n'a para o sitio onde ora se acha.

Mas na igreja da primeira freguezia da invocação de Nossa Senhora da Boa Nova, situada n'uma descida, ainda se conserva a pia do baptismo, em reverencia á sua grande antiguidade. Este templo, como mostra o desenho d'elle, assemelha-se a um castello: todo elle é guarnecido de ameias e feito de cantaria. Os proprios telhados estão divididos em pequenas porções por uns carris, que serviriam provavelmente de facilitar aos defensores, no caso de ataque, acudirem aos sitios mais ameaçados e arrojarem do alto sobre o inimigo pedras, traves, materias inflammadas, e os outros instrumentos usados na guerra antes da invenção da polvora: a figura da igreja, cuja planta é uma cruz perfeita, ao mesmo tempo que devia incitar os christãos a sacrificar as vidas em honra do symbolo da redempção do genero humano, contribuia para ainda mais fortalecer este propugnaculo.

Como quer que seja, o citado auctor da Corogra

phia dá por fundador d'este celebre monumento a rainha D. Maria, mulher de D. Affonço II de Castella e filha do nosso rei D. Affonso IV, princeza de que o inimitavel Luiz de Camões immortalisou a formosura e descrição no precioso quadro em que a representou, banhada em lagrimas, implorando o auxilio paterno em prol do esposo prestes a perder a corôa, se, demorando-se-lhe o soccorro dos intrepidos portuguezes, não se pozesse côbro á insolencia dos mouros, que vieram a ser desbaratados na famosa jornada do Salado em 1340.

Sem pretendermos invalidar o testimunho do padre Carvalho, temos para nós que a fundação do templo de Nossa Senhora da Boa Nova é de origem muito mais remota. Como podia esta igreja, a primeira parochia da villa de Terena, que já vimos ter sido povoada em 1262, ser edificada tanto tempo depois?

Demais, no testamento da rainha D. Maria nenhuma disposição ou legado se encontra a favor d'ella, quando, segundo o costume então geralmente seguido, não é de crer se deslembrasse d'este notavel logar sagrado, a ser feitura sua. Não será este templo uma das antiquissimas parochias acastelladas que a necessidade de obstar ás correrias, primeiro dos arabes e depois dos castelhanos, obrigava a construir nas terras da raia? A seu tempo averiguaremos isto.

A igreja da Boa Nova, semelhante ao velho centenario que, durante o largo periodo da sua existencia, viu morrerem em redor de si ou deixarem a terra natal os companheiros da sua mocidade, acha-se hoje n'um quasi ermo, onde o viajante, que se compraz de contemplar as reliquias da piedade das passadas eras, pára a medo, e, saudando-as á pressa, segue logo avante, para não ser victima das exhalações malignas que tornam o logar assaz perigoso.

Tomada de Alcacer.

(Continuado de pag. 170.)

A situação do campo de batalha, a hora a que ella rompia, a marcha desordenada do exercito sarraceno, a crença dos cavalleiros christãos no auxilio celeste, sentimento assaz energico para lhes mostrar no espaço uma cruz resplandecente; tudo os favorecia. Defronte de Alcacer, transpondo o Sado para o occidente, estende-se uma vasta campina, campina funesta, onde, como em tantos outros logares, os vindouros terão de erguer um altar de expiação ao sangue portuguez ahi vertido por mãos portuguezas, quando o silencio da morte tiver pousado sobre nós, e Deus e a historia houverem pezado e condemnado os nossos deploraveis odios civis (1). Foi n'essas planicies, segundo todas as probabilidades, que sarracenos e christãos se encontraram. Os cruzados do norte tinham ficado impedindo alguma sortida dos sitiados (2), e á multidão dos infieis havia só a oppôr os freires militares, os cavalleiros leonezes que vieram associar-se á gloria ou aos desastres d'aquella jornada, e os homens d'armas e peões de Portugal. Mas uma imprevista circumstancia favoreceu estes: o sol nascia, e os christãos occupavam o lado septentrional da campina e os montes que, a bem curta distancia da margem esquerda do rio, se prolongam ao noroeste. O reflexo metalico das armas e armaduras ia bater nos olhos dos infieis, e dava ao pequeno exercito portuguez uma apparencia que lhe accrescentava as dimensões. Ou fosse effeito do mesmo reflexo dos ferros polidos e dos dourados escudos, que multiplicavam a torrente da luz oriental, ou fosse o excitamento religioso, capaz de allucinar ainda outra vez os espiritos, os combatentes, ao travarem-se com os musulmanos, creram vêr no ar um tropel de cavalleiros vestidos como os templarios, que tambem feriam nos inimigos. Foi terrivel o embate. O commendador de Palmella, Martinho, homem pequeno de corpo, mas animoso como um leão (1), abaixando a cabeça, com o escudo embraçado na esquerda e na direita o estandarte da ordem, arroja-se ao meio dos esquadrões sarracenos: Pedro Alvitiz, o mestre do templo, leva a mesma dianteira; e os respectivos freires seguem o exemplo de seus chefes. Os cavallos batem de peitos uns nos outros, as espadas faiscam nas espadas, os escudos retinem contra os escudos, e os elmos e cervilheiras rolam pelo chão rotos e abollados (2). Os musulmanos titubeam: por entre as nuvens de pó confundem-se amigos e inimigos, e uma completa anarchia se derrama pelas fileiras sarracenas, já forçosamente desordenadas pela rapida e dilatada marcha que tinham trazido perseguindo os exploradores. No meio da confusão aquella numerosa cavallaria chegou a combater uma contra a outra, em quanto os cavalleiros christãos, por isso mesmo que eram poucos, estavam livres de caír em igual erro. Em breve o desbarato das tropas andaluzes se tornou inevitavel: possuidos de terror começaram a fugir, e parte dos fugitivos foram precipitar-se no Sado. Abafados debaixo dos pés dos ginetes e até dos troços d'infanteria, muitos expiraram sem haver combatido (3). Perseguidos por espaço de dez milhas pelos christãos, tres dias durou a carnificina, e dois walis, o de Cordova e o de Jaen, ficaram entre os mortos. O calculo que d'estes se fez, montava de quatorze a quinze mil, afora um sem numero de prisioneiros, os quaes, ou para lisongearem seus senhores, ou para se desculparem perante a propria consciencia de tão vergonhosa rota, ouvindo fallar do auxilio dado aos christãos pelos cavalleiros aerios, asseveraram tê-los igualmente visto, e experimentado a sua furia, o que não podia deixar de fortalecer a fé viva da soldadesca na decisiva protecção divina. Entre tanto uma armada de trinta galés, que os sarracenos tinham mandado para a foz do Sado, accommettida por horrorosa borrasca, luctava embalde com os elementos, e era destruida sem combate. Saindo ao encontro d'ella, a frota christã só achou ante si as solidões do oceano: as galés inimigas tinham ido a pique, ou dado á costa. Ainda em tempos de mais luz tanta fortuna legitimaria a crença no favor celeste, quanto mais n'uma epocha em que a credulidade fazia sempre intervir o Omnipotente n'estes crueis dramas de matança e de estragos (4).

O exercito victorioso voltou aos arraiaes, onde o

---

(1) Combate civil de Alcacer em 1833.

(2) sarracenorum maxima multitudine contra quam pugnaverunt templarii et spatharii cum militia regiuae portugalensis: Oliver. Hist. Damiat. l. cit. A ausencia dos cruzados do norte na batalha, que d'esta passagem se deduz, e confirmada pelo silencio do monge Godofredo, e pelo do proprio conde de Hollanda, que narrando os successos da sua armada se menciona o cerco e tomada de Alcacer: Rayn. ad ann. §. 35 et 36.

(1) commendator Palmele, parvus corpore, corde leo: Godofr. Mon. l. cit.

(2) Hic equus opponitur equis, hic ensibus ensis, hic clypeus clypeis, hic obruta casside cassis: Id. ibid.

(3) Sternitur hic; ille pedibus calcatur equorum;
Hic hominum; quidem praecipitantur aquis:
Gosuini Carmen v. 157 — 158.

(4) AA. cit.: In eo praelio multa mahometanorum milia cecidere; complures etiam capti, alii admodum pauci turpiter fugati: Abu Bekr, Vestis erica, apud Casiri, Bibl. T. 2.º pag. 59.

esperavam os cruzados. Aquella sanguinolenta batalha, que produziu entre os habitantes do Andaluz uma impressão quasi igual á da grande rota das Navas de Tolosa (1), não poude abalar a constancia de Abu-Abdallah. Perdidas todas as esperanças de soccorro, o valente sarraceno preparou-se para continuar na energica resistencia, que durante mez e meio oppozera aos sitiadores. Inflammados ainda com a ebriedade do triumpho, estes avançaram ao assalto; mas acharam na guarnição todo o esforço que faltára ás tropas dos walis reunidos. Os que avançavam aos muros baqueavam esmagados pelas traves e pedras arrojadas dos adarves, ou retiravam-se queimados pelas invenções do fogo, e uma nuvem de frechas e virotes obscurecia os ares. O sangue correu largamente; mas o combate cessou pela retirada dos christãos. Vendo a inutilidade das suas diligencias para levarem a praça á escala, estes voltaram ao anterior systema das minas. Fôra ocioso descrever miudamente os vagarosos expedientes a que então se recorria para reduzir qualquer fortaleza na falta de artilheria, ainda desconhecida, posto que já existisse uma especie de polvora usada na guerra para varios artificios de fogo, e até para impellir projectís. O que n'este logar poderiamos fazer seria repetir a descripção da tomada de Silves. Houve combates entre os gastadores, ao toparem umas nas outras as minas e contraminas; houve baluartes e quadrellas arruinadas; construiram-se torres de madeira, d'onde a morte descia inesperadamente sobre os cercados, e machinas de bater, que alluiam os muros: empregaram-se, emfim, todos os recursos do commettimento e da defeza, até que, desenganado de poder sustentar aquelle montão de ruinas, Abu-Abdallah foi obrigado a render-se. Mas aqui a discordia não se espalhára entre os sitiadores, como succedêra em Silves; não lhes faltavam vitualhas, e o desbarato completo dos walis andaluzes tirava-lhes todos os receios de prolongarem o assedio prolongando-se a resistencia. A guarnição de Alcacer ficou, por tanto, prisioneira com o seu chefe, e os habitantes caíram nos ferros da escravidão. Dois mil captivos, os ricos despojos do saco, e a posse d'aquella chave do Al-Gharb foram para Portugal os fructos de tão gloriosa empreza (2).

Os varios successos d'esta campanha, desde a entrada dos cruzados na foz do Sado até á tomada de Alcacer, havia consumido o espaço de dois mezes e meio (30 de julho a 18 de outubro). Os prelados de Lisboa e de Evora, o mestre do Templo, o prior do Hospital, e o commendador de Palmella escreveram logo ao pontifice relatando as causas que tinham movido os cruzados a demorar-se em Portugal, e quaes tinham sido as felizes consequencias d'essa demora. Concluiam pedindo que lhes fosse permittido conservarem a armada em Lisboa por mais um anno, com o que esperavam poder destruir inteiramente os sarracenos da Peninsula; que tanto aos cruzados como ás tropas portuguezas, que entrassem no seu empenho, se concedessem as mesmas indulgencias, que obteriam se pessoalmente fossem á Terra Sancta; que o vigessimo dos rendimentos do clero em toda a Hespanha se applicasse para a continuação da guerra, na fórma do que se achava estabelecido a semelhante respeito; que, finalmente, aquelles individuos da armada, que, ou pela excessiva demora, ou por pobreza ou enfermidade, estivessem inhabilitados para proseguir a empreza, fossem mandados voltar á patria com plena remissão de seus peccados. Acompanhava esta carta outra do conde de Hollanda, em que igualmente se expunham as vantagens obtidas e as que resultariam da prosecução da guerra. Pedia elle instrucções ao papa sobre se devia acceder aos desejos dos prelados portuguezes, se continuar viagem. A sua opinião era que, na primeira hypothese, as esperanças concebidas sobre o desfecho decisivo da guerra se realisariam. Punha o conde a sua confiança em Abu-Abdallah, homem, dizia elle, illustre tanto entre sarracenos como entre os christãos, e de cuja influencia esperava tirar immensa vantagem. O motivo por que o general dos cruzados se fiava tanto em Abu-Abdallah, era o ter este, depois de prisioneiro, pedido e acceitado o baptismo. Enganava-se, porém, n'aquelles calculos. As maravilhosas apparições, que deram a victoria dos christãos, fraco effeito haviam produzido no coração obdurado do serraceno, ou os seus olhos profanos não tinham podido descortinar das altas torres de Alcacer as legiões dos cavalleiros aerios e a cruz brilhante estampada no fundo escuro dos céus. A conversão do guerreiro wali não passára de uma sacrilega astucia para obter os meios da fuga, e com a fuga a liberdade, designio que logo realisou, vindo a acabar, annos depois, de morte menos gloriosa no meio das guerras civis (1).

No principio de novembro (2) a armada rhenana voltou a Lisboa a esperar a resolução de Honorio III, que recusou acceder aos desejos dos prelados, dos chefes das ordens militares, e do proprio conde de Hollanda, a quem o insolente gracejo de Abu-Abdallah devia ter curado da sua demasiada boa-fé nas conversões repentinas. Segundo o costume, estrangeiros e portuguezes disputaram ácerca da divisão dos despojos, e o bispo de Lisboa era o que mais se queixava de ter sido gravemente prejudicado. A discordia, porém, não chegou a rompimento, e o castello vasio e quasi em ruinas foi entregue aos seus antigos senhores, os spatharios, que outr'ora o tinham perdido depois de conquistado por Affonso I. Foi, talvez, n'esta conjunctura que o dominio christão se estendeu a algumas outras obscuras povoações do Alemtejo, ao que provavelmente allude um escriptor coevo (3). Entrados no rigor do inverno, os guerreiros do norte, inhibidos de proseguir immediatamente a sua viagem, ficaram em Lisboa repousando das passadas fadigas até a volta da primavera, em que abandonaram as praias hospitaleiras de Portugal (31 de março de 1218) (4).

(1) Assaleh pag. 267.
(2) AA. cit.

(1) Litt. Praelator. et Comit. Holland., apud Raynald. ad ann. §. 32, 36 — Abdallah..... *arte* et fuga libertati consulens, ad suos rediit: Abu-Bekr I. cit. — El Makkari, Vol. 2 p. 320, 327.
(2) Post festum omnium sanctorum: Godef. Mon. p. 335
(3) Roder Tolet. L. 7 c. 6.
(4) Littera Honorii III Praelat., Rayn. ad ann. §. 33. — Gosuini Chron. v. 202, 220. — Godefr. Mon. p. 336, 336.

Pyroxylina, polvora azotica, ou algodão-polvora.

Eram passados muitos seculos depois da descoberta da polvora, sem que este composto, digno dos tempos barbaros, fosse substituido. A chimica, que em tão pouco tempo tem feito progressos inesperados, que, póde-se dizer sem emphasis, ha dado passos de gigante, que resolveu a maior parte dos methodos da industria, nada achára até agora que fizesse as vezes d'este mixto imperfeito para que devêra olhar com desprezo.

Algumas pesquizas feitas por Mr. Pelouze, um dos mais sabios chimicos francezes, vieram pôr termo a

este estado de cousas. Annuncia-se n'este momento uma revolução completa nos meios d'acção que possue a arte militar, e um novo composto, que harmonisa mais com o estado dos nossos conhecimentos, acaba de desenthronisar a velha invenção d'esse frade, especie de mytho obscuro que o admiravel siso do povo baptisára com o nome de *Schwartz*, o Negro (1), como para dizer que só a uma potencia infernal podia dever a origem.

A este composto se deu o nome de *algodão-polvora*, porque na sua primitiva foi feito de algodão; mas depois o fizeram de muitos outros corpos mui differentes, e de muitos mais poderá fazer-se. Chamou Mr. Pelouze *pyroxylina* ao principio que parece servir-lhe de base, do grego *pyros*, fogo, por causa da sua facil inflammação; porém como, por outro lado, o azote se mostra aqui o que é em todos os fulminantes, um elemento indispensavel de formação, poder-se-lhia, no caso de ser algum tanto difficil de decorar tal nome, chamar á nova polvora, *polvora azotica*.

A pyroxylina é mais um composto de azote, mas d'um genero inteiramente distincto do eblorato de potassa e do fulminato de mercurio: obtem-se de materias organicas, de materias vegetaes.

A preparação da pyroxylina é simplicissima: toma-se algodão cardado, mergulha-se n'um liquido formado de porções iguaes de acido nitrico de 1,5, e de acido sulphurico; lava-se em agua pura, e seca-se a um calor brando. Em o algodão estando bem secco, está prompto para ser empregado. Póde-se, se acaso se desejar dar-lhe um gráu de força superior ao que então tem, repetir a immersão e a lavagem duas ou tres vezes.

O algodão-polvora, depois de secco, tem todas as propriedades dos fulminantes; detona pelo calor, pela percussão, e pelo choque; n'uma palavra, substitue perfeitamente a polvora fulminante ordinaria. Mr. Pelouze, tendo introduzido uma quantidade sufficiente d'esta nova polvora n'uma pistola de algibeira, de rosca, poz-se a trezentos passos d'uma parede, e a balla ficou inteiramente amassada.

Na sessão da Academia das Sciencias, de 16 de novembro, leu Mr. Piobert uma nota contendo algumas advertencias para o fabrico da polvora-algodão; resulta d'esta communicação, que se deve seccar o algodão a uma temperatura assaz baixa para evitar desastres, isto é, nunca exceder 80°.

Outro relatorio lido na mesma sessão mostra que veio a tempo o de Mr. Piobert. Mr. Lépine e dois dos seus amigos, MMr. Combes e Flandrin, prepararam n'aquella semana certa quantidade de algodão-polvora, para a experimentarem como polvora de mina n'uma pedreira de Ivry. Impregnado e lavado o algodão, faltava secca-lo; accenderam lume n'um fogão, estenderam o algodão ao pé d'elle, e retiraram-se fechando a porta. Quando vieram de noite vêr se o algodão estava secco, entraram os tres amigos juntos no quarto, trazendo um d'elles uma luz na mão. Apenas entraram houve uma forte detonação; duas pessoas foram lançadas por terra e queimadas, a terceira soffreu só uma forte commoção. O algodão-polvora acabava de inflammar-se, e, além dos damnos mencionados, abalou fortemente a casa e rachou-lhe as paredes. *Uma libra* de algodão-polvora tinha produzido todos estes effeitos. Os prejuizos que soffreram os amigos de Mr. Lépine não tiveram, felizmente, consequencias graves.

Vamos deixar agora fallar o proprio inventor (diz Mr. O. Mac Carthy, auctor d'este artigo, que resumiremos, dando a equivalencia dos pezos e moedas de França aos de Portugal) vamos deixar fallar o proprio inventor ácerca do preço por que sáe o algodão-polvora, admittido que sempre se faça de algodão, e notar as vantagens que leva á polvora antiga.

«Sirvo-me das contas que me ministraram, diz elle, fabricantes, que, se fosse preciso, forneceriam ao mercado ou ao governo os seus productos pelo mesmo preço que eu indico, segundo o que elles me disseram.

«O acido sulphurico que Mr. Knopps fez entrar, com muita razão, na preparação da polvora-algodão, é util por duas maneiras, e convém emprega-lo sempre. Concentra o acido nitrico obrando sobre a sua agua de que se apodera; de tal sorte que o acido nitrico que não fosse bastante concentrado para se unir ao algodão, se combinaria com elle debaixo da influencia do sulphurico. Comtudo, por grande que seja a porção d'acido sulphurico, abaixo d'um certo gráu areometrico, e com um acido nitrico fraco, não se póde mais obter boa polvora.

«Mais outra circumstancia pela qual se recommenda o emprego do acido sulphurico, é que, em relação ao acido nitrico, é mui pequeno o valor por que se vende, e permitte diminuir muito a perda do ultimo.

«Com effeito, n'estas sortes de impregnações uma parte consideravel do acido adhere á materia ou vai-se nas aguas da lavagem. Supponha-se uma mixtura de volumes iguaes de cada um d'estes dois acidos, e depois de ensopado o algodão, uma perda de 1 litro ($2\frac{94}{115}$ quartilhos) de mixtura, não se terá perdido na realidade mais de meio litro de acido azotico. Finalmente o acido sulphurico dá outra vantagem, a qual consiste em reter as materias nitrosas que encerra de ordinario o acido nitrico concentrado, e tornar a operação menos desagradavel.

«O acido nitrico de 1,5 de densidade, mixturado com igual volume de acido sulphurico, constitue uma mixtura propria para o fabrico da polvora-algodão. Estas proporções correspondem a perto de 100 kilogrammas (6 arrob. 25 ar., &c.) do primeiro acido para 125 do segundo.»

O auctor, appresentando os preços por que se vendem na França os dois acidos supramencionados e o algodão cardado, e lembrando que 100 partes d'este absorvem 70 partes de acido nitrico, faz ver que, mesmo dando-se a condição mais desfavoravel, qual é a de se perder no fabrico 30 por cento d'este acido e a totalidade do acido sulphurico, sairiam as 170 kilogrammas (10 arrob. 9 arr. &c.) por 30$720 réis, não fallando na mão d'obra, e que sendo a polvora fabricada com papel e principalmente com a pasta de papel, que é mais barata, sariam por 15$520 réis cada 100 kilogrammas, posta de parte a mão d'obra.

«Esta mão d'obra, continúa o inventor, a muito pouco montaria, pois que os preços acima indicados suppoem todas as materias compradas no mercado, e que em definitivo o fabrico consiste n'uma simples immersão, n'uma lavagem facil e n'uma dessecação, operações cuja maior parte póde ser feita pelas machinas de cardar o algodão e fazer o papel.

«Sem pretender fixar preço, póde-se dizer que esta nova polvora, completamente fabricada, não custaria mais de 24$000 réis cada 100 kilogrammas. Concordemente a consideram todos tres vezes mais forte que a polvora bombardeira; a de igual força

(1) Attribue-se a invenção da polvora na Europa ao frade franciscano Bertholdo Schwartz, chamado tambem Constantino Angleksen, natural de Fribourg na Allemanha, e que nasceu no XIII seculo. Querem que esta descoberta, devida ao acaso, fosse feita em 1320, e a polvora applicada para destruir muralhas em 1338.

não custaria pois mais de 8$000 réis cada 100 kilogrammas.

«Isto não passa d'um calculo approximado; mas é quanto basta para mostrar o que se póde esperar da nova polvora.

«Não sei se appresenta na practica inconvenientes graves, como algumas pessoas parecem receiar; mas quantas vantagens já reconhecidas não leva ella á polvora ordinaria!

«Uma polvora branca, insoluvel e inalteravel n'agua, com propriedades e composição constantes, que não suja as mãos nem o fato, nem as armas, tres vezes mais leve para se transportar que a antiga, porque é tres vezes mais forte do que ella; que é susceptivel de soffrer sem a menor alteração as viagens do mar; uma polvora que se póde inundar n'um paiol, no porão d'um navio, que se transporta por agua em bom estado; reune muitas qualidades boas que lhe dão a primazia sobre a polvora negra, a qual sempre suja, e se deve livrar do ar que a altera e da agua que a destroe.

«Mas independentemente d'estas considerações, todas em vantagem da nova polvora, ha outra que eu tenho a peito appresentar aqui.

«A polvora de guerra é formada de 75 partes de salitre e 25 partes de enxofre e carvão. Quando arde deixa um residuo fixo, ou em outros termos, inutil ao effeito dynamico, e cujo pezo sobe a mais das tres quartas partes do seu. Os gazes que entram em reacção não constituem por tanto senão apenas um quarto do pezo da polvora.

«Na polvora nova, pelo contrario, tudo é elasterio, tudo ou quasi tudo se reduz a fluidos elasticos, e já por isto se explica a sua superioridade, em pezo igual, á polvora que deixa, quando arde, uma porção enorme de materia inerte.»

O ANÃO E O BOBO.

Foi antigo costume em paços de senhores feudaes, e tambem nos de principes, que os supplantaram, acoutarem bobos e truães que os divertissem nas horas de enfadamento; mas suppomos que não era uma distração sobejamente tôla o que deu azo a esta protecção e acolheita de individuos unicamente privilegiados pela liberdade de fazerem momos, visagens e arremedos, e de insultarem com dicterios mais os menos agudos as pessoas que concorriam na côrte de seus amos. Cremos que era um luxo da epocha sustentar estes parasitas, que não poucas vezes prestaram para secretas malfeitorias. — Ha luxo em principes de engaiolarem animaes ferozes: que lh'o agradeçam os naturalistas, mas os naturalistas que espreitam os habitos contrafeitos do animal captivo. — Houve principes que, escolhendo entre as denegações moraes da especie humana, tiveram a soldo, por alimento ou paga, miseraveis tão despresiveis que se constituiram alvo constante das suas zombarias, e instrumento indirecto para escarneo de outros.

Ao bobo andava appenso o anão; eram dois appendiculos indispensaveis do senhorio feudal, que folgava com isso; um representava o abandono das faculdades intellectuaes, outro a debilidade das forças physicas; e com dois individuos degenerados o feudalismo symbolisava o poder — e de certo, porque nem era a compaixão que prestava nutrição a uns, nem a pura generosidade que sustentava outros. Tudo era fatuidade de poderosos. — Mas os parasitas transformaram-se; voltaram ao systema dos tempos corrompidos do imperio romano; e avultam por esse mundo.

Quem lêr o romance de W. Scott, intitulado *Peveril do Pic* verá um typo dos anões, deixem-nos dizer, *heroicos;* quem lêr o romance do Sr. Herculano no volume de 1843 do Panorama achará uma fiel pintura de costumes da epocha da acção, realçada pela verdade e inimitavel colorido do estylo.

O Vesuvio.

(Continuado de pag. 174.)

As erupções do Vesuvio teem sido amiudadas, posto que nem todas fossem espantosas por assolações e estragos: no seculo passado contaram-se vinte e tres incluindo a do fatal terremoto de 1755. — Foi temerosa a de 1767; o cavalheiro Hamilton a descreveu largamente; e para que se possa formar idéa, pelos estragos de umas, dos causados por outras igualmente desvastadoras, compendiaremos em poucas palavras a sua relação.

Em 1767 havia sobre a montanha um acervo de 185 pés de alto, que servia de principal respiradouro ao volcão, d'onde jorrava o fumo tão negro e tão denso que parecia saír a custo. A todo o momento eram arremeçadas pedras enormes a consideravel altura. Já tinha a lava chegado ao valle, quando a noite com a escuridade veio augmentar esta scena horrorosa. Ouviu-se violenta detonação, e ao romper o dia descobriu-se que a montanha se abrira desde o cume até o meio, e que d'essa nova brecha saía uma torrente de lava incendiada. Tremia a terra; caía um chuveiro de pedras pomes. Em menos de duas horas a lava já tinha coberto tres milhas, e comtudo era da largura de quasi uma legua com 70 pés de espessura. — Não póde descrever-se a confusão d'essa noite em Napoles: a fuga precipitada do rei, obrigado a largar Portici, contribuiu para augmentar o terror: as igrejas estavam entulhadas de gente; pelas ruas não se encontravam senão procissões. Passaram-se os dias de 20 a 23 em alternativas de socego e de susto. Choveram cinzas em Napoles com tanta abundancia que era preciso trazer chapéus de sol. A 24 terminou felizmente a erupção que foi das mais violentas. —

A catastrophe de 1794 foi horrivel. A 12 de junho sentiu-se em Torre del Greco um tremor de terra intenso: passou-se a noite em continuos rebates, e assim os dois dias seguintes: no domingo ouviu-se um estrondo que parecia descarga de artilheria: o ruido veio não do alto mas do bojo da montanha, que rebentou do lado do poente; fluxos de lava inflammada rodaram em duas direcções; um com a largura de quasi milha, correndo sobre Résina, incendiou o palacio Brancaccio, a igreja dos mareantes e o convento franciscano; o outro braço tomou para Torre del Greco, povoação de quasi 1,800 almas, que foi preza da lava, sendo obrigados os habitantes a refugiarem-se em Napoles. A 8 de julho estava tudo acabado.

As erupções são precedidas de certos annuncios, como abalos subterraneos, rolos de fumo muito negro e denso que sáem da cratera e tomam a fórma de um pinheiro: além d'isso, os poços circumvisinhos seccam-se, o mar retrahe-se das praias. — As materias principaes que o Vesuvio vomita resumem-se na seguinte lista: — 1.º fumo; 2.º cinzas, areola negra e fina; 3.º pedrisco, areia mais grossa; 4.º pedras pomes, que são mais escuras e pezadas do que as pedras pomes ordinarias; 5.º pedras naturaes, que sáem um tanto calcinadas no exterior; 6.º escorias: ha-as tão leves que parecem espuma do assucar; a grossa parece escumilha de ferro; 7.º as pyrites octaedras, de duas linhas de comprido com oito faces lisas e pretas; acham-se algumas apegadas; 8.º o enxofre esteril; acha-se na pedra pomes e outras no plano interior, é amarello e tem pouco cheiro; o plano exterior ou é amarello por esta causa, ou branco por via da alumina, ou verde pelo cobre e vitriolo, ou pardo pelo ferro; 9.º o enxofre puro nativo; 10.º o talco, que se acha pegado ás pedras que lança o Vesuvio; é transparente como o vidro e tira-se em laminas; 11.º as marcassitas; n'ellas se distinguem todas as castas de metaes; o seu pezo é desproporcionado ao volume; 12.º as cristalisações que representam pedras preciosas de todas os especies; 13.º as stalagmites nas grutas e produzidas pelas infiltrações das chuvas: 15.º agua do mar misturada com conchas; 15.º mineraes de toda a casta, misturados, confundidos n'aquelle laboratorio infernal; 16.º seixos volcanicos, de diversas côres e natureza; 17.º, finalmente, as lavas — A lava é certa materia abrazada e liquida, da consistencia do vidro derretido; sáe de ordinario dos lados da montanha nas erupções, e espalha-se como uma inundação pelos campos: variam as suas côres até o infinito, conforme a materia de que se compoem, porque todos os mineraes entram na sua formação.

A erupção de agosto de 1834 pertence ao catalogo das funestas. No dia 22 pelas dez horas da tarde começaram as ejecções de pedras, escorias, e outros materiaes inflammados, e assim continuaram toda a noite, sendo ainda visiveis nas primeiras horas do dia, nas quaes principiaram a formar uma pequena lava; depois do que saíu da falda do morro conico uma grande torrente d'ella que se encaminhou para a ponta chamada *delle crocelle*, a oeste; seguiu bordando as alturas de Cantaroni, desceu rapidamente sobre as terras adjacentes á dicta ponta, e incendiou uma pequenina matta de carvalhos do eremiterio. Ás quatro da tarde, a lava um tanto se virou para Fosso-Grande, accommetteu os terrenos mais baixos que a matta, cobrindo-os em larga extensão. — Esta lava, e outra alluvião que costeava a ponta del Palo, tendo saído por uma bocca recem-aberta na montanha, cortaram, ajunctando-se, o caminho que se tomava para subir ao morro, onde ja se não podia então chegar a não ser voltando para a garganta dicta d'Avena. — A lava d'esta feita corria vagarosa; dir-se-hia querer saborear o barbaro prazer de destruir, passeava a passo e passo pelos seus estragos, e não adiantava mais de seis a sete pés por minuto: não cessou de correr durante o dia. Perto das oito e meia, depois de mui fortes detonações, abriu-se nova bocca a leste, na direcção de Mauro e mesmo sitio d'onde rebentou a lava de 1817; e chegou ao pé da casa de campo do principe de Ottaiano: então ao impulso de multiplicados abalos viu-se abater-se e desapparecer de todo o novo monticulo conico, que era de recente formação no alto do monte, companheiro de outros que successivamente ahi se tinham formado, e ou existiam ou já estavam subvertidos. Ao desabar d'aquelle fraquejaram as correntes da parte do oeste. — No dia 25 de agosto, ás seis horas, sob a influencia de uma terrivel detonação, rasgou-se outra abertura na raiz do morro maior, partindo d'ahi uma alagação de lava que cobriu a precedente.

No dia 26 uma columna immensa de fumo caliginoso precedeu a erupção de outra lava, que se multiplicou por outras muitas aberturas contiguas, e se resolveu n'uma espantosa corrente que, precipitada pelas encostas d'aquella parte da montanha, chegou promptamente a Mauro e cortou o caminho que de Bosco-tre-case vai a Ottaiano; reforçada pelos boqueirões adjacentes que se abriram em 27, dividiu-se em tres affluentes; o mais forte adiantando-se para Mauro invadiu algumas partes do territorio na direcção de Scafati; outra accommetteu o chão cultivado sobranceiro a Bosco Reale; a terceira entrou por algumas fazendas juncto da igreja *della Nunziatella* em Bosco-tre-case. Houve quem observasse n'estas scenas de assolação um phenomeno curioso: isto é, que ás arvores antes de serem salteadas por a lava se arripiam as folhas com um pequeno estalido: e os ramos se ateiam deitando uma chamma esbranquiçada logo que a lava chega ao tronco.

A 30 d'agosto a lava principal continuava a correr, e saía de muitas fendas que se abriram entre o Vesuvio e Ottaiano, atravessou a estrada para o poente, e continuando a adiantar-se destruiu totalmente a aldeia de S. João, bem como a de Caposicco, abaixo de Torzigno ao sul. A largura da lava era de perto de meia legua, a grossura vinte e dois pés, e a extensão do seu curso mais de duas leguas. Os prejuizos que causou foram immensos, destruiu mais de quatrocentas geiras de chão plantado de vinhas e arvores, e sepultou mais de cem moradas de casas nas duas aldeias incendiadas.

Durante esta erupção o mar esteve por um dia inteiro n'uma espantosa agitação na parte que borda Résina e Torre della Annunziata. E todavia não estava perturbada a serenidade da atmosphera: havia aquelle sol bello e temperatura macia, dote d'este clima; só tumultuavam os dois terriveis elementos, a agua e o fogo, e pareciam rivaes no furor.

A cratera continuou a vomitar cinzeiro, a principio negro e espesso, depois avermelhado, a final alvadio por um dia inteiro, no fim da tarde é que apenas se divisavam algumas fagulhas: o rolo de fogo que se levantava no mais intenso da erupção tinha a fórma de um pinheiro gigante, cujo tronco parecia de bronze e as raizes de coral: a lua, que então se achava exactamente perpendicular, augmentava com a sua claridade o sublime d'esta scena de horror. Este phenomeno, que já se observou nas erupções mais fortes, appresentava uma vista picturesca.

O rei veio pessoalmente a estes logares de afflic-

ção, e não por vã curiosidade, mas pelo desejo de acudir á miseria de muitos infelizes. E com effeito foram salutares a sua presença e os soccorros que fez distribuir aos necessitados. Na realidade o dia e noite precedentes foram de grande consternação e horror em Napoles, causando lastima as familias refugiadas, e terror o medonho aspecto do vulcão, que ameaçava ainda maiores estragos: felizmente abrandou a intensidade da sua furia, decaíndo gradualmente para o usual adormecimento.

Um convite de Richelieu.

Todos, na fé dos historiadores, vêem, concordes, no cardeal de Richelieu um grande ministro, merecedor d'esta fama por alguns dos seus actos. Prestou na verdade um assignalado serviço á monarchia franceza acabando de decepar as ultimas cabeças da hydra feudal; abriu ás lettras um sanctuario formando a Academia franceza; e se eram pessimos os versos da sua lavra, pagava algumas vezes com generosidade os alheios. Era vingativo, mas nem sempre atirava a cabeças altas; por desfastio divertia-se ás vezes com gente baixa.

Um tendeiro por nome Dumont recebeu certo dia uma carta datada de Ruelle, nos suburbios de París, onde o cardeal tinha uma casa de campo. Convidava-o S. Em.ª para jantar no dia seguinte com elle.

O convidado, não podendo dar credito ao que via, relê duas ou tres vezes a carta, arregala os olhos para o sobrescripto e convence-se de que é para elle. Chama muito alvoraçado a mulher e duas filhas para lhes dar parte de tamanha honra. Façam idéa de qual seria o contentamento e a vaidade d'estas sacerdotisas da tenda. Safam-se muito depressa da mercearia e vão apregoar pelo visinhança a honra insigne que lhes faz o eminentissimo ministro; toda a gente graúda da rua corre a dar-lhes os parabens. O futuro commensal de S. Em.ª, como é bem de crer, mal passou pelo somno essa noite, gastou parte d'ella nos preparativos da jornada, e ás quatro horas da madrugada poz-se a caminho para Ruelle, escarranchado na sua mulinha. Apenas passára as portas amontoam-se grossas nuvens no horisonte, e um trovão annuncia que está a desabar uma carga d'agua. O novo valído de Richelieu, que não levava capote, fez dobrar o passo á cavalgadura; mas a tempestade andava mais ligeira, os relampagos eram uns atraz dos outros, — mettiam medo, — e a agua caía a cantaros. Dumont, pilhado pela tempestade, obrigou a galopar, pela primeira vez, a triste alimaria; porém, não podendo ir para diante, parou á porta da primeira estalagem de Nanterre. Apeou-se, mandou a mula para a estrebaria, e encaixou-se n'uma sala baixa, onde os moços da estalagem fizeram uma fogueira de achas de lenha para enxugar a roupa do encharcado viajante.

Em quanto estava entretido em enxugar-se n'um canto ao pé do lume, outro viajante, tão ensopado como elle, veiu tomar quarteis de inverno n'outro canto. Ambos estiveram calados um bom pedaço, até que Dumont exclamou:

— «Que tempo tão desabrido!»

— «Está levado da breca; mas isto é chuva de trovoada; dura pouco, se não me engano.»

— «Desejo-o com bem ancia, porque tenho que ir a Ruelle para negocio de muita consideração.

O segundo viajante calou-se.

— «Ora esta! replicou Dumont, a borrasca, em vez de abrandar, cresce; os trovões abalam a casa; a chuva redobra, e eu que não tenho outro remedio senão pôr-me a caminho.

— «Para continuar uma jornada por baixo d'agua, disse então o desconhecido, permitta que lhe diga, que é preciso que haja razões bem fortes.»

— «As minhas são de tal lote... E para que hei de eu estar com mysterios: estão á minha espera esta tarde para jantar em casa do cardeal de Richelieu.»

— «Percebo; convites d'estes não são para desprezar; mas ainda tem muito que andar; e como quer appresentar-se em casa de S. Em.ª assim tão enlameado?»

— «Talvez S. Em.ª me fique obrigado pela promptidão.»

— «Se não quizesse passar por intromettido, perguntar-lhe-hia se já tem tido contas com o cardeal.

— «Nenhuma. Para lhe fallar a verdade, confesso que estava longe de me vir ao pensamento o favor que recebi.»

— «O cardeal é muito cioso da sua auctoridade; não gosta que ninguem se metta com os actos do seu ministerio; basta ás vezes uma só palavra para o ter pela prôa. Ora pense bem; nunca fez cousa que desgostasse o cardeal?»

— «Não me lembra: tracto cá da minha vida, e não me importa com o que por ahi chamam politica. Comtudo cuido que, diante só de tres ou quatro pessoas, ralhei da morte do duque de Montmorency. O senhor no meu logar faria o mesmo, porque meu avô foi mordomo n'esta illustre casa.»

— «O senhor tem cara de pessoa capaz, inspira-me interesse; tome o meu conselho, não vá a Ruelle.»

— «Não ir eu a Ruelle! parto já, sem me importar com a chuva.»

— «Mais uma palavra, que o caso é serio. Parece-lhe que o estão esperando em Ruelle para jantar com S. Em.ª? Desengane-se; estão com effeito á sua espera, mas é para o enforcarem!»

— «Ai! Deus meu! que me diz? não póde ser.»

— «Repito, para o enforcarem.»

Aqui Dumont, tremendo de medo, chegou-se ao desconhecido.

— «Diga, em nome do céu, como sabe isso.»

— «Sei-o com toda a certeza.»

— «Pois que fiz eu para ir á dependura?»

— «É o que lhe acontece, e posso assegura-lo, porque sou eu que estou encarregado da execução.»

Dumont perdeu a côr e deu tres passos para traz.

— «E quem é o senhor?»

— «O carrasco de París! S. Em.ª mandou-me chamar para o esganar; apanhou-me a trovoada no caminho, recolhi-me tambem n'esta estalagem; engracei com a sua cara; o cardeal, lá de quando em quando, mette-me em emprezas d'estas com que eu embirro. Bem basta ter de purgar a sociedade dos malfeitores que a flagellam. Dir-lhe-hei mais, estou com minhas idéas de largar este cargo; mas tome o meu conselho, perca o medo á trovoada, e volte sem perda de tempo para París. Lembre-se que lhe faço um grande serviço, e que uma palavra que lhe escape póde perder-me.

Dumont tornou a montar na mula sem d'esta vez fazer caso da chuva que lhe chegava até os ossos, e entrou em París, mas, em logar de ir para sua casa, foi pedir asylo a um amigo velho, a quem contou a aventura sem expôr a pessoa que o salvara.

Conseguiram alcançar-lhe por dinheiro um passaporte falso, e bem disfarçado partiu uma noite para Calais, d'onde embarcou para Inglaterra, e lá se conservou até a morte do cardeal, que succedeu dois annos depois.

Viagem ás minas do Perú.

No fim de 1836 fiz segunda excursão pelos arredores da capital do Mexico; sendo minha tenção visitar as pyramides de S. Juan, Regla, e as minas de Real del Monte, tomei o caminho do norte que vai parar á povoação de Guadalupe, onde existe o sanctuario da Virgem milagrosa, padroeira do Mexico. Conta-se que poucos annos depois da tomada da antiga cidade, cabeça d'esta vasta região, um indio, cultivando a terra, achou aquella imagem pintada n'uma tela de fio de maguey; foi esta circumstancia havida como prodigio, e signal da protecção que a Mãi de Christo concedia a estes logares: edificaram, por tanto, á sancta imagem um templo bellissimo, que dotaram largamente, e creou-se uma collegiada para receber as offertas pias que de toda a parte do Mexico se dedicam a Nossa Senhora de Guadalupe. — Para além d'este povo começa o *Salado*, grande planicie arenosa, que se dilata ao longo do lado do Tescuco, e tira seu nome do sal que n'ella depositam as aguas. Ahi, bem como na outra banda de Guadalupe, encontram-se aldeias de indios, que se occupam exclusivamente em apanhar o dicto sal para o venderem nos mercados; nunca vi cousa tão miseravel e hedionda; os pardieiros, mal fabricados de taipa com tectos rasos, apenas se distinguem dos montes de terra que os cercam; de redor nenhuma verdura apparece; tudo é terra e de uma côr uniforme; ainda mais penosa se torna a triste impressão que este aspecto causa observando-se a especie de troglodytas (1) que habitam aquellas tocas. — O Salado ainda se estende seis a sete leguas mais para diante, depois do que se entra n'um matto de arvores enfezadas que vai dar a S. João de Teotihuacan, povo grande a dez leguas da capital, celebre pelos *teocallis* que se acham nas suas visinhanças. Os taes *teocallis* foram construidos pelas tolteques no oitavo ou nono seculo da nossa era: o vulgo chama-lhes *cerritos*, pequenos cabeços; e com effeito, actualmente que o tempo gastou as arestas d'essas pyramides e as recamou de vegetação até o cimo, parecem-se com os montes volcanicos que se divisam nos logares transtornadas em remotos tempos por fogos subterraneos. Estes dois templos, exactamente orientados, eram consagrados um ao sol e outro á lua. Mr. de Humboldt, que os mediu, achou n'um 171 pés de altura, e 645 de comprimento na base; o segundo tem menos 30 pés de elevação. O interior é de argila misturada com pedras, e o revestimento com reboco de cal, como ainda n'algumas partes se conhece: as escadas que conduziam ao topo estão inteiramente destruidas, apenas se percebe o sitio e ha indicios de que foram de cantaria. Entre os dois teocallis ha grande numero de pyramides de 15 a 30 pés de elevação, consagrados aos astros secundarios, ou destinadas para sepulturas dos summos sacerdotes e dos cabeças das tribus. Estão collocadas por ordem, e no centro do grupo nota-se uma pedra muito volumosa, coberta de hieroglyphicos. Em todas, e no espaço circumdante vê-se grande copia de fragmentos de louça de barro, de figurinhas da mesma materia, e immensa quantidade de pedaços de obsidiana, talhado em bruto, mas pela maior parte da fórma de ferros de flechas. Estes monumentos são os mais antigos dos povos americanos, de que se conhecem as emigrações; mas são os menos interessantes em relação ás artes; não excitam admiração como os de Xochicalco, de Papantla e de Mitla.

De S. João a Tulancigo a jornada é longa e fadigosa; não ha cousa que distráia o viajante da monotonia do caminho. O campo é triste e arido; só na proximidade de Tulancigo se divisam algumas bellas fazendas. Esta cidade pequena, a mais antiga do Mexico, foi edificada pelos tolteques no meiado do seculo VII: o clima não é agradavel; as chuvas são muito aturadas e acompanhadas de ventos frios; porém todos os negociantes francezes que alli residem se precaucionaram contra o frio e a humidade, mandando fazer fogões, que são os primeiros que vi no Mexico, posto que na propria capital e nos sitios altos sente-se muitas vezes a necessidade do calor da lareira no mez frigido de janeiro. — Os meus compatriotas *(falla um francez)* quizeram dissuadir-me de caminhar para Regla, expondo-me que a jornada era attreita a salteadores e que, só com o meu criado, corria o risco de ser roubado e talvez maltractado. Com effeito, o tracto de terreno que eu tinha de atravessar achava-se infestado de uma cabilda de bandoleiros, que não só salteavam os viajantes, mas tambem haviam audazmente accommettido os comboios de carros, que transportam as barras de prata a Vera-Cruz, chegando uma vez a gozar da conquista. A tenacidade d'estes ladrões fortalecia-se com a afouteza do seu capitão, o famoso Andrade, que os dominava com poder absoluto e os sujeitava no calor do combate, posto que o sangue dos companheiros avermelhasse o campo da peleja.

Todavia, passei sem risco: aquelle temeroso *cabecilha* tinha sido aprisionado havia pouco tempo e mettido nas cadeias do Mexico, e o seu bando disperso.

A fazenda *(hacienda de Regla)* acha-se na mais picturesca situação que eu conheci no Mexico. Está situada n'um desfiladeiro apertado entre dois cerros a prumo, escorados por columnas basalticas de grande regularidade; o valle ou garganta vai-se estreitando até que as duas columnadas se ajunctem e formem uma semi-ellipse: então aos olhos admirados se apresenta novo espectaculo. Imagine-se uma serie de columnas prismaticas de 60 a 70 pés de altura, todas de grossura igual e perfeitamente ordenadas, formando um amphitheatro cortado no meio para dar passagem a um ribeiro que desçáe em catadupa; as aguas por entre os toros meio despegados formam milheiros de repuxos em que se refrangem os raios do sol. — Este monumento de basalto é de certo um dos mais elevados no mundo acima do nivel do mar. Está na cadeia das Cordilheiras como documento vivo das revoluções do globo. Não sei por que se falla tão pouco d'este formoso producto geognostico: póde, não obstante, competir com tudo o que ha de mais curioso n'este genero. — Se a *calçada dos gigantes* na Europa apresenta moles de basalto, e grupos de columnas mais magestosos, a cataracta de Regla é incontestavelmente de mais gracioso aspecto; semelha um monumento arabe da idade media, arruinado na verdade, porém ainda cheio de recordações e até de esplendor. — O valle se prolonga d'ahi a tres leguas até a *Barranca grande*, que dizem ser tambem adornada de grandes columnas de basalto. — Estas columnas são verdadeiramente cristalisações que offerecem fórmas de prismas, e que por impulso proprio reluem, mas perpendicularmente, sobre o seu eixo: o exterior é alvacento, e a superficie de cada secção de côr de ardesia com manchas amarelladas no centro. — Hacienda de la Regla pertence ao ex-conde do mesmo titulo, que a tem arrendado com as principaes minas de Real del Monte a uma companhia ingleza por 16:000 pezos por anno. Não é uma fazenda destinada á cultura; dão alli aquelle nome aos grandes estabelecimentos para onde se conduz o mineral precioso, sacado das minas, para extrahir-se a prata.

(Continua.)

(1) Dizia a antiguidade que havia povos chamados troglodytas, por morarem debaixo do chão.

GESSLER MORTO POR TELL.

A tradição historica, o romance e o theatro fizeram de Guilherme Tell, o heroe suisso, um personagem muitissimo fallado. O gráu de veracidade dos factos que a respeito d'elle se contam tem sido objecto de disputas; comtudo, o nome é venerando na sua patria, e vulgar hoje na Europa a fama de suas proezas. A pag. 150 do vol. 2.º do Panorama, sob a epigraphe *Origem da independencia da Suissa*, contou-se quanto geralmente corre da vida e feitos de Tell, e alguma cousa se accrescentou a pag. 73 do vol. 3.º — Ociosa seria a repetição, quando appresentâmos um esboccto da antiga pintura, que representava a acção da morte do tyranno Gessler, colhido de improviso pela flecha que certeiramente despedíra o habil Tell em sua emboscada na passagem para o castello de Hussnach. Demais, como dissemos, as allusões dos escriptos modernos, a novella de Florian, a opera de Rossini, tem feito sobejamente popular a nomeada de Tell. — Seguindo a narração de uma viagem recente diremos onde se passou aquelle assignalado acontecimento.

« Preparemo-nos agora para uma das mais perigosas expedições da nossa viagem; tracta-se de escalar o famoso Righi, essa montanha tantas vezes descripta, em todos os albuns desenhada, e nunca demasiadamente gabada. Estremecei, companheiras noviças da jornada, que confiais n'essas cavalgaduras muares, tão cabeçudas e teimosas na apparencia; fechai os olhos ao chegar aos precipicios; temei que algum fragmento de rocha, inopinadamente despenhado, vos arroje com a alimaria para o abysmo. Porém, nada de sustos insensatos; capacitai-vos bem de que os acasos espantosos contam-se mais por tradição e nos romances do que na realidade acontecem. Fiai-vos cegamente na voz dos guias, conselheiros tão expertos e experientes que não ha riscos que não prevejam e de que vos não preservem: deixai ir á vontade as cavalgaduras, boas e infalliveis, que tomam tento bastante em não se transviarem por desfiladeiros pouco seguros, pois que instinctivamente conhecem a salvação propria, que é tambem a vossa. — Gozemos, por tanto, sem preoccupação nem medo, das bellezas com que nos convida esta ascensão.

Mas, primeiro que tudo, para nos desobrigarmos de um pacto de devoção historica, faremos uma estação de alguns minutos diante da capella commemorativa de Guilherme Tell, edificada, segundo se diz, no proprio sitio onde o libertador da Suissa fréchou o tyranno Gessler. Causa pena que se apagasse a pintura a fresco que figurava este successo, e de que apenas se descobrem agora vestigios. Todavia, ainda que o nome de Tell não estivesse gravado na historia com indeleveis caracteres, quando pereceria elle, depois que o sublime compositor moderno prestou aquelle personagem os accentos da harmonia, mais formosos e mais penetrantes quanto mais se escutam! Quem se lembrará de Tell sem recordar-se tristemente de que Rossini não inventará mais cantos?...

« Vemos, á proporção que subimos, appresentarem-se-nos aos olhos novos lagos, novas cidades, e novas collinas, até que a vista não tenha por limites senão quasi a immensidade. Que espectaculo appresenta a

planicie a quanto póde divisar-se com as grandes povoações confundidas em ondulações vaporosas, e os quatorze extensos lagos, que alguem comparou exactamente a fragmentos de caramella, orlados de relva!

« Em breve a cordilheira dos Alpes, que nos tem acompanhado constantemente em todos os pontos de vista de nossa viagem, se offerece, e patenteia as espaduas resplandecentes de gelos, comparados ás armaduras de que Ossian reveste os seus heroes gigantes. O monte Pilatos, com as assomadas bravias e descarnadas, fórma com o Righi um d'aquelles sublimes contrastes que se topam a cada passo em meio das perspectivas da Suissa. Admiram-se as aprasiveis côres do Righi ao mesmo tempo que o Pilatos, sombrio e carrancudo, depende ás nuvens os flancos devastados, onde o raio deixa medonhos vestigios. — Chamam a estas duas montanhas as sentinellas avançadas dos Alpes superiores; talvez fosse exacto comparar uma á sereia innocente que offerecesse aos viajantes a imagem do repouso e quietação depois de longo curso; e a outra, pelo contrario, a uma d'essas indomaveis chimeras que os poetas situam nas avenidas dos palacios habitados por feiticeiras.

O Righi é, bem se póde dizer, a patria das cabras, das vaccas e dos *chalets*; ha n'elle umas cento e cincoenta d'estas bonitas casinholas de madeira, que ha tanto tempo teem merecido por sua fórma campestre e aprasivel estructura figurar nas paisagens e nas peças de theatro. Numeram em mais de tres mil as vaccas que pascem n'estas montanhas.

Certamente que não deixaremos de passar uma noite no Righi, sob o tecto de um *chalet*, onde admira o achar todas as branduras e as elegancias exteriores da existencia cidadã. É bello ouvir, ao decaír da tarde, o mugido das vaccas, sereno e melancholico, que se perde nas profundezas das montanhas, e adverte de que o dia vai sumir-se. — De madrugada a mesma aria vos acordará, convidando a subir á corôa das alturas a saudar o sol que nasce, espectaculo que transcende a quantas descripções ha de poetas. Então podem-se contemplar em toda a sua formosura o valle e o lago de Sempach, aquellas aldeias tão viçosas, semeadas na margem do lago de Waldstettes, que parece se aprazem de reflectir-se d'aquelle espelho admiravelmente christallino; e depois os Alpes sempre, que semelham enormes colossos, meio tapados de véus de tintas rosaceas e violetes, vestidos de immensos mantos de neves, cujas dobras se confundem com as ondas de ouro e azul que o sol desparge por toda a extensão do horisonte.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Ma per far la to vendetta.
Sta siguru, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

IV.

Dois dias depois da scena que descrevemos em um dos capitulos precedentes, Orso e Colomba despediam-se de sir Thomaz Nevil e sua filha. Na hora suprema da separação, o mancebo não poude reprimir de todo a paixão ardente que tão secreta chorava no peito. Approximando-se rapidamente da bella ingleza, em quanto o coronel discutia com a irmã a excellencia das espingardas britannicas, Orso ousou pegar-lhe na mão, e entre um suspiro dizer:

— « Miss Lidia, partindo da Corsega, lembrar-se-ha dos amigos que deixou aqui? »

Ella fitou-o com um sorriso. Nos olhos azues, tão meigos e transparentes, atreveu-se Orso a lêr uma esperança. Diziam tanto calados!

— « E se por uma fresca madrugada sir Thomaz e eu apparecessemos ás portas do Castello encantado do tenente della Rebia? »

— « É uma crueldade graecjar assim, senhora, replicou o mancebo. Vou ficar só — entre minha irmã, que tem o coração de um homem, e os inimigos que a voz do povo cobre do sangue de meu pai — uma hora, um instante podem perder-me . . . e o anjo, que me havia de salvar tão longe! . . . »

— « Na falta d'esse anjo, Tenente Orso, acudiu ella meia seria, ouvi a razão e a honra militar . . . — e dando alguns passos cortou uma flôr, accrescentando em voz mais baixa e breve — guardai esta rosa por amor de mim. É uma memoria . . . »

— « Ah! miss Nevil, se me atrevesse! . . . »

— « Oh! tenente Orso, se nos calassemos! . . . »

E já se retirava quando, virando o rosto, viu o mancebo esconder as faces entre as mãos, e descaír e cabeça sobre o peito . . . Não teve animo de o deixar assim. Voltou atraz, e pouzando-lhe os dedos, tão subtís que mal tocavam, no hombro, em tom de terna reprehensão só murmurou:

— « Orso! . . . »

Elle virou-se sobresaltado, e mostrou-lhe, de certo sem querer, os olhos rôxos e pisados. Depois, por um impulso superior á vontade, arrojou-se-lhe de joelhos aos pés sem proferir palavra.

— « Louco! proseguiu miss Lidia no mesmo tom, e dando-lhe a mão para o levantar, ajunctou com simulada alegria: Que vergonha para um militar! . . . erguer-se pelo braço d'uma mulher! . . . »

A verdade é que, dos dois, miss Lidia não era a menos commovida, mas venceu primeiro a sua perturbação, e com firmeza repetiu:

— « Orso, isto não se faz. Se meu pai viesse, se nos visse? . . . É de criança! Vamos, já que não ha remedio; prometto uma visita ao castello della Rebia, se até eu ir houver . . . juizo . . . »

— « Oh! miss Nevil, só ouvi-lo . . . »

— « Este annel foi de minha mãi. Fica em penhor da promessa . . . se a má tentação da vingança corsa vier, lembre-se de quem lh'o deu . . . »

— « Juro que dia e noite me fará pensar . . . »

— « Em que é uma semsaboria expôr-se a morrer na forca! E sobre tudo, que affronta para os manes dos respeitaveis *cabos* seos antepassados! . . . »

Dizendo isto, largou-o, e correndo para o sitio onde já soava a voz do coronel, gritou de longe:

— « Então, meu pai, haverá hoje perdão geral para as pobres aves? . . . »

Ao romper d'alva do seguinte dia, os dois filhos da Corsega entravam nas gargantas dos montes, e por sendas asperas, fatigados e tristes ambos, chegaram ao limiar da casa que os viu nascer. Os moradores sairam a recebe-los, mas os seus festejos não desvaneciam os presentimentos sombrios, que moravam n'alma d'um e d'outro desde a saida de Ajacio

Colomba amava seu irmão mais do que a propria vida; mas, educada nas crenças supersticiosas da ilha natal, julgava-o fadado por Deos para pedir a rigorosa conta do sangue de seu pai aos Barricine. Segundo as idéas d'ella e de todo o povo, era um dever sagrado; se um instante só podesse duvidar de o vêr cumprido por Orso, mulher e fraca, para salvar a sua raça da deshonra, sentia-se com animo de o tentar.

A vingança, entrando-lhe no amago do coração, emmudecia os brandos affectos que são a mais linda flôr da immarcessivel corôa da belleza.

E entretanto era bella e sublime aquella virgem, d'alvura do lyrio, quando pelo clarão crepuscular, com uma rosa branca nas madeixas pretas, e um véu de magua nos olhos negros, passava recolhida e silenciosa a espargir o incenso das orações filiaes aos pés da cruz, no mesmo sitio onde seu pai expirára aos tiros da traição.

O amor filial, tomando-a ao saír da infancia para a idade viril, exacerbado pela dôr da orphandade, tinha devorado todos os outros, que nascem e florecem no peito da mulher. A primeira e unica paixão que até alli conhecêra, era o religioso e sancto culto ás cinzas d'aquelle, cujo braço e ineffavel affecto guiaram na vida os seus primeiros passos.

Pobre orphã! . . .

Pouco depois da chegada de Orso, o prefeito tentou reconciliar as duas familias; mas este passo, em vez de trazer a paz, accendeu novos odios. Colomba, na sua fé selvagem, lançou em rosto ao velho Barricini a morte do coronel, e seu irmão, que a principio o reputava innocente, á vista do terror e da pallidez de repente impressos no semblante dos seus contrarios, contra os proprios desejos sentiu que as suspeitas tomavam corpo, e quasi se convertiam em certeza. Seguiu-se uma conferencia vehemente, e d'ella saíu a guerra, mais violenta do que nunca.

Colomba vendo o fogo atear-se, parecia mais tranquilla. D'ahi em diante toda a sua vigilancia se resumiu em impedir que seu irmão, como o coronel, não fosse morrer do golpe covarde de uma cilada.

Estavam n'este estado, quando se recebeu uma carta de miss Lidia. Escrevia a Colomba, participando-lhe que no seguinte dia vinha buscar a hospitalidade corsa ao seu castello. De dentro caíu um bilhete, que Orso leu com sofreguidão. Trazia apenas vagas palavras d'amizade com o conselho de ouvir só a voz da razão e da consciencia.

A manhã rompia serena. O nevoeiro, ondeado pela briza, movia-se como um véu scintillante, cortinando aqui os topes dos montes, além as boccas dos valles, que por meio d'ellas se torciam. A aragem aguda, embalsamada nos perfumes de uma vegetação robusta, retemperava os sentidos espertando-os. Mal o sol nascia, Orso, no fogoso cavallo que fôra de seu pai, levando a clavina de dois canos dada por sir Thomaz Nevil, mettia a bom gallopar direito ao encontro dos seus amigos inglezes sem se quer escutar as advertencias de sua irmã, nem acceitar a companhia de alguns clientes.

O ar, o movimento e o prazer abriam-lhe a alma a reflexões alegres. Viu na imaginação os mais picturescos recantos da ilha. Pouco a pouco as meditações aereas concentraram-se n'um ponto unico. Julgou-se de repente á sombra dos soutos velhos de seculos de Orezza. Flôres azues de purpureas marchetavam o verde-esmeralda das finas relvas. O azul das flôres avivou-lhe as safiras dos olhos de miss Lidia, e logo a uniu aos outros phantasmas que lhe fugiam na mente. Estava assentada ao seu lado. Livres do chapéu as tranças louras, asseadas e flexiveis, eram ouro refulgindo ao sol em caprichosos annéis. A face mimosa ponzava nos dedos rosados, e a bocca, entr'aberta a sorrir convidava por um silencio reflexivo os votos d'amor, que balbuciava tremulo. As mesmas roupas brancas, com que a víra em Ajacio a ultima vez, descahavam o talhe esbelto e as fórmas delicadas entre as mil pregas que faziam. O pé, arqueado e breve, apparecendo fóra do vestido, mostrava-se d'uma indolencia deliciosa. Orso ardia em ancia de o beijar, mas a mão direita de miss Lidia não tinha luva, e segurava um lyrio. Elle pegava-lhe, cobria-a de osculos, e, oh fortuna! . . . não o repelliam. . . . Até onde chegariam estes sonhos? ninguem sabe; porém no melhor d'elles o cavallo, estacando por um sobresalto, acordou o cavalleiro, chamando-o do infinito das visões para a prosa ruim das realidades. Uma criança estava defronte d'elle.

Era a filha de um dos mais famosos salteadores corsos, protegida de Colomba, e quasi creada em sua casa.

Era o principio da aventura, que em poucos instantes ia decidir da sua vida.

Viagem ás minas do Perú.

(Continuado de pag. 184.)

Ha dois methodos de apurar a prata; se o metal é diminuto faz-se por meio do mercurio, se abundante pela fusão do metal.

A estrada de Regla a Real del Monte é muito boa, e custou avultadas quantias á companhia ingleza, que teve de vencer no espaço de cinco leguas os obstaculos de um paiz montanhoso. A uma legua de Real entra-se no que chamam *canhada*, valle por onde gira um riacho. Na extrema d'esta, pouco antes de Real del Monte, está a mina de Moran: dizem que é farta; porém a inundação cada vez em mais augmento, fez suspender o trabalho até se completar a nova galeria subterranea, para onde devem despejar as aguas todas as minas da companhia.

Poucas terras ha na republica mexicana tão desprovidas de recursos para os viajantes como Real del Monte. Achei n'uma pousada, como alli chamam, um quarto de todo desguarnecido, com uma janella em franquia ao vento norte, que soprava como pelo Natal em nossas provincias septentrionaes. — É uma villa pequena em meio de serras, que não vive senão do producto da mineração, e tudo lhe vem de fóra. Não se divisa casta alguma de cultura nos arredores; mas alli produz a terra o metal que nos faz gozar do trabalho alheio. — Vendo-se os grupos de montanhas amontoadas de entranhas de prata, causam assombro as immensas riquezas d'este paiz tão privilegiado pela natureza. Segundo os calculos do sabio Humboldt, nove decimos da prata que existe tem sido extrahida das minas do Mexico: e comtudo o que são as paragens separadas que até agora se tem explorado em comparação com todo o Mexico que se póde reputar uma vasta mina!

A massa de prata extrahida das minas de Guanajuato, S. Luiz de Potosi, Zacatecas, Sombrerete, Real de Catorce, &c., é um atomo em relação á que ainda está enterrada no seio das montanhas que cercam estes logares, e aos inexgotaveis thesouros de Sonora e Cinalva, Chihuahua, Novo-Mexico, &c. — Alli não sómente abundam prata e ouro no interior das serras, mas até os rios e as torrentes carreiam grande quantidade d'estes metaes preciosos, que mesmo nas areias se encontram. O ouro em pó é objecto de trafico entre os selvagens e os mexicanos habitantes da fronteira do deserto; aquelles o veem trocar por armas, munições, e aguardente.

Lembra-me que projectando a minha viagem ao Mexico fazia ás vezes castellos no ar, baseados no descobrimento de uma mina de ouro ou prata. Afigurava-se-me o que provavelmente se afigura a muita gente, que só isso bastaria para ter uma riqueza estrondosa. Porém, podem vir ao Mexico com a certeza de as achar sem muito custo em procural-as: ha

milhares abandonadas e que estão á disposição de quem quizer explora-las. E não porque o metal d'essas minas esteja esgotado; talvez que tres quartas partes d'ellas encerrem copiosas riquezas. Mas é preciso que o acaso descubra ricos veios metallicos: até o ponto em que se acham as despezas da mineração foram dobradas, triplicadas e ainda mais do que o producto que se colheu. As especulações em minas são verdadeiros jogos de parar; por mil dos mineiros ha um que enriquece.

A companhia ingleza de Real del Monte empregou em doze a treze annos oito milhões de pezos duros para explorar as que lhe pertencem; cinco milhões se consumiram em pô-las em estado de se fazer a exploração, em mandar vir excellentes machinas de vapor, na construcção da estrada de Regla, &c.: os outros tres milhões indicam o excedente das despezas diarias sobre o valor do metal convertido em barra. Tem-se gasto 35:000 pezos por mez para o costeio da exploração, quando a prata extrahida não tem dado, até setembro de 1836, senão dez a vinte mil pezos no mesmo espaço de tempo. Os veios que se descobriram no dicto mez eram magnificos, promettendo grande indemnisação á companhia pelos empates anteriores.

As principaes minas de Real del Monte são as de Terreros, S. Caetano, Moran, Sancta Thereza, Guadalupe, Dolores, Sancta Izabel, Sancta Barbara, &c. — Desci á de S. Caetano, ás dez horas da manhã com um empregado da administração, que me tinha enroupado do mesmo modo que elle ia, isto é, com camiza e ceroulas de flanella, calça e jaqueta de panno de linho, barrete á feição de solideo, e um chapéu de abas largas de feltro mui compacto, cuja utilidade eu logo conheci nas galerias baixas e tortuosas, todas erriçadas de escabrosidades traidoras: o chapéu tambem serve para levar a luz no acto de subir ou descer as escadas. A fórma d'estas offerece grandes riscos, porque não são mais do que uma serie d'entalhos feitos n'um tronco de arvore de seis a sete pollegadas de diametro, os quaes se empastam a pouco e pouco com um barro viscoso, que se apega ao calçado dos mineiros e faz a escada escorregadia. Desgraçado do que põe mal o pé e não póde evitar a queda abraçando-se fortemente com o tronco; some-se no abysmo, e em cada angulo saliente, em cada ponta de rocha lhe fica um pedaço de carne palpitante! Taes são as do uso do paiz; porém nas escadas de verga de ferro, adoptadas pelos inglezes, não é perigosa a descida, até nem é difficil, posto que a posição seja vertical. Em doze minutos tinhamos vencido sem fadiga a altura de perto de mil e duzentos pés. — Póde-se tambem subir e descer pelo *malacate*, mas é muito mais perigoso. Chamam os mineiros *malacate* a um apparelho collocado em cima do poço ou bocca da mina, por meio do qual içam o mineral em saccos de couro: se cair uma pedra e tombar um dos saccos, se o cavallete em que ides assentado não estiver solidamente fixo na extremidade do cabo, ou se bateredes com violencia d'encontro aos saccos que vão em direcção contraria, correis o risco de partir a cabeça ou dar uma cambalhota até o fundo do poço.

Chegado ás galerias, achei-me no caso de admirar a riqueza da veia: trouxe mineral, extrahido na minha presença, que não contém menos de 60 a 70 marcos de prata por tulha de 30 quintaes; e consta-me que ainda se alcança mais. Em geral, é preciso que o monte ou tulha produza dez a quinze marcos de prata para cobrir as despezas. — As betas ou veiros, que eu examinei, acham-se em planos inclinados, formados por bandas de metal, separadas por camadas de quartzo: são mais ou menos abundantes e cruzam-se em todas as direcções, de sorte que ha minas, exploradas ha muitos annos, cujas galerias formam verdadeiros labyrinthos: a de Fresnillo, ao pé de Zacatecas, é no interior como um cortiço de abelhas.

As galerias inferiores estão sempre innundadas, não obstante as bombas; é para remediar este inconveniente que se abre o canal d'escoamento ao nivel da base da montanha. Em alguns sitios dava-nos a agua por meio da perna, e n'outros, ainda mais por cima; porém esta agua não causa impressão desagradavel; é morna. A temperatura do fundo actual das minas conserva-se constantemente a 28 gráus centigrados: o calor é mais intenso na *Valenciana* (em Guanajato), mina a mais profunda do Mexico.

Depois de haver percorrido com o meu guia durante mais de tres horas as minas da companhia que se communicam, dei-lhe pressa para subirmos. Nenhum prazer me causava a luz das lanternas de que usam os mineiros, que me infundiam saudades da claridade do sol, que eu deixára tão resplandecente, vendo pouco a pouco amortecerem-se os seus raios á proporção que me internava nas entranhas da terra.

Subimos pela mina de *Terreros*. Se nenhuma fadiga tinha soffrido ao descer, não foi assim ao subir: comtudo, cheguei a galgar os dois terços primeiros do espaço sem muita difficuldade; mas d'ahi para diante faltava-me o folego, suffocava-me, estava meio morto. Tinha de algum modo cessado a acção dos musculos; era tão sómente por uma contracção nervosa que eu trepava as escadas, e duas vezes senti um abatimento sinistro. O abysmo estava ao meu lado; roçava-me pelo hombro a bomba, que produzia um som rouco com o seu movimento compassado. Comtudo, posto que de vagar, seguia por diante; a final divisei a claridade do dia penetrando pelas gretas da porta superior: senti-me reanimado, e em breve pude respirar á vontade o ar agudo e puro da montanha, e gozar do esplendor do sol, de que havia pouco tantas saudades tivera. —

Um anno entre os morlacos.

Ao chegar a Trieste, ha tres mezes, tomei para o meu serviço um morlaco; quando digo que me servia, não me exprimo bem, entendo que elle era o amo e eu o servo. Com effeito, nunca se viu mais severo e inflexivel pedagogo do que aquelle velho: reprovava austeramente os meus caprichos artisticos, inquietava-se, como se fôra pai, recolhendo-me eu tarde; mas, emfim, tornava-se desculpavel á força de affeição por aquella auctoridade que arrogára. Convém dizer que este homem, antes de me servir, adoecêra gravemente na visinhança da casa que eu habitava. Constou-me que ao pé de mim havia um velho moribundo e desamparado de todos; como tambem me intrometto na medicina, fui fazer-lhe uma visita. Uma sangria e algum auxilio pecuniario promptamente o pozeram em convalescença. Achando-se curado, Pedro quiz a todo o custo ser meu criado, e entabolou-se em casa por minha vontade ou sem ella. — Pedro reprehendia mais que tudo, no meu proceder, as relações com os mestres de navios das ilhas Jonias que vinham mercadejar a Trieste. — « Essa gente (dizia-me) é um bando de tratantes e faquistas. Não colheis d'elles senão rasgões na bolsa e no corpo. »

Não tardou a realisar-se a predicção do meu velho, causando-me vivo arrependimento de não haver escutado os seus conselhos. Não eram decorridos muitos dias, tres d'aquelles homens das Jonias me indu-

ziram, depois de ceia, a jogar com elles. A sorte obstinou-se em me fazer perder por tal modo que me vieram á memoria as suspeitas de Pedro: — quebrei os dados; eram chumbados. Indignado e furioso de cholera, lancei em rosto áquelles vís a ladroice. Deitaram-se a mim, porém, defendendo-me animosamente, cheguei a ferir um d'elles. Pude-me escapar, e recolhi-me a casa todo ensanguentado, porque tinha recebido duas feridas leves na cabeça: não houve remedio senão contar ao velho morlaco o que se passára. — «Pelo nome de Deus! (exclamou elle) saí já, meu amo, saí já de Trieste: — não sabeis com que perigosa canalha estais mettido. Vão armar-vos ciladas, cercar-vos de emboscadas: todos os meios lhes servirão para se vingarem.»

Ria-me eu d'estes dictos quando entrou a minha patroa toda assustada: — «Senhor, os capitães jonios acabam de denunciar-vos á justiça; declararam que fostes apanhado em trapaça no jogo, e que assassinastes um de seus camaradas.»

Fiquei abysmado com tamanha audacia.

— «A minha justificação será facil; arrancarei a mascara a esses embusteiros.»

— «Toda a equipagem jonia está amotinada, e attentam contra a vossa vida; e temo que a justiça illyrica, e a intervenção do vosso consul não possam proteger-vos efficazmente n'este apuro. Se escapardes ao punhal, não escapareis ás columnias. Não sois conhecido em Trieste, onde chegastes sem cartas de recommendação. Trinta testimunhas compradas attestarão que roubastes ao jogo e matastes o parceiro: ninguem vos defenderá, nem provará o contrario. Ainda mesmo que triumpheis d'este abominavel enredo, podeis incorrer em muitas desgraças e n'um longo captiveiro. Crêde-me; fugi até que se dissipe a tormenta.»

— «Mas para onde fugirei?...»

— «Para a minha terra, para os morlacos,» acudiu Pedro.

Levado pelo velho, assombrado das sinistras prophecias da hospedeira, parti de noite como criminoso, e eis-me entre os morlacos.

Este povo illyrico não só habita um limitado espaço na margem septentrional do golpho adriatico, mas tambem se acha na alta Dalmacia. A palavra morlaco vem das duas esclavonias *mare* ou *mur*, que significa *mar*, e *vlach*, que significa *italiano*, como quem diz «italianos maritimos.»

A casa do meu patrão, filho do velho Pedro, é horrendamente negra; alumiam-n'a com achas de pinho e de outros lenhos resinosos que deitam espessa fumarada. Á beira-mar as cabanas são de pedras; e nas montanhas são miseraveis choças feitas de madeiros, repartidas ao meio; metade para a gente, e outra metade para o gado. — Poucos progressos tem feito a industria entre este povo. Nas montanhas levam uma vida puramente pastoril; a agricultura é muito desprezada, não permittindo o rigor do clima esperança de outras colheitas que não sejam centeio e aveia. A criação de gado em geral é de ovelhas e cabras; os montes calcareos produzem plantas enxutas e aromaticas, que fazem ser a carne do gado mais saborosa e nutritiva. Onde ha mattas, apromptam tabuado, curvas de cavername, e outras madeiras necessarias para a construcção das barcas, e as remettem para os pequenos portos da costa. — Na parte chã do paiz cultivam-se milhos e outros grãos; comtudo, o amanho das vinhas, e depois a pesca são as occupações principaes dos habitantes.

Assisti a uma pescaria de atuns. Para attrahir a um ponto grande quantidade d'estes peixes, collocam a pouca distancia da praia escadas de seis braças e mais, dispostas de tal modo que se levantam obliquamente acima da superficie da agua: em cada uma d'estas escadas está um homem com um sacco cheio de pedras grossas, espiando a passagem dos atuns: quando descobre algum, atira uma pedra de maneira que o peixe espantado foge para o lado das redes. A situação dos pescadores é mui critica: se a escada se parte, caem na agua; na verdade que todos são bons nadadores, mas a costa n'estas paragens é tão erriçada de penedia aguda que lhes póde succeder muito mal. *(Continúa.)*

O ARCHITECTO DA BATALHA.

A OBRA mais estupenda do sumptuoso convento da Batalha é sem contradicção a casa do capitulo. Diz o chronista: — «Sendo quadrada e tendo 340 palmos em ambito, a 85 por cada lanço, é fechada de abobada de cantaria, sem columna, nem esteio, nem cousa que a sustente, nem mais repuxo da banda de fóra que a companhia do edificio que lhe fica nos lados.» — Em um dos angulos d'esta casa se vê o busto acima copiado, que a tradição affirma representar o architecto da Batalha; mas como esta fabrica grandiosa na successão dos trabalhos não teve um só, é difficil averiguar de qual seria imagem: o douto cardeal Saraiva, na Memoria sobre as obras d'este mosteiro, inserta no vol. 10.º da collecção *in folio* da Academia, escreveu que «era manifesto que não podia ser de Matheus Fernandes como se tem asseverado sem exame e sem fundamento.» Segundo a ordem dos tempos e da obra não póde ser (diz elle) senão de Affonso Domingues ou de mestre Ouguet (ou Huet), visto serem aquelles debaixo de cuja direcção julgamos haver corrido toda a obra primitiva.»

De todos estes mestres são escassissimas as memorias; comtudo é certo que o primeiro que dirigiu a maravilhosa fabrica d'este mosteiro foi Affonso Domingues, de quem diz o chronista-mór, Fr. Manuel dos Sanctos, era natural de Lisboa, da freguezia da Magdalena, accrescentando que é «merecedor de eterna memoria pela capacissima idéa com que deli

neou a fabrica. » — Affonso Domingues é a personagem importante do romance — a Abobada, — que com outros saídos da mesma penna deu celebridade ao antigo Panorama. — O remate da casa do capitulo é o assumpto principal d'aquella formosa composição litteraria.

Agiotagem de Law.

A casa d'este celebre financeiro, na rua Quincampoix, foi o theatro d'uma agiotagem desenfreada. Parece que todos tinham perdido o juizo: Law via-se importunado diariamente por pessoas de todas as classes e de todos os sexos, que recorriam a toda a casta de extratagemas para que elle lhes désse um momento de audiencia. Um dia que tinha ido jantar com madame de Simiane, madame de Bouchu, que mandára espreitar a que hora jantavam, passou na sua carruagem por diante da casa e mandou ao boleeiro e aos lacaios que gritassem fogo! fogo! Levantaram-se logo todos da mesa para saberem onde pegára o fogo, e n'esse numero entrou Law. Assim que madame de Bouchu o viu saltou da carroagem para lhe fallar; porém Law, que adivinhou a astucia, esquivou-se-lhe. Outra senhora fez que a levassem n'uma carrossa até defronte da casa de Law e que ahi lh'a tombassem. Bradou ao boleeiro: — « Tomba a carrossa, mariola, tomba-a! » Law acudiu em seu soccorro, e ella então confessou-lhe haver feito isto de proposito para poder ter uma entrevista com elle.

A agiotagem, que estava pouco á larga na rua de Quincampoix, mudou-se para a praça Vendoma; alli, diz Duclos, se junctavam os mais vis patifes, e os mais nobres senhores, todos reunidos e nivelados pela avareza. Apenas se citavam na côrte os nomes do chanceller, dos marechaes de Villeroy e de Villars, dos duques de Saint-Simon e de la Rochefoucauld, que tinham escapado ao contagio... Ao chanceller incommodava-o o tumulto da agiotagem na praça Vendoma, onde estava a chancellaria; então o principe de Carignan, que era mais avido de dinheiro do que escrupuloso ácerca dos meios por que lhe vinha, offereceu o seu palacio de Soissons, em cujo jardim mandou construir uma quantidade de barraquinhas, que alugava por quinhentas libras cada uma ao mez: rendiam-lhe todas quinhentas mil libras por anno. Para obrigar os agiotas a servirem-se d'ellas, alcançou uma ordem regia, que, com o pretexto de estabelecer a policia na agiotagem e prevenir a perda das carteiras, prohibiu que se fizesse qualquer transacção fóra das taes barracas.

As circumstancias deram logar a muitos dictos engraçados. Um dos melhores foi a resposta que um certo Turmenies, guarda do thesouro real, deu ao duque de Bourbon, neto do grande Condé. Louvando-se um dia este principe de ter muitas acções: — « Senhor, lhe disse Turmenies, duas acções de vosso avô valem mais que todas estas. » — O duque riu-se para se não vêr obrigado a agastar-se.

As acções do banco estabelecido na França por João Law no tempo da regencia do duque de Orleans, e convertido em banco real em 1718, chegaram a correr por vinte vezes mais do seu valor. N'elle se recebiam os rendimentos do reino; addicionou-se-lhe uma companhia do Missisipi, e deu-se-lhe o commercio do Senegal com o privilegio da companhia das Indias. Em 1719 valiam os seus bilhetes oitenta vezes todo o dinheiro que podia circular na França, e como o governo pagava as dividas com estes papeis, ficaram desbaratadas as mais solidas fortunas, e viu-se obrigado o escocez Law a abalar da França no anno seguinte. Ha porém quem affirme que foi honrado, porque deixou de approveitar-se de immensas riquezas que podia levar comsigo.

Reis de Inglaterra que foram auctores.

Horacio Walpole, conde de Oxford, publicou em 1761 um livro mui curioso, em que vem a lista de todos os principes e nobres da Inglaterra que foram auctores. Fallaremos só dos principes.

« Não quiz, diz Walpole, subir além da conquista, posto que o nome respeitavel de Alfredo me convidasse com instancia para com elle ornar a minha collecção; mas em tal caso não saberia em que epocha devêra parar; e além disso receei ter de me haver com outro Alfredo, rei de Northumberland, com um Arvigarus, com a famosa Boadicea, e com o rei Bladud, que descobriu as aguas de Bath e a arte de voar. »

Maravilha achar á frente dos reis auctores o feroz Ricardo Coração-de-leão. No fim do reinado de seu pai, que elle perturbou com as suas rebelliões, diz-se que viveu muito na côrte dos principes de Provença, que aprendeu a sua lingua e cultivou a sua poesia, chamada então *gaya sciencia*, que era o modelo da cultura do seculo XI. Walpole traz uma cantiga em lingua romã que attribue a Ricardo: esta cantiga foi achada em Florença na bibliotheca Laurentina. — Attribuem a Eduardo II um poema latino intitulado: *Lamentação do glorioso rei Edward de Carnavan, composta na sua prisão.* — Sabe-se que o rei Henrique VIII publicou em seu nome uma refutação das doutrinas lutheranas, com o titulo de: *Defeza dos sacramentos contra Luthero*, e que deveu a esta obra o titulo de defensor da fé, que legou aos seus successores. Alguns historiadores pretendem que o pai de Henrique VIII o destinára ao principio para bispo de Cantorbery, e que d'aqui vinham os seus conhecimentos theologicos. Attribuem-se tambem a este peincipe outros dois livros, intitulados um d'elles: *Educação do Christão*; e o outro: *Educação da Mocidade.*

Aos nomes d'estes reis segue-se o da rainha Catharina Parr, sexta mulher de Henrique VIII: esta princeza não só era douta, tambem era protectora das lettras; intercedeu pela universidade de Cambridge quando quizeram destruir todos os collegios como iscados de papismo. Restam d'ella algumas obras, sem duvida de minima importancia, porque Walpole nem se dá ao trabalho de as mencionar.

As obras de Eduardo IV teem sido citadas por muitos escriptores; diz-se que compoz uma comedia elegantissima, com um titulo que o não é: *scortum Babylonis*; esta comedia perdeu-se desgraçadamente, como a maior parte das peças d'aquelle tempo. — Restam alguns livros devotos da rainha Maria: Erasmo diz que ella escrevia mui bem cartas latinas: as suas cartas francezas são pezadissimas e pobrissimas. O bispo Tanner lhe attribue uma *historia da sua vida e da sua morte com individuação dos martyres do seu reinado.* Como poude ella compor a historia da sua morte!

A rainha Isabel foi verdadeiramente douta: tinha consagrado ao estudo o tempo da adversidade, isto é, os annos que precederam a sua exaltação ao throno. Esta mulher extraordinaria traduzia Euripides, Horacio, Isocrates, e commentava Platão: respondia immediatamente com muita facilidade em grego e em latim; escrevia em verso e prosa; e, o que não é menos singular, compunha com mui feliz successo

logogryphos e enigmas. — Um grosso in folio tem o nome de Jacques I, e ninguem contestou a este rei uma só palavra da *Demonologia* ou do seu tractado contra a tabaco: A *counterblast to tabacco*. Citações, subtilezas, passagens da Escriptura, erudição arrastada, superstições, vaidade, pedantismo, taes são os ingredientes de que se compoem todas as obras de S. M., e que lhe mereceram o incenso d'alguns theologos contemporaneos.

As obras de Carlos I foram colligidas depois da sua morte, e publicadas em Haya com este titulo: *Reliquiæ sacræ Carolinæ*, ou *obras tanto civis como sagradas do grande monarcha e glorioso martyr el-rei Carlos I.* Entre estas obras, de que algumas são evidentemente apocryphas, acha-se uma traducção das lições do bispo Saunderson sobre a *Obrigação do juramento promissorio.* — Carlos II, o unico homem de talento da familia dos Stuarts, não foi auctor. — Seu irmão Jacques escreveu *memorias da sua vida e das suas campanhas até a restauração.* Tambem ha d'elle uma collecção de meditações, soliloquios, votos, &c. Um d'estes votos é levantar-se todos os dias ás sete horas da manhã. Esta collecção, que dizem ter sido composta por Jacques II em S. Germano, é escripta em máu inglez, foi publicada em París pelo padre Bretonneau, jesuita. O frontispicio representa o rei sentado n'uma poltrona, com ar pensativo e uma corôa de espinhos na cabeça.

Aqui acaba no livro de Walpole a lista dos reis auctores.

Ceremonial da côrte byzantina.

Luitprando, bispo de Cremona, que nasceu no começo do X seculo, deixou-nos uma relação bem curiosa de muitas embaixadas em que elle foi á côrte dos imperadores gregos. As particularidades seguintes, extrahidas da sua narração, poderão dar uma idéa do ceremonial seguido na côrte byzantina.

A primeira embaixada de Luitprando foi em 948. No dia em que se apresentou ao imperador Constantino VII levaram-no á sala da audiencia ás costas de dois escravos. O throno, que era muito largo, tinha, á maneira de braços, dois leões de ouro, de grandeza natural, cujos olhos se moviam. — Em frente do throno estava uma arvore de cobre dourado, e nos seus ramos pousavam diversos passaros do mesmo metal, cantando cada um d'elles como os da sua especie. Quando Luitprando se chegou ao throno em que estava sentado o imperador, vestido de galas riquissimas, começaram os leões a rugir e os passaros a chilrear. Obrigaram-n'o, e aos officiaes que o acompanhavam, a fazer uma zumbaia e a prostrar-se aos pés do throno; por tres vezes tocou com a fronte no chão. Qual foi o seu espanto quando, ao erguer a cabeça, nada mais viu diante de si e enxergou o imperador, que mudára de trajo, igado, mais o seu throno, por meio d'umas molas escondidas, até o tecto da sala. N'esta distancia era impossivel conversarem os dois interlocutores; por isso o embaixador teve logo de se retirar, tendo apenas dicto algumas palavras ao chanceller do imperio.

Dias depois d'esta primeira entrevista muda, chamou o imperador a Luitprando, conversou com elle, e o poz á sua mesa muitas vezes, entre outras dia de Natal. O banquete foi dado n'uma sala espaçosa e magnifica, onde armaram leitos; porque os convidados comiam deitados, no uso antigo. Ao *dessert* trouxeram fructas em tres grandes vasos de ouro pesadissimos em cima de padiolas, e prenderam nas azas d'estes vasos uns ganchos, tambem de ouro, atados em cordas douradas que caíam da abobada. Por cima do tecto do palacio havia uma machina que fez descer devagarinho os vasos até pousarem na meza. Em quanto durou o banquete fizeram os truães habilidades e exercicios de forças na presença dos convidados. Houve um moço que conservou equilibrado na testa um pique de vinte e quatro pés de comprimento, atravessado na extremidade por uma barra de dois covados.

Luitprando assistiu, além d'isso, a uma distribuição de presentes que se fez pelos officiaes da côrte. Cobriram uma larga e comprida meza de caixas cheias de moedas de prata, com rotulos que indicavam as sommas n'ellas contidas. O imperador tomou a cabeceira da meza, e um official foi chamando successivamente as pessoas para quem eram os presentes. O primeiro que chamaram foi o *grão mestre do palacio*. Pozeram-lhe não nas mãos mas aos hombros a caixa que lhe estava destinada, com quatro mantos que cobriam o corpo todo, e de que os guerreiros usavam então em tempo de chuva. Seguiram-se o *grão domestico*, que commandava as tropas de terra, e o *grão almirante*. Receberam o mesmo presente por serem todos tres iguaes em dignidade. Depois d'elle entraram vinte e quatro *mestres*, que receberam cada um d'elles vinte e quatro libras de ouro e dois mantos. A estes succederam os *patricios*, aos quaes deram doze libras de ouro e um só manto. Seguiram-n'os os escudeiros e officiaes subalternos que marcharam enfileirados e receberam um presente proporcionado ao seu gráu. Esta extravagante ceremonia foi abolida no seculo seguinte, no tempo de Constantino Monomaco, que reinou de 1002 a 1056.

Quem quizer formar uma idéa da minuciosa e ridicula etiqueta que reinava na côrte byzantina tem de vêr a obra escripta a respeito d'esta nação pelo imperador Constantino Porphyrogueneto, exaltado ao throno em 911.

O imperador quasi que não saía a publico senão em certas festas marcadas no kalendario grego: os arautos annunciavam na vespera este grande successo. Limpavam as ruas e as juncavam de flôres; expunham ás janellas e varandas moveis preciosos, baixellas de ouro e prata, e tapetes de seda; poetas e musicos assalariados cantavam por toda a cidade os louvores do imperador; e para recordar o quanto eram extensos os seus dominios, havia mercenarios que os repetiam, segundo Codinus, em latim e na lingua dos godos, dos persas, dos francos, e até dos inglezes.

Só o imperador tinha o direito de usar de borzeguins de purpura e da tiara, que os gregos tinham tomado dos reis persas; este diadema consistia n'um grande barrete pyramidal de fazenda de lã ou seda, quasi todo elle escondido debaixo d'um montão de perolas e diamantes; um circulo horisontal e dois arcos de ouro perpendiculares ao circulo formavam a corôa, que rematava n'um globo ou cruz com dois cordões de perolas que caíam sobre as faces do principe.

Seculo e meio depois da embaixada de Luitprando, a arrogancia e orgulho dos gregos soffreu muito quando os cruzados chegaram em chusma aos muros de Constantinopola para passarem á Palestina. A poder de astucia e ardis soube o imperador Alexio Comneno livrar os seus estados dos perigos com que os ameaçava a passagem de exercitos tão numerosos, e até conseguir dos principaes chefes dos francos que lhe rendessem homenagem. Nem todos, comtudo, se sujeitaram a isso, e eis-aqui o que refere a filha do imperador, Anna Comnena, na vida de seu pai: — «Como os francos estavam todos reunidos e acabavam de prestar o juramento, houve um conde que levou a ousadia até sentar-se no throno: o impera-

dor, que conhecia a altiveza dos latinos, ficou calado, quando Balduino (conde de Flandres) se chegou, e disse ao conde franco puxando-o pela mão: Não vos convém sentar-vos n'este logar. O insolente conde nada respondeu a Balduino, porém disse em lingua barbara: Ora esteja só este villão ruim assentado quando tantos grosseiros se acham de pé! Aleixo que lhe viu bolir os beiços, chamou o seu interprete para lhe perguntar o que o franco dissera, e depois que o soube não se queixou d'isso. Não lhe esqueceu, todavia, e quando os condes se foram despedir do imperador, este fez demorar ao pé de si o orgulhoso cavalleiro, e perguntou-lhe quem era. Sou franco, respondeu elle, da mais alta e antiga nobreza; só sei uma cousa, é que na minha terra ha uma igreja edificada n'uma encruzilhada, onde vão os que desejam assignalar o seu valor na liça, e onde se encommendam a Deus em quanto não apparece competidor; muito tempo me demorei aqui sem que ninguem se atrevesse a combater comigo. — Aleixo não esteve para acceitar esta especie de desafio.»

Este altivo conde acabou na batalha de Dorylea; e segundo Ducange, era Roberto conde de Paris: Walter Scott fez d'elle o heroe d'um dos seus romances.

Eschola de gravura para meninas em Londres.

Abriu-se ha um anno no instituto de Sommerset-House, em Londres, uma eschola de gravura em madeira, para meninas. Esta fundação parece ligada a um plano geral concebido para beneficiar as mulheres sem bens da fortuna. Persuadidos de que a miseria e a ociosidade, voluntaria ou forçada, ainda acarretam apoz si mais padecimentos e perigos para as mulheres do que para os homens; persuadidos de que os vicios das mulheres são mais funestos á sociedade que os dos homens; querem os fundadores proporcionar ás mulheres o trabalho por meio de instituições gratuitas, onde se lhes ensinarão certos misteres que convém ao seu sexo.

É incontestavel que as mulheres, entregues aos proprios recursos, não podem competir no trabalho com os homens. Conviria reservar exclusivamente para ellas certos ramos d'arte ou d'industria; mas os principios de liberdade não o consentem, e só por meios indirectos se póde chegar a este resultado util e moral. O beneficio dos institutos analogos ao que acaba de ser creado em Sommerset-House consistirá em igualar em aptidão, quanto for possivel, os dois sexos, tornando mais facil e menos dispendioso o tyrocinio ás mulheres. Os homens, ainda assim, lhes levarão muitas vantagens, em razão da superioridade da sua força, e do maior numero de artes que podem exercer.

Modo de destruir as traças.

A traça, *tinea* (em francez teigne) é um insecto da ordem dos lepidopteros, familia dos nocturnos, tribu das tineitas. Os seus caracteres são: antennas setaceas, simples ou quando muito ciliadas, apartadas; azas liniares enroladas á roda do corpo, tromba curtissima ou nulla; dois palpos cylindricos, curtos, e pelludos; um topete de escamas na fronte. Bem sabidos são os estragos que os insectos a que se dá este nome fazem no seu primeiro estado, isto é no de lagartas, não no inverno, porque se conservam na inacção fechadas em seus casulos, que muitas vezes prendem pelas duas pontas nas fazendas que teem roido, ou penduram nos cantos das paredes ou nos tectos. No principio da primavera, porém, transformam-se em nymphas e assim se conservam perto de vinte dias, ao cabo dos quaes sáe o insecto perfeito do seu abrigo, e vôa para ter o coito. Depois da copula, que dura sete ou oito horas, vai a femea em busca de fazendas onde deposite os ovos, e morre acabada a postura. As lagartinhas sáem cousa de quinze dias depois d'ella.

Réaumur buscou os meios de nos livrar d'estes insectos damninhos, e de evitar os seus estragos. No fim de muitos ensaios baldados chegou a descobrir que o oleo de therebentina, o espirito de vinho, e o tabaco são outros tantos venenos para estas lagartas. Como a primeira das drogas apontadas é a que obra com mais promptidão e certeza, póde-se esfregar com ella as fazendas que se querem livrar das traças sem medo de as estragar, porque este oleo não põe nodoas, ou, quando não, ensopar no mesmo oleo pedaços de panno ou de papel, que se fecharão nos armarios em que se guardam os moveis ou os vestidos: dentro em pouco tempo morrerão as lagartas em convulsões. Mas como o cheiro d'este oleo é muito forte e repugnante, e além disse as fazendas que teem ouro e prata e as de côres mimosas poderiam soffrer avaria, convirá, em tal caso, usar do fumo de tabaco. Para defumar as fazendas encerram-se n'um logar fechado: se for n'um armario mette-se-lhe dentro um fogareiro com brazas, deita-se-lhe o tabaco por cima e fecha-se o armario; se for n'um quarto fecham-se as janellas, arrumando-se as fazendas de modo que o fumo lhes entre por todos os lados. O espirito de vinho mata as lagartas com tanta promptidão como o oleo de therebentina; porém com se evapora facilmente, importa que as fazendas estejam encerradas em arcas, &c., muito bem tapadas; aliás faz pouco effeito.

Réaumur indica um quarto meio, o qual consiste em esfregar os moveis com uma pelle de carneiro gordo, ou pô-la a ferver, molhar brochas na agua em que tiver fervido, e esfregar os moveis. Tendo o nosso auctor encerrado lagartas de traças com pedaços de panno a que tinha feito esta operação, ellas não lhe tocaram, e antes quizeram comer os seus casulos pela parte de fóra. Por este methodo se podem matar as traças em todas as estações: comtudo a mais favoravel é o fim do estio, porque então já todas as lagartas teem nascido. Conheço uma planta mui commum no meio-dia, o *origanum graveolens*, que poderia, talvez, por causa do seu cheiro summamente desagradavel, produzir bonissimo effeito nos armarios em que mettessem um punhado d'ella. O cebo parece que tambem afugenta estes insectos.

Extrahimos este artigo do tomo 23.º do *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle appliquée aux arts*, Paris 1818, e experimentamos a acção da agua raz sobre traças apanhadas em estantes de livros: ella é prompta e efficacissima. Quem quizer verificar o facto metta as traças debaixo de pequenos copos de vidro borrifados com a essencia de therebentina ou com agua raz, e verá que logo começam a andar á roda a maneira de ventoinhas, e que ao estado de agitação violenta succede em breve a immobilidade da morte.

A calumnia mata tres homens: o calumniado, o calumniador e o que ouve.

Quem aprende sem ensinar semelha ao myrto no deserto: ninguem gosa d'elle.

Extrahidos do Talmud.

AVINHÃO.

Avinhão é uma cidade singular, que tem conservado quasi integralmente o seu aspecto na idade media; as muralhas que ainda lhe restam parece que não existem senão para protege-la de uma surpreza da civilisação moderna; nas suas ruas tortuosas a cada passo se encontram nichos com imagens nos angulos das casas; sombrios palacios feudaes abrem de tempo a tempo as pezadas portas para dar saída á sege de algum cavalleirote melancholico. Nos bairros que não são animados pela industria, cresce herva pelas calçadas. E a terra dos penitentes, das confrarias, dos asceticos, das ceremonias religiosas, tudo grave e austero na exterioridade. Nos dias festivos quebra-se o usual silencio com uma bulha de sinos, que faz ensurdecer. Não ha em toda a França terra na apparencia mais devota. Por aquelle estrondo de campanarios facilmente se reconhece a antiga capital dos papas, quando o scisma fez que houvesse a um tempo dois pontifices. A séde pontificia esteve em Avinhão por 68 annos desde Clemente V, que os nossos leitores conhecem pelos artigos ácerca dos templarios, até Gregorio XI, isto é, desde 1309 até 1377. Ainda os esforços do tempo e do aspero *mistral*, vento assolador, particular á Provença e ao Languedoc, não poderam destruir o palacio torreado que mandou edificar o papa João XXII; o tumulo gothico d'este acha-se hoje em meio das ruinas do templo de *Nossa Senhora des Dons*, onde entre outras curiosidades se nota uma capella da Sancta Virgem, cercada de soberbas peças de architectura que formam paineis em relevo; a abobada d'esta capella serviu de modêlo á do Pantheon de París. No meio d'esta cidade monacal é facil de comprehender o terror de um viajante do qual se conta que, levado a casa do *maire* para se examinarem os seus papeis por causa de suspeitas, perguntou afflicto se os gendarmes o conduziam aos calabouços da inquisição.

Ha comtudo outra parte da cidade, na qual parece viver-se sob o dominio de outras preoccupações: vêem-se por toda a parte botequins, lojas e casas á moderna, n'uma palavra a vivacidade e movimento da civilisação. *Ciceroni* esfarrapados vos perseguirão para ir mostrar a casa em que morou Laura, tão celebrada pelo Petrarcha, ou a famosa fonte de Vaucluse, que dista cinco ou seis leguas, onde parece que retumbam os echos das canções d'aquelle poeta celebre. Nos bairros d'esta parte da cidade ruas mais largas e mais arejadas que na outra são habitadas por negociantes ricos, porque ha annos que uma lembrança ministerial fez de Avinhão uma das cidades mais commerciantes do reino, em razão das suas vastas tinturarias; ahi tingem as calças para todo o exercito francez: a granza ou ruiva deu-lhe vida e riquezas.

O caracter do provençal de Avinhão póde dividir-se em duas partes bem distinctas como a cidade que habita: uma pertence á industria, aos instinctos da civilisação considerada em relação á politica; outra, talvez a mais curiosa, representa a influencia do passado historico e geographico. Além de que, esta grande divisão moral não é mais que a lucta entre o presente e o passado, que se observa a cada passo e sob mil fórmas differentes em toda a Provença.

Apesar do grande numero de mulheres bonitas, apesar da passagem frequente de todas as diligencias do sul, e não obstante o movimento de muitas fabricas, Avinhão é uma cidade triste. Para espraiar os olhos e o coração é necessario passear nos arredores: pelas margens do Rhódano e do Durance se apresentam prados viçosos, dilatadas ceiras, e ricos pomares; o clima é benigno e o torrão fecundo.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Ma per far la to vendetta.
Sta siguru, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

V.

A RAPARIGA, depois de olhar fita alguns minutos para della Rebia, disse:

— «Onde vai, Orso Anton'! O seu inimigo está perto, não sabe?»

— «Qual inimigo? que é d'elle?»

— «Orlanduccio espera-o. Volte, volte já.»

Orlanduccio era o filho mais velho do velho advogado Barricini.

— «Está bom. Por que lado foi?»

— «Pelo mesmo por onde vai Orso Anton'.»

— «Obrigado!... Adeus!»

E chegando as esporas ao cavallo, correu ligeiramente para o sitio que a rapariga indicára.

A paisagem, no principio, tirava até a idéa de uma emboscada. Era chão nú, unido, sem moitas nem balseiras. Mas logo adiante desenrolavam-se campinas viçosas de cultura, tapumes de sebes, e castanheiros colossaes, plantados irregularmente. O caminho aqui trepava em ladeira empinada. Orso apeou-se, deitou as redeas sobre o pescoço do cavallo, e começava a subir, quando, a vinte passos d'uma sebe, á direita, viu scintillar de repente o cano d'uma espingarda apontada para elle, e apparecer atraz uma cabeça quasi rente com a aresta do muro. A clavina abaixou-se, e Orso conheceu Orlanduccio com o dedo no gatilho. Della Rebia n'um instante se pôz em defeza, e ambos, com as armas em pontaria e a mão prompta a desfechar, cruzaram a vista accesa de raiva entre pungente commoção, que estremece o coração do mais valente na hora suprema do perigo.»

— «Covarde!...» gritava Orso. Ainda não acabára, já a chamma tinha fuzilado do cano da espingarda de Orlanduccio. Ao mesmo tempo partiu outro tiro da esquerda, da parte opposta, disparado por homem que não apercebêra encoberto com um paredão. Ambas as balas acertaram. A de Orlanduccio passou-lhe o braço esquerdo, descoberto no apontar. A outra bateu no peito, queimou o fato, e por felicidade achatou encontrando o ferro do estilete, fazendo só uma leve contusão. O braço ferido descaiu frouxo sobre a perna, e a espingarda dois ou tres segundos se inclinou desamparada. Mas, invocando toda a energia, Orso, segura a arma só na mão direita, desfechou sobre Orlanduccio. A cara d'este, aonde só os olhos se divisavam, sumiu-se immediatamente. Virando depois á esquerda, della Rebia disparou o outro tiro n'um homem, ainda rodeado de fumo, que mal se distinguia. Esta segunda figura tambem desappareceu. As quatro detonações reboaram com incrivel rapidez; e á ultima o mais profundo silencio reinou nas solidões circumvisinhas. O fumo subia lento ao céu, em quanto detraz dos muros nem se ouvia ruido ou signal que demonstrasse vida. Se não tivesse a dôr do braço, para lh'o lembrar, Orso diria que eram phantasmas aquelles sobre que tinha desfechado.

E o padecimento crescia. Receiando novo ataque de inimigos cobertos com as sebes, della Rebia buscou o abrigo d'um muro, pôz no chão o joelho direito, e descançando no outro o braço ferido, approveitou o esgalho d'uma arvore meia queimada para pousar a arma. Assim ficou immovel com o dedo no gatilho, os olhos cravados nas sebes, e o ouvido afiado á escuta, alguns minutos que se lhe affiguraram seculos. Emfim de longe soou um grito, e logo depois um cão, descendo o morro com a velocidade da setta, parou defronte d'elle affagando-o com mostras d'alegria. Era Brosco, o lebréu dos salteadores, que lhe vinha annunciar a chegada do terrivel Brando, o pai da rapariga creada por Colomba. Com effeito elle não se demorou em saír d'entre um cerrado de arbustos.

— «Aqui! sou eu, Brando!» exclamou o tenente.

— «Está ferido, Orso Anton'? perguntou o bandido ainda suffocado da carreira. E no corpo?»

— «Não. É no braço.»

— «Ah! não é nada então. E o outro?»

— «Creio que lhe acertei.»

Brandolaccio, seguindo o cão, foi á primeira sebe, e debruçou-se para olhar para dentro. Apenas olhou, tirando o barrete, exclamou:

— «Boas tardes, Sr. Orlanduccio! — E voltando para Orso com outra cortezia: — aqui está um homem que não se ha de queixar — isto chama-se fazer as cousas com aceio.»

— «Ainda vive?» perguntou della Rebia com sobresalto.

— «Nada! D'essa o livrou a balla que lhe furou o olho... mas vamos ver mais. Oh lá!... e esta? Dois coelhos da mesma pancada!... Bem se vê que está cara a polvora.»

— «Mas o que é?»

— «É... o diabo. Que bonita noite terá hoje o velho Barricini... ambos mortos!»

— «Pois Vicentello tambem?...»

— «Tambem. É morto deveras como o senhor seu mano Orlanduccio. Ficou de joelhos, a rezar... Safa! dois tiros d'estes! Nunca mais pego em clavina.»

E rasgando-lhe a manga da sobrecasaca com o punhal, Brandolaccio principiou a curar Orso. No meio, levantando a cabeça e no tom mais natural do mundo perguntou:

— «E agora para onde vai Orso Anton'?»

— «Para onde hei de eu ir, Brando?»

— «Ou para o matto ou para a cadeia. Ora como um della Rebia não vai nunca á cadeia, segue-se que foge para o matto... Sabe que mais? de longe, quando ouvi *pim! pim!* disse comigo: adeus; lá se foi o tenente com mil demonios! mas d'ahi a nada retiniame ás orelhas *boum! boum!* Ah! então é outro caso — como ladra a cadella ingleza sempre quero saber em que altura estamos...»

— «Elles é que atiraram primeiro.»

— «É verdade. Conheci pelo calibre da arma. Vamos lá; antes de partir, Orso Anton', deite-me sempre os olhos á sua obra... veja-me os dois... diabo!»

Della Rebia, sem responder, cravou as esporas no cavallo — todos os thesouros do mundo não o resolveriam a pôr a vista nos infelizes a quem roubára a vida.

Brandolaccio tambem se fingia mais forte do que na realidade estava. No fim não se poude conter e desabafou:

— «Orso Anton', disse elle pegando-lhe na redea, quer que lhe diga o que sinto? Tenho dó d'estes pobres rapazes. Perdôe. Eram tão moços, tão bellos que faz pena, coitados! É verdade que sua alma sua palma, mas, emfim, custa, não o nego! Orlanduccio ainda não ha quatro dias que me deu um maço de cigarros e caçou comigo a manhã inteira. E Vicentello, tão alegre sempre!?... Levaram a paga que mereciam. Sempre foi um tiro de mestre!... mas apesar d'isso... emfim, paciencia! Que se lhe ha de fazer.»

E com esta oração funebre, guiando Orso, e precedido pelo seu cão Brusco, Brando principiou a sua jornada para o matto.

Dos meios que os homens têem julgado proprios para se livrarem dos raios.

A litteratura grega nos iniciou completamente nas idéas dos antigos philosophos ácerca da causa do raio; porém mui summaria e imperfeitamente nos indicou dois ou tres meios preservativos. Refere Herodoto no liv. 4.º, cap. 98, que os thracios costumam, quando ha relampagos ou trovões, disparar settas contra o céu para o ameaçar.

Note-se bem que o auctor grego diz para o ameaçar. N'esta passagem nem se allude a que a setta, por ser de metal e ter ponta, poderia roubar ás nuvens algumas parcellas de materia fulminante; por isso o proprio Dutens, esse admirador fanatico da antiguidade, receiou assemelhar as flechas dos thracios aos guarda-raios modernos, e subir com a invenção do apparelho de Franklin até os tempos de Herodoto.

Plinio conta que os etruscos sabiam obrigar o raio a descer do céu, e dar-lhe a direcção que lhes parecia, e que uma vez o fizeram caír sobre um monstro chamado Volta, que devastava os arredores de Volsinia; que Numa tambem sabia este segredo, que Tullo Hostilio, por ser pouco exacto observante das ceremonias instituidas pelo seu predecessor, desafiou o raio por que foi fulminado. Quanto ao meio de evocar o meteoro, Plinio só falla em sacrificios, orações, &c.; podemos por tanto passar agora a outro objecto.

Criam os antigos (Plinio liv. 2.º §. 56) que o raio nunca entrava mais de cinco pés pela terra dentro. D'aqui vinha reputarem elles asylos segurissimos a maior parte das cavernas; d'aqui vem que assim que se podia prever alguma trovoada, se retirava Augusto, segundo diz Suetonio, para um logar baixo e abobadado.

Os tubos vidrosos, produzidos pelo raio, que ás vezes descem a quarenta e seis palmos a contar da superficie da terra, mostram quanto os antigos se enganavam. Ninguem sabe, ninguem pode dizer, mesmo hoje, em que profundidade se escaparia com certeza dos raios descendentes, e com mais forte razão dos raios ascendentes.

Para augmentarem a garantia resultante da grossura da alvenaria, cantaria ou terra que cobre um subterraneo ou uma caverna natural, fazem os imperadores do Japão, a dar-se credito ao que diz Kœmpfer, construir um reservatorio d'agua por cima da gruta onde se refugiam quando troveja: a agua tem por fim apagar o fogo do raio.

Em certas condições um lençol d'agua livra, com uma quasi certeza, quanto lhe fica por baixo; mas não se conclua d'isto que os peixes não podem ser fulminados no seio das maiores massas d'agua.

Weichard Valvassor nos da noticia (*Philosophical Transactions*, tom. 16.º) de ter caído um raio, no anno do 1670, sobre o lago Zirkmitz; na paragem chamada Leuche viu-se logo boiar uma tal quantidade de peixes, que os habitantes encheram vinte e oito carros de taipaes.

Em 24 de setembro de 1772 caíu um raio em Besançon no Doubs. Pouco depois a superficie da agua appareceu coberta de peixes atordados, que boiavam a sabor da corrente.

Era uma crença muito commum na antiguidade, que as pessoas que estavam na cama e deitadas nenhum medo deviam ter do raio. Esta opinião, apesar de ser muito extraordinaria, parece ter conservado partidarios. Vejo, por exemplo, que Mr. Howard regista estes dois factos com particular predilecção.

Aos 3 de julho de 1838 caíu um raio n'uma casinha de campo (cottage) em Birdham, perto de Chichester. Fez em estilhas a madeira d'um leito, revolveu pelo chão os lençoes, os colchões e a pessoa que estava deitada, sem lhe fazer nenhum mal.

Em 9 do mesmo mez levou um raio, em *Great Hougton*, perto de *Duncaster*, a coberta da cama em que madame *Brook* estava deitada, e esta senhora não teve outro mal além do medo.

A estes factos opporei outros não menos authenticos. O volume 65 das *Philosophical Transactions* contém uma memoria em que o reverendo Samuel Kirkshaw dá conta de todas as circumstancias da queda do raio que apanhou Mr. Thomas Hearthley, a dormir na sua cama, em Hearrowgate em 29 de setembro de 1772, e o matou logo. Madame Hearthley, que estava deitada ao lado de seu marido, nem sequer acordou. Todo o seu incommodo foi uma dôr no braço direito, que durou alguns dias.

Ás cinco horas da manhã do dia 27 de setembro de 1819, caíu um raio em Confolens (Charente) sobre uma casa onde matou a criada que estava na sua cama. O corpo achou-se cheio de regos desde o pescoço até a perna direita.

Os romanos attribuiam ás pelles das phocas uma virtude efficaz contra os raios; e por isso faziam barracas d'estas pelles, onde as pessoas medrosas iam abrigar-se quando trovejava. Suetonio narra que Augusto, que tinha medo de raios, trazia sempre uma pelle de phoca. (Vide tom. 1.º do antigo Panorama pag. 94.)

Nas Cevennas, onde por muito tempo houve colonias romanas, teem os pastores o cuidado de guardarem os despojos das cobras com que rodeiam, ainda em nossos dias, as copas dos chapéus, porque se persuadem de que isto os guarda dos raios (Laboissière; Acad. do Gard.) Está claro que as pelles de cobra, no conceito do povo, tinham outr'ora o mesmo prestimo das pelles, mais raras e mais caras, das phocas.

É mui licito por certo criticar a escolha que Augusto fizera das pelles de phocas, porque hoje mesmo não acharíamos modo de as justificar nem por factos, nem pela theoria. A idéa, porém, que não póde ser indifferente, de escolher certos vestidos quando ha trovoada, em nada é contraria aos conhecimentos dos modernos ácerca da materia do raio. Poderíamos até citar muitos casos em que umas pessoas parecem ter ficado illesas e outras fulminadas, conforme eram as fazendas dos vestidos ou as materias que traziam comsigo.

No dia da catastrophe de Chateau-Neuf les-Moutiers dois ou tres padres que estavam á roda do al

tar caíram gravemente feridos. O terceiro, pelo contrario não soffreu nenhum damno: era o unico que tinha nas vestes ornatos de seda (1).

Os factos seguintes são ainda mais pasmosos, porque mostram que um animal tem mais expostas aos estragos do raio certas partes do corpo segundo a côr do pello que as cobre.

No principio de setembro de 1774 caíu um raio sobre um boi, em Swanborow (Sussex). Este boi, de côr avermelhada, era malhado de branco. Depois do raio notou-se com pasmo a desnudez das malhas brancas; nem um só pello conservavam, ao passo que a parte avermelhada não tinha soffrido nenhuma alteração visivel. O dono do animal contou a Mr. James Lambert que dois annos antes, outro boi malhado de branco tinha appresentado exactamente o mesmo phenomeno depois de um trovão violento.

Finalmente em 20 de setembro de 1775, tendo sido fulminado em Glynd um cavallo ruço-rodado, notou o dono que em toda a extensão das malhas brancas lhe caía o pello quasi sem se lhe tocar, e que no resto do corpo conservava a antiga adherencia.

«Tiberio, quando o céu estava tempestuoso, nunca deixava de trazer uma corôa de louro, por acreditar que o raio jámais toca n'esta sorte de folhas.» (Suetonio).

A opinião de que o raio nunca deu em certas arvores ainda tem muito quem a siga.

Mr. Hugh Maxuell escrevia em 1787 á Academia americana, que, pela sua propria experiencia, e pelas informações que havia colhido de grande numero de pessoas se julgava com o direito de affirmar que o raio cáe muitas vezes no olmeiro, castanheiro, carvalho, pinheiro, algumas no freixo, e nunca na faia, betula, e bordo.

O Capitão Dibden não admittia differenças tão formaes. N'uma carta escripta a Wilson, na data de 1764, contentava-se com dizer que nos bosques da Virginia, que acabava de visitar em 1763, os pinheiros, ainda que muito mais altos do que os carvalhos, eram muito menos vezes feridos pelos raios. Não me lembro, accrescentava elle, ter visto carvalhos crescendo entre pinheiros em sitios onde estes tivessem sido fulminados. Os factos seguintes dissiparão muitas duvidas.

Criam os antigos que o raio jámais cáe no loureiro? Jámais é uma expressão que não tem defeza, porque eu acho nas notas de Poinsinet de Sivry, um dos traductores de Plinio, que Sennert, que Vicomercatus, que Filippe-Jacques Sachs, referem muitos casos de loureiros fulminados.

Maxuell colloca a faia entre as arvores que o raio respeita. N'um folheto de Mr. Hericart de Thury, recentemente distribuido na Academia, vejo eu que uma faia annosa, reservada em 1835, n'um antigo córte feito no meio da matta de Villiers Cotterets, foi fulminada e quasi demolida no mez de julho do mesmo anno.

Algumas considerações theoricas tinham induzido a crêr que as arvores resinosas estavam isentas do raio; todavia acaba de se vêr que Maxuell mette o pinheiro na classe d'aquellas em que mais a miudo cáem raios. No já citado folheto de Mr. de Thury acho eu entre as arvores fulminadas:

Um pinheiro maritimo em S. Martinho de Thury, aos 2 de agosto de 1821.

Um pinheiro alvar em S. João de Day (Mancha), em junho de 1836.

Uma cerejeira preta brava em Anthilly, em agosto de 1834.

Uma accacia em S. João-le-Pauvre de Thury, em setembro de 1814.

Um olmeiro em Moiselles, em junho de 1823.

Carvalhos e choupos (1).

Os homens são muitas vezes fulminados em planicies descobertas. O perigo, muitos factos o attestam, é maior debaixo das arvores; o doutor Winthorss concluia d'esta dupla observação, que, para escapar aos insultos do raio, quando colhe alguem d'improviso em raso campo, o melhor é collocar-se a pessoa a pequena distancia d'alguma arvore alta; por pequenas distancias entendia elle todas as comprehendidas entre vinte e dois e meio a vinte e oito e meio palmos. Seria ainda mais favoravel a estação que satisfizesse as mesmas condições de distancia em relação a duas arvores visinhas. Franklin approvava estes preceitos. Henley, que tambem os cria fundados na theoria e na experiencia, sómente os modificava no caso de haver só uma arvore, recommendando que se collocasse a pessoa, relativamente ao tronco principal, os vinte e dois e meio a vinte e oito e meio palmos além da vertical que passasse pela extremidade dos ramos mais compridos. *(Continúa)*

(1) Todos os physicos teem reconhecido que o tafeta encerado, a seda, a lã, são menos permeaveis a materia do raio que as fazendas de linho ou outra materia vegetal. Concordam menos alguma cousa na questão de serem os vestidos molhados preferiveis aos vestidos seccos quando ha trovoada. Nollet teme os vestidos molhados em razão de lhe communicar a agua a propriedade que tem de ser um dos corpos que o raio prefere a outros. Franklin adopta a opinião contraria, na idea de que os vestidos molhados devem transmittir immediatamente ao solo a materia fulminante que receberem.

(1) Vid. Panorama, vol. 3.º, serie 2.ª, pag. 158.

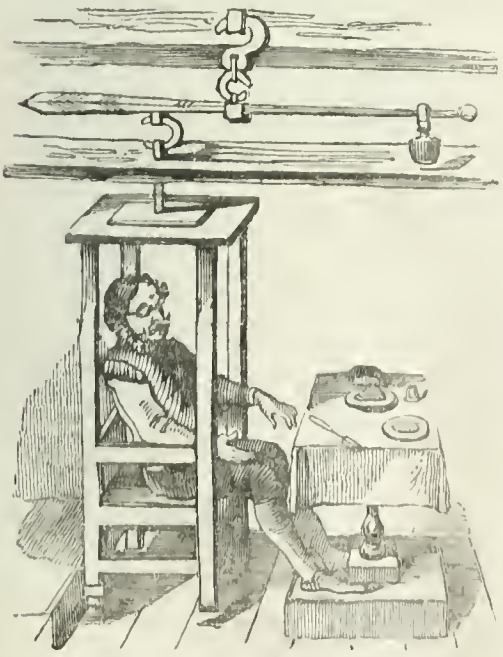
O sancto estylita e o medico Sanctorio

S. Simeão, o estylita, foi um anachoreta do V seculo; deram-lhe aquella antonomasia de uma palavra grega, que significa *columna*. Houve outro do mesmo nome no VI seculo. Aquelle de que tractâmos submetteu-se por longos annos a permanecer assentado no alto de uma columna sita n'uma das mais elevadas montanhas da Syria. — Sanctorio foi um medico italiano do XVI seculo, que passou uma grande parte da vida pendurado n'uma balança. — O amor de Deus e a vida contemplativa eram os incentivos de S. Simeão; o amor da sciencia e o bem da humanidade eram os de Sanctorio.

Simeão nascêra perto de Antiochia: ha d'elle uma carta a Basilio, bispo d'essa cidade. Morreu em 461, de 69 annos. Theodoro, bispo de Tyro, escreveu o resumo da vida d'elle. — Para se desapegar inteiramente das paixões humanas e das preoccupações terrenas, para se libertar completamente da escravidão dos sentidos, para converter o pensamento a encaminhar-se exclusivamente a um ponto unico, Deus, o amor infinito ou a perfeição, para reluzir-se quanto possivel fosse ao estado immaterial, Simeão sujeitou-se expontaneo ao extraordinario supplicio de viver noite e dia sobre o acanhado topo de uma columna solitaria, exposto a todas as intemperanças das estações, e absorvido n'uma continua oração. Na primeira idade do christianismo, durante os horriveis desastres que abysmaram o imperio romano, observou-se que o receio do mundo, a abnegação dos sentidos, a propensão para a mystica contemplação de Deus, se apoderou de grande numero de almas, excitando-as a largar a sociedade dos homens, e impellindo-as para a solidão. Sob a independencia é que se formou a Thebaida; os logares mais ermos, as cavernas inac-

cessiveis convidavam á contemplação estes desterrados voluntarios, que não toleravam por testimunhas de suas austeras penitencias senão os animaes bravios. Alguns homens insignes, como S. Jeronimo, allumiaram com a luz de seu genio estes logares solitarios. A Igreja usou da sua auctoridade para reprimir o excesso d'esta tendencia, que nada menos importava que o retrocésso da civilisação, já tão perturbada em seu caminho, para os extremos limites da barbaria. Nas suas exhortações insistiu de mais a mais n'estes principios de fé: — que a oração, isto é, a communicação directa com Deus, o solitario impulso do coração para a infinidade, não é bastante para merecer as recompensas reservadas aos justos. Ha uma estrada de aperfeiçoamento, de elevação a Deus, não menos segura e não menos necessaria; é a charidade, o amor do proximo. Amar a seus semelhantes, tomar parte nos seus trabalhos, perigos e afflicções, é multiplicar a faculdade de amar a Deus. O amor é como o fogo, mais se dilata mais se eleva. — N'aquella religião dos anachoretas entrava muito egoismo e pusillanimidade; sumir-se no deserto para fugir ás paixões não é vence-las. Os mosteiros foram uma creação intermediaria, e que recolheu pelo menos a cella para o centro da sociedade.

A vida de Sanctorio transporta-nos para outra ordem de pensamentos; entrâmos no dominio da intelligencia e das suas applicações, abstrahindo da fé religiosa. Este sabio medico nasceu em Capo d'Istria, em 1561. Primeiramente foi professor em Padua, e depois estabeleceu-se em Veneza. A maneira original por que mostrou a sua devoção á sciencia contribuiu ainda mais para a sua celebridade que a utilidade real de seus trabalhos. Estava persuadido que a saude e as doenças dependem muito dos phenomenos da transpiração insensivel, que se effectua pelos poros do corpo. Quiz calcular a quantidade exacta do fluido que se evade por esta transpiração: para alcançar isto, punha-se n'uma balança de sua invenção e depois de haver pesado os alimentos e bebida de que carecia para vinte e quatro horas, comparava o pezo com o das excregões sensiveis do corpo; e pretendia assim determinar o pezo e quantidade da transpiração insensivel, e a sua relação com os alimentos que a augmentam ou a diminuem. Achou, por exemplo, que se n'um dia se comer e beber a quantidade de oito libras, sáem perto de cinco pela transpiração insensivel. O livro onde consignou os resultados das suas experiencias foi traduzido em francez com este titulo: *Medicina statica de Sanctorio, ou Arte de conservar a saude pela transpiração.*



Sanctorio falleceu em 1636: foi sepultado no claustro dos servitas, e na igreja d'estes frades lhe erigiram estatua. Legou uma quantia annual ao collegio dos medicos de Veneza, que por gratidão manda todos os annos recitar por um de seus membros o elogio do testador.

Um anno entre os morlacos.

As nupcias dos morlacos têem grande semelhança com as dos povos limitrophes. Se n'uma familia ha muitas donzellas, casa sempre primeiro a mais velha, a menos que não tenha alguma enfermidade que a condemne ao celibato. O meu patrão casou uma filha no tempo em que fui seu hospede. Eis-aqui como foi o caso.

Os *svati*, nome que dão aos amigos que acompanham o noivo, chegaram a cavallo e bem equipados; rabos de pavões em cima dos barretes formavam elegantes pennachos. Armados de ponto em branco, como que estavam de sobre aviso, menos por necessidade que por se conformarem a um rito antigo. Em tempos remotos, não eram raras entre os morlacos as mesmas contendas que, segundo a fabula, perturbaram as nupcias de Pirithôo pelo combate entre os centauros e os lapithas. Se havia muitos pretendentes á mão de uma rapariga, disputavam-n'a por accommettimentos de agilidade e destreza, ou por vivacidade de espirito, e não poucas vezes resultavam scenas sanguinolentas. Sobre este assumpto existe um antigo poema illyrico. O vaivode (caudilho) Janco de Sebigne pedíra em casamento Jagna de Temeswar: os irmãos da noiva, depois de o haverem embriagado, propuzeram-lhe um jogo de habilidades, com a condição de que teria a concessão da noiva se ganhasse, e a morte se perdesse.

— « Em primeiro logar (reza o poema) cravaram no chão uma lança com um pomo na ponta, e disseram-lhe sorrindo: Janco, esta maçã te servirá de alvo; se a tua setta a não atravessar, caírá tua cabeça em paga do arrojo. — Janco saíu-se bem da primeira prova; propuzeram-lhe outras duas. Ordenaram-lhe que galgasse só de um salto nove cavallos postos adiante d'elle. A final foi obrigado a reconhecer a sua noiva entre nove donzellas cobertas de véus. Permittia o uso ao noivo ser substituido por alguem que quizesse sujeitar-se ás horriveis alternativas do máu exito. Zéculo, sobrinho de Janco, fez as provas em logar d'elle; galgou com effeito os nove cavallos. A terceira era a mais difficil, porém o mancebo saíu-se d'ella mui engenhosamente. Conduzido perante as nove donzellas, estendeu por terra o seu capote, lançou-lhe um punhado de anneis de ouro, e disse com voz ameaçadora: — Chega-te e apanha esses anneis, ó virgem amavel, que estás promettida a Janco. Se outra qualquer ousar estender o braço, de um só golpe d'esta cimitarra lhe deceparei a cabeça. — Esta proposta nada cortez intimidou oito das raparigas; porém a pretendida de Janco não hesitou, colheu os anneis, e por esse meio artificioso foi por Zéculo reconhecida. » — Ainda ha baixos-relevos grosseiros que representam d'estes usos. Voltemos ao casamento da filha do meu patrão.

Depois da benção nupcial, observou-se uma ceremonia que outr'ora os romanos practicavam. Appresentou-se á desposada uma cesta com amendoas e nozes; distribuiu-as primeiro aos *svati* ou companheiros do marido, e atirou com o resto aos mais circumstantes, para symbolisar que na sua casa haveria sobras.

No primeiro dia a noiva comeu em mesa separada com as pessoas de seu sequito, e o noivo n'outra com seus companheiros. O banquete foi ao inverso do que se adopta em nossos jantares: começaram pelas fructas e queijos, e acabaram pela sopa. As mulheres comeram em mesa á parte.

Entre as viandas accumuladas com prodigalidade achavam-se cordeiros, cabritos, aves caseiras, e caça; porém nada de vitella: não usam d'ella os morlacos que não teem adoptado usos estrangeiros. Tal aversão á vitella data de tempos remotos: S Jeronymo, que era dalmata, já faz menção d'ella.

Os festejos nupciaes duraram por muitos dias; em cada um d'estes appresentavam a cada convidado uma bacia para lavar-se, na qual devia deixar alguma moeda. Este dinheiro é para a desposada, que tem o cuidado de augmentar o pequeno peculio, apossando-se dos barretes e facas de matto dos assistentes, que são obrigados a resgate. Cada convidado tambem faz sua dadiva voluntaria; e por tal modo se dobra o dote, que consiste em fato e cabeças de gado vaccum.

Depois da comida dança-se e cantam-se trovas com allusões a certas divindades pagãs, cujas memorias o christianismo não tem podido apagar.

O mais extravagante costume precedeu a despedida da noiva da casa paterna. O pai e a mãi, entregando a filha ao genro, fizeram a este uma exaggeração comica das ruins manhas d'aquella. «Não tens miolos em levar tão intractavel creatura; mas se emfim queres carregar com ella, sabe que para nada presta, é caprichosa, birrenta, &c.;» Mas até aqui a cousa não vai mal, porque taes cumprimentos são do estylo; a resposta do marido é que é pouco edificante, sendo bem sabido que os morlacos não são homens que faltem á palavra. «Pois sim (diz para a esposa), se tens esse máu genio, eu te chamarei á razão, e já te mostro de antemão a força do meu pulso.» Seguem-se gestos de lhe bater, e ás vezes não pára em gestos. Estas maneiras brutas passam entre os povos illyricos, como entre os russianos, por demonstrações de amor; as mulheres querem antes levar pancada do que vêr que os maridos fazem pouco caso d'ellas.

A occupação ordinaria dos morlacos na tenra idade é pastorear os rebanhos nos mattos e serras; e ahi approveitam as suas horas de vagar em abrir diversas esculpturas em madeira, sem mais instrumento que uma navalha; as quaes se parecem com as grosseiras figuras d'animaes que fabricam de lenhos resinosos os pastores da Suissa, e que os bufarinheiros compram por atacado, e revendem por vil preço até em Paris. Os rapazes morlacos fazem tambem taças e assobios com lavores curiosos.

O sustento habitual d'este povo compõe-se de leite e lacticinios de toda a casta. Fermentam o leite com vinagre e obteem assim uma beberagem refrigerante; o seu prato mais estimado consiste em queijo frito em manteiga. A galeta ou bolo chato que lhes serve de pão é fabricada de mistura de farinha de milho miudo e grosso, de cevada, e de trigo quando o podem haver; tudo amassado e cosido debaixo do borralho. Fazem tambem grande consumo de raizes e de hortaliças. Decidem-se por assados de carnes com um gosto que nem sempre podem satisfazer. Teem o que se póde chamar paixão por cebollinhas e alhos; e por isso um morlaco se denuncia de longe pelas exhalações da sua iguaria estimada. É fóra de duvida que o uso diario d'esses vegetaes corrige em parte a ruim qualidade das aguas dos lameiros e dos arroios encharcados, onde os habitantes de muitos districtos são obrigados a ir no verão buscar a bebida. Os mesmos vegetaes concorrem talvez para a saude e robustez do povo. Acha-se nos morlacos grande numero de velhos ainda frescos e bem dispostos; pelo que, a despeito d'Horacio, dão-me venetas de prezar o alho. E quem acreditaria que os morlacos, por descuido seu, se fazem tributarios d'estranhos por um genero cuja cultura lhes seria mui facil? Mandam vir annualmente, de Ancona e Rimini, as restas d'alhos por milheiros de piastras.

Quanto á idade avançada a que chegam estes povos seria difficultoso fixa-la ao certo: a maior parte ignoram a data precisa de seu nascimento, que pouco lhes importa comprovar. E como, passado certo periodo, a garridez que inclinava a diminuir a idade converte-se em basofia de augmenta-la, póde reputar-se que muitos dos inculcados centenarios não terão mais de oitenta annos. Além de que não ha um só que tenha, como o illyrico Dando citado por Plinio, a pretenção de haver vivido quinhentos annos.

Aconteceu fallecer um visinho nosso. N'essa manhã acordou-me o prantear das carpideiras, porque na morte dos morlacos paga-se, conforme a riqueza dos herdeiros, a certo numero de mulheres para aquelles lamentos. Pela primeira vez testimunha de uma ceremonia lugubre d'este genero, informei-me das qualidades do defuncto que, segundo parecia, inspirava tão fundas maguas. «Ai, senhor! (me respondeu uma carpideira) bem vêdes que era uma pessoa rica, e os seus herdeiros não olham a gastos.»

Porém antes de descrever as tristes ceremonias, examinemos o regimen dos morlacos durante a doença que os leva á cova. Digo a doença, porque a robustez do seu temperamento lhes não permitte conhece-las senão de uma casta; e são as molestias inflammatorias em consequencia de transpiração impedida apoz os violentos exercicios que esta gente faz em seus bailes. Tal foi a infelicidade do defuncto de que fallo. Como a maior parte dos morlacos, não chamou facultativo, tractou de se curar a si proprio. O primeiro medicamento a que recorreu foi uma farta dose de aguardente com infusão de pimenta e polvora bombardeira. Nada ommittiu que podesse provocar abundante suor; pôz em cima de si quanto fato poude haver á mão, e appresentou-se deitado de costas á torreira do sol. Para recobrar o appetite engoliu muito vinagre; e a final applicou sobre uma ferida, que fizera caindo, um pouco de ocre avermelhado. Feito isto os mezinheiros e os curandeiros tomaram posse d'elle. O principal remedio foi o que lhe serve para todas as molestias, assucar: até quando estava já agonisante lhe fizeram engolir grandes pedaços, afim (diziam elles) de lhe adoçar o amargor de seus ultimos momentos.

Logo que o morlaco succumbiu ao excesso do mal, toda a sua familia, reforçada, como acabámos de dizer, pelas carpideiras assalariadas, fez retumbar na casa seus prantos. Os amigos do defuncto chegaram-se ao corpo, e, fallando-lhe com toda a seriedade, o incumbiram de recados para o outro mundo. — Vinda a hora do enterro, cobriram o cadaver com um lençol branco e o transportaram á igreja. Mal o deixaram debaixo da terra, voltou o acompanhamento a casa juntamente com o cura: ahi se renovaram as rezas, a que se seguiu um grande banquete, no qual a maioria dos convidados perderam o uso da razão.

O luxo dos homens consiste em deixar crescer a

barba a trazer uma carapuça azul ou rôxa: as mulheres amarram na cabeça um lenço azul ou preto, e escondem com farrapos de panno preto aquellas porções do vestuario que são de côr encarnada. — No primeiro anno immediato ao fallecimento, as mulheres da familia vão, todos os dias de festa, fazer novas lamentações, e espalhar sobre a cova flôres e hervas cheirosas. Se alguma imperiosa circumstancia as constrange a faltar a este pio dever, teem o cuidado de vir depois dar suas desculpas ao defuncto e explicar-lhe a falta, como se fôra capaz de ouvil-as. Perguntam-lhe tambem novas do outro mundo, e fazem a este respeito os mais extravagantes interrogatorios. Estes discursos aos finados não se repetem em tom natural da voz, mas lamentoso e compassado, como uma lição.

Deu-me na vontade vestir-me por algum tempo á moda dos morlacos. Eis-me, por tanto, com um alto carapuço de felpa, caíndo-me os cabellos sobre o cachaço; a minha vestia e as calças são brancas com guarnições azues; d'uma cinta de couro pendem uma faca e uma bolsa de tabaco; as minhas polainas são de lã grosseira e branca, orladas na extremidade superior e abertas aos lados. Nunca sáio sem o meu trem militar; uma especie de chale comprido ageita-se com elegancia sobre o meu hombro esquerdo, e quando me é preciso embrulho-me n'elle como n'um cobertor.

As mulheres toucam-se com um lenço branco deixando as duas pontas caídas por detraz, guarnecidas de laços de fitas azues e encarnadas: as das cidades trazem por toucado um *passôlat*, que é de estofo branco pintado de flôres com seus bordados de fio de ouro ou de prata.

As solteiras trazem barretinhos vermelhos enfeitados de moedas e de conchinhas, principalmente da especie que chamam porcelanas *(cypera moneta)* que servem de dinheiro n'algumas partes da India.

As camponezas morlacas, muito laboriosas, fazem algumas vezes longas jornadas, levando á cabeça uma trouxa mui pezada, e ás costas uma creança; estes dois pezos não lhes vedam de irem fiando na roca, para distrahir o enfado do caminho, ou para não perder tempo.

Quasi que não ha pessoa dos morlacos que deixe de acreditar nas almas do outro mundo, em todos os prestigios de bruxaria, e nos vampiros que chupam o sangue das creanças. O mais intrepido toma as de villa-diogo á vista de qualquer objecto que se lhe affigurar um espectro ou um trasgo. A sua ardente imaginação e espirito naturalmente credulo multiplicam estas apparições: o mais singular é que não se envergonham de taes medos, e desculpam a sua covardia com um adagio illyrico, que corresponde ao verso de Pindaro, que diz: «O temor dos phantasmas faz fugir até os filhos dos numes.» — As mulheres muito mais propensas á superstição do que os homens, chegam ao excesso de se capacitarem que são feiticeiras. Ás bruxas attribuem cousas fóra de todo o grão de credibilidade: dizem que ellas fazem perder o leite ás vaccas dos visinhos para augmentar o das suas.

Direi um conto que me referia Pedro, o meu velho. — Narrava elle que estando uma noite deitado na mesma alcova com um mancebo morlaco, não dormia e viu claramente duas feiticeiras que abriram o corpo do moço para lhe tirar o coração e assa-lo para comer. O rapaz, acordando, sentiu o sitio do coração vasio: n'este momento devia acabar o feitiço; e as bruxas voaram deixando em cima das brazas o guizado. Pedro, que até alli se não bolíra, porque estava embruxado, poude então saltar da cama, e appressou-se o salvar o coração do companheiro, tirando-o do lume, e fazendo com que o engolisse; o rapaz, *como é bem de crêr*, sentiu logo a víscera tomar o seu logar. —

Os morlacos trazem sempre *zappis* ou talismans cosidos nos barretes; tambem os penduram nos cornos do gado. Por insignificante que seja um successo fortuito, que pareça provar a utilidade d'aquelles amuletos, todos logo bradam que foi milagre. Até os turcos, levados do exemplo, compram aquelles bugiarias; e a exportação dos talismans é para os padres ignorantes dos morlacos consideravel objecto de negocio. — Attribuem tambem propriedades milagrosas a algumas medalhas ou moedas, ou do Baixo-Imperio, ou cunhadas em Veneza na idade media: confundem-n'as sob a denominação de medalha de Sancta Helena. Igualmente veneram muito as medalhas hungaras, chamadas *petizze*.

Bernadotte, rei de Suecia.

Filho de um advogado de Pau, João Baptista Julio Bernadotte nasceu n'aquella cidade a 26 de janeiro de 1764. Seu pai o destinava á sua profissão, mas o animo franco do mancebo não quadrava com as disputas furenses; o que ambicionava era o movimento das campanhas e a gloria das batalhas. Comtudo não lhe era favoravel a occasião, porque a nobreza occupava todos os postos militares, e chegando a ajudante o plebeu não tinha que esperar adiantamento.

Quasi sempre os homens celebres teem a consciencia do que hão de valer no futuro, e as difficuldades que lhes embaraçam os primeiros passos não servem senão de os estimular mais. O mancebo Bernadotte fugiu da casa paterna e alistou-se n'um regimento da marinha, affiançado pelo magistrado de um municipio visinho. Passou-se isto em 1780; e d'ahi a nove annos ainda Bernadotte não tinha subido de sargento; mas d'então por diante fez rapidos progressos, e em 1792 foi promovido a coronel. O exercito tinha perdido os seus commandantes; uns tinham saído do territorio francez, outros tomado armas contra a republica. Mocidade sem experiencia, sem instrucção militar, ás vezes mal armada e equipada, pela maior parte roubada a suas familias, taes eram os defensores que a Commissão de Salvação publica encarregára de manter as fronteiras. Em meio d'este exercito, levantado á pressa, é que Bernadotte, já coronel, fez a sua primeira campanha ás ordens de Custine: as suas proezas lhe adquiriram logo justa reputação, mas a independencia de caracter o fez alvo do resentimento dos representantes do exercito do povo. Com effeito, teve por vezes de luctar com elles, e então não hesitava em provar-lhes que eram ineptos. Depois, arrancando as dragonas, só requeria a espingarda de soldado e permissão de verter o sangue em defeza da França. — A brigada Goguel amotinou-se contra o general d'este nome, e iam mata-lo, porém Bernadotte, indignado, lançou-se no meio dos amotinados e arrancou-lhes a victima. Este nobre procedimento desagradou tambem aos representantes, que o denunciaram por aristocrata, e esperavam que a Commissão de Salvação publica expedira contra elle ordem de aresto e testituição. Finalmente o inimigo atacou os postos avançados, e Bernadotte, repellindo-o, fez prodigios de valor; não ousaram por tanto prender o vencedor. A commissão substituiu o aresto por uma patente de general de divisão: Bernadotte rejeitou-a, e só depois de haver poderosamente concorrido para a victoria de Fleurus é que acceitou

as dragonas de general de brigada, que lhe foram conferidas no proprio campo da batalha.

Entretanto a republica consolidou-se, e os generaes não tiveram que luctar senão contra inimigos externos. Bernadotte proseguia na sua gloriosa carreira; passou o Rheno, pelejou por tres semanas, e mereceu pela valentia elogios do Directorio. Pouco depois foi destacado com um corpo de 20:000 homens para o exercito da Italia. Então começou a carreira politica de Bernadotte: está ás ordens de Buonaparte; a amizade não ligára estes generaes; o bernez adivinhára a profunda ambição do seu commandante, e sendo com todas as veras affeiçoado á republica, deplora uma ruina que reputa imminente e certa. Como quer que fosse, Buonaparte, que sabia melhor que ninguem fazer justiça ao tino militar, confiára o commando da vanguarda a Bernadotte. Não cabe n'uma breve noticia fallar das peritas manobras d'este general, e dos brilhantes feitos que fundaram e augmentaram a sua fama. Vencedor em muitas partes, Bernadotte, depois de ter posto em apuro o principe Carlos, e de lhe haver tirado das mãos a fortaleza de Gradisca, achou-se encarregado pelo Directorio de instrucções verbaes para o general em chefe, e o tractado de Campo Formio pouco depois foi assignado.

Dissenções, cuja causa é mal conhecida, não tardaram a desunir os generaes Buonaparte e Bernadotte; este chegou a demittir-se do commando que lhe confiára o Directorio, e procurou servir na India ou em Portugal; em summa, queria afastar-se do general Buonaparte. Passaremos em silencio os enfados e desgostos com que largamente mimosearam Bernadotte durante a sua embaixada de Vienna para onde fôra nomeado no mez de abril de 1798: muitos auctores accusam Buonaparte de não ser estranho a esses mexericos. Bernadotte, ao voltar a França, casou com M.elle Desirée Clary, filha de um rico negociante de Marselha. Napoleão Buonaparte a tinha pedido annos antes, quando ainda era general de artilheria, e não a podéra obter, porque Mr. Clary, segundo referem alguns biographos, assentava que era de sobejo um Buonaparte na sua familia, tendo com effeito casado outra sua filha com José, irmão de Napoleão. Era grande o merecimento de Bernadotte para que o deixassem muito tempo sem emprego; foi por tanto chamado ao ministerio da guerra. A guarda nacional reorganisada, a remonta de 40:000 cavallos, as fronteiras reforçadas com 100:000 homens de novas levas, taes foram os felizes resultados da breve administração de Bernadotte. Mas a republica tocava no seu occaso, e dentro em pouco Sieyés podia exclamar com razão que a França achára um senhor.

Bernadotte luctou até o ultimo momento contra a ambição de Buonaparte; porém, quando viu derribado o Directorio, cedeu tambem, e com prudencia desempenhou os novos encargos que acabavam de lhe ser commettidos. Principalmente como commandante geral nas provincias d'oeste é que Bernadotte merece estudado; ora guerreiro contra os inglezes, ora pacificador impedindo a renovação da guerra civil, triumpha em Quiberon, e com uma só victoria segura a provincia contra as invasões do inimigo e as rebelliões dos habitantes. Então assentou Napoleão que não tinha mais a fazer que encher de mercês tão illustre general e liga-lo á sua fortuna. Bernadotte foi successivamente nomeado marechal do imperio desde a creação d'esta dignidade (19 de maio de 1804), chefe da oitava cohorte da legião d'honra, e governador de Hannover. Esta commissão em Hannover tinha dois motivos: arredava-se um homem que havia muito tempo se fizera estimado do exercito, e que por tendencia republicana não pudéra ainda submetter-se ao despotismo imperial; além d'isso empregava-se o talento de um prudente pacificador n'um paiz quasi exhausto pelas guerras. Bernadotte partiu sem pena, porque desesperava da França, que, no seu pensar, não podia viver senão sob a era gloriosa da republica. No entanto a sua administração d'Hannover deu os mais prosperos fructos ao imperio; e quando foi chamado para a memoravel campanha de 1805, Napoleão deu a Bernadotte o mando do primeiro corpo do grande exercito composto de tropas hannoverianas. Já estes soldados tinham assignalado o seu valor, porque Bernadotte á sua frente tinha feito recolher o eleitor de Baviera á sua capital, e concorrêra para a tomada de Ulm, sopeando os russianos por tres dias inteiros. Na batalha de Austerlitz o marechal se distinguiu novamente, e geralmente lhe attribuem grande parte n'esta victoria; foi recompensado com a soberania e titulos de duque e principe de Ponte-Corvo, que lhe conferiu o imperador. *(Continúa.)*

Velocidade da luz.

A velocidade com que a luz atravessa o espaço foi calculada pelos geometras em setenta e nove mil quinhentas e setenta e duas leguas por segundo (de 2:000 toezas cada legua), em quanto que a velocidade do som não passa de 325 metros ou 25 braças. A velocidade da luz é por tanto novecentas mil vezes maior, segundo Euler, que a do som, e a faz correr n'uma hora o espaço que uma balla de artilheria andaria em perto d'um seculo. E como o sol dista da terra trinta e nove milhões e duzentas e vinte e nove mil leguas gasta a luz solar oito minutos e treze segundos para chegar á terra, e a luz das estrellas que lhe ficam mais proximas, mas que assim mesmo distam de nós mais de duzentas mil leguas, gasta quasi quatro annos para cá nos chegar; de sorte que evidentemente vemos os astros na posição em que estavam quatro annos antes. O mesmo espaço que as estrellas mais remotas distam da terra faz com que a sua luz careça d'alguns milhões de seculos para chegar ao nosso planeta.

Os politicos.

Tempos houve em que os demonios fallavam, e o mundo os ouvia; mas depois que ouviu os politicos ainda é peior o mundo. Vieira — *Sermões.*

A Empreza d'este Jornal hesitou por algum tempo sobre se levaria por diante a sua publicação além do n.º 26, ou se a suspenderia como têem feito as de outros periodicos litterarios de muito menor costeamento. Resolveu-se comtudo a continua-la, arriscando-se a nova perda, cuja extensão só póde avaliar quem tiver conhecimento de emprezas semelhantes. Findando porém as assignaturas de semestre no referido n.º 26, os senhores que quizerem renova-las ou assignar de novo o poderão fazer na typographia do mesmo Jornal, Largo do Contador-Mór, n.º 1 A, ou na loja de livros da Sr.ª Viuva Henriques, rua Augusta, n.º 1.

A falta, por ausencia, de um dos principaes redactores, que teve logar depois da publicação do n.º 7, vai ser supprida por outro, a contar do n.º 27.

Não deve a Empreza perder esta occasião de se queixar amargamente da protecção negativa que tem recebido de quem se acha encarregado da parte litteraria do Diario do Governo, e que tão sollicito ha sido em se approveitar dos artigos do Panorama, quanto descuidado em o citar.

Dom Vasco da Gama.

Qual setta ao alvo, pelo campo undoso,
Com heroica firmeza,
A rematar correu o heroe famoso
A portentosa empreza.
A seus passos em vão barbara gente,
Horrendos cabos, syrtes estuosas,
Se lhe oppõem espantosas,
Que a seu pesar entrou no occulto Oriente.

Diniz — *Ode* 1.ª

Acabava de morrer um bom rei e um máu homem, legando a D. Manuel, duque de Beja, um reino pacificado pelo temor do cutello e do veneno, e a gloria da prosecução dos descobrimentos maritimos. Em 1487 havia Bartholomeu Dias passado o Cabo das Tormentas; nem eram já estranhas aos nossos as terras que lhe ficam alem na costa de Guiné até chegar quasi a Sofala e Mogambique. A esperança, porém, de descobrir a India e faze-la tributaria ao pequeno reino de Portugal, esperança que movêra D. João II a mudar o nome d'aquelle Cabo para o que ainda hoje conserva, não tinha podido realisar-se. Para perfazer esta empreza pôz elrei os olhos n'um mancebo de vinte e oito annos, fidalgo da sua casa, e natural da villa de Sines no Alemtejo; e não se enganou na escolha, que este mancebo era Vasco da Gama, filho de Estevam da Gama alcaide mór de Sines e commendador do Seixal, e um dos homens mais entendidos na arte da navegação, a quem D. João II, pouco antes de morrer, havia encarregado d'esta viagem.

Vasco da Gama pediu para companheiro seu irmão Paulo da Gama, e largou do sitio de Belem aos 7 de junho de 1497, com tres náus, além d'uma que levava mantimentos e em que ia Nicoláu Coelho. O piloto d'esta armada era Pero Dalanquer, experimentado maritimo, que tinha acompanhado Bartholomeu Dias até ao rio do Infante.

Passou á vista das Canarias, chegou em 20 de julho ao porto de Sancta Maria na ilha de Sanctiago, e pondo a prôa a leste em busca do Cabo de Boa-Esperança, gastou os mezes de agosto a outubro, luctando com tormentas e ventos ponteiros, para chegar

a uma bahia que chamaram Angra de Sancta Helena. Aqui foi Vasco da Gama ferido n'um pé, na briga que se travou por causa d'uma imprudencia de Fernão Veloso, a quem obrigaram a descer um outeiro com mais pressa do que o subíra (1).

Tornou a frota a desfraldar as vélas no dia 16 de novembro, a 20 dobrou o Cabo da Boa-Esperança, e a 25, navegando sem perder a terra de vista, chegou á aguada de S. Braz, sessenta leguas distante d'elle: proveu-se de mantimentos e agua, e depois de Vasco da Gama ter mandado queimar, por desnecessaria, uma náu que levára viveres, seguiram as outras náus a sua derrota, não se demorando alli mais do que treze dias, porque o não consentiram as desavenças e pendencias dos portuguezes com os negros; sobreveio-lhes um temporal, mas em 8 de dezembro estavam cinco leguas além do ilhéu da Cruz, onde Bartholomeu Dias pozera o derradeiro padrão, e dia de Natal haviam deixado atraz de si as terras descobertas por Lopo Infante. Já não tinham competidores!

Communicando, todas as vezes que era possivel, com os habitantes da costa ao longo da qual iam navegando, entraram as embarcações no rio dos Bons Signaes onde se detiveram 32 dias, não só porque foi preciso calafeta-las, como por ter enfermado muita gente. Partiram emfim aos 24 de fevereiro e no 1.º de março avistaram a ilha de Moçambique, cujo xeque, induzido pelos mouros, resolveu atraiçoar os nossos, o que obrigou Vasco da Gama a ir surgir juncto da ilha de S. Jorge, uma legua ao mar de Moçambique, e a partir em demanda da ilha de Quiloa, onde um piloto de Moçambique promettia leva-lo, tendo-lhe fugido o outro. As calmarias fizeram com que a armada tornasse a fundear na ilha de S. Jorge, d'onde partindo de novo no 1.º de abril, já com tres pilotos, com direcção a Quiloa, a passou em claro e chegou a 7 á ilha de Mombaça, com muita gente doente, além de já ser morta metade d'aquella com que viera de Lisboa. Aqui armaram os mouros a Vasco da Gama e aos seus novas ciladas, de que os livrou a rara prudencia d'este capitão e o medo dos pilotos traidores de Moçambique, que lançando-se ao mar deram a conhecer toda a perfidia. Tão acerbo era o odio dos de Mombaça aos portuguezes, que vinham de noite a nado com terçados e machadinhas para picarem as amarras das náus, as quaes comtudo chegaram sem damno a Melinde dia de Paschoa da Resurreição. No rei d'esta terra achou Vasco da Gama cordial amizade e desejo de lhe fazer bom agasalho e de lhe acudir com todos os mimos e regalos, de que tanto carceiam depois de uma navegação em extreme longa e tral alhosa.

Deixando um padrão na praia, seguiu a frota pelo golpho da costa de Melinde até a do Malabar, e foi ancorar ao 18 de maio, duas leguas distante da cidade de Calecut, havendo onze mezes que saira do Tejo; mas porque não era seguro este ancoradouro, recolheu-se ao porto de Pandarane, primeira terra da India em que Vasco da Gama desembarcou, deixando encommendado a seu irmão Paulo da Gama e a Nicolau Coelho, que, se algum desastre lhe acontecesse em Calecut e sentissem que corriam risco em esperar por elle, fossem a outro porto comprar especiarias, e tornassem ao reino com ellas e com as novas do que tinham descoberto. Tendo dado a sua embaixada ao rei de Calecut, quiz-lhe o catual ou regedor impedir a volta para bordo, e levou a ousadia a pedir-lhe as vélas e lemes das embarcações, e a prender os dois feitores que ficaram em terra para mercadejar. Reclamou-os Vasco da Gama, e porque lh'os não davam fez represalia em seis malabares com dezenove criados que tinham vindo a bordo, e foi ancorar quatro legoas ao mar de Calecut, e depois ainda muito mais longe, em paragem d'onde quasi que se não via terra. Elrei de Calecut propoz-lhe então a restituição dos feitores, que elle veio tomar, surgindo diante da cidade. Tambem lhe mandou uma carta para elrei D. Manuel, e lhe queria restituir a fazenda arrestada, em troca dos seis malabares; no que Vasco da Gama não conveio porque os queria trazer a Portugal, e, firme n'este proposito, mandou disparar a artilheria contra as almadias que vinham com a fazenda, e tomou a sua derrota para Melinde, promettendo em carta que remetteu ao rei de Calecut tornar-lhe estes refens. Mongaide, mouro tunesino, em quem sempre achára muita lealdade, veio igualmente na armada, a qual desde alli até uma ilheta chamada Anchediva tirou vingança dos que pretenderam accommette-la.

De Anchediva a Melinde gastaram os nossos intrepidos navegantes mais de quatro mezes, com as calmarias e ventos contrarios, no qual tempo morreram mais 30 homens. Esbombardeadas Magadaxo na costa de Ethiopia, e oito embarcações de guerra saídas da villa de Pate, renovadas as relações de amizade com elrei de Melinde, que lhe mandou refrescos, queimada uma das nossas náus defronte da villa de Tagata, por trazer já muito pouca gente, recebidas tambem as vitualhas que lhe mandou o senhor da ilha de Zanzibar, e tendo-se provido de agua, lenha e gado em S. Braz, dobrou Vasco da Gama o Cabo da Boa-Esperança aos 20 de março. Na altura da ilha de Sanctiago se desgarrou da sua conserva a náu de Nicolau Coelho, o qual chegou a Cascaes aos 10 de julho de 1490 com as novas da viagem.

Vasco da Gama foi ter á ilha de Sanctiago, e por que Paulo da Gama adoecêra gravemente, arribou á ilha Terceira, onde elle falleceu, e foi enterrado. Finalmente, a 29 de agosto entrou em Lisboa, havendo já dois annos e quasi dois mezes que d'aqui partira, e trazendo só 55 homens dos 148 com que saíra a barra.

Estava rematada a empreza que deu a Portugal o commercio da India, a Veneza um golpe mortal, e ao mundo o poema dos Lusiadas.

Por este alto feito concedeu elrei D. Manuel a Vasco da Gama o prenome de *Dom*, para si e seus descendentes, mil escudos de renda, e poder trazer no meio das suas armas as Quinas reaes portuguezas. Das outras mercês que recebeu na volta da sua segunda viagem á India, e quando, já no reinado de D. João III, a foi governar, tractaremos em artigo separado. Bem digno era d'ellas quem, por dilatar a gloria do nome portuguez, arrostou

> No mar tanta tormenta e tanto dano,
> Tantas vezes a morte apercebida!
> Na terra tanta guerra, tanto engano
> Tanta necessidade aborrecida! (1)

O retrato que dâmos, com o *fac-simile* da assignatura de D. Vasco da Gama, reproduz uma pintura de muito valor por ser da epocha, a qual hoje pertence ao Ex.mo Sr. Conde do Farrobo, e foi copiada pelo Sr. Sendim, e dada em lithographia pelo Sr. Luiz Trinanzi. D. Vasco da Gama, segundo uma descripção que temos d'elle, era de estatura mediana, muito gordo, de semblante córado, e aspecto um pouco severo, em que se reflectia a cholera que não

(1) Cam. Cant. 5.º Est. 31 a 36. — Goes, Chron. de el-rei D. Manuel.

(1) Cam. Lus. Cant. 1.º Est. 106.

poucas vezes o dominava. O retrato não desmente a descripção.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Ma per far la to vendetta.
Sta siguru, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

VI.

DEPOIS de Orso ter saído, Colomba fôra avisada de que os dois filhos do advogado Barricini o seguiam armados. Os seus temores a cada momento cresciam mais e se tornavam mais intensos. A chegada do coronel e de miss Nevil, que pelas onze horas da manhã entraram em Pietranera, veio augmentar-lhe a inquietação. Ainda elles se não tinham apeado, já Colomba perguntava, recebendo-os: « Viram meu irmão? » E á sua resposta negativa a pallidez substituia as rosas do rosto, e o coração, pulando no peito, queria arrebentar. A despeito da firmeza varonil do seu caracter venceu o amor fraternal, e depositando entre lagrimas o terror que a dilacerava, accusou-se perante Lidia e sir Thomaz de haver, talvez, preparado a catastrophe que de novo ia cobrir de lucto a casa de seu pai.

Esta noticia gelou o sorriso nos labios de miss Nevil. O conhecimento que tinha de Colomba, ligeiro como era, bastava para ella saber que a bella filha da Corsega não tremia sem motivo. A sua imaginação exaltada, e um sentimento profundo que só então poude appreciar, representavam-lhe o mancebo, victima do tiro de um traidor, expirando só e ao desamparo nas solidões funestas da terra patria. Duas lagrimas mal sustidas escaparam-se dos olhos, e queimando nas faces, foram sumir-se nos anneis dourados das madeixas. Colomba adivinhou o preço d'aquelle tributo silencioso, e apertando-lhe a mão, ouviu com resignada tristeza as consolações que o coronel balbuciava, para desempenhar com todo o decoro o papel de animoso, papel que os estylos sociaes prescrevem aos homens em circumstancias taes.

Assim passou o tempo. Á uma hora o passo de um cavallo soou debaixo das janellas do quarto aonde estavam. Miss Lidia ergueu-se de repente exclamando:

— « É algum dos mensageiros que se mandaram? »

Colomba, que a acompanhára no movimento, bradou:

— « Não é o cavallo de meu irmão! » Vendo-o sem cavalleiro, puxado á redea pela rapariga sua protegida, voltou para dentro, e apertando a fronte entre as mãos, em voz sumida e com um gemido de espedaçar a alma, soluçou: « Morreu — mataram-n'o! »

O coronel, que estava á mesa, deixou cair o copo: miss Nevil deu um grito agudo, e todos ficaram traspassados de dôr. Chilina, a sobrinha de Brandolaccio, apenas poude atar o corsel, porque já a apertavam com ancia os braços de Colomba. A donzella voára á porta gritando:

— « Chilina, que é feito de meu irmão? »

A creança olhou para ella e estremeceu. No terrivel lampejar d'aquella vista, mesmo com os seus poucos annos, viu o sello de uma desesperação medonha; por isso as primeiras palavras que proferiu foram as tão expressivas do choro de Otello

— « Ainda vive! »

— « E os outros? » insistiu Colomba em tom forte.

Chilina fez só o signal da cruz; e á pallidez succederam as côres purpureas no rosto da irmã de della Rebia. Deitando á casa dos Barricini um olhar ardente, voltou para a sala, e tranquilla e serena foi traduzindo na linguagem corrente a embrulhada aravia em que a rapariga contou tudo o que se passára no combate de Orso com os dois assassinos.

Ao acabar, Chilina referiu que o tenente só pedia com instancia papel para escrever, encarregando-a de dizer a sua irmã que supplicasse a uma senhora que lá devia estar, que não partisse sem receber uma carta d'elle. E, accrescentou a creança, o que mais o affligia, e já eu vinha meu caminho e ainda elle m'o tornava a repetir. Ouvindo isto Colomba sorriu-se com meiguice para Lidia, apertando-lhe a mão com força. A ingleza desatou a chorar, e teve a prudencia de não traduzir a seu pai esta parte de narração.

O coronel só fazia perguntas extravagantes — sua filha soluçava e enxugava os olhos, e Colomba preparava fios para o ferido, quando ao caír da tarde entrou na aldeia a triste procissão que trazia ao advogado Barricini os cadaveres de seus dois filhos, atravessados cada um sobre seu cavallo. Seguia o cortejo uma turba de clientes e ociosos. D'envolta viam-se gendarmes, que só apparecem quando não são precisos, e o adjuncto do Maire que, levantando os braços, não cessava de clamar: — « O que dirá o senhor prefeito? » — Algumas mulheres, sobresaíndo a ama de Orlanduccio, choravam, arrancando os cabellos; porém a sua carpideira ruidosa commovia menos do que a dôr muda de um personagem, que attrahia a attenção de todos. Era o infeliz pai, que ora ia direito a um dos cadaveres, e erguendo-lhe a cabeça manchada de pó e sangue, beijava os labios azulados e frios, ora tenteando aquelles membros já hirtos, os abraçava para lhe evitar os sobresaltos do cavallo. De vez em quando abria a bocca para fallar, mas a voz estrangulava-se na garganta, e nem um ai nem um suspiro desabafava. Com os olhos sempre fitos nos cadaveres tropeçava nas pedras, embatia nas arvores, e olhando sem vêr, topava em tudo o que o rodeava.

Os lamentos das mulheres e as maldicções dos homens redobraram diante da casa de Orso. Alguns pastores do partido « della Rebia » ousaram levantar brados de triumpho, e a este desafio insolente a cholera dos seus adversarios respondeu por clamores de vingança. No meio d'uma nuvem de pedras, atiradas ás janellas, dispararam-se dois tiros de espingarda. As fallas entraram na sala onde Colomba e os seus hospedes conversavam, atirando lascas de pão para cima da mesa a que estavam assentados. Lidia soltou gritos de susto, e o coronel agarrou-se a uma clavina; mas Colomba, antes de a poderem atalhar, voou á porta da rua, e abrindo-a com impeto, de pé, no limiar, com ambas as mãos estendidas para amaldiçoar os inimigos, exclamou

— « Covardes! . . . atiram a duas mulheres e a um estrangeiro! Vis! que sabem só ferir pelas costas . . matem-nos; meu irmão está longe . . . ou vão chorar antes como creanças, agradecidos por lhe não pedirmos mais sangue! »

A voz e o gesto de Colomba eram terriveis. Diante d'ella a multidão, cortada d'assombro, recuou como se de repente surgisse um phantasma. O adjuncto, os gendarmes e diversas pessoas aproveitaram a occasião para se metterem entre os dois bandos, porque os pastores de della Rebia já carregavam as clavinas, e tudo annunciava proxima uma lucta cruenta. Colomba, a quem a victoria ensinava a moderação, longe de se oppôr favoreceu estes esforços dizendo aos seus amigos:

— «Que chorem, coitados! . . . É pai, e elles eram o sangue da sua alma — deixa-lo ir em paz, o triste velho! . . . Guidice Barricini! Lembra-te do dia 2 d'agosto! Recorda-te da divida que os dedos moribundos de meu pai lançaram na sua carteira. A tua mão de falsario apagou a lettra, mas teus filhos pagam-n'a agora. Estás quite, Barricini — vai-te em paz!»

E com os braços cruzados, e um sorriso de desprezo errante na bocca, assistiu á entrada dos cadaveres na casa inimiga. Depois, quando o povo se retirava por todos os lados, cerrou a porta, e entrando na sala disse ao coronel:

— «Peço perdão ao coronel Nevil em nome dos corsos — atiraram sobre esta casa, é porque não sabiam que abrigava um estrangeiro.»

O coronel respondeu com certo enleio um pouco ridiculo; principiava a julgar bastante possivel que as maldictas discordias da ilha acabassem por lhe alojar um par de ballas na cabeça — cousa que reputava muito seria e digna de maduras reflexões. Mas, consultando sua filha sobre a opportunidade de uma retirada a tempo, com desgosto se achou repellido, e foi obrigado a capitular de um modo nada airoso.

A noite correu agitada para todos. Em quanto sir Thomaz sonhava que os Barricini o surprehendiam em camiza, e o empalavam n'um poste erguido no alto da chaminé, sem curarem dos seus protestos britannicos, miss Lidia, fechando os olhos, via a imagem de Orso, pallido, ensanguentado, em convulsões atrozes. Depois a memoria representava-lh'o de joelhos, como no dia da despedida, beijando o talisman que d'ella recebêra . . . Accusava-se de ter sido causa do perigo que o ameaçára — pela vêr um instante mais cedo é que se fôra expôr á morte — e a valentia heroica da sua defeza? Só, e ferido, contra dois! . . . O amor, a saudade e a dôr luctavam assim, e venciam juntos ao mesmo tempo no seu coração.

O quarto onde dormia era o de Colomba. De repente, levantando os olhos, viu o retrato de Orso, em miniatura, de uniforme de tenente, suspenso na parede. Miss Nevil, hesitou, ergueu a mão, resistiu, e por fim não teve forças e desprendeu-o. Em logar de o tornar a pendurar, pousou-o no travesseiro, e, adormecendo já sobre a madrugada, a primeira cousa que viu ao despertar foi Colomba, que de pé ao lado da cama esperava que acordasse.

— «Ha noticias d'elle?» perguntou Lidia assentando-se; e vendo o retrato córou, e á pressa deitou-lhe o lenço em cima.

Colomba viu, e sorrindo, respondeu: — «Já recebi noticias.» E, tirando o retrato com a maior naturalidade, accrescentou: — «Acha-o muito parecido? . . . Eu digo que Orso é melhor.»

— «Valha-me Deus! — acudiu miss Nevil envergonhada — que máu costume que tenho de desarranjar tudo . . . Mas como está seu irmão?»

— «Muito melhor. Veio de lá Giocanto e trouxe uma carta . . . para vós — Orso não me escreveu a mim . . . porém as irmãs não são ciosas. Giocanto disse-me que Orso mal podia escrever, mas assim mesmo não quiz que ninguem lhe pozesse aqui a penna. Estava de costas, e Brandolaccio segurava o papel. A cada instante meu irmão queria levantar-se, e com o movimento eram dôres crueis, que o atribulavam . . . mas emfim cá está a carta.»

Miss Nevil leu-a immediatamente. Vinha escripta em inglez para maior precaução. Eis o que ella continha.

— «Senhora. Foi o destino que me precipitou. Não sei o que dirão os meus inimigos, nem me importa, se os não acreditar . . . Desde o dia em que nos vimos affaguei esperanças . . . atrevidas de certo e talvez loucas. Agora, que já vejo o futuro, e me resigno a elle, sinto que para mim tudo se acabou na terra. Este annel, talisman da minha ventura, dado na unica hora ditosa que vivi . . . já não o posso guardar . . . receio que o anjo que m'o deu se arrependesse . . . ou que vendo-o eu, enlouqueça mais. Colomba o entregará! . . . adeus, senhora, adeus para toda a vida. Oh! se ao deixar a Corsega, uma palavra só, dicta a minha irmã, me affiançasse a sua estima . . . ao menos seria feliz um instante mais. — O. D. R.»

Lidia não ousava nem levantar a cabeça; Colomba offerecia-lhe o annel, e ella nem o recebia nem o recusava.

— «Posso saber o que diz meu irmão? Está melhor?»

— «Não sei . . . — não me diz nada — balbuciou a ingleza, côr de rosa: — pede-me que diga a meu pai . . .»

Colomba, sorrindo com malicia, assentou-se sobre a cama, pegou em ambas as mãos de miss Nevil, e fitando-a com penetração:

— «É tão má comigo! . . . — Promette responder a Orso? Elle ha de estimar tanto . . . tive tentações de a acordar logo que chegou a carta, mas tive medo! . . .»

— «Oh! fez muito mal! . . . Entretanto se uma palavra minha podesse . . .»

— «Tudo. Mas agora não. Chegou o perfeito, e Pietranera está cheia de correios . . . Ah, miss Nevil, se conhecesse meu irmão! . . . amava-o como eu . . .»

— «Pobre de mim — que o amo talvez mais!» murmurava comsigo Lidia suspirando.

Mas este voto ficou silencioso no coração.

Assassino d'Henrique III de França pelo frade Jacques Clemente.

A França, no desgraçado tempo de Carlos IX, era preza de todos os horrores das guerras intestinas, os catholicos contra os protestantes, a casa dos Guises contra a dos Bourbons procuravam delellar-se até o exterminio, bastará citar a matança do dia de S. Bartholomeu. Depois d'este acto odioso do fanatismo Carlos IX pouco tempo viveu; e seu irmão Henrique III largou a Polonia para acarretar sobre a França novas calamidades. No seu regresso achou o reino dilacerado por dois partidos: o dos protestantes reformados, renascia das cinzas, violento como nunca, tendo á sua frente Henrique o Magno, que então era rei de Navarra. O outro partido era a Liga, facção poderosa, gradualmente formada pelos grandes de Guise, excitada pelos papas, favorecida da Hespanha, e que de dia para dia augmentava por artificio dos frades: era capitaneada pelo duque de Guise, principe de estrondosa reputação, e que tendo mais qualidades notaveis do que lhas parecia nascido para mudar a face do estado n'aquelle tempo de discordias. Henrique III, em vez de esmagar estes partidos sob o pezo da auctoridade real, fortalecu-os por sua fraqueza: assentou ter feito um prodigio em politica declarando-se cabeça de liga: o facto é que não foi mais do que escravo d'esta: pelos interesses do duque de Guise, que pretendia depô-lo, viu-se obrigado a fazer guerra a Henrique de Navarra, seu cunhado e seu herdeiro presumptivo: porem o exercito que mandou contra este foi desbaratado em Coutras. O monarcha de Navarra não queria outro fructo da victoria senão a reconciliação com o da Fran-

ça, e vencedor como era pediu a paz, mas o vencido não ousou acceita-la, por temor do duque de Guise e da Liga. N'este mesmo tempo Guise acabava de pôr em fugida um exercito de allemães, e soberbo com a sua gloria, forte pela fraqueza do soberano, veio a París contra ordem expressa. Houve então o celebre dia das barricadas, em que o povo repelliu as guardas reaes, e Henrique teve de fugir da capital. — Guise ainda fez mais, obrigou o rei a abrir os Estados geraes do reino em Blois, e de tal modo dispoz as cousas que chegou a ponto de tomar parte da auctoridade real por consentimento dos que representavam a nação e debaixo da apparencia das mais respeitaveis formalidades. — Henrique, acordado por tão instante perigo, mandou assassinar no castello de Blois aquelle inimigo temeroso e o irmão d'elle, o cardeal, ainda mais arrebatado e mais ambicioso que o proprio duque. — Por este successo rebellou-se París, e a Liga tirou a mascara, pretextando que Henrique matára os defensores da religião.

Henrique III n'este apuro viu-se necessitado a por sua parte fazer tambem liga, associou-se com o seu presumptivo herdeiro o rei de Navarra, e ambos vieram acampar diante de París. Não é nosso intento referir os varios successos d'esta guerra, em que entrou parte da Europa; a Inglaterra a favor dos dois Henriques, e a Austria e a côrte de Roma protegendo a Liga. — Henrique III estava quasi a tomar París, quando foi assassinado em S.t Cloud por um frade dominicano, Jacques Clemente, o qual estava persuadido de que agradava a Deus e alcançava o martyrio.

Jacques Clemente era um fanatico exaltado, que os outros sectarios da Liga excitaram, e preparou-se para commetter um crime com todos os actos religiosos que faria um bom christão commettendo uma empreza arriscada mas justa: confessou-se e commungou; e como era espiado pelos seus observaram, estando elle a dormir em a noite precedente ao delicto, que tinha a Biblia aberta no capitulo do assassinio de Holophernes por Judith. — Jacques apunhalou a sua victima em a noite de um para dois de agosto de 1589. Depois de justiçado imprimiram os seus consocios uma relação do intitulado martyrio, em que se contam visões que do céu tivera o miseravel frade para commetter o attentado, que não foi o crime simplesmente de um fanatico, mas de todo o seu partido; sendo a opinião e crença de todos os da Liga que se devia matar o rei se estivesse desavindo com a côrte de Roma; assim o publicavam prégadores em seus máus sermões, e se escrevia em pessimos livros, alguns dos quaes se conservam como documentos curiosos de um seculo tão barbaro em lettras como em costumes. — Henrique III era um animo fraco e um poço de vicios; causa nojo a narração das suas torpezas.

Dos meios que os homens têem julgado proprios para se livrarem dos raios.

(Continuado de pag. 154.)

Fundados em certas analogias, admittem os physicos que o raio sempre respeita o vidro. Pouca distancia vai d'esta opinião a suppôr que uma gaiola toda feita de vidro seria um logar de refugio perfeitamente seguro; e por isso houve quem propuzesse, e até chegasse a construir, gaiolas d'esta materia para uso das pessoas muito medrosas dos raios.

Certamente que estou muito disposto a crêr que na occasião de trovoada um envolucro vitreo attenua uma pequena parte do perigo, mas não posso admittir que o dissipe de todo. As minhas duvidas baseam-se no seguinte:

O terrivel raio caído no palacio Minuzzi, no territorio de Ceneda, em 15 de junho de 1776, furou ou quebrou mais de oitocentos vidros de vidraça.

Quando a Mr. James Adair o lançou por terra, em setembro de 1780, o violento raio que matou dois ou tres criados na casa de East Bourne, estava elle por detraz d'uma janella envidraçada. Nenhum damno soffreu o caixilho da janella, mas os vidros desappareceram completamente, reduzidos a pó pelo raio.

Em rigor, é admissivel a supposição de que a ruptura dos vidros é consequencia do abalo do ar, simples effeito do estampido, da detonação. Vamos a factos menos duvidosos.

Em 17 de setembro de 1772 caíu um raio em Padua sobre um casa situada em *Prato della Valle*, e fez n'um vidro da janella do pavimento baixo um buraco redondo e lizo como faria uma broca.

O engenheiro Caselli, d'Alexandria, notou em 1778 nos vidros das suas janellas, logo depois da queda de um raio, buracos redondos, quasi sem rachas adjacentes.

Tendo caído um raio, em setembro de 1824, em *Milton of Comage*, em casa de Mr. William Bremmer, appareceu um dos vidros da janella com um buraco circular da grandeza d'uma balla de espingarda: no resto da sua extensão não appresentava este vidro uma só racha.

Um buraco sem lascas, perfeitamente circular, não póde ser effeito do estremecimento que resulta do estrondo. Se necessario fosse poder-se-hia citar mais este caso para prova da rapidez extrema com que caminha a materia fulminante. O buraco do vidro de Mr. Bremmer fortifica as observações destacadas de Padua e de Alexandria.

Estas observações reunidas hão de desenganar algumas pessoas que imaginavam serem as vidraças barreiras que o raio não ultrapassava.

Por mil exemplos se acha provado que o raio jamais cáe sobre o homem ou mulher sem atacar com mais empenho as partes metallicas do seu vestuario.

Póde-se por tanto admittir que os metaes augmentam sensivelmente o perigo de ser fulminado quem os traz comsigo. Ninguem negará a hypothese quando se tracte de massas metallicas d'algum vulto. Em todo o caso direi que, em 21 de Julho de 1819, caíu um raio na cadeia de Biberac (Suavia) e foi ferir na sala grande, no meio de vinte prezos, um capitão de ladrões já condemnado, que estava agrilhoado pela cintura.

Será difficil a defeza da hypothese quando se tracte das tenues partes metallicas que entram nos nossos vestidos ordinarios. Não poderei eu todavia qualificar com o nome de prova a observação curiosa feita em Bréven, em 1767, por Saussure e os seus companheiros de viagem?

No meio da tempestade, quando os observadores levantavam a mão e estendiam um dedo, sentiam na extremidade d'elle uma especie de formigueiro. «Mr. Jalabert (nos diz o celebre viajante), que tinha um galão de ouro no chapéu, ouvia, além d'isso, á roda da cabeça um zumbido medonho. Tiravam-se faiscas do botão de ouro do chapéu, assim como da virola de metal d'uma bengala comprida que levavamos comnosco.»

Dai á trovoada qualquer porçãosinha mais de intensidade, e o leve galão de ouro e o pequeno botão de mal se converterão, em circumstancias semelhantes ás de Bréven, em causas de explosão, e Mr. Jalabert será fulminado com preferencia aos seus visinhos, cujos chapéus não tiverem enfeites de galão de ouro, nem botões de metal.

O facto seguinte, referido por Constantini em 1719, ainda presta uma prova mais directa:

Estava a trovejar, uma senhora estende a mão para fechar a janella; parte o raio, leva-lhe o bracelete de ouro que trazia, sem deixar vestigios d'elle. A senhora só ficou ferida muito ao de leve.

Sem estas observações preliminares causaria admiração o colligir eu aqui a explicação que o celebre viajante Bridone deu ao caso acontecido a uma pessoa do seu conhecimento, a Madame Douglas.

Estava esta senhora á sua janella a olhar para fóra em occasião de trovoada. Fez um trovão, e o seu chapéu, sómente o chapéu, ficou reduzido a cinzas. Na opinião de Mr. Bridone tinha attrahido o raio o delgado fio metallico que guarnecia o contorno do chapéu, e a que estava preza a fazenda. Propõe por este motivo que se deixem d'estas cercaduras de metal, e declara-se contra a moda, muito seguida, de segurar ou enfeitar os cabellos com alfinetes e tranças de ouro ou prata. Temendo, com justa razão, que os seus conselhos não fossem attendidos, pedia «que cada mulher trouxesse comsigo uma cadeiasinha ou um fio de arame de latão para prender, quando houvesse trovoada, ás partes metallicas do chapéu, afim de que por elle se escoasse a materia fulminante até o chão em logar de abrir caminho por entre a cabeça e os membros inferiores.»

Em resumo, é melhor, quando troveja, não ter metal comsigo; mas val a pena de scismar no augmento do perigo que pódem causar um relogio, os brincos das orelhas, o dinheiro, as tranças ou agulhas metallicas de que as mulheres usam? Esta questão não é susceptivel d'uma solução geral, porque cada qual ha de encara-la atravez dos seus preconceitos, e deixar-se possuir mais um menos do medo que o meteoro lhe inspirar. (ARAGO.)

O MAELSTROM.

Uma das circumstancias da minha vida maritima não se póde explicar senão por um milagre. Como me expelliu vivo a voragem que me tragou? Por que prodigio saí do abysmo que jamais solta a sua preza? Depois de ter sentido todas as angustias da morte, que predestinação me obrigou a viver para revelar aos homens os mysterios d'uma situação de que ninguem escapa? Tenho conservado presentes no pensamento todas as particularidades d'este dia; o seu terror é inseparavel de mim, a sua impressão é indelevel. Vejo o navio impellido pela fatalidade para a destruição a que não póde esquivar-se; ouço as conversações dos homens no seu agonisar: gravou-se-me na memoria a expressão de seus semblantes, sei tudo o que em torno de mim aconteceu. Estas paginas, que algum valor teem nos annaes da humanidade, vou eu escrevê-las. É forçoso; que, a não ser eu, nenhum outro tem os mesmos documentos para poder dizer o que é uma companha attrahida pelo Maelstrom (1), e o que sente, e que tragedia enlucta o convez do navio, e como se realisam esta absorpção, este naufragio na bonança, esta ruina sem estrondo, ao sol claro e em tempo sereno.

— «É sexta-feira: o capitão quer largar; não faz bem.»

Assim fallava a bordo da *Joven Suzanna*, schooner (escuna) escoceza, o contramestre Braerigg, de braços cruzados, encostado a uma caronada e com os olhos levantados para o céu. No mar da Norwega se espelhavam esses raios desbotados do sol do outono, que alumiam a natureza, mas não a penetram nem a vivificam.

Uma menina escoceza, mais alva e descorada do que os raios do sol da Norwega, repousava um dos braços sobre o braço de seu pai, velho que no trajo annunciava pobreza, no rosto inspirava respeito, e cujos cabellos lhe haviam encanecido na practica de todas as virtudes. Mac-Read era ministro da igreja presbyteriana; a pequena distancia d'este grupo estava Helena, filha mais velha do sacerdote, com os seus cabellos negros e feições cheias de nobreza e enthusiasmo, sentada sobre um feixe de cordas, ouvindo os contos do criado Donald, natural de Stirling na Escocia, adherente á familia por uma d'estas assimilações que só por lá se encontram, e persuadido de que as duas meninas, Helena e Sprighthy, não eram menos suas filhas do que de Mr. Mac-Read, se é que o não eram mais.

Continuava a conversação entre o contramestre e Mac-Read.

— «Sim, dizia o contramestre, é sexta-feira. E vêr como a nossa gente trabalha: parece que se não mechem. Assim não se faz nada d'elles.»

— «Como, interrompeu a filha mais velha, é supersticioso, senhor contramestre?»

— «Oh! eu não digo tanto, menina. Lá em terra não me importa a sexta-feira; mas quando a gente precisa dançar por cima d'estas aguas azues, e manobrar com todo o tempo, haja borrasca ou haja bonança, á fé de quem sou, emlirro com a sexta-feira, porque a maruja ninguem a leva para onde quer quando não está contente. Estando alegres trepam

(1) O Maelstrom ou Malstrom é um immenso remoinho ou vortice, assignalado pelos navegantes entre as ilhas Wero-en e Morken, situadas no oceano arctico aos 67° 40' latitude N. e 11° 44' longitude L. O mugido d'esta voragem ouve-se a muitas leguas de distancia, e o seu poder de attracção é tão forte, que os navios que passam pelo pé d'elle são arrastados ao sorvedouro. A força d'este remoinho, diz Mr. Malte Brun, cresce algumas vezes pela concorrencia de duas mares cheias e contrarias, ou pela acção dos ventos. Arrasta os navios, despedaça-os de encontro aos rochedos ou os afunda, e deixa apparecer os destroços passado algum tempo.

lestes pelas enxarcias, entoa-se a cantiga ao som do apito, todos os musculos se reforçam, parece que a esperança arromba o coração; despreza-se a terra e brinca-se com o mar! mas d'uma tripulação zangada, como esta, que diabo querem que se faça?»

— «Contramestre! bradou uma voz estrondosa, onde está esse cão das montanhas, esse Campbell?»

Era o capitão quem fallava.

— «Dorme, respondeu o contramestre; Campbell está doente.»

— «Dorme! não quero cá doentes!»

— «Tem febre, segundo diz o cirurgião. Ainda esta noite, capitão, estando deitado na maca, teve uma visão, das taes visões do inferno!»

— «Que o levem todos os diabos do poço infernal ao Campbell mais aos seus agouros! gritou o capitão, praguejando muito de rijo para toda a campanha saber que o capitão tinha praguejado. — Metteram-me a bordo um mono das montanhas, um marujo dos tojaes, que me assusta e deita a perder a companha com as suas visões!»

— «Capitão, queria pedir-lhe, com o devido respeito, por parte da marinhagem, um favor em que elles fazem grande fincapé.»

— «Ah!»

— «Esperam que não se faça á véla senão ámanhã. A *Joven Suzanna*, fie-se em mim, nunca se fez á véla á sexta-feira.»

O capitão não ouviu o fim da phrase, voltou costas ao contramestre, vomitou pragas contra a sua gente, e accendeu-se em tal cholera que as vozes todas sumiram-se e todos os rostos enfiaram. A manobra não se fez mais rapida; os marinheiros olhavam uns para os outros com um modo desconfiado e tristonho. Partiu a *Joven Suzanna*. O agastamento reinava na embarcação; o capitão passeava, de mãos atraz das costas, procurando occasião de ralhar, e creando-a quando não a descobria. Campbell, o escocez da *segunda vista*, que tinham obrigado a levantar-se, havia saído da coberta, e fazia a sua obrigação resmungando. De repente, deu-lhe vontade de começar o *wail*, lamentação inarticulada, cantico de mortos dos escocezes selvagens, ululo modulado, soluçar sem fim, suspiro prolongado que semelha ao gemido do vento nas cathedraes. O velho criado escocez levantou a cabeça e reconheceu o cantico funebre do *clan* (tribu) dos Campbell. Helena fez um gesto de terror, e Sprighthy, a innocente menina, desfez-se em pranto. A lembrança da morte e da patria despertaram-se-lhes simultaneas no pensamento.

Como quer que seja, estes presagios cedo se realisaram. Annunciaram uma borrasca, o vento saltou á prôa, o mar cobriu-se de escarcéus; declarou-se em breve a tormenta. A manobra fez-se lentamente, ferraram todas as vélas, mas com frouxidão, sem diligencia, como se lhes fallecêra a esperança. A superstição, renegando do futuro, matando a energia, aniquillou o sentimento da conservação. Vacillava e estremecia o navio com o embate das vagas, como estremece no seu leito o febricitante. Resistia, com o auxilio da sua construcção e da robustez do cavername; mas o rumo que seguia era opposto ao que devêra seguir. Por cima e derredor da *Joven Suzanna*, ao longo das escotilhas, alvejava a escuma e bramia o vagalhão, que rebentava em flôr, batendo-a como o ariete bate as muralhas. Toda a noite se levou a dar ás bombas; a agua entrava pelo porão, e o mais que a tripulação poude fazer foi lançar fóra esta agua, e pôr o navio em estado de navegar.

Mas que navio! Um dos mastros desapparecêra; foi preciso picar o outro. O esqueleto ou o cadaver da *Joven Suzanna* seguia a sua derrota sobre o abysmo, que sacudia, roncando, os destroços da escuma, tão agil e louçã, tão forte e veleira ainda ha pouco. Dentro d'este ataude, arrastado pela tormenta, estava uma chusma desanimada, que só por habito fazia o seu dever. O heroismo dos marinheiros é obedecer e trabalhar, mesmo quando do heroismo e do trabalho nada esperam senão a morte.

— «Meu pai, ha esperança?» perguntava uma voz suave.

— «Oremos junctos, minhas queridas filhas» respondeu o ministro presbyteriano com os olhos chorosos e o peito anciado.

O orar d'esta voz veneranda, o susurro das folhas da Biblia, que os dedos do velho viravam, as respostas das meninas, pallidas e deitadas nas suas macas á luz tremula de uma alampada, nunca me saírão do pensamento. A morte bramava no céu e nos abysmos, a morte cercava o navio; o capitão bebia rhum para reanimar, não o valor, mas a esperança; a marinhagem extenuada luctava ainda; e a embarcação, com a ajuda de uma véla que haviam armado, seguia ávante, incerta, sem governo.

— «Então, Donald, exclamou o capitão depois de passada esta noite, sempre demos conta da tarefa. O vento amainou. Está um lindo dia. O seu Campbell da *segunda vista* é um pateta; não havemos de morrer por ter dado á véla á sexta-feira.»

— «Estamos muito estropeados:» respondeu Donald.

Campbell, que ia passando rente com elle, assobiou pausadamente a sua melodia lugubre.

— «Almoçar, rapazes! gritou o capitão; um copo de grog a cada um pela faina que tiveram! hourra!»

Ninguem respondeu a este viva do chefe; as testas não se desfranziram, nem se desgravou dos rostos o sello do terror.

— «A *Joven Suzanna* precisa mais da sua mastreação que nós do almoço» murmurou um marinheiro.

Todavia a nevoa da manhã, desfazendo-se gradativamente, descobria no horisonte grupos de ilhotes picturescos. A ira do oceano apasiguára-se; liso era o mar como um espelho, mudo qual o tumulo. Que murmurio rompe este silencio? que soído é este que parte de tão longe, indistincto, confuso, crescendo mais e mais, e semelhante ao zumbido de um enxame de abelhas? Toda a campanha subiu á tolda; nem respirar ousavam. O capitão ficou immovel ao pé da escada da coberta; o contramestre, debruçado na prôa, com o pescoço estendido, o corpo dobrado, os olhos sem pestanejarem, escuta com anciedade; o seu ajudante, que levantára a mão para dar ordens, ficou com a mão levantada e suspensa. Depois de dois minutos d'este silencio, d'esta angustia, d'este torpor, todos os olhos do navio encontraram-se, entenderam-se, adivinharam-se. O contramestre foi-se direito ao capitão.

— «Ah! disse-lhe elle, estamos perdidos de todo, é o Maelstrom!»

— «O Maelstrom!»

Foi um echo de morte, vinte, trinta vezes repetido, que discorreu todo o navio; depois calou-se tudo.

— «O que é o Maelstrom?» perguntou ingenuamente a menina Sprighthy.

Donald recomeçou o canto dos finados. Um marujo, com o peito nu, que acabava de engolir um copo de grog, respondeu: — «É a morte!»

— «Andar, rapazes, bradou o capitão com voz de trovão, mãos á obra com mil raios! outro mastro, outra véla! Trabalhar! trabalhar!»

(Continua.)

Annuncio dos partos em Haarlem.

Quando discorria as ruas de Haarlem, causou-me grande admiração vêr penduradas, ao pé das portas de algumas casas, grandes e mui elegantes almofadas, guarnecidas de rendas, e semelhantes em tudo ás que se encontram sobre o toucador das senhoras de mais tafularia. Estava longe de adivinhar o motivo de tal uso, e ainda o ignorára, se uma senhora d'aquella cidade não tivesse a bondade de m'o explicar. « O nascimento d'uma creança, me disse ella, annuncia-se d'este modo; quando o chão da almofada é côr de rosa, é signal de que veio a este mundo uma menina; se o chão da almofada é azul annuncia que foi um menino. Estas almofadas conservam-se expostas quarenta dias, e se acaso o marido é perseguido por dividas não lh'as podem pedir n'este praso. (*A côrte de Hollanda no tempo de Luiz Buonaparte*. París 1823.)

Os cavallos de Veneza.

Entre as obras artisticas que nos ficaram da antiguidade, nenhuma ha cuja existencia fosse mais aventurosa, nem por tantas vezes arriscada, como foram os celebres cavallos de bronze dourado, conhecidos pela denominação de *cavallos de Veneza*.

Quando os francezes e os venezianos se apossaram de Constantinopola, em 1204, acharam alli os derradeiros restos das riquezas artisticas da Italia e sobre tudo da Grecia, que haviam sido poupadas quer pelas invasões dos barbaros, quer pelos incendios, n'essa epocha quasi tão frequentes n'aquella capital como em os nossos dias. Porém os latinos, tão ignorantes como avarentos, fizeram pedaços e venderam a pezo indistinctamente as estatuas de bronze, as quadrigas de metal, que adornavam por toda a parte as praças publicas, e as suas devastações não tiveram termo senão no momento em que o espolio do saque foi repartido entre os vencedores.

Os quatro cavallos de que fallâmos tinham sido preservados dos incendios pela sua elevada postura no hippodromo; por fortuna escaparam tambem da avidez dos espoliadores, e fizeram parte do quinhão que coube a Veneza, para onde os mandou transportar no seguinte anno o *podestá* Marino Zeno. Durante o trajecto quebrou-se o pé de um e separou-se da perna; Domingos Moresini, commandante da galé em que os haviam embarcado, pediu e alcançou guardalo; o tal pé foi primeiro assente n'um pedestal em casa particular, e depois collocado no angulo de uma rua. Os cavallos, logo que chegaram, foram mettidos no arsenal, onde permaneceram por muito tempo ignorados e esquecidos, até que uns embaixadores florentinos deram a conhecer o valor d'aquella obra: resolveu-se que fossem tirados de um logar que lhes causava estrago, porque de dia para dia se despegavam parcellas da basta folha de ouro que os recamava; collocaram-n'os então sobre a portada principal da igreja de S. Marcos, depois de terem substituido o pé que faltava por outro de mui inferior merecimento. Ignora-se a epocha d'esta disposição; e só por fins do seculo XV se acha pela primeira vez menção d'aquella obra nos escriptores.

Os francezes, em 1798, tiraram de Veneza aquelles cavallos de bronze para os trazerem a París, onde assentaram cada um em pedestal separado, e depois os junctaram a um carro de bronze, que foi posto em cima do arco do Carrousel. Em cumprimento dos tractados de 1815 foram restituidos a Veneza, e occupam actualmente o seu logar antigo sobre a portada do templo de S. Marcos.

Tal é a parte historica d'estas esculpturas desde 1204. Tem-se porém suscitado uma disputa, vivamente ventilada, ácerca do sitio d'onde foram tomados para os levarem a Constantinopola. Segundo uma opinião bastante antiga e acreditada por muitos escriptores, tinham pertencido a um arco de triumpho de Nero em Roma, e os levaria Constantino quando estabeleceu em Byzancio a séde do imperio: fundava-se ella n'uma medalha de Nero, em cujo reverso se vê o arco erecto em honra d'este imperador, coroado por quatro cavallos com duas allegorias da victoria; e demais d'isto pretendiam que os cavallos de Veneza, carnudos e roliços nas fórmas, estavam longe de se parecerem com os cavallos gregos, que os baixos relevos do Parthenon representam seccos, delgados e de contornos angulosos. — Para refutar esta segunda asserção basta lançar os olhos sobre grande numero de medalhas gregas em que se acha o typo dos cavallos de Veneza; e quanto á primeira é desmentida por muitas passagens de escriptores byzantino: entre outros um auctor anonymo de um opusculo sobre as antiguidades de Constantinopola exprime-se n'estes termos: « Os quatro cavallos dourados que se veem sobre os *carceres* no hippodromo foram trazidos de Chio em tempo de Theodosio o moço » Ainda mais; Nicetas, designando mui claramente os mesmos cavallos pela sua collocação n'aquelle circo, os representa « com a cabeça um pouco encurvada, voltando-se uns para os outros, e exprimindo o ardor na carreira, » o que se verifica nos que existem em Veneza. — Tendo morrido Theodosio o moço em 1450, vê-se que na primeira metade do seculo V é que foram transportados de Chio. Quanto ao tempo em que foram feitos nada se póde dizer com exacção: a mais provavel conjectura é a que os attribue a algum esculptor de Alexandre Magno ou dos seus primeiros successores. A douradura que os reveste, longe de indicar epocha de decadencia, demonstra remota antiguidade classica das artes. Quanto á belleza de trabalho, tem sido exaggerada; no entanto passa por proverbio na Italia. A sua maior notabilidade procede de terem viajado successivamente de Chio a Constantinopola, daqui para Veneza, d'esta para París, e a final de París para Veneza.

Mercês deshonrosas.

Quando as mercês não são prova de ser homens, senão de ter homens: e quando não significam valor, senão valia; pouca injuria se faz a quem se não fazem. Dizia com verdadeiro juizo Marco Tullio, que as mercês feitas a indignos não honram os homens, affrontam as honras. E assim é. As commendas em semelhantes peitos não são cruz, são aspa; e quando se vêem tantos ensambenitados de honras, bem vos podeis honrar de não ser um d'elles.

Vieira — *Sermões*.

A melhor trapaça.

Dois jogadores, a qual d'elles mais velhaco, convidaram-se para se depenarem um ao outro sob condição de se admittir no jogo toda a casta de trapaça. Um d'elles fez quanto sabia, — e não sabia pouco — para desbancar o parceiro; o outro jogou liso e perdeu sempre. — « Pague-me tanto » bradou o trapaceiro. — « Alto lá, respondeu-lhe o *homem de bem*; você fez quantas trampolinas quiz, eu deixei-o, porque até o lavar dos cestos e vindima. Agora digo que lhe não pago! Esta é a melhor trapaça, só basbaque. »

DAVID VENCEDOR.

O museu de Marselha foi fundado em 1802 por disposição de Buonaparte, então primeiro consul, e da mesma maneira a bibliotheca, o jardim botanico e o gabinete d'historia natural da mesma cidade. Fizeram-se no antigo convento dos Bernardos as necessarias accommodações para recolher os livros e paineis, e foi encarregada uma commissão de os escolher d'entre uma collecção numerosa de obras artisticas, que durante a revolução tinham saído dos claustros, igrejas, e castellos. — Formado com o pequeno numero de pinturas preferidas por esta commissão, as dadivas de alguns ministros e as offertas de varios particulares, o museu de Marselha comprehende hoje cento e cincoenta paineis; a collocação é pessima, recebendo os objectos mal a luz, o que prejudica muito o effeito que devia causar esta galeria. — N'um local consagrado á arte devem ter a architectura, a decoração, e sobre tudo a distribuição da luz uma influencia tal que o curioso, ainda o mais previsto, seja por elle subjugado; e mister excitar aos olhos todo o cançaço, todo o enfado: tudo deve concorrer para attrahir, encantar, e descançar brandamente a vista. Uma tela de Raphael mal collocada em relação a luz perde metade do seu preço. Tal é o defeito do museu de Marselha. Possue diversos quadros das differentes escholas; entre os da italiana merece particular attenção um quadro do principe dos pintores que acabamos de nomear, representando S. João Evangelista a escrever o Apocalypse: pertencia antigamente a uma collecção do gabinete real. Christo morto, sustido por mãos de anjos, é uma vigorosa composição de Miguel Angelo, dicto o Ca-

ravagio. Para não citarmos outros, e não fazer catalogo, apontaremos só dois de Anibal Carracci; um, e mui gracioso, representa um casamento de aldeia; outro do mancebo David com a cabeça do gigante Goliath faz contraste notavel com aquelle. David está figurado como a Biblia o descreve n'esse periodo da vida, o mancebo que o soberbo philisteu desprezava, por quanto era *adolescens, rufus et pulcher aspectu*. Cap. 17 do 1.º liv. dos Reis.

O Maelstrom.

(Continuado de pag. 206.)

Houve um reboliço, que ninguem se entendia. A embarcação cortava tranquilla as aguas; o sol resplandecia. A tripulação, entretanto, ardendo em inaudita febre de actividade, fazia os aprestos necessarios para arvorar outro mastro, apromptava a vela, e andava a correr por todo o navio. Só o homem da segunda vista não quiz trabalhar. Donald, pelo contrario, o que queria era ser util; acudia a tudo, tinha cem braços; arrancava o martello das mãos do carpinteiro; admoestava, qual pai, os negligentes, e chegava a embaraçar a manobra, querendo-a ajudar. Pobre velho, que nunca víra procellas senão sobre o Loch Newis, nem outros pégos mais do que os do Tweed e do Clyde. Donald não podia comprehender a placidez do visionario Campbell; reprehendia-o severa e amargamente. Dentro d'uma hora estava tudo prompto; levantou-se o mastro postiço, içou-se-lhe uma vela. Baldado trabalho! A vela não a enfunava o vento; batia, enrolava-se no mastro como uma mortalha. Oh! desesperação! a lancha perdêra-se na borrasca. E já se divisavam os pincaros das rochas de Lofoden: já o Maelstrom, o sorvedouro inexoravel, se ouvia de mais perto, e o navio a caminhar, a caminhar para elle!... Estavam todos os olhos pregados no mastro e na vela, porém o mastro não se encurvava, a vela não se movia. Quem pintará o que exprimiam todos estes rostos, a mudez de todos estes homens, a immobilidade de todos estes olhos, o abatimento dos mais destemidos, a resignação das meninas, a afflicção do pai, não por amor de si, mas de suas filhas? N'esta calada, um fiel cão da Terra-Nova, pertencente ao capitão, corria d'uma para outra banda como para não vêr este quadro fatal, dando longos e medonhos uivos, que repassavam a alma dos que iam no navio. Mac-Read rezava em voz alta; as meninas estavam de joelhos.

— «Eu bem o sabia» exclamou o visionario, que foi o primeiro a quebrar o silencio.

— «Que sabias tu?»

— »Acolá estão os rochedos de Lofoden! Já os vi, conheço-os. Estavam á direita como alli estão. Não me enganou o somno. Oh! sexta-feira, dia aziago! Oh! capitão maldicto!»

— «Maldicto capitão!»

O brado de guerra dos Mohawks, o bramido carniceiro com que os Palikars se arremessam á peleja, não são mais tremendos do que o alarido dos marinheiros enraivecidos, que, deitando a correr para a pôpa agarraram no malaventurado, e sem que lhe valesse bradar, pedir, loctar, embravecer-se, o baldearam ao mar. O seu cão viu o cair. Era amigo sincero, não o desamparou na hora suprema; lançou-se logo ao mar, nadou direito a elle, segurou-o pela golla da jaleca, puxou o para o navio, e largo tempo resistiu á corrente que o arrebatava. Por fim o capitão deitou ambos os braços fóra d'agua, agarrou-se ao cão com a ancia com que se abraça a ultima esperança de salvamento, e o homem e o seu leal amigo afundaram-se para sempre.

Perpetrado o crime com a morte á vista, a inutilidade dos esforços humanos, a nenhuma probabilidade de salvação fizeram desamparar toda a manobra, deixando o navio ir-se ao som d'agua em direitura ao precipicio. A marinhagem dispersou-se; o contramestre sentou-se sobre os restos do mastro, e ficou-se a contemplar o suicidio da embarcação. Alguns começaram a rezar, outros dançaram, a maior parte brigaram por amor do grog e da aguardente. Houve alguns, e dos mais valentes, que se deitaram ao mar dando grandes berros; vi muitos que de mãos dadas dançaram em circulo como phreneticos. Estes, das gargalhadas passavam de repente ao soluçar horrendo da extrema agonia; aquelles, que tinham ficado como assombrados de raio e estirados pela tolda, erguiam se e davam-se aos ultimos paroxismos d'uma alegria insensata, quebravam as escotilhas e lançavam a cordoalha ao mar. O convez era um fragmento dò inferno. E todavia o sol, derramando luz suave, parecia afagar com um sorriso as vagas pacificas e a ilha verdejante de Mosken. A *Joven Suzanna* já então voava, qual setta, a sepultar-se nas entranhas do abysmo, que arreganhava a bocca para a engolir.

Contramestre, bradou o seu ajudante, seja boa testimunha de que eu não fiz mal ao capitão!»

O contramestre sorriu se sem responder. O ajodante media a justiça divina pela dos tribunaes da terra. O pobre homem julgava precisar d'uma testimunha que depuzesse em seu abono perante Deus.

— «Então! amigo Will! não me responde? Ora!.. que tempo podemos ainda viver, diga lá!..»

O contramestre vultou-se para Tom:

— «Meu rapaz, lhe disse elle, se for preciso dar contas do que fizemos, conta comigo. Tu tens mais bom coração do que esses que estão a dançar lá em baixo. Mas, digo-t'o eu, ferremos o panno e fallar pouco. Estamos a dar fundo: temos o outro mundo pela prôa; viremos pela ultima vez a ampulheta da barquinha. Tom! um homem valente morre calado. Adeus, Tom! cinco minutos ainda nós viviremos! mais não!»

— »Contramestre, você vera se o vento me faz adernar. Adeus, camarada! E aquellas duas pobres rapariguinhas?... Ai! cortaram-me o coração!»

— «Cala-te, com mil demonios! Deus me perdoe estas pragas! Não digo mais nada! Vai-te embora!

A attracção do Maelstrom crescia a olhos vistos. O suicidio dos homens que se deitavam ao mar, uns cantando, outros chorando, despovoava a escuna. Nas alturas de Hellssen enxergavam-se grupos de homens e mulheres, que viam o navio arrastado á perdição, e o lamentavam sem o poderem soccorrer. Mac-Read tinha-se abraçado com as duas filhas, e Donald tocava gaita de folles, em quanto o pai, com as duas filhas cingidas nos braços, murmurava algumas palavras que mal se percebiam. Um passaro, branco como a neve, de pennas lustrosas e brilhantes, veiu dos cerros de Ambarcem, pairou sobre o navio, bateu as azas a pouca distancia do convez e seguiu por muito tempo a levada da embarcação. O feliz passaro podia viver e o navio tinha de morrer por força. Como o olhavamos com inveja! a sua liberdade requintava os tormentos do captiveiro que nos levava á morte.

Mas chegava-nos aos ouvidos um estrepito medonho que parecia vir do Maelstrom; sentiamos um mugir pavoroso e nivos de agonia, como se algum monstro gigante se debatesse com a morte. Com effeito, uma baleia tinha cedido á valentia da corren-

te, e quando chegára ao meio do sorvedouro, luctára debalde contra a força irresistivel que a absorvia. Em vão batia a cauda do colosso as aguas que remoinhavam; debalde lançava ao ar pelas ventas duas columnas d'agua que borbulhavam, o monstro enorme desappareceu tragado.

Era a sorte a que corriamos cada vez mais velozes. A belleza do dia, a transparencia do céu, o brilho das aguas, não deixavam crêr a morte tão propinqua, o naufragio tão certo. Um grumete, que levára muitas horas a chorar, levantou a cabeça e disse ao contramestre:

— «Não, não posso crêr em tal; não póde ser, contramestre! O mar está tão quieto! que é do cachopo? que é do temporal? que é da morte? São contos de creanças, e tolos todos que os engolem.»

O contramestre levantou a cabeça, e soltou um sorriso sardonico.

— Á manobra? continuou o grumete. Lestes! lestes!...»

— «Manobra como quizeres, retrocou o velho marinheiro olhando para o rapaz com desprezo infinito: d'aqui a tres minutos não tem a *Joven Suzanna* tres tábuas unidas.»

— «Qual! quando todos tinham perdido as esperanças e a borrasca nos levou o mastro, eu cá bem sabia que escapavamos!»

— «Rapaz, prepara-te, limpa esses olhos; engolem se duas ou tres canadas d'agua salgada, e estamos aviados. O navio começa a alagar-se: a agua está turva. Rapaz, se queres vêr como um homem morre como um homem, fica ao pé de mim. Mas cala-te e deixa-me em paz.»

Dizia a verdade. A impetuosa attracção do Maelstrom augmentava a rapidez da nossa marcha! Fervia o mar á roda de nós; e *Joven Suzanna* rolava para a direita e para a esquerda, feita ludibrio das ondas que se guerreavam. Como hei de repetir a agonia intensa, a demencia atroz d'estes moribundos cheios de vida? O proprio navio, pulando para o sorvedouro, parecia um ente vivo e louco. Em breve, despedido como a balla pelo impulso da polvora, resvala, foge, arfa, afocinha, faz pião, resalta e aderna. Os marinheiros penduram-se nos cabos; Donald atira-se ao abysmo; levanta-se o brado final — misericordia! O contramestre agita o chapeu no ar, em quanto a *Joven Suzanna* anda ao redor como o pião nas mãos d'uma creança. Nada mais sei. A consciencia d'este horrivel naufragio não deita adiante do momento fatal em que só a pôpa estava fóra d'agua; em que o abysmo, *sorvendo*, se assim me posso explicar, a sua preza, a puxava pela prôa para o pego mortifero, e a conservava momentaneamente suspensa a pino.

Quanto a mim que, estendido na tolda, mudo, sem esperança, quasi estupido, vi o fim d'esta scena com resignação desesperada, achei-me ensanguentado e nú na costa penhascosa de Heggesen. Apenas tive forças para me arrastar até um grupo de cabanas de mineiros. Sem duvida, o vortice por effeito da violencia das correntes contrarias que formam o mechanismo do seu turbilhão funesto, expelliu para longe de si algum dos destroços que devêra tragar. Vi espalhados pela areia um fragmento de tábua quebrada e um resto de massame. Memoria d'homem não dava noticia, segundo me disseram os pescadores que me agasalharam, de ter o Maelstrom perdoado a nenhuma das suas victimas.

A justiça.

A primeira propriedade da luz é ser benigna. Que cousa mais benigna, que cousa mais favoravel do que a luz? Que qualidade mais branda, mais suave e mais amorosa? Ella é a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia das aves, a delicia dos olhos, a formosura dos astros, e emfim o contentamento de todo o mundo.

Pois esta propriedade da luz ha de ser tambem a propriedade da justiça; porque a justiça deve ser tão branda, tão amorosa e tão benigna como a luz. Bem conheço que muitos serão de mui contrario parecer; porque como vêem na mão da justiça desembainhada uma espada, totalmente se persuadem que a justiça toda deve ser rigores, toda crueldades...

E para não ser crueldade deve temperar-se com brandura, e só com ella será justiça. E porque sei que a espada da justiça é a que obriga a imaginar que toda a justiça deve ser rigor, quero que nos sirva de prova a mesma espada.

Pergunto assim: E para que se armou com uma espada a mão da justiça? — Já sabem todos que para significar o seu rigor. Pois porque se não pinta a figura da justiça com um cutello senão com uma espada? O instrumento mais proprio do rigor da justiça não é o cutello? Que razão haverá logo para que não pintem como o cutello a justiça? Porque a pintam com uma espada?

Com grandissima razão. Entre o cutello e a espada ha esta differença: que o cutello é inflexivel; é tanta a sua dureza que a nada se dobra: e se porfiam a que se dobre arrebenta. E a espada? Toda pelo contrario. A espada com ser tão rigorosa é muito branda. Quanto mais se dobra tanto tem de melhor espada; e, o que é mais de admirar, que ainda que a vejamos dobrar-se, não deixa nunca de ficar mui recta; de sorte que a espada é branda, a espada dobra se; e comtudo sempre é recta, e sempre é espada.

Pois assim ha de ser a justiça: espada sim, mas que se dobre; recta sim, mas que se abrande. Emfim ha de ser como raio da luz: é raio, mas benigno, é raio, mas e de luz.

Eusebio de Mattos — *Sermões*.

Bernadotte, rei de Suecia.

(Continuado de pag. 199.)

Para acompanhar Bernadotte em todas as batalhas que ganhou, seria preciso traçar a historia dos primeiros annos do imperio francez, tão fertil em acções estrondosas; effectivamente o acharão em todas as campanhas onde havia perigos a arrostar, louros a colher. Vencedor em Schleitz, onde desbaratou a vanguarda do exercito prussiano, o principe de Ponte-Corvo perseguiu vivamente este corpo, e depois de lhe haver offerecido batalha, inutilmente por muitas vezes, alcançou-o em Lubeck. Poucos feitos d'armas houve tão brilhantes, onze generaes, que eram commandados pelo marechal Blucher e o principe de Brunswich, e doze mil homens caíram em poder dos francezes. Na Polonia Bernadotte triumphou dos russianos no combate de Morungen em 25 de janeiro de 1807. Um ferimento suspendeu a carreira das suas victorias e o constrangeu a algum tempo de repouso. A paz de Tilsitt, que pozera termo a esta campanha, não foi de longa duração, e Bernadotte, apenas convalescido da ferida, recebeu ordem de tomar o governo das cidades anseaticas. Chamado á Allemanha em 1808, commandou o exercito alliado, francez, hespanhol e hollandez, e assignalou-se por distinctas acções ao mesmo tempo que se fazia querido de seus soldados.

Na campanha de 1809 alcançou muitas vantagens

contra os austriacos, e assignalou-se sobre tudo em frente da ponte de Linz; realisou depois a sua juncção com o grande exercito. A 6 de julho tomou parte na batalha de Wagram commandando a ala esquerda com Massena á testa das tropas saxonias; por este lado é que o ataque foi mais vivo; o principe de Ponte-Corvo em vão fez prodigios de valor, as suas tropas sobrecarregadas pela multidão dos inimigos recuaram desordenadamente, elle proprio se achou cercado, e só conseguiu desembaraçar-se por meio de uma presença de espirito e ousadia, que seriam bastantes para firmar a sua reputação militar. Pela tarde a victoria estava ganha, porém os saxonios ficaram em grande numero no campo da batalha, apagando assim a vergonha de um momento de temor. Bernadotte, furioso por não ser auxiliado, bradou que era traição; queixou-se de que o abandonassem e sacrificassem os seus soldados; deu a demissão do commando, e Buonaparte, acceitando-a, parece justificar as censuras que de futuro se fizeram. — Comtudo, o demittido, apenas contava vinte dias de recolhido a París, foi encarregado de repellir uma invasão dos inglezes na ilha de Walcheren; passou logo a Anvers. Nada era mais preciso do que a actividade do principe de Ponte-Corvo para organisar a defeza; as obras de fortificação apenas estavam principiadas, nos arsenaes não havia artilheria nem polvora, e as tropas francezas eram obrigadas a viver de pilhagem como em paiz inimigo. Bernadotte não se desalentou com esta mingua, a sua infatigavel actividade acudiu as faltas; de dia para dia se levantavam novos fortes ou se assentavam novas baterias. A ruina da ilha de Walcheren foi a vantagem unica que tirou da sua empreza o general inglez, que perdeu mais de quatorze mil homens. — Esta campanha, que findou quasi sem combate, foi mais funesta ás tropas britannicas do que se tivessem experimentado grandes revezes. O principe de Ponte-Corvo, de volta a París, recebeu a condecoração da ordem de S. Henrique, da Saxonia.

Não reinou muito tempo a boa intelligencia entre o imperador e o principe de Ponte Corvo. Napoleão o culpava de excesso de auctoridade n'uma proclamação á tropa; chegou até a prohibir-lhe entrar em París. Bernadotte dimittiu-se de honras, dignidades e titulos, e depois recusou sujeitar-se a intimações tão arbitrarias. O ministro, temendo com razão uma guerra civil que teria por cabeça homem tão influente, modificou a ordem do imperador, e contentou-se em escrever ao principe de Ponte-Corvo que passasse ao exercito de Allemanha no mais breve prazo possivel. Dispozeram uma entrevista de ambos, que teve logar em Schoenbrun; Napoleão mostrou esquecer-se dos aggravos que imputava ao seu marechal, e até lhe deu o governo geral de Roma; porem Bernadotte só acceitou depois de muitas hesitações.

No entanto aconteceu a revolução da Suecia: Gustavo IV tinha succedido a Carlos XIII, que largou a corôa sem violentas agitações. Gustavo era velho, e não tardava que a sua morte deixasse vago o throno d'aquelle reino. Em circumstancias taes, era preciso um homem energico, capaz de tomar o governo com mão firme, de impôr aos inimigos externos respeito, e de refrear as revoltas internas. Os votos dos suecos recaíram em Bernadotte, e veio a París uma deputação offerecer-lhe o titulo e os direitos de principe real da Suecia. Convem saber que depois da tomada de Lubeck, Bernadotte, tendo cercado um corpo numeroso de tropas suecas, contentou-se com fazer-lhe depôr as armas, admittiu os principaes cabos a sua meza, e tractou-os com toda a possivel consideração. Este acto de moderação lhe adquiriu grande partido. — Napoleão, que devia a sua fortuna a eleição popular, não podia oppôr-se a que um de seus generaes fosse escolhido por um povo para seu monarcha. Affirma-se, porém, que esta escolha o desgostou vivamente, porque sabia que entre si e aquelle que os suecos queriam para principe hereditario existia todo o rancor do Directorio, de quem Bernadotte se havia mostrado sempre o mais firme sustentaculo. — «Cumpram-se os nossos destinos» — disse por fim pezaroso; e Bernadotte foi unanimemente saudado «principe herdeiro de Suecia, para depois do fallecimento do rei actual reinar na Suecia e paizes d'ella dependentes, ser coroado rei da Suecia e receber o juramento de fidelidade; emfim governar o reino conforme o sentido litteral da constituição de 6 de junho de 1809.»

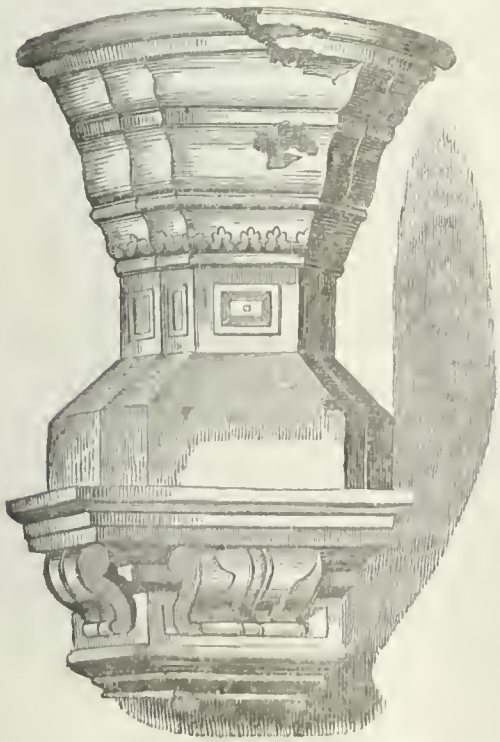
Bernadotte a principio mostrou querer permanecer fiel alliado da França, mesmo em detrimento da Suecia. Tendo-lhe Napoleão dado ordem de quebrar todas as relações com a Inglaterra, o principe hereditario obedeceu, posto que bem soubesse que a Suecia não podia subsistir pelos proprios recursos. Prohibiu o commercio com Inglaterra, e determinou que fossem confiscadas as fazendas aprehendidas. Era uma ordem illusoria que o governo nem podia nem queria executar; pelo que a fraude substituiu as permutações regulares. Napoleão, julgando-se mofado pelo seu antigo logar tenente, encolerisou-se. Bernadotte, por sua parte, supportava a custo a arrogancia com que o imperador lhe dictava ordens. Por outro lado o interesse do seu paiz adoptivo oppunha-se a uma cega submissão á França. Passaram-se de parte a parte notas cheias de acrimonia; e a final Buonaparte expediu ordem as suas tropas de invadirem a Pomerania e a ilha de Rugen. Era a epocha em que a França levava as suas armas victoriosas até os gelos, epocha em que Napoleão, offuscado pelo seu poderio, parecia desprezar todos os meios de assegurar o triumpho. A Suecia, descontente com o procedimento do imperador, separou-se da sua alliança, e a Russia, approveitando-se d'estas sementes de discordia, offereceu a Noruega áquelle paiz que tanto tempo a ambicionára. Bernadotte, depois de bastantes hesitações, assignou o tractado de S. Petersburgo a 24 de março de 1812, e nomeado chefe do exercito confederado viu-se constrangido a tomar armas contra os seus antigos camaradas. Lançado n'esta carreira, Bernadotte marchou rapidamente, em demasia talvez para a sua reputação. Era impellido, para assim dizer, por uma força que não sabia explicar, porque não ignorava que cada uma das suas victorias era não sómente uma nodoa na sua gloria, mas tambem um golpe na individualidade do seu paiz adoptivo: bem percebia que para a liberdade da Suecia conviria oppôr o poderio da França ao incremento invasor da Russia; mas não podia ou antes não ousava mudar de procedimento, pretendia esconder sob louros novos a sua ingratidão para com a França. Um dos seus mais brilhantes feitos d'armas foi a batalha de Leipsick, onde decidiu da victoria, e forçou Napoleão a passar outra vez o Rheno. Debalde os panegyristas de Bernadotte affirmam que fizera todos os esforços por mitigar as duras condições appresentadas ao imperador; debalde dizem que durante todo o anno de 1814 o exercito sueco se conteve em neutralidade inoffensiva: as notas diplomaticas provam ao contrario que Bernadotte incitou os confederados, e nada tanto desejava como a prompta abdicação de Napoleão. — Quando viu a invasão da França, começou então a deplorar a sorte do homem extraordinario que tivera na sua mão muitas corôas, e a quem tam dar por estado uma ilha pequena e

sem recursos. Desde então mostrou não curar da guerra europea. Napoleão subiu de novo ao throno imperial, e de novo os monarchas contra elle se colligaram; d'essa vez Bernadotte ficou neutral. Quando os Bourbons recobraram o poder, abriu a sua côrte aos expatriados francezes e lhes prestou seguro asylo.

Julgando se estabelecida a paz geral, o principe real da Suecia voltou as suas armas contra a Noruega, que recusava reconhecer a sua nova suzerana. Finalmente, por morte de Carlos XIII, a 13 de fevereiro de 1818, os suecos agradecidos o proclamaram rei de Suecia e Noruega sob o nome de Carlos XIV.

Exaltado ao throno, Bernadotte rodeou-se de francezes, e com elles conversava acerca da patria, lastimando os acontecimentos de 1813 e a cega ambição do imperador. Teve porém o cuidado de respeitar sempre o orgulho nacional dos suecos, e lhes confiou os principaes cargos do reino, não obstante toda a benevolencia para com seus antigos compatriotas.

Bernadotte falleceu a 8 de março de 1844, depois de uma enfermidade dilatada e acerba, contando de idade oitenta e um annos, um mez e doze dias. Succedeu-lhe sem a menor opposição seu filho Oscar I (José Francisco) tendo 44 annos e 6 mezes: é geralmente estimado, e tudo inclina a presagiar que a familia de Bernadotte, assentada no throno da Suecia pela eleição espontanea do paiz, conservará a corôa com a prosperidade do estado.



PIA DO BAPTISMO DE S. LUIZ.

A tres leguas de Versailles e a cinco ao noroeste de París está situada Poissy, cidade pequena, que terá 2400 almas; fica na margem esquerda do Sena, e faz-se hoje notavel pelo grande mercado de gados de que se aprovisiona París. Gloria-se porém de uma illustração historica, e vem a ser a honra de patria de S. Luiz, o nono d'este nome na serie dos reis de França. A pia baptismal, onde este principe recebeu o primeiro sacramento, ainda está bem conservada na igreja parochial d'aquella villa: antigamente foi objecto de muita veneração, e pendentes da parede se viam juncto d'ella muitos milagres; e dizia-se que algumas particulas despegadas d'ella, sendo dissolvidas n'um copo d'agua, e dadas a beber aos enfermos, effectuavam a cura de quasi todas as molestias. — A capella em que se acham o baptisterio e mais peças que serviram no mesmo acto é dedicada a S. Luiz, e sobre o caixilho de uma grande vidraça que lhe dá claridade, liam-se n'outro tempo quatro versos mui singelos, que commemoravam o nascimento de S. Luiz em Poissy, e o seu baptismo n'aquella igreja.

Luiz IX de França, contando apenas onze annos, succedeu a seu pai Luiz VIII, cognominado *o Leão*; durante a menoridade esteve sob a tutela de sua mãi, D. Branca, que fôra infante de Castella, senhora de animo forte e de talento governativo. Luiz IX, educado piamente, de espirito ascetico, e enthusiasmado pelo fervor que inspiravam as guerras no oriente havia mais de um seculo, levado além d'isso por um sincero sentimento religioso, que predominou em toda a carreira da sua existencia, intentou, em 1244, ir resgatar pessoalmente os sanctos logares da Palestina; porém só quatro annos depois é que poude pôr em pratica o seu designio, contra os conselhos de sua mãi e dos principaes do reino. Foi esta a ultima cruzada. Embarcou-se com um exercito de 200:000 homens em 1:800 navios, e tomando terra no Egypto ganhou a principio algumas vantagens; porém a 5 d'abril de 1250 foi completamente desbaratado pelos sarracenos; na batalha morreu seu irmão Roberto; elle e outros dois irmãos, Affonso e Carlos, caíram prisioneiros. Trasladaremos aqui algumas palavras da baroneza de Minutoli nas suas Recordações do Egypto. — « Pennas mais eruditas que a minha fizeram, e continuarão provavelmente a fazer a enumeração das cidades antigas que se levantaram outr'ora nas margens que vamos costeando (viagem do Cairo a Damieta) e que não offerecem agora, como as minas de Atribis, aos olhos magoados do viajante senão acervos de entulho e algumas columnas derrubadas. Quanto a mim, apraz-me recordar aqui memorias mais recentes, fallo d'aquella epocha em que o enthusiasmo religioso e cavalleiro de toda a Europa, dirigido pela politica de alguns padres, precipitou nos abrazados desertos da Africa e da Syria um seu numero de valentes, que encontraram a morte ao pé de seu piedoso monarcha, Luiz IX, que permaneceu rei mesmo em ferros. Foi em Mansourah, sitio por onde passamos, que Luiz foi feito prisioneiro, depois de uma batalha cuja perda se attribuiu ao intrepido, porém imprudente ataque dos templarios. A religião e a lembrança de uma esposa adorada ainda podiam adoçar os revezes d'este principe desafortunado: essa princeza heroica e virtuosa, que havia tomado a cruz para não separar se de seu augusto esposo, preferindo a morte a ignominia, teve a coragem de exigir de um cavalleiro da sua comitiva que antes lhe tirasse a vida do que a deixasse cair nas mãos inimigas. Comtudo o ceu quiz conservar tantas virtudes e animo intrepido: é verdade que foi prisioneira proximo á antiga Dámietta, mas sob condições muito honrosas, e foi tractada durante o seu captiveiro com o respeito devido a sua jerarchia e ás suas qualidades pessoaes. »

O proprio S. Luiz foi igualmente bem tractado. Obtido o resgate por avultada quantia, restituiu se

á França em 1254, e o seu governo foi regulado pela justiça e prudencia, applicou se muito á reforma dos costumes, a proteger os desvalidos, a soccorrer os pobres, á decencia dos templos, e a supprimir os tributos que tinham sido lançados para acudir ás urgentes necessidades do estado. Não póde este monarcha ser censurado senão por suas infelizes expedições. Em 1270 de novo o accommetteu a febre de voltar á terra Sancta; transtornado em parte o seu projecto, passando a Africa, poz sitio a Tunes; porém, durante este cerco, deu tão horrivel peste no seu exercito que a mortandade foi espantosa; o proprio rei acabou do mesmo contagio a 25 d'agosto do dicto anno, tendo reinado 43 annos e um mez.

Luiz IX deixou oito filhos, um dos quaes, por nome Roberto, casou com Beatriz, filha herdeira de Ignez de Bourbon, d'onde dimanou a familia d'este nome, que d'ahi a tres seculos tomou a corôa de França na pessoa de Henrique IV, por antonomasia o Grande. — S. Luiz foi canonisado pelo papa Bonifacio VIII.

Os chales de Cachemira.

Desde tempo immemorial fabricam-se chales de grande preço no valle de Cachemira. O commercio os transportou successivamente aos logares do seu consumo por vias que mudaram de direcção, conforme as variações que a politica ou a guerra impozeram aos limites dos differentes estados. Não fallando senão posteriormente á elevação do poder dos afghans, uma parte do tributo imposto ao valle por esta nação consistia em chales, e era transportada para a capital, Candahar: o restante entrava no commercio directamente, e espalhava-se para regiões longinquas por diversos mercados. Sem fallarmos em muitas alterações antecedentes, o commercio de Cachemira com a India tem-se encaminhado nos ultimos tempos por Jumbo, que em todos os seus arredores é protegido por uma cordilheira de altissimas serranias, inaccessiveis ás bestas de carga. — Os chales são conduzidos a Jumbo ás costas de homens, e veem arranjados n'um fardo oblongo, composto de certo numero de peças, e de pezo marcado: o fardo com uma capa de couro de boi, bem cozido e apertado com as correias do mesmo couro, chama-se *biddery*: vem acompanhado d'uma factura, e de raro o abrem para o verificar: o portador traz a carga como os soldados a mochila, e tem um bordão com geito de moleta, que lhe serve para auxiliar a caminhada, e para se alliviar escorando o pezo pela parte de traz. Por esta nova derrota de Jumbo vem esta gente mais abrigada dos assaltos da soldadesca; caem porém nas garras de milhafres não menos devoradores que se chamam fiscaes d'alfandega. — De Sirinagor, capital de Cachemira, até Lacknao, cidade populosa, situada entre o Ganges e o Gogra, ha trinta estações, em cada uma das quaes as fazendas estão submettidas a taxas arbitrarias, que no dizer do viajante Forster chegam ás vezes a tres e quatro por cento. Estas exacções exorbitantes, juntas ás despezas de longo e penoso transporte, augmentam prodigiosamente o preço do genero nas regiões inferiores da India, e fazem mui caros os chales antes que de Surrate ou de Calcuta venham para a Europa. D'aqui a raridade dos legitimos chales de Cachemira, suppridos nos mercados europeus pelo fabrico adulterino da França. — Não acontece assim para a parte de oeste de Cachemira, por onde a exportação foi sempre consideravel, pois que os povos musulmanos da Asia occidental ficam geralmente n'esta direcção, e ahi os chales teem grande valor e servem ainda mais para turbantes e cintas de homens do que para adorno de mulheres. — A Africa, onde os costumes teem tamanha analogia com os asiaticos, provê-se dos chales por via de Meca: na epocha da chegada das caravanas, a affluencia dos mercadores e dos curiosos e dos devotos é tão consideravel que a cidade sancta do islamismo toma o aspecto de uma grande feira. As que procedem da Asia veem carregadas das mais preciosas fazendas d'esta rica região: especiarias de Ceylão, do Malabar e das Molucas, cassas de Bengala, estofos do Decan, chales de Carbemira, tudo alli se acha, e tudo é objecto de commercio importante. Depois, uma parte d'estas mercadorias, embarcada em Jidá, porto da Meca, sobe pelo golpho arabico até Suez, e d'alli é levada ao Cairo em camellos: outra parte é transportada pelas caravanas que da Meca voltam para Alepo ou Damasco, ou para Tripoli, Tunes, Alger, Fez, e o interior da Africa musulmana.

Muitos chales das fabricas de Cachemira partem de Peichour pelo noroeste, para o consumo particular da Europa: atravessam o Afghanistan, a Persia, e o Caucaso, para chegar a Macarieff. — Moscow, cidade das mais proximas á Asia, e de certo modo muito asiatica, está sempre bem provida d'elles, e ahi vão negociantes francezes fazer as suas compras, como vão aos leilões da Companhia das Indias em Londres, e tambem a Constantinopola. Quando succedeu o incendio de Moscow, prodigiosa quantidade de chales de Cachemira foi devorada pelas chammas no Kremlin nas esplendidas lojas do Kitai-Gorod, ou cidade chineza. — Talvez que alguem goste de saber como a antiga capital da Russia veio a ser uma grande escala para este genero.

Na margem direita do Volga, defronte de Liskovo, ha uma aldeia, na apparencia a mais mesquinha do mundo; chama se Macarieff, do nome de S. Macario, padroeiro do logar. Está aldeia fez-se celebre pela feira que alli ha annualmente no mez de julho, ou, para melhor dizer, que alli havia; porque não ha muitos annos foi transferida para Nisnei-Novorogod, por causa da pequenez do precedente local. — A feira, assim mudada a distancia de algumas milhas, ficou sempre sob a protecção de S. Macario, é feita no dia da festa do patrono, e conserva e provavelmente conservará o seu nome até a consummação dos seculos. Não ha palavras para encarecer o como uma pobre feira, em sua origem limitada a bolos e frandulagens, veio a chamar tamanha concorrencia, que em sua comparação as maiores e mais conhecidas são reuniões insignificantes. — Verdade é que a sua situação sobre o Volga, quasi ao meio do corso d'este caudaloso rio, no centro do imperio russiano, entre a Europa e a Asia, a distancia igual do norte e do sul, offerecia muitas probabilidades de grande vantagem, favorecidas tambem pela estação em que a feira se ajuncta, e que permitte aos concorrentes, ainda que sejam das regiões mais remotas, recolherem-se a seus lares antes das invernadas. — Ahi se acham misturados russianos de todas as provincias, tartaros de todas as tribus, uma infinidade de nações, cujos nomes barbaros espantariam os leitores: ahi acodem gregos, armenios, persas, indios de Astracan, polacos, allemães, francezes, etc. — Faz admirar que os inglezes, que appareceu aos milhares onde cheira a negocio, e que os americanos, que com elles correm parelhas, alli se achem em diminuto numero, e os poucos que veem, só como curiosos. Seria curioso o quadro d'esta feira, por certo a mais notavel: limitar-nos-hemos, porem ao que diz respeito á nossa epigraphe — os chales de Cachemira —

e para esse fim recorreremos a testimunha ocular, Mr. Rehmon, cirurgião do imperador Alexandre.

(Continúa.)

Bosque petrificado de Portland.

Na ilha de Portland, ao pé da costa d'Inglaterra, encontra-se um dos mais curiosos monumentos das revoluções do globo e da tranquillidade com que algumas d'ellas se effeituaram. É um bosque da mundo antigo, cujas arvores ainda se conservam no seu logar com todas as raizes cravadas no solo em que outr'ora vegetaram. Petrificou-o a acção das aguas que vieram inunda-lo em epocha remota; mas chegou até os nossos dias tão bem conservado, que se presta aos estudos dos botanicos como os nossos bosques actuaes.

O solo vegetal, que tem doze a dezoito pollegadas de espessura, descança n'uma base de rocha calcarea; é de côr negra ou pardo escura, e contém grande porção de materia vegetal decomposta, como a que tambem hoje se encontra nos nossos bosques: consta de argila misturada com seixos. As arvores espalhadas sobre esta camada, á qual estão prezas pelas raizes, que chegam a entrar algumas vezes pelo fundo da rocha, distam umas das outras o espaço que de ordinario se guarda entre as de uma bem disposta matta. Quasi todas estão partidas na altura de um até tres pés; todavia algumas ha que chegam a seis pés, e mais. Os troços dos troncos partidos estão espalhados pelo solo e n'elle mais ou menos enterrados. É raro passarem estes fragmentos de tres a quatro pés; mas unindo tôpo com tôpo as porções correspondentes, torna-se a formar troncos inteiros de vinte e cinco a trinta pés de comprimento antes da primeira ramificação. Analysados attentamente os caracteres exteriores e a estructura interna d'estes troncos, conhece-se que pertenceram a arvores pouco differentes dos pinheiros araucarias, que só medram hoje no hemispherio austral, em clima mais quente que o nosso; mas a arvores d'uma especie particular, que já não se encontra entre os vegetaes que vivem no nosso globo. Ao pé d'estas grandes arvores se veem troncos muito mais curtos e de natureza em tudo differente. Se não conhecessemos a Flora de paizes longinquos, admirar-nos-hia a fórma d'estas plantas, que semelham, no seu todo, a uma alcachofra ou ananaz. Mas comparando-se com os troncos das plantas da familia das cycadeas, cessa toda a incerteza a respeito da analogia que teem com ellas; analogia que se dá não só na configuração externa, mas no modo por que nascem os gomos d'entre as escamas que as folhas caídas deixaram na superficie dos troncos, e na estructura interna d'estes, que appresenta, como nas cycadeas actuaes, um circulo de fibras lenhosas convergentes, comprehendido entre duas massas de tecido cellular, Por tanto nenhuma duvida resta de que este é um bosque antigo de vegetaes mais ou menos analogos aos nossos pinheiros araucarias, e ás nossas cycas.

A familia das cycas é interessante pela parte que teve no desenvolvimento da vegetação do mundo antigo. Hoje só dois generos a representam no globo: o genero zamia, e o genero cycas propriamente dicto. As principaes localidades onde se topam estes singulares vegetaes são a America meridional, o cabo de Boa-Esperança, Madagascar, as Indias, as Molucas, e a Nova-Hollanda; tambem se encontram fóra do hemispherio austral, na China e no Japão. Antigamente, como se vê por este exemplo e outros muitos, cresciam em copia estes vegetaes sob o céu da Europa. Acham-se com effeito numerosos vestigios d'elles nos depositos formados no territorio do nosso clima no periodo secundario, e os botanicos teem reconhecido, entre os restos descobertos até hoje, trinta e nove especies differentes. Uma propriedade mui notavel que teem estas plantas é a de formarem a transição entre as palmeiras, a que se chegam pela fórma da insersão das suas folhas e pela parecença de toda a sua configuração externa, entre as coniferas, que na estructura interna teem certos caracteres analogos, e finalmente entre os fetos, cujas folhas do mesmo modo se desenrolam dos gomos.

Esta prova tão manifesta da mudança que teve o clima das regiões em que vivemos, antes da terra ser habitada pelos homens, não é o unico motivo que recommenda o bosque de Portland á attenção dos pensadores. Os troncos de que fallámos, que appresentam tão perfeita analogia assim por fora como por dentro com as plantas das mesmas familias do mundo actual, não teem uma só parcella de substancia vegetal, mas estão completamente mudados, não em carvão de pedra, mas em pedra. A sua substancia é uma pederneira mais ou menos escura, mas translucida quanto basta para deixar vêr todas as fibras do antigo vegetal, que se distinguem pelas gradações da côr. Molecula por molecula, estes troncos de arvores foram realmente desapparecendo á medida que passava a substitui-las uma materia silicosa, a qual pouco a pouco se lhe introduziu nos poros. E' este um dos mais bellos exemplos de petrificação que se possa citar, tanto pela perfeição dos resultados como pela grande quantidade d'elles.

Mas este bosque torna-se principalmente recommendavel pelas reflexões que inspira ácerca da variabilidade da superficie da terra. Pelos mais irrefragaveis testimunhos attesta a variabilidade dos climas e da geographia. Com effeito, por ser formado o fundo da rocha, em que elle assenta, de substancia calcarea marinha e de conchas do mar, deve-se concluir que antes do periodo a que remonta a vegetação d'estas arvores, estava debaixo das aguas do mar esta parte do solo d'Inglaterra. Em certa epocha se alevantou este fundo do mar; n'elle se depositou uma camada de terra argilosa misturada com seixos, com muita verosimilhança pelo effeito dos rios que derramavam as suas aguas lodosas n'este baixo. Por fim o alteamento completou-se e a terra sobrepujou o nivel do mar; n'ella se espalharam sementes, e germinaram, e deram vida a arvores altaneiras, cuja idade é facil de medir pelo numero das suas camadas lenhosas. Gerações de arvores semelhantes succederam a outras gerações segundo todas as probabilidades. Além d'isso póde-se vêr em alguns pontos que o terreno soffreu por muitas vezes pequenas oscilações, por que se observam tres camadas de terra vegetal, com troncos de cycadeas separados uns dos outros por camadas de sedimentos marinhos. Mas este ultimo phenomeno não teve logar senão em espaços comparativamente restrictos, e, segundo se póde crêr, sobre pontos que pertenciam ao antigo littoral, e que o menor movimento bastava para pôr acima ou abaixo do mar.

Depois de ter estado fóra das aguas certo espaço de tempo, este paiz selvatico tornou a entrar n'ellas. Com effeito observa-se que o solo vegetal está coberto até uma certa altura por um deposito de marne ou marga contendo conchas d'agua doce. Houve por tanto um tempo em que o bosque, invadido pelas aguas, ficou formado o fundo de um lago situado na foz d'algum grande rio. Estas aguas doces, ao passo que nutriam as conchas cujos restos se vêem por cima dos troncos, depunham as folhas de marne calcareo e silicoso que constituem o forro do lago. Consideremos o bosque n'uma inundação permanente,

em consequencia d'um abatimento geral do solo: as arvores perecem em breve tempo, a parte dos seus troncos que ficou fóra d'agua apodrece pouco a pouco e vai caíndo em fragmentos dentro do lago, e se enterra um pouco no solo amollecido. Do amollecimento do solo do bosque acham-se claros vestigios. A' roda de certos troncos está a terra levantada em montinhos redondos, como aconteceria a arvores plantadas em terra molle se acaso lhes abalassem os troncos para todos os lados. Este abalo produziram-n'o naturalmente os ventos, no bosque de Portland, quando as suas arvores ainda estavam fóra de agua. Foi então sem duvida que se fez a petrificação ou transformação em materia silicosa, devida á natureza das aguas em que as arvores estavam mergulhadas, e que deixavam depositos de marne silicoso.

Mas não pára aqui: o solo continúa a abaixar, as conchas d'agua doce desapparecem; os depositos mudam de natureza e enchem-se de conchas marinhas. Desceu por tanto o lago e o mar invadiu-o. O abatimento cresce, e as camadas semeadas de conchas marinhas se vão sobrepondo, e chegam a ter, não qualquer pequena altura, tres mil palmos, para mais, de espessura. Baixou pois esta região toda inteira mais de tres mil palmos ao fundo do mar, e lá jazeu o tempo que é facil imaginar á vista dos depositos. E hoje está o véu levantado! Parte dos terrenos cobertos pelos bosque desentulharam-n'a as correntes; resurgiu do abysmo, e patenteia o segredo das revoluções pasmosas do mundo antigo. E facil de conceber que este terreno soffreu muitas deslocações, e não se alteou de uma só vez: incontestavelmente o prova a inclinação parallela das arvores e perpendicular ao solo, posto que fóra da linha vertical, de que não se desviariam a ter elle primitivamente a inclinação que hoje tem.

Qual era a extensão exacta d'este antigo paiz? Formava verosimilmente uma ilha; mas é muito difficil marcar-lhe os limites, em razão dos terrenos que se lhe sobrepozeram, e que não deixam chegar ao solo primitivo senão em alguns pontos. Comtudo reconheceram-se vestigios d'elle, não só na ilha de Portland, mas na costa d'Inglaterra, e até na França nas visinhanças de Boulogne. O phenomeno, porém, abrange um espaço de valor mediocre em comparação com a superficie total da terra; e póde-se até dizer que ainda estão acontecendo outros analogos, porque, depois de tremores de terra são muitas vezes submergidas grandes porções de terreno proximas do mar, e outras vezes, pelo contrario, alteam-se os fundos do mar e cobrem-se em breve de vegetaes.

Congelações nas grutas.

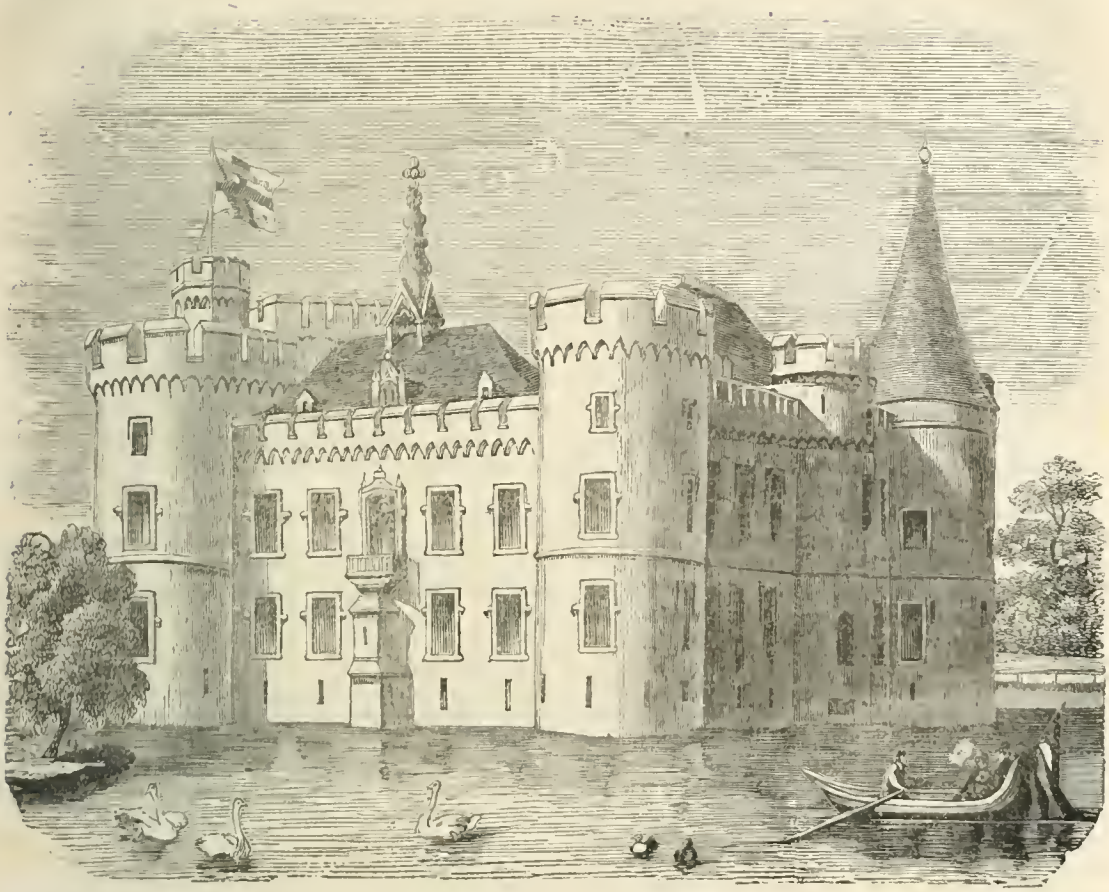
As aguas que contém carbonato calcareo em dissolução o depositam quando expostas ao ar e se evaporam; por isso, quando suam da abobada de uma caverna, formam certas massas pendentes, como caramellos, que se chamam *stalactites*: quando pelo contrario são tão abundantes que as gotas caem no chão, a materia calcarea se agglomera em pyramides que teem o nome de *stalagmites*. A pedra assim formada por deposito tem o nome geral de *alabastro*, sobre tudo quando conserva meia transparencia. A pedra da mesma denominação, que deu logar ao adagio «*branco como alabastro*» é de outra casta, de natureza gessoza e notavel pela alvura. Estas congelações por particularidades de formas, teem dado celebridade a algumas cavernas.

Em a serra de Alcubertas, em a nossa provincia da Estremadura, termo da villa d'Alcanede, ha uma gruta ou concavidade com a bocca para o sul, a qual se estende pela serra dentro um grande espaço. O padre Cardozo refere o seguinte: — «No meio d'esta gruta está uma penha como parede, á qual sobe-se por escada de mão, e passando para a outra parte se continúa a mesma concavidade outro tanto. Por toda esta gruta com as chuvas do inverno cáe alguma agua coada por entre as penhas da mesma serra, e quando chega ao concavo da lapa vai tão fria que se congela pelas paredes da mesma lapa e em outros penedos d'ella, e fica em bicos e castellinhos mui galantes e formosos; e se esta agua vem pura por entre as penhas e se congela sobre outras pedras limpas, fica mui branca e christallina; porém se passa por alguma terra ou se congela sobre terra, fica côr da mesma, que é entre vermelho e pardo; e estas são as mais que se acham, e ainda que na côr não são tão vistosas, os castellinhos são mui galantes, e cortados em pedaços com a pedra em que se congelaram servem para embrechados; d'estas pedras é feito em grande parte um curioso embrechado que temos no noviciado d'esta Congregação do Oratorio de Lisboa, servindo os castellinhos para formar as grutas de seis grutas em que estão alguns sanctos anachoretas: e a mais pedra quadrada, cortada em bocadinhos, serve de fazer columnas salomonicas, metas, festões, brutescos, vasos de flôres, reprezas e outras galanterias, obradas com grande engenho e arte. Tambem em algumas partes d'esta serra ha uns bancos de pedra, que por si se partem em pedaços, ou talhadas quadradas, á feição de azulejos ou tijolos, uns mais grossos e outros mais delgados, uns mais compridos e outros menos, e são mui brancas e claras, e quando lhes dá o sol em chapa lançam uns reflexos como se fossem espelhos, tem alguma semelhança na alvura com o christal. Todas estas se acham á flôr da terra, e se conhecem ao longe pelo resplendor e raios que de si lançam. São mui buscadas para matizar os embrechados, que lhes dão especial graça e galanteria.

Aduares dos mouros.

Os nossos historiadores que escreveram das cousas d'Africa fallam muitas vezes em *aduares*. Eis-aqui como os descreve concisamente D. Agostinho Manuel e Vasconcellos na *Vida de D. Duarte de Menezes*, 3.º *conde de Vianna*, escripta em hespanhol.

«Os aduares são umas povoações de cem ou duzentas barracas dispostas em roda, que farem um ambito redondo, onde os alarves recolhem os seus gados á noite. São de côr de burel negro, feitos de lã de pello de cabra e de folhas de palmeira, todas entrançadas e tecidas, que formam um panno grosso e muito tezo para resistir á furia do sol e da agua: estão assentadas tão junctas umas ao pé das outras, que formam um muro ao redor, e não se póde entrar n'elles senão por duas portas, e estas fecham n'as á noite com estrepes, para que os leões não entrem a fazer damno. Em arabe querem dizer circulo ou cousa redonda: usavam-n'os antigamente do mesmo modo que os usam agora os barbaros africanos. Ha auctor que affirma que d'esta fórma eram os tabernaculos e tendas dos ismaelitas cedarenos, negros abureiados, conformando-se ao uso da Arabia, da mesma côr e modo, mui conforme ao nome de Cedar, que é obscuridade e trevas. Com a invasão dos arabes se introduziram em Africa. Vivem nos campos e serras, seguindo os pastos melhores para os seus gados, que é de que se sustentam e subsistem.



O CASTELLO DE BOUCHOUT.

Nas visinhanças de Bruxellas, perto da deleitosa casa de campo de Lacken, que costumam habitar durante o bom tempo o rei e a rainha dos belgas, avulta um castello de aspecto inteiramente feudal: as suas torres, oito vezes centenarias, surgem, branqueadas e magestosas, d'entre a verde alcatifa de uma grande tapada: quem se avisinha d'esta fortaleza antiga, a vê espelhar-se n'um formoso e pequeno lago que lhe banha os alicerces. — É o castello de Bouchout.

I.

A lenda do fundador.

O castello de Bouchout foi edificado pelos annos de 1129 por Godofredo o barbudo, duque de Lothier, estado que comprehendia grande parte da Lorena e de todo o Brabante. A tradição e as lendas apossaram-se d'este personagem, e o fizeram heroe de uma d'essas epopeas que se contam ha oito seculos, aos serões junto á lareira, e de que apenas ha escriptos alguns esboços, ainda mesmo nos thesouros manuscriptos das bibliothecas.

Segundo essas tradições, Godofredo o barbudo, orphão em tenra idade, espoliado dos dominios paternos, não conservára do illustre sangue de Carlos Magno, de quem descendia, senão coração nobre, grande valor, perseverança a toda a prova, e o seu condado de Lovaina, que era a unica cidade do Lothier que não atraiçoára a causa do filho de seu senhor. — Quando Godofredo chegou á idade de dezeseis annos, e o pello macio e louro começou a dourar-lhe a barba, congregou em presença de sua mãi os seus vassallos principaes na igreja de Lovaina. Chegado o momento de levantar a hostia, o principe mancebo desembainhou a espada do pai, que cingira pela primeira vez, e a poz sobre o altar; e depois, apontando para a sagrada fórma, exclamou:

— «Pelo sangue do Redemptor e pela memoria de meu nobre pai, juro trazer nua a cinta esta espada, e não pôr navalha no rosto em quanto não entrar na posse de todos os dominios dos meus antepassados. . . A fraude e a violencia m'os roubaram quando era ainda muito creança para defendel-os. Acceitem Deus e os sanctos o meu juramento, protejam-me para cumpril-o, e castiguem-me se faltar a elle.»

Na voz e gesto de Godofredo manifestava-se tanta resolução e audacia, que todos os testimunhas do acto arrancaram tambem das espadas e clamaram

— «Sim! Sim! Derramaremos até a ultima gota de sangue, e daremos até a ultima moeda para servirmos em tão justo empenho.»

— «Não permitta Deus, meus senhores e meus dignos burguezes, que eu arrisque o vosso sangue de tanto preço, e que despeje as vossas bolças que tanto vos tem custado a encher. Sósinho, sem mais auxilio que a protecção divina, quero recobrar meus direitos e ganhar ainda mais amplos. Se eu perecer, ao menos não arrastarei ninguem com a minha ruina... Mas não succumbirei, ajunctou logo, porque uma voz celestial, que ouvi em sonhos, me inspirou esta resolução e me promette feliz successo.»

Tomou de novo a espada, nua a poz á cinta, e ajoelhou para se continuar o sacrificio da missa. Ao vê-lo rezar com fervor, sentiram-se todos repassados de confiança na empreza do conde mancebo, tanto mais que do momento de se aproximar elle á mesa da communhão, brilhou um grande clarão na igreja, e uma voz, suave como a de um anjo, e que por certo não era de outrem, saíu do sanctuario, e cantou distinctamente: — *Adjutorium nostrum in nomine Domini.* — Apenas pronunciou o nome divino, estalaram trovões com violencia; o castello desvaneceu-se como fumo; e Godofredo achou-se n'um cimiterio solitario, ao pé do seu escudeiro que rezava de contas na mão. O mancebo poz-se tambem a orar, porque percebeu que acabava de escapar ás insidias do espirito maligno; e seguiu jornada afim de encontrar o imperador.

Não bastariam dez dias com dez noites para enumerar todas as provas por que passou Godofredo no espaço de seis mezes que decorreram até chegar ao termo da sua viagem; desconcertou, pela sua piedade e valor e pelos conselhos do seu escudeiro, todos os enredos do demonio; soccorreu opprimidos, protegeu orphãos, venceu gigantes e monstros, e tão bem andou que por toda a parte eram admirados o seu nome e valentia. A fama de tantas proezas lhe devia servir de muito para com o imperador, que não podia ignora-las, pois que tão estrondosas e illustres ellas eram; porém, antes de apparecer ao seu soberano, largou as armas com brazões, por conselho do escudeiro, para vestir outras que só tinham por simples divisa uma cruz singela com este moto: *Deus seja em minha ajuda! A minha causa é boa.* Estava o imperador então mui triste e embaraçado; rebellára-se seu filho e acarretára á traição a maior parte dos senhores vassallos de seu pai: havia, sobretudo, entre elles um prejuro, por nome Henrique de Limburgo, que muito contribuíra para o filho conspirar contra o pai, e que dava conselhos scelerados e funestos.

Assim que Godofredo o barbudo avistou o acampamento do imperador, metteu d'esporas ao cavallo a fim de chegar mais depressa, e voltou-se para observar se o escudeiro o seguia. Com grande assombro seu viu-o todo de branco, e que desselava o cavallo, e tomava todas as disposições para não ir por diante, e passar alli mesmo a noite commodamente.

— «Então não queres acompanhar-me! E fazes conta de não ser mais meu escudeiro, pois que assim agora me abandonas?»

O companheiro sorriu-se e abanou brandamente a cabeça.

— «Penso que é prudente e de assizado conselho passar n'este sitio a noite para ámanhã comparecermos perante o imperador vosso amo.»

— «Amanhã!... ainda não é bem noite e vamos perder tempo precioso... Avante!»

— «Se o senhor persiste em partir já, por mim aqui ficarei; será o senhor que me larga, e não eu que o abandono.»

Godofredo, sem examinar os motivos da deliberação do escudeiro, abnegou a sua opinião para abraçar aquella; deitou-se na relva, resoluto a esperar pelo outro dia. — Chegou este e ainda o conde mancebo dormia á larga, mas os echos de trombetas e os clamores de combatentes o acordaram de sobresalto. Montou logo e subiu a uma eminencia; d'alli descobriu que as tropas do imperador estavam ás mãos com as do principe Henrique, e que n'aquella occasião o exercito do filho levava vantagem sobre os soldados do pai. O escudeiro, conforme os seus habitos taciturnos, metteu o cavallo a galope, alcançou o campo da batalha e entrou na refrega: escusado é dizer que o conde o seguiu. Chegados ambos mudou tudo de face. Os dois combatentes levavam a victoria onde quer que acudiam; nunca se viu a cavalleiros practicar façanhas como Godofredo: quanto ao escudeiro de branco, bastava-lhe estender o dedo n'uma direcção para se postrarem os batalhões, como tocados por força invisivel. Brevemente o principe Henrique se pôz em fuga com a sua gente, e viu-se com admiração o principe de Limburgo, que até alli estivera de observação, afastado sem carregar com sua tropa, cair sobre os fugitivos, soltando o grito de guerra do imperador, e voltando depois á frente dos seus e trazendo muitos prisioneiros, ajunctar-se ao monarcha. — Chegado á presença do seu soberano, pôz o joelho em terra e disse:

— «Mostrei atraiçoar-vos para melhor servir-vos: dignai-vos perdoar-me um fingimento que bastante me tem feito padecer, porque me produziu a vossa cholera sem que eu a merecesse.»

O imperador não se deixou lograr por esta mentira, e bem percebeu que o conde de Limburgo tinha manhosamente esperado que se decidisse a victoria para tomar o partido do mais forte. Não mostrou agrado ao Limburgo, guardando para mais tarde tracta-lo como elle merecia. — No entanto Godofredo e seu escudeiro estavam confundidos na multidão; mas os olhos do soberano os distinguiam maravilhosamente.

— «Vinde cá, valorosos incognitos; nós vamos deliberar no que muito nos importa: vinde tomar parte no conselho, porque vos devemos a victoria.»

Obedeceram, apearam-se, e entraram na tenda do imperador; e tendo este pedido a cada um o seu parecer:

— «A minha opinião, é, disse o conde de Limburgo, que se persiga o principe rebellado até cair, vivo ou morto, por força ou astucia, nas mãos do soberano que offendeu.»

Quantos ouviram este voto bateram palmas em signal de assentimento. O imperador enxugou uma lagrima, e voltando-se para Godofredo, o unico que não applaudíra:

— «Vós, senhor cavalleiro, qual é o vosso voto!»

— «Senhor, o principe Henrique é vosso filho; e o filho tem juz á misericordia de seu pai. Penso que seria conveniente enviar-lhe um cavalleiro para lhe declarar que tendes os braços abertos e que o vosso perdão só espera pelo seu arrependimento.»

O imperador, commovido, abraçou Godofredo e lhe disse:

— «O vosso parecer prevalecerá a todos, porque foi Deus que vo-lo inspirou. Eu vos encarrego de procurar meu filho; parti já, e a volta recebereis a recompensa que pedirdes. No entanto não tendes que requerer de mim algum galardão?»

— «Só um, respondeu Godofredo; peço a vossa magestade o favor de não levantar a minha viseira e de não dizer meu nome até a minha volta.»

— «Teria grande contentamento em saber quem

sois; porque não conto entre os meus cavalleiros vassallo mais valoroso e mais avisado do que vós; mas faça-se como desejais.»

Godofredo se poz logo a caminho, guiado por seu escudeiro; mas no espaço de duas semanas não poude alcançar o principe Henrique, taes eram os obstaculos de toda a casta que lh'o impediam: a final encontrou-o ao pé de Bruxellas, quando menos esperava e vinha de volta já descoroçoado. Immediatamente lhe fallou, e com voz respeitosa mas firme lhe disse:

—«Senhor, venho da parte do imperador, vosso pai e meu amo, exhortar-vos ao arrependimento e trazer-vos proposta de perdão.»

—«Vindes do outro mundo, bradou descortezmente uma voz, que Godofredo reconheceu ser do conde de Limburgo: o imperador Henrique III morreu ha oito dias; e estais fallando ao vosso soberano, Henrique IV.»

As risadas da assembléa, a estas palavras, desconcertaram algum tanto Godofredo; mas o novo imperador fez signal que se calassem.

—«Mancebo, sois bom e leal subdito; desarmastes a justa cholera de meu pai contra mim; abençoou-me, em logar de me amaldiçoar, no leito da morte; a vós é que devo esta felicidade. Dizei, quem sois?»

O anjo branco adiantou-se antes que seu amo supposto fallasse.

—«Este cavalleiro é o senhor conde Godofredo de Lovaina, despojado, em sua infancia, de seus estados pelo conde Henrique de Limburgo.»

—«Ah!... acudiu o imperador; estimo... eu lhe restituo todas as terras do Lothier, e os dominios que lhe roubou um traidor que enganou successivamente a meu pai e a mim. Ainda mais; dou-lhe minha irmã em casamento. Prendam o conde de Limburgo, e sepultem-n'o para sempre n'um carcere. Godofredo, abraçai vosso cunhado.»

—«Está consummada a minha missão; posso voltar para o céu»—bradou o escudeiro branco, que despregou duas azas de oiro e desappareceu por entre as nuvens, porque era um anjo que Deus tinha enviado para proteger Godofredo. *(Continúa.)*

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali!—
Ma per far la to vendetta,
Sta siguro, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

VII.

O CIRURGIÃO que devia fazer a autopsia dos dois cadaveres tardou muito. No caminho fôra apenado por Giocanto Castrioni, camarada de Brandolaccio, e convidado com a maior polidez para ir curar um ferido. Levaram-n'o ao pé de Orso, a quem applicou o primeiro curativo, e depois o honrado Castrioni encarregou-se de o conduzir até uma grande distancia, fallando-lhe dos mais afamados professores de Piza, que eram, dizia elle, seus amigos intimos.—«Doutor, accrescentou o salteador-theologo á despedida—estimo-o tanto que é conveniente advertir-lhe que o segredo é a alma do medico e do confessor.» E ao mesmo tempo batia no cão da espingarda. «Já se sabe; vêr, ouvir, e calar, que é a antiga regra de bem viver. Adeus.

Por causa d'este encontro era que o cirurgião chegava tarde e um pouco perturbado.

Quasi ao pôr do sol Colomba e miss Lidia saíram da villa, e conversando sobre a aventura de Orso, objecto de extremo interesse para a bella ingleza, alongaram-se insensivelmente de Pietranera. No fim de um quarto de hora de subida por montes ingremes acharam-se n'uma assomada coberta de myrthos. Miss Lidia estava muito fatigada, e a noite ia cerrando.

—«Minha querida Colomba, parece-me que nos perdemos. Pietranera deve estar por força ali, onde se vêem aquellas luzes...»

—«É verdade, respondeu Colomba, mas a dois passos d'aqui... nas mattas... posso vêr e abraçar meu irmão...»

Miss Nevil recuou sobresaltada.

—«Mas o que hão de dizer de mim, Colomba? É tão tarde!... E Orso o que pensará!»

—«Ha de pensar que os seus amigos o não desamparam.»

—«E meu pai?...»

—«Sabe que saíu comigo... Então!... Esta manhã viu o retrato d'elle e á noite vê o original...» ajunctou com um sorrir malicioso.

Lidia córou, e sem dizer mais nada fez signal de que estava prompta. Colomba apertou-lhe a mão e principiou a andar com tanta rapidez, que a sua amiga mal a podia acompanhar. Cinco minutos depois, parando de repente, a irmã de Orso disse:

—«Agora, para nos não expôrmos a algum tiro, é preciso avisa-los.» E assobiando por entre os dedos soltou um silvo longo e estridente, a que immediatamente responderam os latidos de um cão. Passados instantes appareceu a sentinella avançada dos bandidos, o nosso conhecido velho Bruseo, o qual, affagando Colomba, lhe foi servindo de guia.—Torcendo por muitas voltas nas estreitas sendas do bosque, foram encontrar-se com dois homens bem armados.

—«Es tu, Brandolaccio? perguntou Colomba.—E meu irmão onde está?»

—Lá em baixo, replicou elle. Mas devagar!... Dorme.»

As duas mulheres adiantaram-se com cautela. Ao pé da fogueira, escondida detraz d'um muro de pedra solta, Orso repousava deitado n'um feixe de palha secca e embuçado no seu capote. Estava muito pallido e tinha a respiração alta. Colomba assentou-se juncto d'elle, e, contemplando-o silenciosa e com as mãos erguidas, parecia extasiada em oração mental. Lidia, pondo o lenço na cara, encostou-se ao hombro da sua amiga, e de vez em quando estendia a cabeça para vêr o ferido. Finalmente Orso acordou.

Apenas elle abriu o olhos, Colomba deitou-lhe os braços ao pescoço, e, sem o deixar responder, proferiu mil perguntas ternas e inquietas. Orso, entretanto, parecia ter um só pensamento na cabeça. No meio dos padecimentos atrozes que o pungiam, e dos receios que o atormentavam, o amor, mais forte, queimava-lhe no coração, e perseguia-o incessantemente de esperanças e duvidas; aquellas, tão doces que as não ousava acreditar, estas, tão crueis que sentia esmorecer o animo se acaso se demorava a combatê-las. A imagem de miss Nevil apparecia-lhe nas solidões dos bosques, por entre os vultos sombrios dos bandidos, sorrindo meiga de saudade, como anjo consolador, cujas azas escondiam as duas covas salpicadas de sangue, onde jaziam os dois inimigos da sua casa. Diante d'essa visão, radiosa de formosura e innocencia, as sombras do remorso desvaneciam-se; porque

a paz da consciencia, e a aventura que perdêra ao pizar a terra natal, só d'ella as ousava esperar ainda.

Foi por isso que Orso só achou palavras para perguntar a sua irmã se miss Lidia ainda estava em Pietranera, e se respondêra á sua carta. Colomba, inclinada sobre o rosto do mancebo, occultava-lhe inteiramente a sua bella amiga, que, mesmo sem isto, a obscuridade da noite, quasi serrada, lhe não deixaria perceber.

— « Não, Orso, replicou Colomba; miss Nevil não me entregou nenhuma carta . . . Mas tu tens-lhe muito amor? pensas n'elle sempre? »

E em uma das mãos segurava a da tremula ingleza, e com a outra erguia brandamente a face do ferido.

— « Se a amo, Colomba! . . . amo-a tanto, que não me queixaria de morrer, só pela vêr agora um instante só . . . Mas ella . . . que mal me conhece, ha de desprezar-me hoje . . . Esta idéa é que me mata! »

Ouvindo isto miss Nevil forcejou para retirar a mão d'entre as de Colomba, mas debalde. Com um sorriso de malicia infantil a linda filha de Corsega apressou-se em responder:

— « Desprezar-te ella! . . . se soubesses! . . . Olha, Orso, quero-te contar muita cousa a esse respeito . . . »

A mão captiva tornou a querer fugir, mas a de Colomba, mais firme, cada vez a approximava mais das de Orso.

— « Mas por que me não respondeu? . . . duas linhas, uma lettra só que fosse! . . . enganas-me. Ella não poude supportar esta terra, partiu já! . . . »

A força de attrahir a mão de miss Nevil, Colomba conseguiu a final juncta-la á de seu irmão. Então, afastando-se de repente, e com uma rizada d'alegria, exclamou:

— « Orso, pedi a resposta a miss Lidia. »

A ingleza, vermelha como um coral, balbuciou sons inintelligiveis. Della Rebia cuidava que tudo isto era ainda um sonho.

— « Miss Nevil, aqui! como se atreveu? . . . Ah! esta felicidade é tamanha . . . que ainda duvido d'ella . . . »

E tentava erguer-se para lhe beijar a mão.

— « Acompanhei, Colomba, disse Lidia, não queria que suspeitassem que vinha aqui . . . e depois eu desejava tambem saber . . . Mas que mal está n'este ermo! »

Colomba, assentando-se atraz de Orso e levantando-o com cuidado, encostou-lhe a cabeça ao joelho. Depois passando-lhe os braços á roda do pescoço, fez um aceno a miss Nevil para que se aproximasse.

— « Vamos, mais perto, mais perto! Não obrigue o doente a fallar alto. »

E como Lidia hesitava, pegou-lhe na mão, e obrigou-a a assentar, tão chegada a Orso que o vestido tocava no capote, e os dedos pouzavam no hombro do mancebo.

— « Agora sim — estão como devem estar, disse Colomba. Então, Orso, não se passa bem na charneca, n'uma noite d'estas? »

— « Linda noite, que nunca ha de esquecer! »

— « Mas não póde ficar aqui, insistiu Lidia; é necessario voltar a Pietranera. Esta desgraçada aventura não terá consequencias . . . A minha partida, accrescentou suspirando, espero que levarei a feliz certeza de estar reconhecido o seu valor e lealdade. »

— « Partir, miss Nevil, já! . . . pelo céu não m'o diga n'esta hora . . . sou tão ditoso! »

— « Por força ha de ser! meu pai não póde caçar sempre . . . e talvez o mais cedo seja o melhor para nós ambos. »

Orso arrancou um suspiro e descaiu a cabeça sobre o peito. Seguiu-se um momento de silencio.

— « Nós é que a não deixamos partir, acudiu Colomba. Ainda ha muito que fazer em Pietranera . . . Mas que tem Brusco? . . . Ahi vem Brandolaccio . . . Vamos vêr o que é! »

E erguendo-se, deitou sem ceremonia a cabeça de Orso no collo de miss Nevil, e correu direita ao bandido.

Envergonhada de ficar assim só com um mancebo quasi nos braços, a bella ingleza não se atrevia nem a arredar-se, por não molestar o ferido, nem a levantar o rosto por timidez; porém Orso arredou-se logo e apoiando o corpo no braço direito, disse:

— « Oh! miss Nevil, partir já! . . . tem razão, esta miseravel terra não merece que esteja aqui . . . e apesar d'isso, cada vez que me lembro de que nos havemos de separar é uma dôr, que me arrebenta o coração . . . Sou um official pobre, sem esperanças, e proscripto hoje . . . que momento para lhe declarar que a amo! . . . é a primeira, e de certo a ultima vez. Depois, morrer aqui, ou nos desertos da America, pouco importa. Em toda a parte se acha um punhado de terra para cobrir um cadaver. »

Miss Lidia desviou a cabeça, como se a obscuridade não fosse bastante para esconder a sua confusão.

— « E eu viria aqui — respondeu ella com voz tremula — se não fosse . . . » — fallando assim, mettia-lhe no dedo o annel que lhe dera em Ajaccio. E, vencendo um pouco a sua torvação, accrescentou: — « E mal feito fallarmos n'estas cousas n'uma charneca, entre bandidos . . . Aqui não podia, ainda que quizesse, enfadar-me . . . como devia. »

Orso, desbruçando-se para lhe beijar a mão, perdeu o equilibrio, e caiu sobre o braço ferido. A dôr arrancou-lhe um grito.

— « E eu é que tive a culpa! . . . » exclamou ella, levantando-o. O rosto de ambos encontrou-se, e o mancebo ousou imprimir-lhe nos labios um beijo ardente, que não foi repellido. — N'este instante Colomba, correndo precipitadamente, gritou de longe:

— « Os soldados! . . . Orso; levanta-te, foge! »

— « Deixa-me. Dize aos bandidos que se salvem. Eu fico; mas pelo amor do céu, leva d'aqui miss Lidia, que a não vejam. »

— « Eu é que o não deixo, » disse Brandolaccio.

— « Nem nós tambem, » acudiram as duas mulheres.

— « Não, deixem-me. Em nome de Deus, Colomba salva miss Nevil, ou não tornas mais a vêr-me! »

Mas Colomba e Brandolaccio tomaram-n'o nos braços, e este ultimo, carregando-o aos hombros, começou a descer a ladeira no meio das ameaças do ferido. Correram assim algum tempo, ouvindo d'espaço a espaço os tiros dos soldados, a que respondia a intervallos a espingarda de Orso, atirada pelo theologo Giocanto Castrioni. Por fim Brandolaccio declarou que já não podia mais, e deixou-se cair no chão, a despeito das reprehensões de Colomba.

— « Onde está miss Nevil? » perguntou Orso.

Disseram-lhe que assustada pelos tiros, e detida a cada passo pela altura e aspereza do matto, naturalmente tinha perdido o rasto dos fugitivos; Brandolaccio assegurou que não corria o menor perigo.

— « Ahi vem um cavallo, exclamou Colomba, estamos salvos! »

Effectivamente um cavallo, espantado pelo estrondo dos tiros, corria para aquelle sitio.

— « Estamos salvos! » gritou Brandolaccio. Correr ao cavallo, segura-lo pelas crinas, passar-lhe na bocca uma laçada em vez de freio, foi obra d'um instante para o bandido, auxiliado por Colomba. — « Agora vamos avisar o nosso cura, Castrioni » disse elle. E assobiou duas vezes — um silvo distante res-

pondeu ao signal, e logo depois a espingarda ingleza emmudeceu. Então Brandolaccio saltou no cavallo, e Colomba ajudou seu irmão a collocar-se diante d'elle, que o segurava com um dos braços, em quanto a outra mão dirigia a redea. Apesar do pezo duplicado, o cavallo, robusto e generoso, partiu a bom gallopar por uma mouta empinada.

Colomba tornou então atraz, chamando miss Nevil com toda a voz, mas ninguem lhe respondeu. Depois de vaguear em busca d'ella algum tempo, foi encontrar á bocca d'uma senda dois soldados, que a mandaram parar.

— «Quantos mortos trazem da sua campanha, camaradas?» perguntou ella rindo.

— «Estava com os bandidos, disse um dos soldados, ha de vir comnosco.»

— «De certo; preciso d'escolta. Mas tenho aqui uma amiga; e antes é preciso saber onde está.»

— «Já foi preza. Hão de ir ambas dormir á cadeia.»

— «Sim? Deve ser curioso!»

Poucos minutos depois estavam junctas as duas amigas, e escoltadas pelo destacamento encaminharam-se para Pietranera.

Quando chegaram, antes de entrar em casa do prefeito para onde as conduziam, Colomba, apertando o braço a miss Nevil, murmurou-lhe ao ouvido:

— «Meu pobre irmão, como ha de estar! Mas eu conheço que m'o ama, pelos menos tanto como eu.»

Miss Lidia apertou-lhe a mão sem responder.

— «Quando a ouvi conversar tão baixo com Orso, entendi logo que tinha alguma cousa que dizer a seu pai.»

— «Ah, Colomba, que traição!... E o que hão de dizer?»

— «Que se perdeu na charneca.»

— «Fazer-me isto, a mim que tinha tanta confiança na sua amizade!»

Colomba, sorrindo, passou-lhe o braço á roda do corpo, e beijando-a na fronte, disse em voz baixa:

— «Minha querida irmã, perdoas-me?»

— «Que remedio, minha terrivel irmã!» replicou Lidia, dando-lhe outro beijo.

Quando subiram, o coronel, pela vigesima vez, voltava a buscar noticias de sua filha. A sua inquietação crescia a cada momento. De repente annunciaram a apprehensão de duas espias dos bandidos, e debaixo d'este honrado titulo foram introduzidas na sala onde sir Thomaz Nevil, o perfeito e o procurador regio se achavam reunidos. É facil de suppor qual seria o pejo de Lidia, o desafogo de Colomba, o espanto do perfeito, a alegria e assombro do coronel. O procurador regio, moço e malicioso, procedeu a uma especie de interrogatorio, que terminou por elle confundir de todo a timida e assustada ingleza.

— «Julgo, disse o prefeito, que podemos soltar ambas. Estas senhoras foram passear, e por acaso encontraram um mancebo amavel e ferido — nada era mais natural do que fallar-lhe.» — Depois, chamando Colomba de parte, ajuntou: — «Póde mandar dizer a seu irmão que o seu negocio está excellentemente figurado. O exame dos cadaveres e o depoimento do coronel provam que elle estava só, e não fez mais do que defender-se. Tudo se ha de arranjar, mas é necessario que venha entregar-se á justiça e sollicitar o seu livramento.»

Eram onze horas quando o coronel, Colomba e Lidia se assentaram á mesa. Colomba devorava com appetite, escarnecendo o prefeito, os advegados e os soldados. Sir Thomaz comia silencioso, olhando a cada instante para sua filha, que não levantava a vista. Por fim em tom meigo mas grave:

— «Lidia, perguntou elle em inglez, estás compromettida com della Bebia?»

— «Sim, meu pai — desde esta tarde» respondeu ella córando, mas com voz firme.

Depois, fitando o pai, e não o vendo com mostras de cholera, foi-se-lhe lançar nos braços.

— «Está bom!... É um bello rapaz. Mas, por Deus, havemos de saír da sua excommungada patria, ou nego o meu consentimento.»

— «Não sei inglez, acudiu Colomba, mas aposto que adivinhei o que disseram?»

— «Diziamos, replicou o coronel, que a haviamos de convidar para vêr a Irlanda.»

— «Com todo o gosto, coronel. Serei a *surella Colomba*. Toquemos as mãos.»

— «O costume em taes casos é abraçarem-se as irmãs, e beijarem-se os pais.»

Colomba foi collocar-se ao lado de Lidia, e o coronel, despejando o ultimo copo de vinho, retirou-se rosnando entre dentes:

— «Orso é um excellente companheiro, mas não ha de viver n'esta amaldiçoada terra.»

COSTUMES DA LUSACIA.

Entre as duas capitaes, Dresda do reino de Saxonia, e Breslau da provincia de Silesia, estende-se uma planicie fertil e ondulosa, dividida em duas partes chamadas alta e baixa Lusacia, e que está repartida entre a Saxonia e a Prussia: cincoenta mil habitantes do lado da primeira, e duzentos mil

do lado da Prussia, é quanto resta de uma população slava, que no VI seculo se havia derramado pelo meio da Thuringia, do territorio de Anhalt e de uma parte da marca de Brandeburgo, e que está ao presente encravada, estreitada n'um acanhado districto da Allemanha. No seculo XIII ainda este povo gozava de notavel influencia em muitos paizes do norte d'este imperio; nas ruas de Leipsick fallava-se o slavo, e bom numero de aldeias e senhorios conservavam desde essa epocha denominação slava; actualmente este dialecto estrangeiro some-se de dia para dia até na provincia onde se refugiou a tribu nomada, que o conservára atravez de tantas vicissitudes e por tantos seculos; a linguagem allemã o substitue nas escholas, pulpitos e actos publicos. Talvez que brevemente essa tribu derradeira da antiga raça esclavonia, que amedrontou e subjugou parte dos paizes germanicos, venha a perder até a memoria de sua remota origem, e tambem os seus usos tradicionaes, para adoptar o idioma, leis e costumes da casta allemã, que a cerca por todos os lados.

Uma parte d'esta familia eslavonia é protestante, outra parte catholica; os estrangeiros os designam pelo nome generico de *vendes*; pela maior parte se occupam todo o anno nos trabalhos agricolas e criação de gado. Antigamente, além do dizimo que pagavam, deviam estar ás ordens de seus respectivos senhores quando fossem requeridos, com seus cavallos e carroças, ou para lhes lavrarem as terras, ou para lhes prepararem a habitação, e até para os transportar d'um para outro sitio: libertos actualmente d'aquella especie de servidão, cultivam em paz seus campos, e administram sem olheiros os seus bens ruraes. O pai de familia exercita sobre quantos se lhe aggregam auctoridade patriarchal; rege, determina, e todos lhe devem obedecer: em quanto anda occupado fóra de casa, governa a mulher em seu logar; na verdade é quem manda na auseneia do marido, mas quando este volta deve ser a primeira a dar exemplo de obediencia. — Nas laboriosas casas dos *vendes* todos têem suas tarefas e attribuições; os filhos que ainda não são bastante robustos para ajudar o pai nas lidas campestres, os velhos que já não podem guiar a relha do arado, passam o dia a fiar lã, canhamo ou linho. Ha assembléas regulares de pessoas que fiam desde a manhã até á noite como se fôra n'uma fabrica, com a differença que cada um trabalha por sua conta. Para os que podem occupar-se n'outro lavor só começa a fiação em 11 de Outubro e finda na quarta-feira de cinzas. Arrancha uma duzia de pessoas para irem de roca e fuso n'um inverno para uma casa e n'outro inverno para outra: o primeiro dia d'este industrioso ajunctamento é de festa. A dona da casa onde se reunem as que fiam aos serões n'uma invernada, appresenta-lhes n'esse dia um ganso bem assado e um prato de vacca: começa a tarefa ás sete da tarde e demora-se até ás dez, excepto aos sabbados, que acaba uma hora mais cedo. Todos estes serões são muito alegres e animados: ora as raparigas cantam em côro cantigas populares ou xacaras; ora uma santa velha refere as historias de fadas e encantadores que aprendêra na infancia; e de tempos a tempos interrompe-se o fio usual d'esses cantos e narrações com uma concorrencia mais festiva e ruidosa: os mancebos pertencentes ao rancho annunciam que em tal dia se apresentarão na casa da fiação; e trazem comsigo bilhas de cerveja e frascos de aguardente; então depõe-se a roca para dançarem ao som dos instrumentos de que usam. Em vespera de Natal ha uma reunião mais grave e solemne, especie de juizo em que se examina o trabalho das fiandeiras, e são muletadas as que não fiam bem igual e as que deixam ír gudilhões de lã pegados ao fato: a sentença dá-se em meio das risadas da assembléa, e as culpadas recebem a sua amnistia n'uma dança geral. No dia seguinte festeja-se em cada casa a solemnidade do Natal: — uma donzella vestida de branco entra no quarto em que a familia está juncta, tendo n'uma das mãos uma varinha e na outra um panno cheio de nozes e maçãs, e diz: — «Ha aqui meninos bons?» — Responde-lhe: — «Ha.» — E apparece toda a rapaziada da casa: pergunta-os ella a um por um, e aos que respondem mal dá-lhes alguns leves toques com a vara, e aos que se explicam bem reparte os presentes que traz da parte do Menino Jesus: é um exame carinhoso mas serio, que se passa perante os cabeças da familia, e que nos corações da infancia causa profunda impressão.

No verão festejam-se outros dias, principalmente o de S. João e das ceifas. Acabada a colheita os segadores conduzem a casa o ultimo carro de trigo, que no cimo da carga traz um molho de paveias engrinaldado de flôres: bandos de raparigas precedem o carro trazendo ancinhos enfeitados de ramos e corriolas ou campainhas do campo; seguem-n'as os jornaleiros em duas filas a modo de procissão cantando um hymno religioso. Junctam-se no pateo da vivenda rustica; os cantos continuam até a ceia; e depois d'esta, na qual apparecem (rarissimo caso!) muitas garrafas de vinho, começam os bailes; a dona da casa é sempre quem rompe a dança, e a festa deita até o raiar da aurora.

O canto é um dos prazeres habituaes d'esta boa gente; encontra-se nas mais simples aldeias da Lusacia ranchos de cantores, todos camponezes mancebos, que em certas epochas do anno andam cantando ás portas dos recem-nascidos, ou dos que estão para casar; começam o gyro de ordinario pela meia-noite, e ás vezes ainda se acham pela madrugada dirigindo a sua harmoniosa saudação aos que acabam de vir ao mundo, ou aos que pelo casamento vão entrar em vida nova.

Os antigos usos dos *vendes* apparecem sobre tudo nos funeraes e nas funções familiares. Quando fallece um camponez, os parentes e amigos associam á sua magua os animaes de que elle cuidara quando vivo: uma pessoas da casa vai bater nos cortiços e grita: — «surgi, abelhinhas, levantai-vos, já não tendes o vosso bom dono.» — E um criado leva ao gado ração extraordinaria de feno ou de aveia. Não escarneçamos d'estes habitos ingenuos: ha entre o homem do campo e os animaes que o servem em sua penosa lida maviosas relações. Não é dotado de completo sentimento de compaixão aquelle que, enternecendo-se sómente com as miserias humanas, póde vêr sem abalo o cavallo titulante na estrada se puxa por uma carga de sobejo pezada, ou o boi desfallecido arando de manhã até a tarde um chão pedregoso.

Os baptisados solemnisam-se na Lusacia com grande pompa: dão á creança muitos padrinhos, e recitam sobre o berço quantidade de religiosas e ternas orações: seus pais sabem por experiencia de quantos embaraços e juncado o trilho da vida, e quereriam preservar das afflicções por que passaram a sua querida prole, dando-lhe em nome de Christo muitos tutores e invocando para elle as bençãos celestes.

O SABER sem riqueza é como um pé sem sapato, e a riqueza sem o saber como um sapato sem pé.

(*Extrahida do Talmud.*)

A VINGANÇA DO HOMEM BRANCO.

Scena da vida dos indios selvagens da America Septemtrional.

I.

Nas margens do Maria, a pouco mais distancia da de um dia de jornada do sitio onde este rio mistura a sua corrente com as agoas turvas do Missouri, ardiam debaixo das arvores, que assombreavam as ribanceiras do pequeno rio, as fogueiras de um bando de mancebos caçadores, da tribu dos *Pés-Negros*, os quaes se tinham afastado do corpo da tribu para celebrarem os mysterios que os haviam de elevar á dignidade de guerreiros. A uns cem passos d'este logar estava um wiguam (ou *choupana india)* agudo e alto, levantando-se da terra como uma pyramide, em cujo interior mal podiam penetrar alguns raios de luz por entre a ramagem fortemente entrelaçada.

No mais profundo silencio aquelles mancebos em numero de vinte e oito tinham os olhos pregados no chão, entretido cada um com os seus proprios pensamentos lugubres, quando de repente se ouviram no interior do wiguam os sons altos e compassados de um tambor. Obedecendo ao chamamento todos successivamente se levantaram, sem tirarem os olhos do chão. O primeiro que chegou levantou a pelle de bufalo que tapava a entrada estreita e baixa, segurando-a até o ultimo ter entrado, e entrando elle depois tornou a tapar a entrada deixando caír a pelle.

O interior, de fórma circular fechando no alto em ponta, que teria trinta pés de altura, estava ornado com varios utensilios, armas, mantas e *escalpos* (1), sobresaindo a pelle de um bufalo branco, offertas consagradas ao Grande Espirito; e no centro onde se reuniam as varas que sustinham a construcção, estava pendurada, ainda ensanguentada, a cabeça de um enorme bufalo, toda rodeada de fumo que não tinha por onde sair.

Sem fazerem a menor bulha todos aquelles mancebos tomaram os seus logares em roda da fogueira, e o que tinha tocado o tambor desenrolou uma pelle branca e macia, e tirou o cachimbo de paz, com um tubo ou pipo largo a comprido, ornado de jerogliphos significativos, e com pennas de aves de côres vivas até a chaminé, feita de barro encarnado; encheu-o de tabaco e hervas odoriferas, poz-lhe em cima uma braza e levantou-o com solemnidade: aspirando o fumo deitou-o pelo nariz; tomou o tubo com ambas as mãos, inclinou-se para diante até tocar com o cachimbo no chão, e repetiu a aspiração; passou então o emblema de união ao que estava á sua direita, e d'este modo andou em roda, circulando as offertas feitas ao Grande Espirito, bem como a cabeça do bufalo

Houve uma pausa de alguns minutos, até que um dos mancebos se levantou, estendendo o braço e disse: — «Manitoú (assim denominam os selvagens o Ente Supremo) os nossos corações ardem em desejo de encontrarmos os nossos inimigos: as nossas armas estão afiadas e as nossas flechas aguçadas — os nossos olhos estão claros — seguem o vôo da aguia até o mais alto penhasco da montanha, — descobrem o rasto que a panthera deixa na rocha dura; mas feiticeiros malevolos se entremettem, e nos encevdam a vista, enganam-nos com rastos fingidos e afugentam a caça do nosso territorio. Manitoú, estende o teu braço sobre nós; conserva-nos os olhos claros e os braços fortes; faze-nos encontrar bufalos e a antilope pastando. Manitoú, guarda-nos do poder dos feiticeiros.

Sentou-se; e o que lhe ficava immediato á direita, erguendo-se, continuou as preces: — «Manitoú, estende o teu braço e salva-nos dos maleficios dos feiticeiros: elles são fortes e poderosos; podem incutir-nos doenças e quebrantar-nos os braços; mas tu has de destrui-los. Mostra-nos o rasto dos nossos inimigos; e nós te tributaremos ricos despojos — *escalpos* e mantas quentes; um cavallo novo e forte e uma caldeira de cozer a caça: Manitoú, guia-nos ao rasto dos nossos inimigos.»

Então se levantou um dos que estavam sentados defronte, e estendendo ambos os braços por cima da fogueira, disse: — «O fumo do cachimbo da paz subiu com as nossas preces aos pés do Grande Espirito: elle sabe que nós estamos aqui reunidos; não só vê o nosso sacrificio e as nossas offertas; mas tambem ouve o nosso juramento. Os paconis e kausaus, os chochonis e artapaóes tractam e negoceam com as caras pallidas (1), — devem morrer. Elles têem medo dos homens brancos; espalham a mentira de que os brancos atravessaram a agua grande em monstruosas canôas com azas, e que manejam armas que um homem não póde abraçar: — arrastem-se no pó; — nós os *Pés-Negros* queremos vingar o sangue dos nossos irmãos assassinados; — os caras pallidas devem morrer. Nós amamos a terra onde os nossos maiores estão enterrados; nós prezamos as nossas familias e os nossos amigos; e o sol não ha de illuminar o dia em que voltemos sem termos derramado o sangue dos nossos inimigos; e nós te offertaremos o melhor despojo.»

Depois d'isto todos se levantaram e repetiram o juramento solemne; e, seguindo os tons reguladores do tambor, principiaram as danças sagradas. A principio andaram a passos apausados em roda da fogueira; mas os sons gradualmente apressados do tambor os animaram; os movimentos foram-se tornando mais rapidos e energicos, até que com o grito de guerra na bocca, cansados e quasi desfallecidos, caíram no chão para então receberem em sonhos os conselhos dos valentes que morreram nas batalhas, e as prophecias das suas campanhas futuras.

Tres dias e tres noites repetiram estas ceremonias agradaveis ao Grande Espirito, e em todo este espaço nem comeram nem beberam, nem saíram do wiguam; mas logo que ao quarto dia o sol despontou no oriente, reunidos á borda do rio nomearam d'entre si para seu caudilho o filho de um cacique, o qual na ultima caçada se tinha distinguido pela sua intelligencia. Com animo ousado, quando no ultimo inverno estavam exhaustas as provisões, e a caça se tinha tornado escaça, tinha elle entrado na caverna de um urso pardo, e matando-o tinha distribuido a carne aos esfomeados. Sete pelles de pantheras estavam penduradas no seu wiguam, e suas irmãs reposavam em pelles macias de caça que elle matára. Todos unanimemente acclamaram o *Fuinha* (nome que a sua astucia e velocidade lhe tinham grangeado) por seu capitão; e concordaram no logar em que passados tres dias se deviam encontrar para começarem as suas operações de guerra.

— —

Tres semanas se teriam passado depois da solem-

(1) Em falta de termo proprio em portuguez, pareceu-nos que não havia inconveniente em adoptar este, admittido em diversas linguas, para significar a pelle da cabeça dos mortos em batalha, arrancada com os cabellos, por meio de um golpe circular, para ficar servindo de trophéu ao vencedor, segundo o estylo de muitas nações de indios americanos.

(1) Os nossos leitores não ignoram que os indios americanos são côr de cobre, e que por isso todos os brancos se lhes figuram pallidos; d'onde nasce a expressão de *caras pallidas* com que designam os europeus.

nidade que acabâmos de relatar, quando uma pequena caravana de viajantes ia atravessando a Savana, planicie que parece não ter fim, a qual, terminada da banda do poente pelos Montes de Rocha, e do lado do nascente pelos Estados-Unidos, corre immensa extensão para o norte e para o sul: voltavam os viajantes de uma expedição mercantil a Sancta Fé do Mexico, e se lisonjeavam de brevemente entrarem no territorio patrio. Formavam a caravana quatro carros puxados por vigorosos e possantes machos, rodeados de nove cavalleiros montados em pequenos mas rijos cavallos indios, em quanto outro, uns cem passos adiante, ia espiando os contornos.

— «Que tal seria, Roberto, se descansassemos um pouco? disse um dos cavalleiros a outro: os machos estão cansados, e os homens não o estão menos: desde manhã que nem um boccado temos mettido na bocca; e se temos encontrado rastos de selvagens, isso não é motivo para nos esfaimarmos.»

— «Diga isso ao conductor, respondeu o outro, em quanto elle anda devemos segui-lo; mas parece-me que lá está elle procurando um logar para descansarmos; porque em quanto nós temos conversado, tem elle examinado attentamente aquelle bosquesito que lá está adiante. Alli tambem deve haver alguma fonte; a folhagem parece tão fresca e viçosa!»

Não se realisaram porém estas supposições, porque em logar de entrar no arvoredo, o conductor com um movimento de braço deu a entender á caravana que o rodeasse, e que se não approximasse ás arvores, que tanta sombra e frescura promettiam.

— «Maldicto! disse o cavalleiro; tomára eu agora saber que escrupulos tem na cabeça o conductor para privar os nossos pobres corpos de um pedaço de descanso. Até onde a vista póde alcançar não ha outras arvores. Roberto, dê-me um boccado de tabaco; necessito ter alguma cousa na bocca.»

O companheiro satisfez o pedido; e para evitarem o logar que parecia suspeito ao conductor, tirou os carros fóra do trilho que outros tinham feito, e tornando a entrar n'elle, quando o perigo era passado, continuaram a caminhar até o sol lançar a saudação de despedida sobre o immenso e ondeado horisonte da Savana. O bosquesinho, tão cuidadosamente evitado, se via já a uma distancia immensa, como um oasis no deserto de Sahara, quando em cima de uma d'estas suaves alturas, que dão á Savana o aspecto de um mar agitado, formaram os carros em quadrado, e no meio accenderam um lume que durou pouco tempo, e que prudentemente foi escondido com cobertores suspensos em roda, para que o clarão não indicasse que estavam alli a qualquer inimigo que podesse estar emboscado na visinhança.

Apenas os viajantes acabaram a sua ceia, que se limitou a carne secca de bufalo e café, apagaram as brazas que restavam, e cuidadosamente guardaram os carvões para o resto da viagem; e atando as cavalgaduras a estacas cravadas no chão, collocaram sentinellas que, deitadas na terra, podiam facilmente descobrir inimigos que se approximassem. No centro d'esta pequena fortificação improvisada repousaram tranquillamente os que não vigiavam, e encurtaram as longas horas da noite com anecdotas e casos da vida agitada que tinham passado.

— «Mas, Hopkins, disse um d'elles chamado Thomaz, porque nos não deixaste descansar n'aquelle logar que tão aprazivel sombra nos offerecia?»

— «Não viste os açores que pairavam por cima, Thomaz?»

— «É verdade que sim, disse este; mas que têem elles com isto?»

— «Os rauzaus, como os viajantes do Oregon que antes de hontem encontrámos nos disseram, largaram estes sitios ha apenas cinco dias, e podeis contar de certo que não deixaram nem uma só peça de caça.»

— «Póde bem ser; mas talvez que aquellas aves de rapina sentissem alguma caça morta.»

— «E podeis crêr que uma peça de caça morta ficasse um só dia na Savana, sem lhe serem os ossos roidos pelos lobos e por aquelles mesmos açores, tão limpinhos, que o resto não daria comer a uma formiga? Nada — n'aquelle bosquesito ha mysterio; e antes do romper d'alva hei de estar acordado... os demonios vermelhos, no caso que lá os haja, não costumam apparecer mais cedo. Quizesse Deus que elles viessem — para mim seria uma delicia vêr de novo espirar um par d'elles, com o grito de guerra na bocca como ursos feridos de morte.»

— «Dize-me, Hopkins, que te indispoz tão furiosamente contra os *pelles vermelhas?* (1) perguntou Thomaz; leve-me *este e aquelle* se eu tão pouco os posso soffrer, e confesso que nunca me acho tão bem como quando nada ouço d'elles: mas um odio tão inveterado e profundo como tu lhe tens, não tenho eu. Não lhes posso levar a mal que nos não possam tragar; porque bem mal os temos tractado.»

Rangendo os dentes exclamou Hopkins: — «Quereis ainda desculpa-los? Se tivesseis soffrido o que eu tive que supportar; se tivesseis visto caír nas suas garras o que mais appreciaveis n'este mundo, então serieis seu inimigo mortal como eu, e lhe terieis jurado eterna vingança e incessante perseguição até os exterminar. Mas longe de mim estas recordações dos quadros funestos e pungentes de tempos que já passaram. Ainda pisâmos o territorio d'aquelles demonios vermelhos que não conhecem misericordia: e temos motivos bastantes não só para estarmos acautelados, mas tambem para pouparmos as forças para a occasião do perigo. Vamos agora descansar para termos a vista clara quando nos tocar a vez de velarmos.

Longevidade dos sabios

Os habitos estudiosos, os trabalhos da intelligencia não são prejudiciaes á saude senão para quem os não sabe conciliar com um exercicio sufficiente das forças physicas e uma hygiene conveniente. Os exemplos de longevidade não são mais raros entre os sabios e os philosophos do que nas outras classes da sociedade. Boerhaave viveu 70 annos; Locke 73; Galileu 78; Newton 85; Fontenelle 100. Bayle, Leibnitz, Volney, Buffon, e muitos homens distinctos do seculo passado, que virão á memoria dos nossos leitores, chegaram a uma idade muito avançada. Poder-se-hia citar grandissimo numero de eruditos e doutos allemães quasi centenarios. O professor Blumenbach morreu ha pouco tempo com 88 annos de idade, e o doutor Olbers, o celebre astronomo de Breme, com 81 annos.

Tenho conhecido homens dotados de boas qualidades, que eram utilissimos aos outros e inuteis para si: como um relogio solar na frontaria d'uma casa mostra as horas aos visinhos e aos passantes, mas não ao dono. Swift.

---

(1) Os leitores familiarisados com os romances de Cooper e outros escriptos da America do Norte sabem quanto esta expressão e usada para designar os indios americanos, pelo motivo indicado na nota antecedente.

PONTE DE CERET.

O rio Tech, oriundo, dos Pyrennéus centraes, vem acabar no Mediterraneo abaixo de Perpinhão, entre Elne, a antiga Illiberis, que possue um templo do seculo XI, e Argéles. — Da base dos Pyrennéus até os arredores de Ceret a vista do valle é austera e bravia, mas d'alli até a foz do Tech a paizagem é rica e aprazivel; descobrem-se amenos prados e veigas ferteis, os castanheiros, as oliveiras, e os sobreiros.

A ponte de Ceret é uma das glorias do Tech, não sómente entre os archeologos do Russilhão, mas até entre os rusticos habitantes, porque segundo um conto popular o atrevido lançamento do arco d'aquella ponte é obra do demonio. Segundo a opinião de alguns sabios a construcção pertence ao tempo dos reis visigodos. Temos á vista os apontamentos de um homem conhecedor na materia, que a visitou em 1834; ella ainda existe; é mais um documento contra a pseudo-sciencia de alguns engenheiros modernos. — Mr. Merimée, inspector das obras publicas no sul da França, diz: — «é uma construcção arrojada e ao mesmo tempo com graça; um arco de 144 pés de abertura atravessa um algar profundo, de longe parecerá uma fita lançada atravez de um precipicio. A volta da abobada no fecho é extremamente diminuta; porém as guardas, accrescentamento moderno, não deixam observa-la e prejudicam o effeito geral do composto. Esta ponte, muito estreita como quasi todas as de remotissima data, só dá passagem a uma carruagem, e mesmo assim é preciso entrar com precaução. O arco estriba-se em dois massames de alvenaria, na parte superior dos quaes ha rupturas arqueadas, que não teem outro destino senão alliviar aquelle massiço, porque as torrentes nunca lá chegam.» — Alguns centenares de metros agua abaixo da ponte acham-se vestigios de outra que fazia parte da via pretoria de Roma a Hespanha: e crê-se que fôra destruida no seculo decimo quarto. Considere-se o estado dos povos, moral e intellectual, n'essas epochas remotas, e vêr-se-ha que não temos de que nos ensoberbecer quanto ás modernas construcções; as obras mais estupendas vieram da antiguidade. — Construi pyramides do Egypto; ignora-se como os materiaes foram transportados e collocados: ainda mais; olhai para esses colossaes monumentos do paganismo nas Indias, e para os que o infatigavel Humboldt descobriu na America. E isto são obras de povos barbaros; a civilisação romana, ninguem

contesta; e monumentos como os da idade media ninguem sabe construir.

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Ma per far la to vendetta.
Sta siguru, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

VIII

(Conclusão.)

Por uma fresca manhã d'abril o coronel sir Thomaz Nevil, sua filha cazada de poucos dias, Orso e Colomba sairam de Piza, de caleça, para ir visitar um hypogeu etrusco, descoberto de novo, e visitado por todos os estrangeiros. Apenas se apearam Orso e sua mulher, tiraram os lapis, e entrando dentro do monumento principiaram a desenhar as pinturas; o coronel e Colomba, que professavam a mais impia indifferença á archeologia, deixaram-n'os em paz, e foram passeando pelas visinhanças.

— « Querida Colomba, disse o coronel suspirando, não voltamos de certo a Piza a horas de *lanch*. E tens vontade de comer, aposto eu? Orso e sua mulher lá andam com as antiguidades; Deus sabe quando acabarão. »

— « É assim; e tambem por signal que nunca trazem um desenho que se veja. »

— « Pois eu era de voto que fossemos áquelle casal lá em baixo. Ha de haver por lá pão e vinho, e talvez mesmo leite e morangos. Com um reforço d'esses já se espera com mais socego. »

— « Vamos, vamos, coronel; nós somos as unicas pessoas de juizo da nossa casa. »

Conversando, chegaram ao cazal. Havia leite, morangos e vinho. Colomba foi ajudar a cazeira a colher os morangos, em quanto o coronel sorvia a pequenos golos o nectar da Italia. Dobrando uma rua, apercebeu um velho assentado ao sol n'uma cadeira de palha; parecia doente porque tinha as faces cavadas e os olhos mortaes e sumidos. A immobilidade, a pallidez e a vista pasmada eram mais de cadaver do que de homem vivo. A irmã de Orso contemplou-o silenciosa alguns minutos; e a cazeira, reparando na attenção com que o observava, disse:

— « Este desgraçado velho é seu patricio — é corso. Morreram-lhe os filhos de um desastre, e vendo-se sózinho veio a Piza para casa de uma parenta que o mandou para aqui. Não dá tres palavras no dia; e o medico assegura que pouco durará. »

— « Não escapa! É uma fortuna para elle. »

— « Falle-lhe corso, menina. Ha de alegrar-se de ouvir a sua lingua. »

— « Veremos! acudiu Colomba, sorrindo ironica, e approximou-se do velho até lhe tirar o sol com a sombra. Então o pobre idiota levantou a cabeça, e encarou-a fito. Ella sorria sempre sem despregar os olhos. Passados instantes o velho correu a mão pela testa, e cerrou as palpebras, tentando evitar a vista de Colomba; depois tornou a abri-las, mas dilatando-as de um modo incrivel; tremiam os labios; queria estender o braço, porém fascinado pela attracção dos olhos sempre fitos n'elle, ficou cravado na cadeira, mudo e entorpecido. Lagrimas, como punhos, principiaram a rebentar caindo pelas faces, e alguns suspiros e soluços se quebraram no peito anciado.

— « É a primeira vez que o vejo assim, disse a jardineira. Esta menina é da sua terra e veio vê-lo, » accrescentou fallando com o velho.

— « Perdão! exclamou elle com voz rouca, perdão! Ainda não basta? Aquella folha da carteira queimei-a eu; como a leste?... E mataste ambos!... Orlanduccio não fez mal... porque me não deixaste ao menos um!... »

— « Queria-os ambos, respondeu Colomba, em tom baixo e no dialecto corso. Cortei os ramos, e se o tronco não estivesse carcomido arrancava-o tambem. Não te lamentes; pouco tens já que padecer. Eu gemi dois annos! »

O velho soltou um longo suspiro e descaiu a cabeça para o peito. Colomba, virando-lhe as costas, voltou vagarosa para casa e cantava os versos de uma ballada: — « Caíu a mão que fere. O olho que mirou nunca mais verá; ai do coração que trouxe escondido no seio o crime, aquecendo-o como a vibora!... »

Em quanto a jardineira soccorria o velho, a irmã de Orso veio assentar-se á mesa com o coronel.

— « Que ha de novo? exclamou este. Colomba, esse é o modo com que a vi em Pietranera na tarde em que nos presentearam com um par de ballas ao jantar. »

— « Lembrou-me a Corsega... pela ultima vez. Acabou-se. Vamos! Do primeiro filho que Orso tiver hei de eu ser madrinha, não! E que lindo nome lhe porei... »

— « Qual? »

— « Ghilfuccio-Tomaso-Orso-Leone. »

A jardineira entrou n'este momento.

— « Então? disse Colomba com o maior socego; morreu, ou desmaiou só? »

— « Foi desmaio. É celebre o effeito que lhe fez a sua vista! »

— « O medico disse que elle não vivia muito? »

— « Nem dois mezes. »

— « A perda não é grande. »

— « Mas, com o demonio, de que fallam? »

— « De um louco da minha terra, que esta aqui, accudiu Colomba com ar de indifferença. De tempos a tempos hei de mandar saber d'elle... Coronel Nevil, deixe ao menos um punhado de morangos para meu irmão e para Lidia. »

Quando saíram, a cazeira, seguindo-a muito tempo com os olhos, disse por fim a filha: — vês aquella menina tão linda? Pois mata com os olhos! » — Se ella soubesse que odio fulminava n'aquella vista havia de tremer, mas em silencio.

OS CHALES DE CACHEMIRA.

(Continuando de pag. 214.)

« ENTRE os mais preciosos objectos da Azia que se acham em Macarieff, diz Mr. Rehman, os chales de Cachemira sem duvida teem um dos primeiros logares. A conclusão de uma compra de chales é feita sempre em presença de algumas testimunhas, segundo o uso do logar, que requer esta formalidade para os negocios importantes. Sendo uma vez convidado para testimunha, fui á feira com o comprador, as outras testimunhas, e o seu corretor, que era armenio; porque é por intervenção dos individuos d'esta nação que passa o commercio dos objectos preciosos da Azia. Parámos diante de uma casa sem telhado, e que estava por acabar; fizeram-nos entrar n'uma

especie de cava, e posto que fosse a habitação de um millionario natural do Indostão, não tinha outros moveis senão oitenta fardos mui bem feitos, collocados ao longo das paredes. As partidas mais preciosas de chales vendem-se sem as vêr o comprador senão pela parte exterior; nem se desembrulham, nem se examinam; e não obstante isso conhece-se circumstanciada e minuciosamente cada uma peça, mediante uma lista particularisada, que o corretor armenio manda vir de Cachemira com muita difficuldade, e que pela marca, tecida nos mesmos chales, indica com escrupulosa exactidão as qualidades, as bellezas e imperfeições de cada um, o nome do fabricante, as dimensões, quaes e quantas as flôres e palmas, as côres, &c. — Com este documento na algibeira, e como vi eu, muitas vezes com assombro, de cór, vendem aquelles negociantes as partidas da fazenda sem que seja examinada. E de crêr que os corretores, a quem a lista custou muito trabalho e dinheiro, reputem caro bastante esta sua habilidade: segundo o preço da partida de chales dão-se 200 a 600 rupias por uma copia da factura. — Entrando o comprador com suas testimunhas e com os corretores, porque ás vezes ha dois, não diz palavra; estes fazem tudo, andam d'aquelle para o vendedor fallando a occultas, e assim corre o negocio até o ajuste; ainda antes d'este vem a fazenda empacotada; o comprador desdenha, o vendedor gaba; e a final ha uma confusão e algazarra de que ninguem faz idéa. Porém o mais comico da scena é quando se tem quasi assentado n'um preço conveniente, vêr os corretores agarrados ao indio dono da fazenda a quererem por força que elle tome a mão do comprador, que a tem aberta, e repete em alta voz o que offereceu: o indio defende-se, resiste, desembaraça-se dos assaltantes, embrulha as mãos nas fluctuantes mangas da sua tunica, e insiste em tom queixoso no seo primeiro preço. Dura muito tempo esta comedia. Separam-se; ha pausa como para crear forças para novo combate; e por fim os corretores apoderam-se da mão do vendedor, e apesar de esforços e gritos conseguem que o comprador a aperte. Segue-se então silencio absoluto: o indio chora, os corretores felicitam quem fez a compra: tornam a tomar assentos para se proceder á ultima ceremonia, a entrega do genero. Como dissemos, tudo é comedia, mas indispensavel, porque o indio quer sempre figurar de constrangido e enganado. Se não o empurraram e sacudiram bem, se não lhe rasgaram a gola, se não recebeu bom numero de punhadas, se não tem o braço direito pisado pelos apertões, arrepende-se do mercado até a feira proxima; e a não ser assim é mui difficil chega-lo á razão. D'este modo, as qualidades essenciaes de um bom corretor e saber apoquentar o homem tres horas, e pô-lo em estado de concordar no que se pretende. Em summa, o primeiro preço pedido soffre sempre grande reducção. No ajuste a que assisti, o indio tinha exigido 230:000 rubdos, e abateu a 180:000, além d'isso havia de pagar dois por cento aos corretores. — Feito o convenio, todos os circumstantes nos assentámos de pernas encruzadas sobre um formoso tapete: vieram doces e gelados, e em vez de colheres nos servimos de espatulas de madreperola com seus cabos de prata, esmaltados com pedras preciosas, e não menos ricas do que rubis e esmeraldas. Tomado o refresco entregou-se a fazenda.

Durante o tempo que um corretor e o interprete gastaram em formular o acto da venda, vieram os fardos, abriram-se, e viram-se os chales um por um: verificaram-se as marcas e tudo se achou em ordem; determinado o termo do pagamento, depois de alguma altercação, a assembléa ajoelhou, e rezou-se. Segui o exemplo dos mais, e não pude deixar de me admirar observando a diversidade das crenças dos homens que alli estavam reunidos a orar. eram indios adoradores de Brahma e de infinidade de idolos; tartaros que confiam seu destino á vontade de Allah e de Mahomet seu prepheta: dois parsios ou guebros, adoradores do fogo; um official kalmuco, que reverenciava no Dalai-Lama a imagem da Divindade; um mauritano que venerava não sei quem; e a final um armenio, um georgiano, e eu lutherano, todos os tres christãos, mas de tres communhões differentes. Exemplo notavel de tolerancia!

Finda a oração, appresentaram-nos um enorme vaso de prata, e uma taça a cada um; a bebida era um composto d'agua e assucar com çumo de laranjas doces, alguma aguardente, e temperada com toda a casta de especiarias; era agradavel, e com isto nos despedimos.»

O castello de Bouchout.

II

Historia do fundador.

Sabemos já as aventuras que as lendas e tradições contam do fundador de Bouchout; vejamos agora o que a historia poude colligir a seu respeito, e que se acha recopilado n'uma chronica velha do Brabante, impressa em Anvers em 1512. —

Godofredo, appellidado o barbudo, genro de Henrique III e cunhado de Henrique IV, veio a ser conde de Lovaina e de Bruxellas e marquez do Sacro-Imperio em 1096. Deram-lhe aquella alcunha, porque promettêra a seu pai não se barbear sem ter reconquistado as suas possessões hereditarias, o Brabante e o Lothier. O caso passou-se assim. — No reinado de Henrique III, sogro de Godofredo o barbudo, fez a sua expedição á Terra Sancta o duque Godofredo de Bulhão, que o era do Lothier por successão dos condes de Ardenne; durante a ausencia confiou aquelle estado aos cuidados e guarda do conde Henrique de Limburgo, seu sobrinho, principe de caracter fingido e desleal, sobre tudo nas desavenças que se suscitaram entre o imperador Henrique e seu filho do mesmo nome, que se rebellou contra seu pai, e diligenciou occupar o solio do imperio. Como o pai offendêra o papa e sé pontificia, o filho attrahiu ao seu partido grande numero de senhores. Henrique de Limburgo bandeou-se tambem; mas depois abandonou o principe moço para seguir a causa do imperador, o qual, passado pouco tempo, falleceu em Liege, depois de haver reinado 48 annos e experimentado bastantes infelicidades. Henrique IV, exaltado ao throno, lembrou-se da deslealdade do conde de Limburgo, e o mandou prender, porém elle evadiu-se astutamente: como herdeiro de Godofredo e de Balduino de Bulhão, o seu poderio vinha-lhe do Lothier, mas o novo imperador lh'o tirára para dá-lo ao conde de Lovaina, cognominado o barbudo, seu cunhado, e a quem por decreto imperial depois creou duque, dando-lhe um brasão em campo de prata e outro em campo de ouro, tal qual o trouxera o defuncto duque de Angys, marido de Sancta Begga. Succedeu isto pelo anno da graça 1108: havia exactamente cento e um annos depois que Othão, filho de Carlos, morrêra, e que sua irmã Gerberga fôra despojada do ducado, ficando somente com Bruxellas e Lovaina. Porem Godofredo reuniu de novo o Lothier ou Lotharingia ao Brabante desde o Mosa até o Escalda, dominio que fôra tirado aos seus

antepassados, que comtudo descendiam da raça de Carlos Magno.

Até aqui seguimos a narração do chronista, que todavia incorreu em notavel erro, dando por mulher a Godofredo o barbudo uma filha ou irmã do imperador, por nome Sophia, princeza que parece que nunca existíra; a verdade é que teve por primeira mulher Ida de Namur, e por segunda uma filha de Guilherme de Borgonha, que era viuva de Roberto de Jerusalem, conde de Flandres.

Quando Godofredo chegou ao auge que dissemos, todos os vassallos, que o tinham sido de antigos ascendentes d'elle, se lhe submetteram promptamente, á excepção do mais poderoso e rico, Arnaldo, senhor de Grimberghen, que além d'este senhorio adquiríra outras muitas terras. Ajunctou-se exercito de parte a parte, e o duque apoderou-se, á força d'armas, das povoações e dominios de Arnaldo. Como as forças dos contendores eram quasi iguaes, a campanha foi porfiosa, e o Brabante teve graves prejuizos com a perda de muitos cavalleiros. Arnaldo, temerario, valente e animoso na guerra, e da mais a mais de indole sanguinaria, excitou o seu povo e arrostou com Godofredo, posto que este a final ficasse victorioso, graças aos estragos que nos contrarios fizeram as suas tropas: não obstante isso, até a morte de Godofredo continuaram sanguinolentos combates.

«Godofredo o barbudo (continua a chronica) era mui querido de toda a nobreza: houve tambem muitos reis que cubiçaram a sua amizade, porque era um principe bemfazejo, inimigo de toda a crueldade e tyrannia: trabalhou sempre mais para o bem de seus fidalgos do que para o seu proprio. Velava que o seu municipio podesse dormir sem susto, e fez grandes diligencias para que os seus vivessem em descanço. Encheu de beneficios até os mesmos ingratos. — Este principe, depois de um reinado de 44 annos, desceu ao tumulo em 1140, e foi sepultado na igreja do mosteiro d'Afflígen, sito entre Bruxellas e Alost. Deixou um filho, Godofredo II, e outro, Henrique, que foi conde de Lovaina, que para o diante se metteu frade no sobredicto mosteiro, e bem assim uma filha, por nome Aleydis, que veio a ser rainha d'Inglaterra. — Os conventos que fundou á sua propria custa são documentos da sua piedade e devoção: mandou erigir uma clausura, situada ao pé de Lovaina, chamada Ulierberk, que ainda hoje existe, e que, graças ás doações de almas pias, tem sido augmentada e adornada com outras propriedades.»

A esta antiga e singela historia, que tambem parece uma lenda, accrescentaremos que Godofredo o barbudo recebeu do imperador Henrique V em 1107 a investidura do marquezado de Anvers: e que entrando cedo em guerra com o conde de Limburgo tomou Aix-la-Chapelle, onde fez prisioneira a mulher do seu adversario, a qual porem remetteu generosamente a seu marido depois de a brindar com muitos presentes. Não obstante ser um principe piedoso e fundador d'igrejas, como reza a citada chronica, foi excommungado pelo papa por haver guerreado o intruso bispo de Liege. Além d'outras campanhas, que fôra ocioso enumerar, Godofredo, na desavença entre Guilherme de Normandia, conde de Flandres, com seu competidor Thierry d'Alsacia, tomou o partido do primeiro; porém, morrendo Guilherme em 1128, convencionou-se com Thierry obrigando-o a que lhe reconhecesse senhoriagem quanto aos dominios de Alost, e que se submettesse a decisão do rei d'Inglaterra quanto aos mais pontos da contenda. Em virtude do mesmo convenio, Godofredo cedeu a villa de Derdermonde em troca do territorio de Bouckaut ou de Bouchout, para ahi fundar uma fortaleza que podesse, no dizer dos historiadores, obstar ás excursões dos flamengos de Gand e de Malines para a banda de Bruxellas. A construcção de sete torres e de uma triplicada cerca de fossos cheios de agua foi a origem do castello de Bouchout, que démos em estampa no precedente numero. — Porém este castello, como existe hoje, não tem o menor caracter de fortaleza feudal. — Os tres fossos reunidos formaram um lago de certa extensão; a ponte levadiça e a torre da entrada desappareceram. Uma parte dos edificios actuaes fôra construida no seculo passado; as janellas foram alargadas e postas em symetria; a final a cidadella converteu-se em vasta e commoda habitação, porém o proprietario existente, conde de Beaufort, director das Bellas-Artes na Belgica, querendo conservar a esta vivenda o interesse que se liga a um monumento historico, o fez restaurar completamente no estylo gothico do renascimento. Moveis antigos, baixos-relevos, armaduras, quadros tambem antigos, vidraças de côres adornam o castello de Bouchout: as janellas das salas, capella, bibliotheca e galeria estão adornadas de retratos em pé, dos duques de Brabante, pintados no vidro, e dos soberanos austriacos e hespanhoes dos Paizes-Baixos, ou dos homens illustres da historia belga. Sobre o vasto e sumptuoso fogão da casa de jantar acham-se as estatuas de Godofredo o barbudo, de Godofredo de Bulhão, e de Filippe o bondoso. Uma galeria, no primeiro andar, encerra grande quantidade de objectos raros e curiosos, sobre tudo paineis antigos que representam personagens celebres, batalhas, monumentos, e castellos os mais interessantes dos Paizes-Baixos: notam-se alli muitas armas que serviram em Sempach, Laupen, e outras famosos batalhas. O possuidor de Bouchout não se tem descuidado de tornar importante para o archeologico e o artista esta bella propriedade.

Da velocidade do som.

Ninguem ha que, vendo de longe um artifice que bate com o martello, ou o fogacho de uma arma de fogo, deixe de conhecer que o som chega aos ouvidos passado certo intervallo de tempo. Ja no principio do seculo XVII Mersenne e Gassendi tinham feito alguns ensaios para medir a velocidade do som, porém as suas experiencias, como as de outros physicos da mesma epocha, não podiam produzir resultado exacto; porque se desprezavam muitas precauções e ignoravam-se muitas causas de erro que a moderna sciencia deu a conhecer; as expressões numericas, achadas pelos physicos do seculo XVIII, tambem pelos mesmos motivos não concordam umas com as outras. — Longa seria a historia de todas essas experiencias e tentativas, que desde 1738 se fizeram com peças d'artilheria, porém como os tiros não eram reciprocos para eliminar a influencia do vento, e o instrumento dimensor que se inventara ainda era um tanto imperfeito, não havia absoluta confiança nos resultados obtidos. A sciencia emfim tomou todas as precauções, e o instrumento calculador ultimamente appresentado por MM. Brèguet não offerece os inconvenientes que notavam nos anteriores. — No calculador da invenção d'estes habeis machinistas, o ponteiro faz o gyro do mostrador n'um minuto. Este ponteiro termina por um pequenino orificio sobre o qual assenta um receptaculo a maneira de tigelinha, que na segunda figura se marca pela lettra *g*: ahi se põe uma pinga de tinta. Representou-se o ponteiro em separado do instrumento n'esta se-

gunda figura; vê-se por cima d'elle um braço chamado calibrador *l e* que acaba n'uma ponta perpendicular ao dicto braço e correspondente ao buraco do ponteiro, ao qual segue em todos os seus movimentos. O calculador é munido de um registo ou descanço (fig. 1.ª *b*). No momento em que se toca

Fig. 1

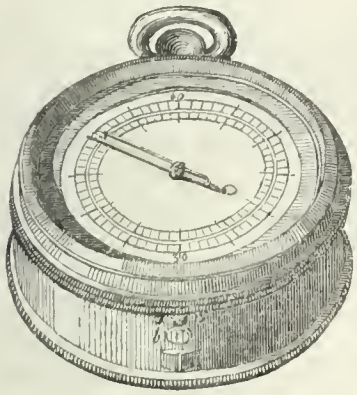


Fig. 2

no descanço, abaixa-se o braço superior ao ponteiro, atravessa o orificio d'este, e espremendo a tinta marca um ponto negro no mostrador: o mechanismo do braço sendo completamente independente da mola geral do instrumento, não tem influencia alguma no gyro do ponteiro dos segundos. Estes instrumentos são mui preciosos para experiencias, como as de que fallámos, que sempre se fazem de noite. O observador vê o fogacho do tiro e toca no descanço, depois espera a chegada do som, e apenas este lhe bate no ouvido toca de novo no dicto registo: então approxima uma lanterna e calcula o intervallo que separa os dois pontos negros marcados no esmalte do mostrador: não póde haver erro excedente a um decimo de segundo. Como se marca o instante do phenomeno comprimindo com o pollegar o botão do registo ou descanço *b*, as demoras relativas a esse instante teem sempre sensivelmente o mesmo valor e compensam-se sensivelmente. Nos instrumentos, relogios (chamemos-lhe assim), empregados por observadores hollandezes nas experiencias de 23 de junho de 1823 os dois pontos eram marcados por movimentos differentes, o que podia causar differenças; inconveniente que não se dá no calculador de MM. Brèguet.

Posto que a sciencia se não deva propor a outro fim senão o conhecimento das leis da natureza, tem comtudo o direito de indicar as applicações uteis dos seus descobrimentos. Estando agora sufficientemente conhecidas as leis da propagação do som, poderá servir o calculo da velocidade d'este para medir as distancias horisontaes ou obliquas n'um gráu aproximadamente bastante em grande numero de operações geodesicas. Todo o trabalho d'este genero firma-se na medição de uma base, operação longa, minuciosa, fatigadora, difficil, e muitas vezes impossivel de practicar em territorios montanhosos e em certas costas maritimas. A velocidade do som será um meio facil de medir essa base, quaesquer que sejam os accidentes do terreno. Sobre tudo nos trabalhos hydrographicos póde empregar-se este methodo, e um distincto engenheiro, Mr. Chazalon, teve essa idéa. Havendo a bordo dos navios de guerra os objectos mais pezados e mais caros, que para esta operação se requerem, isto é, as peças de artilheria e os bons chronometros, não ha que temer as despezas e difficuldades de transporte, que podem fazer recuar o geographo que entra por terra dentro longe dos caminhos frequentados. Supponhamos um navio ancorado a uma distancia que não deverá ser menor de oito kilometros (26,6 de milha) transporta-se um canhão para a praia; n'uma noite propria para a experiencia disparam-se vinte e cinco a trinta tiros reciprocos do navio e da praia; e depois por um calculo facil determina-se a distancia do navio ao canhão. Esta distancia conhecida póde servir de base para a hydrographia de uma grande extensão de costa.

A VINGANÇA DO HOMEM BRANCO.

Scena da vida dos indios selvagens da America Septentrional.

II.

Embrulhados nas suas mantas, com as espingardas ao lado escorvadas de fresco, e as facas de mato desembainhadas, estavam os viajantes junetos, deitados em fileira no chão, para com algumas horas de somno restaurarem as forças dos membros cançados e sonharem, em curta illusão, que já se achavam repousando, sãos e salvos, sob os tectos protectores das habitações das suas familias. Quando as estrellas indicaram meia noite, os que estavam velando acordaram os amigos, para tambem elles poderem cerrar as palpebras chumbadas pelo somno.

— «Nada de suspeitoso, Roberto?» perguntou Hopkins.

— «Nada de particular, excepto alguns lobos que pela banda do poente teem rodado o nosso campo: varias vezes os pude vêr contra o horisonte; mas não quizeram approximar-se... O lobo da Savana é covarde.

— «E estais bem certo que eram lobos? disse devagar, e com ar significativo, o conductor. Vistes lhes bem a figura?... a cabeça aguda?... o rabo pelludo?»

— «Não... isso não, até me parece que as cabeças eram mais redondas do que compridas.»

— «Roberto! Roberto! disse o conductor; esta Savana ha de estar muito animada antes do romper do dia. Podereis ter razão; talvez que sejam lobos; não os pardos e innocentes de Savana, mas os lobos paconis, ou ainda peior, as pantheras da montanha, os sanguinarios *Pés-Negros*... Bem; não nos hão de surprender dormindo; e se as hervas ao redor de nós se tingirem de sangue, não ha de ser só nosso. Tomai conta nos bacamartes; e vamos metter as cavalgaduras no recinto do acampamento. Se o inimigo não for muito numeroso, e achar as nossas cousas seguras, talvez que não ataque. Eu conhego esta canalha; são covardes. Aonde não ha grande preza, e onde os escalpos lhe correm verdadeiramente perigo, costumam sumir-se como o lobo que presente o cepo... que os leve o diabo.»

Conforme as ordens do conductor todas as bestas foram recolhidas no acampamento e se designaram os logares onde cada um dos companheiros devia col

locar-se quando fosse necessario; e logo se deitaram. Em pouco mais de meia hora o tranquillo resonar dos que dormiam, de quando em quando interrompido pelos movimentos das cavalgaduras, mostrou em quão pouca conta estes homens, costumados a privações e a perigos, tinham a visinhança dos seus mais acerrimos inimigos; e que estavam habituados a dormirem com a faca de matto na mão e a serem acordados pelos uivos dos lobos e pelo grito de guerra dos indios selvagens.

Hopkins porém melhor do que nenhum dos outros sabia o que os esperava, se se deixassem illudir pelo astucioso inimigo. Vivendo desde a infancia entre os exploradores do oeste, tinha-se familiarisado com os guerreiros indios e com os seus usos; e tendo presenciado a matança de todos os seus por um bando de Sioux, tinha jurado eterna vingança á raça vermelha. De que modo tinha cumprido este juramento mostrava-o o terror que nos mais ousados filhos do deserto causava assim o nome de *mão de sangue*, que os proprios indios lhe tinham posto, como o nunca, apesar das mais bem combinadas emprezas, o poderem colher ás mãos; de sorte que além das qualidades que o faziam temido, lhe attribuiam poderes sobrenaturaes.

Como elle sabia que ainda que os inimigos effectivamente se achassem proximos, e tivessem os seus espias mui perto, não ousariam atacar antes do alvorecer do dia, tranquillamente e sem mostras do menor receio ou agitação se dirigiu ao seu posto, e deitou-se, como os outros sentinellas tinham feito, na herva, que teria um pé de altura. Poucos momentos esteve assim parado, porque logo se foi arrastando, á maneira de gato, sem levantar o corpo sequer uma pollegada acima da herva balouçada pela viração da noite, até um logar uns vinte passos mais ao poente, d'onde podia bem descobrir qualquer cousa que se passasse de extraordinario.

Um silencio mortal reinava na vasta e deserta Savana, só de vez em quando interrompido pelos uivos de algum lobo, que, desgarrado do companheiro na perseguição de algum veado, procurava os sons com que o outro lhe respondesse. Com a maior attenção escutava Hopkins estes sons, para vêr se entre elles haveria algum signal disfarçado. Mas mais perto estava d'elle o inimigo, do que os habitantes usuaes da Savana: porque de repente quasi ao pé d'elle, a menos de dez passos de distancia, appareceu muito de vagar e sem fazer a menor bulha, uma cabeça que por algum tempo olhou com attenção para o logar onde elle primeiro se deitara; mas antes que o sentinella branco podesse tomar uma resolução, a cabeça tornou a desapparecer; e por mais de uma hora nada interrompeu o silencio penoso, em quanto Hopkins, vendo confirmadas as suas suspeitas, evitava a menor bulha com uma irritação febril. A final levantou-se do nascente a estrella d'alva; e bem sabia elle que a sua sorte e a dos seus companheiros se ia agora brevemente decidir.

Com a espingarda engatillada esperou socegadamente que o inimigo apparecesse, e isto não tardou muito: porque no mesmo ponto onde elle tinha visto a cabeça do espia, tornou ella a erguer-se; prova de que nunca se tinha retirado d'aquelle logar. Apenas porém Hopkins reconheceu a fórma da cabeça, e a madeixa que os selvagens nunca rapam no alto d'ella, logo o estrondo da espingarda disparada interrompeu o silencio, caindo o inimigo morto na herva que o encobria.

Então de repente e como por encanto se animou a Savana toda, e de todos os lados rompeu o horrendo grito de guerra dos Pés-Negros, como se as regiões infernaes tivessem vomitado outros tantos demonios. Riscos de fogo vermelho fulguravam em todas as direcções; o estampido das espingardas succedia-se com rapidez; e figuras negras e medonhas corriam ameaçadoras para o sitio dos carros. D'entre ellas se ergueu Hopkins, e esmagando a cabeça do que lhe estava mais proximo, voou com saltos enormes a unir-se aos seus.

Entretanto os viajantes de Sancta-Fé não estavam aterrados com a subita apparição dos selvagens: cada um estava no posto assignado; e exceptuando o lado onde sabiam que estava o conductor, faziam fogo em todas as direcções, de modo que o grito de guerra de alguns dos guerreiros pintados e ornados de pennas converteu-se em arrancos de morte, porque em quanto levantavam o tomahawk para disparar golpe, caíam feridos das ballas.

Só juntamente com Hopkins dez d'estas figuras bravias e terriveis romperam, sem acharem resistencia, até os carros; mas então Roberto, que com a espingarda á cara tinha finalmente reconhecido a figura do amigo, disparou o tiro, e a balla atravessou a cabeça de um inimigo. No mesmo momento Hopkins saltou por cima da lança de um carro, e ambos juntos esperaram os selvagens com as facas de matto e as coronhas das espingardas.

Os gemidos dos feridos e dos moribundos misturaram-se com os gritos da furia guerreira dos pelles vermelhas, e por alguns momentos brigaram brancos e vermelhos, pé a pé, com coronhas, facas de matto e tomahawks, em quanto cavallos e machos espantados, rinchando e ás patadas augmentavam a confusão e a bulha infernal.

Hopkins repellia a todos com a coronha da sua pezada espingarda; e tendo já morto o chefe do bando, o astucioso Fuinha, a quem arrancou da mão o tomahawk, virou-se para um guerreiro de figura esbelta, que já tinha levantado a sua faca para lh'a cravar no corpo, quando este, vendo o seu mortal inimigo tão perto de si, fitou os olhos n'elle, ficou immovel, e exclamando: *Mão de sangue!* . . . ia recuar; mas n'este momento, alcançado pelo tomahawk, que Hopkins tinha na mão, caiu no chão com a cabeça fendida. Aquelle nome temido operou como um encanto nos grosseiros filhos da Savana: attonitos procuraram subtrahir-se com rapida fugida a um braço que elles reputavam dotado de força irresistivel, e de poder sobrenatural.

Com a mesma rapidez e astucia com que tinham vindo assim desappareceram: e um minuto depois só se ouviam os gemidos dos feridos: porém os brancos não se fiaram inteiramente n'esta retirada; e o sol nascendo luziu nos canos das suas espingardas, com que, ainda a cara, esperavam a cada momento a volta dos selvagens. Nenhum porém appareceu: a Savana jazia ante elles, silenciosa e deserta, immersa na refulgente luz do sol; e só a herva pisada e cheia de nodoas de sangue dava testimunho que reinaram aqui as paixões, o odio e combate de morte. Os indios tinham levado comsigo os seus mortos e feridos, e só dentro do recinto formado pelos carros jaziam os corpos de dois, mortos por Hopkins: d'estes elle logo *escalpou* a segunda victima, e atando este trophéu ensanguentado á sua cartuxeira, voltou-se para o joven cavalheiro, e entrelaçava com mão habituada a madeixa do *escalpo* nos dedos index e grande, quando o supposto morto abriu os seus olhos grandes e escuros e vagamente os poz n'elle. A primeira idea de Hopkins foi aniquilar o seu inimigo, e já tinha a faca erguida na mão, quando de repente, mudando de tenção, metteu a faca na bainha, tomou os braços do selvagem que, ainda atormentado

da pancada, não estava capaz de resistencia, e atou-lhe as mãos ás costas.

Pouco a pouco o caudilho tornou a si, e conhecendo a sua situação, ergueu-se, e olhou em roda de si com ar altivo e de desprezo!

—«Ah! disse Roberto chegando-se ao pé do captivo, de quem será o escalpo que este malvado tem na cinta?»

—«Onde está Thomaz? vociferou Hopkins olhando espavorido em roda de si: Thomaz... onde está Thomaz?»

Quatro dos companheiros gravemente feridos jaziam ao pé dos carros; mas nenhum d'elles era Thomaz. Levado de um presentimento funebre, Hopkins correu ao logar onde na noite passada tinha estado de sentinella. Aqui infelizmente se confirmaram os seus tristes receios; nadando em sangue jazia o amigo morto a tomahawk, e depois escalpelado. Rangendo os dentes, voava Hopkins direito ao seu captivo com os olhos ameaçando destruição, quando deu com o olhar triumphante do vencido, mas mesmo assim conteve-se, dizendo com voz funebre e que mal se ouviu:

—«Vamos embora.»

—«E que faremos nós com este infame, que tem no cinto o escalpo do nosso melhor amigo? hem? perguntou com gestos raivosos o velho Roberto. Como te veio á idéa poupar este assassino, que dez mortes merece? tu, o que até agora perseguias tudo que se parecesse com uma pelle vermelha, como se a tua salvação dependesse d'ahi?»

—«Ha de morrer dez vezes, disse Hopkins com um riso rouco; mas não pelas nossas mãos: vamos leva-lo ás plantações.»

—«O que? ás plantações? disse Roberto gritando e quasi fóra de si: para lá o encarcerarem, processarem, e depois soltarem com uma reprehensão paternal? Inferno e diabos! Hopkins, já te não conhego.»

—«Então ouça; disse o conductor, cujas feições tomaram uma expressão verdadeiramente diabolica, apertando rijamente o braço de Roberto. Sabeis que odio eu tenho jurado a estes cães vermelhos, não ignoraes o motivo d'elle; mas de que me serve mais uma victima, se eu o matar, e junctar o seu escalpo aos 65 que estão pendurados na minha cabana? é mais um só; mas devem morrer centos... milhares... antes que eu julgue a minha vingança saciada. Olhai, se n'este unico individuo eu podesse extinguir a raça toda, então verias, Roberto, então verias com que delicia eu o sacrificava ás cinzas de meus pais; mas mesmo assim me ha de servir para eu alcançar o meu fim.»

—«Ah! disse Roberto, presentindo de longe a intenção do conductor; é para elle levar as bexigas á sua tribu.»

—«Adivinhaste; disse Hopkins sorrindo-se. Inficionado com esta peste assoladora, poderá tomar as suas armas, e montar n'um dos meus cavallos mais ligeiros... terá liberdade... e o espirito da vingança guiará os seus passos e protegerá a sua jornada para que em pouco tempo chegue ao logar do seu povo. E quando o meu plano se realisar, quando o veneno para que elles não conhecem remedio, lhes roer as entranhas, e extirpar familias e povoações — então, Roberto — então direis que tenho cumprido o meu juramento, e que tenho pago ao menos uma parte da divida que contrahi com estes monstros vermelhos.»

Attento quiz o mancebo indio penetrar o sentido das palavras do seu inimigo; mas não entendendo o inglez, e vendo que os seus senhores se preparavam para marcharem, presumiu que o haviam de levar até as suas habitações, e que o queimariam vivo na estaca do martyrio; mas firmemente resolvido a morrer como um homem, qualidade que elle acabára de adquirir pela conquista do escalpo que ainda tinha pendurado á cintura, quando o pozeram em um dos carros, entoou os seus canticos de guerra e de escarneo, relatando o numero de caras pallidas que seu pai matára nos combates, e cujos escalpos estavam pendurados no seu wiguam.

Os viajantes de Sancta Fé entretanto enterraram o camarada morto, apparelharam as cavalgaduras, e accommodaram cuidadosamente os feridos nos carros, confiando a guarda do indio captivo á vigilancia de Roberto. D'este modo se poz a caravana a caminho, e em poucos dias chegou ás fronteiras do Estado do Missouri.

Tres mezes depois voltavam os mancebos Pés-Negros da sua expedição. Tinha ella sido feliz, porque apesar de terem perdido o seu caudilho e mais oito companheiros, a fortuna poucas horas depois os levou a encontrarem rasto de uma caravana hespanhola que conduzia uma manada de machos para os Estados-Unidos. Tornados mais prudentes pela perda que acabavam de soffrer, seguiram os rastos dias a fio, espiando de noite o campo dos hespanhoes, até que estes n'uma noite fria e chuvosa se esqueceram de tomar as cautelas indispensaveis, e pagaram com a vida este descuido. Ornados com grande numero de escalpos, e guiando diante de si os machos que haviam tomado, com os corações alegres e entoando canticos de triumpho chegavam os *Pés-Negros* á sua aldeia.

Canticos funebres e vozes de desesperação saíam dos wiguans onde tinham nascido: innumeraveis cadaveres, empestando o ar, jaziam ao longo do rio Maria: — todos os laços de familia se achavam dissolvidos: as bexigas grassavam com irresistivel furia entre os filhos vermelhos da Savana; e a muito custo poderam obter algumas noticias por uma das *squaws* (mulheres indias).

Havia semanas que o joven caudilho Fuinha tinha chegado á povoação montado n'um cavallo alheio, e coberto de escuma; mas apenas tinha força para se segurar na sella. Os seus membros tremiam e o sangue gyrava-lhe nas veias com o ardor da febre. Ninguem poude atinar com o motivo. «O espirito máu lhe tinha deitado o seu bafo, e lhe tinha crestado a pelle.»

O joven Fuinha havia morrido tres horas depois de chegar, e os que o enterraram logo adoeceram; o mesmo aconteceu em todos os casos que se foram seguindo, até que os pobres indios começaram a crêr que era castigo do Grande Espirito por terem enterrado os mortos. Por isso guardaram os cadaveres; mas d'ahi resultou nova epidemia, que ameaçava extinguir a tribu inteira. A isto se junctava o modo de tractar a doença, mettendo os enfermos em estufas, e d'ahi na agua fria do rio, além da circumstancia que as bexigas nos povos que quasi sómente vivem de carne, como todos os selvagens da America Septentrional, quasi que não teem cura.

Delirio e pavor se apoderou por fim dos poucos que ainda viviam: fugiram para as brenhas da serra bravia, deixando os restos mortaes dos seus para pasto dos lobos e dos açores.

Por muitos annos nenhum indio ousou pisar este territorio infestado pelos espiritos máus: mas quando na primavera logo seguinte a neve se tinha derretido, e hervas viçosas e variadas flôres do campo

tinham crescido entre os esqueletos e os wiguans arruinados, viu-se no centro d'aquelle districto uma fogueira solitaria, que com suas chammas espalhava um reflexo tremulo e lugubre sobre aquella scena de destruição. Só um caçador branco estava deitado, sem se mover, ao pé do lume, com os olhos no brazido em apparente apathia; movendo-se apenas quando, affrouxando a labareda por falta de lenha, o obrigava a tirar alguma madeira do wiguam que tinha ao lado.

Os olhos d'este homem não se fecharam em toda a noite; e quando o sol nascente dourava em todo o seu brilho as pontas das arvores, elle se levantou, lançou um ultimo olhar de exame em roda de si, e parecia querer contar os montes de ossos: mas sentindo então como um calafrio interior, embrulhou-se mais na manta, segura por uma cinta á maneira dos indios, poz a espingarda ao hombro, e dirigiu-se para o lado do nascente.

Era este homem o *mão de sangue*.

(Traduzido do allemão.)

Agua doce no fundo do mar.

Existem fontes de agua doce no fundo do mar, proximo ás ilhas de Baharem e de Ared, que estão situadas nas visinhanças da costa do sul do golpho persico. A ilha de Baharem é pouco alta e mais fertil do que nenhuma das outras do mesmo golpho; appresenta numerosas e bellas espessuras de palmeiras, e n'ella se acha agua potavel mui pura n'uma grande bacia que tem a nascente pouco distante da villa de Monama. Quando o capitão Maughan largou de Baharem, em 1828, estavam de posse da ilha os outobís, tribu arabe do proximo deserto, assaz poderosa. A perto de milha e meia da primeira acha-se outra ilha pequena, por nome Ared, ilhéu mui razo e coberto de areia, só com raras palmeiras e uma aldeota de cabanas de pescadores. A enseada, onde os navios se podem abrigar, alarga-se entre as duas ilhas, das quaes por um lado e outro sáem penedias de muita extensão; a profundidade da enseada é de tres a quatro e meia braças, com fundo de areia ao poente e ao norte de Ared; a alguma distancia da costa ha fontes de agua doce que sáem de rochedos submarinos, sobre as quaes ondeia a agua salgada até a profundidade de uma a duas braças, conforme as marés. Algumas d'estas fontes ficam perto da praia, e os pescadores alli vem encher sem difficuldade os seus odres: ha porem outras mais arredadas de terra; e quando os pescadores pertendem fazer aguada guiam o seu batel para juncto de uma d'essas fontes; um homem da companha deita-se ao mar e mergulha com um odre ou folle de pelle curtida de carneiro ou cabra, tendo o cuidado de virar a bocca d'esta vasilha para cima da nascente, e basta a violencia com que esta brota para o encher logo; o mergulhador volta ao lume d'agua, e, despejado o odre, continúa o mesmo serviço em quanto é preciso. Estes homens, pela maior parte, não se occupam senão da pesca das perolas, e estão habituados a mergulhar doze e, ás vezes, quatorze braças. O capitão Maughan refere que existem mais de trinta fontes como estas nas cercanias d'aquellas duas ilhas.

Na Europa nota-se um semelhante phenomeno, ainda mais saliente. Em Spezzia, um dos bellos portos do Mediterraneo, pertencente ao territorio da antiga republica genoveza, ha uma fonte de agua doce que rebenta do meio do mar a pouca distancia da praia, com uma força tão prodigiosa que faz cachão acima das ondas, e quando faz bonança alteia-se quasi um palmo sobre a agua do mar; tem de diametro obra de cinco palmos. Julga-se que procede de uma quantidade immensa de aguas, que, não achando saída nas montanhas, se despejam em alguma grande cavidade dos Apenninos, de fórma afunilada, e penetram por infiltração até por debaixo do mar, e subindo obedecem ás leis da sua força e da gravidade.

O Juizo final.

Será chamado a juizo o religioso, o sacerdote.

«Dá conta do teu estado: reduzi-te da confusão do mundo para o socego da religião; communiquei-te o claro conhecimento do que é Deus, e do que é o mundo; puz-te no caminho mais seguro da gloria; dei-te os auxilios mais proporcionados á tua salvação. E como correspondestes a tanta misericordia?»

Será chamado a juizo o monarcha, o principe, o senhor.

«Sendo igual a todos por natureza, eu te fiz a todos superior por dignidade. Como me agradeceste este beneficio?»

Será chamado a juizo o que possuia muitas riquezas, o que logrou muitos annos, e assim todos os que receberam especiaes beneficios da mão de Deus.

«A juizo! Todos a juizo!

«A ti te dei as riquezas que possuiste, vivendo tantos visinhos teus em pobreza. A ti te dei largos annos de vida, quando tantas flôres se cortaram em sua primavera. A ti te livrei d'esta, d'aquella doença, quando outro acabou da mesma enfermidade.

«A ti livrei da justiça: a ti de um perigo: a ti de um naufragio. A ti dei a fazenda: a ti a saude: a ti a sabedoria: e finalmente a vós todos dei o conhecimento da minha fé, quando por falta d'este beneficio se condemnam tantos hereges, e se perdem tantos barbaros...

«E como correspondestes todos a tantos beneficios?

«Quando todas estas mercês vos haviam de pôr em maior obrigação para me servirdes, d'ahi mesmo tirastes materia para me offenderdes; da riqueza, do valor, da saude, da dignidade, tomastes occasião para maiores offensas, quando o haviam de ser para maiores serviços...

«E assim se pagam os favores? Os beneficios assim se correspondem? Pois á medida das mercês se executam as penas, e os castigos á medida das misericordias...»

Oh quantos estimaram não ter gozado n'esta vida tantas felicidades, por não ter tanto de que dar conta na outra vida!...

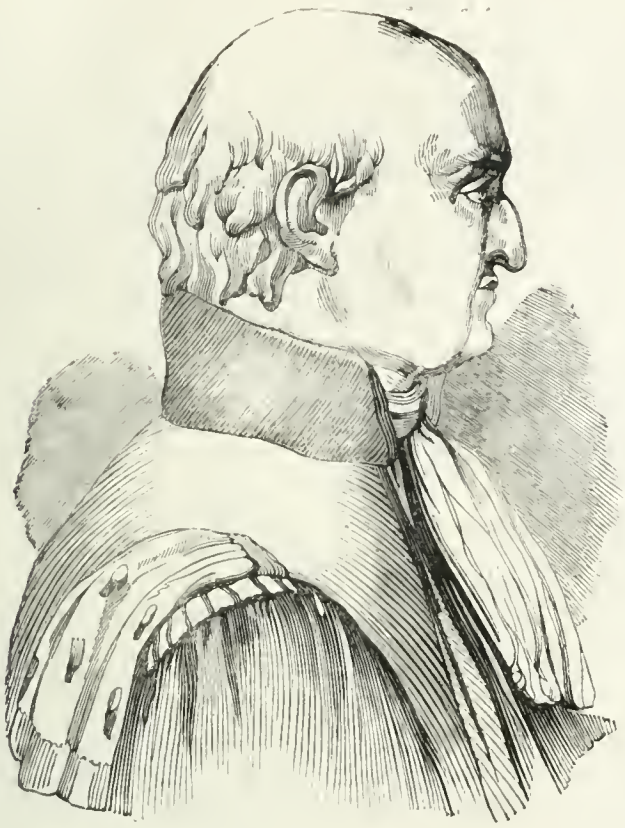
Eusebio de Mattos — *Pract.*

Não ha fundo de agulha que seja mui pequeno para dois amigos; para dois inimigos não basta a extensão do mundo.

O homem é sabio quando busca a sabedoria, louco quando crê tê-la encontrado.

São convidados os senhores cujas assignaturas, por serem de semestre, acabaram em o N.° 26, a renova-las na Typographia, Largo do Contador-Mór n.° 1 A, podendo das Provincias dirigir-se em carta franca á — Redacção do Panorama. —

Preço das Assignaturas por anno. . 1$200 rs.
Dito por semestre .... $640 »



BERNARDO JUSSIEU.

O museu d'historia natural de París é o mais vasto estabelecimento que se tem consagrado á sciencia da natureza; poderão existir (dizia Cuvier) collecções mais completas quanto a certos ramos, mas nenhuma por certo ha que appresente um conjuncto de todos os da sciencia melhor organisado e composto. Denominam-n'o geralmente o Jardim das Plantas, em razão d'esta parte importante que comprehende mais de cincoenta geiras francezas, na qual, bem como em estufas, egualmente numerosas e vastas, se offerecem á vista mais de sete mil especies de plantas na sua vegetação, associando-se alli em patria adoptiva as habitantes dos differentes climas; terrenos especiaes estão reservados ás plantas uteis, e ás arvores fructiferas ou florestaes. Um amplissimo pateo de bichos, que fica ao lado do jardim, conserva continuamente mui grande e variada quantidade de animaes vivos, transportados de todas as regiões: elephantes, camellos, zebras, lhamas do Perú, kanguruges, gazellas, leões, tigres, toda a casta de pantheras, macacos, etc., alli permanecem, sendo revezados os typos que perecem, para que, depois de terem sido observados em vida pelos naturalistas relativamente aos habitos, forneçam, quando mortos, aos anatomicos observações não menos importantes pelo que toca á organisação animal. Os gabinetes de productos preparados appresentam em bellissima ordem quanto ha que a natureza crie que possa conservar-se. A collecção dos quadrupedes é superior a todas que n'este genero se conhecem; as outras classes são da mesma fórma extremamente abundantes e ricas; os herbarios, vivendo ainda Cuvier, continham acima de vinte mil especies de plantas. — Este jardim data a sua origem, mas tenue, desde o reinado de Luiz XIII. Foi a administração do famoso e eloquente Jorge Luiz Le Clerc, mais conhecido pelo seu titulo de conde de Buffon, que no meiado do seculo passado deu vigoroso impulso a este grande estabelecimento, o qual desde então não tem cessado de enriquecer-se; porquanto circumstancias favoraveis, como os resultados das viagens e explorações recentes, o tem elevado ao duplo depois da morte d'aquelle homem celebre. — Outro sabio naturalista, Geoffroy de St. Hilaire, ha pouco fallecido, a quem Buffon chamou como chamára Daubenton, com grandissimas diligencias conseguiu augmentar o museu em geral, mas particularmente na curiosa collecção de animaes vivos, e na dos animaes empalhados, que é hoje o modêlo n'este genero.

O ensino das sciencias naturaes está distribuido

por differentes cadeiras, cujos professores administram em commum o estabelecimento sob as ordens e a inspecção do ministro do reino. Homens distinctos, gloria da France, teem pertencido a esta brilhante eschola, e longo seria enumeral-os; de bastantes já por vezes temos fallado, mais ou menos extensamente, nas series d'este jornal. Os dois Jussieu não foram dos menos notaveis. Bernardo de Jussieu, demonstrador de botanica no jardim das plantas, e membro da Academia das Sciencias, foi um d'esses philosophos praticos que dedicaram a vida inteira ao estudo e á virtude, em silencioso retiro das turbulencias das paixões politicas e das ambições mundanas. Adquiriu saber immenso, fez importantes descobrimentos na sciencia, mas deixou poucas obras; porém a sua memoria é prezada de numerosos discipulos, muitos dos quaes se illustraram na mesma carreira, e que, pelo fructo das lições de tão conspicuo mestre, chegaram a eminentes logares no magisterio. — Bernardo de Jussieu falleceu em 1777.

Antonio Lourenço de Jussieu, sobrinho e discipulo do precedente, um dos primeiros botanicos da nossa idade, é auctor do importante livro *Familias naturaes das plantas*; elle proprio confessa ser devedor a seu tio das primeiras idéas d'esta obra classica.

Odio velho não cança.

(Romance Historico.)

Introducção.

Cura, che di timor ti nutri e cresci.
Petrarcha — *Sonet.*

Abrindo em um capitulo o Nobiliario attribuido ao conde D. Pedro, achei a tradição do rapto de D. Maria Paes, amante de Sancho I, por Gomes Lourenço da familia do famoso Viegas de Riba-Douro, denominado pelos chronistas o *Espadeiro*.

Logo á primeira leitura me travou o sabor rustico, mas agradavel, das historias populares cantadas com a ingenuidade do velho estylo patriarchal. O quadro do *Livro das Linhagens* lembra aquelles paineis dos flamengos, aonde com simpleza e naturalidade, demasiada as vezes, as figuras destacam para conversar o serão, illuminadas pela chamma que arde nas gothicas chaminés.

Pelo menos produziu em mim este effeito. Por momentos consolei-me, respirando o ar aspero em que foi creada a infancia de Portugal.

O colorido do estylo é antigo, e incorrecto o desenho das scenas. É verdade; mas toques e physionomias ha alli que hoje se não encontrarão, a não ser em alguns retabulos da eschola chamada de *Grão-Vasco*.

O drama e a novella historica, se quizerem a honra de nacionaes, devem estudar muitas d'estas lendas do Nobiliario, e repassar se n'ellas do espirito das epochas passadas. Aquelles retratos quasi apagados já, anima-os ainda um resto da alma da vida e das crenças dos primeiros seculos. Pedaços do grande espelho em que elles se encravam é necessario ajuntal-os e embebel-os na moldura moderna para tornar a vêr alguns dos seus defeitos e bellezas (1).

Na tradição de Maria Paes sente-se isto. A' excepção de duas situações, tudo o mais levou a torrente, que tanto monumento precioso tem varrido.

Tambem ignorámos quasi todas as circumstancias do louco amor que arrojou o cavalleiro a forçar, não qualquer dama (o que era então vulgar), mas a amante do rei Sancho I. Apesar de ter o corpo agrilhoado ás paredes do tumulo, a sombra irritada do vencedor de Silves devia ainda arrefecer a audacia do homem que, pisando as suas cinzas quentes, lhe profanava as intimas affeições da vida.

A não existir uma causa poderosa, atrever-se-hia o impeto dos sentidos a tal extremo? Parece-me que não. Gomes Lourenço em Avellans nada mais fez do que revelar a desesperação de affectos mal retribuidos ou completamente desprezados.

O odio de raça, o desdem de mulher, e o escarneo, mais pungente que ambos junctos, bordaram de escuro a tela em que esses amores se despregavam. É o que indica a propria reconciliação, depois do rapto, fingida, vê-se bem, para adormecer o cavalleiro nos braços da esperança, e arrastal-o, enganado, a morrer da morte dos traidores.

De que maneira o conseguiu Maria Paes?

Este segredo comeu-o a terra com as entranhas dos auctores do crime.

Entretanto uma conjectura pouco arrojada offerece a mais plausivel explicação. É natural que representando a comedia do amor que tão sentia, e embalando Gomes Lourenço com promessas e jura-

---

(1) O verdadeiro caracter do *Livro das Linhagens* lixou-o, com a sua costumada critica e erudição, o meu amigo o sr. Alexandre Herculano em o 1.º volume da *Historia de Portugal*, monumento de gloria para elle, e de infamia para a nossa litteratura.

« O *Livro das Linhagens*, que ainda hoje existe na Torre do Tombo, attribuido ao conde D. Pedro, e que não é mais que um composto de diversas memorias genealogicas, escriptas em epochas differentes, e mal coordenadas, provavelmente nos meados do seculo XV, estabeleceu a opinião, etc. » (Nota 14.ª pag. 475 in princip.)

Na confusão da Babel genealogica (assim lhe chama o Sr. Herculano n'outra parte) apparecem a cada passo claros signaes de lacunas, ou filhas do obscuro narrar dos primeiros collectores, ou, o que é mais provavel, por já correrem desliguradas as memorias na lembrança dos velhos, archivo incerto e transitorio. Se ás injurias do tempo accrescentarmos o descuido dos copistas, pouco admirara que as noticias bebidas em fontes turvas e lançadas em diversas epochas, alterando-se, passassem mutiladas da tradição oral para a tradição escripta.

É o que se observa no capitulo em que vem o rapto de Maria Paes. Tropeça-se a cada linha em erros e difficuldades insuperaveis: porque de um drama completo apenas recolheram incertos fragmentos. Só duas scenas escaparam inteiras, e a ultima com evidente falsificação: as circumstancias de que alli se reveste o assassinio de Gomes Lourenço são inconciliaveis com o caracter do rei, com as leis d'aquella sociedade, e até com o senso commum.

É por isso que, tomando do *Nobiliario* a tela já preparada, nos apartámos d'elle em quasi tudo o que pertence ao lavor do enredo e ao desenlace da acção, respeitando sempre o que resta do primitivo desenho das physionomias, as vezes admiravel, e conservando a côr antiga que em muitas partes resuma das mesmas innovações com que o foram cantando e assarapintando de camadas de ocre e vermelhão restauradores.

Aproveitámos igualmente com religiosa diligencia todos os clarões historicos, que d'espaço a espaço alegram a monotonia das enfadonhas ladainhas genealogicas. Estes clarões, infelizmente raros, são importantes para adivinhar o « viver e crer » de seculos mortos.

N'este sentido é immenso o valor do *Nobiliario*. Sem elle é difficultoso que se evite o absurdo de attribuir ás gerações da idade media, a pretexto de lhe polir a barbaria, ideas e costumes que não foram seus, e virtudes que ella não conheceu, nem podia conhecer na preversão moral do existir de soldado nos arraiaes, e da rudeza feroz das classes, mesmo elevadas. Quem não pôde fazer das antigualhas patrias o estudo exclusivo da vida, acha no *Nobiliario*, expurgando-o de fabulas insensatas, algumas feições d'essas epochas, hoje desconhecidas.

mentos, o atrahisse aos laços que tecêra d'acordo com os parentes. Quem reflectir no caracter de Maria Paés, esboçado com tanto vigor no *Livro das Linhagens*, ha de concordar com esta hypothese. Mestra na horrivel sciencia da hypocrisia e da perfidia, e batendo-lhe no peito o coração de uma raça implacavel, os encantos da belleza escondiam o espirito de um demonio. Era a alma e a formosura da piedosa rainha Leonor Telles.

A' versão do *Nobiliario* sobre a morte de Gomes Lourenço preferiu-se, por mais adequado á invenção poetica, e mais conforme aos costumes do seculo o desenlace que figura neste romance. O papel que lá se dá ao rei de Leão, e a justiça arrebatada attribuida a Affonso II, oppoem-se demasiado aos usos do tempo, para ao menos serem verosimeis.

Um dos Viegas, familia enlaçada por allianças com tantas casas importantes do reino, não se justiçava como villão a quem o verdugo corta as orelhas por sentença d'alvazis. A historia dos primeiros reinos mostra, pelo contrario, que os fidalgos, desenfreados pela impunidade, ousavam tudo, sem a auctoridade real ainda ter força de os cohibir.

Além d'isto, que havia o rei de estranhar, se elle frequentes vezes dava o exemplo das violencias?

Nas contendas de Sancho I e seu filho com o clero e alguns nobres, o monarcha recorreu ao incendio e á oppressão, como a meios promptos e naturaes. Os ricos-homens, de que na realidade só era o primeiro, imitando-o ou excedendo-o na fereza das vinganças, não seguiam as suas pizadas como leaes admiradores do principe?

De mais, se o rapto da *mulher de linhagem* era feito mais arriscado do que desflorar a innocencia da filha do povo, o perigo não estava no poder do rei e na severidade dos seus tribunaes; provinha das represalias sempre rapidas e sempre inexoraveis da familia. O roubador ficava deante d'ella como homicida de mais que a vida, da honra e orgulho da raça nobre, e só com o sangue podia lavar a nodoa e expiar a injuria. O direito de vindicta, exercido pelos parentes, legitimado nas leis, e sanctificado pelos costumes, bastava para flagellar de receios e perseguir de remorsos o coração do criminoso. Entretanto, no meio das ameaças erguidas sobre elle, o cutello do algoz, afiado por D. João II na cabeça da fidalguia, não lhe estremecia a alma com o reflexo sanguineo.

Então o rei não tinha ainda aprendido a canonisar as suas paixões com a opa da justiça, mercadejada no leilão das cubiças humanas. Ambições ou vinganças eram sinceras e andavam sem mascara. Este requinte de civilisação, ou de atrocidade legal, veio só com os tempos romanos do filho d'Affonso V, do ultimo rei cavalleiro!

Todo o enredo d'esta novella prende no odio de raça, feição caracteristica da idade media. A chronica das luctas individuaes, a das classes e concelhos, restaurada com consciencia pelo drama e pelo romance, era a pintura exacta das sociedades semi-barbaras, que dormem na urna cineraria. A originalidade tragica, e o pictoresco dos costumes, que offerece, estão gravados nos episodios tão admirados da *Divina Comedia* do Dante, e em algumas das melhores peças de Shakspeare.

Uma d'ellas, *Julieta e Romeo*, é talvez a mais bella composição do poeta inglez. Cito-a de proposito, porque recorda nos traços geraes algum tanto da tradição de Maria Paes. O interesse nasce tambem das rixas de duas familias, e as espadas cruzam-se para ensopar em sangue o atrio dos paços, e converter as ceremonias de um noivado nos goivos do sepulchro.

A semelhança, porém, está só na identidade do facto. Na fabula, nos caracteres, e nos sentimentos aparta-se completamente, pela opposição de indole dos dois povos, e mais que tudo pelo abysmo que separa a poesia do Norte da poesia peninsular.

E entretanto, Shakspeare em nenhum drama foi menos inglez do que em *Julieta e Romeo*. Meditou-a debaixo do til, como se, á sombra dos laranjaes e limoeiros, Sevilha ou Granada lh'a ouvissem metrificar. Sem ser escripta com choradeiras da pieguice sentimental, é filha legitima dos affectos da natureza. Avaliada só pela fórma parece inspirada pelo sol da Hespanha; mas o espirito desconsolado do scepticismo moral esconde-se entre os myrthos e as boninas que a vestem.

Vendo Romeo e amando o, Julieta presente que o verme da morte está dentro da rosa colhida pelo amor. E ella quem prophetisa «que o tumulo será o seu leito nupcial, e os brandões funereos as tochas accesas no banquete de vingança das duas casas inimigas.» Longe de espairecer no jardim das illusões, a donzella apaixonada geme na tristeza as horas solitarias da noite. A lua, amiga dos amores, caíndo mollemente sobre as pedras do jazigo, parece que só lhe mostra o sitio aonde irá descançar o peito das ancias do infortunio!

Que differença entre a contemplação da morte no affecto, que resume a vida, e os extremos da paixão arrebatada, que respiram as peças castelhanas de Lopo da Vega e Calderon?! Na immensidade do desejo, e no infinito da phantasia, como que ainda se acham apertados, pedindo á esperança azas que os levem ás regiões nebulosas do futuro. O inglez, pelo contrario, recolhe de joelhos o orvalho que goteja do topo das cruzes no chão dos mortos, para regar com elle a tenra flôr que nasce para morrer. E que, segundo Shakspeare, a existencia que mais significa do que o martyrio do homem, passando pela terra de viajem para o secreto e invisivel chamado eternidade?

Chorosa no deserto dos mares e no confrangir da ausencia, as duas grandes solidões da vida, a musa britannica mal póde sorrir. Tormentas balouçam-lhe o berço, os nevoeiros toldam-lhe a luz, e a luz baça dos dias annuvia-lhe o resto. A graciosa ironia, nos climas da Peninsula, verte lá o sangue da injuria. A comedia, jovial na Italia e na Hespanha, perde o riso amigo do povo, e, não sei porque, lembra as gargalhadas dos coveiros de *Hamlet* sobre a sepultura á meia noite, quando os pyrilampos fulgem ao redor, e as brizas soluçam nos cyprestes!

A paixão do Norte é a noite dos esponsaes de Romeo (act. 2. scen. 2.) conversada ao luar. Que namorada cantiga nos trillos do rouxinol! Os suspiros da aragem e a fragrancia das flôres são harmonia e perfume entre os quaes recendem os juramentos e beijos do primeiro amor! O coração vive, e a alma liba o mel do existir. E comtudo ha n'esta scena mais tristeza do que prazer. Na propria ternura reflecte-se um como clarão d'alampada funebre. A cruz da ermida, onde por fim vão morrer, negreja desde o principio por entre as grinaldas do amor.

A musa das Hespanhas não entende assim a existencia. Filha de amenos climas, não se reclina sobre as cascatas nevoentas, mas sonha acordada debaixo das arvores que bordam o leito das estradas, susurrando á beira dos rios. Não vai, como o rei Lear, exposta aos temporaes, vozeando imprecações nos desertos. Como elle, não pára, com o peito queimado para rir de um riso louco, quando resoam na solidão as mofas de Yorie, mais amargas que solaços. A luz e o sol, as flôres e as aguas, alma da natureza, tambem são a alma d'ella. O estio calmoso surprehende-a

singela e pastora a banhar-se meio corpo nas fontes, ou pulsando a lyra ao doce luar de junho.

Se chora, poucas vezes são amargosos os prantos. Se o coração suspira, raro geme pelas convulsões da dôr. Se a alma anceia, quasi nunca é de desesperação. Os delirios de Sapho, as saudades que matam, o amor que verte sangue em vez de lagrimas, no jardim do Minho e na primavera da Hespanha, nunca se levantam como os sinistros espectros do ciume de Othello, do scepticismo de Hamlet, e da furia de Lear.

As paixões da Peninsula são ardentes, porque o sangue portuguez queima como africano; mas a esperança, mesmo no meio das vascas da morte, aponta para o céu. Padecer é expiação e não inferno. O que, desfallecido do pezo da cruz, ajoelha e cáe, não expira enchendo a terra, como Byron, dos clamores do scepticismo. Acima das tempestades do oceano, em que a vida se afunda ou sobrenada, está Deus para estender a mão de misericordia tanto a quem o implora com a fé, como a quem o chama com amargura.

Na harpa do Norte falta esta chorda de consolação religiosa; e a alma enfeza se, mutilada dos mais nobres sentimentos. O coração, cortado d'espinhos, sangra, sem conhecer a paz que só dá a resignação ao animo contricto.

A opposição de idéa e de natureza entre a poesia do Norte e do Meio-dia contitue a originalidade d'ellas. Os cantos de Macpherson em Castella e Portugal nem sequer eram intelligiveis para o povo.

Tem-se dicto de mais para tirar qualquer suspeita de semelhança entre a tradição do *Nobiliario* e a *Julieta e Romeo* de Shakspeare. Agora seja permittido accrescentar duas palavras para explicar o fim que se teve em mira, acceitando-a para base das ficções da novella historica.

A côr antiga do *Livro das Linhagens* serviu de fundo ao painel em que se tentou debuxar algumas scenas do seculo XIII. O povo acha-se retratado, de escorço, nas ondas da praça publica, aonde ensaiou a vida energica dos reinados de D. Fernando e D. João I, e esboçado de leve nos costumes intimos e menos apparentes, que se concentram ao pé da fogueira no lar domestico. As leis conservadas no *Fuero viejo de Castilla*, e os usos civis e religiosos, colligidos pelo sabio Berganza nas *Antiguidades de Hespanha*, ministraram tintas, hoje raras, para ás já obliteradas physionomias do clero e da nobreza na idade media. As virtudes e os defeitos das classes, quanto era possivel em breve quadro, resumiram-se, para melhor resaír o espirito de que outr'ora viveu a sociedade que tanto lidou pela gloria do nome portuguez.

Em assumptos *historicos* o dever do romance consiste em expressar o *viver e crer* de Portugal, ou de outra qualquer nação, n'uma epocha designada. Evocar o cadaver do tumulo, e envolto no sudario mostra-lo ás gerações presentes em *caricatura*, ou como gigante monstruoso, é crear uma cousa vã. Se não se derem aos mortos os sentimentos e crenças que os animaram, e as paixões humanas por que padeceram, fez-se tudo, menos uma obra util. Para os calumniar não val a pena assoprar-lhes as cinzas.

A religião de sepulchro é tão sagrada para a arte como para a historia.

Porém a *verdade*, nos lavores da imaginação, está em reproduzir a essencia, e não em suar para dissolver em arengas semsabores e palavrões torcidos a tinta de cada letra dos pergaminhos velhos. O verdadeiro espirito dos seculos foge sempre dos copistas que o julgam colher n'uma rede de apanhar vocabulos.

Aquelle que entender esta grande regra, e a a exprimir na historia ou no romance, levantou um monumento litterario capaz d'esmagar a inveja de todos os torniquetes de phrases quinhentistas. Felizmente a novella e a historia já nasceram em Portugal, e seria duvidar da gloria do seu auctor o citar-lhe o nome.

Quanto se tractou este romance havia o pensamento de fazer d'elle o prologo em acção de obra de maiores dimensões, já riscada. Para alli se reservava tambem o corollario moral no espectaculo dos remorsos de Maria Paes. O castigo, caíndo sobre os que eram sangue da sua alma até a segunda geração, cumpria as maldições contra ella proferidas por Gomes Lourenço na hora suprema. Se o tempo o consentisse, a segunda parte da novella satisfaria ás condições moraes que importa combinar com as invenções do romance.

Todos as hypocrisias são immundas, mas a mais asquerosa de todas, a dos Labras litterarios, só inspira dó a quem não negoceia popularidade, exaggerando as tendencias da epocha. A maior punição de taes homilias, polvilhadas com o gorgulho dos archaismos, está no escarneo com que as flagella a sensata opinião publica. Hoje é tão necessario acatar a moral como declinar qualquer de si a accusação de pertencer á seita dos *irmãos da charidade* da republica das lettras.

Por ultimo, como esta tradição revê a mais funda melancholia e chora sobre vivos e sinceros affectos, talvez com motivo se adoptou para epigraphe este verso de Shakspeare em Othello:

«She was born to be fair; I to die for her love.»

De certo o desgraçado Gomes Lourenço se ja existisse no seu tempo, diria com o poeta inglez:

Ella nasceu para matar d'encantos,
Eu para amando-a em vão, morrer d'amores.

É que Shakspeare, mestre na sciencia do coração humano, sondou a ferida que este desespero corta no peito; é, em duas palavras, a historia do martyrio do infeliz cavalleiro de Salzedas.

O infinito padecer d'aquelle homem, bastante para encher uma vida de seculos, esta resumido n'esse verso sublime, escripto com lagrimas na alma pora de Desdomana.

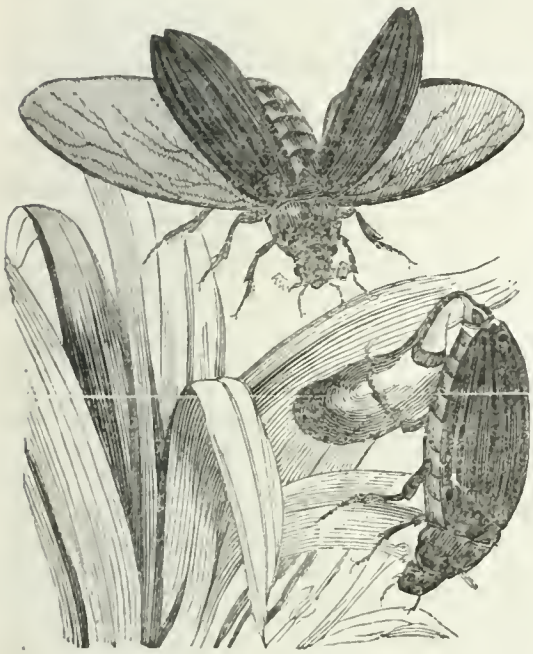
Março 28 de 1847.

L. A. Rebello da Silva

Carreoação singela.

Ruins chocarreiros metteram em cabeça a um tal Larose, guarda roupas de Mr. d'Argental embaixador da França em Constantinopola no anno de 1690, que se levasse para a Turquia boa quantidade de cabelleiras, acharia gasto prompto e d'este modo enriqueceria. O pateta credulo empregou todo o peculio das suas poupanças em comprar cabelleiras; e apenas chegou a Constantinopola communicou o segredo a um negociante francez, que desatou a rir, como é bem de suppôr, e declarou ao parvo que fôra victima de um opio; esta revelação pôz o triste Larose em grande desconsolo e melancholia. Percebeu Mr. d'Argental quanto o seu guarda roupas andava magoado, e quiz saber o motivo: informado do caso não poude deixar de rir tambem; mas condoendo-se do criado, fallou no outro dia ao grão visir a vêr se haveria meio de tarde ou cedo se expedir a farenda; o grão visir, que-

reu do agradar ao embaixador, affirmou-lhe que o negocio tinha bom remedio. Com effeito, logo no dia immediato um firman ordenou a todos os judeus de Constantinopola trazer cabelleiras. Este ridiculo abuso do poder despotico espalhou terror entre os judeus. Como obteriam de prompto cabelleiras? Larose approveitou-se d'este apuro dos pobres hebreus e vendeu bem o seu genero, e poude, ao voltar a França, zombar dos farcistas que o tinham empulhado.



O HYDROPHILO.

Na classificação de insectos chamaram os naturalistas coleópteros aos que são munidos de queixos e de duas azas cobertas por dois elytros, ou estojos, de substancia cornea, debaixo dos quaes se dobram. Esta classe é mui numerosa e variada, contendo insectos mui brilhantes, e outros nojentos e despreziveis. Entre os seus diversos generos conta-se o dos hydrophilos, que por muito tempo foi confundido com os dytiscos, debaixo da geral denominação de escaravelhos aquateis; o nome dos primeiros quer dizer *amadores da agua*; dytisco, igualmente de origem grega, significa *mergulhador*. Ha uma multidão d'insectos d'esta raça nos tanques, lagos, aguas encharcadas, pantanos, e até nos ribeiros. Acham-se grandes e pequenos, pretos e pardos, que têem o corpo oval ou oblongo, convexo e com bordas, a cabeça chata, e tambem os dedos das pernas chatos em fórma de remos, pelo que principalmente os confundiram com os dytiscos, que vivem no mesmo alimento. As larvas d'estes insectos, isto é, o primeiro estado ao saír do ovo, são uns vermes aquaticos de seis pernas, e queixos compridos e curvos, mui destruidores, e prejudiciaes nos tanques e viveiros por devorarem as desovas dos peixes; escondem-se debaixo da terra para se metamorphosearem. O insecto no seu estado perfeito nada, mergulha; porém anda mal, e só vôa, ao modo das baratas, proximo da noite para mudar de aguas. Quando a femea quer pôr os ovos, busca um boccado de páu, uma folha larga, ou cousa semelhante, e ahi os depõe, cobrindo-os com uns fios de côr parda, macios como seda, que tece de sua propria substancia, abandona depois este casulo, que fluctua ao sabor das aguas até que saiam as larvas e caiam no charco; estas nadam velozmente, mergulham com muita presteza, e exhalam um cheiro desagradavel; vão e veem da agua, como lhes convém, até o tempo da metamorphose, que então alcançam as margens seccas, cavam a terra e ahi se retiram até tomarem a fórma de escaravelho; depois da qual o insecto vôa e está perfeito.

Descida ao volcão de Kirauea.

Nos antigos compendios de geographia citavam-se geralmente tres volcões em actividade, o Vesuvio e o Etna sebre o Mediterraneo, e o Hecla na Islandia: porém os modernos descobrimentos fizeram bem conhecidos outros muitos em remotas regiões.

O volcão de Kirauea está situado na parte meridional da ilha de Oahu ou Owyhee a mais consideravel do archipelago de Sandwich. Esta ilha, como outras muitas do Oceano Pacifico, é de formação volcanica: dilatadas correntes de lava cobriram depois grande parte da sua superficie; algumas, da extensão de oito leguas, vieram precipitar-se no mar do alto das ribas de penedia. Em 1800, uma d'essas grandes torrentes, expulsa por uma das crateras da ilha, entulhou uma bahia vasta, e formou n'esta paragem a costa actual. A lava recente appresenta a superficie inteiramente núa, sem que n'ella bote uma fevera de herva, ao passo que a mais antiga se decompoz e está recamada de riquissima vegetação. Fóra d'isto, o aspecto de Owyhee mostra-se encantador, offerecendo por todos os lados vistas admiraveis; algumas das suas montanhas elevam-se quinze a dezeseis mil pés acima do nivel do mar. Porém, o volcão de Kirauea não é como os outros, mais nomeados, um monte truncado, sobranceiro ao territorio adjacente, e que de toda a parte se divisa; pelo contrario, occupa o centro de uma vasta planura, levantada mas chã, e é preciso chegar á beira do precipicio para se descobrir subitamente o seu immenso foco. — Ouçamos a relação de um viajante. —

Na madrugada de 7 de maio de 1843 saímos da bahia de lord Byron para visitar aquelle celebre volcão. Passada uma a duas horas de caminho por meio de uma campina deliciosa, cortada de outeiros e valles, semeada de bosquesinhos de bellas arvoress chegámos a uma floresta um tanto extensa; o solo era tão espinhado de abrolhos, enlaçados por tal fórma com trepadeiras e outras plantas que rojam pelo chão, que muito nos custou a atravessal-o. A' saída d'esta matta, ainda era mais agradavel a paizagem; mas d'ahi a pouco appresentou-se de aspecto sombrio e de assolação; caminhavamos sobre uma camada de lava de perto de duas leguas de largura; era de formação recente, e tão lisa e escorregadia que era difficil firmar os pés; n'outras partes era tão escabrosa e cheia do escorias que só podiamos andar com muito trabalho. Aquem e além surgiam alguns enfezados arbustos que haviam tomado raiz n'aquelle solo requeimado, e de ambos os lados do leito da torrente corriam mattas de arvores anãs e pobres de rama. Descobriam-se ao longe as magestosas assomadas de Muna-Roa Muna-Kea; á direita e á esquerda perdia-se a vista na immensidade do Oceano, e a côr das aguas confundia-se com o azul dos ceos.

Antes do pôr do sol tinhamos ganhado até á origem da lava, mas estavamos exhaustos de cansaço, e démo-nos por felizes de achar abrigo para a noite

n'uma choça mal reparada que os naturaes tinham construido, onde dormimos profundamente. No dia seguinte estavamos a caminho ao romper d'alva, e não tardou que descobrissemos a fumarada do volcão em graciosos redemoinhos. Apertámos o passo e chegámos pelas nove horas a uma especie de lago de enxofre e de escorias, d'onde se exhalavam os vapores; apanhámos algumas crystallisações, mas não nos demorámos. Logo nos prendeu a attenção uma longa abertura que se estendia de 500 a 600 passos para diante da cratera: tinha de largura 30 pés por 700 a 800 de comprimento, e d'ella saíam incessantes turbilhões de vapor tão quente que os nossos guias cozeram com elle batatas em poucos minutos. Este vapor, em consequencia do contacto com o ar frio, condensa-se, e perto d'alli formou-se um bonito lago de agua excellente, a unica que se topa a muitas leguas em redondeza; é ensombrado d'arvores altas, e n'elle folgam bandos numerosos de aves aquaticas.

Eram dez da manhã; e depois de havermos passado o pego de enxofre, caminhavamos por um leito de lava extremamente accidentado, costeando escuras fendas, com que o terreno estava todo rachado, e a que os olhos não descobriam fundo. A final démos com a principal cratera de Kirauea, que mede tres leguas de circuito; e suspendemos os passos á borda de um precipicio, onde a vista se desvairava mergulhando n'um escancarado medonho abysmo a muitos pes abaixo de nós, onde todos os elementos da natureza pareciam baralhados em lucta uns com os outros; nada mais podiamos distinguir do que massas enormes de fogo rolarem-se como vagas encapelladas. Este abysmo, que parecia verdadeiro respiradouro do inferno, estava salpicado de muitos cones volcanicos, do vertice dos quaes jorravam de continuo torrentes de lava derretida, chegando nós a sentir o calor d'estas erupções. Da profundeza se levantavam agudos silvos, espantosos mugidos, e um como rebombar de trovões, acompanhado tudo de espessas nuvens de vapor, cinzas e fumo.

Tão grave e temeroso espectaculo bastava para gelar corações os mais animosos: porém, sobejos eram os perigos com que na vida tinhamos arrostado, para hesitarmos perante outros obstaculos. Armado cada um de nós de comprido bordão para sondar o terreno ignoto a que nos aventuravamos, começámos a descer á cratera; o perigoso declive por onde investimos era ás vezes quasi a pique, e sulcado de gretas fundas: adiantámo-nos com precaução, e ao fim de tres quartos d'hora estavamos no fundo da cratera, sobre o proprio solo do volcão. Contámos vinte e seis montes conicos distinctos que variavam na altura de vinte a sessenta pés, sómente oito d'elles eram activos. Trepamos a alguns dos que expelliam só vapor e cinzeiro, e d'onde trasbordava material avermelhado e ardente; até que chegámos tão perto da bocca de um que podémos mergulhar os bordões no fogo liquido, lançamos n'outro volumosos pedaços d'escorias, que logo foram despedidos para o ar.

Entre os objectos de curiosidade que appresentava n'aquelle momento o boqueirão ou cratera grande numeravam-se os charcos de lava derretida: distinguiam-se seis, o maior na direcção de sudoeste. Chegados á borda, não podémos contemplar sem admiração o espectaculo d'aquelle mar de fogo que redemoinhava a mais de trezentos pés abaixo do logar que occupavamos; pujantes vagas inflammadas rebentavam de encontro as paredes do boqueirão, e ao mesmo tempo repuxos de lava incendiada, atirando-se a altura de 60 a 70 pés, produziam tão intenso calor que fomos obrigados a retirar-nos precipitadamente. Passados alguns minutos a scena mudou como por encantamento: abonançou tudo, e a superficie do lago não mostrava aos olhos espantados senão uma informe e negra massa d'escorias. Porém a natureza tinha apenas descançado um instante para recuperar forças novas; em quanto observavamos esta maravilhosa mudança, a codea que se formára á superficie começou a rachar e despedaçar-se de uma a outra extremidade; a lava no estado de fosão, alteando e estalando por todas as partes aquella fragil capa, cobriu de novo a extensão do lago, á excepção de uma ilhota que notámos no centro, e que parecia dar balanços como um navio em mar tormentoso. Vimos reproduzir-se muitas vezes o mesmo phenomeno, sempre acompanhado dos mesmos effeitos. — Atravessámos então o fundo da cratera, negro e desigual, cortado de extensas e altas fendas, e d'ahi a algum tempo fomos parar defronte de um longo dique formado de lava endurecida: depois de o termos galgado, e descido uma ladeira de obra de 40 pés, achámo-nos n'um plaino que toma quasi a quarta parte da superficie total da cratera. Não tardou que conhecessemos que não podiamos estar alli muito tempo, porque a infinidade de gretas por todas as direcções descobriam o fogo subterraneo a poucas pollegadas da superficie que pisavamos: um dos meus companheiros accendeu o cigarro n'uma d'essas aberturas. Encontra-se enxofre com abundancia no volcão e immediações; era toda d'esta materia a parede da cratera no sitio onde estavamos, a qual não tinha menos de mil pés de alto, antes teria mais. Andavamos occupados em colher n'aquella escarpa algumas formosas amostras de crystallisações, quando um grande pedaço em bruto que se desapegou por acaso rodou para uma das aberturas; foi-nos forçoso retirar a toda a pressa, e assim mesmo esteve a ponto de nos suffocar a fumaça que surgiu. Havia mais de cinco horas que percorriamos a cratera, e alli estariamos de boa vontade por mais tempo; porém os derradeiros raios do sol a pôr-se douravam a aresta da bocca do precipicio, e por isso começámos a subir, operação assas difficil, e que nos consumiu nada menos de cinco quartos d'hora. Dirigimo-nos á mesma cabana da precedente noite, e em quanto as sombras engrossavam aviámos uma refeição frugal; mas não podémos resolver-nos a dormir sem fazer a ultima visita á cratera de Kirauea; pozemo-nos com todo o vigor a caminho, e tendo chegado, não sem custo, porque tropeçavamos a cada passo, contemplamos novamente da beira do precipicio aquella immensa voragem allumiada por a lava incendiada: toda a superficie do plaino que tinhamos visto cheio de fendas parecia-nos agora uma rede de lava ardente. Quando examinavamos este espectaculo, que a obscuridade nocturna fazia realçar, transformou-se de subito a planura n'um vasto lago de fogo; a crusta solida liquidificou-se, e os lados derrubados misturaram-se com a massa agitada. Pozemo-nos em retirada, estremecendo com a lembrança de que poucas horas antes estavamos n'aquelle mesmo logar, onde agora ferviam cachões de fogo. No seguinte dia voltamos á cratera; tudo achamos no mesmo estado, o novo lago continuava a ferver, e os cones volcanicos despediam aos ares fragmentos de rochas calcinadas, acompanhadas de rolos de vapores que se evadiam por entre sibilos; o grande laço do sudoeste achava-se nas mesmas crises convulsivas que na vespera. E por esta vez demos ao volcão a nossa despedida.

Não estejas nunca entre os perseguidores, está antes entre os perseguidos.

Seitas religiosas nos Estados-Unidos (1).

Os Estados-Unidos do norte da America teem feito innovações na religião como na politica. As differentes seitas inglezas, passando do antigo para o novo mundo, mudaram de caracter, de disciplina, e ainda mais de proporções relativas

Nos Estados-Unidos a maior parte das seitas practicam o que chamam *revivals* (revificações), que teem por objecto avivar o zelo religioso. O *revival* consta de rezas em commum, sermões, practicas, reuniões prolongadas, visitas domiciliarias: parece-se de algum modo com as missões provinciaes dos catholicos.

As igrejas americanas appresentam o reflexo das instituições politicas do paiz, os ministros são alli mais dependentes dos fieis do seu rebanho do que em parte alguma; são escolhidos e até amoviveis por elles: a dependencia é mais ou menos absoluta conforme as diversas seitas; é muito maior entre os congreganistas, cujas igrejas são isentas umas das outras, ao inverso das outras seitas que reconhecem mais ou menos auctoridades superiores, como por exemplo os synodos e a assembléa geral dos presbyterianos. Os methodistas, tendo poucos ou quasi nenhuns ministros residentes, esquivaram-se ás difficuldades que por outra parte resultam da situação precaria dos ministros.

Além dos ministros ou pastores ha nas varias seitas outros funccionarios ecclesiasticos: quasi todas teem anciãos (*elders*) que tomam parte no governo espiritual das igrejas, e diaconos, especialmente incumbidos da administração dos recursos temporaes das mesmas; estes ultimos, entre os congreganistas e os baptistas, reunem as attribuições dos anciãos.

É sabido que na Inglaterra a igreja numericamente dominante é a episcopal, estabelecida pelo governo; na Escocia, do mesmo modo, o é a presbyteriana; na Irlanda, a catholica, tolerada pelo governo. Alem das igrejas reinantes na Inglaterra e Escocia, ha seitas, igualmente protestantes, a que chamam dissidentes, que compoem mais de metade da população das cidades, e as duas quintas partes, pelo menos, da população protestante de todo o paiz: as principaes d'estas seitas são, a denominada presbyteriana, que se não deve confundir com os presbyterianos da Escocia, a dos independentes, a dos baptistas, e a dos quakers ou amigos; as tres primeiras assemelham-se muito, e differem da igreja estabelecida ou dominante pela muito maior latitude na disciplina ecclesiastica, concedendo todas muito á independencia individual. Os methodistas inglezes, posto que façam corpo á parte, não são contados entre os dissidentes; permanecem annexos á igreja dominante; são como jansenistas anglicanos.

Nos Estados-Unidos a igreja episcopal anglicana é muito pouco numerosa; não chega á vigesima quinta ou á trigesima parte da população. As seitas dominantes são: 1.º methodistas; 2.º baptistas; 3.º presbyterianos; 4.º congreganistas Além d'estas ha uma grande quantidade de seitas separadas d'estes ramos principaes ou que vieram da Europa. Os catholicos, em numero de quasi setecentos mil, estão repartidos por dez bispados. Ha finalmente os quakers, e outras communhões menos importantes. Os unitarios, que muito se chegam ao *deismo*, e a quem todos os outros chamam *infieis*, saíram dos congreganistas.

Os methodistas dos Estados Unidos differem dos de Inglaterra, assim na disciplina, como pelas formulas que adoptaram, compoem uma seita inteiramente distincta; elles é que fazem as assembléas em campo aberto, especie de *revivals*, que lhes é particular. O seu clero consta de padres ambulantes, possuidos da vehemencia, actividade e espirito de proselytismo, taes como em França manifestaram logo depois da restauração os missionarios catholicos: tem seis bispos que andam sempre em visita. Os congreganistas constituem igrejas reciprocamente independentes, que não teem outras relações mais que as *conferencias, convenções* ou *associações*, e que não publicam decisões obrigatorias, mas sómente simples disposições facultativas; tambem ha entre elles *conselhos* compostos de delegados das igrejas confinantes, e que só teem attribuições consultativas; até a ordenação dos ministros, que é feita em *conselho*, procede, de facto e direito, das mesmas igrejas, isto é, do povo. As igrejas presbyterianas estão associadas, formam um corpo, ainda que na verdade mediocremente compacto, e dependem de uma assembléa geral e de synodos parciaes. Os congreganistas são tambem chamados *independentes*, nome dos sectarios que na Inglaterra lhe correspondem em doutrina. Os puritanos creadores dos Estados da Nova Inglaterra eram d'esta communhão. A sua propria organisação mostra bem que ha entre elles muitas gradações; n'alguns casos approximam-se das opiniões presbyterianas. Os baptistas, que não são mais do que uma derivação dos congreganistas, differem d'estes em baptisar as pessoas só quando já são adultas; usam tambem de uma linguagem mais democratica, e mais vehemente; em geral os seus adeptos pertencem ás classes menos polidas.

Nos Estados da Nova Inglaterra a maioria dos habitantes é congreganista, seita que fóra d'esses Estados apenas existe. Os Estados centraes são os que comprehendem presbyterianos em maior proporção; os de Ohio, Indiana, e o Illinez, não contém tanta quantidade d'elles.

Os methodistas e baptistas dominam nos Estados do sul e de oeste, onde sobre tudo existem escravos; além d'isso apparecem em toda a parte.

E nos antigos Estados do sul que os episcopaes contam mais adherentes: boa parte das pessoas illustradas ou ricas da União, em geral, pertencem a esta communhão ou á dos unitarios.

São numerosos os catholicos na Luiziana e no Mariland, e os emigrados irlandezes engrossam o numero d'elles no oeste e norte.

Acham-se os quakers quasi unicamente na Pennsylvania e Nova Jersey. A igreja reformada hollandeza conta certo numero de adeptos n'estes dois Estados e no de Nova-York. É sabido que os hollandezes foram os primeiros que colonisaram as margens do Hudson.

Acham-se tambem na União todas as variedades do protestantismo europeu, ou porque em outro tempo refugiados de todas as nações ahi buscassem asylo para o livre exercicio de suas crenças, ou porque a emigração acarreta para alli presentemente homens de todas as seitas. Quanto á primeira hypothese, é certo que depois da revogação do edicto de Nantes, certo numero de huguenotes se refugiaram na America ingleza, estabeleceram-se particularmente na Carolina do sul, onde ainda os seus descendentes representam entre as familias mais respeitaveis do paiz.

A seguinte lista é extrahida de uma tabella do *Almanak Americano*.

---

(1) Extracto da interessante e muito applaudida obra do Sr. Miguel Chevalier sobre a America do Norte, da 1.ª edição, em 1844, muito augmentada.

Seitas.	População.
Methodistas episcopaes	3 300 000
Outros methodistas	300 000
Baptistas, ou *anabaptistas*	3 200 000
Outros baptistas, denominados do *setimo dia, dos seis principios, do livre arbitrio, christãos, mennonitas, tunkers, etc.*	700 000
Presbyterianos	2 000 000
Outros presbyterianos, dictos de *Cumberland, associate church, etc.*	300 000
Congreganistas	1 500 000
Reformados d'Hollanda e d'Allemanha, lutheranos	1 000 000
Episcopaes	500 000
Unitarios	200 000
Irmãos unidos, Nova Jerusalem, judeus, etc.	300 000
Quakers	200 000
Universalistas	300 000
Catholicos	700 000
	14 500 000

Esta lista mostra approximadamente a distribuição da população americana na proporção das diversas opiniões religiosas.

Algumas providencias repressivas nos Estados-Unidos.

Em nenhuma parte o poder da sociedade sobre o individuo foi levado a tão subido auge como em a Nova-Inglaterra. No Connecticut havia leis para regular o tempo que era permittido demorar-se qualquer na taberna (meia hora), o maximum que podia beber (meia canada); depois das nove e meia da tarde as estalagens e tabernas deviam fechar-se. Não era permittido aos celibatarios ter casa sem consentimento dos habitantes da communa; nenhum pae de familia podia receber na sua casa um celibatario sem a mesma formalidade. — Era prohibido praguejar, mentir, espalhar noticias falsas, e até era defeso usar do tabaco sem ter auctorisação do medico, declarando que era por bem da saude; e para isso era preciso ainda em cima a licença do tribunal. Outros regulamentos simplesmente vedavam fumar em publico. Ainda no anno de 1846 os magistrados de Boston prohibiram fumar no passeio publico da cidade (*Malt*), que é uma cerca muito vasta.

Inutil é dizer que as leis das colonias da Nova-Inglaterra eram de grande severidade religiosa; todos eram obrigados a pertencer a uma igreja congreganista, e não podiam obter empregos sem esta condição: os dissidentes pagavam para as despezas do culto da igreja dominante. Os judeus e quakers eram banidos e sujeitos a pena de morte se se apresentassem no territorio do estado. — As leis chamadas *azues* de Connecticut continham tambem prescripções mui curiosas ácerca de matrimonios.

Não restou d'esta legislação, que já caducou, senão uma forte organisação municipal. Comtudo, ainda hoje a communidade intervem algumas vezes na vida privada do individuo, a ponto de o despojarem de direitos que nos parecem os mais naturaes e imprescriptiveis. Em Taunton, no Massachusetts, em 1846, dois juizes de paz prohibiram a publicação dos *banhos* ou *denuncias* para casamento a um homem e a uma mulher, porque os futuros conjuges *não tinham meios de subsistencia depois de casados*, e por consequencia *não tinham assaz discernimento para contrahir um contracto tão importante*. — Estados ha em Allemanha, onde as auctoridades exercitam igual fiscalisação sobre os matrimonios.

A lei de muitos Estados vedava antigamente viajar ao domingo: era prohibido fazer n'esse dia cousa alguma que não fosse de absoluta necessidade *(of necessity or mercy)*. Cremos que esta lei foi abrogada em todos os Estados sem excepção; porém n'alguns ficou a pratica, e para grandissimo numero de pessoas viajar ao domingo é uma grave quebra da lei religiosa.

N'alguns Estados da Nova-Inglaterra, no Connecticut por exemplo, e até n'alguns Estados do centro, como em a Nova-Jersey, expor-se-hia a ser retido pela gente popular quem quizesse viajar ao domingo; por toda a parte se acha interrompido o serviço das carruagens publicas e das embarcações de transporte. Não ha circulação ao domingo, nem mesmo entre Philadelphia e Baltimore.

Os transportes dos correios partem ao domingo, como nos mais dias. Numerosas petições se teem dirigido ao congresso a este respeito. Os requerentes pretendiam que não houvesse malas de posta ao domingo, e mesmo que os respectivos escriptorios estivessem fechados. Comtudo foram rebatidos. No entanto, de tres companhias dos caminhos de ferro que vão dar a Boston, duas não abrem a circulação ao domingo; e são as de Lovell e Worcester; tal é o respeito ao habito inveterado do povo, que prescindem dos lucros não pequenos que lhe podiam provir do transito n'aquelle dia.

Modo de desenferrujar e conservar as ferramentas dos marceneiros etc.

Tira-se com facilidade a ferrugem dos utensilios e ferramentas com a seguinte preparação.

Mistura-se uma libra de argila bem dura com meia libra de pó de tijolo muito fino, duas onças de esmeril, e igual porção de pedra pomes moida: incorpora-se tudo com um pouco de leite, de modo que fique uma massa rija, de que se fazem uns páus, com os quaes, depois de seccos, se esfregam as ferramentas.

Estando o ferro limpo e polido, é preciso livral-o da ferrugem, o que se consegue expondo-se a peça de ferramenta ao lume, dando-se um calor algum tanto forte sem comtudo a chegar muito perto do fogo, esfregando-a com cera branca, tornando-a a aquecer, e limpando-a n'um pedaço de panno. Para os instrumentos delicados val mais usar d'um verniz. Os inglezes preparam-n'o derretendo em banho-maria, n'uma porção de espirito de vinho que baste para dissolver tudo, uma onça de mastique, meia onça de camphora, onça e meia de sandaraca, e meia onça de resina elemi. Este verniz pode-se dar mesmo frio.

Conté, que fez tantos serviços á industria, empregava um meio ainda melhor. Depois de ter limpado os utensilios com uma lixivia forte, usava, para os envernizar, de uma mistura de verniz gordo, feito de resina copal, com um, dois, e até tres tantos de essencia de therebentina. Quanto mais essencia tem o verniz, mais transparente fica. Da-se com uma esponja muito fina, molhada primeiramente na essencia, espremida entre os dedos, ensopada no vernir, e tornada a espremer, de modo que fique com muito pouca porção d'elle. Corre-se com a esponja a peça, fugindo de a tornar a passar por cima do mesmo logar depois da primeira demão ter enxugado. Este methodo é optimo, principalmente para quem trabalha pur curiosidade.

ESTATUA DE MOZART.

A estatua erecta em honra do insigne compositor de musica, Mozart, fundida em brouze em Munich pelo inspector do real laboratorio, Stiegelmayer, segundo o modelo do professor Schwanthaler, foi inaugurada em Saltzburgo a 5 de setembro de 1842. Mozart, de constituição debil, tinha morrido prematuramente em 1791, contando apenas trinta e seis annos; a homenagem ao talento do grande mestre foi

tardia, comtudo não o foi tanto como a que a França em nossos tempos tributou á memoria de muitos de seus filhos illustres, por exemplo, Corneille, Moliére. — A viuva do famoso compositor ambicionava viver até o dia da inauguração; mas seus votos não os ouviu o céu, tinha fallecido poucos mezes antes, a 6 de março de 1842. O filho de Mozart assistiu vestido de luto áquelle acto pomposo, que deixou permanentes lembranças entre os habitantes de Saltzburgo. Grande numero de nobres estrangeiros, admiradores do genio de Mozart, e muitos artistas celebres affluiram de varias partes da Europa. Os conservatorios e academias de musica de Napoles, Roma, Florença, Milão, Veneza, Vienna. Praga, Berlin, Munich, Hamburgo, Varsovia, S. Petersburgo, Stockolmo e Copenhague estavam representados n'aquelle concurso por alguns professores de seus gremios. Esperava-se uma deputação de París; e os enviados do conservatorio francez, que interpreta Mozart com tão rara perfeição, seriam acolhidos com enthusiasmo, porém não compareceram. A festa de 5 de setembro ajunctou mais de cincoenta mil pessoas. Quando ao meio-dia caíram os pannos que velavam a estatua, as symphonias de seiscentos musicos se misturaram com as salvas de artilheria e com repiques dos campanarios. A noite dois mil artistas e curiosos tocaram, ao pé do monumento, illuminado por fogos de Bengala, um hymno escripto expressamente pelo conde Ladisláu de Sirker, arcebispo d'Erlau, e posto em musica pelo cavalheiro Neukomm. No dia immediato, pelo meio dia, dois mil e oitocentos curiosos executaram o *Requiem* de Mozart.

A estatua está no meio de um mercado; esta escolha de collocação tem sido censurada: alguns criticos quereriam que os monumentos commemorativos do genio estivessem sempre cercados de silencio e remotos do espectaculo do quotidiano movimento do vulgo. Outros, ao contrario, preferem vê-los no meio do sussurro e laboração das cidades populosas, afim de que mantenham as recordações gloriosas, o culto do talento, e uma constante emulação.

A pag. 294 do 2.º volume d'este Jornal demos a historia dos ultimos dias de Mozart, e do famoso *Requiem*, sua derradeira composição; poremos aqui algumas circumstancias relativas á sua infancia. — «Mozart (lê-se na *Biographie Universelle*) não tinha ainda oito annos quando, em 1763, appareceu na côrte de Versailles. Este genio precoce foi ouvido em París em dois concertos publicos. O seu retrato foi gravado por um desenho de Carmontelle, a que os *amadores* deram prompta extracção, de fórma que em poucos dias se venderam os exemplares, encontrando-se hoje alguns sómente em collecções particulares. O barão de Grimm, correspondente de todo o grande rancho dos encyclopedistas, annunciava pelo modo seguinte, no 1.º de dezembro de 1763, a chegada do tenro Mozart a París e os seus triumphos. — «Um mestre de capella de Saltzburgo, por nome Mozart, acaba de chegar aqui com duas creanças as mais esbeltas do mundo. A filha, de idade de onze annos, toca cravo mui esplendidamente, executa as maiores peças e as mais difficeis com uma precisão que assombra: seu irmão, que completará sete annos em fevereiro proximo, é um phenomeno tão extraordinario, que custa aos olhos acreditarem no que entra pelos ouvidos. Não é nada o executar esta creança com todo o rigor os passos mais difficeis com mãos que apenas alcançam a sexta; o que parece incrivel é vê-lo tocar de cór por uma hora a fio, e abandonar-se á inspiração do seu genio e n'uma infinidade de idéas extasiadoras, que elle sabe fazer seguir uma á outra com bom gosto e sem confusão. Tem tamanha pratica do teclado que, tapado este com uma toalha, toca com a mesma presteza e rigor. Escrevi-lhe, por minha propria mão, um minuete, e pedi-lhe me pozesse por baixo o acompanhamento ao minuete. Esta creança me fará virar o juizo se o ouvir muitas vezes; conheço que é impossivel fugir a uma certa insania quando se presenceiam semelhantes prodigios.»

Odio velho não cança

(Romance Historico.)

I.

Rei morto, rei posto.

> She was born to be fair; I to die for her love.
>
> Shakspeare — *Othello.*

Na sala d'armas dos paços de Coimbra havia já dois dias que se junctava desacostumado concurso de senhores e cavalleiros, d'homens de religião e d'officiaes palatinos. O mez de março do anno de 1211 estava a expirar por cinco dias. Nos pateos e officinas do castello não se teciam cotas nem se poliam arnezes. Os alfagemes e armeiros não temperavam espadas, azevans, ou achas d'armas. O silencio era apenas interrompido, a espaços, pelo tropel das roldas, descendo das torres e muralhas, ou pelo trote dos cavallos em que chegava á côrte mais um rico-homem.

Não se tractava de novas guerras. O estandarte de Sancho I não ia desenrolar-se mais uma vez ao bafo ardente das batalhas. Os seus cavalleiros, que aos tres e aos cinco se apartavam pelos vãos das altas frestas, ora olhando para os cabeços além da ponte, ora cravando a vista n'uma porta grossa de castanho chapeado, não vinham á curia para resolver entradas na fronteira dos mouros, ou para tentar o cerco d'alguma das fortalezas, d'onde a bandeira das luas desafiava a signa real. A lança dos combates encostada ás paredes da vasta quadra, repousava por bastante tempo. Outro era o motivo que alli os tinha reunido.

A porta de castanho da sala d'armas communicava para o recinto interior, aonde estavam os quartos do rei. Por ella desapparecêra o esforçado monarcha do reino portuguez na primeira tarde de março, e sabiam já que por ella só havia de sair um cadaver, restos d'aquelle que, na paz do tumulo, ao lado d'Affonso Henriques ia descançar das luctas e pelejas d'um reinado trabalhoso.

Juncto da carcóva exterior (fosso) do alcacer, os homens d'armas e os homens de pé da mercê dos senhores e cavalleiros entretinham-se em grosseiros jogos, ou brutescas porfias. De vez em quando alaridos, risadas, e clamores de cholera rompiam do meio d'elles, soando até os aposentos do paço. Por um vago boato que andava no povo, dizia-se que D. Sancho esmorecia na angustia de molestia dolorosa; mas não se cuidára que a morte tivesse caminhado tão depressa como a tristeza sincera, ou hypocrita, lá dentro inculcava. Ainda para fóra não transpirára a noticia de que, em poucas horas talvez, Coimbra, pelos gemidos da sua cathedral, havia d'annunciar a orphandade ao reino. — Segundo o costume, o povo era o ultimo a sabel-o.

Dous cavalleiros, um que partia, outro que chegava ao palacio, cruzaram-se diante da ponte levadiça. Por fortuna nunca entre elles se interpozera o odio encanecido de uma rixa de familia.

— « Boas tardes » disseram a um tempo, e por movimento simultaneo colheram as redeas aos cavallos.

— « O infante? » perguntou o que saía.

— « Elrei? » interrogava o de fóra.

— « O infante sobe agora aquelle cabeço. Tres credos mais, e ahi chega com os poucos que aturaram a carreira do seu bom andaluz. E elrei?... Ha esperanças, D. Martim Annes? »

— « Nenhuma. Vi-o, faz quinze dias hoje, e logo disse comigo: Não é este que torna a ser homem! — D. Sancho ouve já as enchadas do coveiro, D. Moço Ordonhes. »

— « Era um homem! »

— « Se era! »

— « E está só? muito desfallecido? »

— « Peior que só; os monges rezam-lhe á cabeceira. Que dôr d'alma, D. Moço! Cada terra que tiram á herança de seus filhos; cada punhado de maravedis que levam das arcas do thesouro, dizem-lhe que o lava d'um peccado mortal... e elrei, tão quebrado de corpo, tão fraco d'animo, a dar-lhes ainda mais do que elles pedem!... O infante que se apresse. »

— « Estes padres, ah! estes padres... em nos caíndo a cabeça no travesseiro, fazem o que querem de nós... Mas, ahi vem o infante. »

Com effeito, á redea larga saía do lado da ponte do Mondego um tropel de cavalleiros, galgando encosta acima direito ao castello. O pendão do infante de Portugal esvoaçava nas mãos de Gomes Lourenço, seu collaço e alferes. A cavalgada parou defronte do alcacer. Seguiu-se uma pausa de alguns minutos, em que não se escutava mais do que o respirar cançado de homens e corseis. Com os ginetes á redea, os cavallariços, vestidos de saios alvacentos, torciam por entre os homens d'armas, atacados nas lorigas de couro escuro, e no perpassar evitavam as cotas bordadas dos pagens, que andavam de um para outro lado.

Decorridos instantes, do terreiro interior saíu um official palatino: atravessou vagarosamente o acanhado largo que se rasgava diante da porta, e foi curvar-se na presença do infante. Era Sueiro Raymundo, alferes do rei D. Sancho. Nos olhos rôxos do guerreiro velho, filho da creação d'Affonso Henriques, borbulhavam lagrimas mal sustidas. Pagava assim ao amigo da infancia, e ao companheiro dos trabalhos, o tributo do soldado. Sem vergonha chorava alli diante de todos as primeiras lagrimas, talvez, de toda a sua vida.

Quasi que se sentiu orphão o infante ao encaral-o. Apertando a mão de Sueiro Raymundo, e tão baixo que mal se percebia, apenas poude dizer:

— « Meu pai?! »

O alferes mór pôz a vista no chão; e por mais esforços que fez, a voz não se lhe soltava da garganta.

D. Affonso vendo-o, recuou, gemendo n'uma exclamação, que não ha inflexão capaz de exprimir:

— « Meu pai! »

Era o grito das entranhas, a verdadeira dôr da orphandade.

O alferes mór entendeu; e tomando-lhe o braço murmurou:

— « Ainda não. »

O principe não ouviu mais nada, e entrou precipitadamente, seguido dos seus cavalleiros.

Chegaram á sala d'armas. No mesmo instante se abria a porta de castanho chepeado, e um monge alto de corpo e grave d'aspecto, trazendo a cogula da ordem de Cister, adiantando se para os que alli estavam, disse:

— « Muito reverendos bispos, reverendo mestre do Templo, e prior do Hospital, alli dentro um moribundo deseja reconciliar-se com Deus e com a sua Igreja antes de o tomar o transe d'agonia. »

O monge era o abbade d'Alcobaça; e ao pronunciar as ultimas palavras, um sorriso d'orgulho lhe fugia pelos beiços grossos e vermelhos, sorriso que logo mudou de expressão apenas deu com os olhos no infante. O frade não se poude conter do primeiro sobresalto, e deixou que os mais observadores conhecessem que não era extrema a sua alegria pela chegada repentina de D. Affonso. Uma sombra de descontentamento carregou furtiva no seraphico semblante, aonde floreciam as rosadas e sadias côres dos deleites mundanos, em vez de se estampar a maceração e o abatimento dos cilicios e jejuns.

Entretanto, pezar ou desgosto, soube reprimil-o com arte. Approximou-se de D. Affonso, a quem não tinha escapado a mudança de physionomia, e com ar de profunda magua accrescentou:

— « Bem vindo, illustre infante de Portugal! Deus conhece a ancia com que vosso pai pedia á Virgem, pelas dôres da Paixão, que o não levasse antes de vos abraçar... »

— « É por isso que só hontem me levaram aviso, muito sancto abbade? » respondeu o principe.

— « Senhor da Maia, atalhou o frade, como quem não ouvíra a pergunta ironica, D. Sueiro Raymundo, ricos-homens do Douro e Minho, D. Sancho, pela ultima vez, se quer despedir dos seus cavalleiros. »

E acompanhado do infante, dos muito veneraveis padres em Christo, e dos ricos-homens, sumiu-se pelo corredor, em quanto detraz d'elles a porta chapeada se fechava, e os dois pagens voltavam a postar-se aos umbraes. D. Affonso deixou-os ir adiante, e ficou atraz alguns momentos.

O infante pediu a Deus animo e resignação. Aquelle golpe esperava-o ha muito, doia-lhe já havia mezes; porque a sepultura de D. Sancho não se tinha aberto de repente. Dois annos compridos levou a morte na viagem, trazendo-o pela mão até lhe metter os pés e lhe encostar a face ás paredes do tumulo, desde então escancarado para o tragar. Agora a campa erguida, pizando-lhe o peito, rangia descendo, e quasi que já lhe suffocava as desfallecidas pulsações do peito. Martyrio atroz e sem nome! A mortalha vestida no corpo do homem vivo para lhe queimar na raiz os desejos e as illusões; para sempre vêr o sepulchro, e ouvir de dentro d'elle a voz que o chama, mais de perto cada hora, sentindo passar por cima do coração o sopro regelado da morte, que lhe apaga n'alma a luz da esperança, em quanto o rosto foge da frieza da terra que o ha de comer! Um pé a escapar do mundo, aonde tudo o que fica é saudade, e o outro já e sem remedio a despenhar-se pela cova dentro!

Esta situação tão cruel de seu pai D. Affonso conhecia-a, e tremia d'ella. Mas enganava-se, ou cuidava enganar-se, suppondo todos os dias afastado ainda o momento da separação. Nos ultimos tempos, porém, a molestia correu, e as horas foram minutos. O amor costuma temperar assim o espirito, illudindo-o com a força de uma constancia, que vem a faltar só quando expira o amortecido lume da vida no que é o objecto d'elle. A esta crise natural das grandes dôres moraes deveu o infante os alentos que o arrastaram até o leito de D. Sancho.

Durou o combate interior até darem de dentro o aviso. Ao escutal-o todas as duvidas se desvaneceram. O abbade tomou-o pelo braço, atravessaram duas ou tres salas quasi escuras d'abobadas achatadas, metteram por um corredor mais sombrio ainda, e pararam diante do reposteiro d'arraz (acitara), que disfarçava a entrada dos aposentos reaes. O monge bateu de leve, o reposteiro franziu-se d'alto abaixo, e transpo-

zeram os umbraes. Era alli, no interior da vasta quadra, com os muros nús das preciosas tapeçarias do oriente que os enfeitavam d'antes, que D. Sancho se preparava para a tremenda jornada da eternidade.

No recanto da camara, Juliano, o notario da curia, a uma mesa coberta de panno escuro escrevia em pergaminho as ultimas confidencias de elrei a seu filho. D. Sancho receou que a morte ainda corresse mais do que a saudade do moço infante, e no momento supremo dictára ao notario e ao bispo de Coimbra uma carta, aonde, entre palavras de pai e supplicas de homem, mais de uma vez se gravára o cunho da vontade robusta de vencedor de Silves.

Defronte do leito, em cima d'um altar, estava um devoto Crucifixo, trazido como reliquia da Palestina pelo conde Henrique. O sol poente, entrando pela estreita fresta do aposento ia banhar de raios luminosos a imagem que, despregada dos braços, parecia querer voar para o peccador arrependido. No lado opposto, perdida na confusão das roupas, estirava-se na parede a sombra do monarcha, desenhada vigorosamente no escuro do fundo. A figura de Juliano, com a face encostada ao punho, alvejando-lhe sobre a garnacha preta as madeixas brancas, e o vulto severo, e austero semblante do bispo de Coimbra, com a mão esquerda no espaldar da cadeira do official palatino e os dedos da direita passados na barba, destacavam na sua atitude melancholica do resto dos grupos que os rodeavam.

O capello brunido, a cota de malhas e o montante de D. Sancho pendiam dos muros. Despindo as armas e as galas de rei, o monarcha guardou só um habito pobre para se amortalhar. As faces encovadas, os cabellos desgrenhados, e os olhos mortaes mostravam que o corpo, extenuado de fadigas, não existia já senão para padecer. Mas lá dentro velava ainda, até chegar a sua hora, a grande alma do guerreiro da idade media, resignada com a vontade de Deus, despegada das vaidades humanas, e apertando a sua cruz sobre o cilicio da penitencia. A morte, que no seculo actual assenta á cabeceira o horror da duvida e a ironia do remorso tardio, tinha n'aquelle as consolações da expiação. O afflicto reclinava-se no regaço da fé, e a religião, adoçando-lhe na bocca a esponja do fel, com a vella da esperança na mão alluminava-lhe o terrivel transe, aonde, depois do suor de sangue d'agonia, a carne morre, e o espirito se liberta purificado pela dôr.

Se fosse hoje, os que vissem o monarcha portuguez na humildade de um habito, enriquecendo do leito de morte os mosteiros e as igrejas com a herança de seus filhos, haviam de exclamar: — « A molestia seccou o braço, mas Roma matou o espirito, rei D. Sancho. Depois de largos annos de resistencia, tu, que defendeste a corôa das invasões do audaz Innocencio III, castigando com rigor selvagem a temeridade de um clero, que se dizia só feito para devorar a grossura da terra, decepado pelos terrores da eternidade sentiste o joelho do clero esmagar-te o peito, e, curvando a testa ao estrado pontificio, na hora extrema renegaste o documento da tua victoria! »

Quando o infante entrou no aposento, e com elle os ricos-homens e alguns dos cavalleiros principaes, o rei tinha sido tomado de um desmaio. D. Affonso avisinhou-se da cama e pegou-lhe no braço. D. Sancho ia tornando a si, e, abrindo os olhos, fitava a vista pasmada ora n'uns ora n'outros, sem conhecer ninguem. A final abaixou-a lentamente para o sitio aonde o filho estava ajoelhado. Affirmou-se, duvidou, tornou a affirmar-se, e meio levantado no cotovello deitou-lhe um braço ao pescoço, exclamando com alegria:

— « Filho! . . . filho da minha alma! »

O infante não teve forças de responder. Encostou a cabeça no hombro do pai, e reprimia os soluços, que se estrangulavam na garganta.

— « Já me tardavas, Affonso, dizia o rei passando-lhe os dedos pelos cabellos. Ia coidando que não tornaria a vêr-te, filho! »

— « Estava perto de Lisboa» murmurou o principe.

O monarcha, virando-se para o monge de Cister, disse:

— « Não cheguei a vêr meu pai — morreu um dia antes de eu chegar. Emfim ouviu-me Deus, ainda tornei a abraçar meu filho! — que pezo se me tirou d'aqui, Jesus! . . . Agora, quando for chamado a contas . . . e que estreitas contas, Senhor! É por elle, e apontava para o filho. É pelos irmãos, é pelo reino, é por todos, por todos . . . Chego a duvidar da salvação, padre! »

— « Pois não vos haveis de salvar! redarguiu o abbade. É peccado desconfiar da clemencia divina. O sangue da Paixão correu para lavar as culpas dos que se humilham diante da face do Juiz. »

— « Eu sei! acudiu o rei com ancia Não se me tira isto d'aqui! »

— « É preciso tira-lo, tornou o monge. Sabeis a historia do filho que se despiu para tapar a nudez do pai, e appareceu vestido de graça aos olhos de Deus. A Igreja, esposa de Christo, é nossa mãi espiritual. Alli está — ajunctou, indicando o pergaminho — o que peza mais diante da sua misericordia, do que a vida do maior peccador diante da sua justiça. »

O pergaminho era o testamento de Sancho I.

Um sorriso fugiu quasi imperceptivel pela bocca ironica do notario, que olhou ao mesmo tempo para D. Affonso. O principe, carregando o sobr'olho, respondeu-lhe com outro, que parecia dizer — « entendo! »

Em quanto o monge prégava esta bella theoria utilitaria, D. Sancho esteve com a cabeça debruçada sobre o peito. Levantou a vista, depois, e por muito tempo mirou o infante sem fallar.

— « És o retrato de tua mãi, Affonso — suspirou emfim — todo tu és ella, a bocca, os olhos, tudo, até a voz parece d'aquella sancta que eu perdi . . . que nós perdemos, filho. »

— « Oh pai, querido pai da minha alma! »

— « Isto havia de ser por força, um dia antes ou um dia depois. É hoje . . . Affonso, tenho que te recommendar muita cousa. Estava-te escrevendo agora. Teu pai pedia-te a esmola de o enterrares na humildade d'este habito, ao pé da sepultura de teu avô. »

— « Ha de se fazer, » retorquiu o infante com melancholia.

— « Aquelle manto e aquelle sceptro vão ser teus por minutos . . . Deus sabe que os não choro, que nem d'elles levo saudades. Tambem me ceguei com essas vaidades, mas hoje! . . . não me enganam. Veras o que são. Não se dorme n'um travesseiro de espinhos, molhado das lagrimas do povo. Affonso . . . Eu commetti peccados de homem, mas sobre tudo peza-me das culpas e dos crimes de rei. Tenho medo da voz que ha de bradar por justiça com que lhe eu faltasse; horrorisa-me só coidar que o sangue dos que feri sem causa se levantará contra mim . . . Filho, teu pai as portas da eternidade roga ao herdeiro da sua corôa que lhe dê a paz da consciencia. Affonso, da-me d'esmola com que restitua aos que offendi. »

As palavras eram de supplica, mas o tom de voz era de quem manda e quer ser obedecido.

— « Quanto el-rei disser será cumprido, volveu o principe. Juliano, continuou virando-se para o notario, é esse o testamento? Lêde. »

O testamento rezava de ricos legados aos Templarios e Hospitaleiros. D. Affonso approvou, dizendo como para si: — « É justiça. Lá andam as lançadas com os mouros na fronteira. »

Vinham doações em dinheiro e terras ao mosteiro d'Alcobaça. A parabola do veneravel abbade de Cister estava explicada. D. Sancho despia o seu herdeiro para edificar mais uma casa aos eremitas do povoado. O infante franziu as sobrancelhas e carregou o rosto, dizendo só — « adiante! » O abbade respirou vendo passar sem gloza a sua importante verba.

Seguiam-se doações a D. Maria Paes Ribeiro, e aos filhos que d'ella tivera el-rei. Liam-se finalmente copiosos legados de castellos, villas, direitos reaes e thesouros aos irmãos legitimos do infante. A paciencia foi vencida pela cholera, e o principe, com o rosto escarlate e a voz estridente, bradou:

— « Santa Virgem! Quebram-me a corôa em bocados, repartem-n'a, e dão-me o maior por mercê de nascimento? Enganaram-se! Não a hei de receber senão inteira como a deixou meu avô, e meu pai a trouxe. — E virando-se para D. Sancho, cada vez mais acceso em indignação: — Quantos reis fazeis aqui em Portugal? Em Alemquer é a rainha D. Sancha; em Montemór é a rainha D. Thereza. Villa do Conde a D. Maria Paes! Os maravedis de Thomar, de Santarem e de Coimbra espalhados ao vento... O rei que morre corta o braço direito ao rei que fica, deixa-o pobre... oh! estes monges, estes monges! Não, isso nunca em quanto eu me chamar Affonso. »

O ciume do poder real, origem depois das contendas civis entre D. Affonso e suas irmãs, acabava de se descobrir em toda a força. D. Sancho escutou em silencio as primeiras palavras do infante; depois gradualmente se lhe animaram as feições, e a final fuzilou nos olhos mortaes a faísca d'aquella ardente cholera, que os mais valorosos tremiam d'arrostar. Sentando-se com impeto no leito, e fechando o punho com furor, exclamou em voz fraca mas distincta:

— « Affonso, D. Affonso, quem é aqui o rei ainda? »

Tinha razão. A cholera galvanisára um momento o cadaver. Era outra vez D. Sancho I antes de o tomar o terror da morte e de se arrastar nas cinzas da penitencia. Era todo aquelle soldado de Silves, que, entrando pela mina a golpes d'acha, estalava o coração das rochas. Era de novo aquelle rei, que, arrancando pela mão dos saiões os olhos aos conegos de Coimbra, com o sangue d'elles escripto, atirava um cartel arrogante á tiara papal de Innocencio III.

D. Affonso, porém, tinha nascido filho d'aquelle pai. De caracter mais concentrado nos lances extremos, era tanto ou mais indomavel que o proprio Sancho I.

— « Agora o rei sois vós! clamou o principe, respondendo á pergunta ameaçadora do monarcha. E oxalá que Portugal não tenha outro muito tempo. Em quanto assim for sois o senhor, o infante nem vê nem ouve. »

— « D. infante! » bradou Sancho com ira.

— « Mas o rei D. Affonso, continuava o filho, quando pozer a corôa na cabeça ha de pô-la inteira, ou não a põe. Hoje mandais vós; sois rei, e o primeiro a obedecer sou eu. Desgraçado do que ámanhã me não fizesse outro tanto... a mim! »

Era uma resolução inabalavel tambem. D. Sancho conhecia de mais o infante, que nenhuma força ou temor o abalava. Por isso, e porque lá dentro lhe dizia a consciencia que, se o irmão peccava, o rei de Portugal fazia o que elle mesmo tinha feito, D. Sancho mudou de tom:

— « Oh Affonso, que não sejas, que nunca fosses irmão de teus irmãos! Deus sabe com que dôr aqui os levo atravessados — e apertava o coração com magua. — Elle te não castigue nos teus filhos. »

— « Como rei não conheço senão vassallos. »

E caíu tudo n'um silencio constrangido. Passado breve espaço o rei ergueu a fronte, e ajunctou com tristeza:

— « E os outros, Affonso, os outros que tambem são irmãos? »

— « Os filhos de D. Maria Paes? »

— « Deixo-lhes honra e riqueza, mas comigo perdem o que se não suppre... Affonso, tu és secco de coração; mas pelo amor de tua mulher, pela ventura do teu Sancho, avalia nas tuas entranhas de pai a minha afflicção — dize-me, quando eu faltar has de ser o pai dos meus filhos? »

— « Pela cabeça do meu Sancho; e pela alma de minha mãi o juro, senhor. »

— « Não faltas a esse juramento, bem o sei... ao menos a respeito d'elles morro descansado. »

A pallidez do rosto a cada instante se fazia mais livida. Os olhos sumiam-se, e a respiração era curta, preza e rouca. Mirou muito tempo pela fresta como quem se despedia do céu, das flôres, e das aguas do Mondego. D'ahi, virando-se para Sueiro Raymundo, disse com melancholia:

— « N'um dia como este tomei Silves. Não bole folha! Que saudade faz isto? Quem me havia de dizer que aquelles cercos e combates haviam de vir a parar n'isto? »

E olhou outra vez, com maior tristeza ainda.

De repente arredou a vista, e como por um grande esforço murmurou: — « Cerrem-me aquella fresta! »

Depois, asserenando, armou-se de resolução e disse:

— « D. Affonso, filho, um abraço! — e mais baixo: — rei moço, não te cegues; toma exemplo de mim. Cuidado com a velhice, com as contas finaes. Adeus, filho. É uma viagem, Sueiro Raymundo. Supponham que fui á Terra Sancta e me demorei. Meus cavalleiros, o rei que fica pagará as dividas que deixa o rei que morre. » E tornou-lhe a mesma tristeza.

— « E escapar eu ao cerco de Santarem! Não haver uma setta que me varasse em Silves... Era melhor do que isto! »

É que D. Sancho, filho de um soldado, acalentado no escudo paterno pelo embate das armas, chorava pela morte do guerreiro. Um pequeno espaço esteve assim, e, cruzando os braços, exclamou suspirando:

— « Faça-se em tudo a vontade de Deus! »

E cerrou as palpebras como quem não queria vêr mais nada. Uma sezão de febre, e com ella o delirio, arrancavam-lhe palavras soltas e incoherentes, como de homem que adoece mais d'afflicção moral do que das dôres physicas. A idéa da orphandade dos filhos voltava-se como um espinho a retalhar-lhe o coração.

— « Levem essas creanças; seu irmão que as não veja... olhem o infante!... Digam ao senhor papa... oh Affonso!... »

Depois, passando repentinamente a outras lembranças, fechava o punho, e estorcia-se com violencia na cama.

— « Esses monges eu os ensinarei!... oh, bispo do Porto, não fazes bem em roçar a mitra pelo meu elmo, pódes parti-la!... Escutem! n'aquella cervilheira ha uma malha descaída... Ajunctem o fio á acha d'armas; está embotada d'aquellas rochas de

Silves... sellem o cavallo murzello... vamos; é menos que uma caçada de javali! »

A um signal do physico ou medico saíram todos, menos o bispo de Coimbra. O infante nem mais palavra proferiu. Enfiou salas sobre salas, até ir assentar-se em um escanho, com o rosto entre as mãos. Fallavam-lhe não respondia, tocavam-lhe não sentia, nem a voz amiga do seu collaço Egas Lourenço o acordava daquella apathia. O sol escondeu se detraz dos outeiros, as trevas apertaram até cerrar com a noite, e elle sempre do mesmo modo. A lua abriu cedo, e uma golphada de luz branca veio tremer um pallido reflexo na armadura do principe, pendurada nas paredes. A pouco e pouco o sentido do ouvir foi-se despertando. Julgou distinguir a toada das orações da igreja na agonia, cuidou escutar o dobre funebre dos sinos de Sancta Cruz; imaginou perceber o chorar de muito povo, mas confuso tudo, esvaído, sem ter força para se mover d'alli, ou animo, ao menos, de olhar pela janella fronteira.

A final empurraram a porta do seu quarto, e, sem saber como, o infante deu por si estacado no meio da casa. Caíram-lhe as nevoas dos olhos. Abaixou a vista, e achou ajoelhado diante o mordomo da Curia, que, entregando-lhe o annel de seu pai, soluçou suffocado:

—«Aqui está, senhor rei, o sello do reino.»

D. Affonso recebeu o annel. Quando o passava no dedo entrou pelo aposento uma como fumarada de vozes em canto religioso, e o sino da cathedral bateu uma pancada lugubre. O principe estremeceu, e, levando a mão ao peito, acenou ao mordomo da Curia que se podia retirar. Apenas elle saiu, desafogando nos braços de Gomes Lourenço, D. Affonso exclamou a chorar:

—«Ai Egas! sou rei, mas rei sem pai!»

Sobre o trabalho.

Já ninguem hoje duvida que o trabalho é o meio unico com que a Providencia dotou os homens na sociedade para satisfazerem suas necessidades, accumularem bens, e serem felizes. Os povos que mais adiantados se acham na carreira da civilisação conhecem isto perfeitamente; e rivalisam entre si sobre o emprego das suas forças physicas e intellectuaes para obterem os productos agricolas ou fabris.

Os governos mais esclarecidos teem tomado uma parte activa no desenvolvimento d'este principio fecundo: tractam de proteger e honrar o trabalho, garantindo o direito de propriedade, animando a associação das intelligencias e dos capitaes, excitando o genio a novos inventos, preservando as industrias menos adiantadas de uma ampla concorrencia que as aniquilaria, e finalmente acabando com as classificações odiosas da antiga sociedade quando o trabalho era votado ao desprezo, e a indolencia ou a rapina titulos recommendaveis.

Mas do grande desenvolvimento d'este principio nasceu a divisão do trabalho. Nos antigos tempos, o cultivador de um predio rustico não sómente fazia os instrumentos agricolas, mas até fabricava os tecidos de que elle e sua familia careciam: o vestuario e calçado eram igualmente feitos em sua casa. Esta reunião de trabalhos differentes ainda hoje existe em maior ou menor escala nas pequenas localidades. Nas grandes povoações, porém, ou nos grandes focos de producção fabril, a divisão do trabalho acha-se estabelecida de maneira que um individuo já muitas vezes se não applica a uma industria, mas a um ramo ou a um trabalho especial d'ella.

A divisão do trabalho tornou-o mais productivo. foi um grande passo para o bem estar e civilisação das sociedades, mas por outro lado deu origem ás pretenções de classe — muitas vezes difficeis de se conciliarem. Parece que as differentes industrias não são corpos de um exercito creador, mas corpos inimigos e destruidos uns dos outros. Todas fazem valer a sua importancia, todas querem favor e protecção: e querem bem, porque favor e protecção lhes são devidos. Mas como? Deve-se por ventura a beneficio da industria agricola sacrificar os interesses da industria fabril, ou vice-versa? eis a grande questão.

Assim como da divisão do trabalho entre os individuos resultou consideravel incremento de producção e de bem estar entre as nações, assim tambem alguns economistas entenderam que essa divisão de trabalho se deveria estender ás nações: que umas deveriam exercer exclusivamente em grande escala a industria agricola, em quanto outras a industria fabril; e por isso propuzeram a ampla liberdade do commercio. Este systema, na verdade bello e humanitario, e para o qual a primeira nação industrial da Europa acaba de dar um grande passo, não nos parece inteiramente adoptavel, e muito menos para as nações pouco adiantadas nas differentes industrias. Nem temos por conveniente que uma nação essencialmente fabricante despreze os meios de fazer prosperar a sua agricultura, tornando a sua subsistencia em grande parte dependente da abundancia das colheitas dos outros paizes, nem nos parece acertado que em um paiz essencialmente agricola se desprezem os meios de fazer prosperar a sua industria fabril obrigando quasi toda a sua população aos trabalhos agricolas, e trocando os excedentes do consumo interno com as manufacturas estrangeiras. A industria agricola demanda um determinado numero de braços, pela maior parte das classes inferiores da sociedade, e não é como a industria fabril cujo desenvolvimento e variedade de producção podem ser infinitos com o auxilio das machinas. Em que se poderão pois empregar grande numero de braços que, ou não são aptos para os trabalhos agricolas, ou não são necessarios? E evidente que segundo este systema, adoptado sem modificação alguma, consideravel numero de pessoas que pertencem á classe media teriam de emigrar, ou de morrer á miseria, que uma nação meramente agricola se tornaria em poucos annos um aggregado de aldeias e pequenas villas, que as cidades ficariam quasi desertas, e que a civilisação retrocederia consideravelmente.

Já que não é possivel que todos os povos sejam regidos pelas mesmas leis, formando uma unica familia, já que as nacionalidades crearam interesses peculiares a cada paiz, é forçoso convir que os governos devem simultaneamente animar todas as industrias que prometterem bom resultado.

A industria agricola exerce uma consideravel influencia no bem estar das nações: o seu desenvolvimento traz comsigo o emprego de grande numero de braços, e o barateamento dos generos mais necessarios á vida; sem esse desenvolvimento nem a população augmenta nem é possivel melhorar-se a condição das classes jornaleiras. A agricultura tem pois direito á sollicitude dos governos: é innegavel que ella entre nós prosperou n'estes ultimos tempos á sombra das leis que a libertaram de pezadissimos impostos e alcavalas, mas tambem é certo que está ainda muito longe do que póde vir a ser. O derramamento de conhecimentos agronomos sobre processos e instrumentos mais simples e perfeitos — a construcção de pontes e estradas — a animação da indus-

tria fabril e do commercio interno são a nosso vêr condições essenciaes para o desenvolvimento da agricultura.

Os processos e instrumentos agrarios quando mais simples e perfeitos economisam tempo e despezas, e podem tambem concorrer para a melhor qualidade da producção. As boas estradas, e em geral as boas vias de communicação facilitam o transporte dos generos aos grandes mercados, barateam n'estes o seu custo, e acabam com o isolamento das povoações tão fatal á sua riqueza como á sua civilisação. A industria fabril, creando productos necessarios ao cultivador, e muitas vezes até para a sua cultura, favorece por outro lado a venda dos productos agricolas nas localidades. E o commercio, tractando de colher das localidades o excedente do consumo para os grandes mercados, d'estes lhes leva o dinheiro e os generos que lá se não produzem.

Se lançarmos os olhos sobre os principaes estados da Europa, veremos que em toda a parte onde a industria e as relações commerciaes prosperam a agricultura vai em progresso, e que pelo contrario esta definha n'aquelles paizes pouco adiantados na industria fabril, e que teem difficeis meios de communicação para o commercio interno. Vemos pois a Inglaterra, a Belgica e a França serem os paizes mais bem cultivados; ao mesmo tempo que na Hespanha, na Italia e na Russia, onde a industria fabril está pouco desenvolvida, a agricultura acha-se ainda na sua infancia, não obstante, note-se bem, ser o solo da Hespanha e da Italia muito mais fertil do que o da França e Inglaterra.

A influencia da industria fabril e do commercio sobre o desenvolvimento da agricultura póde ser demonstrada até á evidencia. Figuremos uma aldeia com terras fertilissimas no centro de um paiz agricola, e sem relações commerciaes, ou por estar muito distante dos grandes mercados, ou por se achar quasi incommunicavel com elles por falta de estradas. Esta aldeia não produzirá nem tractará de produzir senão para o sustento dos seus moradores.

Mas estabeleçamos n'ella uma fabrica, levemos-lhe quatrocentos operarios, veremos como cada cultivador tracta de melhorar as suas culturas e de obter mais do que até então alcançava, estimulado pela esperança de poder vender com lucro os seus productos. Além de que a accumulação dos lucros permittirá ao cultivador fazer os avanços necessarios e tirar de suas terras todo o partido possivel. E se em logar da fabrica se abrir uma boa estrada para uma cidade ou villa maritima, ou mesmo para algum grande mercado no interior do paiz, vereis como o commercio irá procurar á aldeia, até então isolada e desconhecida, os productos que lhe sobrarem do seu consumo local, levando-lhe outros de que alli carecerem; e esta nova procura terá o mesmo resultado que o estabelecimento da fabrica. Assim, se quereis enriquecer um paiz agricola, dai-lhe consumidores, dai-lhe fabricas, e abri n'elle boas estradas para a livre e facil circulação dos productos.

Por outro lado, a industria fabril depende tambem muito do desenvolvimento da agricultura e do commercio. Aonde a agricultura prosperar, os generos da primeira necessidade serão baratos; as materias primas custarão menos, os salarios serão menores, e os operarios, sendo mais robustos, trabalharão mais. Mas sem a intervenção do commercio, a industria fabril não poderá nunca subir de ponto, mesmo dada a favoravel circumstancia do desenvolvimento da agricultura: os seus productos, quando vendidos só na localidade, serão incomparavelmente menos importantes do que quando possam ser levados com vantagem dos differentes mercados nacionaes e estrangeiros.

Finalmente o commercio para poder prosperar é indispensavel que tambem prosperem a agricultura e as fabricas, por quanto sem productos agricolas e fabris não são possiveis as trocas, e sem boas vias de communicação tornam-se ellas mui difficeis entre as differentes localidades pela excessiva despeza dos transportes.

Em summa, a industria agricola, a industria fabril e a industria commercial ligam-se intimamente como partes do mesmo corpo. Se uma vai bem, as outras prosperam, se uma vai mal, as outras soffrem tambem. Estas tres industrias são igualmente necessarias, igualmente indispensaveis para o bem estar do paiz; e assim não devem ser consideradas e tractadas como inimigas umas das outras, mas protegidas com igualdade, porque todas concorrem para o grande fim da felicidade das nações.

Machina infernal dirigida contra Saint-Maló.

Em 1683, querendo a Inglaterra vingar-se das enormes perdas que os corsarios de Saint-Maló causavam ao seu commercio, projectou destruir completamente esta cidade. No mez de novembro chegou uma esquadra á vista da costa, e para desviar as suspeitas fingiu ao principio querer só fazer um bombardeamento. Deixemos fallar um correspondente d'um jornal d'aquelle tempo (o *Mercure gelant*).

« Como os inimigos viram que as bombas não faziam nenhum effeito, resolveram fazer rebentar no dia 29 contra a cidade a mais horrivel machina de que póde haver noticia. Era um navio novo e fabricado de proposito, que pelos destroços parece ser do porte de quarenta toneladas. Este navio estava cheio de toda a qualidade de fogos d'artificio, de grandes massas de alcatrão, pez, resina, palha picada, e toda a casta de materias combustiveis, de mais de quinhentas bombas e carcassas; e tinha quatro buracos redondos, proprios para vomitar para todos os lados fogo e bombas, de que ficaram para cima de tresentas sobre a areia da praia, bem atacadas de polvora, sem terem causado muito damno. Este grande navio foi trazido a reboque, pela meia-noite, estando a maré cheia, por tres lanchas inimigas até junto dos muros da cidade e da porta de S. Thomaz, defronte do castello. Algumas sentinellas de fóra da cidade bradaram para o forte e para a cidade, mas antes que lá chegasse o aviso bateu a machina felizmente n'um rochedo a tiro de pistola das nossas murallhas. Abriu com a pancada e pegou-lhe fogo mais cedo do que os inimigos desejavam. Estavam umas cem pessoas em casa de Mr. de Chaulnes. A primeira cousa que se ouviu foi uma bomba que os inimigos dispararam para signal ou para o quer que fosse. Todos estavam attentos a vêr onde a bomba caíria, quando de repente, como se voassem dois ou tres armazens de polvora, sentiu-se um tremor seguido do estrondo o mais medonho que ser podia. Pensámos que a casa se despedaçava. Um fogo pavoroso entrou por todas as janellas das salas com estilhaços despedidos com tal furia que quebraram vidros e arrombaram madeiramentos com um estrepito de que não se póde fazer idéa. Devêra de conter para cima de seiscentas e oitenta arrobas de polvora esta machina, que estava abarrotada de mais de setecentas bombas ou carcassas, e de mais de cem barricas de composições de toda a sorte de artificios. Só a parte dianteira do navio, que se voltou para a banda do mar, chegou a rebentar. »

Se não fosse o feliz acaso que fez naufragar o navio, ficava a cidade quasi toda destruida. Mas só a duas ou tres casas foram pelos ares os telhados; nem um só homem morreu da banda dos francezes, em quanto que a perda dos inglezes foi orçada em 150 homens, que compunham a guarnição das lanchas que tinham rebocado o navio. Entre os mortos foi encontrado o engenheiro inventor da terrivel machina; era um refugiado, por nome Fournier, natural da Rochella. O duque de Chaulnes, que governava a praça, depois de se ter certificado do pouco estrago causado pela explosão, mandou passear por toda a cidade tres prisioneiros inglezes para que vissem que nenhuma casa caíra por terra, e por fim mandou-os para Jersey, afim de contarem aos seus compatricios o que tinham visto.

Os inglezes empregaram, sem melhor resultado, uma machina quasi simillhante contra Dankerque.

O TURKESTAN CHINA.

A Bukharia Menor, ou Turkestan china, é das regiões da Asia central até ao presente menos explorada pelos viajantes europeus; a sua historia é quasi desconhecida. Sabe-se que reduzida em 1758 a implorar o protectorado da China, desde então se tornou tributaria e a final subdita do imperio celeste. Em 1827 foi agitada por uma rebellião violenta, que, comtudo, parece não tivera consequencias importantes. Confina pelo poente com o Turkestan independente, pelo sul com o Thibet e o Kabul; tem ao norte a Dzungaria e a leste a China. Divide-se em dez provincias governadas por principes hereditarios, vassallos da China; tem de população quasi dous milhões e meio d'almas, pela maior parte de origem turca e que professam o islamismo. Mr. Estanislau Julien traduziu do chim algumas noções ácerca d'este povo, que por tal modo ficou sendo mais conhecido. A nossa gravura indica um habitante da Bukharia Menor no seu trajo habitual. — As raparigas solteiras d'este paiz trazem os cabellos pendentes pelas costas abaixo, repartidos em dez tranças; porém, um mez depois de casadas os desatam, penteam-n'os e deixam-n'os fluctuantes, amarrados n'um molho por duas largas fitas de seda, com borlas nas extremidades, que cáem até os calcanhares: as solteiras entresacham as tranças com perolas, pedras finas e coraes: as pobres e as que andam de luto as embrulham com uma facha de estofo azul ou verde. — Os homens não entrançam o cabello em fórma de rabicho, ao modo chim, nem rapam as barbas e suissas; cortam só os bigodes para comer e beber mais commodamente: as suas tunicas têem golas compridas e mangas estreitas, e prendem do lado esquerdo a roda d'este vestido: de inverno usam barretes de pelles; passada a estação fria cobrem-se com um turbante pontagudo de feltro vermelho com bandas altas de seda por diante e atraz: calçam sapatos ou de sola ou de marroquim encarnado com saltos de páu. Os turbantes dos padres são de tela branca, estofados de algodão: quando os leigos encontram algum d'estes sacerdotes não costumam prostrar-se na presença d'elles; diante de todas as auctoridades e dos anciãos cruzam as mãos sobre o peito e curvam a cabeça; quando se encontram pessoas iguaes saudam-se reciprocamente com um osculo na bocca. Depois que o Turkestan está sujeito á China, os habitantes para cumprimentar quaesquer magistrados chins ajoelham, e perguntam-lhes pela saude: dizem que os veneram como o sol e os deuses.

Methodo para dissolver a gomma-laca — sua applicação aos tecidos impermeaveis.

Mr. Lemére de Normandy obteve um privilegio, em 2 d'abril de 1845, para usar d'este methodo, que consiste em derreter a gomma-laca ou antes a laca em escamas n'uma solução de cinzas de soda ordinaria. A cada tres e meia arrobas de laca juntam-se 317 canadas d'agua, em que estejam dissolvidos 41 arrateis de cinza de soda. Depois de ferver côa-se por um panno grosso, e junta-se á laca dissolvida n'aquelle liquido certa porção de acido sulphurico. A laca que se separa da dissolução, na fórma de massa ou papas, derrete-se para depois se estender sobre o tecido que se quizer tornar impermeavel. Tambem se póde empregar como grude para ligar peças de madeira e outras materiaes.

O auctor indica como um bom dissolvente da laca uma substancia conhecida pelo nome de *oleo de batatas* (*hydrato de protoxido de armyla*), produzida durante a distillação do alcool das batatas.

(Report. of patent invent.)

Rosto a rosto offerecemos a verdade a quem for nosso igual; a um senhor, só de perfil.

(Eloq. de La Fontaine. Trad. de F. Elysio.)

De hoje em diante tambem se vende e assigna para este jornal na loja do Sr. João Paulo Martins Lavado, antigo caixeiro da Sr.ª Viuva Henriques, estabelecido na rua Augusta, n.º 8. — A correspondencia e quaesquer reclamações podem dirigir-se á referida loja.

CHALONS SOBRE O SAONE.

Saône (que se pronuncia *sône*) é um rio da França que tem sua origem no monte de Vosge, rega os departamentos do Jura e do Alto-Saône, separa o do Rhodano do de Ain, e juncta-se ao Rhodano abaixo de Lyão, na extremidade de uma peninsula, que terá de comprimento meia legua, bordada de choupos, e famosa pela tenaz resistencia da mocidade lyonense, que se achava entre tres fogos do exercito sitiador em 29 de setembro de 1793. Este rio, que leva as aguas mansamente, começa a ser navegavel em Port-sur-Saône: o canal que o juncta com o Loire atravessa o departamento donominado de Saône e Loire, o qual conta perto de quinhentos mil habitantes, e faz seu principal commercio em trigo, palhas, gado vaccum, e vinhos; d'estes os que produzem certos territorios do Mâconnais são os mais estimados; porém apenas farão a centesima parte dos vinhos que em París se vendem com o nome de Mâconnais. Este departamento occupa a parte meridional da Borgonha, e uma das cinco subprefeituras em que se divide é Châlons, cidade que a sua situação faz grandemente commerciante; por aqui sáem os parisienses não só a negociar, mas a viajar pelo clima mais agradavel do sul da França, que já em Châlons se começa a conhecer sufficientemente; por aqui tambem muitos tomam caminho d'Italia; mais de trinta carruagens publicas e muitos barcos de vapor transportam diariamente novecentas pessoas, termo medio; o caminho de ferro de Paris a Lyão deve influir muito no augmento do numero. Os arredores de Châlons são ferteis, de campos bem cultivados, e de mattas abundantes, cobertos em grande parte de vinhas, conhecidas de tão remota data n'este torrão que se refere ser o districto, onde o imperador romano Probo, repartindo como vencedor o terreno das Gallias entre os seus soldados, mandára plantar videiras, de que os barbaros não tinham noticia. Independente do trafico dos generos da terra, o porto fluvial de Châlnos é como um armazem de deposito entre os dois mares: aqui chegam os vinhos do Beaujolais, do Mâconnais, do Languedoc, que se embarcam depois no canal que une o Saône ao Loire começando em Châlons; aqui vem ter igualmente grande quantidade de ferro das forjas da Borgonha e do Franche-Comté; com todo este movimento e prosperidade mercantil, a cidade não possue edificios ou monumentos dignos de contemplação.

Odio velho não cança.

(Romance Historico)

II

A voz do povo nem sempre é a voz de Deus

Tres dias permaneceu silencioso o alcagar, ao quarto o novo rei, no esbelto andaluz, atravessou a cida

de trazendo sobreveste d'almafega em cima da cota de cavalleiro, como signal de lucto. Os que o seguiam compunham-se ao seu exemplo, e segundo sempre acontece, por demazia de zelo faziam do lucto e dôr uma especie d'arremedilho, exaggerando-os.

Os homens da rua, assim chamavam então a quem não procedia de linhagem nobre, conchegando os mantos escuros, e apertando a cinta em redor do saio, diziam entre si:

— « O que haverá lá fóra? Serão corridas de mouros? Ha no reino levantamento de ricos-homens? » E acotovelavam-se, beliscavam-se e pisavam-se, avultando já em alguns a gordura succada, as roseas pegadas de duas barbas, e a veneranda rotundidade de um ventre escrupulosamente municipal.

Por felicidade d'elles não havia ainda na terra portugueza rebellião, guerra e fome. Os portageiros cobravam sem novidade á entrada de Coimbra os direitos reaes com a proverbial mansidão de lobos entre ovelhas. Os que haviam de saír no appellido (chamamento ás armas) por foro da cidade, não tinham recebido aviso; e muito satisfeitos estavam d'isso, porque tres annos bastaram para não caberem nos seus lorigões de couro crú.

— « Mas que novidade era esta? perguntavam elles aos cochichos, ou em voz baixa. Por que sáe elrei tão cedo? » Elle só e os anjos é que lhe podiam responder. Mas nada obstava a cada qual aventurar as mais extravagantes conjecturas, gizadas na areia com um convencimento digno das maiores verdades.

Se elles adivinhassem ou se atrevessem a escutar o que ia conversando o moço rei com os seus cavalleiros, caíam das nuvens, ficando menos mal curados do arrojo das suas imaginações. D. Affonso partia pelo motivo mais simples do mundo. Maguava-o aquelle castello, aonde perdêra seu pai, e determinando demorar alguns dias a ceremonia da coroação, desejava approveita-los em se distrahir fóra de Coimbra. Já se vê que nada havia mais natural.

Pois, arriscasse alguem esta explicação aos honrados burguezes, e saberia que S. João Baptista não se fez debalde advogado das cabeças quebradas. O rei saír só a passear . . . ora essa! Pois era a verdade. O rei saía a passeio, e nada mais.

Depois d'elrei passar, uma scena frequente nos costumes da meia idade veio distrahir a attenção dos populares. O espectaculo era proprio para lhe lisonjear os instinctos, e satisfazer as crenças religiosas, vivas e ardentes, n'uma epocha em que a politica do clero consistia em n'as saber entreter e exaltar.

Tractava-se de um acto de justiça popular. O povo era juiz e parte ao mesmo tempo. Um judeu o réu ou a victima.

O caso succedeu assim.

Havia annos que D. Sancho I tomára para thesoureiro Mestre Zacharias Zuleima. O rei morria por encher as arcas de maravedis de ouro e prata, e o judeu suava agua e sangue por lhe agradar, acugulando-as. Estes serviços augmentaram o seu valimento, e com o valimento principiou a vêr-se de mais perto a obscura pessoa do honrado thesoureiro. Até alli tinha andado rente com o chão, e o agrado real animou-o a levantar a cabeça. Entregaram-lhe a administração de todas as rendas e terras do rei em Coimbra, e o seu zelo fiscal, se é possivel, ainda excedeu as esperanças que n'elle depositara o seu illustre protector.

Mestre Zuleima unia á raça dos crucificadores o sangue africano de uma formosa moura, que seu pai (que escandalo!) ás barbas da synagoga elevára da abjecção de escrava á grandeza invejada do seu precioso thalamo pharisaico; e o virtuoso Zacharias era o fructo unico dos amores conjugaes da bella Eicha com o rabbi Judas.

Até aqui optimamente. Mas o mestiço thesoureiro real parecia-se muito com um flagello para não ser cordealmente aborrecido. Se as arcas da corôa inchavam é bom saber que as bolsas dos populares achatavam á proporção. Os reguengueiros, tosados pela desalmada tesoura, queixavam-se de que ella lhe entrava já pela pelle. N'isto é que o Sr. Zacharias Zuleima andou mal, como a experiencia veio a mostrar.

Não resistimos á tentação de retratar o *agiota* do seculo XII, muito semelhante em tudo aos lobos cervaes d'agiotagem no seculo XIX: porque atravez dos tempos e das distancias o seu parentesco perpetuou-se intimo e nunca interrompido. A dynastia dos millionarios é a mais antiga dynastia do mundo: renasce debaixo de mudadas fórmas sempre a mesma, para supplicio de todas as gerações e de todos os tempos.

Mestre Zacharias ainda não tinha cincoenta annos. Baixo; antes gordo que magro: cara redonda e menineira; faces cheias e rozadas; e nos olhos verde-mar um brilho d'astucia e viveza raras, que perfeitamente casavam com a finura do seu habitual sorriso. Vestia aljubeta curta de sarja amarella: e o capuz do balandráu debruado d'encarnado, com mangas largas de meio covado, descia sobre a testa calva, arqueada e luzidia.

Quem ouvisse os populares não podia vêr D. Zuleima; porém o demonio nunca é tão feio como o pintam. O ovençal do rei era dos maiores sabedores da sua tribu, e o grande Annaz, o Pythagoras da synagoga, não era maior doutor na sciencia do Talmud. Em todos os seus conselhos se apreciava a madureza de homem experiente; e os conselhos eram a cousa unica que dava de graça. Disposto a prestar serviço, com tanto que lh'o pagassem, ria-lhe na bocca um sorriso perenne; e a espinha dorsal nunca esquecêra a curvatura d'arco. Máu amigo, e peior inimigo, o destro judeu dirigia todos os seus negocios com avareza intelligente. Como o povo lhe jurava para um dia cedo a recompensa, elle, á cautela, por emprestimos de ficticia liberalidade, tractou de comprar poderosos protectores para a adversidade entre os nobres e os ecclesiasticos. Esperava que, semelhante a Noé, dentro da arca do seu thesouro havia de desafiar impune as iras de todos os diluvios.

Em quanto viveu D. Sancho, as proezas de Mestre Zacharias foram cada vez a mais. Mas o medo atava os braços aos seus inimigos. Contentavam-se em lhe disparar na passagem duas valentes pragas, e um ou outro monge em lhe escarrar na cara, em latim barbaro, as roucas maldições de um zelo atrabilario. D. Zuleima, entretanto, era responsavel por todas as desgraças acontecidas em Coimbra. As seccas e as geadas, os gafanhotos e a peste tudo era obra do seu amor paternal. Ja se vê que era popular deveras, o judeu!

Isto devia-se mais ao emprego do que ao homem. O ovençal, em contacto com os homens-livres dos reguengos, e opprimindo-os, attrahia sobre si o odio dos maus pagadores e o dos bons, que perseguia igualmente d'intoleraveis exacções. A consciencia de D. Zuleima, preta como a de Poncio Pilatos, era mais dura que um peredo. Assarapintando de garatujas abominaveis os livros do *recabado*, na bolsa de couro, preza á cinta da aljubeta, trazia um escriptorio portatil capaz de arruinar em duas horas tres casas honradas, segundo diziam os seus admiradores da cidade.

Quando morreu D. Sancho a prudencia disse ao ovençal: — « Zacharias Zuleima, põe-te a sombra.

Tu não sabes quem te quer bem, nem quem te quer mal; deixa-te ficar de guarda ás tuas arcas na boa terre de Coimbra.» — Mas a cubiça gritava: — «D. Zuleima, ámanhã arrecadam-se as rendas dos reguengos, e o medo não dá de comer. Meu amigo, faz como a virtuosa Ruth, ou veem os pardaes e levam-te os respigos da seara.» — O judeu ainda se teve dois dias, mas ao terceiro, o do prazo da cobrança, mandou passeiar a prudencia, e metteu hombros á empreza.

Desceu do ninho, invocando Moysés, e a toura, atravessou a levadiça, transpoz a barbacan, e d'ahi a nada ei-lo já fóra do bairro coutado dos ricos-homens.

Ia respirando. Tudo parecia favorece-lo; nem sequer o zumbido usual das pragas e maldições o incommodava. Perto da Portagem havia um estafermo corcovado, verde-negro, com uma perna um palmo mais curta do que a outra. Este enxalmo tomava a soalheira do meio dia e a fresquidão da meia noite assentado debaixo da alpendrada, acalentando-se em coplas tropegas ao divino; e era freguez certo de pragas a D. Zuleima. O judeu, antes de chegar ao sitio, espreitou o seu argos, e viu-o enrolado na esburacada tunica de burel, escabeceando com os olhos fechados. O rouxinol adormecéra com a propria melodia.

Animo, Zuleima, murmurou o homem dos maravedis; e passou depressa, o mais subtil que poude, tomando para opposta direcção.

Mestre Zacharias dava-se já por salvo, enganava-se. Elle a virar a quina da rua, e o heroe da Portagem, o diabo-coxo, que espiava pelo rabo do olho, a saltar na muleta de dois galhos, deitando aos pulos atraz do digno official da fazenda d'elrei. Quiz então a má fortuna do judeu que fosse esbarrar justamente de cara a cara com o respeitavel Vulcano de Coimbra, o afamado Pero Britador, armeiro de hombros de Hercules, tez morena, e pulso capaz de derrear um touro.

Assobiava á porta da sua forja, acabando de polir a folha de uma ascuma. A haste curta, encostada fóra do umbral e pintada de novo, estava a seccar ao sol. Lá dentro ia um inferno de malhos, puxados por homens de carões chamuscados.

Mestre Zacharias enfiou. Sabia que tinha alli um amigo velho.

Duas injustas penhoras apearam o illustre Pero Britador do foro de cavalleiro villão; e este obsequio singular era devido a D. Zuleima. Jurou-lhe pelos ossos até á primeira occasião, e era homem de palavra. Por isso o judeu, apenas o viu, logo lhe doeram as costellas

Entretanto tractou de fazer a retirada airosa. Coseu-se com a parede fronteira, e muito sorrateiro foi dobrando o passo sem olhar para traz.

Pero Britador deixou-o chegar mesmo á quina por onde se virava para o terreiro da picota; e, dando para dentro da forja um assobio agudo, agarrou na haste da ascuma; em tres ou quatro passadas estava com ella no ar sobre os malfadados lombos de D. Zuleima.

— «Psio! amigo velho!... que é isso, vai-se rolando sem fallar á gente?»

E o pau ás mãos ambas caiu, como uma alavanca, no costado do aterrado Zacharias.

Só então é que elle ouviu, sentiu e viu o ferreiro.

O suor frio escorria-lhe da testa em gotas; e mais se assustou ainda, quando do meio de um tropel de passos, que se approximava a cada instante, uma voz tremula e desentoada cantou estes versos

Malha, malha, meu armeiro
E não cesses de malhar;
Bate o ferro qu'está quente,
Até a mão te calejar.

Era o diabo-coxo á frente de mais de vinte galeotes do Mondego, couteiros, e moços de monte, excellentes caras para figurarem em bruto n'um auto da *Prizão do Senhor no Horto.*

O vulgacho, attrahido pelas pragas dos galeotes, pelos gritos taurinos do armeiro, e pelos guinchos de cega-rega do diabo-coxo, ajunctava-se em maior numero. Pelas frestas das casas e ás portas meio abertas arriscavam-se algumas cabeças curiosas. D'ahi a minutos era uma feira. O povo já não cabia na rua e no terreiro!

D. Zuleima, ora branco, ora verde, ora roxo, cambiando as côres do medo, batia os joelhos e os dentes n'uma verdadeira sezão, amaldiçoando a cubiça, que o mettêra na bocca do lobo.

— «Deus d'Abrahão e de Isaac!» gritou, ajoelhado ao ferreiro, com grande ancia.

— «Blasfema! bradou um da chusma. Tubarão, ouves?... tu que estás mais perto, mette-lhe oito dentes pela bocca dentro, a vêr se o fazes cuspir o nome d'esses idolos.»

— «Alto! leva rumor! clamou mestre Pero. Isto ha de ser com todas as ceremonias, ou não presta. Que é dos alvazis da arraia miuda?»

— «Aqui estão, mestre Pero» disseram ao mesmo tempo umas poucas de vozes.

— «Depois os verdadeiros alvazis, os da cidade, que venham cá pôr-nos a muleta! continuou, rindo, o ferreiro. Vamos, um banco; alli o judeu da esquina que traga o livro d'estes cães. Diabo-coxo, upa! estás arvorado em alvazil. Nós somos os homens bons. A tia Dordia e a tia Ruiva as queixosas. Eu executo a sentença... Ora digam lá que a gente cá não sabe fazer justiça.»

A medida que elle fallava, tudo como por encanto chegava a postos. O judeu da esquina tremia engelhado de medo e frio: o diabo-coxo encruzava-se no banco. E aos empurrões o atribulado Zuleima era levado á presença d'aquelle novo tribunal, cercado de caras avinhadas no meio do borborinho dos rapazes e do resmungar das velhas, a parte mais desinquieta da assembléa.

— «Anda cá, judeu, iscariote — disse a tia Ruiva, fincando o punho côr de lagosta na cinta — não me dirás que máu olhado déste á vinha de mestre Chambão?...»

D. Zuleima, perturbado e fóra de si, ouvindo o nome de um dos seus devedores, clamou:

— «Não lhe ficou bago no cacho! estimo bem porque...»

Uma trovoada de gritos, pragas e ameaças caiu sobre elle apenas dissera isto.

— «Brada ao céu! Aborto do inferno! Agouro da cidade!» gritaram os galeotes e ferreiros, tinindo o ferro dos malhos, e batendo as pas dos remos.

— «E as maleitas, ao visinho Telmo? Não o largam ha duas semanas!» guinchou a senhora Eva Soliz.

— «E o pobre Estevam do Moinho, não lhe metteu este cão uma penhora em casa! Esta arrastado» berrava uma oitava acima a tia Dordia.

A cada accusação a cara de D. Zuleima era um arco iris

— «Vamos, judeu, disse o diabo-coxo, responde, o que te fez toda esta gente!»

Mestre Zacharias é que podia perguntar em que tinha offendido aquelle respeitavel areopago, mas

n'uma convulsão de medo mal tinha força da murmurar:

— « Deus de Moysés, salvai-me da mãos dos nazarenos! »

— « Olhem a cara de Judas! » grunhiu a tia Ruiva, sacudindo um braçado de hortaliça.

— « Deixem o caso aos alvazis! » bradavam algumas vozes.

— « Sessenta açoutes. »

— « Noventa. »

— « Cem e deveras, ou vou-me embora » concluiu o diabo-coxo.

— « Cem, nem um de menos! » barafustaram todos.

— « Quem demonio ha de cá dar tanto açoute? » disse o armeiro.

— « Cem! cem! » trovejaram de todos os lados.

— « Pois cem, sejam cem, com dez demonios! » retorquiu o ferreiro. Lopo Secco, arregaçar as mangas e malhar! » *(Continúa.)*

Acto de lealdade portugueza.

É geralmente conhecido o heroico feito do magnanimo e leal Salvador Ribeiro, na rejeição da corôa do Pegú, e que mereceu ser cantado pelo Pindaro portuguez; tem, comtudo, permanecido no esquecimento outra acção semelhante, posto que não tanto estrondosa, practicada no sertão do Brazil em tempos mais modernos.

Durante o interregno de 1580 a 1640 tinham-se estabelecido na cidade de S. Paulo muitos hespanhoes, que para alli passaram da Europa, ou que concorreram das Indias occidentaes: ahi exercitavam avultado negocio, possuiam habitações e fazendas, e pela maior parte estavam casados e mantinham estreitas relações com a gente da terra. Chegada ao Brazil a noticia da acclamação d'elrei D. João IV, concertaram-se aquelles hespanhoes para conservar na obediencia de Castella as povoações de Serra-acima; conhecendo porém que, se declarassem abertamente a sua intenção, seriam victimas do rancor geral contra o jugo estranho, traçaram valer-se de artificio e manha. Lembraram-se que, seduzindo os paulistas para se desmembrarem da metropole e erigirem qualquer governo em separado, cedo ou tarde seriam forçosamente aggregados ás Indias da corôa de Hespanha, supposto a communicação fluvial entre as villas de Serra-acima e as provincias da Prata e Paraguay. N'este presupposto, inculcando-se mui zelosos do bem commum da terra em que se haviam naturalisado, propozeram a seus amigos, parentes e alliados, e a todos em geral, a eleição de um rei paulista, não lhe esquecendo apontar logo, como digno da corôa, Amador Bueno, pessoa mui estimada de todos os seus patricios pelas circumstancias de qualificada nobreza, da opulencia, do respeito de que era credor pelos cargos que honrosamente desempenhava, pela numerosa clientella de individuos com elle vinculados por sangue ou amizade, e pelas allianças de seus nove filhos e filhas, duas das quaes eram casadas com dois irmãos fidalgos hespanhoes, que vieram ao Brasil, em 1625, na armada hespanhola, destinada á restauração da Bahia. — Valeram-se os da sizania de todas as razões especiosas convenientes a seu proposito, expondo áquella gente sincera e pouco instruida, que o acto a que os instigavam de nenhum modo seria taxado de rebeldia, porque, roto o dominio intruso de Castella, estavam no jus de reconhecer ou não, conforme seus interesses, um soberano a quem não haviam jurado preito e obediencia. Para lisonjear as paixões exaltavam o merito dos paulistas, allegando que, pela nobreza de muitos e a riqueza e capacidade de muitos mais, podiam crear um estado forte e independente, que alistariam exercitos entre o grande numero de indios seus administrados e escravos; que era defensavel a posição de S. Paulo, mais vantajosa ainda porque para os portos maritimos, d'onde haveria que recear algum accommettimento, não existia senão a ruim estrada de Paranaapiacaba, que bastaria despedir penedos pela serra abaixo para derrotar os invasores. Este enredo esteve a ponto de ir por diante, e os hespanhoes lograriam seu intento, se não fôra a lealdade acrisolada do proprio homem que procuravam para instrumento de seus designios. — Eis-aqui como refere o facto o historiador da provincia, Fr. Gaspar da Madre de Deus:

« Eram sinceros os moradores de S. Paulo, e ainda que fieis, bem poucos entre elles teriam a instrucção necessaria para conhecerem o direito incontestavel da serenissima Casa de Bragança ao sceptro, e para perceberem os laços e as funestas desgraças em que aquellas machinações os iam precipitar. Além d'isso, a plebe em toda a parte é facil de mover-se e de arrojar-se a excessos. Os hespanhoes conseguiram seduzi-la e ajunctar um grande numero de pessoas de todas as classes, que, acclamando unanimemente por seu rei a Amador Bueno de Ribeira, concorreram, cheios de alvoroço e enthusiasmo, á sua casa a congratular-se com elle. Pasmou Amador Bueno de Ribeira quando ouviu semelhante proposição; elle detestou o insulto dos que a proferiram, e com razões efficazes procurou dar-lhes a conhecer sua culpa e cega indiscrição. Lembrou-lhes a obrigação que tinham de se conformarem com os votos de todo o reino, e a ignominia de sua patria se não se reparasse a tempo, com voluntaria e prompta obediencia, o desacerto de tão criminoso attentado. Mas a repugnancia do eleito augmenta a obstinação do povo ignorante; chegaram a ameaça-lo com a morte se não quizesse empunhar o sceptro. Vendo-se n'esta consternação o fiel vassallo, saiu de sua casa furtivamente, e com a espada núa na mão, para se defender se necessario fosse, caminhou apressado para o mosteiro de S. Bento, onde intentava refugiar-se. Advertem os do concurso que havia saido pela porta do quintal; e todos correm apoz elle, gritando: — *Viva Amador Bueno, nosso rei!* ao que elle respondeu muitas vezes em voz alta: — *Viva o Sr. D. João IV, nosso rei e senhor, pelo qual darei a vida.*

Chegando Amador Bueno de Ribeira ao mosteiro, entrou e fechou rapidamente as portas. Como os paulistas antigos veneravam summamente aos sacerdotes, principalmente aos regulares, nenhum insultou ao convento, e todos pararam da parte de fóra, insistindo, porém, na sua indiscreta pretenção. Desceu á portaria o D. abbade, acompanhado da sua communidade, e com attenções entreteve a multidão em quanto Amador Bueno de Ribeira mandou chamar com pressa os ecclesiasticos mais respeitaveis, e alguns sujeitos dos principaes que se não achavam no concurso. Vieram logo uns e outros, e todos unidos ao dicto Bueno fizeram comprehender aos circumstantes que o reino pertencia á serenissima Casa de Bragança, e que d'elle se acharia esta em posse pacifica desde o dia da morte do cardeal rei D. Henrique, se a violencia dos monarchas hespanhoes não houvera suffocado o seu direito. Nada mais foi necessario para se conduzirem aquelles fieis portuguezes como deviam; todos arrependidos do seu desacordo foram, cheios de gosto, acclamar solemnemente o Sr. D. João IV, com magua dos hespanhoes, os quaes, para não perderem as commodidades que tinham vindo procurar em S. Paulo, prestaram tambem o juramento de fidelidade ao mesmo soberano.—

Este facto é, como dissemos, mui pouco sabido: um amigo nosso o tomou para assumpto de um drama que tem concluido, porém ainda não vulgarisado.

O genio do bem.

Ao vastissimo imperio da Russia, povoado por tantas e tão diversas nações, pertence a grande peninsula de Kamtschatka, que demora ao nordeste da Asia entre os 52 e 61 gráus de latitude septemtrional, e entre o golpho do mesmo nome e o mar do Japão na extremidade sueste da Russia asiatica; tem obra de 75 leguas na sua maior largura; a sua extremidade ao sul é o cabo Lopatka; de norte a sul corre uma serrania de altos que a dividem quasi em partes iguaes, e d'ella nascem varios rios que se lançam no Oceano e no mar de Okotsk. Da-lhe o nome o Kamtschatka, que tem seu manancial na falda de um monte volcanico, corre ao norte por terra dentro, e despeja-se no mar depois de um curso de 70 leguas de 20 ao gráu. Os russianos só tiveram conhecimento d'ella por fins do seculo XVII; porém, em 1711 é que alli se estabeleceram e foi reconhecida a auctoridade do Czar, a cujo imperio os Kamtschadaes pagam tributo em pelles finas; sendo o commercio d'este genero o que tem feito mais frequentada esta peninsula. O clima é aspero e pouco toleravel para outros povos que não sejam os russos; dizem estes que o torrão é fertil; porém as arvores que tem são acanhadas; dá alguns vegetaes no estado silvestre, taes como alhos, cebolas, aipo, e tambem excellentes nabos em alguns sitios nos valles. Esta região, comtudo, não tem o frio tão rigoroso como indica a sua situação; o que procede das montanhas onde ha tres volcões, e de certa temperatura que o mar conserva por meio de densas nevoas: o inverno é longo e constante, e n'esta estação não se póde viajar senão em trenós · janeiro é, como na Europa, o mez mais frio; a primavera é curta, e posto que chuvosa tem alguns dias bonitos; o verão não é comprido, mas muito inconstante: a approximação do bom tempo é perigosa para os moradores por causa do derretimento dos gelos; e ás vezes se vêem obrigados a refugiarem-se nas copas das arvores para não serem subvertidos.

Os habitantes póde dizer-se que são de tres ragas, kamtschadaes, nativos do paiz, e russos, e cossacos, sem fallar nos mestiços d'estes povos: construem tres castas de habitações; as que chamam *yurtes*, para o inverno, parecem exteriormente um outeirinho redondo, com um buraco ao meio, que serve de chaminé, de porta e de janella; as segundas, chamadas *balanyanas*, habitam-n'as de verão; as terceiras, que denominam *loguzas*, introduzidas pelos russos, são as vivendas da gente mais graúda. Os verdadeiros aborigenes são de estatura abaixo da mediana, de cara larga e redonda, olhos pequenos e encovados, magãs do rosto prominentes, nariz esborrachado, cabellos pretos, e tez baça; o seu caracter é brando e hospitaleiro; são grandes preguiçosos, e a sua maior dita, depois da embriaguez, é a ociosidade: vestem-se de pelles de lobos, de ursos, de rangiferos, e de argalis (carneiros selvagens): a necessidade os obriga a dar caça a estes e aos animaes que teem as pelles finas, porque n'este ramo consistem todas as suas riquezas. Ha n'esta região castores de tamanho extraordinario; e tambem martas e zibelinas; as raposas de varias côres são mais formosas que as das ilhas de leste. A pesca é muito abundante nas costas, onde se acham salmões e trutas, e se caça o lobo marinho. Animaes domesticos não ha senão alguns rangiferos, e os cães, que são da maior utilidade, porque os cangam aos trenós em numero impar, e assim transportam pelo gelo seu dono com a bagagem. — Esta gente parece que não tem culto fixo; comtudo reverenceiam de algum modo certos animaes, e invocam differentes genios sobrenaturaes, crendo que ha muitos que ordenam o mal, por isso que são mais os males que os gozos da vida, e que ha um que é causa

do bem, e que representam pela imagem brutesca que mostra a precedente gravura. — Os casamentos effectuam-se de um modo notavel: uma rapariga pretendida para mulher é como uma fortaleza que se ha de tomar por assalto; é defendida pelas outras mulheres, as quaes se atiram ao pretendente, dão-lhe muita pancada e muitos boléus, arranham-n'o e puxam-lhe pelos cabellos; é necessario que elle triumphe d'estes obstaculos, aliás não casa: porém se vence, leva a sua noiva, e então os dois partidos se reconciliam, e tracta-se da boda em casa d'ella.

Cultura e sementeira das batatas.

No Diario do Governo, n.º 67, publicaram-se Instrucções convenientes para dirigir a cultura das *batatas*, com as precauções necessarias, afim de evitar e prevenir o mal que a tem contaminado; apontando logo a providencia de sementeiras.

Entre as causas provaveis de tão funesto mal figura, no seu tanto, o enfraquecimento e degeneração do *germe das batatas*, o qual, por melhores que sejam, enfraquece e degenera em menos de vinte annos; é por isso que os bons agronomos não teem cessado de recommendar a *sementeira* d'ellas como via natural e providente de lhes restaurar o principio de reproducção fecunda, perfeita e sã: infelizmente essas recommendações, e outras mais, teem sido desprezadas, até que agora a gravidade do mal obriga a empregar todas as cautelas e meios de o evitar, e de o prevenir para o futuro, recorrendo ás sementeiras, cujo methodo practico julgamos opportuno indicar.

Como porém as *sementes* devam ser sãs e perfeitas, e colhidas como taes de planta sã e perfeita, esta obvia consideração augmenta ainda o cuidado especial com que se deve proceder na plantação e tractamento das batatas no presente anno, afim de produzirem fructos sãos e perfeitos para as necessidades e usos da vida, e sementes proprias para a reproducção.

Finalmente a escasez de cereaes com os seus effeitos de carestia do pão, tendo-se de atravessar assim os mezes que decorrem até as colheitas, e colheitas que se hão de resentir dos muitos trabalhos agrarios que se teem deixado de fazer por causa das perturbações da guerra civil, conduzem a lançar mão da cultura das batatas como objecto importantissimo de subsistencia publica e como supplemento das lavouras que se não fizeram em tempo. E com o intuito de contribuir para fins tão ponderosos, que, insistindo na doutrina das citadas Instrucções publicadas no Diario, resumimos os seguintes apontamentos para a cultura e tractamento das batatas, suas sementes, e sementeiras.

1.º A batata quer terrenos leves, soltos, enxutos, e arcentos; e aborrece os argillosos, tenazes, compactos, e humidos: em geral os bons terrenos para centeio são os melhores para as batatas; os terrenos inclinados ou elevados produzem melhor batata do que os planos; e os de exposição ao nascente ou meio-dia favorecem particularmente a producção temporã.

2.º Entre as especies ou variedades de batatas, as brancas são em geral mais volumosas e productivas; as vermelhas admittem terreno mais forte e consistente, produzem um terço menos, conservam-se melhor, e amadurecem mais tarde; as amarellas teem a polpa mais fina, são de boa producção, e as mais temporãs.

3.º Para a plantação de qualquer especie de batata prepara-se o terreno com uma cava ou lavra de doze a quinze pollegadas de profundidade; deixando o mesmo terreno perfeitamente destorroado e limpo.

4.º No terreno, assim preparado, se faz a plantação: ou a braço, o que é mais dispendioso, ou á charrua ou arado, o que é mais economico e expedito, e se practica pela maneira seguinte: — a charrua ou arado vai abrindo um rego sufficientemente profundo e largo, e o mais direito possivel — seguem duas mulheres, uma com um peneiro de batatas que vai plantando no meio do rego aberto, guardando a distancia de palmo e meio entre cada uma; a outra mulher vai lançando o estrume sobre as batatas assim dispostas. — Plantado d'esta fórma o primeiro rego, a charrua na volta cobre as batatas plantadas — e assim se prosegue na plantação dos outros regos, guardando entre uns e outros a distancia de dois palmos e meio. Convem observar que a plantação deve ser mais espaçada nos terrenos ricos do que nos magros; mais profunda nos fracos e arcentos do que nos fortes e consistentes; e sempre mais espaçada nas especies brancas do que nas vermelhas.

5.º A batata que se plantar deve ser sã e perfeita, e havida com escolha de sitio em que não tenha apparecido o mal; deve plantar-se inteira, e ter volume razoavel, pois que a sua polpa é destinada para nutrir o germen na primeira idade; todavia, onde forem raras e caras as batatas, poderá practicar-se a economia de partir as mais volumosas em bocados grossos, cada um com tres olhos e com a maior porção possivel de polpa, esses bocados plantam-se um a um como as batatas inteiras; advertindo, porem, que devem ser partidos um ou dois dias antes da plantação e expostos ao ar para apertar e seccar os poros das superficies cortadas, e lhes servir de pelle do modo possivel; e na sua plantação não se lança o estrume immediatamente sobre elles, mas sim cobrem-se primeiro com uma pollegada de terra e lança-se então o estrume por cima.

Convem aqui observar: 1.º que deve sempre cultivar-se e plantar-se em separado cada especie de batatas; 2.º que se não devem empregar na plantação de qualquer terreno as batatas que tiver produzido, mas sim as melhores e mais perfeitas de terreno diverso.

6.º A plantação das batatas requer estrumes bem curtidos e apurados: os chamados *compostos* e os vegetaes são preferiveis a todos os respeitos.

7.º Desde que a planta tiver tres a quatro pollegadas de altura, precisa ser sachada com uma enxada pequena para extirpar todas as hervas, mover e amaciar a terra, e facilitar a extensão das raizes fibrosas que hão de produzir as batatas; esta operação renovar-se-ha segundo a terra fôr mostrando a necessidade de ser limpa de hervas, movida e amaciada.

8.º Logo que as plantas estiverem proximas a lançar flôr, deve juntar-se em roda de cada pé uma sufficiente quantidade de terra, tomada de um e outro lado: esta operação se irá repetindo successivamente até que a força e lançamento dos pés e ramos intercepte a passagem nos intervallos; e se aperfeiçoará ainda mais deitando na terra, assim amontoada, os pés e ramos da planta, afim de provocar novas raizes, e com ellas novas batatas. Concluida esta operação, nada mais se precisa fazer até se acharem maduras as batatas, o que se conhece pela mudança da côr verde dos pés e folhas em amarella e murcha, até seccarem completamente: e desde então chegou a epocha de proceder á colheita das mesmas batatas, e necessarios cuidados para se approveitarem, conservarem, e usarem em toda a extensão do seu prestimo.

9.º Se durante a vegetação das plantas apparecerem em alguns pés, ramos, ou folhas, manchas ou nodoas pardacentas, que são indicativas do mal, devem ser immediatamente cortados bem rentes esses pés com todos os seus ramos e folhas, e depois queimarem-se, e lançar as cinzas na terra.

10.º As especies mais temporãs de batata offerecem um recurso de subsistencia publica, particularmente benefico e providente nos annos de carestia e fome; pois que, para acudir a taes necessidades, vão-se colhendo as batatas maiores apartando geitosamente a terra que as cobre, e tornando a conchegar a terra em roda dos pés da planta, e sobre as outras batatas, que continuam a crescer e aperfeiçoar-se até depois de seccarem os pés e ramagem das mesmas plantas.

Sementes.

11.º As sementes da batata são pequenas e redondas, e formam-se dentro de capsulas globosas, que as contem em muitas celluias. Estas capsulas, pendentes da planta, colhem-se quando se acham bem maduras, o que se conhece pela sua molleza e côr branca; espalham-se as canadas em caixas entre camadas de areia; conservam-se assim até o fim do inverno: então esmagam-se entre as mãos para extrahir e separar as sementes por meio de agua e uma peneira, depois do que seccam-se perfeitamente ao ar, e ficam promptas para semear.

Cabe aqui a recommendação fundamental de escolher as capsulas mais perfeitas das plantas mais perfeitas de cada especie de batatas; e de conservar em separado as sementes obtidas de cada uma das mesmas especies, para se semearem tambem em separado.

Sementeiras

12.º Esta sementeira faz-se nos principios da primavera, em terreno bem preparado; e practica-se pe-

la maneira seguinte: — mistura-se a semente com areia fina, ou com terra secca reduzida a pó — lança-se em regos bem alinhados, que tenham de duas a tres pollegadas de profundidade — cobre-se ligeiramente com terra, e espalha-se por cima uma mediana porção de estrume do melhor e mais bem curtido — e assim se prosegue na sementeira dos outros regos, guardando entre uns e outros a distancia de palmo e meio.

13.º Desde que a nova planta tiver tres a quatro pollegadas de altura, applicam-se-lhe as operações de sacha, e de se lhe junctar successivamente a terra em roda dos pés, como fica apontado para a cultura ordinaria. Quando a planta se mostrar completamente amarella e secca, colhem-se então as novas batatas, que são do tamanho de avelãs, as quaes, depois de bem limpas da terra, e enxutas, se espalharão folgadamente em logar secco e arejado, e sobre caniços aonde for possivel, movendo-as de tempos a tempos, e catando as que apparegam defeituosas, doentes, ou imperfeitas; e assim se conservarão até a primavera seguinte, em que se plantam: esta primeira plantação deve já produzir batatas assaz volumosas, mas a do seguinte anno é que ha de appresentar plena producção de batatas com todo o seu volume e perfeição.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

A importancia do artigo precedente, importancia absoluta em si e que o estado das subsistencias em Portugal torna ainda muito maior, é facil de avaliar. O auctor d'este escripto, pessoa distincta na sciencia agronomica, é conhecido assaz para que os nossos elogios servissem de grangear-lhe a confiança dos leitores ácerca do bom exito que devem tirar da applicação das suas doutrinas. Elle ajunctou n'um breve e intelligivel quadro tudo o que ha essencial ácerca da renovação das batatas pelo systema das sementeiras, e ainda sobre a sua cultura pelo methodo ordinario. Nós accrescentaremos aqui algumas idéas que nos parecem vir a proposito de uma questão gravissima pela situação em que se acha á agricultura no paiz. Seguiremos nas seguintes observações a ordem dos paragraphos em que o auctor dividiu a materia do artigo.

1.º É incontestavel que as batatas preferem os terrenos soltos e arcentos: mas não deixam de produzir nos argilosos, uma vez que não sejam extremamente compactos. Na verdade o producto não é tão abundante; mas paga o trabalho do agricultor. A possibilidade de progredir a carestia das subsistencias (porque as colheitas ainda estão contingentes, e porque em consequencia das perturbações publicas muitos campos ficaram por cultivar) é um incentivo para que se proceda á sementeira da batata nos terrenos deixados de pousio, embora fortes, ou medianamente compactos.

6.º A proposito dos estrumes e compostos mais convenientes para a cultura da batata, aconselharíamos a mistura do estrume do gado vaccum, que é o que abunda mais, com a marga, onde a houvesse, o que se verifica justamente nos terrenos fortes (terras avermelhadas) em cujo subsolo, muitas vezes apenas a tres ou quatro palmos de profundidade, se encontram bancos de marga calcarea. N'um terreno humido, plano e forte um composto de $\frac{2}{3}$ de estrume de gado vaccum e $\frac{1}{3}$ de marga, empregado na sementeira de um batatal, sabemos ter dado optimo resultado.

O que, sobre tudo nas terras mais fortes, e ainda nas fracas, nos parece que deve contribuir para atalhar os effeitos terriveis da doença que vai accommettendo as batatas, é o demorar as sementeiras para mais tarde do que geralmente se faz. Um batatal semeado depois do meado de abril de 1846, produziu excellentemente e sem vestigios de doença em terreno forte, margado. As chuvas que vem ordinariamente ainda na primavera bastaram para o fazer prosperar. Suspeitamos que a molestia d'esta preciosa planta se deva á demasiada humidade a que estão sujeitas as sementeiras temporãs. Pedimos aos agricultores practicos que repetindo as experiencias ácerca d'isto, busquem estabelecer por meio d'ellas as epochas mais convenientes de semear, o que nos parece fazer-se ordinariamente demasiado cedo.

11.º A semente das batatas pode-se extrahir das capsulas, logo que estas estejam bem maduras, pelo methodo ordinario que se emprega para apurar a semente do tomateiro, e guardar-se em logar secco sem mais prevenções. Tambem se podem guardar os globulos que a contém para a empregar do modo que abaixo se verá.

12.º Em França faz-se a sementeira lançando a semente nos regos, do modo discripto pelo Sr. Rebello da Silva. Em Allemanha usa-se de methodo diverso. Colhidos os globulos que contém a semente, completamente, enterram-se no principio do inverno em terra bem preparada e fôfa, em linhas de distancia de palmo, e com igual distancia entre os globulos. Com a primavera as batateiras nascem aos grupos nos logares onde se enterraram os globulos. Quando as plantinhas teem duas ou tres pollegadas de altura arrancam-se cuidadosamente, para se transplantarem para regos com as distancias convenientes. Cada planta leva já uma ou mais batatinhas do tamanho de ervilhas, que é preciso não esmagar nem separar do pé, porque d'elles se formarão os futuros tuberculos. Depois prosegue a cultura segundo o methodo descripto pelo Sr. Rebello no artigo 13.º Ambos os methodos, experimentados entre nós, deram o resultado pretendido. Houvera differença de semear tanto a semente como os globulos nos fins de fevereiro, posto que ao abrigo do norte, attendendo a ser o nosso clima mais brando no inverno e menos humido no verão do que a França central, onde a sementeira se faz em abril.

13.º Para maior clareza advertiremos que as plantas, ainda da semente semeada a rego, vem muito junctas, e que por isso na occasião da primeira sacha cumpre desbasta-las de modo que fiquem na mesma distancia de pé a pé que ha de rego a rego. As plantas que se tiram no desbaste, uma vez que tragam a batatinha inicial, plantam-se em novos regos, esperando para esta transplantação que ou a terra esteja sufficientemente humida, ou que haja signaes de chuva imminente.

O emigrado rico e o emigrado pobre.

A seguinte anecdota é extrahida de um livro muito engraçado e instructivo, escripto por Mr. L.-B. Picard, da Academia franceza. O livro chama-se *Gil Braz da Revolução*: devêra ser lido e meditado por muita gente. Desde Jacob, que *rebate* a Esaú o direito de primogenitura por um prato de lentilhas em occasião de fome, até o dia de hoje ainda não mudaram os pensamentos, palavras, e obras do usurario. Quer enriquecesse no vergonhoso e arriscado trafico da escravatura, quer enthesourasse, estirado nos molles *sofas* de gomma-elastica, sem outro trabalho mais que o de recolher o que os outros semearam e ceifaram suando suor e sangue, e sempre o homem que,

ainda quando o convidem para salvar a seu pai d'um incendio, perguntará primeiro: «Com quantos por cento de desconto?» — «Tomára, dizia um d'estes, vêr todo o genero humano bem desgraçado... para lhe valer com o meu dinheiro.» — Como porém o mal já vem muito de traz e é quasi sem remedio, vamos ao nosso conto, o qual mostra que o usurario, como vulgarmente se diz, nunca dá ponto sem nó.

Mr. Dervilé, que fôra juiz e conselheiro d'um parlamento, tinha-se preparado para emigrar desde o principio da revolução. Reduziu a dinheiro os seus predios rusticos, estabeleceu-se em Stuttgard e havia feito especulações tão vantajosas com capitaes que mettêra nos bancos de Vienna, Londres e Hamburgo, que estava muito mais rico do que em França, onde tinha fama de onzeneiro.

Chegou um dia á estalagem onde eu morava um homem que fôra soldado razo da minha companhia no principio da campanha. Era Mr. Darnal, ex-conselheiro do mesmo parlamento a que pertencêra Mr. Dervilé. Depois de ter gasto todo o seu peculio para poder emigrar, e de pelejar com denodo, ia agora para Vienna, onde esperava valer-se de uma parenta de sua mulher; e como fôra insigne dançante nas assembléas, fazia tenção de dar lições de dança. Renovámos o nosso conhecimento. Mr. Darnal vinha na maior penuria, e não sabia como havia de continuar a sua jornada. Conversando eu com elle, dei-lhe a noticia de que estava em Stuttgard Mr. Dervilé, o rico Mr. Dervilé.

— «Que ventura! o meu antigo collega! um amigo velho!»

Ei-lo livre de cuidados; não duvida de que Mr. Dervilé lhe acuda á pressa; dão-lhe a morada do seu opulento collega; corre a procura-lo.

— «Ai! que é o meu presado Darnal, amigo certo e verdadeiro! exclama Mr. Dervilé apertando-o nos braços. Quem havia de dizer, quando nos sentavamos nas cadeiras do nosso tribunal, que nos haviamos de encontrar assim na Allemanha, ambos desterrados?»

E começou o sensivel Dervilé a amaldiçoar a revolução e os jacobinos, e a inquirir com o maior interesse o estado do seu constante e velho amigo. Este, commovido, muito esperançado, narra as suas aventuras, explica os motivos da sua jornada a Vienna, a miseria extrema em que se acha, a gratidão a que o obriga tão cordeal acolhimento, e por fim abalança-se a pedir emprestados vinte e cinco luizes, declarando não poder dar em penhor senão a sua palavra e as suas esperanças. Em quanto isto dizia, tinha Mr. Dervilé posto os olhos no céu: chegaram-lhe a correr as lagrimas; cortou o discurso do collega com exclamações que ainda continuavam depois de Mr. Darnal se ter calado.

— «Valha-me o céu! um conselheiro do parlamento obrigado a andar de espingarda ás costas! que desacato! corta o coração! E agora vai para Vienna implorar a compaixão d'uma parenta?»

— «Que remedio tenho eu!»

— «E faz tenção de dar por lá lições de dança?»

— «Sim.»

— «Um magistrado antigo! obrigado a andar em cata de bilhetes de lições de dança! E está no maior aperto por não poder continuar a jornada?»

— «Sim.»

— «E queria que lhe eu emprestasse vinte e cinco luizes?»

— «Sim, seiscentos francos.»

— «E não me póde dar outra hypotheca senão esperanças e a sua palavra?»

— «Nada mais.»

— «Oh! eu não duvido de que o meu amigo, se acaso se visse algum dia n'um estado mais prospero, correria logo a pagar-me. Aqui tem, todavia, a que está reduzida uma multidão de fidalgos, de magistrados, de prelados, de abbades, de pessoas decentes, que se viram constrangidas a deixar os seus palacios, os seus tribunaes, ou as suas dioceses. Tome lá, veja, leia, meu caro amigo, meu presado collega, corra os olhos comigo por cima d'esta lista, que prouvera a Deus não fosse authentica.»

Dizendo isto abriu uma secretaria e tirou um canhenho, cujo titulo deu a lêr a Mr. Darnal. O titulo dizia assim: *Lista dos infelizes emigrados que vieram valer-se do conselheiro Dervilé.*

— «Veja, veja, meu querido amigo; começam os pedidos em 1791; veja: o conselheiro de * * * mil escudos; o senhor bispo de * * * quatro mil francos; o senhor duque de * * * seis mil francos; o senhor marquez de * * * mil e duzentos francos; e vai por ahi fóra... Tome sentido, vá vendo, vá vendo: os nomes mais illustres da França! obrigados a pedirem emprestadas umas quantias insignificantes, como se fossem ahi uns pobres fieis de feitos.

Mr. Darnal sentia-se desopprimido de um peso; admirava o genio serviçal e a prodigalidade bemfazeja do desinteressado Mr. Dervilé, a quem tinham ousado accusar de avarento e usurario, e principiava a dirigir-lhe os mais vivos e sinceros agradecimentos.

— «Espere: veja a somma, disse-lhe Dervilé, noventa e oito mil e quatrocentos francos; sim, senhor, noventa e oito mil e quatrocentos francos. Que tal! amigo do coração, accrescentou elle, pegando de novo nas mãos de Mr. Darnal; sempre quero que me diga o que seria feito de mim se eu tivesse emprestado aos meus queridos compatricios a somma de noventa e oito mil e quatrocentos francos. Doeu-me n'alma não os soccorrer, e pareceu-me conveniente tomar nota dos seus pedidos para me premunir, para me armar contra as fraquezas do meu coração, contra os conselhos imprudentes da minha compaixão, assim como cá vou tomar nota do seu, que leva a totalidade á conta redunda de noventa e nove mil francos.»

O infeliz Darnal ficou aterrado. Levantou-se em quanto M. Dervilé escrevia, e lançando-lhe um olhar de indignação, deixou-o sem dizer palavra.

A CRITICA.

A CRITICA é um tributo que todo o candidato a celebridade tem de pagar ao publico: querer subtrahir-se a ella, por mui subido merecimento que haja, é loucura; não poder tolera-la é fraqueza. Os mais insignes personagens da antiguidade, e podemos accrescentar que os de todos os seculos, estiveram sujeitos á critica. Contra ella só na obscuridade ha refugio. É uma especie de condição inevitavel de toda a preeminencia, quasi como as invectivas eram entre os romanos uma parte essencial do triumpho.

ADDISON.

DESCOBERTA.

UM egresso de uma Ordem respeitavel, dedicado inteiramente as sciencias, e votado ao ensino da grammatica, arithmetica, geographia, geometria, historia, &c., perguntando-lhe um seu discipulo, de cinco annos de idade, aonde se creavam as castanhas do Maranhão, respondeu com ar magistral: — «Criam-se dentro dos cocos.»

O DESCOBRIMENTO DA AMERICA.

Este grupo de marmore augmentou em 1844 o numero de ricas esculpturas que exteriormente decoram o capitolio da cidade federal da união americana, Washington: corôa o portico da banda do nascente. O thema é o descobrimento do Novo-Mundo. Christovam Colombo emfim pisa aquelle continente adivinhado pelo seu engenho; volta-se para a Europa e mostra-lhe um globo, emblema da figura da terra, que a ignorancia e a inveja se obstinaram a considerar como uma chimerica hypothese. Em quanto se entrega inteiramente aos pensamentos que lhe innundam a alma de grave enthusiasmo, uma indiana o contempla com admiração e ao mesmo tempo com temor; aos olhos d'esta mulher, Colombo é uma visão sobrenatural, um semideus; vê-se que ella hesita se deverá fugir, se prostrar-se respeitosa. A differença da civilisação entre as duas raças, está expressa nos contornos macios e até em a nudez da selvagem, contrastando com o ar varonil e nobre attitude do heroe europeu. Os jornaes dos Estados-Unidos fizeram subido elogio d'esta composição, que seria difficil avaliar por um simples esboço. Louva-se unanimente na physionomia de Colombo a expressão da superioridade intellectual e da dignidade moral, observam-se na

moça india todos os caracteres distinctivos da raça que representa. Em Napoles é que o Sr. Persico esculpiu este grupo, ao qual consagrou cinco annos de trabalho. O trajo de Colombo é de uma rigorosa fidelidade, segundo affirmam: o artista copiou uma armadura pertencente áquelle homem insigne, a qual os seus descendentes conservam em Genova. O marmore foi extrahido das pedreiras de la Palla em Sira-Verra entre Pisa e Carrara. O Sr. Persico tinha sido encarregado, precedentemente, de duas figuras para a decoração do capitolio de Washington: a Paz e a Guerra. É citada tambem como obra magistral uma estatua colossal, que foi inaugurada no mesmo edificio ha dois annos: — o Jorge Washington pelo esculptor Greenough.

Odio velho não cança.

(Romance Historico)

(*Continuação do Cap. II.*)

A bulha crescia entretanto; os apupos e as palmadas retumbavam. Era uma assuada verdadeira. De quando em quando iam ao ar toucas, gorros e sombreiros, choravam creanças; as velhas altercavam; e choviam bofetadas. Gargalhadas grosseiras misturavam-se com improperios; murros e pontapés retiniam em cheio, e o resultado da horrivel matinada era redobrarem as pragas e ameaças contra o padecente.

N'um abrir e fechar d'olhos o judeu, despido, rasgado e arrastado, com o rosto negro de punhadas, a bocca cheia de sangue, e os cabellos arrancados sem dó, revolvia-se com gemidos pungentes entre dois membrudos cyclopes da forja de Pero Britador.

Dos degráus da picota, no meio das matronas senhoras visinhas, a tia Dordia açulava as iras populares com exclamações furibundas.

— « Fel e vinagre a esse cão tisnado! »

— « Lopo Secco, bradou o armeiro, agouta o judeu, mas não lhe deixes tocar. Isso é matar! . . . » exclamou, vendo sobre a cabeça do pobre D. Zuleima alçado o remo d'um galeote.

— « Assem-n'o n'uma grelha! » guinchou a tia Ruiva.

— « Olha a vassoura de monturo! » disse o armeiro para o diabo-coxo. — « Oh tia Ruiva, muito toucinho ha lá por casa » gritou elle.

A setta bateu no coração. A matrona era suspeita de parentesco com a raça pharisaica.

— « Não te calarás, excommungado? Sete brazas te sequem as guelas, chamiço do inferno! » retorquiu a furia investindo para o ferreiro.

— « Simão Ferro, trazes a tua cutella? Corta-me uma vara de lingua áquella serpente de clerigo! » acudiu Pero Britador, virando-lhe as costas.

A segunda injuria foi peior que a primeira. A honesta Ruiva tinha fama d'alegrar a vida penitente d'um servo de Deus. Accesa em raiva ia replicar dignamente, quando Simão Ferro com os dedos callosos lhe apertou os gorgomilos como em uma tenaz, obrigando-a a ficar sem resposta, o que nunca até aquelle dia lh'acontecêra.

O motim augmentava. Os improvisados algozes iam principiar a execução. O judeu, supplicante, com os olhos torvos de lagrimas estendeu os braços para o povo.

— « Cruzes, demonio! » regougaram as velhas.

— « Leva, cão! . . . Peior fizeste tu a Christo. »

Era um archaismo de mil e duzentos annos pago em agoutes por mestre Zacharias.

— « Façam-lhe tragar um porco vivo! » disse uma voz aflautada de monge ou clerigo moço.

— « Refresquem-n'o alli no rio » exclamou um besteiro torto.

Esta idéa obteve a unanimidade. Mil vozes estouraram a um tempo, gritando:

— « Ao rio! ao rio! Mata! »

Nem o diabo-coxo, nem o armeiro, nem os vulcanos da forja no meio da agongaria se entendiam ou eram escutados. A revolta já deixava atraz os cabeças. As turbas a cada instante remoinhavam mais impetuosas. Em mó cerrada os populares começaram a encurtar o espaço que os separava da picota. Um furacão de milhares de vozes saía do meio d'elles. Entalado e sacudido, mestre Pero, tão possante e corpulento, volteava no meio do tropel, como a pluma d'um cavalleiro ao sopro do vento. Já se ia sentindo desfallecer no apertão encontrado das ondas do povo.

N'este momento o armeiro, a custo abrigado no ultimo degráu do pelourinho, e perdida já de todo a esperança de poder salvar o judeu, descobriu as ascumas dos besteiros do concelho, que desciam a ingreme ladeira trazendo no centro Sueiro Gundes, alvazil da cidade. Os amotinados tambem o aperceberam, e como tigres recuaram para melhor armar o pulo. Esperaram todos por elle em profundo silencio.

O alvazil e a escolta fizeram alto ao pé do pelourinho, mandando recado ao mordomo para que se apressasse em lhe acudir. Sueiro Gundes, de altura de um rapaz de doze annos, abaulado, pernas tortas e curtas, nariz grosso e arrebitado, suava por todos os poros o ridiculo orgulho da sua dignidade municipal. O silencio com que o recebiam parecia-lhe um tributo de respeito, e a vaidade crassa desenhou-se no sorriso boçal com que principiou a subir em passo d'enterro os degráus de uma escada que ia ter á especie de varanda, saccada fóra da porta d'uma casa mourisca. De lá, assoprando de cançado, acenou ao povo que ia fallar. Assobios, gargalhadas e mofas rebentaram então de toda a parte; porque fóra dos outros alvazis, o Sr. Sueiro Gundes era olhado como o animal mais estupido de Coimbra, com costella de mouro ainda por cima.

— « Burguezes e homens villões! . . . »

— « Him! him! gritaram os rapazes, imitando o desesperado falsete do alvazil. Him! fóra o marrão! »

Marrão, ou bacorinho, era a alcunha popular do eloquente Sueiro.

— « Meus amigos . . . » continuava elle.

— « Adiante! » berrou um galeote.

— « Fóra o sermão! » barafustava o povo.

O alvazil arregalou os olhos piscos, lambeu os beiços, tossiu, e interiormente dava tudo para se vêr muito longe d'alli e diante d'um prato de appetitosa dobrada.

— « Em nome dos alvazis . . »

— « Morram os alvazis! . . . » respondia a turba.

— « Soceguem. Deixem sair o honrado thesoureiro d'elrei, senão justiça e exemplo havera . . . ai! »

Um repolho pequeno, despedido por mão desalmada, batendo na cara roliça do orador, fez em fugida todo o discurso, enchendo-lhe a bocca de dentes quebrados. Ao mesmo tempo a cholera popular, de que era terrivel annuncio aquella violenta interpelação, converteu-se na mais completa e estrondosa gargalhada. As mãos que apanhavam pedras largaram-n'as para apertar as ilhargas. Por cima do pulpito de Sueiro Gundes, um diabrete de sete para nove annos, enrolado no balandrau de D. Zuleima, acabava de depor solemnemente na cabeça do Demosthenes municipal a touca do judeu, enfeitada de duas medo-

lhas orelhas de burro. Depois d'esta gentileza, o rapaz desceu pelo muro por onde trepára no meio de applausos numerosos.

A touca pharisaica e aquellas orelhas asininas eram duas insolentes allusões, como diriamos hoje, uma ao sangue mouro, e outra á fraqueza d'entendimento do digno alvazil. Este, atormentado da pedrada nos queixos, e fulminado pela coroação em plena praça, fez-se verde-fulo de raiva, e desceu precipitadamente ao som d'uma açougaria infernal.

Apenas recolhido ao centro dos seus besteiros, mestre Gundes, afogado em ira, em suor, e em gordura, mandou immediatamente alimpar o terreiro d'aquella villanagem. Isto, porém, era muito mais facil de dizer do que d'executar. Dos frecheiros uns encurvaram os arcos, outros sopezaram as ascumas, mas olhando sempre para todos os lados. E que elles percebiam perfeitamente que, se os amotinados empregassem a força, haviam de pagar com a cabeça o primeiro tiro disparado contra o povo.

Um dos couteiros de Lorvão, velhote fresco, incorpado e baixo, saíu de um tropel de gente, e virando-se a rir para o adail do troço, gritou:

— «Sabes que mais, vai aprender a pegar n'uma bésta. Esse arco não faz nada, homem. Mandas o virote de presente ás ameias da torre. Mais alto; não repuxes a corda, e abaixa o tiro ao vento...»

— «Se não beberes melhor a tua vez de vinho do que jogas a ascuma, dizia um galeote, morres a beber agua fria, velho.»

— «Andar, besteiros!» exclamava mestre Sueiro enfurecido.

Mas os besteiros tinham excellentes razões para não andar — queriam levar as orelhas para casa. A rapaziada, pulando diante do alvazil, batia-lhe as palmas, guinchando: — «Pum! Pah! prrr!...»

Os mesteiraes tambem faziam a segunda aos rapazes com injurias mais pezadas.

— «Fogo, tavoleiro! olha que ficas varado pelo cavalleiro-conego!»

— «Viva o alvazil Mafamede!» gritavam os rapazes.

— «Sua mercê já veria a cara aos mouros?»

— «Aos de casa, aos de casa!»

— «Viva o alvazil! Vai á guerra a cavallo no cão do mordomo!»

Era um escarneo desaforado, capaz d'endoudecer um homem de juizo. Sueiro Gundes não endoudecia porque não tinha juizo, mas tremia de cholera e de medo no centro da sua cohorte pretoriana.

— «O judeu ao rio!» bradou uma voz.

— «O judeu e o alvazil; são parto da mesma vacca!» respondeu outra.

— «Mata, mata!»

E a gentalha deu um repellão, que fez recuar os besteiros e caír sobre os joelhos o pobre Sueiro Gundes.

Pero Britador viu bem que a lucta não podia ser longa se chegasse a travar-se, avaliando as funestas consequencias da victoria dos populares. Por isso do alto do pelourinho, aonde se conservava, em grande voz exclamou:

— «A mim, homens da forja da Portagem! Galeotes de S. Cucufate!»

— «A mim, arraia miuda de D. Vetaça!» accudiu com elle o diabo-coxo.

O seisma já ardia no campo dos gregos. No meio dos massigos de povo rasgaram-se de repente duas fitas largas e tortuosas. Eram alguns galeotes, mogos de monte, e ferreiros que rompiam á força viva.

— «A elles! ao rio!» vozeava a gentalha.

— «O primeiro que der um passo não se queixe!» gritou o armeiro estendendo o braço.

As companhas de Pero Britador unidas aos besteiros esperaram firmes o impeto do povo. Um instante o conteve aquelle valor frio, e a distancia entre uns e outros não se alargou. No meio d'esta especie de tregua uma pedra soou, e faiscando na columna, lascou-a, ferindo lume quasi diante dos olhos do armeiro.

— «O teu arco! gritou elle a um frecheiro. Por alma de meu pai, não torna aquelle a atirar outra.»

E, entezando o arco, elevou-o e soltou o tiro. Um gemido agudo quasi que se misturou com o silvar da setta ao partir da bésta. Rolou no chão um corpo, duas mãos convulsas arranharam a terra, e murmurios abafados sussurraram por entre a multidão.

— «Voltem cá outra vez!» bradou o armeiro encostando-se ao arco desarmado.

Este sangue frio susteve a plebe minutos; mas passando o assombro, a reacção rebentou mais feroz do que nunca.

— «Morram os traidores!» Repetiram mil vozes estalando a um tempo, em quanto todos de tropel se arremessavam contra a picota e os seus defensores.

— «Animo!» gritou Pero Britador.

— «Firmes!» repetiu o diabo-coxo, e um combate cego, furioso e tremendo se começou entre o povo e elles. Era ferir corpo a corpo, braço a braço. No meio do avançar e recuar d'aquellas ondas de gente, avultava o armeiro descarregando a duas mãos a acha d'armas, e abrindo largos claros por onde passava.

Qual seria o exito? Era muito desigual o partido. Pero Britador e os seus bem n'o sentiam, mas tinham fé no auxilio que esperavam, e já pelejavam como desesperados para salvar a propria vida.

N'esta agonia o falsete de Sueiro Gundes, que ao lado do judeu, apenas se principiára a briga, representava o papel de espectador, retiniu acima do alarido das pragas e do reboliço do conflicto.

— «O soccorro! Ahi vem o soccorro!»

E era verdade. Já se ouvia da banda da Alcaçova a tropeada de muitos cavallos. Todos olharam. O sol batia de chapa nos capellos brunidos, e scintillava nas pontas das lanças dos homens d'armas.

— «Fujam, fujam!» exclamaram de toda a parte; e em um momento o terreiro e as ruas contiguas ficaram limpas de povo.

Instantes depois esvoaçava na praça o pendão de Gomes Lourenço, collaço d'elrei D. Affonso, e da sella do fogoso cavallo o moço cavalleiro ouvia a historia do motim contada pelo armeiro, commentada por Sueiro Gundes, e glozada em suspiros e ais pelo moido D. Zuleima. O mancebo fechou os debates por uma sentença propria da cabelleira de Salomão:

— «Mestre Zacharias, deixai-vos estar uns tempos á sombra na torre das arcas. Em tornando elrei havemos d'ensinar cortezia a esta villanagem... por Deus! foi atrevimento!... E tu, meu armeiro de não sei que diga, não te ia saíndo cara tambem a folia? Torna a tocar aos ursos, veras como dançam!... Mette-te a temperar montantes e azevans, e deixa-te de fazer justiça por tuas mãos, homem!»

— Tudo se faz, Sr. D. Gomes, mas com gente que se entenda...»

— «Adeus! Não me caias n'outra! Guarda-te para a primeira arrancada.»

E, dizendo isto, deu d'esporas ao ginete, que largou a todo o gallope direito á ponte.

— Ouvi cá, D. Estevinho, acudiu o armeiro segurando um pagem, que abelha morden em D. Gomes Lourenço, que vai que nem um corisco?»

— «Perguntai-lh'o a elle» respondeu alto o moço; e, inclinando-se do cavallo, murmurou ao ouvi-

do do armeiro umas palavras, que não foram tão baixas que as não ouvisse o judeu.

— « Nossa Senhora o ajude! »

— « Deus de Isaac! E D. Egas, o irmão, aonde pára? »

— « Em Montemór, com elrei . . . adeus. »

E o pagem desappareceu pelo caminho que levára o cavalleiro.

— « É uma loucura! » dizia o armeiro sem levantar a cabeça.

— « Sem a boa espada do irmão! » rosnava o judeu com ar contristado, olhando para Pero Britador com quem a adversidade o reconciliára.

— « A gente de Riba-Douro é vingativa e cruel... »

— « Como nenhuma » respondeu mestre Zacharias.

— « Mas Deus proverá. Vinde comigo, D. Zuleima. Temos pazes até o S. João . . . »

— « Por toda a vida, por toda a vida » acudiu o judeu, que soubera avaliar aquella amisade.

— « Pois, toda a vida seja! . . . mas hão de me dar outra vez o meu foro de cavalleiro villão — por arte vossa o perdi, e por arte vossa. . . »

— « O haveis de ter — juro pelas tabuas da Lei. — Mas aquelle nazareno vai metter-se n'uma. . . »

— « Peior do que a briga de que nos tirou! Pareceis amigo de D. Gomes Lourenço! . . . »

— « Oh, muito! . . . Deve-me cem maravedis » replicou Zacharias com ingenuidade.

— « E devedor morto, credor perdido. Entendo. Veremos, veremos! O melhor sempre é ir eu a Montemór dizer tudo . . . »

— « A Egas Lourenço! . . . »

— « Justamente. »

E os dois, em perfeita harmonia, encaminharam-se para o sitio da forja do honrado Pero Britador.

Meia hora depois, se tanto, uma cavalgada de pessoas, entre as quaes ia uma formosa dama ricamente vestida, partio, vindo do lado de S. Cruz.

Era D. Maria Paes Ribeiro, que se recolhia com seu irmão D. Martim ás terras legadas por D. Sancho, e confirmadas por Affonso II.

MONACO.

Esta cidade é cabeça do limitadissimo principado do mesmo titulo, sito entre o Mediterraneo e a provincia de Nice nos estados sardos. — No seculo decimo, o imperador da Alemanha, Othão I, deu a investidura d'este principado a um nobre da casa Grimaldi. Achando-se extincta, em 1631, a descendencia varonil d'esta familia, a filha do ultimo principe levou, por casamento, para a casa franceza dos Matignons o principado de Monaco e o nome dos Grimaldi. Em 1641, tendo recebido Honorato Grimaldi guarnição franceza em Monaco, e collocando-se debaixo do protectorado da França, Luiz XIII lhe dera para elle e sua progenie o ducado de Valentinois. Aos 14 de fevereiro de 1793, a França ajunctou aquelle pequenino dominio ao territorio francez, e Monaco passou a fazer parte do departamento dos Alpes Maritimos até os tractados de 1814, que o restituiram a seus principes sob a protecção da Sardenha.

A capital, Monaco, povoada por mil e duzentos habitantes pouco mais ou menos, esta construida na extremidade de uma peninsula nas duas vertentes de um outeiro. No meio da cidade acha-se uma grande praça quadrada, o castello occupa um dos lados, e dos outros ficam os tribunaes e as prisões: tres ruas se estendem parallelamente para o pontal do cabo, a igreja está no fim, e por detraz da igreja um terrado sobranceiro ao mar. Sobe-se a cidade por uma rampa calçada: seis portas vedam a entrada, abrindo-se e fechando-se a horas prefixas, por ordem do commandante da praça.

Todo o territorio de Monaco, abrigado dos ventos do norte pela corda dos Alpes, e patente ao meio dia, desfructa uma temperatura mui favoravel a todas as producções dos climas quentes; n'elle se colhem com abundancia azeitonas, laranjas, limões &c. As diversas escarpas das montanhas estão profusamente salpicadas de vergeis de fructa d'espinho, e de cactos, que ministram a paizagem um aspecto assaz picturesco. Ao cahir da noite myriadas de vagalumes reluzem sobre as ramadas, e fazem scintillar todas as eminencias como espelhos.

Monaco presume fofamente remontar a sua fundação a Hercules, quando este nome veio a Iberia combater Geryão. Hercules para divertir-se cavou o porto de Monaco. É certo que houve alli outr'ora um templo dedicado a Hercules, onde o reverenciavam sob o nome de *Monaeus*, e fôra talvez a unica divindade d'este paiz.

Antes da revolução de 1789 o soberano de Monaco tinha sua côrte permanente: passava na sua capital metade do anno; davam-se alli muitos bailes e funcções; e durante o verão toda a côrte se transferia a Carnoletto, o St. Cloud do principado, pequena mas bonita casa campestre, edificada no cimo da serra no meio d'um vasto pomar d'espinho. O principe fazia da sua bolsa as despezas todas, pagava todo o custeio entrando os dos seus empregados; e cumprido tudo, ainda podia pôr de reserva (diz um historiador do paiz), annos maus por annos bons, uns trinta mil francos. O principe hoje reinante despediu aquella pequena côrte, permanece o mais do tempo em París, e governa os seus estados por procuração. — Orçam-lhe os rendimentos liquidos em trezentos mil francos.

Os tres enterros de um conquistador.

Guilherme o bastardo, conquistador da Inglaterra, adquiriu nos ultimos annos da sua vida uma tal gordura, que Filippe I, de França, principe inclinado á jovialidade, disse um dia por gracejo: — « Quando parirá Guilherme? » — O que sabendo este respondeu: — « Brevemente, e acabado o regimento, depois da appresentação na igreja, eu irei offerecer a Filippe em vez de cirios tantas lanças que o farei arrepender da sua chocarrice. » — Com effeito não tardou em abrir a campanha com exercito numeroso, assolou o territorio de Vexin, tomou Mantes e a reduziu a cinzas; mas tambem aqui pararam as suas proezas e a sua gloria. Em certo passo, indo a saltar um fosso a cavallo, deu com o peito tão violentamente de encontro ao arção da sella que ficou mui gravemente offendido. Mandou primeiro que o transportassem a Ruão, cabeça do seu ducado de Normandia, e depois para Hermentruville, terra doada por seu avô Ricardo á abbadia de Fécamp. Por mais de um mez soffreu excessivos padecimentos, e a final succumbiu a 9 de setembro de 1087.

Apenas Guilherme exhalou o ultimo suspiro, todos os que o rodeavam, prelados, barões, e officiaes da côrte, foram accommettidos de uma vertigem tão inaudita, que o historiador Orderico Vital a qualifica como loucura; correu cada um a fechar-se em seu castello e a preparar-se á defeza, como se a Normandia estivesse ameaçada de uma invasão ou de qualquer outra calamidade inevitavel: até dentro de Ruão entrou instantaneamente o terror, e tamanho e tão geral que a maior parte dos habitantes fugiram para mui longe, e os que ficaram foi por não saberem onde achariam mais segurança; todos, pelo menos, esconderam quanto de mais precioso tinham, suppondo-se ameaçados das mais tremendas infelicidades.

Depois da total dispersão da côrte de Guilherme, os individuos das classes baixas, que tambem tinham fugido, voltaram; e achando-se á solta sem sujeição practicaram desordens de toda a casta. O castello de Hermentruville converteu-se n'um momento em theatro de absoluta devastação: o saque da baixella, dos moveis e roupas foi tão atrevido e completo que até o corpo do fallecido monarcha foi achado semi-nu e despojado do lençol em que fôra involvido.

No meio d'esta vertigem, de que a historia não appresenta outro exemplo; quando todos não cuidavam senão em premunir-se contra uma infelicidade imaginaria, ninguem podia tractar (nem isso lhe importava) de uma obrigação restricta, o funeral do rei, esteve, por tanto, o corpo sem sepultura durante alguns dias, até que emfim um gentilhomem, por nome Herluino de Conteville, movido a practicar este acto, como se exprime um historiador contemporaneo, *por sua natural bondade se encarregou d'elle corajosamente por amor de Deus e por honra da nação*; porque não estava ligado com o rei por vinculo de parentesco. Procedeu, pois, ao funeral á sua custa, ajunctando no castello de Hermentruville os ecclesiasticos dispersos pelo terror panico geral. Mandou transportar o corpo a Ruão para o priorado de S. Gervasio; e o arcebispo d'esta cidade presidiu aos officios religiosos: tendo, porém, ordenado este prelado que o corpo fosse trasladado para Caen afim de se lhe dar jazigo na abbadia de S. Estevam, fundada pelo defuncto, nenhum official da corôa se appresentou para cumprir esta disposição; e foi mister que o generoso Herluino carregasse com mais esta despeza, que era consideravel. — O prestito funebre foi por terra até o sitio onde se edificou posteriormente a cidade do Havre; e tendo embarcado alli, dirigiu-se para a foz do Orne. A' noticia d'esta trasladação, a flôr da fidalguia normanda e todos os prelados da provincia acudiram a Caen para tributarem ao rei de Inglaterra as derradeiras honras, e repararem quanto n'elles cabia a desairosa impressão que deixára nos animos a scena extraordinaria, passada em Hermentruville. Chegado o dia aprazado para o desembarque, o abbade de S. Estevam, acompanhado de todos os seus religiosos, e dos prelados e barões, foi processionalmente encontrar-se com o funebre cortejo, que os esperava no arrabalde de Vauxelles á borda do rio. Postos a caminho com segurança e com a gravidade propria do acto, estavam quasi a chegar a S. Estevam, eis que um subito e violento incendio, de que nunca se descobriu a causa, manifesta-se simultaneo em muitos bairros da cidade, e os consome em tempo breve. Lembra então que semelhante desastre succedêra em Westminster durante a ceremonia da coroação do mesmo rei Guilherme, e que grande numero de habitantes foram victimas das chammas, e outros muitos foram esmagados pelas ruinas das casas; e esta recordação origina instantaneamente outro disturbio como o de Hermentruville; ao menos para esta segunda scena houve motivo apparente e de algum modo natural. Todos correm sem saber por onde vão; param uns na veiga de Louvigny, outros nas terras lavradias; todos procuram salvação na fuga; e em pouco tempo a deserção é completa. Só os religiosos se congregam, só elles chegam á igreja, e só elles são testimunhas do enterramento, como antes os padres de Westminster foram testimunhas da coroação do monarcha. No entanto, um dos resultados da confusão foi impedir que o ultimo acto da ceremonia funebre se practicasse n'aquelle dia. Os religiosos limitaram-se a depositar o esquife no primeiro degráu do carneiro, que estava ao meio do côro, afim de deixarem para os prelados a honra de lhe fazerem as exequias, conforme a igreja prescreve, constando do officio solemne e do encerramento formal no caixão.

N'esse dia não foi menos numerosa a concurrencia do que na vespera: havia-se apagado o incendio, tinham voltado os fugitivos, e se restabelecêra a segurança. Podia suppor-se que estavam acabados os incidentes: errado calculo! Sem querer, Gisleberto, bispo d'Evreux, suscitou um de novo e mui singular. Este prelado, que o historiador Vital appellida *magno*, principiou a oração funebre, primeiro exemplo em França d'estes discursos de pompa, sendo o segundo 300 annos depois (1389) nas exequias de Duguesclin. Gisleberto, na sua oração, exaltou as magnanimas qualidades do rei Guilherme, o seu valor na guerra, a sua justiça na paz, e a sua piedade em todas as occasiões; porem concluiu por uma interpellação singular na bocca de um ministro da re

ligião, fallando da cadeira da verdade: — «Appresente-se (disse) qualquer que se persuada poder accusar-me d'exaggeração ou falsidade.» —

A principio algumas vozes attestaram que o bispo fallára certo e com verdade; em seguida ouviu-se um sussurro geral de assentimento, e por fim toda a assembléa ficou em profundo silencio. Ia consummar-se o enterramento, quando um burguez de Caen, Ascelino, filho de Arthur, rompendo pela multidão, sustou a ceremonia com uma allocução, tão vehemente quanto inexperada, contra um acto arbitrario do rei.

— «Aqui da justiça! (clamou com voz retumbante) Aqui da justiça! Declaro perante Deus que a terra, onde querem depositar esse corpo, me pertence legitimamente. Era um campo que o rei Guilherme, sendo ainda duque de Normandia, usurpou a meu pai por abuso de poder: não lhe pagou o valor quando edificou esta abbadia. Reclamo este campo por embargo da justiça, e vos inhibo de enterrar o corpo do raptor na minha herança.» —

Imagine-se o assombro de quantos testimunharam este energico e ousado protesto. Pouco faltou que não houvesse nova deserção, mas ao menos a ceremonia ecclesiastica foi outra vez impedida; e o longo silencio da anciedade seguiu-se á primeira explosão do espanto. Nenhum dos filhos do rei estava presente; nem sequer o principe Roberto, que lhe devia succeder no ducado de Normandia, podéra chegar a tempo d'Inglaterra, onde andava occupado em enredos para tirar a corôa a seu irmão Guilherme o ruivo. Ninguem o representava nas exequias, por consequencia, segundo o estylo, ninguem podia em seu logar prometter o preço do chão usurpado. Esperavam todos inquietos que saída teria acção por tal modo inaudita. No entanto Ascelino não se arredava da entrada do carneiro, mui resolvido a não o deixar encerrar sem ter obtido reparação. Por fim, os bispos e barões, tendo conferenciado, lhe offereceram em nome d'elles sessenta soldos pelo direito da cova, fazendo-lhe promessas de que seriam depois attendidos os direitos oriundes da propriedade do terreno. Rendeu-se a esta proposta o ousado burguez e consentiu que se fechasse o jazigo; porém como tudo tinha de ser extraordinario no enterro, não bastou isto para que se concluisse. Descem o defuncto, e os que o baixavam trabalhosamente chegam aos degráus ultimos, porque o corpo do rei, não obstante haver diminuido na molestia, ainda conservava pezo e volume consideraveis: escorrega um dos homens, escapa-lhe das mãos o caixão, que estoura, bem como o cadaver, no fundo do jazigo. Um raio que passasse pelas grossas abobadas do templo, no momento da oração dos fieis, não os faria fugir mais amedrontados. Qual seria a causa de tão desusado effeito?... O simples estrondo não a explica. É verdade que não: porém, d'aquelles caixão roto exhalou-se um fetido tão horrivel que, apezar de Orderico Vital, o chronista, referir que o corpo de Guilherme fôra preparado pelos embalsamadores, *pollinctores*, a todos os que alli se acharam pareceu que aspiravam a morte. Debalde o incenso subia ao ar em columnas, e os perfumes corriam em enchentes, era forçoso fugir ou morrer suffocado; pelo que, nem a deserção de Hermentruville, nem o abandono motivado pelo incendio da vespera, podiam comparar-se á evasão que occasionou este acontecimento extraordinario. Terceira vez, depois da sua morte, Guilherme foi abandonado pelos grandes e pelo povo. Até o clero, demorado por mais tempo em razão do seu dever e caracter, a final se viu constrangido a seguir a geral corrente; abbreviou as orações que ainda faltavam a rezar, e desappareceu da igreja por todas as saídas e em completa desordem.

Quando o tempo fez perder ao máu cheiro sufficientemente a intensidade, voltaram; assentou-se sobre o jazigo a campa, e tudo ficou consummado. — «D'este modo (dizem os historiadores do conquistador da Inglaterra) um monarcha poderoso e temido foi deixado nu sobre o pavimento da camara onde acabára de expirar, e foi despojado da mortalha do lençol por aquelles mesmos a quem dera sustento. Um dos reis mais opulentos da Europa devea a sepultura á charidade de um subdito seu. Ao senhor de um grande imperio faltou chão para receber seu feretro, ou pelo menos lh'o disputaram. Finalmente, um corpo que em vida fôra objecto de desvelos, conduzido á igreja por um cortejo atemorisado atravez das chammas de um incendio, só toma logar na sua derradeira morada depois de ter sido de algum modo deshonrado pelo acaso mais inaudito e opprobrioso. Lições memorandas para aquelles que prezam as vantagens materiaes e precarias d'este mundo em mais do que realmente valem, e que não procuram alcançar, refreando os appetites sensuaes e as paixões desregradas, bens mil vezes superiores ás delicias do corpo, que já em vida é corrupto, e que depois da morte só deixa poeira vil e insensivel.» —

Mostrando o corpo de Guilherme por tres vezes abandonado antes do seu definitivo enterro, traçamos a historia de tres grandes humiliações; resta esboçar em poucas palavras a dos tres grandes vilipendios que soffreu depois da morte. — Ricardo, seu filho, lhe tinha levantado na abbadia de S. Estevam um monumento funebre, que consistia n'um sarcophago de schisto preto, collocado sobre quatro pilastras de marmore branco, e rematado pela estatua do duque, deitada como era de uso nos tumulos d'essa epocha; era todo o mausoleu adornado de obras de lavor d'ourives as mais preciosas. Este monumento foi tres vezes profanado; e da primeira (notavel cousa!) por ministros da religião.

Conta-se que um cardeal, um arcebispo, e outros muitos ecclesiasticos de alta jerarchia, visitando a cidade de Caen, em 1522, tiveram a desassisada velleidade de examinar o interior do sarcophago, e obtiveram permissão para isso: que acharam o corpo do monarcha, que mostrava força e grandeza extraordinarias, e estava perfeitamente conservado! — Se a circumstancia da completa conservação é verdadeira, confirma o que escreveu Orderico Vital a respeito de ter sido embalsamado, mas não concordo com a putrefacção que presuppõe a ultima scena do enterro. Fosse como fosse, achou-se no tumulo uma lamina de cobre com uma inscripção em verso francez, que pelo estylo se póde reputar posterior ao monumento; n'ella, depois de comparado Guilherme a Carlos Magno, faz-se emphaticamente o elogio da conquista d'Inglaterra; e concluindo diz: — «A morte me desfez; que sou eu agora? Nada mais do que cinza vil, &c.»

Depois d'esta primeira quebra da paz do sepulchro, desculpavel até certo ponto, porque só teve por motivo um simples incentivo de curiosidade, sobreveio outra muito mais criminosa. Em 1562, os huguenotes, que andavam destruindo por toda a França os monumentos mais sagrados da religião e os mais caros á gloria nacional, devastaram com especialidade quanto havia de precioso na igreja e mosteiro de S. Estevam; e o fizeram com tamanho furor que *não ficaram vestigios, senão dos muros*, diz um auto lavrado um mez depois da profanação. O tumulo de Guilherme foi feito pedaços, o seu feretro aberto novamente, e a sua ossada dispersa. Debaixo, auc-

tor contemporaneo, que foi testimunha d'estes horrores, só os relatou em parte — «porque (diz) se eu pretendesse enumerar e descrever pelo miudo todas as cousas de estimação que foram demolidas, despedaçadas ou queimadas nos dictos templos, não bastaria um mez bem puxado.» — Debras viu um osso da coxa da perna de Guilherme, que era mais comprido quatro dedos de travez do que outro de qualquer homem da mais alta estatura. É indubitavel que aquelle osso fazia parte dos que se poderam colligir depois d'aquelle successo, e que foram guardados n'um monumento singelo, erecto de novo, e que subsistiu até o nosso tempo.

Veio a tormenta politica de 1793; terceira vez foi violada a jazida do illustre duque de Normandia; mas foi esta a derradeira, porque fizeram tão absoluto destroço que tudo acabou para sempre, marmore, caixão e ossos. — Aqui termina a historia do corpo de Guilherme o conquistador. Pergunta-se, — haveria algum que fosse mais agitado durante a vida e ainda depois da morte? Haveria algum que desapparecesse pelo concurso de circumstancias tão culposas?... Nenhum — cremos que responderá a historia.

Fausto da mesa dos romanos.

Não poderemos recusar-nos á admiração, se reflectirmos na quantidade e qualidade de generos estrangeiros que os romanos mandavam buscar com enormes despezas, e nos cuidados mui especiaes com que procuravam aclimatar vegetaes exoticos, e com que tractavam de engordar mimosamente os animaes destinados para as mesas. Tinham tapadas onde sustentavam javalis, cabritos montezes, veados, tres castas de lebres, &c.; e estes animaes eram nutridos com alimentos proprios da sua natureza e reflectidamente escolhidos; d'este feitio, os lirões, especie de ratos, que eram então estimada galosina, e cuja carne parece que no gosto se assemelhava á do porco da India, eram criados a bolotas e castanhas em cercados á parte; até os caracoes tinham seu recinto guarnecido de vasos para se recolherem, aonde os engordavam com farinha cosida e amassada com vinho, de modo que, segundo Plinio, chegavam a extraordinario volume: estes molluscos eram tão procurados que os mandavam vir da Africa e da Illyria. O gosto por esta iguaria não parecerá extravagante a quem souber que um famoso capitão francez dos nossos dias não deixa de engolir ao almoço uma duzia de caracoes, que lhe são appresentados n'um parallelogrammo de prata, cheio de buracos em cada um dos quaes vem uma concha com seu caracol cosido e temperado com môlho appetitoso de hervas aromaticas. Parece que era d'este modo que os romanos os preparavam; porque as receitas dadas por Apicio (*de obsoniis et condimentis lib.* 7, *cap.* 16, *pag.* 212 *da edição de Amsterdam*, *de* 1709) são as seguintes: — «Fazei que os caracoes larguem a baba primeiro em leite salgado, depois em leite puro; frigi-os em azeite; e servi-os quentes com molho de *assa-fetida*[1] pimenta, substancia de carnes e azeite; ou de outro modo, grelhai-os, borrifando-os sempre com um molho de substancia, pimenta e cominhos.» — Cremos que a assa-fetida não é a gomma que hoje conhecemos por este nome.

Hortensio não deveu a celebridade unicamente ao seu talento oratorio; coube-lhe o merecimento de ser o primeiro que regalou os seus convidados com um pavão assado, servido com todas as pennas, no banquete que deu para celebrar dignamente a sua admissão no collegio dos augures; este novo assado foi então havido por grandissimo luxo: mas em breve se fez d'elle uso tão geral que seria ridiculo dar um jantar sem pavão assado; era como hoje sem um perú bem corado. Por este modo o tracto de engordar pavões tornou-se muito lucrativo: cita-se um certo Ophilio que por este mister adquiriu um rendimento maior que os salarios modernos de tres empregados da maior cathegoria no Estado.

Sobre tudo, os peixes eram em Roma objecto de mui notavel predilecção. Ajunctavam-n'os em viveiros em quantidade extraordinaria, e nada se poupava para lhes alcançar agua salgada; Lucullo mandou cortar um monte a fim de trazer agua do mar á sua tapada: alguns romanos chegaram a encana-la dos esteiros para a casa do jantar, onde abertos os registos os convidados colhiam ás mãos os peixes vivos, por não duvidarem de que estivessem frescos. Cesar mettia-se-lhe ás vezes em cabeça dar de jantar aos cidadãos romanos, que se envergonhariam de receber tão mesquinha pitança como eram os comestiveis que se distribuiam á plebe de París em certas festas publicas; era mister haver peixes raros; e n'uma occasião Cesar viu-se obrigado a recorrer a emprestimos para completar o seu banquete. Foi Mirio Irrio que lhe forneceu moreias; e não lh'as quiz dar nem vender, porém exigiu que Cesar lhe désse palavra de restituir-lh'as em numero igual.

Seria para sentir uma immensa lacuna na arte de cosinha dos romanos se elles não tivessem conhecido as tubaras da terra, porém elles as conheceram e apreciaram: para guizar este succulento tuberculo tinham pelo menos seis modos differentes, alguns dos quaes se parecem com as receitas de cosinha-las á franceza.

A invasão dos barbaros, as trevas da idade media, e principalmente o costume que tinham os frades de raspar os manuscriptos antigos para escreverem as suas lendas, causaram a perda de muitas obras preciosas da antiguidade. Porém, Deus louvado, a fradaria respeitou o tractado de Apicio sobre a boa mesa, no qual explica, com um desvelo digno de elogios, a arte de fazer as conservas, as maneiras de preparar os diversos guizados, e os condimentos proprios para cada um d'elles. Tres individuos se conhecem do nome de Apicio, todos tres famosos pela propensão á gula, que parece hereditaria n'aquella feliz familia: um viveu em tempo de Sylla, outro nos reinados de Augusto e Tiberio, e o terceiro imperando Trajano; o segundo foi o que compoz a obra que citâmos, e para se vêr que escreveu no seu ramo, e caracterisa-lo, assim como o fausto da mesa do seu tempo, basta a seguinte anecdota. — Ouvíra elle dizer que em certo porto do Adriatico se comiam camarões mais cheios e saborosos do que os que vinham aos mercados de Roma. Era tão apaixonado de bons boccados, que não socegou em quanto não fretou de proposito um navio para ir pessoalmente verificar aquelle facto importante. Quando a embarcação chegou á vista do porto, pescadores informados pela fama do nome do celebrado viajante deram-se pressa em ir a bordo offerecer-lhe os maiores camarões que tinham podido colher: porém, Apicio, depois de attento exame, não os achou preferiveis aos que comia em Roma; e vendo-se enganado na sua expectativa, fez virar de bordo sem dignar-se sequer pôr pé em terra.

Da pimpinella como pasto.

Nada devemos desprezar para augmentarmos os recursos das pastagens, que são sempre o lado fraco das explorações ruraes. Se os cultivadores dessem toda a

importancia devida ao emprego d'estes recursos, poderiam approveitar as porções, apparentemente mais estereis, do terreno confiado aos seus cuidados; por quanto nenhuma terra ha tão má onde não possa crescer uma planta para pastagens, podendo concorrer pela producção dos estrumes para a prosperidade de toda a exploração. A pimpinella, desde muito tempo conhecida, contenta-se com terrenos os mais aridos, principalmente quando elles são mais leves do que compactos: as experiencias seguintes, publicadas por um cultivador allemão, são a todos os respeitos dignas da attenção do leitor.

«Tendo os jornaes agricolas recommendado a cultura da pimpinella dos prados (*petorium sanguisorba*) como muito propria para pastagens, alcancei a semente d'esta planta, e em 13 de abril do corrente anno semeei meia geira de terreno arenoso, e um quarto de geira de terra forte e humida. O primeiro campo teve uma cava profunda, e o segundo foi cavado com enxada.

Ás sementeiras seguiu-se um tempo secco; fiz passar o cylindro de rolar sobre o campo arenoso: as sementes rebentaram, mas a vegetação era fraca. Sobrevindo porém as chuvas, as plantas lançaram grandes folhas de um verde escuro, e a vegetação tornou-se tão forte e bella que causava admiração. Tendo cada semente lançado tres ou quatro ramos coroados de flôres, mandei-os segar em 2 de julho para sustento do gado: as vaccas os comeram com avidez, e notaram que este sustento lhes augmentára o leite.

Depois do primeiro córte, a pimpinella reproduziu-se com mais força, e deu tambem um pasto mais abundante: o terceiro córte foi ainda mais rico que o segundo; mas sobrevindo as nebrinas tive de desistir de outro.

O segundo campo (terra forte) alimentou a planta muito bem, mas não obtive uma colheita tão abundante porque dera apenas um córte. Desde 15 de outubro, os dois campos semeados de pimpinella serviram de pastagem durante tres semanas a tres bois de trabalho, e os sustentaram perfeitamente.»

A VISITA DE MÁU AGOURO.

Um bando de mancebos nobres e estouvados corria, alta noite, as ruas de París. Tinham bebido bem e vinham investindo as pessoas, que ainda áquellas horas se aventuravam a andar por fóra no fim da primeira metade do seculo passado, e que, por acaso, topavam no caminho. Capitaneava o bando Thomaz Arthur, conde de Lally, fidalgo gentil, casquilho, amigo de se divertir, e bulhento como podia ser um moço escudado com a impunidade inherente a um nome respeitavel. Ao entrarem na estreita rua de S. João, de ordinario muito socegada, ouviram tocar contradanças; olharam para cima, e viram uma casa com muitas luzes n'um terceiro andar.

—«E aqui, disseram todos a uma voz: dança-se; subamos e dancemos.»

—Dicto e feito; puxam pela campainha: um homem que no rosto inculcava franqueza e sinceridade veio recebe-los á escada.

—«Somos pessoas capazes, lhe disse o conde; temos paixão pela dança, viemos por acaso ter ao vosso bairro, e não pudemos resistir á idéa de vos pedir licença para dançar em vossa casa.»

—«De muito boa vontade vo-la concedêra; mas, senhores, antes de entrar bem e saberdes em casa de quem entraes.»

—«Que temos com isso! Sois um homem bem criado; que mal estaremos em vossa casa!»

—«Repito-vos, senhores, que vos devo dizer com quem estaes fallando: eu sou o carrasco de París; casei minha filha e festejamos o casamento.

Os mancebos hesitaram se entrariam; uma força occulta parecia puxar-lhes os pés para a porta da rua, mas d'ahi a pouco recomeçaram a rir e a zombar, e alvoroçados com a lembrança de poderem dizer nas salas do paço de Versailles: «Dançámos em casa do carrasco de París» foram logo tirando para pares as mulheres mais bonitas que alli estavam, e principiaram a dançar.

O conde de Lally ficára só ao pé do dono da casa, que interrogava com curiosidade.

—«Não sois vós que fazeis as execuções?»

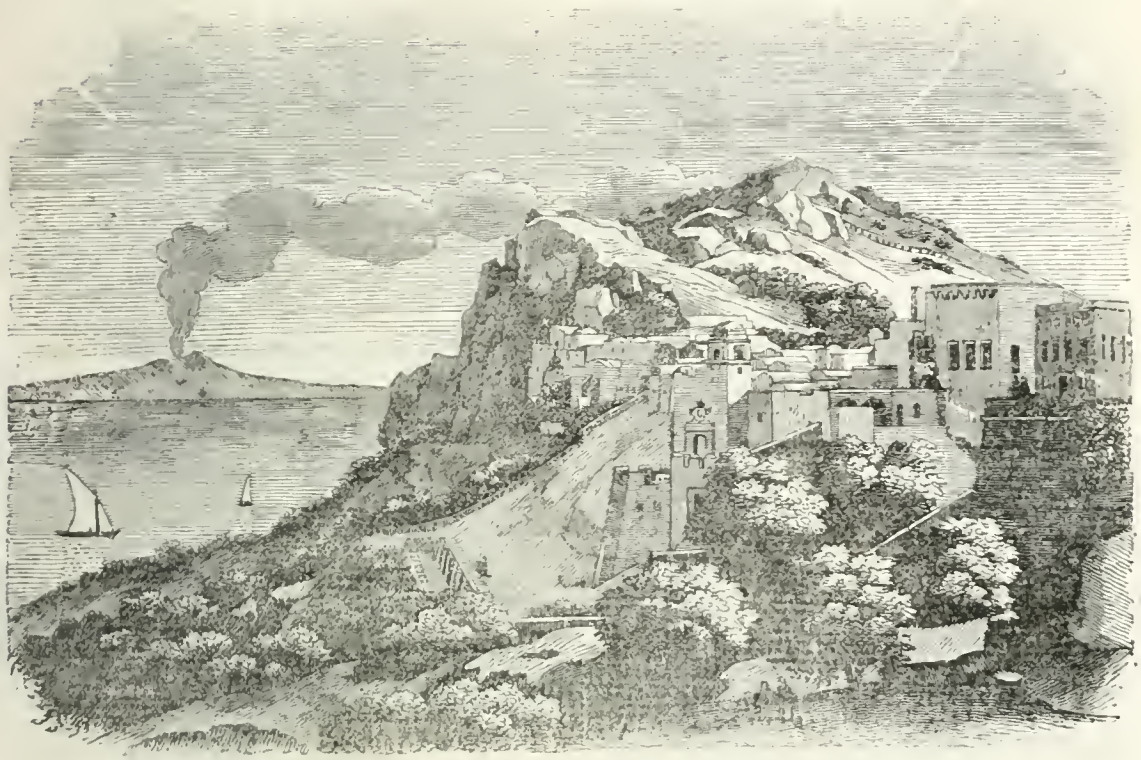
—«De ordinario não sou eu; tenho ajudantes; não sou obrigado senão a assistir a ellas. Mas toda a vez que o condemnado for algum fidalgo da primeira grandeza, por dever, e até por honra minha, hei de eu mesmo fazer a execução.»

Um riso sardonico entreabriu os labios de Lally, o qual se retirou d'ahi a pouco.

O conde era valente e audaz; tinha-se distinguido no campo de batalha de Fontenoy á vista de Luiz XV, e ousára ir a Inglaterra formar uma conjuração para restituir o throno aos Stuarts. Depois de desempenhar uma missão na Russia obteve o posto de coronel, e com pequeno intervallo o de tenente general, com o governo das possessões francezas nas Indias orientaes. Nas primeiras acções que teve com os inglezes favoreceu-o a fortuna; perdida porém a batalha de Madras, viu-se obrigado a entregar-lhes a praça de Pondicheri, onde se recolhêra e que elles arrasaram. Um sem numero de pessoas a quem a soberba e más palavras do conde haviam indisposto o accusaram então de se ter vendido aos inglezes, que para o salvar, o transportaram a Madras, e de lá para Inglaterra. Quiz tornar para França e escreveu ao duque de Choiseul: *aqui trago a minha cabeça e a minha innocencia; espero as vossas ordens.* Encerraram-n'o na Bastilha, e depois de longa detenção uma sentença de 6 de maio de 1769 o condemnou a morrer degollado, por haver trahido os interesses do rei, do estado, e da companhia, e commettido abusos de auctoridade, vexames e exacções.

Estava culpado ou innocente? Esta sentença condemna-o, outra de 1778 rehabilitou-lhe a memoria. O certo é que ao cabo de quinze annos, contados quasi dia a dia desde aquelle em que teve logar o dialogo que repetimos, o mesmo carrasco decepava a cabeça de Thomaz Arthur, conde de Lally e barão de Tollendal.

Quem fosse ha dez annos á rua de Marais, por detraz do Diorama, e batesse a porta de uma casa de bonita apparencia, seria recebido por um homem muito parecido na cara com Luiz XVI. Este homem tractaria com civilidade o visitador e responderia ás suas perguntas sem a menor repugnancia. Sem se fazer muito rogado lhe mostraria o seu museu, composto d'uma pequena guilhotina de mahogono, e d'um largo cutello. A guilhotina foi o primeiro modelo que se fez d'este instrumento, o cutello o mesmo com que eram degollados os fidalgos que n'outro tempo tinham o privilegio de não morrer enforcados. Depois de lhe mostrar uma grande bocca na parte inferior do cutello, dir-lhe-hia: «No tempo de meu pai gosavam os fidalgos da côrte da prerogativa de estarem sobre a plata-forma do cadafalso em quanto se faziam as execuções. Quando cortaram a cabeça a Mr. de Lally, um fidalgo moço empurrou o braço de meu pai, desviou o golpe, e a folha d'este cutello abriu uma bocca batendo n'um dente do justiçado



VISTA DE CAPRI, DO LADO DE NAPOLES.

As energicas paginas de Tacito, descrevendo as dissoluções de Tiberio, deram nome a esta pequena ilha, lançada na entrada meridional do golpho de Napoles, em face do cabo de Sorrento.

Augusto Cesar, antes d'aquelle tyranno habitára Capri; e a tinha recebido dos napolitanos em cambio da ilha de Ischia, que lhes havia tomado e que lhes restituiu por este preço. Em quanto os magnates romanos compendiavam as suas dilicias nas *villas* ou quintas espalhadas na costa fronteira do golpho neapolitano, em Baias, Pouzzolo, e no amenissimo Pausilippo; Augusto foi postar-se diante d'elles, como para vigia-los, da outra banda da extensa bahia, n'esta ilha aprazivel e socegada, que o promontorio Atheneu, hoje cabo de Sorrento, resguarda, no inverno, dos ventos impetuosos, e que a brisa do mar, durante o verão, tempera com agradavel frescura. Ahi residiu quatro annos, para o fim da sua vida, e levantou obras de que ainda vestigios existem. O aspecto radiante e bonançoso d'esta ilha formosa parecia assignala-la para habitação predestinada de Augusto, e todavia é o nome terrivel de Tiberio que paira acima de suas recordações, e que não cessam de repetir com horror os habitantes de suas praias afortunadas.

Tiberio mandara construir no ilheu de Capri, que não tem mais de duas leguas de comprimento por uma de largura, doze palacios, que dedicára aos doze numes superiores. Mal se distinguem hoje, pela maior parte, os residuos d'esses edificios; subsistem apenas alicerces, que teem sido pouco excavados, e afóra isso não se tem descoberto mais do que algumas camaras subterraneas, fragmentos de mosaico, e medalhas, em sitios avulsos. A incuria tem deixado os abrolhos pacificamente cobrirem os despojos da magnificencia imperial; o ferro do arado é o instrumento unico, que de longe a longe e ao acaso, busca na terra os monumentos, testimunhas de uma notavel epocha da historia romana.

Em que periodo se desfizeram em pó os palacios de Tiberio? — O pharo, situado no pontal da ilha para o lado do promontorio Atheneu, desabou pouco antes da morte do imperador, como nuncio dos futuros estragos. Vinte e seis annos depois de Tiberio haver dado o derradeiro arranco, um espantoso terremoto, que em toda a região italica se sentiu, e que não era mais que o precursor de mais terrivel calamidade, derribou a melhoria dos monumentos de Pompeia, que se tem achado cercados de todo o apparato da reedificação; por quanto, d'ahi a dezeseis annos, no 79 da era christãa, reinando Tito, a maxima erupção, que rasgou a cratera do Vesuvio, e que submergiu Pompeia e Herculano, mudou largamente a fórma do continente e das ilhas. Parece que antes d'esta catastrophe, Capri tivera um esteio que abrigava as embarcações necessarias á segurança de Tiberio, e de que hoje não ha indicio. Uma convulsão que assim deu á ilha aspecto novo devia forçosamente derribar os palacios. Quando no seculo segundo, a mulher e a irmã do imperador Commodo estiveram desterradas em Capri, só deveriam achar os entulhos das moradas de Tiberio. A idade media, que arremeçou os sarracenos para estas costas, pouco trabalho teria para completar a devastação dos edificios que por ventura ainda subsistissem. Um imperador, que sustentava o tão com esplendor

o nome augusto dos antigos romanos, Frederico Barba-rôxa, quiz ter um palacio na mesma ilha que Tiberio habitára, e o fez construir no mais alto pincaro. Havia muito (era no seculo duodecimo) que as construcções dos cesares tinham sido arrasadas.

A ilha tem a figura de uma grande barca prolongada, e duas agulhas oppostas marcam, como dois mastros, as extremidades. Entre estas montanhas pedregosas de cada uma das pontas ha uma faxa de terreno chão que atravessa a ilha, e que constitue um dos mais agradaveis sitios que se pódem imaginar; é toda coberta de murtas, oliveiras, amendoeiras, larangeiras, figueiras vinhas e terras de semeadura, que se mostram de uma belleza e fresquidão encantadoras. Ahi está sita a cidade de Capri, com dois ou tres conventos, o paço episcopal e perto de 1:800 habitantes. No vertice da parte occidental, a qual não é mais que uma rocha continua, por extremo elevada e inaccessivel da banda do mar, tem assento a povoação de Anacapri, com 1:700 habitantes. O monte chama-se Solaro; e sobe-se a ella por uma rampa, talhada no rochedo, e que não tem menos de 500 degraus. Chegando-se ao cume da base do castello de Barba-rôxa desfructa-se a mais linda vista que póde haver n'este paiz admiravel. — Para o sul a vasta extensão do Mediterraneo; ao poente as ilhas de Ischia e Procida que guardam a outra margem do golpho de Napoles, a enseada de Baias e Pozzolo que lhe aformosea a entrada; ao norte o golpho em todo o seu brilho, a cidade estendida na falda das collinas, o Vesuvio que fumega sobranceiro á bella praia d'onde surgiram as cidades que engulíra, substituidas por cidades novas: ao oriente o promontorio de Sorrento, de que parece ter sido Capri um prolongamento, separada talvez por algum fortissimo abalo em remotas eras; além do cabo, novo golpho, maior que o de Napoles, que com este fórma contraste severo, o de Salerno, nas duas praias do qual dormem duas cidades arrazadas pelos seculos; Pæstum, sepulchro magnifico da arte grega; Amalfi, tumulo, não menos curioso, do commercio e da liberdade da idade média. — Taes são as recordações que suscitam as diversas perspectivas que se avistam do cimo do monte Solaro; porém, para reproduzir a magia das côres e das linhas d'este espectaculo unico, seria inefficaz e nullo o mais habil expressivo pincel.

Odio velho não cança.

(Romance Historico)

III

A mão direita ou a esquerda?

A cavalgada de D. Maria Paes entrou n'um valle, apertado entre outeiros viçosos, os pampanos das vinhas penduravam-se sobre um regato, que fervia á sombra de grossos castanheiros. Atraz desdobrava-se a perder de vista a charneca lisa e arida: aqui e além rangia a copa esguia do pinheiro, erecto no meio das urzes e murtas bravas, como sentinella perdida na solidão. Adiante o sol, no occaso, dourava de pallidos reflexos as ameias negras, e a torre agigantada do paço ameiado de uma honra. O sopro da aragem ciciava, brincando, nas largas pregas do pendão. Aquella fortaleza era o castro d'Avellans, dado por Sancho I a Gomes Lourenço, o alferes o amigo de seu filho, D. Affonso.

Chegando defronte, todos colheram as redeas por movimento simultaneo: D. Martim Paes levantou-se nos estribos, e mirou em roda. Virando-se depois para um homem já de idade, coberto da loriga trançada de tiras de couro cru, perguntou:

— «Tello Ervigiz de quem é aquella torre?»

— «A honra d'Avellans?...»

— «Sim! Não a deram a Gomes Lourenço?»

— «Dizem que deram.»

— «Que vos parece — accrescentou o cavalleiro, olhando para um monge de Cister que levava a esquerda — atrever-se-ha o de Riba-Douro?»

— «A raça do Espadeiro tem fama de não dobrar o joelho senão a Deus» respondeu o frade.

D. Martim sorriu-se ironicamente. Depois, voltando-se para sua irmã, continuou com apparente tranquillidade: — «D. Maria, é perigoso este passo. Voltae atraz; e Ervigiz com dois homens d'armas que vos acompanhe.»

— «Não irei; nunca dirão que uma dama de Lanhoso fugiu do pendão dos Viegas de Salzedas.»

— «Mas se elles vierem, minha irmã?... o que havemos de fazer d'estas creanças, que não podem com uma lança, com estes velhos, que ja deram o que podiam dar?... Melhor é tornar ao conto de D. Nuno. Faz-se ámanhã a jornada.»

— «Que vergonha!... Quereis que o nosso nome seja a fabula de Coimbra?... Hei de ir para diante, só que vá.»

— «E Deus comnosco!» murmurou o monge.

— «Amen! reverendo nono, respondeu o cavalleiro. Adiante, vamos! Não quero que se gabem os de Salzedas que Martim Paes da Ribeira, fugisse da sombra do mais moço dos Viegas. Não, por Sancta Maria. Ainda que ahi nos esperasse Egas Moniz, o velho!»

O frade perguntou com timidez: — «Dura ainda a guerra entre vós e elles?»

Antes de responder, D. Martim passou a mão pela testa com tristeza.

— «Pizastes a terra de Sancta Maria, e repousastes á sombra dos carvalhos do meu solar de Lanhoso, e perguntaes-m'o ainda!»

— «Que odio tão velho!...»

— «Como o sangue que nos corre nas veias. Desde que houve solar em Riba Cavado, e torre na casa dos Viegas, abriu-se uma cova entre elles.»

— «E assim se perde a flôr dos bons cavalleiros! Se querem morrer, se teem pressa d'acabar, não está aberta ahi a fronteira dos mouros?... por que não morrem pela fé?»

— «Primeiro limpae o sangue que ressuma das pedras dos nossos castellos, acudiu o cavalleiro com viveza. Tirae-nos a memoria e o coração d'aqui...» E dizendo isto levava a mão ao peito e a cabeça com ar magoado.

Houve então uma pausa longa, durante a qual os dois caminhavam sem proferir palavra. D. Martim, passados instantes, ergueu a fronte, e com um suspiro exclamou:

— «Ai, padre! Muito sangue tem bebido aquella terra do Minho... e do melhor de Portugal.»

O monge não respondeu, nem levantou os olhos. O cavalleiro, pondo-lhe a mão no hombro, proseguiu:

— «Já ouvistes contar alguma vez a historia da torre velha de Sancta Olaia? Não a sei bem eu.»

— «Tenho-a de côr toda, replicou o frade. É uma historia que faz esfriar de horror.»

— «D'ahi vem, dizem, a rixa com os de Riba Douro.»

— «E odio que envelheceu com os seculos.»

— «E! e diz-se que, na mesma taça misturado, o sangue d'uns com o sangue d'outros não se une. Vêde lá!»

Tornaram a calar-se; e ainda foi Martim Paes quem rompeu o silencio. Como se respondesse a um pensamento interior, e cruzando os braços, o cavalleiro exclamou:

—«E ha de se esquecer tudo... ha de se perdoar isto!»

O frade olhou para elle pasmado. D. Martim percebeu que era uma interrogação silenciosa.

—«Tendes irmã?» perguntou de repente.

Um aceno de cabeça negativo foi a resposta.

—«Abençoae o céu. Nunca soubestes então que amargura é não se atrever um cavalleiro a dizer alto o seu nome, sem divisar na bocca de todos um sorriso que lhe enterra a infamia pelo coração, como um punhal.»

O monge fitava-o com espanto. Não entendia nem as palavras que ouvíra, nem a tristeza com que foram dictas.

—«O solar de Lanhoso estaria deshonrado, sancto monge, continuou o cavalleiro, se houvesse n'elle um covarde. Mas Martim Paes, o descendente de reis godos, o neto do conde Oseiro, soube guardar a herança de seu pai, soube vinga-la!...»

E nos olhos pretos e rasgados do irmão de Maria Paes reluziu uma faisca de cholera. Tinha feições mais bellas do que de ordinario costumam ser as dos homens; mas faltava-lhe a expressão viril, que dá o valor seguro de si e confiado na sua força. Notava-se na sua physionomia o que quer que era de carregado e inquieto. A vista do observador nada bom e generoso podia divisar n'ella; e momentos havia em que, rebentando n'um relampago a raiva do coração, illuminava as paixões más que lá dentro bramiam vingativas.

Fr. Munio, cedendo ao impeto natural, sem saber o que dizia, exclamou:

—«E se não soubesse, e se deixasse manchar da calumnia um nome nobre, sem cravar de pés e mãos o traidor, merecia que lhe chamassem covarde.»

—«Obrigado, reverendo nono, obrigado! bradou o seu companheiro. Não se dirá com verdade. Metade da divida está paga, e a outra... pouco ha de viver quem não a ajustar.»

—«*Mea culpa, mea culpa!* murmurava, caindo em si, o pobre frade. Prégnei o orgulho, eu que devia ensinar a humildade!»

—«Está paga! proseguiu arrebatadamente o cavalleiro. Uma filha do solar de Lanhoso, a mulher que chamam minha irmã, atraigoando o sangue de pai e mãi, vendeu o nome ao inimigo da nossa raça... nem ella nem quem lh'o comprou se riem já!... Deus lhe perdoe, porque morreu; e a mim, se ajustei de mais a conta... não me restam remorsos. O que fiz, hoje, outra vez, tornava a...»

—«Ella morreu?»

—«Como havia de viver, padre, depois d'aquillo?... mas demais fallámos n'estas cousas.»

Entretidos n'esta conversação, tinham-se insensivelmente approximado do castro d'Avellans. O caminho, cavado entre cabeços, ía fechar a uma clareira, onde dois freixos altos e nodosos sobre a fonte mourisca chamada *d'aguas doces*, curvavam os ramos e teciam uma especie de toldo virente. D'alli partia a ladeira empinada, que se enroscava em voltas sinuosas até a porta do castello. O vulto massiço do alcaçar, esbogado no clarão duvidoso, avultava a distancia; e na aresta das ameias esmorecia cada vez mais o filete alaranjado do sol poente.

—«Ei-lo, o pendão dos soberbos cavalleiros de Salzedas! bradou Martim Paes. Viegas de Salzedas, os teus parentes trazem um nome muito pezado para elles — não ha um que possa alevantar o montante do Espadeiro!»

E o rico-homem de Lanhoso sorria com desdem para a torre, no alto da qual o vento desdobrava a bandeira quarteada de vermelho e branco com o açor voando.

O monge não abriu a bocca.

—«Cedo virá o dia, proseguiu o cavalleiro, em que os homens não fallem d'aquella raça orgulhosa sem chorar de dó pela sua queda. Os mesmos inimigos hão de chegar a ter compaixão d'ella. E o açor, accrescentou rindo, o açor sem garras irá esconder-se entre os penhascos nataes: então os filhos de Salzedas hão de procurar pelo ninho paterno... e o mais pobre ha de abençoar a sorte por se não chamar d'aquelle nome!...»

E voltando-se para o frade perguntou com voz rouca:

—«Como tractaveis o homem que fizesse de vossa irmã uma cousa vil, e do nome de seu pai o escarneo do ultimo villão?»

—«Matava-o!» replicou o monge, fazendo-se branco.

—«E deixei-o viver, eu! respondeu Martim Paes. — Mata-lo!... pedia-m'o de joelhos, elle!... Estes homens de Salzedas não têem medo de morrer, padre... a affronta, o desprezo é que os decepa.»

—«Que lhe fizestes vós então?»

—«Cegui-lhe os olhos, e com um ferro em braza escrevi-lhe na testa o que se põe no hombro do captivo fugidiço: *escravo de Lanhoso.*»

—«Jesus!» bradou o monge, tremulo.

—«Oh! aquelle não torna mais a ser homem! Matei o cavalleiro, e quiz que vivesse o servigal pedindo esmola ao soalheiro da praça, encostado ao bordão de mendigo... Affonso o lidador, querido de Sancho I, pagou-me com mil mortes a affronta... oh que chaga para o orgulho da sua raça... um rico-homem escravo de Lanhoso!»

Ia a responder o indignado monge, quando se avistou, descendo do cabeço fronteiro, um tropel de homens d'armas. Vinha adiante um cavalleiro com a vizeira do capello levantada. Era Gomes Lourenço.

—«Homens de Lanhoso, aqui! bradou Martim Paes, que logo o conheceu. Ervigiz, a minha lança e o meu escudo. Maria, Fr. Munio ficai n'este sitio.»

E largando as redeas ao cavallo, foi encontrar-se com o alferes do rei. Gomes Lourenço viu-o vir, e estacou o ginete. Encostou ao coxote direito o cabo da lança de monte, e nem desceu a vizeira.

—«D. Martim, disse elle com melancholia e dignidade, não venho fazer um rapto. Peço-vos vossa irmã D. Maria em casamento, e acabemos por uma vez estas rixas, que nos matam sem razão.»

Martim Paes olhou para elle com assombro. Não entendia aquella proposta, nem sabia a attribuisse. Cuidou, por fim, que era o temor que a inspirava. Um sorriso ironico fugiu-lhe nos beiços, ao responder:

—«Se teu pai te ouvisse agora, Gomes Lourenço, amaldiçoava a hora em que te gerou.»

—«Talvez!» replicou tristemente o mancebo.

O cavalleiro de Lanhoso tornou-o a encarar. O ar magoado, e a hesitação do amigo de Affonso II, cada vez mais o persuadia de que eram devidos ao medo da sua vingança.

—«Por Deus! exclamou com uma risada estrondosa, isto parece um conto de fadas... E um de Salzedas, ou uma mulher que está diante de mim!»

—«Martim Paes, trago a espada na bainha, não m'a faças desembainhar» retrucou o mancebo com tranquillidade.

—«Sancta Maria, é a humildade d'um anachoreta!... Reverendo cavalleiro, que vindes pedir com essa cara de penitente?»

— « A paz, e a mão de tua irmã » respondeu elle sem se alterar.

Martim Paes desatou a rir.

— Maria, minha irmã — gritou, virando-se para traz — mal sabes que fortuna nos espera. Aqui está uma pomba sem fel, tão namorado, que te pede em casamento! »

D. Maria sorriu contrafeita. Gomes Lourenço ía desmaiando visivelmente da côr escarlate da corrida.

— « Acabemos isto, e deixa-nos passar » disse o senhor de Lanhoso, em tom secco, ao seu contrario.

— « Dás-me a mão de tua irmã? » insistiu o moço alferes com firmeza.

— « Não, mil vezes não! E eu te digo porque. A raça d'onde descendo nunca teve covardes; e tu és covarde. Demais, quando o meu sangue se unir ao teu, has de vêr o mar em Coimbra. Deixa-nos passar. »

— « Recusas? »

— « Mette-te frade, e larga a espada. »

— « D. Martim! »

— « Já que o queres, aqui tens a resposta. »

E, descalçando o guante ferrado, atirou-o ás faces do mancebo. O sangue espirrou na cota matizada de côres. Gomes Lourenço não disse nada. Vibrando a lança curta arremessou-a direita ao peito de D. Martim. Este viu o tiro, e esquivou-se. O venablo, silvando nos ares, passou-lhe uma linha distante do lado, e foi cravar-se até meio cabo no tronco do primeiro freixo.

— « A pé, fraco villão! » bradou elle, saltando abaixo do cavallo. D. Martim fez o mesmo. Os homens d'armas de ambos encontraram-se tambem, mas os de Lanhoso pouco tempo disputaram o combate.

Continuava o duello dos dois cavalleiros. Emfim, de um golpe, Gomes Lourenço desarmou a D. Martim, ferindo-o no braço. A espada caíu-lhe da mão, em quanto o ferro inimigo descia como o raio, e, faiscando no arnez, assentou o frio gume mesmo sobre o coração. O rico-homem de Lanhoso sentiu fugir a luz dos olhos, vergou, desfalleceu, e ajoelhando uniu as mãos. Foi um acto de fraqueza.

Gomes Lourenço sorriu-se. Abaixando a ponta da espada, disse socegadamente:

— « Agora estás á minha mercê; perdoo-te a vida. Pódes apanhar aquella espada, que é mais curta que a tua lingua. »

Era um desprezo frio; uma vingança nobre e generosa como a alma de quem a tomava.

D. Martim ía a levantar-se. O mancebo susteve-o, pouzando-lhe a mão no hombro:

— « Espera. Offereci-te a paz, e tu escolheste a guerra. Vencido como estás, ainda te digo o mesmo. Dá-me tua irmã, e fiquemos amigos. »

— « Pódes leva-la, mas eu dar-t'a, nunca! »

— « Obrigado então; queria-a para mulher, e tu entregas-m'a sem condições. D. Martim, o teu orgulho precisa de melhor lança que o sustente. »

O moço Gomes Lourenço cumprimentou então o cavalleiro inimigo com ar de escarneo, e partiu para o seu castello, levando D. Maria Paes no meio da cavalgada.

D. Martim ficou immovel por algum tempo. Depois, livido, com os olhos rôxos de furia, quebrou a espada em duas, e, fechando o cabo no punho, gritou:

— « Lembra-te, Gomes Lourenço, de que fizeste um punhal d'esta espada! »

O alferes d'elrei já o não ouvia.

ARMADURAS NO XIV SECULO.

O THEATRO e romance modernos, roubando á traça o seu patrimonio, e desenterrando do pó do esquecimento os pergaminhos das tradições, lendas e feitos da idade media, pozeram em scena a vida publica e

a vida intima d'esses seculos em que se travou a lucta da barbaria com a civilisação, de que brotou a policia e cultura dos nossos tempos. A guerra era então estado permanente da sociedade, e por isso as minimas circumstancias que lhe dizem respeito teem sido exploradas e explicadas para completa intelligencia dos dramas e narrações em que figuram os principes, os paladinos, e os malfeitores da epocha. As armaduras era ponto importante para taes investigações, e de sobejo estão descriptas as dos cavalleiros e outros guerreiros principaes, sem escaparem as dos povos semi-barbaros, que, de origem septentrional, se achavam estabelecidos nos climas mais brandos da Europa, nem as do arabe buliçoso e mais culto, que temperou a rudeza dos costumes das nações peninsulares.

Tendo já tractado por vezes este assumpto nos precedentes volumes, damos agora um specimen, copiado de um antigo desenho, das armaduras das classes inferiores dos exercitos. Não entendemos por estas a milicia feodal, composta de quantos homens havia nos senhorios em estado de pegar em armas. Esses, arrancados dos trabalhos rusticos e ordinarios da vida para os campos de batalha, não tinham de ordinario outros resguardos e armas defensivas mais que seus grosseiros trajos, e o capacete e colete de couro, vindo d'este, talvez, o nome da *couraça*.

Os senhores feudaes tinham reconhecido o inconveniente de tropas tão mal equipadas, e começaram de alugar mercenarios, que mantinham em seus solares e presidios, e que, servindo assalariados, tiveram a denominação latina de *servientes*, da qual o francez fez a palavra *sergents*. Foi esta a tropa a quem seus amos proveram de armas defensivas, e que combatia a pé usando do arco, bésta, dardo, adaga, e partazana. A nossa estampa, desenho contemporaneo de similhantes militantes, da sufficiente ideia de seu equipamento.

Ercilla e Camões, julgados por A. de Humboldt como pintores da natureza. (1)

Os descobrimentos dos paizes remotos, além dos diarios dos navegantes, produziram mais de um poema epico entre as nações que primeiro entraram n'esta brilhante e ousada carreira. E não eram aqui excedidas pela realidade as ficções dos antigos poemas de cavallaria? Por isso os aventureiros hespanhoes tiveram a sua Iliada, a *Araucana*. É uma extensa epopéa historica de um poeta guerreiro, D. Alonzo de Ercilla e Zuñiga, o qual, no reinado de Carlos V, serviu no Peru e no Chili, e cantou os feitos em que, longe da sua patria, tinha tomado parte gloriosa. Acha-se em todo elle um nobre sentimento de patriotismo: a pintura dos costumes de um povo selvagem, que succumbe nas montanhas da Arauca defendendo contra os hespanhoes a independencia da sua patria, não é falta de interesse, nem de vida: especialmente os combates são pintados com uma verdade, que mostra sempre que o poeta teve parte n'elles; mas, em summa, é uma composição historica, onde abundam as digressões frias: a dicção é pezada, e quasi sem mostras de inspiração poetica. Por isso admirariam os elogios que Cervantes faz a Ercilla na espirituosa revista satyrica da bibliotheca de D. Quixote, se se não attendesse á emulação apaixonada que reinava então entre a poesia italiana e a hespanhola. E sem duvida este juizo, muito parcial, que tem induzido a erro a Voltaire e a outros muitos criticos modernos sobre o merico d'esta obra. Uma cousa mais que todo admira n'este poema, e é, que n'este Novo Mundo o escriptor esteja ainda inteiramente preoccupado de recordações classicas, e que aquella natureza maravilhosa lhe não inspire nada: que nem o espectaculo de volcões cobertos de neves eternas, nem a vista de formosos valles cobertos de arvoredo, ou aquelles braços de mar que penetram no interior do paiz, nada lhe désse occasião a uma descripção viva e original. Nas marchas um soldado discorre sobre Virgilio e a morte de Dido, sem dar attenção ás grandes scenas que o rodeiam. Se o poeta se lembra um instante de descrever o paiz, é para fazer um arido catalogo de nomes geographicos, sem lhe accrescentar um epitheto que os caracterise.

O poeta portuguez, Camões, foi mais feliz que Ercilla; e com verdade eu não posso dizer o que se deve admirar mais na sua grande epopéa nacional, se a riqueza da imaginação do poeta, se a singular verdade das descripções. Não é a mim, por certo, que compete confirmar com a minha opinião o juizo de Frederico Schlegel, que, quanto á vivacidade das côres e á maravilhosa riqueza da phantasia, põe os *Lusiadas* muito acima do poema de Ariosto; mas por certo me é dado accrescentar, na qualidade de observador da natureza, que nunca houve poeta mais exacto na pintura dos phenomenos naturaes; e que em nenhuma parte da sua obra, nem o enthusiasmo de cantor inspirado, nem o ornato da sua linguagem, nem os seus melancholicos pensamentos o fizeram um só instante infiel a esta especie de verdade physica. A sciencia póde acceitar as suas descripções, ao mesmo tempo que a imaginação é arrebatada pelas suas pinturas. É realmente o céu da India; são os variados aspectos do oceano. Sente-se em todos estes cantos, ou já escriptos na gruta de Macau, ou já no desterro das Molucas, um cheiro embriagante de flores dos tropicos. O auctor viu, ou antes observou, e observou como poeta. Por isso não é possivel deixar de notar em toda a parte a viva physionomia dos grandes quadros da natureza, pintados por elle. Mas onde Camões é particularmente inimitavel, é nas pinturas do mar: nunca ninguem soube melhor perceber, nem pintar melhor estas mysteriosas harmonias que reinam entre a atmosphera e o mar, entre as mil conformações variadas que tomam as nuvens no céu, na successão dos seus phenomenos meteorologicos, e os diversos aspectos, que, reflectindo-os, appresenta a superficie do oceano. Ora é uma doce brisa que lhe encrespa a superficie, enchendo-a como de carneiros, e d'estas pequenas vagas quebradas faz sair brilhantes faiscas de luz que alli parece mover-se; ora é a tempestade, com todos os seus horrores, que se levanta em roda das náus de Coelho e de Paulo da Gama, e solta os elementos enfurecidos. Todos estes quadros são de uma verdade palpavel. Camões tinha podido estudar pausadamente os phenomenos do mar. Soldado, tinha feito a guerra, não só ao pé do Atlas, no interior de Marrocos, mas tambem nas margens do Mar Vermelho e do Golpho Persico: duas vezes dobrou o Cabo das Tormentas, e com a sua paixão tão viva pela natureza, tinha podido, em dezeseis annos de solidão nas costas da India e da Chi-

(1) O' importante artigo, que com este titulo offerecemos aos nossos leitores, é um fragmento do 2.º volume do admiravel escripto que, com o nome de *Cosmos*, esta publicando o celebre *Alex. de Humboldt*, gloria da Allemanha, assim pela elevação e grandeza dos seus talentos, como pelo seu immenso e profundo saber, quasi sem excepção, em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Pedimos aos nossos leitores que attendam a que o objecto do auctor não é fazer um juizo critico dos dois poemas epicos mais celebres da Peninsula hispanica; mas somente avaliar a influencia que no seu merito descriptivo tiveram os descobrimentos dos portuguezes e dos hespanhoes, e especialmente o do *Novo-Mundo*.

na, observar as alternativas do oceano. Nada lhe escapa: em um logar descreve os pennachos electricos do fogo de Santelmo, que os pilotos da Grecia cuidavam ser Castor e Pollux, mas a que elle chama

. . . . . o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta: (1)

n'outro logar é a tromba assustadora com as suas successivas transformações; e se vê

. . . . . levantar-se
No ar um vaporzinho, e subtil fumo
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao polo summo
Se via tão delgado que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando,
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada,

. . . . . .
Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu chovendo emfim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe;
A's ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe;
Vejam agora os sabios. . . .

accrescenta o poeta

Que segredos são estes da natura,

palavras com que parece dirigir-se ainda aos sabios de hoje, que, fundados só na sua intelligencia e no seu saber, não duvidam tractar de visões as cousas que ouvem contar ao navegante, que só tem por si a experiencia.

Mas se Camões é superiormente admiravel nas pinturas do mar, as scenas terrestres não lhe chamaram tanto a sua attenção. Já Sismondi notou com razão que em todo o poema se não acha nenhuma verdadeira pintura da vegetação dos tropicos, e da physionomia particular das plantas d'aquelles novos climas. O poeta apenas mencionou algumas plantas aromaticas, producções que eram objecto de commercio. O episodio da ilha encantada encerra um delicioso quadro de paizagem, mas quadro commum e classico. Que se acha n'elle além das plantas banaes, com que forçosamente se ha de ornar uma *ilha de Venus*, murtas, cidreiras, limoeiros odoriferos, romeiras, e outras arvores selvagens na Europa meridional, e ainda mais nas poesias pastoris d'aquella epocha? O poeta n'este logar julga-se infelizmente obrigado a entrar na natureza de convenção da poesia contemporanea. (2) Quanto não ha em Christovam Colombo com uma observação exacta das fórmas da vegetação estranha que se offerecia aos seus olhos, um sentimento muito mais verdadeiro, e um enthusiasmo mais francamente poetico, em vista de novas costas cobertas de bosques! Mas o almirante escrevia um *diario de viagem*, onde consignava diariamente as suas vivas impressões, ainda sob o imperio da sua imaginação abalada. e Camões compunha um poema epico para immortalizar os feitos dos portuguezes, juntando aos factos as maravilhosas creações da phantasia poetica. Que pintasse o oceano, é natural. Os navegantes luctam com o mar; é um combate de todos os dias; e demais, em toda uma viagem sempre ha tempo para estudar os phenomenos mais ou menos terriveis do mar; mas chegados a terra, a lucta é quasi só com os homens; a acção que se trava não deixa ver a natureza. A paizagem torna-se um fundo de quadro a que se não da importancia, quadro em que os guerreiros ou os mercadores portuguezes animam a parte principal. Ainda mais: e não faltavam as palavras para pintar a natureza nova da India? onde buscaria comparações ou epithetos? Adoptará o poeta os nomes das plantas novas, do idioma barbaro dos naturaes do paiz? Uma descripção laboriosa, fórmas singulares, cousas sem nome, não podiam deixar de repugnar a um poeta costumado a sonora harmonia da sua lingua natural.

Comtudo não deixou Camões de ter algumas vezes singulares ousadias nas grandes descripções pictorescas, no seu tempo muito originaes; nem deixou de esboçar em linhas ousadas a physionomia geral dos continentes. E assim que no 3.º canto faz uma pintura rapida de toda a Europa, desde as mais frias regiões do norte até

Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.

Mas é especialmente aos costumes e á policia dos povos do Meio-dia que elle dá mais attenção: em breve passa pela Prussia e pela Moscovia, nações septentrionaes,

. . . . . que o Rheno frio
Lava (1) . . . . . .

Para chegar ás deliciosas regiões da Grecia

Que creastes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantasia.

No 10.º canto o espectaculo é ainda maior. Tethys conduz o Gama a um alto monte para lhe descobrir os segredos da

. . . . . grande machina do mundo,

e o curso dos planetas segundo o systema de Ptolomeu, que então reinava. É uma visão no estylo do Dante. Depois de ter descripto o todo do universo, o poeta torna ao globo terrestre que lhe fica no centro, e expõe então tudo o que se sabia dos paizes n'aquelle tempo já descobertos, e das suas producções,

(1) Estas palavras acham-se no *Cosmos* citadas em portuguez.

(2) Sem pretendermos combater as opiniões do illustre sabio, e ao mesmo tempo sem pretendermos achar nos *Lusiados* perfeições que lá não haja, devemos aqui declarar que tendo muitas vezes notado, como Humboldt, que todas as plantas que aformoseam a ilha dos amores, se encontram em Portugal, nos tem sempre parecido que n'isto houvera uma intenção patriotica no pensamento do poeta; conjectura que não será inverosimil para quantos tiverem admirado, (e certamente são todos os que teem lido os *Lusiadas*) o extremado amor da patria em que se abrazava o peito de Camões; e que ainda mais se confirmará com a explicação que se lê nas estancias com que termina o canto 9.º do poema.

(1) Tambem estas palavras se acham em portuguez no *Cosmos*.

aqui já não é sómente um mappa picturesco da Europa, como no 3.º canto; é um quadro de todas as partes do mundo, sem exceptuar a terra *de Sancta Cruz* (o Brasil), e a costa descoberta por.

. . Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, mas não na lealdade.

Camões, posto que se encerrasse em um quadro classico, foi um dos primeiros que abriu caminho a uma poesia nova: o seu genio percebeu alguns dos maravilhosos recursos que um mundo novo ainda vinha dar á poesia.

Cartas ineditas de Alexandre de Gusmão.

Entre os nossos escriptores politicos occupa logar distincto Alexandre de Gusmão, o secretario particular de D. João V. Publicaram-se duas collecções das suas obras, impressas no Porto, uma em 1841 pelo Sr. J. M. T. de C., e a outra em 1844. Na primeira vem as *Reflexões* d'aquelle illustre brasileiro contra o que escreveu o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, que havia governado a Colonia do Sacramento, a respeito do Tractado de Limites da America. A segunda reproduz a *Exposição* dos mal remunerados serviços de Alexandre de Gusmão, impressa no 1.º vol. do antigo Panorama, pag. 155 e 166. Comprehende tambem esta collecção uma *Apologia* do mesmo Tractado, publicada, pela primeira vez, no 7.º vol. do Panorama, com os elogios correspondentes ao valor litterario e politico d'este discurso.

Lê-se no prefacio da 1.ª Collecção: «A resposta ao brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, relativamente á conveniencia dos Tractados dos Limites da America, que vieram pôr termo ás continuas desavenças entre Portugal e a nação visinha, é obra de muito primor, &c. Ahi apparecem grandes conhecimentos topographicos do paiz, do seu commercio, das suas relações, das suas vantajosos posições, dos seus futuros melhoramentos, e de tudo quanto importava á prosperidade e quietação da sua patria.»

Tudo isto é certo, e prova o grandissimo talento do auctor, que assim sobresaía, defendendo, no ultimo quartel da vida, opiniões contrarias á sua, que elle desejou revelar á posteridade, já que o não podia fazer, sem perigo, aos contemporaneos.

Chegou o tempo d'este louvavel desejo ser cumprido, de se fazer uma revelação, talvez não inutil á nossa historia diplomatica.

Entra na collecção manuscripta que temos de algumas das obras de Alexandre de Gusmão, a Apologia do Tractado de Limites: uma nota marginal declara ter sido feita por ordem do governo. Segue-se-lhe a impugnação do papel do brigadeiro Vasconcellos com est'outra nota no fim: «Gusmão foi obrigado a fazer estes papeis, e os fez contra sua vontade, e por isso, posto que em segredo, desabafou com a seguinte carta, que logo depois escreveu.»

Eis-aqui a carta, copiada da minuta por lettra de Alexandre de Gusmão, e as outras a que allude.

Sr. M.el Per.ª de F.ª

He bem verdade, que fiz hua tal, ou qual Apologia ao Tractado de Limites da America, e tambem hũa refutação ao Papel, contra o mesmo Tractado, que escreveu Antonio Pedro de Vasconcellos governador que foi da Collonia: nunca escrevi mais involuntario, mas como foi por ordem superior, estou persuadido, que não devo ser castigado. O que não obstante, logo me desforcei, escrevendo a esse respeito, o que se achará nos meus Papeis, se acaso houver quem os lêa: reporto-me a M.r Lapin (*), que satisfará a V. M., mas digo finalmente, que se não tivéra m.r e f.os nunca passára por este trabalho.

Logre V. m. boa saude, e toda a sua casa, e tenha-me sempre na sua graça, porq̃. sou

De Vm.ce

Am.º m.to obrig.º e m.to v.or

A. de G.

O portador leva a copia da carta de mimo de agradecimento da Apologia, e tambem a minha resposta.

Copias das cartas concernentes ás Memorias secretas.

(Carta de Nuno da Sylva Telles para Alexandre de Gusmão.)

Sñr. Alexandre de Gusmão.

Ainda hoje chegarão a esta casa as copias dos dois Papeis, que V. S.ª doutamente escreveo em defensa do Tratado de Limites, Tratado, que tantos desgostos nos tem causado. E como V. S.ª com esta sua Apologia, e defensa do Tratado, defende ao mesmo tempo a honra da nossa familia: eu lhe rendo as graças, e offereço em nome de toda ella esse annel, que se deo ao embaixador por brinde da negociação do mesmo Tratado, affiançando a ousadia desta minha offerta com a fé da nossa antiga amizade. Desejo a V. S.ª a mais feliz saude e estimarei ter muitas occasiões de poder empregar-me em servir, e dar gosto a V. S.ª Deus guarde a Pessoa de V. S.ª muitos annos. Casa em 10 de Maio de 1750.

De V. S.ª

Ven.or Cap.to e fiel Servidor

Nuno da Silva Telles.

(Resposta de Alexandre de Gusmão.)

Ill.mo e R.mo Sñr.

Pelo mesmo portador da Carta receberá V. S.ª o annel na propria caixinha em que elle vinha: Eu não quero dar a V. S.ª a resposta que merecia esta sua offerta; considere V. S.ª com attenção os motivos que me farião lembrar, pois eu sei, que os não ignora, e persuada-se V. S.ª que ma embargou a nossa antiga amizade, obrigando-me a fazer-lhe este sacrificio. Fico para servir a Ill.ma Pessoa de V. S.ª, a quem dezejo saude com felicidades.

Deus guarde a V. S.ª escrita em 10 de Maio de 1750.

Beija as Mãos de V. S.ª

Seu m.to Ven.or e affect.º Crd.º

Alexandre de Gusmão.

(Continúa.)

Vai muito do vivo ao pintado.

Quando o melodrama reinava no theatro do Panorama Dramatico, que já não existe, lembraram-se de pôr em scena a acção estupenda d'um pastor chama-

---

(*) Manuel Coelho de Lima Continho, de quem herdamos estes papeis. Alex. de G. falla nelle na 3.ª carta dirigida a Martinho Velho da Rocha Oldenberg. 1.ª Collec., pag. 77.

mado Pourril, o qual, por algumas moedas de ouro, se confessou réu d'um crime que não commettêra. Para que a illusão fosse perfeita queriam fazer todo ao vivo, e, desprezando os pobres carneiros de papelão e sarapilheira pintada, que até alli tinham feito tão bom serviço, foram em cata d'um rebanho de carneiros de carne e osso, que obedecesse ao som da gaita capadeira.

Umas vinte creaturas lanzudas, mansas como borregos que eram ou tinham sido, foram escripturadas (já se sabe, por intervenção d'um emprezario, que sempre esta gente acode quando ha lã que se possa tosquiar) para realçarem o espectaculo; com a obrigação de *consagrarem exclusivamente o seu talento* ao theatro a que se ligavam.

O emprezario metteu na algibeira o dinheiro do ajuste, deu ao seu rebanho uns grãos de milho, dizem as más linguas que avariados, e trouxe-o ao ensaio. Que docilidade nos *debutantes!* íam para onde os levavam. O contra-regra não cabia em si de contente.

Chegou o dia ou a noite da primeira representação (no theatro faz-se da noite dia e do dia noite); o rebanho saíu detraz dos bastidores n'uma desordem que parecia recommendada, ensaiada, *feita de proposito.* Balou em chôro sem desatinar muito, e formou um pictoresco *tableau* á roda do pastor.

Os animaes sempre são applaudidos. Uma trovoada de palmas abalou as paredes da casa. Ninguem tinha previsto o effeito que podia produzir o estrondo da *gratidão* do respeitavel em miolos de carneiro. O que é o descostume! As fileiras da carneirada desordenaram-se, do meio d'ellas saíu o balido de — salve-se quem poder — e o corpo pôz-se em debandada. O carneiro mais intrepido na fuga chega á bocca da scena, e atira comsigo acima da orchestra; os outros entiam atraz d'elle. Não ha pincel que descreva o reboliço que este assalto fez n'uma frisa cheia de senhoras. Não ha expressões que pintem as gargalhadas dos espectadores, os gritos dos cercados, as pragas dos musicos, que, armados de rabecões, d'arcos, de rabecas, de trombones e de fagotes, defendiam a orchestra da invasão, a todo o transe.

A peleja durou mais de duas horas; á guarda do theatro e mais dois ou tres moços do açougue deu-lhe agua pela barba para conduzirem os sublevados ao curral.

No dia seguinte não tiveram outro remedio senão tornar-se aos papelões, que sempre prestaram para muito.

Pyroxylina ou Algodão-polvora.

Depois do 1.º artigo (inserido no Panorama, pag. 179) fizeram-se á Academia das Sciencias de Paris importantes communicações ácerca da preparação, effeitos, e inconvenientes da nova polvora, de que vamos dar uma noticia succinta.

Preparação. — Não é necessaria a immersão repetida do algodão na mistura de acido nitrico e sulphurico, que se tinha indicado, nem que elle fique um quarto de hora dentro do liquido. O celebre chimico, Mr. Payen, estudou a maneira de evitar os desastres que podem acontecer na preparação da pyroxylina, principalmente quando as quantidades são grandes, e parece que resolveu este problema. No seu relatorio assignala os perigos que resultam de não ficar o algodão bem coberto do acido, e recommenda que a immersão seja completa, assegurando que não ha inconveniente em que o algodão se conserve no liquido quarenta e oito horas. Conhecendo-se, porém, que nem sempre dava bom resultado a preparação da pyroxylina feita com a mistura dos dois acidos, aconselhou Mr. Millon a Mr. Gaudin que puzesse o algodão de môlho n'uma mistura de porções determinadas de acido sulphurico e de azotato de soda ou de potassa. A practica provou que se não tirava proveito do azotato de soda, e as experiencias de Mr. Gaudin habilitaram-n'o para publicar um processo, que a elle lhe parece infallivel, para preparar a nova polvora, com toda a sua força, nos mais pequenos locaes.

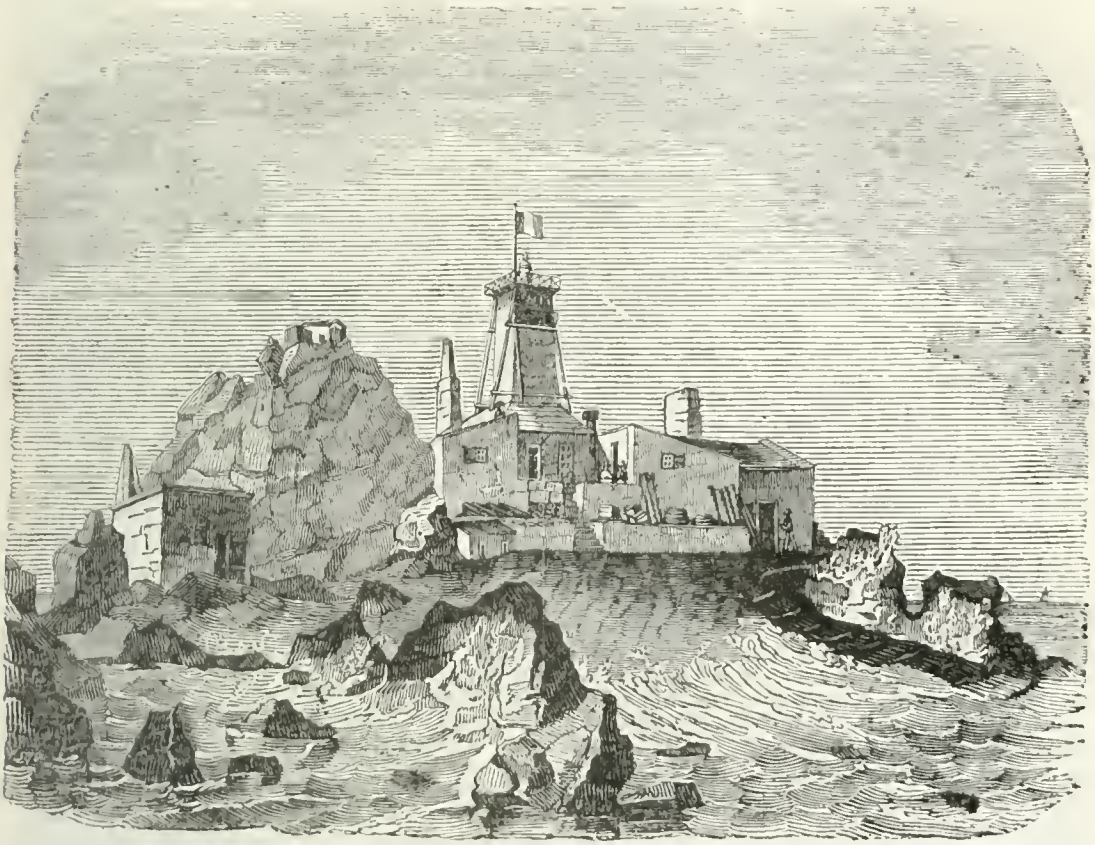
« Pulverisai salitre refinado ordinario (desseccado ou não desseccado), *mas que não esteja humido*, e depois de o metter n'um vaso de vidro ou de porcelana, junctai-lhe bom acido sulphurico concentrado do commercio (acido monohydratado) mexendo a mistura com uma vareta de vidro ou de páu, de modo que forme umas papas raras; passados alguns minutos, quando a mistura tiver outra vez engrossado, junctai-lhe mais acido sulphurico, até que o todo, bem misturado, tenha a consistencia d'um xarope: depois deita-se-lhe dentro o algodão, o papel, o trapo, &c., conchegando-o bem. Quasi sem demora se fará em massa, e ao cabo de um quarto de hora mettereis o vaso dentro d'agua para dissolver o sal adherente; por ultimo lavareis em muita agua, e seccai como é costume. »

O algodão curto é mais barato e dá melhores productos que o algodão comprido, segundo o parecer de MM. Combes e Flandin.

Enxugo. — Esta operação é muito perigosa, e requer por tanto que haja muita cautela, quer se tracte do algodão polvora, quer do papel azotico; não convém que se accelere aquecendo o ar por meio de brazeiros, mas pede a prudencia que se faça em estufas cuja temperatura seja constante e muito moderada. Mr. Piobert fez ver que uma corrente de ar quente inflamma muitas vezes o algodão azotico em menor temperatura que a de 100°. Por esta occasião expoz Mr. Payen que existiam talvez muitas causas de inflammação accidental, mas que estava provado que as correntes de ar, mesmo aquecido com moderação pelos caloriferos, fogões, ou brazeiros, podiam inflammar o algodão-polvora, em quanto que a pyroxylina, posta em contacto, no seu laboratorio, com paredes delgadas de metal e de porcelana, aquecidas pelo vapor d'agua, nunca se inflammou. Novas experiencias, feitas por este chimico em companhia de alguns dos seus collegas, confirmaram que as correntes de ar, aquecidas por meio de chapas metalicas ou paredes de alvenaria, inflammam o algodão, por mais cautela que haja em que a temperatura, termo medio, não passe de 25 a 30°; o que nunca succedeu toda a vez que a desseccação, aliás mais prompta, se fez em temperatura proxima a de 100°, transmittindo-se o calor, produzido pelo vapor ou pela agua a ferver, ás superficies metalicas que elevam a temperatura do ar ou do algodão.

Parecia por tanto que uma estufa de corrente de ar, aquecida a 30 ou 36° pela circulação d'agua ou do vapor, preencheria as condições de segurança; com tudo Mr. Gaudin, persuadido, com razão, que do fabrico do algodão-polvora se deve proscrever o emprego de todo o calor, procurou descobrir um meio de seccar de prompto e a frio, em uma camara fechada, cheia de cal viva pisada, e a que extrahe o ar um ventilador helicoide: o algodão que se pertende seccar, mette-se dentro d'uma mangueira, construida de modo que o atravessa uma corrente continua de ar secco, a qual lhe vai tirando a humidade em porporção do augmento da temperatura ambiente, até se converter toda a cal viva em hydrato pulverulento.

(Continua.)



O PHAROL DE BREHAT.

A construcção dos pharoes em nossos dias tem chegado a grande auge de aperfeiçoamento; sendo uma necessidade reconhecida para beneficio da navegação, prodigiosamente se tem multiplicado em todas as costas maritimas ainda as mais bravias e afastadas. N'algumas d'estas construcções, requerendo todas ellas solidez, se tem posto uma certa magnificencia adaptada á natureza de similhantes obras: dos mais notaveis que se devem á arte moderna, achar-se hão noticias e desenhos em as nossas precedentes series, como o de Cordouan, o de Bell-rock, o de Eddystone. A gravura que adorna o frontispicio do presente numero, representa o pharol provisorio, levantado na ilha de Bréhat, costa de França, e as accommodações que se fizeram para os operarios que trabalharam no pharol permanente, já concluido e que disputa primazia a todos, pelas difficuldades nascentes da sua posição, e por muitas particularidades na construcção do edificio. Justamente se dirá que não tem rival, porque os de Belle-rock e Eddystone, acima mencionados, de que se jactam os inglezes, estão longe d'aquellas proporções monumentaes. Foi o seu engenheiro M. Reynaud, depois nomeado professor da escola polytechnica. — Tem esta simples inscripção. — *Este edificio começado em* 1836 *foi acabado em* 1839, *reinando Luiz Filippe.* —

O ilheu de Bréhat é um penhasco em situação tempestuosa, situado quasi a tres leguas das rochas e restiogas *des Héaux.* — Eram assaz reconhecidos os perigos e difficuldades que offerece a navegação na costa do norte da Bretanha, ao desembocar do golpho importante que se dilata entre esta peninsula e a do Cotentin. Tractando-se de obvia-los procedeu-se a um inquerito para conhecer-se qual deveria ser a localidade do pharol, se ao norte ou ao sul do passo estreito que os navios frequentam entre os cachopos de Roquedouve e os de Héaux de Bréhat. O resultado de um attento e prolongado exame foi preferir-se este ultimo local.

Odio velho não cança.

(Romance Historico.)

IV

Nuvem e estrella.

Era a tarde do terceiro dia depois que Gomes Lourenço commettêra o rapto de Maria Paes. Encerrada n'um aposento, guardada com vigilancia, mas cercada de respeitos, em todo este tempo a altiva dama cada vez sentia maior pezar. Em vez de diminuir augmentava a sua dôr.

D. Maria tinha ainda todo o viçoso lustre da mo-

cidade. Não era a flôr tenra, que de mimosa se despega; era a roza feita, aberta, e luxuriante, que nasceu bella, cresceu forte, e sente a vida e ama a luz. As fórmas airosas, o talhe esbelto, o corpo flexivel como haste de junco novo, realçavam pela graça a immensa nobreza da phisionomia. Os cabellos pretos, ora em espiras ondadas fugiam da rede d'ouro e seda, ora soltos, folgavam brincando com o seio e pelos hombros. Era uma belleza regular, mais severa que branda, como a representa ás vezes a esculptura grega. Os olhos, tambem negros, e tão negros, que cegava o brilho d'elles; na rara transparencia da sua chamma, quando queriam, sabiam dizer tudo — ou lhes luzisse a rapida faísca das paixões, ou a languida esperança chorasse n'elles.

Ninguem diria, vendo-a — « Assim foi a formosura da antiga Venus Idalia. » — A elegancia n'ella era viril, e o garbo soberano; e o que recordava era o typo da fragueira virgem dos bosques. Um romano que a apercebesse, gallopando com as tranças livres ao doudejar da aragem, falcão em punho, e as pregas do saio verde inchando na carreira, exclamaria logo — « É Diana — a deusa caçadora! »

E linda como Diana é que ella passava, accesas as faces no ardor da caça, levando a buliçosa alegria de pagens e donzellas atraz de si; o latir das matilhas, o vozear da montaria adiante; e d'espaço a espaço reboando o som da buzina de prata, ora pela corôa dos montes, ora pelas quebradas do valle.

E foi assim que o moço Gomes Lourenço a viu correr ao lado de Sancho I, uma tarde de maio, d'aquellas risonhas tardes que dá o céu da Peninsula, e se respiram ás margens do Mondego. D'esse dia em diante nunca mais a poude esquecer. Alli nasceu, e d'alli medrou, banhado de lagrimas, o infeliz amor do amigo do infante D. Affonso. A inimizade que bebêra com o leite da infancia; o odio que lh'ensinaram a balbuciar com as primeiras palavras; o orgulho da sua raça, que entrava com o sangue das veias no amago do coração, fundiram-se para sempre á luz d'aquelles olhos, um momento fitos n'elle, no perpassar. O homem de Riba Douro, o neto dos Viegas de Salzedas acabou alli. Na alma só lhe morou um desejo unico — o de apertar ao peito o anjo, que fugíra como visão celeste, e com elle nos braços perder o nome, a familia, e Deus até.

De noite, em sonhos que enlouqueciam, apparecia-lhe de repente. Na vista, como lhe sorria a meiguice do amor! Que doce batia nas faces a respiração suave! Sentia arder nos labios o primeiro beijo, sentia-o depois queimar na alma. Que dôr atroz, quando, passando os dedos convulsos pelo rosto, humido dos seus prantos, a verdade lhe dizia que a imagem dos seus desejos se reclinava no seio d'outro tão feliz! Então o ciume, assentando-se á cabeceira, insinuava-lhe o veneno d'aquelles olhos, estrangulava-lhe os suspiros no laço dos cabellos pretos, e cortava-lhe a alma com inveja de tanta belleza, que era d'outro, de quem nem sequer ousava proferir o nome no segredo mesmo das veladas noites.

Assim correram os mezes e passaram os annos, sem descanço n'aquella fadiga, nem refrigerio a tamanho martyrio. A amizade de Egas, seu irmão, tinha sido até ahi um culto para a sua alma; despegou-se tambem essa, como a ultima folha cáe á flôr morta. Condemnado a recolher silenciosamente no coração as lagrimas, a fechar n'elle o amor, a desesperação e o ciume, entre os homens e no mundo, era sombra do que fôra. Nos olhos, só, n'esse verdadeiro espelho do espirito, é que ainda não morrêra. Lá vivia concentrada, indomavel, a fatal paixão que o consumia. O que elles fallavam, mudos; o que choravam, enxutos; o que no rapido fuzilar d'um momento sentiam e revelavam; nunca o souberam entender os que, vendo o cavalleiro de Salzedas tão differente, perguntavam se alguma fada lhe dera encanto, para elle envelhecer de quarenta annos. A amizade de Egas talvez suspeitasse a desgraça do cavalleiro — o que não adivinha o coração de um irmão? Mas se adivinhou foi discreta — soube occulta-la.

E D. Maria Paes? tambem essa a percebeu. Não é possivel ser mulher, e por muito tempo ignorar o amor que nos acompanha a toda a parte. Por instincto, a irmã de Martim Paes foi a primeira a descobrir a funda melancholia do mancebo, e a penetrar o motivo d'ella. Leu-a nos olhos, que a fitavam, se cuidavam escapar aos seus, e esmoreciam, timidos, apenas se cruzava a vista. Viu-a nas faces pallidas, que se affrontavam de vivas côres ao encontrala de repente. Em tudo a surprehendia; — na ternura da voz, na hesitação dos olhos, na incoherencia das palavras. Em vez de reprimir, a dama altiva animou por leves favores o incendio, em que se gastava a vida do triste cavalleiro. Era orgulho, ou era calculo vingativo? Se foi um ou se foi outro, o segredo a ninguem o disse — mas bem cedo teve de se arrepender. O primeiro fructo colheu o no castello d'Avellans; o segundo, o mais amargo, custou-lhe lagrimas e remorsos eternos.

Tudo isto a opprimia de terror no alcaçar de Gomes Lourenço. Nas mãos do homem, de quem escarnecêra o amor, convertendo-o em recreio das horas vagas, D. Maria, offendida, ultrajada, mais de uma vez resistiu á tentação de se precipitar no leito de pedras do valle que se torcia em baixo. Não menos altivo, o cavalleiro de Salzedas continha-se, disfarçando a sua paixão. Nas breves e curtas palavras que tinham trocado distinguiu ella a vontade imperiosa da aborrecida casa de Riba-Douro. Por instantes uma duvida cruel passava-lhe pela idéa, fulminando-a. Aquelle amor, de que tinha imaginado zombar, seria um laço, como o falso agrado, o traiçoeiro rizo de que ella o embalára? A vingança vestia as côres da paixão para ferir mais certa? Suppolo era enlouquecer. Um rapto só para infamar a nobreza de uma dama, era a injuria mais atroz de todas.

Sombrias como estas eram todas as suas reflexões nos dias que durou o captiveiro. Na tarde em que estamos, antes do pôr do sol, ouviu descantar debaixo da torre. Com que alvoroço, ao debruçar-se da janella, conheceu o escravo mouro de seu irmão! Não a tinha esquecido. Lá fóra havia quem trabalhasse para lhe restituir a liberdade.

D. Maria repetiu as ultimas palavras da cantiga, e o pagem, olhando para cima, mostrou um ramilhete. Creados por uma velha africana, os dois irmãos aprenderam d'ella a poetica lingua dos jardins. O ramilhete subiu por uma cordão, e com as mesmas flôres se compoz a resposta ao recado symbolico. O escravo apanhou-as, e desappareceu. Momentos depois as sombras cresciam no valle, e só de vez em quando se avistava ao longe o vulto do pastor, encaminhando-se a pressa pelo trilho das montanhas.

Desfolhadas nos dedos as violetas e os lyrios juncavam o chão, aos pés da dama de Lanhoso, enlevada em meditações profundas. No rosto immovel, na vista pasmada, a vida parecia paralysada. Apenas um sorrizo apagado tremia nos labios, onde os sons temiam ser indiscretos. O que ía lá dentro era muito intimo para se desaffogar em palavras. — Nos

olhos, ás vezes, fuzilava um relampago de odio, de esperança, ou de terror — e depois amorteciam-se as palpebras sobre as pupillas negras e sem brilho.

Ainda estava suspensa no vago reflectir, quando se abriu a porta do aposento, e Gomes Lourenço appareceu aos umbraes. Um grito d'ella, um suspiro d'elle, e d'ahi o mais completo silencio — disseram tudo o que ambos tinham sobre o coração.

O saio escuro, o cinto e a capa da mesma côr estavam em harmonia com a pallidez do mancebo. Chegando ao meio da vasta quadra, ergueu a vista e fitou-a em D. Maria. Era lento, doce, e profundamente triste o seu olhar.

Porque tremia ella? Pedia ha pouco a Deus que o tocasse a vir alli, e agora não tinha animo para o receber? — Ella que tão de perto estudára as paixões e as fraquezas de muitos homens — que o mundo chamava grandes — porque não se atrevia a lêr na alma de um mancebo que a não sabia conter, que a não queria fingir, e tinha só no coração e na bocca um sentimento e uma palavra — amor!

D. Maria receiava mais o fogo d'aquella paixão do que os calculos pacientes do odio. De tudo, o que mais custa a simular, é o amor, quando os olhos que nos vêem o fallam, o choram, e o adivinham!

E ella, para sair, precisava fingir que amava mais, tanto pelo menos como o infeliz mancebo.

Por isso tremia e vacillava. Escapou lhe, quasi envergonhada, uma lagrima, e veio queimar nas faces. O seio anciado arfava que fazia ranger as roupas. Quiz levantar se, e os joelhos descaíam; quiz fazer um signal com a mão, e o braço estava mortal. Abria a bocca para fallar, e as palavras, suffocadas, não se articulavam. — Um deslumbramento repentino cegou-lhe a vista.

Entretanto contemplava-a Gomes Lourenço com uma ternura ineffavel.

Sem luz nos olhos, sem côr nas faces, verdadeira imagem da afflicção, D. Maria era ainda mais bella do que no orgulho de todas as galas da sua formosura.

Depois de a estar contemplando grande espaço, o mancebo ajoelhou, e, pousando um beijo na mão que pendia fria, com um suspiro alto exclamou:

— « Meu Deus, que immensa dôr é amar assim! »

Quando este grito saía da alma do cavalleiro, ía ella tornando a si; e, abrindo frouxamente os olhos, deixou caír sobre elle a vista turva, onde o alvoroço da esperança brincava radioso. Depois um véu de timidez empanou-lhe o brilho, e uma lagrima furtiva pendeu das pestanas assedadas. Um sorrizo, ao mesmo tempo meigo e triste, adejou, sem as desabotoar, pelas rozas d'aquella bocca, de que o mancebo esperava ouvir bem severos queixumes.

Gomes Lourenço fez-se côr de purpura, e depois branco com um lyrio. Subjugado pela adoravel fascinação d'aquelles olhos, nem deu mais uma passada, nem disse uma palavra, nem ousou despregar a vista d'elles

Nenhum d'elles fallava. O mancebo porque não podia, a dama porque ainda não ousava. Queria asserenar o espirito, e medir os gestos e as palavras; uma de mais era bastante para a perder. — Emfim, com ar maguado, correndo os dedos afilados e rozados pela testa:

— « Que mal faria eu, fraca mulher, para chegar a esta dôr! . . . exclamou ella, e, sem esperar resposta, accrescentou, não fitando n'elle a receiosa vista: — Oh, quem me dissera isto n'aquelle dia á noite! . . . — e, virando-se para o cavalleiro subitamente, perguntou: — Não vos lembraes d'elle, nem do sitio onde foi? »

— « Lembro, senhora. Aquella tarde de março, na coutada de Lorvão, como havia d'esquece-la? . . . Os felizes só é que se esquecem. Oh se eu a podesse tirar d'aqui?! »

— « Era talvez melhor para ambos » acudiu ella entristecendo.

O mancebo córou. D. Maria insinuava-lhe que o seu amor só na apparencia fôra desprezado. Dava-lhe a entender que, similhante ao d'elle, gemêra dilacerando-se em silencio nos laços do dever, ou do receio. A vista, que então encontrou a sua, dizia tanto, que as palavras eram nada ao pé d'aquelle fogo. Gomes Lourenço accreditou-a. Podia lá duvidar da unica esperança que lhe promettiam no fim de tantos annos? Se a experiencia e a suspeita lhe diziam « não cedas, olha a realidade » o coração, cançado, apegava-se ás illusões para não morrer. De que tinha horror era de viver sem fé.

— « Melhor?! . . . Quem não amou sabe lá o que é a vida? . . . Não é verdade; melhor era não ter vivido, que viver, como eu, sem esperança, sem mocidade, sem nada? »

— « E se vos dessem esperança tinheis fé? »

— « Oh, se m'a dessem! . . . Mas a esperança a mim ninguem m'a póde dar, senhora. »

— « Ninguem? »

— « Hoje ninguem! »

— « Nem Deus?! »

— « Nem vós, senhora! Já não creio. »

Houve outra pausa então, em que ambos, com a vista no chão, se conservaram immoveis. D. Maria cortou-a de novo, dizendo:

— « Vou-me queixar de vós, cavalleiro. — A uma dama tractaes como inimiga? »

O mancebo tornou a córar da expressão doce com que lhe diziam estas palavras.

— « Inimiga? » murmurou elle.

— « Hospedaes então os amigos n'uma torre? » perguntou sorrindo.

— « São os paços onde moro, senhora D. Maria. Se estaes nos aposentos da torre — é que os não tenho melhores aqui. »

— « Dizei-me, cavalleiro: sou livre ou estou captiva? . . . Não respondeis? Juro accusar-vos, desleal, aos mais bellos olhos de toda Hespanha. »

— « Sou condemnado então — replicou o mancebo, sorrindo tambem — se os vossos me não perdoam. »

— « Lisonjas e prizões, D. cavalleiro! »

— « Verdades e rogos por alguma bella dama. . . »

— « E meu irmão, que tão cara lhe custou a aventura! » proseguiu ella mudando de tom.

— « De quem foi a culpa, senhora? A' lança responde a espada. Talvez D. Martim cuidasse que não havia em Salzedas casa para receber uma dama de Lanhoso? »

— « E como entrava ella lá, cavalleiro? »

— « Como mulher de Gomes Lourenço — como dama dos seus pensamentos — como senhora onde elle mandar. »

— « E cada passo para o altar a fazer-nos um accusador. O mundo a clamar . . . »

— « O mundo! . . . Só conheço o temor de Deus. Abaixo d'elle nada. »

— « Desarrazoaes como um trovador. Com as maguas estaes peior que Gonçalo Hermiguez, o monge-cavalleiro. »

— « Ambos padecemos da mesma pena, senhora. A elle curou-o a cova. A mim. . . Deus sabe quem. »

E olhou-a com receio e esperança. Ella sorriu. Oh, se o mancebo adivinhasse?!

— « E eu sei tambem ser Deus, senhor cavalleiro, Mas o que darieis vós se o coração de uma dama? . . . »

— « Tudo; não tenho que dar depois da vida, e essa . . . não é minha. Mas o coração de que fallaes é frio como pedra. De que serve perguntar-lh'o? »

— « Julgou o vosso tanto tempo inimigo, que. . . »

— « Inimigo, eu! de mim, da honra do nome que tive. Quando disserem: — olha D. Gomes Lourenço, seu pai mataram-lh'o á traição, sua mãi morreu de dôr, e o fraco, o vil não teve uma lança que estalar no peito dos de Lanhoso! . . . O que ha de responder o vosso inimigo, senhora? Mezes, annos sem erguer o braço! Por que soffre tudo isto como um escravo, como um villão, como reféce?! Foi porque o sangue dos que eram meus inimigos me doia mais do que o meu . . . para poupar lagrimas a olhos . . . que as chorariam de alegria . . . se eu caísse na sepultura! É verdade, Martim Paes. O montante do Espadeiro está nas mãos d'uma mulher. — Hoje não ha em Portugal appellido mais infame do que o meu, o de Salzedas. O sangue dos Viegas acabou com o ultimo que se chamou do seu nome! . . . Chorai por elle, cavalleiros, que era um nome velho como as Hespanhas — e morreu, sepultou-se com o pai de Gomes Lourenço, o covarde! »

D. Maria percebeu que fôra imprudente escaldando aquella chaga. Mudando logo para outro assumpto, com os olhos baixos e a voz commovida, exclamou:

— « Pague-se agora a divida! . . Aqui tendes uma de Lanhoso — mulher e como é, talvez baste . . . »

— « Sr.ª D. Maria Paes, os de Salzedas vingam-se como homens . . . ou não se vingam. Cala-te, orgulho antigo! . . . É a tua bocca que o póde dizer, Gomes Lourenço? Covarde, que fizeste do nome dos Viegas? . . . murmurava o mancebo, soluçando. — Por compaixão não me deitem em rosto o que fui... Cavalleiro, menti ao meu juramento! Filho, reneguei o sangue de meu pai! Irmão, vendi a herança de outro irmão! Rico-homem, arrastei o pendão e manchei as armas de meus avós, para até os servos se rirem d'ellas! . . . Gomes Lourenço, era melhor amortelhar-te n'um mosteiro — ao menos as faces não te córavam diante dos teus escravos! »

E ao soltar estas palavras, quebradas na garganta pela ancia do peito, fechava o punho e media o aposento a passos largos. O semblante carregou-se de amargura, e os olhos accenderam-se em terrivel chamma. Parando de repente diante d'ella, o mancebo, em tom prezo e rouco, exclamou:

— « Morreu tudo aqui, senhora. Diante de Deus, diante do meu sangue, na presença dos homens sou um traidor, que me vendi pelo teu amor, Maria ... mas se me enganasses, se me enganasses! »

E tapou o rosto com as mãos, desatando a chorar como uma creança.

Só então conheceu bem ella o abysmo d'aquella alma — a dôr insoffrida da sua paixão. Quantos sacrificios se podem fazer todos o desgraçado cavalleiro tinha consummado por sua causa. Familia, odio, gloria, vingança, quanto o seu tempo estimava em mais, tudo o que por assim dizer temperava o espirito do guerreiro da meia idade, tudo lhe depozera aos pés. Um instante teve dó d'aquelle delirio, e pela mente adejou uma idéa generosa. Foi um momento apenas. Veio logo o odio, veio atraz a soberba riscala para sempre, e gravar em sangue outro pensamento immutavel. E deram-lhe a força, e emprestaram-lhe a astucia, necessarias para continuar na scena de dessimulação que até alli representára.

— « E nunca a esperança de agradecerem sacrificios taes vos adoçou a magua? » — perguntou ella, illuminando-o com o raio de luz que faiscava dos olhos.

— « Nunca. O escravo chorou e ninguem lhe limpou as lagrimas. Talvez se rissem d'ellas ainda em cima! »

— « E se não rissem — e se dissessem: — Gomes Lourenço, outra alma houve que penou com a tua n'esse martyrio — que chorou e padeceu comtigo — e por mais d'uma vez, no fondo do coração, bradou a Deus: — Senhor, quebrae-me estas prizões d'ouro, que ferem como ferro? »

— « Se m'o dissessem, se fosse verdade . . . »

— « O que fazieis? »

— « Morria d'alegria aqui, como tenho morrido de dôr sempre . . . Se houvesse . . . e o ouvisse da sua bocca; se o coração, batendo com o meu, o repetisse; se os olhos, ardendo em fogo, m'o jurassem . . . »

— « Vós o que juraveis? . . . »

— « De joelhos, com as mãos postas, dizia: — por ti perdi o nome de meus avós e a honra da minha espada. O sangue de meu pai é uma nodoa no meu rosto — o unico irmão que tinha passará por mim como estranho — o mundo ha de chamar-me vil, ha de chamar-me tudo o que envergonha as faces e faz pular o coração de raiva — abençoada a hora em que fiquei assim, se tu me amas! Estrella, que nas trevas me déste a luz da esperança — por te seguir morri na flôr da vida — e bemdita sejas, que me salvaste! »

— « Ama-la-heis a ella só? »

— « Não se adora mais que um Deus. »

— « Oh Gomes Lourenço, tambem eu direi agora: — Por ti chorei em silencio trahindo a paixão d'outro, tremendo de remorsos e de ciome — por ti esqueci pai, irmão e sangue — abençoado sejas, que enches de um amor immenso o vazio que o affecto d'elles me deixou no coração!... tambem eu fico sem parentes e sem nome. »

E proferindo estas vozes, D. Maria derramava sobre elle o fogo dos olhos pretos, aonde no delirio do affecto faiscava a mais ardente paixão:

O mancebo ajoelhou, exclamando: — « Oh Maria, Maria, porque me não disseste isto senão agora.

E julgava-se tão feliz, que alli queria morrer de alegria aos pés da primeira e unica esperança que lhe colheram ao cabo de tanto padecer.

E ambos assim, largo tempo sem fallar, estiveram a ver-se, a beber pelos olhos, e na alma, a doce alegria d'aquelle instante. Elle de joelhos, — ella, sorrindo, amorosa, meiga, como em sonhos o mancebo a vira estender-lhe a mão, e enxugar-lhe o pranto.

Por fim D. Maria, erguendo-o e pousando-lhe a mão no hombro com doçura:

— « Agora, que sois o meu cavalheiro, disse ella, quero pedir-vos um dom. — Concedeis-m'o? »

— « Que te hei de eu negar, Maria? »

— « Nas horas em que rogava a Deus que nos acabasse este martyrio, fiz voto de atar esta alliança em Sancta Olaia, sobre o tumulo de minha mãi. Aquella que tantas vezes me embalou ao peito, e, ainda creança, me deixou, quero que abençoe do céu este amor, que tão triste nasceu e chegou aqui. »

Uma nuvem se estendeu de repente pelo rosto de Gomes Lourenço.

— « E tão pouco! respondeu elle. Não hei de ter segredos para ti, Maria: não sei o que me diz o coração. . . Sinto que me espera lá desgraça grande. »

— « E a alma de Inigo Lopes? » acudiu ella, rindo.

— « Não; quem sabe o que é? Pelo amor do céu, Maria, escolhe outro sitio. — Não agoures estes amores com a sina do castello maldicto. »

— « Que visões! »

— « Talvez — e são. Mas o segundo casamento de meu pai fez-se lá. Alta noite, no dia do noivado, co-

briu-se de lucto a armadura de Inigo Lopes. A haste do pendão de Salzedas quebrou, e não assoprava aragem de vento. A essa hora sonhou meu pai que o enterravam alli mesmo com cervilheira e espada. . . e — tremo de o lembrar! — alli se enterrou, no mesmo dia, quasi á mesma hora, passado um anno.

— « Acaso! E o meu voto? »

— « Queres? ... cumpra-se, e Deus seja comnosco. »

— « Amen! És um leal cavalleiro. Quando partimos? » .

— « Em tu dizendo. »

— « Logo? »

— « Já. »

E duas horas depois saía da honra de Avellans a rica-dona de Lanhoso com Gomes Lourenço. Ella com o seu falcão no punho, esbelta no fogoso corsel, que escarvava o chão, mordendo o freio. Elle, procurando espairecer o máu presentimento, montado na possante « mula do corpo », sem armas, e só com a espada sobre o saio. Poucos homens d'armas o seguiam. Dentro em pouco os atalaias perderam-n'os de vista no meio d'um rolo de poeira.

Sobre a madrugada, um cavallo a toda a carreira galgou a empinada encosta, e o som da buzina, puxado com ancia, accordou os echos. O villico chegou ás ameias.

— « D. Gomes Lourenço? » perguntaram de fóra.

— « Saíu sobre ocaír da tarde. »

— « Só? »

— « Quem é, que tanto pergunta? »

— « D. Egas, seu irmão. Foi só? »

— « Levou D. Maria Paes a Sancta Olaia. »

— « Abri então. Perdi a jornada. »

Os alçapões ferrados rangeram; a levadiça caíu; e pelo portal de volta baixa entrou o cavalleiro ao clarão dos fachos.

CARICATURA HOLLANDEZA.

Boileau, n'uma epistola, representou a Hollanda mui nubremente personificada debaixo das feições de uma divindade maritima, o deus Rheno, augusto velho de barba limosa, e que da verde pupilla dos olhos despedia humidos fulgores. Porém a malicia franceza teve tambem as suas ficções, e no tempo da famosa passagem do Rheno não escaceavam as representações burlescas ou caricaturas d'aquelle excellente povo flamengo, bebedor de cerveja, taciturno como o seu principe, todo vestido de lã parda, e que todavia pelejava pela sua liberdade, pela patria, em quanto o sangue francez se derramava para servir principalmente a ambição de um homem.

A figura brutesca, acima estampada, é transumpto de uma d'essas caricaturas internacionaes, hoje obsoletas. Será a Hollanda, entrincheirada atraz da sua enorme balsa, em vez da urna classica de Boileau, e prompta a innundar as campinas com a sua beberagem estimada, oceano de cerveja onde se affogariam os francezes? Nada: os francezes d'essa epocha tinham sufficiente esperteza e finura para não empregarem o pincel em desenhos vagos, e como as novidades suscitam vulgarmente irrisão, é uma novidade que deu assumpto á caricatura; posto que a cousa não fosse nova na Europa, algum sabor particular lhe achariam em respeito á Hollanda. A figura representa um gazeteiro hollandez. A Hollanda, paiz livre, contou entre os primeiros fructos da sua liberdade a gazeta. Olhai para aquellas fórmas d'Esopo; o enorme cangirão onde mergulha a vista não será o emblema da sua *folha*, d'onde sáe a inexgotavel inundação que ameaça cobrir o mundo. É o temivel novellista que semeia por toda a Europa os boatos assustadores; que falla dos turcos como se assistisse ás deliberações do divan, e ameaça com cem mil janisaros Belgrado, o baluarte da christandade. Mas onde viu tudo isso? No fundo da sua dorna. . . « Com os braços arregaçados (dizia Beaumarchais) até os cotovellos, peseando o mal em agua turva. »

Oh que terrivel homem, o segredo dos embaixadores como a sorte das nações está na sua mão: vêde como sáe armado, mas de espada de cana!

Porém a gazeta d'esses tempos transformou-se no jornal moderno. *Parce sepultis.* Os francezes contemporaneos é que lhe não perdoaram.

Taiti em 1842.

O celebre navegante hespanhol, Queiroz, descobriu em 1606 a ilha de Taití, que está situada proximo ao tropico de Capricornio: deram-lhe primeiro o nome de Sagittaria; depois o capitão Willis, em 1666, a chamou ilha do rei Jorge, e Bougainville, que tomou posse d'ella pela França, a intitulou Nova Cythera: d'ahi a um anno, em 1769, Cook ao visitar esta região fertil restituiu-lhe o nome que lhe haviam posto seus naturaes, isto é Taití. — Esta ilha appresenta a figura de uma cabaça: um grupo de montanhas verdejantes, torneado ao sul por um formoso lago, e cercado de um littoral fecundo, fórma a ilha de Taití propriamente dicta, a qual, por um isthmo de legua de largo quando muito, péga com a peninsula de Tahia-Rahú; esta faz um dos seis districtos em que todo o territorio se divide. Só o littoral é habitado: os montes, que constituem o centro da ilha são quasi aridos nos cumes, posto que as encostas estejam perfeitamente cobertas de mattas. Recifes de coraes a rodeiam, servindo-lhe de diques, e formando muitos portos, seguros e commodos; são os que de ordinario se frequentam, a bahia do Tunoa no districto de Matavóz, e a de Pepéití no districto de Paré.

Taití se póde considerar como a cabeça das ilhas da Sociedade, de que todas as mais d'este archipela-

go dependem. A religião da terra é o protestantismo que para lá levaram missionarios inglezes, e que foi abraçado pelo rei Pomaré I. Os naturaes mostram-se de boa indole, brandos e affaveis; gostam dos estrangeiros e os procuram com alegria e amizade: os homens são altos e bem parecidos, posto que a pelle seja muito acobreada; as mulheres, de cutis mais branca, parecem baixas, e senão bellas bastante attractivas, o que teem de mais notavel são olhos vivos, pretos, e rasgados, e dentes de estremada alvura. Os costumes estão corrompidos no maior auge: os missionarios inglezes com seu absurdo systema de intimidação, teem conseguido fazerem-se temidos, porém não fazer respeitada a religião que ensinaram. No Taití fallarão a cada passo em inferno, em penas eternas, e nas coimas que os missionarios inglezes exigem dos peccadores colhidos em flagrante; mas ninguem fará menção de Christo e da sua missão de amor e de charidade, da sua lei de perdão e de indulgencia.

O clima de Taití é de incomparavel salubridade, nunca o thermometro sobe acima de 28 gráus Réaumur, nunca desce abaixo de 15; por isso, tambem, o terreno é de pasmosa fertilidade. As canas de assucar que lá se dão reputam-se pelas melhores e mais bellas do mundo: a arvore do fructo-pão encontra-se por toda a parte, a cada passo: as goiabeiras, as mangas, as bananeiras, os coqueiros, as larangeiras, os limoeiros, alli se acham em quantidade prodigiosa: o café, o tabaco, a batata doce, o ananaz, encontram-se na mais rica vegetação; e dizemos *rica*, porque *bella* seria termo improprio. Os habitantes de Taití, sendo excessivamente preguiçosos, cuidam pouco da cultura: filhos mimosos da natureza mui fecunda, só tractam da colheita e de alguns leves trabalhos indispensaveis. Boa quantidade de cavallos, de cabras, de carneiros, de bois, e um estupendo numero de porcos, habitam os mattos no estado bravio: não haveria mais trabalho do que agarra-los para alimento da gente, se os missionarios inglezes não tivessem encerrada grande porção d'elles em seus curraes afim de fazerem negocio.

N'uma palavra, Taití é um paiz extremamente rico em vegetaes, em animaes, em nacar, em coral; e poderia fundar um commercio de permutação com as ilhas do Oceano, se os missionarios se não tivessem apossado de toda a casta de expeculação. Sob o protectorado da França, este bello paiz não póde deixar de ser restituido em poucos annos ao seu antigo esplendor, por quanto outr'ora contava uma população que Cook avaliou em mais de cem mil almas, e Foster em mais de cento e cincoenta mil, numero que hoje está reduzido a seis ou sete mil. — A aniquilação da população tambem é obra dos missionarios inglezes; e as causas são as guerras por elles suscitadas contra os infieis idolatras que não queriam converter-se ao protestantismo, e depois d'este o rigor de suas leis: a guerra civil reduziu a metade o numero dos habitantes. O infanticidio tambem se converteu n'uma especie de habito entre este povo ainda meio selvagem, e a sua origem é a pobreza que os missionarios tem motivado á força de se apoderarem de tudo: quasi que se não encontram creanças n'esta bella região.

A' linguagem do Taití é muito suave e pronuncia-se com grande facilidade; a abundancia de vogaes nas palavras a torna harmoniosa: faltam-lhe muitas lettras do alphabeto, o c, o s, o *g*, o *j*, o *z* etc. — Todas as palavras terminam em vogal; os verbos empregam-se sómente no infinito: não se usa dos pronomes pessoaes senão nos casos de absoluta necessidade. Os taitianos fazem preceder a muitas palavras uma emissão de ar que se parece ao som de *c* e á aspiração do *h*, e que nem uma nem outra cousa é; é o unico obstaculo que torna a pronunciação da sua lingua mui difficil para europeus.

A dança nacional consiste n'uma especie de mimica que se practica com os braços; os que fazem a pantomina assentam-se no chão em meio circulo para imitar os geitos, e sons gutturaes de um que está de pé no centro da roda.

O governo taitiano consta de um rei e de uma especie de parlamento a que todas as povoações do estado mandam deputados: o seu codigo não passa da summa das leis feitas pelos missionarios, cujas disposições penaes reduzem-se a mulctas em proveito d'aquelle ávido clero. — Os francezes rezidentes em Taíti, principalmente os missionarios, por vezes soffreram perseguição indirecta dos padres protestantes. Já em 1838 Mr. Dupetit Thouars teve de exigir reparações da parte da rainha Ahimata Pomaré Ouahiné I, então reinante, por causa dos insultos feitos á França na pessoa de seus missionarios a instigação de Mr. Oritchard, cabeça da missão protestante. Posteriormente o mesmo official, promovido a almirante, achou-se obrigado a fazer respeitada no Taití a bandeira franceza. Depois da expedição ás ilhas Marquezas Mr. Dupetit Thouars dirigiu-se á de Taití, e deitou ferro no porto de Papeití a 30 d'agosto de 1842; grande quantidade de francezes que habitavam na ilha vieram logo a bordo queixar-se do mau tractamento de que acabavam de ser victimas, e requereram a protecção do commandante. — Com a noticia da occupação das ilhas Marquezas a rainha Pomaré se penetrára de grande temor e se retirara para Eiméo: os missionarios pretestantes se haviam approveitado da sua ausencia para amotinar os naturaes contra os francezes, expostos d'este modo á perseguição dos barbaros, que subornados os tractavam como a inimigos sem saberem porque: o agente consular da França não tinha poder para favorecer os seus compatricios, e até elle corrêra o risco de ser assassinado. Chegou a cousa a ponto de derribarem as moradas dos francezas, e talarem-lhe as cultivações. — O almirante gastou uma semana a reunir as provas de todas aquelles maleficios, e logo que as obteve convidou os consules estrangeiros a proverem á segurança de seus nacionaes, quer na residencia respectiva, quer a bordo da fragata d'elle almirante: ao mesmo tempo mandou intimar ao governo taitiano que se não lhe enviassem a bordo dentro em quarenta e oito horas dez mil piastras, por indemnisação devida aos francezes moradores na ilha, começaria as hostilidades apenas expirado aquelle praso. — Reuniu-se o conselho a toda a pressa, e depois de bastante discussão resolveu que se não pagaria a quantia exigida, mas que se poria o estado debaixo da protecção da França; a rainha prestou immediatamente assentimento á deliberação do conselho, e submetteu-a á decisão do almirante. Para este foi de contentamento a proposta, e acceitando-a, metteu a França de posse d'aquelle bello e fertil territorio; a bandeira franceza fluctuou por cima da de Taití, e o almirante nomeou o governo provisorio.

Cartas ineditas de Alexandre de Gusmão.

Outra carta, de que possuimos o authographo, e que vai aqui fielmente transcripta, mostra quanto rendia a casa de Alexandre de Gusmão tres annos antes do de 1749, em que podemos affirmar fôra escripta a exposição dos seus serviços, pela declaração que elle fez de estar servindo, havia perto de sete annos, o logar de conselheiro ultramarino, para o qual tinha sido despachado em 1742.

Meu am.º e meu Sr. do Coração. A carta com que Vm. me fez favor em 22 do passado não me foi entregue logo, e depois mediarão dous correios em que me foi impossivel responder. Agora o faço dando a Vm. mil agradecimentos pelos cordeais parabẽs com que me felicita pelo nacimento de meu filho, q̃. se vai criando muito bem, e hum destes dias terá a honra de ir á pia debaixo dos auspicios de SS. MM; e permitta Dª q̃ algum dia venha a fazer, q̃. seja de hum Santo o nome de Viriato, q̃. ja foi de hum famoso Capitão Portuguez. D. Isabel (1) a quem fiz prezte a attenção de Vm, e q̃. m.to estima por fé as suas virtudes tambem lhe rende as graças, e Vm. as dará da minha parte ao M. R. P. Conego Sebastião de Prada Lobo pela continuação com que me favorece. Ao Sr. Dez.or e ás P.as dessa casa oferecerá Vm. o meu obsequio e reconhecimento pela sua lembrança.

O recommendado de Vm. ja o foi por mim a Dom.os Pires Band.ta, que com toda a bizarria prometeu que a ele recorreria nas ocasiões que se oferecessem.

Graças a Deos, que chegou este encantado prazo da sua renuncia, e me deixou esta nova cheio de regozijo pela esperança de o ver finalmente descançado, e a mim gozando da sua amavel companhia, que me faz certamente mais saudades do que a Vm. faz a minha. Tudo está muito bem ajustado como couza do seu juizo, que a tudo soube atender, e até para lhe não esquecer, ainda o desnecessario, vejo o cumprimento com que Vm. encerra a sua narração, que he bem digno da sua generosidade, e me deixa obrigadissimo; mas tomára eu poder concorrer para algum maior comodo seu, ou dos seus parentes, que só isso me lembrára em tal cazo; e pelo serem de Vm. eu os reputo, como se tivera a honra de serem meus, e estimo todo o seu bem como se fora proprio. So hũa condição peço a meu favor, e desta quero que Vm. me dê palavra infalivel, e he que Vm. hade vir para a nossa comp.a, e uzar desta caza em tudo e por tudo como sua. Da gente que nella achará espero se não hade desagradar; porque não ha mais que hũa suma quietação e união perfeitissima de genios todos doceis, excepto o meu, que Vm. já se tem costumado a sofrer; e todos o hão de tratar com amor e sinceridade de Irmãos, e suposto não temos de caza quem jogue xadrez temos quem toque quatro sonatas sofrivelmente.

No papel que restituo tudo está certo, ainda o ultimo ponto, sem embargo de parecer que tem alguma contradição com o penultimo. A expressão prezente ha de ser ainda de todos os frutos, ao que eu posso entender, porque o Benefaicio ainda se conserva inteiro; mas a paga da anata me parece, que hade ser sómente da ametade que resta ao Coadjutor, e a componenda da Coadjotoria levará outro tanto. Isto depende essencialmente da capacidade, e zelo do correspondente de Roma; porque se for activo e fiel, não lhe faltão rezões com que sustentar que a anata se não deve pagar senão da proporção do que fica ao sucessor de cujo provimento se trata, maiormente estando expresso na Bula que para o futuro se expedirá esse Beneficio por ametade do que tinha; mas se o correspondente não for esperto, dir-lhe-hão que o Beneficio ainda se não divide, e assim hade pagar como inteiro. Quanto ao ano de morto parece-me, que a seu tempo d'aqui a cem annos se hade pagar pro rata pelo sucessor e pela Patriarchal, porque o direito estava adquirido a Vm. antes da graça da Patriarchal.

Vm. me dá conta de um praso que está para chegar, e eu lha dou de dous que já chegarão. O 1.º foi despachar-me S. M. nas mercês que estavam prometidas, isto he, Comenda de S. Comba dos Vales, Alcaidaria Mor de Piconha, a tença dos Portos secos, tudo pertencente a minha mulher ou por vida, ou pelos serviços de seu pai.

O 2.º praso he um que foi da casa do Conde de Vilaflor por espaço de 200 annos, e pondo-se agora em praça para pagamento das dividas do Conde que Deos tem, o arrematei eu em quarenta mil cruzados e cinco mil réis; e com laudemio &c. chegará a perto de 50. He sito junto á Azambuja, e ao Tejo, tem boas terras de Liziria, e cazaes com excelentes pastos. Chamase pelo nome generico de Córte da Vila, que comprehende uma e outra couza. Anda mal aproveitado; mas nesse estado rende por arrendamento já de muitos annos vinte moios de trigo, vinte de cevada, tres barcos de palha dos maiores, 10$ r.s em dinheiro, 50 alqueires de legumes, e alguns porcos com outras achegas, salvo o foro que he de hum moio de trigo, e 8$ r.s em dinheiro. A compra não foi das mais baratas, mas eu a dou por bem empregada por não estar desembolsando para palha, cevada e trigo, que he hum roubo, e sempre governado aquilo melhor, poderá darme fartura á caza, como a dava á do Conde de Vilaflor em quanto o possuio. Faltame agora comprar quatro pés de oliveira, que me dem o azeite necessario para o gasto de caza, e ficarei livre de muitas pontadas.

O 3.º praso que he o da minha satisfação ainda não chega; porque eu confio na sua bondade, que ainda não está exhaurida a sua paciencia para comigo. Verei o que posso fazer antes da partida da frota: porque nela não me veio nada a respeito da outra fazenda que tinha arrematado no Brazil meu Tio obrigando-se a dar de primeiro pagamento 10$ cruzados e 900$ r.s por ano até completar o preço de 43$ cruzados, e como me fazia grande conta mandei lançar mão dela por haver muitos toureiros, e o Procurador acudiu com o primeiro pagamento menor do que meu Tio se tinha obrigado por estar a fazenda deteriorada; mas esta parcela com a de algumas letras que passei absorbeu toda a remessa. E o certo he que por estes primeiros quatro ou cinco anos heide meter, como dizem, agulhas por alfinetes, até me alimpar da carepa das dividas, que em quanto as ha, não tenho descanço. Porém hũa vez que me veja livre delas; terei com que passar decentemente, porque já conto 19$ cruzados de renda, e se conseguir algumas cousas que estão pendentes e não pendem de muita demora, passarei dos 20. Permita Deos darme luz para saber fazer bom emprego de tantos favores seus. Conserveme Vm. o seu amor, que he a minha maior riqueza, e mandeme em que o sirva; e quando se vir com o nosso Prelado, me ponha aos seus pés com mil amorosas lembranças.

D.s g.e a Vm. m.t a.s Lisboa 19 de Fevereiro de 1749.

M. R. P. João Monteiro Bravo.

De Vm.

Am.º do Cor.º e obr.mo

Alexandre de Gusmão.

Restituo a carta de Alexandre Brandão, e a minuta da resposta, que de bem guardadas não apareceião.

As particularidades da vida intima do secretario e confidente de D. João V, que a presente carta nos descobre, nos obrigaram a publica-la como um subsidio importante para a biographia de Alexandre de Gusmão, que tem sido escripta até agora muito em resumo, em consequencia da escacez de noticias.

(R. F.)

(1) D. Isabel Maria Teixeira Chaves, filha de Francisco Teixeira Chaves, fidalgo da casa real.

Pyroxylina ou Algodão-polvora.

Força balistica. — Mr. Averos, coronel de artilheria, fez varias experiencias com um pendulo balistico, empregando em concurrencia a polvora vulgar e o fulmi-algodão. Deram-lhe os resultados seguintes:

CARGAS	VELOCIDADES PRODUZIDAS	
	Pela polvora	*Pelo fulmi-algodão*
	Met.	Met.
1 gram.	94,268	149,342
2.	168,897	280,433
3.	234,091	400,349
4.	284,956	447,732
5.	320,153	518,393

Cinco grammas de fulmi-algodão produzem pois o mesmo effeito que treze para quatorze grammas de polvora de espingarda.

MM. Combes e C. Flandin fizeram alguns ensaios sobre a extracção da pedra das pedreiras por meio do algodão azotico. Estes ensaios, com serem insufficientes e não darem a medida exacta dos effeitos da nova polvora, mostram que ella póde ser empregada na exploração das minas, sem exigir precauções difficultosas. A propriedade que tem de arder quasi sem fumo nem cheiro, lhe assegura que será preferida á polvora ordinaria em todas as excavações subterraneas, sendo igual o custo de uma e outra.

Effeitos pyrotechnicos. — O papel, preparado pelo methodo de Mr. Pelouze, e embebido em dissoluções de nitrato de strontiana, de sulphato de cobre, de nitrato de baryta, produziu lindos fogos vermelhos, verdes e brancos. Os papeis azotados, como era d'esperar, poderão tambem ser uteis á pyrotechnica. A pequena demora com que ardem, devida a terem sido mergulhados na dissolução dos saes metalicos, favorece muito a duração das vistas que se pretendem fazer com os fogos de cores.

Analyse. — Mr. Dumas concluiu da analyse do algodão-polvora, que, se a sua explosão nas armas ou nas escorvas désse os productos gazosos que elle achára, estragaria as armas dentro de pouco tempo; mas depois de outras considerações, que não são para aqui, admittiu a possibilidade de que o algodão fulminante, empregado nas cargas das armas de fogo, não causará os damnos que promettiam os productos acidos da sua explosão ao ar livre, sustentando, comtudo, que lhe parecia inevitavel a formação do acido nitroso nas escorvas.

Vantagens e inconvenientes. — As vantagens que apresenta o fulmi-algodão em relação ao serviço militar, diz o coronel Averos, são o aceio, a combustão prompta e sem residuo solido, o não deitar máu cheiro, a leveza, e ser possivel manusea-lo sem perigo, longe do fogo, bem entendido; não largar poeira nem ter precisão de ser peneirada, uma força incontestavel, e que se póde avaliar (por agora) em tres vezes a da polvora.

Entre os inconvenientes aponta Mr. Averos o grande volume, e por conseguinte a difficuldade do fabrico e transporte; finalmente a producção de grande quantidade de vapor da agua. Accrescenta-se a isto a formação de vapores capazes de estragar as armas, e de vapores nitrosos, dos que Mr. Dumas se receia; ainda que o longo uso da polvora fulminante ou ammoniureto de mercurio nas escorvas deve ter dissipado o medo dos vapores mercuriaes, provenientes da combustão.

A practica deve attenuar estes inconvenientes: de outros mais graves houvera a chimica contemporanea accusado a polvora vulgar, se assistisse ao seu nascimento com os apurados methodos da analyse de que hoje dispõe: por exemplo, de deixar grande porção de residuo, e de deitar um fumo que incommoda. E a chimica a nenhum d'estes defeitos poude até agora dar remedio, e ha perto de cinco seculos que este informe producto está na posse de auxiliar os odios dos homens e dos governos.

De resto, os inconvenientes que appresenta o fulmi-algodão teem muito pouco valor comparados com as suas vantagens, e bem fazem os que continuam a estudar o modo de o applicar ás armas de guerra. Os progressos, que se teem feito na preparação, já respondem ás principaes arguições de que foram alvo os primeiros productos. As commissões de artilheria que, na Prussia e na Inglaterra, não quizeram admittir o fulmi-algodão, mais por orgulho nacional que por motivo serio, terão, a sua pezar, de reformar, dentro de pouco tempo, um juizo precipitado.

Ninguem póde prever o futuro a respeito da nova polvora; está dado o primeiro passo n'uma carreira nova, seguida com ardor pela curiosidade impaciente de uma multidão de indagadores. Talvez que novos compostos venham fazer este esquecido. E em todo o caso elle carece de passar pelas provas do tempo e da critica; e a sua preparação, se não puder ser simplificada, deve adquirir o caracter de uniformidade indispensavel, para que grandes porções de polvora azotica possam ser fabricadas com presteza.

MM. Aubert, Pellisier, e Gay-Lussac, no fim do seu relatorio sobre a polvora e escorvas fulminantes, perguntavam, se havendo uma guerra geral, a França, que não tem minas de mercurio, poderia obter a quantidade d'este metal necessaria para fabricar as escorvas para o exercito. Actualmente, que a pyroxylina deixa muito atraz de si o fulminato de mercurio, porque serve ao mesmo tempo de carga e de escorva, a questão não será ociosa, visto que o algodão é um genero exotico. Conviria por tanto que os chimicos fizessem ensaios encaminhados a substituir o algodão por outras materias textis dos nossos climas, como são, por exemplo, o linho e o canamo.

A' questão da materia prima segue-se a não menos urgente da conservação. Terá a pyroxylina a pecha, commum a todos os fulminantes, de se alterar com facilidade, de custar a conservar? Ha razões para o crer.

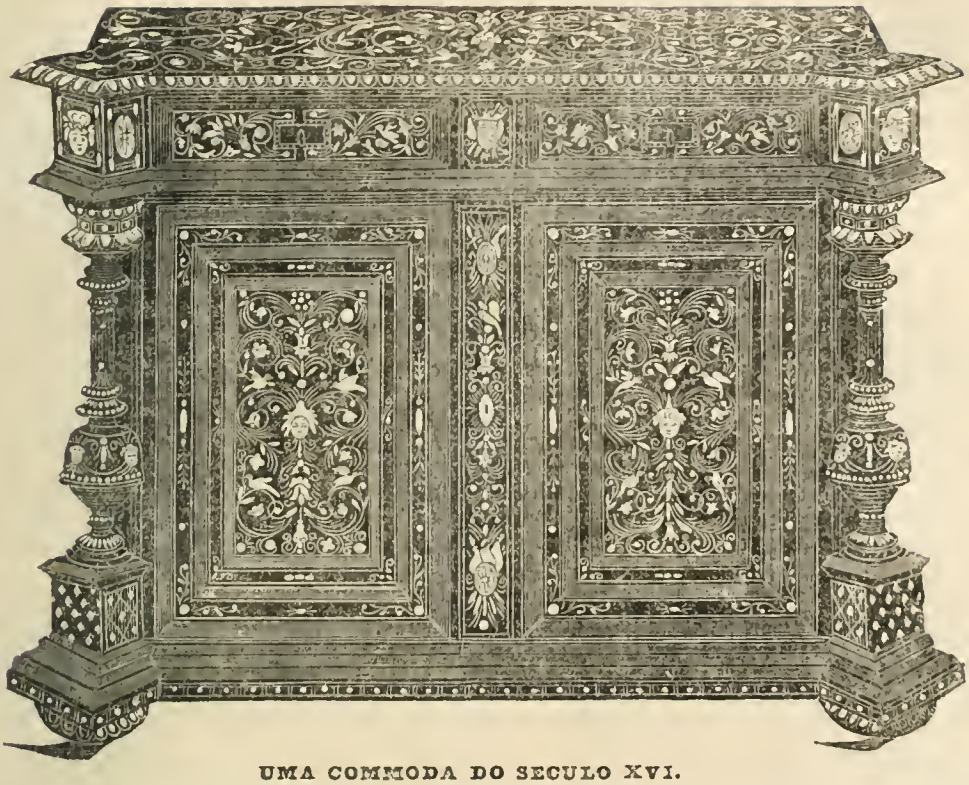
Que meios se poderão empregar em tal caso para fazer grandes provimentos sem perigo, já que a preparação da nova polvora não é tão facil e rapida, que baste ter á mão as materias indispensaveis para fabricar grandes porções d'ella?

As naiades.

Intentando aformoscar com um chafariz a praça de Luiz 15.º Napoleão incumbiu um architecto de apresentar o desenho. Feito este, viu o imperador que o monumento se compunha de quatro naiades que deitavam a agua pelos peitos; achou a lembrança pouco decorosa, e disse para o riscador da obra. — «Tirai d'aqui estas amas de criar; as naiades eram virgens.

Com as pistollas engatilhadas, perguntou uma patrulha a Bocage: — Quem é? d'onde vem? para onde vai? A resposta foi prompta:

E o poeta Bocage;
Vem da loja do Nicola;
Vai para o outro mundo.
Se lhe dispara a pistolla.



UMA COMMODA DO SECULO XVI.

Os trastes caseiros dos seculos passados começaram a ser procurados a par do movimento que incutiu á litteratura moderna o romance extrahido dos factos e vida intima dos nossos maiores. A riqueza da mobilia, já pelo preço da materia, já pelo primor e minuciosidade do trabalho, não tem sido igualada pela pompa deslumbrante da arte moderna. São por tanto, cubiçados por dois motivos; valor intrinseco, e amostra do gosto e habitos da sociedade antiga. Sobem muito de valia, ou não teem preço assignavel, alguns d'esses trastes que recordam memorias historicas.—N'este ultimo caso, reunindo em alto gráu todas as demais qualidades, está uma commoda ou papelleira que pertenceu a Maria de Medicis, e está figurada no desenho precedente. No anno proximo passado foi ella vendida em París juntamente com uma secretaria do rei popular Henrique IV, desafortunado esposo de Maria de Medicis. — São duas peças d'obra formosissimas no seu genero, construidas inteiramente de ébano com veios de filetes d'ouro; dois moveis de magnificencia verdadeiramente regia. Affirma Mr. Gozlan que ao mais habil artista dos nossos contemporaneos não bastariam dez annos de trabalho assiduo para concluir todos os marchetados e embutidos só da commoda, que é obra delicadissima e de perfeito lavor. Uma prancha inteiriça de ébano, com o mesmo ornato, cobre esta commoda que tem por timbre os escudos d'armas de França e Florença, rematados pela corôa da grã-duqueza; o que provavelmente indica haver sido esta peça algum presente do grão-duque, Francisco II a sua filha, a rainha Maria.

Uma singularidade preciosa dá incalculavel apreço historico á secretaria. O escudo de Henrique IV foi arrancado de uma das almofadas, e substituido temerariamente pelas armas de Concini. Parece que este movel fôra dado pela rainha, depois da morte de Henrique, ao marechal d'Ancre, pois que depois de assassinado tambem o marechal, o seu espolio foi engrossar, como é sabido, a casa de Luynes. Exactamente proximo á pequena villa de Luynes, na Touraine, foi descoberto este thesouro archeologico.

A commoda e a secretaria são por tanto dois moveis inestimaveis para os amadores dos tempos antigos; provavelmente n'elles se recostaram a infeliz Henriqueta d'Inglaterra, Luiz XIII, e Gastão d'Orléans. Além d'isto reputam-se dois prodigios artisticos do seculo decimo sexto, visto que serviram a Maria de Medicis e seu marido logo no começo do seculo XVII. Mr. Gozlan, queixando-se de que monumentos assim portateis e de tal preço historico não sejam adquiridos pelo estado para ornamentar o museu de uma grande nação, dá-os comtudo por muito bem empregados, visto que foram comprados por um litterato, o celebre romancista Mr. de Balzac.

No proximo numero daremos uma curiosa noticia de Maria de Medicis e das pessoas mais ligadas á sua historia.

A ROCHA DO DRAGÃO.

Lenda rhenana.

As SETE montanhas que na margem direita do Rheno levantam para as nuvens os magestosos cumes, e

o castello de Roldão, outr'ora magnifico e forte, campeando sobre uma eminencia, dão logo na vista do viajante, que visita o formoso valle do Rheno, ao subir por este rio. Alli cessa como por encanto a uniformidade das planicies; e qualquer, á vista d'este espectaculo prestigioso, conhece que com justiça foi chamado o Rheno o pai das lendas. — O viajante, que transportado pelas verdes aguas do rio, se adianta para o norte atravez d'este paraizo, divisa ao longe montes picturescos com as assomadas verdejantes coroadas de ruinas de castellos antigos; sente-se attrahido por uma irresistivel força para aquellas alturas; pelo menos apressa-se a ir ver o Drachenfels; é o nome que tem aquella aggregação collossal de rochedos na margem direita, que com suas cavernas escuras e a fronte guarnecida de ruinas se alteia á beira do rio. A pequena e aprazivel cidade de Kænigswinter encosta-se a parte septentrional d'este monte, o qual com o lado do sul abriga contra o vento do norte a bonita aldeia de Rhændorf; os pampanos viçosos e grupos de arvores, picturescamente espalhados, embellezam a raiz e a parte meridional da montanha.

N'uma das cavernas que d'esta parte se mostram ao espectador existia n'uma era remota um dragão monstruoso; os habitantes do cantão o reverenciavam como divindade, e tinham, em razão d'elle, chamado ás rochas que lhe serviam de acolheita *Drachenfels*, rochedo do dragão. As tribus d'este districto eram crueis e selvagens; combates e saques eram seu unico passatempo. A esperança de rico espolio os encaminhou certo dia para a margem esquerda do Rheno onde raptaram uma virgem christã. Dois caudilhos, dos mais poderosos d'aquellas hordas, sentiram-se abrazados do fogo de amor brutal á vista da casta donzella, e a quizeram para mulher, mas nem o arrebatado Harwisek, nem o astuto Rinbold conseguiram mover-lhe o coração. Tal resistencia redobrou a violencia dos desejos; e rebentou entre os dois rivaes ciume terrivel: resolveram levar pela força o que por instancias não tinham podido alcançar: por tanto a discordia sacudiu seus fachos em meio d'aquellas tribus barbaras que divididas em dois campos inimigos tractaram de decidir a contenda á mão armada. Então os anciãos surgiram e clamaram: — «Que opprobrio para a nossa gente, se os mais nobres fizerem correr sangue por causa de uma rapariga, que nem sequer tem a honra de pertencer-nos! Os numes sem duvida escolheram esta victima para lhes ser offerecida: obedecei á voz da divindade: immole-se a filha do estrangeiro, entregue-se ao dragão do Rheno.» — Os dois cabeças viram-se obrigados a ceder dos seus desejos pela vontade dos deuses, que os anciãos proclamavam.

No seguinte dia, ao romper d'alva, a virgem foi conduzida e agrilhoada a um penedo, por cima da gruta do dragão, para ser pasto do monstro. — A donzella, piamente resignada á vontade do Altissimo, com os olhos fitos no oriente, não exhalou um só queixume. o povo apinhado na chapada da montanha esperava impaciente a consumação do sacrificio. O dragão acordou aos primeiros raios do sol, desenrolou-se fóra da caverna em longas roscas e preparou-se para se apossar da preza. Parecia chegado o momento fatal; já o dragão de olho flammejante e fauces inflammadas ía arremetter á victima, quando esta, tirando do seio um crucifixo, o appresentou ao monstro. Á vista do signal da redempção, que faz tremer os proprios espiritos malignos, o dragão se enroscou n'um feixe e precipitou-se por uma abertura da rocha no fundo do rio, onde desappareceu para sempre.

A turba pagã ficou tomada de assombro e admiração na presença do milagroso successo; custava-lhe a crer no testimunho de seus olhos. Apenas aquelles tornavam a si do pasmo, quando viram no meio d'elles a donzella que Rinbold transportára nos braços robustos, tendo-lhe despedaçado as cadeias. Logo se fez ouvir a voz da innocencia e abrandou aquelles peitos endurecidos; a tribu se converteu, e Rinbold, feito christão, foi o ditoso consorte da virgem.

Erigiu-se para o novo casal, no cume de Drachenfels, uma habitação que recebeu o nome de Drachenburg (castello do dragão). As ruinas que actualmente se descobrem no cimo da montanha pertencem, na verdade, a epocha mais recente; porém o viajante não deixa por isso de trepar ao rochedo, convidado pela vista enlevadora que d'aquella altura se desfructa; no primeiro plano mostra-se o ameno paiz que se estende ao sul; mais além das ilhas de Graffen e Nonnen-Werth, nas quaes se descortinam atravez da ramada dos arvoredos e dos tapumes florentes, as branqueadas muralhas, resto de um convento de religiosas; finalmente, na margem esquerda apparecem as ruinas do antigo castello de Roldão. Era elle habitado, ha muitos e muitos annos, por um cavalleiro chamado Rolando ou Roldão que gosava da amizade de todo aquelle districto. Viam-n'o muitas vezes no castello de Drachenfels; de dia para dia mais se amiudavam as suas visitas; a amavel Hildegunda, unica filha do conde d'aquelle titulo, era o objecto que o attrahia áquelle velho domicilio. Em breve se entenderam os corações d'aquellas jovens pessoas; e com viva alegria o pai de Hildegunda ouviu Roldão dar-lhe parte de seu amor e do desejo de ligar-se á sorte d'esta menina. Ja estava aprazado o dia nupcial; eis que um amigo de Roldão implorou o seu auxilio no perigo instante em que se achava; o generoso cavalleiro não hesitou em obedecer á invocação do brio e da amizade. — Assomaram as lagrimas ás palpebras de Hildegunda, quando o seu querido se despediu promettendo voltar promptamente: não achava termos para explicar a amargura e terror occulto que lhe repassavam a alma: não poude ter-se que não caísse de joelhos, lastimando-se, e supplicando ao noivo que não partisse. Este a ergueu carinhosamente, sorriu-se de taes sustos, e deu o signal da saída. Hildegunda o chamou de novo para rogar-lhe com instancia que não arriscasse imprudentemente a vida nos combates, e que se poupasse pelo amor d'ella. — Roldão fez á sua adorada todos os promettimentos que lhe exigiu, e deixou-a com o coração não menos opprimido de carregados presentimentos. Era distante a arena das lides a que o chamava a honra: fez distincto o seu valor por brilhantes feitos d'armas, e parecia que o amor o protegia no meio dos maiores riscos. No entanto prolongaram-se as hostilidades; e não obstante o desejo intenso de tornar-se as margens do Rheno, permaneceu Roldão fiel á palavra que a seu amigo déra. — Porém, assim que se restabeleceu a paz, sem esperar agradecimentos do soccorrido, e nem se quer passar pelo seu proprio castello, tomou o caminho de Drachenfels. Chegou, finalmente, ao pé d'este, já alta noite: um rumor abafado, o tinir d'armas, vozes de combatentes, subitamente lhe entraram pelos ouvidos; aperta com o seu ginete; e o que elle logo suspeitára era verdade. Um dos cavalleiros malvados, que n'essa epocha aviltavam a cavallaria, atacara de improviso Drachenfels; ainda nos pateos andava renhida a peleja; mas tudo indicava o proximo triumpho do bandoleiro. Roldão, veloz como o relampago, lança-se no meio da refrega, nenhum dos inimigos poude resistir contra a sua valente espada. Em pouco tempo repellin os assaltantes para fóra da cerca exterior, e o seu exemplo reanimou nos homens d'armas do castello a coragem e vigor, que estavam quasi a

abandona-los. O brado de guerra de Roldão foi repetido pelos echos das montanhas e incutiu terror no peito dos inimigos. N'este momento se appresenta um cavalleiro entre os que ainda pelejam completamente envoltos nas trevas da noite; o recem-chegado derribado por um vigoroso talho d'espada, ia a caír por terra, quando um punhal lhe poz termo á vida. Os salteadores escaparam-se tumultuariamente, e os clamores da gente de Drachenfels retumbavam pelas fragas dos montes. Roldão perseguiu vivamente os fugitivos . . . mas que espectaculo o esperava á volta. Os homens d'armas de Drachenfels estavam abysmados em profundo e triste silencio e Hildegunda atroava os ares com gemidos que lhe arrancava a dor pela morte de seu pai, de quem abraçava o ensanguentado cadaver. Roldão, esquecido de todo o mais, precipitou-se para soccorre-la; mas ficou passado de mortal assombro, quando á luz das tochas reconheceu pela armadura no cavalleiro incognito que derrubára o pai da sua noiva. Por um engano fatal o matára no tumulto da refrega. — E sou eu o seu assassino! (bradou no auge da exasperação). Meu Deus, perdoai-me! E na tua presença, Hildegunda, achará o meu delicto perdão? . . .

— « Foste tu o assassino de meu pai! — E ao findar esta exclamação, Hildegunda desmaiou totalmente. — Não era porém chegado o momento de arrebatar a morte tão formosa preza. Hildegunda, restituida á vida tambem o foi á dor pela perda do que mais prezava no mundo: copiosos prantos lhe manaram dos olhos, temperando os primeiros transportes da sua desesperação; intensa pena, porém muda, lhe tomou as potencias d'alma, e a resolveu a abandonar o seculo e seus prazeres, e até a mão do seu futuro esposo. — Roldão, ao saber da sua propria bocca tão funesta deliberação, poz em practica todos os meios para dissuadi-la de seu proposito; mas suas diligencias e supplicas não impediram que Hildegunda fosse buscar á sombra do claustro de Nonnewerth o socego da alma e a consolação unica que podia achar na terra.

— Lembrar-me-hei de ti em minhas orações (lhe disse Hildegunda); esquecer-me-hei porém de que me estavas destinado; na cella pacifica que me aguarda encontrarei o que não póde o mundo dar-me; implorarei Deus que te perdoe o crime involuntario, como eu propria te perdôo. »

Viu então o misero cavalleiro desvanecer-se quanta felicidade lhe promettia o futuro; os muros do claustro e uma cella acanhada, encerravam quem podia realçar-lhe a vida; depoz armas, largou instrumentos de caça; luctuosa tristeza cobriu o seu castello, d'antes theatro de alegria e divertimentos. Desde que a aurora desdobrava no oriente seu veu perpurino até que o crespuculo indicava a volta da noite, o viam assentado n'uma sacada d'onde a vista profundava no socegado asylo que a piedade abríra, na ilha de Nonnewerth, ás contemplativas donzellas que renunciaram o seculo para consagrarem-se a Deus: um rapido sentimento de prazer lhe vislumbrava no semblante, quando alcançava entrever Hildegunda que apparecia entre as suas companheiras, como o lyrio descórado em meio das flores do jardim. — Assim decorreram mezes; e n'um dia o som funereo e compassado do sino do mosteiro veio bater em seus ouvidos; sombrio e occulto presentimento lhe revelou que aquella por amor de quem ainda tinha apêgo á existencia cessára de pertencer ao numero dos vivos. Novamente as lagrimas lhe humedeceram as palpebras, ha muito tempo enxutas pela amargura, quando viu depositar no seio da terra a que tanto amára. Desde esse momento, a sua vista constantemente se dirigia para o tumulo silencioso que a amizade das companheiras de Hildegunda cercára de ameno jardim, ornado das flores mais lindas. Finalmente, Deus teve compaixão do soffrimento do triste cavalleiro, e n'um dia o acharam inanimado, com o rosto voltado ainda para a parte d'aquelle tumulo.

Os castellos de Drachenfels e Rolandteck de ha muito que estão destruidos; só as ruinas attestam sua passada existencia. No cume de Rolandseck subsistem todavia os restos de um sobreareo da janella, todos forrados de heras, onde Rolando passou horas tão melancholicas, contemplando o tumulo da sua querida; porém a chronica e a poesia celebram sempre e transmittirão a remota posteridade os leaes amores de Rolando.

O DOBRAR DOS SINOS.

> Considérée comme harmonie, la cloche a indubitablement une beauté de la première sorte: celle que les artistes appellent *le grand*.
>
> CHATEAUBRIAND.

Pezado, lugubre sino,
Em vaivem, qual o da sorte,
Desprendes sons, que recordam
Lembranças tristes da morte.

Ha n'esse dobrar singello,
Mil torrentes d'harmonia:
Sublimes notas, que ferem,
Q'excitam melancholia.

Essa funebre toada
Vibra n'alma do christão,
Como, o raio, quando estala;
Como os gritos d'afflição.

O coração dos tyrannos
Vergas, como brando vime:
Ao peito d'esposa adultera
Pezar levas do seu crime.

Sóltas de mão homicida
Punhal, ébrio de vingança;
Á culpa dizes: — remorso!
Ao innocente; — esperança!

Passado e futuro a todos:
A todos a eternidade!
Tormentos, que não acabam;
Ou ethérea felicidade.

Quando, triste som começa
Brandamente compassado,
E veloz, segue troando;
É morto! É morto! É finado!

Como s'imitar quizesse
Lenta vida agonizante,
Q'em mortal, ultimo arranco
S'esvaíra delirante:

Se, mil corações diversos
O escutam: — n'esse momento,
Todos elles palpitaram,
Em accorde sentimento!

Som d'estranha melodia!
O teu pregão é fatal
Que são vaidades do mundo,
Quando vozêas: — mortal!

Mortal! — solemne epitaphio,
De nossa commum jazida:
Vigia, que nos despertas,
Do sonho falso da vida!

— Oh! n'esse dobre singello
Ha mixto de céu e inferno:
Um tal segredo, um mysterio...
Ha n'elle um poder ETERNO!

Em dia de Finados de 1846.

J. DA C. CASCAES.

O TIMBALEIRO.

O INSTRUMENTO conhecido na musica marcial pelo nome de *timbales* veio d'Allemanha.

Os primeiros que appareceram em França foi em 1457, no sequito da embaixada que Ladislau, rei de Hungria, mandou a Carlos VII pedindo-lhe a mão de sua filha Magdalena. Este ruidoso instrumento, que convém não confundir com o *cymbalum* ou atabales, os quaes são de remotissima antiguidade, é mui commum entre os orientaes e até entre os negros de Africa, posto que grosseiro como elles.

Carlos VII, grande amigo de festas e folguedos, a ponto de por amor d'elles desprezar os cuidados da realeza, devia vêr com muito gosto um instrumento novo, que, atroando os ouvidos, convidava ao mesmo tempo os olhos á contemplação da magnificencia de uma embaixada que havia de lisongear a sua vaidade. Quasi tudo o que é novo agrada, ainda que não seja senão como estimulo de curiosidade; felizmente a d'este rei levava-o a amar a verdade, talvez tambem como objecto curioso e raro de encontrar nos paços dos monarchas. «Onde está ella, exclamava algumas vezes, a pobresita deve de ter morrido, e morrido sem confissão.»

Caíndo alguns dos timbales allemães em poder dos soldados no fim do XVII seculo, então foi permittido pelo rei de França usarem d'esses instrumentos os corpos militares que os haviam tomado ao inimigo. De futuro foram concedidos ás companhias da guarda real e aos regimentos de cavallaria. Tambem para estes se adoptaram em Hespanha e Portugal.

Conta-se que certo maniaco pela musica instrumental queria cercear a paga de um pobre timbaleiro, porque o via estar parado em quanto os seus companheiros desengonçavam os braços. Custou muito a despersuadi-lo de que o timbaleiro não era mandrião, e merecia o salario do seu trabalho, que não consistia em tocar muito, mas em tocar a proposito.

Quantos homens que teem mando sobre outros adquirem, caíndo em taes parvoices, a fama de zelosos e activos. Mas deixemos ir o mundo: nada de moralisar sobre uns timbales, que são muito chocalheiros.

A estampa representa um timbaleiro fardado e montado á moda do seculo passado.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico.)

V

O castello de Sancta Olaia.

Em quanto Gomes Lourenço ao lado de Maria Paes, refreando o fogoso corsel, se distrahe das idéas tristes, chegaram a Sancta Olaia D. Martim, e pouco depois o monge de Cister. O castello tinha a voz de elrei, e o alcaide D. Nuno, amigo e parente do ricohomem de Lanhoso, recebendo-o, ouvia a historia do rapto commettido em Avellans pelo mais moço dos Viegas.

O castello de Sancta Olaia já então não era a sentinella de Coimbra, levantada no alto para annunciar as corridas dos arabes. Diante do braço victorioso de Affonso Henriques, os esquadrões do Islam recuando de Leiria até Santarem abrigaram-se, por fim, á sombra dos muros de Lisboa, aonde se pelejou a batalha em que perderam, com a sultana do Tejo, as ferteis varzeas da Estremadura.

Desde esse dia Coimbra despiu a couraça, e de guerreira tornou-se cortezã. Ja não carecia d'enganar o somno, recostada ao escudo; nem de afiar o ouvido, no silencio da noite, para da erguida atalaia tocar o rebate. Ao castello de Sancta Olaia, seu companheiro d'armas, foi igualmente livre, então, depôr a lança e respirar da lucta de meio seculo. Deixára de ser o gladiador prompto a aparar as primeiras frechas despedidas ao peito da rainha da Beira. As iras dos mouros, accesas no intento de, por cima do seu cadaver, baterem ás portas da Almedina, amortecidas com o tempo, e pelos acontecimentos da guerra, nem o podiam sequer ameaçar. Quebradas pelos revezes tinham-se trocado no desalento, que precede as derrotas.

O arabe, escravo do destino, curvando a fronte, submettia-se resignado. Depressa reconheceu que nunca mais, envolto no albornoz, dormirá á sombra dos pomares, acalentado pelo Mondego, que a briza empola. O sol do imperio de Tarik, apagando-se no oc-

caso, só um ou outro raio podia antes golphar mais puro; porque as trevas da agonia principiavam para elle. Descendo ao tumulo, ainda vivo, ouvia ranger a campa, em que a historia, gravando um nome illustre e uma grande lição, legava n'elles o exemplo e a herança do futuro.

Na terra consagrada, em que o rei soldado descançou de oitenta annos de fadigas, acabava de se erguer o reino portuguez. O leão do occidente, filho do oceano e da guerra, como Alexandre, estava fadado para devassar pela gloria á Europa os mares e as regiões além do mysterioso Indo. — A America, mundo balbuciante, e irmã mais nova do antigo, alli esperava desde seculos a hora em que o dedo de Deos, arrancando-a á solidão moral, a arremessasse ainda virgem pela estrada do progredir humano!

Os tempos, correndo sobre o castello de Sancta Olaia, crestaram as pedras. As raças conquistadoras, suicidando-se, estamparam-lhe na fronte, cadauma a sua pagina; mas o odio civil, mais feroz, não se pejou de destruir o que ellas poupavam. Muito antes do conde Henrique vinganças de familia poderosas deslocaram as quadrellas, e demoliram as torres, que nem o temporal dos annos, nem as devastações dos barbaros tinham prostrado! O incendio acabou o resto; e o monumento que assistíra de pé á marcha triumphal das cohortes romanas e das tribus do norte; que não vacillava ao embater dos cavalleiros d'Africa nas hostes godas, succumbiu em uma noite, victima d'obscuro encontro.

Aonde os rozaes em latadas enramavam viçosas ruas; heras, cardos, e arbustos sylvestres, eriçando-se, apregoaram a loucura das vaidades do homem. A assolação, assentada nos vergeis em que o mouro cantou o Eden, pelo silencio das ruinas ensinava, que prazeres e belleza o sol os abre, e a noite os leva.

Foi no remanso da paz, ou na pausa breve da tenda de guerra, que Affonso Henriques tornou a coroar d'ameias o arremessado monte, aonde o alcacer campeava. — No tempo em que passa esta historia, as cearas ondeando, os pomares recendendo, e as noras gemedoras mostravam que a vida de novo volvêra a visitar aquelles sitios. As casas, antes raras e aninhadas ao abrigo das torres, sem temor se penduravam pela encosta ingreme. Com a guerra fugiram os receios. As chammas ateadas pelas correrias nunca mais hão de morder, em espiras rôxas, a loura cabeça das paveias, nem enroscar-se pelas vigas de castanho dos tectos, em quanto ao perto e ao longe os anafis do arabe entoam, feros d'alegria, o hymno das ruinas.

Esses dias de lucto passaram, para não voltar... só se for na dextra, pezada de crimes, da lucta civil!

Entretanto, arrazando tudo, a raiva dos homens e a furia do incendio, tinham respeitado uma antiga torre, preta como a face do ethiope, scintillando pelos dois oculos rasgados na testa o luzeiro vivo que, na escuridão, fulgia como os olhos reluzentes de um demonio. Quem amassára o cimento que lhe unia as juncturas? Que segredo lançou n'esses cantos de rochedos desiguaes o architecto, para os não corroer o halito dos seculos? Aonde estava a sciencia capaz de soletrar n'aquella folha de pedra o pensamento da geração que escrevêra as primeiras linhas? — Em roda tudo caíra; porque mysterio só ella, salva da espada, dos seculos e do fogo, sobrevivia, elevando a negra fronte que topetava com as nuvens, de cima das quaes a aguia a contemplava, arfando as azas! Os andares achatados e massudos, subindo, estreitavam-se para rematarem no cirado, aonde se abria um circulo a bocca da escada interior. Por baixo do chão, nas entranhas da rocha, gyravam corredores e salas. Era lá que a superstição do povo collocava a scena das maravilhosas lendas da sua mythologia; porque, na realidade, sobre aquella torre, que o vulgo appellidava *maldicta*, nas horas de tempestade parecia alçar-se o spectro *gigante* do primeiro homicida. Os monges, por isso, ou por outra razão hoje desconhecida, deram-lhe o nome de *torre de Caim*.

O mais estremado cavalleiro, ao passar perto d'ella, no breve espaço que foge entre o ultimo raio de sol e o apertar das sombras, olhando as estrellas tremulas, invocava a Virgem, que ellas corôam de gloria immarcescivel. — De noite, fóra de horas, os agulheiros das abobadas subterraneas accendiam-se n'um clarão livido, transudando harmonias de harpas, melodias de canticos, pragas e rizos, como os que se ouvem á mesa de festim dissoluto. Quem víra, quem escutára? Ninguem! Mas dizia-se, era voz do povo.

Asseguravam mais, que em certos dias os senhores e seus convivas, ha tantos seculos enterrados, saíam da cova, e despindo os sudarios, por minutos atavam o fio da vida, espantando o inferno com as imagens d'antigos crimes.

No anno de 1211, e na tarde em que estamos, a torre de «Cain» foi comtudo visitada por hospedes, que nada tinham de sobrenatural — A grade de ferro da ermida, que não se abria ha quarenta annos, rangeu nos enferrujados gonzos; e a claridade baça do lampadario de bronze, estremecida bateu nos corpos d'armas, capellos e pendões, de feitio desusado, pendurados das columnas. Outra vez pés de homem e tinir d'esporas soaram nos degráus partidos da escada, enredados de hervas e musgos. Breves instantes, no terraço, bojando curvo de ruinas para o tecto da sala, se divisaram dois cavalleiros e um monge, que, depois de mirarem em volta, e sobre tudo para a parte de Coimbra, voltaram á igreja, continuando a conversação principiada lá em cima.

Ao entrar na ermida, esperava-os, entre portas, um homem de robusta estatura. Vestia loriga tecida de tiras de couro, e por cima saio branco e vermelho, côres do solar de Lanhoso. O casco de ferro liso carregava nas sobrancelhas hirsutas. As barbas e cabellos, de ruivo aguado, encrissados como a juba do leão, encrespavam-se asperos sobre o peito e pelos hombros. Os olhos, pequenos e sumidos, luziam com brilho esverdeado. Encostando-se deleixadamente ao cabo de um machado, que lampejava em veios azues-ferretes como as boas folhas de Damasco, ergueu a cabeça quando Martim Paes chegou, e bolin os beiços; porém a um aceno d'este, volveu á primeira postura e ficou immovel.

A escada por onde desceram, no patim da sala d'armas dividia-se em duas. Uma ía ter ao cirado; a outra á capella, construida de fórma que as palavras pronunciadas n'ella se escutavam distinctamente nos aposentos de cima. Na igreja, colgaduras escuras disfarçavam os rombos das paredes. No altar de marmore, á pressa ornado de frontal custoso, mas desmerecido, tinham levantado a cruz do descimento com a toalha sobraçada. O alampadario pendia sobre tres tumulos de lavor grosseiro. O monge ahi descobriu letreiros que lh'estremeceram o coração. «Ansur Lopes» em um. «D. Moço Ansures» defronte. E ao lado do altar, com o galgo aos pés, a figura de um guerreiro, o «conde Ordonho.»

Por entre montes de caliça, debalde andou procurando outra sepultura. Por fim, examinada melhor a de Moço Ansures, nas apagadas lettras rastreou o nome que buscava, nome querido de mulher — «Anzenda!»

Escaparam-lhe mal sentidas lagrimas sobre aquelles dois punhados de pó, que até a urna cineraria teve dó de separar. Os ramos de arvore oriental, des-

cabellando-se, debruçavam sobre metade da campa um docel de palmas vecejantes e estrellas gredelins. A verbena, os goivos, e os lyrios sylvestres, frescos da agua que estilavam as junctas rotas das abobadas, arqueando-se, envolviam em viçosa alcatifa a triste morada dos dois noivos. Recostada assim no berço dos amores, a morte nada tinha de pavorosa.

Em quanto o frade se inclina para a campa, em que pelos olhos da imaginação vê passar chorosas as sombras dos amantes, Martim Paes, chamando o homem d'armas, arredou-se com elle para um lado.

D. Nuno passeiava, reflectindo. Adiantado em annos, carregado de semblante, e sem calor nos olhos pardos, a sua vista fria e lenta gelava-se em fitando alguem. Respondendo aos pensamentos intimos, um sorrizo desmaiava nos cantos da bocca, motejador ou feroz, segundo era d'escarneo ou de crueldade a idéa que o suscitava.

— «Telo Ervigiz, dizia Martim Paes, aonde foste nado e manteúdo?»

— «No solar de Lanhoso» respondeu o homem d'armas com singelleza rude.

— «Sabes o que me deves?»

— «O corpo pelo sustento, a alma pelo baptismo, e o sangue, que, sem vós, teria escorrido das varas do carrasco.»

— «Pediste-me abrigo e protecção. Neguei-t'a alguma vez?»

— «Nunca.»

— «Nasceste servo. Quem te fez livre?»

— «Vós.»

— «Quem te deu a mulher que amaste, a casa em que vives, a terra que lavras, e o berço de teus filhos?»

— «Vós.»

— «Telo Ervigiz, o solar de Lanhoso foi deshonrado!»

Todas as perguntas até estas ultimas phrases tinham sido feitas no mesmo tom rapido e natural; mas ao proferir a palavra *deshonra*, a voz do cavalleiro tornou-se vibrante e aguda. Ouvindo-a, o solarengo pulou para traz, como mordido de vibora, e por impeto instinctivo floreou a hacha, exclamando rouco:

— «Deshonrado!?»

— «Deshonrado para sempre. Hoje val mais o teu nome que o do senhor dos paços em que te creastes.»

O rosto de Telo Ervigiz, ora branco ora afogueado, retratava a dôr e a sede de vingança. O assombro pintava-se nos beiços entr'abertos e nos olhos dilatados; a cholera nas pupillas encandeadas como as do tigre, e nas alvas amarelladas, que o furor injectava de veios sanguineos.

— «Infame... o solar de Lanhoso!...»

Eram duas palavras, que em toda a vida não saberia ajunctar nunca.

— «A filha de meu pai, continuou D. Martim, a filha de teu amo, ficará viuva sem ter marido... entendes? É o appellido da nossa casa escripto com o lodo das prostitutas!... Quem sabe? Amanhã, ao tecto em que moras chegará o homem de Riba-Douro, e, arrancando o filho do peito á mãi, com ella nos braços rir-se-ha de ti, como riem de mim, os covardes!...»

O solarengo não respondeu. Mas os cabellos e as barbas pareciam espinhos, e os dentes, alvos e agudos, rangeram uns nos outros. Com um revez da hacha lasceou a aresta da campa visinha.

— «Fiz-te livre como o ar, Telo Ervigiz; e nas tuas mãos ponho a honra de Lanhoso. Vinga-a. Queres apagar a affronta da face de teu amo?»

Telo Ervigiz, sem o entender bem, largando a hacha ajoelhou-se.

— «A mim essa pergunta?!» disse elle chorando.

— «Então, interrompeu Martim Paes, erguendo-o, farás o que mandar?»

— «Tudo.»

— «O homem que nos deshonrou chama-se Gomes Lourenço.»

— «Onde está?» gritou o solarengo dando um passo.

— «Aqui perto. Vem caminho do castello. Quero que morra da tua mão como traidor.»

— «Apesar de velho, não erra setta do meu arco, e golpe do meu braço entra até os ossos...»

O senhor de Lanhoso despregou, ao ouvi-lo, um sorrizo de mofa e crueza.

— «Não me entendes. Essa morte não a sentia elle! Ha de vêr cavar a cova, coser a mortalha, e afiar o cutello... Morrerá justiçado por ti.»

— «Por mim!?...»

E ao proferir estas palavras recuava de horror uns poucos de passos. A falsa e grosseira idéa dos deveres do homem d'armas, tirava-lhe o escrupulo de matar com a apparencia de combate; porém só ao nome de algoz, a vergonha e a ancia cortavam-lhe a alma.

— «Telo Ervigiz, bradou D. Martim, levei dez annos a fazer um ingrato? — e, vendo-o immovel, uniu as mãos, exclamando: — Meu Deus, ainda me faltava este!»

O homem d'armas, com a cabeça descaída e os braços hirtos, continuava sem dizer palavra.

— «Se não ha outro, murmurou emfim, seja; mas os meus filhos hão de chama-los filhos do carrasco.»

— «Ninguem o sabe» acudiu o cavalleiro.

— «E Deus?» interrogou uma voz atraz d'elle. Olharam; era o monge de Cister.

— «Deves a Martim Paes, disse o frade virando-se para Telo, o corpo e a liberdade. Que te lance ferros e te mate, se quizer; mas que não tente perder-te a alma. Pelo sangue de Christo, não vendas o que é do céu!»

— «Sancta Virgem!» soluçou o solarengo.

— «Não, homem temente a Deus, vende antes a teu amo, acudiu D. Martim com amargura. Castiga-o da loucura de acreditar que podia haver lealdade no peito d'um villão.»

Era tão pungente o ar com que disse isto, que vinte punhaladas doiam menos. Telo Ervigiz não resistiu mais; e, abaixando a cabeça, murmurou tristemente:

— «Serei verdugo... tudo o que quizerem. Mas depois...»

— «Espera pelo inferno!» bradou o frade, ameaçando-o. *(Continúa.)*

Os colochos.

Nas costas do noroeste da America, entre os 40 e 60 graus de latitude, e nas fronteiras das colonias russas, vive um povo desconhecido até uma epocha recente. Chamam-lhe o povo dos colochos.

Os colochos são de estatura mediana, espertos e destros; teem cabellos compridos e negros, e a pelle parda escura, pintam todavia o rosto com differentes cores, e applicam um pelo branco sobre os seus asperos cabellos. As mulheres, na meninice rasgam o beiço debaixo, que estendem por meio de um pedaço de madeira até descer abaixo da barba; dos homens os *paions* ou anciãos são os unicos que seguem esta moda. Avaliam a belleza pelo maior ou menor comprimento do labio inferior. O seu vestuario consiste n'uma manta branca, feita de lã de carneiro, e n'uma pelle ou n'um grande panno quadrado que lançam sobre os hombros.

Os colochos não gostam da guerra declarada; comtudo mostram muito valor quando são salteados. Dão torturas e morte cruel aos prisioneiros, principalmente sendo europeus, que muitas vezes sobrecarregam de trabalhos penozos a que as victimas succumbem. Algumas vezes vem os navios dos Estados-Unidos permutar n'estas costas, por pelles de lontras pequenas peças de artilheria, espingardas e punhaes, que os colochos preferem ás lanças e flechas de que usavam antigamente. Costumam por um modo systematico fazer o corpo insensivel ao frio e á dor. Os rapazes abrem toda a cana do braço com uma concha aguçada, e gabam-se d'este acto de heroismo, sem soltarem um gemido. Andam descalços, mesmo quando o frio é de vinte graus; saem d'um banho quente e mettem-se no mar, onde ficam parados cousa de meia hora. Depois d'este refresco alguns colochos querem ser açoutados até deitarem sangue, e assim adquirem o direito de escolher mulher entre as beldades colochas, sem que de nenhuma d'ellas possam soffrer repulsa.

Os habitantes não creem n'um ente supremo. Vêem no homem um semi-deus, e no corvo o dispensador da vida. Vamos dar um extracto á sua mythologia.

O primeiro habitante do nosso mundo chamava-se Kitch-Usin-Si; matou os filhos de sua irmã para que o genero humano não multiplicasse. Comtudo ainda na terra existiam outros homens independentes do seu poder: intentou destrui-los com uma grande inundação, porém alguns d'elles salvaram-se nas suas barcas, retiraram-se para as altas montanhas onde a agua não podia chegar, e amarraram os seus bateis, que ainda lá estão. A irmã, com medo dos tormentos eternos, se apartou do irmão e fugiu para a beira-mar onde construiu uma cabana. Viu brinear as baleias nas ondas douradas pelos raios do sol, chamou-as, e determinou-lhes que lhe trouxessem alimentos para não morrer á fome. As baleias não lhe deram resposta e desappareceram; mas de noite veio um homem de agigantada estatura, e a interrogou ácerca do seu infortunio. Contou-lhe a mulher que seu irmão lhe matára os filhos, que o medo a obrigára a fugir, e que viera ter a esta paragem onde padecia fome. Então o homem mandou a um escravo que o acompanhava que fosse buscar um seixinho redondo a um banco de areia que estava no meio do mar; deitou o seixo no lume, e quando o viu em braza disse á mulher que o comesse e retirou-se proferindo estas palavras: «Tu darás á luz um filho que ninguem poderá matar.»

Ella teve um filho, ao qual chamou El-rich, e que todos os dias banhava no mar. Cresceu o filho e a mãi fez e entregou-lhe um arco e flechas com que El-rich matou muitos pica-flores, de cujas pennas ella fez vestidos. Elri-ch, tendo morto um dia uma ave branca muito grande, tirou-lhe a pelle e vestiu-a, e percebendo que o passaro se servia das azas para voar, disse comsigo: «Quem me dera voar como um passaro!» Voou apenas soltára estas palavras, mas como ainda não sabia fazer bom uso das azas, vagava no ar como tonto, e exclamou dando um suspiro; «Ah! quem me dera tornar para o pé de minha mãi!» No mesmo instante se achou ao lado d'ella na sua cabana.

Certo dia narrou a mulher a seu filho a maneira com que Kitch-Usin-Si a tractára, e porque motivo vivia n'este ermo; a narração enfureceu o mancebo; assegurou á mãi que havia de vinga-la e punir o thio. Mas a mãi não queria consentir em tal, temendo que não saisse vivo da empreza; todavia cedeu por fim ás suas supplicas, e elle partiu, e chegando á morada de seu thio soube pelos escravos d'este que estava ausente. Viu o mancebo uma grande area e perguntando o que continha, responderam-lhe que o thio, cioso, n'elle encerrava a sua formosa e joven consorte todas as vezes que saía de casa. Entretanto expulsou El-rich os escravos, abriu a prisão, tirou para fóra a rapariga, e com ella viveu vida alegre e deleitavel. Dias depois, estando os escravos na praia, como enxergassem a barca de seu senhor, apoderaram-se de subito da mulher e a fecharam no caixão. El-rich metteu-se na pelle do passaro e trepou para o telhado da casa.

Informado Kitch-Usin-Si pela bocca dos escravos do que acontecêra na sua ausencia, irou-se ao ultimo ponto, reuniu todos os seus servos em torno de si, e conjurou a agua para que afogasse toda a gente, excepto elle e os seus; mas seu sobrinho entrou a rir, desceu do telhado, fechou a porta da casa e com palavras magicas obrigou a agua a voltar para o seu leito; depois d'isto voou. Com tudo, de cançado, caiu em cima d'uma pedra agudissima, que o feriu gravemente, e d'aqui provieram todas as enfermidades que affligem a raça humana. O pobre mancebo jazeu muitos dias no mesmo logar sem se poder mexer, porém uma manhã, estando a dormir, ouviu uma voz que lhe dizia: «Vem, que te chamam.» Como não via ninguem, cuidou ser sonho, mas a voz soou de novo. Então ergueu-se e foi ter á praia onde viu lontras marinhas, e perguntando-lhes se o tinham chamado uma d'ellas lhe respondeu: Monta no meu dorso para que eu te transporte ao logar onde desejam ver-te. «Tenho medo de me afogar», lhe tornou o mancebo. «Vem, e nada temas,» disse a lontra. Sentou-se pois no lombo do animal, fechou os olhos e viajou assim por muito tempo; quando os abriu achava-se ao pé d'uma costa coberta de gente; a lontra lhe disse então: «Agora vai para a praia e lá acharás tua mãi e teu thio.» Encontrou-os com effeito, e todo o povo o recebeu com grande contentamento. Foram para a mesa: os convidados eram muitos; mas El-rich não podia comer. Outro tanto não acontecia a um dos commensaes, que tinha duas barrigas e comia por dois. Este homem contou a El-rich a historia seguinte: Tinha um dia encontrado, lhe disse elle, um corvo, o qual lhe mandou cortar a pelle que lhe forrava os pés pela parte debaixo; feito o que, saiu grande quantidade d'agua dos pés do corvo, e ficou este, depois da cura, com o poder de crear todos os animaes. Referiu o homem que n'esse tempo tinha perdido a vontade de comer, e que pediu ao corvo lha restituisse. O passaro lhe disse que comesse a parte dos seus pés que acabava de cortar; obedeceu o homem e d'ahi a nada tinha duas barrigas e dobrado appetite. El-rich, depois que ouviu esta narração, alcançou tomar conhecimento com este volatil potente, que se fez seu amigo, restituiu-lhe a vontade de comer e obteve do mancebo o direito de se chamar pai dos colochos. Entre as differentes tribus dos colochos ainda ha uma chamada a tribu do Corvo, que reputa El-rich seu fundador, e as outras tribus menos nobres do que ella.

Os colochos em geral, crêem nos espiritos malignos, que atormentam os homens com molestias. Os taes espiritos estão dentro d'agua e communicam as molestias aos homens por via dos peixes. Contava um *chaman* ou sacerdote, que os arenques tinham pedido aos espiritos lhes entregassem Kabatchakoff, empregado da companhia russiana que perseguia os arenques sem lhes dar folga; a petição foi deferida: Kabatchakoff afogou-se indo a pesca.

Quando morre algum colocho queimam-lhe o corpo, e erigem, aos que são ricos monumentos de pedras amontoadas. Este povo crê firmemente na immortalidade da alma, mas não da nenhum credito aos premios e castigos d'uma vida futura. As almas são

no outro mundo o que eram n'este: o senhor fica sendo senhor, o escravo fica sendo escravo. Depositam o corpo n'um caixão e levam-n'o para a fogueira entre prantos e gritos dos parentes e amigos. O uso de queimar escravos com o seu senhor cessou desde que houve tracto os entre colochos e os europeus.

Em signal de lucto, usam os parentes do defuncto de cabellos curtos, e pintam as caras com certa côr negra luzidia, por espaço d'um anno completo.

As molestias mais communs entre esta gente tão robusta são as de olhos, de cabeça, e de estomago. As molestias de olhos e de cabeça provém sem duvida do fumo de que estão cheias as suas choças; as molestias de estomago originam-se das comidas pesadas e indigestas. Accomettem-n'os ás vezes febres ardentes que por falta de soccorros apropriados, de ordinario vem a ser mortaes. As bexigas fizeram taes estragos em 1770, que não ficaram mais de uma, ou duas pessoas das familias que habitam o districto limitado ao sul por Stachin e ao norte por Sitcha. N'esta epocha andavam a guerrear-se muitas tribus, e se deram pressa em fazer pazes, persuadidos de que o corvo lhes mandára este flagelo para castigo das suas dissensões. Os *chamões*, seus sacerdotes não se dão á medicina como fazem os de outras povoações semelhantes a estas; mulheres velhas é que curam os colochos doentes, com remedios extrahidos de differentes raizes ou plantas; comtudo, consultam os chamões para saberem se o infermo morre ou não morre.

(Continúa.)

Essencia de rosas.

A preciosa essencia de rosas *(atta goul)*, tão celebre em todos os paizes do mundo civilisado, é feita de flores de que ha grande copia nos arrebaldes de Ghazipour, cidade da provincia de Bengala. Já o leitor estará imaginando um paraiso encantado e recendente, taboleiros de jardim matizados de todas as cores, latadas em que as roseiras, enlaçando-se, casam as desabrochadas flores que respiram aromas com o delicado botão purpureo, enlevo dos olhos. Ficção! Imagem sem realidade! A cultura das rosas em Ghazipour é um negocio como outro qualquer, uma especulação commercial. Os vastos campos todos cobertos das flores mimosas dos nossos jardins não offerecem á vista mais do que um quadro vulgar e sem poesia.

A rosa da India, posto que o seu nome indique que é diversa da da Europa, póde competir na suavidade do seu aroma com as dos nossos climas. Não lhe falta a formosura; mas qual é a rosa que não a tem! Excepto em Agra, não cresce tanto como na Inglaterra, e dá muito menos variedades. Os cultivadores indios contentam-se com as producções espontaneas da natureza; não se cançam em as melhorar com a arte para o deleite ou para o lucro. Na rosa não veem senão um genero de grande valor, e parece-lhes desacerto o cultiva-la só para recreio dos sentidos; e para a extracção da essencia acham que bastam as rosas que assim medram sem nenhum desvelo.

Eis aqui porque no Oriente a mão de habil jardineiro não dispoem as roseiras para que trepem e cubram caramanchões, e teçam latadas, e se aggreguem em espessuras. Os rosaes de Ghazipour não passam de um pouco de matto rasteiro por entre o qual brilham raras flores apoucadas, que mostram doer-se da fouce desapiedada; as rosas que vão abrindo são cuidadosamente colhidas todas as manhãs.

As roseiras são plantadas com regularidade, em alinhamento, e occupam muitos centenares de geiras de terreno á roda da cidade. Quando as rosas purpureas desabotoam ao sol nascente e esmaltam o verde tapiz da campina, apresentam um aspecto que muito agrada. Se algum dia, porém, os mogões voluptuosos celebravam n'estes sitios a famosa *festa das rosas*, nem tradicção nem vestigios restam de tão grata ceremonia. Quando chega a estação da colheita não vão os bandos de rapazes e raparigas encher alegres os cestos de vime com os ricos productos da ceifa: nem enlaçam ramilhetes nas tranças dos cabellos, nem cingem as frontes de coroas fragrantes. A colheita faz-se debaixo de regra por mãos de pobres jornaleiros que trabalham com a idea fixa no tenue salario, e em nada mais cogitam.

A distillação das rosas *(goulaabie pannic)* é a primeira operação que se faz para fabricar a essencia. A que se extrahe é recolhida em grandes vasos, que ficam de noite expostos ao ar livre. De tempos a tempos escumam estas jarras, e o oleo essencial que sobrenada tira-se, e constitue a essencia concentrada, cujo aroma os amadores reputam por um preço tão subido. São precisas duzentas mil flores para produzirem o peso d'uma rupia de essencia a que os da terra chamam *atto*. Esta quantidade, quando é pura e sem mixtura de oleo de sandalo, vende-se alli mesmo por cem rupias (equivalerão a 40$000 réis): preço exorbitante, e que assim mesmo dizem que deixa pouco lucro.

A agua de rosas privada do seu oleo essencial passa por inferior á que o conserva e vende-se em Ghazipour por um preço tambem mais baixo. Asseguram comtudo muitas pessoas que a differença mal se conhece.

O uso da agua de rosas na economia domestica é geral entre os indios. Empregam-n'a nas abluções, na medicina e nas cosinhas. Antes de abolido o uso dos presentes *(nuzzurs)* figurava entre as cousas que offereciam as pessoas de poucos teres. Costumam deita-la em cima das mãos quando se acaba de jantar, e na grande festa chamada *houlie*, alagam com ella os hospedes. Os europeus atacados do prurido ardente sentem grande allivio usando d'esta agua; os naturaes da terra bebem-n'a como remedio para todas as molestias, e efficacissimo para as lesões internas. N'uma palavra a agua de Colonia não é mais popular na França do que é na India a *goulaabie paanic*.

A gratificação.

Nem sempre as feridas são documentos irrefragaveis de valor. A seguinte anedocta bem o prova, ao mesmo tempo que serve para confirmar o nosso rifão: os homens não se medem aos palmos.

Poucos dias depois da famosa batalha de Wagram, querendo Napoleão dar ao exercito um novo testimunho da sua satisfação promulgou um decreto em virtude do qual concedia mil e duzentos francos de gratificação ao soldado mais valente de cada regimento. Um coronel appresentou o candidato do corpo do seu commando de tão mesquinha e enfezada apparencia, que em nada mostrava dever aspirar áquella graça. Napoleão disse-lhe. — Pois na verdade es tu o mais valente do teu regimento? — Senhor, pelo menos assim o dizem. — Onde foste ferido. — Em parte nenhuma senhor. — Que dizes! Não foste ferido e pretendes ter direito á gratificação que concedo a teus camaradas que já derramaram sangue pela patria? — Ahi está! (acudiu o soldado sem perturbar-se) por que não me póde succeder o mesmo que a vossa magestade? a honra de ser ferido? E comtudo não deixa por isso de ser muito e muito valente?

Gostou o imperador do desembaraço do soldado, e mandou-lhe pagar em ouro a gratificação promettida.

MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA NO CAIRO.

Quando a expedição de Buonaparte occupou o Egypto, o edificio, cuja frente interior se representa na gravura, serviu de quartel general aos francezes, depois da tomada do Cairo: intitulava-se então o palacio de Elfy-Bey. Á direita no jardim, proximo da ultima janella d'esta casa, havia n'essa epocha um cumprido cirado, coberto de parreiras, que communicava do alojamento do chefe do estado maior para o quartel general. Foi n'esse terrado, no sitio que acabamos de indicar, que foi assassinado o valente general Kleber, aos 14 de junho de 1800. Este delicto teve a seguinte origem.

Soleymão-el-Kaleby, de idade de vinte e cinco annos, natural de Alepo e filho de um mercador de manteigas, tinha visitado a Meca e Medina, as cidades sanctas para a sua crença; tinha estudado no Cairo na mesquita El-Aghar, e queria ser admittido ao numero dos *doutores da lei*. O seu rancor contra *os infieis* se exaltára recentemente á vista dos fragmentos do exercito do grão-visir Jussuf, desbaratado em Heliopolis, que atravessaram a Palestina na occasião em que Soleymão alli estava. O agá dos janisaros o incitou ainda mais, e persuadiu-o a intentar o *combate sagrado*, que consiste em matar *um infiel*. O mancebo fanatico pensou naturalmente no Egypto, então occupado pelos francezes, e no general Buonaparte, «o sultão de fogo» como lhe chamavam os arabes.

Quando o agá o viu bem firme na sua resolução, mandou-lhe dar um dromedario e uma pequena quantia de dinheiro para a viagem. Soleymão partiu para Gaza, onde comprou o seu kandjar ou punhal, atravessou o deserto e chegou ao Cairo. Reflectindo-se na data da sua jornada e que elle devia ignorar o regresso precipitado de Buonaparte para a Europa, está claro que a sua intenção não era matar ao acaso o primeiro *sultão dos infieis* que topasse, e que, se desfechou o golpe sobre Kleber, foi na falta de Buonaparte.

No Cairo, Soleymão encerrou-se por muitos dias na mesquita do Sultão Hassan, e até ahi passou em rezas a noite da vespera do seu attentado. Tinha descoberto o seu designio aos quatro ulemas da mesquita; estes o dissuadiram, mas não avisaram os generaes francezes: tres foram prezos, e o quarto fugiu. O processo foi rapidamente concluido; e a 17 de junho os funeraes do desventurado Kleber foram seguidos de quatro supplicios.

Os restos mortaes do general, conduzidos a Marselha depois da evacuação do Egypto, conservavam-se no castello de l'If, quando em 1818 Luiz XVIII os mandou transportar e encerrar n'um monumento erigido em memoria de Kleber na sua cidade natal, Strasburgo.

Depois das importantes reformas do actual pachá do Egypto, o palacio de Elfy-bey foi destinado ás repartições do ministerio da instrucção publica.

—

Maria de Medicis e seus validos.

Maria de Medicis, que foi successivamente rainha e regente de França, era filha de Francisco II de Me-

dicis, grão-duque da Toscana, e de Joanna, archiduqueza d'Austria, rainha de Hungria e de Bohemia. Logo que Henrique IV obteve do papa dissolver o matrimonio com Margarida de Valois, mandou por seus embaixadores pedir a mão de Maria de Medicis. Esta união foi felizmente concluida e pomposamente celebrada. Fernando, irmão e successor de Francisco II, recebeu a procuração do rei pelo duque de Belle-Garde, estribeiro-mór da casa de França, e celebrou os esponsaes com sua sobrinha em nome de Henrique IV, aos 5 de outubro de 1600. A ceremonia foi presidida pelo cardeal Aldrobrandini, sobrinho do papa Clemente VIII. A narração das festas que se lhe seguiram justifica a magnificencia attribuida aos duques de Toscana: só a representação de uma comedia custou mais de sessenta mil escudos.

Quando a rainha chegou a Lyão, o rei que estava occupado na sua lide com o duque de Saboya, veio encontra-la a esta cidade; e no mesmo dia da chegada se concluiu o casamento. A cidade festejou-a com o fausto de uma recepção magnifica.

É notorio que a 15 de maio de 1610 o punhal de Ravaillac fez viuva Maria de Medicis. Na vespera d'esse dia fatal Henrique IV, antes de a deixar para a consummação de um grande projecto, tinha-a declarado regente de França e como tal a fizera coroar solemnemente.

Foi confirmada a regencia de Maria de Medicis durante a menoridade de Luiz XIII, seu filho; e foi então que começaram as desgraças pelo valimento e privança de Concino Concini, e de Eleonor Galigai, sua mulher. Estas duas pessoas são os exemplos mais assombrosos do capricho da sorte e da ingratidão das côrtes.

Concini, oriundo da classe infima da sociedade, natural do condado de Penna em Toscana, tinha acompanhado Maria de Medicis á França na condição de lacaio. Leonor Dori, appellidada Galigai, sua mulher, não se lhe avantajava pelo que respeita ao nascimento e bens da fortuna. Filha de um pobre marceneiro de Florença occupava mui humilde emprego na casa domestica da rainha: porém o que sobretudo se conta como extraordinario é ser ella mulher mui feia e maltractada no quinhão dos dotes naturaes. Pois apesar de todas estas desvantagens, Leonor era a poderosa valida de Maria de Medicis, e elevou seu marido á jerarchia de marquez d'Ancre, governador de Amiens e da Normandia, marechal de França, e quasi primeiro ministro. De facto, Concini governou, sob o nome da regente, nos primeiros annos de Luiz XIII. — «Como adquiristes tanto imperio sobre vossa ama? (perguntavam um dia á marechala d'Ancre) Que philtro, que sortilegio empregastes?» — «Nenhum (respondeu ella) mais que o ascendente das almas fortes sobre as almas fracas» — A phrase era profundamente exacta. Leonor possuia em grau sublime a firmeza de vontade e a energia d'espirito. Maria de Medicis não tinha senão paixões e teimas. Esta ultima qualidade mostrou-a defendendo os seus dois validos até á ultima extremidade. D'ahi provieram as maliciosas prevenções das memorias contemporaneas que attribuiram ao marechal d'Ancre um titulo mais intimo que o de amigo. Á parte esta asserção, que nunca foi provada, o caso é que Concini se apossou do governo de fórma que constrangeu os ministros a receberem d'elle instrucções. Sully foi o unico que lhe resistiu, resgatando as finanças da inspecção d'elle: todavia, Concini, ou para melhor dizer sua mulher dilapidou o thesouro do estado pelas proprias mãos da regente. Leonor vendeu as graças e os privilegios, traficou com a sua influencia por todos os modos imaginaveis, e accumulou uma riqueza immensa; além dos rendimentos dos empregos que lhe foram dados e a seu marido, que montavam a um milhão de libras francezas, cada um d'elles tinha igual quantia nos seus cofres, muitos milhões na Italia, e dois milhões em moveis e joias, sem contar o que tinham extorquido ao povo.

Um privado de Luiz XIII derribou os validos de sua mãi, Maria de Medicis: foi Alberto Luynes, homem *filho das hervas* como seu rival; habil como elles em captar a confiança de seus amos. Luynes alcançou a do joven monarcha nos divertimentos do exercicio da caça, e de administrador da falcoaria de sua magestade passou a seu ministro intimo e instrumento perfido. Ameaçado quanto ao seu poderio sem limites, Concini atreveu-se ao delirio que mais tarde se attribuiu a Fouquet; fortificou as suas praças e castellos, subornou as tropas, e organisou uma guarda tão numerosa e mais respeitavel que a de Luiz XIII. Foi então que o rei o abandonou a Luynes, e este a Vitry, capitão das guardas reaes.

N'uma segunda feira, 24 de abril de 1617, indo o marechal d'Ancre a entrar no Louvre para o conselho, Vitry se lhe approxima e pede-lhe a espada. Concini fez um movimento, ou para resistir ou para entregar-se; no mesmo instante recebeu tres tiros de pistola na cabeça e peito; e cáe redondamente morto sem proferir palavra. Viu-se então o que é a lealdade dos cortezãos!.. Luiz XIII appareceu na varanda do palacio para approvar com a sua presença o assassinio do marechal; todos os amigos d'este se afastaram do cadaver, e foram tomar logar á roda de Alberto de Luynes, novo sol que despontava!.. Qual d'elles a quem mais praguejaria Concini, e mais depressa correria a prender-lhe a mulher, e a deter a regente no seu aposento.

O povo, prompto sempre a insultar os seus proprios idolos, excedeu em vilezas os cortezãos. Tinham primeiro deitado o corpo do marechal d'Ancre nas latrinas; depois foi enterrado, de noite e secretamente, em S.t Germain-l'Auxerrois. Um de seus amigos da vespera descobriu-lhe a sepultura e denunciou-a á gentalha amotinada. Então todos esses homens que havia pouco beijavam os pés do valido, caem de chofre como vampiros sobre a sua jazida, arrancam d'alli o ensanguentado cadaver, arrastam-no pelas ruas e praças publicas; aqui o enforcam, mais adiante o esquartejam, e por fim o dilaceram completamente. Os horriveis pedaços foram postos em leilão, e tiveram muitos compradores: e o mesquinho Luiz XIII vendo todas estas infamias persuadiu-se que fizera bem mandando matar um homem tão detestado de toda a gente.

A queda e o desterro de Maria de Medicis seguiram-se immediatamente á morte de Concini. Ao saber tal noticia, o assombro da regente só podia equiparar-se á sua dor. Chorou muito e amargamente, pondo a si a culpa de se deixar ludibriar por dois rapazes, Luiz XIII e Alberto Luynes. Depois, lisongeando-se de ainda dominar o primeiro, resolveu appellar para o amor filial: mas era appellar para o nada, porque similhante amor não existia no coração de Luiz XIII. Ordenando o desterro de sua mãi, recusou-lhe o adeus da despedida! Só a muito custo obteve sauda-lo em meio dos inimigos que a expulsavam. No acto da partida, o rei foi a camara da regente: tudo o que deviam dizer de parte a parte estava antecipadamente regulado, até as mais insignificantes palavras e os minimos gestos. Maria de Medicis, depois de balbuciar por entre soluços algumas queixas, quiz pedir por Leonor, presa depois da morte de seu marido; o rei olhou para ella de um modo irresoluto, e retirou-se sem lhe dar resposta. A rai-

nha deu um passo para reter Luynes que saía com seu amo: mas o rei chamou tres vezes e tão imperiosamente o seu valído, que este voltou as costas á rainha, a qual, suffocada pela cholera e choro, entrou precipitadamente para o coche, e cobrindo a cabeça com o manto partiu para o exilio que devia abbreviar-lhe a velhice... Luiz acompanhou-a com os olhos, possuido da alegria de estudante que se vê livre do pedagogo, e apoiando-se no braço de Luynes passou o dia todo em divertimentos!

D'ahi a poucos dias a marechala d'Ancre foi condemnada á morte, degollada e queimada na praça de Gréve. Diremos pelo alto que os bens que lhe foram confiscados passaram para o duque de Luynes!.., e entre a rica mobilia a famosa commoda, que no precedente numero appresentámos desenhada.

Odio velho não cança.

(Romance Historico.)

(Continuação do Cap. V.)

Sem lhe responder, D. Martim puxou de lado Telo Ervigiz, e fallou-lhe quasi ao ouvido por algum tempo. Insensivelmente foi levantando a voz, de fórma que perguntas e respostas ouviam-n'as D. Nuno e Fr. Munio no logar aonde estavam.

— «Na ermida?» interrogava Telo.

— «Sim. Alli:» respondia o cavalleiro, apontando um espaço entre os tres tumulos.

— «E a tumba?»

— «Ao pé.»

— «O cepo?»

— «Do outro lado.»

— «E na casa de cima?»

— «Nada. É para *ella*.»

— «O signal?»

— «Tres repiques de sineta.»

— «Deus me perdoe!... Depois?»

— «Na barbacan os cavallos enfreados; e de pé no estribo os homens d'armas.»

— «Ficae descançado.»

E Telo Ervigiz saíu com os olhos arrazados d'agua, a fronte curva, e os braços encruzados no peito. D. Martim seguiu-o com a vista até elle transpor a porta; e, encostando-se á espada, ficou silencioso e pensativo alguns momentos.

— «Até este homem tão leal!... Que me importam os remorsos de um villão? Não me queima a vergonha nas faces, e o odio no coração?... E depois?...»

Como algumas vezes acontece aos que scismam, esqueceu-se de si e do que o rodeava, pronunciando em voz alta as ultimas palavras. Levando, por acaso, então, a vista, achou, cravados em si, os olhos escrutadores do monge de Cister.

— «É verdade, Martim Paes, atalhou Fr. Munio em tom brando; a vingança, ao provar, é doce de mel; mas depois... é fel.»

— «Não ha fel quando nos fica um inimigo de menos:» acudiu D. Nuno, que se approximára.

— «Enganaes-vos, D. Nuno, ficam os remorsos de mais.»

— «Visões! respondeu o cavalleiro, encolhendo os hombros. Ainda não morreu peccador que vós, os monges, não absolvesseis por bons testamentos. Na pia dos mosteiros lavam-se as mãos do sangue.»

— «Deus não tome contas a quem vae abrir leilão á porta do seu templo. Os homens perdoam, mas Elle condemna.»

Martim Paes tinha-os escutado silencioso, traçando com a ponteira da espada figuras na terra movediça. Breve, ouvindo o monge, ergueu a cabeça, perguntando com ar d'escarneo:

— «Quando fallaes verdade vós outros, padres?»

— «Quando prégamos a lei de Deus.»

O cavalleiro de Lanhoso emmudeceu, e D. Nuno, encaminhando-se para a porta, rosnava:

— «Estes monges, brancos ou negros, ninguem os entende!»

Pegando então no braço de Fr. Munio, Martim Paes exclamou:

— «Esta affronta é tamanha, padre... Quem me fará justiça?»

— «Já t'a negaram, mancebo? redarguiu o monge. Elrei e a sua curia não sabem... queixa-te!»

— «Contem isso a outros, atalhou, rindo com desprezo, o cavalleiro; e, batendo o pé com furia, accrescentou: — Não querem, reverendo nono. Depois de feito dizem: não ha remedio, ou se eu soubera!.. O rei?!... tomára elle mais tempo para lançar os faleões e correr os javalís... em quanto os seus validos entram pelos solares a deshonrar donzellas nobres como filhas de mesteiraes... Justiça d'elrei?!... Quando a houve n'esta terra, padre?!»

— «Quando tu e os teus iguaes a não tomavam por suas mãos» respondeu seccamente o frade.

— «Não temos outra...»

— «Mentira» murmurou Fr. Munio.

— «Elles não sabem? proseguiu Martim Paes, como se o não ouvisse. Ensine-os a cabeça dos traidores, levantada no alto das torres. Se não veem, abram-se-lhe os olhos. Ah! fazem-se deslembrados? Nós os acordaremos.»

— «Bem se conhece que morreu elrei D. Sancho! replicou o monge amargamente. O leão velho na cova já não mette medo. Guarda-te das garras do novo, D. Martim.»

— «D. Affonso II, o Leproso!... oh! esse não ha de morrer de lança nem de frecha!» exclamou o cavalleiro, rindo.

— «Mancebo, cholera de rei é a cholera de leão.»

— «Fallas do seu valído padre?... Pois não! Gomes Lourenço, o collaço, o amigo de D. Affonso, ninguem seja ousado a molesta-lo... ainda que nos roube irmãs e filhas. Aonde aprendeste a paciencia, sancto monge?»

— «Na desgraça!»

Era tão verdadeiro e sincero o tom em que foi dada a resposta, que o senhor de Lanhoso, estacando no passeio precipitado, com os punhos ainda fechados de raiva, fitou o frade com admiração.

— «Martim Paes, filho, disse este meio severo, já alguem te amou — ia dizer tanto — mais do que eu?»

— «Não. Mas a honra está acima de tudo!...»

O monge sorriu, sacudindo a cabeça com ar incredulo.

— «A honra!... Ah! Martim Paes, mancebo! não se enganam assim os velhos! Para que mentes a Deus e a mim?»

— «Olha o que dizes, padre. Fallas de mentira a um cavalleiro!»

— «Fallo. Se o cavalleiro mente, que remedio senão dizer-lh'o! acudiu o frade sem se alterar. Depois, tocando nas barbas brancas, e fitando-o com tão agudo olhar que elle o não podia soffrer, ajuntou em voz severa:

— «Ha quantos annos choro eu n'este valle de lagrimas, mancebo?! Julgas tu, e os que nasceram hontem, que as amarguras da vida não dão experiencia?... — E mudando para um tom aspero: — É a honra de D. Maria que accende a tua sêde de san-

gue? Responde; atreve-te a dizer que sim! Por que não acceitas então o nome de Gomes Lourenço para ella?...

— «Porque é um covarde...»

— «Tu, ou elle? exclamou o monge com indignação. Vi-te de joelhos, pedir-lhe a vida por mercê, e o de Salzedas perdoar-t'a... diante de mim, Martim Paes, chamar-lhe fraco?!»

— «Padre!» bradou o cavalleiro irado.

— «O covarde, o traidor, onde estará?» continuou o monge friamente.

— «Padre!» rugiu D. Martim, dando um salto para elle com a mão no cabo do punhal.

— «Está em ti, proseguiu no mesmo tom o frade. Eu te digo por que. Tu, o valido de D. Sancho, aborreces o homem que vai succeder-te na privança do rei novo. Os infantes descontentes sáem do reino. As infantas, a quem negam as heranças, defendem-n'as em seus castellos. Os cavalleiros moços correm a florear as lanças debaixo do pendão das damas. O senhor de Lanhoso, atirando-lhe a cabeça de um dos Viegas, do collaço de D. Affonso o *Leproso*, não se vinga a si, não os vinga a elles? póde ser bem acceito? errei n'isto, D. Martim?»

O cavalleiro de Lanhoso, quasi succumbido por se vêr descoberto, pasmou a vista no rosto do monge, e pallido como um defuncto, nem teve animo de o desdizer.

— «A ambição sempre foi irmã do crime, disse Fr. Munio. Não te fies n'ella, Martim Paes. É uma Judith. Olha que namorado nenhum deitou a cabeça no seu regaço, que lh'a não cortasse ao primeiro somno.»

D. Nuno, que já tinha voltado, ouvindo isto, trocou uma vista rapida e desalentada com o senhor de Lanhoso; e essa vista, que não escapou ao frade, queria dizer: «estamos perdidos.» Depois todos tres, calados e contrafeitos, mediram-se por algum tempo. O monge adivinhára o negro abysmo d'infamia em que soçobravam aquelles dois homens. Colhidos de sobresalto, ambos, sem se arrependerem, estavam como assassinos na presença do cadaver, que tremem de vêr levantar uma accusação pelos labios de cada ferida. De repente Fr. Munio, travando da mão a Martim Paes, levou-o com impeto ao pé do tumulo de Moço Ansures, e mostrando-lh'o com o dedo, bradou:

— «Sabes a historia d'este homem, Martim Paes?»

O cavalleiro, acenando com a cabeça, respondeu que não.

— «Sabes em que dia estamos?

— «Sei.»

— «Faz hoje mais de um seculo que este sepulchro foi o leito nupcial de dois amantes, e que lá em cima, na sala d'armas, se travou um combate tão medonho, que Deus affastou os olhos da terra, e o mesmo inferno teve horror. Martim Paes, o cadaver das victimas descança entre aquellas flôres, mas o de Inigo Lopes (1), o amaldiçoado, não póde ter repouso.»

— «Padre, o braço que feriu o coração e derramou o sangue do inimigo foi um braço nobre. Inigo Lopes — exclamou estendendo a mão com força — nas azas da tormenta, ou nas voragens da terra, ouve o juramento que faço, de accender as tochas do enterro no dia da tua vingança.»

— «Não blasphemes, atalhou o frade com imperio. Insensato, não acordes os mortos que repousam.»

— «Aquelle soube ser homem. Lavrou em tres sepulturas a historia do seu odio.»

— «Não chames por Inigo Lopes, disse o monge com algum tremor na voz. Gomes Lourenço é sangue d'elle. O alcacer em que estamos era de parentes teus. O conde Ordonho, tronco da tua casa, foi o pai d'Auzenda, a noiva do S. João... Desafiaste o inferno; guarde-te Deus que elle te levante a luva.»

— «Vivo ou morto venha quando quizer. Anno e dia prometto esperar o repto.»

— «Jesus!» bradou o frade, branco como o pilar de pedra a que se encostava.

Ou fosse acaso, ou fosse mysterio, o guante ferrado d'uma armadura preta desprendeu-se e veio bater nas lageas, aos pés de D. Martim. O cavalleiro estremeceu, mudando de côr; mas ergueu a manopla. No canhão, em lettras doiradas quasi comidas do tempo, leu o terrivel nome de Inigo Lopes.

Um instante o mirou calado, tremendo-lhe os dedos convulsos. Na fronte pallida o suor frio borbulhou ás gottas. Entretanto, vencendo as commoções interiores, com apparencia tranquilla virou-se para o frade, dizendo:

— «Pelo que vejo, os mortos acordam aqui... é um duelo com Satanaz!...»

— «Martim Paes, gritou uma voz que parecia saír do fundo do sepulchro de Moço Ansures; acceito o repto! De hoje a sete dias, á hora da meia noite, responderás perante Deus. Prepara-te!»

D. Nuno, dobrando-se-lhe os joelhos de terror caíu de bruços; e D. Martim acontecia-lhe o mesmo, se não se encostasse á campa do conde Ordonho. Fr. Munio, tremulo e perturbado, exclamou, estendendo para elle o braço:

— «Estás satisfeito? O inferno emprazou-te para o dia de juizo.»

Uma risada convulsa e estridente resoou nas abobadas, e repetida nos echos foi morrer lá em cima na sala d'armas.

O monge não disse nada, mas, arrojando-se ao chão, começou a orar com fervor. Os dois cavalleiros tinham um nó na garganta, que os não deixava fallar.

Sem dizer palavra, todos tres se encaminharam para a escada, que se torcia até a sala d'armas. Os pés tremulos escorregavam nos degráus; e era tão profundo o silencio, que se podia quasi ouvir a pancada do coração, pulando atropellado contra o peito.

Quando chegaram á sala d'armas, assentaram-se, e muito tempo estiveram sem fallar. Por fim, virando-se para o monge, Martim Paes disse:

«Ha de ser terrivel a historia de Inigo Lopes!»

«E. E o povo ainda a conta com mais terrores. Nunca a ouviste?»

«Nunca.»

«Eu vo-la digo, como a ouvi da ama que me criou. Depois soube que nem tudo acontecêra como a sancta velha acreditava.»

«Principiai, Fr. Munio.»

E debruçando-se para elle, os dois cavalleiros fitaram-n'o com curiosidade de quem deseja saber, em quanto o frade se recolhia e procurava ordenar na memoria as quasi obliteradas tradições. Decorridos alguns instantes, Fr. Munio começou assim (1).

(1) A historia de Inigo Lopes, com o maravilhoso da mythologia popular publicou-se no *Panorama* n.os 2 e 3 da nova empreza. N'este genero, percorrendo as lendas patrias, e as que narram Matheus Paris e outros, compunha-se um livro tão novo, como agradavel e variado.

(1) Esta lenda é a que já foi publicada em os numeros 2 e 3 do Panorama de 1846.

Presbyterio de Bolleville.

O viajante que desenhou esta vista do presbyterio e igreja rural explica-se d'este modo. — «Atravessan-

do recentemente a aldeia de Bolleville não pude subtrahir-me a certa commoção, reflectindo que n'este humilde e socegado retiro se tem concebido e consummado tão excellentes trabalhos, e considerando tambem nas lições de modestia, que emanam da vida do illustre erudito, Richard Simon, cuja presença faz celebre aquella pequena povoação. Não só pelos retratos, que mostram as feições do rosto se dão a conhecer os homens notaveis, mas tambem pela fiel pintura dos sitios que preferem e habitam; o que nos adquire o conhecimento familiar do seu modo de existir."

Este desenho elegante não só agradou muito em França, pela idéa associada que expomos, mas tambem é pela mesma rasão em Allemanha onde Ricardo Simon é muito conhecido, e o seu nome reputado nas universidades e principaes escholas como uma das glorias francezas. — A sua mansão valída, Bolleville, é uma terra pequena no departamento do Sena inferior.

Os colochos.

(Continuado de pag. 288.)

Quando pare alguma mulher colocha fica de cama por um mez; expirado este praso, lava o menino, lava o seu proprio corpo e a sua roupa, e ataviada com o melhor que tem convida todos os parentes para uma festa esplendida. Durante a refeição põe a mãi o nome ao menino, e costuma ser o de algum parente já fallecido. As mãis amamentam os filhos até andarem; o vestuario d'estes é feito de pelles macias de quadrupedes ou de aves. Depois de desmamados e antes de lhes nascerem os dentes, sustentam-n'os as mãis com peixe secco que mastigam primeiro. Assim que o menino principia a fallar, dão-lhe todas as manhãs um banho no mar ou no rio, quer faça bom quer máu tempo. Para que os gritos das creanças não movam os pais a ter compaixão d'ellas, é encarregado de pôr em practica este uso espartano algum primo ou tio, que faz calar o padecente com uma chibata. O respeito dos filhos a seus pais é para os colochos um dever sagrado, assim como os carinhosos desvelos com que costumam tractar os velhos e os enfermos. Nota-se uma particularidade n'este povo, que é herdarem sempre os parentes do lado materno com preferencia aos do lado paterno.

O colocho que quizer casar ha de ter a robustez necessaria para poder com os trabalhos mais rudes, e ser destro no manejo das armas, principalmente da espingarda. Munido de uma prova de idoneidade que os pais lhe entregam, dirige-se á aldeia onde mora a noiva e a manda pedir por um amigo. Se a rapariga e o pai dão o seu consentimento, vai o mancebo em pessoa ter com a noiva, troca-a pelos presentes que trouxe comsigo, e recebe em retorno do pai da rapariga outros presentes de maior valia do que os que lhe fez. Estas dadivas consistem em pelles de animaes, mercadorias da Europa, armas, &c.; as pessoas ricas junctam a isto alguns escravos. Falha muitas vezes o negocio por não querer ou não poder o mancebo cumprir as condições que lhe impõe a rapariga: houve uma que exigiu de Nauch Ret, o ancião, o repudio da sua primeira mulher; o pagão negou-se a isto, e desfez-se o projectado casamento. Os matrimonios fazem-se sem sacerdote, nem sacrificios, nem ceremonias religiosas de qualidade alguma. Os colochos da classe mais elevada casam com muitas mulheres, para enriquecerem com os presentes que ellas lhes trazem, e augmentarem o seu poder e influencia por meio de uma parentella numerosa. Os caudilhos das tribus casam os seus filhos quando ainda são meninos. As mulheres do mesmo homem teem commumente muitos ciumes umas das outras, e as frequentes rixas que provém d'estes zelos costumam acabar em mortes. O marido que apanha em sua casa um extranho mata-o, e mata tambem a mulher, sem receio do resentimento dos parentes, a quem faz alguns presentes de valor a titulo de desculpa ou conciliação; mas se o homem que o offendeu é seu sobrinho, não tem o marido o direito de o matar e só póde obriga-lo a tomar conta da mulher. Acontece a miude que homens brandos e indulgentes não fazem muito caso das suas espozas de mais idade, e em tal caso concedem-lhes que tomem para o seu serviço um rapaz que é obrigado a fazer o trabalho da casa. Os colochos jámais casam com as suas parentas, escolhem sempre as suas mulheres nas outras tribus. Todavia, esta regra tem uma excepção; porque quando morre um colocho o seu sobrinho tem obrigação de casar com a mulher do tio, seja qual fôr a differença das idades.

As mulheres não são isentas do trabalho; pelo contrario tem obrigação de ir buscar lenha e agua, e de salgarem o peixe, de fazerem cestos, vestidos de lã, &c., em quanto que seus maridos se conservam em ocio. Os homens não se mexem em quanto lhes duram em casa os mantimentos; se acaso se enfastiam de aturar as mulheres vão estirar-se na areia das praias, e até sobre as aguas geladas do mar. Teem um amor desordenado a um jogo nacional que se joga com umas varinhas, no qual muitas vezes perdem quanto possuem entrando até as suas mulheres.

O peixe é o principal mantimento dos habitantes. Os arenques vem em grandes cardumes desovar no mez de março no estreito, ao pé da fortaleza de Sitcha. N'esse tempo os colochos cortam arvores, carregam-nas de pedras, e mettem-nas debaixo do mar ao pé da costa. Tiram d'agua a desova que se apegou

aos ramos, seccam-na ao sol e comem-na mais tarde. Pesca-se no mez de junho uma especie de salmão *(salmo gibbosus)* que é secco ao fumeiro depois de se lhe tirarem as espinhas. Os rodovalhos apanham-se tanto no verão como no inverno, e comem-se frescos; e dos ovos de solho misturados com os dos arenques tambem fazem os colochos certa comida. Na primavera tiram de diversas arvores um liquido que depois de fermentar embebeda. Os phocas e as baleias que o mar de vez em quando arroja á costa são para elles uma gulodice; porém preferem a tudo o azeite d'estes peixes, que bebem com o maior gosto nos seus banquetes. São amigos das carnes de alce e carneiro, mas desprezam a de urso. Comem com boa vontade todos os passaros indistinctamente, excepto o corvo que para elles é sagrado.

Os colochos não devoram a carne dos seus prisioneiros; contam que existe por de traz das montanhas septentrionaes uma nação differente da sua na lingua e maneira de viver, e que foi em tempo de grande penuria, obrigada a comer carne humana. Estes homens, chamados Connaquos, vem ás vezes á aldeia de Tchilchatou trazer aos colochos pelles de martas-zibilinas e de rapozas, e pedaços de cobre bruto, em troco de armas e polvora.

(Estrah. da Revista do Norte.)

Dos trabalhos geologicos.

O melhor modo de comprehender bem a serie natural das ideias relativas á geologia consiste em acompanhar com o pensamento os viajantes geologos nas regiões que não submettidas á observação e nas quaes, por conseguinte, tudo está por fazer. Achar-se-ha que são obrigados a tractar de innumeraveis objectos, que se encadeiam intimamente, taes como o calculo das latitudes e longitudes, a medição das alturas, a determinação dos elementos do clima, a topographia do solo, das suas fórmas picturescas, das suas producções &c. Em nenhuma parte, porém, este encadeamento se observa mais claramente e de um modo mais interessante do que na America. Os geologos são os verdadeiros arroteadores por conta da civilisação, que se vai propagando tão rapidamente por aquelles rios e fecundos desertos. Por isso se começou a trabalhar alli geologicamente nas proporções mais vastas e com uma extraordinaria actividade. Os governos que comprehendem perfeitamente, quanto á riqueza publica, a utilidade de obrar em toda a parte conforme o conhecimento exacto da natureza dos territorios, animam com superior intelligencia todos os trabalhos d'este genero; e por isso os Estados do norte da America estão munidos de cartas geologicas, mui bem desempenhadas, pelas quaes se regulam.

O problema proposto aos geologos americanos consiste em organisar um quadro completo do paiz. Não teem, como os seus collegas da Europa, o auxilio de cartas topographicas já publicadas. Devem levantar ou pelo menos completar o mappa geographico e physico, medir as alturas, calcular as correntes d'aguas, determinar a composição do terreno. São ao mesmo tempo encarregados de explorações relativas ás questões de utilidade publica, que nascem da natureza do solo, relativamente á agricultura, ás vias de communicação, á abertura das pedreiras e das minas; nem hão de simplesmente contentar-se com o ter indicado a existencia d'estas, é mister que designem ao mesmo tempo os melhores meios de se proceder á sua exploração. Da mesma maneira pelo que respeita á agricultura; tem de examinar a flora e a fauna proprias de cada districto, para d'ahi deduzir todos os esclarecimentos possiveis sobre as condições da economia rural, que é chamada a substituir o seu imperio ao da natureza livre. «O trabalho, a que as cartas geologicas dão causa (diz M. Elias de Beaumont, de quem tirámos estas informações) é uma investigação encyclopedica de cada estado. São funcções importantissimas as d'estes naturalistas pensionados pelos governos, (geologist to the state) como lhes chamam nos Estados-Unidos. Verdadeiros batedores da sciencia e da industria, teem uma commissão muito mais ampla para desempenhar do que a dos engenheiros de minas em França, até mesmo dos que são incumbidos das operações das cartas geologicas, e da inspecção da mineração e officinas dependentes.»

Certamente, (diz um escriptor francez) que seria para desejar que a França tomasse a este respeito algumas lições dos americanos, por muito extraordinario que fosse vêr uma nação de administração vigorosa, procurar modelo n'outra onde a administração em geral é mais frouxa. Mas é innegavel que resultariam grandes vantagens de possuir em cada departamento um systema de noções scientificas, bem ordenadas em relação a todas as condicções naturaes do territorio, não sómente pelo que toca á exploração subterranea, mas sobretudo no concernente á exploração agricola, mais essencial ainda. Mui importantes esclarecimentos se obteriam para a economia rural do paiz, estando em bons mappas representadas as varias zonas do solo vegetal, segundo as suas diversas qualidades constitutivas, da mesma maneira que as cartas geologicas propriamente ditas marcam os differentes maciços do que podemos chamar o madeiramento mineral dos terrenos.

Miguel Paleologo.

1259.

Vestido de habito religioso, deitado em cinza e com as mãos postas sobre o peito, o imperador Theodoro Lascaris estava a expirar.

Reconciliado com Deus, preparado para este momento solemne; e enojado mais que tudo das grandezas humanas, estendêra alegre os braços á morte, se não fosse o pensamento de seu filho João, pobre creaturinha de nove annos apenas, cuja cabeça ia talvez esmagar cobrindo-a com o pesado diadema de Nicéa.

O imperador chorava.

Porque era mister mão fiel para suster o diadema por cima da cabeça de João, e o desgraçado pai não via em torno de si senão inimigos.

Jorge Acropolita não podia ter esquecido que, por ordem do imperador fôra flagellado como um escravo.

Musalon fôra expulso do conselho aos pontapés.

Miguel Paleologo... Oh! se elle podesse deslembrar-se de uma noite funesta... talvez se deslembre, porque só esta vez foi o imperador cruel para com elle: Miguel será generoso. Ide chamar Miguel Paleologo, dai-vos pressa.

Saiu um dos guardas, e voltou logo, precedendo Miguel Paleologo.

Sobreviera a noite, uma só alampada allumiava a tenda do imperador, e embalada de continuo pelo vento derramava uma luz tremula. Duas mulheres e um padre, ajoelhados ao pé do leito, velavam ao lado do enfermo. Assim que Theodoro viu apparecer o agigantado Miguel, fez-lhe signal para se retirarem, e estes dois homens ficaram mudos defronte um do outro.

O imperador foi quem quebrou o silencio.

— « Miguel, lhe perguntou elle, tu odeias-me? »

— « Sim. »

— « E, todavia, mando-te chamar a ti para junto d'este leito da morte, porque quero que me faças um beneficio immenso. »

— « E porque não achas outrem que to faça. »

— « Miguel, eu sempre te amei, tu bem o sabes. »

Um sorriso amargo e ironico enrugou os labios do Paleologo.

— « Oh! Miguel, não sejas severo juiz do meu proceder para comtigo! Se reinares algum dia (Deus e os sanctos te guardem de semelhante desgraça) saberás quanta desculpa mereço por te haver feito encarcerar; porque me diziam: elle cubiça-te a corôa, conspira contra ti, é moço, eloquente, amado dos soldados... Mas deixa-me acabar que os instantes são para mim preciosos. »

Escuta: estou a morrer e deixo um filho, uma pobre creança sem soccorro nem amparo. Nomeio-te seu tutor conjunctamente com Musalon. Acceitas este titulo?

— « Acceito. »

— « E juras-me no meu leito de morte, e diante de Deus que nos ouve, que meu filho ha de achar em ti um pai terno, extremoso?.. »

— « Escuta:

« Á manhã, quando fôres a enterrar farei matar Musalon e todos os seus, para eu ficar sendo o unico tutor de teu filho.

« D'aqui a oito dias farei lançar teu filho n'um carcere á beira-mar.

« D'aqui a um anno mandar-lhe-hei tirar os olhos com um ferro em braza. »

O imperador, concentrando as poucas forças que lhe restavam, arrastou-se para fóra do leito até os pés do Paleologo.

— « Perdão, lhe bradou elle! perdão para a pobre creança! Vinga-te em mim, atravessa-me com a tua espada, mas tem dó d'elle! »

— « Passar-te com a minha espada! morres dentro d'uma hora. »

— « Oh! piedade, peço-te pela tua alma! »

— « Theodoro Lascaris, Deus é justo. Na masmorra em que teu filho ha de ser sepultado, sepultaste-me tu tres annos. O ferro em braza que lhe ha de tirar os olhos empregaste-o tu para assanhar os gatos bravos, que devoravam minha irmã encerrada, por tua ordem, n'um sacco cheio d'elles.

— « Mas é um menino innocente! »

— « Era uma mulher innocente. »

— « Qual foi o crime que elle commetteu? »

— « Qual era o crime de minha irmã? Não querer dar sua filha para mulher de Musalon teu valido. Rasgaste um coração de mãi, será rasgado o teu coração de pai! Mataste uma mulher, morrerá uma creança; é a pena de talião: é justiça. »

— « Ah! ainda sou imperador! exclamou Lascaris. Guardas! »

Miguel, pondo o pé na garganta de Theodoro abafou-lhe as vozes;

— « Silencio, cadaver! não sabes que um imperador moribundo já não reina? Mas porque te não hei de deixar gritar, accrescentou tirando o pé: ninguem virá, ninguem acendirá aos seus gritos, e se alguem viesse, a um signal da minha mão, escarrava-lhe na cara. »

Depois sentou-se á beira do leito do imperador.

Passou uma hora sem se ouvir senão o estertor do moribundo.

De repente, cessou o estortor, e um movimento convulsivo agitou o habito de frade em que Theodoro se amortalhára.

Miguel inclinou-se sobre o cadaver, e lhe tirou do peito o edicto do imperador, que nomeava tutores de seu filho a Miguel Paleologo e a Musalon.

— « Soldados, bradou elle, o imperador é fallecido. e deveis obedecer-me, porque sou regente do imperio de Nicéa. Aqui está a derradeira vontade do imperador. »

— « Viva Miguel Paleologo! bradaram milhares de vozes.

No dia seguinte foi morto Musalon no enterro do imperador.

E passado um anno, n'uma fortaleza á beira-mar. tiravam os olhos a um pobre menino, que nem se quer luctava com os seus verdugos.

(Traduzido de M. Berthoud.)

Das sementeiras ralas ou bastas.

Poucas questões são na agricultura mais interessantes do que a da quantidade de sementes que convém empregar para se obterem, em igualdade de circumstancias, as mais vantajosas colheitas. Ha ainda muitas experiencias para fazer a este respeito; e ainda não temos uma taboa exacta das quantidades de cada especie de sementes as mais appropriadas ás differentes naturezas do solo.

Um agronomo inglez avalia em tres milhões de quarters (24 milhões de alqueires approximadamente) a quantia dos cereaes que (se empregam de mais do que é necessario nas sementeiras da Grã-Bretanha.) Segundo o preço medio dos cereaes n'aquelle paiz póde-se calcular em 54 milhões de cruzados a economia que se poderia fazer na produção dos mesmos cereaes, se se limitassem a empregar nas sementeiras a quantidade estrictamente necessaria, e d'aqui se póde inferir que o objecto val bem a pena de ser estudado.

As sementes ralas augmentam a altura dos cereaes, são favoraveis ao desenvolvimento da haste, da espiga e do grão; prolongam a duração da vegetação, e retardam por conseguinte a epocha da madureza.

As sementes bastas produzem o effeito contrario; diminuem todas as dimensões das plantas que se tornam individualmente menos productivas, abbreviam a duração da vegetação, e apressam por conseguinte a epocha da madureza. Assim quando semeamos ralo, ceifamos tarde; e quando semeamos basto, ceifamos cedo.

Dada a igualdade do estrume, e da fertilidade do solo, uma pequena quantidade de semente produz, dentro de um periodo maior, uma colheita igual á que póde dar uma quantidade mais avultada de semente em um periodo menor.

O segundo amanho *(binage)* dos cereaes é causa de se retardar a madureza do grão, mas dispõe as plantas para deitar rebentos.

As sementeiras em linha apressam a madureza dos cereaes, mas diminuem a sua disposição para deitar rebentos.

Além d'estes principios, as circumstancias locaes, isto é, a natureza e a exposição do terreno influem poderosamente nos resultados de uma sementeira rala, basta, ou mediana: a temperatura, e sobre tudo o gráu de humidade do clima devem determinar o cultivador no que diz respeito a esta parte de seus trabalhos. Em geral, as quantidades de sementes reconhecidas como mais adaptadas aos climas simultaneamente brandos e humidos e ás terras onde a vegetação é muito vigorosa, devem ser consideradas como insufficientes para as terras menos ferteis e para os paizes mais elevados ou mais septentriomes, que teem invernos mais longos, e estios mui curtos.

Se o terreno não tem as condições necessarias de cultura e de fertilidade, não produzirá abundantemente, quer lhe prodigalizem quer economizem as sementes. Mas se o terreno for bom, poderemos esperar uma boa colheita de uma pequena quantidade de grãos semeados o mais cedo possivel, isto é, no outono, depois de amiudadas cavas profundas, muito principalmente se a sementeira for feita em linhas assáz espaçadas para que a grade de destorroar possa trabalhar pelos intervallos.

O cultivador de um grande predio deve ter o cuidado de não semear todos os seus campos nem muito basto nem muito ralo, preferindo variar a densidade das sementeiras tanto quanto a natureza dos terrenos lh'o permittirem. Com este processo, evitará o inconveniente, muitas vezes gravissimo, de lhe amadurecerem ao mesmo tempo todas as seáras faltando-lhe braços para a ceifa em tempo opportuno.

Quanto uma sementeira de trigo succede a um destorroamento ou vem apoz uma cultura de raizes, como cinouras, betarrabas &c, que tenha revolvido o interior do terreno, podemos ter a certeza de que a colheita se fará pelo menos oito ou dez dias mais tarde do que nas outras culturas. Se n'estas circunstancias semearmos ralo, as plantas já dispostas pelo estudo da terra, para prolongarem a sua vegetação, achar-se-hão ainda mais demoradas, e corremos o risco de ceifar muito tarde, o que acontece frequentemente aos cultivadores que não attendem a esta particularidade. Se pelo contrario semearmos tão basto e tão cedo quanto o comportarem a natureza do solo, e o estado da temperatura, apressaremos o momento da madureza do grão de maneira que ficará compensado o effeito do destorroamento do terreno, e conseguiremos assim fazer chegar a ceifa á epocha opportuna.

Os axiomas que acabamos de expor são conhecidos de muitos cultivadores practicos: temos visto muitos velhos aldeões a quem a sua longa experiencia pratica dá a justa consideração de oraculos entre os seus visinhos, quando consultados sobre este ponto delicado, decidirem onde e quando convem semear ralo ou basto, mas sem darem as rasões d'isto, se bem que a observação seja indubitavelmente a base de suas decisões. Em quanto o uso dos *sementeiros* (1) se não tornar mais geral, um bom semeador será sempre um homem raro e precioso, disposto a prevalecer-se de uma aptidão a que os practicos só com muita difficuldade conseguem chegar. Com os *sementeiros* e com a applicação judiciosa dos principios, o resultado das sementeiras não dependerá já da dextreza de um bom semeador, e todos pódem esperar uma excellente vegetação quando empreguem bons instrumentos, e não anteponham a rotina aos principios bebidos no estudo do progresso da vegetação.

(1) Machina inventada para semear melhor e com menor desperdicio o trigo.

Alguns alienados.

Entre os loucos que estavam reclusos em Bicêtre em 1836, distinguia-se um pelas suas manias.

Tinha sido habil musico da orchestra da *Opera* e compositor de merecimento, e empregava o seu tempo na educação d'um pardal armado de todas as peças como um cavalleiro, e na de um idiota de dezoito annos, a quem ensinára, com indizivel paciencia, a cantar um hymno em louvor de Jesus. Este infeliz alienado, fallador e vaidoso, e inimigo, como é de crer, da prisão a que vivia condemnado, mostrou ser *escravo da honra*, conforme elle dizia emphaticamente, voltando para o captiveiro d'onde o deixaram sair uma vez sob sua palavra para tractar de certo negocio. Comprazia-se em contar anecdotas da sua vida artistica, sendo uma das mais interessantes a cura do pai do actor Gavaudan, que perdera o juizo por ter tomado um remedio violento. — « Estava doudo varrido, dizia elle, nu, furioso, não consentia ninguem ao pé de si; quebrava todos os moveis a que podia chegar. » — « Este homem tem cura, disse eu aos seus parentes, e se estiverem pelo que eu digo, empregarei um remedio infallivel. » — Deram-me credito. Junctei logo doze ou quinze musicos; escondemo-nos debaixo das janellas de Gavaudan, e dou o signal. Eis que começa uma symphonia melancholica e suave. Gavaudan levanta-se, escuta attento, lança os olhos á roda de si; conhece que está demente; debulha-se em lagrimas; chama a familia; acodem todos, lança-se nos braços de seu filho... Chama-me seu salvador... Tinha-o curado.

Este caso é verdadeiro, um louco foi curado por um homem que havia de enlouquecer.

Outras vezes Schn... (era o seu nome) contava as maiores extravagancias, como por exemplo que encantára um elephante, tocando-lhe trompa, a ponto de o animal pegar n'elle com a proboscide e leva-lo em triumpho; e que ensinára musica a um burro que ja cantava maravilhosamente.

A loucura parece que nunca se declara instantaneamente, e se acaso se manifesta de repente n'alguns individuos, interogadas as suas familias, descobre-se que elles ja teem dado indicios de demencia.

Mr. Cuvier alcançou para um moço de muito merecimento e instrucção, e que vivia em pobreza, o logar de mestre de dois principes allemães com seis mil libras de ordenado; e deu-lhe a noticia d'esta fortuna sem o dispor para recebe-la. O mancebo deu signaes do mais despropositado jubilo, e perdeu logo o juizo. Soube-se pela gente da casa em que morava que era sujeito a ataques de misanthropia que duravam semanas inteiras; outras circumstancias comprovaram alguma falta de siso.

Um d'esses histriões rafados que vão de tempos a tempos cardar as provincias, um tal Lagardière parodiava grotescamente Talma no theatro de Cambrai; e de certo fazia dó ver a sua cabelleira russa, e os seus joelhos cambaios; e ainda mais dó fazia ouvir-lhe a declamação empolada, e a voz enrouquecida pelas continuas libações de agua ardente. Um homem, que estava muito quieto a ver esta borracheira, salta de repente para o palco, vai-se direito ao histrião e prega-lhe o mais bem puxado murro que elle nunca levára na sua vida. É facil de imaginar o reboliço que faria este assalto; tanto mais que o homem, sem cessar de servir de pancadaria o farroupilha, o alagava n'uma torrente de nomes injuriosos, repetindo muitas vezes o de *ladrão*.

Separam-n'os, fazem-lhes perguntas, mas o aggressor não se cança de gritar: « Roubou-me! »

— « E o que vos roubou? pergunta alguem. »

— « Roubou-me um gesto!.. este gesto, disse o doudo, coçando o nariz. »

Lagardière usava muito d'este gesto tragico.

Levaram d'alli á força o homem queixoso de o terem roubado, o qual desde este momento deu as provas mais decisivas de demencia. Tiraram-se informações, e Deus sabe o que este acontecimento deu que fallar na pequena cidade de Cambrai, e descubriu-se não ser este o primeiro acto de demencia practicado por J... Tet, o qual, depois de melhorar veio morar para París, e publicava theorias solares com esta epigraphe:

Não ha senão um Deus;
Não ha senão uma theoria solar.
Não ha senão um J... Tet, capaz de a explicar.

O DEMONIO DO JOGO.

Apresentamos copia de uma estampa antiga, para que se veja o gosto da invenção e desempenho d'este genero de desenhos, ha quatro ou cinco seculos. Servirá tambem de prova de quão desenfreada dominava a paixão do jogo entre os nossos maiores, que além das declamações vulgares, deu occasião a diversos livros, hoje raros e esquecidos. A par da censura dos auctores apparece a severidade das leis, fulminando penas contra os jogadores, reforçadas com a auctoridade canonica.

A opinião geral reconheceu os damnos d'essa paixão devastadora, que começou pelas perturbações e ruinas entre os grandes, e semeou-as depois nos domicilios dos particulares, roubando a paz e a fazenda de innumeraveis familias. Sempre este vicio, fonte de outros muitos, tão fatal como a guerra intestina, foi funestissimo, e ainda em nossos dias é causador de bastantes estragos, qualificado como um dos males moraes da sociedade; porém, nunca se manifestou tão solto e contaminador, como na epocha a que alludimos, e a que pertence aquella estampa, posto de data um tanto incerta. Foi mister representar, então, este flagello da communidade social sob a allegoria de um ente malefico, revestido de fórma monstruosa e horrida respirando incendios e toda a casta de assolações, empolgando palacios e toda a especie de propriedades. Se a invenção da allegoria póde parecer extravagante, o fundo do pensamento é assaz verdadeiro.

Que o jogo estava em muita voga entre nós nos dois precedentes seculos mostra-se pelas passagens respectivas dos nossos escriptores asceticos e moralistas. Reprehendendo o jogo nos dias sanctificados, e para mostrar a observancia do domingo entre os heterodoxos, o nosso Vieira, no sermão de domingo de Ramos, prégado no Maranhão em 1656, exprime-se d'esta maneira.

— Quero-vos contar o que me succedeu em Inglaterra. Iam comigo dois portuguezes, os quaes em um domingo se puzeram a jogar as tabolas em uma estalagem; saiu o hospede muito assustado, e como fóra de si: e bem senhores, quereis que me venham queimar a casa?.. Queimar a casa... e porque?.. Porque é esse um jogo que se póde ouvir fóra, e se o ouvirem ou souberem os magistrados, sou perdido. Assim o dizia este homem, e assim havia de ser. E para que mais vos admireis, a cidade ou villa, era Douvres, porto e escala maritima, onde todos, sem exceptuar um só, são hereges. Oh vergonha dos que tanto nos prezamos do nome de catholicos!

Consolação para quem morre de morte violenta.

Na sentença ha pouco tempo proferida em Londres sobre um processo de desafio faz-se notavel a seguinte phrase no acto da accusação: O accusado matou o seu adversario com uma pistola *que val 40 schellings*.

Perguntarão alguns que importa o valor da arma n'uma causa de duéllo? Quer a pistola custasse um ou cem shillings nem por isso deixou de haver morte de homem. Porem os inglezes teem uma lei particular e rara, a lei do *deodand*, isto é que qualquer objecto que houver causado a morte de um homem fica confiscado em proveito do estado. Assim é confiscada a pistola com que se effeitua um desafio; a carroagem que atropella alguem é tambem confiscada; a casa que desaba sobre os viandantes é tambem confiscada. Com esta lei dá a entender o fisco quanto se interessa na vida dos cidadãos. Perde um d'elles a existencia? Para consolar e applacar-lhe os manes descubriu o estado um meio infallivel: é herdar o instrumento homicida.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico.)

VI

Só o coração não morre!

QUANDO os dois cavalleiros e o monge entraram na sala d'armas o sol escondia-se no poente.

A manhã tinha sido calmosa, e o céu, embaciado de vapores, ao caír da tarde desmerecia em azul-livido, e em branco-azulado mais para o longe. Detraz das serras iam levantando a cabeça torreada nuvens grossas e pardas, diante das quaes outras mais leves e alvas esvoaçavam, fugindo. O sol vermelho de fogo despedia-se mergulhado na barra cinzenta do poente, tingindo de reflexos de ouro e rosa as arestas dos muros e o vertice dos montes.

Como cincto que se alarga, dos horisontes despontava o cerrado negrume, que a intervallos sulcam de veios chammejantes os relampagos, fuzilando. Depois surdos e prolongados rebombos de trovão repetiam-se de echo em echo no espaço.

O silencio era profundo. No ceu as aves fugiam aos bandos; e na terra, arida com o calor da tormenta, tinha-se calado até o sussurrar das arvores, e o murmurio das aguas; que são as vozes do hymno consolador, que a aurora na fresquidão, e na sua melancholia o crepusculo da tarde, entoam a Deus, saudando a luz e a noite, symbolos da fadiga e do repouso.

De quando em quando sentia-se passar lenta e gemida a rajada do sul nas gargantas dos serros. As searas acamavam tremulas ao açoite da sua cholera. Esta lufada breve e secca era a nuncia do temporal. Dentro em pouco, na sua pompa tremenda ve-lo-hão chegar coroado de raios, e vestido de chammas. No esteiro do Mondego, perto do alcacer, as ondas estorciam-se no leito, e gemendo tornavam a adormecer, como enfermo que as convulsões largaram, e se afadiga depois em somno agitado.

Entre tanto, dos tres homens, reunidos na sala de armas, nenhum levantára ainda a vista para lá. A historia de Inigo Lopes tinha prendido toda a sua attenção, sem modificar os seus planos.

Entregue a pensamentos de vingança é que Martim Paes alli viera. Respondendo á mensagem do mourisco, D. Maria promettêra trazer a Sancta Olaia o illudido cavalleiro de Salzedas. Um recado do senhor de Lanhoso aos parentes da sua casa, que, em Coimbra, ajunctára a festa da coroação, avisava-os para acudirem ao castello, onde eram chamados para se resolver um caso de vida ou morte para todos. Tentando, debalde, conciliar com o crime a consciencia, o irmão de D. Maria Paes procurava imputar a outrem a principal responsabilidade do acto de crueza e perfidia que estava determinado a practicar. Os costumes do seculo concediam-lhe ser quasi juiz no seu pleito; e, approveitando-os, suppunha-se absolvido da infamia de covarde matador, uma vez que désse ao assassinio a sancção de muitos. O desgraçado esquecia que o homicida quebra os laços de patria e familia, e, sobre o sorriso dos filhos e o amor da mulher, pela mão do remorso espalha as rôxas agonias do terror e do castigo!

A voz que, da capella, acceitou o seu desafio, aterrando-o, não lhe mudára a tenção. Similhante a todos os criminosos, imaginava que os olhos de Deus o não seguiam pelos tenebrosos desvios do seu crime.

Taes eram, na hora em que estamos, as suas reflexões: encostado ao mainel da fresta, e olhando os campos, por onde, como fita tortuosa, colleava a estrada que havia de pisar Gomes Lourenço.

Do outro lado D. Nuno, dobrado sobre os joelhos, scismando, comparava a aspereza dos antigos tempos, em que eram aço as almas, á debilidade do seu, em que os homens, por fracos, dizia elle, já não abriam uma cova á porta de cada solar, e não respondiam com punhaladas ao mais leve doesto. Degenerado seculo!...

Para este adulador do passado a cultura dos costumes era perversão. Não via o caminho da sociedade, e, tapando os ouvidos, não escutava a palavra de esperança, que as gerações presentes repetem ás gerações futuras. Com as costas para o porvir, cegava os olhos no crepusculo da noite, sem força para os fitar no romper da aurora. Para elle o berço, d'onde o seculo novo se ergue triumphante, era o tumulo em que dorme o seculo findo.

Homens assim, andam cegos com os olhos abertos. E queixam-se, e calumniam, e perseguem! Sectarios-sonambulos, matam e morrem em nome de politicas proscriptas, de idéas cadavericas, e de crenças moribundas, julgando resuscitar, pela intolerancia, o predominio que passou.

D. Nuno, sem o valor heroico, verdadeira corôa da cavallaria da epocha, fôra accusado de fraqueza em occasiões, em que ella se torna indesculpavel. — Cruel e vingativo, não esquecêra, nem perdoára os motejos. No fundo do coração assentou, como divida sagrada, a memoria de todas as injurias. Os cavalleiros moços, menos prudentes que os velhos, cravaram-lhe o punhal do escarneo diante do rei, nos saráus da côrte, e na presença das damas; e para vingar as offensas recebidas, D. Nuno sabia que uma existencia de seculos não chegaria! Por isso, ferindo na cabeça o mais estimado dos soldados moços, escolhia-o para victima do seu desaggravo, e exemplo dos motejadores. Quem era mais apto do que Gomes Lourenço, para realisar este pensamento vil e atroz?

De pé, no umbral do balcão, desenhava-se a figura de Fr. Munio, destacando das outras duas pela mansa e resignada expressão do rosto. Ao passo que as sombras do crime carregavam na physionomia d'aquelles homens ferozes, a sua respirava paz e misericordia.

A testa elevada; os olhos, aonde, apagado o ardor das paixões, brilhava a serena luz da reflexão; e os cabellos brancos, caíndo ondados pelos hombros, assimilhavam-n'o ao vulto de granito, em que a tradição esculpiu a sacerdotal magestade dos prophetas. Nas feições, allumiadas de uma melancholia mansa e nobre, estava escripta a victoria do espirito sobre a carne, e a lucta secreta (quem sabe se mais nobre, do que muitas estrondosas) do orgulho do soldado com a humildade do claustro. Aquella grosseira es-

tamenha, em que apertava o cilicio ao peito, conhecia a historia, talvez terrivel, de agonias, de saudades, e de affectos chorados na solidão. Era a mortalha das paixões que viviam e queimavam no coração do cavalleiro, mortas ou vencidas no coração do monge.

Pastor de homens, herdeiro da mansidão do primeiro mestre, era risonha a sua virtude e consoladora a sua fé, como filha da esperança. Austero só comsigo, trazia no semblante a alegria do céu, a humildade do justo, e a charidade do apostolo. Mas quando a sua voz, branda como Christo, não era escutada no tumulto do mundo, então, elevando-a ameaçadora, como Jeremias, e vibrando-a, pezada de exemplos e lições nos paços e mosteiros, algumas vezes semeára nas cinzas dos vicios as flores do arrependimento.

A historia da sua mocidade era um segredo. Nascido em berço illustre; cavalleiro dos ultimos tempos d'Affonso Henriques, e dos primeiros de seu filho D. Sancho, attribuiam-lhe rasgos de valor heroico. De repente desappareceu, e ninguem soube mais d'elle; diziam uns que fôra peregrinar á Palestina; diziam outros que partíra para chorar, longe da terra natal, a mulher de quem o amor fôra para elle a unica luz da vida, e cuja morte prematura, envolta em mysterio, se ignorava se proviera do ciume, ou do pesar d'occultas penas.

Quando, decorridos doze annos, voltou, já o conheceram com aquelle habito e aquellas feições; velho antes de tempo, e sobretudo admiraram o reflexo de serenidade celestial que as dourava. Das paixões do soldado ou do amante nem o menor vestigio! — Se em algumas occasiões a memoria ou a saudade se ergueram na solitaria enxerga, as suas lagrimas e soluços, suffocados na cella da penitencia, nunca transpiraram para fóra d'ella. O nome por que se tinha chamado no seculo, escondeu-o, como se recordasse quebra ou desdouro. Recordava-lhe elle acaso uma vida, de que vivêra instantes, e anciava esquecer, nas austeridades monasticas, inuteis quasi sempre para curar as dôres da alma? Quem sabe! Presumir investigar taes segredos é vaidade. Quando o interrogavam sobre o passado, respondia: «O homem novo despiu as vaidades do homem velho. O que é o nome, quando quem o teve morreu, e se amortalhou?»

Os curiosos ficavam illudidos, e o monge com o segredo. Cançaram-se por fim de indagar, acostumando-se a ver em Fr. Munio um frade como os outros. A sua historia, os seus trabalhos, e a constancia com que os padecêra, revelados sob o sigillo da confissão ao abbade de Cister, tiravam ás vezes do illustre dignatario da igreja esta sentença moral: — «Ha virtudes, assopradas, que luzem muito e valem pouco. Os bons não são os que choram sempre, mas os que andam risonhos estando tristes, e consolam precisando de ser consolados. Vejam Fr. Munio!...» O abbade parava sempre aqui.

Em quanto démos ao leitor esta breve noticia do caracter das pessoas que entram na scena d'esta historia, do lado de Coimbra, e no alto de um tezo ainda distante do castello, remoinharam rolos de poeira, e aos raios do sol poente scintillaram capellos, lanças e arnezes. Os sons das trompas retumbavam no ar, e estendiam-se ao longe.

— «E Gomes Lourenço? bradou D. Nuno. Tão cedo!?»

— «Não, atalhou Martim Paes; hão ser os de Cima-Cavado; é d'elles o toque de trompas á mourisca. Vamos ver.»

O monge e os dois cavalleiros subiram ao cirado. A cavalgada tinha chegado a um cabeço, d'onde era facil aos do alcaçar contar os homens e conhecer os individuos; d'ahi o caminho, rodeando os montes, torcia-se até a barbacã. No centro do esquadrão tremulavam pendões, quarteando-se as côres dos ricos-homens.

O frade voltou a cabeça com tristeza. Pelo contrario, a vista do cavalleiro de Lanhoso tinha um brilho estranho ao cravar-se em D. Nuno.

— «São elles! exclamaram ambos a um tempo. São elles! D. Nuno, vêde D. Froylas! Que airoso que vem o bom do velho no seu cavallo fouveiro?!»

— «São setenta annos de idade para envergonhar os trinta e os vinte!»

— «E bom aço, que não parte» atalhou o monge.

— «Que os cavalleiros moços tivessem metade...»

— «Os cavalleiros moços!... disse D. Nuno, rindo. São para dançar na côrte, á roda das damas, como borboletas; e os velhos para pelejar! Com o ultimo d'elles adeus Portugal.»

— «Não, ainda ha cavalleiros moços, D. Nuno; acudiu Martim Paes. Olhai, aquelle que D. Froylas traz á sua esquerda...»

— «Não é Tructezindo Ramires?» perguntou o frade, resguardando a vista com a mão curva.

— «Esse. Com vinte annos, não os terá ainda completos, o moço Ramires é a melhor lança de Lima e Cima-Cavado!»

D. Nuno fez que não ouvia; e, apartando-se, desceu á sala d'armas para gritar do balcão:

— «Erga-se o rastilho! abaixo a levadiça! honra aos ricos-homens de Lima e Cavado!»

Em quanto elle gritava, o monge, pondo a mão no hombro de Martim Paes, dizia:

— «Este homem é máu e covarde, Martim Paes!»

O cavalleiro de Lanhoso não respondeu. O frade accrescentou:

— «Ouve-me agora: — Pelo sancto nome de Deus, pela alma de teu pai, pelo amor de tua irmã... não faças tal!»

— «Pareces parente de Gomes Lourenços, padre!»

— «No amor sou teu pai, mancebo.»

— «E fallaes de perdão?!...»

— «Fallo, porque acima da affronta está a fé, a honra do cavalleiro. Teu pai, se fosse vivo, gritava: Martim Paes, é despique de mulher... E o mundo não dirá: O senhor de Lanhoso, — olha! — como se não achou com valor para morrer de uma lançada... fez-se carrasco!! Queres que digam isto de ti, mancebo?»

— «Frade, não me tentes!... exclamou a cavalleiro, cerrando o punho com raiva. Não peças impossiveis.»

— «Quem t'os pede. Digo-te o que ha de succeder... O nome de «Ribeira» fica deshonrado, por ti, o filho d'aquelle pai. Pelos thesouros da terra, se tal ousares, a affronta do teu nome será a maior com que se possa injuriar alguem.»

— «Que te não ouça outra vez isso, padre!»

— «Ameaças a mim, D. cavalleiro?!»

— «Deixa-te de vaidades, nono. Que fallas ahi de brios, tu!?... Deixa isso a quem póde com uma haste como essas que estão pelos lanceiros.»

Nos olhos do monge relampejou o fulgor de severa indignação.

— «E foi para isto que eu te criei! A quem acabou para o mundo chamas covarde... e não te pejas de pisar os mortos, homem de orgulho e soberba? Aonde estão os Cides de hoje, mancebo?»

Envergonhado da reprehensão D. Martim não respondeu. Fr. Munio proseguiu:

— «No meu tempo os cavalleiros, no Andaluz, feriam tres contra doze, e não viravam rosto... havia

muitos; chamava-se um D. Sancho, infante de Portugal. O segundo era Lourenço Viegas — o espadeiro! — e o outro, o terceiro... esse rezemos-lhe por alma! morreu para o mundo!... As lanças que vergam o braço aos cavalleiros d'agora eram canas de torneio para nós.»

E pegando na mais grossa mencou-a ligeira como um vime. D'ahi, retrahindo o corpo, despediu-a de arremesso contra um escudo, em que, vibrando, se enterrou duas pollegadas.

A côr do pejo assomou ás faces do rico homem de Lanhoso, que não levantava a vista do chão. Seguiu-se longa pausa.

— «Este braço, D. Martim, assim mesmo velho ainda jogava duas lançadas... aos mouros.»

Dizendo isto, o frade sorria-se com brandura, mas o cavalleiro não o ouviu. Com os beiços brancos e tremulos, e semblante torvo media o eirado a passos largos e precipitados. Lá dentro ía uma tempestade medonha.

O monge, pouzando-lhe a mão no hombro para o deter, dizia em tom insinuante: — «Vamos, é ser homem!» quando de uma barca pequena, navegada alli perto no esteiro, entoaram estes versos de uma cantiga conhecida.

São frescas noites de junho
Noites de meigo luar;
Estão a arder-me no peito
Amores que fui queimar.

Á medida que a voz cantava, a mão do frade escorregando confrangida apertava-se contra o peito; e no rosto, sempre tão sereno, passou a sombra d'uma saudade, ou correu uma nuvem de pezar. — A cantiga continuou, mais distante já:

Fonte moura, fonte d'ouro,
Bem chamada de Atamhar,
Por que sendo d'aguas doces,
Como pranto has de amargar?

A voz do rio perdeu-se ao longe; mas do outeiro proximo o pastor respondeu, caminhando para o valle:

Minhas galas são as armas,
Meu descanço o pelejar;
E no São João á noite
Meu dormir só é velar!

Em quanto uma nota suspirou nos ecos, Fr. Munio, debruçado, parecia beber a toada da melopea popular com o ar da respiração. Uma das mãos no peito como que sustinha o coração — a outra na fronte, sobre os olhos, queria dizer á memoria e ao pensamento: «Fugi!» Tinha a vista pasmada e extatica; os beiços entr'abertos; e as feições na dolorosa suspensão da mágua e da saudade. Escutava com a alma toda; o corpo nem sabia que existisse.

Depois que os ultimos sons expiraram conservou-se assim por minutos. A vida intensa do espirito, sôlta dos sentidos, voava livre pelas illusões do sentimento. A pouco e pouco a realidade apagou a visão, atraz da qual a idéa vagueava louca; e tornando á existencia positiva, os olhos de Fr. Munio arrazaram-se d'agua. Os suspiros e soluços queriam romper, e comprimidos suffocavam-se na garganta. Que infinito padecer d'alma não accumulou aquelle só momento? Por fim não as poude conter; dois rios de lagrimas rebentaram pelas faces do infeliz.

D. Martim contemplava-o, admirado da repentina mudança. Minutos antes, via no seu rosto a serenidade do céu; que versos eram pois esses que desafiavam a tristeza ou o remorso?! Que mysterio encerrava a canção do rio? O cavalleiro sabia vagamente que uma desgraça, das que são incuraveis, tinha mettido nas austeridades do claustro um homem que, na robustez da idade e na sêde da gloria, ainda se queixava de ser estreita para elle a terra do seu berço. Como o tinha prostrado a desventura, arquejante d'ancia, sob o joelho? por que serie d'agonias, fugindo do arruido dos arraiaes, da morte breve do soldado, buscára o abrigo do ermo? Mysterio era este que o senhor de Lanhoso ignorava como toda a gente. Quando pela vez primeira conhecêra o monge de Cister contava doze annos, e já com as neves do inverno na fronte, o esparto cingido ao corpo, e o rizo da paz na bocca para não lhe escapar do peito o segredo que lá guardava.

Os prantos que ardem nas palpebras dos velhos desatam-se agros e sombrios como tempestade que são. Quando virdes as lagrimas, a uma e uma, borbulharem nos seus olhos, inclinae-vos! E a dôr em toda a solemne grandeza da sua elevação. Inclinae-vos. N'aquelle seio as fontes do pranto, para manarem depois de seccas, rebentaram d'uma chaga, das que matam em poucas horas! — A infancia chora juncto dos amores e dos rozaes; a velhice quasi sempre rega com as suas lagrimas o sepulchro, aonde jazem os affectos que a consolavam do martyrio da vida!

Pobre monge! Á força de enganar as saudades, chegaste a enganar-te a ti. Julgaste que as paixões se extinguiam? Vê! bastou uma d'ellas, bastou a voz apenas, e acordaram todas, e morderam-te na alma mais incisivas do que nunca. E que só dormiam.

O teu coração, macerado com os cilicios e jejuns, sangrado dos espinhos, como o escravo, aprendeu a amar mais a liberdade. Despega-lo da carne, e converte-lo em vaso purificado, para só arder com o incenso da penitencia, era victoria de anjos; as forças do homem não podiam tanto. Veio o chamar do mundo, e o captivo, similhante ao corsel da Numidia, foi buscar os sitios da primeira vida. Monge, o teu coração de esposo e de soldado não cabe na estreita cella do mosteiro.

Fugiu-te! procura-o nas ruinas do mundo, aonde sonhou a gloria, provou da alegria, e enterrou a ventura; — mundo destruido, de que tu ficaste só, larva errante, para, no vago scismar da noite e das saudades te consolares; porque a noite, como a alma gemedora do poeta, é um mysterio insondavel... pobre monge! Os prantos não aquecem cinzas frias; os affectos mortos não os reverdecem lagrimas; o calor dos suspiros não abre olhos, nem anima peitos mortos e aridos do sepulchro. A tua mortalha arqueja com o soluçar do remorso, mas o sudario, sobre aquelles ossos, não se levanta mais. Tem o pezo da eternidade.

E que se erguesse... os teus votos esmagam-te o coração como a louza de uma sepultura, calcando-o. Quizeste morrer em vida, e os mortos não teem vontade, nem esperança, nem memoria! Choras?! As lagrimas são o alivio do que vive; nas tuas faces queimam com o ardor do crime. Amas?! Monge, o amor do solitario é um sacrilegio, quando se não entrega todo a Deus.

Assim, do fundo d'alma, clamava a consciencia de Fr. Munio. Era amargosa a reprehensão; mas o remedio que doe quasi sempre cura. Limpando os olhos com as costas da mão, o frade disse, virando-se para Martim Paes:

— «A carne é que chorou; o espirito está alegre... resignado!»

— «Mas esta cantiga?!...»

— «Lembrou-me que duas horas de felicidade houve na minha vida. Que de cousas veio recordar!»

— «Amores?...»

— «Que amores, D. Martim?! Eram do céu; por isso Deus os levou tão cedo. Vespera de S. João cantou-se esta cantiga... a bocca a quem a ouvi não torna a abrir-se. Estavam alli uns olhos!... já os comeu a terra.»

— «Morreu?»

— «Mataram-n'a!» respondeu o frade, pallido como cera.

— «Ah!... E vós?...»

— «Eu!? Para que m'o perguntaes? Este habito não é o sudario de um innocente.

— «Resignaste-vos depois!...»

— «Altos juizos de Deus!»

E cruzou as mãos no peito. O cavalleiro não insistiu em o interrogar, porque viu que seria inutil.

— «Martim Paes, proseguiu o monge com vehemencia, pela hostia sagrada, não mates Gomes Lourenço. Esta cantiga ainda a não ouvi senão quando está para vir desgraça grande!»

— «Agouros, padre?»

— «Avisos, filho. Deus falla por todas as boccas.»

Sem responder, o mancebo apertava-lhe a mão com força.

— «Promettes?»

— «E tarde, já não posso.»

— «Ainda agora viste se eu padeço; pelo amor de tua mãi, arreda de ti o meu destino... Castigue-o Deus!»

— «E juiz que mora tão longe, padre!»

— «E que te ha de vêr de lá mesmo, filho.»

— «Que veja então se eu sei vingar-me.»

E sem querer ouvir mais nada, desceu a escada e foi receber os ricos-homens de Lima e Cavado. O frade, em vez de o acompanhar, entrou na ermida. Ahi, ao relampejar do céu, de mãos erguidas ajoelhou em fervorosa oração. Instantes depois, o ruido das vozes e o tinir das armas na sala por cima, annunciaram-lhe a chegada dos parentes de Lanhoso.

Já de noite o monge, ainda de bruços na lagem, sentiu tropeada e relinchar de corseis. Ouviu perguntar de fóra, e D. Nuno responder de dentro. Atraz, os algapões rangeram nas cadeias, e caíram de pancada surda nos apoios de pedra da ponte.

— «E ninguem te diria, Gomes Lourenço, exclamou o frade, que as portas d'este castello, como as da eternidade, não se abrem mais? Seja feita a tua vontade, Senhor!

E levantou-se sem accrescentar mais nada.

Soldado de cavallo prussiano.

É sabido que o rei da Prussia estima apaixonadamente a idade media. A principio, desenvolveu-se o seu desvelo pela imitação d'esta epocha por meio de impulso e favor prestado ás artes, e restauração de monumentos; porem ainda não ha bem dois annos estendeu-se aos uniformes do exercito. Supprimiu o moderno fardamento para todas as armas, assim de cavallaria e infanteria de linha, como dos regimentos da landwher, ou segunda milicia. Só os lanceiros e os hussares conservaram seus uniformes, que denotam a sua origem estrangeira.

Uma sotaina azul para a infanteria, azul clara para os dragões, branca para os guardas de corpo e os couraceiros, substitue a farda; faz lembrar pelo feitio a sobrecota da idade media; é muito curta e dá quasi pela curva da perna.

O shakó, ou barretina de pelles, é substituido em todos os corpos por um capacete de fórma bastante singular, que recorda as celadas ou elmos do seculo XIV; guarnecido de uma larga viseira quadrada, e pela parte de traz, de um comprido resguardo da nuca, é uniformemente coroado por uma ponta de cobre. A infanteria tem este capacete de couro, e o da cavallaria é de ferro polido; os guardas de corpo trazem no alto do mesmo capacete uma aguia dourada.

Convem observar que se esta reforma de fardamento na Prussia não satisfaz inteiramente o bom gosto, ao menos o antecedente não deixa saudades: no antigo, os soldados, afogados por enormes gollas acolchetadas, silhados com as fardas, presos com as calças esticadas por baixo das solas, parecia que faziam continuos esforços para suster em equilibrio os longos e asperos pennachos de clina, arvorados na frente das barretinas; o fardamento actual á primeira vista move o riso, mas é fóra de duvida que dá muita mais facilidade ao movimento do soldado.

As eleições em Inglaterra (1).

Se os homens conhecessem a fundo e por exame proprio tudo quanto amam ou admiram, as *bossas* ou protuberancias do amor e da admiração, como diria um phrenologista, não occupariam no seu craneo o tamanho de uma lentilha; porém, a da indifferença elevar-se-hia ao volume de um lobinho monstruoso. Eu sou o primeiro que applico a mim mesmo este afflictivo aphorismo. Todos os objectos que amei e admirei, á excepção de um só, bem depressa perderam os

(1) Artigo de Mr. Charpentier no Musée des Familles.

direitos áquelles dois sentimentos, logo que os colloquei em frente do prisma attenuannte que se chama observação.

Na primeira linha d'esses objectos que só me deixaram o pesar de os haver conhecido, entra a Inglaterra e a sua constituição politica. Quanto eu tinha lido e ouvido d'este paiz me tinha apaixonado, exaltado, quando eu era maniaco de anglomania furiosa. O mais intimo e o melhor dos meus amigos affligia-se muito de ver-me n'este estado; e vinte vezes estivemos a ponto de ficarmos mal avindos para sempre em as nossas continuas e ardentes discussões sobre a preeminencia da Inglaterra sobre a França e viceversa. Eu, sustentava sempre que a civilisação na Inglaterra andava adiantada meio seculo ao resto da Europa; porém o meu amigo, homem de juizo e prudencia, achou o meio de cortar o mal pela raiz. Aconselhou-me uma viagem a Inglaterra na epocha das eleições, e muniu-me de cartas de recommendação para um rico negociante hollandez, estabelecido em Londres, havia trinta annos, e chamado M. Van-Krooeck.

Aqui estou eu na capital dos tres reinos unidos, na cidade de um milhão e setecentos mil habitantes, no emporio do commercio do mundo inteiro, no asylo inviolavel e sagrado da liberdade humana. Este ultimo privilegio me enthusiasmava de maneira que, passeando nas amplas ruas de Londres, sentia-me livre e leve como um homem que se acha solto de grilhões que lhe pesavam nas mãos e lhe peavam os pés.

No terceiro dia da minha chegada, o hollandez a quem eu estava recommendado conduziu-me ás eleições na *City*. Como elle habitava na extremidade opposta da cidade, tinhamos que andar longo caminho; o que elle quiz approveitar para dar principio ás suas observações e á minha instrucção sobre os inglezes e a Inglaterra.

— « Todos esses homens que vêdes tão tezos e calados por esses largos passeios (me disse) trazem impressa no rosto a expressão do sentimento que é a origem dos seus vicios e das suas virtudes, o orgulho, immenso, sem igual, espantoso. O inglez ama o seu rei como um seu amigo; mas não quer reconhecer outro senhor senão as leis, para a confecção das quaes contribue. O inglez professa desprezo profundo daquelles povos que dão a um homem licença illimitada, para viverem depois todos escravos ás ordens d'elle. »

— « Com effeito, é curiosa posição (observei eu) a das nações que teem governos absolutos: inspiram ao seu dominador um terror continuo, e ao mesmo tempo estremecem sob o poder que julgam delegação do céu. »

— « Essa contradição é de facto tão verdadeira como singular; mas acha-se em Inglaterra debaixo de outro aspecto. Aqui, o nome de liberdade retumba em todas as assembleas; estão promptos a morrer por esta palavra milhares de homens, da qual apenas alguns comprehendem o sentido. Alem d'isso, a liberdade aqui é privilegio do rico, e só do rico; o pobre operario falla como um Catão ou um Bruto, é a vigilante guarda d'essa liberdade, mas nunca a conhecerá. O dia unico em que a póde exercitar é o das eleições, dia em que se vende por alguns cangirões de cerveja e algumas postas de vacca, ou por meia duzia de schellings. »

— « Pois esse indigno mercado é tão effectivo, tão geral como dizem! — Bradei eu, olhando attentamente para o meu interlocutor. »

— « Muito effectivo e muito geral (me tornou elle, sorrindo-se). Mas não crimineis o povo inglez; no intervallo das eleições elle tem o prazer politico de fallar da sua liberdade; mas, na epocha das eleições tem uma fartadella, que é prazer muito mais solido. »

Passavamos exactamente por diante de uma taberna, onde havia eleitores abancados, de listas nas mãos, entre vasilhas enormes.

— « Olhai, (me disse o meu cicerone) aqui esta guapa gente que joga o seu voto com botelhas de cerveja. »

Chegamos bem depressa a um vasto e sombrio edificio, que me parecia uma prisão.

— « Não vos enganais: (disse M. Van-Krooeck) é a prisão dos devedores. Vêde aquelle infeliz que conversa, atravez das grades da janella rente do chão, com dois homens, que se mostram muito agitados. Quereis escutar por alguns instantes a sua conversação? Ha dez que apostar contra um, que estão fallando de eleições, e discutem, segundo a sua opinião, as probabilidades e os merecimentos de cada candidato. »

— « De boa vontade, (repliquei eu) mas para não perceberem que os escutamos, paremos aqui n'este estendal de gravuras velhas, como quem quer vêr e comprar alguma d'essa fazenda. »

Um dos dois interlocutores do devedor preso era um moço de fretes, outro era um soldado de marinha com uma desmarcada cicatriz no rosto; o que descobrimos pelos ganchos pendurados nos hombros do primeiro, e pelo fardamento um tanto safado do segundo.

— « Meus amigos (dizia-lhe o preso, por entre as grades) eu não tenho receio senão pela nossa liberdade; daria o meu voto, se podesse sair por uma hora sómente d'esta prisão para ir votar; e o daria áquelle dos dois candidatos que expozesse as opiniões mais decididas quanto á liberdade do povo. »

— « E contais sair tão breve da prisão? — Perguntou-lhe o soldado. »

— « Sim (tornou o prisioneiro): porque sir Colingbroke, que sabe a minha opinião, deve a estas horas ter pago a divida que me retem aqui. Oh! sir Colingbroke é um fervoroso radical, um amigo da liberdade; affirmo-o eu; e por isso, o meu voto é d'elle. »

— « Quanto a mim, (disse o homem dos fretes) eu quero o bem do povo; e como eu e minha filha pertencemos ao povo, quero o bem-estar de nós ambos. Ora o concorrente de sir Colingbroke é Mr. Larker, negociante rico, como vós sabeis; prometteu a Hary Jeus-Kins, o pretendente de minha filha, o logar de guarda de armazens na sua casa, o que rende por anno cincoenta libras esterlinas, com o que passaremos todos commodamente. Agora, deixo ao vosso juizo, meus amigos, se eu hei de deixar de votar com Mr. Larker, bemfeitor do povo e da minha familia? »

— « Bello! (exclamou o soldado) eis-ahi está o que é fallar estupidamente! Eis-ahi o que é nunca ter queimado uma escorva, nem amolgado uma espada na cabeça calva de um china; se o soubessem não iriam dar voto em dois paisanos, antes que n'um valente militar. A quem compete fazer as leis, pergunto eu, senão áquelles que as defendem? O meu coronel, lord Levenson, era muito mais digno de ser eleito; elle que deixava o soldado saquear á discrição as cidades tomadas de assalto. Diz-se que detesta o povo e quer a todo o custo a lei dos cereaes; mas é estimado do soldado pela liberdade que lhe permitte fóra da velha Inglaterra. Viva elle! Quando se lhe metter em cabeça ser candidato, gritarei tão alto que o meu voto valerá por dez: agora não voto em ninguem. »

N'este ponto, os tres politicos separaram-se, bem convencidos da sinceridade e desinteresse dos seus principios.

— « Acabais de appreciar (disse-me então o hollandez) em toda a sua nudez o profundo conhecimento dos plebeus inglezes em materia de liberdade. O deputado liberal é para esse devedor insolvivel o que

lhe abrir as portas da cadeia; o moço dos fretes e o outro companheiro não tem outra balança para pezar o merito do candidato de sua escolha.»

Testimunhei a Mr. Van-Krooeck á minha extraordinaria admiração no tocante ao que acabava de ouvir.

—«Senhor, (disse eu) estes tres homens são uns pobres diabos, a quem a oppressão da miseria parece menos insupportavel que a da aristocracia: a sua opinião não passa de uma excepção. É d'esperar mais elevação e delicadeza de sentimentos na massa geral; não será assim, senhor?»

—«Breve o podereis julgar. — Respondeu o hollandez.»

Com effeito, depois de um quarto de hora de caminho, ouvimos uma algazarra, ainda ao longe mas formidavel, de vozes de homens. Á proporção que iamos chegando, augmentava de intensidade a bulha; distinguia-se o riso desordenado, a dôr, a imprecação &c. — Mas que espectaculo se me offereceu aos olhos desvairados.

—«Porém, senhor, (disse eu para o meu explicador neerlandez) não é um acto politico que se prepara n'este logar; estamos no campo de um mercado, no meio de feirantes impando de cervejas, que se açulam uns aos outros, não sei porque. Confesso que esta scena nada tem de divertida.»

—«Mas é instructiva, meu senhor francez.»

Entrámos, mas com muito custo, n'um d'esses immensos cafés — estalagens, e casas de comida ao mesmo tempo, que lá chamam «tabernas.»

Compridas mesas estavam atulhadas de ossadas de diversidade de animaes, empilhadas como pedras de uma casa, que se vai construir. Nunca eu tinha observado uma destruição tão consideravel de entes animados, nem tão variada, nem tão capaz de tirar completamente o appettite a qualquer homem que não seja inglez.

—«Aqui tendes outra face dos costumes do paiz (me disse Mr. Van-Krooeck). Não ha em todo o mundo povo mais comilão; e não ha festa em que se coma tanto como por occasião das eleições. O boi gordo é realmente aqui o primeiro elemento politico. Ha trinta annos que resido no paiz; e não cesso de pasmar á vista dos banquetes monstros d'esta gente. Ainda que eu tivesse cincoenta cabeças, e cada uma d'ellas munida da competente intelligencia, ser-me-hia impossivel computar o numero de vaccas e bois, de porcos, gangos, e perús, que desde esta manhã morreram para o bem da velha Inglaterra, sua patria commum.» *(Continúa.)*

Os medicos kalmukos.

Os *guelungs*, ou sacerdotes kalmukos, accumulam de ordinario as funcções sacerdotaes com as de *emtschi* ou medico: tractam ao mesmo tempo do corpo e da alma do doente.

Conhecem pelo pulso, e, as mais das vezes, tambem pelo exame das ourinas, a natureza e intensidade da molestia, e depois começam o curativo em que adoptam, como principio geral, que o doente deve soffrer uma dieta rigorosissima. Mesmo quando, a olhos vistos, se vai restabelecendo, não lhe dão por duas semanas senão agua quente.

Compõem-se os seus medicamentos de differentes hervas que elles vão colher por suas mãos aos *steppes* de Astracan, ou que mandam vir de diversos pontos da Asia, e até da India. Um dos seus principaes remedio é o *dac* ou almiscar do animal chamado *targa*.

Affirmam os kalmukos, e na sua fé os russos que habitam as *steppes*, que um cozimento, chamado *ja-ou*, é um sudorifico excellente, melhor que todos os remedios analogos da medicina europea.

Se algum d'elles tem a desgraça de ser picado pelas tarantulas ou aranhas negras, ajunctam os medicos certo numero d'aquelles animaes, mettem-n'os em azeite ou cebo de vacca, e esfregam com esta especie de untura forte não só a ferida, mas todo o corpo do doente, que toma ao mesmo tempo remedios internos. Quando não se applica logo este remedio corre o enfermo grande perigo. Os symptomas da mordedura manifestam-se immediatamente: são um aperto de coração, e um delirio, que, se os soccorros não forem promptissimos, só acaba com a vida. Os convalescentes, muito tempo depois da cura, conservam a amarellidão do rosto, sentem estremecimentos por todo o corpo, e mal podem ter-se em pé. Para sarar de todo é indispensavel ter a maior cautela em tudo e por tudo, e uma sobriedade completa.

Taes são as idéas dos kalmukos pelo que toca aos medicamentos; ha todavia muitos casos em que os *guelungs* ou *emtschis*, receitam aos doentes bebidas escandecentes, e enormes quantidades de carneiro gordo para alimento.

Julgam incuraveis as bexigas, e por isso lhes teem o maior horror possivel; de sorte que se alguum kalmuko se chega, por descuido, a sitio onde haja pessoas com ellas, apanha um susto mui grande, com que fica mais sujeito ao contagio. Para evitarem as consequencias perigosas do medo que rapa o *seechikts* (aquelle que julgam iscado do mal) accusam-n'o de algum crime que não commetteu; por exemplo, de um roubo. O réu supposto é agarrado, quando menos o espera, e convencido por testimunhas falsas; amarram-lhe as mãos, e dão-lhe uma roda de chicote. O novo terror, a impressão inesperada do vergalho no lombo da victima d'esta cruel hygiene, faz com que elle se esqueça das bexigas, e mata a influencia desfavoravel causada pelo terror d'uma imaginação exaltada.

É certo que muitos *guelungs* mostram grande habilidade no tractamento das doenças, e que teem conhecimentos profundos das virtudes das plantas. É provavel que d'um bom exame, feito nas *steppes*, resultasse mais de uma descoberta util á saude da especie humana.

Os *guelungs* ajudam com orações a acção dos remedios, e, por consequencia, exigem dos seus doentes offertas de grande valor para os *hourouls* ou templos de idolos. O kalmuko, supersticioso ao ultimo ponto, ostenta generosidade n'estas occasiões, e commummente o homem rico não consegue livrar-se da molestia sem ficar reduzido á indigencia ou, pelo menos, deixa a sua familia a pedir esmola. Os *guelungs*, que tambem tomam o nome de *sungatchi*, ou astrologos, pela sua erudição, teem a habilidade d'apontar, como causa da molestia de que tractam, a propriedade de algum objecto de valor consideravel, que o enfermo possue, e que, segundo os *guelungs*, se oppõe a que recobre a saude. Tanto que o *sunghatchi*, de quem nada se esconde, faz esta interessante descoberta, começa a persuadir o doente que se desfaça do tal objecto, doando-o ao templo, e o conselho é logo seguido como se fosse uma ordem do céu.

Poem outro nome ao enfermo, o qual, depois d'estes actos, fica certo de que em breve convalescerá. «N'uma aldeia, refere um historiador russo, um certo Seisang-Zézène-Dorchi, que d'antes se chamava Tatu-Nazane, me contou que só fôra curado por este methodo, depois de ter esgotado todos os outros meios.»

A religião dos kalmukos obriga-os a crer que o causador de todas as desgraças que lhes acontecem é

um genio máu, chamado Erlik, ou o diabo, o qual carrega com todos os moribundos. Assim que o estado do doente não deixa haver esperança de vida, recorrem os *guelungs* ao expediente do resgate, apresentando a Erlik, que teima em não apparecer, uma boneca de barro como offerta, para que elle conserve a vida d'um *kan*, ou d'algum outro homem de consideração; e se a obstinação da molestia prova claramente que Erlik está deliberado a empolgar o doente, procuram entre os homens seus dependentes, algum que, por affeição, queira sacrificar-se por elle. Aquelle que se decide a salvar das garras de Erlik algum caudilho desenganado de que morre, recebe o nome, os vestidos mais ricos e a armadura completa do doente, para que no exterior se pareça com elle o mais que fôr possivel; cavalga no seu cavallo mais estimado, coberto de uma sella brilhante, e ao som bellicoso do clarim e outros instrumentos, escoltado por todo o povo e pela clerezia, que repete as orações prescriptas em tal caso, fazem-lhe dar uma volta á roda do houroul, e depois perseguem-n'o com uma berraria como *andyno*, ou expulso para sempre da sua aldeia. O *andyno* póde todavia naturalisar-se n'outra povoação, e até casar; mas é obrigado a viver solitario, e conserva o nome de andyno, que transmitte aos seus descendentes. Nos nossos dias se vai perdendo cada vez mais este uso, e hoje substituem andynos feitos de barro ou de farinha aos andynos vivos.

Independentemente d'estes artificios, usam os *guelungs* de outros, que provam o charlatanismo impudente com que procedem, e attestam a superstição e a inerivel cegueira dos kalmukos.

Para satisfazerem a sua insaciavel cubiça, chegam algumas vezes a persuadir ao doente que a sua alma já está separada do corpo, e que se ainda sente e respira, só o deve attribuir aos vãos esforços da força vital. Todavia, não tiram de todo ao doente a esperança de ser ainda possivel tornar a unir-lhe a alma ao corpo, e é então que o desgraçado offerece quanto possue para que lhe dilatem a vida, e pede ao medico com as mais vivas instancias que lhe restitua a alma. O *guelung* finge fazer esforços para a revocar, tocando primeiramente, para esse fim, um instrumento de vento. Saíndo depois da barraca, faz muitos bichaneros á alma que foge, e a convida a voltar, bradando-lhe: «Debalde partes; torna atraz se não queres que os lobos te comam, &c.» O pobre doente, perplexo entre o medo e a esperança, pergunta-lhe ancioso pelo resultado dos seus esforços, e o *guelung* lhe responde: «Tudo vai bem; a alma já appareceu lá ao longe, e dá mostras de querer voltar.» Continúa assim a embalar o doente com esta esperança até que elle morre ou se restabelece. N'este ultimo caso dá os parabens ao doente pela feliz volta da sua alma; mas se a morte põe termo á farça, asssegura aos parentes do defuncto que a alma estava a ponto de voltar, quando o perverso Erlik empregou uma astucia inesperada, que elle conta muito por miudo, para não perder o direito ao premio promettido.

Se a uma molestia grave sobrevem o delirio, e o doente profere palavras inintelligiveis, não deixam os circumstantes de acreditar que Erlik lhe está dando tractos e quer roubar-lhe a alma. Fazem então uma bulha medonha não só na barraca, mas tambem fóra; quantos estão ao pé do enfermo armam-se com tudo quanto acham á mão, correm d'uma banda para a outra dando grandes berros, e brigando com o ar, para expulsarem o genio do mal, animados pelas exhortações e pelo exemplo do *guelung*.

Escolha das encadernações. Conservação dos livros.

Mr. Sebastião Lenormand, na 12.ª secção do seu *Manual do Encadernador* (edição de 1840), considerando o encadernador consocio do bibliophilo, ou guia dos amadores que querem fazer livrarias sem terem a experiencia ou os conhecimentos necessarios, dá os seguintes conselhos para este fim, tirados quasi todos, segundo confessa, das *Instrucções sobre a disposição, conservação e administração das bibliotheca*, por Mr. Constantin.

Sortimento e qualidade das diversas encadernações.

A encadernação orna e conserva os livros ao mesmo tempo; mas cumpre que seja escolhida e graduada pela natureza e importancia das obras; porque tão mal caberia a capa de bello marroquim dourado n'um folheto ephemero, como a de carneira ou cartonagem n'uma obra prima de sciencia ou d'artes. Tenha o rico amador na sua livraria certo numero de volumes embellezados com as mais primorosas e elegantes encadernações, mas que sejam livros merecedores d'este ornato; o resto da livraria seja encadernada para durar.

Quando o amador dos livros não póde dispender o necessario para que a riqueza da encadernação corresponda ao merito de certas obras, deve contentar-se com uma encadernação muito singela para todos os seus livros; pois val muito mais isto do que ter alguns livros com encadernações de luxo, e outros em brochura, que pareçam desprezados e desagradem á vista.

A encadernação mais ordinaria é de carneira ou de bezerro com doirados e côres diversas: convém ás pessoas de muitos ou de poucos teres, a todas as livrarias, e a todas as obras. Das encadernações de pergaminho, de marroquim, de moscovia, de fazendas ondeadas, de veludo &c., só se deve fazer uso em casos d'excepção.

Um genero mui conveniente, e adoptado por muitos amadores, é o da meia-encadernação com lombada de bezerro ou marroquim, não aparada, com margens. Postos nas prateleiras os volumes assim encadernados são tão elegantes como os livros com encadernação inteira; e teem a mesma solidez. Esta encadernação reune de mais a mais a vantagem da barateza e da largura das margens; cousa de muito valor aos olhos dos bibliophilos, que a pagam por alto preço, e fazem todo o empenho por ella. Alguns d'elles teem tanto a peito a conservação das margens, que fazem ás vezes cobrir com a mais bella encadernação um livro por aparar, e até sem ser tosquiado. Cumpre ao encadernador respeitar e satisfazer esta pretenção, que tem bom fundamento, não obstante tornar-se ás vezes ridicula.

O conhecimento technico da encadernação (diz, insistindo muito n'este ponto, o estimavel auctor da Bibliotheconomia) é indispensavel para evitar perdas reaes. É preciso saber escolher um bom encadernador, poder avaliar o seu trabalho e apontar-lhe os defeitos, aliaz ter-se-hão livros mal encadernados, ornados sem gosto, e pouco fortes; e em quanto estas encadernações defeituosas hão de ir valendo menos de dia para dia, encadernações boas de não maior custo conservarão, a despeito dos annos, todo o seu valor. Uma prova de que o trabalho bem feito é sempre estimado, é que as antigas encadernações dos Dusseils, Deromes, Padeloup e outros, ainda hoje são tão procuradas como os primores d'arte dos encadernadores de París e Londres de maior voga.

(Continúa.)

INUNDAÇÃO NA ITALIA.

A estrada de Alexandria para Placencia atravessa uma immensa campina; na sua entrada estão situadas tres aldêas rodeadas de arvores e de jardins. A pouca distancia da do meio corre um rio, e acima d'este um ribeiro que se converte em torrente com a menor tempestade. Este ribeiro, engrossado pelas abundantissimas chuvas da primavera de 1849, saíu do seu leito a 23 de março, quando menos se esperava. Entre os infelizes que a inundação surprehendeu nos campos achava-se uma familia d'aquellas cercanias; era um paisano piemontez, sua mãe, sua mulher e seu filho. Ao arruido das aguas, e em presença da morte que se acercava tremenda, cada um escutou os impulsos do seu coração. O filho ergueu sua mãe sobre os robustos hombros; a mulher travou da mão de seu filho, e ambos, alentando se mutuamente, correram á ponte que atravessava o ribeiro. Avalie-se qual seria o seu desespero quando, ao chegarem ali, depois de incriveis esforços, viram a ponte desfazer-se, e sumir-se na corrente! Recuaram e poderam ainda subir um comorosinho que a agua todavia galgava com rapidez, e d'ali contemplaram, atterrados, as ondas que mugiam, as luzes da aldêa, onde parecia que ninguem se lembrava d'elles, o céu aonde está Aquelle que só os podia salvar; e os coitados soltavam gritos de desespero cortados de sentidas deprecações a Deus, aos santos e a Virgem. Mas a agua continuava a crescer, a noite tornava-se cada vez mais medonha, e o perigo affigurava-se tão eminente, que até a esperança, essa ultima das illusões dos homens, ia a apagar-se-lhe no coração.

N'este momento de angustia inexplicavel, viram

um ponto luminoso que parecia fluctuar sobre as aguas, e acercar-se d'elles. Bradaram com dobrada força. Aquelle ponto ía augmentando e aproximando-se rapidamente, e em breve, ao clarão avermelhado de um archote, que se reflectia n'agua, viram um ancião de barbas brancas, que seguro na outra margem aos fragmentos da ponte, esguardava com anciedade a margem direita.

Os inundados soltaram um unico brado, uma só palavra se lhe despegou dos labios — o pae! E não se enganavam; quem senão um pae affrontaria com tanta decisão os perigos d'aquella noite temerosa! Infelizmente o seu valor tornava-se em taes circumstancias inutil. Ao sinistro rumorejar das aguas prestes a engolir as suas victimas, todos sentiam que após a dita de se tornarem a vêr, não lhes restava senão a cruel certeza de perecerem juntos; e comtudo a voz do ancião ergueu-se rija e firme:

— Animo, meus filhos! animo! Ainda nos podemos salvar!

— Ai! nós estamos perdidos! responderam da outra margem.

— Não! não! Deus é grande e misericordioso! Ah! se eu tivesse vinte annos! Mas que ouço!

— São as aguas do la Bormida que vêem talvez buscar-nos! Adeos, adeos, meu pae!

Este, porém, não lhe podia responder então. Com o archote erguido para o lado do rio, olhava fito, e escutava attento, immovel como uma estatua.

De repente os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas, ergueu a veneranda cabeça para o céu, quiz fallar, mas apenas pôde proferir estas palavras — Graças, meu Deus!

De feito uma barca guiada pela luz do archote vogava em linha recta para os inundados, junto dos quaes chegou dentro de poucos minutos, para os arrancar a uma morte tão horrorosa como inevitavel.

Eis-aqui pouco mais ou menos o pequeno, mas interessante e terrivel episodio que o habil pintor, o sr. Schnetz, pertendeu representar no seu quadro, que se acha depositado, com outras muitas preciosidades artisticas, no museu de Luxemburgo, e que na nossa, aliás bem acabada gravura, se procurou reproduzir com a maior exactidão e primor.

As linhas que precedem são o sufficiente commentario d'esta tão formosa composição. O artista comprehendeu o assumpto, no nosso entender. O terror que se vê debuxado nas feições dos infelizes camponezes, nem é exagerado, nem tão pouco está abaixo da situação; aquella creancinha, que do mundo só conhece as alegrias no meigo sorrir de sua mãe, dormindo serena nas azas da morte, que paira tremenda sobre as cabeças das differentes figuras, não póde deixar de impressionar profundamente, e constitue, se nos não enganamos, uma das qualidades mais eminentes d'este quadro. As differentes figuras estão agrupadas com muito discernimento, arte e naturalidade. O desenho é correcto e severo como convinha, sem deixar de ser rasgado e elegante. A paisagem está em perfeita harmonia com o pensamento geral da composição; as aguas ruem furiosas por toda a parte, galgam sobre as casas, as arvores, as encostas; e o céu carregado e negro serve de fundo a este quadro de desolação, e parece conservar-se surdo aos clamores dos infelizes. Finalmente, pelo que nos dizem os periodicos de donde extraímos esta noticia, e pelo que se póde dizer em presença da nossa gravura, crêmos que nada falta á excellente composição do sr. Schnetz para ser uma obra acabada e digna a todos os respeitos da maior attenção e elogio.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo, nuncio em Portugal no tempo de D. João III.

O seguinte documento curioso é traduzido do original italiano, existente entre os codices da bibliotheca do Vaticano, com o seguinte titulo: *Instruzzione piena delle cose di Portugallo in tempo del re Gio: 3.º data a monsignor coadjutore di Bergamo, nuncio apostolico in quel regno, per ordine di Paolo 3.º*

« Rev.mo e Ill.mo Sr. — Tendo-me V.a S.a pedido que em uma memoria lhe apontasse as cousas, que para o presente julgasse mais conveniente recordar ao nuncio, que vae a Portugal, obedecendo a este desejo, depois de me informar primeiro com muitas pessoas d'aquelle reino, e depois com outras, que lá estiveram na companhia dos nuncios antecedentes, notei aqui o que reputo mais importante e necessario que o nuncio saiba, para fallar e responder seguro a tudo o que lhe possam perguntar, e não ser novo em nenhuma especie, sobre tudo que prenda com interesses da Sé Apostolica e serviço de nosso amo, e não confundir ou equivocar os negocios, nem se assustar com objectos que o não mereçam: — para isso bom será saber:

. . . . . .

(É um pessimo resumo da historia portugueza até a pag. 25 em que diz:)

« No tempo da suppressão dos Templarios, as rendas e terras d'aquella ordem, que eram immensas, foram concedidas pelo papa a uma ordem nova em Portugal creada, que chamaram de Christo. Os Pontifices, em épocas differentes, confirmaram-lhe as mercês de muitos beneficios, decimas, e depois as ilhas da Madeira e todas as mais descubertas em seguimento; de modo, que já valia no tempo de D. Diogo irmão do rei D. Manoel sómente a meza do mestrado 120$000 ducados d'ouro annuaes.

« A este mesmo mestrado concederam depois os papas a decima das navegações da India e Ethiopia.

« O papa Leão (X?) concedeu mais á ordem 20$000 ducados de renda em parochias donde as ditas rendas se tiravam: por erro ou incuria dos padres valem hoje mais de 80$000 ducados as que estão vagas, ou a vagar, e pela letra da mencionada bulla se hão de unir ao dito mestrado, e são de collação regia.

« O mestrado da ordem possuia-o o duque D. Diogo, e depois d'elle foi d'el-rei D. Manoel seu irmão antes de ser rei, e quando subiu ao throno incorporou-se na corôa, e é agora possuido pelo rei D. João seu filho, tudo com concessões e auctoridade desta Sé &c.

« Ha mais duas ordens em Portugal, a de S. Thiago, e a de Aviz que devem ser de 30$000 ducados de renda mensal, e possuem bellissimas terras, e grandes commendas e beneficios. E hoje mestre d'ellas D. Jorge, filho do rei D. João (II).

« Estas tres ordens sendo todas tres electivas e de grandissima importancia, tanta que se lhe deveu a victoria de todo o reino em repetidas guerras, o papa Leão concedeu ao rei de Portugal fazel-as de padroado real *in solido*, e apresentação regia *in perpetua rei memoriam*; e convindo o rei em pagar uma copiosissima composição pelo dito padroado o papa concedeu a graça livre.

« Item a Sé Apostolica concedeu ao rei de Portugal a navegação da India e Ethiopia, e mais terras descubertas de novo, debaixo de certa linha divisoria do mundo entre o rei de Portugal e o de Castella. E com a bulla d'esta concessão se defende-

não menos do que com as armas, o direito adquirido contra francezes, e outros que pertendem poder navegar n'aquellas paragens, e negociar tambem.

«Item o papa Leão concedeu ao rei D. Manoel uma cruzada em todos os seus reinos, que ha quem diga que lhe renden por perto de 400$000 ducados.

«Item o mesmo papa concedeu ao rei de Portugal a terça parte de todas as rendas ecclesiasticas *ad instar bonorum Castelli et Legionis non perpetuo*. E porque o clero moveu lide para se defender, e a questão se tornava perigosa para o rei, e odiosa para o papa, sendo o clero poderosissimo, o rei D. Manoel compoz-se com o clero por 153$000 ducados d'ouro, obrigando-se por instrumento publico, e contracto de juramento solemne por si e seus successores de não sollicitar, nem acceitar mais decima de nenhuma especie do papa. Apesar d'isto a santidade de nosso padre Paulo III concedeu depois ao actual rei duas decimas em Portugal, que custaram mais ao clero. E sua santidade, podendo entender, que já o clero estava obrigado por promessa da sua respectiva ordem, e que tudo montava a 100$000 ducados, compoz-se por 30$000 ducados, e o rei os arrecadou.

«Item a Sé Apostolica por pacificar o rei D. Manoel no reino, fazendo-o rei de Castella ainda, concedeu-lhe dispensa para casar com a filha primogenita do rei catholico, sua parenta em grau mui proximo, viuva do principe D. Affonso de Portugal, seu primo, princeza e herdeira de tantos reinos; e morrendo esta de parto, como as cousas do reino ficassem revoltas, deu-lhe dispensa para segundo matrimonio com a outra filha do rei catholico a rainha D. Maria, mãe do actual rei D. João, e irmã da primeira. E tendo-lhe imposto, quasi em penitencia da dita dispensa, (que era em grau de tão estreita affinidade) de passar pessoalmente a Africa com o exercito, o desligou d'isto depois sob condição de enviar soccorros determinados contra os turcos, no que lhe fez assignalada mercê. E ultimamente o dispensou para poder casar com a sobrinha das ditas duas irmãs, a qual hoje é rainha de França.

(Continúa.)

FENNIMORE COOPER.

No dia quatorze de setembro no anno de 1851 exhalava o ultimo suspiro na residencia de Cooperstown o famoso escriptor, que illustrou a patria de Washington com uma palma, rival do louro do bardo Escocez, Walter Scott. O auctor do «*Piloto*» e do «*Derradeiro Mohicano*»; o poeta que deu voz e alma ás florestas virgens da America; o pintor que desenhou as physionomias dos heroes das selvas em lucta com a civilisação; animando a existencia maritima da paixão e do interesse em tantos quadros; o homem, que nos fez assistir em espirito aos grandes espectaculos da natureza, e ás maiores scenas do coração, offerecendo na tela dramatica costumes, caracteres, e sitios, apenas apercebidos de longe, antes do cantico melancolico dos Natchés e de Atala, Fennimore Cooper foi reunir-se á sombra de Cervantes, e descançar ao lado do auctor de Waverley!

A grande voz calou-se; o observador que viu tão fundo no seio da sociedade nova, e nos instinctos confusos das tribus selvagens; o interprete eloquente das harmonias da solidão, nada mais dirá ao berço natal, objecto do seu amor, apar da arte, da reli-

gião de todos os instantes! Longos annos hão de passar antes, que outra mão ouse continuar na obra interrompida as scenas que immortalisam o mestre. A raça Anglo-americana, tão soberba das suas conquistas, tem razão de se cubrir de lucto. As gerações não costumam ser fecundas em vultos d'esta altura. Como o romancista, que perdeu, tão cedo não torna outro a illustral-a.

A historia da vida de Fennimore é a historia de um homem modesto nos desejos, irreprehensivel no caracter, e vivendo mais com a intelligencia, do que no mundo, que pouco o maguou no seu contacto. Filho do magistrado Cooper, descendia de uma familia ingleza natural do condado de Buckingham, estabelecida na America no anno de 1679. Nascido na casa paterna, no meio de uma lavoura opulenta, formada por seu pae, abriu os olhos no Estado de New-York, em Burlington, ás margens do Delaware, tantas vezes celebrado nas suas descripções.

Começou a educação no collegio de Yale (New-Haven) aonde bebeu as noções, que ampliadas depois, cultivaram o espirito e enriqueceram a imaginação. Como aconteceu com outros talentos raros, a disciplina escolar parecia comprimir, em logar de desenvolver, as propensões litterarias do mancebo. De 1802 até 1805, em que entrou no serviço da marinha, nenhum indicio revelou o auspicioso futuro, que o esperava.

Impetuoso, robusto e indocil, oppunha a tenacidade e a resistencia ás advertencias e aos estimulos da severidade collegial. Elle mesmo ainda ignorava as forças intellectuaes, de que era dotado, e não aspirava senão ao movimento e ás commoções da trabalhosa carreira do mar, entre os perigos da tormenta, e ás vezes o conflicto dos combates. A vocação dormitava; e a phantasia apenas disperta procurava na acção o alimento necessario ao seu ardor. Mais tarde é que descubriu a verdadeira estrada, e a pisou como triumphador.

Aos treze annos, accedendo ás supplicas repetidas, seu pae deu o consentimento, deixando-o satisfazer o inquieto desejo de firmar o pé no convez de um navio de guerra, debaixo do pavilhão da sua patria. A influencia d'este periodo nas qualidades do seu espirito foi indelevel. Seis annos de continuo serviço fortificaram a imaginação adolescente, deram vigor ao engenho, e gravaram na alma as primeiras imagens dos dramas maritimos, que desenrolou depois, e serão sempre a admiração da arte.

Nas scenas tão exactas e amiudadas que retracta, quem poderá dizer até que ponto o poeta foi actor? Quando debruça da amurada a figura grandiosa de Tom Jones, com os olhos fitos no deserto das aguas; quando levanta os cachões da vaga, fazendo pular no dorso a quilha e gemer o costado no embate; quando colloca o homem heroico pela serenidade no meio do temporal e da guerra, dominando a morte que o ameaça dos abysmos, quem sabe se as manobras que descreve, se os perigos que humilha, se a anciedade que representa, é só ficção apenas, ou se une a realidade, o episodio terrivel de uma carreira fertil em lances e em rasgos sublimes?

A saudade dos trabalhos nauticos transluz nas descripções, em que o romancista sentado ao lar domestico se compraz. Os personagens, que nos apresenta, pouca perspicacia é necessaria para perceber, que não foram sempre puras fórmas intellectuaes; sente-se no cuidado com que os segue, no disvello com que os tracta, que o poeta os conheceu e acompanhou.

A bella creação de Tom Longo no *Piloto*, é uma recordação visivel. A arte só não adivinha tanto. Antes de consubstanciar a existencia com a da escuna, objecto da sua idolatria, o pobre Tom, bem affastado de prever a gloria de servir de typo á sua classe, mastigou o rolo de tabaco, afiou os harpões, e tocou o apito de contra-mestre a bordo de um navio; e foi de certo no exercicio regular de tão conspicuas funcções que o pincel veiu colhel-o, e o seu retracto passou da vida real para os vastos dominios da imaginação.

Era o processo de Walter Scott; e em grande parte tambem o de Cervantes; e ha de ser eternamente o dos interpretes, que desejarem sondar os segredos do coração, e o destino da humanidade. Nas manifestações da arte entram sempre como elementos essenciaes, a observação objectiva, e a revelação interior. Não ha quadro grande, aonde, como nos attribuidos ao Gran-Vasco, o auctor se não veja a si e ás imagens familiares do seu espirito. A invenção está no desenho e na collocação; o bello na verdade, e o sublime no estylo.

Cooper saíu da armada no anno de 1810 para se unir á esposa, que hoje deplora a sua falta, e que é filha de Pedro Lancey. Depois de habitar pouco tempo em Westchester nas cercanias de New-York, passou a fixar a sua residencia em Cooperstown, aonde consagrou inteiramente todas as faculdades aos estudos litterarios e á composição d'essa longa genealogia de personagens ideaes, a quem deu a gloria do mesmo modo que Walter Scott á sua, de invocar a paternidade do auctor do «*Piloto*» como titulo de nobreza nas jerarchias da arte. Entretanto, não se creia que o romancista americano se repousou á similhança do Titiro de Virgilio nos ocios do Idilio, sentado á sombra copada das arvores, vendo gemer e fugir as aguas, e tosar as relvas pelo dente dos rebanhos.

A necessidade de acção, que o levava na adolescencia a preferir as commoções violentas do mar a outra vida mais pacifica obrigou-o na idade da reflexão a visitar o continente, aonde se demorou bastantes annos, sobre tudo em París. As notas d'estas viagens, lançadas com rapidez, e mais inclinadas á apreciação politica, do que ao exame artistico, mostram um dos aspectos curiosos d'este caracter, que feria o orgulho britannico pela austeridade dos principios republicanos, e pela expressão rude e sincera das ideas. A tendencia critica tornou-o nos ultimos annos um censor incommodo para os costumes menos severos já dos seus compatriotas, aos quaes tão pouco disfarçava a verdade, como aos estrangeiros.

A obra litteraria de Cooper fórma um monumento; e póde-se dizer que a existencia lhe deu espaço para a não deixar incompleta. Nos ultimos mezes, em que a saude debil o avisou de que era tempo de descançar, depoz a penna, e foi procurar á frescura e á serenidade das campinas, que pintava com tão alegres côres, o remedio ou o engano das forças que succumbiam. Era tarde. Os disvellos tornaram-se inuteis; a molestia zombou da sciencia e da ternura de tantos amigos; e a extrema esperança fugiu com o derradeiro suspiro do poeta, que cerrou os olhos pouco antes de prefazer sessenta e dous annos de idade. Durante a sua lucta com a morte, a America anciosa pendia do exito, e recebia com avidez todas as noticias, ora reanimada, ora abatida pelas crizes que se alternavam. Em fim chegou a ultima, e com ella o lucto nacional de um grande povo digno de se ajoelhar na magua viril da admiração perante o sepulcro de um dos reis da intelligencia, depois de se ter levantado em presença do throno, e de responder com a espada ao golpe do sceptro, e á intimação das armas!

O numero dos romances compostos por Fennimo-

re rivalisa com a fecundidade de Walter Scott. O primeiro ensaio, muito inferior ao cunho magistral, que fez pasmar a Inglaterra lendo as paginas de *Waverley*, foi publicado antes do poeta se estabelecer em Cooperstown. A *Precaução*, no enredo frouxo e embaraçado, no dialogo balbuciante muitas vezes, e no traço indeciso dos personagens, estava longe da rasgada e fecunda invenção, e do correcto desenho do bardo Escocez. Ninguem, examinando a primeira novella de Cooper, ousaria ajuizar que a mão do pintor ganhasse a firmeza, e achasse o segredo, que tornam immortaes tantos dos seus quadros.

Da *Precaução* ao *Espia* (o segundo romance de Fennimore) vae uma distancia tão grande, que só a omnipotencia do genio era capaz de a vencer. Effectivamente o protogonista, *Harvey Birch*, é uma creação poderosa pela originalidade e pelo interesse dramatico. O sacrificio não da vida, mas da honra, que é mais, á victoria da patria, era um rasgo epico, digno das virtudes antigas de Sparta. A concepção de um homem, que tira a sua gloria da maior infamia social, e se resigna a humilhar a fronte ao opprobrio, não a podendo erguer com orgulho senão diante de Deus e da consciencia de outro homem, iguala, pela novidade e pela grandeza moral, o que se conhece de mais nobre e heroico na historia do sentimento e da abnegação. Não contente de luctar com as difficuldades do assumpto, Fennimore atreveu-se a outra empresa não menos arriscada, pondo na mesma tela a figura severa e patriotica de Washington, idealisada com raro talento. Desde esse dia, a America primeiro, e a Europa depois, saudaram no auctor dos Mohicanos um dos principes da arte.

Os *Pionners* (roteadores), seguiram-se ao *Espia* confirmando a reputação do poeta, que o *Derradeiro Mohicano* coroou de um louro immarcescivel. Foi depois de taes triumphos que em 1826 Cooper fez a sua viagem á Europa, e visitando os povos, e observando os costumes, continuou sem se interromper na obra litteraria. O *Algoz de Berne*, o *Corsario Vermelho*, e a *Campina* pertencem a este periodo, em que a sua fama se consumou. Finalmente o *Piloto*, talvez a mais perfeita das suas creações, apesar da declinação de outras novellas eivadas de intenção politica, e despidas do interesse original das primeiras, cujo theatro era uma naturesa quasi virgem, attestou que a imaginação do mestre subia com o assumpto, alumiando de magico explendor as scenas do mar, os affectos da alma, e as luctas da liberdade.

Antes de Washington Irving e de Cooper a originalidade da litteratura americana não existia. Elles é que a revelaram, dourando com a luz da invenção e do estylo thesouros de poesia, até então despresados. Irving, mais timido do que Fennimore, correcto, aprasivel e delicado, tinha pouco odio á dependencia do talento, e a cada instante revê nos escriptos a transparencia da antiga escola ingleza. A sua imitação graciosa e ligeira, assemelha-se a uma copia tirada em papel de seda do gosto de Addison, de Steele e de Swift, como observa Philarete Chasles. Mesmo no *Livro dos Esboços*, na *Casa de Bracebridge* e no melhor de todos elles, os *Contos do Viajante*, transluz de mais a recordação de Addison, e sente-se uma certa mollesa na phrase e no pensamento.

Na segunda maneira, que adoptou, a emphase, e as illuminuras apenas disfarçam este defeito. Foi preciso á sua volta da embaixada de Hespanha, que a imaginação e o espirito se retemperassem no espectaculo das cascatas do Niagara, nos lagos Champlain e Erie, e nas margens do Ohio, foi necessario galopar ao lado dos roteadores, e correr com elles o poldro selvagem pelo interior das tribus Pawnies, devassando as florestas e assentando-se á fogueira do campo, ou sob o tecto do wigwam dos indios, para o engenho inspirado pela naturesa se elevar á originalidade das scenas, que os olhos admiravam, e romper com a imitação elegante mas fria, deixando escapar da penna as paginas seductoras da mais bella das suas obras, a *Campina!*

Cooper destingue-se pelos toques vigorosos e originaes, e pela frescura transatlantica que respira tudo o que descreve. Associa-se pelo coração e pela idéa á naturesa grandiosa do seu berço, e pinta-nos a lucta das industrias, das artes e do pensamento do mundo velho, encontrando a apathia da vida selvagem, e a resistencia do instincto contra o progresso, obrigado a domal-as, ou a succumbir.

A estrada rasgava-se diante d'elle, infinita, variada e desconhecida. Eram paineis sem quadro, scenas sem theatro, tudo novo, tudo raro, facil de ligar pelo interesse moderno, mas arduo de exprimir nas fórmas estreitas da imitação. O povo, que lhe serve de actor, levanta-se gigante, saíndo apenas da infancia. Os heroes da sua gloria reproduzem o heroismo sereno e perseverante de Washington e de Franklin. Florestas carregadas de seculos formam o fundo. Os apostolos do novo mundo em contacto com os filhos do deserto; o wigwam e o cachimbo do selvagem ao lado das artes da Europa no meio de solidões rara vez penetradas; o combate das raças de avós a netos, entre os oppressos e os oppressores; que variedade de situações e de affectos; que novidade de perspectivas e de côres; que immenso problema para a intelligencia do philosopho e para a imaginação do poeta!?

O merito do romancista de Cooperstown é ter sabido aproveitar-se de elementos tão diversos, não lhes corrompendo a candura, nem a ingenuidade, por meio da imitação bastarda. Os personagens são humanos, as scenas possiveis, e a linguagem propria do caracter e dos costumes que representam. A natureza gigante das bellas regiões, reflecte-se no drama, como em um espelho. E por isso que os seus compatriotas celebram em Fennimore o Homero americano, o bardo das glorias nacionaes. Os defeitos da sua maneira, o excesso de analyse e de descriptivo; a minuciosa exactidão da pintura; o cuidado enfadonho com que insiste no mais insignificante accessorio, ou na menos importante circumstancia, nascem da intima analogia do auctor com a terra, e com a religião que professa. Calvinista, o estylo e a observação do poeta, denunciam a austeridade da seita, e o escrupuloso culto da verdade. Nos paineis que desenha não apparecem as massas de luz e de escuro que deslumbram em Chateaubriand; mas acha-se a vida do homem, o silencio das aguas, da campina, da floresta, e a immensidade do deserto. A creação opulenta do outro hemispherio em toda a grandesa. Com elle, diz Philarete Chasles, os olhos do espirito, quasi tão bem como os sentidos, vêem e conhecem os bosques vigosos, os plainos arcentos, os robles antigos, as solidões, imagem do infinito, os lagos que parecem mares, e a grande sombra d'essas matas gigantes, aonde a sombra foi sempre eterna!

Observae-o quando a scena é sobre as aguas. Lêde o *Piloto*, traduzido em portuguez, a obra prima da sua imaginação, cujos heroes são o mar e o navio. Notae a unidade e o vigor com que a acção procede dos caracteres, e os lances nascem do enredo. E a apotheose do homem dominando o oceano, como o cavalleiro subjuga o corcel, exclama um critico francez. Que enthusiasmo e que vida nos quadros. Parece que as ondas lhe obedecem, tanta e a belleza e o

terror das scenas, que offerece. O *Corsario Vermelho*, o *Piloto*, a *Feiticeira das Aguas*, que admiravel interpretação das paixões do coração, do sublime da naturesa, e dos costumes nauticos! Como o pittoresco abraça o positivo, e a realidade exalta a magestade do espectaculo! Não são phantasmas de navios correndo sobre ondas fingidas; embarcação e vagas falsas; dentro, e á roda, está a acção e a vida, o caracter e a poesia do assumpto. As velas ição-se e amainam-se; os cabos rangem; as vergas gemem; a maroja canta; e o rollo do mar, coroado de espuma, vem quebrar o dorso esverdeado no costado da escuna, que Tom Coffin chamava a sua patria.

Nas phisionomias femininas, Cooper ostenta uma finura de observação comparavel ao lapis de Shakespeare. Não as disfarça, não as exagera, mostra-as o que são, e o que devem ser, mulheres; mas revestidas das graças, da bondade meiga, e do pudor, que as torna seductoras. Por esta alliança do sentimento moral com a belleza physica, e a serenidade da alma, as suas heroinas sustentam uma virtude alegre que não fatiga; são verdadeiras, e fazem que tudo respire ao pé d'ellas o aroma dos mais puros affectos. Entre os seus romances, que montam a trinta e quatro, sendo o ultimo publicado em 1850, ha mais de uma figura delicada, pensativa e cheia de ternura, como Lucia Hardinge, que pouca inveja tem á Desdemona de Shakespeare e á Flora-Mac-Ivor de Walter Scott.

Dos romances de Fennimore apenas tres, que nós saibamos, se encontram vertidos em portuguez. São o *Piloto*, o *Espia*, e o *Derradeiro Mohicano*, admiravel elegia epica, cuja scena é o novo mundo, cujo actor é o genio primitivo da raça humana. Assim de todos os grandes vultos, que eram o brazão do seculo, nenhum resta de pé. Napoleão, o Cesar moderno, o poeta d'acção, tem chamado, uns atraz dos outros, os grandes nomes da época. Byron primeiro. Walter Scott depois, Chateaubriand após! Cooper, o ultimo, acaba de adormecer no meio das lagrimas, que o seu coração merecia, e das saudades, que o seu caracter inspira. Entrou n'esse grande estadio das sombras aonde o espaço é longo, e a luz ardente, denominado posteridade; mas como os bardos, que o precederam, o monumento póde com o nome, e o louro da memoria, longe de se consumir ao sol da gloria, cada dia reverdece.

L. A. Rebello da Silva.

Sr. Redactor. — Ahi lhe remetto o artigo que teve a bondade de me pedir, e que eu escrevi ha mais de mez e meio, quando estava para ficar collocado na contadoria do Hospital de S. José.

Um dos collaboradores da *Gazeta dos Hospitaes*, meu amigo, havia-me convidado para assistir á inauguração d'aquelle periodico, pelo qual desgraçadamente se espera ha tanto tempo.

Sem me accusar a consciencia de ír como pretensioso, ou mettediço assentar-me a nenhum banquete litterario, acceitei o convite; e acceitei-o por duas razões. A primeira: porque um escripto de penna incompetente, como a minha, nem sempre faz um grande mal, antes produz ás vezes um grande bem. Os defeitos d'estylo e a inexactidão dos factos são um meio indirecto de obrigar as summidades litterarias a desaffrontar as lettras e a sciencia. Ou se irrilem contra o escrevinhador por o vêr metter foice em seara alheia, ou se contristem da sua inepcia e temeridade, quasi que não têem mais remedio do que vir á imprensa expôr na sua verdadeira luz, e restabelecer triumphantemente a verdade dos factos. E é o que, talvez, eu hei de conseguir a respeito dos hospitaes.

A outra razão, porque acceitei o convite do meu amigo, é, que considero o apparecimento d'um periodico uma romaria ou festa popular, onde ordinariamente se dispensam etiquetas e distincções hierarchicas; onde o erudito e o illitterato, movidos do mesmo sentimento ou enthusiasmados pela mesma idéa, e nivelados no meio da multidão exultante se pódem abraçar fraternalmente; uma festa, sim, onde até o pobre esquecendo as tristuras do seu alvergue, e desvestindo os andrajos que o tornam repugnante aos felices da terra, vae folgar entre elles, e deixar á porta do templo o óbolo, que porventura deveu á caridade de algum devoto.

Ora aqui tem as razões porque o meu nome havia de apparecer duas ou tres vezes nas columnas da *Gazeta dos Hospitaes*, e porque annúo agora ao seu pedido mandando-lhe o primeiro artigo que destinava para aquelle periodico, o qual por difficuldades que não se pódem perdoar facilmente, ainda não appareceu nem apparecerá talvez.

J. M. Nogueira.

Duas palavras sobre hospitaes.

I.

> "A piedade portugueza, acreditada em todo o mundo, com repetidas experiencias, se esmerou com maior fervor dentro das espheras d'este reino, na creção de ricos e grandiosos hospitaes, para todas as enfermidades, com tão reguladas disposições, que serviram por varias vezes d'idea e exemplar aos de outros reinos."
>
> (*Padre F. de Santa Maria.* — Historia das Sagradas Congregações.)

Em materia de beneficencia publica não póde dar-se novidade. Tudo está discutido e assentado. Não ha escola, nem systema nem alvitre, que se não saiba, e de que n'alguma parte não se hajam feito alguns ensaios.

E grande todavia entre nós o numero de pessoas, que não cogitam da infancia, ou da velhice enferma e desamparada.

Não pertendo formar libellos injuriosos contra ninguem. Desagradar não foi nunca meio de persuadir; nem o declamar meio d'emprehender e realisar os beneficios e melhoramentos, que as classes infelices demandam a este nosso seculo, tão orgulhoso e assoalhador da sua illustração e caridade. Menos quero doestar a civilisação dos nossos tempos. Mas creio que não devo, que não deve ninguem tributar-lhe culto que desauctorise e rebaixe a penna do escriptor.

Li não ha muito, citada com applauso de Bausset-Roquefort, uma proposição de Watteville, que vem agora ao meu proposito: «Em nenhuma epocha, diz este escriptor, se cuidou com mais intelligencia, nem com mais caridade das classes soffredoras.»

Eu não sei se Watteville de feito disse ou não disse o que Roquefort lhe attribue; o que sei é que, relativamente a hospitaes e hospicios, o mesmo Watteville duvidou n'um relatorio da exactidão do calculo de Necker, que dava a França só 870 d'aquelles estabelecimentos no anno de 1780; e a razão da sua duvida é, que havendo n'aquelle paiz, até ha pouco, 1270 hospitaes, não julgava possivel que d'aquella epocha para cá se tivessem fundado 400. E

Watteville diz mais: «O numero de hospitaes em França não é assás consideravel principalmente nas cidades. Ha 50 annos poucos estabelecimentos d'este genero se têem fundado.»

Ora, se de algum modo não deixa diminuido o valor da citação de Roquefort, esta circumstancia aconselha um certo escrupulo em acreditar asserções, que parece terem sido lançadas ao papel voluntariosamente. Não é de certo com pennadas de capricho, que se devem fazer parallelos difficilimos, senão impossiveis, entre epochas tão diversas e remotas.

Em estampando nos jornaes ou nos relatorios a receita e despesa das juntas de beneficencia, e dos estabelecimentos de caridade existentes, o numero de soccorridos e outros dados estatisticos, importantes sim, mas colligidos, ás vezes sabe Deus como, exultam logo alguns escriptores tão cheios d'orgulho e enthusiasmo, que é impossivel não os accusar de puerilidade. A estatistica, ainda enfaxada no berço em que a vão acalentando, não tem cifras completas e methodicas, que nos revelem o passado com todos os factos e circumstancias que o deixem apreciar exactamente; não póde dar-nos testemunho authentico dos sentimentos que distinguiram muitas gerações, que não raras vezes mais souberam obrar do que escrever. Careciam ainda, ou não sabiam aproveitar-se do auxilio da imprensa, d'esse sentido, essa *faculdade nova*, que, na bella phrase de Lamartine, *remoçou a humanidade*. E que a tivessem, quando mesmo a sciencia de colligir e exprimir os factos pela linguagem dos numeros lhes fosse muito familiar, como poderiam, se ninguem o póde, subordinar o espirito e os affectos a nenhuma expressão de algarismos?

Deletreando n'alguma inscripção de templo abatido pela acção destruidora dos seculos, ou decifrando em pergaminho engelhado e pulverulento alguns gregotins importunos, póde colher-se para a historia muita revelação importante de factos ignorados, mas é impossivel apreciar perfeitamente o passado. Nem basta ír a esses cartorios compulsar os seus livros e papeis: é impossivel contar exactamente todos os testamentos, os legados, as instituições com que a caridade d'outros tempos enriquecia o patrimonio dos pobres, nem os livros, as escripturas e documentos que os incendios consumiram, que o desmaselo e a inepcia deixaram perder, ou que a má fé, a venalidade e a rabulice subtraíram. Quem terá arte de calcular o valor das propriedades com que milhares de familias, no successivo perpassar dos tempos, se têem ido locupletando á custa das classes desherdadas? Quem adivinhará todas as quantias que se escôaram pelas mãos impuras da avareza e hypocrisia? Como poderemos graduar as intenções e as crenças para as podermos comparar?

E certo que ha sessenta annos se têem discutido e resolvido com mais intelligencia as questões da beneficencia e organisação social; mas custa-me a crer que as gerações modernas tenham tido mais caridade do que aquellas, que levantaram por todo o orbe milhares e milhares d'asylos e recolhimentos para a infancia desvalida, hospitaes e albergarias para os enfermos e peregrinos. Firmemente creio que me não engano, pelo menos no que toca ao nosso paiz.

Quem não terá com prazer, que ha 490 e tantos annos (tres seculos quasi antes de S. Vicente de Paulo instituir em París o hospital dos expostos), já entre nós se erigiam casas para a creação, e educação dos meninos e meninas engeitadas, mandando-se-lhes dar mestres *para tudo aquillo que lhes fosse mais conveniente, porque sendo bem ensinados, podessem ter boa ventura!*

Quem não admirará a rapidez prodigiosa, com que a piissima obra dos conselhos e esforços do veneravel Miguel Contreiras se propagou a quasi todos os concelhos do reino? Que redactor do Codigo de Beneficencia Publica estabeleceria agora provisões mais caridosas e humanitarias do que as do Compromisso da Misericordia de Lisboa? Onde se prestaria mais sincera homenagem aos dois grandes principios da — associação e eleição — fundamento das sociedades livremente constituidas?

Se entre nós não houvesse esfriado o zelo da caridade, que antigamente caracterisava o povo portuguez, estariamos ainda sem as *crèches* (presepios) e as escolas maternaes para as creancinhas pobres, e as officinas industriaes e as colonias agricolas para os adolescentes? Como se explica esta lenteza injustificavel, com que procedemos na reformação dos institutos de beneficencia? Que melhoramento relevante temos nós feito, em que nossos avós não tomassem uma nobre iniciativa?

Esses hospitaes que por ahi vemos são obra sua. Monumentos magestosos de caridade ahi hão de ficar para attestarem aos vindouros, como nos attestaram a nós, que só são duraveis as instituições que assentam na unica e eterna base de toda a felicidade: o amor a Deus e aos homens. *(Continúa.)*

Com o presente numero 39 enceta o *Panorama* uma nova epocha — começa uma vida nova e independente, em quanto á parte economica, que não em quanto á parte litteraria e artistica que o editor deseja conservar, pelo menos, na altura em que a opinião illustrada collocou este tão util semanario, por ventura o que melhor comprehendeu entre nós a sua elevada missão, e sem duvida o que conseguiu ser mais geralmente lido, estimado e querido de todas as classes.

Julgando-se uma impropriedade o apparecimento de um novo prologo, quando o volume vae já em mais de metade da publicação, e querendo o editor que a todos ficasse bem patente a sua boa fé, entendeu-se conveniente repetir aqui o programma, destribuido avulsamente, o qual foi redigido de accôrdo com os antigos collaboradores e protectores do *Panorama*, e que assim representa como uma *obrigação* que o mesmo editor faz perante o publico de bem e fielmente cumprir as condições ali exaradas.

O fim do editor, empregando n'esta empresa como empregou, avultados cabedaes, é principalmente restituir á litteratura portugueza um dos seus mais illustres representantes, e á causa da instrução um dos seus mais esforçados campeões, pois que é innegavel que nenhuma publicação periodica nacional tem concorrido tanto e tão efficazmente para o derramamento dos uteis conhecimentos como o *Panorama*.

N'este sentido o editor está resolvido a empregar todos os meios ao seu alcance para que o *Panorama*, não só não seja inferior á sua antiga e bem merecida reputação, mas se torne cada vez mais prestante e digno da santa missão que vae proseguir com igual fé e preserverança; contando, como desde já conta, com a protecção dos que prezam as nossas cousas, sem a qual é impossivel conseguir-se resultado algum de vulto.

O PANORAMA. — Complemento do 9.º volume. Continuação em 1853.

Igual ao alvoroço com que o publico acolheu a reapparição do *Panorama* em 1846 foi o pezar pela sua

suppressão, motivada por uma fatal concurrencia de causas imprevistas e pelas difficuldades d'essa epocha. A predilecção do geral dos leitores por este Jornal litterario e instructivo, o consumo que ainda hoje tem a collecção, explicam-se pela utilidade e variedade das materias n'elle tratadas clara e amenamente em boa linguagem portugueza. *O Panorama* é um repositorio das cousas que mais cumpre saber: n'esses ramos dos conhecimentos humanos que são de immediato interesse para a maioria da sociedade, nos assumptos de erudição escolhida, nos que se referem á moral, bem como em as noções das sciencias ao alcance de todos, será sempre consultado com proveito, e lido com gosto.

Poucas são as pessoas que frequentaram estudos regulares na tenra idade, menos ainda as que se lhes dedicaram na idade adulta, e raras as que occupadas no trato da vida dispõem de tempo para estudar seguidamente obras volumosas, por mais faceis e agradaveis que sejam. Por outra parte, ha muito quem deseje lêr cousas uteis, que fecundem, adornem ou recreiem o espirito sem o fatigar, e sem o desvairar ou corromper.

A Europa culta attesta com a multiplicidade de publicações periodicas, mais ou menos no genero do *Panorama*, que estes jornaes, vehiculos da civilisação, são o mais poderoso elemento da cultura intellectual do povo, quando os redigem escriptores que sabem unir a correcção e elegancia da phrase, decencia e mais condições necessarias, á proficiencia e clareza no ensino. Escriptores taes foram os que sustentaram a redacção do antigo *Panorama*: e d'ahi o constante apreço, a continuada extracção de suas collecções, que para actualmente se preencherem, afim de satisfazer numerosos pedidos, é mister imprimir muitos numeros de toda a serie.

Sendo innegavel que, se o paiz tem dado passos no caminho do progresso material e moral, o *Panorama* não foi alheio a este movimento, que enraizou entre nós o gosto pela leitura e o converteu em habito, quasi n'uma necessidade; que os seus exemplares são mui procurados e dentro em pouco tempo serão raros; a empreza que tomar a tarefa de reimprimir os numeros que faltam, completar o volume que ficou por concluir no 2.º semestre de 1847, e proseguir com a publicação no futuro anno sob o mesmo systema da antiga redacção, fará um serviço mui prestadio ás pessoas que procuram na leitura a instrucção e a recreação util.

Possuido d'esta idéa, tendo consultado a maior parte dos collaboradores do *Panorama* que fundaram e mantiveram a celebridade do Jornal, e muitos dos escriptores distinctos que encetaram a sua gloriosa carreira depois que este foi suspenso, certo da sua cooperação litteraria, e guiado pelos seus conselhos, não hesitei, depois de tomadas as convenientes disposições para este fim, em offerecer ao publico o presente prospecto, como editor do *Panorama* em seu complemento e continuação, empreza inteiramente distincta e separada das precedentes do mesmo Jornal; podendo affiançar o cumprimento das condições que em seguida vão exaradas, no caso de ter obtido o numero necessario de assignaturas.

Os nomes dos senhores A. Oliveira Marreca, Luiz Augusto Rebello da Silva, Mendes Leal Junior, José Maria Latino Coelho, J. J. Caseaes, F. A. Varnhagen, Palmeirim, Serpa, são abonadores seguros do credito que ha de merecer esta publicação; esperamos obter do sr. A. Herculano alguns artigos, e do sr. A. F. Castilho, e contamos com a collaboração de muitos litteratos que deixamos de mencionar por ora. — As gravuras pelo buril do sr. Coelho, e de outros habeis gravadores não desdirão da belleza das que adornavam as primeiras series do Jornal; igualmente será nitida a impressão, e o papel da melhor qualidade.

As pessoas que não possuirem os 38 n.os que saíram em 1846 e 1847, poderão obtel-os com abatimento, isto é, a 20 rs. cada numero, no caso de que subscrevam para a continuação do *Panorama*; tambem se fará algum abatimento no custo da collecção antiga aos senhores que assignarem para a continuação do mesmo Jornal. Avulsamente vender-se-ha pelo preço de 9$600 rs.

Assignatura por um anno ou 52 n.os a começar em Janeiro de 1853 — 1$300 rs., por semestre ou 26 n.os — 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os 14 n.os que faltam ao 9.º volume serão publicados nos sabbados a contar da ultima semana de Setembro proximo; com a mesma regularidade saírão á luz os numeros da nova serie em 1853.

Os senhores que residirem nas provincias do reino ou no imperio do Brazil, e desejarem subscrever para o Jornal, poderão fazel-o por meio dos seus correspondentes em Lisboa; e os das provincias tambem por meio de remessa do preço da subscripção pelo Seguro do Correio; toda a correspondencia será franca de porte. As assignaturas são pagas adiantado; e recebem-se tão sómente no armazem de livros do emprezario e editor do *Panorama*, *Antonio José Fernandez Lopes*. — *Rua Aurea*, n.os 227 e 228.

Presença de espirito de um Arabe. — El-Hadjaje, governador de uma provincia de Africa, saíra um dia com os seus grandes officiaes a caçar, e como seguisse tenazmente uma rez, affastou-se dos que o acompanhavam a ponto, que não sabia depois como voltasse.

Quando estava a meditar no que devia fazer viu um arabe velho, em um proximo campo, a mirar-o muito attento.

— De donde és tu? disse o governador.

— D'aquella cabana que vês além.

— Não és dos de Beni-Adjel?

— Tu o disseste: este campo pertence-lhe.

— Ora conta-me cá bom velho, que se diz por aqui dos agentes do governo?

— Diz-se que são homens sem honra, sem fé, e sem vergonha, que roubam, perseguem e opprimem os habitantes.

— E tu fórmas d'elles a mesma opinião?

— A mesma exactamente.

— E que me dizes de El-Hadjaje?

— Digo que é o peior de todos. Deus o faça tão negro como um carvão, e amaldiçoe o Califa que lhe confiou o mando.

— Sabes com quem estás fallando?

— Em verdade, não sei.

— Pois eu sou El-Hadjaje.

— Folgo de conhecer-te, disse o ancião sem perturbar-se. E tu sabes quem eu sou?

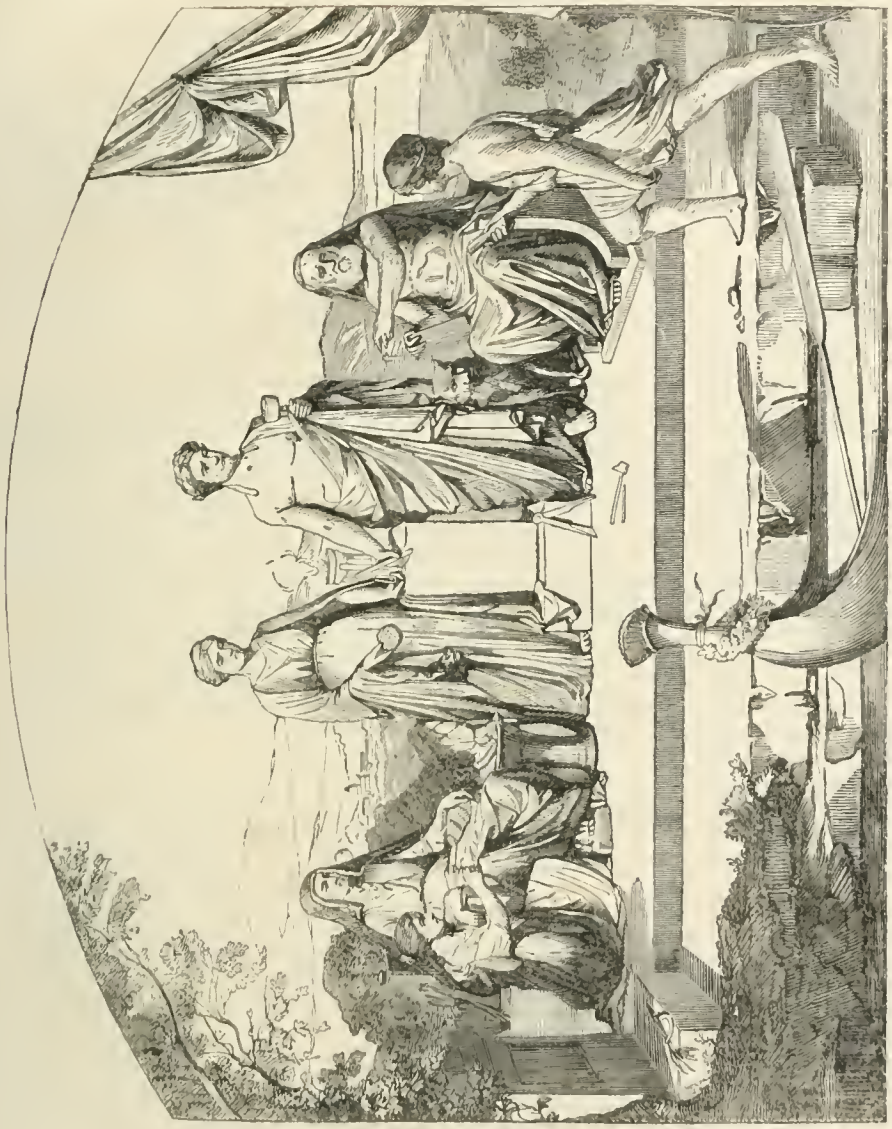
— Não, respondeu o governador maravilhado.

— Chamam-me Zeid-ben-Aamer, e sou o *louco* de Beni-Adjel. Todos os dias, um pouco antes do sol posto, perco a razão. São quatro horas talvez, não me póde tardar muito o accesso.

O governador não procedeu contra o pobre do homem, e depois de lhe perguntar pelo caminho que devia seguir, deu-lhe algum dinheiro, e abalou.

— A educação tem por fim desenvolver em cada individuo a perfeição de que elle fôr susceptivel.

KANT



A VIDA HUMANA — POR EICHTHAL.

O DESENHO de que a nossa gravura é cópia fiel, foi apresentado na exposição do Louvre, já n'este anno, e mereceu ser considerado com a maior distincção e aprego. Eis como o respectivo catalogo se exprime a seu respeito:

«Representar a vida é representar a actividade diversa, as relações mutuas dos dois sexos e das edades.

«O mancebo regressando da sua primeira viagem no mundo, larga a sua barca, e sobe á praia. O homem e a mulher, no periodo de maturidade, o esposo e a esposa, esperam-no de pé proximo do altar, e offerecem-lhe o pão e o vinho, symbolos antigos da abundancia. A mulher tem na mão esquerda o diapasão, o homem a regua, fontes da harmonia e da medida. O ancião indica com um gesto ao mancebo o par no qual reside agora a vida no maior grau de desenvolvimento. A velha, com profunda emoção, espera o successor da geração que substitue a sua. A donzella, ainda protegida pela capa de sua avó, contempla com interesse e curiosidade o espectaculo que se lhe antolha. A paizagem reproduz o contraste que se dá na vida dos dous sexos. Do lado do homem vê-se o espaço sem limites, o occeano com todos os seus perigos; do lado da mulher, o valle com seu circumscripto horisonte, o bosque, a cidade, o tumulo.»

Esta descripção tão clara e concisa não deixa nenhuma duvida sobre o caracter do desenho. A scena que se nos offerece é o resumo *figurado* de uma doutrina philosophica sobre a vida humana, e particularmente sobre a familia: é um symbolo.

O desenho do sr. Eichthal, quando não fosse, como é, a expressão de uma grande idéa philosophica, teria ainda assim um valor real como obra de arte. Agrada á vista, antes de excitar a meditação. O typo das figuras é nobre; graciosas e correctas as attitudes; as physionomias tem um caracter grave e severo, temperado de serenidade, e de ternura; e tudo isto emmoldurado em uma paizagem tão sobria como variada.

A composição symbolica do sr. Eichthal deve ser apenas considerada como o frontespicio de um livro em que a theoria ha de ser exposta com todos os seus desenvolvimentos. Nós não nos atrevemos, pois, mais que a indicar o que julgamos entrever.

Suppunhamos que um pintor pertendia dar uma idéa da constituição da familia nas primeiras edades da historia humana; é provavel que o seu quadro offerecesse pouco mais ou menos o aspecto seguinte: — Como figura principal, e sobrepujando todas as outras, vêr-se-ía um ancião exprimindo no porte e feições austeras a authoridade absoluta. Á sua direita, mas em posição inferior, estaria o seu primogenito, e os outros filhos, e irmãos d'este, todos inclinados em signal de humildade e de obediencia. Á esquerda, mas muito mais abaixo, vêr-se-íam representadas as mulheres, sem exceptuar a esposa do ancião, sentadas no chão, ou antes prostradas, resignando-se sem lutar ao dominio inflexivel do chefe da familia, e acceitando sem se queixar a inferioridade do seu sexo.

Tal foi com effeito a familia por espaço de muitos seculos. O pae tinha o direito de vida e de morte sobre os filhos. A esposa, comprada como uma escrava, ou uma serva, podia ser, a arbitrio do senhor, repudiada, repellida do seio da familia, expulsa de casa. Só o filho primogenito herdava a authoridade do pae. O nascimento de uma filha era considerado como uma desgraça ou uma infamia.

Insensivelmente foi-se modificando este sombrio quadro. A dominação paterna despiu o caracter de despotismo militar. A mulher rehabilitou-se. A protecção deixou de ser oppressiva; a submissão de ser abjecta; o medo de prevalecer sobre o amor; as relações, na familia e na sociedade, tornaram-se mais humanas e affectuosas.

Assim estudada, desde as suas origens até ao nosso seculo, a vida humana offerece uma serie de modificações que facilmente podiam ser representadas em quadros symbolicos analogos ao do sr. Eichthal. Estes quadros constituiriam d'este modo a historia philosophica da humanidade. Não é isto, de resto, suppor o que existe? não se encontraria esta historia se a quizessem procurar? A arte, tenha ou não consciencia da sua obra incessante, symbolisa, seculo por seculo, geração por geração, a marcha vagarosa, mas sempre progressiva, do genero humano.

Se bem comprehendemos o pensamento do sr Eichthal elle não pertende indicar nem predizer modificações novas no seio da familia; propõe-se unicamente conhecer e interpretar as que o desenvolvimento natural da moral e dos costumes produziu.

A velhice amada, respeitada, honrada, superior pela sua larga experiencia, pelos seus beneficios, pelos seus direitos á gratidão, repousa, recorda, e espera. Benevolente e carinhosa, querida da infancia, ella anima com a sua approvação e fortifica com os seus conselhos as gerações que precedeu na vida.

A resolução e a actividade pertencem á edade madura. É então que a vida attinge o mais alto grau de desenvolvimento e de poder; relações mais numerosas e deveres mais difficeis impõem maior somma de responsabilidade. N'esta communhão activa de sabedoria e de amor, a esposa não tem um quinhão inferior ao do esposo; o seu papel é differente, mas não é menos util nem menos santo. Da harmonia das duas vontades dependem a moralidade e a ventura da familia.

A adolescencia, confiada e submissa, inicia-se, amando, nas severas provações do futuro. O constrangimento dos antigos tempos influe menos duramente sobre a alma do mancebo repleta de esperança. Com os olhos respeitosamente erguidos para esses entes que Deus poz no mundo para serem seus protectores e guias, toma alegre a vereda alumiada pelo exemplo das suas virtudes.

Não terminaremos este artigo, que já vae longo, sem mencionar uma circumstancia que torna ainda mais notavel a composição copiada na nossa gravura.

O sr. Eichthal não é desenhador, nem pintor tão pouco; foi-lhe mister buscar dois artistas para lhe realisarem no papel o quadro que concebêra na mente; e conseguiram-no com a maior felicidade. Esta especie de collaboração é talvez um exemplo unico, no tempo presente, da maneira porque se sabe que um consideravel numero de pinturas foram executadas nas grandes epochas de fé, e mórmente na meia edade. Era assim que os religiosos faziam representar nas paredes dos claustros as imagens que se lhes affiguravam em suas meditações e extasis.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo, nuncio em Portugal no tempo de D. João III.

«Item. Da Sé Apostolica dispendem-se em Portugal, a saber: de mestrados, bispados, mosteiros, e outros beneficios, logares religiosos e commendas de Rhodes, para mais d'um milhão d'ouro de renda, do qual quasi o total, ou por uma ou por outra via, póde dispor e dispõe de facto o mesmo papa.

«Item os bispados antigos e grandes não são do padroado real como alguem pensou, e todos os mosteiros são do provimento do papa, assim como a maior parte dos beneficios. E sómente são do padroado real alguns pequenos bispados novos nas regiões da India e em algumas ilhas, como o do Funchal, S. Thomé, S. Thiago e diversos. E os referidos mestrados e todos os outros beneficios o são por graça recente da Sé Apostolica. E posto que os papas muitas vezes costumam dar os ditos bispados a supplicas do rei, é todavia obra de mera liberalidade, porque quando quizeram fazer o contrario sempre o fizeram como verdadeiros padroeiros de todo o ecclesiastico d'aquelle reino.

«Item. Todas as abbadias de S. Bento, S. Bernardo e Santo Agostinho de conegos regulares sempre a Sé Apostolica as deu, a quem aprouve ao papa, sem contrariedade alguma, reservando e impondo pensões, e dando reservas e *accessi ad vacatura*, a seu prazer e liberalmente, e são de summa importancia e valor.

«O priorado de S. João de Jerusalem é do infante D. Luiz, que o possue em commenda com derogação de todos os privilegios da ordem da religião de Rhodes, e sendo provido pela religião vale mais de 10:000 ducados.

«A cidade de Braga no temporal e espiritual tem o mero e mixto imperio da igreja, e arcebispo de Braga com pactos jurados pelos reis de Castella antigos, para que o rei não seja juiz em nenhuma contenda, levantada contra o arcebispo e elle ácerca de jurisdicção, e sómente o seja em taes casos o arcebispo de Compostella, e a Santa Sé por appellação.

«O infante D. Henrique é arcebispo d'Evora e inquisidor mór de Portugal por acto de uma nomeação inquisitoria *in defectu* dos nomeados na bulla. Mas diz-se que tal faculdade não se estende a poder nomear quem não tiver a determinada edade pelos sagrados Canones, e sabe-se que elle não tem dispensa do papa, exercendo apezar d'isto o officio.

«O filho natural do rei chamado D. Duarte, é arcebispo de Braga, tem Santa Cruz de Coimbra, e muitas outras ricas e bellas abbadias.

«O arcebispo de Lisboa é velho, nobre, e parente do rei, e seu capellão mór. É um prelado de boas qualidades, que indica ser bom ecclesiastico e tem bastante entrada com o rei. Parece conveniente que o nuncio lhe leve breves de N. S. com brandas palavras, misturadas porém d'auctoridade, e *in virtute obedientiæ*. E como é respeitosissimo e timido, fará quanto o nuncio determinar. Ainda é preciso tambem que se possa tirar pretexto e razão do que fizer e disser, porque póde ajudar muito, e essencialmente nas cousas que parecer proveitoso dizerem-se ao rei secretamente com advertencia paternal, e elle para isto é mui apto.

«O bispo de Coimbra é o bispo mais antigo talvez da christandade, e foi eleito no oitavo anno de Xisto. É homem muito bom, porém inteiramente fóra do giro da côrte. Porém não falta ás cousas do papa e da consciencia, sendo-lhe recommendadas de modo, *que tema*.

«O Egitanense, que se chama da Guarda, é homem de não boa vida, e muito desobediente ás cousas de Roma, e além d'isto anda ausente da côrte. Não importa este para nada, a não ser para o amoestar.

«O infante D. Henrique arcebispo d'Evora, e irmão do rei faz taes demonstrações de si, que ainda que não seja senão para se conformar com ellas, se vê obrigado a obedecer, queira ou não. Será util, dissimulando o seu máu animo nas cousas da Sé Apostolica, chamal-o a ellas o mais possivel, unindo a brandura á aspereza. E não se lhe levando o officio de inquisidor, por convir ao menos forçal-o a tirar a dispensa da idade, absolver-se do peccado, e ratificar ou annullar os processos passados, que estão *nec ex dignitate sedis Apostolicæ, nec Sanctissimi Domini Nostri*.

«O bispo do Porto é frade carmelita, pregador e confessor da rainha; não tem mui boas opiniões ácerca das cousas de Roma, e dil-o e prega-o. É de mais muito timido, e reputado leviano, fallando com o rei e rainha a miudo. É essencial que o nuncio o não perca de vista, e sentindo ou percebendo cousa publica ou secreta que seja má, lhe falle com liberdade por ser homem que subitamente mudará para o que se quizer.

«O bispo de Lamego é religioso, homem muito simples, de poucas letras e de boa indole. O que se lhe recommendar, com tanto que entenda que é cousa de consciencia, pódese ter por certo que o fará logo. É apto para inquisidor agora em alguma parte do reino.

«O rei e a seu exemplo a nobreza toda que o cerca dá grande credito aos frades; ou seja pela actividade e immensa ambição d'elles, ou pelo descuido dos prelados e sua negligencia, se apoderam do animo d'aquelle rei por via do pulpito e do confessionario. O que importa prover a este respeito dir-se-ha quando se tratar n'este capitulo do que póde e deve fazer o nuncio de Portugal. Por em quanto vão nomear-se as pessoas importantes para que as conheça.

«Na ordem de Santo Agostinho ha tres frades principaes; Fr. João Soares, confessor d'el-rei, homem de poucas letras, mas de extrema audacia, de infatigavel e immensa ambição, de pessimas opiniões, e abertamente inimigo da Sé Apostolica, que não faz profissão; e para dizer tudo n'uma palavra, herege no ultimo ponto. É conhecido do geral, que tentaria dizer-lhe a verdade, mas não póde fallar-lhe muito, porque saíu da religião por breve de N. S. e da Penitenciaria, e o seu mosteiro é o palacio. Todos o conhecem por hereje menos o rei, por cujo motivo, e porque o frade negoceia em tudo sob pretexto de confissão, ninguem o vigia ou conta; é de pessimos costumes e perigoso, e sempre que podesse ser apanhado em algum laço, ou retirado do lado do rei, se conseguiria grande victoria. E mesmo attrahil-o a nós por qualquer meio seria grande serviço a Deus e a N. S.

«Ha outros dous frades de Santo Agostinho, de reputação, que lá estão agora commissarios do geral, e confessam grande numero de pessoas, e occupam um logar grande ao lado do rei, e são os padres Villa-Franca e Montoza, ambos hespanhoes. Pregam sempre, e o Villa-Franca com grande concurso. O Montoza é reputado como homem de melhor vida, e com verdade, porém e governado pelo outro. O rei e grandes personagens ouvem-no muito.

(*Continúa.*)

Das palavras sobre hospitaes.

II.

Os primeiros christãos, antepondo ao rico o pobre, ao forte o fraco, á prepotencia o direito, á gloria a humildade, e os celestes gosos do espirito aos grosseiros prazeres do mundo, seguiam e prégavam uma doutrina contraria á indole e organisação da sociedade pagã. Materialisada pelos habitos, pelas ligações physicas e imperativas, mal podia ella comprehender e estimar a idealidade christã, os laços suasivos e sympathicos, por que o Evangelho unia os homens e os povos na sujeição espontanea e gratissima d'um amor reciproco e universal.

A doutrina, que proclamava a unidade de Deus e a do genero humano, considerando-o como uma só familia com pae e destinos communs, foi nos seus primeiros tempos uma utopia accusada d'anarchica e subversiva; e teve de refugiar-se nas solidões dos bosques, ou nas fraguras dos montes. D'aqui, o monachato. Mas que tem o monachato com os hospitaes? me perguntará alguem. Póde não ter nada, mas eu penso que deve ter muito.

As solidões, para onde os perseguidos e os descontentes se refugiavam, deviam ser visitadas por grande numero de correligionarios, que não raras vezes chegariam extenuados de cansaço e privações, precisados de soccorro e gazalhado. Correndo os tempos, e affluindo aos eremiterios muitos sectarios do christianismo, a população havia de crescer ahi, ou nas

visinhanças infallivelmente. Era impossivel então não empregar meios que produzissem uma existencia e hospitalidade mais commoda.

Qualquer que fosse o systema que os gregos e romanos tivessem adoptado para soccorrer os proletarios e desgraçados, parece natural que emanaria do principio em que assentava a sua organisação social, e que a centralisação politica, a acção do estado dispensaria a acção individual. A policia e a philantropia haviam de ter mais cuidado dos vadios e mendigos válidos, que pudessem attentar contra a propriedade e a segurança dos cidadãos, do que dos pobres desvalídos, das creanças e velhos sem amparo, que não pudessem servir o Estado.

Facilmente se comprehende quanto o divino preceito que manda a cada um amar o seu proximo como a si mesmo, alentado pela communhão de crenças e de infortunio, havia de concorrer para a abolição da formula politica e administrativa, que regia a sociedade.

Quando a idéa christã já tinha conquistado bastante numero d'intelligencias e corações, quando já havia alargado bastante a sua esphera d'acção, era impossivel que não quizesse ír acabar nas cidades o que havia ensaiado nas furnas dos rochedos, ou entre as palmeiras do deserto. E raro que as cidades não preponderem sobre os campos; e tanto o entenderam assim os Apostolos, que elles procuravam ganhar para a fé, com preferencia, os grandes centros de população.

Assim apparecem logo S. Izidoro (d'Alexandria) S. João Chrisostomo, e outros, dirigindo hospitaes em cidades populosas.

Cumpre, porém, notar aqui uma cousa. Não obstante o que deixo ponderado relativamente á concentração politica da sociedade pagã, e apesar da auctoridade d'escriptores altamente reputados, os primeiros christãos não podiam ser, de todo, innovadores no que respeita a hospitaes e albergarias.

Pondo agora de parte o que a historia ou a tradição podia dizer-lhes sobre a fundação do hospital de S. João Baptista em Jerusalem, attribuida a Judas Machabeu, e bem assim sobre a fundação do hospital, que S. Bazilio edificára em Cesarea no anno 374, á imitação do que se diz que Moysés já havia feito nos arrabaldes da mesma cidade, é muito presumivel e provavel, que os primeiros christãos vivessem das tradições litterarias e politicas de Roma e Athenas.

Nenhuma doutrina teve, jámais, poder bastante para apagar os vestigios dos systemas que a precederam. A acção das idéas e do tempo desmorona imperios, mas não póde abolir absolutissimamente todas as suas leis e costumes. Por muitos seculos se devisam na nova ordem de cousas, praticas, ainda as mais absurdas e abusivas, da sociedade extincta. Os christãos dos primeiros seculos, calumniados e perseguidos tão encarniçadamente, não tinham tempo de sobejo, nem proporções para meditarem e crearem tudo.

Quando se vê que elles foram mendigar ao Grego palavras para significarem os differentes estabelecimentos de caridade, que íam fundando, chega-se a duvidar, se tambem iriam ali beber, além da expressão, a idéa. Eis-aqui as denominações dos mesmos estabelecimentos:

Bephotrophium. — Casa onde eram recolhidas e sustentadas as creancinhas de peito, não só expostas, mas quaesquer outras.

Gerontocomium. — Asylo dos velhos.

Nosocomium. — Hospital dos doentes.

Orphanotrophium. — Asylo dos orphãos.

Ptochotrophium. — Asylo geral para todos os pobres.

Xenodochium. — Hospedaria para os estrangeiros: propriamente hospital ou casa d'hospitalidade.

Ora, na Grecia effectivamente houve diversos institutos de philantropia, como o dos soldados invalidos, ou mutilados nas campanhas, que foi obra de Pisistrato. Se estes institutos não podiam servir de modelo, podiam ao menos suscitar a idéa de erigir outros melhores, e mais conformes ao seu fim humanitario.

Porque havemos de admirar, por exemplo, o costume que tinham muitos bispos e ecclesiasticos, de dar pousada aos peregrinos mandando lavar-lhes os pés, e não havemos de admirar esse mesmo costume entre alguns povos pagãos? Se S. Luiz faz uma boa obra mandando formar roes dos seus subditos miseraveis para lhes distribuir soccorros, porque se ha de dissimular que a fizeram tambem o senado e os imperadores romanos na distribuição dos cereaes aos proletarios?

As residencias dos bispos e os mosteiros foram de certo modo hospitaes, ou *casas d'hospitalidade*, que é isto o que na sua origem significava hospital. Mas tambem as hospedarias gratuitas da Grecia (*xenodochia*) o eram. Bergier, ou La Croix — não me lembra agora qual d'elles — fallando d'estas hospedarias com algum desfavor, diz que as pessoas de bem (*honnêtes gens*) não se aproveitavam d'ellas, porque íam hospedar-se em casa dos seus amigos, quando viajavam d'uma para outra cidade. Eram os ricos (que em toda a parte, e em todos os tempos se chamam *pessoas de bem*) que não acceitavam ao Estado um soccorro, de que não tinham precisão. Mas é n'esta mesma circumstancia que eu vejo uma razão de paridade com as albergarias christãs, aonde d'ordinario só os romeiros e caminhantes pobres se íam recolher.

As casas levantadas no Peloponeso em honra d'Esculapio, e servidas por certa classe de sacerdotes que exercitava a medicina, eram institutos similhantes aos nossos hospitaes d'agora. Tenho esta persuasão, não obstante dizer-me o sr. *** que não ha nenhuma similhança, porque n'aquellas casas só se applicavam meios puramente hygienicos. Para mim é essa uma questão secundaria. Creio que posso prescindir de averiguar e discutir, se os *asclepiades* conheciam ou não a medicina clinica. O que importa saber é, se taes casas existiram, e se os doentes, attrahidos pela reputação dos padres, ou levados pela fé que punham nos oraculos, íam ali curar-se, e effectivamente se curavam sob a inspecção d'aquelles sacerdotes.

Não pertendo sustentar que ha identidade, mas similhança. Tambem não deve entender-se que comparo o christianismo com o gentilismo atheniense ou romano. Deus me livre de desconhecer a sublime, a divina espiritualidade d'um, e a grosseira materialidade do outro. Eu não podia equiparar a força ao direito, a guerra a paz, nem fazer parallelo entre a luz e as trevas. Não julgo porém desairados os primeiros christãos por saberem dar nova fórma a instituições, que a rudeza dos tempos que os precederam não podia multiplicar nem aperfeiçoar.

O gentilismo podia ter fundado asylos e casas de hospitalidade, mas dar-lhes este caracter de permanencia e perpetuidade, que agora têem, só o christianismo o podia fazer e o fez.

(Continúa.)

INSTRUMENTOS DE MUSICA. — TROMBETAS DOS HEBREUS.

Os Hebreus tomaram de certo dos Egypcios as trombetas, que representavam, de resto, um papel importante nas ceremonias religiosas d'esse povo formalista. A *Biblia* menciona em muitas passagens este instrumento. A origem das trombetas do templo que se conservavam como a arca, o candelabro de sete braços, etc. é referida na Escriptura pelo seguinte modo:

«Fallou mais o Senhor a Moysés, e lhe disse:

«Faze para ti duas trombetas de prata *(hatsotsroths)* batidas ao martélo, das quaes te possas servir para convocares todo o Povo, quando se houver de levantar o campo.

«Quando tu tiveres feito soar estas trombetas, todo o povo se ajuntará ao pé de ti, á entrada do Tabernaculo do concerto.

«Se tu não tocares senão uma vez, virão a ti os Principes, e os Chefes do Povo de Israel.

«Mas se o som fôr mais dilatado e mais conciso, os que estão para a banda do Oriente serão os primeiros, que descampem.

«Ao segundo toque da trombeta, similhante ao primeiro, os que estão para o Meio-dia deitarão abaixo os seus pavilhões: e o mesmo farão os outros ao sonido das trombetas, que tocarão a partir.

«Mas quando fôr necessario sómente ajuntar o Povo, farão as trombetas um som mais miudo e mais simples, e não aquelle som conciso.

«As trombetas tocal-as-hão os Sacerdotes, filhos de Arão: e esta Lei será guardada para sempre pelos vossos vindouros.

«Se vós saírdes do vosso paiz para a guerra contra os inimigos que vos atacam, fareis com as trombetas um som que retumbe, e o Senhor vosso Deus se lembrará de vós, para vos livrar das mãos de vossos inimigos.

«Quando fizerdes algum banquete, e celebrardes os dias de festa e os primeiros dias do mez, tocareis estas trombetas, offerecendo os vossos holocaustos, e as vossas hostias pacificas, afim de que o vosso Deus se lembre de vós.»

Eis-aqui tambem como a *Biblia* narra a tomada de Jerichó.

«Mas no dia setimo os Sacerdotes tomem as sete trombetas, de que se usa no anno do Jubileo, e marchem adiante da Arca do concerto; e rodearcis sete vezes a cidade, e os Sacerdotes tocarão as trombetas.

«E quando as trombetas fizerem um sonido mais largo, e penetrante, e este vos ferir os ouvidos, todo o Povo a uma voz dará um grande grito, e então

caírão os muros da cidade, até o fundamento, e cada um entrará por aquelle logar, que lhe ficar defronte.» *(Biblia Sagrada*, Numeros, Cap. X. Josué, Cap. VI. Trad. do *Padre A. Pereira.)*

Contam os Gregos uma historia analoga de um combate entre os Spartanos e os messenienses; estes atterrados pelo som da trombeta, novo para elles, foram vencidos quasi sem combate.

Deve notar-se que as trombetas, a que se refere o ultimo logar da *Biblia* citado, não eram direitas como as *hatsotsroths*, que correspondem ás *tubae* dos Romanos; eram feitas dos cornos de carneiro ou boi, como mostra o seu nome hebreu, e o latino *cornua*, *buccinae*.

Não conhecemos monumento algum em que tenham sido representadas as trombetas curvas dos Judeus; mas possuimos dois transumptos authenticos das trombetas sagradas do templo. Depois da tomada de Jerusalem, Tito voltou triumphante a Roma. Ao uso romano, foram apresentados na solemnidade triumphal os despojos dos vencidos; entre estes despojos figuravam os dois *hatsotsroths* ordenados pelo Senhor a Moysés. O arco de Tito ainda existe em Roma, e nos baixos-relevos de que é ornamentado acha-se figurada a solemnidade triumphal cuja memoria este monumento devia perpetuar. A nossa gravura é cópia de um dos grupos d'esses baixos-relevos. Tres escravos laureados conduzem aos hombros uma especie de padiola, no qual estão postos o altar das propiciações e as duas trombetas. Vê-se que são direitas e muito compridas, a boca não é mui larga, e não tem ornato algum. Um personagem vestido de toga, e com um ramo de loureiro na mão, caminha ao lado dos tres escravos. O segundo monumento em que apparecem as trombetas, é uma moeda de prata cunhada em Jerusalem, de que tambem damos gravura.

Esta moeda tem de um lado um cacho de uvas, e em hebraico *Schimeon*; é o nome de Simão Machabeo, grão-sacerdote, general em chefe e principe de Israel, da dynastia asmonéa, que imperou desde o anno 144 até ao anno 135 antes de Jesus Christo. No reverso vêem-se as duas trombetas, similhantes ás do arco de Tito, e lê-se igualmente em hebraico: *Laherout Jerouschalim*. (Libertação de Jerusalem).

Esta medalha não é contemporanea do valoroso Simão Machabeo, que restituiu a independencia a Israel, porque foi feita em um dinheiro de Trajano; mas o sr. C. Lenormant resolveu recentemente esta difficuldade, mostrando que os judeus, em reconhecimento dos grandes feitos de Simão Machabeo, perpetuaram em sua moeda o nome d'este heroe e a memoria da libertação de Jerusalem, em quanto conservaram a sua nacionalidade.

VIAGEM Á PALESTINA POR MR. DE SAULCY.

Sarcophago de David. — Exploração do Mar-Morto.

De todos os estudos historicos sobre a antiguidade sacra ou prophana, os mais notaveis e os mais fecundos são incontestavelmente os que resultam das explorações feitas pelos auctores nas proprias localidades. A maior parte dos sabios privilegiados preferem dilucidar tranquillamente no gabinete as arriscadas investigações dos mineiros da sciencia, ou examinar codices inintelligiveis, a irem passar incommodos e correr perigos para estudar per si mesmos os logares e os monumentos. Comtudo, ha honrosas excepções, entre as quaes cumpre contar Mr. de Saulcy, cuja viagem recentissima á Palestina tem merecido a attenção dos sabios, do clero, e das pessoas instruidas.

Ao dar os primeiros passos na terra santa, na cidade frequentada annualmente pelos piedosos peregrinos, fez Mr. de Saulcy importantes descobrimentos. Fallaremos só de um monumento grandemente interessante para a arte e para a sciencia, mais uma preciosidade que adquiriu o museu do Louvre. É um sarcophago extrahido dos sepulchros dos reis de Judá, que segundo as provas colligidas pelo sabio academico encerrou os despojos mortaes do santo rei David.

Proximo de Jerusalem, obra de 225 a 270 braças distante da porta de Damasco, á direita do caminho de Naplusa, divisa-se n'um sitio entre ruinas uma catacumba sepulchral, conhecida desde tempo immemorial pelo nome de *Kobour el Salathin*, *Kobour el Melouk*, ou jazigo dos reis: é aberta na rocha com admiravel arte; o aspecto singelo e grandioso appresenta as principaes linhas e algumas particularidades de monumentos gregos; o plano e distribuição assemelham-se aos hipogeus egypcios: mas o todo tem um caracter particular, que não é grego nem egypcio. É uma architectura hybrida que recorda as imitações de outros paizes, feitas por um povo que pereceu antes de haver chegado á edade viril, antes de ter desenvolvido toda a sua individualidade.

A fachada compõe-se de duas columnas, hoje partidas, e duas pilastras embutidas nas paredes lateraes da rocha: uma rica grinalda de folhagens, de fructas e de pinhas corre ao largo da architrave, e pende, em angulo recto, de cada lado da entrada. O entablamento apresenta tambem um largo friso, cujo centro é occupado por um cacho de uvas, emblema da terra da promissão, e typo das moedas asmodeas. Á direita e esquerda d'este emblema estão collocadas symetricamente uma corôa, depois um florão de tres palmas e por ultimo triglyphos alternando com pateras repetidas tres vezes. Sobre este friso começa uma formosa cornija, formada de numerosas molduras, elegantes e variadas, elevando-se até a altura da rocha.

A porta d'entrada d'este hypogeu abre sobre um poço fundo, hoje cego, destinado n'outro tempo a velar o accesso, e tragar o temerario que se atrevesse a prophanar este ultimo asylo dos reis de Judá. A boca era cerrada com uma porta maciça de pedra que se podia abrir exteriormente por meio de um mechanismo simples e engenhoso, mas que era impossivel mover da parte interior, como para indicar que só a morte devia habital-a. Esta porta dá para um vestibulo quadrado, artisticamente talhado, e com tres portas que dão entrada para outras tantas naves sepulchraes. A primeira contem seis tumulos abertos na rocha em figura de forno, vendo-se no fundo um pequeno reducto quadrado, para conter o sarcophago e provavelmente para guardar thesouros e objectos preciosos. Á direita uma abertura, occulta com ornatos, conduz por um corredor inclinado a uma camara sepulchral mais baixa que as demais, á qual, porém, parece subordinado todo o monumento: esta camara, praticada exactamente no eixo do hypogeu, occupa no mausoleu dos reis de Judá o logar honorifico, que parece ter sido reservado a David

N'esta sala ha um sarcophago, cuja parte superior, de trabalho magnifico, foi trazida por Mr. de Saulcy, que conseguiu apossar-se d'ella, ajudado de seus companheiros de viagem, Mr. Ed. Delesset e o abbade Michon, e depois de infinitas difficuldades logrou apresental-a no Louvre, onde ha pouco foi exposta ao exame dos curiosos.

A cobertura é dividida em cinco faxas longitudinaes, que representam parras, cachos d'uvas, romãs, folhas d'enzinho e bolotas, pinhas e grinaldas de oliveira. Todos os adornos emblematicos, de que é coberto o sarcophago, são tomados do reino vegetal, segundo a lei judaica, e são os mesmos que a *Biblia* mencíona descrevendo a ornamentação do templo de Salomão.

A mencionada cobertura do sarcophago é dividida em duas partes, e ainda que lhe falta uma das extremidades a sua largura total é hoje de perto de nove palmos. A pedra é um calcareo mui duro, pelo que devia ser bastante difficil o lavor do ornato. As palmas, flores, fructos, toda esta filagrana delicada foi feita a cinzel. É o unico monumento notavel da arte judaica que possue a Europa.

As outras camaras ou naves sepulchraes contém uma nove tumulos e a outra seis: da primeira d'essas camaras desce-se á sala inferior onde parece que estivera o corpo de Ezechias, filho e successor de Achas, que restabeleceu o verdadeiro Culto Divino e derrotou os philisteus. Todos os tumulos completos pertenceram aos réis de Judá, que segundo a *Biblia* foram sepultados n'este jazigo de familia. Cada tumulo por concluir corresponde a um rei que não foi depositado na sepultura de seus antepassados, uns porque levados em captiveiro a Babylonia ou ao Egypto por lá morreram, outros porque tiveram sepultura particular como Manasses e Amon: quanto á usurpadora Athalia de certo não foi depositada entre os principes da raça que pertendêra exterminar. Tal é o precioso monumento que Mr. Saulcy fez conhecido. *(Continúa.)*

SILENCIO.

Tout dort.
V. Hugo.

Que noite sombria!
Que triste mudez!
De lenta agonia
Que sello profundo
Na face do mundo,
Minh'alma, não vês?

Um astro doirado
Não brilha no céu;
De negro toldado
O lucido imperio
Em crepe funereo
A terra envolveu!

Um som não se escuta,
Não se ouve um só ai;
De concava gruta
No fundo retiro
Perdido suspiro
Da brisa não sai.

As aguas não gemem
Correndo no chão;
As folhas não tremem
Nos troncos frondosos
Que mudos, chorosos
Immoveis estão.

Sem fremitos d'ira,
Sem queixas d'amor,
Apenas expira
Na riba fragosa
Da vaga espumosa
Confuso rumor.

Em paz dorme tudo,
Jaz tudo sem voz;
O pégo sanhudo,
A folha ligeira,
A brisa fagueira
E a lympha veloz!

Contente, e sem medo
Eu goso esta paz!
Ao que ama em segredo
Soffrendo isolado
O mundo calado
E quando lhe apraz!

Silencio! sublime
Linguagem de Deus!
Ella unica exprime
O immenso, o eterno,
As ancias do inferno,
E os gosos dos céus!

Silencio! eu bendigo,
Eu amo-lhe a paz,
Que é elle o amigo
O socio discreto
Do ultimo tecto
Que, ó terra, nos dás!

A. Lima.

LENDAS HISTORICAS.

O Demonio do Lago.

I.

O Tumulo e o Berço.

Por meiado do mez de dezembro de 1542 fazia-se um grande tumulto no castello de Falkland, em Escocia. Achava-se ahi reunida parte da nobreza, na expectativa de uma grande desgraça, e de uma boa nova. A desgraça fa consumar-se no proprio castello em que o rei Jaques V se tinha recolhido depois da derrota do seu exercito pelos inglezes, em Solway-Moos; a boa nova esperava-se do castello de Linlithgow, onde residia a rainha d'Escocia, Maria de Lorraine, filha de Claudio de Lorraine, primeiro duque de Guise.

Era esta para a Escocia uma quadra de tristeza e esperança ao mesmo tempo. Acabava um reinado, annunciava-se outro. Em quanto o pobre Jaques V luctava com os phantasmas que o torturavam em sua agonia, a rainha, com grande sentimento de não poder acompanhar seu esposo muito amado, esperava, longe d'elle, o primeiro vagido da creança que devia substituir o seus dois filhos mortos no berço. Finalmente, a 8 de dezembro, um cavalleiro partiu a toda a brida do castello de Linlithgow para a residencia de Falkland, espalhando pelo caminho a feliz noticia do nascimento de uma menina, que devia ter o nome de sua mãe, Maria.

N'este dia mesmo entrára o rei Jaques n'um ardentissimo delirio. Esperou-se que lhe sobreviesse al

gum momento lucido para o informar do acontecido; mas a razão parecia têl-o abandonado para sempre.

A Escocia era então um paiz bem terrivel, cheio de ignorancia e de bruteza. Os fidalgos exerciam ali, quando lhes convinha, o mister de assassinos e de ladrões. O assassinato era a ultima razão politica. Jaques V, organisação poetica e delicada, não nascêra para este paiz sylvestre, e para esta epocha barbara; fôra-lhe muitas vezes necessario renunciar a suas illusões, aos seus passeios aventurosos, á sua vida de galanteiar. Catholico sincero, e justiceiro implacavel, sacrificando os interesses da sua dynastia aos principios da fé, combatêra rijamente o presbyterianismo de seu tio Henrique VIII. Mas em vão affogára os seus generosos instinctos; em vão appellára para a espada, para o cutelo, para a fogueira; abandonado, pela ambição dos nobres e pela indifferença do povo, duas vezes vencido por Henrique VIII, lamentando a vergonha das suas armas e a inutilidade dos seus rigores, consumido pelos remorsos, pela dôr e pela febre, não estava mesmo em estado de receber a consolação que a Providencia lhe enviava.

Com os olhos ardentes e encovados, os cabellos dispersos, os labios contraídos, as ventas dilatadas, as mãos estorcidas, Jaques luctava desesperado com as temerosas visões que lhe tumultuavam em torno do quarto.

Umas vezes affigurava-se-lhe que todas as victimas da sua intolerancia, escapando á fogueira, vinham arrojar-lhe á cama a lenha e as chammas do supplicio; e então o infeliz monarcha, bradava que havia fogo, queria saltar do leito, fugir, e dizia que o incendio lhe requeimava os ossos. Se os criados e os gentis-homens se atreviam a aproximar-se e lhe pegavam dos braços para o segurar, o moribundo desmaiava de terror, tomando aquellas mãos officiosas por tenazes sanguentas. Espectros, que elle nomeava, vinham, ora escarnecêl-o, ora chamal-o. Um, dizia elle, tinha-lhe cortado os braços e as pernas, e jurára cortar-lhe a cabeça. Outro empuxava-o para um lago cujas aguas eram avermelhadas, e pertendia affogal-o. Era um espectaculo horrivel a agonia d'este moço rei, e aos menos sensiveis arrasavam-se os olhos de lagrimas de o vêr assim.

A 14 de dezembro, pela manhã, a paixão de Jaques V pareceu tocar o seu termo. Depois de um lethargo de algumas horas, o rei accordou, socegado, mui fraco, mas no uso pleno da razão. Sentou-se na cama, esguardou tudo em roda com aquelle olhar pasmado de homem que acaba de ter um pezadêlo, fez signal para que abrissem uma janella, aspirou longamente o vento do hynverno que açoutava as arvores nuas; depois deceu a cabeça sobre o travesseiro, murmurando:

— Que terrivel somno me destes, meu Deus! E que tão triste accordar!

Cercaram todos então o leito real, e reconhecendo, no triste sorriso com que o monarcha saudava os cortesãos da morte, que elle estava mais tranquillo, um laird d'Escocia ajoelhou, travou-lhe da mão humida que o rei lhe apresentava, beijou-lh'a, e annunciou a Jaques V o nascimento de Maria, sua filha.

Esta nova, como rocio divinal, por um instante, apagou o fogo que consumia o infeliz Jaques. Cerrou os olhos, de goso celeste. O seu pobre coração tão entumecido, tão martyrisado, pulou-lhe n'um surpuro de alegria e de triumpho; o inferno desappareceu; abriu-se para elle o céu; o rei deu logar ao pae, e estas palavras: — uma filha! repelliram nas trévas os espectros horriveis que haviam velado junto do leito real. — Uma filha! murmurou o enfermo, e os olhos arrasaram-se-lhe de doces lagrimas; depois recaiu n'um inefavel extasis, e via-se, pelo mecher dos beiços, que a sua alma franqueára o espaço, voando para Linlithgow, e fluctuava reconciliada, por sobre o berço de sua filha. Pobre rei! pobre pae! E julgava-se feliz de pensar na debil creancinha que nascêra ao pé dos cadafalsos; é que o tumulo aberto dos seus dois filhos tornava a fechar-se: o horisonte tão triste, tão desencantado, tão negro illuminava-se, e de longe, e através dos nevoeiros, elle imaginava vêr uma loura cabeça de creança a sorrir-lhe! Representou-se-lhe, como em um relampago toda essa epocha indiscriptivel de alegrias, de affagos, de mimos, de folgares da infancia. Era balsamo de vida e de esperança que se lhe entornava no coração.

Ai! as treguas foram breves, e a miragem desappareceu presto; a consciencia de uma morte proxima veiu de novo affligir o rei. A testa cubriu-se-lhe de suores; vieram-lhe as convulsões; tornou-se a fechar a janella, e reanimou-se o fogão; mas o vento do tumulo não cessou mais de açoutar aquelle espectro real.

— Uma filha! repetiu Jaques; pobre creança! vaes tomar lucto por teu pae e pela Escocia!

Esta idéa evocou os esquecidos phantasmas, o rei tapou os olhos com as mãos, como para não vêr horriveis quadros, e disse:

«Os que não respeitaram o cardo real, que man-«charam a corôa d'Escocia, e que profanaram esta «corôa na minha fronte, ham de arrancal-a da sua.»

Depois de ter proferido estas palavras prophetiças, o moribundo virou-se no leito, e soltando um grande grito, expirou.

Os gentis-homens accercaram-se, um após outro, do leito funebre, deram um ultimo adeus á magestade morta, depois desceram silenciosos ao pateo do castello, montaram seus cavallos, e abalaram-se para o castello de Linlithgow. Iam saudar a sua rainha de seis dias, Maria Stuart.

A prophecia do rei parecêra preceder este sinistro cortejo, e, apesar da sua rudesa, os nobres comprehendiam que o tumulo aberto era muito vasto para uma só victima, e que a Escocia ia entrar n'uma larga e sanguinosa viuvez.

(Continua.)

— Quanto dariam ás vezes os ricos e os felizes e poderosos para comprarem ou imporem essas affeições mysteriosas, que o escriptor pobre e desvalido vae despertar por uma acção invisivel no seio das multidões! A consciencia, que vos assegura que tendes isso em gráu mais ou menos subido, recompensa-vos dos vossos esforços intellectuaes. Vaidade ou orgulho legitimo, essa persuasão é um goso, e o goso é a causa final de todas as ambições, de todo o trabalho humano. São na verdade diversas as utilidades que provêm da riqueza das que provêm do engenho. Predominam n'aquellas os commodos materiaes, n'estas a satisfação interior; mas por isso mesmo, tanto n'umas como n'outras ha a homogeneidade, a harmonia entre os esforços e as recompensas.

A. Herculano. — *A Propriedade Litteraria.*

— A idéa moral da antiguidade era o amor da patria. Todos os prodigios das antigas republicas assentam n'esta base vigorosa, mas limitada.

A idéa moral dos tempos modernos, e o amor do genero humano. A benevolencia universal, que é o espirito do Evangelho, abrange a humanidade inteira.

Aimé-Martin.

LA VILLE DE PARIS IMPLORE DIEU
POUR LES VICTIMES DU CHOLERA!!!
AUX VICTIMES
DU
CHOLERA

A CHOLERA.

Grupo em marmore, por M. Etex.

París, a capital do mundo moderno, a cidade monumental por excellencia, vae perpetuar a memoria de uma das maiores calamidades que tem affligido a humanidade, erigindo em uma das suas praças o grande e severo grupo que a nossa gravura representa.

Quem se não recorda com angustia d'esses dias horrorosos em que a morte feria rapida, sem tréguas, a cada hora, a cada minuto, todas as classes, todas as edades. Quem não sentiria então rebentar-lhe no seio, mais abundantes e fecundas, as fontes santas do amor do proximo, e do temor de Deus! Vergando aos golpes do flagello invisivel, cada um de nós comprehende melhor a sua fraqueza, a necessidade de amar, de soccorrer os seus similhantes, e de confiar só no Supremo Redemptor! Esta caridade, esta piedade têem em si a propria recompensa, como todas as virtudes; porque confortam a nossa coragem e alimentam a nossa esperança. O artista idealisou uma e outra na figura principal do grupo, que representa, até certo ponto, todos os habitantes sob a personificação da cidade de París. Como carinhosa mãe ella abraça as duas mais fracas d'entre as victimas; o velho, cujos olhos meio cerrados procuram o céu, e o adolescente, que fita na terra um derradeiro olhar de saudade. O sentimento da dôr na figura da cidade de Paris é simples e digno; não altera a belleza das linhas; um movimento da cabeça e do pescoço bastou ao artista para exprimir a idéa moral, na proporção permittida pelas regras sublimes da arte. Uma dôr como esta póde viver eterna no marmore; contorsões do corpo, refrangimento no rosto, teriam apenas produzido a imagem do desespero, que nunca é de larga dura, e que difficilmente se presta a uma bella expressão. O velho, de que na gravura apenas se vê a cabeça e uma pequena parte do corpo, verga sob a violencia da molestia; para este a morte é a maior mercê que lhe Deus póde fazer. O adolescente cede sem luctar.

O pedestal é de uma fórma e côr severas, quaes convinham ao objecto. — Finalmente esta obra, que foi concebida em Roma, pelo illustre auctor do grupo de Caím e Abel, é digna dos melhores tempos da esculptura, na opinião unanime dos entendidos.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo, nuncio em Portugal no tempo de D. João III.

«Na ordem de S. Domingos ha um frade tambem de Castella, que se chama o Padeglier, prégador e litterato, homem de má vida e audaz. Este, reformando o convento de Lisboa, incorreu publicamente na bulla *in Cœna Domini*, recusando obedecer ás provisões do papa, fazendo despojar o Notario, e extorquir-lhe as letras Apostolicas pelos officiaes réaes; os quaes depois com elle mostraram absolvição por penitencia, e mesmo excommungado continuou a prégar. O que sendo publico o nuncio de N. S. e outros muitos nunca mais o visitaram, nem ouviram como d'antes costumavam. Diz-se que elle vem a Roma ao Capitulo, se cá não está a esta hora.

«Na ordem de S. Jeronymo ha um frade de Valencia, chamado Fr. Miguel, com reputação de optima vida; é liberalissimo e procede isentamente com os seus confessados, cousa rara em frade; tanto que por não querer absolver o rei uma vez, não foi mais chamado para o confessar, e por isso o substituiu o referido Fr. João Soares.

«Ao pé do rei nas cousas grandes tem summa influencia o infante D. Luiz, por auctoridade que assumiu sobre elle quasi violentamente: e o conde da Castanheira por extrema affeição, que o rei lhe consagra. Este é homem malvadissimo, mas louva-se de delicadesa, de consciencia, e de santidade, afim de por este caminho se introduzir na intimidade dos frades que não largam as ilhargas do rei. O pae do conde foi traidor, e desterrado; e o irmão mais velho pelo mesmo crime foi publicamente esquartejado. O conde de Vimioso, filho do bispo d'Evora, tambem tem credito com o monarcha. Ambos elles possuem muitos bens ecclesiasticos por via dos frades. Póde-se-lhes insinuar a vontade de N. S. o papa.

«Os doutores da Relação têem muita valia com o rei, e de ordinario são insolentissimos nas cousas ecclesiasticas; se os deixam, fazem todo o mal possivel, nada respeitando. A estes, diz-se, que é necessario que o nuncio feche a boca empregando a sua auctoridade.

«O rei e seus irmãos, ou por causa dos frades com quem tratam a miudo, e de cujas letras e consciencia se fiam, ou por causa de alguns homens máus, de quem ouvem conselhos, não mostram bom animo pelas cousas de Roma, elevando-as porém ás nuvens, sempre que requerem d'ella alguma graça. E o motivo porque tanto se temem dos nuncios, diz-se que é por metterem a mão de boa vontade, sempre que pódem, nas cousas da jurisdicção da igreja, não tanto para a expoliar, como para governar, nomeando priores e abbades, elevando-os por considerações particulares, e chamando ao seu tribunal os clerigos, e outras similhantes usurpações. Mas sempre fazem profissão de proceder em tudo segundo o conselho dos religiosos, em serviço de Deus e de S. S. Ao mesmo tempo todo o povo portuguez por indole se mostra obedientissimo á Sé Apostolica, sendo religiosissimo, e não convem divertil-o de modo algum da sua devoção, não o deixando nunca sair do caminho. Em se tendo o caracter de nuncio, e exercendo a auctoridade apostolica, esta contém a todos, e não a contesta ninguem, principalmente desde o tempo do papa Paulo, salvo algum dos que se acolhem aos que estão ao lado do rei, e é preciso comprimil-os, alias ham de apanhar quanto puderem colher.

«A nobreza e grande parte do povo não se póde apartar de fórma alguma da influencia da Sé Apostolica, nem mover-se fóra d'ella, porque todos, ou por causa das commendas, ou dos beneficios com o habito, ou da emphyteusis, ou de parentes clerigos vivendo dos bens da igreja com bullas e provisões apostolicas, se inclinam a Roma, e sem ella nenhum se crê seguro, como podem attestar os nuncios anteriores e a Penitenciaria, e não ha difficuldade ou duvida, por minima que seja, que não desejem resolvida por favoraveis provisões de Roma.

«As cousas em que o rei de Portugal (e este sobre tudo parece-me que não fará nada sem a Sé Apostolica) é facil em incorrer continuamente em censuras, accrescendo outras dividas á Camara, são as seguintes:

«As commendas nomeam-se sob condição dos commendadores dentro de oito mezes serem obrigados a tirar nova provisão, pagando os respectivos direitos á Camara Apostolica, e passando o dito tempo sem a tirar, as commendas ficam vagas e os fructos pertencem á Camara Apostolica pelo tempo que os commendadores se obstinam na contumacia. São tantos os que as não têem tirado, e fructia as rendas depois

dos oito mezes, que se julga certo, que a sua divida á Camara Apostolica excede a 100$000 escudos!

«Logo que se faça a revogação da união perpetua que não teve effeito, de proposito, e que seja revogada a bulla das commendas por vagar, não se julgando obtida a rivalidação, existe quasi um terço d'ellas, que precisa de nova concessão.

«A mercadoria principal que o rei manda ás Indias para resgatar especiaria, consiste em immensas carregações de cobre e bronze, que todas são vendidas aos infieis, os quaes fazem d'elle artilheria bellissima, havendo na India regulo, que possue maior copia e melhor do que toda a que o imperador, ou o rei de França possuem. Isto é expressamente opposto á letra da bulla *in Cœna Domini*. Isto, se conseguissemos evital-o, cortaria metade das contestações, porque da sua continuação é indubitavel que resulta summo prejuizo á christandade.

«Entre as leis do reino muitas existem contra a liberdade ecclesiastica, e os sagrados canones; e entre ellas uma, que manda a todos os prelados, ou protonotarios e outros similhantes, cuja isenção defendemos, e que não têem no reino juizo ordinario, que sejam obrigados a responder perante o juiz secular, chamado corregedor da côrte. De fórma que está em muito melhor situação o mais pobre e baixo clero, do que os isentos por bulla pontificia; visto aquelles irem ao fôro ecclesiastico do seu prelado com appellação para o papa, e estes responderem perante o juiz secular, naturalmente inimigo dos padres e dos nuncios, sem appellação alguma. E por causa d'esta lei incorrem de continuo nas censuras e morrem fulminados por ellas. Este abuso só por si bastava para haver sempre nuncio em Portugal, ao menos para os escusos terem o seu juiz.

«Os commendadores e cavalleiros na milicia do reino são freires professos, e como taes prohibidos de julgarem causas crimes, e de tocarem em cousa de sangue; mas usualmente quasi todos são juizes, e raro será o juiz criminal, que não traga ao peito a cruz de alguma ordem, facto em estremo escandaloso, sabido e apontado de todos, que não se remedeia, quando por todo o direito ficam nullas as suas sentenças.

«Ordinariamente quando um juiz ecclesiastico faz cousa que desagrada ao rei, ou alguma sentença dos seculares, por injustissima e violenta, é desobedecida dos padres, de repente, a requerimento de quem quer, se faz uma carta regia chamando-o á sua presença para ser ouvido em materia de seu serviço. A estas cartas chamam cartas da Camara real. Se o padre vem ao pago, o rei nem lhe falla nunca, nem o deixa partir da côrte, fazendo-o gastar quanto possue, morrendo n'ella. E necessario que o que deseja retirar-se revogue a sentença ou obedeça ás ordens dos seculares. Aos que recusam vir sequestram-lhe as rendas. O que é uma servidão cruel expressamente attentatoria da liberdade ecclesiastica e da auctoridade da igreja.

«Descubriu-se agora em Portugal um novo meio de usurpar a jurisdicção ecclesiastica; e consiste em o rei crear um auditorio ou parlamento chamado — Meza da consciencia — composto de padres, seculares, frades e prelados, para conhecerem de tudo com tanto que se diga, que é cousa de consciencia; e a pretexto d'esta consciencia mandam, limitam, fazem e desfazem cousas gravissimas contra os prelados e outros ecclesiasticos, sem jurisdicção nenhuma do papa nem dos seus legados, sendo aliás incompetentissimos os juizes em tudo o que sentenceiam. A origem e a côr com que se fundou foi a pretexto do rei querer que esta Meza da consciencia por ser de pessoas litteratas, honradas e religiosas, lhe lembrasse as cousas de consciencia. E quando alguem requeresse ao rei alguma cousa de satisfação ou de divida por caso de consciencia, que houvesse, onde elle apresentasse as razões da sua pretensão ordinariamente. Em taes casos a Meza limita-se a dizer ao rei, sobre aquillo em que é consultada, que a consciencia o não obriga, ou por consciencia não póde permittir. E o fim d'isto é sabido e censurado de alguns, e d'aqui provém grave damno á liberdade e jurisdicção ecclesiastica.

«O rei entregou nas mãos dos mouros e infieis duas ricas e importantes terras. Uma, que era bispado, e se chama Zaffin, e a outra sujeita a este bispado e com igrejas consagradas, em que se celebravam os officios Divinos continuamente. E machinando já d'outras vezes fazer isto mesmo achou resistencia em todos, dizendo que a fazer-se se não podia consumar sem auctorisação da Sé Apostolica e causas justificadissimas. Agora fez-se em uma e outra, e diz-se que só com provisão da Penitenciaria. E o mesmo se falla da questão do cobre e bronze, que vão para a India; porque sabe que prohibindo-se como é rasoavel, teria elle de pagar uma grossissima composição, por ser materia de summa importancia. *(Continúa.)*

Duas palavras sobre hospitaes.

III.

Eu desejava apresentar n'este artigo algumas considerações, que pudessem servir para a historia dos hospitaes do nosso paiz. Mas os elementos para esse trabalho são tão escassos, ou andam tão dispersos pelas chronicas das ordens religiosas, por bullas e breves pontificios, por instituições de capellas, por testamentos de bemfeitores, por estatutos de diversas congregações e irmandades; e eu tenho tão poucas proporções de os ler e estudar, e além d'isso, seria empresa tanto acima dos meus recursos, que é forçoso resignar-me, e emittir apenas algumas proposições conjecturaes, algumas opiniões sem nexo, sem applicação nem fundamento talvez, e certamente sem nenhuma casta de merito. Ninguem póde dar mais do que tem. E esta impossibilidade, no meu caso, é um verdadeiro supplicio.

A idéa d'erigir hospitaes e albergarias, de nenhuma parte creio que nos veio directamente, senão da Italia, que fôra por muitos seculos o grande centro de luz e verdade, que o christianismo derramava sobre o mundo. Foi d'ali que todos os povos modernos receberam um impulso de piedade religiosa, que nem o fanatismo e hypocrisia clerical, nem o philosophismo incredulo e apaixonado puderam destruir de todo. Foi da Italia que vieram ao nosso paiz os monges de S. Bento, que levantaram os primeiros mosteiros que houve em Portugal. Mandados, segundo se diz, pelo proprio Santo, seu patriarcha, não podiam ignorar que em Jerusalem, junto ao templo destinado á oração, e na dependencia d'um mosteiro da sua ordem (o de Santa Maria dos Latinos) se havia erigido um hospital para recolher os peregrinos e os enfermos.

E um facto, que só per si fôra bastante para suppormos os monges animados do espirito d'imitação e propaganda, a que se deveu a maior parte dos estabelecimentos de caridade. Edificando as suas casas, não é provavel que esquecessem o dever, que a religião lhes impunha, d'agasalhar, d'assistir e soccorrer os necessitados; e muito menos provavel me po-

rece que deixassem d'aconselhar a erecção d'albergarias e hospitaes.

A historia d'estes estabelecimentos prende, de certo modo, na das dioceses e abbadias. Em toda a parte os bispos e os monges tinham por costume recolher e tractar os pobres e enfermos. S. Fructuoso, n'um dos capitulos da sua regra, lembra ao pastor, que guardava o gado do mosteiro de Dume, que da sua industria dependia o *regalo dos enfermos*, a *criação dos meninos*, e o *gasalhado dos hospedes*. Tratando das cousas que podiam provar o merecimento do abbade, diz que é uma d'ellas *receber sempre á sua mesa os peregrinos que vinham ao mosteiro*. Ao prior impoz a obrigação de dar contas ao abbade, *todos os mezes*, para que a fazenda do mosteiro *não deixasse de soccorrer os necessitosos*.

E em tempos muito anteriores a S. Fructuoso (no seculo 3.º) tão particularmente se dedicavam os bispos ao serviço dos pobres, que não podiam cumprir muitas das suas attribuições, parte das quaes incumbiram a uns vigarios, ou *chorepiscopos*, que faziam as suas vezes nas aldêas.

Quaes fossem, porém, não digo as primeiras casas d'hospitalidade, senão os primeiros hospitaes que se erigiram em Portugal, destinados principalmente ao tratamento dos enfermos, não o posso eu saber. Essa averiguação cumpre que a faça pessoa competente. Alguns d'aquelles mesmos, cuja fundação nos é conhecida, tiveram origem em eras, que não é possivel signalar precisamente. Por exemplo: o hospital das Caldas da Rainha. Acharemos em muitos livros, que foi obra da piedosa rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II, a qual, por vêr ali alguns pobres enfermos mettidos em presas, e ser informada das maravilhosas curas produzidas por aquellas aguas, se resolveu a mandar construir, á sua custa, o dito hospital. Mas tambem é certo, posto que não seja tão sabido, que ali em tempos muito remotos — nos dos romanos, provavelmente — tinham existido um hospital e banhos. Duravam ainda os vestigios d'elles, quando a senhora D. Leonor mandou levantar aquelle estabelecimento, como se colhe das palavras do respectivo breve pontificio, e das do alvará de seu esposo, auctorisando a obra.

Eu já me contentava, se, preterm ittindo quebras, para mim tão cerradas de trevas, podesse levar o meu estudo até os principios da monarchia, e partir d'ahi para fixar as datas das primeiras fundações dos nossos hospitaes, sem o espirito se me enredar em duvidas, e ás vezes tambem n'alguma anecdota patriotica e milagrosa, como a do hospital de *Pedro Escovo*, ou do *Reclamador* em Santarem.

Do que Fr. Agostinho de Santa Maria diz no *Sanctuario Mariano*, ácerca da creação de Nossa Senhora de Rocha-amador, póde inferir-se que já no tempo do segundo rei de Portugal (D. Sancho I) havia no reino grande numero de hospitaes. Não faltará quem tenha por contestavel o facto; e realmente é para notar, que a liberalidade de D. Sancho no seu testamento, se estendesse só a dous hospitaes — o de Captivos, em Santarem, ao qual deixou as [illegible], ovelhas, egoas, herdades, porcos e porcas, e uma parte do rendimento do gado que tinha em Evora, e o de Gafos, em Coimbra, para cujo fim deixou [illegible] area, ao abbade d'Alcobaça, [illegible] dando aos leprosos d'aquella cidade todas as cousas da sua repostaria, excepto as vestiduras, as [illegible], lenha, e [illegible] que quer que [illegible] á rainha D. [illegible]. Nem tambem [illegible] dito testamento, quatro albergarias, [illegible] maravedis, [illegible] todo [illegible]

Ora, se havia muitos hospitaes e albergarias no reino, perguntará alguem: porque contemplou D. Sancho no seu testamento unicamente seis?

Não quero affirmar que havia muitos nem poucos, mas parece-me que do testamento declarar só seis não póde concluir-se que não havia muito mais. Que concluiriamos então do testamento de D. Affonso II, onde foram contemplados tantos mosteiros, e se não mencionou expressamente nenhum hospital? Eis-aqui as unicas palavras do rei, que póde referir-se áquelles estabelecimentos: — E do que restar d'esta minha terça mando que repartam e despendam com as igrejas pobres do meu reino, pontes e *leprosos*, como mais lhe parecer conveniente. — Ninguem, todavia, argumentará, que no tempo de D. Affonso II não havia em Portugal nenhum hospital nem albergaria, porque no testamento do rei não se faz d'elles menção.

Não só não posso dizer quaes foram os primeiros hospitaes que houve em Portugal, senão tambem, quantos existiam no principio da Monarchia. Entretanto, não deixarei de proseguir no meu intento, que é tirar dos poucos factos, que pude colligir, algumas illações, que não desdigam das idéas, e da indole da antiga sociedade portugueza.

(Continúa.)

AS PROVINCIAS VASCONGADAS. (*)

(Noticia [illegible])

O povo Vascongado [illegible] um dos [illegible] que existem em Hespanha e ainda na Europa, e [illegible] [illegible]

(*) [illegible] Vol. V [illegible] 1846 [illegible]

mente com as tradições que os vascongados e irlandezes receberam de seus maiores, os primeiros passaram a Irlanda, dois seculos depois da chegada de Tubal á Hespanha, e a povoaram. A similhança de caracter e as sympathias que entre vascongados e irlandezes se tem sempre notado, o confirmam até certo ponto; porque não póde unicamente ser effeito de casual coincidencia.

Entre os acontecimentos remotos que quasi tocam o dominio da fabula, encontramos uma grande secca, que parece ter durado não poucos annos, deixando ermas as comarcas de Hespanha, á excepção das montanhas septentrionaes, que não experimentaram, pelo menos em gráu tão elevado, aquelle flagello. As pessoas que não foram victimas da fome, e das muitas enfermidades que por essa occasião se desenvolveram, trataram de acolher-se ao unico porto de salvação, retirando-se ás provincias vascongadas. Copiosas chuvas succederam a tão larga e devastadora secca, e pozeram em estado de ser cultivadas as terras que a falta de agua tornára estereis. Então saíram pela segunda vez do paiz Vascongado as familias que foram povoando a superficie da peninsula, e se confundiram com os estrangeiros, que a fama da fertilidade e riqueza do solo hespanhol attraíra de longes terras.

Dos largos periodos que a mingua de noticias nos obriga a passar por alto só diremos que estamos de accôrdo com os que julgam que em Hespanha não havia um soberano, uma auctoridade central cujas ordens se cumprissem igualmente em suas differentes regiões, e que cada uma se governava per si, não estando sujeita, nem querendo sujeitar-se ás demais.

Ninguem ignora que os celtas por uma parte, e os phenicios por outra, invadiram ardilosamente o territorio hespanhol, e que, com quanto lhes fosse mui facil enganar os seus singelos habitadores, não poderam reduzil-os por força, quando, largando a mascara, descubriram seus perfidos intuitos. Nem dos mencionados povos, nem dos gregos, e carthaginezes soffreram os vascongados aggressão alguma, servindo-lhes de baluarte o seu valor, a fragura das suas montanhas, e ainda mais a pobreza d'estas, em que os invasores não podiam encontrar metaes preciosos com que satisfazer sua insaciavel cobiça.

Na epocha a que nos referimos eram já conhecidos sob a denominação de cantabros e vasconços, os povos que viviam nas montanhas situadas á esquerda do Ebro. Era a Cantabria uma região vastissima que comprehendia as montanhas de Santander, as tres provincias Vascongadas e a Rioja; ao Oriente da Cantabria ficava a Vasconia, que hoje chamamos Navarra.

Os moradores d'estas regiões eram homens robustos e bellicosos, a intemperie de nenhum modo os molestava, e despresavam a vida quando a edade avançada lhes não permittia tomar parte nos combates. Alistaram-se muitos cantabros e vasconços no exercito de Annibal, e distinguiram-se mui particularmente, marchando sempre na vanguarda. O poeta Silio Italico faz menção honrosa de uns e outros, e refere notaveis circumstancias que manifestam o proceder d'aquelles em a segunda guerra punica.

Entre tantas occasiões que os hespanhoes derramaram o seu sangue por causas que na verdade lhes não deviam interessar, não faltaram algumas em que commandados por capitães valorosos pelejaram pela sua independencia, e para arrojar da peninsula estrangeiros ambiciosos, que com successivas guerras lh'a disputavam. A nobre tentativa de Viriato achou echo entre os cantabros que seguiram suas bandeiras, e posteriormente soccorreram os numantinos, obrigando o general romano Caio-Hostilio a levantar o sitio da sua heroica cidade. Uniram-se tambem os cantabros a Pompeio acompanhando-o á Grecia, e como sempre deram provas de inimitavel valor na celebre batalha de Pharsalia.

Temos referido, posto que succintamente, os successos mais notaveis que tem relação com o paiz Vascongado nas epochas que precederam a guerra cantabrica; e nas minguadas e confusas noticias que d'ellas nos restam, acha-se mais de uma vez indicado o caracter dos primitivos cantabros, mui similhante ao dos actuaes vascongados. Firmeza no cumprir a sua palavra, resignação admiravel em tudo menos na humilhação e na deshonra, odio a toda a casta de novidades e mudanças repentinas. Eis-aqui indicados os principaes pontos de similhança entre o cantabro, que ha mais de vinte seculos habitava aquellas montanhas, e o que presentemente as cultiva.

Ha uma circumstancia que ainda faz sobresaír mais a observação que acabamos de fazer; esta circumstancia, a muitos respeitos notavel, é a religião. Os cantabros não prestavam culto aos idolos, adorando unicamente um deus desconhecido, ao qual, diz Strabão, festejavam sempre de noite, e mui particularmente nos plenilunios. Quem introduziria esta religião entre aquelles montanhezes? Seria porventura alguma das numerosas phalanges de aventureiros, que sedentos de riqueza invadiram o territorio da peninsula iberica? Cremos que não, e antes o attribuimos ao respeito com que os vascongados conservaram sempre as crenças, as instituições, tudo finalmente que herdaram de seus maiores. N'esse culto de que falla Strabão, achamos o que sem duvida praticaram os primeiros habitadores d'aquellas montanhas.

Entretanto esta nobre tenacidade não garantiu os cantabros dos ataques de um homem soberbo, que não podia tolerar que no mais obscuro e remoto canto da terra deixassem de ser obedecidas as suas ordens. Augusto entendeu que nada valeria quanto em duzentos annos se havia feito, se os cantabros e os asturianos continuassem gosando os seus foros, e apartados das outras gentes. A conquista d'aquelle pequeno territorio julgou-a digna de sua pessoa, e reunindo um poderoso exercito, e cercando-se dos mais afamados generaes, deu principio á guerra cantabrica, na qual, em vez de louros, só encontrou pezares e amarguras sem conto. Poz seus arraiaes em Segisama, e dividindo as forças em tres corpos, entrou a Cantabria por differentes pontos, ao mesmo tempo que Agrippa bloqueava os portos e conduzia em sua armada um exercito que devia apoderar-se do littoral.

Surpresos os cantabros com tão inesperado successo e vendo que o inimigo enviava numerosas legiões que assolavam tudo, tomaram o unico partido que lhes restava, retirando-se aos mais fragosos logares, e hostilisando d'ali os seus contrarios, que a cada passo se viam sem viveres, investidos e mortos. Cinco annos durou aquella guerra, succumbindo muitas vezes as mais aguerridas hostes dos romanos, já á fome, já ao cansaço, já aos continuos ataques parciaes. Feitos singulares de valor, inimitaveis rasgos de heroismo deveram de succeder n'aquella larga e sangrenta guerra; como, porem, os cantabros não tinham quem as escrevesse, suas façanhas ficaram sepultadas em perpetuo olvido.

As não interrompidas fadigas que avexavam o Cesar, as suas marchas de noite, e o temor que em uma d'estas lhe causou um raio, que matou a seus pés o escravo que o alumiava, foram causa de perder a saude, e de retirar-se a Tarragona, deixando as suas

tropas sob o commando de Cayo-Antistio. Continuaram as facções militares depois da retirada de Cesar, e conseguiram suas hostes apoderar-se de alguns pontos importantes, com o que se deu por terminada a guerra.

Fez-se paz em todo o mundo, e appareceu no Oriente aquella sublime doutrina que devia regenerar o homem. A sombra d'este grande successo, os nossos intrepidos montanhezes emprehenderam novamente a guerra e com maior arrojo, recuperando os pontos que nas luctas anteriores haviam perdido, e desbaratando completamente as forças que se lhes oppozeram. Encarregou-se ao celebrado Agrippa a ardua tarefa de sujeitar os cantabros e asturianos. Foi-lhe adversa a fortuna, chegando á cruel extremidade de ver os seus soldados negarem-se ao accomettimento. Com exemplares castigos, e extrema actividade, e com os soccorros e reforços que de continuo lhe chegavam, pôde tomar a iniciativa, e á custa de rios de sangue conseguiu algumas vantagens, que exageradamente se consideraram como um triumpho.

As relações entre os cantabros e romanos eram frequentes nos periodos de tranquillidade que occorriam n'aquellas horriveis guerras, e o que não pôde a força, que não remedeia males, conseguiu a cordura, a tolerancia e o respeito ás crenças e habitos do vencido; meios que empregados com franqueza, sem doblez, nem hypocrisia sempre surtiram admiravel effeito. Surtiram-o igualmente então, e aquelles que tinham accudido ao combate quando viam que se lhes queria impôr um jugo durissimo, tornaram-se depois nos mais fieis amigos dos romanos, quando estes se contentaram com ser seus alliados e protectores.

(Continúa.)

VIAGEM Á PALESTINA POR MR. DE SAULCY.

Sarcophago de David. — Exploração do Mar-Morto.

Os DESCORRIMENTOS do sabio academico na viagem ao Mar-Morto não são menos interessantes. Os trabalhos e perigos d'esta excursão retrahiam os mais intrepidos exploradores, e alguns pagaram com a vida a ousada empresa. Mr. de Saulcy, homem tanto de acção como de sciencia, decidiu-se a perscrutar aquellas paragens, e executou seu projecto a despeito de riscos e obstaculos. Achou com o auxilio dos textos *biblicos*, da tradição arabe, e pela inspecção dos logares as ruinas de Sodoma, de Gomorra e das outras cidades da Pentapolis, e descreveu-as como archeologo experiente. Colligiu sobre o Mar-Morto, o valle que o rodeia, a constituição geologica das montanhas proximas, a natureza de suas aguas, e o curso do Jordão, particularidades tão exactas, explicações tão evidentes, desenhos tão authenticos, que é impossivel hoje não se render o mais incredulo ante a concludente certeza dos factos.

Ao primeiro aspecto d'aquelle mar ou grande lago sertanejo, onde Mr. de Saulcy e seus companheiros chegaram pelo valle de Cedron, agradavel admiração os tomou de subito. A vegetação maravilhosa por aquelle lado, um verdadeiro bosque de canaviaes de vinte pés de altura, os bandos de adens, os passaros que avoejavam e submergiam-se no lago maldicto, causaram-lhes a primeira sensação de assombro; prestes, acercando-se da praia recamada de materiaes sulphureos e bituminosos, colheram um peixinho morto, levado pela corrente do Jordão ao Mar-Asphaltite, cujas aguas não admittem ser vivente. Rectificaram tambem outro facto: a depressão incrivel do Mar-Morto abaixo do nivel do Mediterraneo. — Esta depressão, calculada por Mr. Bertu mediante observações barometricas, é para mais de mil metros. — A agua é de estremada transparencia; porém, mui salgada e amarga ao mesmo tempo; está saturada de saes em dissolução, e o fundo do lago é coberto de uma crusta cristallisada.

Seguindo a beira do lago encontraram successivamente bosques espessos de canas, tamarindos, e bonitas mimosas, onde cantavam centenares de passaros, e plainos aridos, queimados e desertos: caminharam trabalhosamente pelos flancos de ladeiras formadas de rochas calcinadas, que representavam exactamente jactos de pedras arrojados por uma mina: estas projecções se dirigiam para um centro, onde se divisava uma cratera apagada.

Quando chegaram proximo a Ayn-Djedy, vestigio evidente do nome *biblico* Engaddi, reconheceram as ruinas de uma cidade consideravel, proximo das margens de um ribeiro, cobertas de formosas arvores. Ali viram pela primeira vez o fructo cuja estructura deu logar á tradição das maçãs ou pomos de Sodoma, d'essa fructa maldicta que se converte em cinza e fumo quando se lhe toca. Estes pomos são de duas plantas differentes: uma, *asclepias procera* dá um fructo, que os arabes chamam *bortu-kan-esdum*, laranja de Sodoma; estando maduro abre quando o apertam com os dedos, e mostra milhares de pevides sustidas por umas plumas setosas, que se desvanecem como fumo. A outra planta é uma *salânca* magnifica de flores rosadas, cujas pequenas maçãs abrindo-se apresentam uns grãos denegridos que parecem cinza.

De Ayn-Djedy passaram a Massad, ultimo baluarte da independencia judaica, atravessando uma planicie cheia de montinhos de cinza arrojada pelas torrentes do inverno. Reconheceram muitas crateras bem caracterisadas e uma larga corrente de lava: descangaram depois em Maiel-Embarcheg, onde tambem se vêem ruinas consideraveis e um pequeno castello romano, ainda em bom estado de conservação, junto de uma deliciosa campina, cuja vegetação robusta fazia notavel contraste com o paiz devastado que acabavam de percorrer.

Proseguindo a jornada examinaram novas crateras e chegaram á montanha do Sal. Mesmo no flanco da rocha salina se descobrem as ruinas de uma cidade immensa que as tribus nomades denominam *Kherbet-Esdum*; é Sodoma: mais longe, no flanco do lado do noroeste, acham-se os restos de *Zoar*, a Segor da *Biblia*. «Só um fortissimo repellão (diz o sabio viajante) podia fazer surgir esta mole salina de tres leguas de comprimento e quarenta e cinco braças de altura; n'este sacudimento, originado pela erupção volcanica que destruiu simultaneamente todas as cidades de Pentapolis seria aniquilada Sodoma com todos os seus habitantes. » Infinidade de entulhos envoltos em escorias e cinzas e o que se vê onde foi Sodoma

A memoria da destruição das cidades de Pentapolis conservou-se até o presente entre os habitantes dos terrenos proximos ao Mar-Morto.

A chapada que se estende pela montanha do sal é mui perigosa em razão da natureza do solo que a forma. As vezes a areia impregnada de sal, logo que este se desprende e dissolve com as aguas, perde toda a sua consistencia e falta debaixo dos pés, então não ha que esperar salvação; o infeliz que está n'essa paragem afunda-se nos abysmos e perece abafado. Os nossos viajantes correram risco de acabarem d'esse medo, por seu amor á sciencia.

O Sabkhah é uma planura lodosa e sem vegetação que cobre a ponta meridional do Mar-Morto: sete rios bastante caudaes, entre elles um como o Jordão, regam essa planicie; porém, logo que d'ella se sáe encontra-se uma verdadeira floresta dos tropicos com suas pantheras e seus colibris. Os viajantes atravessaram umas ruinas parecidas ás de Sodoma: eram os vestigios de outra cidade de Pentapolis, Seboín. D'ahi passaram ao paiz de Moab, onde visitaram os fragmentos de cidades edificadas em moles de lava, e que por assim dizer cobrem todas as vertentes dos valles. Na ponta do norte visitaram Schiban, ruina desamparada de todos os lados, e como que apegada á cuspide de um pincaro sobranceiro á planicie; o seu nome recorda quasi sem alteração o do rei de Bassan, que foi o conquistador do paiz de Moab.

Visinho d'este ponto os viajantes examinaram os restos de templo magnifico dedicado ao sol na epocha romana; é construido sobre as ruinas de outro templo moabita, edificado com pedaços de lava. Subindo para o norte, Mr. de Saulcy e seus companheiros viram muitas localidades *biblicas*, entre outras Adamah, cuja catastrophe e nome não se tem apagado da memoria dos arabes. Depois está Quasr-Hadjlah, convento arruinado da epocha das cruzadas, que tem as paredes cobertas de pinturas do seculo 13.º

Na extremidade septentrional do Mar-Morto reconheceram um ilhote bem pequeno cheio de entulhos, a que os arabes pozeram nome *Bedjom-Luth*, morouço de Loth. Por ultimo, costeando a praia atravessaram uma espaçosa cratera, ao pé da qual ha ruinas de bastante vulto que os beduinos chamam *Kerbet-Gumram;* são os vestigios de Gomorra, destruida pela cholera celeste.

Aqui termina esta interessante viagem. A catastrophe terrivel que aniquilou as cinco cidades potentes, criminosas entre todas as cidades, e que formavam a Pentapolis, a saber: Sodoma, Gomorra, Adamah, Seboín, e Segor, é hoje um facto incontestavel. Esta nova exploração é tanto mais preciosa quanto mais confirma todas as narrações da *Biblia*.

LENDAS HISTORICAS.

O Demonio do Lago.

II.

São passados seis annos. A joven Maria tem desabrochado, qual rustica flôr, nas margens do lago de Monteith. Educada no mosteiro de Inch-Mahome, só conhece do mundo os rochedos escalvados, as estevas sylvestres e as ribas verdejantes, testemunhas dos seus passeios e dos seus folgares.

Levanta-se ao romper do dia: alegre e doudejante os seus passatempos são as corridas pelas veredas fragosas, semeadas de penedos, que até ás vezes lhe rasgam o plaid de setim preto, acolchetado com um broche, em que estão esculpidas as armas de Lorraine e da Escocia. O seu coração tambem não conhece outras commoções que as que lhe despertam as lendas e as balladas, e a musica, e a dansa.

Maria é a graciosa sylphide d'aquellas plagas, e os pescadores sorriem satisfeitos quando a vêem correr ou antes doudejar por entre o matto; é o duende tutellar d'aquella região. O seu semblante tão alvo e córado, o seu olhar tão brilhante e tão límpido, que começa de ensaiar-se n'aquelle fascinar de que depois tanto abusou; os louros cabellos a beijar-lhe em anneis o delicado pescoço; a voz insinuante, que ora toma uma intonação imperiosa, ora exprime a mais refinada garridice; tudo n'ella encanta, seduz, arrebata.

Os montanhezes, na estação formosa, deixam sempre ficar a porta de suas cabanas aberta; porque sabem que a filha de Jaques V ha de ír alguma vez pedir-lhes um bocado de pão negro, e ouvir-lhes as suas canções poeticas.

Outras vezes vê-se no lago a vogar graciosamente uma barca, de donde partem risadas estridentes, e ditos chistosos, em espirituoso tiroteiar: é a formosa herdeira de Escocia a divertir-se com as suas companheiras. Maria tem uma pequena côrte composta de meninas todas da sua edade e do seu nome. A rainha-mãe, como mui devota que era da Virgem, quiz que todas as que acompanhassem sua filha tivessem as mesmas razões para buscar a intercessão da Mãe de Deus. Por consequencia todas se chamavam Maria; e esta côrte em miniatura era consagrada ao mesmo culto.

Muitas vezes, pois, todas as pequenas Marias mettiam-se n'uma barca com a sua jovenil rainha, e faziam-na vogar sobre o lago de Monteith; e as aguas esverdeadas e profundas serviam de espelho aos seus rostosinhos gaiatos.

Um dia soube a joven rainha que ía partir para França. Em sua fronte tão meiga e tão pura punha Deus duas corôas; e promettiam-lhe, em S. Germano, um esposo da sua edade, o delphim Francisco. Com quanto a idéa de viajar, de mudar de clima, de saír d'aquelle mosteiro, que tinha sido para ella um tão triste berço, fizesse arfar-lhe o coração, nem por isso tinha menos saudades do seu formoso lago, e das verdes estevas, e dos tristes campos que alegrára com os seus folgares. Ía ver a patria de sua mãe, e dos seus tios de Guise, que lhe mandavam tão lindos presentes, e lhe escreviam tão bellas palavras; ía, arreiada de gentís galas, tomar um logar eminente na côrte de S. Germano; mas era-lhe mister renunciar á liberdade. A pequena montanheza ia tornar-se uma verdadeira rainha; isto é, não poderia jámais saír, e correr á sua vontade; até o delphim Francisco, esse futuro socio de brinquedos, a atterrava. Se elle tinha de ser um dia seu marido! Por isso Maria quiz dar um ultimo passeio pelo seu querido lago, e as suas quatro companheiras ordinarias Maria Fleming, Maria Seaton, Maria Hivington, Maria Reatoun, conduziram-na á barca que a esperava.

N'este dia estava o céu carregado e triste como o coração da joven rainha. A Escocia parecia tomar lucto; o lago agitava-se como a murmurar uma queixa sentida; os pescadores, que tinham accorrido para assistir ao derradeiro passeio da sua fada, contemplavam calados as cinco Marias, sem soltar as costumadas acclamações. A rainha, sobre quem pesava toda aquella tristeza exterior, tentou rir, excitar as suas amigas, e não conseguindo distraí-las quiz começar uma ballada; mas a sua voz não era agora tão pura, nem tão clara; não se atreveu a continuar, e ao primeiro estribilho calou-se; depois deitou os braços ao pescoço de Maria Fleming, que estava ao pé d'ella, e parecia a mais triste, e disse-lhe:

— Olha, minha queridinha, não me faças chorar; porque não pensaremos nós nas terras que vamos vêr?

— Ah! respondeu Maria Fleming, pode lá haver terras bonitas sem este lago?

— Pobre lago! acudiu a rainha, bem quizera poder leval-o comigo! E inclinando-se para fóra da borda, metteu a rosea mãosinha na agua esverdeada, encheu a, e levou-a á boca.

— Tomae sentido, minha rainha, disse uma das meninas, não vos inclineis tanto, que o Kelpy, o demonio do lago, póde agarrar-vos!

— O Kelpy! replicou Maria Stuart, esse é um demonio bom, que sempre se sorriu para mim, e sempre me quiz muito! não me ha de fazer mal!

— Se vos quer muito, mais razões deveis ter para vos arrecciardes d'elle.

— Minhas amigas, disse então a rainha, digâmos adeus ao demonio do lago, a esse velho companheiro, que nos não póde seguir, e que nunca mais ha de ouvir as nossas canções.

Então Maria Stuart ergueu-se na barca, que as vagas commovelladas começavam de balouçar, e a joven feiticeira dirigiu-se n'estes termos ao mysterioso tyranno do lago.

— O velho Kelpy, tu que és negro como a noite, e que tens os compridos braços cobertos de limos, e galopas sobre as vagas qual fogoso corsel, e mostras a humana cabeça aos affogados, e com as geladas mãos affundas as barcas perdidas: demonio, que sempre me affagaste — adeus — e em lembrança da tua muito amada Maria, recebe este broche com as armas de Escocia e de Lorraine, que tem estado junto do meu peito, e vae tocar o teu.

E arrancando do plaid o broche que o acolchetava, Maria atirou-o ao lago; depois poz-se de joelhos, e mergulhou a vista na profundeza das aguas, esperando vêr o Kelpy. Todas as suas companheiras a imitaram, e de tal modo fizeram tombar a barca que as vagas selevantadas pelo vento quasi lhes beijavam os rostos.

De repente, ou fosse porque os remadores atterrados de tão imprudente brinquedo, e desesperados de não terem feito algum caso das suas recommendações, quizessem obrigar aquellas estouvadinhas a pôrlhe termo, ou fosse porque tivesse augmentado o temporal, ou fosse finalmente porque o demonio quizesse tornar a Maria Stuart agouro por despedida, sentiu-se um grande abalo nos costados da barca, e elevou-se uma forte columna de agua que as alagou a todas. Maria soltou um grito, e caíu pallida e semimorta de susto nos braços das suas companheiras, murmurando que vira perfeitamente o Kelpy, e que o Centauro a travára dos braços, e a quizera levar comsigo.

Forcejaram por a socegar, sem comtudo estarem isentas de medo; tanto que se não atreviam a encarar o lago, receiando vêr os olhos verdes do monstro, esses olhos terriveis que trazem infallivel quebranto, e que até agouram a morte a quem os encontra. Maria Stuart essa, ora entrava n'um tremor, ora corria a mão pela cintura, como para experimentar o effeito do aperto que dizia ter sentido. Ella vira mui distinctamente o demonio agarrar a barca e sacudil-a; e asseverava que no momento em que soltára um grande grito, encommendando-se á Virgem, de quem era mui devota tambem, o monstro, que, pelo contrario, tem grande temor da Mãe de Deus, mergulhára, deitando-lhe comtudo um olhar terrivel.

A barca em breve chegou perto do mosteiro. Nenhuma se atrevia a contar o incidente do seu passeio. A rainha essa tinha o coração ainda mais comprimido. O presentimento acabou de agourar aquella viagem de França, e em que debalde tentavam fascinal-a. Quando a deitaram tinha febre, e em toda a noite, (que esteve um temporal desfeito) ella julgava, no assoalar do vento, e no mugir das aguas, ouvir as vozes do Kelpy a chamal-a, e a reclamar a sua joven noiva.

A sua aia, que não estava pouco assustada com a perturbação da sua real pupilla, velou toda a noite junto do leito, e ouviu-a murmurar: «O meu Deus, que me tendes destinado para marido o formoso delphim Francisco, não consintaes que eu fique aqui sendo a noiva do demonio de Monteith.»

Pela madrugada o somno affugentou-lhe os terrores; mas a partida para França devia ter logar n'esse mesmo dia, e quando deu a hora, Maria deixou-se conduzir machinalmente, e fechou os olhos assim que chegou á vista do lago.

(Continúa.)

Remedio para o morrão das searas. — Acontece serem muitas vezes as searas de trigo acommettidas de uma terrivel molestia, a que os lavradores chamam *morrão*, e que não só acaba com a espiga atacada, mas affecta toda a colheita, destruindo a boa apparencia do grão ou da farinha.

Por vezes se havia tentado curar esta gravissima enfermidade, sem que se colhesse das diligencias e disvellos empregados pelos praticos um resultado decisivo. O sr. commendador Marques Rodrigues, curioso e opulento lavrador, achou um processo que com ser mui simples, economico, e da mais facil execução, cura radicalmente aquella doença.

Recommendamol-o aos agricultores, podendo affiançar-lhes o bom resultado da receita do sr. Marques, que tem já a sancção da experiencia de seis annos.

Eis a receita:

«Dissolve-se uma porção de sal em agua fria, de modo que n'ella aboie um ovo.

«Lave-se o trigo n'esta salmoura. Todos os grãos doentes sobrenadam immediatamente, e lançam-se fóra.

«Retira-se o trigo, e deita-se para o lado, continuando com o mesmo processo até que toda a semente esteja lavada.

«Depois de estar quasi sêcca, envolve-se em cal em pó, e semeia-se n'este estado.»

O processo do sr. Marques tem ainda a preciosa vantagem de affugentar das sementeiras os passaros damninhos, que lhe não tocam sendo as sementes assim preparadas.

— Não receeis seguir o verdadeiro progresso do espirito humano, que confia, não a exercitos commandados por capitães mais ou menos peritos, não a força brata, mas aos nobres combates do espirito, as lutas da intelligencia, o destino e a direcção das sociedades. BERRYER.

— Ao poder absoluto chamou um politico animal desbocado, que corre a precipitar-se sem o freio da razão, sem as redeas da politica, entendidas na vara da justiça, e sem os estribos em que se deve segurar a prudencia, e assim não devem os poderosos ter por dita o conservar tudo o que intentam.

Desgraçado o poder, quando o poderoso cuida que tudo deve e póde obrar; o Demonio, em quanto não teve todo o poder de Deus, respeitou as virtudes do sol, e nem se lhe atreveu; e como se viu com poder sobre todo o lago o destruiu.

PADRE A. VIEIRA, *carta ao conde de C. Melhor.*

— O reino de Deus não consiste em uma escrupulosa observancia de pequenas formalidades, consiste para cada um na virtudes proprias do seu estado.

FENELON.

SACAVEM.

A duas leguas de Lisboa, na estrada que d'esta capital conduz á cidade do Porto, está assentada Sacavem, ficando ao norte do ribeiro de Friellas, ou para melhor dizer, de um braço do Tejo que entra largo espaço pelo leito d'aquelle ribeiro.

Não se distingue Sacavem nem pela sua importancia commercial ou agricola, nem pela sua população, que ascende apenas a umas 1,300 almas, em uma unica parochia, a de Nossa Senhora da Purificação, nem por gloriosas tradições, nem por venerandos monumentos, nem finalmente por agradaveis paisagens: carece até d'essas preciosas qualidades que se encontram nos arrabaldes de Lisboa, em geral; a frescura e salubridade de ares, que lhe roubam a proximidade de terrenos enchareados, e de vallas que a incuria e o desleixo tem conservado meio entulhadas.

Divide-se a povoação em alta e baixa; aquella é mais lavada de ares, e mais vistosa e alegre; esta é menos salubre, mas um pouco mais aceiada.

Construcções que mereçam mencionar-se apenas se contam em Sacavem a egreja e convento de Nossa Senhora dos Martyres, e a ponte de que fallaremos depois.

Brites da Costa, mulher de Miguel de Moura, secretario d'estado d'el-rei D. Sebastião, e depois da batalha de Alcacer-Kibir um dos governadores do reino, tendo sido miraculosamente salva, por intercessão da Virgem, d'entre as ruinas da sua propria casa, que saltára pelos ares, em consequencia de uma terrivel explosão de polvora n'uns armazens á Pampulha, obteve, pelo valimento de seu marido, a posse de uma ermida, com a invocação de Nossa Senhora dos Martyres, que ficava contigua a uma quinta que possuia em Sacavem. No logar d'esta ermida foi, pela referida Brites da Costa e seu marido Miguel de Moura, fundado em 1576 o convento da mesma denominação, tal qual ainda hoje existe.

Diz Brandão, na 5.ª Parte da *Monarchia Lusitana*, Livro X, Capitulo XXVII, que aquella ermida ou oratorio mandára ali erigir D. Affonso Henriques, em memoria de uma milagrosa victoria que alcançaram os christãos, em numero de mil e quinhentos, de cinco mil musulmanos, que de Alemquer, Obidos, Thomar e outras terras da Estremadura, tinham accorrido em soccorro de Lisboa sitiada então pelo principe portuguez. Depois da batalha foi entrado o castello que existia n'um *teso* proximo, *fazendo entrega d'elle o alcaide mouro o qual se tornou christão por uma maravilhosa visão que teve*, e foi o primeiro ermitão que cuidou d'aquelle oratorio ou ermida.

Infelizmente, porém, para os apaixonados da escola milagreira, a historia do tal Bezay Zayde, (assim se chamava o alcaide) que se convertêra á fé de christo, e se fizera depois ermitão, e a da grande

peleja travada junto do ribeiro de Friellas entre os guerreiros do Islam e os batalhadores de Ibn-Errik, não apparecem mencionadas sequer em documento algum contemporaneo, e só se lêem n'um *certo livro de privilegios* do seculo 16.º Brandão, que parece inclinado a acreditar o facto, e assevera existir o mesmo livro no archivo da Torre do Tombo, confessa todavia que *elle contém alguns erros, como em o anno do cêrco de Lisboa, no assento dos exercitos, em dizer que todos os estrangeiros eram inglezes, e em outras cousas accidentaes, etc.*

Os curiosos pódem consultar a este respeito a *Historia de Portugal* do sr. A. Herculano, nota a paginas 508 do primeiro volume.

Já no volume IV da 1.ª Serie do *Panorama* fallámos da ponte de Sacavem, cuja construcção se encetára n'esse tempo, particularisando com louvor os arcos de ferro que aguentam o pavimento da ponte, fundidos no nosso Arsenal do Exercito com uma perfeição notavel.

Essa ponte acha-se inteiramente concluida vae em dez annos, e realmente, pela sua solidez e até elegancia, justifica os elogios que haviamos prodigalisado a quem traçára e dirigíra tão importante obra.

Em tempos remotos existiu, no mesmo sitio da actual, uma boa ponte de cantaria, que veiu a caír em ruinas, por falta dos indispensaveis reparos: as necessidades do transito, que é sempre consideravel n'aquella estrada, foram escassamente suppridas por uma barca, e depois por uma ponte de madeira. No reinado da sr.ª D. Maria I, sendo secretario d'estado o célebre José de Seabra da Silva, planisou-se a edificação de uma outra ponte de tres arcos, que foi de feito delineada pelo architecto francez José Auffdiener, sendo avaliado o seu custo em tresentos mil cruzados.

Nos principios d'este seculo tentou-se novamente uma similhante construcção, que a invasão dos francezes não permittiu realisar.

Finalmente, por contracto com uma empresa particular, começou-se e concluiu-se em breve tempo esta tão necessaria ponte, que se compõe de tres arcos de ferro fundido, firmados sobre quatro pégões, e com rodizio no centro para a passagem das embarcações, que hoje, em consequencia, de estar mui entulhado o leito do rio, apenas pódem vogar até S. Antonio do Tojal, a uma legua de Sacavem.

Ha em Sacavem muitas quintas e hortas — e pela Paschoa do Espirito Santo faz-se ali uma importante feira de gados, á qual afflue immensa concurrencia.

O caminho de ferro de Lisboa a Santarem, de que se fez concessão provisoria á companhia representada pelo sr. H. Hislop, em 15 de agosto do corrente anno, deve atravessar Sacavem, onde termina a primeira secção, começando em Arroios, segundo o *traçado* dos habeis engenheiros inglezes encarregados da direcção d'esta grandiosa obra. Se ella se realisar, como esperamos, Sacavem deve melhorar consideravelmente de situação, apesar de algumas das suas desfavoraveis condições.

Pertencia este logar ao termo de Lisboa; por um decreto de setembro ultimo, fica fazendo parte do novo concelho dos Olivaes.

POETAS DA ARCADIA.

I.

Pedro Antonio Corrêa Garção.

No Menalo — Corydon Erimanthêo.

No volume quarto do *Panorama* encontrarão os nossos leitores a noticia completa da fundação, e progresso da sociedade litteraria, cuja memoria se honra com os primores do Garção, do Quita, e do Diniz. Não repetiremos, pois, o que está dito; mas servir-nos-ha de base. Posto que de curta duração, o periodo que abrange a escola dos arcades, exerceu grande influxo no futuro da arte, vingada por elles da baixeza do estylo e da corrupção inveterada dos imitadores da decadencia estranha.

A Arcadia fundou-se no anno de 1756, sendo os mezes de agosto e setembro empregados em compôr e discutir os estatutos, confiados á redacção de Antonio Diniz da Cruz e Silva, o auctor do *Hyssope*, e das *Odes Pindaricas* e *Anacreonticas*. O objecto da nova instituição era restituir aos diversos generos de poesia a severidade de fórmas, a correcção classica, e a perfeição imitativa dos seculos de ouro da litteratura dos antigos, e das melhores obras nacionaes. A degeneração tinha envilecido tanto a lingua, e estancado por tal modo as fontes dos bons estudos, que se tornavam indispensaveis os conselhos, e os exemplos de uma associação dotada de forte vontade e de esclarecido talento, para com vantagem luctar contra a corrente, e salvar da obscura inundação os modelos primorosos do gosto romano, e da primeira renascença portugueza.

A existencia da Arcadia não foi longa nem tranquilla. Na ultima epocha esse resto de vida, que de longe manifestava ainda, emprestavam-lh'o os esforços de um ou outro socio, sobre tudo os de Antonio Diniz; e ao cabo de vinte annos exhalava o derradeiro suspiro, em 1776, pouco chorada e quasi nada conhecida do povo, com quem não quizera nem soubera congraçar-se, descendo ao meio d'elle.

O defeito principal dos pastores do Menalo foi preoccuparem-se de mais com a fidalguia das letras, julgando que uma grande revolução no gosto é possivel, e póde consummar-se, resumindo em poucos apostolos o ensino e a propagação da nova lei. A Arcadia, nunca saíu, (e julgar-se-ia sacrilega, saíndo!) do circulo restricto da imitação antiga. No theatro, na poesia, e nos outros generos, em que exerceu as suas reformas, os modelos eram sempre os livros dos auctores mortos, e a reflexão constante de idéas e costumes, que a mão do tempo tinha encerrado na urna dos seculos.

Nenhum rasgo original, similhante aos que alegram a veia jovial de Gil Vicente; nenhuma interpretação larga e profunda do sentimento humano. Todas as paixões, todos os quadros da vida e da natureza, reproduzem, na maxima parte, as recordações do bello antigo, e rara vez a expressão exacta das sensações do poeta, saudando o sublime na verdade actual. No sentido da liberdade regrada, mas necessaria, da arte, a sociedade arcadica nada adiantou; continuando a crer e a ensinar os dogmas da religião immovel, mantida pelos sectarios de Aristoteles e Boileau.

A inspiração nacional pouco lhes sorriu; e bem escassa luz conseguiu metter no carcere voluntario, aonde estes admiradores do passado sepultaram faculdades, que em vôo alto e menos preso, os teriam elevado aos amplos horisontes da revolução moderna. O povo, amando as suas tradições, os seus usos, e as suas lendas, viu passar por tanto a Arcadia, e não achou n'ella cousa que lhe attrahisse as sympathias. Ouvia-a fallar em lingua correcta dos amores de Ovidio e das lagrimas da esposa de Sicheu; escutava descripções de tormentas, e bosquejos de paisagens, que não encontrava no céu e nos sitios mais pittorescos da terra natal; cantavam-lhe os martyrios da alma, as maguas e as desventuras de personagens que lhe eram indifferentes, porque pertenciam

ás saudades de civilisações extinctas. Os feitos dos heroes portuguezes, mesmo celebrados na lyra orgulhosa de Pindaro, ou na casta, mas para nós já fria imitação de Horacio, esmoreciam do calor e da viveza, que em rudes metros e imperfeitas fórmas, sabia dar-lhes a cantiga nacional, ingenua e sincera, bella naturalmente, e mais propria para fazer estremecer o seu coração com o gemido do coração de seus irmãos, pintando o enthusiasmo da gloria áquelles que o sentiam e o presavam como ella!

Entretanto as razões, que separaram o povo dos Arcades, não roubam a estes o louvor merecido pela renovação classica, que emprehenderam e assignalaram com o engenho. Se não alcançam além da sua epocha, se não levantam o espirito acima das regras criticas, postas no seu tempo como as estremas do imperio intellectual, seria iniquidade negar-lhes a palma, que lhes cortou a fama, e que ainda reverdece na sua campa. Ha factos que excedem as posses de um seculo; e que outro realisa sem fadiga. Voltaire, o engenho mais vulgarisador da Europa, regeu como despota o gosto no largo periodo, que abraçam as suas obras; e apesar d'isso viveu sujeito á severa desciplina decretada na Academia de Richelieu, e foi o executor fiel dos preceitos aristotelicos, na maxima parte dos seus escriptos. As innovações, que introduziu; os arrojos a que se abalançou, fazem-nos sorrir hoje; e com tudo eram arrojos e innovações reaes para a epocha em que se atreveu a commettel-os. O poeta cortesão e esmerado, que accusava de barbaro o estro de Shakespeare e se compadecia da sua arte informe, não estaria bem longe de prever o futuro proximo, que devia proclamar a supremacia do grande tragico inglez; pondo abaixo dos dramas immortaes do auctor de *Othello* e *Julieta*, as peças regulares, castigadas, e cheias de elegantes declamações do dictador de Ferney?!

A Arcadia, mesmo no circulo a que se limitou, fez serviços relevantes ás letras patrias. Se não renovou no sentido lato da palavra, purificou a poesia das maculas, que a escureciam, e exaltou-a pelo respeito da sua origem, e pela castidade das fórmas, tirando-a da decadencia em que veiu achal-a precipitada. A frequencia e a imitação dos bons modelos restabeleceu o gosto, que tumidas e obscuras cópias tinham depravado. A lingua, corruida do canero das locuções viciosas, tornou a mostrar a riqueza, a louçania, e os brios da lingua de Sá de Miranda, e de Camões, additada com o peculio dos seculos seguintes. Estudos variados devassaram os assumptos mais aptos para a fecundarem; variados poemas de uma correcção attica e de um lavor incomparavel, provaram que o exemplo podia justificar a doutrina. Até onde, na esphera das idéas do tempo, era possivel levar a restauração, foi ella levada; e ha no seu caminho mais de um monumento que nos obriga a venerar os homens, que o ergueram. Em quanto a lingua portugueza fôr sabida, e as gallas do estylo e da imaginação forem estimadas, a lyra classica do Garção, e os versos pastoris do Quita, hão de ser admirados como um dos mais bellos rasgos do engenho.

O Sr. D. José I, que tanto desejava, ou mais exacto, o seu ministro do despacho universal, que, em nome d'elle, tantas providencias tomou para aperfeiçoar os estudos superiores, e diffundir o ensino elementar, arrancando aos desuitas o monopolio da instrucção, foram bem tristes Mecenas para os cultores das letras. Exceptuando Antonio Diniz, cuja musa mais flexivel tinha caído em graça ao Marquez de Pombal, os outros Arcades, ou experimentaram os rigores da sua vingança, ou esfriaram sob o gelo da sua indifferença. Se ao principio pareceu acolhel-os a boa sombra, se os frequentou até algumas vezes, é certo que pouco depois esta benevolencia se converteu em desagrado. Não ha memoria de mercê ou de premio concedido a homens, que Luiz XIV se não esqueceria de inscrever no seu livro das pensões litterarias, como auxiliares do grande seculo, que abriu e encerrou o seu longo reinado. A Arcadia sustentou-se por si mesma, e caíu enfraquecida pela morte dos socios mais notaveis; não nos consta que o ministro omnipotente se lembrasse de a proteger, nem tentasse dilatar-lhe os dias. O Garção serve de exemplo para provar, que nenhuma especie de merito podia eximir da immediata repressão do marquez aquelles que julgava adversos ou pouco affectos á revolução monarchica, em que, similhante a Richelieu, e sem o querer, trabalhou mais a favor da liberdade, do que em proveito do poder absoluto, cujos esteios demoliu, arrancadas as pedras angulares, que eram a sua base.

O homem, que pelas qualidades do talento, e pela consciencia da erudição, melhor caracterisou a Arcadia, e o seu espirito foi o Garção. Nenhum dos outros socios o igualou no acabado do lavor poetico, e na fórma sobria e correcta dos assumptos. Debaixo dos seus dedos a lingua opulenta e docil, presta-se com propriedade a todas as exigencias do pensamento, revendo com graça e transparencia os modelos da imitação classica. Menos imaginoso do que Bocage, faltando-lhe aquella veia fogosa (irada ou terna), que fazia do cantor de *Hero* um prodigio, quando o impeto divino o arrebatava, o auctor do *Theatro Novo* e da *Cantata de Dido*, se não tinha os raptos do *estro*, e as grandes visões do genio, se não subia tão alto com o vôo lyrico, tambem era isento dos lapsos e das quedas, que tantas vezes precipitam a Elmano, desfeiando as formosas inspirações de poesias inesgotaveis na sensibilidade e no ardor.

Se uma comparação pudesse dar a idéa da differente indole d'estes dous grandes poetas, Bocage seria a torrente, que se despenha por alcantís, toucada de nebulosos vapores, cheia de estrondo e de grandeza, mas volvendo com as aguas troncos, ramos e limos, tudo a um tempo! O Garção, assimilhar-se-ía a essas ribeiras fundas e claras, tão proprias da nossa paisagem, que gemem por entre a fresca sombra dos arvoredos inclinados para as beijar; que engrossando tambem se enchem de poder e de magestade; mas cuja belleza mais consiste na graça, do que na força; arrastando antes flores e palmas na corrente, do que os cadaveres dos antigos cedros quebrados pela furia da sua cheia; e deve confessar-se que um não attrahe menos pelo enlevo e serenidade, do que o outro pelos rasgos audazes, e os relampagos de imagens arrojadas!

As noticias que nos restam da vida do Garção pouco satisfazem a curiosidade que excita o seu nome, e a memoria de infortunios supportados com grandeza d'alma, e vontade firme. Pouco se sabe d'elle, e esse pouco anda confuso na tradição oral. Austero, dotado da rigidez de caracter, e da isenção de espirito, que rara vez deixou de provocar os rigores da fortuna, se lhe não requestou o favor dobrando o joelho, tambem se não curvou ao açoute da sua ira, nem derramou as lagrimas de uma dôr cobarde. Como elle proprio diz em uma ode, não cedeu nem se fez pallido, sentindo a mão da desdita sobre si; affrontou-a sem recuar:

Assim, assim a misera pobreza,
A contraria fortuna
Deve immovel soffrer uma alma grande
Oh, Sousa esclarecido!

*

Varra o crédor soberbo a pobre casa
C'o desabrido Alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido varão, que do destino
Prova os fataes revezes.

A reminiscencia, apropriada ao seu destino, de uma das mais famosas odes de Horacio é o quadro moral do seu espirito. Constante no infortunio, acha ainda o sorriso de outro tempo e as saudades de annos mais felizes para chasquear a pulida calva do padre Delfim e a sua caseira rebeca deixada em penhor com a loba e o bordão campestre. Convida-o a que volte, promettendo-lhe o cheiroso lombo, e a fogueira da chaminé, aonde estala a lenha, e silva a chaleira, fervendo a agua para o ponche. N'estas pinturas cheias de graça natural, em que respira o conchego do lar domestico, acham-se toques que só o pincel do Tolentino foi capaz de vencer depois.

O sr. Trigoso, na sua Memoria *sobre o estabelecimento da Arcadia e sua influencia na litteratura portugueza*, assegura em uma nota que Garção nascêra a 29 de abril de 1724 e fallecêra a 10 de novembro de 1772, depois de jazer encerrado para cima de anno e meio, expirando justamente na occasião, em que, reconhecida a sua innocencia, se lhe espedíra a ordem de soltura. Sendo exacto, bem curta e atribulada foi a sua vida nos ultimos annos; sobre tudo desde que, arrancado aos braços da esposa e dos filhos, que tanto estimava, e tinha tão mimosos, se viu de repente longe d'elles e sepultado com a nota de crimes que se ignoram, e que elle proprio talvez ignorasse como nós, porque o braço do marquez de Pombal em ferir era tão prompto, como a suspeita em despontar no seu coração.

Pelo que se deprehende das suas obras, o auctor do *Theatro Novo* não viveu sempre na estreiteza de bens, a que alludem muitos dos seus versos. Houve uma epocha, em que não sentiu os cuidados da indigencia, e se pôde entregar mais desassombrado ao estudo dos poetas, que fizeram as suas delicias mesmo quando caíu na maior pobreza. Comparando certas passagens, e aproximando-as, parece rasoavel a conjectura, de que uma demanda perdida, e as penhoras resultantes d'ella, o trouxeram a penuria, deixando-lhe apenas (se deixaram) a sua casa da Fonte Santa, que era o ermo Tibur aonde o Horacio portuguez corregia com lima frequente as paginas pouco numerosas, mas acabadas, que nos legou.

Casado e rodeado de filhos, e facil prever as amarguras e inquietações que lhe perturbavam o espirito, vendo-se com escassa renda, e com as obrigações cada dia mais augmentadas. Alguns dos sonetos e das odes, em uma zombaria sem fel, descrevem os embaraços domesticos, e os meios engenhosos adoptados pelo poeta para os remediar. Umas vezes quem o declara é uma letra em verso sacada sobre um amigo abastado; outras o medo ao rol dos pedreiros e carpinteiros, occupados no concerto de uma escada, é quem (diz elle) o bloqueia dentro de casa. As cabegas de alcatrão, e os buscapés da noute de Santo Antonio, fazem-no tremer, porque se acha com a bolsa exhausta, e não tem animo de o confessar aos filhos!

Que motivo deu origem á prisão do Garção, e aos rigores do marquez de Pombal? Ha diversas tradições, mas inconsistentes ou fateis, a nosso vêr. As que se fundam n'um enredo amoroso, e na traducção de uma carta, imputam ao ministro severidade mais que monastica, e essa não era da sua indole. As que se referem a segredos de estado revelados, esquecem que não consta que houvesse nunca intimidade entre o marquez e o poeta para occorrer a inconfidencia d'este, e a indiscripção d'aquelle. Uma opinião mais sisuda, e que julgamos mais em harmonia com as probabilidades, quer que a perseguição do Garção fosse devida a allusões dos seus versos contra o despotico governo do ministro: e talvez que ainda em cima exacerbadas com menos prudencia pela indignação natural de uma alma nobre contra a tyrannia.

Cita-se até a *Falla do Infante D. Pedro aos Portuguezes* como corpo de delicto, que o marquez apresentava contra o poeta, afim de prolongar a sua prisão. Effectivamente o assumpto era melindroso para a epocha; a recusa de uma estatua feita pelo duque de Coimbra em presença da estatua equestre de el-rei D. José I, e da medalha do seu ministro, já em si equivalia a uma satyra desfarçada, ou pelo menos a uma censura indirecta. Lendo-se e meditando-se diversos trechos d'aquelle discurso, acha-se fundamento bastante para acreditar que o marquez de Pombal visse n'elle a reprehensão clara dos seus actos. Mais de uma phrase acerada, mais de uma sentença austera devia excitar o seu resentimento, porque era a critica do ministro e do monarcha. Um poema aonde se acham versos como estes, podia salvar o auctor das iras do poder?

Não queiraes offuscar minha memoria,
Provocando-me a collocar no solio
Um injurioso exemplo da vaidade,
Um padrão de lisonja . . . . . .
. . . . . Fôra impropria
A gloria que me daes, se n'essa estatua
Descubrissem os seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
. . . . . .
Mas haja quem se lembre d'este caso,
E quem diga, que rejeitei modesto
As honras de uma estatua: e que estas honras,
Quem chega com justiça a merecel-as,
Tambem sabe atrever-se a despresal-as.

Que parallelo! Que terrivel e fulminante allusão! O duque de Coimbra de uma parte rejeitando a estatua, porque

. . . . . É mui pesada
A sujeição do sceptro; e quem domina
Não tem a seu arbitrio as leis sagradas:
Fiel executor deve cumpril-as:
Mas não póde alteral-as! . . . . .

O marquez de Pombal da outra levantando a Memoria, e antepondo *a sciencia certa e o poder absoluto* a execução fiel das leis, alteradas a seu arbitrio! Que mais era preciso para aquella voz censora ser obrigada a calar-se; para o imprudente, que ousava chegar o espelho tão perto do rosto contrahido do orgulho e do despotismo, ser tirado d'entre os homens, e sumido nas entranhas de um carcere? Por muito menos se povoaram as prisões do Forte da Junqueira!

O marquez condoeu-se por fim, e consentio em deixar voltar o poeta para a sua pobre morada? Foi mercê espontanea d'elle, ou ordem particular do soberano? A ultima versão parece mais natural. Sebastião José de Carvalho e Mello rara vez perdoou aos que o offenderam; e a coincidencia do aviso de soltura com a morte do Garção, deixa sobre a memoria do ministro uma sombra de crueldade calculada, que só provas irresistiveis hão de destruir. Se-

ria acaso, mas no governo do secretario do despacho universal estes acasos são muito frequentes. A similhança do cardeal de Richelieu, s. ex.ª não tinha boa lembrança senão para castigar!

A morte do Garção privou a Arcadia do seu esteio principal. Quatro annos depois acabava a sociedade, apenas entretida como uma apparencia de vida pelas diligencias de Diniz, que debalde procurou chamar sobre ella a protecção, que o ministro estava resolvido a não conceder. Os dithyrambos em honra do marquez, recitados em casa do morgado de Oliveira, serviriam só de fazer estremecer as cinzas de Corydon no tumulo, se podessem ouvir a bôca dos seus pastores torcendo em lisonjas a magna sincera que experimentaram pelos rigores, de que fôra victima.

Para Sebastião José de Carvalho ainda era cedo; a apologia do que ha de verdadeiramente grande no seu governo, a posteridade encarregou-se de a fazer, e tal que vive mais do que os elogios esquecidos dos vates; para a Arcadia era tarde, porque o seu logar não era aos pés do poder, e a sua missão estava consummada; a essa tambem o futuro já fez justiça.

Passemos agora á apreciação litteraria do engenho e das obras do Garção. Será o objecto do seguinte artigo.

L. A. Rebello da Silva.

AS PROVINCIAS VASCONGADAS.

(NOTICIA HISTORICA.)

Quando os barbaros do Norte se derramaram como impetuosa torrente pelos paizes meridionaes da Europa, os cantabros permaneceram fieis aos romanos, e sustentaram rijos combates com os invasores, os quaes não poderam sujeitar os esforçados montanhezes que estanceavam entre o Ebro e o Oceano. Conservaram-se independentes largo tempo, ainda que expostos aos repetidos ataques dos godos; até que Leovigildo emprehendeu a conquista d'aquelle agreste paiz. Resistiram-lhe os seus naturaes com o ordinario valor, e detiveram o impeto dos godos, que não puderam penetrar na parte central d'elle, contentando-se em occupar e fortificar varios pontos fronteiros para evitar atrevidas correrias.

Unidos alfim os cantabros e godos pelos vinculos da religião, porque uns e outros abraçaram o christianismo, aggregaram-se as provincias vascongadas ao vasto imperio que a desmoralisação, a cobiça, a perfidia, e o total esquecimento da honra e do dever (flagellos que são a ruina das nações) fizeram succumbir nas margens do Guadalete.

São conformes todos os historiadores em asseverar que os barbaros não puderam penetrar no territorio vascongado, defendido generosamente pelos seus virtuosos moradores, e por muitos outros que fugindo áquella desfeita tempestade que a justiça Divina havia desencadeado sobre a desventurada Hespanha, foram buscar nas cordilheiras septentrionaes a sua salvação, e a do glorioso nome hespanhol.

Começam depois d'aquelles tristes successos as duvidas sobre o estado do paiz, que é o objecto d'esta resenha historica, suppondo-o uns independente, e outros como formando parte do reino que se erigiu em Covadonga: opinião, segundo nosso entender, mais provavel e fundada.

Temos fallado até aqui das provincias vascongadas em geral, porque de feito, os referidos successos são communs ás tres; e ainda que em todas as epochas se hajam distinguido com denominações particulares, é sabido que seus habitantes constituiram sempre um unico povo, sendo conhecidos nos tempos antigos pela designação de cantabros, e pela de vascongados nos modernos.

Entre a historia de Alava e a de Guipuzcoa pouca differença se nota, pois não só correram a mesma sorte, senão tambem que o nome da primeira das mencionadas provincias se tornou extensivo á segunda.

Pertenceram por algum tempo as provincias de Alava e Guipuzcoa ao reino de Navarra, e no anno de 1200 da era christã se encorporaram definitivamente á corôa de Castella. Não assim a Biscaya, que, durante alguns seculos, teve seus senhores particulares, dignidade que se considera dirivada do famoso duque de Cantabria. Era possuidor do referido dominio por fins do seculo 9.º D. Lope Zuria, a quem succederam D. Munio Lopes, que alguns chamam D. Manso, D. Lope Nunes, D. Munio Lopes, D. Lope Momes ou Nunes e D. Inigo Lopes, por antonomasia o *Surdo*, o qual vivia no principio do seculo 11.º, e é reconhecido como senhor de Biscaya por todos os historiadores, honra que poucos outorgaram aos seus cinco predecessores, cuja existencia se tem posto em duvida.

Seguindo os senhores de Biscaya o costume geral da sua epocha davam ao successor o nome de seu avô, e assim vemos alternar-se por largo tempo na chronologia d'aquelles os nomes de Lope Dias e Diego Lopes.

Como a historia, facho inextinguivel da verdade, não está por desgraça a coberto das paixões dos homens, que desejam escudar-se com ella, para satisfazer seu orgulho e seus odios, não é para estranhar que inimigos inconciliaveis do paiz vascongado, que de certo nenhum danno lhes fez, tenham querido

provar, ou para melhor dizermos, assentar como cousa certa, que o senhorio ou condado de Biscaya e suas duas irmãs têem constantemente soffrido estranho jugo. Para o conseguirem deram-se tratos ás palavras dos chronistas e historiadores, inverteu-se o sentido de muitas passagens historicas, e olvidou-se a critica.

É incontestavel que os senhores de Biscaya exerceram algumas vezes uma auctoridade independente dos reis de Navarra e Castella, que coadjuvaram nas guerras com os musulmanos e contra os quaes defenderam em alguns casos com as armas os seus direitos e a integridade do seu pequeno territorio.

(Continúa.)

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo, nuncio em Portugal no tempo de D. João III.

«O rei, sem o dar a saber a N. S., em tempo urgentissimo para nós e apropriadissimo para si, diz-se ter concluido um tratado de paz com o Turco, pelo qual em cada anno lhe paga cem mil ducados d'ouro ou mais. No tratado não se faz a menor menção da Sé Apostolica, nem de terras e cousas da igreja, e affirmam que sómente abrange as do imperador, sendo toda aquella negociação com concessão da Curia; contam que o imperador ficou muito desgostoso.

«As cousas de que parece que se póde tirar de Portugal grande utilidade, e para isso encarregar o nuncio de as esclarecer com informações profundas e sensatas, são as seguintes:

«Primeiro, na materia de christãos (novos?) caso não queira S. Santidade revogar absolutamente a Inquisição extraordinaria, commettendo o Santo Officio aos ordinarios, segundo a razão canonica, em que não faria cousa que não fosse santa e justa, e muito pedida, até porque animaria assim os prelados a ter sempre officiaes da «Eretica pravidade» sendo o meio e a fórma de os cercar de homens lidos, podendo cada um na sua diocese fazer melhor justiça, e tirando-se o confisco dos bens, reduzindo tudo a castigar os máus, e a deixar aos bons a fruição pacifica dos seus bens, só com o encargo de pagarem uma boa composição e subsidio para a guerra dos infieis; e os tristes não sairiam da patria, nem iriam fazer-se judeus, nem ensinariam aos infieis todos os artificios que sabem, como armas, artilheria, e similhantes cousas; é então mais conveniente, segundo parece, reger-se isto antes por provisões particulares, do que por bullas com a concordia e limitação que se fez; em o nuncio tendo faculdade ampla de passar o breve a quem o pedir, pagando ainda que seja pequena quantia, o rendimento montaria a muito pelo numero das pessoas exceder a cincoenta mil.

«Item. Os mosteiros e bispados têem grandissimo numero de pensões e bens emphyteuticos, e estes costumam-se dar em prasos de tres ou mais vidas. E são tão desejados e cubiçados dos seculares, que se N. S. os quizer conceder *in perpetuo* a quem os possue, ou a outrem, não os querendo o possuidor, ainda que seja com grande augmento para as igrejas, se tirará muito dinheiro; e pondo por condição, que se as igrejas os quizerem, deverão remir ou comprar a S. Santidade a isenção para ficarem como estão, se arrecadará ainda grande somma; o que seria por estremo vantajoso por S. Santidade colher a composição e os bens ficarem livres como d'antes ás igrejas. E esta negociação, tratando-a o nuncio, não em geral, mas segundo caísse á mão, não seria fóra de proposito para não confiar a ninguem o segredo d'ella.

«Item. Querendo S. Santidade conceder licença ás igrejas para trocarem d'estes bens por outros de igual valor, seriam obrigadas a pagar a mesma pensão, o que permittiria receber ainda alguma cousa, porque muitas existem a quem isto conviria, e que de boa mente pagavam.

«A composição dos commendadores de — *fructibus male perceptis* — pelos motivos acima indicados, é de grande importancia, e estão obrigados a fazel-a, ou o rei por elles, como se prova em direito: e diz-se que muitos a teriam já feito se o rei se não oppozesse por cuidar n'uma convenção com S. Santidade, similhante á das decimas, para depois haver dos commendadores um agradecimento valioso.

«Item. Querendo o papa revogar a bulla das commendas, (que de todo o modo no Concilio será a primeira a revogar, pois que quem possue, possua em quanto vivo, e depois de morto volva a propriedade ao seu antigo estado) affirmam que o clero pagará ao rei toda a composição que se deu ao papa Leão e a S. Santidade, tanto que poderia ser uma grande parte das despezas da Hungria com summo serviço de Deos, e em seu louvor. Mas não querendo tirar nada ao rei, do que obteve do papa Leão, e se contém na bulla, se quizer reduzir as ditas commendas aos vinte mil ducados de rendimento, que são os concedidos pelo papa, e que o que excede volte ao estado primitivo, e não se dêem mais commendas; ainda por isto o clero pagará uma justissima composição, e accresce não ter de repartir nada com o rei, ficando a S. Alteza o que lhe foi concedido na bulla.

«Item. Se o nuncio levar faculdade para conceder aos padres licença de testar qualquer quantia, com uma taxa de tantos por cento, se tirará bastante dinheiro sem o menor damno da Sé Apostolica, porque ali não é como em Castella, aonde a Camara Apostolica herda o espolio, e de toda a maneira os bens são abafados e roubados, e sempre vão aos successores; e quem os houvesse por licença tel-os-ía de direito e os padres, de boa mente, para se livrarem de mil obstaculos, e beneficiarem os seus, haviam de estar pelo prompto pagamento da composição.

«Item. Julgando-se conveniente permittir ao rei os contratos sobre metaes para uso bellico com os infieis, como até agora, e absolvel-o do peccado, se tirará por isto uma grossa composição, como atraz notei, porque elle o não fará tranquillo sem ella, e o mal e escandalo da christandade é grandissimo e manifesto.

«Não seria fóra de proposito lembrar, se fosse serviço de Deus, que o nuncio levasse faculdade para dispensas matrimoniaes de — *contractu tantum* — com os limites que pudesse, e terrores do futuro, que suscitasse, pois ha immensos que para vir a Roma gastam o que têem, e lá pagariam voluntariamente para sairem do peccado. Ou então fazer notificação geral para ninguem ir a Roma sem informação do nuncio, e quem devesse vir, viria com clareza e de modo que não tivesse mais do que apresentar-se a S. Santidade e ser despachado, segundo sua justiça.

«O que o nuncio deve fazer, e a maneira de se regular na direcção dos negocios, depende mais da vontade de S. Santidade, do que de outra cousa qualquer; porém attendendo-se aos tempos, e ás necessidades d'aquelles reinos, á honra e serviço de N. S. seria opportuno andar com mais actividade que a costumada, porque os negocios d'ali, e sobre tudo o dos christãos novos, exige brevidade, e mais

ainda porque d'ella se concluirá, que principalmente vae á côrte por materias de publico interesse, o que lhe augmentará a auctoridade e acceitação.

«Deverá levar comsigo algum homem lido em direito e um habil extractor, porque estes dois officios são sufficientes.

«Parece-me que o nuncio deverá deitar a fama aqui, e pela jornada, de sómente ír para os fins, e com as bullas do Concilio, e cousas do Turco e perigos da christandade como é conveniente, sem descobrir o resto da sua missão.

«Tambem me parece bom que passe pela côrte do imperador, e, podendo ser, pela de França sem longa demora, para chegar depois com maior auctoridade a Portugal, vendo-se que fallou antes com os mais principes; e igualmente não seria máu ao serviço de S. Santidade, que elle, em geral, recommendasse os negocios, porque o envia, e a pessoa do seu nuncio ao imperador, pedindo-lhe que escreva ao seu embaixador para ajudar as cousas de Roma, o que lhe ha de dar valia e força, correndo a negociação unida, e podendo além d'isso o nuncio com destresa deixar suppor muito maior intimidade do que na realidade exista.

«Por nenhum caso deverá o nuncio fazer entender a sua chegada, (salvo tendo chegado) para não mostrar em nada que duvidou de o receberem ou não; porque aquella gente em vendo um receio ou hesitação logo se ensoberbece, o que n'este caso não acontecerá; mas sempre é melhor andar de longe e não criar difficuldades aonde as não ha.

«Parece que deverá trazer breves aos infantes D. Filippe, D. Henrique e D. Duarte, e ao arcebispo de Lisboa, e que os breves para os prelados sejam escriptos com auctoridade, e n'elles S. Santidade discorra — *tamquam potestatem habens.* — Assim é preciso.

«Seria bom imprimir a bulla das faculdades para em tempo poder ser publicada em todo o reino, posto que parece não ser opportuno publical-a senão depois de encetadas as duas negociações principaes, a do Concilio e a das cousas do Turco.

(Continúa.)

Duas palavras sobre hospitaes.

IV.

As causas que, desde o anno 1097, tornaram indispensaveis em toda a Europa os hospitaes e albergarias (fallo das cruzadas) creio que deveriam actuar entre nós com muito menos intensidade, porque envolvidos em crua guerra contra os musulmanos, eram poucos todos os barões e villões, todo o esforço e hombridade de nobres e populares se requeria então, para expurgar o territorio da raça infiel que o povoava, e firmar a nacionalidade portugueza, tão contrariada d'obstaculos poderosissimos, e conquistada á força de perseverança e sagacidade politica, e a troco de innumerosos sacrificios. Não faltava aqui incentivo de gloria ás ambições guerreiras, nem riqueza d'agarenos para saciar a cobiça de christãos. Não podiamos nem precisavamos de ir combater ou peregrinar á Palestina, e recolher ao paiz natal cheios de lepra. Em Portugal, de feito, não houve alistamentos para expedições de cruzados; antes vieram estes, de terras longinquas, auxiliar-nos na expugnação de Lisboa, Silves e Alcacer, rendidas depois de longa e heroica resistencia dos sarracenos.

Deviamos ter, creio eu, menos leprosos do que a França e outros povos do Norte, onde a paixão das romagens á Terra Santa chegou a tocar o delirio, e onde, segundo alguns escriptores, o maior numero de hospitaes e albergarias foi devido áquella *febre moral*, como lhe chama o sr. A. Herculano. Parece que a França contava 2,000 d'aquelles estabelecimentos no anno de 1226, e que, logo que o fervor das peregrinações esfriára, se fechou uma grande parte d'elles, porque não havia já romeiros que albergar.

Não digo que não houve leprosos no nosso paiz, nem que similhante enfermidade não obrigasse a erigir hospitaes em Portugal. E sabido que antigamente se construiram muitos da invocação de S. Lazaro (*yafarias*, como lhes chamavam) os quaes eram então edificados fóra das povoações. Estou persuadido porém, de que não se deram entre nós as mesmas causas, que n'outros povos, para que tão cruel e repugnante mal se propagasse na mesma extensão, e no mesmo gráu d'intensidade.

A chamada *peste negra*, que em 1348 matava em París 500 pessoas por dia, e outros contagios, que por aquelles tempos affligiam e desfalcavam horrivelmente a população europea, creio tambem, que não influiram entre nós tanto como n'outros povos, para a fundação dos hospitaes; porque, se é exacto o que diz o padre Francisco de Santa Maria, *rara vez* houve peste em Portugal *antes da tomada de Ceuta, e depois da perda de el-rei D. Sebastião*, havendo-a quasi sempre no tempo intermedio. Diz porém o mesmo chronista, que algumas foram tão extraordinarias, que lhes deram os antigos o titulo de grandes; titulo com que elle achou nomeadas tres em differentes memorias: a primeira (1458) que fez *tanta mortandade* em Lisboa, que esta cidade *parecia um ermo;* a segunda (1493) que se ateára especialmente na cidade do Porto; a terceira (1569) que foi terribilissima, e se desatou furiosamente por todo o reino, morrendo d'ella, só em Lisboa, *oitenta mil pessoas* (!!); a quarta (1579) na qual se dizia tambem, que em Lisboa chegaram os mortos a *quarenta mil* (!).

Ora, eu bem sei que no periodo que decorre do senhor D. João I até a fatal batalha d'Alcacer-Kibir, é que os hospitaes mereceram maiores cuidados aos monarchas portuguezes, e parece isso infirmar a minha opinião, ou antes a supposição que ha pouco manifestei relativamente á influencia da peste.

Deve porém notar-se:

Em primeiro logar: Que já em tempo muito anterior a D. João I havia grande numero de hospitaes no reino. No 3.º volume da *Historia de Portugal* diz o senhor A. Herculano, que o bispo do Porto e outros, se queixaram ao papa, de que D. Affonso III lhes usurpasse a administração, e os bens dos hospitaes e albergarias. D'este facto, que teve logar cento e quarenta e tantos annos antes da tomada de Ceuta, infiro eu que deviam já ser muitos aquelles institutos e importantes as suas rendas, para que os bispos allegassem, como fundamento digno de ser ponderado, a supposta usurpação.

E em segundo logar: Que as providencias, por que nos reinados dos senhores D. João II, D. Manoel e D. João III, se reformaram aquelles estabelecimentos e se regulou o seu serviço, provam, antes de tudo, o proposito de centralisar a respectiva administração, e talvez dirigir vantajosamente o zêlo religioso, que multiplicava os hospitaes sem saber aproveitar convenientemente os recursos da caridade particular. Um zêlo sincero, mas inexperiente, faria então, pelo que respeita aos hospitaes, o que agora um zêlo irreflectido, se não é um egoismo de classe

indesculpavel, está fazendo pelo que respeita aos monte-pios, que mais cedo ou mais tarde têem de morrer á mingoa de recursos, porque são já sem conto, ao passo que o numero de socios em cada um d'elles é limitado, e não póde com os encargos crescentes da associação.

Pela bulla de Sixto IV, que começa: «*Ex debito solicitudinis officii pastoralis*» se vê que ainda D. João II não reinava, e já o papa lhe concedia *amplos poderes* para fundar o hospital de Todos os Santos, e para encorporar n'elle todos os outros hospitaes de Lisboa com os seus rendimentos. Foi effectivamente levantado o hospital de Todos os Santos, refundindo-se n'elle, além de outros, o de Santo Eloy, que havia sido fundado pelo bispo D. Domingos Jardo no anno de 1284, sob a invocação de S. Paulo o Apostolo. Vinte annos depois do terremoto de 1755 foi o dito hospital real (ou de Todos os Santos, como lhe chamavam) transferido para o collegio novo dos Padres da Companhia, onde hoje existe com a denominação de S. José. D'esta pequena digressão verá o leitor, que o hospital de S. José, com quanto seja o maior e mais rico de Portugal, não póde, ainda remontando até a sua origem, recommendar-se por uma alta vetustidade.

A bulla de Sixto IV, a que me referi, é de agosto de 1479, e d'ella se deprehende que foi solicitada com o fundamento e sob condição de D. João II «construir um hospital com amplas e commodas oficinas para *a caritativa hospitalidade dos pobres, peregrinos, invalidos (languidorum*, diz a bulla) *enfermos e outras pessoas miseraveis.*» Em 1345, reinando já o mencionado principe foi expedida outra bulla de Innocencio VIII, com os mesmos amplos poderes.

Na presença de tão calamitosos insultos da peste, que o nosso paiz já havia soffrido, parece que nem levemente se allude a elles no pedido, como se não allude na concessão.

E é cousa notavel, que nos poucos livros e papeis, que pude folhear, não deparasse eu senão com algumas raras provisões do governo relativas á peste, e encontrasse noticias sobre noticias de preces, e fundações d'ermidas, para aplacar a furia do contagio. Por exemplo: o governo da cidade e o povo de Lisboa, atemorisados pelo *incendio do mal*, correram á igreja de S. Domingos, e tomaram Nossa Senhora do Rosario por sua advogada, obrigando-se com voto a solemnisarem as suas festas. D. Manoel nos principios do seu reinado, confiando na intercessão e valia de S. Roque, manda pedir á Senhoria de Veneza algumas reliquias do corpo do Santo, as quaes foram recebidas com grande applauso e consolação de todo o povo. Manda depois levantar-lhe uma ermida, que foi começada em março de 1506, e sagrada pelo bispo D. Duarte em fevereiro de 1515. Instituiu-se logo uma confraria, em que o rei, a rainha, os infantes, e muitos nobres e populares se inscreveram.

São muitos os factos que persuadem, que n'aquelle tempo havia mais confiança no poder da oração do que nos recursos da sciencia. Um ou outro alvará, que me citem do tempo de D. Manoel, não destrue a minha asserção. Setenta e tantos annos depois da primeira grande invasão da peste, e quarenta e tantos depois da segunda, é que se prohibiu que saissem dos navios as pessoas que vinham a Lisboa de logares impedidos do contagio.

Dizem-me que posso juntar a isto o silencio dos dois registos geraes, que se acham no cartorio do hospital de S. José, e que abrangem os reinados de D. João II, D. Manoel e D. João III. Não posso verificar o facto; mas nos alvarás e provisões que rebusquei pude notar alguns respectivos a certo mal, que não obstante pertencer-lhe logar distincto na historia das enfermidades, que têem affligido o genero humano, não devo suppor que fosse mais digno da consideração e cuidados dos nossos reis, do que a peste, a respeito da qual o silencio dos registos arguiria menos solicitude.

A oração póde ser, e é um preservativo grato á Divindade; mas á sciencia, que é de Deus, deviam tambem pedir-se com igual fervor e confiança as prevenções, e os remedios necessarios para debellar ou evitar os calamitosos effeitos do contagio.

Talvez me digam que o proposito de centralisar a administração e serviço dos hospitaes era suggerido pela necessidade d'acudir com providencias efficazes ás invasões da peste, e que era uma das mais importantes, porque assim se proporcionavam a maior numero de doentes os meios de se curarem, facilitando aos empregados o tratamento das enfermidades. Se assim foi, sinto que não me fosse possivel encontrar expressa menção de um motivo tão justo nos diplomas que consultei, e que das differentes pessoas a que recorri nenhuma pudesse indicar-m'os como eu precisava.

É certo porém, que D. João II encorporou varios hospitaes de Lisboa no de Todos os Santos. De quinze, que pelos annos de 1485, havia em Santarem, fez elle um só (o de Jesu-Christo) por auctorisação de Innocencio VIII. D. Manoel em 1501, obteve de Alexandre VI um breve para encorporar no hospital de Todos os Santos os mais hospitaes que se achavam dispersos por differentes partes do reino. Este breve que o padre João Baptista de Castro diz que começa: «*Ferentes in desideriis cordis nostri, ut hospitalia*» não sei porque não existe no cartorio do hospital de S. José, nem certidão ao menos. Entretanto, em occasião mais opportuna, se me não faltar tempo e paciencia, tenciono fallar a respeito d'elle e de outros diplomas, para averiguar até que ponto são justas ou injustas as disposições, porque em 17 de janeiro de 1841 a commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia regulou a admissão dos doentes nas enfermarias do dito hospital.

Pelo que respeita á cidade de Coimbra havia ali grande numero de hospitaes e albergarias, que em *tempos antigos* tinham sido erectos pelos fieis para soccorro dos pobres enfermos, peregrinos e desamparados; D. Manoel impetrou de Julio II concessão para fazer de todos aquelles institutos um só, e para esse fim edificou o hospital de Nossa Senhora da Conceição.

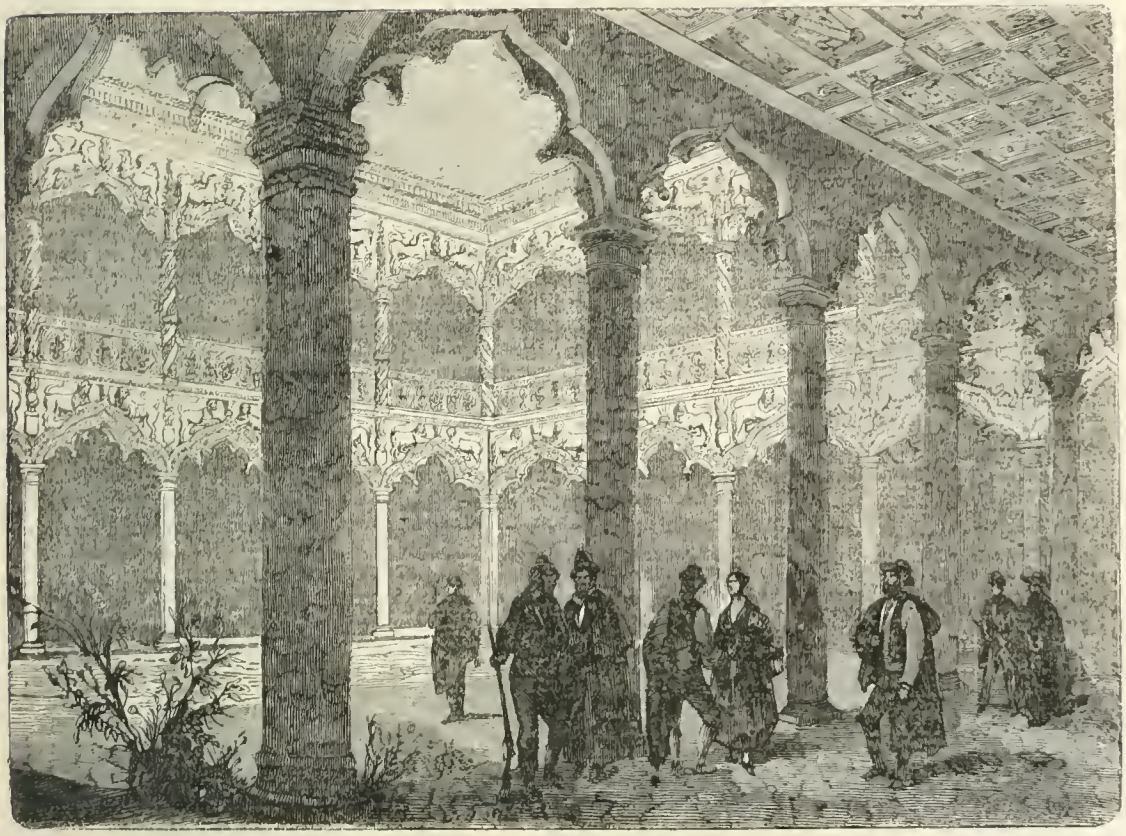
N'outras cidades e villas do reino teve logar a mesma refundição. *(Continúa.)*

— Falsas lendas religiosas, falsas ou verdadeiras lendas humanas nunca salvaram um paiz, quando a podridão penetrou no amago da arvore social. Onde e quando o homem renega da sua origem divina, vende a liberdade a troco de delicias, esquece que o elevar-se acima de viciosas paixões traz um goso interior que vale bem todos os que dão os sentidos, não é lisonjeando-lhe vaidades, que nem se quer respeitam a magestade de Deus, que o havemos de revocar ao sentimento da dignidade e do dever.

A. Herculano. — *Solemnia Verba.*

— Não se introduziu a dignidade no mundo senão para abrigo d'aquelles, que a não logram. Advirta o privado ao principe o que deve a todos em commum, e a cada um em particular.

Padre A. Vieira.



GUADALAJARA.

A CIDADE de Guadalajara está situada a 10 leguas de Madrid, sobre a margem esquerda do Henares. Uma ponte antiga, monumentos em ruinas, e algumas inscripções, provam que os romanos tinham fundado n'aquelle sitio uma povoação de bastante importancia. Todavia a historia d'esta cidade data verdadeiramente da conquista dos arabes, que lhe pozeram o nome de *Guadalhiechara*, que é o que, com pequena corrupção, tem hoje.

Guadalajara no começo do seculo ultimo chegou a um gráu de riqueza e de actividade admiraveis. O cardeal Alberoni, maravilhado de vêr as lãs de superior qualidade, que a Hespanha produz em tão grande abundancia, saírem do reino por vil preço, voltando depois convertidas em magnificos pannos manufacturados no estrangeiro, resolveu subtrahir a Hespanha a este imposto pesadissimo, que assim estava pagando. Mandou vir de Hollanda alguns fabricantes experimentados, e numerosos tecelões escolhidos entre os mais habeis, e estabeleceu-os com as suas officinas nos suburbios de Aranjuez. Um anno depois, em 1719, tornou-se indispensavel tiral-os d'aquelle sitio, que tivera uma influencia fatal na saude de operarios habituados a viver em regiões frias, e foi escolhida Guadalajara pela sua salubridade. Crearam-se aqui grandes fabricas, e em pouco tempo chegaram a trabalhar na cidade mil teares.

Em 1757 cedeu o governo hespanhol estas fabricas á corporação dos mercadores de pannos de Madrid, pelo tempo de dez annos, concedendo-lhe muitos privilegios; mas, ou por incapacidade, ou por má gerencia, o resultado d'esta operação foi desastroso.

O estado reassumiu a administração, sem que aquellas manufacturas deixassem de declinar continuamente. A invasão de 1808 deu-lhes o ultimo golpe. Em 1826 alguns especuladores estrangeiros tentaram restaurar aquellas soberbas manufacturas; mas o resultado foi a ruina de suas fortunas. Desde então têem estado inteiramente abandonadas.

Ha em Guadalajara construcções mui notaveis, das quaes mencionaremos as principaes. O pantheon da casa do infantado, que contem 27 urnas sepulchraes, é digno pela sua magnificencia da attenção dos entendidos. Custou esta obra, primor da arte do 16.º seculo, 1.800:707 reales de velon, ou reis 81:031$830 da nossa moeda.

Mas o monumento de Guadalajara mais curioso a todos os respeitos é o celebre palacio da casa dos duques do infantado.

Segundo alguns eruditos este palacio foi construido pelo cardeal Mendoza, da casa do infantado, que nasceu e morreu em Guadalajara. O estylo geral do edificio parece justificar esta opinião. A fachada apre-

senta um desenvolvimento consideravel; e pódem ainda distinguir-se na ornamentação vestigios das tradições feudaes; a galeria que corôa o edificio é cortada em ameias destinadas á defesa; as duas torrinhas, que acompanham o portal, figuram as torres que outr'ora se edificavam á entrada das fortalezas para a defender. São estes os caracteres preciosos que marcam perfeitamente a transição da architectura da meia edade para a da renascença.

No interior, o palacio soffreu importantes modificações; mas o pateo, que a nossa primorosa gravura representa, é o que mais profundamente contrista os artistas. Que desagradavel effeito não produzem as columnas tão frias, tão lisas, que sustentam aquella verdadeira renda de pedra!

Admiram-se n'este palacio, soberbos tectos, repartidos em taboleiros, enrequecidos de pinturas e ornatos delicados; as paredes guarnecidas de soberbos azulejos; e vastas chaminés, ricamente insculpidas.

O salão chamado a sala das *linhagens*, porque as pinturas que o ornaram representavam os brazões da maior parte das familias nobres de Hespanha, é uma peça curiosissima. Occupa inteiramente um dos lados do edificio; mas a sua largura não corresponde ao comprimento. A chaminé colossal collocada em uma das suas extremidades é um verdadeiro prodigio de esculptura.

Hoje esta sala serve de deposito de antigos moveis, e está coberta de pó e de têas de aranha.

Conta Guadalajara 6,736 habitantes apenas, com quanto seja capital da provincia do seu nome, e por consequencia onde residem as respectivas auctoridades.

Os edificios das antigas fabricas foram cedidos ao corpo de engenheiros. No primeiro está a academia do mesmo corpo, e quartel espaçoso para parte da força do regimento. No segundo projecta-se fazer accommodações para o resto do regimento, e construiu-se um quartel, com o nome de Santa Izabel, para serviço das tropas que por ali transitarem.

POETAS DA ARCADIA.

Pedro Antonio Corrêa Garção.

No Menalo — Corydon Erimanthéo.

II.

Quando a Arcadia se fundou as letras portuguezas tocavam o ultimo periodo da sua edade de ferro. Verso e prosa, decaíndo da graça viril, e da castigada abundancia, tão estimadas dos bons auctores, serviam de méro pretexto a talentos puerís para sabbatinas pedantescas de trocadilhos e conceitos, de que a *Phenix Renascida* nos conserva curiosos exemplares.

Abram ao acaso essa collecção volumosa, corram algumas paginas, e julguem depois se a lingua que ali se escreve foi a lingua de Ferreira, Camões e Sá de Miranda; ou se era o portuguez de Vieira e D. Francisco Manoel. Digam se as poesias, que se enredam, desfeiam e retorcem nos gongorices *Labirinthos*, nos presumidos *Acrosticos*, e nas *Silvas* envenenadas com a quinta essencia da affectação, recordam ao menos sequer a casta Musa, que tanto honrou os tempos classicos do Parnaso Lusitano!

Pois o livro é o retrato da civilisação litteraria! A esta baixeza e descompostura, descendo degrau em degrau, a trouxera a preversão do gosto e a estulta imitação de uma escola bastarda e falsa, que tantos annos dominou a arte e tão grandes estragos deixou atrás de si. Desde que Marino introduziu em França a lepra das imagens bombasticas, e da obscuridade emphatica, e que D. Luiz Gongora (o divino) lhe abriu as portas da Hespanha, tudo declinou. Se a renascença grega e romana nos tinha suffocado os primeiros ensaios da poesia nacional; esta segunda e funesta invasão, varejando flores e fructos, creou uma seita de rimadores insulsos, jurados inimigos da verdade, servís aduladores das invenções dos Euphoistas.

O contagio propagou-se depressa; e appareceram logo, como symptomas da corrupção, essas innumeraveis Academias, palestras patentes á ociosidade versificatoria dos vates sem Minerva; era d'estes pulpitos rhetoricos que elles frechavam sem dó a arte, os modêlos do bello antigo, e até a razão e o juizo. Renasciam umas das outras, e no seu zêlo deploravel não esgotaram só o ridiculo na escolha dos assumptos, apuraram-no tambem na turgida linguagem, com que ainda em cima completaram a obra, assassinando-os. Houve-as de todas as datas e invocações; e algumas ciosas da gloria posthuma nem se esqueceram de recommendar a sua desgraçada memoria, dando as honras da estampa ás indigestas composições, aonde a inchação forceja, entumecendo-se, por chegar á altura do sublime, e ás dimensões do bello! Diniz, zombando, queria que a patria de taes monstros fosse o *paiz das bagatellas*. Ainda era humano; mereciam menos.

Façamos um rapido inventario d'estes seminarios dignos da veia satyrica de Quevedo Villegas. Existiu a Academia das *Conferencias Eruditas*, erecta em 1696 na livraria do quarto conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes; a dos *Singulares de Lisboa* creada, ao que parece, antes de 1692; a dos *Instantaneos*, no paço do Bispo do Porto; a dos *Generosos*, restaurada em 1624 pelo Trinchante de el-rei D. Pedro II; a dos *Eruditos*, a dos *Applicados*, a dos *Anonymos*, celebre pela *Arte dos Conceitos* primor do genero, e filha dilecta da prosa alambicada do seu Apollo o doutor Leitão Ferreira; a dos *Humildes* e *Ignorantes* e outras ainda, que ou se eclipsaram esquecidas, ou trabalharam por captar a posteridade, que não quiz vêr n'ellas com justiça senão a ironia do gosto e a corrupção das letras.

A Academia de Historia, creação do sr. D. João V em 1720, em virtude do plano do Theatino D. Manoel Caetano de Sousa, e graças aos varões com que se formou, destingue-se, é preciso dizel-o, da plebe dos amotinadores de glosas e colcheias. Muitas das obras que nos legou são credoras de louvor em relação á epocha; e se a critica tem bastante que notar nos escriptos dos academicos; se a recente escola historica póde sorrir-se das ideas e da credulidade, que respiram alguns dos livros, a verdade cumpre igualmente acrescentar, mesmo depois de rigoroso exame, que os principaes trabalhos, (collecção de Memorias de 1721 — 1734) não envergonham o seu seculo, antes exaltam a erudição dos sabios, a quem se devem.

Entretanto a esphera de acção da Academia de Historia foi limitada desde o começo, e a influencia que exerceu ainda mais. Os zelosos escriptores desatavam as dissertações n'aquelles periodos cheios de pompa asiatica, ouriçados de citações e de reminiscencias latinas, e abundantes nos macios de phrases, que tornam medianamente deleitavel o seu estylo para o vulgo dos leitores. Habitavam na região quasi inaccessivel dos estudos eruditos, e se as vezes baixavam a terra era para lerem a D. João V, e á familia real,

na sala da Gallé, em conferencia aulica. algum dos apparatosos elogios, em que foi primoroso o marquez de Valença, collosso de eloquencia apologetica, a quem tocou a missão voluntaria de censurar o Cid de Corneille, réu de lesa-poetica, segundo as ordenações de Aristoteles!

Os poemas volantes. os sonetos, as decimas, as espinellas e similhantes futilidades, estavam muito abaixo do lavor scientifico dos sacerdotes da Historia para lhes concederem um momento. Se algum poetava, se adoecia da enfermidade commum, distrahia-se em linhas desiguaes, e fazendo pouco apreço da obra chamava-lhe recreio fugitivo! Como haviam de familiarisar-se com os metros a não ser em epopeias, ou em vôos lyricos, (e para isso era curta a sua respiração) homens enlaçados na dôce intimidade dos heroes de Homero, e dos patriarchas da latinidade, que sem descanço queriam fazer paes e fundadores de Ulyssea!

Assim, em quanto Barbosa Machado edificava laboriosamente o seu vasto archivo da litteratura patria, as rãs do Parnaso, impunes e audazes, saiam dos viveiros das Academias, e vinham coaxar para o sol enxames de versos chilros, travando soporiferas polemicas, ou adormecendo em requebros infantís, tudo diluído nas paginas da sua prosa miseravel.

Os Costas Corrêas nos *Singulares de Lisboa*, entre uma nuvem de trocadilhos, saudavam os Pimenteis, e louvando obscuros destichos, exclamavam com seriedade:

Vendo, oh raro Pimentel,
Virgilio que a tua alteza
Humilhou sua grandeza,
Te poz aos pés o laurel!

Os Serrões de Castro faziam romances, que principiam:

Com um cajado, senhores,
Dous coelhos mato agora,
Satisfazendo um Romance
A assumpto de prosa e verso.

Em fim o padre prior de S. Lourenço de Lisboa, o doutor Francisco de Castro, perseguia uma infeliz Narcisa em versos peiores que vespas, declamando de dentro da sua loba:

Oppoz-se o sol á belleza
De Narcisa (alma do prado)
Elle nos raios fiado,
Fiada ella na dureza;
Cupido, que n'esta empresa
Vin Narcisa, reforçou
Seu peito, com que mostrou
Que Narcisa defendia,
E com o mesmo sol queria
Quebrar, como em fim quebrou!

Que mais é preciso para se fazer uma idéa exacta, quando por outro lado está patente o corpo de delicto na *Phenix Renascida*, nos incriveis *Christãos d'Alma*, e no *Alivio de Tristes!* O que succedia nos *Singulares* era com leves alterações o que passava nos *Humildes e Ignorantes*, e nos *Anonymos*; a differença consistia só em ser a prosa a sua lingua, e o pedantismo a sua feição. Os tratados de philosophia e de erudição das fataes collecções, que nos transmittiram, não são menos ferteis em papoulas do que os metros assassinos do prior de S. Lourenço, que Deus tem!

E os Pimenteis e os Costas Corrêas da prosa não incommodam menos do que os laureados d'Apollo! Tudo vem do mesmo cacho. e nasce da mesma vide!

Para apreciarmos a que ponto a corrupção tinha chegado, para avaliarmos o despreso da razão e dos bons modêlos, é preciso examinar a collecção dos poetas do sr. D João V, conservada na Bibliotheca da Ajuda em volumes manuscriptos; lendo-a ha de pasmar-se do divorcio quasi completo d'aquelles vibradores de rimas, d'aquelles engenheiros de puerilidades com o verdadeiro gosto, com a imaginação cultivada, e com o instincto do mediocre, não dizemos já do bom. Tirando poucos poemas (curtos) do doutor Caetano José da Silva Sotto Maior, por antonomasia o *Camões do Rocio*; e bastantes versos fugitivos e satyricos, que uma veia facil e natural inspirava em assumptos criticos a Thomaz Pinto Brandão, comicamente denominado o *Pinto Renascido*, (grande freguez do bolsinho particular do sr. D. João V, antes de devoto, e do secretario de estado Diogo de Mendonça Côrte Real,) o resto, com motivo, e salvas rarissimas excepções, serviria de ludibrio a uma aula de ensino secundario, e de opprobrio ao proprio José Daniel, o vate menos escrupuloso na qualidade do Pegaso, em que rastejavam os vôos da sua mais que modesta musa!

A arte dramatica não tinha escapado tambem. Os padres da Companhia de Jesus recreavam os seus amigos, convidando-os para assistirem aos autos grammaticaes, ás vezes latinos, em que os discipulos dos collegios de Santo Ignacio figuravam de Gerundios e Supinos, chegando a extravagancia ao auge das Figuras da Dicção dançarem minuetes umas com as outras, segundo conta um satyrico da epocha! Nos theatros, a Opera Italiana principiava a introduzir-se. attrahindo a côrte e a fidalguia. A devota casa do Hospital de Todos os Santos dava a comedia hespanhola e a farça de chocarrices, entremeiadas de arias e córos, em virtude do seu privilegio, concedido no reinado de Filippe II de Castella, e o reportorio era já avultadissimo, quando fr. Lucas de Santa Catharina e Thomaz Pinto Brandão, parodiando os enredos inverosimeis, e escarnecendo os dialogos rebombantes das peças mais em voga, tocaram ao primeiro rebate, e romperam a guerra, que o Garção depois, e Manoel de Figueiredo na sua cauda, declararam a Thalia vagabunda, idolo dos Saramagos e Perrexis tão festejados pelo applauso publico.

Os dramas de fr. Lucas de Santa Catharina, que só temos manuscriptos, intitulam-se: *Amor sem pés nem cabeça*, comedia famosa; e os *Amantes de Espicha*, fabula jocosa em que entram, garganteando duetos e cavatinas, Priamo rei de Troya, Tisbe, Diana caçadora, Cupido frecheiro, e varios deuses e heroes! A farça de Thomaz Pinto reduz-se a uma satyra contra os irmãos do hospital, por delinearem despedir a companhia hespanhola, na fé que de Valença vinha o Garcez com outra mais vistosa. E insignificante como composição; porém offerece grande interesse nas frequentes allusões aos titulos das comedias, que n'aquelle tempo estavam mais em scena, e vê-se por ella, que o reportorio incluia muitas obras de Lope da Vega, Calderon, e Tirso de Molina. Para não omittir um rasgo caracteristico ajuntaremos, que os amadores da opera do sr. D. João V não eram menos ardentes em ovações de prosa e verso do que os legitimos *dilettanti* dos nossos dias. Acham-se nas collecções repetidas poesias ao cantor *Moci*, e á comediante castellana *Rosa*, que pelo que parece foi um assombro de gentilesa e um enlevo de melodia. No meio de tantos triumphos alheios e de tanta obscuridade propria, quem decana a ponto de não ser possivel declinar mais era o theatro nacional. Quasi que nem existia senão pelos

chulos entremezes de veia dissoluta, vergonha da arte e escandalo da moral. Para compensação, em logar da corôa arrancada a Gil Vicente pelos dramaticos hespanhoes, o povo tinha para se consolar os carpidos Madrigaes da nobilissima Academia das Olarias!

(Continúa.)

Duas palavras sobre hospitaes.

V.

O pensamento centralisador que presidiu á refundição dos hospitaes do nosso paiz, effeituada desde D. João II até D. João III, seria hoje, guardadas as differenças dos tempos e das luzes em materia de beneficencia publica, perfeitamente coadunavel com a indole e precisões da sociedade actual.

Os inconvenientes e vantagens dos systemas de soccorros, que uns pertendem realisar pelo exercicio da caridade individual, outros pelas praticas da caridade legal, estão mais que discutidos e demonstrados, relativamente ás enfermidades do pobre. Para lhe alliviar ou extinguir os padecimentos que acompanham a sua miseria, quem não verá que são insufficientes os soccorros levados á sua propria morada? Quantas horas não consumiriam dous medicos, por exemplo, a visitar cem doentes, se os não tivessem reunidos em duas ou tres enfermarias contiguas?

A questão, se a pudesse haver, deveria unicamente versar sobre o numero e grandeza dos estabelecimentos. Mas esse ponto mesmo não deve reputar-se indeciso. A multiplicidade de hospitaes com poucos leitos requer pessoal numeroso, e augmenta sem utilidade as despezas de administração. Levantar asylos e hospitaes de dimensões enormes, e agglomerar ahi grande numero de necessitados e enfermos, é o systema opposto, tão vicioso como o primeiro. Um contraría os principios economicos; o outro, todas as maximas e condições hygienicas, a que deve subordinar-se o serviço interno das casas de hospitalidade e tratamento dos pobres.

Quando affirmei, pois, que o pensamento centralisador, que dictou as reformas de D. João II, seria coadunavel com a indole e necessidades da nossa epocha, não quiz de nenhum modo conformar-me com a monstruosidade de certas edificações, que são sorvedouros, ao mesmo tempo, das vidas e do patrimonio das classes desgraçadas. Quiz só indicar a conveniencia de supprimir muitas confrarias, sem exceptuar algumas casas de misericordia, e de commutar a maior parte dos encargos pios, com que estão gravados improductivamente os rendimentos de quasi todos os institutos de caridade, afim de se lhes poder dar uma applicação mais conforme aos bons desejos dos instituidores. A suppressão e commutação de que trato são medidas, que, mais cedo ou mais tarde, se hão d'emprehender infallivelmente, porque as reclama a sciencia (que assim se lhe póde hoje chamar) de *bem querer* e *bem fazer*. A reforma, como se ella precisa, ha de levantar muitos clamores, talvez de boa fé, talvez interesseiros e apaixonados. Mas muito mais alto do que esses clamores todos, bradam os sentimentos da humanidade, os interesses legitimos do pobre e desvalido, que nos pede, pelo menos, que não fechemos os olhos por mais tempo aos abusos e dilapidações, que têem dado cabo dos estabelecimentos de caridade.

Não temos hospitaes especiaes n'algumas localidades, onde a frequente romagem de enfermos, e outras condições e circumstancias favoraveis os pedem de ha muito. Não temos asylos e hospitaes centraes, adequada e convenientemente regulados, nas cabeças de districto administrativo, e na dos municipios mais populosos, com hospitaes e albergarias dependentes nos concelhos e povoações menos importantes. E não havemos de começar um trabalho de reformação para não desgostarmos meia duzia de devotos, que estão, desde tempo immemorial, na posse de deixarem perder todos os rendimentos que lhes entregam, ou para não fazermos a outra meia duzia de economistas onzeneiros a grave injuria de lhes tirar das garras a fazenda dos pobres!

Não desconheço que erigir e dotar os hospitaes centraes de que precisamos, é empresa para largos dias, por mais fervorosos que fossem o zêlo e a caridade do povo portuguez, e a dos nossos legisladores e governantes. Os estabelecimentos d'esta natureza são obra de seculos, porque as instituições não se improvisam: nascem, vingam, florecem e fructificam em periodos admiravelmente regulares e successivos. Mas, por isso mesmo que é este um dos grandes lavores sociaes, que as gerações têem de ír legando umas ás outras, para que no seu acabamento cooperem todas, é que urge começar quanto antes.

Tenho-me alargado mais do que queria n'um incidente alheio do assumpto, que me propuz n'estas duas palavras, e que é uma rapida vista sobre a origem dos hospitaes. Vou por tanto rematar o meu escripto, resumindo as minhas idéas a este respeito.

Nas differentes phases porque têem passado aquelles institutos, desde os primeiros tempos do christianismo, distinguem-se tres periodos, que talvez poderiamos chamar: religioso, civil, administrativo.

No primeiro periodo prevalece quasi exclusivamente a caridade evangelica. Os bispos e os monges, ou são fundadores ou directores dos hospitaes e albergarias.

No segundo periodo começa a ter vulto na ordem politica, civil e religiosa a classe que chamavam mechanica. Alguns estatutos expressamente admittiam *gente plebea, rustica, sem letras e sem estimação.* O mestre d'officio, ou como membro d'um gremio industrial, ou como confrade de alguma irmandade, afaga na sua alma, rude mas crente, a idéa d'um hospital, em que seus irmãos de trabalho, inválidos ou enfermos possam tratar-se. É um sonho que lhe não esquece; sonho, que á porfia, todos procuram realisar. Nem se refira a outra causa o grande numero de hospitaes, que os ourives da prata, os carpinteiros, os tecelões, os hortalães, os pescadores, e varias outras corporações tinham em Lisboa e por essas cidades e villas do reino. Se o espirito de caridade evangelica póde n'este facto equivocar-se com o egoismo de classe, as tendencias de aquella epocha não o deixam apreciar debaixo d'outro aspecto, que não seja o da fraternidade, em que o sentimento religioso, a lei, o trabalho — e a commum desconsideração, talvez, — uniam toda a familia operaria.

No terceiro periodo apparece muito pronunciada a idéa da centralisação administrativa, ou antes a centralisação politica procura manifestar-se sob todas as fórmas. Reduz o numero dos hospitaes e albergarias, e n'umas partes, como em França, o governo tira a direcção e administração d'estes estabelecimentos aos ecclesiasticos, porque eram desmaselados, e distrahiam os rendimentos da sua piedosa applicação; n'outras, como em Portugal, algumas vezes se procura entregar a governança e regimento d'aquellas casas aos sacerdotes, porque os seculares não se mostravam entendidos nem zelosos no manejo da fazenda dos pobres.

Não attribuo os hospitaes a uma causa unica; mas na concorrencia das differentes causas, avulta sobre tudo o espirito religioso. A caridade, esse sentimento, esse principio de eterna moral havia de forçosamente converter-se em institutos sociaes, viessem ou não as lepras, as pestes e outras calamidades afervorar o zêlo e a piedade, que o Evangelho ensina. Foram, quando muito, meras causas particulares e occasionaes; mas a geral, a verdadeira e effetiva causa estava na propria energia e efficacia do principio religioso e humanitario.

Ainda quando na sociedade antiga não achasse tradições que estimulassem os seus primeiros propagadores, o Evangelho fazendo os povos menos sedentarios, e mais communicativos e affectuosos, necessariamente havia de multiplicar e aviventar as differentes relações moraes e commerciaes, que tinham de manter entre si. As casas de hospitalidade e enfermaria para recolher e tratar os pobres e peregrinos, eram e serão sempre uma necessidade logica, uma consequencia forçosa do principio christão.

A religião, que define o amor do proximo pela parabola do Samaritano, curando as feridas do viandante, que os ladrões deixaram por morto, e prestando-lhe os soccorros que o sacerdote e o levita lhe não haviam dado; a religião que manda ao rico agazalhar e soccorrer o pobre como seu irmão; que manda fazer o bem até áquelles que o não merecem, porque tambem o sol allumía o bom e o máu, e o orvalho do céu cáe tanto sobre o justo como sobre o peccador; a religião que prescreve ao abastado, que venda o que possue para soccorrer os pobres, promettendo-lhe um thesouro na outra vida, tinha em si mesma a virtude, o principio de actividade necessario para levantar em toda a parte, e muito principalmente em Portugal, essas casas que admiramos, e que a religiosidade de nossos antepassados nos legou, sob a denominação de *hospitaes*.

Lisboa, 20 *de maio de* 1852.

João Maria Nogueira.

Berço da antiga civilisação, o Egypto ainda hoje assombra o viajante pela grandesa e magestade dos seus monumentos. Este paiz foi por largos seculos um enigma para a sciencia; — as suas instituições, os seus costumes, a sua litteratura, a sua historia, finalmente, estavam cobertas de um véu impenetravel e mysterioso como as sphynges collocadas á entrada dos seus templos. No fim do seculo passado é que se começaram serios trabalhos de investigação archeologica no Egypto — e no presente se tem publicado já pela imprensa importantes estudos sobre aquella curiosa parte do mundo antigo. Entre outros escriptos, de maior ou menor valia, pódem consultar-se com proveito, porque lançam muita luz na historia, pouco conhecida, das cousas d'aquelle celebre povo, as *cartas* de Savary, a *Viagem á Syria* e ao *Egypto* de Volney, a *Narração da Viagem* de Th. Legh, os trabalhos de Champollion o moço, e o relatorio da grande expedição scientifica franceza. Deve tambem lêr-se ácerca do Egypto o 1.º volume da obra verdadeiramente monumental de Cesar Cantu — a *Historia Universal*, de que está saíndo uma traducção portugueza.

Desde a publicação d'aquelles livros é que datam os esforços, que se tem continuado com louvavel perseverança, para colligir na Europa vastos museus de antiguidades egypcias, pondo-as ao alcance dos curiosos, que poderão assim estudal-as sem os riscos de uma excursão perigosa por meio de tribus semi-barbaras.

O museu de similhantes antiguidades, que existe em Paris, no palacio do Louvre, e que ultimamente

tem recebido consideraveis melhoramentos, assim na disposição interior, como no numero e raridade dos monumentos ali collocados, é um dos mais ricos, senão o mais rico da Europa, sem exceptuar mesmo o de Turim. E lá que, entre outras muitas preciosidades archeologicas, se vê o pequeno grupo copiado na nossa gravura, e que representa dous personagens desconhecidos, de mãos dadas, (dous esposos, talvez) como o indica tambem uma pequena figura em pé, que apresenta todos os caracteres da infancia. O homem tem a cabeça rapada, e parece ter sido pintado de vermelho. Vê-se que não são divindades, nem individuos de estirpe real, porque lhes falta o caracter essencial da distincção egypcia, a magreza; e parece que se não privavam, como os reis e os sacerdotes, da excellente agua do Nilo só pelo receio de engordar; a sua physionomia não é inteiramente desagradavel, mas um pouco ordinaria; o homem occupava provavelmente algum emprego civil. Ha outros grupos na galeria, representando tambem duas pessoas de sexo differente, já um sacerdote, e uma sacerdotiza, já um perceptor e sua mulher, ou sua irmã, consagrada ao culto de um deus. Em geral os homens eram pintados de vermelho, e as mulheres, umas vezes de amarello, e outras de côr de rosa.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo, nuncio em Portugal no tempo de D. João III.

«Acerca do Concilio, depois d'apresentar a bulla e dizer quanto S. Santidade lhe encarregar, parece que bom seria supplicar a S. Magestade que queira inspirar aos seus letrados o que mais conveniente fôr n'estes tempos para se promover no dito Concilio o bem da igreja e da christandade, defensão da fé, e remedio das heresias, e auctoridade apostolica, que é um dos principaes argumentos dos herejes, sendo tão conjunta com o serviço dos reis christãos, especialmente de S. Alteza, e instar subito pela partida dos prelados, empenhando-se com elle para os fazer ír mais cedo.

«Mandar aos prelados a cópia authentica da bulla e escrever a todos, que costumam ser chamados ao Concilio; isto corre pelo ordinario.

«Fallando-lhe das cousas do Turco e dos perigos da christandade, e subsidio que N. S. manda, não obstante os perigos domesticos do estado ecclesiastico, parece-me que será bom lamentar com bom modo ao rei, e reprehendel-o paternalmente do accôrdo e paz feita com o Turco, n'este tempo, e sobre tudo sem communicar nada, sendo um negocio tão importante, e accrescentando (assim o diz a razão) com similhante accôrdo o poder e o orgulho do Sultão, que ha de dizer, que desde o cabo do occidente enviam os reis á sua côrte a pedir-lhe paz e a pagar-lhe tributos; que segundo a sua natureza immana e barbara serão estas palavras as mais humanas que puder proferir; e indagar ao mesmo tempo se S. Alteza se recorda ao menos na referida paz da igreja e cousas ecclesiasticas e da Sé Apostolica, porque tudo isto concorrerá para elle (o rei) se humilhar nas demais negociações, vendo claramente que errára n'esta, tanto como na realidade errou.

«Parece ser necessario pela mesma causa, e por ser dever de S. Santidade, pedir informações do modo por que S. Alteza desamparou duas terras tão nobres, e as entregou aos infieis, estando la bispo pela Santa Sé, e tendo sido tomadas aos mouros com tanta despeza, e sustentadas por seu pae, e por elle, e pelos bons christãos; não se occultando o pesar de serem desamparadas depois *inconsulto romano pontifice* contra a consideração devida para com a Sé Apostolica, e contra a lei e serviço de Deus! Affirmam pessoas praticas d'aquelle reino, que um discurso assim confundirá tanto a côrte, que nunca mais saberá onde está, e talvez se descubra então se porventura o fez por auctorisação da Penitenciaria, o que seria estranhissimo.

«Sobre o negocio do bronze e do cobre admoestal-o para que o não torne a mandar, mostrando-lhe o grande erro passado, e o damno presente e futuro da christandade; e que vendo e sabendo isto de alguem o excommungará solemnemente; que um rei tão catholico, despresando a censura e transgredindo-a, dá aos outros pessimo exemplo, e aos bons grandissimo escandalo. E considerando a natureza d'aquella gente, o que deseja parecer, e as fraquissimas forças d'ella, julgo que tocar estes pontos com auctoridade servirá muito para a dispôr a não recusar nenhuma cousa razoavel, ou a recorrer a vagas lamentações.

«Na materia dos christãos novos, o que soube de pessoas sensatas, é que a bulla feita em favor d'elles, limitando a outra de certo modo, foi ajustada com D. Pedro Mascarenhas, e tão discutida que não falta senão publical-a; e não creio que convenha fallar ao rei de licença ou de outra cousa; mas sim fazer-lhe perceber as causas porque se não tem feito até agora; e com toda a brevidade, sem mostrar de nenhuma fórma que se espera resposta, notifical-a ao infante D. Henrique, porque parece que n'elle está tudo, dizendo-lhe da parte de N. S., que aquella é a fórma que se ha de guardar na mencionada inquisição d'ora em diante. E a qualquer objecção que faça, responderá, que tal é o theor da bulla e a vontade de N. S. Que se S. Alteza quer sobre isso escrever a S. Santidade, elle (nuncio) não póde suspender a execução dos preceitos de S. Santidade, que são rigorosos; mas fóra d'isto está prompto a servil-o em tudo, que assim lhe é expressamente ordenado. Depois d'este officio, que eu desejaria brevissimo, e com palavras mui resolutas, porque ha de fazer assim grande impressão, deve dar-se aos christãos novos a cópia; e a quem a quizer authentica para a levar a juizo, conceder-lh'a; e não affixar annuncios nas portas das igrejas, nem apregoar a bulla, nem fazer outras demonstrações, que talvez desejassem os christãos novos, como homens muito timidos, porque ás realidades do negocio pouco importam, e ao caracter do rei e de seus irmãos póde prejudicar bastante; talvez suppozessem que haveria tenção de affrontar o povo; e isto não se deve fazer sem grande causa; e para os christãos novos é sufficiente o effeito, e não se proceder contra elles senão pela fórma determinada.

«Este negocio dos christãos novos diz-se que interessa muito o rei, e que tanto elle como o infante D. Henrique bem quereriam que não houvesse revista nos processos; por isso, vendo elles geito de mover o nuncio, hão de tental-o; e necessario pois que este obre e falle resolutamente, e vá munido da faculdade de suspender *ad tempus*, e revogar *in totum* a dita Inquisição, podendo mostrar a auctorisação a quem convenha, persuadindo os interessados de que está na sua mão abolir inteiramente o tribunal, que tanto estimam.

«Bom é que o nuncio saiba, que se diz do infante D. Luiz, que se acha muito indignado contra esta reforma da Inquisição, sendo inspirado n'isto pelo

imperador, e devendo trabalhar quanto puder em Portugal contra ella por diversas causas, entre as quaes as principaes são estas:

«1.ª Temer que o exemplo de Portugal sirva para lhe reduzirem a Inquisição de Hespanha aos mesmos termos, como ía acontecendo no tempo do papa Leão, e para o atalhar deram-se em Napoles ao duque Alexandre aquellas rendas, porque os christãos novos de Castella promettiam e davam muito dinheiro effectivamente.

«2.ª A segunda razão do imperador é que a Inquisição de Portugal tira aos castelhanos o refugio que tinham, quando eram maltratados em Hespanha; e ao mesmo tempo quantos fogem de Portugal, todos por um modo ou por outro caíam no poder do imperador e dos seus, e na Flandres existe grande numero d'elles, que pagam boas sommas quando se precisa.

«Por isso o nuncio saiba que ha de ser tentado por todos os meios, e deverá fallar a todos com isenção, mas sempre com reverencia: obrando assim não encontra difficuldades.

(Continúa.)

AS PROVINCIAS VASCONGADAS.

(NOTICIA HISTORICA.)

FIGURA entre os senhores de Biscaya, no ultimo quartel do seculo 12.º e principios do seguinte, D. Diogo Lopes de Haro, chamado o *bom*, o qual chegou a romper com seu cunhado el-rei de Leão, e com o de Castella, vendo-se obrigado n'aquella lucta desigual a retirar-se a Navarra. Fizeram-se pazes entre os reis de Navarra e Aragão, e D. Diogo buscou acolheita na provincia mourisca de Valencia, de donde teve que fugir, por haver dado o seu cavallo em uma batalha ao rei de Aragão para que se salvasse.

Reconciliado com Affonso VIII de Castella e recobrando o governo que antes da sua desgraça exercêra nos mais importantes pontos d'aquelle reino, mereceu que lhe fosse confiado o commando do exercito alliado dos christãos na grande batalha das Navas de Tolosa. (1) Sepultaram-se no real mosteiro de Nájera os restos deste insigne varão. A santa igreja metropolitana de Toledo honrou a sua memoria, collocando-lhe a estatua no côro, em reconhecimento das doações que á dita igreja fizera, e a ter ali posto os trophéos ganhos na batalha das Navas. Merece tambem notar-se que a cidade de Nájera, desde a morte de D. Diogo até os nossos dias, tem considerado nulla toda a eleição de junta provincial (ayuntamiento) que não seja publicada diante do seu sepulchro.

Continuou gosando em Castella das mesmas prerogativas e distincções que o mencionado D. Diogo, seu filho, e successor no senhorio, D. Lope Dias de Haro, o *cabeça brava* por antonomasia. Fez serviços da maior importancia ao santo rei D. Fernando, e falleceu em 1239. Não viveu em tão boa harmonia com o soberano de Castella D. Diogo Lopes de Haro, duodecimo senhor de Biscaya, nem deixou de ter serias desavenças com os biscaynhos, cujos fóros infringíra.

Assignalou-se a Biscaya, armando a esquadra com que o almirante Ramon Bonifaz contribuiu para a rendição de Sevilha.

É mui notavel entre os senhores de Biscaya D. Lope Dias de Haro, já pelo grande poder que adquiriu, já pelo consorcio de sua filha com o infante D. João, irmão do rei, já pela tragica morte que teve, no momento em que, affrontado por uma resposta desagradavel, puxou da espada contra el-rei D. Sancho o bravo. A successão no senhorio ou condado de Biscaya começou a ser origem de discordias civis por morte do decimo quarto senhor D. Diogo Lopes de Haro. Obteve-o por força d'armas, e ajudado da vontade dos biscaynhos, outro D. Diogo, tio do ultimo; sendo pouco tempo depois despojado pelo infante D. Henrique d'aquella dignidade, que todavia no anno seguinte lhe foi restituida. Disputaram-lhe com tudo os seus direitos até a sua morte, que occorreu no sitio de Algeciras; succedeu-lhe o infante D. João, por ser casado com D. Maria Dias de Haro, que alguns auctores contam como decima sexta, e outros como decima setima, no catalogo dos senhores de Biscaya.

Sendo já viuva renunciou esta seus direitos a favor de D. João de Haro, o *torto*, que apesar de ser filho de um infante de Castella, tomou o appellido de sua mãe, D. Maria, circumstancia que prova a alta importancia dos senhores de Biscaya. Morreu D. João, assassinado com outros em um banquete, por ordem de Affonso XI, cuja tutella exercêra; sua mãe reclamou a posse do senhorio, que depois vendeu á corôa.

D. João o *torto* deixára uma filha casada com o senhor de Lara, D. João Nunes, que valendo-se do seu poder e influencia conseguiu que o mesmo senhorio fosse restituido a sua mulher. As serias dissensões que sobrevieram entre D. João de Lara, e el-rei, obrigaram este a entrar por Biscaya, fazendo reconhecer a sua auctoridade nas juntas de Guernica, e tomando posse de todas as povoações e castellos, excepto do de S. João de Gastelugache, situado na costa, e de alguma outra fortaleza. Ao mesmo tempo invadíra D. João alguns logares de Castella, cuja restituição foi concertada com el-rei.

Uma creança de dous annos herdou o condado de Biscaya, e como D. Pedro de Castella se declarasse inimigo da casa de Lara, perseguiu-a tenazmente. A morte d'esta creança, que, com o nome de D. Nuno de Lara, se conta como o decimo nono senhor de Biscaya, deixou os seus estados expostos aos desastres de uma guerra civil, pois que havendo casado sua irmã mais velha D. Joanna com D. Tello, irmão do rei, e a mais nova, D. Izabel, com D. João, infante de Aragão, ambos os esposos pretenderam o senhorio, fundado o primeiro nos direitos de sua esposa, e o segundo na protecção de D. Pedro.

D. Tello desbaratou completamente as tropas auxiliares que D. João commandava. Novamente entrou este por Biscaya, acompanhado do rei D. Pedro, que anciava por arrancar a vida a D. Tello, que deveu a salvação á fuga. O infante D. João, que devia conhecer perfeitamente o que se póde esperar de um coração ambicioso, julgara que D. Pedro não tinha outro objecto em mira que o impossal-o na dignidade a que aspirava, e com puril sinceridade lhe pedia em Bermeo que o sentasse no solio dos senhores de Biscaya. Redarguiu-lhe o rei que só espérava que elle fosse reconhecido pela junta geral, empregando ao mesmo tempo quantos meios lhe lembraram para que na referida junta se decidisse que Biscaya não admittiria outro senhorio senão o de el-rei.

---

(1) Veja-se a descripção d'este importantissimo successo no bello e recente trabalho do sr. D. Modesto Lafuente — *Historia General de España.* — Madrid — 1851, 1852.

Conseguido o seu intento, e tendo passado a Bilbao, ordenou ao incauto infante que se apresentasse nos seus paços; mandou-o matar, determinando que o seu corpo fosse lançado á praça, e disse ao povo: «Ahi tendes esse que queria ser vosso senhor.» Foram igualmente victimas da crueldade de D. Pedro, a mãe do infeliz infante, D. Leonor, e as já mencionadas D. Izabel e D. Joanna; que não tinham outro crime, além do de serem parentas d'aquelle monstro que manchava o throno de Castella.

Soffreu Biscaya por algum tempo o jugo do feroz D. Pedro, e quando á Providencia, que nunca desempara as nações se ainda conservam algum fundo de honra, aprouve que uma desastrosa morte, seguida da publica execração, acabasse com aquella existencia funesta, recuperou D. Tello o senhorio que legitimamente tinha possuido como esposo da desgraçada D. Joanna, porém que já lhe não pertencia, por ter sido assassinada, como fica referido. Valeu-se de algumas fraudes para se apossar d'aquelle estado, e assim não é para estranhar, que o disfructasse mui pouco tempo, pois morreu antes de um anno da sua chegada. Foi jurado então (1371) sob a arvore de Guernica, o infante D. João, filho de D. Henrique II, tendo por essa occasião treze annos. Quando succedeu a seu pae, com o nome de D. João I, incorporou na corôa o senhorio, mandando que o titulo de *senhor de Biscaya* o usassem os reis, entre os mais dictados de soberania, o que assim se tem praticado até hoje.

Incorporado na corôa o senhorio continuou sendo-lhe tão leal como o havia sido aos seus primitivos senhores, distinguindo-se mui particularmente pelas esquadras que em varias occasiões armou e poz á disposição dos monarchas hespanhoes. Foi theatro o senhorio de scenas lamentaveis não poucas vezes, mui particularmente quando os conhecidos bandos Oneeino e Gamboino derramaram por largos annos em todo o paiz vascongado a desolação e a morte. No principio do presente seculo foi occupado militarmente o senhorio em consequencia dos movimentos que n'elle occorreram e da valorosa resistencia que oppoz a Napoleão.

Mui gloriosos feitos de armas offerece a historia das tres provincias Vascongadas, porém são ainda mais dignas de eterna memoria as suas empresas navaes. Dedicaram-se os quipuscoanos e os biscaynhos á pesca da balêa, e era tanta a importancia que davam a este ramo de industria, que mui raro será o porto do paiz vascongado que não tenha em seus escudos de armas uma balêa. O famoso foral de S. Sebastião menciona muitos objectos de importação e exportação, e por elle se póde formar idéa do extenso commercio que se fazia n'aquella cidade por meiado do seculo 12.º

O caracter activo e emprehendedor d'estes montanhezes, acostumados desde a mais tenra idade aos perigos do tempestuoso mar que banha as suas praias, e a abundancia de madeiras de construcção que offerecia o paiz, tornou-lhes facil augmentar consideravelmente o numero de seus navios, e emprehender com elles largas viagens no seculo 14.º; o resultado d'estas foi o descubrimento da ilha e banco da Terra-Nova, a preponderancia que tiveram os vascongados nas costas occidentaes da Europa; o pingue commercio que faziam, assim nos portos da nossa peninsula, e no interior da mesma, como em os portos de França, Paizes-baixos e Inglaterra; e finalmente terem sido os que estabeleceram na cidade de Bruxellas, imperio então do commercio, a celebre bolsa da dita cidade, antecipando-se aos inglezes, venezianos, e outros povos mercantis.

O poderio dos vascongados começou a causar ciumes á nação ingleza a quem aquelles disputavam o commercio das lãs. Declarou-se finalmente a guerra, e deu-se um combate naval em que os vascongados perderam 26 navios de alto bordo, sendo os restantes obrigados a fugir. Não foram mui felizes para os inglezes os resultados d'esta victoria, por isso que as hostilidades continuaram; e para pôr termo a uma tão exterminadora guerra, assignaram-se em Londres tréguas por vinte annos entre vascongados, francezes e inglezes, tendo-se, para este effeito, reunido n'aquella cidade os representantes das praças de Santander, Biscaya e Quipuscôa.

Continuou em maior progresso a marinha dos vascongados, e por fins do seculo 15.º os quipuscoanos fizeram um tratado de paz com a Inglaterra, no qual, entre outras cousas, se estipulou que os navios dos vascongados não hostilisariam os dos inglezes, nem receberiam d'estes damno algum, ainda que as nações ingleza e hespanhola andassem travadas em guerra.

Muitos e mui assignalados serviços prestaram aos reis de Castella os vascongados com os seus navios. A esquadra que o almirante Bonifaz commandava por occasião do cêrco de Sevilha, armou-se e esquipou-se nos portos das provincias vascongadas, e dos mesmos saíram tambem grande parte dos navios que formavam a *invencivel armada* de Filippe II.

D'esta costa saíram tambem, o primeiro homem que deu a volta do mundo, (o portuguez Fernando de Magalhães,) o immortal Oquendo, e os celebres navegantes Mazarredo e Churruca.

Esta curiosa noticia, extraída do *Manual del Viagero en las Provincias Vascongadas*, obra excellente, mas, como é natural, pouco conhecida em Portugal, junta aos bellos artigos, que citámos, e foram impressos na 1.ª Serie d'este semanario, constituem um trabalho completo, e habilitarão o leitor a formar uma idéa, quando não perfeita, pelo menos sufficientemente exacta, de tão interessante parte da monarchia hespanhola.

Resta-nos declarar que as duas gravuras que se acham estampadas, nos N.os 41 e 42, á frente d'este artigo, representam, a primeira tres biscaynhos de um e outro sexo, e a segunda, um camponio alavez, acompanhado de sua mulher: são ambas notaveis pela singularidade dos *costumes* que n'ellas se acham fielmente representados.

— Nos luzimentos se deixam vêr melhor as sombras; aos raios do sol se divisam os minimos argueiros; o pedernal com a mesma faísca com que reluz mostra melhor o aspero e tosco da sua materia. Differente prespectiva fazem as acções dos grandes nas attenções dos olhos; n'estes com as sombras se deixam melhor vêr os claros, n'aquelles com os claros se divisam melhor as sombras.

PADRE A. VIEIRA.

— Qual é pois a verdadeira sciencia das mulheres? A da moral; eis o unico estudo que lhes convem, que lhes é necessario, e pelo qual pódem influir sobre a virtude dos homens.

MADAME BERNIER.

— As mulheres que bem comprehendem os direitos e deveres de mãe de familia não tem de certo que se queixar do seu destino. Se existe desigualdade entre os meios de felicidade concedidos aos dous sexos, ella é a favor das mulheres.

MADAME SIREY.

A CIDADE DO PORTO.

Largamente tratou da segunda cidade do reino o *Panorama* em suas series anteriores. Acha-se uma descripção geral no vol. 3.º pag. 281, e noticias especiaes sobre Villa Nova e a Serra do Pilar no vol. 4.º pag. 141, sobre a Torre dos Clerigos, museu Allen e o commercio do Porto, a pag. 233 do vol. 5.º Acerca de Cedofeita consulte-se o vol. 6.º pag. 169, e de Miragaya o vol 7.º pag. 81. Respectivamente ao rio Douro pódem vêr-se os artigos insertos no vol. 3.º pag. 177 e vol. 8.º pag. 33

Tem decorrido alguns annos depois que se publicaram essas noticias, illustradas com os desenhos competentes; por isso, para acompanhar a presente estampa, e para que se conheça como descreve e avalia o Porto um destincto escriptor estrangeiro, recopilaremos o que se lê na obra publicada em Turim em 1850, pelo cavalheiro Luiz Cibrario. — *Ricordi d'una missione in Portogallo al re Carlo Alberto.*

Eis o desenho que faz do conspecto geral. «Quer pela via terrestre cheguemos da deliciosa provincia da Beira ás margens do Douro, quer, deixando o Oceano, vencidos os bancos de areia que obstruem a foz, remontemos breve espaço do curso do rio, summamente magestosa e picturesca é a vista da cidade do Porto, a qual campeia sobre duas altas collinas, cobre com seus variados edificios todo o declive, até vir banhar quasi n'agua a extrema casaria. Por isso, contemplando-se do meio do Douro, vêem-se umas casas surgindo de traz d'outras até mais a cima dos dous montes coroados pela Sé, o palacio do bispo, a porta do Sol, e a torre dos clerigos que serve de balisa aos navegantes. Em certos logares, onde mais ingreme é o declive, os edificios que se levantam a varias alturas uns a cima dos outros parece formarem um corpo só, de proporções desmesuradas, de altura gigante. Junte-se a isto um rio caudal entalado nas margens e fundo, sulcado de navios e barcos de todas as nações, atravessado pela ponte pensil que liga a cidade á povoação de Villa Nova de Gaya; aggreguem-se-lhe as quintas espalhadas pelas encostas de ambas as margens em meio das mais excellentes e robustas arvores que ha no mundo; o Convento da Serra que se eleva solitario a esquerda do Douro; o céu ora avivado pelos esplendores do sol meridional, ora offuscado pelos nevoeiros do Oceano, os quaes quando não se condensam muito não tolhem a formosura das scenas da natureza, revestindo-as de tintas melancholicas; ora esfumando lentamente as ladeiras dos montes, ora afogando os pinheiraes solitarios, em parte occultando, em parte escurecendo apenas os objectos, multiplicam os pareis que a vista procura e em que se compraz a imaginação, principalmente quando pensamentos tristes e intimos, fructo de amargos desenganos e previsões sinistras, agitam a mente, e parece que a magoa se mitiga se acha correspondencia no melancholico aspecto da natureza.»

No capitulo 6.º em que o auctor mais especial-

mente trata do Porto, menciona as obras devidas ao zêlo do benemerito provedor, Francisco d'Almada e Mendonça, que deixou no Porto pelos fins do seculo passado honrada e popular memoria, taes como, as ruas de S. João e Almada, a rua nova dos Inglezes, a praça de S. Roque, a cadeia da relação, o passeio das Fontainhas, o bello chafariz que adorna a praça de D. Pedro, o theatro de S. João, os quarteis de Santo Ovidio.

«Não faltam ruas largas e regulares entre muitas estreitas e tortuosas; bella é a que vae da torre dos Clerigos á Batalha, e assás opulenta a rua das Flores; sufficientemente largas e direitas são as de Cedofeita, da Princeza, dos Quarteis, etc. Amena em muitos sitios é a margem do rio. Não faltam praças espaçosas e regulares; citarei as de D. Pedro, da Batalha, dos Ferradores, e tambem a vastissima da Lapa. As casas em certos bairros são altas e tão cortadas de portas e janellas, que apenas se vêem pequenos intervallos de parede solida. Os palacios são raros; o principal é o do bispo, construido no seculo passado; senhoreia a cidade toda, e d'ali se gosam dilatadas vistas. O ex.mo D. Jeronymo da Costa Rebello, dignissimo bispo actual, melhorou e adornou a ampla escadaria. Dignas do nome de palacio são tambem a feitoria ingleza e a casa onde habitou D. Pedro na rua dos Quarteis. O banco e a bolsa de construcção moderna são casas elegantes, porém não palacios.»

O auctor censura as ruas dos bairros mais baixos, porque em ruas estreitas, tortuosas e ingremes não póde circular livremente o ar, e tendo feito algumas observações sobre a limpeza, que já hoje é muito maior, continúa dizendo: «O clima do Porto é temperado; os calores raras vezes são intensos; o ar é humido; o céu com frequencia se cobre de nevoa até tres e quatro horas de sol fóra. Não faltam exemplos de extraordinaria longevidade. As doenças que predominaram no anno de 1845 foram as tysicas pulmonares, as hemoptyses, as bronchites e gastrites: a mortalidade, segundo a *Gazeta Medica* do Porto, foi de 2:086, a saber 990 homens e 1:096 mulheres, comprehendidos em o numero total 208 expostos.

«Adornam o Porto muitos chafarizes; ao todo são 112 fontes, quasi todas construidas de pedra, 72 de agua potavel. A melhor agua é no passeio das Fontainhas, e brota de uma rocha sobre a ribeira do Douro; corre por quatro bicas; a da praça de D. Pedro tem cinco.

«O principal estabelecimento de beneficencia é a Santa Casa da Misericordia erecta em 1555 na rua das Flores, com uma bella igreja. O auctor louva, como é de justiça, a piedosa instituição das casas de Misericordia. Antes do seculo 16.º havia no Porto quinze hospitaes pequenos e mal administrados, reliquias da idade media; el-rei D. Manoel quiz que se construisse no Porto um hospital geral. Pelo mesmo tempo iguaes transformações succediam em França, na Italia e n'outros paizes; o mundo saía dos apertados circulos e mesquinhezas da idade media, e avultava em proporções menos municipaes, porém mais nacionaes. Não tardou que se estabelecessem no Porto asylos e hospitaes além dos que já existiam. A Santa Casa administrava e ainda administra o hospital geral, que se chamava hospital real (na rua das Flores) e ora é o hospital novo de Santo Antonio na praça da Cordoaria; e mais sete hospitaes, isto é, dos expostos, e das velhas, dos entrevados, dos leprosos; e além d'isso dá dotes a orphãs, veste pobres, e soccorre os surdos-mudos.

«Outros hospicios valem aos desgraçados nas diversas miserias humanas. O collegio de Nossa Senhora da Esperança, fundado em 1724, sustenta orphãs desde os 8 até os 25 annos. O recolhimento da Madre de Deos, vulgarmente chamado do *Ferro*, asyla raparigas pobres que vivem do trabalho de suas proprias mãos e de esmolas. O recolhimento das meninas desamparadas, os de Nossa Senhora do Resgate, e da Senhora das Dôres, para mulheres idosas, completam o systema de beneficencia portuense no que respeita o bello sexo.

«O collegio dos meninos orphãos, o seminario dos meninos desamparados provêem ao sustento e educação de outras duas classes infelicissimas da pobreza. O dos orphãos foi fundado no anno de 1651 pelo veneravel sacerdote Balthasar Guedes, sob a invocação de collegio de Nossa Senhora da Graça, e com tão boa ordem se governava que d'elle saíram muitos sacerdotes e religiosos, muitos doutores e até um bispo.»

Passa o auctor a elogiar a bella e util instituição das casas d'asylo da infancia desvalida, de que dá resumida, mas exacta idéa, e depois de mencionar outros estabelecimentos trata dos monumentos sacros dignos de memoria.

«Comecemos pela Sé ou cathedral que campeia magestosamente coroando um monte. A fachada é um grande arco entre duas torres: o interior não é destituido de magestade. Querem que este templo fosse fundado pelo primeiro rei de Portugal, e sua esposa D. Mafalda de Saboya (que o auctor por engano chama D. Mathilde). Como n'estas comarcas foi o berço do reino de Portugal, não admira que em Braga, aqui, e em Coimbra se encontrem as primeiras provas da liberalidade de seus principes. Sabe-se que a capella mór foi construida no seculo 17.º

«Outra igreja antiga é S. Francisco; o abside que é do seculo 15.º está muito bem conservado. A da Lapa é vasta e bella. Muitas outras igrejas, entre ellas, a do Carmo e a dos Clerigos são agradaveis e ricas de douraduras, ornatos e pinturas de imagens: no que em Portugal como em Hespanha ha superabundancia. Mas são pequenas e não contêem cousas notaveis; (1) todavia o aspecto exterior da dos Clerigos é monumental, especialmente em razão do logar onde se eleva, e da elegantissima torre que a acompanha e serve, como dissemos de balisa aos mareantes.

«A duas horas de caminho da cidade, na direcção de Braga, é digna de vêr-se a igreja de Lega do Balio, que dizem ter pertencido aos templarios, do que não ha vestigio, e veiu depois ao poder da ordem de Malta. A igreja é de tres naves com grande abobada gothica sustentada por feixes de quatro columnas. O baptisterio é lindamente lavrado no estylo gothico; na capella lateral do altar mór do lado do evangelho, se vê um tumulo com estatua jacente, e a inscripção que diz estar ali sepultado D. Fr. João Coelho, prior do Crato, chanceller mór de Rhodes, bailio de Negroponte, do conselho d'el-rei, etc. 1514.

«A fachada d'esta igreja é um nobre e puro exemplar do bom estylo gothico: mas sobre tudo notavel é a grande e alta torre quadrada, com besteiras e ameias, e que antes da invenção da polvora devia servir de poderosa defesa.»

O auctor termina com uma brevissima resenha dos estabelecimentos litterarios e algumas noticias sobre o commercio e industria do Porto, que não tem o merecimento da novidade.

---

(1) Já dissemos que expunhamos as opiniões do auctor como elle as emittiu.

POETAS DA ARCADIA.

Pedro Antonio Corrêa Garção.

No Menalo — Corydon Erimanthêo.

III.

N'estas indignidades tinham caído as musas, quando a Arcadia veiu luctar contra os corruptores do gosto, combatendo-os com a critica e com o exemplo. O que resta dos seus poetas e censores, e o que se sabe dos seus trabalhos, basta para attestar o zêlo e o engenho com que vindicou os foros da lingua, e cultivou as verdadeiras letras, cujo formoso seio os escravos da imitação não se cançavam de rasgar com repetidos ultrages. N'esta empresa o Garção era o homem talhado para supportar o maior pezo, trazendo sempre a par a censura da baixesa, e as regras severas da arte, cujo amor foi a paixão da sua alma. Austero e inflexivel nos juizos que compunha, nenhuma attenção estranha o amaciava. Com os olhos em Roma antiga, e em Athenas, só n'ellas via a perfeição, e esforçava-se para que os outros a sentissem como elle. A magoa do abatimento em que jazia a poesia, tão opulenta um seculo antes, ainda fazia o seu espirito mais rigido, e a sua opinião mais inexoravel. A divisa dos Arcades «*Inutilia truncat*» applicada por elle, se peccou ás vezes foi por excesso de justiça, nunca por indulgencia. Os seus amigos quando se assentava na cadeira de censor já sabiam que só verdades íam ouvir da sua bôca.

Na famosa disputa sobre a theoria da arte moderna, o Garção, e ao lado d'elle José Caetano de Mesquita criminavam de incestuosa a alliança da mythologia e das risonhas ficções do paganismo com o sentido moral da inspiração catholica. Assim a these, que dictou a Chateaubriand capitulos admiraveis no Genio do Christianismo, era ventilada com menos explendor, mas com bastante erudição muitos annos antes na Arcadia.

Pouco accessivel ao exagerado escrupulo dos pastores seus socios, e mais eclectico nas tendencias, Antonio Diniz, (Elpino Nonacriense) advogou a liberdade do Parnaso com gallhardia. A seu vêr desterrar as musas gregas de todos os assumptos, significava nada menos do que proscrever muitas obras excellentes do engenho humano, comprimindo a phantasia; quando era sufficiente excluir a imitação pagã dos poemas religiosos em que a mistura das duas escolas só havia de produzir absurdo e desharmonia. Esta contenda suscitada pelo Garção no exame da primeira ecloga de Diniz, deu origem ás dissertações do auctor do *Hyssope*, que não ficou vencido no certame.

O exercicio frequente d'esta censura austera foi uma das armas poderosas da Arcadia; e deve-se desculpar aos socios em muitas occasiões o abuso da erudição, quando a ignorancia era geral e o despreso dos bons dictames completo. De certo nem o Garção e Diniz, nem Valladares e o Candido Lusitano subiam com os estudos criticos além do principio imitativo; a sua theoria não exprimia a reacção do progresso, descubrindo idéas novas, e formulando-as com a doutrina e com o exemplo; resumia apenas um progresso menos ambicioso e mais acanhado, que se contentava com a restauração das tradições da renascença, não crendo que fóra d'ellas pudesse encontrar-se o bello e o sublime no pensamento ou na fórma. As dissertações de Garção sobre a tragedia, e as de Figueiredo sobre a comedia não se apartam de tão restricta intelligencia. Nenhum d'elles trilha desconhecidos caminhos ou os suspeita; nenhum julga possivel mesmo, que o drama sáia do molde greco-romano, e das ultimas correctas apropriações da Thalia, e da Melpomone franceza.

Discutiam o caracter e a importancia da manifestação dramatica, mas sem anteverem que a liberdade fôra o espirito vivificante, que tinha infundido a alma e o sentimento da sociedade grega nas grandes creações de Sophocles, de Euripides e de Aristophanes. Os rasgos de Shakspeare, a poetica de Lope da Vega e de Calderon, a comparação da arte do norte com a do meio-dia, e o germen da futura renovação depositadas n'ellas, nunca o entenderam e nunca sequer o presentiram!

O Garção, que é quem symbolisa mais o lavor intellectual da Arcadia, expressou claramente o sentido da reforma nos preceitos impostos á imitação da antiguidade, e do renascimento portuguez. Nem admitte o despreso das maximas do Parnaso, nem perdoa a servidão da cópia quando até os vicios quer adorar! Diniz, condemnando o insulso e rustico estylo da poesia pastoril, de que Pina e Mello era o vulgarisador, se não poupa as setas ao *Corvo do Mondego*, (assim lhe chamavam por ironia) tambem nunca excede o circulo dos reparos imitativos, não antevendo nem as primeiras imagens da admiravel poesia, que tira todos os quadros da natureza viva, e os enriquece com as côres e as maravilhas da creação. Atala e Waverley, os paineis de Cooper, e as descripções de Byron, vieram depois; n'aquelle tempo, se apparecessem, é mais que provavel, que pela sua temeridade excitassem a desconfiança dos pastores do Menalo. Haviam de julgar a realidade poetisada forte de mais para a sensibilidade da sua critica.

O sentido que domina todas as censuras e dissertações dos Arcades, encontra-se com a mesma intensidade nas obras que apresentam como typos da sua theoria. A fórmula não varia; a interpretação poetica não se desvia dos modêlos, os Arcades conhecem os autos de Gil Vicente e louvam-nos, leram as comedias de Calderon, Lopo da Vega e Tirso de Molina; mas se o primeiro nada lhes indicou para a creação de uma escola nacional, os segundos deviam ser quasi um objecto de horror para elles, como precursores da inundação de composições hybridas, que enchiam de visagens e de chascos a scena do seu tempo. O inimigo, que mais se empenhavam em debellar, saíra da imitação depravada dos auctores hespanhoes do seculo 17.º; as nuvens de papelão, os diabretes, os sacatrapos, os carros de phaetonte, as serenatas e mais accessorios obrigados das magicas e operas estrangeiras, traduzidas ou dadas no original, com o sabido cortejo de bobos, barbas, amorosas e galãs, tiravam a genealogia e deduziam os mascavados brasões d'essa fonte que, no seu odio implacavel, os Garções e os Figueiredos de certo accusavam de ser a causa principal da corrupção do gosto e dos preceitos salutares.

Assim, veja-se como a veia, de ordinario serena, do Garção corre agitada na comedia satyrica intitulada *O Theatro Novo*. O enredo, na sua simplicidade, serve apenas de pretexto ao ridiculo para disparar seta sobre seta aos estragadores da escola severa. As vezes a zombaria azeda-se, e o dardo ironico sente-se ferir tocado de fel. Apparece a cada passo a cabeça do poeta por cima do hombro do interprete da sua critica no personagem *Gil Lainel*; são fustigados e envilecidos os apologistas do drama de espectaculo, das machinas, e dos *heroes choróes* no personagem condemnado de *Braz, Licenciado*. A surriada sustenta-se continua e cruel, o verso é animado, a phrase feliz, e o estylo proprio. As magicas do desditoso

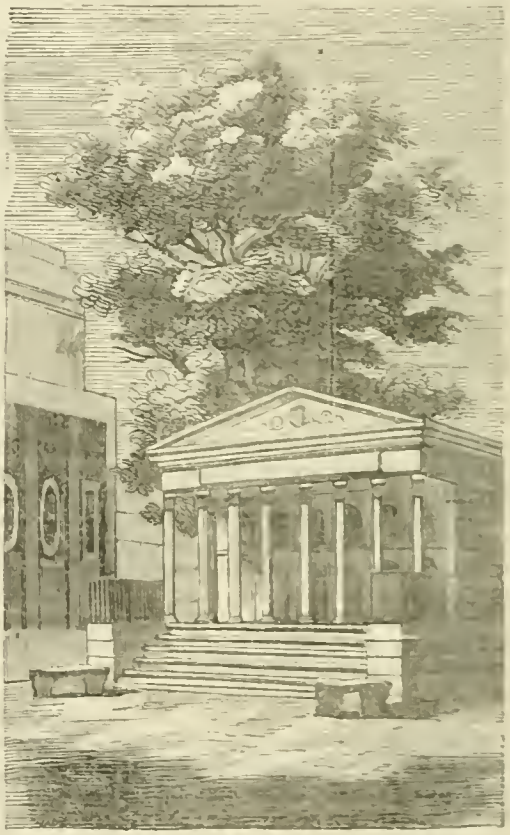
Antonio José, *Os Encantos de Medeia*, *Os Precipicios de Phaetonte*, e o *Alecrim e Mangerona*, pagam por todos os desvarios da Thalia plebea, expostas a uma irrisão, que nada esquece para as lacerar. A indignação da austera critica desata-se em bellos trechos; a censura arma-se de um açoute, que doendo, não estanca o riso; mas quando cessa a parte negativa; quando as *tramoias*, os *dragos*, e as *transformações* de roldana se derreteram ao calor da ira, e os Eneas e Theseos cantantes se sumiram pela voragem do ponto: o que põe o reformador no logar d'elles?

De que modo promette curar o publico da baixeza de um genero falso, e trazel-o ao gosto de uma escola seria, litteraria e isenta de abjectas truanices? Voltando aonde ficou o genio original e portuguez de Gil Vicente? Ponderando o uso da sensata liberdade com a observancia das regras, que hão de ser eternas em quanto houver theatro? Não! Cego pelo espirito de reacção, levado pelo pendor imitativo, entregue á especulação classica, perde a realidade de vista, e quer a regeneração da arte, convertendo as plateias em academias, e o povo em Arcade; substituindo ao pessimo estylo da prevertida imitação uma escola, rigida sim, elevada de certo, mas não menos falsa, não menos opposta á fundação da verdadeira scena nacional. Contra o veneno das magicas propõe como triaga efficaz as traducções de Sophocles, de Euripides e de Terencio! Contra as comedias de enredo e os entremezes destemperados, receita a comedia franceza e a tragedia de caracter, ou traduzidas ou pautadas pelo decalogo rigoroso das unidades e seus glosadores. Applica a mordaça ao judeu e ás suas cyrces, para dar largas á verbosidade erudita do reverendo d'*Aubignac!*

Manoel de Figueiredo, um santo homem, official de secretaria, e poeta de martello, batia entretanto na incude dramatica os versos ferreos e gelados das suas peças; e offendido da solidão em que gemiam os *Oedipos*, os *Viriatos* e as *Osmias*, mais estrangeiras e antipathicas ao povo, do que os sacatrapos que o faziam rir, e os bobos hespanhoes que o divertiam, vingava-se da negação tragica do seu talento, crucificando no *Dramatico Afinado*, e nos *Censores de Theatro*, as ingratas plateias que desertavam da sua musa, bocejando, para irem bater as palmas e as pateadas ás operas do Judeu. *O Chantre das Alagôas*, personagem ridiculo e presumpçoso, serve-lhe de bode emissario; n'elle representa e castiga mais do que em nenhum outro os peccados dos detractores. Se é entidade puramente ideal, o auctor faria melhor em aparar a penna comica, dotando a scena de obras que honl reassem com os modêlos immortaes de Molière, que tanto cita, e que nas suas versões se mettou a corregir. Se é allusão a pessoa certa, esqueceu-se de que a ousadia poetica de cometter os arrojos da *Duciada*, exige a força e a estatura de um Pope.

Figueiredo luctava com Minerva adversa. Feliz e abundante nas idéas capitaes dos dramas, enredando-os com arte, apenas pega no pincel e principia a encher o quadro, empasta e perde tudo. *O Avaro Dissipador*, *O Fidalgo de sua Casa*, *O Indolente Miseravel*, e tantos outros, eram assumptos que, sustentados os caracteres, animado o dialogo e travadas as situações, dariam nome a um auctor. Nas mãos d'elle gela-se o interesse; adormece a conversação; apagam-se as phisionomias, e aborrece a fabula. Como queria Figueiredo com os seus treze volumes, inaccessiveis á curiosidade mais accêsa, converter o publico, mudar o gosto e renovar a arte? Um verso hirto e contrafeito, um estylo arido e somnolento, a phrase parecendo torneada para a gazeta, foram nunca os dotes de um engenho comico, cujo exito consiste na intenção, no proposito espirituoso, e na veia facil e transparente? A Musa jovial, que ensina com o riso, podia acaso conhecer-se na rabugenta e soporifera Thalia do pobre Licidas Cynthio, empapelada nas toucas, pejada de advertencias moraes, e preciosa em impertinencias cançadas? O povo não riu com as comedias, riu-se d'ellas e deixou-as; a posteridade confirmou a sentença, e esta tentativa lembra só para assignalar a quéda de mais um Icaro, ao qual enganaram as azas, precipitando-o quando suppunha de facil alcance a altura do verdadeiro engenho!

Continúa.



GUERNICA.

No sitio mais desafogado e formoso da Biscaya, a distancia de duas leguas e meia de Bermeo e quatro de Durango, encontra-se uma povoação que apenas consta de sete ruas e uma praça. No tempo d'esta levanta-se a sumptuosa casa consistorial, construida de boa cantaria, cuja espaçosa galeria serve de commodo passeio nos dias de chuva. No empedramento da praça e ruas ha todo o esmero, e conserva-se o maior aceio, como acontece em quasi todas as povoações das provincias vascongadas. Esta a que nos referimos, e que é pequena, mas aprazivel, é a villa de Guernica, fundada por D. Tello, irmão do rei D. Pedro de Castella, e senhor de Biscaya por sua esposa D. Joanna, em virtude do privilegio expedido no anno de 1366, e que foi confirmado posteriormente por varios soberanos.

O monumento mais notavel de Guernica é a igreja da invocação de Nossa Senhora *de Antiguo*, que,

principalmente, por estar contigua á famosa e veneranda arvore sob a qual se tem reunido os biscaynhos desde tempo immemorial para celebrar os seus congressos, e receber o juramento aos seus senhores, de guardarem religiosamente os seus *foros*, *bons usos e costumes*, é mui digno de ser visitada pelos estrangeiros.

Este templo cuja antiguidade se crê, com algum fundamento, remontar ao seculo 3.º da igreja, e 1.º da introducção do christianismo entre os vasconcgados, foi reedificado, por principios do seculo 15.º, a expensas do célebre doutor Gonçalo Moro, primeiro corregedor de Biscaya. Escolheu-se o seu recinto para n'elle se celebrarem as juntas que d'antes se reuniam sob a arvore sagrada; e em 1826 começou-se a construcção de uma soberba *igreja*, com igual invocação, e para o mesmo fim, que, por virtude das guerras civís de que a Hespanha tem sido theatro, não se acha ainda inteiramente concluida.

Quem tiver lido os artigos que demos no *Panorama* ácerca das provincias vasconcgadas poderá imaginar a veneração em que os biscaynhos guardam a gloriosa arvore, monumento sempre vivo de honradas tradições. Com effeito sob aquelle roble magestoso infinitas gerações tem sido verdadeiramente livres, sem que essa liberdade tenha custado sangue, nem lagrimas, porque é intimamente identificada com o sentimento religioso e monarchico, e com os costumes, com o caracter e com as necessidades dos singelos e virtuosos moradores d'estas montanhas.

O espectaculo que Guernica ostenta por occasião das juntas geraes é realmente interessante. Ao benigno clima, ao formoso prospecto das deliciosas veigas que se estendem ao Norte e ao Sul, reune-se a alegre concorrencia que a obrigação e a curiosidade ali attrahem. As juntas duram ordinariamente dez dias. Durante a guerra civil em 1839 estiveram suspensas, faltando a Guernica o que lhe dá interesse e importancia. Padeceu em 1834 um consideravel incendio.

A Leitura.

Com razão se dá o nome de arte á de escrever; a de lêr merece em nosso conceito a mesma qualificação. Adornar as idéas com elegancia e bom gosto é um acto do entendimento, superior sem duvida ao de receber a impressão que produzem no animo; porém, acolher com acerto estas idéas em nossa intelligencia, é effeito do bom gosto junto a uma pratica illustrada.

É incontestavel que o bom gosto não basta per si só para conseguir-se na leitura o fim appetecido. A leitura do mesmo livro póde produzir sensações mui diversas em duas pessoas de gosto igual e de affeições similhantes. Uma se imbuirá completamente das idéas do auctor; a obra despertará no seu entendimento nova serie de emoções que até ali desconhecia; ao passo que a outra pessoa só terá conseguido distracção agradavel que não deixa mais vestigio do que um tropel de sensações.

Para explicar estes differentes resultados é preciso recorrer a uma distincção ideologica, que parece revelar um dos grandes mysterios da arte de lêr. A logica estabelece differença entre a percepção e as idéas. Chama-se percepção á faculdade do entendimento pela qual comprehendemos a simples impressão dos objectos; porém, quando estes objectos existem já no entendimento enthesourados e ordenados como materiaes para uso da reflexão, damos-lhe o nome de idéas. Podemos comparar a percepção a um raio de luz, tibio e fugaz, que alumia momentaneamente um objecto, sem deixar apoz si luz ou calor: pelo contrario, a idéa é como o raio ardente do sol que derrama luz fixa e poderosa sobre o objecto que illumina.

Alguns leitores singelamente e a miudo se queixam de ruim memoria e de tirar escasso fructo de seus estudos. De ordinario procede isso de acharem maior satisfação em se entregarem aos faceis prazeres da percepção do que ao laborioso habito de transformar as percepções em idéas.

A percepção requer unicamente sensibilidade no gosto, sendo os prazeres que proporciona continuados, delicados e faceis. Não assim quanto ás idéas, que são uma especie de combinação ou de esforço do raciocinio, um trabalho mental; por consequencia, é injusto que os aborrecidos do lavor se lamentem de metter o arado á terra e não colherem depois uma só espiga.

A leitura tem segredos encaminhados a facilitar seu intuito, ora auxiliando a memoria, ora augmentando o cabedal enthesourado no entendimento. Muitos d'estes segredos inventa-os o nosso proprio engenho, e é de suppor que cada leitor tem seu modo especial de estudar, assim como cada tachygrapho tem seu systema peculiar de transcrever suas notas.

Plinio o velho, que além de ser infatigavel compilador, devia ter grande experiencia da arte da leitura, observa que não ha livro, por máu que seja, que não contenha alguma cousa boa. Lêr todos os livros seria perjudicial á maior parte dos leitores: tambem não é necessario para qualquer se instruir lêr um livro do principio ao cabo. De muitas obras basta tomar idéa do plano, ou examinar uma parte. Poucos leitores percebem toda a utilidade do pequeno supplemento com que geralmente costumam terminar os livros: todavia, alguns escriptores eminentes foram consummados na arte de lêr os indices. Quanto a mim, posso dizer que venero o inventor dos indices a tal ponto que não sei a quem dar preferencia, se a Hyppocrates, que foi o primeiro anatomico do corpo humano, se o desconhecido genio que primeiro poz patentes os nervos, as arterias de um livro.

Montaigne costumava notar no fim de qualquer obra que não tratava de lêr de novo o tempo que dedicára á sua leitura, e um laconico juizo de seu merecimento «para recordar (dizia) a idéa geral que recebêra do auctor e de sua obra.»

É sabido que o poeta Young, chegando a uma passagem digna de attenção, fazia uma dobra na folha, de maneira que por sua morte acharam-se-lhe na bibliotheca infinitos livros que não podiam fechar-se. Este methodo é mais commodo que util, porque, se bem o examinarmos, veremos que passado algum tempo é necessario lêr outra vez para averiguar porque se dobraram as folhas. Evitam alguns o inconveniente, apontando n'uma folha em branco as paginas a que pertendem referir-se, com duas ou tres palavras de analyse ou critica.

E não se tenham estas minucias por indignas de intelligencias superiores; por taes meios, sem importancia ao que parece, consegue auctoridade a erudição, e combina suas idéas a imaginação mais exaltada.

O leitor de profissão deve dividir o tempo entre a leitura que denominaremos de «obrigação» que é mais substancial e mais util, e a de «devoção» que proporciona instructivo recreio. Guido Patin, celebre medico, diz que lia diariamente Hyppocrates, Galeno e outros mestres insignes da sua profissão, ao que chamava a sua leitura de proveito; e com algu-

ma frequencia lia Ovidio, Juvenal, Horacio, Tacito, e era esta a sua leitura de recreio. Cumpre fazer esta differença, porque succede ás vezes um jurisconsulto, um medico, um engenheiro, mui laboriosos e afeiçoados ao estudo, darem-se áquellas leituras variadas, descuidando-se das que devem ser sua applicação continuada.

Póde em muitos casos considerar-se o leitor como um captivo atado ao carro triumphal de um auctor de celebridade; então não costuma julgar per si mesmo, e quando lê as obras indifferentes de um escriptor famoso imagina que o cansaço e fastio, que sente, nasce da sua falta de bom gosto. Mas tenham presente que os melhores escriptores, quando são demasiado volumosos, já tem muito de mediocres.

Por outra parte, o leitor não deve figurar na imaginação que todo o prazer que lhe produz uma composição provém exclusivamente de seu auctor, porque sempre o leitor tem de pôr alguma cousa do seu para que lhe agrade o livro. O escriptor não póde dar certo appetite litterario que é indispensavel, como o mais habil cosinheiro não póde dar vontade de comer ao commensal sem appetencia.

O estado accidental em que se encontra o animo do leitor influe ás vezes desfavoravelmente na apreciação que faz de uma obra: exemplos temos de juizos mui erroneos emittidos por grandes escriptores, e que sómente pódem attribuir-se áquella circumstancia. O animo transmitte a sua má disposição ao livro, e o infeliz auctor tem que pagar não só pelas suas culpas, mas tambem pelas alheias.

Um obstaculo mui frequente para a leitura é a antipathia do animo em fixar-se n'um assumpto; instigados por idéas differentes e achadas com difficuldade acolhemos as do auctor. Applicando-nos com graciosa violencia á leitura de uma obra interessante, conseguimos em breve consubstanciar o entendimento com o assumpto.

Os leitores pódem dividir-se em um numero infinito de classificações, em quanto que o misero auctor é um ente solitario, que pela razão de agradar a uns, desagrada por consequencia a outros.

O talento vehemente em demasia é mais prejudicial á propria celebridade do que o talento mediano, porque devemos observar que as obras mais populares não são as mais profundas, mas sim as que instruem o que carece de instrucção, e deleitam os que não têem sufficiente para gostarem de sua novidade. Montaigne queixava-se de que os seus leitores eram sempre ou demasiado instruidos ou demasiado ignorantes, de sorte que só podia agradar a certa classe mediana, que possuia a instrucção strictamente necessaria para entendel-o.

Congrève diz que «ha na verdadeira belleza certa cousa que as almas vulgares não pódem admirar.» Balzac queixava-se amargamente dos leitores. «Um periodo (exclama) ter-nos-ha custado o trabalho de um dia inteiro; teremos distillado n'um trecho toda a essencia de nosso entendimento; temos conseguido fazer um modelo da arte; e pensam que são indulgentes quando declaram que o livro tem cousas bonitas e que o estylo não é máu!» Ha um não sei que nas composições mimosas e delicadas que o vulgo dos leitores não alcança comprehender.

Os auctores são vangloriosos, mas os leitores são caprichosos. Uns só querem livros antigos, como se não houvera verdades de muito preço nas publicações modernas; a outros agradam sómente as obras novas como se não houvera cousas de muito preço nos livros antigos. Muitos não lerão um livro, porque conhecem o auctor, no que póde perder mais o leitor do que o auctor: outros não só leriam o livro, mas até leriam e interpretariam o homem, no que o escriptor de maior engenho póde perder mais do que o leitor mais impertinente.

(Extracto das obras de I. D'Israeli.)

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo, nuncio em Portugal no tempo de D. João III.

«Ha em Portugal continuadamente infinitas questões matrimoniaes, e de outras especies ecclesiasticas. E havendo nuncio auditor, está o reino todo nas suas mãos pela causa principal, ou por outras dependencias. Porém é necessario ter o nuncio auditor, e fazer justiça; o que muito concorre para a sua auctoridade, e para ser respeitado; e os irmãos do rei, e outras pessoas grandes, precisam d'elle, a ponto que lhe apresentam supplicas, e lhe reconhecem poder aquelles mesmos que mais lh'o contestavam.

«Como o rei é muito governado por monges e frades, e por isso todos os dias carece de dispensas, creio que será oportuno, que o nuncio traga faculdade particular sobre frades e monges, não usando d'ella senão em casos importantes, de que lhe resulte auctoridade perante o rei, e com que incuta temor aos frades, attendendo sempre a que elles são poderosissimos em Portugal.

«Por isso e para concluir muitas cousas, que de outro modo se não acabam, é preciso que o nuncio leve breves para os frades mencionados ha pouco, e credenciaes, dando-lh'os com preceito de os não publicarem.

«Tambem é conveniente trazer o nuncio tres ou quatro breves credenciaes sem sobreescripto para os poder entregar a alguns frades em circumstancia grave, em que produzam grande effeito.

«E necessario que o nuncio traga expressa commissão e ordem de defender a liberdade ecclesiastica, e os padres que vir opprimidos por seculares, ficando por isto todo o clero seu escravo; e o clero fórma a parte mais poderosa do reino; assim attrahirá á Se Apostolica muitos amigos que se calavam por não haver para quem recorressem; e castigando os clerigos culpados com justiça, dara satisfação tambem aos seculares.

«E preciso saber o nuncio quem são os prégadores e confessores das personagens da côrte, e assim que descubrir na sua doutrina qualquer opinião má, acuda com o remedio em tempo, e usando de auctoridade sem contemplações, que é o modo de curar os males sem violencia, evitando chegar á extremidade.

«Como os males da igreja principalmente nascem de se deixar perder a obediencia, dissimulando as cousas por considerações particulares, chegando-se por negligencia á ruina total, com perigo eminente de derribar tudo por terra; attendendo e reflectindo na importancia d'isto, os principes passados sabia e santamente estabeleceram a excommunhão publica da quinta feira santa, e ainda no tempo de Leão e de Clemente se costumava mandar a dita bulla aos prelados, afim de se publicarem nas respectivas dioceses como ella determina; o que vejo que hoje se não faz. Affirmam todos, com quem me informei, que seria cousa religiosissima e de optimo effeito, e levantaria immensos obstaculos, trazer o nuncio a bulla e envial-a aos prelados e pregadores, com preceito de a publicarem ao povo, visto ser ella uma das armas principaes da igreja para conservar a união dos fieis.

e a sua auctoridade. Faz-se uma ceremonia, vêem que não passa da praça de S. Pedro, em quanto na Hespanha são raros os que sabem o seu conteudo, e o que significa, e os confessores, ou porque a não lêem, ou porque a dissimulam, absolvem dos casos reservados, ficando tão excommungados como os penitentes, e causando grande prejuizo á Sé Apostolica por se notar, que assim como se deixa de cumprir uma bulla d'esta importancia, de que depende muito a auctoridade da santa Sé, menos se deverá temer a desobediencia a outros preceitos ordinarios do papa e da igreja. E posto que isto pareça futil, os que conhecem a indole d'aquelles povos, asseguram que é importantissimo.

«Em os negocios da Inquisição, que vierem expressamente ao nuncio, e em que elle tiver de se encontrar com os actos do infante D. Henrique, deverá acautelar-se muito, para, sem consentir quebra no que pertence ao seu officio e á justiça, obrar e fallar sempre com summa reverencia, porque os irmãos do rei querem ser tratados quasi como iguaes do monarcha. Sejam livres as acções e decididas na auctoridade; nas palavras porém guarde sempre maneiras cortezes e respeitosas, porque assim não terão pretextos a que se peguem, e as cousas substanciaes irão por diante.

«Deverá visitar o infante algumas vezes sem outro motivo senão o de o comprimentar; e do mesmo modo acompanhar o rei sempre que elle saír, assistindo ás festas e ceremonias publicas, a que S. Alteza concorrer com a côrte.

«Não deixará trazer ou ter comsigo nenhum portuguez; porque, por amor da patria ou por amizades particulares, poderia revelar o que visse ou escutasse em casa do nuncio, cousa perigosissima, que além de o tornar suspeito em tão delicada negociação, viria a ser origem de graves inconvenientes dando que fallar.

«Bom será travar estreitas relações com algum prelado para lhe poder confiar algumas das cousas que quizer que se saibam; e entendo que um d'elles seja o arcebispo de Lisboa, prelado maior, parente do rei, e seu capellão-mór; creio que elle ha de servir bem, sabendo com tudo que foi recusado pelos christãos novos, que o não quizeram para inquisidor. E muito timido. O nuncio fallar-lhe-ha sempre isento e firme, como homem, que executando o seu dever, segundo a vontade de seu amo e serviço de Deus, não teme nada, com Deus, o papa, e a Sé Apostolica da sua parte. D'este modo os medos que lhe metterem hão de caír sobre elles.

«Item. Como os frades n'aquelle reino (já o disse) gosam de grande favor, e muitos cortezãos por verem que é este o caminho de se introduzirem no valimento do rei, fallam e conversam muito com elles, julgo essencial que o nuncio faça o mesmo; visitando de proposito os mosteiros, tratando amisade com os seus prelados, mostrando confiança n'elles e pedindo-lhes conselho; com esta tactica succederá que fallem d'elle ao rei; e em quanto pessoalmente fizer saber a S. Alteza mil cousas agradaveis, por via de outrem, fará que lhe cheguem outras mil. E é facilimo seduzil-os, porque a maior parte cuidam mais do mundo, do que da clausura. E para servir bem a Deus e a N. S. e justo acommodar-se a todos sem peccado, por este caminho hão de concluir-se mais cousas do que á primeira vista parece.

«Os portuguezes espiam muito as familias dos estrangeiros, especialmente as dos nuncios e padres, que naturalmente desejam calumniar. E indispensavel que o nuncio tenha grande vigilancia na vida e costumes dos seus famulos, porque de outra cousa não fallo; e isto é facilimo, vivendo como se sabe que vive, e com a familia honestissima que tem.

(Continúa.

LENDAS HISTORICAS.

O Demonio do Lago.

III.

Duas Viagens.

Embarcaram em Dumbarton; mas apenas a frota que comboyava a rainha de Escocia se affastou da costa, começou de soprar o vento rijamente, e os navios, combatidos pelas vagas, estiveram prestes a abrir-se e fazer-se pedaços.

A rainha occorreu logo a medonha visão. Evidentemente o demonio do lago perseguia-a, e as ondas deviam de ser-lhe funestas. Com as mãos postas, e orando fervorosamente, a filha de Jaques V supplicou ao genio máu de Monteith que poupasse os seus companheiros, e a ferisse a ella só. Esta prece de um coração puro, remontou ao céu atravez as acastelladas nuvens. Um vento favoravel impelliu a esquadra para as costas de França, e uma segunda feira, 20 d'agosto de 1548, o navio que conduzia Maria Stuart abordou, ou para melhor dizer, foi encalhar, na ponta da bahia de Morlaix, em uma furna de contrabandistas e de corsarios, no porto de Roscoff.

A influencia do Kelpy parecia perseguir Maria até na terra em que devia reinar. Quando saía em grande estado da egreja de Nossa Senhora de Morlaix, onde se havia cantado um solemne *Te Deum*, e ao passar a porta da cidade, chamada *Porta da Prisão*, a ponte levadiça quebrou-se e caiu no rio. Os escocezes gritaram que havia traição. «Mas (diz o chronista) o senhor de Rohan, que ía a pé junto da liteira de Sua Magestade, retroquiu-lhes severo. Que um bretão era incapaz de attraiçoar alguem. E de feito nos dous dias que a rainha se demorou ali para descançar das fadigas do mar, estiveram abertas todas as portas da cidade, e ás pontes foram cortadas as cadêas.»

Em S. Germano Maria Stuart breve esqueceu os adeuses do demonio de Monteith e os agouros da sua viagem. Passou ali alguns annos felizes n'um continuo lidar de cançadas, de festas, de dansas, de concertos. A rainha, enthusiasta como o era já no mosteiro de Inch-Mahome, entregava-se a todos estes folgares com um prazer inaudito. Toda aquella côrte fastuosa dos Valois, de que Catharina de Medicis, era a sombra, e que Maria Stuart fazia esplender com a sua mocidade, formosura precoce e superior espirito, embriegava-a ao mesmo tempo.

Joaquim de Belay, Ronsard, Jamyn faziam repetidas excursões bucolicas ao Parnaso, forcejando por atapetar de lyrios e rosas a estrada da vida á graciosa rainha, que a trilhava descuidosa e a rir.

A gelida e nevoenta Escocia era esquecida por vezes; e quando dos cirados de S. Germano ella contemplava a larga faixa do Sena, ou quando percorria, em uma barca dourada e empavezada, o lago de Fontainebleau, a filha de Jaques V nem se lembrava sequer do lugubre Kelpy. Tambem quem havia de agora pensar nas aguas profundas do Monteith, tendo diante dos olhos as nayades de França, e uma lympha chrystalina! Se algum genio se escondia sob as ondas argenteas dos ribeiros, era sempre alguma divindade formosa e moça, assentada em nacarada

concha, e não de certo nenhum centauro horrivel como o escocez.

E esqueceram-o! Mas elle é que não ha de esquecer-se, não! A filha de Jaques V fôra abençoada por seu pae no meio de uma dolorosa agonia; o clarão das fogueiras alumiára-lhe o berço; a ventura, pois, só podia ser para ella uma excepção. De feito apenas completára 19 annos, roubou-lhe a morte o seu muito amado esposo Francisco II, e um cortejo illustre e brilhante, mas coberto de luto e tristesa, se dirigiu para o litoral, reconduzindo aos seus navios a coitada de Maria Stuart, que desafogava a sua dôr em fervorosas préces e versos harmoniosos.

A 15 d'agosto de 1561, duas galeras e dous navios de transporte largavam de Calais. Em um d'estes navios ía Maria Stuart sentada, contemplando as costas de França, que começavam a minguar no horisonte. A historia revelou-nos o *costume* da rainha n'esse dia: trajava um vestido de veludo branco, que então se usava para o luto carregado das rainhas de França; um grande cabeção guarnecido de preciosas rendas no pescoço; o véu engommado formava uma curva por cima de cada hombro; as mangas, de téla de prata, eram estreitas em baixo e tufadas em cima; o cabello, liso na testa, era rigado junto das fontes, e prezo na nuca com fitas; uma *touca* leve descia-lhe em feitio de coração sobre a testa, e cobria, sem os esconder inteiramente, tres fios de bellissimas perolas; no pescoço esplendia-lhe um collar tambem de perolas, que ella preferia a todas as suas joias.

Pobre Maria! Á medida que se affastava das margens, sentia inexplicavel angustia apertar-lhe o coração; é que deixava em França um tumulo, no qual jaziam com o seu joven esposo, todos os seus sonhos, todas as suas illusões, e ía encontrar na Escocia fogueiras de pouco tempo apagadas, cadafalsos ainda sanguentos; abandonava uma côrte folgasã, peitos abrasados de amôr; e ía tratar subditos melancholicos e desconfiados, e uma nobreza soberba e ciosa. Em França amavam-na, adoravam-na. E em Escocia apenas a conheciam, e já começavam a odial-a.

As viagens eram funestas a Maria. Desde o dia em que o demonio do lago de Monteith lhe apparecêra, não puzera o pé em navio que não succedesse algum desastre. Estando já a distancia da terra, dous barcos que conduziam aos navios gente do cortejo, viraram-se, e seis homens sumiram-se nas ondas; a agua espadanou até á cabeça de Maria Stuart, que bradou por soccorro, mas em vão; o mar não restituiu o holocausto, e depois de inauditos esforços vieram annunciar á rainha que a equipagem perdêra seis homens.

Duas lagrimas se deslisaram pelas faces da real viuva, que disse para as suas damas, que a haviam rodeado, e forcejavam por a consolar:

— A minha fé inhibe-me de accreditar em sortilegios; o meu coração repelle loucos terrores; mas, a despeito do meu coração e da minha fé, declaro que vi o demonio do lago travar d'aquelles barcos e affundal-os.

— Minha rainha, acudiu Maria Fleming, deixae-vos de illusões; demonio de Monteith é cousa que não existe; existe, porém, a colera do Oceano, e, lá em cima, Deus, que permitte a morte.

— Oh! eu creio em Deus, replicou Maria Stuart com exaltação; mas não posso ser superior ás superstições que me embalaram na infancia.

E largando as suas fieis companheiras, foi para um canto do navio, meditar e chorar á sua vontade. Ouviam-na a espaços dirigir melancholicos adeoses a França; enviava-lhe, n'aza dos ventos, os mais ardentes votos; depois orava pelos infelizes que o navio deixára em sua esteira; e quando lhe occorria á idéa o demonio do lago, evocando todas as recordações da sua infancia, comparava a triste rainha, regressando viuva á Escocia, com aquella alegre menina que fôra a França buscar fugitivas alegrias e pezares eternos.

A rainha acreditava na eternidade da sua dôr: mas Maria Stuart era d'estas naturezas excepcionaes, que absorvem as lagrimas como a arêa ardente do deserto absorve o orvalho do céu, e em quem nunca acabaram as tentações da terra, e os delirios do coração. Era sincera a sua dôr. N'aquelles deliciosos versos que todos conhecem — *Adieu plaisant pays de France*, etc., julgára exhalar quanto lhe restava de paixão na alma, em presença d'aquella terra que abandonava, para sempre, após a scena de luto que tão profundamente a sensibilisára, julgava de boa fé, que não tornaria a recuperar o seu sorrir de rainha, e a sua isenção infantil. Mas estava escripto que ella tivesse de passar ainda muitas vezes pelas violentas alternativas de insensatas alegrias e incomportavel anciedade.

A viagem passou-se pois tristemente. Maria chorou muito, e disse ao timoneiro que a accordasse ao romper do dia, se ainda se avistassem as praias de França. O velho maritimo não esqueceu esta ordem, e Maria Stuart pôde saudar pela ultima vez, ao clarão da alvorada, as costas da sua patria adoptiva: depois tudo desapareceu; o horisonte tornou-se infinito, e a rainha achou-se sósinha, com os seus desgostos, entre o céu e a terra. Chegaram á vista da Escocia no domingo pela manhã; mas um nevoeiro cerradissimo impediu o desembarque, que só se effectuou no dia seguinte, 19 d'agosto de 1561.

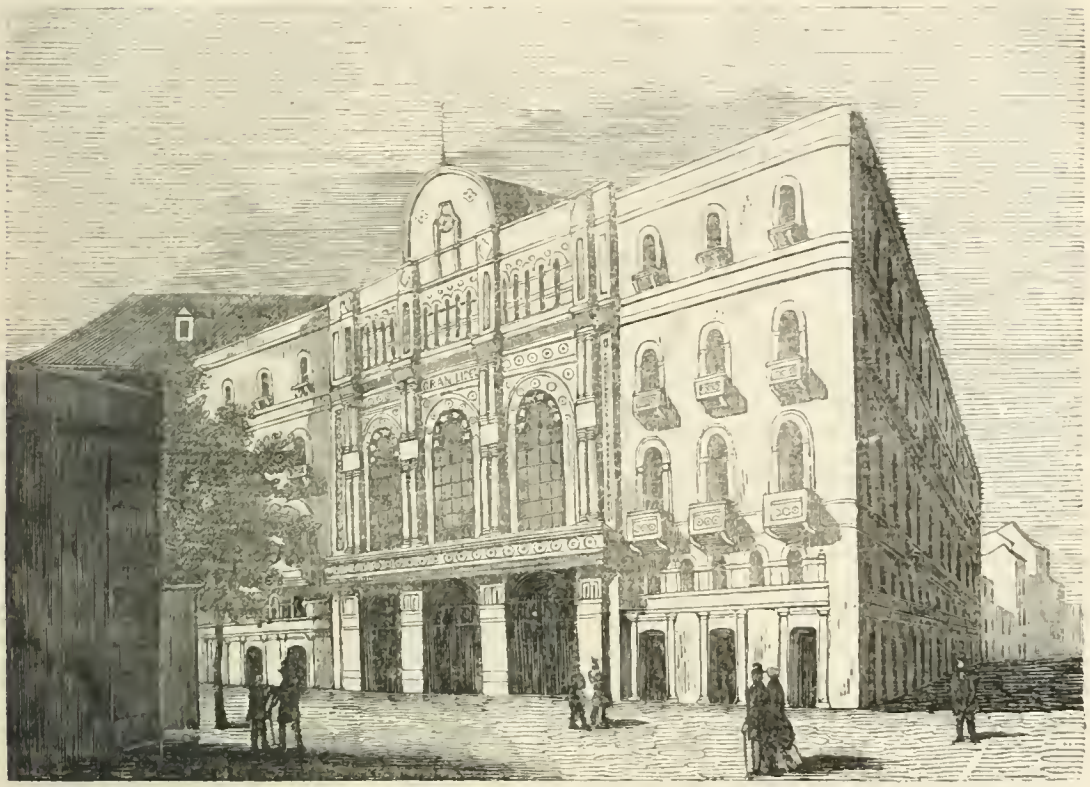
(Continúa.

Processo facilimo para gravar em aço com uma penna. — Aquece-se uma lamina de aço, convenientemente preparada, esfrega-se com cera branca, de modo que sobre o aço fique uma camada bem destribuida, mas de pouca espessura; depois escreve-se sobre a cera com uma penna, tendo o maior cuidado em que os traços penetrem até o aço; concluida a escripta ou desenho lança-se sobre os traços que se fizeram um pouco de vinagre forte, que se salpicará com o bichlorureto de mercurio (sublimado corrosivo): passados dous ou tres minutos expenha-se a lamina ao calor para lhe tirar a camada de cera, e apparecerá a gravura bem visivel, e prompta para qualquer applicação que se lhe queira dar.

— O que nasceu para o trabalho, como boi, não se lhe dêem azas, com que queira ou possa elevar-se fóra da sua esphera: o que é aguia na vivera, participe mais dos raios do sol, pois lhe são mais naturaes seus resplandores; o que é leão no valor administre as operações da valentia, porque lhe guardará respeito a mesma fortuna; e o que é homem no conselho, governe elle os mesmos conselhos, porque seja mais acertadas as resoluções nas materias; por isso succedem muitas vezes mil desastres no carro da monarchia.

PADRE A. VIEIRA.

Rectificação. — No artigo sobre hospitaes, publicado a pag. 336, lin. 32 do N.º 42, onde se lê — 1345 deve ler-se 1485.



THEATRO DO LYCEO EM BARCELONA.

Quando a pag. 288 do 3.º vol. da 1.ª serie do *Panorama*, démos a *vista geral* de Barcelona, e uma noticia d'esta, por todos os titulos, importantissima cidade, tão circumstanciada quanto o permittiam os elementos de que podiamos dispôr, mencionámos de passagem o seu theatro como um dos mais notaveis monumentos que ornam aquella povoação, aliás opulenta de construcções magestosas e elegantes.

E esse bello e vasto edificio o que a nossa gravura representa com a maior exactidão.

O cavalheiro Cibrario, distincto escriptor italiano que o leitor já conhece pelo extracto que da sua obra publicámos no N.º 44 d'este volume, fazendo justiça ao caracter pundonoroso dos catalães, e mencionando muitas das riquezas que encerra a capital do principado, declara que o theatro do Lycéo é um dos mais esplendidos que tem visto, e porventura o de maior capacidade, incluindo mesmo o famosissimo da *Scala* em Milão

O testemunho insuspeito de um escriptor tão estimavel, apparece confirmado geralmente pela opinião de todos os que tem visitado Barcelona. De feito, a fachada, que a nossa estampa representa, e que não póde considerar-se irreprehensivel á luz dos preceitos severos da arte, apresenta comtudo um grande desenvolvimento, é apparatosa, decorada com bastante profusão, e produz em geral um bom effeito. A sua architectura, como a da maxima parte do interior, pertence á epocha do renascimento. As portas do edificio abrem-se dentro de tres bem lançados arcos. O vestibulo, magnifico salão quadrado, termina em tres escadarias, duas lateraes que communicam para os pavimentos inferiores, e a do centro, de formoso marmore branco, que dá para o *andar nobre*. N'este, á direita e á esquerda da escada, ha duas sumptuosas portas que abrem para uma rica e ampla sala de descanço. É um parallelogrammo, tendo o chão de mosaico de marmore, e as paredes estucadas em arabescos, medalhões, retratos, grinaldas de flôres e outros adornos do melhor gosto. Alumiam-na cinco lustres, com cêrca de cem lumes cada um.

O palco scenico é vastissimo, e o proscenio construido segundo os preceitos da optica e da acustica. O theatro tem cinco ordens de camarotes, e cada um d'estes commodos aposentos para desafogo dos espectadores. O tecto é primorosamente pintado; representam-se n'elle quatro allegorias, a Musica, a Dansa, a Comedia e a Tragedia, interpoladas com os retratos de Calderon, Lope de Vega, Moreto etc. Por cima do proscenio, e no meio das armas de Barcelona, vêem-se pintados em dous medalhões os retratos de Sophocles e Schiller. O grande lustre feito em Paris não é das cousas menos notaveis d'este theatro, pelo seu delicado gosto e immenso trabalho.

Os camarins dos actores, que excedem a cem, as guardas-roupas, a sala de pinturas, tudo é formoso no theatro do Lycéo e digno de ser examinado pelo

viajante curioso. Para o serviço e comodidade dos concorrentes ha tres *cafés*, providos com a maior abundancia de tudo quanto póde desejar-se.

O theatro de Barcelona, que tem custado avultados cabedaes, como deve imaginar-se, póde admittir até *quatro mil* expectadores!

Desde que escrevemos o artigo, já citado, ácerca de Barcelona, esta grande cidade tem crescido consideravelmente em opulencia e importancia; á sombra de uma protecção racional e moderada, as suas extensas manufacturas têem prosperado largamente; os seus meios de communicação interior augmentaram pelo melhoramento das estradas e caminhos; o seu amplo porto recebe navios de todas as partes do mundo; e todos estes elementos juntos á natural actividade e intelligencia dos catalães, que não é inferior ao seu conhecido esforço, e amor de independencia, constituem Barcelona a primeira praça commercial da Hespanha.

Cabe ainda a Barcelona a gloria de uma generosa iniciativa, na adopção d'esse grande e maravilhoso vehiculo da civilisação moderna, os caminhos de ferro. Com effeito o *ferro-carril* de Barcelona a Mataró, (medindo cinco leguas) aberto á circulação em 28 d'outubro de 1848, e por onde transitam *diariamente* 2,500 a 3,000 pessoas, foi o primeiro d'este genero, que se construiu em toda a peninsula!

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Instrucções dadas ao coadjutor de Bergamo, nuncio em Portugal no tempo de D. João III.

«As cousas principaes que me lembra recordar ao nuncio são estas:

«1.ª Que tudo o que desejar que tenha exito, se puder, o faça sem pedir licença, como quem acredita que são ordinarias; porque os portuguezes em notando duvida, ainda nos negocios de maior interesse, levam tanto tempo a deliberar, que a occasião se perde.

«2.ª Nas cousas de summa importancia, de que convenha avisar a N. S. com diligencia, ou praticar qualquer acto a tempo, não se prenda, esperando a resposta do rei, porque é morosissimo, e arruina os seus proprios negocios por indeciso e irresoluto, quanto mais os alheios, se para caminhar se esperar a resposta d'elles. Em tal caso é sempre prudente avisar secretamente, e em quanto corre a posta, esperar a resolução do rei, de outra fórma o nuncio seria enganado.

«3.ª Quando o rei prometter que fará uma cousa d'ahi a tantos dias, ou disser que em dia certo responderá, não conte o nuncio que o cumpra, mas creia que será d'ali a dobrado ou mais tempo. Porque isto é no modo de fallar d'aquelle rei, e é preciso accommodar-se a elle. Mas no praso marcado deve comparecer ou mandar pedir a resposta, mas sem se irar, porque não faria outra cousa em todo o tempo.

«4.ª Na sua linguagem seja suave sempre e reverente, nas obras decidido e firme, trazendo de ordinario na bôca o serviço de Deus e de N. S., e a auctoridade da Sé Apostolica, da qual está certissimo que S. Alteza é e será sempre o maior defensor entre os reis christãos.

«5.ª Louvar em publico os actos do rei, e especialmente certas reformas, a que é mui inclinado, e mostrar que approva todos estes actos, não sendo contra o serviço de Deus e do papa, porque assim ganhará a affeição d'elle, e o disporá a servil-o na occasião propria; o mesmo pratique a respeito dos frades ou das pessoas influentes, diante de quem lh'o possa ir contar, deitando sempre os defeitos que ouvir notar á culpa dos maledicentes.

«6.ª Fallar sempre, e principalmente com os frades do paço, ácerca da santidade e religião do rei, e recommendar-lhe que o estimulem sempre a continuar, repellindo as linguas maledicas, e promettendo avisar N. S. das obras d'elles. E a cada um em particular, segundo o caracter, o modo e o tempo, o que só lá póde apreciar-se, fallar-lhe para lhes dar esperanças, ou para os admoestar com rigor. Não perdendo nunca de vista o seduzir os frades, e tel-os da sua parte, declarando que N. S. será informado de tudo. E em cousas de consciencia e censura fazel-as dizer primeiro em segredo ao rei pelos frades, meio, segundo dizem, que muito lhe apraz.

«Está em Portugal, embaixador de França, um bispo chegado de novo, e outro que se chama Honorato de Caen ali residiu muito tempo. O do imperador é um cavalheiro chamado Diogo Sarmento. Parece que será a proposito, e até necessario entrar na sua intimidade, se N. S. outra cousa não mandar. Porque quanto maiores e mais secretas relações o nuncio provar que ligou com elles, tanto mais temido, respeitado e despachado ha de ser. Mas nisto não se póde dizer cousa certa, por depender dos negocios publicos, e do modo que N. S. quizer que se tenha por motivos estranhos a Portugal: principalmente estando em lucta os seus principes, e sendo neutral o papa.

«De Honorato de Caen, embaixador de França, nada se fiam os francezes, nem parece que o nuncio se deva fiar n'elle de modo nenhum.

«Diz-se que a rainha de boa vontade se arroga influencia nos negocios, e quer ostentar que influe muito n'elles. E senhora mui religiosa. Convém figurar-se muito seu dedicado, e encommendar-lhe as cousas de N. S. e da igreja, como a pessoa que além da rainha, se conhece ser temente a Deus. E sobre tudo, quando se lhe fallar reduzir os negocios o mais que puder ser (como em verdade se deve) ao serviço de Deus, ao bem da igreja, sempre com menção da consciencia, do outro mundo, e do perigo da heresia e das censuras da igreja; em summa aquillo que apavora as mulheres religiosas; o que n'ella ha de produzir copioso fructo. E este meio e maneira é o que mais convem aos ministros do papa em todo o tempo, logar e razão.

«Direi por ultimo o que devia dizer ao principio, e o que o nuncio nunca deve esquecer para negociar com mais vigor e animo. Presentemente Portugal está reduzido a um estado debil e fraquissimo de forças; e o rei, além de pobrissimo, com dividas dentro e fóra do reino, e enormes e lessivos juros d'ellas, acha-se mal olhado do povo, e com a nobreza mais desconceituado ainda, não por má indole sua, porque se se governasse elle proprio obraria melhor, mas pelos ruins conselhos e excessos dos que o rodeiam. As cousas de Portugal por contestação com a França sobre as navegações, e por causa da irmã filha da rainha de França, que os francezes pedem, e tambem em virtude das dissidencias com o imperador, e outras secretas paixões, decaíram a ponto de se receiar total ruina, ainda que não parece que S. Alteza a veja ou a tema, quando as calamidades futuras estão previstas por muitos discretos e sabios; e por mais receios que lhe mettam não muda de caminho, e cuida que com palavras e ordens, e a poder de ameaças poderá fazer-se temer. Por isso é necessario nunca perder similhante estado de vista, e man-

ter firmes os bons propositos: assim o effeito será optimo, como dirão os nuncios anteriores.

«E sobre tudo assentar por cousa decidida que o caracter da nação e do povo, o numero e o poder do clero não soffre que a Sé Apostolica ceda (no todo ou em parte) salvo se nós para temer o que não assusta, ou por descuido, ou por despreso do que o não merece nos maltratarmos a nós mesmos e como se diz — *Bona nomino, non appellant, deteriora fierent* — o que Deus tal não queira, e o papa Paulo, guiado por Deus, não consinta!»

POETAS DA ARCADIA.

Pedro Antonio Corrêa Garção.

IV.

No Menalo — Corydon Erimanthêo.

Nas comedias, que são duas, *O Theatro Novo*, e *A Assembléa*, o Garção mostra, como em todas as suas obras, que nasceu poeta, e que sabia repassar de côr e de phisionomia nacional os seus assumptos. Os caracteres não se desmentem; carrega-os por vezes com exageração; e de certo estão longe da profunda analyse e da critica fina de Molière, que nas suas peças, e na intenção profunda d'ellas, tende sempre a retratar o homem e a humanidade ao mesmo tempo; mas quem chegou a igualar o mestre nos acabados quadros que deixou? Que pincel, depois do seu, tornou a descubrir a correcção de desenho, e a sciencia do coração, tão admiraveis no *Tartufo*, nas *Preciosas*, e em *Gorge Dandim*, imitado por Alexandre de Gusmão com o titulo do Marido Confundido, e representado a rogos de lord Tirawley em 1737 no theatro de Lisboa?

Pelos lineamentos das figuras, pelo calor do dialogo em algumas situações e pela exacta interpretação dos costumes, a *Assembléa* deve ser collocada entre os bons dramas da escola classica portugueza. A invenção é pouca; o enredo, frouxo n'umas partes, confuso e precipitado n'outras, carecia de mais pausa; os caracteres, tirando dous, o de Braz Carril e sua mulher Urraca Azevia, peccam por falta de expressão individual, e pouca originalidade mostram; mas a mania fidalga em plebeus, e o ridiculo de figurar sem posses, achaques da sociedade do seculo do auctor, e ainda do nosso, estão pintados com vivesa, e ha toques de perfeição em varias scenas. As partidas de curiosas de arias e de cravo; as altas combinações de um chá de mofo; a rivalidade feminina das preciosas; e os repentistas do Parnaso caseiro, vivem e alegram a acção d'este rapido quadro, que tem o defeito de ser curto para o desenvolvimento da fabula e dos caracteres. O personagem de Gil Tustote, que apenas apparece de escorço duas ou tres vezes, representando o juizo grosso, mas são do povo, ganharia em ser rasgadamente desenhado. Que excellente typo sendo aproveitado! E na *Assembléa*, que a celebrada *Cantata de Dido*, pagina rara e primorosa da nossa poesia classica, foi sepultada na scena XIII entre as sonetadas e as impertinencias dos versejadores Jofre e Picote! Lendo este ensaio, e apesar dos lapsos que se lhe notam, vê-se que o Garção, se quizesse, era de todos os Arcades o unico dotado de engenho comico, e aquelle a quem a musa teria mostrado um sorriso e entregado a palma. Infelizmente parou no principio!

Mas onde o Garção se levantou mais alto, foi na poesia lyrica, particularmente no genero horaciano. Poucos conversaram tão de perto com o amigo de Mecenas, e souberam como elle colher no trato intimo de suas obras a flôr e o perfume. Seguindo o seu modêlo não esperem o vôo imaginoso e impeto atrevido que em tantas occasiões approxima a alma inquieta e ardente de Bocage do genio de Byron — não; o verso de Coridon nunca sobe a essa altura, nem se deslumbra n'ella para caír. Cultor das musas castas, teria horror de si e da arte se lhe descabellasse em fervidas imprecações a compostura divina, ou desvairasse em gritos de desesperação o seu canto suave e puro. Tudo o que saíu d'aquelle pincel respira o gosto correcto e o tacto delicado de um talento, que tinha poder em si, que sabia conter-se, e não se esquecia nunca de se alumiar da critica. Naturalisando com primor a arte latina, e vestindo-a das gallas de um estylo digno della, na interpretação imitativa do bello antigo não foi igualado, nem será excedido por ninguem.

Não arde nos raptos pindaricos de Elpino; não ferve em enthusiasmo como Elmano; é sobrio em crear, e lento em fundir na fórma as imagens e as idéas; mas em compensação que delicadeza de traço, que ingenuidade vernacula na phrase, que admiravel perfeição em todas as partes! Que somma de bellezas, e que pequena sombra de defeitos, ás vezes parecendo esquecidos de proposito para realce! Quando mesmo o seu engenho não houvesse dado se não o *Cantico de Dido*, bastava esta corôa para não morrer. Esforce-se a critica, apure-se a lima, e n'este composto de graças e perfeições da musa classica, não encontrará um lapso de estylo, de idéa, ou de sentido; não descubrirá uma queda só na sublimidade, que do principio ao fim não cessa de a inspirar. Como a scena abre magestosa n'estes versos:

Já no rôxo Oriente, branqueando
As prenhes vellas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando.
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.

Como cada palavra pinta, e cada verso diz o sentimento natural, ou descreve o quadro proprio! Veja-se depois como a dôr que delira, e o amor que mata, está traduzido em rasgos de uma força e de um acabado dignos do Livro IV da Eneida:

Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada,
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
. . . . . .
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante,
Arroja o tenro, chrystalino peito,
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De rôxas espadanas rociadas
Tremem da sala as dorieas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao ceu levanta
O macerados olhos

Seria preciso transcrever tudo para não omittir nenhuma das bellezas que n'esta obra, uma das mais acabadas que saíram da mão do homem, (segundo nota um grande escriptor contemporaneo) estão espargidas com rara profusão. Pódem observar que o assumpto estava em Virgilio, e que d'elle eram os rasgos capitaes: de certo; mas em entender e sentir assim a antiguidade quem imitou ou venceu o Garção entre nós, e talvez no estrangeiro? Quando Goethe lucta com a Melpomene de Sophocles e Euripides, mareou-se-lhe a corôa poetica, porque vae pedir á tragedia grega a côr e fórma do bello classico?

O Garção detestava a rima, e parece-nos pouco feliz no seu uso. Os sonetos peccam por ella; encerrando alguns apesar d'isso pinturas finas, e quadros de interior incomparaveis pela graça familiar, e pela discreta jovialidade. Nas queixas ao padre Delfim riem-se a miudo os penates domesticos com uma ingenuidade, que, attrahindo sempre, elogia o coração e a sensibilidade do poeta. Mas as odes horacianas é que hão de ser o seu monumento na posteridade. O amor não vem n'ellas molhar as cordas da lyra das lagrimas tão dôces e amargas ao mesmo tempo de Desdemona, de Hydé, e de Julietta; mas a amisade affectuosa e a gratidão sem baixesa, fal-as-hão resoar com brio pouco sabido antes d'elle. A sua musa, abrindo as candidas azas e corôando-se do vapor luminoso de uma inspiração christã, não subirá ás regiões da contemplação, suspirando pelo ideal do bello aos pés de Deus como Lamartine: mas os dedos frementes do vate acharam o segredo d'essas notas raras, que foram o seu canto á virtude, e o seu gemido de saudade ás tradições da patria. O desalento, e a imprecação desgrenhadas e ululando, não alçaram ao céu em verso audaz o grito impio da alma, que não cabe em si, e se gasta com o fogo dos desejos á similhança de Byron, mas a suave ternura da esperança, e a serena confiança do espirito dirão em metros admiraveis, que o justo não se curva ao açoute da ruina, mas valido e firme ergue o rosto, e ferido ainda desafia o infortunio!

Se a poesia não é uma vaga melodia; se a aspiração e a idéa são o espirito immortal, que a levanta superior aos seculos, e aos imperios, com os pés calcando as urnas do passado, com a fronte tocando as estrellas do empyreo, a lyra do Garção vivirá nos tempos, porque ninguem, igual a elle, soube nunca unir a pureza da arte á elevação do sentimento, nem traduzir em carmes mais viris o destino sublime do homem, que a fortuna não espanta, e só á mão de Deus se dobra! Não é só enlevo e agrado o que attrahe nos canticos, que legou; é a interpretação moral da vida, e a revelação do segredo das grandes almas, cuja passagem na terra assignala não a gloria estrepitosa das conquistas, mas a victoria pacifica da resignação e da constancia. E estes heroes eram os Regulos antigos, e são os martyres catholicos!

Quem lêr a Ode V á Virtude, e a comparar á de Horacio — *Justum et tenacem propositi virum* — a quem dará a palma, ao latino, que esfria do primeiro impeto, ou ao cantor moderno, que de estrophe em estrophe cada vez se arremessa a maior altura? As bellezas do segundo parecem-nos superiores á correcta, porém menos concisa e mais debil aspiração do poeta romano: aonde o Garção o recorda, as duas linguas luctam como irmãs, e nenhuma vence; aonde a idéa do lyrico portuguez se separa e vôa só, a que distancias não deixa o seu modêlo? Ouçamo-los, e ajuize-se:

O constante varão, que justo e firme
Da difficil virtude segue os passos,
O pesado semblante do tyranno
Não teme, não estranha.

É uma reminiscencia classica: mas com que valentia de estylo e de phrase expressa! Como sentia o genio antigo, e o revelava! Na Ode romana toda a vantagem da opulenta versificação latina, e toda a elevação do pensamento poetico, bastam apenas para se manter a igualdade. E veja-se: a lucta é com Horacio.

Justum et tenacem propositi virum,
Non civium ardor prava jubentium
Non vultus instantis tyranni
Mente quatit solida: neque Auster,
Dux inquieti turbidus Adriæ
Nec fulminantis magna Jovis manus.
Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinæ.

Agora escute-se o Garção, e diga-se que elle não era digno de se medir com o primeiro lyrico do seculo de Augusto!

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes:
Ouça afiar na pedra o curvo alphange;
Soffra no pôtro asperrima tortura;
Não perde a côr do rosto.
. . . . . .
Com pavoroso estrondo se desatem
Em vermelhos coriscos as estrellas;
Brote volcões a terra; da ruina
Impavido não foge.

Até aqui o certame. D'esta estrophe em diante os dous separam-se; e quem conhece e meditou a famosa Ode de Horacio sabe, que desmaia em digressões, e abate da grandeza quasi epica do primeiro rapto. O Garção não. A musa sorri-lhe até ao fim; o seu enthusiasmo ferve de cada vez com mais ardor; e subindo sempre, expira só o canto, quando o sentido moral, e a grande imagem poetica estão perfeitas; quando disse tudo como não torna a dizer outro!

Assim Mario subiu ao Capitolio
Entre Aguias e Lictores conduzido,
Com aspecto sereno; ainda que atadas
As rôxas mãos em ferros.
Na presença de Cesar e Conscriptos
Fui, disse, fui fiel a Galba, e a Roma.
Confesso o meu delicto, se delicto
A virtude se chama.
As legiões romanas testemunhas
Poderão ser; vós, Consules, Tribunos,
A verdade direi. Direi se Mario
Foi amigo de Galba?
. . . . . .
Eu vi o triste velho descorado
A garganta offerecer ao duro golpe;
E indo da patria o nome repetindo
A grande alma fugir-lhe.
Oh Cesar! Aqui tens de Mario Celso
O crime e a confissão: Romanos, Mario
Foi a Galba fiel! Vamos, aonde
Está o cadafalso.
Acabou de fallar: Consules, Padres
Attonitos ficaram: porém Cesar,
De tão rara constancia namorado,
Nos braços o recebe.

E foi este o homem, que em quanto as graças choviam sobre obscuros legulejos, e douravam a fatua estulticia de lisonjeiros aguerridos no impudor, um aviso despotico e camerario arrancou ás musas e aos braços amantes da esposa e dos filhos, sepultando-o sem culpa conhecida em um carcere, de que só a morte devia abrir-lhe as portas! Até essa mesquinha mercê da redacção da *Gazeta* não tardou que lh'a tirassem, vingando-se do moralista austero, e do poeta isento, que não arrastava carmes servís pelas festas dos poderosos! Como elle os conhecia, quando exclama na Ode IV:

. . . . . O Lisonjeiro
Estudando o segredo
De agradecer despresos, não se affaste
Da sala do ministro.
Ali dourando o sol os altos montes
Na madrugada veja;
Ali o deixe a lua, que vermelha
No horisonte mettida
Estende os frouxos raios pelas ondas;
Se com publica fraude
Ao miseravel orphão a capella
Sonegar-lhe pertende.
Aspire á becca o julgador iniquo,
Q'aos olhos da justiça
Roubou a santa venda, que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delictos! . . . . . .

As poesias do Garção, que se conhecem, foram impressas e formam dous tomos. Consta-nos que houve quem possuisse outro volume inedito, que talvez a esta hora esteja perdido. Uma edição expurgada dos erros que desfeiam as que existem, e augmentada com o precioso peculio das obras ainda não publicadas, seria um serviço relevante ás letras, e um documento valioso para a historia d'ellas. Mas quem se occupa hoje de versos, e sobre tudo de versos do Garção? Eram rabugens de um velho classico, e não vale a pena de se lhes lançar os olhos! Animem-se entretanto; folheem essas paginas, infelizmente tão curtas, de uma perfeição quasi irreprehensivel; e digam depois se fomos parciaes, se fomos excessivos, assegurando que era uma grande alma aquella, e um nobre engenho! Julgae com as suas bellezas diante da vista, e estamos certos que sereis do nosso voto.

L. A. Rebello da Silva.

FR. MIGUEL CONTREIRAS.

Fr. Miguel Contreiras nasceu em Valencia de Hespanha, ou em Segovia, como querem outros, a 29 de setembro de 1431. Passados os primeiros annos, começou de cursar os estudos, revelando desde logo singular talento, e uma decidida inclinação para a solidão e o recolhimento, inclinação, ou antes aspiração ardentissima, que tão fundo se lhe enraizou n'alma, que, apesar de descender da nobre casa dos Contreiras, de que foi progenitor o famoso conde Fernam Gonçalves, donde procedem muitos monarchas de Hespanha, e porventura contra a vontade de seus paes, que sem duvida folgariam que elle abraçasse uma carreira brilhante e condigna da sua illustre prosapia, preferiu, depois de concluidos aquelles estudos, a obscura vida monastica, entrando na ordem da Santissima Trindade, onde professou.

Já sacerdote e adiantado em annos, pediu licença para vir residir no convento da sua ordem em Lisboa, e obtendo-a passou a Portugal em 1481.

O motivo que Fr. Miguel Contreiras tivera para abandonar a sua patria é mui difficil de averiguar, nem vale a pena fazel-o: o que é certo é que soube em Portugal sustentar dignamente a reputação que lá fóra havia grangeado, e que o povo, concorrendo em multidão a escutar os seus sermões, repassados de verdadeira unção christã, começou de appellidal-o o *apostolo*.

E era de feito um verdadeiro apostolo. No tem-

plo a sua palavra eloquente convertia os impiedosos, roborava a fé aos tibios, mostrava aos justos o caminho do céu; e se sabia destribuir com mão generosa o alimento do espirito, a sua caridade não era menos fervorosa, menos sincera, e menos solicita em promover o bem temporal de todos os desvalidos.

Conhecia Fr. Miguel por essa capital muita viuva sem pão, muito enfermo abandonado, muito orphão sem amparo, muitas donzellas que a miseria expunha de contínuo ás mais perigosas seducções; abrasou-o um santo zêlo, e tomado da compaixão de tantos infortunios, que a sociedade descuidosa não só não curava de evitar, mas nem sequer forcejava por diminuir, deitou-se a pedir pelas ruas e casas para os pobres.

Deus abençoou a sua obra; e fez largamente fructificar os seus esforços; não só a côrte, e mórmente a virtuosa rainha a senhora D. Leonor, de quem fôra nomeado confessor, e cujo nome anda vinculado á fundação de alguns dos nossos principaes estabelecimentos de caridade, mas tambem o povo concorreram a ajudar com suas esmolas o venerando sacerdote, que assim pôde, pobre e humilde frade, enxugar muita lagrima, attenuar muito infortunio, acabar com muita miseria.

Entretanto o seu zêlo, com quanto fervoroso e ardente, não podia acudir com a necessaria regularidade a muitos enfermos, que ou por serem estrangeiros, ou por não terem quem os recebesse em casa, andavam recolhidos pelos adros das egrejas e pelos arcos do Rocio.

Incansavel no serviço dos pobres, e não recuando perante qualquer difficuldade, pediu instantemente á Camara de Lisboa lhe quizesse dar uma casa que estava junto a Santo Antonio da Sé, onde antigamente se faziam as audiencias do civel; a Camara não pôde resistir ás solicitações de Fr. Miguel, que obteve a concessão pedida, e entendeu immediatamente em mandar fazer nas referidas casas as accommodações necessarias e indispensaveis; recolhendo ali pouco depois os enfermos, e assistindo-lhes com todos os soccorros corporaes e espirituaes. (1)

É tradição corrente que el-rei D. Manoel, tendo noticia d'esta caridosa fundação, entrára um dia, sem que fosse esperado, pela enfermaria dentro.

Como é natural os devotos que andavam curando os doentes, e fazendo-lhes as camas, perturbaram-se com a presença do rei, e largaram tudo para o receber, porém este disse-lhes: «*Fazei a vossa obrigação.*» e continuando elles o rei, pegando em um cobertor pela ponta, disse: «*Eu tambem.*» (2)

(Continúa.)

THOMAZ ANIELLO (MASANIELLO.)

(Revolução de Napoles em 1647.)

I.

A historia da repentina elevação, e da tragica e precipitada queda do famoso pescador de Amalfi Thomaz Aniello tem constantemente servido de thema á inspiração dramatica, desde a bella opera da *Muda di Portici* até á ultima peça castelhana de um auctor contemporaneo. Pela sua origem e progresso, e pela grandeza da catastrophe, o assumpto mereceu até hoje a predilecção dos compositores, e o applauso do povo; e de feito poucas scenas iguaes a esta crearia a imaginação, tão ferteis em lições moraes, tão agitadas de vivo e profundo interesse! A verdade aqui desafia a arte, e vence-a. O drama nasceu perfeito; os caracteres saíram da realidade sem nada deverem invejar aos typos mais acabados da invenção poetica.

O vulto do concitador popular que uma rajada tempestuosa da praça publica atira ás eminencias do poder, e uma onda não menos rapida logo enrola e despedaça aos pés da multidão voluvel, acclamado chefe e réu quasi ao mesmo tempo; esse vulto cheio de movimentos dramaticos, fadado com a predestinação singular dos entes, que o dedo de Deus marcou para serem os exemplos da Providencia, domina tudo, atterrando o espirito, e fazendo vacillar o animo. Masaniello é o retrato de todos os tribunos. As suas qualidades e os seus defeitos, a sua exaltação e a sua morte, resumem a dolorosa paixão do homem e da humanidade; e explicam em algumas letras uma parte do tenebroso mysterio da vida. Forte e omnipotente para desencadear a tormenta, quando tenta suspendel-a sente-se debil, e acha-se só; a lucta soffoca-o!

A noticia dos acontecimentos, que levantaram nos braços populares do seculo 17.º este rei ephemero, corre na versão vulgar confusa e inexacta. Nas paginas mais serias dos livros historicos encontram-se mais bem caracterisadas a acção e o agente; porém as particularidades escapam; os costumes faltam; e a propria phisionomia do protagonista apparece apagada por acaso ou de proposito. O homem, sim pintou o leão, mas pintou-o prostrado. Os castelhanos, que o braço do pescador de Amalfi obrigou a cederem, e acceitarem por algum tempo o jugo que tinham imposto, eram juizes suspeitos; e a sentença que lavraram, na sua estudada concisão, é a primeira a accusar a parcialidade do amor proprio.

Cita-se a miudo o episodio da revolução de Napoles: e entretanto apenas se conhecem d'elle geralmente os lineamentos. As meias tintas, o que o drama tem de intimo, as causas que produziram os effeitos, debalde se procuram; um véu espesso cobre-as; e tanto a arte como a historia, para as suas manifestações, carecem de abranger tudo. O quadro comido pelo tempo como está, só deixa aperceber esmorecidas e desbotadas algumas figuras; e assim mesmo não passa de uma cópia, infiel ás vezes. Descubrindo outro painel, que nos parece mais original, e mais verdadeiro do que a narração vulgar, entendemos que devia ser visto com gosto, e que os poetas, que o assumpto tem sempre convidado, nos levariam a bem a exposição de uma pintura extensa e bem conservada. Devemol-a a documentos filhos da epocha; e a mão que os traçou apertava talvez a mão calosa do plebeu rebelde, e os dedos macios e delgados do fidalgo hespanhol, um instante subdito do seu vassallo!

Quanto se vae referir é tirado das relações contemporaneas do successo, e traz o cunho especial de uma narração com informação copiosa, e as vezes apurada pelo testemunho ocular. Inserimos igualmente no logar mais adequado os capitulos accordados entre o vice-rei, o duque dos Arcos, e o povo de Napoles para se pôr termo á revolução, e se firmar a concordia. É um tratado negociado de igual a igual, e attestado pelos nomes mais illustres da fidalguia de Napoles e de Castella!

---

(1) Exame critico e historico sobre os direitos estabelecidos pela legislação antiga e moderna, relativamente aos Expostos e Engeitados, por Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto — Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias.

(2) Veja-se o referido *Exame critico*, etc.

A conquista e a posse das possessões de Italia foram sempre inquietas e amargosas para a Hespanha; e a oppressão, que arrancou da sua corôa os Paizes Baixos e Portugal, desmembrando a vasta monarchia de Carlos V, produziu em Napoles os fructos venenosos, que sempre tem produzido. O episodio, que estudamos, é mais uma demonstração fecunda do erro de se retesar de mais o arco em materia de governo. A corda estala, e fere a mão inexperiente que ousou brincar impunemente com o perigo. Começaremos pelas causas que provocaram os tumultos, e depois exporemos o seu desenvolvimento, e as variadas scenas em que figuram de um lado os plebeus, e do outro os senhores humilhados. É a maneira simples e clara de offerecer o quadro no melhor ponto de vista.

O reino de Napoles tinha-se conservado pacifico, obedecendo ao imperio da casa de Austria desde a entrada de Carlos V em 1505; alguma alteração parcial no tempo de D. Pedro de Toledo (1547) e o caso notorio de Starace (1585) foram rapidas e leves excepções. Entretanto os impostos onerosos, successivamente lançados pela imprudencia insaciavel do fisco, com varias denominações, traziam o povo descontente, e mais de uma vez ameaçaram conflictos e tumultos. O duque de Ossuna, desviado da côrte pelo ciume do conde duque de Olivares, e acceitando do valido no vice-reinado de Napoles um desterro brilhante, achou a irritação aggravada pela nova taxa sobre as fructas, e usando do seu poder para suavisar os vexames, aboliu-a com geral applauso. Este exemplo de humanidade e de sabia administração serviu só de incentivo aos successores para a restabelecerem apenas elle decaíu; e apesar dos factos recentes de Palermo, (aonde a crueza dos supplicios de Horacio Strozzi, Francisco Angalone e José Amato déra o signal da rebellião) e dos carteis anonymos affixados nos logares publicos, contra a promulgação de mais tributos, o duque dos Arcos, allucinado e prepotente, mandou outra vez arrecadar a taxa das fructas, e decretou outra de vinte por cento sobre os vinhos. Os clamores augmentaram; o odio exacerbou-se; e pouco tardou que a explosão não rebentasse, convencendo os oppressores da temeridade com que desafiavam de sangue frio a paciencia dos subditos.

No dia 7 de julho de 1647, um incidente, que seria insignificante se a mina não estivesse carregada, e a menor faisca não bastasse para a fazer voar, veiu desenfriar as iras, principiando uma lucta que fez arrepender os provocadores da sua obstinada contumacia. Era domingo. O mercado estava apinhado, e havia ordem para se arrecadar o imposto das fructas chegadas á praça. Os compradores negavam-se a pagar a taxa, exclamando contra as extorsões dos exactores, e sustentando que o valor d'ella havia de ser satisfeito pelo vendedor. Durava e crescia a contestação entre uns e outros, quando o magistrado do povo João Baptista Naderio, se apresentou ordenando com ameaças aos compradores que levassem as fructas, e aos vendedores que as pesassem, entregando as quantias relativas ao tributo. De ambas as partes recusaram acceder; e por fim os quinteiros de fóra da cidade, exasperados, levantaram os logares, lançaram os fructos ao chão, e quizeram saír. Um bando de creanças acudiu em enxame a recolher os despojos da lucta, e no ardor do motim, que ía subindo, converteram os figos em projectéis, atirando-os, com mofas e doestos, ao rosto do magistrado; atraz dos figos voaram as pedras; e Naderio, conhecendo tarde a sua loucura, salvou-se do martyrio, fugindo no meio das vaias e dos arremessos do vulgacho, que o perseguiu até cheio de terror chegar á praia e entrar n'um bote.

Apenas o magistrado desappareceu a indignação publica voltou-se contra a *casa da Gabella*, e incendiou-a com os moveis e livros que tinha. Passando a mais, e apparecendo-lhe a estimular-lhe a cólera o pescador de Amalfi Thomaz Aniello, a multidão levando na frente as creanças, e arvorando uma canna verde, como haste de bandeira, dirigiu-se ao palacio do governo, engrossando em cada rua, e animando-se progressivamente com o numero e com as exhortações reciprocas. Quando chegaram diante do paço o bando era já um exercito, e o motim uma revolução. Romperam vivas á casa reinante e morras aos tributos. A guarda quiz dispersar as mangas de povo, que forçavam a entrada, e em um instante viu-se desarmada depois de curta resistencia. Subiram acima; deitaram pelas janellas os moveis, quebrando e rasgando quanto encontravam. O vice-rei assustado, e ignorando as circumstancias da repentina novidade, desceu pela escada falsa e retirou-se a S. Francisco. No caminho a plebe, apesar do ouro e prata que lhe atirava, faltou-lhe ao respeito, gritando: — « Não queremos dinheiro, queremos o pão barato! »

Do palacio, Masaniello e os populares partiram a arrombar as portas dos carceres de Santiago, guardadas por um posto de soldados hespanhoes. Depois foram abertas as outras prisões, restituindo-se á liberdade duzentos e quarenta presos. Os ferrolhos, cadeados, e livros eram queimados em auto festivo; os processos lançados ás chammas; e em roda das fogueiras as creanças e as mulheres dansavam, cantando em triumpho. Só exceptuaram a Vicária por ser o carcere real. Tudo isto tinha sido obra de um impeto; o motim tomára as proporções de uma revolução sem plano, sem cabeça visivel, e sem meios de exito combinado. O tumulto levantou-se de repente no mercado, varreu tudo diante de si, e crescendo com a propria força, ganhou a victoria antes mesmo de cuidar em combater. As rebelliões preparadas falham muitas vezes, porque se fundam na ambição, e tomam o desgosto ou os rancores de alguns homens pela causa do paiz; as grandes revoluções, pelo contrario, fazem-se a si mesmas; ninguem as inspira, ninguem as dirige, e ninguem as delata, porque a idéa está na mente de todos, a injuria é commum, e o esforço reciproco. Em Napoles, ao romper do dia 7 de julho, nenhum dos actores da scena do mercado ao saír de casa era capaz de prever os acontecimentos, em que devia figurar. A medida estava cheia; uma gota de fel mais; e trasbordou!

A rapidez e a espontaneidade da explosão atou as mãos aos governantes, e fez crescer os brios da cidade e dos arredores. Pareceu-lhe que era chegada a occasião de se libertarem dos impostos e de abater a nobreza, causa da sua oppressão. Por um systema tenaz e implacavel, os fidalgos grangeavam os tributos, exhaurindo a substancia publica, e despojando as outras classes dos seus privilegios. Desde o tempo de el-rei Frederico que pendia o litigio entre o povo e os senhores; veiu-se ao accôrdo de escolher o monarcha para arbitro; e as decisões da corôa deram a razão ao povo. Os soberanos hespanhoes, faceis em promessas, e infieis no cumprimento d'ellas, repetidas vezes protestaram restituir á cidade as isenções usurpadas; mas os abusos permaneciam, e em logar do suspirado alivio, todos os dias recentes vexames se accumulavam aos antigos, carregando de taxas os mercadores, os vendilhões, e os estrangeiros; e con-

vertendo o fisco em uma prensa para extraírem até ao ultimo ceitil da substancia dos pobres, esmagados, em quanto a nobreza, livre de impostos pelas suas prerogativas, disfructava, á custa do suor do trabalho alheio e da indigencia, as delicias do fausto e do luxo. A tyrannia, desenfreando-se com a paciencia dos oppressos e a impunidade quasi certa, chegou a perder até as ultimas apparencias do pudor. As taxas lançadas serviam-lhe de machinas para novas extorsões, negociando-as com publico escandalo, a ponto de não esquecer mesmo o odioso trafico do contrabando no calculo dos seus lucros. O excesso subiu ao ponto de arrematar tributos a vinte cinco por cento, por um praso que equivalia á perpetuidade, tirando da sua administração mais de trinta ao anno!

(Continúa.)

BIBLIOGRAPHIA.

A traducção de Lucrecio, pelo Dr. Lima Leitão.

A Litteratura portugueza rica em poemas epicos, riquissima em poesia lyrica, bucolica e elegiaca, é, cumpre confessal-o, pobrissima em traducções poeticas.

Portugal é a unica nação civilisada que não possue traduzidos na sua lingua, já não digo todos os poetas gregos, que não são muitos, mas nem ao menos um poema de Homero.

Quanto a poesia latina, possuimos apenas uma parte das poesias de Horacio, os primeiros livros das Metamorphoses de Ovidio, e uma unica versão completa de Virgilio pelo sr. Lima Leitão, a da Eneida por João Franco Barreto, e a das Georgicas e Eclogas por Leonel da Costa.

De que provirá este phenomeno tão notavel? acaso da falta de gosto no publico? da falta de aptidão nos poetas para este genero de trabalhos? da falta de recompensa que d'elles se espera? Talvez que não seja por nenhuma d'ellas só, mas por todas juntas.

Na verdade é cousa bem para descorçoar a idéa de emprehender um trabalho de annos, com a desagradavel certesa, de que, depois de publicado, nem sequer dará para a despesa da impressão.

Para aggravar estes inconvenientes vem ainda a preoccupação vulgar de que ha pouco merito em traducções, como se a traducção poetica de um poema não demandasse quasi tanto genio como o do auctor original; como se em tal trabalho não houvesse a vencer obstaculos e difficuldades, que demandam grande força de talento; como se um bom interprete de Homero, e de Virgilio não fosse mais benemerito da litteratura patria do que muitos auctores de poemas originaes.

Por isso em nosso entender grande louvor merece o Dr. Antonio José de Lima Leitão, que tão utilmente emprega o tempo, que lhe fica livre dos estudos da sua profissão, e do magisterio, que dignamente exerce, em traducções poeticas de poemas antigos e modernos, procurando assim preencher a grande lacuna, que existe na nossa litteratura, tão inferior n'esta parte a dos italianos e francezes, que possuem muitas traducções em verso de todos os poetas gregos e latinos, e de todos os modernos auctores de livros de grande reputação.

Devemos ao sr. Dr. Lima Leitão a versão completa de Virgilio, a do Paraiso Perdido de Milton, a da Arte Poetica de Horacio, e de algumas tragedias de Racine.

Estas versões são na verdade de merecimento superior, e de grande trabalho, porém de mais trabalho, e de muito maior importancia é sem duvida a que emprehendeu ultimamente, e de que já publicou um volume.

Queremos fallar da traducção em verso do poema da Natureza das Cousas de Tito Lucrecio Caro, um dos mais insignes poetas, que produziu a antiga Roma. Pela bellesa da poesia, pelo vigor da expressão, e pela natureza das materias, de que se trata n'aquelle poema, é este talvez o mais difficultoso de traduzir em verso, de todos os que nos legou a antiguidade, e apesar d'isso elle apparece reproduzido em portuguez com uma louçania de estylo, facilidade e força de metro superior a tudo, que póde imaginar-se; parece a cada passo que estamos lendo uma composição original, tão pouco é o constrangimento, que se vislumbra na sua brilhante execução.

Interessados, como na verdade somos, na gloria da poesia patria, não podemos deixar de manifestar aqui a nossa approvação a tão util trabalho, e de exhortar o digno traductor a não abrir mão de tamanha empresa; e a emprehender outras de igual importancia, como o Astronomico de Manilio, a Thebaida de Staeio, os Amores das Plantas, e o Templo da Natureza do Dr. Erasmo e Darwin e a Sphœsa de Buchanan.

J. M. da Costa e Silva.

Grude de arroz, ou cimento do Japão. — Dissolve-se em agua fria a farinha do arroz, e coze-se a fogo brando até se tornar consistente. Esta colla ou grude é muito branca e seccando fica quasi transparente; a sua força é tal que os papeis grudados com ella rasgam-se as mais das vezes, ainda que com cuidado se queiram separar; assim é com preferencia empregada para todos os objectos de cartonagem que exigem aceio e solidez, taes como caixinhas, casas, templos, e outros objectos de toucador.

Este grude é muito superior ao da farinha de trigo, ou pós de gomma, e convem especialmente para as obras dos encadernadores de livros, para ligar cópias de manuscriptos, ou os proprios manuscriptos, e gravuras que se pretendem conservar em livros.

Empregando menor quantidade de agua na preparação d'esta colla, póde dar-se-lhe bastante consistencia para modelar estatuas, bustos, baixos relevos, e outros similhantes objectos, que, seccando, tomam um bello polido e são susceptiveis de se conservarem por muito tempo mediante algumas precauções, taes como livrar da humidade os objectos formados com esta massa, etc.

No Japão fazem d'ella enfeites que imitam tão perfeitamente a madreperola, que chegam a equivocar os compradores.

— Mais gravemente enferma o que logra melhor disposição, que o que nunca deixou de ter achaques. E a razão é porque a enfermidade, que póde vencer disposição tão boa, teve muito de poderosa; ignorancia que não alumia o discurso mais disperto, tirou as esperanças ao remedio.

Padre A. Vieira

— A caridade é uma divida eterna e sem limites.

— A paixão faz com que muitas vezes condemnemos em uns o que approvamos em outros.

— A verdade escandalisa ordinariamente aquelles que não esclarece nem converte.

Quesnel.

PRAÇA-MAIOR DE LIMA, PERU.

O Perú, cortado do norte ao sul, por dous ramaes parallelos da cordilheira dos Andes, mede em comprimento do Equador ao Chili cêrca de 365 leguas, e em largura entre 115 e 15 leguas, da cordilheira ao mar. Todo o territorio banhado pelo Oceano Pacifico é em geral agreste, inculto e despovoado, por consequencia. Os principaes portos na costa são os de Lambayeque, Calláo (porto de Lima) Islay, Arica, Payta, Huanchaco e S. José. A parte mais rica naturalmente, e a menos conhecida é a vertente da cordilheira que desce para as famosas campinas, *lezirias*, do Maranhão ou rio das Amazonas, e seus affluentes. Por este lado confina o Perú com o imperio do Brasil. Quando os peruvianos, voltando toda a sua energia e intelligencia, até hoje gastas em desgraçadas luctas civis, derem a attenção necessaria e devida a este grande e magestoso rio, e procurarem tornal-o navegavel em toda a sua extensão, empresa que aliás não apresenta difficuldades que possam considerar-se insuperaveis, não só o mesmo rio se tornará um dos principaes meios de communicação d'aquelle paiz com os europeus, mas tambem se conseguirá povoar de gente valida e laboriosa, regiões de uma fertilidade e riqueza incriveis, até agora quasi inteiramente desaproveitadas.

Ao sudoeste o Perú é separado da Bolivia pelo rio Desaguadero e o lago de Titicaca. Nas suas vastas campinas incultas pastorêa o indio ignorante e descuidoso numerosos rebanhos de lamas e alpacas, animaes utilissimos, que talvez conviesse naturalisar em Portugal, porque produzem uma lã finissima, muito superior a todos os respeitos á lã de carneiro, geralmente empregada nas fabricas de lanificios. Os terrenos cultivados produzem algodão, trigo, milho, batatas e vinho. A população peruviana eleva-se a 1.373:736 habitantes, segundo o *Guia de Forasteros da Republica Peruana*, do sr. *Carrasco*, e a 1.400:000 segundo o *Annuario dos Dois Mundos*.

Esta população, insignificantissima em relação á immensa area do territorio, compõe-se de brancos, descendentes dos conquistadores hespanhoes, de indios e de negros, e é repartida por 11 departamentos, divididos em 65 provincias, e estas subdivididas em districtos e parochias. Os departamentos distinguem-se pelas seguintes denominações: Amazonas, Libertad, Anchas, Junin, Lima, Huancavelica, Ayacucho, Cuzco, Punho, Arequipa, Moquegua. Cada departamento é governado por um prefeito, que accumula as funcções civis, administrativas e militares.

A *ultima* constituição politica do Perú foi approvada e publicada em Huancayo, a 10 de novembro de 1839. Esta constituição estabelece os tres poderes, *executivo*, *legislativo* e *judicial*, e garante a sua independencia relativa. O poder executivo é exercido por um presidente eleito, pelo suffragio universal, por tempo de seis annos, que nomeia os seus delegados nos quatro ministerios seguintes: — *interior*, *ins-*

trucção publica e beneficencia; exterior, justiça e negocios ecclesiasticos; guerra e marinha; fazenda. O poder legislativo é confiado a um congresso formado de duas camaras — deputados e senadores — cujos membros são eleitos igualmente pelo suffragio universal. O poder judicial é exercido por um tribunal supremo, estabelecido em Lima, por tribunaes superiores, ou de *appellação*, existentes em cada uma das capitaes de departamentos, por juizes de primeira instancia, e por juizes de paz nos districtos. Ha tambem tribunaes especiaes de commercio, de minas, de aguas, de prezas, e dos dizimos.

A religião do estado é a catholica apostolica romana, e a ordem ecclesiastica no Perú comprehende um arcebispo, o de Lima, cinco bispos, os de Trujillo, Chachapoyas, Ayacucho, Cuzco e Arequipa, o clero secular para o serviço das parochias, e o clero regular, que ainda é bastante numeroso. Todos os proventos ecclesiasticos têem origem nos dizimos.

A força militar compõe-se do exercito activo, ou de *linha*, e da guarda nacional. O exercito de linha é formado de um estado-maior de 29 generaes, e de 6 batalhões de infantaria, 3 regimentos de cavallaria, e uma brigada de artilheria. O modo por que este exercito tem sido recrutado, a pouca instrucção da sua officialidade, e a insaciavel cubiça de muitos dos seus generaes, constituem-no, em vez de um elemento de paz e segurança publica, o principal movel de quantas revoluções tem dilacerado aquelle paiz.

O actual presidente é o general D. José Rufino Echenique, homem estranho a todas as luctas civis; diz-se ser dotado de superior intelligencia, e outros dotes que o tornam digno da tão elevada magistratura que os seus concidadãos, quasi unanimemente, o chamaram a exercer.

A capital da republica é Lima. Esta bonita cidade está edificada na margem direita do rio Rimac, e a nove milhas da sua foz; na outra margem vê-se o arrabalde de S. Lazaro, que se communica com a cidade por meio de uma bem construida ponte de cinco arcos. A cidade tem duas milhas de comprimento, e apenas uma e um quarto desde a ponte até as muralhas; estas, que medem doze pés de altura, e dez de espessura na base, são construidas de uma especie de *adôbes;* no seu recinto abrem-se sete portas, e comprehendem-se tres baluartes, terminando na extremidade sudoeste pela pequena cidadella de Santa Catharina.

A antiga cidade dos reis, fundada, em 1534, por Pizarro, em dia de Epiphania, foi outr'ora o principal emporio da America no Oceano Pacifico, graças ao seu porto de Calláo, construido em 1779 de uma maneira singular. Mandou-se encalhar um velho navio de grandes dimensões, que foi cheio de pedras, de arêa etc.; depois cravaram-se-lhe em tôrno estacas de mangueira, que não apodrece na agua, mandadas de Guayaquil, e assim se conseguiu formar uma segura e excellente base sobre a qual se levantou o respectivo molhe.

O clima, mais temperado e agradavel que o de Carthagena e da Bahia, na costa fronteira da America, a formosura das paizagens, e o trato urbano e cavalheiroso dos habitantes, constituem Lima uma das mais aprasiveis cidades do Novo-Mundo.

A nossa primeira estampa representa a *Praça-Maior.* Está situada a mais de quatrocentos pés do nivel do mar, e n'ella vem desembocar algumas das principaes ruas da cidade. A *Praça-Maior* serve ao mesmo tempo de passeio, de bazar, de mercado e de feira. No pavimento inferior do palacio dos antigos vice-reis, que se vê em frente, estão estabelecidas lojas de diversas mercadorias, e ao nivel do andar nobre corre uma bella galeria ou varanda, onde o povo póde passeiar nos dias de regosijo publico; a éste da praça levanta-se a airosa cathedral, e no centro admira-se a bellissima fonte, construida em 1653 por diligencia do vice-rei conde de Salvateria.

A nossa segunda estampa (pag. 365) representa um pastor indio vestido com o célebre *puncho*, especie de manta de côres brilhantes, que se usa como póde vêr-se da referida estampa; dá uma idéa aproximada dos *cobrejões* ou mantas castelhanas, muito estimados entre nós.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Illustração do Exercito.

Convidados a escrever algumas linhas n'este album popular, cujos fastos estão tão inteiramente ligados á nossa historia litteraria contemporanea, com quanto hesitassemos de principio, obedecemos por duas razões. A primeira, e por certo a mais attendivel, o objecto sobre que tinhamos de escrever; pois havemos por verdadeiro que a boa semente ha de sempre produzir bom fructo, ainda que tambem não desconhecemos que a proporção do fructificar está na razão do cultivo; apezar d'isso, não nos fez, nem fará jámais recuar, o aventar uma boa idéa, só porque poderia ser mais bem tratada por outrem; o optimo é inimigo do bom; e já no seu tempo lamentava Seneca estes interminaveis adiamentos em que se escoa a vida.

A segunda razão parecerá sem duvida do genero d'estes classicos preambulos, em que o auctor se voltava para o seu publico, implorando a indulgencia do leitor benevolo, e a absolvição de todas as incorrecções, que já de antemão e artisticamente exagerava.

Todavia, fallando desapaixonadamente, a duas se se reduzem as especies de relações que ha entre jornaes e collaboradores: — quando aquelles se ornam com nomes conhecidos e apreciados pelo publico, e n'elles estabelecem sua principal recommendação; — ou quando apresentam artigos firmados por nomes, cuja principal recommendação é a boa companhia em que se encontram. Sem duvida alguma, estavamos no ultimo caso, e seria imperdoavelmente descortez o rejeitar convite para terreiro em que se ía apparecer tão bem acompanhado.

I.

É do exercito que vamos fallar; é ao soldado, e do soldado que vamos dizer algumas poucas palavras com a mão na consciencia, e com a consciencia tambem de que não haveremos por perdido o nosso tempo, nem elle o seu. Não é ao soldado a quem um dos maiores guerreiros e escriptores d'esta idade, e a maior de todas as mulheres, marcaram com o ferrete epigrammatico do sarcasmo, que traduzia a amarga opinião, que ainda um dia porventura se ha de dissipar de todo da face da terra.

Com effeito o soldado como *machine à fusil*, ou como *de la chère à canon*, já moralmente não póde existir hoje. Frederico o grande e Madame de Stael quando viam o militar a uma luz tão pallida e soturna, não encaravam a questão com as proprias idéas; traduziam, *fazendo espirito*, uma triste condição que não podia durar já muito. Ambas aquellas intelligencias superiores não puderam de certo

vêr, sem se condoerem, o mocinho imberbe que deixa pae e mãe por tarimba e rigores de estranhos; mais tarde, o instrumento cego de machinações, que o mais das vezes nem chega por longe a conhecer; ora, symbolo venerando de abnegação absoluta, mutilado, nadando no proprio sangue, que vae misturar-se com o do camarada a quem já tributava affectos de irmão; ora arrojado á valla, erma de lagrimas e orações, e cifrado n'um algarismo commum que explica a sorte de uma campanha ganha com a morte de mil victimas obscuras, a quem sumiu o mesmo ferro que foi plantar uma arvore tambem perecedoura muitas vezes, e não quantas criminosa!

O soldado *pasto de canhões*, o soldado *machina de matar*, é já agora impossivel; é anachronico no seculo dos caminhos de ferro; na epocha em que se apertam de dia para dia as relações entre todos os povos; n'este viver das nações d'hoje, onde a diplomacia e não a estrategia decidem dos seus destinos; n'este mundo que já não promette nem tolera conquistas; n'esta vespera do grande dia da civilisação, em que a intelligencia tem de dominar esplendida, em que o pensamento ha de ser commungado por todos, quasi no proprio instante em que brilhar n'um cantinho da terra; em que as idéas hão de tornar-se propriedade commum, ora tão breve como o vapor que as escreve e arrebata para distancias incriveis, ora tão momentaneamente como a electricidade que as atira para outro hemisphério.

E o soldado será porventura o desherdado n'este farto banquete do entendimento? Ha de ser por accaso o filho prodigo, a chorar com fome e sêde intellectual entre as asperezas do mister para que o arrancaram?

O soldado, que foi legado ás sociedades modernas pelas convenções, ou antes desconvenções d'outr'ora, não ha de participar do mesmo pão do espirito que com todos, pequeninos e grandes, se reparte? não tem de gosar da mesma luz e calor que para todos arde e resplandece?

Deve-se-lhe dar muito d'este calor, que longo ha sido para elle o inverno; as geadas tem-lhe branqueado as cabeças ha muitos seculos estereis, não por natureza, mas por mingua de um estio. Deve alegrar-se com a mesma luz que brilhar para todos, porque, entre os gelos de tantos annos de peregrinação, havia muitas trévas. O soldado vem de muito longe; tem visto muito, mas entre o barafustar de aríetes em golphãos de pó, e através dos nevoeiros da polvora; tem ouvido muita cousa, mas tudo confundido no troar de artilherias e arcabuzes. Carece de luz mais suave e creadora em que lhe reponsem os olhos deslumbrados pelos clarões que vomita o bronze; precisa de calor mais brando e restaurador, que lhe refocille os membros exhaustos pelas fadigas das marchas, abrazados nas lides e fraguas da guerra.

A historia, essa arca onde se vão guardando alfaias d'avós, e aonde filhos e netos revolvem á vontade, lá reserva os exercitos com todos os seus attributos de violencia e força. E (longe, e bem longe!) ainda ha de vir um dia em que eruditos e antiquarios, ao procurarem n'essa espaçosa arca de desavenças passadas documentos de antigas anomalias, hão de admirar o soldado como objecto de curiosidade. Hão de perguntar entre si, para que serviam exercitos, como nós hoje perguntamos para que se levantaram pyramides, ou levamos á conta de fabula as lendas da cavallaria andante.

Espiritos altamente humanitarios tem concebido a formosa utopia da abolição dos exercitos em nossos dias. Cremos tão firmemente em que o congresso da paz tem de ser um dia todo o genero humano, como em que por largo tempo continuarão a morrer sem triumpho quantos esforços fizer n'esse sentido. Não muda assim uma organisação inveterada, posto que antiphilosophica. Hoje, é utopia innocente, e com que todos sympathisam: mas utopia que não bastam para realisal-a os sinceros desejos dos que lhe dão cultos. Resume em si a maior de todas as revoluções sociaes, a revolução da paz; e essa não amadurece sem longa transição, e sem incalculavel concurso de elementos civilisadores que, directa ou indirectamente, a fomentem.

Mas o que não é utopia, e se já alguma vez o foi, hoje é recebido como idéa corrente em toda a parte, é a maxima illustração dos exercitos. Florecem as escolas polytechnicas, multiplicam-se as escolas especiaes, mantem-se collegios militares por essa Europa, temol-as, e possuimos estabelecimentos d'estes em Portugal; porém o que desejariamos cá, como lá o são, e melhores ainda, é as humildes, mas importantissimas escolas regimentaes.

As escolas superiores, os institutos militares não são para o soldado plebeu, para o soldado-povo. Perdoe-se-nos a novidade do termo, mas ninguem póde conceder que soldado e povo não seja uma e a mesma coosa. A differença não constitue genero diverso. Soldado e povo, são duas entidades, que a infancia e adolescencia reuniram, e que a velhice e a idade madura hão de igualar. Um, adquire e augmenta a propriedade; outro, guarda-a e mantem-lhe o respeito dos estrangeiros. E só quando o universo formar uma unica familia, só quando não houver, por assim dizer, estrangeiros, quando as relações entre todos os povos forem de conterraneos e irmãos, se esse doirado sonho se verificar, é que o soldado tem de ser uma reminiscencia e nada mais.

Porém o soldado d'estas eras, é o homem dos campos, a quem deu um porte mais distincto o tirocinio da recruta; é o operario, que deixou a ferramenta para pegar n'uma arma, porque a patria lh'o exigiu; é o filho do pescador, que largou rêdes e barco para guarnecer fortalezas; é o servo, que foi servir a nação; é o moço sem arrimo, a quem a farda offereceu um pão honrado; é o adolescente, que encetára uma vida criminosa, obrigado pela miseria, e a quem a nação educou, perdoando-lhe o primeiro delicto ao pedir-lhe um juramento solemne, que para logo o constituiu cidadão portuguez.

E, attente-se bem n'isto, a estes, e a todos, espera-os nas armas uma vida com muitos ocios; um desterro sim, porém na mesma terra da patria. São alguns annos de quasi absolutas ferias de suas antigas profissões; é um marco a dividir-lhes a carreira começada, mas que d'ella os não separa, e para que se lhes permitte voltar, se era honesta. Foi creado entre as lidas da industria, o soldado para ellas tornará mais experiente pelos annos, e pelo trato com os outros homens com quem conviveu em communidade; terá aprendido a obedecer, e por conseguinte mais apto será para se fazer respeitar; deram-lhe valor que não conhecia, e a todo o tempo o fará valer, se o bem da sua terra reclamar que troque o arado ou o martelo pela espada ou pela bayoneta. Levará habitos d'ordem, que lá lhe hão de aproveitar quando tornar a entrar na officina, ou quando fôr chefe de familia. Entrou para o serviço com quantas verduras lhe soprava a idade dos desconcertos, irá homem feito abraçar os velhos da sua aldêa, beijar as mãos que o embalaram, reconhecer os campos onde primeiro viu nascer o sol; irá renovar na igreja do seu casal as praticas religiosas que a vida militar lhe não deixou esquecer; e contrahir, talvez, junto ao mesmo altar onde lhe puzeram o nome e o fizeram

christão, novos laços mais indissoluveis, novo juramento, para servir a patria como bom cidadão, como bom esposo, como bom pae.

E a que vem tudo isso a proposito das nossas escolas regimentaes? — Muito.

Como tereis o soldado educado? Pela violencia? pelo constrangimento? pelos exemplos de respeito hierarchico? pelo inexoravel das ordens? pela absoluta necessidade de se ellas cumprirem? Tudo isso produz a subordinação. D'isto, e d'outros elementos de ordem, de decisão, de disciplina, resulta o desenvolvimento physico e moral d'onde dimanam tantas virtudes militares; com tudo a educação do espirito, que é a instrucção, e a do sentimento, que é a subordinação e disciplina moral do coração, não se adquire na milicia, só com o ambiente que ali respira a alma.

E nas escolas regimentaes que se póde beber; é ali que se completa o que o quartel jámais poderia dar.

Teriamos nós conduzido o discurso até aqui para pedir a creação de escolas regimentaes, como quem recommendasse uma novidade que se devia introduzir? Não foi esse o nosso intento. Escolas regimentaes havemol-as nos corpos do exercito.

Quizeramos demonstrar, se porventura carece de demonstração, que tem tanto alcance as simplices escolas primarias dos regimentos, como as que para paizanos sustenta o estado por todo o reino.

Ainda para estas, como para todas, é inteiramente applicavel a sentença immortal de lord Brougham: «*D'ora em diante, é o mestre-escola, e jámais o canhão, que ha de ser o arbitro dos destinos do mundo.*»

O professor é a escola, é o germen das mil applicações uteis que os seus alumnos ali forem ganhar para si, para o estado, para a familia, para a moralidade publica, para a civilisação. O professor é para a escola, o que a alma é para o corpo; o professor é o methodo; é a boa execução do systema d'ensino adoptado; é a continuação das praticas de subordinação e disciplina, que ainda ali se devem manter, mas despidas de rigores; o professor é o bom conselho; é o respeito mantido não só pelo posto, porém, mais e muito mais, pelo amor, pela gratidão; é o merecimento a premiar merecimentos e aptidões, propondo e apresentando como dignos de promoção e recompensa os discipulos mais applicados.

A escolha do mestre é portanto muito attendivel.

E por certo dos quadros mais bellos o que apresenta uma escola regimental bem dirigida. A docilidade, tão propria da innocencia e da infancia, vê-se ali combinada com a austeridade do viver marcial, com a robustez e vigor dos movimentos. Os sorrisos da meninice a assomarem em labios e rostos crestados de trabalhos. E o complemento da educação militar.

Quizeramos, e comnosco todas as pessoas sensatas que tiverem reflectido, ao menos uma vez na sua vida, na importancia que tem estas escolas, que os methodos mais expeditos, sejam ali os preferidos. (1) para que o aprender não aborreça a homens, o que acontece com methodos pesados e ronceiros; para que essas horas que o soldado destine ao estudo, dêem para as muitas applicações uteis do lêr; porque bem claro está que saber lêr só por si é meio e não fim.

Quizeramos que as escolas regimentaes não fossem facultativas, mas obrigatorias; salvo aos que tivessem mais de 30 annos, para quem seriam facultativas então.

Quizeramos que, além das primarias elementares em cada corpo, houvesse tambem as primarias superiores, para officiaes inferiores, e para todos os alumnos que não carecessem de frequentar as primarias.

Quizeramos que umas e outras fossem reguladas convenientemente, pois que mal avisado é deixar ao arbitrio dos mestres o regular cada um a sua escola. A uniformidade do ensino produz a das idéas; esta, a unidade nacional, de que é congenita a opinião publica; e se isto é uma verdade em instrucção, não são as escolas militares de diversa natureza para que não deva ter para com ellas a geral interpretação.

Ninguem nos levará a mal ousarmos dizer tão francamente o que sentimos ácerca d'este ramo de ensino publico.

Repetimos: instrua-se o soldado-povo, e uma grande massa popular, e em breve a maioria da nação, possuirá aquelles conhecimentos elementares que não é licito ignorar.

O exercito é, e ha de ser sempre, em quanto houver exercitos, como um lago entre dous rios, alimentando-se d'um, e engrossando e alimentando tambem o outro.

D'entre cem homens, escolhei-me vinte que não tenham ainda militado?

Prosiga-se, insista-se n'esta idéa; e o soldado não deve ser mais o obscurissimo *pasto de canhões* (de la chère à canon) porém a gloriosa machina de civilisar, o apostolo do progresso.

Nota final.

Esta preferencia já hoje não faria hesitar pessoa alguma. Decididamente a superioridade do methodo de leitura do sr. A. F. de Castilho está comprovada até á evidencia. Já não era recommendação para desattender-se um nome como o do seu auctor; porém elle exigiu de si mesmo, e da invenção que offerecia ao seu paiz as ultimas provas; porque se tratava d'um objecto muito serio e muitissimo positivo. Contraprovou-a em escolas de todas as idades, e de ambos os sexos, e finalmente em escolas militares.

Quem ignora hoje em Lisboa, e em todo o reino o que são os *Asylos de Infancia desvalida* desde que a leitura repentina ali foi introduzida e praticada?

Quem não sabe o que é a escola regimental de lanceiros da rainha, donde copiámos o nosso professor soldado do benemerito alferes Dias da Silva, e os nossos alumnos militares, dos d'aquelle corpo? Na guarda municipal de Lisboa lá está outro modêlo, e outro modêlo de commandantes, bem como o sr. coronel Maldonado de lanceiros, o sr. barão de Francos, que emprega todo o genero de seducções para obrigar por nobre emulação, o que ainda não é obrigatorio. O regimento 16 a estas horas está começando trabalhos que lhe não hão de ser menos honrosos que os de uma campanha.

É a guerra contra a ignorancia d'aquellas ultimas camadas sociaes d'onde se tirou o soldado-povo.

Na praça de Valença o sr. governador Frederico Leão Cabreira, e na d'Elvas o sr. brigadeiro Baldy perfilharam o *Methodo-Castilho*. Em Coimbra, ajuntam-se as praças de infanteria 9 com os pobres e desvalidos, para quem homens philanthropos abriram uma escola gratuita.

O exercito é sem duvida a maior garantia d'um systema d'ensino que se funda no rithmo, e na certeza dos movimentos, sem farer authomatos como o do *Ensino mutuo*. Em compensação, é este metho-

---

(1) Veja-se a nota no fim d'este artigo.

do ameno que falla á imaginação, e que liberta o espirito, solida garantia tambem da illustração do exercito, tornando appetitoso o que d'antes era monotono, e dando horas de util recreio para mestres e discipulos. Nos quarteis d'ora ávante, o clarim ou a trombeta que annunciar a escola é o signal da reunião cubiçada, do verdadeiro folgar, e para melhor dizer, da libertação do espirito, e das centenas de espiritos que ali se vão fortificar e robustecer n'aquella gymnastica do entendimento.

Consta-nos que o nobre marechal duque de Saldanha (que ha dias, bem como todo o ministerio, honrou com a sua presença as provas publicas que o sr. Castilho deu do seu methodo) tenciona mandar que na escola de lanceiros se forme uma especie de escola normal militar para todo o exercito.

Quem não vê n'isto um grande passo para a nossa civilisação?

LUIZ FILIPPE LEITE,

Director da Escola Normal Primaria de Lisboa.

PASTOR PERUVIANO.

(Veja-se o primeiro artigo d'este N.º, no fim.)

APONTAMENTOS DE VIAGEM

UMA HISTORIA DO BUSSACO.

CHEGÁMOS á *fonte fria*. Era o sitio aprasado para o meu poeta me contar a historia que tanto excitara a minha curiosidade.

De um reconcavo em rocha viva rebenta a veia nevada e chrystalina d'agua, que vae derivando por um encanamento de pouca extensão, e caíndo depois mais rapida pelo declive da montanha até o fundo do valle.

Repousar á sombra d'aquelle arvoredo gigante e espesso, depois de se terem caminhado quatro leguas a cavallo pelo sol ardente de um dia de maio, é das cousas mais agradaveis que na vida se pódem experimentar.

Um agiota, ou um homem politico, que são os entes mais semsaborões e mais positivos d'este mundo, se se encontrassem n'aquelle logar, estou certo que haviam de sentir um raio fugitivo de poesia illuminar-lhes as almas devastadas e enegrecidas pelos calculos repugnantes da usura, pelas abjecções e vilanias que por ahi se alcunham de luctas politicas.

Dos politicos, dos agiotas e de todo esse bando de fastidiosos animaes, que estamos condemnados a supportar e a vêr todos os dias, nos não lembravamos nós n'aquelle momento.

—«A historia, a historia do frade» — exclamei eu assim que chegámos ao logar aprasado.

—«Espera, deixa-me descançar um instante, e accender este cigarro... Olá, camarada, tem lume?» disse elle para um veterano que nos servia de *cicerone*. — «Prompto, meu patrão, ahi vae já.» — Quando nos veiu dar a isca accesa, o santo velho levou a mão ao boné perfilando-se respeitosamente. O meu amigo respondeu-lhe por um gesto que mostrava certo conhecimento das etiquetas militares. Eram reminiscencias do tempo da *Maria da Fonte*, durante o qual elle exercêra honrosamente o posto de major de voluntarios.

—«Isto são pouco mais de dez horas... até as quatro, temos tempo: conta-se a historia e fuma-se» — disse eu, arrancando com toda a ancia uma longa fumaça de um máu cigarro do *contrato*, mas que n'esse momento me estava sabendo melhor do que um legitimo *havano*.

—«E verdade, conta-se a historia,» — respondeu o meu amigo recostando-se voluptuosamente sobre o musgo que vestia as raizes carcomidas e seculares de um agigantado cedro.

I.

«Na minha aldêa, no anno de 182... havia duas familias, ambas de illustre ascendencia, e que viviam ali com o modesto rendimento de alguns predios ruraes que tinham escapado ás extravagancias de seus maiores.

Uma das familias era realista, a outra constitucional. A realista compunha-se de mãe e de um filho. O seu chefe perecêra, assassinado pelos liberaes no meio dos tumultos civis que precederam a reacção de 1823. Pae, mãe e uma filha constituiam a outra. Houvera ahi tambem um filho; mas esse morrêra enforcado por se achar cumplice n'uma conspiração liberal.

Já vês que nenhuma d'ellas podia deixar de ter no fundo do coração grandes odios ao partido contrario. Diante d'uma erguia-se a imagem do cadaver de um pae: diante da outra a do cadaver de um filho.

Ambas as familias conhecendo-se de nome, vivendo vizinhas, vendo-se a todos os instantes, vieram por fim a contrair relações. Em politica e que não fallavam nunca, nem podiam fallar. D. Affonso de Menezes era o nome do homem a quem tinham enforcado o filho por ser constitucional, Paulo o do mancebo a quem haviam assassinado o pae por ser

realista. Quando Henriqueta, mulher de D. Affonso, via Paulo ao lado de sua mãe, levando-a a passear á tarde por aquelles campos, amparando-a com o seu braço, affagando-a com as suas palavras, representava-se-lhe a querida imagem do filho, creança ainda, vindo alegre e descuidado arremessar-se-lhe nos braços, cobrindo-a de beijos, enchendo-a de caricias; e via-o depois, homem feito, subindo as escadas do patibulo, com a alva vestida, encarando orgulhosamente as turbas, e protestando em nome de Deus e das idéas contra aquelles que o sacrificavam. O extremo arranco da agonia do filho, parece que o escutava n'aquelle instante o atribulado coração da mãe. Oh! então despregava os olhos d'aquelles dous entes, porque nos desvarios da sua afflicção como que se lhe representava n'elles o partido que levára seu filho ao cadafalso.

Era, porém, momentaneo isto, e a sua alma, rica de abnegação e de bondade, reagia contra aquelles tenebrosos pensamentos. Tornava a cravar n'elles os olhos, e não raro exclamava banhada em lagrimas:

— «Tambem a *ella*, coitada, lhe assassinaram o marido; tambem a *elle* o deixaram, tão moço, sem pae.» — E assim ficava até que Luiza, a sua filha querida, lhe vinha saltar ao pescoço, e derramar, com feiticeiras caricias, balsamo consolador na larga ferida que lhe traspassava o coração.

II.

«Luiza... Oh, se eu te pudesse fazer o retrato de Luiza! Imagina uma creança de quatorze para quinze annos, alta, elegante, proporcionada, flexivel como a hastea tenra de arbusto novo. Pallida, mas não de certa pallidez que revela uma saude debil: pelo contrario, o seu rosto, da alvura particular e aveludada da camellia, animando-se com a mais leve sensação, denunciava que um sangue puro girava por aquellas veias.

Se a visses doidejar como uma creança travessa por aquellas luxuriantes varzeas da minha aldêa, innocente, risonha, fresca, cheia de vida! Se a pudesses contemplar ao bater das *Ave-Marias*, resando a poetica oração nos degraus d'aquella cruz, que se eleva a meia encosta, junto da qual estiveste já; se a pudesses contemplar, com as mãos erguidas, com os olhos azues purissimos fitos no céu *bella, bianca vestita*, como diz o Dante, cuidarias ter diante de ti realisada uma das visões encantadoras que Shakspeare nos fez conhecer pelos doces nomes de Ophelia ou de Miranda.

Paulo fôra educado na côrte; seu pae, membro de uma das mais illustres familias de Portugal, consumíra nos desvarios do grande mundo quasi toda a sua immensa fortuna.

Paulo tinha quinze annos, quando seu pae fôra assassinado; n'esse mesmo anno sua mãe viera com elle para a provincia, e ali viviam os dous desafogadamente com os bens que lhes restavam.

Quando o vi pela primeira vez era eu uma creança apenas; mas ficou-me tão vivamente impressa na imaginação a figura d'aquelle homem, que ainda hoje me parece que a estou vendo diante de mim. Os olhos eram negros e scintillantes como os de um arabe do Hedjaz ou do Yemen, a testa larga e prominente, as sobrancelhas curvas e bastas, o perfil grego, a bôca graciosa e grave: pallido, excessivamente pallido, com uma grande expressão de melancholia derramada pelo semblante. Até hoje não tornei a vêr outra physionomia tão nobre como aquella. Nas linhas regulares do seu rosto quaesquer olhos descubririam á primeira vista os dotes de vasta intelligencia, de vontade inabalavel, de nobreza de caracter em grau difficil de encontrar. Quando Paulo viu Luiza pela primeira vez, era ella uma creança ainda. Tinha onze annos. Quatro annos decorreram sem que entre ambas as familias existissem outras relações que não fossem as de simples delicadeza.

Uma noute que D. Affonso de Menezes recolhia para sua casa, foi assaltado por um bando de homens, agarrado sem que pudesse resistir-lhes, e ía a ser assassinado no momento em que Paulo, passando a cavallo, veiu como um relampago sobre elles, e conseguiu salval-o. D. Affonso, que era um nobre caracter, votára agradecimento eterno a Paulo; comtudo havia momentos em que elle quizera antes ter morrido do que dever a vida ao braço de um realista.

Desde essa noute as duas familias principiaram a viver nas mais estreitas relações. Luiza tinha quinze annos então.

III.

O coração de Paulo alimentava dous poderosos sentimentos, a amizade e o odio; a amizade a sua mãe, e o odio aos homens que tinham apunhalado seu pae, embora elle, livido, banhado de sangue, no meio dos paroxismos da morte, lhe houvesse implorado perdão para os que o tinham cobarde e cruelmente assassinado.

Mas Paulo não perdoára: o sentimento da vingança lá lhe estava no mais fundo do peito, e elle esperava, apparentemente tranquillo, a hora de o poder satisfazer, porque sabia qual era a mão que descarregára o golpe sobre o coração d'aquelle que lhe havia dado o ser.

De outros quaesquer sentimentos estava a sua alma virgem. O amor... oh! esse existia para elle em sonhos; apparecia-lhe nas fórmas de creatura bella, de olhos languidos, de sorriso angelico, de vestes brancas, que vinha sentar-se-lhe ao pé horas e horas, olhando para elle meigamente, dizendo-lhe palavras incomprehensiveis, mas arrebatadoras. O amor, como todos nós o sentimos aos quinze annos, sentia-o elle já depois dos vinte cumpridos; isto é, vago, mysterioso, phantastico, como tudo quanto sonha a nossa imaginação.

O ente que realisasse n'este mundo os seus sonhos, com que energia, com que virgindade havia de ser amado por aquelle homem!

IV.

Quando Luiza encontrava Paulo fazia-se vermelha como a romã. Elle seguia-a largo tempo com os olhos, em quanto ella corria por áquellas varzeas, pulava pelas margens d'aquelle rio, ligeira como a gazella, virente como o lyrio, candida como a pomba.

Uma tarde Luiza e sua mãe foram com a mãe de Paulo até a igreja de Nossa Senhora do Monte, que se abre para dar a festa dos trabalhadores, e que fica a meio d'aquella grande encosta, como tu sabes.

Era na primavera: não havia um talho de terra, que na minha abençoada aldêa não estivesse coberto de relva e de flores.

A madre-silva pelo vallado, a murta florida pelo mato, a rosa agreste pelas campinas, exhalavam aquelles suaves perfumes, que aspirados na brisa fresca de uma bella tarde de abril nos embriagam suavemente os sentidos, e nos trazem á imaginação as scenas magicas da nossa infancia, e os dias felizes da nossa mocidade.

Paulo chegara mais tarde á igreja, e sentado no adro esperava por ellas, contemplando o firmamento que se esmaltava para o lado do poente de nuvens caprichosas e variamente córadas pelos ultimos resplandores do sol.

Sentiu um ligeiro rumor de roupas ao pé de si: voltou-se. Era Luiza.

Ambos ficaram por momentos calados; depois ella, tremula, vermelha, perturbada, disse-lhe:

—«Porque está triste? Não gósto de o vêr assim... já nos conhecemos ha tanto tempo e...»

—«E afflige-a a minha tristeza, Luiza?»

—«Se soubesse...»

—«O que?»

—«Nada...» respondeu ella, fazendo-se escarlate como uma rosa de cem folhas.

N'este momento vinha saíndo a gente da igreja: Luiza foi a correr para dentro; Paulo deixou-se caír sobre os degraus da cruz, pallido e vacillante como se uma vertigem o tivesse deslumbrado.

(Continúa.)

R. A. de Bulhão Pato.

THOMAZ ANIELLO (MASANIELLO.)

(Revolução de Napoles em 1647.)

Era sob a pressão de tantos males, e estimulada pela dôr de constantes violencias, que a multidão tomava as armas, e levantava em fim a voz imperiosa. Agglomerando-se no mercado e fazendo conselho entre si, os populares elegeram para seu capitão a Aniello Petrone, homem de grande sequito e de animoso espirito. Este começou por soltar os bandoleiros, que estavam em ferros; mas apesar da boa vontade, que aparentava, as desconfianças sobre a sua lealdade tornaram-se vehementes, e os mesmos que o tinham elevado, depozeram-no como parcial conhecido do duque de Matalona. Foi em seu logar que entrou Thomaz Aniello de Amalfi, auctor do movimento, mancebo de vinte e dous annos e pobrissimo pescador á linha, que não possuia nem um valor infimo de que pudesse tirar dous palmos de rêde! Investiram-no depois de nomeado nas faculdades precisas para governar as armas, e deliberar a execução das cousas essenciaes ao serviço da cidade, e prometteram-lhe auxilio e obediencia.

Masaniello, sem despir os trajos vis que o cobriam, congregou o povo, e em assembléa, dictaram-se diversas ordens, assumindo elle quasi a auctoridade de capitão general. A mais importante das suas providencias foi a pena de morte decretada contra quem matasse ou roubasse, valendo-se da publica agitação. Seguiu-se dirigir aviso e convocação ás terras proximas, pedindo-lhes ajuda, favor e correspondencia. Por ultimo, considerando que a gente era muita e as armas poucas, resolveu apoderar-se das da cidade, investindo o posto de S. Lourenço, aonde se guardavam. Debalde! A nobreza tinha-o reforçado com cincoenta soldados hespanhoes, sob o commando de Biagio de Fusco, logar tenente. O combate foi breve, e assim mesmo custou a vida a um plebeu e a dous frades de S. Lourenço. O povo retirou-se, e o seu chefe passou a pôr em pratica outras medidas. Mandou pois que se buscassem as armas pelas casas dos cidadãos e mercadores d'ellas; e assim colheu muitas promptamente, sobre tudo nos armazens de João André Massollo, genovez, aonde acharam para cima de tres mil, com todos os adereços pertencentes ao fornecimento real, e que não estavam já entregues, porque o negociante recusava dal-as antes de receber o dinheiro. Apenas Masaniello se viu provido de armamento, repartiu-o por companhias que formou, nomeou os cabos, e entendeu em todas as outras disposições de guerra, que podiam concorrer para a segurança da defesa, e para estimular os brios á revolução. O applauso e a estimação que soube ganhar grangearam-lhe a maior influencia. O povo, que em mangas de pé e de cavallo discorria pelas ruas, executava as suas ordens fielmente, e vendo-o cuberto como andava com os andrajos da pobreza, reverenciava-o, como se a corôa de rei lhe cingisse a cabeça em vez do barrete vermelho dos pescadores de Amalfi!

O duque de Matalona tinha sido preso logo no dia 8 de julho pelo governo, como suspeito de fautor ou de cumplice nos tumultos da cidade. Este rigor pareceu grande erro a alguns dos conselheiros do vice-rei, e instaram para que o soltasse na certeza de ser o unico homem capaz de desarmar a rebellião, destruindo o chefe, por meio das intelligencias que trazia no mercado, e do poder que Petrone, seu cliente, conservava entre a gentalha, contando mais de tresentos bandoleiros e outra infima relé, que o seguia. O duque dos Arcos accedeu; propoz-se o pacto ao preso d'estado; e Matalona não hesitou em o acceitar. Passadas algumas horas o fidalgo italiano passeava solto pela cidade no meio do pasmo de quantos sabiam o aperto do carcere, em que jazia, e ignoravam a secreta convenção, com que obtivera a liberdade. Quasi ao mesmo tempo os populares, indo tirar a polvora de um deposito perto da praia, descuidaram-se, o fogo pegou, e houve uma explosão, em que morreram perto de sessenta pessoas, a maior parte curiosos, que estavam admirando a novidade.

Solicito em agradar ao governo, e em preencher as clausulas do pacto secreto, o duque de Matalona veiu no dia 9 ao mercado, com o pensamento de mandar assassinar a Masaniello, e achando a facção perigosa, de embaír o povo, socegando-o com falsas concessões. Para esse fim muniu-se de um privilegio apocrypho, que fingia ser de Carlos V, pedido pela cidade. Apresentou-se, e fallou no sentido de aplacar as discordias com elle. Mas os credulos foram poucos. O maior numero receioso de ciladas, advertido pela experiencia, e justamente desconfiado da brevidade da soltura do duque, repelliu o diploma, tratando-o de mentira, e guardando á vista por todo o dia o emissario, que já principiava a arrepender-se do encargo que tomára; só pelo declinar da tarde é que o deixaram livre, intimando-o para que saísse e não voltasse com similhantes mensagens, se queria evitar maior desgosto. A essa hora mesmo entrava na praça Carraffa, prior da Rocella, e alguns fidalgos a cavallo, trazendo um trombeta do vice-rei, e offerecendo tambem outro privilegio, declarando ser o verdadeiro privilegio de Carlos V. Chegando ao sitio aonde Thomaz Aniello estava com os principaes do povo, a cavalgada teve de se deter; e o papel examinado e convencido de falso serviu de corpo de delicto contra a má fé do governo e dos agentes, que enviava. A simplicidade do pescador de Amalfi ainda uma vez humilhou a astucia dos conselheiros aulicos, dando-lhes lições severas.

Adiantando-se com aspecto carregado e gesto nobre, Masaniello exclamou: «Não, vós não sois emissarios do vice-rei; sois apenas falsarios e embaidores pagos para traír. Não é possivel que o governo commettesse a infamia de vos mandar mentir e enganar em seu nome! Não vos conheço!» Dito isto,

voltou-lhes as costas, e ordenou que o trombeta fosse apeado, assim como os fidalgos, que não se escaparam pouco maltratados. O prior deveu ao seu caracter conciliador, e a sua conhecida probidade na questão da *gabella*, a segurança com que o deixaram retirar. Desfeito o primeiro trama, mas descuberto por elle o plano do governo, o chefe dos populares redobrou de vigilancia, e preparou-se para sustentar a lucta com vigor.

Algumas das freguezias do termo eram vagarosas em se mover, dominadas pelo temor dos hespanhoes, ou dirigidas pelos avisos da nobreza. Thomaz Aniello intimou-as para que se armassem immediatamente e acudissem ao mercado, assegurando que a sua deserção seria punida com o incendio das casas e das lojas de venda. Como o bairro de Chiaya, apesar d'esta ordem, por ser distante parecia disposto a não cumprir, enviou-lhe um recado em termos grosseiros e cheios de ameaças. Dentro de duas horas tinham obedecido todos, e perto de tres mil marinheiros e pescadores vinham engrossar as forças da rebellião. Seguiu-se a proscripção dos argentarios cumplices nas extorsões dos impostos. A gentalha sedenta de vingança exigia-a em altos brados, e o seu cabeça, rude e devorado de iguaes paixões, nem queria nem podia conter o impeto á torrente. Formou por tanto uma lista de cento e vinte casas condemnadas a servirem de exemplo, por se terem enrequecido com o sangue dos pobres; e dadas as instrucções, e distribuidas as companhias, na seguinte noute soltou a cadêa ao tigre popular, e deixou-o cevar-se! As chammas, levantando-se ao mesmo tempo de differentes partes, os clamores, o ruido das armas e do estrago, offereciam um espectaculo tremendo. As fazendas e os moveis, que se encontraram, foram queimados ou atirados pelas janellas fóra; entretanto parece que nenhum roubo manchou de mais sombras as atrocidades d'esta scena lastimosa. O vento soprava fresco, e sacudia pelo ar as faíscas; os tectos desabavam com fragor; o clarão sanguineo dos incendios avermelhava as ruas e o céu, reflectindo-se longe. Era tudo horror, estrepito e luto. Muitos julgaram que tinha chegado o ultimo dia de Napoles!

Os religiosos saíram em procissão, de cruz alçada, pedindo em penitencia a Deus que mitigasse a sua cholera, socegando as commoções. Os homens abastados, tremulos e pallidos, ajuntavam á pressa os objectos preciosos, procurando fugir de uma cidade sobre a qual o braço armado do povo fazia pesar indistinctamente o castigo e a vingança, a ruina e a assolação. Mesmo os mais innocentes nos contratos e nos rigores fiscaes suppunham-se expostos, e calculavam com anciedade o momento, em que lhes tocaria o seu quinhão na desgraça commum. Nas casas dos principaes genovezes, que ainda não eram pasto das chammas, não se ouviam senão lamentos e gemidos. Implicados nas arrematações dos tributos, e assignalados como banqueiros do governo a preço de grossa usura, os monetarios amaldiçoavam já tarde os lucros exorbitantes, e dariam de bom grado a metade da sua fortuna por salvar a outra e as pessoas do risco eminente. E com razão. Quebrado o freio das leis, e solta a pedra da funda, quem poderia dizer o sitio onde ella iria bater?

O povo agora era o senhor; mas um senhor cruel e implacavel, ulcerado e offendido, que se compensava do passado soffrimento com as iras da victoria. Nem o palacio de Cornelio Spinola, cavalheiro qualificado, e valido dos vice-reis, homem honrado e estranho aos abusos dos impostos, foi isento da barbara devastação. Apenas teve tempo para salvar as alfaias mais ricas dentro do castello, acolhendo-se ás suas torres. A multidão logo depois, rufando tambores e levantando gritas, arremetteu disposta a praticar o que fizera ás outras habitações. Uma ordem de Masaniello chegou porém ainda a tempo de impedir que lhe puzessem fogo, mandando-a respeitar. O mesmo succedeu com a de Navarreta, a quem o povo, por um dos seus caprichos usuaes, passando do odio ao enthusiasmo, acclamou por thesoureiro, com maior assombro d'elle, que dos proprios vozeadores. O nuncio da cidade e o visitador, diante das terriveis represalias da revolta, soltaram os presos, e mandaram reunir as milicias; encerrando-se com o mais precioso que tinham dentro dos muros da cidadella.

A obra da assolação consummou-se sem obstaculo; e ao outro dia as paredes requeimadas e os montões de ruinas no logar aonde eram as opulentas moradas dos potentados, como padrões de horror, contavam a historia da tyrannia passada, memorando a catastrophe da tyrannia recente. A medida dos crimes e da demencia começava a encher-se contra o povo, como trasbordára pelas extorsões e violencias da nobreza.

L. A. Rebello da Silva.

Aperfeiçoamento nos materiaes que se empregam para conservar os navios. — Este processo consiste em fabricar e preparar composições ou tintas para preservar e proteger o forro dos navios: e para se conseguir este resultado, póde empregar-se qualquer dos seguintes meios:

Primeiro processo. — Tomem-se 8 a 10 partes de fel de vacca; accrescentem-se-lhe 30 libras de carbonato de ferro ou de plombagina; misturem-se estas duas substancias até se converterem em pó; e ajuntem-se-lhe 4 gallões de agua do mar.

Segundo processo. — Tomem-se 30 libras de carbonato de ferro ou de plombagina em pó, e cêrca de 3 libras do arsenico branco; juntem-se-lhe 2 gallões e meio de alcatrão, de naphta, ou essencia de terebenthina, e 12 ou 14 libras de pez de Suecia, dissolvidas n'uma quantidade igual de espirito de vinho; misturem-se depois até tomarem a consistencia da tinta.

Terceiro processo. — Para conservar o ferro ou o zinco emprega-se um preparado de gutta-percha, que se dissolve no alcatrão, ou naphta, de modo que se lhe dê a consistencia necessaria para poder applicar-se com um pincel.

Quarto processo. — Tomem-se 10 libras de carbonato de ferro ou de plombagina pulverisadas, e 1 libra de arsenico branco; misturem-se estas duas substancias, e ajunte-se-lhe, aquecendo-o, o cebo necessario para as ligar intimamente: depois póde-se applicar o mixto obtido sobre aquelles objectos que se quizerem conservar.

(Repertory of patent inventions.)

Maneira de tirar ás vasilhas o cheiro de bolor. — Diluem-se duas partes de acido sulfurico em dez ditas de agua doce: lavam-se as vasilhas com esta mistura; e passadas duas ou tres horas repete-se a lavagem com diversas aguas, até sairem perfeitamente limpas e claras.

Consegue-se o mesmo resultado, queimando dentro das vasilhas uma mistura, em partes iguaes, de nitrato de potassa (salitre) e enxofre.

Usando d'este segundo meio, deixa-se tambem decorrer o espaço de duas ou tres horas, e procede-se por fim ás lavagens com agua doce.

BARCOS DE SALVAÇÃO.

O desastroso naufragio do vapor portuguez *Porto* será lembrado sempre como uma das maiores catastrophes acontecidas na temerosa barra do Douro, voragem terrivel, que tem engulido muitos centos de victimas!

Não bastava, porém, a grandeza do desastre, accresceu ainda a falta quasi absoluta de soccorros efficazes, e a consciencia de que tantos infelizes pereceram victimas da reprehensivel, e não só reprehensivel, criminosa incuria e desleixo dos governos, para tornar mais profunda a dôr sincera que pungiu o coração de quantos tiveram noticia d'aquelle luctuoso acontecimento com todos os seus horrorosos pormenores.

Se o estado da barra do Porto é ou não susceptivel de se melhorar, não o podemos nós dizer; nem o logar é proprio para tratar uma materia tão importante, nem pela variedade de opiniões dos homens mais competentes na materia sujeita, é possivel, á falta dos dados e habilitações indispensaveis, formar juizo seguro. É certo, porém, que o problema não parece irresoluvel, com quanto para sua resolução se encontrem difficuldades do maior vulto.

Luiz Gomes de Carvalho escreveu uma extensa memoria, impressa no volume 9.º das da Academia, sobre o estado d'aquella barra, e trabalhos necessarios, que na opinião do habil engenheiro podiam melhoral-a; esses trabalhos começaram de feito, mas a barra peiorou. Enganar-se-ia o nosso engenheiro nas suas previsões, ou dependeria o melhoramento definitivo da barra da inteira conclusão das obras projectadas? É o que não póde averiguar-se.

Outros meios tem lembrado, sem se obter resultado algum; contratou-se o quebramento dos rochedos que obstruem a barra; mas esta obra nem chegou a começar-se, fizeram-se outros estudos, e a barra cada vez a peior! Finalmente o naufragio do vapor *Porto*, sobre muitos outros desastres, e o nenhum proveito d'esses poucos meios empregados, fez lembrar a construcção de um porto artificial, no logar que se julgasse mais proprio, ligando-o á cidade por meio de carris-ferreos; esta obra dispendiosissima foi mandada estudar em concorrencia com as da barra, por uma commissão nomeada por portaria de 3 d'abril de 1852.

Em nome da humanidade permitta-se-nos que le-

vantemos a nossa debil voz para reclamar de quem competir, o cumprimento de promessas feitas tantas vezes e tantas vezes esquecidas. Melhore-se a barra se é possivel, ou construa-se o porto artificial; mas empreguem-se todos os meios e diligencia; sigam-se os trabalhos com actividade e perseverança; se os engenheiros nacionaes, pela falta quasi absoluta de pratica de trabalhos hydraulicos de certa magnitude, não satisfazem, convidem-se engenheiros estrangeiros convenientemente habilitados; empenhem-se todos em estudar este difficil problema, de cuja resolução depende o futuro de um povo laborioso, e de uma cidade grande pelo seu commercio, pela sua industria e pelo caracter generoso e leal dos seus habitantes. A barra como se acha, é um crime de lesa-humanidade, e uma vergonha para esta nação.

Se, porém, não é possivel desde já prover de remedio ao estado da barra, se quaesquer trabalhos que se emprehendam, ainda que executados com a desejada rapidez, tem de consummir muito tempo; cremos ser facil ter ao menos os meios para que dada a eventualidade de um sinistro, aliás infelizmente frequentissima na nossa extensa costa, se possa acudir aos tristes naufragos conservando-lhes sequer a esperança de salvação.

Estes meios devem destribuir-se pelos pontos mais perigosos da costa, e não só limitar-se á fóz do Douro.

A efficacia dos *barcos de salvação* está provada, e o seu emprego é facilimo. A nossa primeira estampa representa um grande navio de véla soccorrido por um dos excellentes barcos de salvação de Joseph Francis *(life-surf-boats)* que, apesar da braveza das ondas vae estabelecer a communicação do vaso perdido com a terra — n'outra parte damos os desenhos de outros barcos, de uma construcção e applicação differentes *(life-cars)*; mas mui prestadios no transporte dos naufragos depois de estabelecido um *vae-vem*.

O digno ministro de Portugal em Nova-York, o sr. Joaquim Cesar de Figanière Mourão, de cuja curiosidade e litteratura existe honroso testemunho em um artigo publicado a paginas 78 do 4.º volume d'esta collecção, assim que teve noticia do naufragio do vapor *Porto*, officiou ao governo em datas de 28 de abril e 11 de maio, recommendando no primeiro officio o processo do professor Maillefort, por meio do qual esse engenheiro francez conseguíra quebrar e remover os cachopos que obstruiam a navegação do porto de Nova-York; e no segundo, dando noticia dos barcos de salvação, construidos por Joseph Francis, e que declara estarem em uso nos varios pontos da costa dos Estados-Unidos. Em 26 de maio escrevia o mesmo diplomata o seguinte: «A casa de Osborn & Spencer de Nova-York (Osborn & Irmão do Porto) tendo-me consultado, comprou e carregou a bordo da barca *Guilford*, de que são proprietarios, um dos *life-surf-boats* e *life-cars* de Francis, com o louvavel fim de os offerecer á Sociedade Humanitaria do Porto, pelo custo primitivo, e livre do frete.»

Não nos consta que o governo tenha attendido convenientemente ás representações do nosso distincto representante nos Estados-Unidos, e mais são já passados alguns mezes desde que succedeu aquelle horroroso sinistro! Porem a Sociedade Real Humanitaria do Porto, associação respeitavel, que tem prestado, apesar da sua recente fundação, importantes serviços, essa recebeu os dous barcos referidos, e duas vezes fez experimentar o *life-boat*, com o mais extraordinario successo, em presença de um numerosissimo concurso. Toda a imprensa periodica, applaudindo os esforços da associação, registou o resultado das mencionadas experiencias, que não podia ser mais favoravel. O *barco de salvação* que possue a Sociedade Real Humanitaria do Porto, construido em Nova-York pelo systema do sr. Joseph Francis, denomina-se *Valente*; é todo de ferro galvanisado. Á prôa e á pôpa tem duas camaras de ar, tão fortemente construidas que resistem aos golpes mais violentos. Não tem leme, bastando um remo para o governar com a maior facilidade. Demanda mui pouca agua; e não ha mar que o afunde, sobrenadando sempre com a maior galhardia: é guarnecido em toda a borda de um forte chumaço de cortiça, e assim, ainda que vá de encontro a um penedo, difficilmente soffrerá algum pequeno damno. Póde-se-lhe lançar um grande pezo, e de grande altura, ao meio do porão, sem que o barco padeça. A todas estas qualidades preciosas que o tornam de uma vantagem immensa na salvação dos naufragos, reune ser de um preço relativamente modico, e não carecer de reparos de consideração, estando sempre prompto para o serviço que se requerer.

A casa de Osborn & Irmão do Porto tem annunciado, que se encarrega de quaesquer encommendas de similhantes barcos, cuja utilidade é incontestavel. Porque não ha de o nosso governo, applicar alguns meios á acquisição de barcos de salvação deste systema, destribuindo-os pelos pontos perigosos da costa? Porque não hão de as nossas companhias de seguros influir para que se adoptem estas e outras providencias igualmente necessarias? Porque não havemos de imitar o exemplo dos americanos do norte, cujo governo obriga todos os navios de guerra e mercantes a proverem-se de barcos de salvação? Porque se não presta um apoio energico ás diligencias e generosos esforços da Sociedade Real Humanitaria? Entregamos á consideração das auctoridades competentes estas ligeiras considerações, confiando que não serão desattendidas.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

A partida do infante D. Manoel.

Começamos a publicação das curiosas cartas, escriptas no anno de 1715, reinando el-rei D. João V, ácerca da saída do infante D. Manoel seu irmão. Este incidente, pouco conhecido acha-se descripto com extensão na primeira correspondencia do secretario de estado Diogo de Mendonça que hoje transcrevemos. Acrescentaremos algumas noticias que o pódem esclarecer, explicando os verdadeiros motivos que influiram no animo do infante para dar este passo temerario contra as ordens do soberano.

Em officio do embaixador de França em Portugal ao ministro dos negocios estrangeiros M. de Torcy refere-se o projecto, que tinha formado o infante D. Manoel de ir viajar pela Europa por tempo de dous annos. Estava-se em setembro de 1715, e parece que a idéa de seu irmão não era desagradavel a D. João V, por isso que não se observa da parte d'elle o menor indicio de resistencia. Pelo contrario designou-se o sequito do principe que devia constar de trinta e seis pessoas, sendo doze das primeiras familias do reino; determinando o infante principiar pela Andaluzia e mais provincias de Hespanha até ao Russilhão; entrar no Languedoc; e seguir d'ali para Italia e Allemanha, voltando depois por França, com o cuidado porém de não se apresentar nas capitaes, aonde residisse a côrte dos soberanos, para evitar o ceremonial.

Foi no meio d'estes planos, que de repente se de-

clarou a intenção de el-rei, que, a pretexto de uma promessa pia, resolveu fazer a romaria de Nossa Senhora do Loreto viajando por terra. O conde da Ericeira, encarregado pelo monarcha de dar aviso d'esta resolução aos diplomatas das differentes nações, não encubriu a nenhum d'elles o pesar que lhe causava. O sr. D. João V tinha fixado para 4 de outubro o dia da partida, querendo achar-se pelo Natal no Loreto, dicedido a percorrer depois a Italia, a Allemanha, a Hollanda, a Inglaterra e a França, por espaço de um anno, levando na sua companhia seus irmãos, o secretario de estado, os condes de Assumar, de Unhão, da Ericeira, e o marquez de Marialva. A regencia ficava entregue á rainha, augmentando-se o numero dos ministros ordinarios com a nomeação dos marquezes de Alegrete e de Fronteira, e com a do conde de Castello Melhor, que depois de largos annos de desterro e desagrado tornava a ser bem visto.

Não é para aqui individuar os enredos postos em pratica pela politica dos diversos gabinetes da Europa, uns procurando estorvar, outros desejando animar a projectada viagem; nem nos cumpre alargar esta rapida informação relatando os aprestos do estado com que o ostentoso monarcha se propunha realisar incognito a sua peregrinação. Talvez consagremos um artigo especial a este facto. Por agora basta insistir nos pontos, que têem intima relação com a fugida do infante.

A rainha amava seu esposo e era estremosa. Apenas lhe constou o plano da romaria, e a ausencia de um anno, a que no fundo tudo o mais servia de disfarce, declarou-se contra, e não omittiu meio algum para despersuadir el-rei da jornada, já com instancias proprias, já com avisos indirectos dos embaixadores de França e Inglaterra, já pelo voto dos mais auctorisados conselheiros. Mas os seus esforços não produziram outro effeito mais do que confirmar o monarcha na sua idéa. Achando diante da sua vontade maior resistencia, do que imaginava, pela sua indole tenaz, e orgulhosos espiritos, D. João V cegou-se sobre os inconvenientes, e a nada attendeu. Expunha-se a tudo, com tanto que provasse, que as suas decisões uma vez tomadas não se alteravam, nem cediam aos obstaculos.

N'este apuro occorreu á rainha, que o modo unico de embaraçar os desejos de seu marido, cuja partida fôra transferida para março de 1716, consistia em lhe pôr diante dos olhos o exemplo de um principe, que por dever da corôa elle houvesse de estranhar. Para isso dirigiu-se ao infante D. Manoel, moço ambicioso e inquieto, ardendo em desejos de se mostrar e de ganhar fama, cubiçando vêr o mundo, desvinculado da tutella da côrte de seu irmão. O infante achava-se descontente por se lhe frustrar a sua viagem em virtude da romaria real; e ouviu com a maior facilidade as sugestões da rainha prestando-se a auxilial-a. Tratou-se o negocio com o mais fechado segredo, e uma manhã a côrte accordou sabendo que o principe desapparecêra sem licença, e que se ignorava ainda a sua direcção. Como sua esposa previa, D. João V foi obrigado a desapprovar publicamente o procedimento do infante, suspendendo a jornada.

O infante passou-se depois á Allemanha, e tomou serviço nos exercitos imperiaes. Foi um dos capitães, que assistiram á famosa batalha de Belgrado, ganha em 16 de agosto de 1717 pelo principe Eugenio contra os Turcos.

Eis a primeira correspondencia expedida apenas se soube da sua fugida.

Hontem 4 do corrente pelas duas horas depois do meio dia se deu conta a Sua Magestade de que o sr. infante D. Manoel não estava no seu quarto, e que havia saído muito de madrugada com o sr. Manoel Telles da Silva, filho de v. s.ª (o conde de Tarouca) e um reposteiro levando alguns baús do seu fato. Logo deu cuidado a Sua Magestade a sua falta, por que não costumava saír o sr. infante do paço sem sua licença; e depois se soube que fôra em uma sege com o filho de v. s.ª e o reposteiro á Cartucha (de Laveiras?) e ali se embarcára em um patacho inglez chamado *Tony*, capitão Marsham, que ía para Amsterdam. Como se teve tão tarde esta noticia, quando os avisos foram ás Torres já o navio ía fóra dos cabos segundo referiram alguns pescadores. E porque as fragatas da corôa, que estavam apparelhadas, andam fóra esperando a frota, e no rio se achava uma de guerra ingleza, que veiu buscar D. Paulo Methwen, me ordenou Sua Magestade lhe escrevesse para que ordenasse saísse a dita fragata em seguimento do navio, o que elle executou com tão bons termos, que veiu ao paço pedir a Sua Magestade o deixasse ír na fragata. E com effeito se embarcou logo pelas 10 horas da noute com o marquez de Marialva, que se achava de semana, que foi com carta da propria mão de Sua Magestade, para o sr. infante para que voltasse para esta côrte na dita fragata; e tambem se ordenou ao capitão de uma das nossas, que anda cruzando n'estes mares, que fizesse a mesma diligencia; porque além do grande dissabor, que causou a Sua Magestade a inconsiderada resolução de Sua Alteza, lhe dá grande cuidado o receio de que o passam apresar os mouros, que têem tomado dez prezas inglezas ha pouco tempo. Porém, sendo contingente encontrar o tal navio, havendo tantas horas, que havia saído com um vento rijo, é mui provavel que o sr. infante vá aportar a Amsterdam para onde ía o mencionado patacho, e para onde levava um credito de dezesseis mil cruzados passado por Manoel de Castro Guimarães, ao qual o sr. infante persuadiu ser-lhe necessaria aquella quantia para mandar pagar uma cama, que n'essa côrte tinha mandado fazer por via do sr. Thomás da Silva Telles. N'este caso é Sua Magestade servido, que chegado que ahi seja o sr infante, v. s.ª lhe entregue a carta de Sua Magestade, e lhe aconselhe faça o que o mesmo senhor lhe ordena, e que vá para casa de v. s.ª e ali esteja incognito, como costumam praticar os principes do seu alto nascimento nas côrtes estrangeiras; e que na mesma fórma se poderá recolher a este reino ou por terra ou por mar. Espera Sua Magestade da grande prudencia de v. s.ª e do seu grande amor e zêlo, que procurará persuadir a Sua Alteza que o que só lhe convem é executar o que Sua Magestade lhe ordena. E esta diligencia fará v. s.ª repetidas vezes, ainda que ache sempre grande repugnancia no sr. infante, difficultando-lhe todos os meios para poder continuar a jornada, e dizendo-lhe que não tem ordem para assistir-lhe com dinheiro, antes sim para embaraçar o que lhe puderem emprestar, e ainda a cobrança dos dezesseis mil cruzados do credito de Manoel de Castro Guimarães, mostrando-lhe a ordem, em que elle o revoga, da qual v. s.ª se servirá para mostrar-lh'a, mas não para a pôr em execução. Alcançando v. s.ª do sr. infante a resolução de tornar para este reino por mar, pedirá v. s.ª em nome de Sua Magestade aos estados dous ou tres navios de guerra para transportarem a Sua Alteza, assistindo-lhe com o necessario para o seu apresto. E quando se resolva a vir por terra poderá vir com Sua Alteza o sr. Thomás da Silva Telles, dando-lhe v. s.ª as letras necessarias para as despezas da jornada. E quando o sr. Thomás da Silva

Telles esteja já em Allemanha, virá v. s.ª com o sr. infante até parte, em que o encontre a v. s.ª pessoa ou pessoas que Sua Magestade mandar; para cujo effeito me despachará v. s.ª postilhão antecipadamente, remettendo-me o roteiro das villas e cidades por onde destina vir, para que as pessoas que forem sigam o dito roteiro. Porém se não obstante as representações de v. s.ª o sr. infante persistir em passar a Allemanha, como se entende, sempre v. s.ª trabalhará que se detenha até que cheguem alguns criados e meios, e que possa ír, ainda que incognito, com a decencia conveniente. E para a despeza que ahi fizer Sua Alteza se poderá v. s.ª valer das licenças dos estados, ou passar letras sobre o thesoureiro da casa de Bragança. E no caso que o sr. infante não queira ahi esperar, ou passe por essa republica, sem que v. s.ª o saiba, e vá em direitura a Allemanha, remetto a v. s.ª essa carta de Sua Magestade para o sr. imperador, de que vae cópia, para que tendo v. s.ª certeza de que o sr. infante passou a Vienna mande a mesma carta ao barão Tioztti para a entregar ao sr. imperador. E será conveniente, que v. s.ª avise ao dito barão, que no caso de ali se achar o sr. infante lhe assista com as quantias de dinheiro, que lhe parecerem precisas, sacando da sua importancia letras sobre o thesoureiro da casa de Bragança; e n'este mesmo caso escreverá v. s.ª ao sr. infante remettendo-lhe a carta de Sua Magestade para que lhe conste o que o mesmo senhor lhe ordenava, aconselhando-lhe v. s.ª que volte para essa republica para d'ahi tornar ao reino em execução da ordem de Sua Magestade.

Remetto as duas cartas do proprio punho do dito senhor, de que acima faço menção, uma para o sr. infante, e a outra para o sr. imperador. — Deus guarde a v. s.ª — Lisboa, 6 de novembro de 1715.

Devo acrescentar ao sobredito, que Sua Magestade é servido que v. s.ª procure persuadir ao sr. infante, que se não executar o que o mesmo senhor lhe ordena, nem o sr. Manoel Telles, nem o reposteiro o hão de acompanhar; isto mesmo deve v. s.ª dar a entender ao sr. Manoel Telles para que elle seja quem o persuada a que volte. Porém no caso que isto não baste para Sua Alteza mudar de resolução, e persista na de seguir a jornada, não embaraçará v. s.ª o acompanharem-no os sobreditos. Tambem devo dizer a v. s.ª de ordem do mesmo senhor, que o sr. Manoel Telles póde voltar com o sr. infante na certesa de que não fará demonstração com elle por haver feito esta jornada; e espera Sua Magestade que elle instruido por v. s.ª procure persuadir ao sr. infante o que na carta do proprio punho ordena ao sr. infante, e lhe adverte diga o que v. s.ª lhe disser. — *Diogo de Mendonça Côrte Real.*

De Sua Magestade para o sr. infante. — Meu irmão. Recebi a vossa carta, e fico com grande sentimento de que não fizesseis a vossa jornada por este reino como me havieis segurado; mas os vossos poucos annos desculpam esta falta, a qual espero emendareis, considerando que nenhuma acção vossa vos estará tão bem como fazeres o que vos mandar; pois não hei de ordenar-vos cousa alguma, que vos esteja mal. Como agora vos achaes n'essa côrte procurae sómente fazer o que fôr vontade do sr. imperador, meu bom irmão e primo, a quem peço queira encaminhar as vossas acções no pouco tempo que ahi vos detiverdes. Ao conde de Tarouca ordeno vos participe a minha resolução sobre os vossos particulares. — Deus vos guarde como desejo. — Lisboa, 4 de abril de 1716. — Vosso irmão — *João.*

De Sua Magestade para o imperador. — Serenissimo senhor, meu muito caro e amado irmão e primo. Logo que o infante D. Manoel, meu muito amado e presado irmão, saíu d'esta côrte participei a Vossa Magestade a sua inconsiderada resolução, previnindo o caso de poder-se encaminhar a essa; e sendo-me agora presente que assim o executára tendo-me segurado se restituiria de Haya a esta côrte, torno a pedir a Vossa Magestade o queira persuadir a que se recolha ao reino na fórma que tenho ordenado. E como isto é o que lhe convem, estou certo de que Vossa Magestade se empenhará, em que elle assim o execute; e que o infante se não apartará das prudentissimas persuasões de Vossa Magestade, porque só seguindo-as poderei dissimular o desgosto, que me tem causado as circumstancias da sua ausencia; e não duvido que os poucos dias que se detiver n'essa côrte, Vossa Magestade dirigirá as suas acções para que sejam conformes ás obrigações com que elle nasceu, e que eu fio do que lhe merece o meu amor, e pedem os apertados vinculos do nosso parentesco. — Nosso Senhor guarde a Vossa Magestade como desejo. — Lisboa, 4 de abril de 1716. — Bom irmão e primo de Vossa Magestade — *João.*

Carta para o imperador, a que se refere a antecedente. — Serenissimo Senhor, meu muito caro e amado irmão e primo. A inconsiderada resolução do infante D. Manoel, meu muito amado e presado irmão, saíndo d'este reino sem licença minha em uma embarcação pouco segura, me deixa com o cuidado, que pede o amor que sempre lhe tive; e porque se entende que o infante ía com animo de encaminhar-se aos dominios de Vossa Magestade, me pareceu participar a Vossa Magestade aquella resolução para que, inteirado das circumstancias d'ella, procure Vossa Magestade persuadir ao infante se recolha a este reino, na certesa de que o dissabor que me causou a sua ausencia se desvaneça na consideração de que n'esta jornada lhe resultou a fortuna de vêr a Vossa Magestade; e espero que com os seus prudentes conselhos moverá Vossa Magestade o infante a que execute o que lhe convem, que é restituir-se á minha companhia. E os estreitos vinculos da nossa amisade e parentesco me facilitam escrever a Vossa Magestade com esta carinhosa sinceridade. — Nosso Senhor guarde a pessoa de Vossa Magestade como desejo. — Lisboa, 5 de novembro de 1715. — Bom irmão e primo de Vossa Magestade — *João.*

O infante resistiu a todas as diligencias, e como dissemos tomou parte na gloriosa campanha contra os turcos, em que a victoria de Belgrado immortalisou com mais um brasão o nome já famoso do principe Eugenio de Saboya. Mas o objecto, que a rainha de Portugal se propunha, excitando a ausencia do principe, ficou plenamente satisfeito. Depois da publica e solemne desapprovação dada á partida de seu irmão, o sr. D. João V viu-se obrigado a desistir dos seus projectos de viagem; o que fez com repugnancia, e custando-lhe o dissabor uma aguda e longa doença. Consolou-se, porém, com os recreios e distracções, que a tradição e a historia são conformes em indicar quando se trata do Salomão portuguez.

L. A. Rebello da Silva.

SALVA-VIDAS.

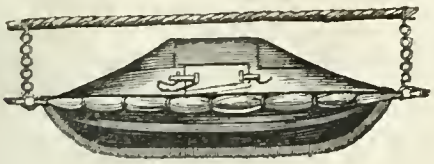


FIG. 1.

FIG. 2.

As estampas (figuras 1 e 2) representam fielmente o *salva-vidas*, a que nos referimos no primeiro artigo d'este numero, e que se destina especialmente ao transporte da tripulação e passageiros dos navios para terra.

O salva-vidas *(life-car)* assemelha-se a um pequeno barco; é construido, pelo systema de Joseph Francis, de ferro ou de cobre; superiormente tem uma especie de coberta convexa, com uma porta ou escotilha, pela qual se introduzem os infelizes que tem de ser conduzidos para terra, fechando-se depois hermeticamente e com a maior segurança. Póde acommodar de cada vez quatro a cinco pessoas. Concluida a operação, expede-se o salva-vidas por meio do vae-vem, que deve ter sido previamente estabelecido.

A construcção d'este salva-vidas obrigava os individuos, que d'elle tinham de se aproveitar, a manter-se n'uma posição difficil e incommoda.

FIG. 3.

FIG. 4.

O inventor tratou de remediar este inconveniente; e parece tel-o conseguido no seu novo salva-vidas, cujo desenho damos (figuras 3 e 4).

Apontamentos para a Biographia

Do ex.mo e rev.mo sr. bispo resignatario de Cabo Verde.

Nasceu o sr. D. Fr. Jeronymo do Barco da Soledade, no logar do Barco, do bispado da Guarda, em o anno de 1774, e recebeu de seus paes Manoel Ramos Alves e D. Maria Antunes, que não procedendo de nobre geração pertenciam á honrada classe de lavradores abastados, aquella esmerada educação christã e moral, que tanto concorreu para as heroicas acções de nossos maiores. Mostrando o sr. D. Jeronymo, desde verdes annos decidida vocação para o sacerdocio, vestiu o habito da ordem seraphica, professou no convento de Franqueira da provincia da Soledade, e concluindo os estudos com reconhecido aproveitamento e geral applauso de seus superiores, foram-lhe conferidas as ordens sacras, e mereceu exercer pela sua capacidade a honrosa missão de orador evangelico, e reger as cadeiras de theologia e philosophia.

Contando 46 annos de idade em 23 de Fevereiro de 1820, e dirigindo o leme da barca de S. Pedro o SS.mo padre Pio VII, foi elevado á suprema dignidade episcopal, que não sollicitára e que acceitou com repugnancia. Trocando, por obediencia, a paz do claustro pelas espinhosas e arduas funcções do eminente cargo, que tão dignamente soube desempenhar com verdadeiro zêlo apostolico, logo que tomou posse do bispado visitou os sitios mais remotos da sua jurisdicção, e n'estas visitas consagrou pelo matrimonio muitas uniões illicitas; e tratou tambem, como bom pastor, de promover, quanto em si coube, a felicidade do rebanho que a Providencia confiára aos seus disvellos. Não menos diligente na instrucção do clero, por ser a fonte da qual dimana a civilisação e moralidade dos povos, concebeu o luminoso pensamento de fundar um seminario; e depois de vencer todos os obstaculos com que teve de luctar, e que se oppunham á execução do seu projecto, mandou construir, á sua propria custa, na cidade da Ribeira Grande, um edificio adaptado áquelle fim.

N'esta obra de tamanha conveniencia despendeu este venerando bispo avultadas sommas, apesar da exiguidade da sua congrua, pela parcimonia com que se tratava, e sem deixar de distribuir aos desvalidos valiosos soccorros em dinheiro e vestuario. Mas não teve o prazer de vêr realisados seus mais ardentes desejos, porque soube, já em Portugal, que aquelle edificio não se completára, nem chegára a ser habitado pelos mancebos, que tendo frequentado as aulas externas, se destinavam para seguir a vida ecclesiastica, e começava a arruinar-se. Para se saber o estado em que estará actualmente o seminario, bastará vêr o que d'elle diz o sr. Chelmichi em 1837: «Este edificio de dous andares, e umas trinta janellas de frente, nunca ficou acabado, mas o bicho comeu toda a madeira, que é de pinho, e em breve caindo em pedaços augmentará o cahos das ruinas.» (1)

Este infausto successo contristou profundamente o magnanimo coração do sr. D. Jeronymo, por ficarem sem effeito os grandes sacrificios que fizera para levar ao cabo uma obra de tanta utilidade; porém superior a todos os revezes, supportou mais este golpe com sua inimitavel resignação; e estamos convencidos, que se tivesse voltado para Cabo Verde

(1) Chorographia Cabo-Verdiana. — Tom. I, pag. 67

não deixaria de concluir tão nobre empresa. Acreditamos, que quando a poderosa mão do tempo imprimir nos ultimos restos d'aquelle edificio o sêllo da sua total destruição, ainda os seus vestigios serão um padrão eterno que recorde ás gerações futuras o inclito nome do seu fundador.

Durante a sua residencia no bispado, conservou sempre a melhor harmonia com o governador militar e auctoridades civís; e mereceu, por sua moderação e sisudesa, a estima e respeito dos habitantes d'aquelle archipelago. Teve igualmente o sr. bispo a satisfação de converter á santa religião que professamos uma sr.ª protestante, que ouvindo-o prégar, vendo a unção de suas palavras tão repassadas de fé e caridade, e tanto em harmonia com o seu modo de viver, sentiu-se abalada, e teve com elle diversas conferencias em casa do sr. conselheiro Manoel Antonio Martins, onde estava hospedada, de que resultou pedir o baptismo.

Eleito deputado ás côrtes de 1827, regressou o venerando prelado ao reino; pobre, porém acompanhado das bençãos dos seus diocesanos que o presavam pelo saber, justiça e prudencia com que os dirigiu espiritualmente por espaço de sete annos. A longa distancia que o separava d'aquelles povos, não o fez nunca esquecer do paternal amor que lhes consagrava, e foi na respectiva camara um constante advogado dos seus direitos ecclesiasticos e interesses temporaes, como seu digno representante, e conhecedor das necessidades locaes d'aquella provincia. Da sua vinda para a metropole resultaram no decurso dos annos graves prejuizos á diocese; pelo desleixo do clero, soltura dos costumes, e relaxação introduzida nas ceremonias mais augustas da religião; como largamente expende o nosso amigo e insigne auctor dos *Estudos sobre Cabo Verde*, a pag. 157 do vol. IV da Revista Popular.

Em 1829 resignou o sr. D. Jeronymo o episcopado, para tratar de sua saude, já então deteriorada pelo insalubre clima africano; repousar de suas fadigas, e olvidar no retiro os dissabores inseparaveis do homem probo e honesto, que só cumpre as suas obrigações, e não se afasta jámais do caminho da honra e do dever. N'este periodo empregou-se na continua meditação das santas doutrinas e maximas consignadas no codigo do Divino Mestre; na rigorosa observancia dos austeros preceitos da regra de sua ordem, que não deixou de executar em quanto suas forças physicas o não abandonaram, e no exercicio das mais bellas virtudes, principalmente as da *humildade* e *caridade*, que possuiu em sublido gráu, as quaes sendo as firmes columnas do magestoso templo do christianismo, estão hoje formando os mais brilhantes florões da radiante corôa de immortal gloria que lhe cinge a fronte. Tambem não se negou a ser util ao estado, quando suas molestias o não impediam, e nas commissões de que foi membro prestou sempre o seu consciencioso voto e conselhos proficuos sobre os importantes negocios em que era consultado pelo governo por suas luzes e experiencia. Serviu zelosamente a religião, conferindo o sacramento da ordem a grande numero de sacerdotes, e o da confirmação a immensos fieis, no seu oratorio e varias parochias desta capital; e sagrou a maxima parte dos actuaes prelados da igreja lusitana, incluindo os de Braga e Porto, que foi sagrar ás suas competentes cathedraes.

Foi presidente da sociedade catholica, e da associação da propagação da fé, da qual era estrenuo protector, e deixou depois da sua morte evidentes provas de quanto presava esta respeitavel corporação. Nomeado deputado da junta geral da Bulla da Cruzada, por decreto de 23 de outubro de 1851, publicado no *Diario do Governo* N.º 299, requereu a exoneração d'este emprego pelo seu estado valetudinario (e ainda mais por nimio escrupulo de fruir o ordenado de um logar, que não podia já servir com sua usual diligencia), e obteve a sua demissão por decreto de 18 de dezembro do mesmo anno, estampado no *Diario* N.º 302.

Com a paciencia do perfeito christão, soffreu o seraphico bispo com inalteravel conformidade por mais de tres annos os crueis effeitos da dolorosa enfermidade de que fôra accommettido, e que progredindo e aggravando-se tornou inuteis os recursos da medicina; baldados os esforços de seu intelligente medico, e frustrados os assiduos cuidados que sempre lhe prodigalisára um digno religioso, seu leal amigo e antigo companheiro. Vendo proximo o termo da sua existencia, preparou-se com os auxilios espirituaes para a ultima jornada, e pelas sete horas da tarde do dia 30 de junho de 1852 expirou o ex.mo e rev.mo sr. D. Fr. Jeronymo da Soledade, deixando registados nas paginas do livro da sua vida — *os serviços e actos de beneficencia* — que praticára em mais de quinze lustros e dous annos. É nossa crença que sua alma, soltando-se dos tenues laços que a ligavam, subiu á região celeste para ir gosar do premio dos justos; e agora ante o refulgente throno do Altissimo é um activo patrono dos que o amavam cá na terra, e têem fé na efficacia das suas preces. Prasa a Deus attender os rogos do seu servo, e ouvir lá do céu nossa debil voz...

A seu semblante agradavel, estatura alta, porte grave e modesto juntava este venerando prelado um genio docil, urbanidade e maneiras affaveis, que lhe grangearam as sympathias das pessoas de todas as classes da sociedade; e recebeu sempre dos caracteres mais conspicuos do paiz, e dos seus numerosos amigos diversas demonstrações de apreço e consideração pelas suas raras virtudes, que mais distinctamente se manifestaram nos seus ultimos dias. Ordenou em testamento, que os paramentos de seu uso se repartissem pelas igrejas mais pobres de Cabo Verde; e humilde por convicção, determinou que seu funeral se fizesse sem apparato. A sua ultima vontade teve cumprimento, sendo o seu cadaver conduzido na tarde do 1.º de julho por seis sacerdotes pobres, para a derradeira morada. Acompanharam o illustre finado o rev.º padre thesoureiro da freguezia do Sacramento, no impedimento do respectivo parocho, o corpo clerical da mesma, e alguns dos seus amigos, desde o palacio dos ex.mos duques do Cadaval, onde esteve hospedado dezoito annos, até á igreja de Nossa Senhora da Conceição da Carreira, pertencente ao paço da Bemposta, e outr'ora hospicio dos religiosos da provincia da Conceição, que tambem habitou, e de que fôra um dos mais brilhantes ornamentos. Nós, que fizemos a mais minima parte d'aquelle lugubre prestito, fomos testemunhas da compunção, que uma scena tão edificante produziu no seu transito, e se divisava nos rostos dos expectadores.

No dia 2 do referido mez ficaram depositados os despojos mortaes do decano dos prelados portuguezes na mencionada capella, com permissão regia, obtida pelo nobre duque de Saldanha, tendo-se celebrado antes as exequias solemnes devidas a sua jerarchia, officiando o ex.mo sr. arcebispo de Palmira, e assistindo a este acto religioso muitos cavalheiros d'esta côrte.

Honrados com a estima d'este respeitavel prelado, faltariamos a um dever de gratidão, se não fôramos depôr sobre a campa, que encerra suas venerandas cinzas, este mesquinho, mas sincero tributo do nosso

profundo respeito e saudade; sentindo que a acanhada esphera da nossa intelligencia nos não permitta poder tecer em sublime estylo o seu merecido elogio. Porém, confiados na imparcialidade de nossos illustrados leitores, temos esperança de que hão de relevar as incorrecções proprias de quem não está habilitado para tratar assumptos d'esta naturesa, e conceder á nossa publicação a sua benigna indulgencia, na certesa de que não fomos exagerados no imperfeito esboço que fizemos dos dotes physicos do sr. D. Jeronymo, nem nos desviámos da verdade na apreciação das suas qualidades moraes, como pódem confirmar todos que tiveram a ventura de o conhecer.

Escrevendo estes apontamentos, e ampliando o artigo publicado na *Imprensa* N.º 135, realisámos a idéa, que já haviamos premeditado, pedindo informações a pessoas competentes, ás quaes agradecemos a bondade com que nos coadjuvaram n'esta empresa, sem outro interesse senão o de perpetuar ainda mais a memoria de um varão benemerito, que adquiriu por sua justa reputação incontestavel direito á veneração da posteridade.

M. de Paiva R. e S.

LENDAS HISTORICAS.

O Demonio do Lago.

IV.

O Lago de Loch-Leven.

São passados alguns annos. A donzella descuidosa de Inch-Mahome, tornou-se uma mulher energica e violenta. A paixão substituiu em sua fronte e em seus olhos o limpido arraiar da primitiva innocencia. A aureola que a rodeava perdeu-a a gentil fada de Monteith; amam-na ainda, hão de amal-a sempre, mas com um amor fatal, frenetico e cheio de remorsos, com um amor que deshonra e mata; amam-na porque é formosissima, porque não ha resistir a um olhar seu, porque o seu fallar enfeitiça, mas já lhe não consagram aquella veneração, aquelle culto religioso que a fazia adorar dos montanhezes e pescadores. E que Maria Stuart não é só a viuva de Francisco II; é que é tambem a viuva de Darnley, sacrificado por ella e por sua causa; é que o sangue de Riccio, o cantar italiano, aprumbalado no seu aposento, lhe manchou os vestidos; é que Chastelard morreu em um cadafalso por a ter amado e se julgar amado por ella; é que, depois de derramado tanto sangue, se entregou voluntariamente a Bothwell o pirata, Bothwell seu terceiro marido, e assassino de Darnley; é que a filha de Jaques V não foi sómente implacavel como seu pae contra a heresia, mas tambem mereceu ser amaldiçoada e despresada por João Knox, o invencivel apostolo do presbyterianismo, o unico homem que debalde procurára seduzir e fascinar; é que Diogo Murray, seu irmão, que cumulára de honras e bens, encontra a gloria na ingratidão; é que a desgraça e a infamia seguem por toda a parte esta rainha desafortunada, cheia de genio e resplandecente de formosura; é que a poder de caprichos singulares, desregramentos e crimes, tornar-se-ia odiosa á historia se Deus não permittisse que a expiação começasse para ella na terra. Foi esposa descuidosa, será mãe olvidada; foi rainha imprudente, será abandonada e traída; e finalmente remirá com o proprio sangue tanto sangue precioso que fez derramar.

Agora que a tornamos a encontrar, Maria Stuart, vencida, mas infatigavel, foge do castello de Loch-Leven onde a havia encerrado a nobreza rebellada, para recomeçar uma vida de luctas, de guerra, de violencia, e de paixões.

Era a 2 de maio de 1568; a rainha esperava impaciente, havia algum tempo, o signal que lhe haviam promettido Jorge Douglas e João Beatoun, dous dos seus mais fieis e verdadeiros amigos.

Jorge, parente do senhor de Loch-Leven, não pudera vêr Maria sem ser tocado dos seus encantos. Encarregado de a vigiar, quizera favorecer-lhe a evasão; mas descuberto o seu intento e constrangido a fugir, congregára fóra alguns partidarios da rainha, deixando um dos seus parentes mais moços, de idade de 16 annos, cognominado *Douglas o pequeno*, encarregado de abrir as portas da prisão á seductora e fatal beldade.

O pequeno Douglas desempenhára com tanta maior alegria a missão de que fôra incumbido, quanto tambem se sentíra movido de terna compaixão pela linda feiticeira. Com effeito, a 2 de maio, depois de Maria se ter retirado ao seu aposento, bateram á porta, e o pequeno Douglas, ajoelhando na presença da rainha, annunciou-lhe que estava livre, porque tinha em seu poder as chaves do castello.

— «Livre!» bradou a rainha; «abençoados sejaes vós que tivestes compaixão d'aquella que o seu povo abandonou.»

— «Senhora, o tempo urge...» acudiu Douglas, perturbado com estes testemunhos de gratidão.

— «Estou prompta» respondeu Maria Stuart, levantando-se; e alguns momentos depois, de braço dado com o seu joven libertador, franqueava, disfarçada, as portas do castello. Uma barca estava amarrada perto. As aguas do lago de Loch-Leven, negras e caladas, balouçavam o fragil baixel. A lua, cumplice na fuga, cubría-a negro véu. Era uma noute admiravel para o intento.

Antes de embarcar recordou-se do lago de Monteith, dos folgares da sua infancia, e talvez tambem do Kelpy, porque, tocando no braço de Douglas, que curava com afan de preparar a barca, disse:

— «Nunca embarquei que me não acontecesse alguma desgraça; e as aguas que tenho cursado sempre receberam os meus prantos!»

— «As aguas de Loch-Leven primeiro receberão o meu sangue que uma só lagrima vossa» redarguiu com energia o joven Douglas. «Se não conseguir restituir-vos á liberdade, matar-me-hei.»

— «Calae-vos, por quem sois!» exclamou Maria Stuart.

E virando-se para as negras muralhas que tinham sido discretas confidentes dos seus desgostos, a rainha de Escocia dirigiu ao céu uma fervorosa prece. Cousa singular! quanto mais o fogo das paixões mundanas lhe requeimava o peito, tanto mais elle se lhe abria aos consolos da religião.

E que a filha do catholico Jaques V, consumma dos todos os desvarios, experimentava uma sêde inexplicavel que só o orar fervente podia apagar.

Depois Maria saltou para a barca, que impellida vigorosamente pelos remos, deslisou-se como um alcyon por sobre as aguas.

A algumas braças da margem, olhou a rainha para a luz que deixára no seu quarto para servir de signal aos seus amigos escondidos por aquelles contornos. O pequeno Douglas ouviu um suspiro.

— «Tendes saudades de alguem?» perguntou timidamente o mancebo.

— «Não tenho saudades; tenho medo» disse Maria Stuart. «Aquella luz avermelhada é uma ruim estrella; parece côr de sangue!»

— «Aquella luz é a liberdade, ó minha soberana!»

— «Sim, a liberdade, para combater, a liberdade para castigar rebeldes! Sangue! sempre sangue! Douglas, Douglas, eu não nasci para esta vida terrivel que tenho levado!»

Douglas largou os remos, e vendo Maria Stuart pensativa, poz-se a contemplal-a muito triste.

Parece que era esta hora azada pâra o meditar. Loch-Leven esqueêra; os perigos haviam desapparecido; Maria olhava para as ondas, Douglas olhava para Maria, e o silencio era apenas cortado pelo rumorejar da agua batendo no costado da barca.

N'aquella noute tranquilla a rainha fugitiva dava largas ao coração, e aspirava, nos perfumes da primavera, os perfumes da sua vida passada. Lembrava-lhe o bello tempo que passára em França, o seu triste regresso, os seus crimes, as suas faltas, os seus remorsos, e no meio d'esta immensa serenidade sentia a alma desprender-se-lhe pouco a pouco das pungentes angustias que a affligiam.

— «Douglas» disse a final, «não ameis nunca! conservae o coração tão puro como o esplender dos vossos olhos. É o unico conselho que eu posso dar-vos em premio da liberdade que vos devo.»

— «É tarde,» respondeu Douglas, com voz cortada, «quando jurei salvar-vos, jurei tambem consagrar-vos um eterno amor.»

— «Vós tambem, pobre mancebo!»

Fez-se largo silencio. A lua, até então toldada de nuvens, descubriu-se repentinamente, innundando a barca com o seu pallido clarão. O pequeno Douglas avistou na corrente um lyrio, tocante emblema para uma rainha de França. Debruçou-se da barca, e com o auxilio de um remo pôde apanhar a graciosa flôr, que offereceu a Maria Stuart. No calice refulgia uma perola; era uma gota de agua, ou uma lagrima?

— «Vossa Magestade fez que o lago florejasse, e que o demonio de Loch-Leven vestisse galas para a vêr passar.»

— «O que? pois tambem n'este lago ha algum genio?»

— «Se ha! referem as baladas...»

— «Oh! não me falleis de baladas, Douglas; já gostei muito d'ellas, já as cantei muitas vezes .. O demonio de Loch-Leven não val mais que o de Monteith, e de certo não será mais propicio á rainha do que aquelle o foi á donzella.»

E Maria Stuart, sorrindo triste, e escarnecendo da superstição de que todavia não se julgava isenta, contou o seu passeio no lago de Monteith, os seus esponsaes com o Kelpy, e as lugubres viagens que fizera depois.

Apenas acabára, Douglas exclamou:

— «Sei que ha uma offerta agradavel ao genio de Loch-Leven;» e tirando do seio as chaves do castello, atirou-as á agua.

Ainda bem as aguas não as haviam recebido, ouviu-se um tiro de fuzil. Tinham dado pela fuga da rainha.

Douglas fez-se muito pallido; Maria Stuart soltou um grito, e a barquinha retomou o seu caminho ou antes o seu vôo para a margem opposta. O trajecto passou-se silenciosamente, e ao abordarem disse a rainha ao guia:

— «Bem vêdes, Douglas os lagos da Escocia repellem-me, e a morte até n'elles me persegue.»

A curta distancia, o joven Douglas apanhou uma flôr de cardo, e offerecendo-a á rainha, que trazia na mão o lyrio, disse, alludindo aos emblemas que representam:

— «Rainha de França e de Escocia, os vossos subditos vos esperam.»

Depois, de um clarim que trazia suspenso ao cinto, tirou alguns sons. Jorge Douglas, João Beatoun, e Claudio Hamilton, que esperavam escondidos nas moitas, accorreram a saudar a fugitiva.

Maria viu-se em breve cercada da sua nobreza fiel. A esperança reentrou-lhe no peito, julgou-se finalmente senhora da sorte, e exclamou, abraçando os seus amigos:

— «Estou salva!»

E estava perdida. O atravessar do lago de Loch-Leven precedeu pouco tempo o seu largo e cruel captiveiro; e no dia 8 de fevereiro de 1587, a filha de Jaques V, a viuva de Francisco II, a rainha de França e de Escocia, após desoito annos de anciedades e de prisão, realisando a prophecia paterna, pôz a cabeça, sempre viçosa e bella sempre, no patibulo mandado levantar por Isabel.

O carrasco tremeu quando lhe ordenaram que descarregasse o golpe, que teve de repetir. A alma de Maria soltou-se das prisões terrenas reconciliada com Deus pelo arrependimento e pela oração. Todos os nossos leitores conhecem os pormenores d'esta sublime catastrophe.

Talvez que antes de subir ao cadafalso de Fotheringay, n'essas horas dolorosas que consagrou ao exame da sua vida, Maria Stuart se lembrasse das superstições da sua infancia, e dos sinistros agoiros do demonio do lago.

Ou lembrasse ou não, o genio das aguas apoderou-se da sua memoria, encarregando-se de a perpetuar; porque, nas margens do Men, que corre perto de Fotheringay, colhem-se umas pequenas florinhas vermelhas que (segundo a legenda) tomaram aquella côr do sangue da infeliz Maria.

(Trad.) L. Hulbach.

O bey e o louco. — No tempo de um bey, cujo nome se não declara, um habitante de Constantina endoudeceu, ou fingiu ter endoudecido, pois que ali é este um meio excellente de conciliar o respeito e attrahir as dadivas dos fieis. A sua mania era considerar-se como sendo o proprio Deus Todo Poderoso.

O bey mandou-o chamar, e em presença dos officiaes da sua côrte, disse-lhe com voz terrivel.

— «Não ha muitos dias trouxeram á minha presença um homem que se intitulava o propheta enviado por Deus. Mandei-o metter em um carcere, e como sustentasse tenazmente o seu dito, ordenei que fosse decapitado.

O doudo ficou silencioso.

— «Que dizes a isto?» perguntou o bey.

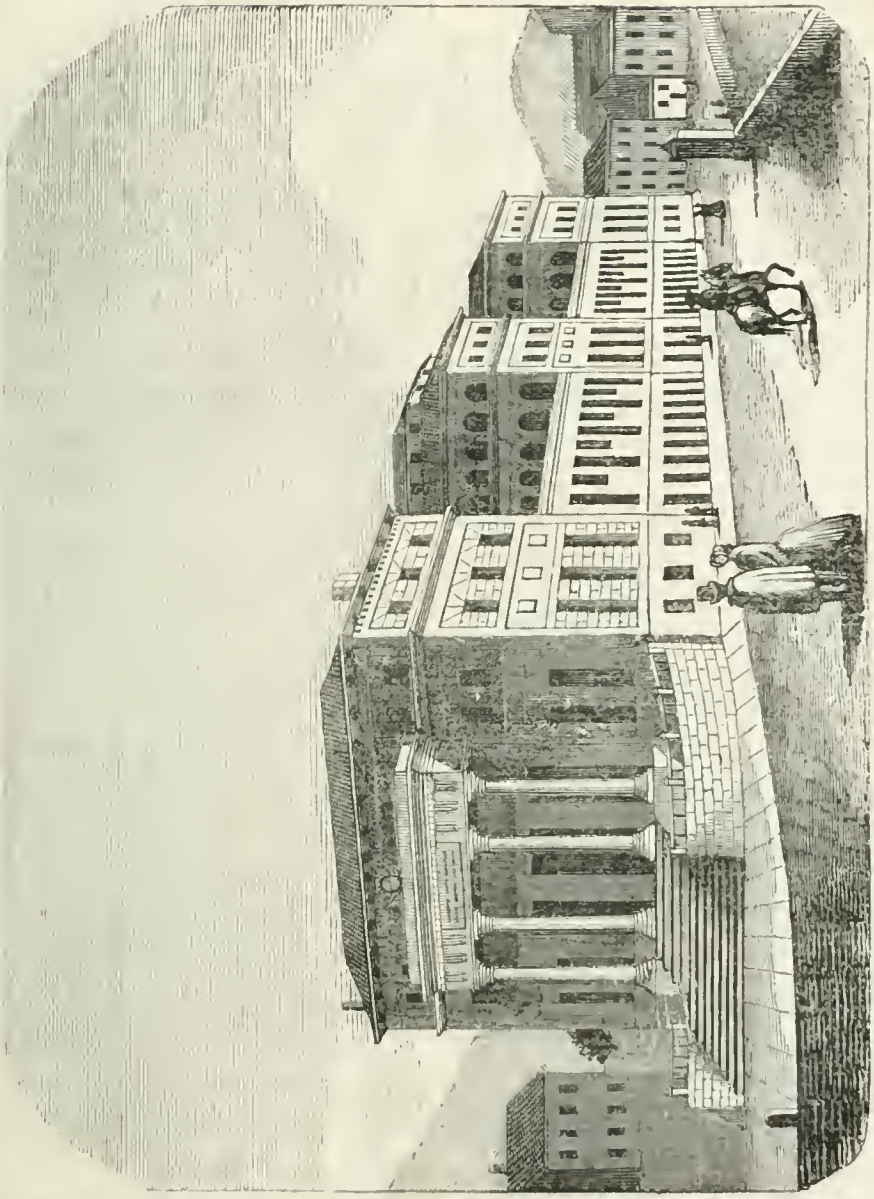
— «Digo que fizeste muito bem castigando o impostor.»

— «O que? pois não era o enviado por Deus?» acudiu o bey.

— «Como o podia ser, se eu lhe não tinha outorgado o dom da prophecia?» respondeu o doudo com a maior presença de espirito.

O bey desatou a rir, e determinou que o soltassem.

— Os homens, em geral, são mais propensos a fazer perguntas ociosas, ou úlhas unicamente de uma curiosidade vã, e muitas vezes reprehensivel, do que solicitos em procurar adquirir noções uteis e necessarias.



BILBAU — HOSPITAL CIVIL.

Bilbau é a povoação mais importante, mais aprasivel e porventura mais opulenta de Biscaya.

O seu prospecto é summamente agradavel; as ruas são tiradas a cordel, e esmeradamente calçadas, as casas bem construidas, os passeios vastos e amenos, e finalmente, por toda a parte se observa o maior aceio e cuidado, o que muito concorre para desde logo se formar a mais lisongeira idéa da terra e dos moradores.

Muito ha que vêr n'esta povoação, limitar-nos-hemos, porém, a indicar os edificios e cousas mais notaveis.

Entre os templos sobresae a insigne basilica de Santiago, a mais antiga das parochias de Bilbau. É de fundação immemorial, e consta que no ultimo quartel do seculo 14.º fôra melhorada e ampliada, construindo-se posteriormente o côro, o atrio e o claustro do Anjo. Compõe-se de tres naves e treze capellas. O presbyterio é de marmore e o frontal e tabernaculo do altar-mór de prata. Devem tambem visitar-se a parochia de Santo Antonio Abbade, fundada no seculo 15.º, que consta de tres naves, a igreja de S. João, com uma boa fachada greco-romana, e a de S. Nicolau de Bari.

O hospital civil, que a nossa gravura representa, é talvez, é de certo, o monumento que faz mais honra a Bilbau, e de que esta villa mais deve gloriar-se. Deu-se principio á sua edificação em 1818, sendo o risco da obra traçado pelo habil architecto D. Gabriel Benito de Orbegozo. É um parallelogrammo rectangulo, e consta de quatro frentes, tendo a fachada principal em um dos lados menores. Compõe-se o portico de quatro columnas, que sustentam uma cornija com triglifos e outros adornos proprios da ordem dorica. No friso, sobre o intercolumnio do centro, ha uma lapida, com a respectiva inscripção, corôada pelo escudo das armas da villa. A fachada que acompanha a rua direita mede 235 pés em comprimento. A destribuição interior corresponde ao que deve esperar-se do severo aspecto do monumento. As enfermarias são bem ventiladas e a todos os respeitos excellentes. O amphitheatro, a capella, a botica, são dignas de particular exame; e segundo a opinião dos que tem visitado Bilbau, é impossivel exceder-se a solicitude, o disvello, a caridade com que os enfermos são ali tratados e assistidos de todo o necessario. Custou este edificio a avultada somma de 100:000$000 réis. A administração dos consideraveis fundos d'este hospital está encarregada á junta da caridade.

Não menos digno de mencionar-se como estabelecimo de caridade, é o hospicio ou casa da Misericordia. Expulsos os jesuitas, por alvará de Carlos III, foi supprimido o collegio de Santo André, que pertencia aos ditos padres, e onde se dedicavam á educação da mocidade que ali concorria em grande numero. Tratou-se de tirar o partido possivel do abandonado edificio, o que de feito se conseguiu, convertendo o templo em parochia, e o collegio em hospicio, fazendo-se-lhe as obras indispensaveis. Esta casa conserva-se em optimo estado, e n'ella recebem alimento e soccorros abundantes muitos pobres, sendo consideravel o numero dos que na mesma residem, e se empregam em varios misteres, para o que se construiram e organisaram as convenientes officinas. As creanças de ambos os sexos recebem ali educação esmerada e christã, destinando-se os varões ao exercicio dos differentes officios. Ha tambem uma sala de expostos ou engeitados, onde estes são recebidos e depois entregues, para serem criados, a amas de fóra: todas as despezas correm por conta da municipalidade.

Passando aos espectaculos publicos encontramos apenas em Bilbau digno de particularisar-se o theatro, que se começou em 1833, concluindo-se no seguinte anno. É decorado com bastante gosto, e reune todas as condições desejaveis em estabelecimentos de similhante natureza n'uma terra de provincia.

A junta provincial *(ayuntamiento)* reune-se em um vasto e soberbo palacio. Na sala das deliberações admira-se uma excellente pintura que representa a Conceição de Maria Santissima. No resto do edificio acham-se estabelecidas a junta e tribunal de commercio, os archivos, e uma extensa galeria com os retratos dos reis. O grande terreiro interior serve de mercado de cereaes.

A praça nova principiou-se a edificar em 31 de dezembro de 1829. Tem de comprimento 234 pés e 196 de largura. É formada de graciosas arcadas, apresentando em cada um dos lados maiores, 18 arcos e 14 nos menores, de fórma e dimensões iguaes, todos sustentados por columnas doricas. Em um dos edificios que circumdam esta formosa praça funcciona a corporação municipal.

A praça velha é sómente notavel por ser onde se faz o mercado de comestiveis, que ali se encontram de uma abundancia e baratesa incriveis.

A ponte de Santo Antonio é antiquissima, e distingue-se pela sua solidez, e atrevida construcção.

O cemiterio não é dos menos curiosos monumentos de Bilbau; concluiu-se em 1830.

Um portal adornado de columnas doricas, sobrepujado de uma cruz e outros emblemas proprios do logar, dá ingresso ao mencionado cemiterio, que é um vasto parallelogrammo rectangulo de 232 pés de comprido sobre 180 de largura, comprehendendo extensas galerias, alguns sepulchros de merecimento, e um deleitoso jardim no centro. Em frente da entrada vê-se a capella, que é de uma architectura severa e elegante.

Poucas povoações haverá na peninsula que contenham tão grande numero de vistosos passeios publicos como Bilbau. O do Areal abrange sete ruas largas e compridas e tres menores, todas orladas de frondosos robles, acacias, platanos, e outras arvores; tres jardins engradados; e é illuminado á noite com candieiros de reverbéro sustentados por airosos candelabros de ferro. O de Santo Agostinho não é menos aprazivel; começa nas ruinas do convento d'esta invocação, e segue pela margem do rio; tem uma rua de quatro mil pés de extensão, guarnecida de um lado e outro de bonito e copado arvoredo. Além d'este conta Bilbau outros passeios propriamente ditos, e algumas ruas arborisadas.

Os habitantes de Bilbau distinguem-se pela sua cortezia e generosidade; são honrados, activos, laboriosos e emprehendedores. A sua bravura nunca se desmentiu, e ninguem ama com mais sinceridade a sua patria. As mulheres são extremamente acciadas, e cuidadosas no arranjo de suas casas e familias. Religiosas e castas observam no seu trajar a maior compostura e decencia.

Não é Bilbau desprovida de institutos de publica instrucção; além de uma escola de latinidade, existem estabelecidas cadeiras de mathematica, linguas vivas e desenho, afóra as cadeiras sufficientes de instrucção elementar, que são bastante frequentadas.

O commercio d'esta importante povoação em outro tempo immenso, quando alimentado por uma poderosa marinha, acha-se em bastante decadencia, para o que não tem concorrido pouco as circumstancias geraes da Hespanha quasi constantemente lacerada pelas guerras civis: comtudo ainda é bastante consideravel, sendo o principal genero da sua exportação a lã; importa ferro, sedas, tecidos de algodão e bacalhau.

Encontram-se em Bilbau algumas manufacturas interessantes; mas a sua principal industria é a de construcções navaes, que ali se fazem com a maior perfeição e solidez, sendo tambem a que se acha n'uma situação mais vantajosa.

Bilbau deve a sua fundação ao senhor de Biscaya D. Diogo Lopes de Haro, que no primeiro anno do seculo 14.º expediu um privilegio a favor dos moradores de algumas casas que existiam sobre as margens do Nerbion ou Ibaizabal, para que fundassem uma povoação. Confirmou e ampliou aquella carta de privilegios ou *foral* D. Fernando o *emprazado*, devendo-se-lhes por consequencia o principio da formosa villa que descrevemos. Conservou ella o nome de Bilbau por que era conhecido desde tempo immemorial o sitio em que foi edificada, e onde se achavam a ponte de Santo Antonio e a igreja de Santiago. O primeiro monarcha que a visitou foi D. Affonso XI em 1334, o qual ordenou que não pudesse nunca ser alienada da corôa, e que se lhe fizessem muralhas, destinando para isso 1,500 maravedis em cada anno até prefazer a somma de 7,500.

Dos transtornos que em tudo e por toda a parte se observavam no seculo 14.º não foram isentas as provincias vascongadas, nem tão pouco Bilbau. Desencadeadas as paixões, senhores os poderosos da força, o povo sem amparo e protecção, viam-se por toda a parte incendios, assassinatos, roubos, quantos crimes é capaz de commetter o homem, quando se olvida das santas maximas do christianismo, ou quando não ha para lhe reprimir os excessos uma auctoridade com verdadeiro prestigio e influencia. Corria o sangue abundantemente dentro e fóra das muralhas de Bilbau, pois ás causas que acabamos de indicar, e que eram communs ás tres provincias e a toda a nação, accresciam n'esta villa os disturbios suscitados por occasião das eleições para a junta provincial. Quiz el-rei D. João II pôr termo a tantos escandalos e horrores, e expediu um privilegio, approvando a concordia que entre os differentes partidos se havia tratado, e impondo severos castigos a quem quer que levantasse novas discordias, aos que n'ellas tomassem parte, e aos que se introduzissem armados na villa.

Não foram as domesticas discordias os unicos males que affligiram esta villa. No mesmo seculo em que se fundára, e no principio do seguinte fizeram extragos da maior consideração as inundações. Repetiram-se estas de uma maneira espantosa no seculo 16.º, causando damnos incalculaveis, e sendo destruidos muitos edificios e até ruas inteiras.

Entretanto a prosperidade de Bilbau foi em augmento, e cresceu de ponto sob a protecção dos reis catholicos. Melhoraram-se as suas ruas, construiram-se novas casas, e alargaram-se os limites da povoação, demolindo-se para esse fim a antiga cêrca, que a differença de tempos e costumes tornára desnecessaria.

Perturbaram a paz d'esta villa desagradaveis occorrencias no decurso dos seculos 16.º, 17.º e 18.º, procedidas de se pertenderem levar a effeito certas disposições contrarias ás isenções e franquezas de que sempre gosaram os vascongados.

Declarada a guerra com a republica, foi esta villa occupada pelas tropas francezas no anno de 1796. Livre Bilbau do dominio estranho em consequencia do tratado de S. Ildefonso, viu d'ali a poucos annos atear-se a discordia dentro dos seus muros com o pretexto de ter querido o senhorio impôr direitos sobre alguns artigos de importação, que eram applicados para a construcção de um novo porto que em obsequio a Godoy se devia chamar da Paz. Este motim popular, é conhecido no paiz pelo nome de Zamacolada, por chamar-se Zamacóla o que o promovêra.

Rebentando a gloriosa guerra da independencia, armou-se e levantou-se Bilbau em defesa de tão sagrado objecto. Caíu sobre ella o exercito francez, cuja superioridade numerica pôde mais que a valorosa resistencia dos que derramaram o seu generoso sangue em defesa da patria, sendo por consequencia occupada a villa novamente pelas tropas francezas, que a saquearam desapiedadamente.

Este desastre, porém, não é para comparar-se com os que lhe provieram da prolongada e terrivel guerra civil em nossos dias. Um continuado bloqueio, a perda de tantos habitantes mortos nos combates, tres cêrcos, entre os quaes se distinguiu pela sua larga duração e funestos effeitos, o de 1836, puzeram a villa de Bilbau n'uma situação embaraçosa, de que lhe tem custado a levantar-se.

Está situada Bilbau sobre as margens do rio Nerbion, que os naturaes chamam Ibaizabal, aos 45º 15′ de latitude de 0º 44′ e longitude. Gosa de benigno clima, e eleva-se apenas 12 pés sobre o nivel das aguas. Tem 900 casas e 13,000 habitantes, pouco mais ou menos.

FR. MIGUEL CONTREIRAS.

Cresciam as necessidades da pobreza ao par da diligencia e charidade de Fr. Miguel Contreiras; mas nem as difficuldades que o cercavam, nem a multiplicidade de cousas a que tinha de attender no exercicio de tão santos deveres, fizeram soçobrar o animo do venerando sacerdote; já então muitas pessoas charidosas o acompanhavam nos seus generosos esforços em prol dos desvalidos: cumpria, porém, centralisar esses esforços, organisar para assim dizer a beneficencia, de sorte que os soccorros se tornassem mais proficuos, e mais regular a administração do patrimonio dos necessitados. Estas circumstancias obrigaram de certo Fr. Miguel a pensar nos meios de remediar os transtornos inevitaveis provenientes da falta de uma organisação conveniente; nem descansou sem ter levado ao cabo o seu intento, creando em agosto de 1498, sob os auspicios da rainha D. Leonor, a irmandade da Misericordia de Lisboa, modelada, em parte, pela que existia em Florença desde 1350.

A Misericordia de Lisboa, a primeira de Portugal e das Hespanhas, é um glorioso monumento da piedade esclarecida de nossos maiores, e o testemunho mais incontrastavel de que o coração d'esses guerreiros robustos que arvoraram o estandarte da cruz nas muralhas de Ceuta e Tanger, que depois dobraram o cabo das Tormentas, abrindo á civilisação uma nova e ampla estrada, que finalmente eternisaram o seu nome e o nome portuguez, por feitos do incrivel audacia, nos mares e terras do oriente, que o coração d'esses homens, que Voltaire appellidou de *illustres piratas*, não era insensivel ás lagrimas do pobre sem amparo, da viuva desvalida, da orfã abandonada, do enfermo tolhido de dores.

Se a Misericordia de Lisboa, se as demais Misericordias espalhadas por toda a monarchia, não prestam hoje á humanidade os serviços que podiam e deviam prestar-lhe, attribui isso aos homens e não á instituição, que a não podia haver, attendendo á epocha em que foi creada, nem mais previdente, nem mais prestadía, nem mais repassada do verdadeiro espirito do christianismo. Lêde os seguintes eloquentissimos trechos do relatorio que precede o decreto de 26 de novembro de 1851, que modificou a legislação por que se regulavam os estabelecimentos de caridade em Lisboa desde 1833, e dizei-nos depois se não concordaes comnosco em que a instituição das Misericordias, a obra do singelo frade da Trindade, foi a mais gloriosa herança que o seculo 15.º legou aos vindouros:

«Ha seculos já (diz o relatorio) que a primitiva instituição do hospital, da gafaria, e da albergaria dos tempos feudaes fôra aperfeiçoada pela civilisação christã progressivamente illustrada, e a final se formulára na mais completa de todas as instituições charitativas — a Misericordia portugueza — irmandade, cujo compromisso era um modêlo, e cuja popularidade em breve tempo a fez espalhar desde a capital a todas as provincias do reino.

«Forte pela protecção real, animada pelo favor das leis, rica pelos legados de milhares de portuguezes, que de todas as partes do mundo lhe acudiam, essa admiravel e veneranda confraria acompanhou tambem depois a espada conquistadora, e o astrola-

bio descobridor da Lusitania aos mais remotos confins da terra; levando com a palavra do Evangelho as obras que não desmentiam da palavra, e que deixaram, ainda nas mesmas conquistas em que já o dominio portuguez se perdeu, a memoria indelevel da nossa piedade e da nossa misericordia.

«Nenhuma instituição social fez ainda, nem fará jámais tanto para remediar as inevitaveis desigualdades da sorte, e para fazer irmãos e iguaes diante de Deus e do Evangelho a todos os homens. Aqui não é a administração publica ou a municipal que, pelos principios da economia politica vae em auxilio dos que não possuem, do orfão e do desvalido, para que o estado tire maiores vantagens, para que o numero de contribuintes se augmente, não é a policia que manda velar nos indigentes, curar os enfermos e enterrar os mortos.

«O pensamento portuguez é todo outro, todo christão, todo evangelico; são os irmãos mais afortunados que se juntam em redor do altar do Deus das misericordias para ir em soccorro de seus irmãos infelizes; é o rico dando o braço ao pobre para o amparar; é o proprietario repartindo com o proletario; é o nobre, o grande, o dignitario do estado lavando os pés ao mendigo plebeu, curando-lhe as chagas, deitando-o em seu leito; é o pae de familias aquinhoando o pão de seus proprios filhos com o engeitado que não tem pae, adoptando o orfão para o educar, levando o alimento e os remedios ás casas da miseria envergonhada, que não ousa mendigar, fornecendo trabalho ao operario sem recursos, acompanhando piedosamente o proprio criminoso até aos tribunaes para o defender, aos degraus do throno para supplicar mercê por elle, ainda depois de convencido e condemnado, não o desamparando em fim até ás escadas do patibulo para o confortar, com a imagem do Redemptor, com a promessa do eterno perdão, no momento supremo, em que a justiça dos homens não póde já apiedar-se.»

Não se póde dizer mais nem melhor da piedosa fundação do humilde frade.

Outro estabelecimento de beneficencia da maior importancia, que lhe deveu incontestavelmente a existencia, recebendo d'elle os mais efficazes serviços, recommenda á veneração da posteridade a memoria de Fr. Miguel Contreiras.

É o utilissimo hospital das Caldas da Rainha, que ainda hoje felizmente existe, mandado edificar pela virtuosa rainha a senhora D. Leonor por conselho e exhortações do seu illustre confessor.

O magnifico templo da Misericordia, que o terrivel terremoto de 1755 sumiu nas ruinas, e que era situado junto da Ribeira Velha, foi, a seus rogos, começado por el-rei D. Manoel, concluindo-o D. João III no anno de 1534; a grandiosa fabrica do hospital do Rocio, começado por D. João II a 15 de maio de 1492, no qual mandára incorporar todos os hospitaes dispersos pela cidade, estava por concluir. D. Manoel, solicitado instantemente por Fr. Miguel Contreiras, cuja influencia era immensa assim na côrte como em a cidade, ordenou que se rematasse a obra com a grandeza propria do generoso animo d'aquelle monarcha.

Em quanto a ardente charidade do venerando sacerdote amparava os desvalidos, creando os piedosos institutos que conhecemos e enumeramos, a sua palavra, e sem duvida o exemplo de tão esplendidas virtudes, trazia ao seio da igreja christã muitos dos que haviam nascido e perseveravam na religião de Moisés, e que eram então uma parte consideravel, e porventura a mais industriosa e opulenta da população de Lisboa.

Chegou o mez de janeiro de 1505, e o que não puderam trabalhos proseguidos com tão incansavel zêlo, acabaram os annos e as enfermidades suas inseparaveis companheiras. A 29 d'esse mesmo mez a morte do confessor da rainha a senhora D. Leonor, o instituidor da Misericordia de Lisboa, o amigo e o protector dos abandonados da fortuna, foi annunciada pela cidade e geralmente considerada e sentida como uma calamidade publica. E foi de feito; que homens como Fr. Miguel Contreiras não apparecem com muita frequencia no succeder dos tempos.

Sepultaram-no na capella-mór da igreja da Trindade, em sepultura rasa, sem letra ou epitaphio. O convento da Trindade, pela extincção das ordens religiosas, foi vendido em hasta publica, e provavelmente as cinzas de Fr. Miguel acham-se confundidas no alicerce de alguma edificação burgueza[1]...

Logo depois da sua morte, ordenou-se que o seu retrato fosse debuxado nas bandeiras da Misericordia; e por accordão de 15 de setembro de 1576, sendo provedor Ruy Lourenço de Tavora, que n'esse anno serviu de vice-rei da India, determinou-se que se pintasse com o habito da sua ordem, e com as letras F. M. I. *Fr. Miguel Instituidor*. Esta louvavel pratica foi ampliada a todo o reino e conquistas por alvará de Filippe III, passado em Lisboa a 26 de abril de 1627.

PORCELANA DE SEVRES.

Vaso pyriforme, por M. H. Regnier.

A nossa gravura representa um bello specimen dos magnificos productos das celebres manufacturas de Sèvres, cuja reputação póde hoje reputar-se univer-

sal. É notavel principalmente pela elegancia e novidade da fórma. Recommendamol-o, assim como outros modêlos igualmente preciosos, que tencionamos publicar, á attenção dos nossos fabricantes de porcelanas, cujos trabalhos já obtiveram na grande exposição de Londres honrosa menção. Accusam geralmente os nossos operarios de falta de gosto; mas com a maior injustiça: o gosto artistico cria-se pelo estudo dos bons modêlos, guiado por uma esclarecida theoria. Como pódem exigir-se dos nossos operarios estas habilitações, se até a maxima parte d'elles carece da mais vulgar instrucção technica e do conhecimento essencialissimo do desenho? Fizeram-se as pautas para proteger a industria nacional: mas a par das pautas devêra apparecer a instituição das escolas professionaes, sem as quaes as pautas são, em muitos casos, um vexame inutil. O *Conservatorio das artes e officios* nem prestou, nem podia prestar, talvez, á industria os serviços e o impulso de que ella carece.

Cabe tambem á illustre cidade do Porto a iniciativa na fundação de uma escola industrial, que, a julgarmos pelo quadro das disciplinas, deve ser excellente. Honra pois aos portuenses, sempre distinctos pelo patriotismo e pela dedicação; honra e gloria á benemerita e respeitavel sociedade, que desinteressadamente poz por obra tão nobre e fecundo pensamento.

Em artigo especial trataremos mais extensamente da associação industrial portuense.

O TROVÃO.

Era noite. Nem bafeja
Leve, branda viração;
Nem pios d'ave agoureira,
Nem esses, ouvidos são.

Valles, montes, céu, e mares,
Negro vêm todos enluta;
A natureza dissereis
Ampla, escura, hórrida gruta.

Ou, gigante, á luz vedado,
Subtérreo, fundo hypogeo,
D'esses, onde a prisca idade
Mortaes restos escondeu

Nem uma estrella no céu,
Nem onda no immenso lago;
Sinistro pavor, em tudo,
Nuncio de visinho estrago.

Só, frouxo, pallido rompe,
De quando em quando, o luar;
Como lampada nocturna,
Junto d'ára tumular.

Só, d'hora a hora distante,
Na torre, d'antigo templo,
O bronze trôa, mais alto,
Só, da vida, agora exemplo.

Mas logo, em fundo lethargo
De novo, torna a caír:
Silencio, trévas é tudo,
Nem uma folha a bolir;

Nem, d'ermo casal longinquo,
S'escuta o canto distante,
D'essa — qual vivo relogio,
Sentinella vigilante.

Silencio, trévas é tudo,
Nem bafeja viração;
Nem pios d'ave agoureira,
Nem esses, ouvidos são.

Nem da lua um só reflexo,
Nem já, da visinha aldêa,
Um som, confuso, s'escuta,
Um só lume bruxulêa.

Como funebre ataude,
Vestido de negra côr,
Occulta-se, o immenso espaço,
Em mais espesso vapor.

D'improviso, accordam euros;
Como, em calado deserto,
Bramíra, leão faminto,
D'incauta presa já perto.

Fugaz relampago sulca
A cerulea immensidão;
Como, nocturna, brilhante,
Agoureira exhalação.

Dispára canhão gigante!
E o projectil, seu, electrico,
Eis desce rapido; e perto
O trovão ribomba tétrico

E desperta a natureza
De sua inercia mortal;
Tornando, de novo, á vida,
Á vida, por maior mal.

Já, humana voz s'escuta,
O piar d'ave innocente,
Das féras medonho ulúlo,
O bater da onda fremente.

Vibram, mil diversas cordas,
Sons d'estranha afinação;
E todos — *Poder Supremo* —
Accordes, dizendo estão!

— Que scenas d'assombro — estas!
Abysma-se o pensamento,
Perdida a razão, nas trévas,
Brilha a luz do sentimento!

Mafra, 18 *de outubro de* 1852.

J. da C. Cascaes.

THOMAZ ANIELLO (MASANIELLO.)

(Revolução de Napoles em 1647.)

II.

Uma vez solto da funda quem é capaz de prever aonde irá acertar o seixo? As grandes commoções populares são o mesmo. Os padecimentos publicos preparam-nas; as repressões violentas exacerbam os ani-

mos; e um dia, qualquer cousa insignificante determina a explosão. Foi o que succedeu em Napoles. Antes das auctoridades accordarem do pasmo, que as tolheu de repente, o motim engrossando a cada hora, estava senhor da cidade, e aclamava na praça como rei da plebe o pescador de Amalfi, salvo arrastar depois o idolo, e vingar-se n'elle da obediencia que lhe prestára! O incendio das moradas dos monetarios e o armamento das companhias tinham assegurado temporariamente o imperio do povo, o primeiro pelo terror, o segundo pela força. Aproveitando estes elementos Thomaz Aniello cuidou em continuar a lucta, e em consolidar a victoria.

Quando appareceu defronte do posto militar de S. Lourenço, donde a disciplina das tropas regulares havia repellido as mangas desordenadas do vulgacho no anterior assalto, levava um corpo de dez mil homens armados, e o ataque foi dirigido com acerto, occupando-se as casas visinhas e o convento. A guarnição desfallecida pela fadiga dos repetidos rebates, e tão estreitamente bloqueada, que não pudera receber viveres, rendeu-se sem combate, entregando as armas e artilheria do deposito. É justo dizer que os vencedores não abusaram do triumpho, portando-se com humanidade, e concedendo a livre saída dos soldados hespanhoes, depois de no mercado lhes saciarem a fome que os devorava.

Conseguida esta vantagem divulgaram-se as pertensões do povo; e eram ellas: extincção dos impostos lançados a contar do tempo de Carlos V; restabelecimento do privilegio original do imperador; amnistia para os implicados na revolução de 7 de julho; eleição de um popular com tantos votos, quantos eram os assentos da nobreza; entrega da fortaleza de Santelmo em penhor da boa fé do governo, e final ratificação de el-rei de Hespanha, conservando-se o povo em armas até ser publicada. A par d'estas condições nada suaves para o orgulho da auctoridade, os vencedores ainda propunham mais, que no caso de se faltar a qualquer das clausulas d'este accôrdo fosse licito em todo o tempo aos do mercado tornarem a sublevar-se sem incorrer por isso nas penas do crime de rebellião, insistindo para que de tudo se lavrassem quatro disticos em marmore, que ficassem erguidos como padrões de perpetua memoria. É claro, que do lado dos fidalgos e do governo taes propostas encontravam a maxima resistencia. Concedel-as equivalia a abater na praça a corôa, e a assentir á propria abdicação. A derrota completa que mais podia arrancar-lhes, obrigando-os a tratar de potencia a potencia com o vulgacho, e a pôr nas suas mãos como refens tantos privilegios, e sobre todos a posse da cidadella!

Servia então de consultor em Napoles Julio Genovino, velho de 87 annos, ecclesiastico douto, e um dos politicos mais estimados pelo duque de Ossuna durante o seu governo. O conde de Olivares detestava-o pela sua amisade leal ao antigo vice-rei, e caindo o duque não se esqueceu de lhe dar provas do seu odio, encarecerando-o injustamente, e desterrando-o depois para Oran na Barberia. Dotado de um caracter severo e rigido Julio Genovino não se desmentiu nos trabalhos, nem se humilhou com fraqueza. A perseguição acrisolou ainda mais as raras e singulares virtudes do seu animo. No fim de vinte e dous annos cansaram-se de o opprimir; mas elle é que nunca se fatigou de oppôr o mesmo rosto inteiro á fortuna. Voltando á patria, na idade em que se destempera ordinariamente em todos a força d'alma e a agudeza das faculdades, achava-se tão perspicaz de entendimento e tão forte de consciencia, como na epocha em que o seu conselho, igual á acção, eram tão proficuos ao vice-rei, amigo que não trahiu nem denegou apesar das exacções. Este consultor era auxiliado nas suas funcções por oito doutores anciãos, e tinha por secretario a Marco Vitale, natural de Napoles, e não só não foi estranho, mas suppõe-se que protegeu, dirigiu em parte e estimulou o movimento popular.

As cousas peioravam entretanto a cada instante: os tumultos cresciam, e noute e dia não se ouvia nas ruas senão tambores e arruidos populares. O negocio paralisou-se, o despacho ficou suspenso, até o da camera real e do conselho, e a propria vicaria civil e crime fechou-se com receio da voz da justiça ser menos respeitada. Entre outros elementos de anarchia, formou-se um bando de tresentas mulheres armadas, e é inutil accrescentar que nada concorriam para socegar as inquietações. N'este estado não admira, que sabendo Masaniello que 600 soldados walões de Capua e Aversa vinham guarnecer o castello de Santelmo, mandasse marchar contra elles algumas das suas tropas; estas obrigaram os castelhanos a metter-se dentro da igreja de Nossa Senhora de Constantinopla, e cercando-a e deitando fogo ás portas, forçaram os soldados a abrir, e a deixarem-se desarmar, indo depois d'ali para o mercado aonde se alistaram ao serviço do povo.

O ultimo revez experimentado pela companhia walona acabou com as indecisões dos governantes receiosos de levarem o mal a tal extremo, que depois não pudesse remediar-se. No dia 11, o cardeal arcebispo Filomarino, tomou a iniciativa, e de intelligencia com o duque de Arcos, principiou a negociar a paz, mostrando desejos de a obter. No conselho do governo foi exposto o perigo sem disfarce, e lembrado o que succedeu em Flandres por causa do duque de Alva, o qual pelos seus rigores metteu a Hespanha em noventa annos de cruelissima guerra, derramando-se tanto sangue (dizia o cardeal,) que seria bastante para fazer um rio navegavel, e dispendendo-se tanto ouro, que excedeu o que produziram as minas de ambas as Indias. Estas razões e outras muitas persuadiram o vice-rei, que auctorisou o principe da igreja a prometter a sua approvação aos capitulos do povo, ainda que alguns lhe custassem como funestos á dignidade do poder e ao esplendor da classe nobre. O accôrdo tratou-se, e concluiu-se, retirada a clausula relativa ao perdão da revolta, porque, observou o povo, era impropria, visto nunca ter sido victoriado senão el-rei de Hespanha. O vice-rei mandou então chamar ao paço Thomaz Aniello para se firmar o concerto; e oppondo-se os amigos d'este com temor de alguma cilada, o chefe declarou que iria, uma vez que ficassem como refens da sua pessoa dous dos filhos do duque d'Arcos. Tão apertada era a necessidade que o vice-rei sujeitou-se, não oppondo a menor duvida!

A maior questão consistia em não se poder descubrir o privilegio original de Carlos V, que se tinha perdido; o cardeal arcebispo, confessando-o, perguntou a Masaniello como se havia de substituir! Em quanto se não acha, ponham em vigor o antecedente de el-rei Fernando; sei aonde está! respondeu o caudilho. Como ainda era mais amplo do que o do imperador, o cardeal sorriu-se accrescentando: não são teus, mas de Deus, taes accôrdos!

Mas no fundo da apparente submissão do poder estava a cilada. A nobreza ressentida via nas capitulações ajustadas a offensa e o abatimento da sua influencia. Abolidos os impostos, rescindidas ficavam desde logo tambem as arrematações contratadas sobre elles; e seccava-se a fonte copiosa dos seus rendimentos. Accrescia, que se achava comprehendida nas

penas cominadas aos negociantes de tributos em virtude do privilegio de Carlos V, estendendo-se a acção igualmente aos monetarios nacionaes e aos capitalistas forasteiros. A consequencia da reforma das contribuições era ficar a fidalguia despojada da sua principal riqueza; e a cidade, que no tempo do imperador devia apenas duzentos mil cruzados, achar-se de repente onerada com uma divida de oitenta e sete milhões, tinha por isso jus a negar-se ao pagamento de outras sommas, visto o engano com que fôra opprimida! Assim a aristocracia perdia os vinte mil ducados, que formavam o patrimonio de cada um dos seus membros, quando alcançava o grau de eleito! Depois d'isto é claro que o odio entre ella e o povo devia augmentar-se, e as duas facções nada esqueciam para se hostilisarem, procurando supplantar-se á custa de todos os sacrificios.

O governo vivia de interesses iguaes aos da nobreza, e era natural por isso que em quanto o obrigavam a mostrar bom rosto á má fortuna, empregasse occultamente os seus agentes e recursos para semear a discordia e a desconfiança no seio da colligação popular. O vice-rei tratava com ella; mas os factos provaram que a sua boa fé tinha muito de equivoca. No coração jurava a ruina dos atrevidos peões, que ousavam curval-o á sua vontade, e prender-lhe as mãos, fazendo-o passar por baixo do jugo de condições affrontosas. Um homem era a alma e a intelligencia da revolução; destruido elle a cabeça caía, e o tronco sem direcção depressa se desmembraria. Por isso tanto a auctoridade, como a fidalguia puzeram o seu odio em Thomaz Aniello, resolvendo immolal-o ao restabelecimento do seu imperio.

A reação principiou, tentando-se o povo com peitas; a corrupção porém encontrava resistencias. Os plebeus recusavam o ouro, respondendo que com tres carlins (120 réis) tinha cada napolitano a subsistencia diaria. Da sua parte o chefe não se mostrava menos inteiro, rejeitando as promessas com esta bella resposta: «façam justiça ao povo, a quem obedeço, aquiete-se elle, e darei o meu cargo por findo, voltando alegre á vida que sempre tive. Tornarei a pescar com a minha canna.» N'estes termos os inimigos da reforma decidiram que não havia remedio se não ferir um golpe audaz; escolhendo para o descarregar a occasião em que o duque de Arcos vinha ao mercado jurar as capitulações. Urdiram o plano, dispozeram os instrumentos, e designaram para cabeça da empresa o mesmo Perrone, que por ciume a Masaniello, e devoção á casa de Matalona se offerecêra já para assassinar o chefe popular no sitio mais publico. A recompensa promettida eram dez mil ducados, uma companhia de infanteria, e o perdão de todos os seus crimes. Eis a lealdade com que o duque acceitava o pacto, e o fa firmar!

Thomaz Aniello descubriu a conspiração e preveniu-se. Os bandoleiros apostados para o matarem estavam embuscados no Carmo, d'onde saíram a signal dado, desfechando sobre elle dez arcabuzes, que não lhe acertaram. Em um momento os bandos do mercado envolveram os sicarios, crivaram de feridas a Perrone e aos seus sequazes, e correndo ao mosteiro de Santa Maria a Nova, aonde José Carraffa e muitos da sua facção esperavam o exito do homicidio para romperem, puzeram-lhe cêrco, e colheram um emissario que expediam ao vice-rei, pedindo que mandasse disparar para o ar a artilheria do castello. Carraffa tragou fugir, mas foi preso e decapitado no mercado, assim como o sargento-mór Bernardino Grasso.

(Continúa.)

A instrucção primaria na Inglaterra.

O systema de instrucção primaria adoptado em Inglaterra é inteiramente diverso do de todas as outras nações. A Portugal não podemos referir-nos, porque infelizmente não temos instrucção racionalmente organisada.

É uma vergonha, que todo o escriptor lamenta, mas que não deve occultar, porque em sua missão, toda civilisadora, não póde ser indifferente ao aperfeiçoamento moral d'um povo. Vamos dar alguns esclarecimentos sobre o methodo porque na Gran-Bretanha se acha organisado o ensino, que tem por fim promover o desenvolvimento intellectual e moral das *massas*.

Insistir sobre a necessidade, e a importancia da instrucção, é uma d'aquellas banalidades, que enfastiam por demasiado repetidas. Nos paizes, em que o governo repousa á sombra e sob a salvaguarda da soberania popular, é essencialmente indispensavel, que o povo seja illustrado, moral e religioso. Não é só o interesse da humanidade, que o reclama, é tambem uma garantia, uma necessidade da ordem publica. Na Inglaterra, aonde não existe o suffragio universal, não é tão palpitante a deficiencia do ensino, no ponto de vista politico. Todavia na Inglaterra multiplicam-se cada dia os esforços para a sua mais larga propagação; a igreja, as corporações, a beneficencia particular, o estado, finalmente, rivalisam nos meios que empregam para que cada vez mais se desenvolva, e em maior escala o ensino popular.

Duas sociedades principaes, (1) exercem uma influencia decisiva sobre o desenvolvimento da instrucção primaria no Reino-Unido; a sociedade nacional *(National Society)* e a sociedade ingleza e estrangeira *(British and foreign Society)*. Ambas proseguem com o zêlo mais incansavel n'este grandioso pensamento, — a diffusão da instrucção pelas classes pobres; mas entre estas duas grandes associações ha uma differença fundamental na applicação; uma é inteiramente ligada com a igreja, e a outra recusando toda a formula dogmatica, não se restringe ao limitado circulo de um symbolo. A primeira não admitte escolas mixtas; é uma poderosa arma nas mãos do anglicanismo. Para a segunda, a instrucção é simplesmente uma propaganda social; não é só um meio, é um fim.

A sociedade nacional é dirigida por um conselho, que se compõe exclusivamente dos altos dignitarios do anglicanismo, e que se corresponde com os differentes conselhos diocesanos estabelecidos nos differentes pontos do paiz. Escolas normaes formam mestres e mestras. As escolas, que dependem da sociedade são frequentemente visitadas por inspectores especiaes. Finalmente, um jornal, o *Monthley paper*, de que se tiram quatro mil exemplares, representa as idéas, expõe os deveres, e defende os direitos de associação. Em 1850 o numero de escolas, sujeitas á influencia da sociedade nacional, excedia o de 20,000, e o dos alumnos elevava-se a 1.500.000.

Já vimos, que esta sociedade obedece completamente á direcção da igreja anglicana, só abre as suas escolas aos filhos de uma certa religião, de uma seita determinada, porque o seu fim principal é sustentar a unidade e integridade da igreja estabelecida.

Limitada a este circulo estreitissimo, não póde evidentemente satisfazer ás necessidades da instrucção

(1) Mr. Eugene Rendu — Rapports au ministre de l'instruction en France.

popular. A sociedade ingleza e estrangeira, pelo contrario, investida na propaganda, e representando um papel grandioso, recebe alumnos de todas as seitas, de todas as escolas, de todas as communhões. Segundo as informações de mr. Hautute, possue em Londres e arrabaldes 213 escolas, que contam para cima de 300,000 rapazes, estende as suas operações ao estrangeiro, e tem estabelecido escolas nas mais remotas colonias

Independente das escolas normaes, sujeitas á influencia directa d'estas duas grandes associações, cujo fim e caracter explicamos, uma associação especial estabelecida em 1836 sob a protecção da rainha e do principe Alberto, fundou em *Gray's inn road* um sala d'asylo e uma vasta escola, destinada a formar mestres, e sobre tudo mestras habeis e perfeitamente instruidas. Esta sociedade chama-sa — *L'home and colonial school Society* — e admitte jovens de ambos os sexos, como alumnos internos e externos; e até familias inteiras; ha simplesmente exclusão dos homens celibatarios. A educação é dada gratuitamente, e na mesma sala, aos educandos de ambos os sexos.

Esta sociedade tem sido objecto de serios estudos para muitos curiosos e pensadores. O facto parece extravagante; se se fallar na educação promiscua, todos se espantam, e alcunham a idéa de immoral. Mas um homem de talento, e que merece inteiro credito por sua imparcialidade, mr. Eugenio Rendu, que por ordem do governo francez foi a Inglaterra estudar e analysar as vantagens e os defeitos d'este systema professional, afirma que isso fôra objecto da sua mais seria attenção. Este costume não é peculiar da sociedade *Gray's inn road*, porque se encontra em outras muitas escolas, e com excellentes resultados.

(Continúa.)

BIBLIOGRAPHIA.

Sobre algumas obras do padre Francisco José Freire.

Entre os mais fecundos e primorosos escriptores dos nossos modernos tempos cabe um distincto logar ao padre Francisco José Freire, da congregação do Oratorio de Lisboa, mais conhecido pelo Anagramma de Candido Lusitano.

Este douto padre foi um dos que com as suas doutrinas e o seu exemplo mais trabalharam para a restauração do bom gosto e da boa poesia. A sua Arte Poetica, em que refundiu o melhor da de Aristoteles, e quanto melhor haviam expendido os criticos modernos, as suas Dissertações e outros escriptos sobre bellas letras, as suas annotações á Poetica de Horacio, as suas orações academicas e panegyricas tiveram influencia directa no espirito dos seus contemporaneos, e assim pôde ajudar os trabalhos de Garção, de Antonio Diniz, de Quita, e muitos outros Arcades, que como elle fizeram guerra de exterminio ao gongorismo.

Com a sua vida do infante D. Henrique se collocou a par dos nossos mais afamados historiadores.

Seria ocioso insistir mais nas suas obras de prosa todas escriptas em estylo puro, farto e harmonioso.

Sem que seja um poeta de genio tem na poesia um talento não mediocre que lhe deu grande consideração entre os Arcades. Os seus versos latinos mostram o ponto de perfeição a que levava o conhecimento da lingua do antigo Lacio.

O padre Francisco José Freire estava, e quanto a mim com muito juizo, persuadido de que o meio mais efficaz para restaurar entre nós o bom gosto em poesia era a traducção na linguagem patria dos melhores poemas gregos e latinos: e comó praticava sempre o que ensinava, deu-se a essas arduas tarefas, e traduziu em verso portuguez quasi todas as tragedias de Sophocles e Euripedes, a Eneida de Virgilio, e as Metamorphoses de Ovidio, além de outras obras menos importantes, e outras dos modernos como a Athalia de Racine, a Merope de Maffei, etc.

Desgraçadamente estas obras não foram publicadas, ficando a Eneida e a Merope, segundo dizem, na livraria da casa de Vimieiro, e as outras na bibliotheca de Evora, até que haja algum zeloso da gloria litteraria d'este reino que de lá as desenterre, para as dar á luz, como aconteceu ás poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva que tambem jaziam na livraria vimieirense.

E chegará esse dia de resurreição poetica? Talvez, porém muito o duvidamos. E tal a inercia dos nossos impressores e livreiros que muito difficil será que a tal empresa se abalance algum d'elles.

Consta-nos que por mão de alguns curiosos existem cópias da traducção das Metamorphoses feita por este douto padre, e essa traducção era a que convinha publicar, sequer para nos remirmos da vergonha de sermos a unica nação europea que não tem em sua lingua uma traducção em verso das Metamorphoses de Ovidio.

E não será uma vergonha para a litteratura portugueza o termos traduzidas as melhores tragedias de Euripides, de Sophocles e de Seneca, por uma habil mão, e não correrem impressas, como convinha aos mancebos que se applicam a escrever para o theatro, e que não sabem grego, já que desgraçadamente tão pouco cuidado se põe em que os mancebos se appliquem ao estudo do mais bello dos idiomas da antiguidade, e sem cujo conhecimento não é possivel saber bem latim?

Tambem fôra muito para desejar que se imprimisse o poema didactico original do padre Francisco José Freire, que tem por titulo o *Mentor Fidelfo*, em que se encontram os mais judiciosos preceitos de critica, e valiosas reflexões sobre a arte de bem escrever em prosa e verso, expressados em culto estylo e florida e corrente versificação.

D'esta obra não faltam cópias pelas mãos dos curiosos, e por isso não offereceria grande difficuldade o descubrir uma para por ella se fazer uma edição, que não seria dispendiosa, pois que o manuscripto pouco mais excede a mil versos.

Temos perdido tantas preciosidades litterarias pela pobreza ou preconceitos dos seus auctores, pela incuria e desleixo dos seus herdeiros, que nunca cessaremos de clamar pela impressão de todas as que appareçam, ainda que estamos persuadidos de que serão baldados os nossos esforços.

J. M. da Costa e Silva.

— Muitos confundem a vaidade, o amor proprio e o orgulho. O amor proprio é necessario; é do amor proprio bem entendido que provêem a honra, a decencia, a honestidade. A vaidade nada póde produzir de util; e do orgulho não espereis senão vicios.

J. B. Rousseau.

— Póde definir-se o vicio: o sacrificio do futuro ao presente.

J. B. Say.

O BOM AMIGO É PREFERIVEL ÁS RIQUEZAS.

Quadro de Othovenius.

Aquelle que n'esta, ora breve ora larga, mas sempre aborrecida, fastienta, e por vezes, e quantas vezes! amargurada peregrinação da vida, tiver encontrado quem lhe enxugasse os prantos, quando o attribularam os desgostos, quem o acompanhasse sinceramente na alegria, se a fortuna lhe correu favoravel, quem lhe fosse leal e o não desamparasse, se porventura a adversidade o foi visitar; quem o guiasse, quem o dirigisse, quem o confortasse, quem lhe dispensasse, generoso, consolações e protecção, disvellos e carinhos de irmão; aquelle que, finalmente, houver conhecido um verdadeiro amigo, dirá comnosco, dirá com todos que tiverem sentido e experimentado as doguras da amizade, d'esse sentimento que a Providencia gravou profundamente no coração do homem como para o compensar de todas as amarguras do viver, não só que o *bom amigo é preferivel ás riquezas*; mas que constitue per si só a maior de todas as riquezas.

D'este pensar era sem duvida o famoso pintor allemão Othovenius, auctor do bello quadro de que a nossa gravura é um transumpto tão fiel quanto póde desejar-se.

A composição do quadro de Othovenius é simples como o sujeito, e o sentido moral d'elle acha-se indicado perfeitamente n'aquella corôa, symbolo do mando; n'aquellas moedas, derramadas por sobre uma antiga mesa; n'esses louros, imagem das glorias do mundo, e que o mundo soe muitas vezes arrancar no dia seguinte da fronte dos seus escolhidos de hontem: e o mando, e as riquezas, e a gloria, cousas todas que tanto se presam, e pelas quaes tem perecido tantos milhões de victimas, eil-as abandonadas n'uma doce apertar de mão; mas é que esta é a mão de um amigo, de um companheiro de trabalhos, de um irmão!

A postura das duas unicas figuras do quadro é nobre e expressiva, o desenho irreprehensivelmente correcto; os accessorios de uma sobriedade apreciavel. O colorido e as demais qualidades d'este bello trabalho não podemos nós avaliar. Comtudo, a julgarmos pelo que temos ouvido e lido do auctor em varias das mais bem conceituadas publicações estrangeiras, este quadro é, pela execução artistica, digno do pensamento que o inspirou, e da escola allemã moderna.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Illustração do Exercito.

II.

Como apostolo do progresso imagináramos nós o soldado, e fôra um sonho, e tel-o-ía de ser sempre, se não houvessemos em nossas mãos os meios de convertel-o em realidade; se não possuissemos, verdade seja que quasi sem darmos por isso, o poderoso talisman, que tem a virtude de transformar em machina civilisadora o mais obediente, o mais energico, o mais activo, o mais prompto de todos os reagentes de que a nossa sociedade póde dispor. Este sonho, repetimol-o, nunca passaria de sonho, e até seria pesadelo, de que assim mesmo era bom não acordar, se a Providencia não tivesse derramado já as bençães, que sobre a cabeça respeitavel do soldado devem ír lançar-se, quando para a sua nova missão, em nome da mesma Providencia, o enviarem.

E o soldado, apostolo do progresso, não deporá as armas como Saulo, para ser o Paulo do apostolado; não, que as armas não as empunha contra a palavra de Deus; se as tomou, foi com um fim santo. Conserve-as, estime-as, respeite-as, faça d'ellas o seu brazão; mas que por cima d'esse brazão campeie um facho, que uma luz vivissima lhes sirva de timbre, que esse clarão lhe dirija a elle os passos na senda da gloria, lhe ateie o fogo do amor da patria, o constitua farol, não d'invejas, mas de emulações nobres e do amor dos seus irmãos a quem não coube igual sorte; e que essa luz a final, depois de lhe esclarecer a vida, que tanto semeou por crepusculos e nevoas, que tanto alumiou os outros, que tão bem soube manter o fogo sagrado do patriotismo, da honra, da abnegação e da virtude, que essa luz seja tambem a aureola com que o soldado apostolo se cunhobreça; que essa luz torne mais refulgente a corôa do martyrio, se a missão lh'o tornar inevitavel; que as lagrimas, que porventura humedecerem essa corôa, brilhem como gotas d'orvalho em alvorada santa; que essa luz, se pelos seus e pelo dever tiver dado a vida, seja uma estrella, a guiar pelo exemplo e pela fé, a quantos o conheceram; um conforto que para os corações amigos do seu, lhes adoce a saudade; uma gloria para a terra onde nasceu, e por quem tiver vivido e morrido!

Uma supplica fazemos desde já a todos que lêrem estas paginas, uma supplica sincera e ardentemente pedida; não as tomem como rasgos de pretenciosa affectação. Seriam já hoje tentativa mallograda. Hoje, quem não escrever para ser lido de boa fé, isto é, quem de boa fé não escrever, malbarata o seu papel, e o que ainda é peior, faz um papel tristissimo. Ha porém uma cousa em que cremos muito, e é na necessidade de communicar aos outros o que deveras se sente, aquillo em que deveras se acredita, embora não tenha todo o cunho da novidade; e n'este caso, tanto melhor ainda, por assegurar mais sympathias para o que se diz, mais boas vontades para o que se pede, e talvez um echo favoravel para o que não era se não palavra, ou um desenvolvimento em bom terreno para o pobre germen de idéa que se manifestou

Ainda o repetimos, a instrucção primaria para o exercito acha-se decretada ha mais de quinze annos; (1) a superior e a especial está organisada. Não é portanto para convencer da necessidade de se crearem escolas regimentaes simplesmente, que nos decidimos a escrever; porém, insistimos n'alguns pontos, que devem servir de base para as mesmas serem reformadas, e permittir-se-nos-ha o apresentarmos a final um projecto de regulamento para a sua organisação e pratica.

Todavia, esta insistencia é fundada em mil razões de publica utilidade.

Cada um de nós, é, e deve sel-o do coração, um enfermeiro d'este nosso Portugal. Feliz o que tambem é medico, porque póde ajudar muitissimo a natureza nas suas tendencias reparadoras: mais feliz o que para o resuscitar pudesse dizer-lhe: levanta-te e caminha!

Mas, ao enfermeiro a quem lhe doe, será licito abandonar o leito dos soffrimentos, em quanto lhe fica uma esperança? E quando em vez de fraca esperança, e tão debil como os restos de vida d'aquelle por quem vela, lhe sorriem esperanças verdadeiras, e entrevê essa convalescença tão cubiçada!...

Fomentar a instrucção elementar no povo, tornar-lh'a convidativa, dal-a nocturna aos adultos, diurna e sem rigores á infancia, para todos amena, para todos gratuita, é um pensamento fecundo e regenerador. Porém, não basta. — Do povo que em trabalhos penosos dispendeu o dia, irá uma parte recrear-se na escola nocturna; mas para que vá a maior parte, não são sufficientes todas as seducções do aprender. Ainda nas povoações ruraes irão muitos, mas nas cidades onde a maioria d'essa ultima camada social, que é mister, que é urgentissimo educar, se compõe de operarios a quem os serões impedem metade do anno de frequentar a escola, (porque as horas do repouso não as póde roubar á madrugada que os espera na officina,) e de servos que não dispõem de si, nunca. Em tudo nos referimos agora aos adultos. E serão só esses homens, que pódem frequentar bancos de aulas, ainda que muitos, poucos todavia comparados com os muitissimos que é instante pôr a saber lêr e escrever, serão elles a fiança da nossa transformação? De certo que não. E as creanças? E essas escolas nacionaes mantidas pelo estado, cujas portas estão abertas todo o anno e todo o dia para filhos de pobres e ricos por todo o reino? Fechal-as, seria loucura pensar em tal. Reformal-as no que respeita a methodos d'ensino, tornal-as mais appetecíveis, mais obrigatorias pela convicção da sua bondade, multiplical-as, protegel-as, livrar essas barcas de salvação de maus timoneiros, compensar os mestres d'essas barcas, que navegam para o futuro, com mãos largas, examinar bem o mantimento que se lhes metter a bordo, folgar de as vêr com vento em pôpa levar esses colonos do porvir contentes e instruidos, alegres e ensinados, esperançosos e intelligentes promptos a servir sem terem experimentado a escravidão, nem os tratos das galés negreiras, ousados e francos sem despejo nem maus habitos, isso é o que quer, é o que faz, é o que deseja fazer todo o governo sensato.

E lá vae, ou lá promette desferir vêla essa frota, que um dia ha de ser a geração que nos succeda. Esse exercito grande, pois é toda a infancia da nação, que tem de ser o magistrado, o combatente, o marinheiro, o lavrador, o operario, o legislador, o artista, o ministro, o sacerdote, o mestre tambem, e mais que tudo o pae e a mãe de familias.

O povo tem preconceitos, e quando os não tera? Ha ainda muita gente que não quer que seus filhos aprendam o que ella ignora. E o systema dos misteres hereditarios na China, applicado á ignorancia e á rudeza. Por isso ficam tantos que não sabem lêr. Ficarão porém de futuro, se a infancia e a adolescen-

(1) Decreto de 4 e 13 de janeiro de 1837. Ord. 10 e 14 de janeiro de 1837, numeros 3 e 4, Ord. de 13 de maio de 1838 numero 48.

cia de hoje tiver sem excepção cursado as escolas elementares? Não o cremos.

Porém releve-se-nos o egoistico do argumento; comtudo, é egoismo onde o *eu*, é collectivo, e se póde traduzir por quatro milhões d'almas. Mas diziamos nós, apparelhar essa grande e pacifica armada para as regiões do futuro assegura-nos a felicidade actual, que pela instrucção se póde e deve conseguir.

É um legado que entregamos em vida; é a herança de nossos filhos. E nós, que, sem lhes prejudicar os direitos, sem lhes diminuir os bens, poderiamos em vida nossa gosar d'elles, usofruil-os, sem que o uso os alienasse, antes que lh'os augmentava e melhorava; nós, que somos os administradores d'esse morgado em que se ciphra a maior felicitação da patria, se temos a certeza de que antes o administramos melhor, e lhe damos maior valor, dispondo d'elle já hoje, já para nós, porque não o faremos?

Expliquemo-nos. — A instrucção elementar será de todos para a geração nova, se dispozermos dos meios que temos sem outro esforço mais do que uma pouca de fé. E a fé, que ainda é tibia, virá de per si firme e bem firme quando se vir, que se não gastam seis ou sete annos para aprender a lêr, escrever e contar.

A instrucção elementar será de todos, com rarissimas excepções, na geração presente, em nossos dias, se dispozermos dos meios que temos com muita fé, sem outro esforço mais do que uma vontade firme, abrindo escolas para adultos, nocturnas e gratuitas, nas cidades para os operarios, para os aprendizes, para os criados de servir, e para todos que carecerem de instrucção, tendo-as de instrucção primaria superior, e technologicas, (1) para quem souber lêr; abrindo-as tambem nos campos de lêr e escrever, de principios de agricultura, de veterinaria, de hygiene, etc. Dêem-lhes outras denominações, tirem os foros gregos aos nomes das cousas uteis que convem ensinar a essa boa gente, se porventura fôr necessario, mas ensinem-lh'as. Não lhe chamem cursos; conversem com ella, aprendam todos, mestres e discipulos, que se uns levam para casa o saber, os preceptores levarão indelevelmente gravada a doce convicção de que o numero dos ingratos não é o maior; de que o reconhecimento é moeda corrente entre gente sincera, para pagar até o minimo do que por amor de Deus, e com amor sincero se lhe der.

Está bem demonstrado que existe ainda muito fervor para que esta grande obra se erga desassombrada na terra que está pedindo um monumento condigno do seculo. Para trabalhar n'ella não ha governantes nem governados. É nossa, suem todos; as pedras serão Thebas, porque as harmonias são muitas a chamarem-nas; cada homem de bem é um Orpheu; todo aquelle que ainda não tiver cruzado os braços pela desesperança poderá ser um Amphião. Animem-se reciprocamente, estes descobridores da nossa India, da India que já agora é possivel para nós, que o bom proposito é contagioso, e o cabo não é das tormentas, mas sim da boa esperança. Os Adamastores vão desapparecendo, como fantasmas de trevas á luz do novo dia. Fôra imperdoavelmente pueril o julgar que os governos hão de fazer tudo, e o povo nada. Governo e povo compõem a nação. Os esforços são reciprocos. A politica é uma, é o bem geral. Trabalhe-se no monumento d'esta era, e cada um dos operarios levará um passaporte para a posteridade. O Lethes mudou-se em Jordão, e as suas aguas são de apagar sêdes, e santificar sequiosos. O simples particular, como o alto funccionario, todos pódem ajudar ainda mesmo com a approvação e louvor, que mais não seja, esta reedificação, não já de uma cidade, mas de todo o reino.

Prosigâmos com o argumento egoistico se assim lhe quizermos chamar. Não temer que o fructo se perca, por lhe querermos apressar a maturidade. Não é solipsismo, porque os filhos lá andam nas escolas, mas entretanto que os paes, e os irmãos mais velhos as encontrem abertas por toda a parte. Com que prazer não as vimos nós já em terra que não é menos portugueza do que esta, (1) apesar das solidões do Oceano que a estão cercando, com que prazer e unção se não viam ali, chegada a noute, correrem para a escola. A luz que deslisava alegre e festiva d'aquellas casas evangelicas, parecia a que entre os rigores de dezembro solta a igreja em noute de natal. Era noute de natal todas as noutes!

Faça-se isto, que já temos andado muito.

Abram-se escolas nas cadêas para os presos, que a conquista irá mais adiantada. (2)

Abram-se porém como deve ser nos quarteis. Eis o ponto que convem ferir.

O enfermo precisa de que se lhe empreguem todos os meios therapeuticos para que a cura seja radical. Não é idylio. É positivo, e tão positivo como os calculos, como os algarismos, como o pão, como a vida real, como a felicidade publica, sobre que não é licito romancear.

Das escolas populares pódem fugir muitos por má vontade, por desleixo, por más suggestões, por necessidade de dar ordem á vida, porque os filhos querem pão, e ás vezes nem um salario de quarenta e oito horas de trabalho daria para sustentar n'um dia uma familia proletaria.

---

(1) Como a respeitavel Associação Industrial do Porto vae fazer, com aquella energia e seriedade que ja caracterisa todos os seus actos e deliberações. O seu jornal, só per si, já era um grande serviço.

(1) A ilha de São Miguel que já conta doze d'estas escolas gratuitas e nocturnas.

(2) Não é nosso o alvitre. O mesmo fundador das escolas gratuitas em São Miguel, o sr. Castilho, impetrou do governo de Sua Magestade o crear na cadêa do Limoeiro uma escola de leitura e escripta pelo seu methodo. O pensamento foi devidamente acolhido. A portaria do ministerio da justiça de 29 de setembro d'este anno, assignada pelo sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, é um documento que para o avaliar basta haver coração. — Leia-se: — CÓPIA. — *Repartição da justiça.* — Sendo presente a Sua Magestade a Rainha o officio do procurador regio da relação de Lisboa de 10 d'este mez, com a representação em que o eximio escriptor Antonio Feliciano de Castilho se offerece a crear na cadêa da cidade uma escola de leitura e escripta repentina, com mestre gratuito da sua escolha e approvação: A mesma Augusta Senhora, reconhecendo os proficuos resultados que devem provir da instrucção dos presos, por meio tão facil e prompto; Manda declarar ao referido procurador regio, que póde acceitar aquelle generoso offerecimento, a fim de ter logar o ensino de que se trata, mas só de dia e separadamente, em cada uma das respectivas prisões, dando em seguida as providencias adequadas, para que, mantida rigorosamente a observancia do regulamento de 16 de janeiro de 1843, não se perturbe a policia da cadêa, nem se arrisque a segurança dos presos. — Paço, em 29 Setembro de 1852. — Rodrigo da Fonseca Magalhães. — Está conforme — José Maria Borges

Das escolas das cadêas, oxalá que fugissem todos; mas do mal, o menos. O *Lasciate ogni speranza* do Dante, já ali se não poderia repetir com verdade.

Mas da milicia, pelas rasões que apontámos em o nosso capitulo precedente (1), quem fugirá? Quem não paga este tributo? Quem ao solver a divida da patria não encontrará bemaventuranças nas riquezas que d'ali trouxer? Mais do que um pobre capote de munição, e algumas alfaias que acompanham a baixa, lhe aproveitará ao soldado a leitura tornada em necessidade, e o prestimo que houver adquirido no serviço.

As escolas que existem para o nosso exercito, fazem do homem soldado. As que sinceramente desejariamos melhoradas, devem fazer do soldado homem.

Voltaremos ao assumpto.

LUIZ FILIPPE LEITE,

Director da Escola Normal Primaria de Lisboa.

(1) Veja-se o N.º 46 d'este volume.

SANTO IGNACIO DE LOYOLA.

A RAINHA D. Maria Anna de Austria, viuva de D. Filippe IV, desejando que na casa em que nascêra Santo Ignacio, celebre fundador da *companhia de Jesus*, se erigisse um *collegio*, procurou obter e conseguiu a cessão do palacio de Loyola, situado a legua e meia da villa de Ascoitia, em Hespanha, cessão que lhe foi feita pelos seus proprietarios D. Luiz Henriques de Cabrera e D. Theresa Henriques de Velasco, marquezes de Alcanizas e de Oropesa, por escriptura de 24 de maio de 1681, lavrada na cidade de Toro, com a expressa condição de que se não demolisse parede alguma. Carlos II approvou esta escriptura, aos 14 de julho do mesmo anno, e a 19 de fevereiro seguinte, em nome da rainha, tomou posse do edificio D. Manuel de Arce, corregedor de Guipuzcoa, acto que se celebrou com a maior solemnidade, e na presença de um numeroso concurso.

Achando-se no *Bom-retiro* a rainha D. Maria, firmou, aos 24 de maio de 1682, a escriptura de fundação d'este collegio, e pediu a seu filho que lhe concedesse as mesmas preeminencias, prerogativas e isenções de que gosava o mosteiro do Escurial, e os conventos das Descalças e da Encarnação de Madrid. Carlos II accedeu a este pedido, approvando a fundação do collegio em todas as suas partes, por decreto de 23 de março de 1683.

Entrada a *companhia de Jesus* na posse do palacio de Loyola, tratou desde logo de tomar as necessarias providencias para a edificação do collegio, encarregando de fazer os respectivos planos e desenhos ao architecto Carlos Fontana, illustre pelas muitas e soberbas construcções, a que presidira nos pontificados de Innocencio XII e Clemente XI. Não consta qual fosse o primeiro artista encarregado da execução do difficil risco de Fontana: no primeiro quartel, porém, do seculo 18.º entendia nas obras Ignacio de Ibero, succedendo-lhe Xavier Ignacio de Echevarria, que ainda as dirigia em 1767, quando foram expulsos os jesuitas. A primeira pedra do edificio collocou-se em 28 de março de 1689; mas desde 1767 não proseguiram os trabalhos, ficando por consequencia a vasta fabrica incompleta. Depois da expulsão dos jesuitas, passaram os conegos de Urdax para o antigo collegio, e pela extincção das ordens religiosas, ficou a cargo da municipalidade de Aspeitia, que, honra lhe seja feita! tem empregado todos os meios para preservar o edificio dos es-

tragos do tempo, fazendo-lhe os necessarios reparos. Em 1846, discutia-se a opportunidade de estabelecer no collegio de Loyola, que a nossa estampa representa no estado actual, um museu, e o archivo provincial. Muito convirá que tão excellente idéa se realise, porque assim fica garantida a existencia de um monumento, que segundo a opinião dos entendidos, apesar de não estar concluido, não tem superior em Hespanha exceptuando o mosteiro do Escurial.

Cedendo aos desejos de muitos dos leitores do *Panorama*, reproduzimos nas suas columnas o romance historico — Odio Velho — do qual um fragmento se publicou já em os n.os 2.º e 3.º do presente volume. Não ignoramos, que a edição que se fez d'elle lhe rouba o interesse da novidade; nem agora tentariamos a reimpressão, apesar de decorridos alguns annos, se não nos julgassemos obrigados a satisfazer os assignantes que o pedem.

O que está da nossa parte é corresponder da maneira conveniente, revendo cuidadosamente a novella, e expurgando-a dos defeitos, que o tempo e a reflexão lhe descubriram. N'este sentido sujeitámol-a a um exame severo, e podemos affiançar que no estylo e nas scenas mais importantes apparece quasi completamente refundida, não se poupando a lima nem o trabalho para tornar claras, faceis e agradaveis essas paginas, que mais pelo assumpto, do que pelo merito litterario, obtiveram da benevolencia publica um acolhimento, que em toda a imparcialidade somos os primeiros a conhecer, que excedeu muito as esperanças do auctor, e o merito intrinseco da obra.

N'esta correcção tomou-se por empenho verter quanto possivel na linguagem de hoje as idéas e os factos da sociedade no seculo XIII. Procurou-se tirar á phrase e ao periodo a rigidez e a côr antiquada, que faziam bastantes vezes obscura pelo uso de vocabulos obsoletos a intelligencia do texto. Se o fim se conseguiu a crítica o dirá; que se desejou, que se lidou para o alcançar, esperamos que o atteste a comparação mais superficial da primeira edição com a actual. Suppriram-se igualmente todas as omissões, que suspendiam a idéa, ou deixavam imperfeita a expressão dos caracteres e das paixões. Ha scenas, que foram escriptas de novo, e que ainda assim descontentam o auctor; mas não dependia d'elle agora, sem alterar o plano do livro, dar-lhes o cunho, que no seu pensamento era preciso que tivessem.

O juizo dos entendidos fará justiça, avaliando as difficuldades e os esforços. Se este ensaio fôr feliz, em seguida ao romance — Odio Velho — publicará o *Panorama* outra novella — A Pena de Talião — em que a deposição de Sancho II e os seus desgraçados amores com a bella Mecia de Haro formam o fundo da acção. Um episodio d'este quadro, talvez o mais dramatico d'aquelle periodo historico, já saíu na *Revista Universal* com o titulo de — Rauso por Omizio — cujo desenho e colorido confessa o auctor em toda a sinceridade que estão longe das condições, que, a seu vêr, exige uma obra d'arte, que deve principiar por ser agradavel na leitura, não se enredando o estylo de phrases archaisticas, nem se prendendo a cada passo com locuções estudadamente obscuras.

Se o favor que acolheu os primeiros ensaios da sua imaginação inexperiente continuar a protegel-o, ficam satisfeitos os seus desejos, e mais do que pagas quaesquer fadigas, applicadas a não o desmerecer. De resto, torna a declarar que não poupou diligencias para que a segunda edição d'este romance saia digna do publico, e em estado de supportar a necessaria severidade da critica.

L. A. Rebello da Silva.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

Romance Historico.

Introducção.

Abrindo em um capitulo o Nobiliario, attribuido ao conde D. Pedro, encontrei a tradição do rapto de D. Maria Paes, amante de Sancho I, por Gomes Lourenço da familia do famoso Viegas de Riba Douro, denominado pelos chronistas o *Espadeiro*.

Logo á primeira leitura acha-se o sabor rustico, mas agradavel, das historias populares, contadas ao pé da fogueira, com a ingenuidade do velho estylo patriarchal. Os quadros do *Livro das Linhagens* lembraram-me os paineis flamengos, aonde, com muita naturalidade quasi sempre, as figuras se destacam, parecendo viver e conversar ao serão allumiadas pela chamma, cuja labareda affogueia as gothicas chaminés.

Pelo menos produziu em mim este effeito o Nobiliario. Lendo-o, por momentos me illudi, figurando-se-me que respirava o ar aspero e livre, em que se creou a robusta infancia de Portugal.

É antigo o colorido do estylo bem sei; é incorrecto o desenho das scenas não o ignoro; porém os toques, e as physionomias que ha n'elles hoje não se imitam, mesmo de longe, nem se encontram, a não ser em algum retabulo da escola chamada de *Gran Vasco*.

Se a novella historica e o drama quizerem deveras fazer-se nacionaes hão de aprender ahi muito no Nobiliario; porque o espirito póde ter a intuição da sociedade passada, e adivinhar a existencia intima de epochas, que talvez não seja erro denominar as eras heroicas da nossa historia. Um resto da vida e das crenças, que eram a alma dos primeiros seculos, ainda anima aquelles retratos meios apagados. Pedaços do grande espelho, aonde se reflectia o seculo, é necessario ajuntal-os e embebel-os na moldura moderna para tornarmos a vêr alguns dos seus defeitos e bellezas.

Isto percebe-se na tradição de Maria Paes. Á excepção de duas situações, a torrente que levou tantos monumentos preciosos gastou o resto. A acção fica suspensa; os episodios estão confundidos; os caracteres apparecem em meio esboço. O nexo, a unidade e a fórma debalde se buscariam ali; mas em compensação acha-se o que nada póde supprir tambem: — a verdade dos costumes e das paixões, segundo o «viver e crer» d'aquelle tempo.

O Nobiliario entra na acção sem prologo. Gomes Lourenço espera Maria Paes, rouba-a, e depois mette-se com ella nas terras do rei de Leão. Porque? O piedoso collector deixa-nos ignorar as circumstancias do louco amor, que arrojou o cavalleiro a forçar, não qualquer dama (o que era então vulgar), mas a amante de Sancho I! Apesar de encerrado no tumulo, a sombra irritada do vencedor de Silves devia arrefecer a ousadia do homem que pisava as suas cinzas, profanando a affeição mais ardente da sua vida.

Sem poderosa causa atrever-se-ia o impeto dos

sentidos a tal extremo? Parece que não. Em Avellans, roubando Maria Paes, Gomes Lourenço não fez mais do que revelar a desesperação de affectos mal retribuidos, ou completamente despresados. Como se preparou o desenlace da tragedia ninguem sabe; é provavel, que o odio das duas raças, o desdem de mulher, e póde ser até que o escarneo, mais pungente do que todos elles, bordassem a tela em que esta paixão negreja. — Eis o que indica a falsa reconciliação depois do rapto; vê-se bem que foi fingida para adormecer o cavalleiro e arrastal-o, enganado, ao precipicio.

De que maneira o conseguiu Maria Paes? Comeu a terra o segredo, e jaz com os seus auctores. Entre tanto ha uma conjectura plausivel para a explicação de tudo. É suppôr, que a dama representando a comedia de um amor, que não sentia, e attrahindo Gomes Lourenço com promessas e juramentos, o trouxesse ao laço, armado de accôrdo com os parentes. Quem reflectir no caracter de Maria Paes, vigorosamente desenhado no *Livro das Linhagens*, pouco hesitará em acceitar a hypothese. Mestra na arte da hypocrisia e da perfidia, batendo-lhe no peito o coração de uma raça implacavel, as seducções da belleza eram n'ella um perigo mais; debaixo estava a alma inexoravel da famosa Leonor Telles.

Por isso se preferiu á versão do Nobiliario sobre a morte de Gomes Lourenço, o desenlace figurado n'este romance. Pareceu mais adequado á invenção poetica, e talvez mais conforme aos costumes do seculo. A tradição do *Livro das Linhagens*, n'esta parte, figura-se-me visivelmente corrompida. O papel attribuido ao rei de Leão, e a justiça violenta imputada a Affonso II, oppõe-se aos usos do tempo, e são pouco verosimeis.

Um dos Viegas, familia por alliança de sangue unida a tantas casas importantes do reino, não se justiçava por acto verbal e summario como o villão, que os officiaes do municipio sentenciavam, e o verdugo açoutava. Para tocar assim na cabeça de um rico homem do seculo doze o braço real ainda não era bastante forte. Pelo contrario a historia dos primeiros reinados mostra, que os fidalgos, desenfreados pela impunidade, ousavam e podiam tudo, sem a auctoridade soberana se atrever a cohibil-os.

Além d'isto, como ousaria o rei estranhar as violencias, de que frequentes vezes era o primeiro a dar o exemplo? Quem estudou de perto as contendas de Sancho I e de seu filho com o clero e com alguns dos nobres, conhece que estes monarchas recorreram ao incendio e á oppressão sem o menor remorso. Excedendo-os na crueldade das vinganças, os ricos homens seguiam as suas pizadas, e compunham-se pelo modêlo do principe.

Se o rapto da *mulher de linhagem* era feito mais arriscado do que manchar a innocencia da filha do povo, o perigo não consistia na severidade do rei; provinha das represalias inevitaveis e terriveis da familia ultrajada. O roubador ficava diante d'ella como homicida de mais que a vida, como algoz da honra e do orgulho de uma raça nobre; e injurias taes nunca deixavam de verter sangue. O direito de vindicta, exercido pelos parentes, legitimado nas leis, e santificado pelos costumes, era sufficiente para flagellar amargamente as vigilias do criminoso. O receio, aguilhoando o remorso e tornando-lhe acerbo o prazer, fazia-lhe de espinhos o leito da insomnia. Entre tanto, sem temor é licito dizer que no meio das ameaças que o podiam perseguir o cutello alçado por D. João II sobre a cabeça da fidalguia não lampejava diante da sua vista.

O rei ainda não aprendêra a canonisar as suas paixões, vestindo-as com a oppa da justiça, e comprando o sangue a preço de honras. As vinganças e as ambições eram sinceras, e não punham mascara. A atrocidade legal veiu depois, como requinte de civilisação, nos tempos do filho de Affonso V!

Por estas razões é que a tradição do Nobiliario pareceu corrompida, e se adoptou a hypothese figurada no romance. O enredo vive do odio de raça, feição caracteristica da meia idade. A chronica das luctas individuaes, e do conflicto das diversas classes e localidades, se fosse restaurada em consciencia pelo drama e pelo romance, seria a pintura exacta das sociedades semibarbaras, que dormem na urna da historia.

A originalidade da acção, a grandeza tragica dos affectos, e o pittoresco dos costumes, que offerece, são dados preciosos para a arte aproveitar nas suas manifestações. O Dante nos mais admirados episodios da *Divina Comedia*, e Shakspeare nas melhores peças, colheram a vaga tradição, e a ella aqueceram o raio luminoso, que é a alma das suas bellas creações.

Uma d'ellas, *Julieta e Romeo*, talvez a composição mais delicada do auctor de Othello, indica uma apagada similhança com a tradição do Nobiliario. thema d'este romance. É tambem uma rixa de familia, e um noivado que vêem expirar dentro das paredes do sepulcro.

Mas a similhança está só na identidade do facto. A fabula, os caracteres, e os sentimentos apartam-se depois completamente pela differença da indole dos dous povos, e mais que tudo pelo abysmo que separa a poesia do norte da poesia peninsular.

Entre tanto em nenhum drama foi Shakspeare menos inglez, quanto á fórma, do que em *Julieta e Romeo*. Meditou-a debaixo do til como se vivesse no seio de Granada e Sevilha, entre os laranjaes e limoeiros. Quem apreciar a sua obra só pela apparencia, dirá que foi inspirada pelo sol das Hespanhas. quem descer porém a mais seria analyse descobre logo o desconsolado scepticismo, que envenena os affectos, degenerando o coração porque lhe rouba a esperança em Deus.

Vendo Romeo, e amando-o, Julieta pressente que o verme da morte está dentro das rosas do amor. Ella mesma é quem prophetisa: «que o tumulo será o seu leito nupcial, e os brandões funebres allumiarão a vingança das duas casas inimigas!» Longe de sorrir a illusões futuras, a apaixonada donzella geme na tristeza as solitarias horas da noite. E a lua, amiga dos amantes, caindo branda e clara sobre as pedras d'um jazigo, parece indicar-lhe o sitio aonde o infortunio acaba!

Que differença entre esta contemplação perenne da morte mesmo no amor, e a paixão arrebatada, que respiram as peças castelhanas de Lopo da Vega e Calderon?! No infinito, por onde vôa a phantasia, e na immensidade do desejo, por que se alarga o coração, ainda escrava a inspiração, e abrindo as azas, eleva-se acima do universo, e rompe até ás nebulosas regiões, além das quaes estão os segredos do porvir.

Absorvido no exame do mysterio da existencia, o inglez resolve-o pela duvida, quando o castelhano o illumina com a fé. De joelhos, no chão dos mortos, Shakspeare deixa passar a alma alguma cousa do gelido orvalho que goteja das cruzes, e cresta a flôr que só viverá um dia. Para elle a existencia significa a passagem dolorosa do homem, saindo do desterro do mundo para o invisivel e ignorado abysmo que está além do sepulcro, e que a voz do mundo chama eternidade!

Creada entre as duas maiores solidões da vida, o mar e a ausencia, a musa britannica é triste e severa como ellas. As tormentas, que lhe balouçam o berço, os nevoeiros que lhe toldam o sol, e a luz baça e triste, que lhe allumia os dias, concorrem, com a melancolia do clima, para a fazer chorosa, reflexiva e sceptica. A paixão do norte é a noute dos esponsaes de Romeo (acto 2.º scena 2.ª) conversada ao luar. Os suspiros da aragem, a fragrancia das flôres, e o murmurio das folhas, harmonias e perfumes, entre os quaes recendem os beijos do primeiro amor, enganam o coração deixando-o gosar em um minuto uma vida inteira; a alma antevê o céu, estremece com os doces affectos, e apesar de tudo isto porque não ha n'esta scena senão tristeza? Porque se reflecte na admiravel ternura dos dous amantes, como um clarão da lampada funebre, que aclara o desenlace tragico? Desde o principio, a cruz da ermida, onde no fim ambos vão morrer, apparece de toda a parte, e até mesmo entre os myrthos do amor!

A musa da Hespanha não entende assim a existencia. Filha dos vergeis, não se reclina a vêr dobar nos ares as nevoentas cascatas; não vae pela beira dos rios aspirando a fresquidão, apanhando o fructo com a flôr, nos ramos que se debruçam em toldo viçoso sobre a estrada. A luz e o sol, as flôres e as aguas, alma da natureza, tambem são a alma d'ella. O estio calmoso colhe-a, ingenua e pastora, banhando-se meio corpo nas fontes, ou pensativa e namorada pulsando com os dedos distrahidos a thiorba romantica. Se chora, poucas vezes verte prantos inconsolaveis; se o coração arqueja, raro é em convulsões de desesperação. Os delirios de Sapho, as saudades que matam, e o amor que verte sangue em vez de lagrimas, rara vez levantam os sinistros espectros do ciume de Othello, do scepticismo de Hamlet, e da demencia de Lear no temperado e suave clima da Hespanha.

As paixões na Peninsula são ardentes, porque o sangue hespanhol queima como sangue arabe; mas, nos trances do infortunio, a esperança não foge ao afflicto, antes lhe aponta para o céu. Padecer é expiação, não é destino. Vergado á sua cruz, aquelle que descae, não expira enchendo a terra, como Byron, dos clamores da desesperação. Acima das tempestades em que a vida se affunda, está Deus, a fé, e o dogma consolador da remissão divina. Na harpa do norte ha de menos a corda suave de esperança religiosa.

A opposição de idéas e de indole entre a poesia do norte e a do meio-dia, constitue a respectiva originalidade. Em Castella e Portugal os dramas de *Hamlet*, e do rei *Lear*, imitando-se, arriscavam-se a passar mal entendidos.

Tem-se dito bastante para desenvolver a differença entre a tradição do *Nobiliario*, e a versão italiana, que inspirou a Shakspeare o drama de Romeo e Julieta. Seja licito agora accrescentar duas palavras ainda para explicarmos o fim que o auctor se propoz, acceitando o conto popular como base das licções da novella historica.

A côr antiga do *Livro das Linhagens* serviu de fundo ao painel, em que se debuxaram estas scenas do seculo 19.º O povo está retratado, de escorço apenas, nas ondas da praça publica, aonde ensaia a vida energica dos reinados del-rei D. Fernando e D. João I; e levemente esbogado nos costumes, que não resaem bem senão na intimidade do lar domestico. As leis conservadas no *Fuero Viejo de Castilla*, e os usos civis e religiosos, colligidos pelo erudito Berganza nas *Antiguidades de Hespanha*, ministraram tintas hoje raras para se restaurar um pouco das obliteradas physionomias do clero e da nobreza na idade media. As virtudes e os defeitos das classes, quanto possivel, resumiram-se em um quadro breve para deixar sobresaír melhor o espirito, de que vivia a sociedade, que tanto lidou pela gloria do nome portuguez.

Em assumptos historicos o dever do romance consiste em cunhar com a verdade mais aproximada a expressão fiel do *viver e crer* de Portugal, ou de outra qualquer nação, n'uma designada epocha. Se não prestarmos ás gerações extinctas os sentimentos e as crenças, que as animaram, e as paixões humanas, que as inspiraram, tudo se fará menos entender e applicar a historia na sua essencia mais philosophica. Para calumniar um seculo e os homens d'elle não val a pena levantar do tumulo o seu cadaver. A religião do sepulcro deve ser sagrada para a arte, como o é para a historia.

Nos lavores da imaginação o merito está em reproduzir idéas exactas colhidas pela analyse das instituições e dos factos sociaes. O desenho das physionomias e o relevo dos costumes, dependem d'ellas; outra cousa equivale a consummir as forças na ingrata fadiga de adversa Minerva, dissolvendo-se a tinta dos velhos pergaminhos em arengas insipidas, e estolidamente falsas. O verdadeiro espirito dos seculos escapa á rede de apanhar vocabulos dos copistas.

E a razão porque este romance é escripto e fallado na lingua de hoje, e não torcido por torniquete quinhentista. A historia reside nas cousas.

Por ultimo, como a tradição, que escolhemos, é das poucas em que se revê a funda e quasi inconsolavel tristeza da musa do norte, adoptou-se para epigraphe este verso de Shakspeare em Othello:

She was born to be fair; I to die for her love!

De certo, Gomes Lourenço podia dizer com o poeta inglez:

Ella nasceu para matar d'encantos
Eu para, amando-a em vão, morrer d'amores.

O padecimento immenso do cavalleiro portuguez, bastante para encher d'amargura a existencia toda, está resumido no verso de Shakspeare. Desdemona tinha-o gravado na memoria com as suas lagrimas antes de o soluçar na harpa; e atravez das epochas, no infinito da eternidade, a amante do mouro de Veneza, e o neto dos Viegas de Salzedas, dão as mãos, confundindo no mesmo suspiro a dôr que os dilacerou. Ambos repousam n'um sepulcro ensanguentado; ambos do amor, que foi a sua vida, colheram apenas, ella o espinho do ciume, elle o desengano da traição!

O fado severo, que os levou a brincar com a morte, e em premio de votarem a alma a um affecto, só lhes deu tormentos e desesperação, é o mysterioso cunho, com que o dedo da Providencia assignala os martyres do sentimento, escrevendo a predestinação da poesia na fronte de Camões, e debaixo da corôa d'espinhos de Bernardim Ribeiro!

(Continúa.)

VIAGENS.

Um passeio á Noruega.

Eis-me outra vez em Bergen, recolhendo de uma excursão ás montanhas. Direi duas palavras acerca

d'esta cidade e seu commercio antes de te dar conta da minha jornada.

Dizem que a fundára em 1069 ou 1070 o rei Olavo Kyrre, que a elevou á cathegoria de segunda cidade do seu reino; em breve veiu a ser a primeira pela vantajosa situação de seu porto e pelos privilegios que lhe concedeu a liga hanseatica, (1) pondo aqui uma feitoria. Até 1814 conservou esta supremacia. O congresso de Vienna separou a Noruega da Dinamarca para unil-a á Suecia em recompensa da cooperação que o general Bernadotte, coróado rei Carlos João, (2) prestou para a queda de Napoleão, e por indemnisação da Finlandia e da Bothnia oriental com que ficou a Russia. Desde então é a capital da Noruega Christiania, que só fôra fundada em 1624, mas que augmenta annualmente em importancia, commercio e prosperidade. Todavia, Bergen continúa a ser a cidade mais commerciante e mais povoada: monta a sua população a 25,000 habitantes, e soube conservar no seu porto os depositos das grandes pescarias das ilhas situadas na extremidade da provincia do Northland.

Estas ilhas situadas entre 68 e 69 graus de latitude, de solo geralmente pedregoso e esteril, e de pouco ambito, porque as maiores apenas tem oito a nove leguas de circuito, formam um pequeno archipelago n'um mar extremamente piscoso, onde se juntam todos os annos os pescadores do norte para a pescaria de inverno: aqui concorrem aos centos, aos milheiros tanto de Bergen como do Finmark e Drontheim, não obstante o dilatado e espesso véu que enluta estas aguas, e as temerosas tempestades que as agitam

Mr. X. Marmier, (3) infatigavel e veridico viajante, publica, segundo documentos officiaes, o seguinte quadro da pescaria em um anno ordinario: 2,910 barcos e 15,480 pescadores, tripulando cada barco geralmente cinco ou seis pescadores, apanharam em dous mezes 16.456:620 peixes, de que fizeram 21,530 cascos d'azeite e 6,000 d'ovas de peixe; o azeite produziu a quantia de 758:550 francos, o peixe salgado 1.371:388 e as ovas 30:000; total em francos 2.159:938 francos, isto é, mais de 345 contos.

Comtudo isso os pescadores de Bergen não colhem lucros correspondentes, porque vendem muito barato o seu genero; o ganho reverte em beneficio dos negociantes e especuladores.

A cidade exporta annualmente o valor de dous milhões de *species* (um specie dollar vale perto de 900 réis) de bacalhau, 20,000 toneis d'azeite de bacalhau de 1.ª, 2 e 3.ª qualidade, e 400,000 a 600,000 toneis de arenques salgados. O bacalhau vende-se em grande parte nos portos do Mediterraneo; os arenques consommem-se quasi todos na Hollanda: o azeite de bacalhau vae para toda a parte. Nos mezes de abril e maio é que se póde vêr Bergen, quando os grandes hiates *(jocgts)* chegam carregados de pescaria; contam-se então no porto 600 a 700 embarcações de 70 a 200 toneladas, além dos navios estrangeiros de mais forte tonelagem que ali esperam ou tomam suas carregações.

(Continúa.)

— O primeiro passo para o bem é nunca fazer mal. J. B. Rousseau.

(1) Veja-se o que é a Liga Hanseatica a pag. 349 do 2.º volume do *Panorama*.

(2) Veja-se a biographia de Bernadotte a pag. 199 d'este volume.

(3) Viagens á Scandinavia, Laponia, Spitzberg, e ilhas de Feroe, nos annos de 1838 a 1840.

— Se o vosso inimigo tem fome, dae-lhe de comer; se elle tem sêde, dae-lhe de beber.

Salomão.

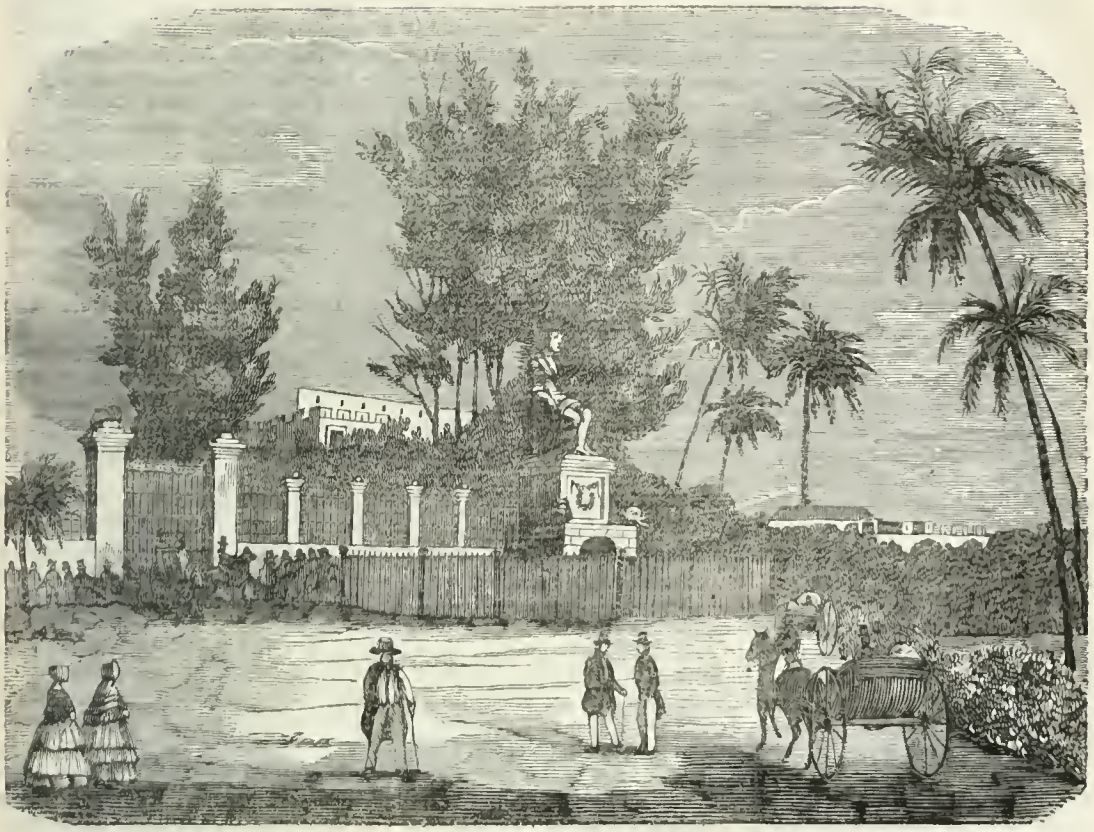
No proximo mez de janeiro de 1853 começará a publicar-se o 10.º volume do *Panorama*. Annunciando-o, o Editor aproveita a occasião para agradecer a protecção que o publico illustrado lhe tem dispensado, e a sympathia com que foi recebido geralmente o pensamento de continuar um semanario tão illustre nos fastos da litteratura patria. Difficuldades inevitaveis na organisação de uma empresa d'esta ordem, que, como todos sabem, *é inteiramente distincta das anteriores*, obstaram a que a nova serie do *Panorama* correspondesse inteiramente aos seus desejos. O papel, que nos fornecem as nossas fabricas, e que ainda não reune as condições necessarias para uma edição nítida, faz principalmente com que as excellentes gravuras que temos dado, todas devidas ao delicado buril do sr. Coelho, não sobresaiam tanto quanto era para desejar. Esperâmos obter melhor papel, e continuaremos solicitos a empregar todos os meios para que o *Panorama* venha a ser tambem um specimen dos progressos da arte typographica entre nós. Em quanto á redacção o Editor não duvida apresentar os numeros publicados como uma prova insuspeita de que não sabe faltar, nem faltará jámais ás condições exaradas no seu programma.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, e nas lojas dos sr.ᵉˢ Lavado, rua Augusta, n.º 8, Bravo, rua do Ouro, n.º 212, Zeferino, rua dos Capellistas, etc.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães: em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.ºs 1$300 rs. Por semestre ou 26 n.ºs 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.ᵉˢ que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos destribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.



PASSEIO PUBLICO DE HAVANA.

A ILHA de Cuba é incontestavelmente a mais rica, a mais civilisada e a mais importante colonia de Hespanha. Politicamente é repartida em duas provincias: Havana e Santiago de Cuba; militarmente comprehende tres grandes divisões. O poder judicial é exercido pela *real audiencia* da Havana e Porto-Principe. O capitão-general, governador da colonia, é o presidente; os seus delegados nos districtos exercem igualmente as funcções de magistrados. Onde não ha commandantes militares fazem as suas vezes os *alcaldes*. Nas povoações ruraes ha tambem *jueces pedaneos*, que são igualmente nomeados pelo governador. A administração das finanças é feita sob a inspecção das tres intendencias de Havana, Matanzas e Santiago; pelo que respeita á parte maritima, é a ilha de Cuba repartida em cinco provincias ou departamentos, cujas capitaes são Havana, Trinidad, Santiago, S. Juan de los Remedios, Nuevitas. Finalmente se a considerarmos na sua divisão ecclesiastica, comprehende um arcebispado, o de Santiago, e um bispado, seu suffraganeo, o de Havana.

A população da ilha de Cuba era em 1850 de 898:752 habitantes, 425:767 brancos e 472:985 de côr, dos quaes 323:759 eram escravos, a população fluctuante orçava por 40:000. Em 1821 a população da ilha de Cuba era de 630:980 almas, comprehendendo 290:021 brancos; e em 1823 de 700:000, incluindo 317:000 brancos.

A ilha de Cuba tem 263 leguas de comprimento, e em largura entre 10 a 40. A sua extensão territorial foi ultimamente avaliada em 2,811:048:960 ares. Destes sómente um decimo se acha em estado de perfeita cultura; o resto ou está inculto, ou cuberto de soberbas florestas, que fornecem ao commercio excellentes madeiras de construcção. Os principaes estabelecimentos agricolas são: 25:292 herdades; 9,102 *vegas* de tabaco; 1:670 de café; 1:442 engenhos de assucar. Em 1827 continha apenas 13:000 herdades, 5:000 *vegas* de tabaco, e 510 engenhos. Esta ilha é abundantissima de minas de cobre, de que não se tem tirado todo o partido possivel, mas de que todavia já se recolhem, termo medio, 946:230 quintaes annualmente.

Cuba produz em cada anno proximamente assucar 17.859:421 arrobas; 1.470:750 arrobas de café, 168:094 volumes de tabaco em folha, etc. A sua producção agricola total, incluindo o valor estimativo dos gados, calcula-se em 58 mil contos de réis!

A sua importação foi, em 1847, de 31 mil contos, e a exportação de 27 mil contos. O commercio da metropole foi representado n'este grande movimento pela somma de 11 mil contos. Por este resu-

mo póde-se fazer uma idéa da immensa importancia commercial da ilha de Cuba, e comprehende-se facilmente o motivo porque os americanos indirectamente tem promovido a sua incorporação nos estados da republica.

A energia das auctoridades hespanholas, a disciplina e bravura das suas tropas fizeram malograr as tentativas que se tem realisado n'esse sentido: mas é certo que a Hespanha lucta com um poderoso rival, e que só promovendo, como até aqui, com a maior solicitude o bem estar d'aquelles povos, e augmentando a sua marinha de guerra, poderá conserva hasteado nas muralhas de Havana o estandarte de Castella.

Desde 1834 construiram-se em Cuba 300 milhas de caminhos de ferro; e 80 acham-se ainda em construcção; as principaes linhas ferreas são a de Havana a União (88 milhas); a de Matanzas a Isabel (47 milhas); a de Nuevitas a Porto-Principe (30 milhas); e a de Cardenas (29 milhas).

A capital de toda a colonia é a cidade de Havana, com um dos melhores portos da America. É povoação de aspecto triste, e ruas estreitas e tortuosas, com cêrca de 150:000 habitantes; os edificios mais notaveis são a alfandega, o palacio do capitão-general, a grande fabrica do tabaco, e o theatro de Tacon. A nossa estampa representa o passeio publico, que é situado exterior e parallelamente ás muralhas. As suas frondosas ruas são adornadas de lindas fontes, sendo mais notaveis a dos *leões*, a *rustica*, e a da *India*, em frente do campo militar. Esta ultima, realmente sumptuosa, é adornada de uma estatua colossal de formoso marmore, languidamente recostada em uma especie de carro, com a cornucopia e outros emblemas ao lado, symbolisando o typo mas perfeito da raça india. Do seu magnifico pedestal saem quatro largas bicas, que derramam em um bello tanque, grande cópia de excellente agua. Esta fonte monumental, como se póde observar na gravura, é cercada de um elegante gradamento de ferro, dentro do qual fica um pequeno, mas bem disposto jardim. No centro do passeio, e entre a porta de Monserrate e o theatro de Tacon, ostenta-se o busto, em bronze, da rainha D. Isabel II, que actualmente preside aos destinos da Hespanha.

A instrucção primaria na Inglaterra.

Parece um paradoxo á primeira vista, o avançar, que não ha um caso que deponha contra o systema. Mas o motivo é claro. O contacto e a familiaridade começam logo n'uma idade mui tenra, e na casa de asylo aonde a moral é severissima, a civilidade a primeira exigencia, e aonde finalmente se observam todas as regras e bons costumes que se aprendem no seio das familias, e talvez mais exemplarmente. O systema de separação adoptado nas escolas ruraes de França, tem a experiencia mostrado ser deficiente, ao passo que se tornaria inexequivel no asylo inglez, porque seria absurdo sustentar uma separação, que desapparece ao abrir a porta da aula. O que é certo, repetimos, é que os mestres das escolas primarias na Inglaterra, não tem apontado um unico inconveniente contra o systema. Concorrerá para este resultado a superior moralidade do povo inglez? Creio que não.

As escolas abertas para especulação particular, as escolas catholicas e *Wesleyannas*, e as escolas de manhã, concorrem poderosamente para a diffusão do ensino primario. Todos sabem, que o principio de associação na Gran-Bretanha se presta com tanta vantagem ás combinações engenhosas da philanthropia e da caridade, como aos calculos avidos do interesse. Nem mesmo a sociedade poderia exigir outra cousa na minha opinião.

As escolas de manhã foram instituidas pelos fins do seculo 18.º Apesar d'existir uma lei que obriga os mancebos e creanças empregadas nas fabricas, e estabelecimentos de todo o genero, a ir á escola um certo numero de vezes em cada semana, ainda assim, as escolas de manhã são muitissimo frequentadas: cursam-nas alumnos de todas as idades. «Vêem-se ali — diz mr. Hantute — homens de trinta annos, e mulheres de quarenta, que assistem regularmente ás lições... Nota-se muitas vezes, que as pessoas encarregadas de ensinar, pertencem ás classes mais elevadas da sociedade ingleza. A aristocracia mesmo não se envergonha d'isso. Em casa do reitor de Saint-Martin em Londres, encontrei eu um velho membro do parlamento, que gasta parte do seu tempo a ensinar na escola de manhã, e que na semana, concorre com os seus esforços ás lições dadas aos pobres no *ragged-schools*.» É uma boa acção, um exemplo edificante, que raro se pratica fóra da Inglaterra, aonde todos comprehendem, que sem instrucção não é possivel um governo livre.

Em tudo o que temos observado n'esse quadro de uma sociedade, que corre para a escola, com mais ancia do que na Roma antiga o povo para o circo, não se divisa a minima influencia directa do estado. A Inglaterra não tem ministerio de instrucção publica, nem o precisa. A lei, sempre em relação com os costumes e indole do paiz, deixa toda a latitude á iniciativa individual, que se exerce livremente sem protecção, e sem restricções. Este é o principio absoluto. No entanto, em 1818, appareceram no parlamento numerosas reclamações contra o systema, que revelava, da parte do governo, uma completa indifferença pela instrucção publica. Estas reclamações, vigorosamente combatidas então pelo espirito anglicano, prevaleceram pouco e pouco. Em 1839 instituiu-se o *Comittee of council on education*, conselho encarregado da educação popular. Desde então a acção do estado tem-se tornado mais sensivel, e manifesta-se por subsidios concedidos para a fundação e manutenção das escolas, e por um methodo d'inspecções, que vigorando na metropole, se estende a todos os districtos do Reino-Unido.

A inspecção não governa na escola; não entra n'ella, sem que se prestem a admittir o seu auxilio. Não dá, nem recebe ordens; limita-se a registar os factos, e dar conta d'elles. Respeita religiosamente a susceptibilidade dos costumes inglezes, que instinctivamente repellem a intervenção governamental, porque elles mesmos têem a iniciativa e força bastante para operarem sem o governo.

Por outro lado, como o conselho superior não distribue fundos do estado senão aos estabelecimentos, que excitam a sua visita; comprehende-se que o espirito de independencia tende a tornar-se menos terrivel, porque enfraquece na espectativa de um subsidio.

Em 1846, o credito annual votado pelo parlamento, e posto á disposição do conselho superior, não excedia a 100:000 libras esterlinas (450:000$000 réis) e hoje monta a 720:000$000 réis. Por esta cifra avalia-se a influencia ascendente do estado nos progressos da instrucção. Mas é preciso notar, que essa influencia não se tem operado sem protestos. O velho espirito anglicano, ciose das suas prerogativas, tem-se espantado e indignado, de vêr os agentes

officiaes penetrar nas escolas; a maior parte do clero repelle um systema, que julga uma usurpação.

Em 1850, um numeroso *meeting*, reunido em Londres, votou, segundo o uso, resoluções, pelas quaes era severamente estranhada a influencia do estado nas cousas do ensino. Não é sem interesse notar, que ha hoje em Inglaterra uma tendencia pronunciada para uma especie de centralisação administrativa; começa-se a comprehender, que a sociedade não deve abandonar-se a si mesma.

Em França a centralisação tem sido bastante util ao desenvolvimento da instrucção primaria. Entretanto convirá não perder de vista a Inglaterra, pelo que respeita ao seu systema de associação, que seria um auxilio poderoso aos esforços do estado n'este importantissimo ponto da governação de um povo.

Não appresentamos este systema para ser applicado no nosso paiz; póde-se colher delle alguma cousa, e prova-se no fim de tudo, que as classes superiores da nossa sociedade poderiam dar um grande contingente para o desenvolvimento da instrucção primaria em Portugal, a mais necessaria por certo. É verdade, que os habitos e costumes da Inglaterra divergem absolutamente dos nossos; a religião que os inglezes professam, é diversa tambem, e deve notar-se que a religião é a verdadeira origem d'essa independencia, que o povo inglez sabe manter diante da iniciativa governamental.

Não nos pronunciâmos pois absolutamente pelo systema inglez, antes votâmos pela influencia directa do estado na instrucção publica, porque d'ella depende a homogeneidade de ensino, e sem esta nunca se conseguirá educar as sociedades para os elevados destinos da civilisação.

Entendemos porém que não devemos despregar os olhos da Inglaterra, onde o principio de associação, largamente desenvolvido, tem obrado maravilhas, forcejando para que a nossa patria, por meio d'aquelle poderosissimo agente, já que a acção do governo está provado ser insufficiente, sáia d'este estado de marasmo intellectual que nos envergonha perante a Europa civilisada.

J. C. Harcourt.

THOMAZ ANIELLO (MASANIELLO.)

(Revolução de Napoles em 1647.)

Masaniello lançou bando e pregão contra os nobres, condemnando á morte os que fossem encontrados nas ruas da cidade; enviou ordens contra o duque de Matalona, afim de lh'o trazerem morto ou vivo, e mandou collocar a cabeça e um pé de José Carraffa dentro de gaiolas de ferro suspensas sobre a porta de S. Jennaro. A entrada das gallés reaes que aportaram n'este meio tempo, ainda veiu augmentar as suspeitas e a confusão. O aspecto da capital tornou-se medonho. O castello em som de guerra ameaçava-a. As auctoridades cheias de receio não transpunham o seu recinto. O paço estava fortificado e com guardas dobradas de cavallaria. As ruas com tranqueiras feitas de pipas e saccos de terra; o pão e as subsistencias embaratecerum, temendo os açougues e padeiros as violencias do povo. Os particulares ricos escaparam-se, e procuraram salvar as fazendas na cidadella e nos conventos. E nem ahi mesmo ficaram seguros; porque o dictador do mercado, ordenou aos mosteiros que os expulsassem dentro de quatro horas sob pena de os queimar até aos alicerces. O terror, a expoliação e o sangue, cortejo ordinario da anarchia, seguiam de perto a malograda tentativa da aristocracia, preparando ao mesmo tempo pelo horror dos excessos e iniquidade das vinganças do povo, a sua queda desastrosa. De ambos os lados se despenhavam cegamente no abysmo.

Não havia senão um meio de apaziguar os alvorotos e de pôr fim a um estado intoleravel. O cardeal recorreu a elle. Tornando a avistar-se com o pescador de Amalfi convenceu-o a dirigir-se ao paço para ter uma conferencia com o vice-rei. Thomaz Aniello assentiu, e tendo disposto em companhias armadas pelas ruas de Napoles o seu exercito (cento e quatorze mil homens!) foi ao largo do castello fallar ao povo e publicar as condições. No fim levantando mais a voz perguntou: estaes contentes? Sim! sim! exclamaram todos em um grito unisono. Elle sorriu-se com tristeza, apertou a mão no peito, e com os olhos arrasados de lagrimas que não envergonham o homem forte, redarguiu: Sei que hei de morrer por este feito; o perigo começa hoje para mim. Prometteis em recompensa do que vos tenho servido resar uma Ave Maria pelo descanço da minha alma? A multidão tornou a victorial-o estrepitosamente, jurando defendel-o e sustental-o. Eram as exequias da sua popularidade, e elle sabia-o. Rude de instrucção, mas dotado da vista rapida e profunda, que só dá o genio, percebeu, que esta paz era uma tregua, e que o segundo e verdadeiro combate não se havia de dar senão sobre o seu corpo. Assim aconteceu. A essa hora mesmo tudo se preparava para o precipitar.

Meia hora depois d'esta scena, pelas Ave Marias entrou no paço, deixando no largo vinte mil homens armados, e não consentindo que ninguem o acompanhasse subiu á sala aonde o duque de Arcos o estava esperando; beijou-lhe as mãos, apesar d'elle o levar nos braços, e ambos á janella viram desfilar o povo. A um signal de Masaniello as grossas e numerosas fillas gritavam tres vezes — viva el-rei de Hespanha! — a outro aceno as vozes calavam-se, e o silencio tornava-se profundo. O vice-rei, notando tão admiravel obediencia, abraçava cada vez mais o pescador, sorrindo muito, e os que o viam saudavam-no, julgando que na pessoa do chefe abraçava a revolução. Engano! Estava tomando a medida do collosso para não errar o segundo tiro, como errára o primeiro. Repetia o abraço do monte das Oliveiras.

Thomaz Aniello não o desconhecia. O seu triumpho fazia-o pallido e humilde. Quando saíu do palacio, a alegria que representava no rosto era falsa, e as providencias severas que adoptou e poz em execução, provam que achára excessiva a benevolencia do duque, e se acautelava. O supplicio de diversos partidarios do duque de Matalona teve por fim lançar o freio do terror á facção da nobreza. Os impostos decretados, e que tanto o desconceituaram, levavam em vista preparar os meios precisos para sustentar a nova lucta, porque a julgava eminente; as eleições que inspirou tenderam a collocar os seus amigos fieis nos logares de confiança, e o sequestro de grandes fazendas, que fez em casa de Pedro Lubrano, João de Cevalhos, e outros muitos arrematantes de impostos, encubriam, sob pretexto de justiça popular, a necessidade de crear alguns rendimentos, que o habilitassem a sustentar as companhias armadas, o nervo e esteio da revolução. Estas providencias geravam odios e inquietações, e elle não o ignorava mas tinha chegado ao ponto em que não lhe restava senão a escolha do modo, por que havia de succumbir. Não o fazendo cata sem defeza, intentando-o arriscava-se ao golpe de um punhal, ou á balla de um arcabuz, disparado ate d'entre os seus auxiliares!

Effectivamente a traição já os minava, e os descontentes não occultavam as queixas e murmurações. A catastrophe avisinhava-se a passos rapidos, tendo por guias a inveja e a venalidade.

N'este meio tempo é que se affixou o edital do vice-rei estabelecendo os privilegios da cidade, abolindo os impostos das subsistencias, e declarando réus de pena capital os perturbadores da paz do povo. Seguiu-se a grande festa dada em Pausilippo a Masaniello, aonde lhe prodigalisaram attenções e regalos, propinando-lhe, dizia o povo, uma bebida invenenada, de que enlouqueceu. O fundamento d'esta versão foi a incoherencia e a melancholia, que depois d'este dia se notava no caudilho. Aproximava-se a sua hora, e é de crer que mesmo no meio do banquete, e entre as danças, lhe viesse o presentimento da funesta sorte que o aguardava. Talvez percebesse no sorriso de muitos dos convivas o mesmo odio, que lêra na benignidade do duque dos Arcos. É certo, que depois da sua ida a Pausilippo, a mente a mindo se lhe desvairava, e que alguns fumos de ambição lh'a offuscavam. Entretanto a conspiração progredia melhor planisada, e amadurecendo caminhava para o desenlace. Tudo estava disposto para o desthronar, e as medidas tomadas com tal acerto que nenhuma falhou. A contra-revolução rebentou no dia 16 de julho, junto do paço, por ordem do vice-rei, como tudo parece comprovar, no posto das guardas de serviço. Intimando os soldados da parte de Thomaz Aniello, para se retirarem, responderam negativamente e mataram o mensageiro, e sublevando-se discorreram pela cidade, gritando que o governo do mercado tinha acabado, e que ninguem obedecia ao pescador.

Um trombeta e um tambor á frente de alguns dos insurgidos levaram a noticia ao duque dos Arcos, que a recebeu como homem que a esperava. Logo depois o paço fechou-se e poz-se em armas, e o regente da Vicária, em uma liteira, saíu ás ruas com grande acompanhamento, dando vivas a el-rei de Hespanha. A sorte estava lançada. Se o povo illudido se voltasse contra Masaniello o seu poder e a sua vida ficavam nas mãos da aristocracia. Foi o que succedeu. Os populares entregaram o seu chefe, esquecidos de que na queda elle os arrastaria comsigo infallivelmente.

Pelas seis da manhã Thomaz Aniello, que não ignorava inteiramente o que se dispunha, entrou no Carmo e fez um esforço para commover o povo com discursos, em que lhe manifestou que era chegado o quarto dia das capitulações, e que estava certo de que n'elle o haviam de matar. Depois, exaltando-se, protestou-lhes, que a perda commum seguiria a sua, começando a contra-revolução por subir o preço dos alimentos, e concluindo pelo restabelecimento das antigas taxas. Esta allocução pouco effeito fez, sendo ouvida até com alguns murmurios. Á saída, o caudilho encommendou a sua alma a Deus, e pediu que orassem a favor d'elle. D'ahi, desviando-se do concurso, desceu os degraus do adro, e dera apenas curtos passos, quando caíu mortalmente ferido de dous tiros de arcabuz, disparados de uma embuscada. Os assassinos eram José Ardissone e Salvador Cataneo, pareiaes ambos da casa de Matalona e seus criados. Arrastando o cadaver pelos cabellos e levantando vozes em nome do vice-rei, cortaram-lhe a cabeça, e levaram-na ao paço, seriam sete horas da manhã. Ahi levantaram-na em um pique, que o povo indignamente convertido já para a facção da nobreza, passeou por toda a cidade entre vaias e ultrages. O irmão de Masaniello salvou-se, fugindo. Sua mulher e irmã, presas, foram trazidas ao paço, e maltratadas nos mesmos sitios, aonde o duque dos Arcos honrára na pessoa d'ellas o vencedor de seu governo!

Assim, em poucos dias elevou-se e decaíu a fortuna do pescador de Amalfi, mais do que um rei em Napoles, e depois tão infeliz, que o seu corpo tornado em ludibrio serviu de joguete ás infamias da vil gentalha! Para ser completo o exemplo, não faltou a apotheose. A mesma plebe que lhe vendeu o sangue aos hespanhoes, desenganada de ter perdido n'elle a sua força, rebentou em novos tumultos, proclamando a innocencia do chefe assassinado, e pondo o seu corpo e cabeça em um estrado cuberto de panno branco do Carmo, com uma espada na mão, e o bastão de commando, saíu em procissão com elle, acompanhado de duzentos padres e tochas, e seguido de tres mil soldados arrastando vinte bandeiras ao som de caixas destemperadas. Iam no sequito innumeraveis mangas de povo, quinhentas mulheres chorando, e outras mais recitando psalmos e chamando-lhe bemfeitor da patria. A razão d'esta subita mudança era, logo no dia immediato ao da morte de Thomaz Aniello, (17 de julho) haver encarecido o pão, voltando aos antigos preços. Já se vê que o povo não se arrependia senão porque tinha fome.

Á uma hora da noute o cadaver conduzido com esta pompa chegou ao paço. O vice-rei, encerrado, estremeceu. Das suas janellas via arder os fornos do pão e os depositos de farinhas do Espirito Santo e dos Bancos Novos, a que os populares acabavam de lançar fogo. Para desviar a tempestade mandou alumiar o palacio, imitando as casas particulares, á medida que o prestito ía passando. As exequias celebraram-se no Carmo, aonde Masaniello, simples pescador, foi sepultado com as honras não só de capitão general do povo de Napoles, mas com o estado e grandeza de um rei coroado. Os sinos de todas as igrejas dobravam por elle, nos mosteiros sem excepção prégou-se o seu elogio funebre, dizendo-se mais de duas mil missas, e a eleição de Palombo para capitão do povo pareceu o unico meio de distrahir as commoções causadas pela queda de Thomaz Aniello, que pareceu tão ameaçadora ao governo como a sua propria exaltação. O que é indubitavel é que os acontecimentos posteriores confirmaram todos os prognosticos feitos, uma hora antes de expirar, pelo chefe assassinado.

L. A. Rebello da Silva.

INSTRUMENTOS DE MUSICA. TROMBETAS.

Egypcios. (1)

Deve-se presumir que os egypcios conheceram as trombetas nos tempos mais remotos, por isso que certos auctores attribuiram a invenção d'este instrumento a Osiris. Apulleio falla de uma especie de *busina*, que annunciava a passagem da deusa Syria, quando os sacerdotes conduziam a imagem em procissão pelos campos. O sr. la Fage, na sua noticiosa historia da musica, suppõe que esta trombeta era o instrumento que os gregos conheciam pelo nome de *knoué*, de que se serviam para chamar o povo ás ceremonias religiosas, e que, segundo Plutarcho, atemorisava os Busirites, os Lycopolites e Abyssinios, por causa dos seus sons estridentes, que se assimi-

(1) Vid. o N.º 40 d'este volume, pag. 317.

lhavam ao zurrar do burro. Aquelles povos tinham aversão a este animal, porque o consideravam como representante de Typhon, o genio do mal.

FIG. 1 E 2.

As figuras 1 e 2 mostram, a primeira um egypcio de joelhos, embocando um instrumento que parece ser a trombeta; a segunda, tirada dos *Monumentos do Egypto* de Champollion o moço, (illustre auctor da grammatica egypcia), um egypcio tocando trombeta, tendo outra debaixo do braço esquerdo. Estas são da fórma mais simples, porque apenas consistem em um tubo continuado até ao bocal, que abre de repente á maneira de funil. Nas figuras 3 e 4 dâmos outras similhantes reproduzidas do atlas do sr. Fage.

FIG. 3 E 4.

Entre os egypcios as trombetas serviam para regular a marcha de tropas, ordenar o combate, dirigir os movimentos militares, e para reunir o povo.

VIAGENS.

Um passeio á Noruega.

Esta cidade foi varias vezes assolada pela peste e devastada pelos incendios. O ultimo fogo succedeu em 1825 e destruiu a terça parte da cidade: em consequencia d'este desastre o conselho municipal decidiu que todas as novas construcções fossem de pedra ou de tijolo, porque até ali a maior parte das casas eram edificadas de madeira. Um pontal bojando para o sul fórma o porto, aberto ao noroeste, guarnecido de casaria, e quasi de uma milha de comprimento; duas fortalezas á entrada do mesmo dominam a enseada; a mais importante, construida por Olavo, o fundador da cidade, foi antes da união da Dinamarca e da Noruega residencia dos reis noruegos, que fizeram Bergen sua capital.

Antes da reforma Bergen possuia trinta igrejas, hoje restam só cinco e nenhuma merece visita; os demais edificios publicos tambem não são interessantes. Em compensação vi na galeria do *Konst-Forening* (sociedade das artes) muitos quadros bellos de pintores norueguezes; entre elles merece primeira menção o de Jensen, domiciliado agora em Munich; representa o rapto de uma grega por um pirata norueguez. Agradaram-me muito os paizes de Duntze, artista que reside em Bergen.

Um dia, saíndo do museu, vi muitos criados que espalhavam folhas d'arvores na testada de uma casa. Cheguei-me a um homem da policia que os observava, tendo na mão a sua *estrella da manhã*, que logo direi o que é. Mas se elle percebeu a pergunta que lhe fiz por gestos, foi-me impossivel entender a resposta que deu na lingua patria. De volta á hospedaria soube que a maior parte dos noruegos costumam de tempo immemorial espalhar folhas d'arvores diante das casas onde acaba de fallecer alguma pessoa. Os parentes e os amigos do defunto apressam-se a praticar o mesmo logo que são informados da triste noticia. Quanto á *estrella da manhã* dos policias, é um globo de cobre, quasi do tamanho de uma laranja, solidamente fixo na extremidade de um grosso bastão de cinco palmos de comprido, e erriçado de puas de ferro; é uma arma mui perigosa.

Vamos de caminho agora, não para as deliciosas vivendas campestres que circumdam Bergen, nem para as aprazíveis montanhas (*bergen*) que campeam sobre ella e lhe deram o nome; mas para a cataracta do Voring, uma das cem maravilhas do mundo.

Partimos de Bergen a cavallo, mas prestes mudamos de transporte. Em Lyse, bonito logarejo sito á entrada dos golphos Sommager e Bjorne, tomámos um batel que nos conduziu em quatro horas á bôca do *fiord* de Hœrdanger que tinhamos de seguir em toda a sua extensão. Quando ali chegamos, o dia estava a findar; saltamos em terra para passarmos a noute n'uma cabana de pescadores picturescamente assentada no alto d'um penedo de 13 a 14 braças; no outro dia embarcando cedo navegamos por aquelle *fiord*, de que tanto ouvíra fallar em Bergen, e que muito excitára a minha curiosidade. Em outras muitas regiões do nosso globo acham-se montanhas, valles, chapadas de serras, lagos, catadupas; porém a Noruega é a unica que offerece aos viajantes os *fields* e os *fiords*.

A Noruega, curiosa metade da peninsula scandinava, estende-se de 57° 57′ de latitude até 71° e 11′ entre 4 e 29° de longitude oriental; tem de norte a sul 1,980 kilometros (320 leguas de 18 ao grau), 400 kilometros de largura media no sul e de 100 a 300 em o norte. Os Dofrinos, formados dos montes Kiolen, Dover e Sevory, a separam da Suecia. Esta cordilheira, cujos pincaros mais elevados, cobertos de neves que nunca se derretem, passam de 2,000 metros (910 braças), é parallela ao mar Glacial e ao mar do Norte, nos quaes mergulha quasi a pique a sua vertente occidental, ao passo que a oriental rebaixa-se em ladeiras successivas para o lado da Sue-

cia, do golpho de Bothnia e do mar Baltico; entre estas duas vertentes se estendem vastos platós ou chapadas que se denominam *fields* ou *fjelds;* algumas situadas a mil metros e mais acima do nivel do mar tem 12 e 18 milhas; dominadas pelos mais altos picos do systema scandinavo são cobertas de lagos e as regam numerosas correntes d'agua.

De todos os viajantes é mr. Adalbert de Beaumont quem melhor explica a origem dos *fiords.* — «Imagine-se (diz) 500 leguas de serranias cobertas de neve no espaço de oito mezes, e depois o sol que brilhando de subito não cessa de apparecer sobre o horisonte noute e dia, sol abrasador e aturado a luctar com os gelos de um inverno interminavel. Facil é de comprehender quão grandiosos espectaculos nascem d'este combate. Então os rios represados recobram a sua violencia; quebram, derrubam, arrastam tudo, e formam essas cataractas gigantes de que nenhuma região do mundo appresenta idéa. Os abysmos e algares fundos, onde agora se perde a vista, entupem-se então de agua; os rochedos que as tão poderosas forças da mechanica não fariam abalar, roda-os a agua como grãos d'areia; e os vastos sorvedouros que se poderia presumir abertos pelas convulsões do globo escavou-os a agua, mais poderosa que a polvora e o aço, porque a sua força é a constancia, e a constancia é o tempo que tudo consumma.

«Assim rasgados nas entranhas por essa devastação interior, por esses rios que saídos das cimas geladas se dirigem todos parallelamente ao mar, os alpes scandinavos dão accesso ás vagas do Oceano furioso que os minam no sentido contrario.

«Vê-se, portanto, de um lado o mar açoutando sem descanso o seu adversario inerte e avançando victorioso; do outro, as cascatas, producto das immensas accumulações de neve do inverno, que se despenham dos pincaros, se ajuntam e engrossam nas chapadas, formam as torrentes que escavam os valles, arrastam-nos comsigo, e vão reunir-se carregadas de despojos ao Oceano, que as attrahe. Assim estes dous inimigos, luctando pela mesma causa, breve se ligam e depois invadem todos os logares chãos, substituem os valles e dão origem a esses corredores estreitos, essas ruas tortuosas que tornam sem igual esta região.

«Estes cannaes, profundados até o amago das mais altas montanhas e que tem por origem e causa as catadupas e o mar, tomam o nome de *fiord* ou *fjord.*

«De todos os fiords norueguezes, o de Christiania é o mais largo, o de Sogne o mais comprido, tendo para cima de 30 leguas, e o Hardanger-fiord o mais formoso. A maior parte se dividem em muitos ramaes, e á proporção que por elles subimos, as suas bordas vão apparecendo mais escarpadas e pictorescas; quasi todos terminam n'uma cataracta. Abundam em salmões, pelo que ali fazem os curiosos da pesca excursões tão interessantes como as dos artistas. Os caçadores matam igualmente muita caça, sobre tudo do ar, nas costas e cumes das serras, cujas faldas banham as aguas dos fiords. Para dar idéa da quantidade de peixe que se apanha, citarei um facto. Mr. Lassels, de Liverpool, pescou em Boen, no Hardanger-fiord, de 30 de junho a 19 de julho de 1841, 216 salmões, pesando todos 2,145 libras; o mais pequeno tinha quatro e o mais volumoso 30 libras.»

(Continua.)

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO I.

O Filho e o Pae.

Ella nasceu para matar d'encantos
Eu, amando-a em vão, para morrer d'amores.

SHAKSPEARE — *Othello.*

HAVIA dous dias, que na sala d'armas dos paços de Coimbra se juntavam em grande concurso os senhores e cavalleiros, os homens de religião e os officiaes da côrte. O mez de março do anno de 1211 estava a concluir, e era facil observar que o motivo, que chamava tão numerosa companhia, era um motivo triste. Nos pateos e officinas do castello não se teciam cotas, nem se lustravam arnezes. Os alfangemes e armeiros não temperavam espadas, nem poliam achas d'armas. De vez em quando o tropel das rondas descendo das torres e das muralhas apenas interrompia o silencio interior, apesar da gente reunida; como só o trote dos cavallos, em que chegava á côrte mais um rico homem, cortava o silencio exterior.

Effectivamente não se tratava de novas guerras. O estandarte de Sancho I não se desenrolava outra vez nos campos de batalha. Os seus cavalleiros, que aos tres e aos cinco, se mettiam pelos vãos das altas frestas, olhando impacientes para os cabeços além da ponte, ou inquietos cravando a vista n'uma porta grossa de castanho chapeado, não tinham vindo para resolver uma entrada na fronteira, nem para tentar o cerco de qualquer das fortalezas, d'onde a bandeira arabe se hasteava em desafio ao estandarte real. A lança do rei encostada ás paredes do vasto aposento descançava para sempre.

Aquella porta de castanho da sala d'armas abria para o recinto interior, aonde eram situados os quartos de Sancho. Por ella entrou o filho de Affonso Henriques na primeira tarde de março, e já sabiam que não tornava a sair senão um cadaver, socegando na paz eterna do tumulo a sua alma ao lado do fundador da monarchia, das luctas e combates de um reinado trabalhoso.

Junto do fosso exterior do castello, então chamado *carcóra*, os homens d'armas e os homens de pé da bandeira e mercê dos cavalleiros, entretinham-se com grosseiros jogos, e brutas porfias. De vez em quando os alaridos, as risadas, e os clamores rompiam do meio d'elles, e fam soar nas salas do paço. Um rumor vago, que andava no povo, dizia que D. Sancho succumbia á antiga e dolorosa molestia, mas não se cuidava que a morte caminhasse tão depressa como a tristeza sincera e hypocrita inculcava na côrte. Ainda para fóra não tinha transpirado a noticia de que em poucas horas Coimbra com os gemidos levantados no dobre funebre da sua cathedral havia de annunciar a orphandade ao reino. O povo segundo o costume era o ultimo a sabel-o.

Dous cavalleiros, um que partia, outro que chegava ao palacio, cruzaram-se na ponte levadiça. Por fortuna não existiam entre elles os odios das rivas de familia.

— «Boas tardes!» disseram a um tempo, colhendo as redeas aos cavallos.

— «O infante!» perguntou o que saía.

— «El-rei?» interrogou o de fóra.

— «O infante agora sobe aquelle cabeço. Em tres credos mais, aqui o tendes com os que puderam aturar a carreira do seu cavallo. E el-rei?... Ha esperanças, D. Martim Annes?»

— «Nenhuma! Quando, faz hoje quinze dias o vi, disse logo: Não, este não torna a ser o homem, que já foi! D. Moço Ordonhes, D. Sancho I ouve as enchadadas do coveiro.»

— «Pois era um homem!»

— «É verdade.»

— «Está só? Desfallecido?»

— «Peior do que só; os monges não lhe largam a cabeceira. Que dôr d'alma! Cada terra tirada á herança de seus filhos; cada punhado de maravedis apanhado das arcas do thesouro, dizem-lhe que o lava de um peccado mortal. E el-rei, quebrado de corpo, fraco de animo, ainda lhes dá mais do que elles pedem!... O infante que se apresse.»

— «Os padres, os padres! Em nos caíndo a cabeça no travesseiro, fazem de nós quanto querem!... Ahi vem o infante.»

Com effeito, do lado da ponte do Mondego, vinha á redea larga um tropel de cavalleiros, galgando a encosta direitos ao castello. O pendão do infante de Portugal esvoaçava nas mãos de Gomes Lourenço, seu collaço e alferes. Defronte do alcaçar a cavalgada parou. Seguiu-se uma pausa de minutos, em que se esentava só o respirar cançado dos homens e corseis. Com os ginetes á redea, os serventes vestidos de saios alvacentos toreiam por entre os homens d'armas, cubertos de lorigas (1) de couro escuro, evitando na passagem as cotas (2) bordadas dos pagens, que giravam de um para outro lado com a petulancia dos verdes annos.

Decorridos instantes saíu do terreiro interior um official-mór, atravessou vagarosamente o pequeno largo rasgado diante da porta, e foi inclinar-se na presença do infante. Era Sueiro Raymundo, alferes do rei D. Sancho. Nos olhos do guerreiro velho, filho da creação de Affonso Henriques, borbolhavam as lagrimas. Assim pagava ao amigo da infancia, ao companheiro dos trabalhos, o tributo do soldado. Sem vergonha chorava diante de todos os primeiros prantos talvez da sua vida.

O infante, quasi que se sentiu orphão, encarando-o. Apertando-lhe a mão, e tão baixo que mal se percebia, disse-lhe apenas:

— «Meu pae!!»

O alferes pôz a vista no chão, e por mais esforços, a voz não se lhe soltava da garganta.

D. Affonso recuou, gemendo n'uma exclamação, que nenhuma inflexão é capaz de exprimir:

— «Meu pae!»

Era o grito das entranhas, a verdadeira dôr da orphandade.

O official-mór entendeu, e pondo-lhe a mão no braço, murmurou:

— «Ainda não.»

Sem ouvir mais nada, o principe entrou precipitadamente seguido dos cavalleiros.

Chegaram á sala d'armas. N'esse instante abria-se a porta de castanho chapeado, e um monge de alta estatura e grave aspecto, com o habito da ordem de Cister, adiantou-se para os que estavam, dizendo:

(1) Saio fabricado de loros de couro crú. Era a armadura defensiva dos homens d'armas.

(2) Vestidos com o brazão d'armas bordado sobre o peito, mais curto do que as vestes actuaes dos arautos e passavantes.

— «Reverendos bispos, veneravel mestre do Templo, e prior do Hospital, ali dentro está um moribundo, que deseja reconciliar-se com Deus, e a sua igreja antes de comparecer no tribunal da consciencia.»

O monge era o abbade d'Alcobaça; e pronunciando estas palavras, fugiu-lhe pelos beiços grossos e vermelhos um sorriso equivoco, sorriso que logo mudou de expressão assim que deu com os olhos no infante. Não se poude conter do primeiro sobresalto, e deixou que os observadores conhecessem que lhe agradava pouco a chegada repentina de D. Affonso. A sombra de descontentamento, que passou como um relampago pelo seraphico semblante, aonde floreciam rosadas e sadias as côres da saude e da força, em vez de se estampar a pallidez dos cilicios e jejuns foi bastante, apesar de rapida, para revelar o desgosto e o receio com que via o herdeiro da corôa.

Entre tanto, soube reprimir-se depois com arte. Aproximando-se de D. Affonso, a quem não escapava a mudança de physionomia, com ar magoado accrescentou:

— «Bem vindo, illustre infante de Portugal! A vossa presença socegará a inquietação com que el-rei pedia á Virgem, pelas dôres da Paixão de Christo, que não o levasse antes de vos abraçar...»

— «E por isso só hontem é que me levaram aviso, santo abbade?» respondeu o principe.

— «Senhor da Maia, atalhou o frade, como se não ouvisse a pergunta ironica, D. Sueiro Raymundo, ricos homens de Douro e Minho, D. Sancho quer despedir-se dos seus cavalleiros.»

E acompanhado do infante, dos veneraveis padres em Christo, e dos ricos homens, sumiu-se pelo corredor, em quanto atraz d'elles a porta chapeada se fechou, e os pagens voltavam para os umbraes. D. Affonso deixou-os a todos ir adiante, e demorou-se alguns momentos.

(Continúa.)

As Abelhas e as Colmeias. (1).

O modo ordinario de crestar as colmeias destróe um grande numero de abelhas, e por isso alguns apiarios intelligentes têem estabelecido outro methodo de extrahir o mel e a cêra, sem prejuiso do insecto, em maior quantidade, e de melhor qualidade.

Este methodo consiste em deixar intacta a primeira colmeia: logo que está cheia de mel e de cêra, o que acontece no mez de junho, encosta-se-lhe outro cortiço, ou colmeia vasia, com a entrada debaixo junto da entrada da outra, de modo que as abelhas achem franca passagem de uma para outra colmeia

E então mister conservar uma temperatura uniforme na colmeia vasia, sem diminuir a temperatura da colmeia habitada, a ventilação, necessaria para conseguir este fim, obtem-se por meio de um tubo de folha de Flandres perfurado, que passe desde a tampa até a abertura do fundo, a qual se fechará mais ou menos com uma corrediça da mesma folha, para modificar a circulação do ar, e graduar a temperatura. O grau d'esta temperatura será 70° no barometro de Fahrenheit, ou 17° Réaumur, porque é a temperatura natural de uma colmeia no princi-

(1) Veja-se acerca das Abelhas o excellente artigo publicado a pag. 325 do 3.º vol. da 1.ª serie do *Panorama*, ao qual estas linhas podem servir de continuação e complemento.

pio dos trabalhos; mas na colmeia cheia é necessaria uma temperatura de 90° F., ou de 26° R. para a incubação da rainha, e para a preservação da cria. Esta colmeia primitiva, ou paterfamilias, é pois a residencia da rainha, e o viveiro da prole, ao mesmo tempo que as colmeias, que se lhe aggregam ao lado, apenas são armazens para deposito do mel superabundante, que se póde extrahir, sem deixar as abelhas privadas do alimento para o inverno.

Quando o thermometro na colmeia ultimamente aggregada, sóbe a 90° ou 100° F. 26° ou 30° R., é signal evidente de haver-se augmentado a familia, devendo por tanto preparar-se-lhe uma nova habitação, o que facilmente se consegue, collocando outro cortiço, ou colmeia vasia no lado opposto, como se disse respectivamente á primeira. Achando então as abelhas uma nova casa, vão habital-a, e começam logo os seus trabalhos.

Para se evitar o methodo destructivo da cresta, póde-se extrahir o mel, tomando um folle, ou ventilador, e introduzindo por um orificio praticado na tampa o ar exterior da athmosphera, antes que se recolham as abelhas á tarde, as quaes, sentindo um frio, que não poderiam supportar durante a noute, se retiram todas para a colmeia intermedia mais abrigada; o colmeieiro então fecha a communicação entre as duas colmeias, e leva a que foi desamparada pelas abelhas por causa do frio, cheia de favos, e sem perecer uma só abelha. Limpa a colmeia de todos os favos, repõe-se no mesmo logar, como se fez da primeira vez, e voltando as industriosas abelhas no dia seguinte, ainda que deplorando o roubo, continuarão a trabalhar, impellidas por um instincto, a que não pódem resistir. Seguindo-se este processo, sempre os enxames se conservam no colmeial.

O mel, extrahido segundo este systema de manejo apiario, é mui superior em qualidade, e dobrado em quantidade do que se obtem por qualquer outro methodo; exhibindo a alvura do assucar refinado, assim o mel, como a cêra. A causa da qualidade superior d'este mel é devida á igualdade de temperatura com que se fórma, e preserva o armazem; e talvez, com especialidade, á careneia de materias animaes e vegetaes, que as abelhas são obrigadas a recolher para a incubação, e creação da prole, o que apenas praticam na colmeia, que serve de viveiro. A causa da maior quantidade é proveniente da excellente disposição dos armazens, exclusivamente estabelecidos para o abastecimento, sem paralisar a industria das abelhas, que recolherão mel e cêra, em quanto houverem fructos e flores nos arredores.

Remedio para destruir a traça. — O espirito de terebenthina é o melhor remedio contra o bichinho, que vulgarmente se denomina traça; este mesmo espirito serve tambem para destruir todos os outros insectos. Se collocarmos um vaso no qual se encerre um pouco d'este espirito em uma guarda-roupa ou gaveta que contenha pannos ou artigos de lã, pelles etc., este destruirá immediatamente qualquer larva de insecto.

— O que escarnece do pobre, affronta o Creador; o que se alegra da calamidade não ficará innocente.

— O preverso de coração nunca achará o bem e o que revolve com sua lingua virá a cair no mal.

— Não ames o somno para que não empobreças: abre teus olhos, e te fartarás de pão.

SALOMÃO — PROVERBIOS.

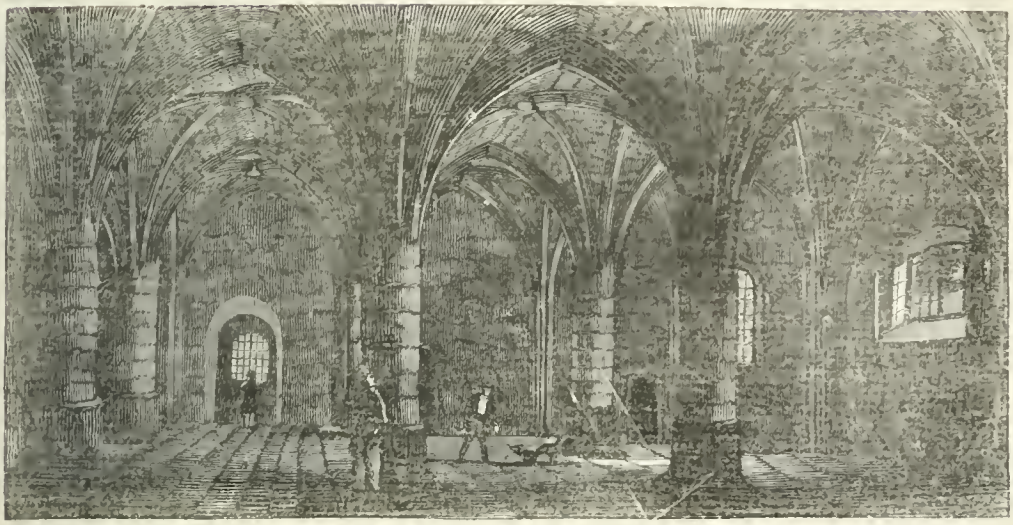
No proximo mez de janeiro de 1853 começará a publicar-se o 10.° volume do *Panorama*. Annunciando-o, o Editor aproveita a occasião para agradecer a protecção que o publico illustrado lhe tem dispensado, e a sympathia com que foi recebido geralmente o pensamento de continuar um semanario tão illustre nos fastos da litteratura patria. Difficuldades inevitaveis na organisação de uma empresa d'esta ordem, que, como todos sabem, *é inteiramente distincta das anteriores*, obstaram a que a nova serie do *Panorama* correspondesse inteiramente aos seus desejos. O papel, que nos fornecem as nossas fabricas, e que ainda não reune as condições necessarias para uma edição nítida, faz principalmente com que as excellentes gravuras que temos dado, todas devidas ao delicado buril do sr. Coelho, não sobresaiam tanto quanto era para desejar. Esperâmos obter melhor papel, e continuaremos solicitos a empregar todos os meios para que o *Panorama* venha a ser tambem um specimen dos progressos da arte typographica entre nós. Em quanto á redacção o Editor não duvida apresentar os numeros publicados como uma prova insuspeita de que não sabe faltar, nem faltará jámais ás condições exaradas no seu programma.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.os 227 e 228, e nas lojas dos sr.es Lavado, rua Augusta, n.° 8, Bravo, rua do Ouro, n.° 212, Zeferino, rua dos Capellistas, etc.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho: em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon: em Braga, o sr. Freitas Guimarães: em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira: em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.os 1$300 rs. Por semestre ou 26 n.os 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.es que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos destribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.



VISTA INTERIOR DA PRISÃO DE TOLEDO.

Corria o anno 1614. N'uma pobre casa de Toledo, cuja unica mobilia consistia em um leito, algumas cadeiras, um chapeu de plumas, uma espada e uma pistola penduradas na parede, estava um sujeito de feia catadura, sentado ao pé de uma velha mesa cuberta de cartas e de livros. Este sujeito era D. Miguel Cervantes, então commissario de viveres do exercito de Filippe III, emprego que obtivera por intervenção do seu protector o conde de Lemos, a quem unicamente devia não ter já morrido de fome.

Mas o auctor do D. Quixote, pensando agora sómente no seu livro, considerava-se o mais feliz de todos os homens. E que acabava de receber cinco traducções em varias linguas da Europa, e saboreava trinta cartas em que os mais illustres escriptores da Allemanha, da Italia e da França o collocavam a par de Homero, de Virgilio e de Ovidio.

Esquecendo-se até de que estava a tiritar de frio, e de que nem sequer tinha almoçado, embuçou-se ufano na sua capa, um pouco arrendada . . . de boracos, poisou o braço aleijado na velha durindana de Lepanto, e poz-se a medir o aposento com uma arrogancia tal como se estivesse já no cume do Parnaso.

D'ali a pouco entrou uma mulher, formosa ainda, apesar da tristeza que lhe annuviava o semblante, e que se fazia principalmente notar pelo seu lindo cabello negro ondeado, pelo colar de perolas que lhe ornava o pescoço, e pelo vestido de lã, enfeitado de setim, que trazia.

— « Olha, Catharina, aqui está a nossa gloria! » exclamou o poeta, apresentando a sua esposa (pois era ella) cartas e livros.

— « A nossa gloria? » respondeu Catharina, desviando os olhos arrasados de lagrimas: « a nossa gloria aqui t'a apresento . . . do avêsso. »

E entregou ao marido tres novas cartas. A primeira era do seu editor de Madrid, communicando-lhe que ninguem queria comprar o D. Quixote, e pedindo-lhe o embolsasse da quantia de 2 000 reales que lhe emprestára.

— « Cega e ingrata patria! » disse Cervantes, atirando-se prostrado para cima de uma cadeira. « Traduzido, admirado em toda a Europa, desconhecido, ludibriado no meu paiz! Aqui está como me pagam o sangue que derramei em dez campos de batalha, e o captiveiro de seis annos, que soffri em terra de mouros. »

Na segunda carta prevenia-o o conde de Lemos, de que os seus inimigos o accusavam de concussionario, e que por pouco estivera para ser demittido do emprego que exercia.

— « E outro golpe do meu zoilo Avellaneda! » exclamou o poeta, encolhendo os hombros, e abrindo a terceira carta.

Esta era do proprietario da casa, intimando-o para que pagasse a renda, ou saísse do predio.

— « Por estas e outras é que eu venho com as mãos abanando, » disse Catharina, córando de vergonha. « O tendeiro, como está prevenido, não me quer vender nada a credito. Tens pois, ó grande homem, » accrescentou forcejando por sorrir, « de contentar-te para o almoço com este bocado de pão. »

E que importava isso ao soldado de Lepanto, ao auctor do D. Quixote? O que a elle o pungia era o esquecimento em que tinham o seu primor d'arte, nem curava agora senão no meio de o fazer conhecido.

— « E uma idéa! » exclamou de repente, depois de cinco minutos de reflexão. . . « Hei de obrigar a Hespanha e o proprio rei a interessar-se pelo *cavalleiro da Mancha*. »

Sua mulher olhou espantada para elle sem o poder comprehender. Cervantes abraçou-a n'uma especie de delirio, e sentou-se a trabalhar tocando ao mesmo tempo no seu pedaço de pão.

Dous dias e duas noutes não ergueu a penna do papel, excepto nos breves intervallos em que se levantava para rir ás bandeiras despregadas, ou para pular de alegria, como se tivesse descuberto um thesouro.

D'ahi a tres semanas publicava-se em Madrid um folheto anonymo intitulado o *Buscapé*, e quarenta e oito horas depois tinham-se vendido tresentos exemplares do D. Quixote.

Como se operára este milagre? O conde de Lemos, entrando severo e triste em casa do seu protegido, no'lo vae communicar.

Cervantes, fatigado de trabalhar, estava na cama. Sua mulher, largando a guitarra, levantou-se assim que viu o fidalgo.

—«Fugi!» disse este, offerecendo a bolsa ao escriptor, «fugi immediatamente, antes que os alguazis vos venham prender.»

—«Prender-nos!» exclamou Catharina, assustada.

—«Sim. Publicou-se em Madrid um folheto que acaba de vos perder, demonstrando que o D. Quixote é uma satyra pungente, em que, debaixo do nome de heroes imaginarios, são fustigados o rei de Hespanha, e os primeiros personagens da côrte.

—«Ah! pois o tal folheto fez bulha?» perguntou o poeta, pensativo e ironico.

—«Fez uma bulha infernal.»

—«E então compram o livro para verificar a maldade?»

—«Não ha duvida; por isso é que foi ordenada a vossa prisão.»

—«Maravilhosamente!» disse Cervantes; «até que afinal consegui o que desejava! Quando o D. Quixote era apenas uma boa obra, nem lhe pegavam; agora que se tornou em uma acção má, todos o querem lêr! Falta a palma do martyrio ao auctor para chegar ao apogéu da gloria. Pódem vir pois prender-me. Fui eu que fiz o *Buscapé!*

—«Vós!» disse o conde, compungido do desespero do seu amigo. «Então aquelle folheto é apenas um artificio, e eu posso salvar-vos, confessando tudo ao rei!»

—«De maneira nenhuma!» bradou o poeta. «Isso equivaleria a lançar no olvido o meu livro! Deixae-nos a ambos a fama, pelo escandalo e pela perseguição. Se o crime tem mais valia que o talento, a culpa não é minha, nem vossa tão pouco.»

O conde admirou aquella sublime resolução, e prometteu guardar silencio.

N'essa mesma noute Cervantes foi conduzido á prisão de Toledo.

Mas a cegueira publica e o rancor de odientos rivaes puderam mais que o seu genio. Após alguns dias de curiosidade, o D. Quixote foi esquecido por innoffensivo; e Avellaneda descarregou-lhe o ultimo golpe, pela audaciosa publicação de uma segunda parte do *Cavalleiro da Mancha*, rapsodia grosseira e monotona, na qual Cervantes era apodado de *velho manco*, *pobretão*, *rabugento*, *tagarelleiro* e *calumniador*, com applauso de todos os mestres da critica d'aquella epocha!

O echo d'estes insultos chegou ao carcere do poeta; pegou da penna, e debaixo das lobregas abobadas, que a nossa estampa representa, á triste claridade de muitos dias de soffrimento, e ao talincar dos ferrolhos que o separavam do mundo, Cervantes escreveu a verdadeira continuação do D. Quixote, essa segunda parte ainda mais admiravel que a primeira.

Foi então visital-o o conde de Lemos, que havia ideado um plano excellente de desforra para o seu amigo.

Atacado de uma teimosa ophthalmia, e condemnado a um mez de escuridão, Filippe III pedíra áquelle fidalgo que lhe procurasse um bom leitor para o distrahir, e mostrara desejos de ouvir por esta occasião o D. Quixote de Avellaneda, que ainda não conhecia.

Uma manhã pois o escolhido do conde de Lemos, conduzido por elle, começou a sua tarefa á meia claridade de uma luz fraca, no escuro aposento do neto de Carlos V, do filho de Filippe II, d'esse rei que nunca tinha rido em sua vida.

A primeira sessão correu fria, apesar da profunda eloquencia do leitor, que accentuava e variava a intonação, como se estivesse improvisando. O rei entretanto declarou-lhe que ficára satisfeito.

No dia seguinte já se interessou mais. O leitor estava tão inspirado, que Filippe III julgava assistir a uma comedia. Via e ouvia D. Quixote, Sancho, todos os personagens, como se estivessem e fallassem no regio aposento. Dignou-se sorrir, e disse: Muito bem.

A terceira sessão essa acabou com a indifferença. O rei encantado esqueceu as horas, e riu a bom rir. O leitor cheio de enthusiasmo redobrou de graça, e Filippe III, soltando em fim uma estrepitosa gargalhada, exclamou como se fôra um simples mortal. «E delicioso! É um primor d'arte!»

Esta noticia fez grande bulha no palacio e em Madrid. «O rei riu! o rei riu ás gargalhadas! — Foi o D. Quixote de Avellaneda que fez este milagre! Honra e gloria ao Avellaneda!»

E este começou de gabar-se do seu triumpho na côrte e na cidade. Via-se em perspectiva felicitado pelo rei no primeiro beija-mão, elevado a todas as dignidades da gloria e do genio. O pobre Cervantes esse, coitado! não havia insultos e epigrammas que lhe não dirigissem.

O unico pesar de Avellaneda era não poder conhecer e abraçar o leitor que tanto fizera sobresaír a sua obra... Mas este, dirigido pelo conde de Lemos, esquivava-se a todas as ovações com incorruptivel modestia.

As sessões continuaram, cada vez mais longas e mais animadas. O rei não tinha ouvidos senão para o D. Quixote e para o seu interprete. Esquecia as Hespanhas e as Indias, os seus avós, a etiqueta, os seus aborrecimentos e desgostos, pelas façanhas do bom cavalleiro, pelos proverbios de Sancho, pelas aventuras de Dulcinéa, e pelo governo de Barataria... Eram accessos de hilaridade continuos, passagens relidas, bons ditos repetidos e applicados aos cortezãos pelo augusto enfermo. Em fim, Sua Magestade era agora tão feliz como o mais pobre dos seus subditos!

O resultado foi abreviar-se a cura do rei. A sua reentrada no palacio e o beija-mão geral annunciaram-se uma semana mais cedo. Madrid mostrou a sua alegria com grandes festejos, e Avellaneda empenhou-se para comprar os esplendidos fatos com que pretendia apresentar-se a Filippe III

Chegado o grande dia, uma immensa multidão enchia as salas do palacio. Conduzido pelo duque de Lerma, primeiro ministro, vestido como um grande senhor, e com um magnifico exemplar do seu D. Quixote, Avellaneda ajoelha diante de Sua Magestade, e lhe offerece o livro que teve a gloria de o divertir.

—«Dizei antes de me curar,» respondeu o rei, «pedi-me pois o que quizerdes.»

Avellaneda julgou a proposito pedir o logar de Cervantes, com um grau superior, e soldo dobrado. Filippe III concedeu-lh'o immediatamente. Eis que apparece o conde de Lemos, conduzindo um homem pobremente vestido, a cujo apparecimento romperam brados de indignação.

—«Cervantes aqui!»

— «Sim, Cervantes» redarguiu o conde, «o auctor e o leitor do verdadeiro D. Quixote, d'aquelle que tanto vos divertiu por espaço de vinte dias, e ao qual o sr. Avellaneda é completamente estranho. Perdoe-me Vossa Magestade ter soltado sob palavra um dos vossos presos, aproveitando esta occasião de revelar-vos um talento calumniado.»

Ao mesmo tempo Cervantes entrega ao rei o manuscripto que lhe lêra no seu aposento, e que Filippe III reconhece por certas passagens, que ainda agora o fazem rir.

Rir assim, era perdoar. Cervantes confessou então que fôra elle proprio que escrevêra o folheto intitudo *Buscapé*, declarou que no D. Quixote não havia nada de offensivo; e finalmente que o seu crime unico era ter sido denunciado pelo sr. Avellaneda, e seus amigos.

— «Muito bem!» disse o rei, abrindo finalmente os olhos, «como me restituís duas vezes a vista, dizei o que pretendeis de mim.»

— «A impressão do meu livro á custa do estado,» respondeu modestamente o poeta, «com as notas e os commentarios dos estrangeiros que souberem conhecêl-o antes que os meus compatriotas.»

— «Eu vol-o prometto,» disse Filippe, dando-lhe a mão a beijar. «Ao senhor Avellaneda, a esse que roubou a vossa obra . . . pertence-lhe o vosso logar . . . na prisão de Toledo.»

Assim foi vingado Cervantes, e punido o seu plagiario. Mas, infelizmente o rei esqueceu-se da sua promessa, e em quanto Avellaneda vivia rico e feliz, o homem de genio recaía no olvido e na miseria. E só seculo e meio depois é que a Hespanha pagou a divida de Filippe III, publicando uma edição magnifica (em quatro volumes de 4.º com estampas) do D. Quixote de Miguel de Cervantes.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO I.

O Filho e o Pae.

Ella nasceu para matar d'encantos
Eu, amando-a em vão, para morrer d'amores.

SHAKSPEARE — *Othello.*

O INFANTE pediu animo e resignação a Deus. Aquelle golpe ha mezes que o esperava, porque a sepultura de D. Sancho não se tinha cavado de repente. Dous annos gastou a morte trazendo-o pela mão, até lhe metter os pés dentro do tumulo, aberto para o receber. Agora é que a campa, pizando-lhe o peito, rangia descendo, e suffocando quasi as desfallecidas pulsações do peito. Sabendo que os seus dias estavam contados, mesmo com a força d'alma de um caracter robusto, o monarcha não sentiu a mortalha sobre o corpo vivo sem horror. Este martyrio queimava-lhe na raiz os desejos e as illusões; mostrava-lhe sempre o sepulchro, e de dentro d'elle ouvia a voz que o chamava, mais proximo a cada hora, sentindo por cima do coração o sôpro da morte apagando a luz da esperança, em quanto o rosto recuava do travesseiro como se já fosse a terra fria da sepultura! Um pé a escapar do mundo, aonde o que fica é saudade; outro sem remedio a despenhar-se pela cova!

D. Affonso conhecia esta situação cruel, mas enganava-se, ou cuidava enganar-se, suppondo ainda affastado o momento da separação. Nos ultimos tempos, porém, a molestia correu; e as horas foram minutos. O amor costuma temperar assim o espirito; illude-o de proposito até esperar o amortecido lume da vida no objecto d'elle. O ultimo desengano por isso é que doe mais. A crise natural das grandes afflicções deveu o infante o alento, com que se arrastou até ao leito de D. Sancho.

O infante, tendo-se armado do valor, que n'estas crises presta o proprio extremo, decidiu-se a vêr pelos seus olhos um espectaculo, que só imaginado lhe cortava a alma. Deram de dentro por fim o aviso, e escutando-o todas as suas duvidas se desvaneceram. O abbade tomou-o pelo braço, atravessaram duas ou tres salas quasi escuras d'abobadas achatadas, metteram por um corredor mais sombrio ainda, e pararam diante do reposteiro de panno d'arraz (acitara), que estava corrido diante da porta. O monge bateu de leve, o reposteiro franziu-se d'alto abaixo, e ambos entraram. Ali, no interior da vasta quadra, com os muros desornados das preciosas tapeçarias do Oriente que d'antes os enfeitavam, é que D. Sancho se preparava para a jornada da eternidade.

No recanto da camara, Juliano, o notario da curia, diante de uma mesa coberta de escuro, escrevia as ultimas confidencias de el-rei a seu filho. D. Sancho, receando que a morte corresse mais do que a saudade do infante, dictava no momento supremo ao notario e ao bispo de Coimbra uma carta, na qual, entre palavras de pae e supplicas de homem, mais de uma vez apparecia a vontade robusta do vencedor de Silves.

Defronte do leito, em cima do altar, estava um devoto crucifixo, reliquia trazida da Palestina pelo conde Henrique. O sol poente, entrando pela estreita fresta do aposento, banhava de luz a imagem, que, despregada dos braços, parecia vôar para o peccador. No lado opposto, na confusão das roupas, estirava-se na parede a sombra do monarcha, desenhada no fundo. A figura de Juliano, com a face recostada no punho, alvejando-lhe sobre a garnacha preta (especie de béca); as madeixas brancas, e o austero semblante do bispo de Coimbra, com a mão esquerda no espaldar da cadeira do official palatino e os dedos da direita passados na barba, destacavam pela melancholica posição do resto dos grupos, que os rodeavam.

O capello brunido, a cota de malhas e o montante de Sancho pendiam dos muros. Despindo as armas e as galas reaes, o monarcha guardou unicamente um habito para se amortalhar. As faces encovadas, os cabellos e a barba em desalinho, e os olhos mortaes indicavam que o corpo extenuado, já não podia com os padecimentos. Mas dentro velava ainda a grande alma do guerreiro da idade media, resignada com a vontade de Deus, despegada das vaidades humanas, e apertando a cruz sobre o cilicio de penitencia.

A morte, que n'este seculo assenta á cabeceira o horror da duvida e o remorso tardio, n'aquelle tinha as consolações da expiação. O afflicto reclinava-se no regaço da fé; e a religião, adoçando lhe a esponja do fel, com a vela da esperança alluminava lhe o terrivel transe.

Se fosse hoje, os que vissem o monarcha portuguez na humildade de um habito, enriquecendo os mosteiros e as igrejas com a herança de seus filhos, haviam de exclamar — «A molestia secou o bra-

ço, mas Roma matou o espirito, rei D. Sancho. Depois de tantos annos de resistencia, tu, que defendeste a corôa das invasões de Innocencio III, castigando a temeridade do sacerdocio, que se dizia feito para devorar a grossura da terra, decepado pelos terrores da eternidade, sentiste em fim o joelho do clero sobre o peito, e com a fronte aos pés do estrado pontificio, renegaste o documento da tua victoria na hora final!» De feito, Sancho I, diante da morte, humilhou-se a Roma, abnegando os actos de resistencia muitas vezes feroz, com que reprimiu as invasões de um sacerdocio mais ambicioso e audaz, do que devoto e exemplar.

O filho de Affonso Henriques, herdando o coração esforçado de seu pae, não foi dotado com talentos militares iguaes. Nas batalhas e combates pagava com a sua pessoa, mais do que o dever de capitão, era soldado. Em Silves, dizem-nos os documentos, entrava na mina com os engenheiros, e mettia o alvião ás rochas como um simples gastador. Mas na historia do seu reinado debalde se buscarão as concessões atrevidas, e os planos bem urdidos, com que o vencedor de Santarem e Lisboa soube arrancar aos chefes agarenos as joias mais preciosas da conquista.

O chanceller Juliano, ministro estimado de Affonso I, foi sempre o conselheiro do seu successor, e apesar de velho, tinha o animo bastante moço ainda, para ser a alma que o monarcha portuguez oppoz com arrojo aos desenhos de predominio e usurpação temporal do irritavel e cubiçoso Innocencio III. As cousas chegaram a ponto, que o papa, não podendo já conter a sua ira, desce da cadeira de S. Pedro, e não duvida medir a sua cholera com a firmeza do chanceller, que fulmina directamente, mandando em uma bulla aos commissarios apostolicos, que a façam lêr ao rei pela pessoa, que lh'a entregar, *porque sabe que as suas palavras, ou não lhe são repetidas, ou são desfiguradas por alguem*. Este *alguem*, indigitado como falsario das letras de Roma, era o notario da curia, nome com que n'aquelle tempo se designava o cargo de chanceller, occupado por Juliano.

A morte de Sancho foi o resultado de uma enfermidade lenta, que o levou pela mão até o prostrar de todo no leito da dôr. No fim, desfallecido de corpo pelos padecimentos, descórado de animo pelos terrores da eternidade, habilmente incutidos, não admira que o soberano procurasse a paz da consciencia na submissão ao poder espiritual, quando o orgulho dos maiores philosophos modernos se dobrou, abraçando na agonia a cruz que tinham escarnecido. Talvez não fosse unicamente mesmo o desejo exclusivo da salvação o que levou um rei soldado, sem cultura, a beijar o pó diante do estrado do pontifice. N'aquelle seculo de armas e de lucta, o braço da igreja era o mais poderoso, e a sua influencia moral a menos contestada. Sancho I curvando-se, quando a fraqueza era desculpavel, podia ter o pensamento de implorar da igreja não só o perdão das suas culpas, mas a paz do throno e o silencio das discordias para o seu successor.

Depois d'esta explicação necessaria entremos com o infante para assistirmos aos ultimos momentos do vencedor de Silves. Talvez do homem que foi nos appareça ainda a sombra!

(Continúa.)

SANTA ISABEL — RAINHA DE PORTUGAL.

A virtuosa rainha D. Isabel, que hoje o mundo catholico venera nos altares, nasceu no anno de 1271, em Saragoça, como dizem muitos escriptores e chronistas, ou em Barcelona, como pretende demonstrar D. José Barbosa no catalogo das rainhas de Portugal: uns e outros, porém, não puderam averiguar nem o mez nem o dia em que se verificara este successo, o que alias pouco importa.

Foram seus paes D. Pedro III, o grande (X da corôa de Aragão) e a rainha D. Violante, sua segunda mulher.

O nascimento de Isabel foi precedido e acompa-

nhado de successos felizes e até certo ponto tão extraordinarios, que a fé d'aquelles tempos os lançou á conta de milagres; não sendo o menos importante terminar por esta occasião a grave desintelligencia em que viviam seus respeitaveis pae e avô, e que ás circumstancias de que apparecia revestida se julgava com fundamento ser interminavel.

Desde os mais tenros annos revelou Isabel os sublimes quilates do seu generoso coração, aquelle entranhavel amor dos pobres, que a acompanhou e glorificou depois no throno, e aquella serenidade e igualdade de animo que nunca desmentiu em sua larga vida.

Já então todo o tempo que lhe sobrava das suas devoções, e das leituras religiosas, que frequentava, com particular vocação, e que preferia aos romances de cavallaria, na voga então, aos saraus da côrte de seu pae, e aos folguedos proprios dos verdes annos, emprega-o disveladamente em exercicios de charidade.

A fama de tão singulares prendas e virtudes derramou-se pela Europa, e muitos principes solicitaram a sua mão. Entre os que formularam claramente estas pretensões figuravam Filippe de França, Duarte, principe de Galles, e Paleologo, imperador de Constantinopla, que a pedia para seu filho Andronico.

A Providencia, porém, parecia ter reservado esta suprema felicidade para o sabio D. Diniz, o nosso famoso rei lavrador.

João Velho, Vasco Pires, e João Martins, todos do conselho d'el-rei, e pessoas de muita auctoridade e distincção, foram os encarregados de manifestar a D. Pedro as intenções do monarcha portuguez. A reputação de prudencia e sabedoria que este soubera grangear tornava a sua alliança mui desejada: como era pois de suppor a mão de Isabel foi-lhe immediata e gostosamente concedida, e aos embaixadores portuguez coube a honra de a conduzir a Portugal, celebrando-se as bodas, com extraordinaria pompa, em Trancoso, onde a esperava D. Diniz, a 24 de junho de 1282.

A magestade, que para tantos tem sido perdição, foi para Isabel chrysol com que se apuraram em mais subidos quilates as suas eminentes virtudes.

Rodeada de uma côrte esplendida, na primavera da vida, ainda formosa, d'essa formosura que pede adorações, a modesta Isabel só mostrava ser rainha na magnanimidade do coração.

(Continúa.)

Album Italo-Portuguez.

No principio do seguinte anno publicar-se-ha um excellente livrinho com o titulo que precede estas linhas; é uma collecção selecta de primorosas poesias escriptas no opulento e harmonioso idioma do Tasso pelo nosso amigo e distinctissimo poeta e professor de declamação o sr. A. Galleano Ravara: muitas d'ellas são acompanhadas da traducção portugueza devida a algumas das nossas summidades litterarias. A lingua italiana, que outr'ora foi familiar aos nossos escriptores, e principalmente aos nossos poetas, hoje é por infelicidade quasi desconhecida entre nós. O sr. Ravara vem despertar as agradaveis tradições dos melhores tempos da litteratura nacional, e porventura o seu livro é o nuncio de futuras e mais apertadas relações entre os idiomas que o Dante e o Camões immortalisaram nos seus cantos. Este não é o menor serviço que temos de agradecer ao sr. Ravara. Em quanto ao merecimento essencial do livro, o leitor poderá avalial-o pelo artigo seguinte, que extrahimos, com especial permissão, do magnifico prologo, de que vae precedido o interessante livro do sr. Ravara, escripto em estylo florido e eloquente, por um dos mais illustres representantes da nossa moderna litteratura.

Recommendar, pois o *Album Italo-Portuguez*, quando o juiz, sem contestação, mais competente que temos em materias de poesia, assevera ser obra de relevante merecimento, e muito digna de se lêr e estudar até, seria, sobre inqualificavel pretensão, fazer injuria ao bom senso do publico illustrado. E nós esperâmos que este corresponda aos desejos do illustre vate italiano, tornando-lhe menos amargas as saudades da patria, e dando assim, ao mesmo tempo, uma prova de que sabe apreciar o talento.

F. P.

A publicação de um livro é sempre em nossa terra uma novidade; a de um livro de poesia duas novidades; a de um livro de poesia italiana, e excellente poesia, tres novidades, ou antes um acontecimento sem precedente. O *Album* do sr. Ravara, de que eu me ufano de ser apresentador ao nosso publico illustrado, não deve ser de modo algum confundido com os outros individuos da familia mais numerosa e mais fatal, que a de Agamemnon, a familia dos albuns.

Os outros, que de toda parte nos perseguem, nos toucadores, nas jardineiras das salas, nos indispensaveis das mamans officiosas, no bolso dos servidores de damas; que nos assaltam no meio dos trabalhos mais serios, pedindo-nos a contribuição forçada de um louvor insipido, ou n'um passeio ocioso, impondo-nos a mais afflictiva, a mais ingloria e a mais inutil de todas as tarefas; os outros, escandalo dos poetas, e descredito dos prosadores, mereceriam perfeitamente o seu titulo de livro em branco, se o lapis, o pincel e a penna se não tivessem encarregado de o desmentir materialmente.

Não assim este que ídes folhear talvez por desenfado e distracção, ao principio, mas que logo vos convidará a seguil-o da primeira linha até á altura, e depois de lida ella, a recomeçal-o.

O *Album Italo-Portuguez* é uma obra do coração para o coração. Dizer que é poesia não é dar idéa d'elle; é o sentimento melancholico, são os affectos mais delicados, revestidos da mais luxuosa fórma lyrica. É impossivel não amar a alma que vem do fundo do labyrintho das suas penas reaes ou imaginarias, mas ainda quando imaginarias, sempre reaes para quem as ceva, lançar-se, cuberta do seu luto, no seio ás almas compassivas que não conhece, muitas das quaes estão ainda por nascer, e, com a confiança de irmã para com irmãs, as inunda, as repassa das suas lagrimas, e, logo que um suspiro alheio lhe esvoaçou sobre ellas, gosa toda a voluptuosidade do martyrio.

Tal é o caracter d'este opusculo, e o do auctor, porque aqui o auctor e o livro são um só. Os seus versos não são inventados por elle, são por elle vividos; concebe o mundo assim; não crê em prazeres que não contenham em germen desenganos; antevê no baile o cansaço, na infancia as cãs, na flôr o pó, na formosura o esqueleto. Que de malogros de desejos, que de mentiras da fortuna não foi necessario haver passado, para que aos trinta annos se chegasse com um soberbo talento, e uma lyra magnifica a não cantar senão magoas, a não acreditar senão na dôr!

Mas esses segredos são os seus; não pensemos em sondal-os.

Que importa uma biographia? O que importa, o que interessa é o estado de um espirito e de um coração. Saudades da patria, sobre tudo quando a patria é a Italia; saudades de mãe, sobre tudo quando o amor filial arde em poeta; saudades dos sitios em que vôou a infancia; saudades tambem, por certo, de algum objecto d'estes que se adoram com a alma de joelhos e sem ousar proferir-lhe o nome. Saudades, sempre saudades; eis, debaixo de mil fórmas, o assumpto perenne do seu canto, como a melancholia e a doçura constituem, por entre as amenidades da noute, todas as meditações religiosas e namoradas do rouxinol.

A. F. de Castilho.

NOBREZA DE PORTUGAL EM 1736.

Reis que concederam os titulos.	Titulos.	Appellidos das casas titulares.
	Duques.	
D. João III.	Aveiro. — (extincto no reinado de D. José) duques de Torres Novas, por D. Filippe I, marquezes de Montemór, pelo mesmo, condes de Penella, pelo mesmo.	Lancastros.
D. João IV.	Cadaval. — Marquezes de Ferreira, por D. Manoel, condes de Tentugal, pelo mesmo.	Alvares Pereira de Mello.
D. João V.	Lafões. — Marquezes de Arronches, por mercê de D. Pedro II. condes de Miranda, por D. Filippe II.	Braganças.
	Marquezes.	
D. João V.	Abrantes. — Condes de Villa Nova de Portimão, marquezes de Fontes, por D. Affonso VI, (extincto).	Sás Menezes.
D. Pedro II.	Alegrete. — Eram condes de Tarouca, condes de Villar-maior, por D. João IV, (extincto).	Telles Silvas.
D. João V.	Angeja. — Condes de Villa Verde, por D. João IV. (extincto).	Noronhas.
D. João IV.	Cascaes. — Condes de Monsanto, por D. Affonso V, (extincto).	Castros.
D. Pedro II.	Fronteira. — Condes da Torre, por D. Filippe III.	Mascarenhas.
D. João V.	Gouveia. — Condes de Santa Cruz, por D. Filippe I. (extincto).	Mascarenhas.
D. Affonso VI.	Marialva. — Condes de Cantanhede, por D. Affonso V. (extincto).	Menezes.
D. Pedro II.	Minas. — Condes do Prado, por D. João III.	Sousas.
D. João IV.	Niza. — Condes da Vidigueira, por D. Manoel.	Gamas.
D. Pedro II.	Tavora. — Condes de São João, por D. Filippe III, (extincto no reinado de D. José).	Tavoras.
D. João V.	Valença. — Condes de Vimioso, por D. Manoel.	Portugal e Castro
	Condes.	
D. João V.	Alva. — (O actual, filho do marquez de Santa Iria, é da casa Monteiro Paim).	Ataides
D. Pedro II.	Alvor. — (extincto).	Tavoras.
D. Filippe II.	Arcos. —	Noronhas.
D. Pedro II.	Assumar. — Marquezes d'Alorna.	Almeidas.
D. Filippe I.	Atalaia. — Depois marquezes de Tancos.	Manoeis.
D. Affonso V.	Atouguia. — (extincto).	Ataides.
D. Filippe III.	Aveiras. — (Marquezes de Vagos, alliança com os Noronhas).	Telles Silva.
D. Affonso VI	Avintes. — Marquezes e condes de Lavradio.	Almeidas.

Instrucção Popular.

I.

Quem, percorrendo os monumentos escriptos de quasi todos os povos modernos da Europa, comparar os sons como elles verdadeiramente são articulados, com a sua representação pelos signaes graphicos, mal pensará, que a escripta tem por fim significar rigorosamente os differentes sons de que constam as palavras, e de que se compõem os idiomas. É para nós materia quasi de fé, se bem que sómente conjectural, que a escriptura primitiva devia representar unicamente os sons que entravam nas palavras; posto que a verdadeira pronuncia das linguas orientaes não tenha podido até hoje ser verificada por antiquarios e philologos, tudo leva a crêr que no principio houve um caracter phonico distincto, para representar cada som fundamental.

Muitas letras do alphabeto grego, por exemplo, que nós hoje, na nossa ignorancia da linguagem attica, confundimos no mesmo som, o Θ e T, que nós pronunciamos indistinctamente como *t*, o Ω e O, a que damos collectivamente a pronuncia do *o*, é claro que serviam na orthographia grega a distinguir sons differentes, que nós hoje não podemos discriminar, e que todavia não soavam do mesmo modo aos ouvidos delicados — *teretes et religiosae aures* do cultissimo povo d'Athenas.

Herdeiros na linguagem de litteraturas mortas e adulteradas pelo barbarismo da meia idade, copiámos para as palavras corrompidas dos idiomas que hoje fallamos na Europa, uma orthographia, que em muitos pontos se torna absurda á força de ser escrupulosa. Na reconstrucção classica das linguas modernas, e principalmente nas que chamam neo-romanas, ou nas do meio-dia da Europa, esquecemo-nos de que á orthographia andava ligada, como parte essencial, a orthoépia e a prosodia dos idiomas classicos.

Cousa notavel, é desde o renascimento das letras, é desde o tempo em que mais escrupulosamente nos afadigamos a copiar do antigo, que a nossa orthographia é mais absurda, mais disparatada, mais contradictoria, á força de ser mais correcta, mais polida, mais cortezã e mais classica.

Nas origens da lingua europêa não foi ao casto idioma de Horacio e de Virgilio, que os nossos avoengos foram beber os elementos do nosso fallar moderno; provavelmente, quando as linguas neo-romanas começavam de propagar-se na Europa meridional, foram as invasões dos nossos antigos dominadores, quem forçou os nossos antepassados a acceitarem em parte a lingua d'estranhos, presente infausto, que significa sempre a ruina d'um povo, e o sacrificio da sua nacionalidade.

Na primeira elaboração dos idiomas europeus, é provavel, é quasi certo, que foram o latim rustico, o latim do povo, e principalmente os dialectos provinciaes, que evidentemente os havia em grande numero pelas varias regiões do mundo romano, as fontes d'onde jorraram os primitivos caudaes da nossa linguagem moderna. Não foi ao principio a musa greco-romana, que na decadencia, na ruina do imperio despiu as suas vestes, e se despojou dos seus attributos para enriquecer e adornar com elles a musa das litteraturas primitivas dos povos christãos na Europa.

Não foi sobre a castiça e opulenta linguagem de Virgilio e de Tibullo, que se calcaram os elementos das novas linguas barbaras, com que nós tanto hoje nos vanglorianos. O latim d'aquellas epochas, corrompido, e mesclado de barbarismos pela sua união adulterina com as linguagens do norte, mal podia conservar a pronuncia correcta, elegante e harmoniosa, que não se coadunava com a laringe grosseira e com a intonação barbara das hostes septentrionaes.

Palavras latinas, copiámol-as é verdade para os idiomas romano-gothicos, mas copiámol-as desfiguradas na pronuncia, e escrevemol-as então como soavam a ouvidos pouco delicados, omittindo letras inuteis, e seguindo em tudo a simplicidade das regras de uma primeira construcção. É por isso, que a orthographia portugueza dos primitivos tempos, é sem duvida, posto que imperfeita, muito mais racional, e musicalmente mais correcta, que a dos tempos civilisados. Muito tempo andaram, como todos sabem, em quasi total esquecimento as genuinas letras classicas, só desenterradas do pó em que jaziam quasi em fins da meia idade. Latim que então se escrevia e deletreava, sabe Deus a custo de quantos sacrificios para a boa grammatica, e de quantas offensas ás austeras musas romanas, era latim de frades ou de legistas, que pouco influxo podiam ter no aperfeiçoamento das linguas europêas. Veiu a renascença, e conheceu-se, que, com as linguagens barbarisadas e incompletas como estavam, pequeno vôo poderiam tomar as litteraturas modernas. Era chegada a vez de educar em exercicios viris os idiomas, que até então haviam crescido nos incunabulos da infancia.

Os primeiros que tentaram crear na Europa litteraturas com sabor e gosto classico, reconheceram, que a lingua dos trovadores e menestreis, não podia attrever-se ás empresas gigantes da imitação dos grandes modêlos antigos. Os idiomas primitivos eram como palhetas, em que havia côres vivas, mas grosseiras, com que esboçar os quadros, por assim dizer de genero, as satyras, as fabulas, os contos, os romances, a xacara, as baladas, e todos os mais generos poeticos em que se copiam as scenas familiares. Para quadros historicos, para a tragedia, para a epopéa, para a alta lyrica, a lingua era deficiente, e urgia procurar em fontes alheias os elementos da nova maneira de fallar.

Todas as riquezas e pompas, todas as superfluidades oratorias e poeticas da antiguidade classica estavam patentes e conhecidas aos modernos cultores da litteratura classica. Virgilio, que symbolisava a epopéa romana, que era um modêlo obrigado de todos os epicos modernos, offerecia-lhes, a par da invenção e da fabula, um thesouro inexgotavel de estylo e de linguagem. Era rasoavel, que para enriquecer e adornar as linguas neo-romanas, filhas, ainda que bastardas e ingratas, da lingua do Lacio, se fossem pedir as alfaias e as joias á opulenta mãe, de quem haviam herdado os seus primeiros haveres. O latim entrou pela segunda vez nas linguagens modernas, não imposto pelo direito de conquista, senão invocado pelos aperfeiçoadores das litteraturas meridionaes. É d'então que data a segunda camada de palavras latinas no nosso idioma patrio; é desde então que nós vêmos o notavel phenomeno de apparecer a mesma idéa representada por duas palavras, ambas ellas similhantes, ambas ellas originalmente latinas; uma, porém, corrompida e contemporanea dos primeiros lineamentos da lingua; a outra, genuinamente classica e sem differença alguma orthographica em relação á palavra romana.

Da palavra latina *facticius* fez-se pela corrupção, na primeira elaboração da lingua portugueza, *feitiço*. Mas a palavra romana lá apparece depois no remodelamento culto da linguagem, aportuguezada na palavra *facticio*, hoje nacionalisada nos nossos lexi-

cos. *Posição*, derivada, com a corrupção indispensavel da desinencia, da palavra latina *positio*, só deu entrada no idioma portuguez, com a segunda invasão, ou com a invasão litteraria e culta da latinidade nas letras patrias. *Postura* foi o termo que, corrompido do latim vulgar, entrou nos primeiros esboços da nossa linguagem nacional. O mesmo se póde dizer de *feito*, palavra corrompida, e *facto* promiscuamente latina; *auto* da idade primitiva da lingua, e *acto* de sua idade philosophica, metaphysica, raciocinadora e litteraria.

A existencia das duas invasões romanas a modificar o elemento celta, punico ou arabe, que formaram, porventura, o esqueleto, já hoje quasi desfeito, da nossa antiga lingua indigena, o facto da derivação barbara e da appropriação litteraria dos termos e dos modos de dizer romanos, levam-nos a confirmar o que dissemos, de que nas idades primevas da nossa litteratura, a orthographia teve de ser mais singela, mais phonica, mais consonante á prosodia e á orthoépia nacional, do que nos tempos em que tratámos de estabelecer filiações theoricas, e confrontes philologicos do idioma latino á lingua matriz, de cujos despojos se enriqueceram as linguas neo-romanas. Se os primeiros trovadores da idade heroica da monarchia souberam traduzir nos caracteres graphicos da epocha as suas composições, se Gonçalo Hermigues e os seus confrades litterarios do nosso alvorecer poetico, souberam escrever, não se prenderam de certo com os escrupulos de uma rigorosa etymologia, e não respeitaram nos seus codices os direitos do *y* grego, nem as prerogativas imperiaes da orthographia romana.

J. M. Latino Coelho.

As honras devem ser conferidas a quem as merecer.

É necessario ter respeito aos merecimentos de cada um, porque se não levem os favores por respeitos. Desgraçada foi sempre a republica onde se alcança a pretensão sem merecimento. Os mesmos meritos hão de ser o tribunal aonde se ha de requerer e achar o premio.

Quando os dous irmãos pretenderam logares com Christo, lhe respondeu o mesmo Senhor, que não estava na sua mão o dar-lh'os; pela razão de que estes logares estavam apparelhados para quem os merecia; como dizendo, que os primeiros eram mais proprios dos benemeritos que os mereciam, que do mesmo Christo que os communicava.

Contra si mesmo esgrime o castigo quem honra ao incapaz de honra. Não ameaçou Deus a serpente se não com a propria mulher a quem persuadia comesse da arvore, porque lhe disse que ella havia de ser que lhe daria na cabeça: consequencia foi esta assás forçosa, porque como a serpente quiz subir ao ser que lhe não era devido quem lhe havia de dar o castigo, senão quem immeritamente ella queria honrar. O mesmo sol, quando levanta os vapores da terra, elle mesmo se torna nublado, quando os escurece.

Padre A. Vieira

— O que opprime ao pobre para se augmentar a si, e da ao rico, certamente empobrecerá.

— O ornato dos mancebos é sua fortaleza, e a formosura dos velhos as cans.

— Doce é o somno do trabalhador, quer coma pouco, quer coma muito: porém a fartura do rico não o deixa dormir.

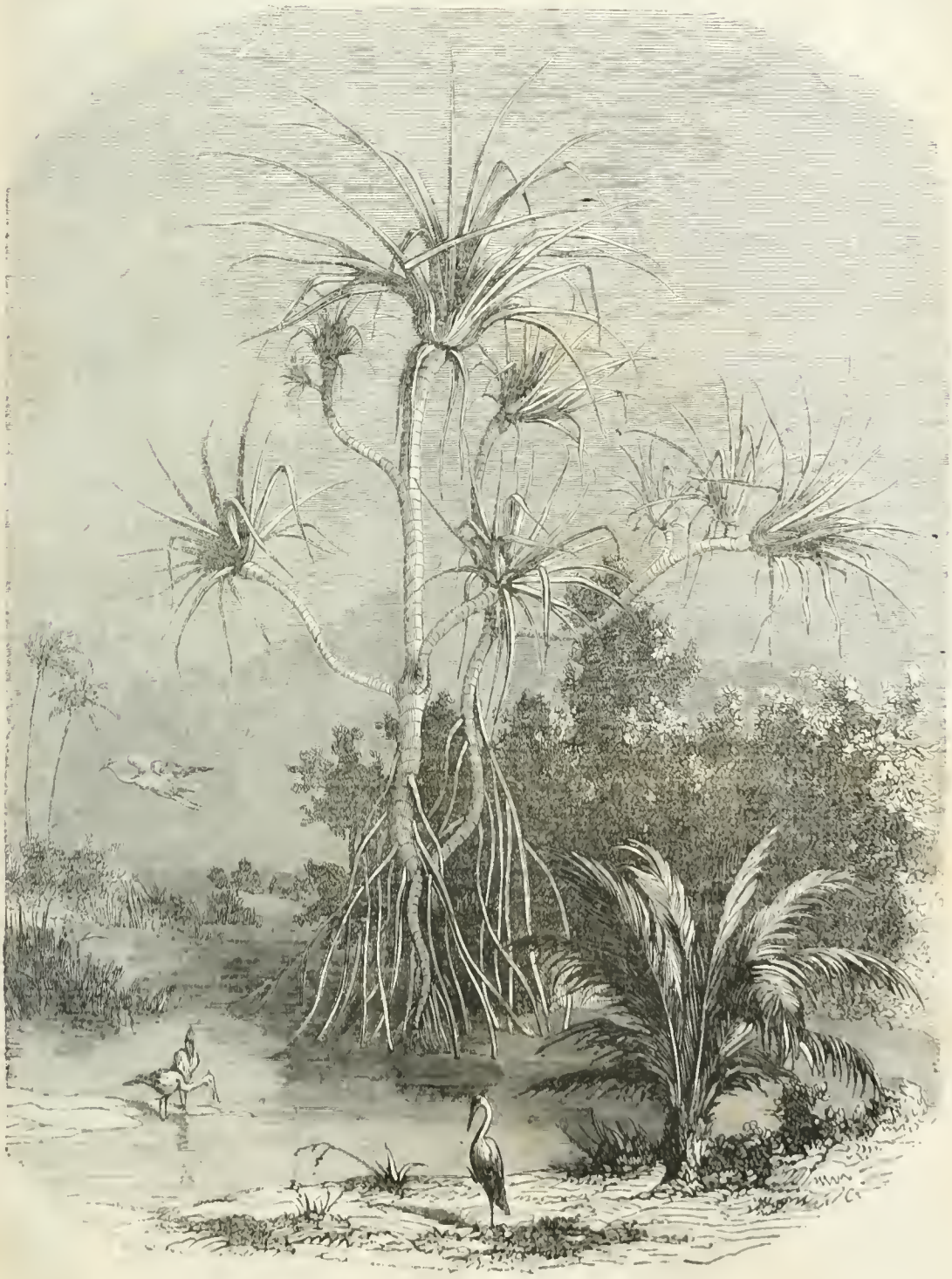
No proximo mez de janeiro de 1853 começará a publicar-se o 10.° volume do *Panorama*. Annunciando-o, o Editor aproveita a occasião para agradecer a protecção que o publico illustrado lhe tem dispensado, e a sympathia com que foi recebido geralmente o pensamento de continuar um semanario tão illustre nos fastos da litteratura patria. Difficuldades inevitaveis na organisação de uma empresa d'esta ordem, que, como todos sabem, *é inteiramente distincta das anteriores*, obstaram a que a nova serie do *Panorama* correspondesse inteiramente aos seus desejos. O papel, que nos fornecem as nossas fabricas, e que ainda não reune as condições necessarias para uma edição nítida, faz principalmente com que as excellentes gravuras que temos dado, todas devidas ao delicado buril do sr. Coelho, não sobresaiam tanto quanto era para desejar. Esperâmos obter melhor papel, e continuaremos solicitos a empregar todos os meios para que o *Panorama* venha a ser tambem um specimen dos progressos da arte typographica entre nós. Em quanto á redacção o Editor não duvida apresentar os numeros publicados como uma prova insuspeita de que não sabe faltar, nem faltará jámais ás condições exaradas no seu programma.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.os 227 e 228, e nas lojas dos sr.es Lavado, rua Augusta, n.° 8, Bravo, rua do Ouro, n.° 212, Zeferino, rua dos Capellistas, etc.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.os 1$300 rs. Por semestre ou 26 n.os 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.es que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos destribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.



O PANDANUS NA ILHA DO PRINCIPE.

Os primeiros exploradores das terras africanas, depois de haverem torneado as plagas desertas e incultas do Sarahah, soltaram um brado de admiração ao formoso prospecto que, de uma e outra margem do Senegambia, lhes offerecia a natureza. A vegetação mais luxuriante succede sem transição á mais completa aridez, e em vez dos arabes bronzeados, magros, e de pequena estatura, encontram-se homens negros, altos, robustos e bem proporcionados.

«Nunca vi nada que se lhe pudesse comparar, apesar de ter navegado largo tempo nos mares orientaes da Europa» dizia, em 1446, o veneziano Cadamosto, quando, depois de ter dobrado o Cabo Verde, costeou as praias do Senegambia; «a terra aqui é baixa e povoada de grandes e bellas arvores, que nunca se despem totalmente de folhas, porque as novas desenvolvem-se antes de caírem as antigas folhas, e nunca esmorecem nem seccam como na Europa.»

Vinte e sete annos depois da viagem do veneziano, descubriram os portuguezes mais ao sul, a pouca distancia das alagadiças terras de Guiné, quatro ilhas, que devem ao seu sólo volcanico uma vegetação excepcional.

Fernando Pó, a mais septentrional de todas, conserva ainda o nome do primeiro capitão portuguez, que, absôrto de admiração ao vêr as suas graciosas collinas arborisadas, lhe chamára Formosa. Na segunda, a ilha do Principe, situada a trinta horas da costa de Guiné, e a 1º 37′ latitude norte, é que se encontra o singularissimo exemplar da familia das pandaneas, que damos em a nossa gravura. Do alto mar, a ilha parece um ponto verde no Oceano; fogos subterraneos juntaram as gigantes massas de que se compõe, e que levantando-se desde a margem, vão crescendo de socalco em socalco até formarem um grande cabeço circular que se esconde nas nuvens. O solo, rico conjuncto de lavas decompostas, e de despojos vegetaes que incessantemente se renovam, produz as mais maravilhosas plantas, e as arvores mais esplendidas que se conhecem. Vaporosas columnas de fumo erguem-se das virentes collinas, revelando a existencia de algumas crateras no seio d'aquelles cerrados bosques. Debaixo das soberbas abobadas formadas pelas grandes arvores, crescem numerosos arbustos, que, por sua vez, dominam uma immensidade de plantas que alcatifam o terreno. O ar aspira-se impregnado de activissimos perfumes.

A par do baobab, d'esse colosso do reino vegetal, e das arrogantes tribus das malvaceas e das meliaceas tropicaes, cujas ramagens são, áquem e álem, sobrepujadas pela elegante copa dos coqueiros, ostentam-se os arbustos do café, de purpureas folhas, os ananazes, as liliaceas, as extravagantes irideas, as airosas campanulas, os graciosos convolvulus, as lobelias, e milhares de flores, sem nome ainda, que tornam a nossa ilha do Principe um verdadeiro jardim sem igual no mundo.

Um official da marinha franceza que a visitou descreve assim o pandanus, reproduzido na nossa gravura:

«Uma corrente que procede dos escarpados cerros da ilha, despenhando-se de quebrada em quebrada, mantem constante humidade n'um estreito valle em que se concentra o calor produzido pelos raios do sol reflectidos sobre os flancos de duas montanhas mui proximas uma da outra. A elevada temperatura, devida a estas causas, alimenta no fundo do valle a mais vigorosa vegetação. O pandanus ergue-se no sitio em que, espraiando-se n'uma limpida angrasinha, as aguas da corrente vão encontrar-se com as ondas do Oceano, que se ouve rugir perto.

«A um quarto da altura, que na ilha do Principe, chega a 16 metros, a haste principal mede cêrca de 35 centimetros de diametro; d'ahi para baixo diminue gradualmente de grossura, e quando chega á agua, onde está mergulhada, não a tem maior que uma raiz ordinaria. O tronco é todo em anneis, e d'onde começa a adelgaçar sáem-lhe varias raizes, formando já angulos agudos, já curvas ogivaes, que igualmente mergulham n'agua. Sobre estas raizes, de estructura e disposição singular, ergue-se a arvore, qual monstruoso reptil, dividindo-se, a dous terços de altura, em cinco ou seis pernadas, corôadas no fim de folhas compridas, carnudas, e de rijissimos bordos.»

Para artigo especial reservâmos dar uma noticia mais circumstanciada d'esta e das outras preciosas possessões que Portugal ainda conserva na Africa.

SANTA ISABEL.

Estranha absolutamente ás cousas do Estado, a rainha Isabel conservava no throno uma austeridade quasi claustral; se lh'a notavam respondia «*que a mortificação era tanto mais necessaria sobre o throno, quanto sobre elle eram as paixões mais vivas, e os perigos maiores.* A sua côrte eram os pobres e os desvalidos; os seus saráus o visitar de enfermos em albergarias e hospitaes; n'estes charidosos exercicios, e no regimento da sua casa era incansavel, merecendo por taes titulos o nome de *rainha santa*, já em vida. Nem por isso as tribulações deixaram de a visitar cruelmente.

As primeiras foi seu proprio marido, que amava tão estremecidamente, quem lh'as proporcionou. D. Diniz, arrastado pelo seu caracter ardente e genio galanteador, travára e conservára por largos annos relações indignas da sua dignidade, soube-o a rainha, sabia-o toda a côrte; havia d'essas criminosas relações provas irrecusaveis. Isabel, porém, calou no peito a dôr profunda, que lhe devia causar tão reprehensivel procedimento; escondeu de todos as lagrimas, que similhante affronta lhe havia de forçosamente arrancar; não soltou uma queixa; não mostrou no trato com seu marido a mais pequena alteração; era sempre o mesmo rosto de anjo, a mesma serenidade de animo; sempre o mesmo carinho; o mesmo amor sempre: fez ainda mais; recebeu e tratou os filhos de D. Diniz como se filhos foram das suas entranhas!

O rei soube comprehender tão rara abnegação e virtude; e corrigiu-se depois de uma falta, que lhe acarretou não poucos desgostos no seu reinado.

A intervenção de Isabel deveu-se terminarem as alterações civis promovidas pelo infante Affonso Diniz, irmão do monarcha, sob pretexto da illegitimidade dos direitos d'este á corôa de Portugal. D. Diniz tinha a parte sã da população do seu lado n'esta desgraçada contenda; mas o infante contava tambem grande numero de parciaes, e a lucta, com quanto não pudesse ter resultado funesto para D. Diniz, acarretaria sem duvida uma serie de desastres, que tarde se remediariam, e cubriria certamente o paiz de devastações e ruinas.

Os dous partidos achavam-se já em campo, em frente um do outro, promptos a ferir uma decisiva peleja. A rainha apparece a cavallo entre os combatentes, lembra a seu marido que é monarcha para perdoar, ao infante que é vassallo para obedecer, e tão ardentes foram os seus rogos e intercessões, que conseguiu que os dous irmãos fizessem pazes, despojando-se voluntariamente de uma parte das suas ter-

ras para com ellas satisfazer, de algum modo, a mal soffrida ambição do infante.

Novas e graves alterações, com mais nobres intuitos, e mais alto caudilho á frente, vieram perturbar a tranquillidade que o reino disfructava, e annullar uma parte dos beneficios que deviam provir das reformas emprehendidas, corajosamente e em larga escala, por D. Diniz.

Estas reformas assim como haviam creado poderosos interesses, e protegido efficazmente o melhoramento das classes populares, garantindo-as das exacções e tropelias das privilegiadas, fizeram tambem um grande numero de descontentes nas ordens da nobreza e do clero. Quizeram estas reagir; mas quem as dirigiria nas suas tentativas revolucionarias? quem seria o chefe da arrojada empresa? quem havia de capitanear as hostes fidalgas contra os homens bons dos concelhos e os cavalleiros de mercê de D. Diniz? As circumstancias depararam aos despeitados um optimo ensejo, e um corajoso caudilho, o principe D. Affonso, o proprio herdeiro do throno, que se suppunha aggravado por seu pae nas mercês que este fizera a Affonso Sanches, e que ardia em desejos de manifestar publicamente o seu aliás pouco rasoavel e pouco justo resentimento.

A colligação foi proposta; o pacto acceite e firmado de uma parte e outra; e o negro pendão da guerra civil ergueu-se audaz e sinistro pelas provincias do reino, levando a toda a parte onde encontrava resistencia a desolação e a morte. Empregou D. Diniz todos os meios para desviar o principe da sedição; mas debalde; finalmente, decidido a castigar severamente a temeridade dos levantados e de seu proprio filho, travou das armas e marchou para a campanha.

No isolamento em que vivia soube Santa Isabel d'estes tristes successos, e da perturbação geral que elles haviam motivado.

Tremeu pelo filho, que de sobra conhecia ella o caracter de seu marido; e por isso não despresou meio algum de acabar tão terriveis dissensões que ameaçavam ao reino a ultima ruina. Attribuiu D. Diniz a parcialidade pela causa do principe o que eram apenas extremos de mãe carinhosa, e ordenou que a rainha se retirasse para a sua villa de Alenquer. Santa Isabel obedeceu, resignada perante a injustiça de seu marido, mas continuou incansavel nos seus esforços, tendo a satisfação de os vêr corôados de melhor resultado, pedindo-lhe depois seu marido perdão da affronta que involuntariamente fizera ás suas egregias virtudes.

Poucos mezes depois da convenção de 25 de fevereiro de 1324, que puzera termo á guerra civil, entregou el-rei D. Diniz a alma ao creador; e Santa Isabel que lhe assistíra com disvélo e entranhavel amor até os ultimos momentos, declarou, por acto solemne, que d'ahi em diante viviria e morreria no habito de Terceira de S. Francisco; e assim o cumpriu, vestindo o sayal, cingindo a corda, e usando o véu branco.

Deixou Santa Isabel illustres monumentos da sua muita religião e charidade. Fundou o mosteiro das religiosas de Santa Clara de Coimbra, onde residiu a maior parte do tempo da sua viuvez; o mosteiro de religiosas cistercienses de Almoster; a igreja do Espirito Santo de Alenquer; e o hospital de Leiria. Mas em nosso entender a obra que mais recommenda á veneração dos vindouros a memoria da santa rainha, é a fundação do hospital dos innocentes na villa de Santarem, para o recolhimento, mantenção e educação de creancinhas engeitadas de um e outro sexo.

Este hospital, fundado em 1321, e largamente dotado, incorporou-se no de Jesus Christo por bulla do Summo Pontifice Innocencio VIII, expedida em 1485, a pedido de D. João o segundo.

Pena é que o padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, erudito auctor da Historia de Santarem, que nos apresenta curiosas noticias d'este hospital, nos não transmittisse a integra do compromisso, ordenado pela santa rainha, e pelo bispo da Guarda, D. Martinho, que não transcreve, diz elle: «por não trasladar um portuguez tão antigo e tão extenso que poderá causar fastio aos leitores.»

Assim conheceu Portugal, como observa o nosso escrupuloso collaborador o sr. Nogueira, tres seculos antes de S. Vicente de Paulo instituir em París o hospital dos expostos, um asylo para creação e educação dos engeitados.

Recolhendo da peregrinação de S. Thiago, e quando deliberava pôr-se a caminho para reconciliar el-rei de Portugal seu filho (Affonso IV) com el-rei de Castella, seu neto, enfermou mortalmente, e passou a melhor vida a 4 de julho de 1336.

No testamento que tinha feito em 19 de abril de 1319 ordenára que a sepultassem junto de seu marido em Alcobaça; mas, como el-rei D. Diniz escolhesse, em suas ultimas disposições, para sua ultima morada, o convento de Odivellas, por elle fundado, ordenou que a levassem a Santa Clara de Coimbra. Foi beatificada por breve de 1516, pela santidade de Leão X, concedendo seu culto em Coimbra; estendeu-se este até ao logar, onde estivesse a côrte de Portugal, por breve do nuncio Pompeo Zambicario em 1552; e pouco depois a todo o reino por mercê de Paulo IV, que mandou celebrar a sua festa em 4 de julho: foi canonisada com grande pompa pelo pontifice Urbano VIII, a 25 de maio de 1625; e a sua trasladação fez-se com extraordinaria solemnidade, a 3 de julho de 1696, do antigo mosteiro de Santa Clara, que fundára, e estava arruinado pelo Mondego, para o que começou D. João IV, e acabou D. Pedro II, no alto da montanha fronteira á cidade.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

Romance Historico.

CAPITULO II.

Sou rei ainda!

A scena, a que o leitor vae assistir, apertava o coração aos que a presenceavam. Os ultimos instantes de Sancho I aproximavam-se, e n'esta hora suprema, quando um reinado finalisava, e o outro podia dizer-se que ia começar, o ultimo adeus do pae e do monarcha ao herdeiro da corôa offerecia um espectaculo de dôr para quantos o presenceavam.

Quando o infante entrou, e antes d'elle os ricos homens e cavalleiros principaes, o rei tinha caido em desmaio. D. Affonso aproximou-se da cama e pegou-lhe no braço. Sancho, tornando a si e abrindo os olhos, fitou a vista pasmada, ora n'uns, ora n'outros, mas não conheceu ninguem. Por fim abaixou-a lentamente para o sitio aonde estava ajoelhado o filho. Affirmou-se, duvidou, tornou a affirmar-se, e meio levantado sobre o cotovello deitou-lhe os braços ao pescoço, exclamando com alegria:

— «Filho!... filho da minha alma!»

O infante não teve forças de responder. Encostou a cabeça ao hombro do pae, e a custo reprimiu os soluços, que lhe estalavam na garganta.

— «Já tardavas, Affonso, dizia o rei passando-lhe os dedos pelos cabellos. Ia cuidando que não tornava a vêr-te, filho!»

Virando-se para o monge de Cister o monarcha accrescentou:

— «Não cheguei a vêr meu pae; morreu um dia antes de eu chegar. Em fim ouviu-me Deus, ainda tornei a abraçar este. Agora, quando fôr chamado a contas... e que estreitas contas, Senhor! E por elle; e apontava para o filho; pelos irmãos; pelo reino; é por todos... Chego a duvidar da salvação, meu padre!»

— «Duvidar da clemencia divina! redarguiu o abbade. O sangue de Christo correu para lavar as culpas dos homens, purificando-os diante da face do Juiz.»

— «Eu sei! acudiu o rei. Não se me tira isto da idéa.»

— «É preciso tiral-o; tornou o monge. Sabeis a historia d'aquelle filho que se despiu para cubrir a nudez do pae; e appareceu vestido de graça aos olhos de Deus? A Igreja, esposa de Christo, é nossa mãe espiritual. — Aquillo, ajuntou indicando o pergaminho — peza mais perante a sua misericordia, do que a vida do peccador diante da sua justiça.»

O pergaminho era o testamento de Sancho I.

Um sorriso fugiu quasi impereceptivel pela bôca do notario, que olhou para D. Affonso. O principe, carregando o sobr'olho, respondeu-lhe com outro, que parecia dizer — «entendo!»

Em quanto o monge prégava a sua theoria utilitaria, D. Sancho conservou a cabeça pendida sobre o peito. Levantou depois a vista, e mirou por muito tempo o infante sem fallar.

— «És o retrato de tua mãe, Affonso; suspirou elle. Em tudo se parecem, na bôca, nos olhos, até na voz; és a imagem santa que perdi... que perdemos ambos!

— «Querido pae!»

— «Havia de ser por força um dia. É hoje... Affonso, tenho que te recommendar muita cousa. Estava-te escrevendo. Teu pae pedia-te a esmola de o enterrares na humildade d'este habito ao pé da sepultura de teu avô.»

— «Ha de fazer-se,» retorquiu o infante com melancholia.

— «A corôa e o sceptro são teus d'aqui a pouco... Deus sabe que os não choro; nem levo saudades do mundo. Cegueí-me com as vaidades, mas hoje... Não se dorme n'um travesseiro de espinhos, molhado das lagrimas do povo, Affonso!... Commetti peccados como homem; mas sobre tudo o que me peza são as culpas e os erros como rei. Tenho medo da voz que possa pedir a justiça com que eu faltasse; horrorisa-me cuidar que o sangue dos que feri sem causa ha de levantar-se contra mim... Filho, ás portas da eternidade teu pae roga ao herdeiro da sua corôa, que lhe dê a paz da consciencia. Affonso, dá-me de esmola com que restitua aos que offendi.»

As palavras eram de supplica, mas o tom era de quem manda e conta ser obedecido.

— «Quanto el-rei mandar será cumprido, volveu o principe. Juliano, continuou virando-se para o notario, está ahi o testamento? Lêde!»

O testamento rezava de legados pios aos Templarios e Hospitaleiros. D. Affonso approvou, dizendo para si: — «É justo; andam ás lançadas com os mouros na fronteira.»

Seguiam-se doações em dinheiro e em terras ao mosteiro de Alcobaça. A parabola do veneravel abbade de Cister ficou explicada. D. Sancho despia o seu herdeiro para edificar uma casa mais aos eremitas do povoado. O infante franziu a testa e carregou o rosto, dizendo: — «adiante!» Vendo passar sem gloza a importante verba o abbade respirou.

Depois vinham doações a D. Maria Paes Ribeiro, e aos filhos que el-rei tivera d'ella. Liam-se, a final, copiosos legados de castellos, villas, direitos reaes, e thesouros aos irmãos legitimos do infante. A paciencia vencida pela cholera escapou ao principe; com o rosto escarlate e a voz estridente:

— «Santa Virgem! — gritou elle. — Quebram-me a corôa, repartem os bocados, e deixam-me o maior por direito do nascimento? Enganam-se! Não a recebo se não inteira como a teve meu avô, e meu pae a trouxe. E virando-se para D. Sancho, cada vez mais acceso em ira: Quantos reis ha em Portugal? Alemquer é da rainha D. Sancha; Montemór é da rainha D. Thereza; villa do Conde fica a D. Maria Paes. O dinheiro de Thomar, de Santarem e de Coimbra é espalhado ao vento! O rei que morre corta o braço direito ao rei que deixa! Ah! os monges, os monges! Mas eu os porei no seu logar. Não hei de cumprir senão o que fôr justo!»

O ciume do poder real, depois origem das contendas civis entre Affonso e suas irmãs, descubria-se já em toda a força. D. Sancho escutou em silencio as primeiras palavras do infante; depois as feições animaram-se gradualmente; e nos olhos amortecidos fuzilou aquella ardente cholera, que os mais valorosos temiam arrostar. Sentando-se com impeto, e fechando o punho, exclamou em voz fraca, mas distincta:

— «Affonso, D. Affonso, quem é o rei ainda?»

Tinha razão. A ira galvanisou um momento o cadaver. Era outra vez Sancho I, antes do terror da morte e sem as cinzas da penitencia. Era o soldado de Silves, entrando pela mina, e a golpes d'acha estalando o coração das rochas. Era de novo o antigo monarcha, arrancando pela mão dos verdugos os olhos aos conegos de Coimbra para com o sangue d'elles mandar escripto o seu cartel contra a auctoridade pontificia de Innocencio III.

Mas D. Affonso tinha nascido filho d'aquelle pae. Mais concentrado, nos lances extremos era tão indomavel como o proprio Sancho I.

— «O rei sois vós! redarguiu o principe, respondendo á pergunta ameaçadora do monarcha. E oxalá que Portugal nunca tenha outro. Em quanto assim fôr sois senhor; o infante não sabe e não vê.»

— «Affonso!» exclamou Sancho em voz sombria.

— «Mas o rei D. Affonso, continuou o filho, quando puzer a corôa ha de pôl-a inteira, ou não a põe. Hoje mandaes; sois rei; o primeiro a obedecer-vos é o infante. Desgraçado porém d'aquelle que ámanhã me não fizer a mim o mesmo!»

Era uma resolução inabalavel tambem. D. Sancho conhecia bem o infante, e sabia que a força ou o temor erão inuteis para o mover. Por isso, e por que lhe dizia a consciencia, que se o filho peccava, o rei de Portugal fazia o que elle tinha feito, D. Sancho mudou de tom:

— «Affonso, por que não és, nem serás nunca irmão de teus irmãos?! Deus conhece a dôr com que os levo atravessados: e apontava o coração com magua. Elle te não castigue nos teus filhos!»

— «Como rei vejo só vassallos.»

Tudo caíu então n'um silencio constrangido. Passado algum tempo o rei ergueu a cabeça, e ajuntou com tristeza:

— «E os outros, Affonso, os outros, que tambem são teus irmãos?»

— «Os filhos de D. Maria Paes?»

— «Deixo-lhes honras e riquezas, mas comigo perdem o que não se suppre... Affonso, pelo amor de tua mulher, pela ventura do teu Sancho, avalia pelas tuas entranhas a minha afflicção: dize-me, faltando eu servir-lhes-has de pae?»

— «Pela cabeça do meu Sancho, e pela alma de minha mãe, o juro.

— «Descanço no teu juramento; a respeito d'elles morro tranquillo.»

A pallidez do rosto a cada instante se fazia mais livida. Os olhos sumiam-se, e a respiração era curta e rouca. Olhou muito tempo pela fresta como quem se despedia do céu, das flores, e das aguas do Mondego. D'ahi, virando-se para Sueiro Raymundo, disse com melancholia:

— «N'um dia como este tomei Silves. Não bole folha! Quem me havia de dizer que aquelles cercos e combates haviam de parar n'isto?»

E tornou a olhar com maior tristeza.

De repente desviou a vista, e com grande esforço murmurou: — «Cerrem-me a fresta.»

Asserenando, e armando-se de resolução, disse depois:

— «D. Affonso, um abraço! E mais baixo: — rei moço, não te cegues; toma exemplo em mim. Cuidado com a velhice, com as contas finaes. Adeus! Sueiro Raymundo, é uma viagem; suppõe que fui á Terra Santa e me demorei. Meus cavalleiros, o rei novo pagará as dividas do rei que morre.» E tornou-lhe a tristeza.

— «E escapar ao cerco de Santarem! Não haver uma setta que me varasse em Silves!... Era melhor!»

D. Sancho, filho de soldado, embalado no escudo paterno, chorava pela morte do guerreiro. Um pequeno espaço esteve assim; d'ahi cruzando os braços, exclamou suspirando:

— «Faça-se a vontade de Deus!»

E cerrou as palpebras como quem não queria vêr. Uma sezão de febre, e com ella o delirio, arrancaram-lhe palavras soltas e incoherentes, proprias de quem ainda adoecia mais da afflicção moral, do que das dôres do corpo. A idéa da orphandade dos filhos como um espinho não cessava de lhe retalhar o coração.

— «Levem essas creanças; não as veja seu irmão! Olhem o infante! Digam ao papa... Affonso!...»

Depois, passando de repente a outras lembranças, fechava o punho, e estorcia-se com violencia.

— «Os frades eu os ensinarei!... ah, bispo do Porto fazes mal; não roces a mitra pelo meu elmo, pódes partil-a! N'aquella cotta ha uma malha caída. Assentem o fio á acha d'armas; está cheia de bôcas das pedras de Silves! Sellem o meu cavallo; Vamos; é menos que uma caçada de javalis.»

A um signal do medico todos saíram menos o bispo de Coimbra. O infante enfiou salas sobre salas, até ir assentar-se em um escanho dentro do seu aposento, com o rosto escondido entre as mãos. Fallavam-lhe, não respondia; tocavam-lhe, não sentia; nem a voz amiga do seu collaço Gomes Lourenço o acordou da apathia. O sol escondeu-se detraz dos outeiros; as trevas apertaram até cerrar a noute, e elle sempre do mesmo modo. A lua abriu cedo; uma golphada de luz branca veiu tremer o seu pallido clarão sobre a armadura do principe, pendurada na parede. A pouco e pouco o sentido do ouvido despertou-se; julgou distinguir a toada das orações da igreja na agonia; cuidou escutar o dobre funebre dos sinos de Santa Cruz; imaginou perceber o choro de muito povo, mas tudo confuso, esvaído; e faltando-lhe n'este pezadello invencivel até a força e animo de se mover para olhar pela janella que tinha defronte.

A final abriu-se a porta do seu quarto, e sem saber como, o infante levantou-se e deu alguns passos. Abaixando a vista achou ajoelhado diante de si o mordomo da Curia, o qual entregando-lhe o annel de seu pae, murmurou suffocado:

— «Senhor rei, este é o sello do reino!»

D. Affonso recebeu o annel. Quando o passava no dedo entrou pelo aposento uma toada de vozes religiosas, e o sino da cathedral bateu duas pancadas lugubres. Levando a mão ao peito, o principe fez signal ao mordomo que se retirasse. Apenas elle saíu, desafogando nos braços de Gomes Lourenço, D. Affonso a chorar exclamou:

— «Gomes Lourenço, já não tenho pae!»

(Continúa.)

Proscripção do Duello.

O que é o duello? — Ultraje da philosophia, e crime contra as leis sociaes. Absurda reliquia pagan. Feição (mesquinha pelos abusos herdados) dos combates singulares dos barbaros. Invocação caricata ao supposto juizo de Deus; prégada pelo fanatismo rude, e conveniencias de outras eras; acceita pela ignorancia e ferocidade de outros odios, e de outras paixões ruins, que o melhoramento da vida social e da especie humana tem de todo banido e relegado.

Homens do dia e da civilisação humanitaria, por que santificaes o absurdo pagão? Porque vos apparelhaes, com os barbaros, parallelo deshonroso? Porque confundis Deus com o acaso, rebaixaes a philosophia a preconceitos pifios e hypocritas, e, affectando sacrificar em aras santas, fazeis holocaustos a Baal?

E mais que tempo de chamar a razão e o bom senso a campo de reflexão, para que d'uma vez dispareça a palavra e idéa de *duello*, e se separe do consorcio irrito em que tem vivido com a palavra e idéa sacramental e elastica de ponto de honra. Não se perca a memoria das reparações, nem se sanccione a impunidade; mas legisle-se, com mais coherencia e mais justiça, sobre o processo a seguir n'esses casos, que até aqui tão erradamente fingiam não ter remissão possivel, fóra do infausto e barbaro assassinato de convenção, fóra do baptismo sanguinario do duello.

O uso do duello foi, com a successão dos tempos, degenerando dos altos e solemnes pretextos a que por muito tempo só parecia servir, e acabou por merecer a execração maxima, desfeando a sua propria fealdade nos pretextos corriqueiros e infantis, a que veiu alliar-se, e dar vulto, que não mereciam nem cousas nem pessoas. Se outr'ora o duello era sempre barbaro, agora é geralmente ridiculo. Foi jogo franco na Europa da idade media, porque a civilisação mal alvorecia pelas franças da arvore social; a ignorancia era apanagio da multidão, o fanatismo barbaro a ethica, que descia a doutrinal-a. Cria-se no supremo julgamento da lança, da acha d'armas, do yatagan. Cria-se nas provas d'agua e fogo: e a humanidade, corrompendo-se de mais em mais, ia com jorros de sangue apagando-se do coração os vagos traços da moralidade universal e innata, que o dedo de Deus lhe esculpira.

Felizmente esse tempo acabou. A civilisação fez-se luz de muitos, e agora sol para todos. O imperio

da razão e da philosophia restaurou-se. Compre, que esta sublime conquista da humanidade, esta aspiração do progresso, não seja uma chiméra. Não deixemos que, como no engenhoso quadro do Florentino, appareça o denunciante pé de bode, por debaixo da orla dourada e deslumbrante do vestido de Satanaz, assim desfigurado para vir mais a salvo em suas tentações. Não sejam os novos ditames da sciencia social e moral uma mentira maldita, sobredourada de muita fé postiça, e protestos ôcos, em occasião de fazer veniaga e mercancia. Haja fé e convicção, para que a cousa medre, e dê de si os bons fructos, que deve e se annunciam; mas sobre tudo isto haja coherencia, harmonia de partes e derivações, assim como se crê ou affecta crer na harmonia dos principios.

Como cousa séria é o duello barbaro e irracionàl de mais; para brinco, revestido de formulas pretensiosas, de pragmaticas, de regras, de prescripções e cerimonial, é a suprema caricatura do mundo, ultraje do bom senso, opprobrio de quem podendo não levantou caldeira e pendão a prégar, por beccos e praças, cruzada d'exterminio contra esta momice peccaminosa e absurda.

Futeis ou relevantes que possam ser os pretextos, o repto é sempre inefficaz como reparação, e frequentemente injusto. Nas grandes pendencias não é o resultado de um duello satisfação que contente, senão a quem vergonha e juizo tudo perdeu; nas pequenas desintelligencias é escusado e estupido. Quando para altas e baixas questões de honra e pundonor não haja satisfações mais racionaes, mais intimas, nunca cousa alguma póde o duello ir corrigir. Para as altas conflagrações, em que a reparação ou satisfação é denegada, ou impossivel, queremos cousa maior que o duello, queremos o castigo do culpado, como legitima consequencia do maldizer, ou do mal fazer: para os desaccordos frivolos é o duello cousa mui subida e arriscada, que em taes circumstancias só a idiotas ou jograes póde convir.

As absurdas leis do duello equilibram, na mesma balança, o réu e o auctor, o fraco e o forte, a sem-razão e a razão, a destreza e o desastre. Mais um quilate de sangue frio, mais um favor do acaso, mais um ponto de dexteridade sobre o contrario, e triumphará o criminoso do innocente; ficará castigado o resentimento e aspiração virtuosa; e o culpado, o delinquente, salvo, radiante, impune! Ha de o espadachim, criminoso ou insolente, passear ovante; em quanto o homem honesto e commedido, cujo era a causa da justiça, lá jaz no campo homicida, deixando após si muita orphandade de familia e amigos! Que juizo de Deus foi este que se pronunciou? Que reparação se deu? Que satisfação lavou a passada offensa? Qual mancha póde o sangue do homem apagar?

E haverá cegueira, obstinação tão ferina e rebelde, que recuse abrir os olhos d'alma a estas verdades, que são para o velho repto uma condemnação, que a sociedade nova lhe está de toda a parte fulminando, e para a nova doutrina de reparações um rebate vehemente?

Homens, que fazeis as letras e a politica; homens, que dominaes nos primeiros degraus da escala social, e sois dos mais altos: homens, que na mão tendes a imprensa e a tribuna; porque não levantaes pregão contra o erro assassino, que tem zombado do discurso de tanta gente de allucinação facil? — Prégaes e promoveis a reforma do individuo, da familia, do gremio social em fim; fomentaes com a palavra, com o conselho, com a acção, a associação que da forças, que illustra, que propaga idéas de engrandecimento e felicidade; e este engrandecimento da abatida realeza da razão humana, esta felicidade da especie, porque não armaes a propaganda da associação para ir a favor d'ellas, e contra todos esses barbaros, deshumanos preconceitos, que um resto de quixotismo transplantou e tem mantido na sociedade nova, que vive, ou se propõe viver pela philosophia humanitaria, que é luz da verdade e do bem estar? — O homem, que fallando ou calando parece crer no duello como cousa admissivel, toleravel, ou de algum prestimo no mundo, avilia a sua razão, e a qualidade, o sello de racionabilidade, que lhe a natureza imprimiu. O que podendo não emprega a palavra e a influencia, para extirpar e apagar todos os vestigios d'esse crime velho e nefando, cuja hediondez se tem pretendido disfarçar com o apparato de negociações e palavras, tão inuteis como insensatas, com praxes, tão ridiculas como vans, é homem criminoso de lesa-philosophia, e lesa-humanidade.

Sacerdotes da imprensa! Propagae todos esta (para nós talvez) nova doutrina sobre as reparações, em pontos ditos de honra ou pundonor. Levemos convicção a todos os peitos, e a moralidade social ganhará muito com derrubar a razão indecente do acaso dos combates singulares, que quer armar a preeminencias e altos fóros.

E não venham os susceptiveis, ou apaixonados, dizer que em se desconceituar e proscrever o duello ficam muitas reparações impossiveis ou frustradas. Não! Vós outros, que louvaes e muito pugnaes pelo duello apparatoso, (mas que não provastes ainda o gosto do *bater a serio*) considerae, que a razão humana tem muitos recursos para legislar d'outro modo, e melhor, sem ultraje da origem, sem vergonha nem traição do fim appetecido.

Por força, ou o duello não tem motivos plausiveis, ou os que a elle costumavam conduzir, favorecem mais uma do que outra das partes. Acaso não parece isto estar aconselhando, que ambos os dissidentes batam primeiro á porta d'um supremo tribunal, constituido (officialmente, e em quanto assim não fôr, particularmente pelos interessados) arbitro de questões de honra e pundonor, para que estude o ponto, e decida a que lado pende a razão e a justiça? E seja a decisão sentença sem appello nem aggravo, que obrigue a parte decaída ás satisfações ou reparações que a cousa pedir, e ninguem haja que ouse revoltar-se contra o julgamento, e provocar a *correcção*, não só da parte vencedora, mas tambem do tribunal! Ai d'elle, que lhe seria então o castigo certo e infamante, sem preliminar de nenhum dos absurdos equilibrios, que lhe dava a proscripta lei do duello!

Fôra assim que a razão e a consciencia triumphara sem baixeza nem cobardia!

Fôra assim que a boa causa se protegêra e fizera boa!

Fôra assim que se castigára a culpa, e a obstinação irracional!

Que melhor triumpho do que obter reparação pacifica, ou satisfação prompta, deixando a consciencia e amor proprio do culpado abatidos pela convicção e confissão, uma levada, outra arrancada pelas armas do raciocinio?

Seja a reparação, ou satisfação, particular ou publica, como d'um ou d'outro modo fôr a offensa, e restabelecendo assim o imperio da razão ultrajada, conseguir-se-ha com mais promptidão, mais cabalmente e sem perigo de resultados, injustos, não merecidos, a reparação que o duello não dava nem podia dar, porque innocente e culpado ambos equilibrava e confundia.

Quem delinquiu seja convencido, e dê reparação ou satisfação de si.

Quem a uma ou outra cousa se negue, depois de prévio convencimento, soffra as penas e castigo da sua falta, não já só fulminadas pelo offendido, mas ainda pelos que julgaram, e n'este caso ficaram sendo partes a bem da execução; mas sem que espontaneamente se dêem ao culpado garantias de combate ou reacção.

Taes são as doutrinas de muita gente boa, a respeito do ponto. Fazemos votos por que se prégüem e propaguem, e, como devem em obsequio á razão humana, calem em todos os animos. A ellas nos promettemos sujeitar sempre. Por ellas unicamente protestamos fazer obra, no caso imprevisto, e que Deus não dê, de sermos a isso constrangidos.

A nenhum duellista preterito, presente, ou futuro queremos, ou é intenção nossa irrogar offensa. Rejeitamos-lhe a má doutrina: propomos outra mais equitativa e racional; e crêmos firmemente, que á nossa se apparelha um grande triumpho. De um ou de outro modo o numero dos Achilles ou Thersites, nem augmenta nem diminue. Os que *foram*, e *são*, *serão*. Só a causa da justiça, assente em bases mais solidas, e menos arriscadas, servirá a esporear melhor os animos nobres e imparciaes.

Quanto aos outros pensamos assim.

Quanto a nós, o que *fômos*, *somos*, e *seremos*, se proxima paralysia, ou quejanda affecção, nos não desconcertar... isto é, somos apostolos da philosophia, e escravos da razão no que ella póde e deve alcançar, e no que discussão e meditação bastam a illuminar.

José de Torres.

BIBLIOGRAPHIA.

Sobre a publicação de classicos portuguezes.

Foi na verdade um pensamento grandioso e civilisador a fundação de uma sociedade com os meios necessarios para publicar pela imprensa as obras dos nossos classicos, tanto prosadores como poetas, cujas edições estavam ha muito completamente consumidas, sendo necessarios annos, trabalho e diligencia para alcançar por preço exhorbitante um exemplar de alguns d'elles.

Esta sociedade realisou-se, e por sua diligencia já possuimos novas edições de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Camões, e em breve teremos tambem o Palmeirim de Inglaterra do elegante Moraes. Estas edições são completas, sem as mutilações, que lhes haviam sido feitas pela censura fradesca e a Inquisição.

A sociedade, seguindo o louvavel exemplo de outras de igual genero estabelecidas em França, na Belgica e na Allemanha, cuidou muito não só na exactidão, e belleza typographica, mas que as suas edições tivessem uma condição mui attendivel n'estes casos, isto é, serem baratas, unico meio de as fazer penetrar nas classes pobres, e menos instruidas, para pela facil acquisição dos bons livros poderem grangear certo gráu de instrucção, e aprenderem a fallar a lingua patria com a pureza e elegancia que tão raramente se encontra entre nós no povo, e entre muitos individuos que não são povo!

Nada mais vergonhoso, e que mais enfadamento cause que ouvir barbarisar e estropiar a lingua materna; e este defeito se observa a cada passo entre nós, e muito principalmente no sexo feminino. Não acontece assim nos paizes em que os bons livros andam nas mãos de todos, e se alcançam com pouco custo e pouco dispendio.

Temos pois para nós que os homens, que se associaram para tão nobre empresa fizeram um grande serviço á litteratura patria, e á boa educação dos seus conterraneos. Oxalá que esta benemerita sociedade persevere com constancia no seu proposito, e possa vencer os obstaculos, grandes sem duvida, que se atravessam em seu caminho.

Uma empresa similhante não póde, é verdade, ser mui productiva em seus principios, especialmente em Portugal, onde o gosto da leitura existe em tão grande atrazo; é necessario por ora empatar algum cabedal, e isso desgosta de ordinario os emprehendedores de todo o genero de industria; mas lá vem o futuro, que indemnisa bem de todas as perdas, e então esse terreno, agora arido e esteril, começa a fructificar com abundancia.

E sobretudo da boa escolha de exemplares para a reproducção typographica que depende no principio o credito da empresa. Tomaremos por isso a liberdade de indicar áquella associação alguns livros: e como me consta que se occupa com a publicação do Palmeirim de Inglaterra de Moraes, lhe lembrâmos que deveria ser acompanhado do segundo D. Duardos, e D. Clarisol de Bretanha, que de alguma sorte fazem parte d'este livro, porque são a continuação do mesmo assumpto, e nada inferiores ao Palmeirim na pureza e elegancia da lingua, pois até a Academia Real das Sciencias os allega muitas vezes no seu Diccionario como textos da lingua.

Lembraremos mais a Historia da Abyssinia do padre Alvares, obra classica, e tão rara que é mais facil encontral-a em manuscripto que impressa, e é obra que os estrangeiros tem mencionado com louvor.

Igual attenção merece o igualmente raro Tratado da Pintura por Filippe Nunes, algumas das nossas chronicas, e as Investigações sobre os Celtas do desembargador Antonio Ribeiro dos Santos.

Quanto a poetas lembramos em primeiro logar o Primeiro Cerco de Dio por Francisco de Andrade, obra mui recommendavel pela belleza da linguagem, e da versificação, e pelos excellentes trechos de poesia, que n'elle se encontram, os Cancioneiros de Resende e o do Collegio dos Nobres; posto que o primeiro fosse publicado em Allemanha, entre uma collecção dos livros raros de todas as nações, e o segundo por lord Stuart: como aquelle se não vende em separado, e o segundo só foi impresso para brindar amigos, e presentear alguma livraria, é evidente que existem como d'antes fóra da circulação.

Recommendamos igualmente as Proezas de Duarte Pacheco e o S. Gonçalo d'Amarante, poemas manuscriptos de Miguel Cerqueira Doce, os Trabalhos de Hercules de Manoel de Sousa Moreira, o Cancioneiro de Jorge de Montemaior, hoje rarissimo, a Malaca conquistada de Sá de Menezes, e as obras de Sá e Miranda, juntando-lhe as suas comedias, mas na sua integra, e não mutiladas horrivelmente como o foram pela Inquisição.

E porque não chamaremos nós a attenção d'aquella benemerita sociedade sobre a conveniencia de publicar-se a traducção da Eneida de Virgilio e das Metamorphoses de Ovidio pelo padre Francisco José Freire, da primeira das quaes consta existir uma copia na Academia Real das Sciencias, e o autographo da segunda na Bibliotheca de Evora, havendo alem d'isso algumas cópias pelas mãos dos curiosos? E tal a nossa pobreza em traducções poeticas dos poemas gregos e romanos que não seria possivel deixar

de considerar como benemeritos das letras patrias os que déssem á luz pela imprensa duas obras tão acabadas.

Não é nossa intenção dar conselhos á illustre associação editora dos classicos portuguezes, nem ensinar-lhe o caminho que deve trilhar: sabemos perfeitamente que ella não necessita dos nossos auxilios, o que fazemos é lembrar cousas que nos parecem proveitosas, e fazemos isso pelo muito zêlo que nos anima pela gloria das letras nacionaes, e para exprimirmos o pesar que nos causa vêr perdidas, ou quasi inteiramente perdidas, tantas obras de merecimento, que infallivelmente desapparecerão se o patriotismo de alguem lhe não acudir com remedio.

J. M. da Costa e Silva.

Curso de lingua italiana, pelo Cavalheiro A. Galleano Ravara.

Annunciando um curso da lingua mais poetica da Europa, dado por um dos mais extremados cultores da poesia e litteratura canonisada pelo Dante e pelo Tasso, julgamos levar uma boa nova aos leitores d'este semanario. O auctor do *Album Italo-Portuguez*, é já devidamente conhecido n'esta cidade para que seja mister recommendal-o. E desnecessario tambem seria repetir, que não é licito, que deixem perder, os que presam este bello idioma, occasião tão favoravel, para em breve espaço de tempo, e sem as temerosas inclemencias d'abhorrimentos pedagogicos, aprenderem a manejar como sua a linguagem da Italia.

Eis as condições com que este sr. vae abrir o seu curso:

O professor A. Galleano Ravara vae abrir um curso de lingua italiana em sua casa no Largo de S. Carlos N.º 5, 3.º andar. As lições terão logar todas as quintas feiras ás 7 horas precisas da tarde; e n'ellas empregará um methodo pratico de ensino que habilitará qualquer pessoa a aprender a fallar aquella lingua no breve espaço de tres mezes.

O AVARENTO.

No proximo mez de janeiro de 1853 começará a publicar-se o 10.º volume do *Panorama*. Annunciando-o, o Editor aproveita a occasião para agradecer a protecção que o publico illustrado lhe tem dispensado, e a sympathia com que foi recebido geralmente o pensamento de continuar um semanario tão illustre nos fastos da litteratura patria. Difficuldades inevitaveis na organisação de uma empresa d'esta ordem, que, como todos sabem, *é inteiramente distincta das anteriores*, obstaram a que a nova serie do *Panorama* correspondesse inteiramente aos seus desejos. O papel, que nos fornecem as nossas fabricas, e que ainda não reune as condições necessarias para uma edição nitida, faz principalmente com que as excellentes gravuras que temos dado, todas devidas ao delicado buril do sr. Coelho, não sobresaiam tanto quanto era para desejar. Esperâmos obter melhor papel, e continuaremos solicitos a empregar todos os meios para que o *Panorama* venha a ser tambem um specimen dos progressos da arte typographica entre nós. Em quanto á redacção o Editor não duvida apresentar os numeros publicados como uma prova insuspeita de que não sabe faltar, nem faltará jámais ás condições exaradas no seu programma.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.os 227 e 228, e nas lojas dos sr.es Lavado, rua Augusta, n.º 8, Bravo, rua do Ouro, n.º 212, Zeferino, rua dos Capellistas, etc.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.os 1$300 rs. Por semestre ou 26 n.os 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.es que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos destribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.

Errata. — A pag. 405 lin. 13 — onde esta altura — lêa-se — ultima.

a redacção o Edi-

anario: em Lis-
os do Editor, rua
228, e nas lojas dos
n.º e

AP
65
P36
v.9

O Panorama

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY